MARK LAWRENCE

TRILOGIA ESPINHOS

DARKSIDE



MARK LAWRENCE

DARKSIDE

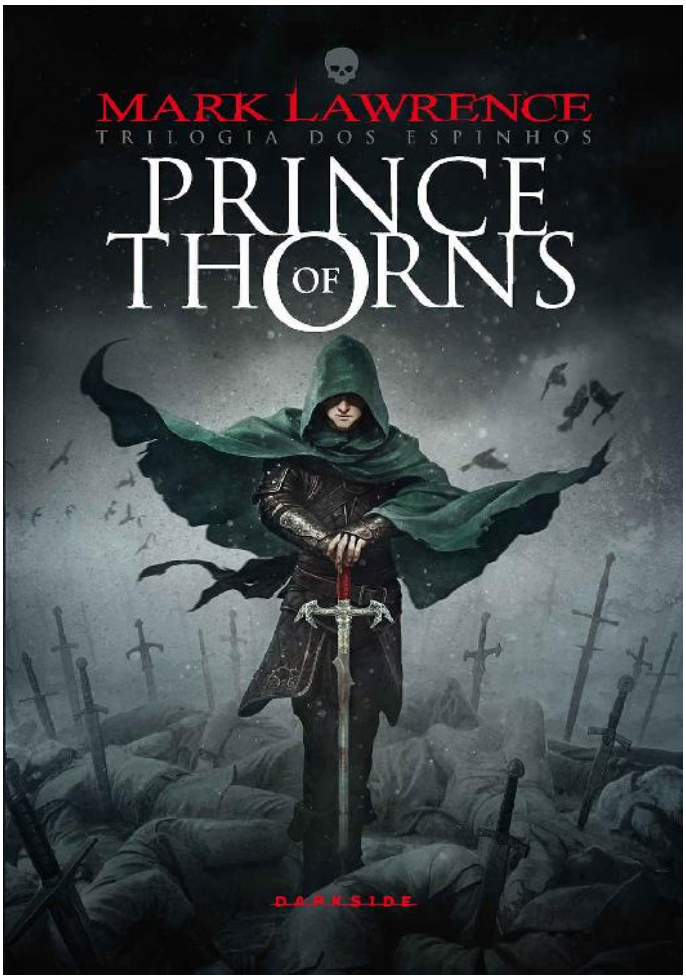


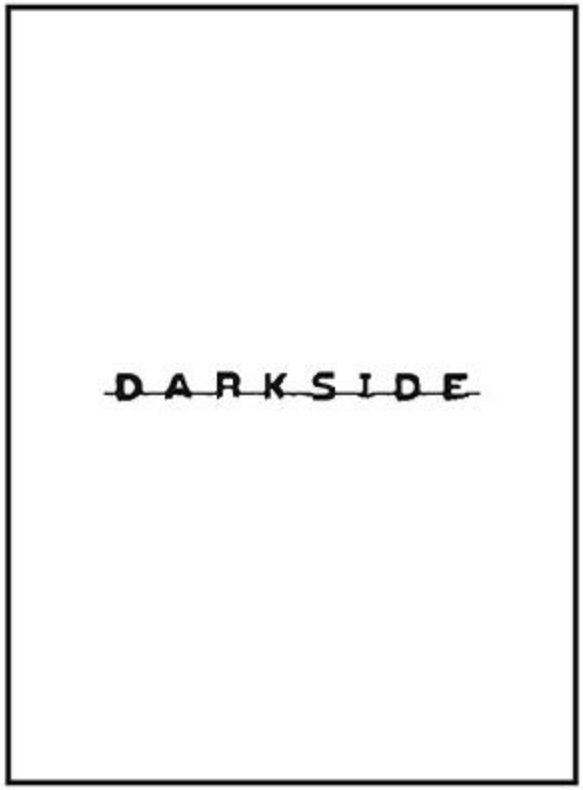


#DARKSIDEBOOKS

— SUMÁRIO —

Prince of Thorns
King of Thorns
Emperor of Thorns


MARK LAWRENCE
TRILOGIA DOS ESPINHOS
PRINCE OF THORNS
DARKSIDE


DARKSIDE

VOLUME I

MARK LAWRENCE

TRILOGIA DOS ESPINHOS

PRINCE OF THORNS

TRADUÇÃO
ANTÔNIO TIBAU

DARKSIDE

Para Celyn, cujas melhores qualidades se mantêm intactas.


Arrow
Connacht
Belpan
Castele Veranelho
Relays
Lux
Cidade de Caerth
Anerath
Pantanos de Ken
Men
Normarndy
Gelleth
Terras altas de nemir
Assembrido
Lemoges
Orlanth
Lem
160 km

TRILOGIA DOS ESPINHOS

PRINCE OF THORNS

I

orvos! Sempre os corvos. Eles se acomodaram nas empenas da igreja antes mesmo que os feridos se transformassem em mortos. Antes mesmo que Rike terminasse de arrancar dedos das mãos e anéis dos dedos. Eu me recostei na trave da forca e acenei para as aves, uma dúzia delas, alinhadas numa fila negra, sagaz e vigilante.

A praça do vilarejo tornara-se vermelha. Sangue nas sarjetas, sangue nas lajes, sangue no chafariz. Os cadáveres nas posições típicas dos cadáveres. Alguns, cômicos, apontando para os céus com dedos amputados. Outros, em paz, retorcidos sobre suas chagas. Moscas se amontoavam sobre os feridos enquanto estes se debatiam. De um lado e de outro, alguns cegos, alguns astutos, todos traídos pelos zumbidos daquela comitiva.

“Água! Água!” É sempre água o que os moribundos querem. Estranho. O que me dá sede é matar.

E assim foi em Mabberton. Duzentos fazendeiros mortos, jogados ao chão com suas foices e machados. Vocês sabem, eu avisei que era isso o que fazíamos para viver. Eu disse a seu líder, Bovid Tor. Eu lhes dei uma chance, sempre dou. Mas não. Eles queriam sangue e carnificina. E conseguiram.

Guerra, meus amigos, é uma coisa bela. Ainda que não me importasse em ir até o velho Bovid encostado à fonte d’água, com as vísceras sobre o próprio colo, ele provavelmente teria uma opinião contrária. Mas vejam só o que ele conseguiu discordando de mim.

“Lavradores de merda.” Rike descartou um punhado de dedos sobre a barriga aberta de Bovid. Ele se aproximou, segurando seu achado como se a culpa fosse minha. “Veja só! Um anel de ouro. Um! Uma vila inteira e uma porra de um anel de ouro. Queria pôr esses filhos da puta em pé só para derrubá-los de novo. Lavradores de merda.”

Ele bem seria capaz: um bastardo, cruel e ganancioso como aquele. Olhei fixo em sua direção. “Calma, irmão Rike. Há mais de um tipo de ouro em Mabberton.”

Meu olhar era um aviso. Aqueles insultos haviam roubado toda a magia do entorno; além do mais, eu precisava ser severo com ele. Rike sempre chegava ao limite após uma batalha, querendo mais. Meu olhar lhe dizia que sim, eu tinha mais. Muito mais do que ele seria capaz de lidar. Rike resmungou, guardou seu maldito anel e, numa estocada, pôs sua faca de volta no cinturão.

Então Makin se aproximou e passou um braço em volta de cada um de nós, fazendo ressonar o metal das suas luvas nas ombreiras de nossas armaduras. Se Makin possuía algum talento era o de conseguir apaziguar os ânimos.

“O irmão Jorg está certo, Pequeno Rikey. Há tesouros em abundância esperando por nós.” Ele estava acostumado a chamar Rike de ‘Pequeno Rikey’ por ser uma cabeça mais alto que qualquer um de nós e duas vezes mais largo. Makin sempre contava piadas. Contaria piadas para aqueles que matava, se houvesse tempo. Gostava de vê-los partir com um sorriso no rosto.

“Que tesouros?” Rike quis saber, ainda rabugento.

“Onde há fazendeiros, o que mais você encontra, Pequeno Rikey?” Makin arqueou as sobrancelhas de modo insinuante.

Rike levantou a viseira do elmo, obrigando-nos a olhar para sua cara feia. Talvez mais brutal do que feia. Acho que as cicatrizes lhe caíam bem. “Vacas?”

Makin franziu os lábios. Jamais gostei dos seus lábios, muito grossos e carnudos. Mas eu o perdoava, graças às suas piadas e sua habilidade mortal com a clava. “Bem, você pode ter suas vacas, Pequeno Rikey. Quanto a mim, prefiro achar uma filha de fazendeiro, ou três, antes que os demais se aproveitem de todas.”

Eles se afastaram, Rike rindo daquele seu jeito, “*hur, hur, hur*”, como se tentasse tossir uma espinha de peixe entalada na garganta.

Eu os vi forçando a porta de Bovid, uma casa refinada em frente à igreja, com telhado em ripas de madeira e um pequeno jardim florido. Bovid os acompanhou com os olhos, mas não conseguia virar a cabeça.

Eu olhei os corvos, e olhei Gemt e seu tolo irmão, Maical, recolhendo cabeças. Maical com o carrinho e Gemt com o machado. Uma coisa bela, eu lhes digo. Pelo menos para se admirar. Concordo que a guerra cheira mal. Mas nós atearíamos fogo no local em breve e o fedor se transformaria em madeira queimada. Anéis de ouro? Eu não precisava de pagamentos extras.

“Rapaz!” Bovid me chamou. Sua voz estava oca e enfraquecida.

Fui me prostrar a sua frente, inclinado sobre minha espada, sentindo um cansaço repentino em meus braços e pernas. “Diga logo o que você quer, fazendeiro. O irmão Gemt já vem com seu machado. Rápido!”

Ele não me pareceu muito preocupado. É difícil abalar um homem que está prestes a se tornar um banquete de vermes. De qualquer maneira, fiquei irritado com o jeito suave com que ele me segurou, me chamando de “rapaz”. “Você tem filhas, fazendeiro? Escondidas no porão, quem sabe? O velho Rike vai farejá-las, com certeza.”

Bovid me encarou, dolorosa e intensamente. “Quan... quantos anos você tem, rapaz?”

“Rapaz” de novo. “Tenho idade suficiente para abrir você como se fosse um saco de banha”, eu disse, cada vez mais furioso. Não gosto disso. Estar furioso me deixa ainda mais furioso. Mas creio que ele nem percebeu. Ele nem deve saber que fui eu quem abriu suas entranhas, menos de meia hora atrás.

“Quinze primaveras, não mais. Não poderiam ser mais...” Suas palavras saíram devagar, de lábios azuis num rosto pálido.

Errou por um par de anos, eu lhe diria, mas ele já não escutava mais. O carrinho rangeu atrás de mim e Gemt chegou com seu machado, pingando.

“Leve esta cabeça”, eu lhe disse. “Deixe esta barriga gorda para os corvos.”

Quinze anos! Se tivesse quinze anos não estaria devastando vilarejos.

Quando chegasse aos quinze, já seria rei!



Algumas pessoas nasceram para nos incomodar.
O irmão Gemt nasceu para incomodar o mundo.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

PRINCE OF THORNS

2



abberton ardeu com vontade. Todos os vilarejos arderam naquele verão. Segundo Makin, foi um verão escroto, mesquinho demais para mandar uma chuva sequer. E Makin não estava errado. Levantávamos poeira aonde quer que chegássemos. Quando saíamos, deixávamos fumaça.

"Quem quer ser um fazendeiro?" Makin gostava de fazer perguntas.

"Quem quer ser uma filha de fazendeiro?", acenei para Rike, que cambaleava em sua sela, quase cansado demais para cair. Ele mantinha um sorriso estúpido no rosto e uma peça de seda sobre sua armadura. Onde ele achou aquele nobre tecido em Mabberton, eu jamais saberei.

"Irmão Rike gosta dos prazeres simples", disse Makin.

Claro que gostava. Rike sentia verdadeira fome por eles. Uma fome que era tal e qual fogo.

As chamas engoliram Mabberton. Eu mesmo pus a tocha no telhado de sapê da estalagem e o fogo nos perseguiu até a saída do vilarejo. Apenas mais um dia maldito daqueles longos e violentos anos da queda de nosso Império.

Makin limpou o suor, manchando-se com fuligem. Ele tinha um talento para se sujar – ah, se tinha. "Você não se manteve acima desses simples prazeres, irmão Jorg."

Não poderia discordar. "Quantos anos você tem?", aquele fazendeiro gordo quis saber. Velho o bastante para visitar suas filhas. A gordinha não calava a boca, assim como o seu pai. Guinchava como uma coruja de celeiro, ferindo meus ouvidos. Preferi a mais velha. Ela era quieta. Tão quieta que você precisava lhe dar uns trancos, só para ter certeza de que ela não morrera de medo. Embora eu imagine que nenhuma das duas tenha permanecido calada quando o fogo as alcançou...

Do alto de sua montaria, Gemt arruinou meus pensamentos.

"Os homens do barão vão ver a fumaça a quinze quilômetros daqui. Você num devia ter queimado a vila." Ele balançou a cabeça, sacudindo sua estúpida juba ruiva, de um lado para o outro.

"Num devia", repetiu seu irmão idiota, de cima do velho tordilho. Nós o deixávamos montar o tordilho, atrelado a uma carreta. O velho tordilho jamais saía da estrada. Aquele cavalo era mais esperto que Maical.

Gemt fazia questão de opinar sobre tudo. "Você num devia jogar os corpos no poço, vamos ficar com sede." "Num devia matar o padre. Vamos ter azar a partir de agora." "Se a gente pegasse leve com ela, podia pedir resgate ao Barão Kennick." Eu só queria atravessar sua garganta com minha faca. Naquele instante mesmo. Bastaria me inclinar e enfiá-la no seu pescoço. "O quê? O que você disse, irmão Gemt? Blá-blá-blá? Num devia ter apunhalado seu pomo de Adão gordo e velho?"

“Oh, não!”, gritei, como se estivesse chocado. “Rápido, Pequeno Rikey, vá mijar sobre Mabberton. Você precisa apagar aquele incêndio.”

“Os homens do barão vão ver”, insistiu Gemt, vermelho de raiva. Seu rosto ficava como uma beterraba se você o confrontasse. Aquela cara vermelha só aumentava meu desejo de matá-lo. O que não fiz. Como líder, você tem certas responsabilidades. Como a responsabilidade de não matar muitos dos seus homens. Caso contrário, em quem você vai mandar?

O bando se aglomerou à nossa volta, como sempre acontecia numa situação dessas. Puxei as rédeas de Gerrod, que refugou, soltando um relincho. Observei Gemt e esperei. Esperei até que todos os meus trinta e oito irmãos estivessem à nossa volta e Gemt ficasse tão vermelho como se as suas orelhas estivessem a ponto de sangrar.

“Aonde estamos indo, meus irmãos?”, perguntei, levantando-me sobre os estribos para que pudesse encarar todos aqueles rostos medonhos. Abaixei o tom da voz e todos fizeram silêncio para me ouvir.

“Aonde?”, perguntei novamente. “Certamente não sou o único a saber. Ou por acaso tenho o hábito de guardar segredos de vocês, meus irmãos?”

Rike parecia um tanto confuso, enrugando a testa. Burlow, o Gordo, se aproximou de mim pela direita. À minha esquerda, os dentes brancos do nubano contrastavam com seu rosto, enegrecido pela ferrugem. Silêncio.

“O irmão Gemt pode nos dizer. Ele sabe o que há e o que deve ser feito.” Sorri, embora minha mão ainda desejasse apunhalar sua garganta. “Aonde nós vamos, irmão Gemt?”

“Wennith, na Costa Equina”, disse, relutante em concordar com o que fosse.

“Muito bem. E como chegaremos lá? Quase quarenta de nós, em nossos ‘magníficos’ cavalos roubados?”

Gemt fechou a cara. Ele conseguia ver aonde eu queria chegar.

"Como vamos chegar lá se queremos um pedaço da torta enquanto ela ainda está quentinha?", perguntei.

"Pela Estrada dos Cadáveres!", disse Rike, animado por saber a resposta.

"A Estrada dos Cadáveres", repeti, ainda calmo e sorridente. "De que outra forma chegaríamos lá?" Olhei para o nubano, fitando seus olhos escuros. Não conseguia ler seus pensamentos, mas o deixei ler os meus.

"Não tem outro jeito."

Rike estava com sorte, eu pensei. Mesmo sem saber qual é o jogo, ele gosta do jeito como está jogando.

"Por acaso os homens do barão sabem aonde nós vamos?", perguntei a Burlow, o Gordo.

"Cães de guerra seguem a linha de frente", disse. Burlow, o Gordo, não é um estúpido. Sua papada treme quando ele fala, mas não é um estúpido.

"Então..." – eu olhei um por um, bem devagar – "quer dizer que o barão sabe aonde estes bandidos aqui estão indo? E sabe por onde vamos passar?" Esperei a frase surtir efeito. "E eu acabei de começar a porra de um incêndio só para deixar claro que péssima ideia seria tentar nos seguir."

Por fim, enterrei minha faca em Gemt. Eu não precisava, mas eu quis. Ele se contorceu um bocado, golfando sangue e mais sangue, e caiu do cavalo. Seu rosto vermelho rapidamente ficou pálido.

"Maical", eu disse. "Pegue a cabeça dele."

E ele obedeceu.

Gemt escolheu um momento errado, só isso.



O que quer que tenha estragado o irmão Maical, não afetou seu exterior. Ele parecia tão intacto, tão rude e tão azedo como o resto dos demais. Até que você lhe fizesse uma pergunta.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

PRINCE OF THORNS

3

ois mortos. Dois pendurados.” Makin abriu aquele sorriso que lhe é tão peculiar.

Teríamos acampado próximo ao patíbulo de qualquer forma, mas Makin já se adiantara para inspecionar o terreno. Imaginei que aquela novidade – duas das quatro jaulas continham prisioneiros vivos – haveria de animar os irmãos.

“Dois”, rosnou Rike. Ele estava cansado. E o Pequeno Rikey, cansado, sempre enxergava a forca meio vazia.

“Dois!”, o nubano gritou lá do fundo.

Eu podia ver alguns dos homens apostando seus vinténs. A Estrada dos Cadáveres é tão entediante quanto um sermão dominical. Uma estrada reta e lisa. Tão reta que você mataria por uma curva que fosse. Tão lisa que uma ladeira seria motivo de festa. E, dos dois lados, pântano, mosquitos, mosquitos e mais pântano. Na Estrada dos

Cadáveres, encontrar dois prisioneiros pendurados era o melhor que podia acontecer.

Estranho. Nem mesmo me perguntei o que aquelas jaulas suspensas estariam fazendo no meio do nada. Encarei-as como uma recompensa. Alguém havia relegado seus prisioneiros à morte, balançando em gaiolas ao lado da estrada. Um local bem estranho. Mas, de qualquer forma, aqueles prisioneiros serviriam de lazer para o meu pequeno bando. Os irmãos estavam ansiosos, então fiz Gerrod trotar. Um bom cavalo, Gerrod. Ele deixou o cansaço de lado, batendo os cascos pela Estrada dos Cadáveres. Não há lugar melhor para um galope.

"Prisioneiros!", gritou Rike, dando início à cavalgada.

Mantive Gerrod na dianteira. Ele jamais deixaria outro cavalo ultrapassá-lo. Não na Estrada dos Cadáveres, com todos os quilômetros pavimentados, com todos os paralelepípedos tão bem encaixados que nem um filete de grama conseguiria brotar entre eles. Não havia uma pedra revirada ou desgastada. Uma estrada assim construída sobre um pântano. Vá entender.

Eu cheguei primeiro, é claro. Ninguém seria capaz de encostar em Gerrod. Certamente não comigo no controle das rédeas, e com todos os homens pesando muito mais do que eu. Das jaulas, olhei para trás e vi todos enfileirados pela estrada. Gritei, eufórico, alto o suficiente para acordar as cabeças decepadas. A de Gemt estava lá, rolando no fundo do baú.

Makin foi o primeiro a me alcançar, apesar de já ter cavalgado a mesma distância duas vezes.

"Que venham os homens do barão", eu lhe disse. "A Estrada dos Cadáveres é tão boa quanto qualquer ponte. Dez homens conseguiriam bloquear um exército aqui. Aqueles que quiserem atacar pelos flancos afundarão no pântano."

Makin concordou com um aceno, ainda buscando fôlego.

“Os que construíram esta estrada... se eles me construíssem um castelo...” Um trovão vindo do leste cortou minhas palavras.

“Se os homens da estrada construíssem castelos nós nunca chegaríamos a lugar algum”, disse Makin. “Fique feliz que eles se foram.”

Assistimos aos irmãos se aproximarem. O pôr do sol deixou as poças do pântano alaranjadas como o fogo, e me lembrei de Mabberton.

“Um dia e tanto, irmão Makin”, eu disse.

“Certamente, irmão Jorg”, retrucou.

Os irmãos então chegaram e começaram a discutir a respeito dos prisioneiros. Fui ler, recostado no baú das pilhagens, enquanto havia luz e a chuva não começara a cair. Um bom dia para ler Plutarco. Eu o teria apenas para mim, encadernado em capa de couro. Algum monge esforçado empenhou sua vida neste livro. Uma vida inteira debruçado sobre ele, segurando uma pena. Eis o ouro, como uma auréola, o sol e os arabescos. Eis um azul venenoso, mais celeste que o céu do meio-dia. Também pequenos pontos escarlates criando uma cama de flores. Provavelmente ficou cego sobre o livro, o tal monge. Provavelmente derramou sua vida aqui, desde bem jovem até já grisalho, enfeitando as palavras do velho Plutarco.

O trovão rugiu, os prisioneiros uivaram e eu me sentei, lendo palavras que já eram mais velhas que a velhice muito antes de os homens da estrada construírem este caminho.

“Seus covardes! Mulherzinhas carregando machados e espadas!” Um dos banquetes de corvos soltava sua voz, do alto de sua jaula.

“Não há um único homem entre vocês. Pederastas, andando atrás de um garotinho.” Ele enrolou suas últimas palavras, como fazem os naturais de Merssy.

“Tem um sujeito aí com uma opinião formada sobre você, irmão Jorg!”, gritou Makin.

Um pingo de chuva acertou meu nariz. Fechei a capa do Plutarco. Ele esperaria um pouco para me contar sobre Esparta e Licurgo, ele poderia esperar um pouco mais sem se molhar. O prisioneiro tinha algo a dizer e eu o deixei falar às minhas costas. Na estrada, é preciso embrulhar um livro com muito cuidado para protegê-lo da chuva. Dez voltas em tecido envernizado, mais dez voltas para o outro lado, e então deve-se guardá-lo sob um manto, num bornal preso à sela. Vejam bem, um bornal de qualidade – não aquelas porcarias que os thurtos fazem – com dupla costura e couro da Costa Equina.

Os rapazes abriram caminho para que eu me aproximasse. As jaulas fediam mais que o baú das cabeças, um odor brutal de madeira recém-cortada. Quatro celas dependuradas. Duas guardavam homens mortos. *Bem* mortos. As pernas, devoradas até os ossos por corvos, pendiam através das barras. Moscas se aglomeravam sobre elas, como uma segunda pele, negra, zumbindo. Os rapazes deram estocadas num dos prisioneiros e este não parecia muito feliz com isso. Na verdade, parecia já estar entregue. O que era um desperdício, uma vez que teríamos a noite inteira pela frente. Restaria, então, o prisioneiro tagarela.

"Lá vem o garoto! Vejo que terminou de ver os desenhos indecentes no seu livro roubado." Ele se agachou em sua jaula, seus pés em carne viva. Um velho, talvez com quarenta anos, de cabelos pretos e barba grisalha. Seus olhos escuros brilhavam. "Use as páginas do seu livro para limpar sua bosta, garoto", ele disse, furioso, agarrando as barras de sua jaula, que balançava. "É o único proveito que pode tirar dele."

"Poderíamos queimá-lo em fogo lento?", perguntou Rike. Até Rike percebera que o velho queria apenas nos irritar, para que terminássemos de uma vez com ele. "Como fizemos com os prisioneiros de Turston."

Umas poucas risadas eclodiram. Não da parte de Makin, porém. Ele franziu o rosto, por debaixo da poeira e da fuligem, enquanto observava

o prisioneiro. Levantei minha mão para ordenar silêncio aos homens.

"Seria uma grande vergonha desperdiçar um livro tão bom, padre Gomst", eu disse.

Assim como Makin, eu reconhecera Gomst por debaixo da barba e daqueles cabelos todos. Mas se não fosse o seu sotaque, ele acabaria assado.

"Especialmente uma edição de Licurgo escrita em latim culto, não naquele romano vulgar que vocês ensinam na igreja."

"Você me conhece?" Ele perguntou numa voz rachada, quase melosa.

"Claro que sim." Segurando meus adoráveis cachos, tirei o cabelo da frente, para que ele pudesse me observar naquela penumbra. Eu tenho o olhar escuro e penetrante dos Ancrath. "Você é o padre Gomst. Você veio me levar de volta à escola."

"P-prín.." Ele balbuciava, incapaz de pronunciar as palavras corretamente. Asqueroso. Senti como se houvesse mordido algo podre.

"Príncipe Honório Jorg Ancrath, às suas ordens." Prestei-lhe minhas reverências.

"O quê... o que aconteceu com o capitão Bortha?" O padre Gomst balançava suavemente em sua jaula, confuso.

"Capitão Bortha, senhor!" Makin bateu continência e deu um passo à frente. Estava manchado com o sangue do primeiro prisioneiro.

Teve início um silêncio mortal. Até o trinado e o zumbido dos insetos foram reduzidos a não mais que um sussurro. Os irmãos olharam para mim, depois para o velho pastor, e então novamente para mim, de bocas abertas. O Pequeno Rikey não ficaria mais confuso se você lhe perguntasse quanto é nove vezes seis.

A chuva escolheu aquele momento para cair, de uma vez só, como se o Senhor Todo-Poderoso esvaziasse seu penico sobre nós. A penumbra que nos encobria era densa como melado.

“Príncipe Jorg!” Padre Gomst teve que gritar por sobre a chuva. “É noite! Você precisa correr!” Ele segurou as barras de sua jaula, tenso, suas pupilas dilatadas, fitando sem piscar a escuridão.

E, através da noite, através da chuva, sobre o pântano onde nenhum homem poderia caminhar, nós os vimos se aproximar. Vimos suas luzes. Luzes pálidas como o fogo-fátuo das poças profundas onde os homens não foram feitos para olhar. Luzes que prometeriam tudo o que um homem poderia querer e que o fariam correr atrás delas, perseguindo respostas e encontrando apenas a lama fria, profunda e faminta.

Jamais gostei do padre Gomst. Ele me dizia o que fazer desde que eu tinha seis anos, quase sempre recorrendo a palmadas no lugar da razão.

“Corra, Príncipe Jorg! Corra!”, uivou o velhaco Gomst, num autossacrifício odioso.

Então eu permaneci parado.



O irmão Gains não era o cozinheiro por ser bom na cozinha.
Ele só era horrível demais nas outras tarefas.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

PRINCE OF THORNS

4



s mortos vieram através da chuva, fantasmas do pântano, dos afogados, de homens cujos corpos foram entregues ao lodo. Eu vi Kent, o Rubro, correr às cegas, até se debater na areia movediça. Alguns poucos irmãos tiveram o bom-senso de correr pela estrada enquanto fugiam. A maioria terminou no pântano.

Padre Gomst orava de sua jaula, estarrecido, gritando as palavras como se elas pudessem lhe servir de escudo: “Pai nosso que estais no céu, protegei vosso filho. Pai nosso que estais no céu”. Cada vez mais rápido, o medo tomava conta do padre.

O primeiro deles flutuou sobre a poça de lodo e sobrevoou a estrada. Brilhava como a luz da lua, algo que jamais aqueceria um ser humano. Você poderia ver seu corpo luminoso ser atravessado pelas gotas de chuva, que depois explodiam no chão.

Ninguém permaneceu comigo. O nubano correu, olhos abertos em seu rosto escuro. Burlow, o Gordo, aparentava não ter mais uma única gota de sangue. Rike gritava feito uma criança. Até Makin sentia pavor.

Abri meus braços à chuva. Pude sentir seus golpes. Eu não vivera muito ainda, mas até a chuva me despertava lembranças. Como as noites perigosas em que permaneci no parapeito da Torre Keep, à beira de um precipício, quase me afogando sob um dilúvio, e desafiando os raios que caíam perto de mim.

"Pai nosso que estais no céu. Pai nosso..." Gomst atropelou as palavras quando o espírito se aproximou. Ele queimava com um fogo frio que você podia sentir como se lambesse seu ossos.

Mantive meu braços abertos e meu rosto contra a chuva.

"Meu pai não está nos céus, Gomsty", eu lhe disse. "Ele está em seu castelo, contando seus homens."

O fantasma me cercou e eu o olhei bem nos olhos. Eles eram vazados.

"O que há com você?", perguntei.

E ele me mostrou.

E eu mostrei a ele.

Há uma razão pela qual eu vou ganhar esta guerra. Todos os vivos têm lutado uma batalha que envelheceu antes mesmo de eles nascerem. Eu já afiava meus dentes nos soldadinhos de madeira do salão da guerra do castelo de meu pai. Tenho uma razão para ganhar onde os demais falharam. Eu simplesmente entendo o jogo.

"Inferno", disse o morto. "Eu trago o inferno."

E ele jorrou o inferno para dentro de mim, frio como a morte, afiado como uma lâmina.

Senti minha boca desenhar um sorriso. Ouvi minha risada ecoar na chuva.

É assustador ter uma faca, gelada e cortante, em seu pescoço. O fogo também é assustador. Assim como a tortura. E um velho fantasma da

Estrada dos Cadáveres. Tudo isso é capaz de paralisar um homem. Até que você perceba o que eles são. Eles não passam de maneiras para se perder o jogo. Você perde o jogo – e o que foi que perdeu? Você perdeu o jogo.

Esse é o segredo e ainda fico impressionado de ser meu, apenas meu. Pude ver como o jogo realmente era na noite em que os homens do Conde Renar interceptaram nossa carruagem. Também era uma noite de tempestade, eu me lembro do barulho da chuva no teto da carruagem e do trovão distante.

O Grande Jan havia arrancado a porta de sua gaiola para nos tirar de lá. Ele só teve tempo para mim. Jan me atirou longe, num canteiro de roseira-brava tão espesso que os homens do conde imaginaram que eu havia fugido noite adentro. E eles não queriam procurar. Só que eu não corri. Ali fiquei, preso pelos espinhos, e vi quando eles mataram o Grande Jan. Vi nos momentos congelados que os relâmpagos me proporcionaram.

Vi o que fizeram com minha mãe e quanto tempo eles levaram. Eles jogaram a cabeça do pequeno William contra uma pedra. Cachos dourados e sangue. Devo admitir que William foi o primeiro de meus irmãos, e ele era especial, com suas mãos gorduchas e seus sorrisos. Desde então, eu tive muitos irmãos, alguns maus, e não sentiria a falta de um ou de outro. Mas, naquele tempo, era doloroso demais ver o pequeno William quebrado daquele jeito, como um brinquedo. Como se fosse algo sem valor.

Quando o mataram, minha mãe enlouqueceu. Eles, então, cortaram sua garganta. Eu era estúpido então, com apenas nove anos, e lutei para salvá-los. Mas os espinhos me agarraram de jeito. Desde então, aprendi a apreciá-los.

Os espinhos me ensinaram o jogo. Fizeram-me entender o que todos esses homens sérios e carrancudos que lutaram na Guerra Centenária

ainda precisam aprender. Você só pode vencer o jogo quando entende que se *trata* de um jogo. Deixe um homem jogar xadrez e diga a ele que todos os peões são seus amigos. Diga que ambos os bispos são santos. Faça-o lembrar de dias felizes à sombra das torres. Deixe-o amar sua rainha. Veja-o perder tudo.

"O que você tem para me dar, criatura?", perguntei.

É um jogo. Vou mover minhas peças.

Senti o espírito frio em mim. Vi sua morte. Vi seu desespero. A sua fome. E devolvi tudo. Esperava mais, só que ele era apenas um morto.

Mostrei a ele o tempo vazio aonde minhas memórias não ousam ir. Eu o deixei olhar bem.

Ele então correu de minhas memórias – fugiu, e eu o persegui. Mas somente até as margens do pântano. Porque se trata de um jogo. E eu vou vencer.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

PRINCE OF THORNS

5

— QUATRO ANOS ATRÁS —

Por muitíssimo tempo, não estudei nada além da vingança. Construí minha primeira câmara de torturas nos recantos escuros da imaginação. Deitado sobre lençóis de sangue na Sala de Cura, descobri portas dentro de minha cabeça que eu não havia encontrado antes, portas que até mesmo uma criança de nove anos sabe que não devem ser abertas. Portas que nunca se fecharam novamente.

Eu escancarei essas portas.

Sir Reilly me encontrou, pendurado no espinheiro, a menos de dez metros da carcaça de nossa carruagem em chamas. Quase não me acham. Eu os vi recolhendo os corpos na estrada. Eu os observei pelo canteiro: brilhos prateados da armadura de Sir Reilly e lampejos rubros do uniforme dos soldados de Ancrath.

Foi fácil achar minha mãe, em trajes de seda.

“Jesus amado! É a rainha!” Sir Reilly ordenou que a virassem. “Cuidado! Mostrem algum respeito...”, disse, para logo se interromper, em soluços. Os homens do conde a deixaram em péssimo estado.

“Senhor! O Grande Jan está aqui. Grem e Jassar também.” Eu os vi revirando Jan, depois os outros guardas.

“Melhor que estejam mortos!”, cuspiu Sir Reilly. “Procurem os príncipes!”

Não vi quando encontraram Will, mas sabia que eles o descobriram pelo silêncio que se espalhou entre os homens. Encostei o queixo no peito e percebi padrões sombrios de sangue nas folhas secas em volta dos meus pés.

“Ah, diabos...”, disse, finalmente, um dos homens.

“Tragam um cavalo. Coloquem-no aí, com cuidado”, disse Sir Reilly, com a voz despedaçada. “E achem o herdeiro!”, proferiu, com vigor, mas sem esperanças.

Tentei chamá-los. Mas perdera minhas forças, nem conseguia levantar a cabeça.

“Ele não está aqui, Sir Reilly.”

“Eles o levaram como refém”, concluiu.

Em parte, ele estava certo. Os espinhos me mantinham contra a minha vontade.

“Leve-o ao lado da rainha.”

“Cuidado! Cuidado com ele...”

“Ajeite os dois”, disse Sir Reilly. “É uma dura cavalgada até o Castelo Alto.”

Parte de mim queria que eles se fossem. Já não sentia dor, apenas um incômodo banal, e até isso estava sumindo. Uma paz me abraçava com a promessa de esquecimento.

“Senhor!” O grito veio de um dos homens.

Ouvi o tinir da armadura à medida que Sir Reilly se aproximava.

“Um fragmento de escudo?”, perguntou.

"Achamos na lama, a roda da carruagem deve ter passado sobre ele." O soldado fez uma pausa. Escutei a lama sendo arranhada para fora do escudo. "Parece uma asa negra..."

"Um corvo. Um corvo sobre um campo vermelho. É o brasão do Conde Renar", observou Reilly.

Conde Renar? Eu tinha um nome. Um corvo sobre um campo vermelho. A insígnia brilhou em meus olhos, cauterizados pelos relâmpagos da noite anterior. Um fogo se acendeu em mim, e a dor de mil espinhos queimou em todos os meus membros. Um gemido escapou de meus lábios ressecados.

E Reilly me encontrou.

"Há algo aqui!" Escutei seus palavrões à medida que o espinheiro encontrava todas as fendas de sua armadura. "Rápido. Tirem isso daqui."

"Morto", ouvi um soldado sussurrar por trás de Sir Rilley, enquanto este me soltava.

"Está tão pálido."

Imagino que o espinheiro tenha drenado quase todo o meu sangue.

Eles buscaram um carrinho para me levar de volta. Não adormeci. Olhei o céu se tornar negro, e pensei.

Na Sala de Cura, frei Glen e seu ajudante, Polegar, retiravam espinhos de minha pele. Meu tutor, Lundist, chegou enquanto eles me tinham sobre a mesa e sob suas facas. Lundist carregava um livro, grande como um escudo teutônico e, pelo jeito, três vezes mais pesado. Ele tinha mais força naquele corpo enrugado e esquelético do que poderíamos supor.

"Essas facas foram esterilizadas a fogo, eu suponho. Frei?" Lundist mantinha o sotaque de sua terra-mãe, em Utter Oriental, e a tendência de deixar as frases incompletas, na esperança que um ouvinte inteligente preenchesse os espaços em branco.

"É a pureza do espírito que mantém a carne incorrupta, tutor", respondeu o frei Glen. Ele lançou um olhar desaprovador e voltou a escavar minha

pele.

"Ainda assim, frei, limpe as facas. O Santo Ofício pouco lhe servirá de proteção contra a ira do rei caso o príncipe morra em sua sala." Lundist pousou o livro na mesa ao lado da minha, chacoalhando uma fileira de frascos que estavam num canto. Ele virou a capa e abriu-o em uma página marcada.

"Os espinhos da roseira-brava hão de achar os ossos." Ele traçou seu dedo amarelo e enrugado sobre as linhas do texto. "As pontas podem quebrar, inflamando a ferida."

O frei Glen me espetou nessa hora, arrancando-me um grito. Ele abaixou a faca e se virou para Lundist. Só pude ver as costas do frei, seu hábito marrom-escuro pendendo sobre seus ombros, o suor sobre a sua coluna.

"Tutor Lundist", disse, "um homem na sua profissão não deveria achar que todas as coisas podem ser aprendidas nas páginas de um livro ou em um pergaminho. O aprendizado tem sua importância, meu caro, mas não pense que o senhor seria capaz de ensinar-me a curar um doente só porque passou uma noite debruçado sobre uma velha enciclopédia."

Bem, o frei Glen ganhou a discussão. Coube ao sargento de armas "acompanhar" o tutor para fora do recinto.

Imagino que, mesmo aos nove anos, já me faltava a pureza de espírito, pois meus ferimentos inflamaram em dois dias e por nove semanas eu ardi em febre, perseguindo sonhos tenebrosos, próximo às fronteiras da morte.

Dizem que urrei, enfurecido. Que balbuciei enquanto o pus jorrava das feridas dos espinhos. Eu me lembro do fedor de putrefação. Era de uma certa doçura. O tipo de doçura que induzia ao vômito.

Polegar, o ajudante do frei, cansou de tentar me manter quieto – e olha que ele tinha os braços de um lenhador. Por fim, me amarraram à cama.

Soube pelo tutor Lundist que o frei não cuidaria de mim após a primeira semana. Frei Glen disse que eu estava possuído pelo Diabo. De que outra forma uma criança diria tanta blasfêmia?

Na quarta semana, desfiz os nós que me prendiam à cama e ateei fogo na sala. Não tenho lembranças da fuga, nem de minha captura na floresta. Mas quando limparam os destroços, acharam os restos de Polegar, com o atiçador da lareira alojado em seu peito.

Muitas vezes, eu parava ali, em frente à porta. Tinha visto minha mãe e meu irmão sendo atirados pela soleira, em frangalhos, e nos sonhos meus pés me levavam até lá, de novo. Faltava-me a coragem para segui-los, aprisionado como estava pelas farpas e ganchos da covardia.

Às vezes, enxergava a Terra dos Mortos além de um rio negro; outras, no abismo atravessado por uma estreita ponte de pedras. Uma vez, vi a porta tomar a forma dos portais que precediam o Salão do Trono de meu pai, mas seu batente estava coberto de gelo, e de suas juntas escorria pus. Não tive alternativa além de segurar a maçaneta...

O Conde de Renar me manteve vivo. A promessa de sua dor esmagou a minha sob seus calcanhares. O ódio vai mantê-lo vivo onde o amor falhou.

E então, um dia, a febre me deixou. Meus ferimentos continuaram ferozes, vermelhos, mas se fecharam. Davam-me canja de galinha para comer, e minhas forças, há muito esquecidas, rastejaram de volta.

A primavera chegou para pintar, novamente, flores nas árvores. Sentia-me forte, mas haviam levado algo de mim e para tão longe que eu nem mesmo saberia dizer o que era.

O sol voltou e, para desgosto do frei Glen, Lundist retornou para me instruir.

Quando chegou, ajeitei-me na cama. Observei-o arrumar seus livros sobre a mesa.

“Seu pai o verá assim que voltar de Gelleth”, disse Lundist. Sua voz mantinha um tom de reprovação, mas não dirigido a mim. “A morte da rainha e do Príncipe William pesaram demais sobre ele. Quando a dor cessar, ele certamente virá conversar com você.”

Não entendi por que Lundist julgava necessário mentir para mim. Sabia que meu pai não perderia tempo comigo enquanto eu estivesse para morrer. Sabia que ele me veria quando me ver lhe fosse útil.

"Diga-me, tutor. A vingança é uma ciência ou uma arte?"

TRILOGIA DOS ESPINHOS

PRINCE OF THORNS

6



chuva hesitou quando os espíritos desapareceram. Só havia subjugado um deles, mas os outros fugiram também, de volta aos poços que, por certo, assombravam. Talvez aquele fosse seu líder, talvez os homens se transformem em covardes após a morte. Não sei.

Quanto aos meus próprios covardes, eles não tinham para onde fugir, e foi bem fácil encontrá-los. Primeiro, encontrei Makin. Ele, pelo menos, regressava.

"Então você achou companhia, hein?", eu lhe disse.

Ele fez uma breve pausa e olhou para mim. A chuva já não caía muito forte, mas ele ainda parecia um rato afogado. A água corria em arroios sobre seu peitoral, dentro e fora dos amassados. Ele checou cada lado do pântano, ainda nervoso, e abaixou sua espada.

“Um homem sem medo não sabe o amigo que está perdendo, Jorg”, ele disse, desenhando um sorriso com aqueles seus lábios grossos. “Correr não é errado. Pelo menos se você correr na direção certa.” Ele acenou para Rike, que lutava contra um torrão de junco, atolado na lama até o peito. “O medo ajuda um homem a escolher suas lutas. Você está lutando todas, meu príncipe.” E ele fez uma saudação, ali, no caminho dos cadáveres, com a chuva escorrendo do seu corpo.

Olhei Rike, de relance. Maical tinha problemas similares numa poça do outro lado da estrada. Só que seus problemas chegavam à altura do pescoço.

“Vou entrar em todas as lutas quando o fim chegar”, eu lhe disse.

“Escolha suas lutas”, respondeu Makin.

“Escolho meu terreno”, disse. “Escolho meu terreno, mas não corro. Nunca. Já fizemos isso, e ainda temos a guerra. Eu vencerei, irmão Makin. Eu darei fim a esta guerra.”

Ele me fez outra saudação. Não tão reverente, mas dessa vez senti que era de verdade. “É por isso que eu o seguirei, meu príncipe. Haja o que houver.”

Naquele momento, fomos pescar nossos irmãos de dentro da lama. Primeiro Maical, ainda que Rike uivasse e nos amaldiçoasse. Como a chuva enfraquecera, eu pude ver o tordilho e o baú das cabeças a uma certa distância. O tordilho teve o bom-senso de permanecer na estrada, ao contrário de Maical. Se ele tivesse guiado o cavalo até o pântano eu o deixaria afundar.

Depois, era a vez de Rike. Quando chegamos a ele, a lama estava quase em sua boca. Não víamos nada além de seu rosto branco acima da poça, mas isso não o impedia de gritar suas tolices a torto e a direito. Achamos a maioria dos homens na estrada, mas seis foram sugados muito rapidamente, perdidos para sempre; provavelmente se preparando para assombrar o próximo bando de viajantes.

“Eu vou buscar o velho Gomsty”, disse.

Havíamos andado um longo caminho pela estrada e as luzes praticamente sumiram. Olhando para trás, não víamos as jaulas, apenas véus cinzentos de chuva. No pântano, os mortos esperavam. Sentia seus pensamentos gélidos se arrastando sobre minha pele.

Não falei para os homens virem comigo. Sabia que nenhum me acompanharia e não é bom para um líder receber não a uma de suas ordens.

“O que você quer com aquele velho padre, irmão Jorg?”, indagou Makin. Estava me pedindo para não ir, mas não poderia dizer em voz alta.

“Ainda quer queimá-lo vivo?” Até a lama era incapaz de esconder a repentina alegria de Rike.

“Sim, quero. Mas não é por isso que vou buscá-lo.” E retornei pelo caminho dos cadáveres.

A chuva e a escuridão me envolveram. Perdi meus irmãos, que aguardavam na estrada. Gomst e as jaulas estavam mais à frente. Andei em um casulo de silêncio, com nada além das palavras suaves da chuva e do som de minhas botas.

Vou lhes dizer: o silêncio quase me derruba. É o silêncio que me apavora. A página em branco na qual posso escrever meus medos. Os espíritos dos mortos não têm nada a ver com isso. Aquele morto tentou me mostrar o inferno, mas não passou de uma pálida imitação do horror que sou capaz de pintar na escuridão de um momento quieto.

E lá ele permanecia pendurado, o padre Gomst, sacerdote da Casa Ancrath.

“Padre”, eu disse, e ensaiei uma reverência. Na verdade, não estava com humor para brincadeiras. Sentia uma dor oca atrás de meus olhos. Do tipo que leva as pessoas à morte.

Ele abriu bem os olhos, como se eu fosse um espírito que se arrastasse para fora do pântano.

Fui até a corrente que sustentava sua jaula. “Agarre-se, padre.”

A espada que desembainhei havia fatiado o velho Bovid Tor há menos de vinte e quatro horas. Agora, eu a levantava para libertar um sacerdote. A corrente cedeu logo abaixo da extremidade. Eles puseram algum encanto ou feitiçaria nessa lâmina. Meu pai dizia que os Ancrath a manejaram por quatro gerações e a tomaram da Casa Or. Então, a lâmina já era antiga, muito antes dos Ancrath encostarem as mãos nela. Antiga muito antes que eu a roubasse.

A gaiola caiu como uma rocha. Padre Gomst gritou, e bateu com a cabeça nas barras, marcando um crucifixo em sua testa. Eles cerraram a porta da jaula com arame, que cedeu ante nossa espada ancestral, duas vezes roubada. Pensei em meu pai por um momento, imaginando seu rosto ultrajado com o uso de uma lâmina tão nobre para realizar um trabalho tão vulgar. Tenho muita imaginação, mas colocar qualquer emoção no rosto de pedra de meu pai não foi uma tarefa fácil.

Gomst rastejou para fora, rijo e enfraquecido. Como costumam ser os velhos. Gostei que ele tenha tido a decência de sentir o peso da idade. Alguns ficam mais resistentes com o passar dos anos.

“Padre Gomst”, eu lhe disse. “Melhor se apressar ou os mortos do pântano podem voltar para nos aterrorizar com seus acenos e lamentos.”

Ele olhou para mim, retrocedendo, como se visse um fantasma. Então se acalmou.

“Jorg”, ele disse, cheio de compaixão, a ponto de transbordar pelos olhos, como se não fosse apenas a chuva. “O que houve com você?”

Não vou mentir. Metade de mim queria enfiar-lhe a faca aqui e ali, assim como fiz com Gemt. Mais da metade. Minha mão coçava com a

vontade de puxar aquela faca. Minha cabeça doía, como se apertassem minhas têmporas contra um torno.

Sou conhecido por ser contraditório. Quando algo me empurra, eu empurro de volta. Até quando fui eu quem me empurrou, em primeiro lugar. Seria fácil cortar as tripas dele naquele momento. Satisfatório. Mas a vontade era urgente demais. Senti-me pressionado.

Sorri e disse: "Perdoa-me, padre, pelos meus pecados".

E o velho Gomsty, ainda que endurecido pela prisão, e com chagas nos braços e pernas, abaixou sua cabeça para tomar minha confissão.

Falei sob a chuva, baixinho, quieto. Mas alto o suficiente para o padre Gomst, e alto o suficiente para os mortos que assombravam o pântano a nossa volta. Eu lhes contei das coisas que havia feito. Das coisas que seria capaz de fazer. Numa voz suave, contei meus planos para que todos pudessem ouvir. Então os mortos se retiraram.

"Você é o Diabo!" Padre Gomst deu um passo atrás e agarrou a cruz em seu pescoço.

"Se o senhor diz assim." Eu não estava ali para uma disputa. "Mas eu me confessei e agora você deve me absolver."

"Abominável..." A palavra lhe escapou num sussurro.

"E isso é só o começo", concordei. "Agora me absolva."

O padre Gomst finalmente voltou a si. Mas ainda guardava distância. "O que você quer de mim, Lúcifer?"

Uma pergunta justa. "Quero vencer", eu respondi.

Ele balançou a cabeça e precisei explicar.

"Alguns homens me seguem por eu ser quem sou. Outros me seguem graças ao caminho que estou trilhando. Outros, ainda, precisam saber quem anda comigo. Eu lhe dei minha confissão. Estou arrependido. Agora Deus anda comigo e você é o sacerdote que irá dizer aos fiéis que eu sou o guerreiro do Senhor, o Seu instrumento, a espada do Todo-Poderoso."

O silêncio permaneceu entre nós, medido por batidas cardíacas.

"*Ego te absolvo.*" Padre Gomst disse as palavras com lábios trêmulos.

Andamos de volta pelo caminho e alcançamos os demais. Makin deixara-os preparados, em fila. Esperavam no escuro, com uma única tocha e um lampião preso sobre a carreta.

"Capitão Bortha", eu disse a Makin, "é hora de partir. Temos muito caminho pela frente antes de chegarmos à Costa Equina."

"E o padre?", ele perguntou.

"Quem sabe não desviamos perto do Castelo Alto e o deixamos por lá?"

Minha enxaqueca piorou.

Talvez tivesse algo a ver com um velho fantasma atravessando meus ossos até a medula, mas hoje minha cabeça doía como se alguém a cutucasse com um bastão. A dor me guiava feito um pastor e já estava começando a foder com a minha paciência.

"Acho que *iremos* até o Castelo Alto." Cerrei os dentes por conta das adagas em minha cabeça. "Entregar o velho Gomsty pessoalmente. Tenho certeza que meu pai está preocupado comigo."

Rike e Maical me observaram de um jeito estúpido. Burlow, o Gordo, e Kent, o Rubro, trocaram olhares. O nubano revirou os olhos.

Olhei para Makin, alto, de ombros largos, cabelos negros escorridos de chuva. *Ele é meu cavalo*, pensei. *Gomst é meu bispo. O Castelo Alto, minha torre*. Então pensei no meu pai. Eu precisava de um rei. Não se pode jogar sem um rei. Pensei no meu pai e me senti bem. Depois do morto, comecei a me perguntar. O morto me mostrou seu inferno, e eu ri. Mas agora que penso no meu pai fico feliz em saber que ainda posso sentir medo.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

PRINCE OF THORNS

7

Atravessamos a noite e a Estrada dos Cadáveres, até sairmos do pântano. A alvorada, cinzenta e enfadonha, veio nos encontrar em Norwood. A vila estava em ruínas. Suas cinzas ainda retinham o espírito acre da fumaça, tempos após o fim do incêndio.

"O Conde de Renar", disse Makin ao meu lado. "Ele é muito audacioso para atacar os protetorados de Ancrath tão abertamente." Makin despejou seus pensamentos como se atirasse um manto ao chão.

"Como podemos afirmar quem foi o responsável por tamanha atrocidade?", perguntou o padre Gomst, com o rosto tão esbranquiçado quanto sua barba. "Talvez os homens do Barão Kennick tenham avançado pela Estrada dos Cadáveres. Foram os homens de Kennick que me aprisionaram naquela jaula."

Os irmãos se dividiram para vasculhar as ruínas. Rike cutucou Burlow, o Gordo, e desapareceu no primeiro prédio, que não passava de uma carcaça de pedras desprovida de teto.

"Lavradores de merda! Igual à porra de Mabberton." A violência de sua procura sufocaria qualquer outra reclamação.

Lembro-me de Norwood em dias de quermesse, colorida com fitas. Minha mãe caminhava com o burgomestre. William e eu comíamos tortas de maçã.

"Mas esses eram os *meus* lavradores de merda", eu disse. Encarei o velho Gomst. "Não há corpos. Esse é um trabalho do Conde Renar."

Makin concordou. "Acharemos a pira nos campos, a oeste. Renar queima todo mundo junto, os vivos e os mortos."

Gomst fez o sinal da cruz e murmurou uma prece.

Guerra é uma coisa bela, eu já lhes disse antes, e aqueles que falam o contrário não sabem o que estão perdendo. Abri um sorriso, ainda que não combinasse comigo. "Irmão Makin, parece que o conde moveu uma de suas peças. É nossa responsabilidade, como companheiros de profissão, apreciar seu estilo. Deem uma volta por aí. Desejo saber como ele jogou desta vez."

Renar. Primeiro o padre Gomst, agora Renar. Era como se o espírito do pântano houvesse girado uma chave e os fantasmas do meu passado marchassem por mim, um a um.

Makin acenou e saiu trotando. Não em direção à vila. Ele seguiu às margens de um riacho até os arbustos que ficavam além do mercado.

"Padre Gomst", disse, com meu tom de voz mais polido possível, digno de um membro da corte. "Diga-me, por favor, onde o senhor estava quando os homens do Barão Kennick o encontraram." Não fazia sentido que nosso sacerdote familiar fosse sequestrado num assalto.

"No povoado de Jessop, meu príncipe", ele respondeu, cauteloso e olhando para todos os cantos, menos para mim. "Não deveríamos

partir? Estaremos a salvo em nossas terras. Os ataques não vão chegar a Hanton."

Verdade, pensei, *mas por que você se arriscou?* "O povoado de Jessop? Eu diria que jamais ouvi falar o nome desse lugar, padre Gomst", eu disse, ainda amigavelmente. "O que significa que não deve ter mais do que três barracas e um porco."

Rike marchou para fora da casa, coberto de cinzas. Estava mais negro do que o nubano e cuspia sem parar. Ele andou até o próximo portal. "Burlow, seu gordo desgraçado! Você armou pra cima de mim!" Se o Pequeno Rikey não achasse nada para pilhar, alguém pagaria. Era sempre assim.

Gomst se divertia com a cena, mas chamei sua atenção de volta. "Padre, você me contava sobre Jessop." Tomei as rédeas de suas mãos.

"Um lodaçal, meu príncipe. Um nada. Um lugar onde se corta turfa para os protetorados. Dezessete barracas e, talvez, alguns porcos a mais." Tentou uma risada, mas ela saiu muito aguda e nervosa.

"Então você viajou até lá para absolver os pobres?" Olhei-o nos olhos.

"Bem..."

"Mais além de Hanton, nos limites do pântano, nos limites do perigo", eu disse. "Você é mesmo um homem santo, padre."

Ele acenou com a cabeça.

Jessop. De repente, o nome me pareceu estranhamente familiar. Como uma voz grave, solene, pausada. *Uma voz que não perguntava por quem os sinos dobram...*

"Jessop não fica onde a maré do pântano vai buscar os mortos?", perguntei. Vi as palavras na boca do velho tutor Lundist enquanto as proferia. Vi o mapa atrás dele, preso à parede do estúdio, com as correntezas marcadas em tinta preta. "É uma correnteza lenta, mas certeira. O pântano mantém seus segredos, mas não para sempre, e é em Jessop que eles são contados."

“Aquele grandalhão, Rike, está estrangulando o gordo.” Padre Gomst acenou em direção à vila.

“Meu pai o enviou para observar os mortos.” Não deixei que Gomst continuasse com aquele papo-furado. “Porque você seria capaz de me reconhecer.”

Os lábios de Gomst emolduraram um “não”, mas todos os seus outros músculos disseram “sim”. A gente imagina que os padres deveriam mentir melhor, faz parte do trabalho deles, não faz?

“Ele ainda procura por mim? Depois de quatro anos!” Quatro semanas já teriam me surpreendido.

Gomst voltou a sua sela. Ele abriu os braços, em desespero. “A rainha está pesada, com uma criança. Sageous afirmou ao rei que será um menino. Eu tive que confirmar a sucessão.”

Ah! A “sucessão”. Esse sim era o pai que eu conheci. E a rainha? Isso adicionava um certo tempero àquele dia.

“Sageous?”

“Um feiticeiro pagão, recém-chegado à corte.” Gomst cuspiu as palavras, como se amargassem sua boca.

A pausa se tornou um grande silêncio.

“Rike!”, eu disse. Não foi um grito, mas foi alto o suficiente para alcançá-lo. “Deixe Burlow, o Gordo, em paz, ou eu terei que matá-lo.”

Rike largou Burlow, que despencou seus cento e quarenta quilos de toucinho até o chão. Creio que, daqueles dois, Burlow estava com o rosto um pouco mais roxo. Mas pouca coisa. Rike se aproximou, já com as mãos prontas para agarrar o meu pescoço. “Você!”

Nem sinal de Makin, e a ajuda do padre Gomst para me defender de um Pequeno Rikey furioso seria tão útil quanto um peido ao vento.

“Você! Onde está a porra do ouro que você nos prometeu?” Um grande número de cabeças surgiu de portas e janelas depois dessa frase.

Até Burlow, o Gordo, olhou para cima, buscando fôlego como se aspirasse por um canudo.

Larguei a empunhadura de minha espada. Não vale a pena sacrificar muitos peões. Rike teria apenas mais uns dez metros pela frente. Escorreguei para fora da sela de Gerrod, afaguei seu focinho e dei as costas para a vila.

"Há mais de um tipo de ouro em Norwood", eu disse. Alto o suficiente, mas não alto demais. Então me virei e deixei Rike para trás. Nem ao menos o olhei. Dê uma oportunidade a um homem como Rike e ele a aproveitará.

"Não venha me falar sobre filhas de fazendeiros desta vez, seu pequeno bastardo!" Ele me seguiu urrando, mas já esfriara um pouco a cabeça. Agora, só restava uma certa bravata. "A porra do conde já queimou todas elas."

Eu fui à rua central, que levava à casa do burgomestre e ao mercado. O irmão Gains cozinhava algo e nos olhou quando passamos por ele. Gains subiu na ponta dos pés para acompanhar a diversão.

A torre do celeiro nunca foi lá grandes coisas. Agora, toda chamuscada e com suas pedras rachadas pelo calor, era ainda menos imponente. Antes de serem queimados, sacos de grãos escondiam um alçapão. Bastou remexer um pouco para encontrá-lo. Atrás de mim, Rike arfava o tempo todo.

"Abra logo isso." Apontei para a argola presa na laje de pedra.

Não precisei mandar duas vezes. Rike se abaixou e ergueu a pedra como se ela não pesasse nada. E lá estavam eles. Barris e mais barris, amontoados na poeira da escuridão.

"O velho burgomestre guardava a cerveja do festival sob a torre do celeiro. Todos os locais sabiam disso. Um córrego passa aqui por baixo e refresca a temperatura. Quantos são, vinte? Vinte barris de cerveja dourada do festival." Sorri.

Rike não sorriu comigo. Ele permaneceu de quatro e seus olhos passeavam pela lâmina de minha espada. Imaginei como ela deveria coçar em contato com sua garganta.

"Veja, irmão Jorg, eu não quis..." – ele começou a dizer. Mesmo com minha espada em seu pescoço, o seu olhar era ameaçador.

Makin se aproximou de meu ombro, fazendo sua armadura tinir. Eu mantive a lâmina na garganta de Rike.

"Posso ser pequeno, Pequeno Rikey, mas não sou um bastardo", disse, num tom de voz calmo e mortal. "Não é mesmo, padre Gomst? Se eu fosse um bastardo você não teria que arriscar sua vida, seus braços e pernas, para me procurar entre os mortos, não é verdade?"

"Príncipe Jorg, deixe o capitão Bortha matar esse selvagem", disse Gomst, recuperando sua compostura. "Nós iremos até o Castelo Alto e seu pai..."

"Meu pai pode muito bem esperar, o desgraçado!", gritei. Parei por ali, furioso por me sentir furioso.

Rike esqueceu a espada por um momento. "Que merda é essa de 'príncipe'? Que merda é essa de 'capitão Bortha'? E quando é que eu vou beber a porra dessa cerveja?"

Uma plateia se formou a nossa volta. Eram os irmãos, curiosos.

"Bem", eu disse, "já que você perguntou tão educadamente, irmão Rike, eu vou lhe dizer."

Makin levantou as sobrancelhas e segurou sua espada. Fiz sinal para que se acalmasse.

"Makin é a merda do capitão Bortha, capitão Makin Bortha da Guarda Imperial de Ancrath. Eu sou a merda do príncipe, o filho amado e herdeiro do Rei Olidan da Casa Ancrath. E nós podemos beber a porra da cerveja agora, porque hoje é meu aniversário de quatorze anos – e de que outra maneira você brindaria à minha saúde?"



Toda irmandade tem uma hierarquia. Com irmãos como os meus, aquele que fica na posição mais baixa corre o risco de ser apunhalado até a morte. Menos o irmão Jobe, que se mantinha vivo por ser a mistura perfeita entre um humilde vira-latas e um cão raivoso.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

PRINCE OF THORNS

8



ós então nos sentamos sobre as pedras tombadas da casa do burgomestre e bebemos cerveja. Os irmãos beberam profundamente e disseram meu nome. Alguns me chamavam de "irmão Jorg", outros me chamavam de "Príncipe Jorg", mas todos me olhavam com novos olhos. Rike me observou, sua barba por fazer coberta de espuma de cerveja, seu pescoço marcado pela minha espada. Eu podia vê-lo pesando os prós e contras, um balé de possibilidades evoluindo dentro daquela testa diminuta. Não esperei a palavra "resgate" emergir.

"Ele quer me ver morto, Pequeno Rikey", disse. "Ele mandou Gomsty encontrar provas da minha morte, não para me encontrar. Ele está de rainha nova."

Rike deu um sorriso torto, mais torto que sorriso, e arrotou com gosto. "Você fugiu de um castelo com ouro e mulheres pra viajar com a

gente? Quem seria tão idiota a esse ponto?"

Tomei um gole de cerveja. Era amarga, mas, de alguma maneira, o amargor parecia apropriado. "O idiota que sabe que não vai ganhar a guerra com a guarda do rei ao seu lado", eu retruquei.

"Que guerra, Jorg?" O nubano sentou-se perto, sem beber. Ele sempre falava sério, devagar. "Você quer derrotar o conde? O Barão Kennick?"

"A Guerra", eu disse. "A guerra inteira."

Kent, o Rubro, veio de trás dos barris, seu elmo transbordando de cerveja. "Isso nunca aconteceu", disse. Ele ergueu o elmo e esvaziou metade em quatro goles. "Então, você é o Príncipe de Ancrath? A coroa de seu reino é feita de cobre. Deve haver dúzias como você, com ótimos motivos para reivindicar o trono supremo. E cada um deles tem seu próprio exército."

"Na verdade, uns cinquenta", grunhiu Rike.

"São quase uns cem", eu disse. "Já contei."

Uma centena de fragmentos do Império, destroçando uns aos outros num ciclo interminável de pequenas guerras, feudos, pelejas, reinos que brilham, desbotam e voltam a brilhar, vidas inteiras desperdiçadas em conflitos que não mudam nada. Já a minha vida eu uso para mudar, para pôr um fim nesta guerra, vencer.

Terminei minha cerveja e fui procurar Makin.

Não precisei ir longe. Ele estava com os cavalos, tomando conta de seu garanhão, o Salta-Fogo.

"O que você encontrou?", perguntei.

Makin cerrou os lábios. "Encontrei a pira. Uns duzentos, todos mortos. Só que não chegaram a acendê-la – provavelmente tiveram medo." Ele acenou para o oeste. "Vieram a pé, pela estrada do pântano, atravessando a cordilheira. Cerca de vinte arqueiros, a postos nos arbustos perto do córrego, para acertar os que tentassem fugir."

"Quantos homens ao todo?"

“Cem, provavelmente. A maioria soldados a pé.” Ele bocejou, escorregando a mão da testa até o queixo. “Já faz dois dias. Não corremos perigo.”

Senti espinhos invisíveis me arranhando, anzóis afiados em minha pele. “Venha comigo”, eu lhe ordenei.

Makin me seguiu de volta aos degraus e aos pilares tombados à entrada da casa do burgomestre. Maical furava mais um barril para os irmãos.

“Salve, capitão!”, Burlow berrou para Makin, ainda rouco após ter sido estrangulado por Rike. Uma risada surgiu do nada e eu deixei correr solto. Senti os espinhos novamente, afiados e profundos. Por algum motivo me espetavam. Duzentos corpos empilhados. Todos mortos.

“Capitão Makin diz que teremos companhia”, comentei.

Makin arqueou as sobrancelhas, mas eu o ignorei. “Vinte espadas, homens rudes, bandidos da pior espécie. Vocês não ficariam felizes em encontrá-los”, eu lhes disse. “Vagueiam em nossa direção, sobrecarregados com tesouros que saquearam.”

Rike se levantou num pulo só, chacoalhando o mangual que mantinha preso junto ao quadril. “Tesouros!?”

“Lesmas, eu diria. Enriqueceram com a destruição dos outros.” Mostrei-lhes meu sorriso. “Bem, meus irmãos, temos que mostrar o quanto eles estão errados. Eu quero ver todos mortos. Até o último deles. Vamos matá-los e sair sem um só arranhão. Quero que cavem armadilhas na rua principal. Quero irmãos escondidos na torre do celeiro e na taberna Javali Azul. Quero Kent, Algazarra, Mentiroso e o nubano aqui, atrás destas paredes, derrubando qualquer um que passar entre o celeiro e a taberna.”

O nubano suspendeu sua balestra, uma peça impressionante de engenharia, trabalhada em metal antigo e decorada com rostos de

deuses estranhos. Kent limpou os resíduos de seu elmo e o pôs sobre a cabeça, e preparou seu arco.

"Agora eles podem chegar através da cordilheira, então Rike vai preparar uma emboscada nas ruínas do curtume com Maical e outros seis. Se alguém vier por aquele lado, deixem-no passar primeiro, para depois arrancar-lhe as tripas. Makin será nosso batedor para nos alertar. O bondoso padre aqui e vocês cinco aí ficam comigo para atraí-los."

Os irmãos não precisaram de uma segunda ordem. Bem, Jobe precisou, mas Rike o arrastou para longe da cerveja e não fez questão de ser gentil.

"Pilhagem!", Rike gritou na cara dele. "Comecem a cavar as armadilhas, seus idiotas de merda!"

Os rapazes sabiam como armar uma emboscada, sem vacilar. Ninguém era melhor do que eles em combater nas ruínas. Metade do tempo eles arruinavam vilarejos; na outra metade, lutavam em vilarejos arruinados.

"Burlow, Makin", eu os chamei, enquanto os demais cumpriam suas tarefas. "Não preciso de você como batedor, Makin", eu disse, falando baixo. "Quero que vocês dois se escondam nos arbustos próximos ao córrego. Escondam-se tão bem que qualquer bastardo poderia se sentar sobre vocês sem perceber que vocês estavam lá. Escondam-se e esperem. Vocês sabem o que fazer."

"Príncipe... irmão Jorg", disse Makin. Ele franzia o rosto e seus olhos erravam rua abaixo, na direção do velho Gomsty, que rezava ante a igreja carbonizada. "O que estamos fazendo?"

"Você disse que me seguiria aonde eu fosse, Makin", respondi. "O caminho começa aqui. Quando a lenda for escrita, esta será a primeira página. Um velho monge ficará cego iluminando esta página, Makin. É aqui que tudo começa." Eu não disse o quão curto o livro poderia ser.

Makin fez sua saudação, que não passava de meio aceno de cabeça, e saiu, com Burlow, o Gordo, apressando-se para acompanhá-lo.

Então os irmãos cavaram as armadilhas, prepararam suas flechas e se esconderam no pouco que restava de Norwood. Eu os observei, insultando sua lerdeza, mas mantendo a calma. E um a um – apenas o padre Gomst, meus cinco escolhidos e eu – permanecemos à vista. Os outros, pouco mais de duas dúzias, desapareceram nas ruínas.

O padre Gomst veio ao meu lado, ainda rezando. Imagino o quanto ele rezaria se realmente soubesse o que estava por vir.

Minha cabeça doía, como se um anzol enxertado atrás de meus olhos me arrastasse. A mesma dor que começou quando a visão do velho Gomsty me fez pensar em ir para casa. Uma dor conhecida, uma que senti muitas vezes nas curvas da estrada. Com frequência, eu deixava a dor me guiar. Mas estava cansado de ser um peixe que mordeu a isca. Estava pronto para morder o inimigo.

Vi o primeiro batedor na estrada do pântano, uma hora depois. Outros cavalgavam atrás e logo se juntaram a ele. Estava certo de que eles podiam nos ver, os sete, em pé, nos degraus da casa do burgomestre.

"Companhia", eu disse, e apontei para os cavaleiros.

"Malditos!" O irmão Elban cuspiu nas botas. Eu escolhera Elban porque ele não parecia grande coisa, um velho grisalho, mal-ajambrado em sua cota de malha enferrujada. Não tinha cabelo nem dentes, mas sabia morder. "Não são bandoleiros, veja só, parecem pôneis." Ele sibilou as palavras com a boca banguela.

"Sabe, Elban, você deve estar certo", eu disse, sorrindo. "Eu diria que eles parecem mais uma tropa particular."

"Senhor, tende piedade", ouvi o velho Gomsty murmurar logo atrás de mim.

Os batedores retrocederam. Elban recolheu suas coisas e correu para o campo do mercado, onde os cavalos pastavam.

"Não é isso o que você quer, meu velho", eu disse, gentilmente.

Ele se virou e pude ver o medo em seus olhos. "Você não vai me derrubar, vai, 'Chorg'?" Ele não conseguia pronunciar "Jorg" com os dentes faltando. Creio que é um nome impossível para um banguela.

"Não, não vou", disse. Eu quase gostava de Elban; não o mataria sem uma boa razão. "Para onde você vai fugir, Elban?"

Ele apontou para a cordilheira. "É o único caminho livre. Acabaremos emaranhados no pântano ou coisa pior."

"Você não vai querer atravessar a cordilheira, Elban", eu disse. "Confie em mim."

E ele confiou. Bem, talvez porque no fundo ele não confiasse em mim, se você entende o que quero dizer.

Ficamos ali e esperamos. Primeiro avistamos a coluna principal na estrada do pântano e logo os soldados surgiram sobre a cordilheira. Duas dúzias deles, uma tropa particular, carregando lanças e escudos que ostentavam as cores do Conde Renar. A coluna principal tinha uns sessenta soldados e atrás deles, numa fila esfarrapada, mais de cem prisioneiros, acorrentados aos pares pelo pescoço. Meia dúzia de carroças seguiam na retaguarda. As cobertas deviam estar cheias de provisões. As outras levavam cadáveres, empilhados como toras de madeira.

"A Casa Renar sempre queima os mortos. Eles não fazem prisioneiros", eu disse.

"Não entendo", disse o padre Gomst. Ele trocara o medo pela completa estupidez.

Eu apontei para as árvores. "Combustível. Estamos às margens de um pântano. Não há uma só árvore a quilômetros daqui. Eles querem uma fogueira intensa, então precisam trazer todos até aqui."

Eu tinha uma explicação para as ações de Renar, mas, assim como o padre Gomst, não estava certo se entendia minhas próprias ações. Todas as forças que eu demonstrava na estrada surgiram através de minha disposição para o sacrifício. Vieram no dia em que deixei minha vingança ao Conde Renar de lado, como uma coisa sem propósito. E ainda assim aqui estou eu, nas ruínas de Norwood, com uma sede que nem mesmo toda a cerveja do vilarejo poderia saciar. Esperando pelo mesmíssimo conde. Esperando com pouquíssimos homens, e com todos os meus instintos me ordenando fugir. Todos os meus instintos, exceto aquele que diz para matar ou morrer, mas nunca me render.

Podia ver, com alguma clareza, alguns rostos dos homens à frente da coluna. Seis soldados usando mantas leves de ferro e um cavaleiro com uma pesada armadura. A insígnia em seu escudo ficou visível quando ele se virou para sinalizar ordens de comando. Um corvo negro sobre um campo vermelho – um campo de fogo. Conde Osson Renar não comandaria cem homens através de um protetorado de Ancrath; então haveria de ser um de seus filhos. Marclos ou Jarco.

"Os irmãos não vão lutar contra essa multidão", disse Elban. Ele pôs a mão sobre minha ombreira. "Conseguiremos derrotar alguns e fugir, se alcançarmos os cavalos no caminho das árvores, Chorg."

Uns vinte homens de Renar se apressavam em direção às árvores, empunhando seus arcos para evitar surpresas.

"Não." Soltei um longo suspiro. "É melhor me render."

Estendi minha mão. "Bandeira branca, por favor."

As tropas do conde abriram caminho à medida que eu seguia em direção à coluna principal. Minha "bandeira" seria melhor descrita como cinza. Um cinza nada saudável, arrancado do genuflexório do padre Gomst.

"Herdeiro nobre!", gritei. "Herdeiro nobre sob a bandeira de trégua."

Isso os surpreendeu. As tropas particulares, espalhadas atrás de nossos cavalos, me deixaram passar pelo campo do mercado. Davam pena de ver. Placas de metal pendiam das peças de couro, suas espadas enferrujadas. Sentiam falta de casa. Há muito na estrada, não se acostumaram àquela vida.

"O garoto quer ser o primeiro na fogueira", disse um deles. Um bastardo magricelo, com um furúnculo em cada bochecha. Ele riu com a própria piada.

"Herdeiro nobre!", gritei. "Bandeira de trégua." Eu não esperava chegar tão longe empunhando minha espada.

Senti o fedor vindo da coluna e pude ouvir seus lamentos. Os prisioneiros viraram seus olhos vazados para mim.

Dois dos cavaleiros de Renar me interceptaram. "Onde você roubou essa armadura, garoto?"

"Vai se foder", eu disse. Mantive a educação. "Quem vocês deixaram no comando do espetáculo? Marclos?"

Eles trocaram olhares. Um cavaleiro errante provavelmente não reconheceria um dos filhos da Casa Renar.

"Não é sensato matar um prisioneiro nobre sem ordens prévias", falei. "Melhor deixar o condezinho decidir."

Ambos os cavaleiros desmontaram. Homens altos, pareciam veteranos. Tomaram minha espada. O mais velho, de barba escura e uma cicatriz branca sob os dois olhos, encontrou minha faca. O golpe havia decepado parte do seu nariz também.

"Você é todo esculhambado, não é?", perguntei.

Ele também encontrou a faca escondida na minha bota.

Eu não tinha um plano. A dor não deixava espaço livre na minha cabeça para um plano. Decidi ignorar a voz sem palavras que me guiara por tanto tempo. Ignorei pelo prazer de ser teimoso. E aqui estava eu, desarmado entre tantos adversários. Estúpido e sozinho.

Imaginei se meu irmão William podia me ver. Torci para que minha mãe não pudesse.

Imaginei se iria morrer. Se eles me queimariam ou me deixariam como um brinquedo mutilado para o padre Gomst levar de volta ao Castelo Alto.

"Todo mundo tem dúvidas", eu disse enquanto Navalhada terminava de me revistar. "Até mesmo Jesus teve as suas, e eu não sou Ele."

O homem me olhou como se eu fosse louco. Talvez fosse, mas eu havia encontrado minha paz. A dor me deixara e vi as coisas com clareza mais uma vez.

Eles me levaram até Marclos, montado num garanhão monstruoso, de um metro e meio ou mais. Marclos levantou sua viseira e mostrou seu rosto alegre, de bochechas gorduchas, deveras simpático. Aparências, é claro, enganam.

"Quem diabos é você?", ele perguntou.

Sua armadura era muito bonita, com um desenho em prata, gravado com ácido, lustrado para brilhar mesmo nos ambientes mais sombrios.

"Eu perguntei quem diabos é você." Suas bochechas ganharam um pouco de cor. Já não estava tão simpático. "Você vai cantar dentro do fogo, garoto, então é melhor falar agora."

Inclinei meu corpo, como se quisesse ouvi-lo melhor. Os guarda-costas tentaram me alcançar, mas eu fiz o velho jogo de corpo. Mesmo trajando minha armadura, eles eram lentos demais para mim. Usei o pé de Marclos, apoiado no estribo, como um degrau, e em dois tempos estávamos cara a cara. Ele tinha um belo punhal numa bainha estrategicamente posicionada na sela, então agarrei o punhal e o enfiei no seu olho. Saímos dali galopando através do campo do mercado. A primeira coisa que se aprende na estrada é como roubar um cavalo.

Saltamos um bocado, ele uivando e sacudindo atrás de mim. Um par de soldados tentou barrar nosso caminho, mas eu os atropelei. Não

iriam se levantar de novo, aquele garanhão era terrivelmente enorme. Os arqueiros devem ter atirado uma flecha ou três, mas não conseguiram se orientar daquela distância e seguimos em direção à vila.

Ouvi a guarda trovejando atrás de nós. Soava como se eles houvessem derrubado alguns homens. Aproximaram-se, mas nós os pegamos de surpresa, eu e Marclos, e começamos a atacar. Quando alcançamos os limites de Norwood eles já não eram tantos.

No primeiro prédio, eu contornei bruscamente e Marclos reagiu caindo de bruços. Mais um que não se levantaria de novo. Foi bom, não vou mentir. Imaginei o conde recebendo as notícias na hora do desjejum. Como ele reagiria? Terminaria de comer seus ovos?

"Homens de Renar!", gritei alto a ponto de ferir meus pulmões. "Esta vila está sob a proteção do Príncipe de Ancrath. Ela não será rendida."

Virei a montaria novamente e cavalguei. Umas poucas flechas zuniram atrás de mim. Ao chegar nos degraus, desci do cavalo.

"Você voltou..." O padre Gomst parecia confuso.

"Voltei", eu disse. E virei meu rosto para Elban. "Sem brigas agora, hein, irmão?"

"Você é louco." As palavras escaparam num sussurro. Por algum motivo, ele não sibilava ao sussurrar.

Os cavaleiros, guardas pessoais de Marclos, comandaram o ataque. Agora que tinham cinquenta soldados ao redor pareciam corajosos. Do alto da cordilheira, as duas dúzias de homens da tropa seguiram a deixa e puseram-se a correr ladeira abaixo. Os arqueiros começaram a emergir dos arbustos à procura de uma mira mais perfeita.

"Esses bastardos vão queimá-los vivos se vocês forem por aí", eu disse aos cinco irmãos que estavam comigo. Então me calei e os olhei, um a um, nos olhos. "Mas eles não querem morrer. Tampouco querem voltar ao conde. Você levaria ao velho incendiário Renar o seu filho morto,

amenizando a situação dizendo 'sim, sim, mas nós matamos os carniceiros... aquele garoto... e um velho desdentado...?'"

"Escutem o que eu digo. Lutem com esses soldados humilhados e deem a eles uma prova do inferno. Lutem como demônios e esses malditos vão desistir e correr." Calei-me e capturei o olhar do irmão Roddat, escorregadio como só, e que fugiria com ou sem motivo. "Você fica comigo, irmão Roddat."

Olhei para os arbustos, sobre as cabeças dos homens que oscilavam pelo campo do mercado, e vi um arqueiro cair entre as árvores. Então outro. Um ser de armadura emergiu do mato. Os arqueiros em frente a ele ainda observavam seu avanço. Ele arrancou a cabeça do primeiro com um corte preciso. *Obrigado, Makin*, eu pensei. Burlow, o Gordo, chegou numa carreira, rolando sua massa disforme sobre os arqueiros.

As tropas lá do topo passaram pela posição de Rike e seus rapazes arrancavam-lhes as tripas pelas costas. Não era o método preferido do Pequeno Rikey, mas a pilhagem sempre surtia um efeito sinistro nele.

ChuuUm! O nubano descarregou as flechas de sua balestra. Ele não conseguiria errar com tantos alvos, mas não seria justo dizer que era fácil escolher uma vítima com aquela arma. De qualquer maneira, duas flechas acertaram o peito do líder dos cavaleiros, içando-o para fora de sua sela. Kent e os outros dois surgiram por trás dos muros da casa do burgomestre. Eles hesitaram quando perceberam o que estava por vir, mas, se no seu estoque faltavam opções, flechas eles tinham de sobra.

As tropas de Renar caíram em cheio nos fossos de nossas armadilhas. Juro que ouvi um tornozelo estalar. Depois foram só berros, enquanto os homens despencavam uns sobre os outros. Kent, Mentiroso e Algazarra aproveitaram a oportunidade para mandar uma dúzia de flechas a mais na aglomeração principal. O nubano carregou sua monstruosidade novamente e, dessa vez, quase arrancou a cabeça de um

cavalo. O cavaleiro foi catapultado e o animal caiu sobre ele, esparramando miolos sobre o chão.

Alguns daqueles soldados já não gostavam mais tanto assim da estrada e tentaram achar um caminho pelas ruínas. É claro que encontraram mais do que um caminho – encontraram os irmãos que ali esperavam.

Os arqueiros foram os primeiros a desistir. Não há muito o que um homem sob uma túnica acolchoada portando uma faca no quadril possa fazer contra um espadachim decente, revestido de armadura de metal. E até mesmo Burlow era mais do que decente.

Três dos cavaleiros nos alcançaram. Não ficamos esperando na rua por eles. Nós nos jogamos de volta ao esqueleto do que costumava ser a Ferraria Decker. Chegaram devagar, esmagando as cinzas sob os cascos dos cavalos. De um vão sobre os fornos, Elban saltou sobre o primeiro deles. Derrubou o cavaleiro com gosto, acomodando seu pequeno e afiado punhal na vítima, sem parar. Lembram do que lhes disse? Elban sabia como morder.

Dois irmãos puxaram o segundo cavaleiro para baixo, fintando golpes a esmo até que ele abrisse a guarda. Ali não havia espaço para mover seu cavalo. Ele deveria ter fugido.

E com isso sobramos eu e Navalhada. Ele vinha com vontade e já havia desmontado antes de nos seguir. Aproximou-se de mim, calmo e tranquilo, a ponta de sua espada oscilando à sua frente. Não tinha pressa: não há razão para correria quando a melhor parcela de cinquenta homens está logo atrás de você.

"Trégua?", eu disse, para incitá-lo.

Ele não respondeu. Seus lábios se fecharam e ele deu um passo adiante, bem devagar. Foi quando o irmão Roddat surgiu por trás e atravessou-lhe a nuca com uma espada.

"Devia ter aproveitado a oportunidade, Navalhada", eu lhe disse.

Voltei para a rua a tempo de encontrar o grande filho de uma puta de um soldado de rosto vermelho que correra morro acima. Ele basicamente explodiu quando os dardos do nubano o acertaram. Então eles chegaram. O nubano tomou sua picareta e Kent, o Rubro, agarrou seu machado. Roddat abriu caminho com sua lança e encontrou um homem para perfurar.

Eles vieram em duas ondas. Havia a dúzia de homens que permanecia com o guarda-costas de Marclos e, logo atrás deles, mais uns vinte que andavam a passos lentos. Os demais estavam distribuídos ao longo da rua principal ou mortos pelas ruínas.

Passei correndo por Roddat e pelo homem que ele deformara. Passei por dois espadachins que não me desejavam com muito afinco, e assim venci a primeira onda. Eu podia ver aquele magricelo com os furúnculos nas bochechas logo ali, na segunda onda, o tal bastardo que fizera a piada sobre eu arder na fogueira.

Meu ataque à segunda onda, uivando pelo sangue do Senhor Furúnculo, foi a gota d'água para eles. E os homens da cordilheira? Nunca nos alcançaram. O Pequeno Rikey achou que eles carregavam pilhagens.

Calculo que mais da metade dos homens do conde fugiu. Mas eles não eram mais homens do conde. Não poderiam voltar para casa.

Makin subiu a colina, coberto de sangue. Ele parecia com Kent, o Rubro, no dia em que o encontramos! Burlow chegou com ele, mas parou para saquear os mortos e é claro que isto significava transformar os feridos em mortos.

"Por quê?", Makin queria saber. "Quero dizer, uma vitória soberba, meu príncipe... mas por que diabos nos arriscamos desta maneira?"

Empunhei minha espada. Os irmãos ao meu redor deram um passo para trás, mas, verdade seja dita, Makin não tirou o corpo fora. "Estão vendo esta lâmina? Não há sequer uma gota de sangue nela." E mostrei-

lhes a espada antes de acená-la para a cordilheira. “E ali existem cinquenta homens que nunca mais lutarão pelo Conde Renar novamente. Agora eles trabalham para mim. Vão espalhar a história de um príncipe que matou o filho do conde. Um príncipe que não se rendeu. Um príncipe que nunca se rende. Um príncipe que não precisou manchar sua espada de sangue para derrotar uma centena de soldados com apenas trinta homens.”

“Pense a respeito, Makin. Eu fiz Roddat lutar como um louco porque lhe disse que se eles pensarem que nós não vamos desistir eles desistirão. Agora eu tenho cinquenta inimigos que estão contando a quem quiser ouvir: ‘O Príncipe de Ancrath não se rende’. É um cálculo simples. Se eles acharem que nós não desistiremos eles desistem.”

Era a pura verdade. Não era o motivo, mas era verdade.



TRILOGIA DOS ESPINHOS

PRINCE OF THORNS

9

— QUATRO ANOS ATRÁS —

O bastão golpeou meu pulso num estalo ruidoso. Agarrei-o com minha outra mão. Tentei soltá-lo com uma torção, mas Lundist segurava com força. Ainda assim pude ver que ele estava surpreso.

"Quer dizer que estava realmente prestando atenção, Príncipe Jorg?"

Na verdade estava com a cabeça longe, em algum lugar sangrento, mas meu corpo mantém o hábito de ficar em vigília durante essas ocasiões.

"Talvez você possa resumir minha lição até agora", ele disse.

"Somos definidos por nossos inimigos. Isso é fato em relação aos homens e, por extensão, a seus países", respondi. Eu reconheci o livro que Lundist trouxera para a aula. Sermos moldados por nossos inimigos era sua tese central.

"Bom." Lundist puxou seu bastão e o apontou para o mapa. "Gelleth, Renar e os Pântanos de Ken. Ancrath é um produto de suas cercanias; esses

são os lobos à sua porta."

"Só o que me importa são as Terras Altas de Renar", eu disse. "O resto que se dane." Balancei minha cadeira e a equilibrei nas duas pernas de trás. "Quando meu pai ordenar o Portão contra o Conde Renar irei junto. Eu o matarei, se me permitirem."

Lundist lançou um olhar aguçado sobre mim, tentando ver se eu falava com convicção. Há algo errado naqueles olhos tão azuis num homem velho, mas, errados ou não, eles podiam enxergar minha alma.

"Meninos de dez anos ficarão em melhor companhia com Euclides ou Platão. Quando visitarmos a guerra, Sun Tzu será nosso guia. Estratégia e táticas são fundamentais, elas são as ferramentas de príncipes e reis."

Eu estava convicto. Sentia uma fome dentro de mim, uma ânsia pela morte do conde. As rugas ao redor dos lábios de Lundist me disseram que ele sabia quão profunda era essa fome.

Olhei pela janela mais alta, onde a luz do sol dedilhava a sala de aula e transformava a poeira em partículas bailantes de ouro. "Eu o matarei", disse. E continuei, numa súbita necessidade de causar repulsa: "Quem sabe usando um atiçador, da mesma maneira como matei Polegar, aquele símio". Sentia rancor por haver matado um homem e não guardar nenhuma lembrança do acontecido, sem ter um vestígio sequer da raiva que me levou ao assassinato.

Eu esperava novas verdades da parte de Lundist. Que ele as explicasse para mim, que explicasse quem eu era. Independentemente das palavras, aquela era minha pergunta, da juventude para a velhice. Mas até mesmo os tutores têm seus limites.

Balancei de volta, para frente, apoiei minhas mãos sobre o mapa e olhei para Lundist mais uma vez. E vi piedade. Parte de mim queria aceitá-la, queria dizer a ele o quanto eu lutara contra aqueles espinhos, como eu havia testemunhado William morrer. Parte de mim almejava abandonar

aquilo tudo, o fardo que eu carregava, a dor ácida da memória, a corrosão do ódio.

Lundist inclinou-se sobre a mesa. Seus cabelos caíram sobre seu rosto, longos ao estilo oriental, tão brancos que eram quase prateados. “Somos definidos por nossos inimigos – mas também podemos escolhê-los. Seja um inimigo do ódio, Jorg. Faça assim e você poderá ser um grande homem e talvez até, o que é mais importante, um homem feliz.”

Há algo frágil dentro de mim que se romperia antes de se curvar. Algo pontudo, que perfura todas as palavras suaves que um dia eu possuí. Não creio que o Conde de Renar tenha colocado essa arma dentro de mim no dia em que mataram minha mãe – ele tão somente desembainhou a lâmina. Parte de mim ansiava por uma rendição, desejava aceitar o presente que Lundist me oferecia.

Eu decepei esse pedaço de minha alma que, por bem ou por mal, morreu naquele dia.

“Quando o Portão marchará?” Não deixei escapar nada que desse a entender que ouvira suas palavras.

“A Guarda do Portão não marchará”, disse Lundist. Seus ombros se curvaram em cansaço ou derrota.

Aquilo foi um soco no estômago, um golpe de surpresa ultrapassando minhas defesas. Saltei, tombando a cadeira. “Eles vão!” Como assim eles não vão?

Lundist se virou em direção à porta. Com o movimento, seu roupão produziu um ruído seco, quase como um suspiro. A descrença me alfinetou, minhas pernas não me pertenciam. Pude sentir o calor subindo em minhas bochechas. “Como assim não vão?”, gritei às suas costas, enfurecido por me sentir como uma criança.

“Ancrath é definida por seus inimigos”, ele disse, caminhando tranquilamente. “A Guarda do Portão deve proteger nossa terra e nenhum outro exército haverá de enfrentar o conde em seus domínios.”

“A rainha foi morta.” A garganta de minha mãe se abriu novamente e coloriu minha visão de vermelho. Os espinhos queimaram em minha pele mais uma vez. “Um príncipe do reino assassinado.” Quebrado como um brinquedo.

“E há um preço que precisa ser pago.” Lundist parou, uma mão na porta, inclinada como se procurasse apoio.

“O preço de sangue e ferro!”

“Direitos sobre o Rio Cathun, três mil ducados e cinco garanhões da Arábia.” Lundist não me olhou nos olhos.

“O quê?”

“Comércio fluvial, ouro, cavalos.” Aqueles olhos azuis me encontraram sobre seus ombros. A mão envelhecida segurou a argola da porta.

As palavras fizeram sentido uma de cada vez, não todas em conjunto.

“A guarda...”, comecei.

“Não marchará.” Lundist abriu a porta. O dia avançou, brilhante, quente, enfeitado com a risada distante de escudeiros se divertindo.

“Irei sozinho. Aquele homem morrerá, gritando, pelas minhas mãos.” Uma fúria congelante rastejou sob minha pele.

Eu precisava de uma espada, um bom punhal pelo menos. Um cavalo, um mapa – surrupiei aquele que estava a minha frente, velho, mofado, as bordas enfeitadas com tintura indu. Eu precisava... de uma explicação.

“Como? Como suas mortes podem ser compradas?”

“Seu pai forjou a aliança com os reinos da Costa Equina através do casamento. A força dessa aliança ameaçava o Conde Renar. O conde agiu logo, antes que os elos se fortalecessem demais, na esperança de remover tanto a esposa quanto os herdeiros.” Lundist deu um passo rumo à luz e seus cabelos ficaram dourados, com um halo ao redor. “Seu pai não tem a força para destruir Renar e manter os lobos do lado de fora das portas de Ancrath. Seu avô, na Costa Equina, jamais aceitará isso. A aliança, então,

caiu por terra e Renar está a salvo. Agora Renar procura a trégua e ele deve voltar suas forças para outras fronteiras. Seu pai lhe vendeu essa trégua."

Por dentro eu caía, despencava, desmoronava. Caía num abismo sem fundo.

"Venha, príncipe." Lundist me ofereceu sua mão. "Vamos caminhar sob o sol. Hoje não é um dia para aulas teóricas."

Eu amassei o mapa e, em algum lugar dentro de mim, encontrei um sorriso, afiado, amargo, mas com uma frieza que servia bem a meus propósitos. "Claro, querido tutor. Vamos caminhar lá fora. Este não é um dia para ser desperdiçado – ah, não."

E fomos lá fora e todo o calor do dia não conseguiu derreter o gelo que havia dentro de mim.



A cutelaria é um trabalho sujo. Ainda assim,
o irmão Grumlow nunca deixa rastros.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

PRINCE OF THORNS

10

Tínhamos um prisioneiro. Um dos cavaleiros de Marclos provou não estar tão morto quanto se esperava. Uma péssima notícia para ele, no fim das contas. Makin fez com que Burlow e Rike trouxessem o homem a mim, nos degraus da casa do burgomestre.

"Disse que se chama Renton. 'Sir' Renton, se você não se importa", disse Makin.

Olhei o sujeito de cima a baixo. Um belo hematoma embrulhava sua testa e um abraço repentino com a terra-mãe deixou seu nariz um tanto mais achatado do que ele gostaria. Barba e bigode podem ter sido aparados cuidadosamente, mas viraram uma bagunça só, cobertos de sangue.

"Caiu de seu cavalo, não foi, Renton?", perguntei.

“Você apunhalou o filho do Conde Renar enquanto empunhava uma bandeira branca”, ele disse. Sua voz soou um tanto cômica quando ele falou “empunhava” e “filho”. Um nariz quebrado faz dessas com você.

“Apunhalei sim”, eu disse. “Não consigo imaginar nenhuma situação em que eu não o apunhalasse.” Capturei o olhar de Renton; ele tinha pequeninos olhos vesgos. Não deve ter sido grande coisa na corte. Na escadaria, coberto de lama e sangue, ele se parecia mais com as fezes de um rato. “Se eu fosse você estaria mais preocupado com meu próprio destino do que em saber se Marclos foi ou não apunhalado seguindo o que mandam as etiquetas sociais.”

É claro que aquilo era uma mentira. Se estivesse no lugar dele eu estaria procurando uma oportunidade para enfiar uma faca em mim. Mas eu sei o suficiente para entender que a maioria dos homens não compartilha de minhas prioridades. Como diria Makin, algo dentro de mim se rompera, mas não estava tão quebrado a ponto de eu não me lembrar do que se tratava.

“Minha família é rica, eles pagarão meu resgate”, disse Renton. Falou rapidamente, nervoso, como se finalmente entendesse a situação em que se encontrava.

Eu bocejei. “Não, eles não pagarão. Se eles fossem ricos você não estaria cavalgando em cota de malha como um dos soldados de Marclos.” Bocejei novamente, escancarando minha boca até que meu maxilar estalasse. “Maical, traga-me um copo da cerveja do festival, por favor.”

“Maical morreu”, disse Rike, atrás de Sir Renton.

“Não!”, eu disse. “Maical, o Idiota? Eu pensei que Deus o havia abençoado com a mesma sorte dos bêbados e dos loucos.”

“Bem, ele está praticamente morto”, disse Rike. “Um dos homens de Renar o presenteou com uma bela porção de ferro oxidado nas tripas. Nós o deixamos agonizando à sombra.”

“Comovente”, eu disse. “Agora traga minha cerveja.”

Rike rosnou e esbofeteou Jobe para que ele se encarregasse da incumbência. Voltei a Sir Renton. Ele não parecia feliz, mas também não parecia tão triste quanto era de se esperar de um homem naquelas condições. Seus olhos seguiam procurando o padre Gomst. Aí está um homem com fé numa força superior, pensei.

“Então, Sir Renton”, comecei. “O que trouxe o jovem Marclos aos protetorados de Ancrath? O que o conde acha que está fazendo por aqui?”

Alguns dos irmãos juntaram-se ao redor da escadaria para assistir ao show, mas a maioria ainda pilhava os mortos. Dinheiro é ótimo, portátil, mas os irmãos não se dariam por satisfeitos. Eu esperava ver o baú das cabeças amontoado de armas e armaduras quando partíssemos. Botas também; há três tiras de cobre num par de botas bem-feito.

Renton tossiu e limpou o nariz, espalhando coágulos negros pelo seu rosto. “Não conheço os planos do conde. Não faço parte do seu conselho particular.” Levantou o olhar para o padre Gomst. “Deus é testemunha.”

Eu me inclinei para bem perto dele, que fedia azedo, como queijo sob o sol. “Deus é testemunha, Renton. Ele assistirá à sua morte.”

Deixei a frase no ar. Sorri para o velho Gomsty. “Você poderá velar pela alma desse cavaleiro, padre. Já os pecados da carne – deixe-os comigo.”

Rike me entregou o copo de cerveja e tomei um gole. “O dia em que você se cansar da pilhagem, Pequeno Rikey, será o dia que você vai se cansar de viver”, eu disse. Na escadaria, os irmãos soltaram risadas. “Por que você ainda está aqui quando poderia estar retalhando os mortos à procura de um fígado de ouro?”

“Quero ver você humilhar esse cara de ratazana”, disse Rike.

“Então você ficará desapontado”, eu disse. “Sir Cara de Ratazana vai me dizer tudo o que preciso saber e eu não vou sequer aumentar meu tom de voz. Quando acabar, irei entregá-lo ao novo burgomestre de Norwood. Os camponeses provavelmente o queimarão vivo e para ele isso será um alívio.” Mantive o tom coloquial. Creio que as ameaças mais veladas são aquelas que alcançam os melhores resultados.

Nos pântanos, eu fiz um homem morto correr de pavor, com nada além daquilo que carrego dentro de mim. Ocorreu-me que aquilo que assustou o morto talvez conseguisse preocupar um pouco o vivo também.

Sir Renton não soou muito apavorado, no entanto. “Você apunhalou um homem bom hoje, garoto, e na sua frente há um homem melhor do que você. Você não passa de bosta no meu sapato.” Eu havia ferido seu orgulho. Afinal, ele era um cavaleiro e eu não passava de um garoto imberbe caçoando dele. Além disso, a solução que eu lhe oferecia era ser queimado vivo. Ninguém considera essa opção um alívio.

“Quando eu tinha nove anos, o Conde de Renar tentou me matar”, eu disse. Mantive a voz calma. Não foi difícil. Eu estava calmo. A raiva carrega menos terror, os homens entendem a raiva. Ela promete resoluções; talvez resoluções sangrentas, mas imediatas. “O conde falhou, mas eu vi minha mãe e meu irmão caçula serem mortos.”

“Todos morrem”, Renton disse. Ele cuspiu um troço de sangue nos degraus. “Por que com você seria diferente?”

Era um bom argumento. O que fazia com que minha perda e minha dor fossem mais importantes do que as de qualquer outra pessoa?

“Boa pergunta”, eu disse. “Uma pergunta boa pra caralho.”

E era mesmo. Não haveria mais do que um punhado entre os prisioneiros da comitiva de Marclos que não viram seus filhos, maridos, mães ou amantes serem assassinados. E assassinados na semana

passada. Esse era o meu alívio – comparar a compaixão desses camponeses às dores sentidas por um jovem há quatro anos.

"Pode me considerar um orador", eu disse. "Quando o palco nos chama para atuar, alguns homens são mais eloquentes do que outros. Alguns homens nascem com um talento natural para o arco e flecha." Acenei para o nubano. "Alguns homens conseguem acertar na mosca a centenas de metros. Eles não miram melhor porque assim desejam, não são mais certeiros porque defendem o que é justo. Eles apenas atiram com mais precisão. Agora, quanto a mim... eu apenas me vingo melhor do que a maioria. Você pode considerar um dom."

Renton gargalhou e cuspiu novamente. Dessa vez eu vi parte de um dente misturado ao sangue. "Você acha que é pior do que o fogo, garoto? Eu vi homens queimarem. Muitos homens."

Ele tinha um ponto. "Você tem ótimos argumentos, Sir Renton", eu disse.

Eu olhei as ruínas ao redor. Paredes derrubadas e esqueletos de madeira escurecida a escorar telhados que serviram de abrigo por anos e anos. "Não vai ser fácil reconstruir isto aqui", eu disse. "Muitos martelos e muitos pregos." Tomei um gole da cerveja. "É no mínimo curioso – pregos suportam edificações, mas não há nada melhor para destroçar um homem." Eu capturei os olhos de ratazana de Sir Renton, duas contas escuras. "Não sinto prazer em torturar pessoas, Sir Renton, mas sou muito bom torturando. Não um campeão, se você entende o que quero dizer. Covardes são os melhores torturadores. Covardes entendem o medo e sabem como usá-lo. Já os heróis são péssimos torturadores. Não enxergam o que motiva um homem comum. Eles interpretam tudo errado. Não conseguem pensar em nada pior do que denegrir a sua honra. Um covarde, por outro lado, vai amarrá-lo a uma cadeira e acender um fogo lento debaixo de você. Não sou um herói nem um covarde, mas eu trabalho com o que tenho."

Renton teve o bom-senso de ficar pálido ao ouvir minhas palavras. Ele ergueu sua mão enlameada para o padre Gomst. “Padre, eu não fiz nada além de servir ao meu mestre.”

“Padre Gomst rezará por sua alma”, eu disse. “E perdoe-me os pecados a que eu estarei exposto ao separá-la de seu corpo.”

Makin arqueou seus lábios grossos. “Príncipe, há pouco você falou sobre como interromperia o ciclo de vingança. Você poderia começar aqui. Você pode deixar Sir Renton partir.”

Rike olhou para Makin como se ele houvesse enlouquecido. Burlow, o Gordo, prendeu o riso.

“Eu falei sobre isso, Makin”, eu disse. “Eu quebrarei o ciclo.” Desembainhei minha espada e a deitei sobre meus joelhos. “Você sabe como quebrar o ciclo do ódio?”, perguntei.

“Com amor”, sussurrou Gomst.

“O jeito de quebrar o ciclo é matar cada um dos filhos das putas que foderam com você”, eu disse. “Até não restar nenhum. Matar todos eles. Matar suas mães, matar seus irmãos, matar suas crianças, matar seus cães.” Corri meu polegar pela lâmina da espada e observei o sangue carmesim surgir do ferimento. “As pessoas pensam que eu odeio o conde, mas na verdade sou um grande divulgador dos seus métodos. Ele só comete duas falhas. A primeira é: ele vai longe, mas não longe o suficiente. A segunda: ele não sou eu. De qualquer maneira, ele me ensinou lições muito valiosas. E quando nos encontrarmos eu lhe agradecerei com uma morte rápida.”

O velho Gomsty começou o sermão. “O Conde Renar agiu errado, Príncipe Jorg. Perdoe-o, mas não o agradeça. Ele queimará no inferno pelo que fez. Sua alma imortal sofrerá por toda a eternidade.”

Tive que rir em voz alta. “Clérigos, hein? Numa hora é o amor, depois o perdão, e então que venham as chamas eternas. Pode descansar em paz, Sir Renton, não tenho interesses na sua alma imortal. O que quer

que aconteça entre nós terminará em um ou dois dias. Três, no máximo. Não sou o mais paciente dos homens, então terminarei assim que você me disser o que eu quero saber, caso contrário me enfadonho."

Levantei-me do degrau e fui me agachar próximo a Sir Renton. Afaguei sua cabeça. Eles amarraram suas mãos para trás e eu vesti minhas luvas da armadura. Se ele tivesse a intenção de me morder não adiantaria nada.

"Eu jurei ao Conde Renar", ele disse. Tentou se afastar e ergueu seu pescoço para olhar o velho Gomsty. "Diga-lhe, padre, eu jurei perante Deus. Se quebrar meu voto arderei no inferno."

Gomst se aproximou e pôs a mão sobre o ombro de Renton. "Príncipe Jorg, este cavaleiro fez um voto sagrado. Há poucos juramentos mais sagrados do que o de um cavaleiro para seu lorde soberano. Você não deve pedir que ele quebre o juramento. Nem devem as ameaças carnais compelirem um homem a trair um pacto e para sempre condenar sua alma às chamas do Diabo."

"Aqui vai um teste de fé para você, Sir Renton", eu disse. "Vou lhe contar uma história e veremos se me dirá os planos do conde depois que eu acabar." Sentei no degrau atrás dele e virei minha cerveja. "Quando fugi de casa, eu tinha o quê...? Dez anos de idade. Havia muita raiva dentro de mim e uma necessidade de saber como o mundo funcionava. Veja bem, eu assistira aos homens do conde assassinarem meu irmão, William, e abrirem minha mãe com uma espada. Então soube que as coisas não aconteciam do jeito que eu imaginava. E, é claro, eu me senti mal-humorado – não foi, Rikey?"

Rike riu daquele seu jeito: "*hur, hur, hur*". Penso que ele fazia o som quando achava que nós esperávamos ouvir uma gargalhada. Não havia nenhuma alegria naquele riso.

"Então resolvi experimentar a tortura. Tinha dúvidas se eu conseguiria ser perverso. Pensei que talvez recebesse uma mensagem

divina para me apoderar do trabalho do Diabo."

Ouvi Gomst murmurando preces ou danações. Era verdade. Por muito tempo eu procurei uma mensagem para tentar entender as coisas que estava fazendo.

Pus minha mão sobre o ombro de Renton. Ele estava sentado com minha mão sobre o ombro esquerdo e a mão de Gomst sobre o direito. Poderíamos ser o Diabo e o anjo desses velhos pergaminhos sussurrando em seus ouvidos.

"Nós capturamos o bispo Murillo, perto do morro Jedmire", eu disse. "Estou certo de que você ouviu sobre o infortúnio de sua missão. De qualquer maneira, os irmãos me entregaram o bispo. Eu era como uma mascote para eles na época."

O nubano se levantou e saiu em direção à colina. Eu o deixei ir. O nubano não tinha estômago para esse tipo de coisa. Isso fazia eu me sentir – não sei – sujo? Gostava do nubano, ainda que não deixasse transparecer.

"O bispo Murillo era todo cheio de palavras e juízos severos. Ele tinha muito o que me falar sobre o fogo do inferno e sobre danação. Nós sentamos e discutimos sobre esse lance de almas. Então eu martelei um prego no seu crânio. Bem aqui." Estendi-me e toquei o local na cabeça oleosa de Renton. Ele recuou como se uma abelha o ferroasse. "O bispo mudou um pouco de tom depois disso. Para falar a verdade, toda vez que eu martelava um novo prego ele mudava de tom. Depois de um tempinho ele se tornou um homem completamente diferente. Sabia que dá para partir um homem em pedaços desse jeito? Um prego vai resgatar memórias da infância. Outro vai trazer ira, ou soluços, ou risos. No fim das contas, é como se fôssemos apenas brinquedos, fáceis de quebrar e difíceis de consertar."

"Ouvi que as freiras de São Alstis ainda tomam conta do bispo Murillo. Ele é uma pessoa bem diferente hoje em dia. Ele agarra os

hábitos delas e balbucia coisas horríveis, é o que dizem. Onde foi parar a alma daquele homem orgulhoso e piedoso que nós capturamos da caravana papal? Bem, eu não saberia dizer."

Depois dessa, eu fiz surgir, "num passe de mágica", um prego entre meus dedos. Um cravo enferrujado, de oito centímetros. O homem molhou as calças. Ali mesmo, nos degraus. Burlow praguejou e lhe deu um chute violento. Assim que recuperou o fôlego, Renton me contou tudo o que sabia. Levou quase uma hora. Aí nós o entregamos aos camponeses e eles o queimaram.

Assisti aos bons homens de Norwood dançarem ao redor do fogo. Assisti às chamas lambendo sobre suas cabeças. Há um padrão no fogo, como se houvesse algo escrito nele, e existem alguns que afirmam ser capazes de ler as chamas. Eu não sou. Mas seria ótimo encontrar respostas. Eu tinha perguntas: foi minha sede pelo sangue do conde que me levou à estrada. Mas, de um jeito ou de outro, acabei desistindo. De um jeito ou de outro, deixei a vingança de lado e disse a mim mesmo que ela era um sacrifício desnecessário.

Tomei mais um gole de cerveja. Quatro anos na estrada. Estava sempre indo a algum lugar, sempre fazendo alguma coisa, mas agora, com meus pés apontados em direção ao lar, eu me senti como se estivesse perdido o tempo todo. Perdido ou guiado.

Tentei me lembrar de quando desisti do conde e do porquê. Nada me veio à mente, apenas imagens de minha mão numa porta e a sensação de despencar.

"Eu vou para casa", disse.

A dor incessante entre meus olhos se tornou um prego enferrujado, cravado bem fundo. Terminei minha cerveja, mas não surtiu efeito. Eu sentia uma sede muito mais antiga.



TRILOGIA DOS ESPINHOS

PRINCE OF THORNS

II

— QUATRO ANOS ATRÁS —

Segui Lundist rumo ao dia.

"Espere." Ele bloqueou meu tórax com seu bastão. "Não compensa andarmos às cegas. Especialmente aqui, no seu próprio castelo, onde a familiaridade esconde tanto – até mesmo quando temos olhos para enxergar."

Paramos por um momento na escada, nossas pálpebras se acostumaram à claridade do sol, deixamos o calor nos encharcar. Deixar a escuridão da sala de aula não foi uma grande surpresa. Por quatro dias, a cada sete, meus estudos me mantinham ao lado de Lundist, às vezes na sala de aula, no observatório ou na biblioteca, mas quase sempre as horas passavam como uma caça ao tesouro. Quer fossem os mecanismos de uma catapulta guardada no Salão Arnheim ou o mistério da luz dos Construtores que

brilhava sem chamas no saleiro, cada parte do Castelo Alto continha uma lição que Lundist poderia desenterrar.

"Escute", ele disse.

Conhecia esse jogo. Lundist defendia que um homem observador é um homem de destaque. Tal homem pode ver oportunidades enquanto os outros apenas enxergam obstáculos na superfície de cada situação.

"Escuto madeira batendo na madeira. Espadas de treinamento. Os escudeiros brincando", eu disse.

"Alguns não considerariam uma brincadeira. Mais além! Algo mais?"

"Escuto canto de pássaros. Cotovias." Lá estava ele, um fiapo prateado de som, escondido, tão doce e suave que não percebi a princípio.

"Mais além."

Fechei os olhos. O que mais? O verde lutava contra o vermelho dentro de minha cabeça. O estalido das espadas, os grunhidos, respirações ofegantes, a briga abafada entre o sapato e a pedra, a canção das cotovias. O que mais?

"Um farfalhar." No limiar de minha audição – eu estava provavelmente imaginando coisas.

"Bom", disse Lundist. "Do que se trata?"

"Não são asas. É mais profundo do que isso. Algo no vento", eu disse.

"Não venta no pátio", disse Lundist.

"Mais alto então." Eu saquei. "Uma bandeira!"

"Que bandeira? Não olhe. Apenas me diga." Lundist pressionou o bastão com mais força.

"Não é a bandeira do festival. Não é a bandeira do rei. Ela tremula no muro norte. Não é o brasão, não estamos em guerra." Não, não era o brasão. Qualquer curiosidade que havia em mim morreu ao me lembrar da compra feita pelo Conde Renar. Algo me veio à cabeça: se eles tivessem me assassinado também, o preço pelo perdão teria sido mais alto? Quem sabe um cavalo a mais?

"Então?", perguntou Lundist.

"A bandeira de execução, preto sobre escarlate", eu disse.

Sempre foi assim comigo. As respostas surgem quando paro de pensar e começo a falar. O melhor plano que consigo bolar é aquele que aparece quando entro em ação.

"Bom."

Abri meus olhos. A luz já não me incomodava mais. Bem acima do pátio, a bandeira de execução fluía sob a brisa ocidental.

"Seu pai ordenou que os calabouços fossem limpos", disse Lundist. "Uma multidão considerável estará presente no dia de São Crispim."

Eu sabia que aquilo era um eufemismo. "Enforcamentos, decapitações, empalações, meu Deus!"

Fiquei pensando se Lundist tentaria me proteger desses procedimentos. Senti o canto da minha boca repuxar, convencido de que ele jamais imaginara que eu tivesse visto tais horrores. Durante as execuções em massa do ano anterior, minha mãe nos fez visitar Lorde Nassar nas suas terras em Elm. William e eu tivemos o forte de Elm quase que inteiro à nossa disposição. Depois eu soube que quase toda a Ancrath convergiu para o Castelo Alto a fim de assistir aos jogos.

"Horror e entretenimento são armas do Estado, Jorg." Lundist manteve seu tom neutro, seu rosto inescrutável, salvo por uma compressão nos lábios, sugerindo que as palavras eram de mau gosto. "Execução combina ambos os elementos." Ele olhou a bandeira fixamente. "Antes de viajar e ser escravizado pelo povo de sua mãe, eu morava em Ling. No Extremo Oriente, a dor é uma forma de arte. Os soberanos, e consequentemente os seus territórios, são conhecidos pelas torturas extravagantes que aplicam. Para eles é uma competição."

Nós assistimos ao duelo dos escudeiros. Um cavaleiro alto dava instruções, algumas vezes usando seu punho.

Por alguns minutos eu não disse nada. Imaginei o Conde Renar à mercê de um mestre torturador das terras de Ling.

Não – eu queria seu sangue e sua morte. Eu queria que ele morresse sabendo por que morria, sabendo quem empunhava a espada. Mas e sua dor? Deixe-o arder no inferno.

"Lembre-me de não ir a Ling, tutor", eu disse.

Lundist sorriu e caminhou através do pátio. "Não está nos mapas de seu pai."

Nós passamos perto do ringue do duelo e eu reconheci o cavaleiro por sua armadura, um deslumbrante conjunto de metal com arabescos de prata incrustada em ácido por todo o peitoral.

"Sir Makin de Trent", eu disse. Virei-me para encará-lo. Lundist deu alguns passos antes de perceber que eu me afastara do seu lado.

"Príncipe Honório." Sir Makin prestou uma curta reverência. "Mantenha a guarda levantada, Cheeves!", ladrou a instrução para o mais velho dos garotos.

"Pode me chamar de Jorg", eu disse. "Soube que meu pai o fez capitão da guarda."

"Ele encontrou falhas em meu antecessor", disse Sir Makin. "Espero realizar minhas obrigações atendendo às expectativas do rei."

Eu não via Sir Grehem desde o ataque a nossa carruagem. Suspeitei que o incidente acabou custando ao antigo capitão da guarda ainda mais do que custou ao Conde Renar.

"Vamos torcer para que sim", eu disse.

Makin passou a mão por seus cabelos, escuros e molhados de suor pelo calor do dia. Ele tinha um rosto levemente carnudo, expressivo, mas você nunca o confundiria com alguém sem vigor.

"Não quer se juntar a nós, Príncipe Jorg? Uma boa esquiva de direita há de servir melhor em tempos turbulentos do que quaisquer livros que possa ler." Ele abriu um sorriso. "Se suas feridas já estiverem curadas o bastante, é claro."

Lundist pôs a mão sobre meu ombro. “O príncipe ainda se recupera de seus ferimentos.” Ele cravou aqueles olhos demasiadamente azuis sobre Sir Makin. “Você deveria considerar a leitura da tese de Proximus sobre a segurança da realeza. Isto é, se deseja evitar ter o mesmo destino de Sir Grehem. Está na biblioteca.” Lundist começou a conduzir-me para fora dali. Eu resisti, com base apenas num princípio.

“Eu acredito que o príncipe sabe o que se passa em sua própria cabeça, tutor.” Sir Makin iluminou Lundist com um sorriso largo. “Proximus pode me poupar dos seus conselhos. Um cavaleiro confia no seu próprio discernimento e no peso de sua espada.”

Sir Makin pegou uma espada de madeira do carrinho à sua esquerda e me ofereceu a empunhadura. “Vamos lá, meu príncipe. Vamos ver do que é capaz. Se importaria de treinar com o jovem Stod?” Ele apontou ao menor dos escudeiros, um rapaz fracote que deveria, talvez, ter um ano a mais do que eu.

“Ele.” Apontei para o maior deles, um grandalhão desajeitado de quinze anos ostentando uma juba ruiva. Eu peguei a espada.

Sir Makin ergueu uma sobrancelha e escancarou ainda mais o sorriso. “Robart? É isso o que quer, enfrentar Robart?”

Ele deu um passo em direção ao garoto e deu um tapa em sua nuca. “Este aqui é Robart Hool, o terceiro filho da Casa Arn. De todos os alunos desse lote infeliz ele é o único com chances de se destacar algum dia. Ele leva jeito com a espada, não é mestre Hool?” Sir Makin balançou a cabeça. “Melhor lutar com Stod.”

“Melhor não lutar com nenhum deles, Príncipe Jorg.” Lundist escondeu sua irritação o melhor que pôde. “É uma tolice. Você ainda não está recuperado.” Com seu olhar, Lundist fulminou o sorridente capitão da guarda. “O Rei Olidan não será cordial com os que forem relapsos com seu único herdeiro.”

Sir Makin franziu as sobrancelhas, mas eu pude ver que a situação fora longe demais para que ele deixasse seu orgulho de lado e aceitasse ordens. “Pegue leve com o garoto, Robart. Bem leve.”

“Se esse ruivo mongoloide não lutar de verdade vou me encarregar de que ele jamais se torne cavaleiro. No máximo poderá limpar o estrume dos cavalos após as justas”, eu disse.

Avancei em direção ao escudeiro e ergui a cabeça para poder enxergar seu rosto. Sir Makin se meteu entre nós, com uma espada de treinamento em sua mão esquerda. “Primeiro, um breve teste, meu príncipe. Quero ter certeza de que conhece bem os fundamentos, o suficiente para não se ferir.”

Sua espada estalou contra a minha e deslizou para fora, apontada contra meu rosto. Eu a golpeei para longe e executei um meio a fundo. O cavaleiro subjugou facilmente o meu avanço; tentei avançar contra sua guarda, mas ele golpeou minhas pernas e eu mal consegui contê-lo.

“Nada mal. Nada mal.” Ele inclinou a cabeça. “Você foi instruído decentemente.” Ele contraiu os lábios. “Quantos anos você tem, doze?”

“Dez.” Eu o vi devolver sua espada de madeira ao carrinho. Ele era destro.

“Está bem.” Sir Makin posicionou os escudeiros num círculo ao nosso redor. “Vamos ao duelo. Robart, não dê moleza ao príncipe. Ele é bom o suficiente para perder sem sofrer grandes danos, além de ferir seu orgulho.”

Robart cresceu para cima de mim, cheio de sardas e de confiança. Eu me concentrei. Senti o sol em minha pele, o arenito entre a sola de meus sapatos e as pedras do pavimento.

Sir Makin ergueu a mão. “Esperem.”

Ouvi as vozes prateadas das cotovias, invisíveis sob o manto azul que nos encobria. Ouvi o tremular da bandeira de execução.

“Lutem!” A mão abaixara.

Robart veio ligeiro, golpeando por baixo. Deixei minha espada cair no chão. A pancada acertou meu lado direito, logo abaixo das costelas. Estaria

cortado em dois... se a lâmina não fosse de madeira. Mas ela era. Eu o acertei na garganta, com a borda da mão, um golpe oriental que Lundist me ensinara. Robart foi ao chão como se uma parede cedesse sobre ele.

Eu o vi estremecer. Por um instante vi Polegar, de quatro, na Sala de Cura, o fogo à nossa volta e o sangue jorrando de sua nuca. Senti o veneno em minhas veias, os espinhos em minha pele, a necessidade básica de matar – a emoção mais pura que jamais senti.

"Não." A mão de Lundist segurou meu pulso, interrompendo meu movimento em direção ao garoto. "Basta."

Nunca basta. As palavras em minha cabeça, ditas por uma voz que não era a minha, uma voz que me acompanhou no espinheiro e durante minha febre.

Por algum tempo, nós observamos o rapaz caído no chão, engasgando e ficando roxo.

As estranhezas me abandonaram. Peguei minha espada e a devolvi a Sir Makin.

"Na verdade, Proximus é seu, capitão, e não de Lundist", eu disse. "Proximus era um sábio borthanense do século VII. Seu ancestral. Talvez você devesse ler o trabalho dele, afinal de contas. Eu odiaria que entre mim e meus inimigos só houvesse Robart e sua opinião.

"Mas..." Sir Makin mordeu seus lábios. Parecia que lhe faltavam argumentos além desse "mas".

"Ele trapaceou." O jovem Stod achou as palavras que os outros procuravam.

Lundist já começara a andar. Eu me virei para acompanhá-lo e então olhei para trás.

"Isso não é um jogo, Sir Makin. Você ensina esses garotos a jogar limpo e eles sempre irão perder. Não é um jogo."

E quando erramos, não podemos comprar um passe livre. Nada de cavalos, nada de ouro.

Nós chegamos ao Portão Vermelho, no extremo oposto ao pátio.

"O garoto poderia estar morto", disse Lundist.

"Eu sei", respondi. "Leve-me para ver os prisioneiros que o meu pai mandou matar."



TRILOGIA DOS ESPINHOS

PRINCE OF THORNS

12

— QUATRO ANOS ATRÁS —

Há mais do Castelo Alto sob a terra do que acima dela. Deveria se chamar Castelo Profundo, na verdade. Levamos um tempo até chegarmos às masmorras. Ouvimos os grunhidos de um andar acima, através das paredes de pedra-dos-construtores.

"Esta visita há de ser uma má ideia", disse Lundist, estacando ante uma porta de ferro.

"É minha ideia, tutor", eu lhe disse. "Achei que quisesse que eu aprendesse com os meus erros."

Outro grito chegou até nós, gutural, com um timbre rouco, um som animalesco.

"Seu pai não aprovaria esta visita", disse Lundist. Ele cerrou os lábios numa linha fina, trêmula.

“Esta é a primeira vez que evoca a sabedoria de meu pai para solucionar um problema. Que vergonha, tutor Lundist.” Nada me interromperia naquele momento.

“Existem coisas que uma criança...”

“Tarde demais, esse cavalo já disparou. O estábulo pegou fogo.” Eu abri caminho e golpeei a porta com o punho de minha adaga. “Abram.”

Um chacoalhar de chaves e a porta deslizou para dentro, sobre dobradiças lubrificadas. A onda de fedor que saiu de lá por pouco não me asfixia. Um velho verruguento, em trajes de carcereiro, pôs o rosto para fora e abriu a boca para falar.

“Calado”, eu disse, pressionando sua língua com a extremidade cortante de minha adaga.

Entrei, seguido de perto por Lundist.

“Você sempre me disse para olhar antes e tecer meus próprios julgamentos, Lundist”, eu disse. Eu o respeitava por isso. “Agora não é hora para melindres.”

“Jorg...” Ele estava arrasado, eu ouvia em sua voz, arruinado por emoções que eu não compreendia e por uma lógica que eu conseguia entender. “Príncipe...”

O grito surgiu novamente, muito mais alto dessa vez. Já tinha ouvido aquele som antes. Ele havia me empurrado, tentando me deter. A primeira vez que ouvi aquele tipo de dor, a dor de minha mãe, algo me deteve. Poderia lhe afirmar que foi a roseira-brava que me deteve. Posso lhe mostrar as cicatrizes. Mas à noite, antes dos sonhos chegarem, uma voz sussurra que foi o medo que me deteve, que o horror me manteve nos espinhos, a salvo, enquanto os via morrer.

Mais um grito, ainda mais terrível e mais desesperado que o de todos os outros. Eu senti os espinhos em minha pele.

“Jorg!”

Eu tirei as mãos de Lundist de cima de mim e corri em direção ao som.

Não precisei correr muito. Logo parei na entrada de uma sala larga, iluminada por tochas, com celas ocupando três paredes. No centro, dois homens estavam em lados opostos de uma mesa à qual um terceiro homem se encontrava acorrentado. O maior dos dois carcereiros segurava um atiçador de ferro e mantinha uma de suas extremidades numa cesta abarrotada de carvão em brasa.

Nenhum dos três notou minha chegada, assim como nenhum dos rostos pressionados contra as janelas gradeadas nas portas das celas se virou em minha direção. Eu entrei. Ouvi Lundist se aproximar da entrada e parar para observar aquela cena, assim como eu havia feito.

Eu me aproximei e o carcereiro que não segurava o atiçador olhou para mim. Pulou como se recebesse uma ferroada. "Que porra é..." – ele sacudiu a cabeça, sem conseguir terminar a frase, tentando acreditar no que via. "Quem? Quer dizer..."

Eu imaginava que torturadores seriam homens terríveis com rostos cruéis, de lábios finos, nariz adunco e olhos demoníacos, sem alma. Foi um choque descobrir que eram, na verdade, tão ordinários. O menor deles tinha um quê de simples, de um jeito quase amigável. Suave, eu diria.

"Quem é você?" Este tinha uma aparência mais abrutalhada, mas eu conseguia imaginá-lo bebendo, gargalhando ou ensinando seu filho a jogar bola.

Eu não estava com minhas vestes da corte. Trajava apenas uma simples túnica para usar na sala de aula. Não havia motivo para que os carcereiros me reconhecessem. Eles deveriam entrar nas masmorras pelo Portão dos Vilões e provavelmente nunca caminharam pelo castelo lá acima.

"Sou Jorg", eu disse, com a pronúncia de um servente. "Meu tio pagou ao cara-de-verruga do portão para que ele me deixasse ver os prisioneiros." Eu apontei para Lundist. "Iremos às execuções amanhã. Eu queria ver os criminosos de perto."

Não estava olhando para os carcereiros. O homem sobre a mesa atraiu minha visão. Só havia visto um homem de pele escura antes – o escravo de um nobre sulista que visitou a corte de meu pai. Mas aquele homem era pardo. O sujeito sobre a mesa tinha a pele mais negra do que nanquim. Ele virou a cabeça em minha direção, devagar, como se ela pesasse feito chumbo. O branco dos seus olhos parecia brilhar em meio àquela negrura toda.

"Cara-de-verruga? Rá, essa é boa." O maior dos carcereiros relaxou e tomou seu atiçador de ferro novamente. "Se tiver uns dois ducados aí para mim e para o meu amigo Grebbin eu não vejo problema em você ficar aqui pra ver este sujeito berrar."

"Berrec, isso aí não está certo." Grebbin franziu sua testa enorme. "Ele é só uma criança, você sabe."

Berrec retirou o atiçador do carvão e o apontou para Grebbin. "Você não vai querer me impedir de ganhar um ducado, meu amigo."

O peito do negro reluziu sob o ferro em brasa. Queimaduras horrendas marcavam suas costelas, a carne vermelha inchou como terra recém-arada. Eu podia sentir o suave odor de carne assada.

"Ele é muito preto", eu disse.

"Ele é um nubano, é isso o que ele é", disse Berrec, fazendo careta. Deu uma boa olhada no atiçador e o retornou ao fogo.

"Por que está queimando ele?" Eu me sentia desconfortável sob o escrutínio do nubano.

Minha pergunta deixou os dois confusos por um instante. Os sulcos da testa de Grebbin ficaram ainda mais marcados.

"Este homem tem o Diabo no corpo", disse Berrec, finalmente. "Todos os nubanos têm. A maioria é pagã. Ouvi que o padre Gomst, o sacerdote do rei, em pessoa, mandou queimar todos os pagãos." Berrec pousou a mão sobre a barriga do nubano, num toque terrivelmente suave. "Nós só

estamos encrespando este aqui um pouco, antes que o rei venha assistir a sua morte amanhã."

"Sua execução." Grebbin pronunciou a palavra com a precisão de quem já realizara aquele serviço muitas vezes.

"Executar, matar, qual a diferença? O destino deles todos são os vermes." Berrec cuspiu no carvão.

O nubano manteve seu olhar em mim, estudando-me em silêncio. Senti algo que não sabia definir. Por alguma razão pareceu errado continuar ali. Rangi meus dentes e encontrei seu olhar.

"O que ele fez?", perguntei.

"Fez?", arrotou Grebbin. "Ele é um prisioneiro."

"Que crime ele cometeu?"

Berrec deu de ombros. "Ser pego."

Lundist falou, do outro lado da porta: "Creio... Jorg, que todos os prisioneiros que serão executados são bandidos, capturados pelo exército da fronteira. O rei ordenou a captura para evitar ataques a Norwood e a outros protetorados vindos pela Estrada dos Cadáveres."

Desviei meu olhar dos olhos do nubano e observei as marcas da tortura. Onde a pele permanecia sem queimaduras queloides formavam um padrão de símbolos, de desenho simples, mas impressionantes. Uma tanga imunda pendia de seus quadris. Seus pulsos e tornozelos estavam presos por grilhões de ferro, trancados por pinos simples. Sangue melava as curtas correntes que ancoravam os grilhões à mesa.

"Ele é perigoso?", perguntei, aproximando-me. Eu podia saborear a carne queimada.

"Sim." O nubano sorriu ao responder, com dentes encardidos de sangue.

"Cale a boca, pagão." Berrec retirou o atiçador do carvão. Uma chuva de faíscas voou enquanto ele erguia o atiçador incandescente até o nível dos olhos. O brilho o deixou mais feio. Lembrei-me da noite maldita, quando os relâmpagos iluminaram os rostos dos homens do Conde Renar.

Eu me virei para o nubano. Se ele estivesse observando o ferro eu o teria deixado ali.

"Você é perigoso?", eu lhe perguntei.

"Sim."

Puxei o pino de seu bracelete.

"Então me mostre."



TRILOGIA DOS ESPINHOS

PRINCE OF THORNS

13

— QUATRO ANOS ATRÁS —

O nubano foi rápido. O mais impressionante, no entanto, não era sua velocidade, mas a sua falta de hesitação. Ele alcançou o pulso de Berrec. Um puxão repentino fez com que o carcereiro se estatelasse sobre ele. O atiçador na mão esgarçada de Berrec perfurou Grebbin entre as costelas, fundo o suficiente para fazer Berrec soltá-lo enquanto Grebbin se contorcia.

Sem interrupções, o nubano levantou seu torso até quase ficar sentado, o mais ereto que seu pulso acorrentado lhe permitia. Berrec deslizou do peito do nubano, escorregando em suor e sangue, até o seu colo. Ele tentou se levantar. O cotovelo descendente do nubano pôs um fim à tentativa de fuga. Acertou a nuca de Berrec e os ossos rangeram.

Grebbin gritou, é claro, mas os gritos eram muito comuns nas masmorras. Ele tentou escapar, mas havia perdido seu senso de direção e acabou

golpeando a porta de uma cela com força suficiente para que a ponta do atiçador atravessasse sua omoplata. O impacto o derrubou e ele não se levantou mais. Revirou-se por um momento, balbuciando algo, mas apenas baforadas de fumaça e vapor escapavam de seus lábios.

Gritos de euforia vieram das celas, cheias de ocupantes estúpidos demais para saber a hora de ficar calados.

Lundist poderia ter escapado. Ele teve tempo de sobra. Eu esperava que fosse buscar ajuda, mas ele estava logo ao meu lado na hora que Grebbin atingiu o chão. O nubano empurrou Berrec para um canto e liberou seu outro pulso.

"Corra!", gritei a Lundist, caso a ideia ainda não lhe tivesse ocorrido.

Sim, ele estava correndo, só que na direção errada. Eu sabia que o tempo fora generoso com ele, mas não imaginava que ainda fosse tão rápido.

Mudei de lugar para colocar a mesa e o nubano entre mim e Lundist.

O nubano soltou os pinos dos dois tornozelos enquanto Lundist se aproximava. "Leva o garoto, velhote, e se manda." Ele tinha a voz mais profunda que eu jamais ouvira.

Lundist fitou o nubano com seus olhos azuis desconcertantes. Seu manto sossegou, esquecendo-se da correria. Lundist levou as mãos ao peito, uma sobre a outra. "Se você partir agora, homem de Nuba, eu não irei impedi-lo."

Isso gerou uma gargalhada geral vinda das celas.

O nubano olhava Lundist com a mesma intensidade que eu havia visto anteriormente. Ele tinha alguns centímetros a mais do que meu tutor, mas era a diferença de volume que fazia daquele um confronto entre Davi e Golias. Enquanto Lundist era esguio como uma lança, o nubano tinha muito mais peso, sustentado por grossas placas de músculos sobre ossos pesados.

O nubano não riu de Lundist. Talvez ele enxergasse algo além do que os prisioneiros conseguiriam. "Vou levar meus irmãos comigo."

Lundist ponderou a respeito e deu um passo atrás. “Jorg, aqui.” Ele continuou encarando o nubano.

“Irmãos?”, perguntei. Não via nenhum outro rosto negro nas barras.

O nubano abriu um sorriso. “Uma vez, eu tive irmãos de cabana. Eles estão muito longe, talvez estejam mortos.” Ele abriu seus braços, o sorriso se tornou uma meia careta enquanto ele sentia as queimaduras. “Mas os deuses me deram novos irmãos, irmãos da estrada.”

“Irmãos da estrada.” Eu rolei as palavras em minha língua. Uma visão de Will reluziu em minha cabeça – sangue e madeixas. Havia uma força aqui. Podia sentir.

“Mate os dois e me tire daqui.” Uma porta à minha esquerda tremeu como se um touro se inquietasse atrás dela. Se o corpo combinasse com a voz haveria um ogro naquela cela.

“Você me deve a vida, nubano”, eu disse.

“Sim.” Ele puxou as chaves do cinto de Berrec e deu um passo na direção da cela à minha esquerda. Acompanhei seu passo, mantendo-o entre mim e Lundist.

“Você vai me dar uma vida em troca”, disse.

Ele parou, observando Lundist. “Vai com o seu tio, garoto.”

“Você me dará uma vida, irmão, ou então me pagará com a sua”, eu disse.

Mais gargalhadas vieram das celas e dessa vez o nubano acompanhou os demais. “Quem você quer morto, irmãozinho?” Ele pôs a chave na fechadura.

“Eu lhe direi quando nós o virmos.” Se eu fosse específico e dissesse Conde Renar levantaria muitas dúvidas. “Eu vou com vocês.”

Lundist se apressou ao ouvir isso. Ele girou em torno do nubano e lhe aplicou um chute na parte de trás do joelho. Ouvi um estalo enquanto o negro ia ao chão.

O nubano girou ao cair e se lançou contra Lundist. De algum jeito, o velho conseguiu se esquivar e quando o nubano se estatelou a seus pés

Lundist chutou-lhe o pescoço, um golpe que silenciou suas palavras e o deixou inerte sobre o chão de pedras.

Eu quase escapei, mas os dedos de Lundist se entrelaçaram em meus cabelos esvoaçantes. “Jorg! Você está indo para o lado errado!”

Tentei me livrar, rosnando. “Ah, não, estou indo para o lado certo.” E eu sabia que era verdade. A selvageria do nubano, os laços entre aqueles homens, o foco no que faz a diferença – em qualquer situação –, tudo aquilo ecoava dentro de mim.

Pelo canto do olho percebi a porta da cela se abrindo. O estalo havia sido da chave girando.

Lundist segurou meus ombros e me forçou a encará-lo. “O seu lugar não é entre estes homens, Jorg. Você não pode imaginar a vida que eles levam. Eles não têm as respostas que você procura.” Ele disse com tanta intensidade que eu quase acreditei que se importava.

Uma figura emergiu da cela, inclinando-se para o corredor. Eu nunca vira um homem tão grande, nem Sir Gerrant, o Guardião da Távola; ou Shem, o cavalariço; nem mesmo lutadores eslavos.

O homem surgiu atrás de Lundist, rápido como um trovão.

“Jorg. Você pensa que eu não entendo...” – um braço gigantesco silenciou Lundist e o mandou direto para o chão de pedras, com tanta força que eu estremeceria mesmo se o tutor não tivesse arrancado um punhado dos meus cabelos ao despencar.

O homem bloqueou meu caminho, um gigante horroroso vestido de trapos, com seu cabelo pendendo como cortinas emaranhadas. Sua estatura me hipnotizou. Ele veio em minha direção e eu reagi devagar demais. A mão que me agarrou quase conseguia dar uma volta completa em minha cintura. Ele me levantou até ficarmos cara a cara e sua crina imunda partiu quando ele olhou para cima.

“Jesus, você é uma tremenda ofensa para os olhos.” Podia ver que ele ia me matar, então eu não tinha motivos para ser educado. “Vejo por que o

rei deseja executá-lo."

Mesmo no anonimato das celas, as gargalhadas hesitaram. Não se fazia piada de um homem daqueles. Nada em seu rosto era delicado: linhas de expressão abrutalhadas, uma cicatriz e a saliência dos ossos sob a pele áspera. Ele me ergueu para me arremessar nas pedras, como se jogasse um ovo ao chão.

"Não!"

Sob o braço do gigante, eu pude ver um ancião e também um jovem ruivo que ajudavam o nubano a ficar de pé.

"Não", disse o nubano mais uma vez. "Eu devo a vida a ele, irmão Price. Além do mais, sem o garoto você ainda estaria em sua cela, esperando pelos prazeres de amanhã."

O irmão Price me deu seu olhar de maldade impessoal e me deixou cair como se eu não mais existisse. "Deixe-os ir", disse num grunhido.

O nubano entregou as chaves ao ancião. "Irmão Elban." Então se aproximou de onde eu caíra. Lundist estava jogado ali perto, encarando o chão. Uma poça de sangue se formava ao redor de sua testa.

"Foram os deuses que o enviaram, garoto, para me soltar desta mesa." O nubano passou os olhos pelos instrumentos de tortura e então olhou para Lundist. "Agora você vem com os irmãos. Se encontrarmos o homem que deseja ver morto eu o mato. Quem sabe?"

Cerrei os olhos. Não gostei daquele "quem sabe".

Olhei Lundist por um momento. Não saberia dizer se ele ainda respirava. Senti um fantasma da culpa que talvez eu devesse estar sentindo, o formigamento de um membro amputado que ainda incomodava mesmo que a carne não estivesse mais lá há tempos.

Fiquei ao lado do nubano, com Lundist a meus pés, e observei os marginais soltarem seus camaradas. Quando dei por mim estava encarando o calor alaranjado do carvão, rememorando.

Lembrei-me de um tempo em que minha vida era uma mentira. Vivia num mundo de coisas suaves, verdades mutáveis, toques sutis, risos sem razão. A mão que me puxou da carruagem naquela noite, que me retirou do colo aquecido de minha mãe e me atirou aos prantos na noite chuvosa, aquela mão me jogou através de um porta pela qual não posso mais retornar. Todos nós passamos por essa porta, mas tentamos sair por nossa própria vontade, aos poucos, tomando fôlego, caindo e tentando.

Nos dias após minha fuga e minha doença vi meus velhos sonhos ficarem murchos e debilitados. Vi minha vida de criança amarelar e cair de cima da árvore, como se um vento áspero viesse assombrar a primavera. Foi um choque perceber o quão pouco minha vida significava. Quão mesquinhos eram as cavernas e os fortes nos quais William e eu brincamos com uma convicção tão feroz; quão tolos eram nossos brinquedos sem a intensidade de uma imaginação inocente para animar suas existências.

Enquanto estivesse acordado eu sentia um incômodo, uma dor que crescia toda vez que remexia as lembranças com minhas mãos. E eu voltava a ela, de novo e de novo, como uma língua no vão de um dente caído, atraído pela ausência.

Eu sabia que ela me mataria.

A dor virou minha inimiga. Mais do que o Conde Renar, mais do que meu pai barganhando vidas que lhe deveriam ser mais importantes do que a coroa, a glória, ou Jesus no calvário. E, graças à teimosia que habitava dentro mim, em alguma trincheira de negação egoísta, eu não me permitiria, ainda que aos dez anos de idade, me render a nada ou a ninguém. Eu lutei contra essa dor. Analisei suas ofensivas e descobri suas linhas de ataque. Ela inflamava, como o pus de uma ferida azeda, retirando-me as forças. Éramos tão íntimos que eu conhecia o remédio. Ferro em brasa para a infecção, cauterizar, queimar, purificar. Eu cortei fora toda a fraqueza do querer-bem que havia em mim. O amor pelos meus mortos eu deixei de lado, guardado numa urna, um objeto de estudo, uma evidência

seca, que já não sangrava mais, livre, sem restrições. A capacidade de um novo amor eu incinerei. Eu a lavei com ácido até que o solo se tornasse improdutivo e que dele nada brotasse, nenhuma flor criasse raízes.

"Vamos."

Olhei para cima. O nubano falava comigo. "Vamos. Estamos prontos."

Os irmãos se juntaram à nossa volta formando uma gama de maltrapilhos fedorentos. Price segurava a espada de um dos carcereiros. A outra brilhava na mão de um segundo gigante, apenas um pouco mais baixo, um pouco mais leve, um pouco mais novo e tão similar fisicamente que ele só poderia ter saído do mesmo útero que Price.

"Vamos ter que abrir caminho para fugir daqui." Price testou a ponta de sua espada contra a barba rala que crescia em seu queixo. "Burlow, você vem na frente comigo e com Rike. Gemt e Elban, vocês ficam na retaguarda. Se o garoto atrapalhar, matem."

Price escrutinou a câmara a seu redor, cuspiu, e partiu para o corredor.

O nubano pôs a mão sobre meu ombro. "Você deveria ficar." Ele acenou na direção de Lundist. "Mas se você vier não fique para trás."

Olhei para Lundist. Eu podia ouvir as vozes me pedindo para ficar, vozes familiares, mas distantes. Eu sabia que o velho andaria sobre brasas para me salvar, não porque ele temesse a ira do meu pai, mas porque... sim. Eu podia sentir as correntes que me atavam a ele. Os ganchos. Eu senti a fraqueza novamente. Senti a dor surgir de rachaduras que pensei que estivessem seladas.

Olhei para o nubano. "Não vou ficar para trás", eu disse.

O nubano franziu os lábios, deu de ombros e foi atrás dos outros. Saltei sobre Lundist e o segui.



Assassinar é o mesmo que matar, mas com um toque extra de precisão. O irmão Sim é preciso.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

PRINCE OF THORNS

14



avalgamos para fora de Norwood. Os lavradores nos observavam, ressentidos e confusos, e Rike xingava a todos. Como se ele houvesse tido a ideia de salvá-los da fogueira de Renar e agora eles devessem lhe agradecer. Nós os deixamos com as ruínas de seu próprio vilarejo, decorado com os cadáveres dos homens que o destruíram. Uma compensação duvidosa, especialmente depois que Rike e os irmãos saquearam dos mortos tudo o que podia valer alguma coisa. Calculei que chegaríamos na Cidade de Crath ao anoitecer, cavalgando rápido, e que confrontaríamos os portões do Castelo Alto antes de a lua aparecer.

Eu não devia estar voltando para casa, retomando velhos caminhos e pensando mais uma vez sobre minha vingança contra o Conde de Renar. Era isso o que meus instintos diziam. Mas hoje os instintos falaram com uma voz velha e seca e eu não pude mais confiar neles.

Queria ir para casa, talvez porque alguma coisa não quisesse que eu fosse. Eu queria ir para casa e se o Diabo aparecesse para tentar me impedir ele só conseguiria aumentar minha vontade. Nós seguimos pela Estrada do Castelo, através dos jardins de Ancrath. Nosso caminho passava por riachos gentis, entre pequenas florestas e fazendas quietas. Havia esquecido quão verde eram aquelas terras. Cresci acostumado com lama batida, campos queimados, céus cinzentos de fumaça e mortos apodrecendo no chão. O sol nos encontrou, achando caminho através de uma nuvem alta. No calor, nossa coluna diminuiu o passo até que os cascos dos cavalos produzissem um ritmo preguiçoso. Gerrod parou num portão de três barras que conduzia a uma cerca viva. Além dele, um campo dourado de trigo. Gerrod arrancou nacos de hera do poste. Parecia que Deus havia regado a terra com mel, suave e docemente, deixando tudo calmo. Norwood ficava a vinte e cinco quilômetros, e uns mil anos, para trás.

"É bom estar de volta, hein, Jorg?" Makin parou ao meu lado. Ele se inclinou em seus estribos e se embebedou do ar. "Sinta o cheirinho de casa."

Eu senti. O aroma de terra morna me trouxe de volta, de volta a um tempo em que meu mundo era pequeno, e seguro.

"Odeio este lugar", eu disse. Ele ficou chocado com minha declaração, e Makin não era homem de se chocar com facilidade. "É um veneno que os homens tomam por vontade própria, e que os enfraquece."

Meus calcanhares fizeram Gerrod se apressar pela estrada. Makin me alcançou e trotou ao meu lado. Passamos por Rike e Burlow numa encruzilhada. Os dois atiravam pedras num espantalho.

"Homens brigam por sua terra natal, príncipe", disse Makin. "É a terra que eles defendem. O rei e a terra."

Eu me virei para gritar aos retardatários. "Fechem o cerco!"

Makin manteve o passo, esperando uma resposta. “Deixe os soldados morrerem por sua terra”, eu lhe disse. “Se chegar a ocasião em que precise sacrificar estes campos para sair vitorioso, eu os deixarei arder em segundos. Tudo aquilo que você não pode sacrificar se torna um fardo. Transforma você em alguém previsível, fraco.”

Trotamos em direção ao oeste, tentando alcançar o sol.

Logo encontramos as sentinelas em Chelny Ford. Ou melhor, elas nos encontraram. Devem ter nos avistado da torre de vigília e cinquenta homens apareceram na Estrada do Castelo para bloquear nosso caminho.

Parei poucos metros antes dos lanceiros, que atravessavam o caminho como duas fileiras eriçadas de cerca viva. O resto dos soldados esperou atrás do paredão, com as espadas desembainhadas, salvo uma dúzia de arqueiros agrupados no milharal à nossa direita. Um grupo de novilhos, no campo oposto, nos viu chegar, e nos investigou morosamente.

“Homens de Chelny Ford”, eu gritei. “É bom vê-los. Quem é o comandante?”

Makin veio atrás de mim. Os demais irmãos fizeram fila depois dele, calmos em suas selas.

Um homem alto deu um passo à frente entre dois lanceiros, mas não foi um passo muito longo, não se tratava de um idiota. Vestia as cores de Ancrath sobre uma malha de aço e um elmo redondo de ferro que lhe chegava às sobrancelhas. À minha direita, dúzias de dedos tencionavam cordas de arcos. À minha esquerda, os novilhos observavam por trás da cerca, ruminando complacentemente.

“Sou o capitão Coddin.” Ele teve que elevar a voz enquanto uma das vacas deixou escapar um mugido. “O rei contrata mercenários na Feira de Relston. Bandos armados não podem perambular em Ancrath. Informem suas intenções.” Ele manteve os olhos em Makin, esperando uma resposta.

Não me importava em ser tratado como criança, mas aquilo não era hora nem lugar para aceitar uma ofensa. Além do mais, o velho Coddin parecia saber o que fazia. Pôr o irmão Gemt para dormir era uma coisa, mas dar fim a um capitão de meu pai era outra.

Minha viseira já estava levantada, então retirei logo meu elmo. "Padre Gomst!" Chamei o sacerdote e os irmãos abriram caminho na fileira de cavalos, com alguns resmungos, para que o velho pudesse passar. Não era uma figura agradável de se ver. Havia arrancado a barba que cresceu durante seus dias naquela gaiola, mas uns tufos grisalhos ainda decoravam seu rosto em cachos aleatórios e seus hábitos sacerdotais pareciam mais ser lama do que roupa.

"Capitão Coddin", eu disse. "Você conhece este homem, o padre Gomst?"

Coddin arqueou uma sobrancelha. Seu rosto era pálido e ficou mais pálido ainda. Sua boca ficou marcada, como a de um homem que sabe ser motivo de uma piada que ele mesmo ainda não entendeu. "É", ele disse. "O sacerdote real." Ele bateu os calcanhares e inclinou a cabeça, como se estivesse na corte. Uma cena engraçada de se ver aqui na estrada, com o pio dos pássaros sobre nós e o fedor das vacas impregnando o ambiente.

"Padre Gomst", eu disse. "Diga ao capitão Coddin quem sou eu."

O velho empertigou-se um pouco. Ele esteve lânguido e apagado desde Norwood, mas agora tentava encontrar uma ou duas migalhas de autoridade.

"O Príncipe Honório Jorg Ancrath se encontra à sua frente, capitão. Estava perdido, mas agora encontrou seu caminho e se dirige à corte real de seu pai. Você tomará a sábia decisão de providenciar uma escolta apropriada..." Ele me espiou, destruindo os traços de coragem que ainda aparentava manter sob os tufos idiotas de sua barba. "E um banho."

Sorrisos silenciosos apareceram de ambos os lados de nosso impasse. Não vale a pena subestimar um membro do clero. Eles conhecem o poder das palavras e sabem como usá-las em favor próprio. Minha mão ansiava pelo punho de minha espada. Vi a cabeça do velho Gomst cair de seus ombros, quicando uma, duas vezes, e rolando até parar sob os cascos de uma novilha malhada. Deixei a visão de lado.

"Nada de banho. Já é hora de a corte sentir um pouco do fedor da estrada. Palavras gentis e banho de rosas podem agradar à nobreza, mas aqueles que batalham na guerra vivem sujos. Eu retorno até meu pai como um homem que partilhou da sina dos soldados. Deixe-o conhecer a verdade." Deixei minhas palavras pairando no ar e mantive meu olhar em Gomsty. Ele teve a sensatez de olhar para o lado.

Meu discurso não levantou uma salva ruidosa, mas Coddin acenou com a cabeça e não tivemos mais menção a banhos. Uma pena, diga-se de passagem, já que eu desejava um banho quente desde que decidi voltar para casa.

Coddin deixou o segundo em comando liderar a guarnição e cavalgou conosco. Sua escolta de duas dúzias de cavaleiros expandiu nosso montante a quase sessenta homens. Makin carregava uma lança do arsenal Ford, tremulando as cores e o brasão real de Ancrath. Os cavaleiros da tropa espalharam a notícia nos vilarejos pelos quais atravessaríamos. "O Príncipe Jorg, o Príncipe Jorg voltou do além." A notícia se antecipava à nossa chegada e por cada vila que passávamos a recepção era maior e mais calorosa. O capitão Coddin enviou um cavaleiro direto ao rei, antes de deixarmos Chelny Ford, mas mesmo sem a sua mensagem eles saberiam de nós no Castelo Alto muito antes que nós chegássemos lá.

Na Vila de Bains, uma faixa atravessava a rua principal. Ostentando alaúdes e clavicórdio, seis menestréis com mais paixão do que talento tocavam "A Espada do Rei". Malabaristas jogavam bastões em chamas e

um urso dançava em frente ao poço do moinho. E a multidão! As pessoas estavam tão amontoadas que não havia como cavalgar entre elas. Uma mulher gorda, usando um vestido largo como uma tenda e listrado como o pavilhão de um torneio, avistou-me entre a comitiva. Ela apontou para mim e soltou um guincho que abafou os menestréis: "Príncipe Jorg! O príncipe roubado!" A multidão enlouqueceu, entre lágrimas e vivas. Eles avançaram como loucos. Coddin conseguiu armar seus homens rapidamente. Perdoei seu menosprezo anterior por causa disso. Se os lavradores chegassem perto de Rike nós teríamos um massacre.

Na Estrada dos Cadáveres, os irmãos se assustaram mais, só que foi a única vez que os vi mais apavorados do que lá na Vila de Bains. Nenhum deles soube o que fazer. A mão esquerda de Grumlow nunca soltou sua adaga. Kent, o Rubro, rosnava como um maníaco, com horror em seu olhar. Ainda assim eles aprenderiam rápido. Quando percebessem as boas-vindas que nos aguardavam. Quando vissem as tavernas e as putas. Não conseguiria tirá-los da vila em menos de uma semana.

Um dos menestréis achou uma corneta e uma nota áspera atravessou o tumulto. Guardas, de mantos vermelhos sobre cotas de malha pretas, abriram caminho, e ninguém menos do que o Lorde Nossar de Elm surgiu a nossa frente. Eu o reconheci dos tempos da corte. Ele parecia um tanto mais gordo dentro daquela armadura ornada de ouro e veludo, mais grisalho na barba que pendia sobre seu peitoral, mas ainda assim era o bom e velho Nossar que, tempos atrás, me carregou em seus ombros.

"Príncipe Jorg!" O velho embargou a voz por um segundo. Eu conseguia ver as lágrimas brilhando em seus olhos. Aquilo me cativou, acertou alguma coisa dentro do meu peito. Não gostei disso.

"Lorde Nossar", retruquei, e deixei um sorriso curvar meus lábios. O mesmo sorriso que dei para Gemt antes de presenteá-lo com minha

faca. Vi uma centelha nos olhos de Nossar. Um breve momento de dúvida.

Ele se recompôs. “Príncipe Jorg! Quando já não tínhamos esperanças você voltou. Eu chamei o mensageiro de mentiroso, mas ei-lo aqui.” Ele tinha a voz grave, encorpada, brilhante. O velho Nossar falava e você sabia que era verdade, que ele gostava de você, sua voz oferecia um afago e um refúgio. “Você honrará minha casa, Príncipe Jorg, e passará a noite conosco?”

Eu podia ver os irmãos trocando olhares, devorando as mulheres da multidão com os olhos. O poço do moinho ardia de vermelho sob o poente. Ao norte, além da linha escura da Floresta Rennat, a fumaça da Cidade de Crath manchava o céu de negro.

“Meu senhor, é um convite muito gentil, mas eu tenho a intenção de dormir esta noite no Castelo Alto. Afastei-me por muito tempo.”

Eu podia ver sua preocupação à mostra em cada veio de seu rosto. Ele desejava dizer algo, mas não ali. Eu me perguntava se meu pai o mandara para me deter.

“Príncipe...” Ele ergueu a mão, seus olhos procuravam pelos meus.

Senti novamente aquele fisgar em meu peito. Ele me levaria até seus salões e discursaria sobre os velhos tempos com aquela sua voz dourada. Falaria sobre William e sobre minha mãe. Se havia um homem capaz de me desarmar, Nossar era esse homem.

“Eu agradeço pela recepção, Lorde Nossar”, retribuí, com a formalidade da corte, e pus um ponto final na conversa.

Precisei puxar as rédeas para fazer Gerrod virar. Acho que até os cavalos gostavam de Nossar. Guiei os irmãos pela trilha ao redor do rio, pisoteando os nabos de algum fazendeiro. Os camponeses davam vivas, sem muita noção do que estava acontecendo, mas ainda assim davam vivas.

Chegamos ao Castelo Alto pelo caminho do desfiladeiro, evitando as cercanias da Cidade de Crath. As luzes estiravam-se sob nós. Ruas salpicadas de tochas acesas, o brilho do fogo e das lâmpadas sobre janelas ainda não fechadas para impedir o frio da noite. As lanternas dos vigias pontuavam a muralha da Cidade Velha, um semicírculo inclinado que descia até o rio, onde as casas se espalhavam além dos muros, dentro do vale. Chegamos à Cancela Oeste, o lugar onde poderíamos alcançar a Cidade Alta sem trafegarmos pelas ruelas estreitas da Cidade Velha. Os guardas içaram as portas levadiças para passarmos, primeiro uma, depois a outra, depois mais outra. Dez minutos de roldanas estalando e correntes retinindo. Eu me perguntava por que as três portas estavam arriadas. Por acaso nossos inimigos estavam tão perto que precisávamos triplicar os portões da Grande Muralha?

O capitão da cancela saiu enquanto seus homens suaram para içar a última das portas levadiças. Arqueiros observavam do alto de parapeitos. Aqui não havia faixas. Reconheci vagamente o homem de cabelos grisalhos, tão velho quanto Gomst. Foi de sua expressão amarga que eu mais me lembrava, contraída ao redor da boca como se ele acabasse de chupar um limão.

"Príncipe Jorg, eu suponho?" Ele me escrutinou, erguendo sua tocha quase até meu rosto. Claro que meu olhar era parecido o suficiente com o do rei para satisfazer a sua curiosidade. Ele abaixou a tocha rapidamente e deu um passo atrás. Já me disseram que eu tenho os olhos de meu pai. Talvez, ainda que os meus sejam mais escuros. Nós dois sabemos como fazer um homem recuar apenas com um olhar. Sempre me achei muito feminino. Meus lábios parecem um botão de flor, os ossos do meu rosto são finos e altos. Mas isso não me atrapalha. Aprendi a usar meu rosto como uma máscara, e geralmente consigo escrever nele o que eu quiser.

O capitão da cancela acenou para o capitão Coddin. Ele passou os olhos por Makin sem pestanejar, não encontrou o padre Gomst na multidão e permaneceu encarando o nubano, antes de lançar um olhar dúbio sobre Rike.

"Posso arrumar acomodações para seus homens na Cidade Baixa, Príncipe Jorg", ele disse. Por Cidade Baixa ele quis dizer os casebres além dos muros da Cidade Velha.

"Meus companheiros podem se alojar comigo no castelo", eu disse.

"O Rei Olidan solicita apenas a sua presença, Príncipe Jorg", disse o capitão da cancela. "E o padre Gomst, bem como o capitão Bortha, se ele estiver com o senhor."

Makin ergueu a mão encouraçada. Ambas as sobrancelhas do capitão da cancela desapareceram dentro de seu elmo. "Makin Bortha? Não..."

"Em carne e osso", disse Makin. Ele abriu um sorriso largo, mostrando muitos dentes ao capitão. "Já faz um tempão, Relkin, seu velho filho da mãe."

"O Rei Olidan solicita...", ele diz e fico sem saída. Um eufemismo para "mande essa corja para os cortiços". Pelo menos Relkin deixou claro desde o início, não me fez discutir como um tolo para depois me contar "o que o Rei Olidan solicitara".

"Elban, leve os irmãos até o rio lá embaixo e arrume alguns quartos. Há uma taberna, O Anjo Caído, que deve ser suficiente para todos vocês", eu disse.

Elban parecia surpreso por eu tê-lo escolhido – surpreso, mas satisfeito. Ele estalou seus lábios sobre as gengivas banguelas e olhou para o resto dos homens: "Vocês ouviram o Chorg! Prínxipe Chorg, digo. Mexam-se!"

"Matar camponeses é um crime punido com a forca", eu disse, enquanto eles viravam com seus cavalos. "Você me ouviu, Pequeno Rikey? Mesmo se for só um. Então nada de matar e pilhar, nada de

violentar. Se vocês quiserem uma mulher deixem o Conde de Renar lhes pagar uma garota com seu dinheiro. Diabos, deixe-o pagar três."

As três portas permaneceram abertas. "Capitão Coddin, foi um prazer. Aproveite sua viagem de volta ao riacho", eu disse.

Coddin assentiu de sua sela e guiou suas tropas de volta. Ele me deixou com Gomst e Makin. "Vamos", eu disse. E Relkin, o capitão da cancela, nos levou através do Portão Oeste até a Cidade Alta.

Não havia multidão para nos conter. Há muito já passava da meia-noite e a lua já estava bem elevada. As ruas largas da Cidade Alta pairavam desertas, com a eventual correria de serventes de uma casa grande para outra. Talvez uma ou duas filhas de mercador tenham nos observado atrás das venezianas, mas na maior parte do caminho as casas nobres dormiam tranquilamente, sem mostrar interesse algum no príncipe regresso.

Os cascos de Gerrod ecoavam nos paralelepípedos que levavam ao Castelo Alto. Quatro anos atrás, eu fugi em chinelos de veludo, mais quieto do que um camundongo. O bater das ferraduras na pedra feria meus ouvidos. Internamente, uma voz pequenina ainda sussurrava "você vai acordar o papai". Quieto, quieto, não respire, nem sequer deixe seu coração bater.

É claro que o Castelo Alto é, antes de tudo, alto. Nos meus quatro anos na estrada eu vi castelos mais altos, até castelos maiores, mas nada se compara ao Castelo Alto. O lugar parecia ao mesmo tempo familiar e estranho. Eu me lembrava de ele ser maior. O castelo pode ter encolhido de sua vastidão sem fim que eu carregara comigo na memória, mas ainda assim era enorme. O tutor Lundist me disse que, no passado, o lugar serviu como fundação para um castelo tão alto que chegava a arranhar os céus. Disse também que quando os homens o construíram tudo o que nós víamos então ficava no subterrâneo. Não foram os Homens da Estrada que construíram o Castelo Alto, mas os

verdadeiros responsáveis tinham artifícios quase iguais aos dos Homens da Estrada. Esses muros não eram de pedra talhada, mas do que parecia ser brita que uma vez fora derramada como água. Um conjunto de barras de algum metal mágico atravessava a pedra dos muros, barras retorcidas de um metal ainda mais resistente que o ferro negro do leste. O Castelo Alto abrigava os reis há séculos, que se sentavam no interior de suas paredes de veias metálicas, observando lá de cima a Cidade Alta, a Cidade Velha, a Cidade Baixa. Observam a Cidade de Crath e todos os seus domínios. Meus domínios. Minha cidade. Meu castelo.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

PRINCE OF THORNS

15

— QUATRO ANOS ATRÁS —

Nós deixamos o Castelo Alto pelo Portão Castanho, uma saída pequena nas encostas inferiores do monte, depois da Grande Muralha. Passei por último, sentindo a dor de todos esses passos em minhas pernas.

Pegadas vermelhas esmaecidas marcavam a escadaria superior. Os donos daquele sangue provavelmente ainda sangravam, atrás de nós.

Por um momento vi Lundist, caído como eu deixara.

Nós subimos pelas entranhas do castelo até a menos luxuosa de todas as suas saídas. Carregadores de esterco utilizavam esse caminho uma dúzia de vezes durante o dia trazendo os tesouros das latrinas. Que fique claro: a merda real fede igual a qualquer outra.

O irmão à minha frente virou-se e me mostrou seus dentes na forma de um sorriso. “Ar puro! Sinta o aroma, meu jovem nobre.”

Eu ouvi o nubano chamar esse aí de Algazarra, um magricelo, feito de cartilagem e ossos, velhas cicatrizes e um olhar maligno. “Eu prefiro lamber a nuca de um leproso a encher meus pulmões com seu fedor, irmão Algazarra.” Eu o ultrapassei. Eu precisaria fazer muito mais do que falar como um dos irmãos da estrada para ganhar o respeito deles, e ceder um milímetro não me ajudaria em nada.

Ancrath se estirava à nossa direita. À esquerda, a fumaça e os pináculos da Cidade de Crath erguiam-se atrás da Muralha Velha. A luz de uma tempestade cobriu a cidade, do tipo que surge quando nuvens carregadas se reúnem de dia. Uma luz difusa, que deixava estranha até a paisagem mais familiar. Bastante apropriada.

“Nós viajamos rápido e viajamos pra valer”, disse Price.

Price e Rike, os únicos irmãos de verdade entre nós, permaneceram ombro a ombro à frente da coluna – Rike e suas sobrancelhas salientes e Price nos dizendo o que fazer. “Vamos o mais longe dessa latrina que conseguirmos. A tempestade vai apagar nossos rastros. Vamos roubar uns cavalos no caminho e detonar uma ou duas vilas se for preciso.”

“Você acha que os caçadores do rei não conseguirão achar duas dúzias de homens por causa de uma chuvinha à toa?” Gostaria que minha voz não tivesse saído tão clara e aguda daquele jeito.

Eles se viraram. O nubano escancarou seus olhos e acenou com a mão para que eu me calasse.

Apontei para o mar de telhados que seguiam em direção ao rio, além dos limites seguros dos muros da cidade, onde os adoráveis súditos de meu pai haviam construído, desejosos como eram de ficar próximos a ele.

“Um de cada vez, ou de dois em dois, um irmão conseguiria encontrar seu caminho até um coração caloroso, um pedaço de rosbife e talvez uma cerveja”, eu disse. “Ouvi dizer que tem uma taberna, ou três delas, lá embaixo. Um irmão poderia se aquecer na lareira antes mesmo que a chuva viesse lavar suas pegadas.”

“Os homens do rei irão para cima e para baixo naqueles cavalos garbosos que eles têm, molhando-se, à procura do tipo de sulco que vinte homens deixariam pela estrada ou pelos campos, à procura do tipo de problemas que um bando de irmãos espalharia por aí. E nós estaríamos confortavelmente sentados à sombra do Castelo Alto, esperando o tempo melhorar.

“Vocês por acaso deixaram vivo algum homem que pudesse nos descrever aos arautos? Entre os milhares que vivem aqui, acham mesmo que os bons cidadãos de Crath iriam reparar num bando tão pequeno?”

Logo vi que eu os tinha dobrado. Podia ver a luz daquele coração caloroso refletindo em seus olhos.

“E como nós vamos pagar pelo rosbife e pelo abrigo, caralho?” Price afastou os irmãos, deixando o ruivo, Gemt, para trás. “Vamos começar a roubar às sombras do Castelo Alto?”

“É, como nós vai pagá, moleque do castelo?” Gemt levantou-se encontrando em mim um alvo mais apropriado para sua raiva do que Price. “Como?”

Eu retirei dois ducados de minha bolsa e esfreguei um no outro.

“Eu fico com isso!” Um homem de rosto anguloso à minha esquerda tentou alcançar minha bolsa, ainda gorda com moedas.

Eu desembainhei a adaga do meu cinto e a estoquei em sua mão esticada.

“Mentiroso”, eu disse. Empurrei a adaga um pouco mais, até o cabo atingir-lhe a palma da mão, a lâmina brilhando de vermelho ao fundo.

“Sai daqui, Mentiroso.” Price o agarrou pelo pescoço e o empurrou escada abaixo.

Price era um gigante para mim. Qualquer adulto era um gigante para mim, mas Price era de uma escala superior. Ele agarrou meu colete e me ergueu até ficarmos cara a cara, sem se importar com a faca ensanguentada que eu ainda tinha em mãos.

“Você não tem medo de mim, não é, garoto?” O fedor dele era algo insuportável. Um cachorro morto não cheiraria tão mal.

Pensei em esfaqueá-lo, mas eu sabia que não haveria ferimento que pudesse impedi-lo de me quebrar em dois antes de morrer.

“Você tem medo de mim?”, perguntei.

Nós nos entendemos por um segundo. Price não fez mais do que contrair o rosto, mas eu o entendi e ele me entendeu. Então deixou-me cair.

“Passaremos o dia na cidade”, disse Price. “Os drinques são por conta do irmão Jorg. Se algum de vocês, filhos de uma vadia, arrumar confusão antes de sairmos vai sofrer nas minhas mãos.”

Eu estava caído e ele estendeu a mão. Quase a segurei, antes de compreender o gesto. Joguei a bolsa para ele.

“Vou com o nubano”, eu disse.

Price consentiu. Um rosto negro saído dos calabouços seria lembrado. Um rosto negro encontrado numa taberna de Crath seria lembrado.

O nubano encolheu os ombros e saiu pelos campos rumo ao leste. Eu o segui.

Foi somente depois de nos perdermos no labirinto de trilhas e cercas vivas que o nubano falou novamente.

“Você devia ter medo do Price, garoto.”

A primeira brisa da tempestade deixou a cerca viva farfalhando dos dois lados. Eu conseguia sentir o cheiro da eletricidade, misturado à riqueza da terra.

“Por quê?” Imaginei que talvez ele pensasse que eu era incompetente para prever o perigo. Alguns homens são muito estúpidos e jamais chegam a imaginar o que está por vir. Outros torturam a si mesmos com hipóteses e povoam seus sonhos com horrores mais terríveis do que o pior de seus inimigos lhes poderia infligir.

“Por que os deuses deveriam se preocupar com uma criança que não está nem aí para o que acontece com ela?”, perguntou o nubano.

Ele parou antes que uma curva na estrada nos deixasse mais perto da cerca. O vento soprou novamente e pétalas brancas caíram entre os espinhos. Ele se virou e olhou o caminho pelo qual viemos.

"Talvez eu também não tenha medo dos deuses", eu disse.

Pingos gordos de chuva começaram a cair à nossa volta.

O nubano balançou a cabeça. As gotas brilhavam nos pequenos cachos dos seus cabelos. "Você é um tolo em desafiar os deuses, garoto." Ele abriu um sorriso e se esgueirou na esquina. "Quem sabe o que eles podem lhe mandar em troca?"

A chuva parecia ser a resposta. Ela parecia cair mais rápido do que o normal, como se o peso da água querendo cair apressasse a queda dos pingos. Eu seguia atrás do nubano. A cerca não oferecia abrigo. A chuva atravessou minha túnica, fria o bastante para roubar meu alento. Pensei nos confortos que deixara para trás e me perguntava se eu não deveria ter seguido o conselho de Lundist.

"Por que estamos esperando?", perguntei. Tive que erguer a voz para superar o ruído da chuva.

O nubano deu de ombros. "Tem algo de errado com a estrada."

"Ela mais parece um rio – mas por que estamos esperando?"

Ele deu de ombros novamente. "Talvez eu precise descansar." Ele tocou suas queimaduras e uma estremecida me fez ver seus dentes, muito brancos, enquanto a maioria dos irmãos tinha bocas repletas de um cinza podre.

Cinco minutos se passaram e eu mantive a calma. Não ficaríamos mais molhados nem se caíssemos em um poço.

"Como vocês foram pegos?", perguntei. Pensei em Price e Rike, e a ideia deles sendo rendidos pela guarda do rei me pareceu cômica, de certa maneira.

O nubano balançou a cabeça.

"Como?", perguntei de novo, mais alto que a chuva.

O nubano se virou para espiar a estrada e então se aproximou. “Uma bruxa dos sonhos.”

“Uma bruxa?” Eu fiz uma careta e cuspi água para o lado.

“Uma bruxa dos sonhos.” O nubano assentiu. “A bruxa entrou em nossos sonhos e nos manteve atados enquanto os homens do rei nos capturavam.”

“Por quê?”, perguntei. Ainda que levasse bruxas a sério, e eu não levava, sabia que meu pai não fazia uso de nenhuma.

“Acho que ela queria agradar o rei”, disse o nubano.

Ele se levantou sem avisar e saiu através da lama. Eu o segui, mas calei a boca. Tinha visto crianças seguirem adultos, fazendo perguntas sem parar, mas eu havia deixado minha infância para trás. Minhas perguntas poderiam esperar, pelo menos até que a chuva terminasse.

Nós atravessamos as poças pelo caminho durante quase uma hora até pararmos novamente. A chuva havia se promovido; de dilúvio passou a uma submersão absoluta que prometia durar a noite inteira e atravessar a manhã seguinte. Dessa vez nossa pausa na cerca viva mostrou-se providencial. Dez soldados montados passaram por nós, levantando lama para todos os lados.

“Seu rei nos quer de volta em suas masmorras, Jorg.”

“Ele não é mais meu rei”, eu disse. Pretendia me levantar, mas o nubano segurou meus ombros.

“Você deixou uma vida de riqueza no castelo do rei e agora está se escondendo na chuva.” Ele se aproximou para me observar. Conseguia me ler com seus olhos e eu não gostava disso. “Seu tio se sacrificou para protegê-lo. Um homem bom, eu acho. Velho, forte, sábio. Mesmo assim você veio.” Ele sacudiu um troço de lama de sua mão livre. Um silêncio se estendeu entre nós, do tipo que espera ser preenchido com uma confissão.

“Há um homem que eu quero morto.”

O nubano franziu a testa. “Crianças não deveriam ser assim.” A chuva escorria entre os sulcos de sua testa. “Homens não deveriam ser assim.”

Sacudi até que ele me largasse. O nubano ficou atrás de mim e nós cobrimos mais uns quinze quilômetros antes de a luz cessar por completo.

Nosso caminho nos levou até umas fazendas e moinhos ocasionais, mas quando a noite chegou nós vimos um grupo de luzes debaixo de um colina arborizada um pouco ao sul de onde estávamos. Lembrando os mapas de Lundist, eu diria que aquele era o Vilarejo de Pineacre, que para mim, até então, não passava de um pequeno ponto verde num velho pergaminho.

"Seria ótimo sair um pouco da chuva." Eu podia sentir o aroma da lenha queimando. De repente, percebi como havia sido tão fácil convencer os irmãos das vantagens de procurar abrigo, calor e comida.

"Devíamos passar a noite aí." O nubano apontou para a colina.

A chuva então caía suavemente. Ela nos envolvia num cobertor gélido, que sugava minhas forças. Eu amaldiçoei minha fraqueza. Apenas um dia na estrada me deixara morto.

"Podíamos invadir um desses celeiros", eu disse. Dois deles ficavam isolados, logo após as árvores.

O nubano começou a balançar a cabeça. Um trovão ressoou a leste, baixo mas contínuo. O nubano deu de ombros. "Podíamos." Os deuses me adoravam!

Partimos através dos campos transformados em pântanos, andando em falso na escuridão, tropeçando sobre meu cansaço.

A porta do celeiro gemeu em protesto e depois rangeu quando o nubano a levantou. Um cão latiu de algum lugar distante, mas eu duvido que algum fazendeiro desafiasse a chuva em favor da opinião de um perdigueiro. Nós rolamos celeiro adentro e mergulhamos na palha. Cada membro parecia ser de chumbo e eu choraria facilmente de cansaço se não tivesse me controlado.

"Você não tem medo de que a bruxa dos sonhos apareça novamente para te pegar?", perguntei. "Ela não vai ficar contente se o presente dela para o rei escapar." Abafei um bocejo.

"Ele", disse o nubano. "Na verdade, acho que é um bruxo."

Franzi os lábios. Nos meus sonhos, as bruxas eram sempre mulheres. Elas se escondiam num quarto escuro que eu jamais havia notado. Um quarto cuja porta se abria para um corredor em que eu tinha que andar. Passava pela entrada e a pele das minhas costas se contraía, vermes invisíveis formigavam na parte de trás dos meus braços. Então eu a veria, desenhada pelas sombras, suas mãos pálidas como aranhas em convulsão saindo das mangas pretas. Naquele momento, quando tentasse fugir, eu ficaria atolado, como se corresse numa calda pegajosa. Eu lutaria, tentando gritar, vomitando silêncio, uma mosca na teia, e ela avançaria, devagar, inevitavelmente, seu rosto avançando para a luz. Eu veria seus olhos... e acordaria gritando.

"Então você não tem medo de que ele venha atrás de você novamente?", perguntei.

O trovão veio numa batida repentina, sacudindo o celeiro.

"Ele tem que estar perto", disse o nubano. "Ele precisa saber onde você está."

Soltei um suspiro que nem imaginava estar prendendo.

"Na verdade, ele vai mandar seu caçador", disse o nubano. Ouvi o roçar da palha que ele usou para se cobrir.

"É uma pena", eu disse. Já fazia muito tempo desde que eu sonhara com minha bruxa onírica. Eu gostava da ideia de que ela estivesse nos perseguindo até o celeiro, nas mandíbulas da tempestade. Eu me ajeitei no meio da palha incômoda. "Vou tentar sonhar com um bruxo esta noite. O seu bruxo ou a minha bruxa, tanto faz. E se eu sonhar desta vez não vou correr – vou me virar e degolar a vagabunda."

TRILOGIA DOS ESPINHOS

PRINCE OF THORNS

16

— QUATRO ANOS ATRÁS —

O trovão novamente. Ele me deteve por um momento. Eu o senti em meu peito. Então veio o relâmpago, soletrando o mundo em novos formatos berrantes. Tive visões após o clarão. Um bebê sacudido até que sangue saísse pelos seus olhos. Crianças dançando em uma fogueira. Mais um tremor balançou as tábuas e a escuridão retornou.

Sentei-me na confusão entre o sono e o mundo desperto, rodeado pelos estalos da madeira, o balanço e o ruído do vento. Um relâmpago golpeou novamente e eu vi o interior de uma carruagem, a mãe do lado oposto, William do lado dela, curvado sobre o banco, seus joelhos junto ao peito.

"A tempestade!" Eu me retorci e alcancei a janela. A ripa resistiu, cuspindo chuva enquanto o vento assobiava lá fora.

"Shhhh, Jorg", mamãe disse. "Volte a dormir."

Não conseguia enxergar no escuro, mas a carruagem manteve seu aroma. Rosas e capim-limão.

"A tempestade." Sabia que tinha me esquecido de alguma coisa. Agora eu lembrava.

"É só a chuva e o vento. Não deixe que o assustem, Jorg querido."

Não deixar me assustar? Eu escutava enquanto as rajadas afiavam as garras na porta.

"Temos que ficar na carruagem", ela disse.

Deixei o balanço da carruagem me levar, caçando essa lembrança, tentando sacudi-la.

"Durma, Jorg." Era mais uma ordem do que uma recomendação.

Como ela sabe que eu não estou dormindo?

O relâmpago caiu tão perto que eu ouvi o chiado. A luz atravessou o rosto dela em três faixas, trazendo algo de bestial ao seu olhar.

"Temos que parar a carruagem. Nós precisamos sair. Precisamos..."

"Vá dormir!" Ela chegara ao limite.

Tentei levantar, mas me encontrei afundando, como se caminhasse na lama espessa... ou em um melaço.

"Você não é minha mãe."

"Fique na carruagem", ela disse, sussurrando.

O odor do cravo cortou a escuridão, com um leve toque de mirra, o perfume da sepultura. O fedor abafou todos os sons. Exceto o lento arranhar de sua respiração.

Cacei a maçaneta com dedos cegos. No lugar do metal gélido, encontrei corrupção, a suavidade da carne que se tornou amarga na morte. Um grito saiu de mim, mas não conseguiu ferir o silêncio. Eu a vi no clarão seguinte, a pele retirada dos ossos; no lugar dos olhos, dois poços de carne crua.

O medo levou embora minha força. Eu a senti se esvaindo pela minha perna num fluxo quente.

“Venha para a mamãe.” Dedos que pareciam galhos agarraram o meu braço e me lançaram para dentro da escuridão.

Nenhum pensamento surgiria naquele horror que me aprisionava. Palavras tremiam em meus lábios, mas eu não tinha ideia do que elas haveriam de dizer.

“Você... não é ela”, eu disse.

Mais um clarão, revelando seu rosto a dois centímetros do meu. Mais um clarão, e eu vi minha mãe morrer, sangrando sob a chuva de uma noite selvagem, e eu pendurado na roseira-brava, indefeso, numa prisão feita de espinhos e de algo mais. Uma prisão feita de medo.

Uma fúria gelada emergiu dentro de mim. Veio das tripas. Aproximei minha testa do rosto arruinado de minha mãe e segurei a maçaneta com uma certeza que dispensava a visão.

“Não!”

E saltei na tempestade.

O trovão ribombou alto o suficiente para acordar até quem estivesse nas covas mais profundas. Eu me sentei numa posição desconfortável, confuso pela catinga do feno e pelo espetar da palha ao meu redor. O celeiro! Eu me lembrei do celeiro.

Um único ponto de iluminação destruiu a noite. O brilho de uma lanterna. Vinha de um feixe próximo do portão do celeiro. Uma imagem, um homem, bem alto, permaneceu no limiar da luz. Deitado aos pés dele, o nubano tinha pesadelos.

Senti que eu estava prestes a gritar e, para impedir, mordi minha bochecha com bastante força. O sabor metálico do sangue destroçou as reminiscências do meu sonho.

O homem segurava a maior balestra que eu já vira. Com uma das mãos ele começou a puxar o cabo. Sem pressa. Quando se está caçando para um bruxo dos sonhos, imagino que nunca haja pressa. A menos que uma de

suas vítimas escape de qualquer tipo de sonho que lhe tenha sido enviado para que ela permanecesse dormindo.

Procurei minha faca, mas não encontrei nada. Devo tê-la perdido no meio do feno, enquanto caminhava em meus pesadelos. A lanterna fez algo de metal brilhar perto dos meus pés. Um gancho para levantar fardos. Mais três voltas naquela manivela e a balestra estaria pronta. Peguei o gancho.

O uivo da tempestade encobriu minha aproximação. Não andei furtivamente. Fui devagar o bastante para estar certo dos meus passos e rápido o suficiente para que o azar não tivesse tempo de agir contra mim.

Eu imaginava chegar por trás e cortar a garganta do bastardo, mas ele era alto, alto demais para o alcance de um garoto de dez anos.

Ele ergueu a balestra e mirou no nubano.

Espere quando a espera for oportuna. Lundist costumava me dizer isso. Mas não hesite, nunca.

Acertei-o entre as pernas e puxei o gancho para cima o mais forte que pude.

Onde o estrondo do trovão e o uivo do vento falharam o grito do caçador triunfou. O nubano acordou. E, a seu favor, ele não perdeu tempo tentando entender onde estávamos ou o que estava acontecendo. Ele ficou de pé e enterrou trinta centímetros de aço dentro do tórax do homem em dois segundos.

O caçador ficou caído entre nós dois, cada um com sua arma ensanguentada.

O nubano limpou sua lâmina no manto do caçador.

“Isso sim é uma balestra!” Meus pés puxaram a arma jogada no chão e fiquei perplexo com o seu peso.

O nubano ergueu a arma. Ele passeou com os dedos sobre os adornos de metal incrustados na madeira. “Foi meu povo que a construiu.” Rastreou os símbolos e os rostos de deuses ferozes. “E agora eu lhe devo mais uma vida.”

Ele sentiu o peso da balestra e sorriu. Seus dentes eram uma linha branca sob o brilho da lanterna.

"Uma já basta." Mantive uma pausa. "É o Conde Renar que precisa morrer."

E o sorriso desapareceu do seu rosto.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

PRINCE OF THORNS

17



s velhos corredores me envolviam e quatro anos se transformaram num sonho. Curvas familiares, os mesmos vasos, as mesmas armaduras, as mesmas pinturas, até os mesmos guardas. Quatro anos e tudo continuava o mesmo. Menos eu.

Nos nichos, pequenas lâmpadas de prata queimavam óleo extraído de baleias de mares distantes. Caminhei de um poço de luz até o próximo, atrás de um guarda cuja armadura empobrecia a minha. Makin e Gomst foram levados a destinos diferentes e eu segui sozinho para uma recepção qualquer. O lugar ainda me fazia sentir pequeno. Portas construídas para gigantes, tetos tão altos que um homem mal poderia tocá-los com a ponta de uma lança. Nós chegamos à ala oeste, os aposentos reais. Será que meu pai me encontraria aqui? Homem a homem no arboreto? Almas desnudadas sob o domo do planetário? Eu o

imaginara sentado nas garras negras do seu trono, meditando sobre a corte, e eu me aproximando dele, passando entre os homens da guarda imperial.

Segui o guarda solitário e me senti vagamente passado para trás. Será que preferia estar cercado por homens armados? Eu teria me tornado tão perigoso assim? A ponto de ser acorrentado? Eu queria que ele sentisse medo de mim? Tinha quatorze anos e o Rei de Ancrath amarelando atrás de seus soldados?

Eu me senti um tolo, por um momento. Rocei o punho de minha espada. Eles forjaram a lâmina com o metal das colunas do castelo. Uma herança de verdade, uma herança do Castelo Alto, pelo menos uns mil anos mais velha do que eu. Eu ansiava por um confronto. Vozes emergiram dos porões de minha mente, clamando, lutando umas com as outras. Minhas costas formigavam, os músculos se contraíram antecipando a ação.

"Um banho, Príncipe Jorg?"

Era um dos guardas. Por pouco não puxo minha espada.

"Não", eu disse. Eu fiz força para me acalmar. "Verei o rei agora."

"O Rei Olidan já se retirou, príncipe", disse o guarda. Estaria zombando de mim? Seus olhos aparentavam uma inteligência que eu não associaria à guarda do palácio.

"Foi dormir?" Daria um ano de minha vida para retirar o tom de surpresa daquelas palavras. Eu me sentia como o capitão Coddin deve ter se sentido: o alvo de uma piada que ele ainda não compreendera.

"Sageous espera pelo senhor na biblioteca, meu príncipe", disse o homem. Ele se virou para sair, mas eu o agarrei pelo pescoço.

Dormindo? Eles estavam brincando comigo, meu pai e seu mago de estimação.

"Esse jogo", eu disse, "imagino que alguém possa achá-lo divertido, mas se você... me aborrecer... mais uma vez... eu o mato. Pense nisso.

Você é um peão no jogo de outra pessoa e tudo o que vai ganhar é uma espada atravessada na barriga, a não ser que decida se redimir nos próximos vinte segundos."

Aquilo era uma derrota, recorrer a ameaças brutais num jogo de sutilezas, mas às vezes é preciso sacrificar a batalha para vencer a guerra.

"Príncipe, eu... Sageous está esperando pelo senhor..." Eu podia ver que eu transformara sua pretensa superioridade em puro horror. Eu pisara fora das regras do jogo. Apertei a garganta dele mais um pouco. "Por que eu iria querer conversar com esse... Sageous? Quem é ele?"

"E-ele representa a vontade do rei. Por favor, por favor, Príncipe Jorg."

As palavras dele passaram pelos meus dedos. Não é preciso muita força para estrangular um homem se você sabe onde agarrar.

Eu o larguei e ele caiu, ofegante. "Na biblioteca, não é? Qual o seu nome, soldado?"

"Sim, meu príncipe, na biblioteca." Ele esfregou seu pescoço. "Robart. Meu nome é Robart Hool."

Eu atravessei o Salão das Lanças a passos largos, dirigindo-me até a porta de couro da biblioteca. Parei em frente a ela e me virei para Robart. "Este é um ponto de virada, Robart. Encruzilhadas no caminho que seguimos em nossas vidas. Momentos em que olhamos para trás e pensamos 'e se...'. Este é um desses momentos. Não é com frequência que eles nos são apresentados. Agora você deve decidir se me tem ódio ou obediência. Pense com cuidado antes de escolher." Empurrei a porta da biblioteca. Ela se chocou contra a parede e eu entrei.

Na minha cabeça, as paredes da biblioteca se estendiam até os céus, gordas de tantos livros, grávidas da palavra escrita. Aprendi a ler aos três anos de idade. Aos sete, já conversava com Sócrates, aprendendo matéria e forma com Aristóteles. Por muito tempo vivi nesta biblioteca. A memória encolhe a realidade: o lugar parecia pequeno. Pequeno e empoeirado.

“Já queimei mais livros do que isso”, eu disse.

Sageous surgiu do corredor dedicado à filosofia antiga. Ele era mais jovem do que eu imaginara, quarenta anos, no máximo, e vestia apenas um manto branco, como uma toga romana. Sua pele tinha o matiz pardo das terras médias, Vale do Indo ou Pérsia, talvez, mas eu só conseguia distingui-lo nos raros espaços que a agulha do tatuador não encontrou. Ele vestia o texto de um livro pequeno em sua cobertura natural, seguindo a escrita dos matemágicos. Seus olhos... bem, eu sei que você deveria se curvar ante o olhar de homens poderosos, mas aqueles olhos eram suaves. Eles me lembravam os dos bois na Estrada do Castelo, castanhos e plácidos. Perigoso, de verdade, era a maneira como eles escrutinavam. De certo modo, aqueles olhos suaves cavavam fundo. Talvez o manuscrito sob eles detivesse o poder. Só posso dizer que, por um tempo indeterminado, não vi nada além dos olhos do pagão, não ouvi nada além de seu alento, não movi nenhum músculo além do meu coração.

Ele me liberou, como um peixe atirado de volta ao rio, pequeno demais para o balaio. Nós ficamos cara a cara, a centímetros de distância, e eu não me lembrava de ter me aproximado. Mas eu me aproximei. Permanecemos entre os livros. Entre as sábias palavras de dez mil anos. Platão à minha esquerda, copiado, copiado e copiado mais uma vez. Os “modernos” à minha direita: Russel, Popper, Xiang e os outros. Uma voz dentro de mim, lá dentro, clamava por sangue. Mas o pagão havia retirado o fogo que havia em mim.

“Meu pai deve depender de você, Sageous”, eu disse. Remexi meus dedos, desejando querer minha espada. “Ter um pagão na corte deve envergonhar os sacerdotes. Se a papisa ousasse deixar Roma nos dias de hoje ela viria aqui amaldiçoar sua alma com o fogo eterno dos infernos!” Eu não tinha nada além do dogma para jogar em sua cara.

Sageous sorriu, um sorriso amigável, como se eu acabasse de lhe trazer uma mensagem. “Príncipe Jorg, bem-vindo ao lar.” Ele não tinha sotaque, mas pronunciava as palavras de um jeito cantado, como um sarraceno ou um mouro.

Não era mais alto do que eu. Na verdade eu provavelmente tinha uns dois centímetros a mais do que ele. Era esguio também, o que significa que eu poderia derrubá-lo ali mesmo e estrangulá-lo até a morte. Pensamentos mortais borbulhavam um após o outro, e desapareciam.

“Você é bem parecido com o seu pai”, ele disse.

“Você conseguiu domesticá-lo também?”, perguntei.

“Ninguém consegue domesticar um homem como Olidan Ancrath.” Seu sorriso amigável adquiriu um quê divertido. Eu queria entender a piada. Ele conseguia me controlar, mas não ao meu pai? Ou ele conseguia manipular o rei e escolhia encobrir a verdade com um sorrisinho?

Imaginei a cabeça tatuada do pagão sendo arrancada de seus ombros, seu sorriso congelado e o sangue pulsando do pescoço. Naquele momento alcancei minha espada e usei toda a minha vontade para conseguir agir. A empunhadura estava gélida quando eu a toquei. Encaixei meus dedos ao redor do punho, mas antes que eu pudesse firmá-los minha mão desabou como uma coisa morta.

Sageous ergueu uma sobrancelha, raspada como seus cabelos e desenhada de volta na testa. Ele deu um passo atrás.

“Você é um jovem interessante, Príncipe Jorg.” Seu olhar endureceu. Suave num instante e no outro morto como uma pedra. “Nós precisamos descobrir o que o deixa motivado, não é mesmo? Eu vou pedir para Robart guiá-lo até seus aposentos, você deve estar cansado.” Durante todo o tempo em que ele falou os dedos de sua mão direita escreviam palavras seguindo o manuscrito de seu braço esquerdo, roçando um símbolo, saltando para uma lua negra crescente,

sublinhando uma frase, sublinhando novamente. Eu me sentia cansado. Sentia chumbo em todos meus membros, me puxando para baixo.

"Robart!" Ele gritou alto o suficiente para ser ouvido no corredor.

Olhou para mim, suave, de novo. "Espero que tenha sonhos, príncipe, depois de tanto tempo longe de casa." Seus dedos se moveram sobre novas linhas, mão esquerda, braço direito. Ele tracejou palavras mais escuras que a noite sobre as veias do seu pulso. "Sonhos dizem a um homem quem ele é."

Lutei para manter meus olhos abertos. No pescoço de Sageous, um pouco à esquerda de seu pomo de Adão, em meio a todos aqueles rabiscos espremidos, havia uma letra, maior que as demais, curvada e recurvada de modo a parecer uma flor.

Toque a flor, eu pensei. *Toque a flor bonita*. E, como por mágica, minha mão traiçoeira se moveu. Meu toque o surpreendeu, meus dedos em sua garganta. Ouvi a porta se abrir atrás de mim.

Ele é magricelo, pensei. *Tão magricelo*. Será que eu conseguiria dar a volta em seu pescoço com minha mão? Não permiti nenhum indício de violência, apenas de curiosidade. E lá estava eu, com minha mão ao redor de seu pescoço. Ouvi a inspiração súbita de Robart. Sageous permaneceu congelado, de boca semiaberta, incrédulo.

Eu mal podia me sustentar, mal conseguia prender meus bocejos, mas o encarei fixamente e o deixei pensar que a pressão que eu lhe aplicava era uma ameaça, não um apoio para evitar que eu caísse.

"Meus sonhos pertencem a mim, pagão", eu disse. "Reze para que você não esteja neles."

Então me virei, antes que caísse, e deixei Robart para trás. Ele me alcançou no Salão das Lanças.

"Nunca vi ninguém encostar a mão em Sageous, meu príncipe."

Meu príncipe. Assim estava melhor. Havia admiração em sua voz, talvez genuína, talvez não, eu estava cansado demais para me importar.

“Ele é um homem perigoso, seus inimigos morrem dormindo. Ou então ficam estragados. O Lorde Jale deixou a corte dois dias após discordar com o pagão na frente de seu pai. Dizem que ele não consegue mais se alimentar sozinho e passa o dia cantarolando velhas canções de ninar, uma atrás da outra.”

Alcancei a escadaria oeste. Robart tagarelava atrás de mim. Ele irrompeu de supetão: “Seus aposentos ficam além do Corredor Vermelho, meu príncipe”. Ele parou e estudou suas botas. “A princesa ficou com seu antigo quarto.”

Princesa? Eu não me importava. Amanhã, amanhã eu descobriria. Deixei que ele me guiasse até meu quarto. Um dos quartos de hóspedes além do Corredor Vermelho. O aposento poderia abrigar a maioria das tabernas onde eu dormira, mas aquilo não passava de um insulto premeditado. Um quarto para um barão do campo ou um primo distante vindo dos protetorados.

Parei em frente à porta, cambaleante. O feitiço de Sageous mordia um pouco mais e minhas forças deixavam-me feito sangue em veias abertas.

“Falei que era hora de você escolher, Robart”, eu disse. Fiz força para dizer as palavras, uma de cada vez. “Traga Makin Bortha. Deixe-o de sentinela em minha porta esta noite. É hora de escolher.”

Não esperei pela resposta. Se tivesse esperado ele teria que me carregar até a cama. Empurrei a porta e, meio titubeando, meio caindo, entrei no quarto e me joguei de costas sobre a porta para fechá-la, deslizando para o chão. Eu me sentia escorregando, cada vez mais para o fundo, para o fundo de um poço sem fim.



TRILOGIA DOS ESPINHOS

PRINCE OF THORNS

18



cordei com aquela súbita convulsão que se tem quando todos os músculos que você possui percebem, de repente, que estão de folga. O próximo choque que tomei foi perceber o quão profundamente eu adormecera. Você não dorme assim na estrada, isto é, não se você deseja acordar novamente. Por um momento a escuridão não fez nada para me deixar confuso. Busquei minha espada e apenas encontrei lençóis macios. O Castelo Alto! Tudo voltou à mente. Lembrei-me do pagão e de seu feitiço.

Rolei para a direita. Sempre deixo minhas coisas do meu lado direito. Nada além do colchão, macio e profundo. Eu poderia estar cego, uma vez que meus olhos não me ajudavam em nada. Pensei que as venezianas deveriam estar bem fechadas, já que nem o menor suspiro de luz das estrelas me alcançava. Estava tudo muito quieto também. Eu me

estiquei para a beira da cama, mas não a encontrei. *Uma cama larga*, pensei, tentando achar humor na situação.

Deixei escapar o ar que estava segurando, aquele que aspirei tão rapidamente quando acordei. O que foi que me trouxe até aqui? O que me retirou do feitiço do pagão e me deitou nessa cama tão confortável? Puxei minha mão de volta, trouxe meus joelhos até o tórax. Alguém me botou na cama e tirou minhas roupas. Não foi Makin, ele não me deixaria nu para enfrentar a noite. Esse aí e eu teríamos uma discussão muito em breve. Mas eu poderia esperar até de manhã. Eu só queria dormir e deixar o dia chegar.

Só que o sono havia me chutado para fora e não estava a fim de me receber de volta. Então eu fiquei lá, deitado, nu nessa cama estranha, pensando onde estaria minha espada.

O barulho surgiu tão quieto que, a princípio, achei que o tinha imaginado. Encarei a escuridão às cegas e deixei meus ouvidos sugarem o silêncio. E ele voltou, suave como o suspiro de carne sobre pedra. Eu podia ouvir o fantasma de um som, um alento sendo desenhado. Ou talvez fosse apenas a brisa da noite descortinando seu caminho através das venezianas.

O gelo correu sobre minha espinha e fez meus ombros formigarem. Eu me sentei, prendendo com os dentes a minha urgência de falar, de mostrar bravata a terrores invisíveis. *Não tenho seis anos*, eu disse a mim mesmo. *Eu fiz os mortos correrem*. Joguei os lençóis para trás e me levantei. Se o horror pagão esperava por mim na escuridão, os lençóis não serviriam de escudo. Mantendo minhas mãos estendidas, andei para frente, primeiro encontrando a ardilosa quina da cama, depois a parede. Eu me virei e a segui, tateando as pedras. Alguma coisa rodopiou e quebrou com um estalo oneroso. Ralei minhas canelas num obstáculo invisível, por pouco não arrebento os bagos num aparador, e finalmente achei as lâminas da veneziana.

Eu me atrapalhei com o mecanismo da janela. Ele me desafiava loucamente, ainda que o frio deixasse meus dedos desajeitados. Minhas costas se arrepiaram. Ouvi passos se aproximando. Puxei as venezianas com todas as minhas forças. Todos os meus movimentos pareciam lentos e fracos, como se eu me movesse através de um melaço, como nesses sonhos em que a bruxa o persegue e você não consegue correr.

As venezianas cederam sem aviso. Elas se abriram e descobri que estava em pé bem acima do pátio das execuções, banhado pela luz da lua. Girei pelo quarto. Devagar, bem devagar. E não encontrei nada. Somente uma habitação prateada e sombria.

A janela jogou a luz da lua na parede à minha direita. Minha sombra alcançou o arco na janela e caiu sobre os pés de um grande retrato. A pintura de corpo inteiro de uma mulher. Eu fiquei entorpecido: sentia meu rosto como uma máscara. Eu conhecia a pintura. Mãe. Minha mãe no salão grande. Minha mãe de vestido branco, esguia e gélida em sua perfeição. Ela dizia que jamais gostou dessa pintura, que o artista a fizera distante demais, rainha demais. Só William para suavizar a pintura, ela dizia. Se William não estivesse ali, abraçado à sua saia, mamãe já teria se livrado do quadro, dizia. Mas ela não poderia jogar fora o pequeno William.

Tirei meus olhos do rosto dela, pálido sob a luz prateada. Ela se erguia sobre mim, alta em vida, mais alta ainda no retrato. Seu vestido caía em camadas de laços: o artista o captou direitinho e fez o vestido parecer real.

As venezianas abertas deixaram o frio entrar, gélido como eu nunca senti durante um outono. Minha pele ficou toda arrepiada. Ela não poderia jogar fora o pequeno William. Só que William não estava mais lá... Dei um passo atrás em direção à janela aberta.

"Senhor Jesus..." Tentei conter as lágrimas.

Os olhos de minha mãe me seguiram.

“Jesus não esteve lá, Jorg”, ela disse. “Ninguém apareceu para nos salvar. Você viu tudo, Jorg. Você viu, mas não veio nos socorrer.”

“Não.” Eu senti o peitoril gélido da janela encostar na parte de trás dos meus joelhos. “Os espinhos... os espinhos me impediram.”

Ela olhou para mim, olhos prateados pela lua. Ela sorriu e por um segundo achei que me perdoaria. Então ela gritou. Não os gritos que soltou quando os homens do conde a estupraram. Isso eu conseguiria suportar. Ela emitiu os gritos que soltou quando eles mataram William. Gritos feios, roucos, animalescos, arrancados da pintura perfeita de seu rosto.

Eu uivei de volta. As palavras saíam de mim em explosões. “Os espinhos! Eu tentei, mãe. Eu tentei.”

Então ele surgiu de trás da cama. William, o doce William, com o lado de sua cabeça escavada. O sangue negro havia coagulado em seus cabelos dourados. O olho daquele lado não estava mais lá, mas o outro me encarava.

“Você me deixou morrer, Jorg”, ele disse. Ele falava e sua garganta borbulhava.

“Will.” Não consegui dizer mais nada.

Ele ergueu sua mão branca com traços de sangue do mais escuro carmesim.

A janela bocejou lá atrás e eu pensei em me jogar por ela, mas enquanto eu estava ali algo me jogou para frente. Cambaleei e consegui me endireitar. Will continuava ali, mas agora em silêncio.

“Jorg! Jorg!” Um grito me alcançou, distante mas um tanto familiar.

Olhei de volta para a janela e para a queda vertiginosa.

“Pule”, disse William.

“Pule!”, disse mamãe.

Mas a minha mãe já não soava mais como a minha mãe.

“Jorg! Príncipe Jorg!” O grito veio mais alto e um golpe mais violento me atirou ao chão.

“Sai da porra do caminho, garoto.” Reconheci a voz de Makin. Ele permaneceu emoldurado pelo vão da porta. E de alguma maneira deitei no chão, aos seus pés. Não estava perto da janela. Nem mesmo nu, mas ainda de armadura.

“Você estava bloqueando a porta, Jorg”, disse Makin. “Esse tal de Robart me disse para vir correndo e você aqui, gritando atrás da porta.” Ele deu uma espiada ao redor, procurando pelo perigo. “Eu corri da Ala Sul por causa de seu maldito pesadelo, não foi?” Ele escancarou a porta um pouco mais e adicionou um “príncipe” tardio.

Fiquei em pé, me sentindo como se Burlow, o Gordo, tivesse me rolado pelo chão. Não havia pintura nenhuma na parede, nem minha mãe, e Will não estava atrás da cama.

Desembainhei minha espada. Precisava matar Sageous. Queria tanto matá-lo que eu podia sentir o sangue, quente e salgado, em minha boca.

“Jorg?”, perguntou Makin. Ele parecia preocupado, como se duvidasse de minha sanidade.

Fui em direção à porta aberta. Makin deu um passo para bloquear o caminho. “Você não pode sair daqui com uma espada em mãos, Jorg, o guarda terá que pará-lo.”

Ele não era tão alto nem tão largo quanto Rike, mas Makin era um homem grande, de ombros largos e mais forte do que um homem deveria ser. Não acho que eu conseguiria derrubá-lo sem matá-lo antes.

“É uma questão de sacrifícios, Makin”, eu disse. E deixei minha espada cair.

“Príncipe?”, ele franziu a testa.

“Vou deixar esse maldito tatuado viver”, eu disse. “Preciso dele.” Tive uma rápida visão de minha mãe, novamente, e ela desbotava. “Preciso

entender qual é o jogo que eles estão jogando. Quem são as peças e quem são os jogadores."

Makin franziu a testa ainda mais. "Já pra cama, Jorg. Tá na hora de dormir." Ele espiou o corredor novamente. "Você precisa de luz?"

Sorri. "Não", disse. "Eu não tenho medo do escuro."



TRILOGIA DOS ESPINHOS

PRINCE OF THORNS

19



cordei cedo. Uma luz cinzenta através das venezianas me mostrou o quarto pela primeira vez: grande, bem mobiliado, com cenas de caça representadas nas tapeçarias das paredes. Larguei o punho de minha espada, alonguei o corpo e bocejei. Essa cama não era adequada para mim. Muito macia, muito limpa. Quando joguei as cobertas para o lado elas acertaram a sineta dos serventes, na mesa de cabeceira, que caiu sobre o chão de pedras, produzindo um belo tilintar antes de quicar e cair sobre um tapete, calando sua voz. Ninguém apareceu. Melhor assim: eu me vesti sozinho por quatro anos. Diabos, eu raramente me despia! E os trapos que eu vestia eram mais vergonhosos que os aventais surrados dos serventes. Ainda assim. Ninguém apareceu.

Vesti minha armadura sobre os farrapos cinzas que usava como camisa. Um espelho repousava sobre o aparador. Eu o deixei ali, voltado

para baixo. Uma rápida passada de mão pelos cabelos, à procura de qualquer piolho gordo o suficiente para ser encontrado, e eu estava pronto para meu desjejum.

Primeiro, abri as venezianas. Não me atrapalhei dessa vez. Olhei o pátio de execução lá embaixo, um quadrado limitado pelas paredes vazias do Castelo Alto. Ajudantes de cozinha e criadas atravessavam com pressa o pátio desolado com suas tarefas a cumprir, alheios ao céu desbotado sobre suas cabeças.

Eu saí da janela e fui cumprir minhas próprias tarefas. Todo príncipe conhece mais a cozinha do que qualquer outro lugar de seu castelo. Onde mais se poderia encontrar tantas aventuras? Onde mais a verdade é dita tão abertamente? William e eu aprendemos umas cem vezes mais nas cozinhas do Castelo Alto do que em nossos livros de latim e de estratégia. Nós escapulíamos das aulas de Lundist, com as mãos manchadas de tinta, e corríamos através de longos corredores, saltando vários degraus de uma só vez, até alcançarmos o refúgio das cozinhas.

Agora eu caminhava por esses corredores, sentindo desconforto nesse espaço confinado. Eu passara tempo demais sob céus abertos, vivendo a vida, cacete. Nós também aprendíamos sobre a morte nas cozinhas. Vimos o cozinheiro transformar galinhas vivas em carne morta com um movimento de suas mãos. Vimos Ethel, o padeiro, depenar as galinhas gordas, despidas em sua morte, e prontas para ser recheadas. Você logo descobre que não há elegância ou dignidade na morte quando se passa algum tempo nas cozinhas do castelo. Você descobre que tudo é horrível e ao mesmo tempo delicioso.

Virei no final do Corredor Vermelho, com lembranças demais para prestar atenção. Tudo o que eu vi foi alguém caindo sobre mim. Os instintos que desenvolvi na estrada tomaram conta. Antes que tivesse tempo de registrar os cabelos longos e o vestido de seda, eu a empurrei contra a parede, tapei sua boca com minha mão e pus minha faca sobre

sua garganta. Estávamos frente a frente e minha prisioneira me encarou, com olhos de um verde impossível, como um vitral. Transformei meu rosnado em um sorriso e destravei meus dentes. Dei um passo para trás e a soltei.

"Perdão, milady", eu disse, e esbocei uma reverência vazia. Era alta, quase da minha altura, e certamente não era muitos anos mais velha.

Ela arreganhou um sorriso feroz e passou o dorso da mão na boca. Sua mão ficou manchada de sangue, de uma mordida na língua. Pelos deuses, ela era boa de se olhar. Tinha um rosto forte, o nariz e as maçãs do rosto eram finos, seus lábios carnudos – e tudo isso emoldurado por cabelos vermelhos-escuros.

"Meu Deus, você fede, garoto", ela disse. Ela me rodeou, como se inspecionasse um cavalo à venda. "Você tem sorte que Sir Galen não está comigo ou uma criada estaria recolhendo sua cabeça do chão neste instante."

"Sir Galen?", perguntei. "Ficarei de olho nele." Havia diamantes em volta de seu pescoço, numa teia complexa de ouro. Trabalho de Spaña: ninguém na Costa Equina conseguiria fazer uma joia assim. "Não seria de bom-tom que os hóspedes do rei saíssem por aí matando uns aos outros." Pensava que ela deveria ser a filha de um mercador que veio bajular o rei. Um mercador muito rico ou talvez a filha de algum conde ou um nobre qualquer do leste: havia um certo ruído oriental em sua voz.

"Você é um hóspede?" Ela ergueu uma sobrancelha e continuou muito bonita desse jeito. "Acho que não. Você deve ter entrado sorrateiramente aqui. Pela calha das latrinas, a julgar pelo fedor. Não acho que você possa ter escalado as paredes, não usando essa velha armadura desajeitada."

Bati os calcanhares, como os cavaleiros da távola, e lhe ofereci meu braço. "Estou indo tomar meu café na cozinha. Eles me conhecem.

Talvez você queira me acompanhar e verificar minhas credenciais, senhorita?"

Ela consentiu, ignorando meu braço. "Posso mandar um garoto chamar os guardas para prendê-lo, se não encontrarmos nenhum soldado pelo caminho."

Então nós andamos lado a lado, atravessamos os corredores e baixamos um lance de escada após o outro.

"Meus irmãos me chamam de Jorg", eu disse. "E você, como se chama, senhorita?" Minha língua, incomensuravelmente seca, estranhava aquele vocabulário da corte. Ela cheirava a flores.

"Você pode me chamar de milady", ela disse, e empinou novamente seu nariz. Passamos por dois guardas, vestidos com armaduras forjadas de bronze e plumas. Ambos me estudaram como se eu fosse uma merda fora da latrina, mas ela não disse nada e eles nos deixaram passar.

Passamos pelas despensas onde a carne salgada e as conservas de porco repousavam em barris estocados até o teto. Milady parecia saber o caminho. Ela me espiou com aqueles olhos de esmeralda.

"Então você veio aqui para roubar ou para matar alguém com essa sua adaga?", ela perguntou.

"Talvez um pouco das duas coisas." Abri um sorriso.

Mas era uma boa pergunta. Não saberia dizer por que, tirando o fato de que alguém não me queria por aqui. Desde aquele momento em que encontrei o padre Gomst em sua jaula, desde que o fantasma me atravessou e os meus pensamentos se viraram para o Castelo Alto, eu sentia como se tentassem me guiar para fora. E eu não deixo ninguém me dizer aonde devo ir.

Passamos pela Ponte Curta, pouco mais do que três pranchas de mogno sobre as enormes válvulas capazes de vedar os níveis inferiores do castelo principal. As portas, feitas de aço com um metro de espessura, eram capazes de deslizar para o vão superior localizado no

corredor – pelo menos foi o que o tutor Lundist me disse. Elevadas pela velha magia. Nunca as vira fechadas. Tochas queimavam ali, nenhuma lâmpada de prata nos níveis dos serviçais. O fedor da fumaça de alcatrão, mais do que qualquer outra coisa, me fez sentir em casa.

"Talvez eu fique por aqui", disse.

O arco da cozinha estava bem à nossa frente. Pelo vão das portas eu podia ver Drane, o cozinheiro assistente, atracando-se com um porco.

"Seus irmãos não sentiriam saudades?", perguntou, agora num tom debochado. Ela tocou o canto de sua boca com os dedos, bem em cima de onde os meus deixaram marcas vermelhas, que ficavam mais intensas. Alguma coisa naquele gesto me deixou igualmente mais intenso.

Eu dei de ombros e parei para ajeitar as correias do bracelete que cobria meu antebraço esquerdo. "Existem muitos irmãos na estrada", eu disse. "Deixa eu mostrar o tipo de irmãos a que me refiro..."

"Deixa que eu faço", ela disse, impaciente.

A luz da chama ardia no vermelho dos seus cabelos. Ela desfez os laços com dedos hábeis. A garota entendia de armaduras. Quem sabe Sir Galen não fizesse mais do que decapitar arruaceiros malcriados?

"O que houve?", ela perguntou. "Já vi antebraços antes, talvez não tão imundos assim."

Abri um sorriso e virei meu braço para que ela pudesse ver a marca da irmandade sobre meu pulso. Três horrendas faixas de queimaduras. Um olhar de desgosto marcou seus traços. "Você é um mercenário? E ainda sente orgulho disso?"

"Mais orgulho do que sinto por minha família de verdade, que eu abandonei." Senti uma mordida de raiva. Senti vontade de botar essa inconveniente filha de mercador para correr.

"E isso aqui?" Com os dedos sobre meu braço ela percorreu a pele que a armadura não cobria, da marca da irmandade até o cotovelo. "Meu

Deus! Debaixo dessa sujeira quase não tem um garoto, é tudo cicatriz."

Seu toque me arrepiou e eu puxei o braço. "Caí num arbusto quando era criança", disse, num tom bastante alto.

"Um senhor arbusto!", ela disse.

Dei de ombros. "Roseira-brava."

Seus lábios se contorceram de dor. "Ai! Você tinha que ficar parado", ela disse, com os olhos ainda sobre meu braço. "Todo mundo sabe disso. Olha, os espinhos cortaram você até os ossos."

"Eu sei disso. *Agora*." Apertei o passo em direção à porta da cozinha.

Ela correu para me alcançar e as sedas de seu vestido dançaram. "Por que você se debateu? Por que não ficou parado?"

"Eu fui um imbecil", disse. "Eu não lutaria hoje em dia." Queria que aquela vaca estúpida se mandasse. Nem fome eu sentia mais.

Meu braço ardia com as lembranças de seus dedos. Ela tinha razão, os espinhos me cortaram bem profundamente. Durante um ano, com intervalos de poucas semanas, o veneno queimava nas feridas e corria em meu sangue. Sempre que o veneno corria dentro de mim eu fazia coisas que assustavam até mesmo os irmãos.

Drane tombou junto às portas quando me aproximei. Ele parou, esfregou as mãos no avental imundo esticado sobre sua pança. "O qu..." – olhou para trás e arregalou os olhos. "Princesa!" Ele ficou subitamente apreensivo, tremendo como um monte de gelatina. "Princesa! O que a se-senhorita está fazendo na cozinha? Isto aqui não é um lugar para uma dama em trajes de seda."

"Princesa?" Boquiaberto, virei-me para encará-la.

Ela abriu um sorriso que me deixou perplexo, não sabia se lhe dava um tapa ou um beijo. Antes que pudesse decidir uma pesada mão pousou sobre meus ombros e Drane me virou. "E o que um pequeno rufião como você pensa que está fazendo importunando sua alteza..." A pergunta morreu em sua garganta. Com sua cara gorda toda enrugada

ele tentou falar de novo, mas as palavras não surgiam. Ele me soltou e recuperou a voz. “Jorg? Pequeno Jorg?” Lágrimas correram sobre suas bochechas.

Will e eu vimos esse homem esganar algumas galinhas e assar algumas tortas: não havia motivos para ele ficar tão abobalhado em minha presença. Mas eu o livrei do constrangimento; ele me dera a oportunidade de ver sua alteza real surpresa. Sorri para ela e fiz uma curta reverência.

“Princesa, hein? Então isso quer dizer que o traste ambulante que você queria entregar aos guardas é, na verdade, seu irmão adotivo.”

Ela recuperou a compostura imediatamente. Isso eu não posso negar.

“Na verdade, meu sobrinho”, ela disse. “Seu pai se casou com minha irmã mais velha, dois meses atrás. Sou sua tia Katherine.”



TRILOGIA DOS ESPINHOS

PRINCE OF THORNS

20



entamos ao longo do cavalete no qual os empregados da cozinha comiam suas refeições, tia Katherine e eu. Os serviçais limparam a galeria inferior e trouxeram luzes e velas de todos os tamanhos e diâmetros em castiçais de barro. Eles nos observavam das portas nos dois lados do cômodo, uma plateia maltrapilha, sorrindo e acenando como se aquele fosse um dia santo ou de festa e nós, os mascarados, estivéssemos ali para entretê-los. Drane apareceu e irrompeu por entre os empregados como uma barca sobre as águas. Ele trouxe pão fresco, uma tigela de mel, manteiga dourada e facas de prata.

"Aqui sim se come de verdade", eu disse. Mantive meus olhos em Katherine. Ela não parecia se importar. "Pão quentinho saído do forno." Ao abri-lo, a fumaça se espalhou. O paraíso deve ter cheiro de pão fresquinho. "Eu não tinha saudades de você à toa, Drane", eu disse sobre

meu ombro. Eu sabia que o cozinheiro gorducho iria se vangloriar durante um ano por causa dessas palavras. Não senti saudades dele. Nem sequer perdi um segundo pensando nele durante a centena de vezes que sonhara com suas tortas. Na verdade, eu lutara para me lembrar do seu nome quando o vi junto à porta. Mas havia algo naquela garota que me fazia querer ser o tipo de homem que se lembrava.

A primeira mordida acordou minha fome e caí sobre o pão como se ele fosse um pernil de veado, e eu e meus irmãos nos acotovelássemos no meio da estrada. Katherine parou para ver, suspendeu sua faca sobre o pote de mel e contorceu os lábios num sorriso.

"Mmmm." Eu mastiguei e engoli. "O quê?", disse, ordenando uma resposta.

"Ela deve estar se perguntando se você vai para debaixo da mesa, quando o pão acabar, brigar pelos ossos com os cachorros." Makin se aproximara sem que eu notasse.

"Diabos, mas você tem pés de pantufa, Sir Makin." Eu me virei e ele estava lá, em pé, atrás de mim, com sua armadura cintilante. "Um homem de armadura deveria ter a decência de ranger."

"Eu rangi bastante, meu príncipe", ele disse, abrindo um sorriso impertinente. "Você estava prestando atenção em coisas mais urgentes, quem sabe?" Ele prestou reverências à Katherine. "Milady. Acredito não ter tido a honra."

Ela lhe estendeu a mão: "Princesa Katherine Ap Scorron".

Makin ficou perplexo. Ele tomou sua mão e fez um novo aceno, muito mais reverente, levando os dedos dela até os lábios. Ele tinha lábios grossos, sensuais. Bastava-lhe lavar o rosto para seus cabelos, negros e cacheados, cintilarem tanto quanto sua armadura. Ele se limpou de verdade e eu, por um momento ínfimo, o odiei sem reservas.

"Sente-se", eu disse. "Estou certo de que o excelente Drane pode trazer mais pão."

Makin soltou a mão de Katherine. Devagar demais para o meu gosto. “Infelizmente, meu príncipe, é o dever, e não a fome, que me trouxe até a cozinha. Achei que iria encontrá-lo aqui. Você foi intimado a comparecer na sala do trono. Deve ter uma centena de escudeiros procurando por você. E por você também, princesa.” A ela, Makin concedeu um olhar apreciativo. “Encontrei um sujeito, chamado Galen, à sua procura.” Estas últimas palavras saíram um tanto amarradas. Assim como eu, Makin não gostava muito de Sir Galen. E ele encontrara o sujeito.

Levei o pão comigo. Era muito bom para ser deixado para trás.

Seguimos nosso caminho de volta à superfície. O Castelo Alto parecia ter despertado durante minha visita às cozinhas. Escudeiros e camareiras corriam pra lá e pra cá. Guardas emplumados passavam aos pares e em grupos de cinco em seus afazeres. Contornamos um lorde trajando peles e uma corrente de ouro, cercado por lacaios, e o deixamos para trás, com seu espanto, suas reverências e seu “Bom dia, princesa!”.

Atravessando o corredor e um salão, chegamos à Galeria Torrencial, a antecâmara da sala do trono, onde as armaduras de torneio de reis do passado se alinhavam às paredes como cavaleiros ocos de pé em vigília permanente.

Makin nos anunciou aos guardas: “Príncipe Honório Jorg Ancrath e a Princesa Katherine”. Ele citou meu nome antes de anunciar a princesa. Uma questão sem importância na estrada, mas um detalhe gritante na Galeria Torrencial. *Eis o herdeiro do trono, deixem-no entrar*.

Os guardas emplumados na entrada permaneceram imóveis como as armaduras nos pedestais atrás deles. Eles nos seguiram apenas com os olhos, mãos enluvadas repousavam sobre os adornos dos punhos de suas espadas, com as pontas apoiadas no chão. Os dois cavaleiros da távola na sala do trono trocaram olhares. Eles pararam por um

momento para saudar Katherine e então se puseram a abrir as grandes portas, deixando um espaço suficiente para que nós entrássemos. Reconheci um deles pelo brasão em seu peitoral: chifres sobre um elmo. Sir Reilly. Ele se tornara grisalho durante os anos em que estive ausente. Ele duelou com sua porta, esforçando-se para mover o carvalho revestido de bronze. As portas se abriram. Nosso ponto focal cresceu, de uma lasca prateada de luz morna para uma janela que desvendava um mundo que eu conhecera. A corte dos reis Ancrath.

"Princesa?" Eu tomei sua mão e a ergui, e nós entramos.

Sobre os homens que construíram o Castelo Alto, o que lhes sobrava em habilidade lhes faltava em imaginação. Suas paredes hão de permanecer por mais dez mil anos, mas eles não tinham dons artísticos. A sala do trono era uma caixa sem janelas. Uma caixa com uns noventa metros quadrados e um pé direito de seis metros para humilhar os bajuladores – mas ainda assim uma caixa. Elaboradas galerias de madeira para os músicos eliminavam a ressonância das quinas em ângulo reto, e o oratório do rei adicionava certo esplendor. Mantive meus olhos no trono.

"A Princesa Katherine Ap Scorron", anunciou o arauto.

Nenhuma menção ao pobre Jorgy. Nenhum arauto ousaria mostrar tamanho desprezo sem instruções.

Nós atravessamos o longo piso. Nossos passos eram mensurados, observados por homens da guarda junto às paredes, arqueiros posicionados nas paredes à esquerda e à direita, espadachins nas colunas e próximos da porta.

Eu não fora nomeado, mas minha aparição certamente gerou algum interesse. Além dos guardas, e apesar do horário matinal, pelo menos uma centena de bajuladores formava nossa plateia. Eles aguardavam o espetáculo, esbarrando-se nos degraus inferiores, em seus trajes de veludo. Deixei meus olhos vagarem pela multidão resplandecente,

demorando-me um pouco mais nas joias mais refinadas. Ainda mantinha meus hábitos da estrada e calculei mentalmente o quanto elas valiam. Só no colo daquela condessa gorducha havia o suficiente para um cavalo de batalha. O colar de ouro daquele lorde poderia comprar dez armaduras de escamas. Cada um de seus anéis renderia, com certeza, um ótimo arco longo e um potro. Precisava me lembrar de que eu tinha novos interesses em jogo. O velho jogo de sempre, mas novas apostas. Não necessariamente mais altas, mas diferentes.

O murmúrio suave da corte subiu e desceu enquanto nos aproximávamos. O burburinho suave de comentários cortantes, sarcasmo ferino, insultos adocicados. Aqui, o alento afiado do príncipe que volta à corte ainda com trajes da estrada; ali, a chacota sorridente, meio escondida sob um guardanapo de seda.

Então me permiti olhar para ele.

Quatro anos não forjaram mudanças em meu pai. Sentava-se sobre o trono alto, coberto por um manto de pele de lobo, com ornamentos de prata. Ele usara o mesmo manto no dia em que fugi. A coroa dos Ancrath repousava sobre sua testa, uma coroa de guerreiro, uma faixa de ferro adornada com rubis, confinando cabelos negros riscados com o mesmo cinza do metal. À sua esquerda, na cadeira da consorte, sentava-se uma nova rainha. Tinha o olhar de Katherine, ainda que mais suave, e uma teia de prata e pedras lunares domava os seus cabelos. Qualquer sinal de gravidez se escondia sob as camadas de seu vestido marfim.

Entre os tronos crescera uma árvore magnífica, trabalhada em vidro, de folhas esmeraldas como os olhos de Katherine, grandes, finas e muitas. Ela alcançava esguios três metros de altura, seus galhos e ramos se retorciam vitrificados, castanhos feito caramelos. Jamais havia visto algo parecido. Eu me perguntava se ela fazia parte do dote da rainha. Certamente tinha o seu valor.

Sageous permaneceu ao lado da árvore de vidro, na luz verde malhada sob suas folhas. Ele abandonara o simples branco que estava usando quando nos encontramos pela primeira vez em favor de mantos negros, colarinho alto, com uma faixa de placas de obsidiana ao redor do pescoço. Nossos olhares se encontraram quando me aproximei e criei um sorriso para ele.

Os cortesãos recuaram diante de nós, Makin na dianteira, Katherine e eu de mãos dadas. Os perfumes dos lordes e das damas faziam cócegas em meu nariz: lavanda e óleo de laranja. Na estrada, a bosta tem a decência de feder.

Apenas dois degraus abaixo do trono estava um cavaleiro alto, trajando uma armadura magnífica de ferro forjado sobre bronze, com dragões gêmeos enroscados sobre seu peitoral num inferno carmesim.

"Sir Galen", sussurrou Makin.

Eu espiei Katherine e seu sorriso me parecia indecifrável. Galen nos observava com olhos azuis ardentes. Gostei um pouco mais dele, por deixar transparecer sua hostilidade. Ele tinha os cabelos louros de um teutão, de feições quadradas e bonitas. Mas era velho. Tanto quanto Makin. Trinta primaveras, pelo menos.

Sir Galen não fez nenhum sinal de que deixaria Makin passar. Nós paramos a uns cinco degraus abaixo.

"Pai", eu disse. Dentro de minha cabeça, eu fizera meu discurso uma centena de vezes, mas de algum jeito o velho filho da mãe conseguia roubar as palavras de minha boca. O silêncio se alongou entre nós. "Espero que..." – recomecei, mas ele me cortou.

"Sir Makin", ele disse, sem ao menos olhar para mim. "Quando enviei o capitão da guarda do palácio para recuperar meu filho de dez anos, eu esperava seu retorno ao anoitecer. Talvez um dia ou três fossem necessários se o menino provasse ser particularmente arisco." Meu pai ergueu sua mão esquerda apenas um centímetro ou dois, e foi a deixa

para a plateia. Uma risada dispersa eclodiu entre as senhoras e foi cortada quando os dedos dele retornaram ao braço do trono.

Makin assentiu com a cabeça e não disse nada.

"Empreender uma semana ou duas nessa tarefa seria sinal de incompetência. Mais de três anos é caso de traição."

Makin olhou para o alto. "Jamais, meu rei! Traição jamais."

"No passado, nós tínhamos motivos para considerá-lo apto para um cargo de comando, Sir Makin", meu pai disse, num tom de voz gélido como seu olhar. "Então, você será capaz de explicar-se."

O suor brilhava na testa de Makin. Ele treinara seu discurso tantas vezes quanto eu fizera. E certamente o perdeu de modo igualmente profundo.

"O príncipe tem toda a desenvoltura que se espera de um herdeiro do trono." Vi a rainha franzir o rosto com a frase de introdução de Makin. Até meu pai fechou os lábios e me espiou de modo fugaz e indecifrável. "Quando finalmente o encontrei, estávamos em terras hostis... Jaseth... uns quinhentos quilômetros ao sul daqui."

"Eu sei onde fica Jaseth, Sir Makin", disse meu pai. "Não tente me dar lições de geografia."

Makin inclinou a cabeça. "Sua majestade tem muitos inimigos, como acontece com todos os grandes homens nestes dias turbulentos. Uma lâmina solitária, ainda que leal, como a minha, não conseguiria proteger seu herdeiro em terras como Jaseth. A melhor defesa do Príncipe Jorg era o anonimato."

Espiei a corte. Parecia que o discurso de Makin não o abandonara de forma alguma. Suas palavras tinham impacto.

Meu pai alisava a barba. "Então você deveria ter cavalgado de volta ao castelo numa comitiva anônima, Sir Makin. Pergunto-me por que essa jornada levou quatro anos."

“O príncipe se juntou a um bando de mercenários, majestade. Por méritos próprios, ganhou a submissão deles. Contou-me que se eu ousasse trazê-lo de volta eles me matariam, e que se eu o sequestrasse ele me denunciaria a todos que encontrássemos pelo caminho. E eu acreditei, já que ele tem a obstinação de um Ancrath.”

Era hora de ser ouvido, pensei. “Quatro anos na estrada lhe deram um capitão melhor”, eu disse. “Há mais para se aprender sobre a guerra do que poderia ser descoberto no castelo. Nós...”

“Você carece de iniciativa, Sir Makin”, disse meu pai. Ele nunca viu Makin com bons olhos. Eu cheguei a me perguntar se havia pronunciado minhas palavras. A voz de meu pai se tingiu de raiva. “Tivesse eu cavalgado atrás do garoto, encontraria um jeito de trazê-lo de volta de Jaseth em menos de um mês.”

Sir Makin prestou reverências, humildemente: “É por isso que vossa majestade merece o trono, enquanto eu não passo de um mero capitão da guarda do seu palácio”.

“Você não é mais o meu capitão da guarda”, meu pai disse. “Sir Galen ocupa essa posição agora, como também servia na Casa Scorron.”

Galen prestou a menor das reverências a Makin, um sorriso zombeteiro.

“Talvez você queira desafiar Sir Galen pelo seu antigo posto?”, meu pai perguntou. Mais uma vez, ele passou os dedos pela sua barba grisalha.

Eu pressenti uma armadilha. Papai não queria Makin de volta.

“Vossa majestade escolheu um capitão”, disse Makin. “Eu não ousaria ignorar vossa decisão usando minha espada.” Ele também pressentira a armadilha.

“Faça-me feliz”, disse meu pai, abrindo um sorriso pela primeira vez desde nossa entrada, e foi um sorriso frio. “Esta corte foi um tédio durante sua ausência. Você nos deve um pouco de diversão. Que

comece o show." Ele fez uma pausa. "Vamos ver o que você aprendeu na estrada." Então ele escutou o que eu falei.

"Pai...", eu comecei. E, novamente, ele me cortou. Não conseguiria superá-lo naquele momento.

"Sageous, pegue o garoto", ele disse.

E isso foi tudo. O pagão capturou meu olhar e me levou, calmo como um carneirinho, para ficar junto a ele entre os tronos. Katherine dirigiu um rápido olhar pálido em minha direção e se foi para o lado de sua irmã.

Makin e Galen saudaram o rei. Eles abriram caminho entre a turba de cortesãos e foram até uma estrela de mármore incrustada no chão, com uns três metros de comprimento, que marcava o centro da sala do trono. Ficaram cara a cara, fizeram uma saudação e desembainharam suas espadas.

Makin carregava a espada que meu pai lhe dera quando ele assumiu o posto de capitão da guarda do palácio. Uma boa arma, forjada em aço indiano, claro e escuro, com velhas runas de poder gravadas em ácido. Nossa temporada errante deixou registros históricos em forma de marcas na lâmina. Eu jamais vira um espadachim melhor do que Makin. Não gostaria de ver um aqui.

Sir Galen não se mexeu. Ele segurava sua espada de forma preguiçosa. Não vi nenhuma marca nela, uma lâmina simples, forjada em ferro negro dos turcomanos.

"Nunca confie numa espada turcomana...", sussurrei.

"Já que o ferro turcomano drena os feitiços como uma esponja e possui uma borda amarga." Sageous completou o velho ditado.

Eu tinha uma resposta afiada para o pagão, mas o choque das espadas ressoou mais alto. Makin avançou sobre o teutão, fintando baixo e depois atacando alto. Makin tinha um talento natural com a espada. A lâmina era parte dele, uma coisa viva, da ponta ao punho. Numa batalha

selvagem, ele sabia onde cada perigo se escondia, onde cada armadilha esperava.

Sir Galen bloqueou a investida e retrucou com um contra-ataque preciso. Suas espadas se chocaram e o jogo dos metais soava alto e agudo. Eu mal conseguia acompanhar a troca de golpes. Galen lutava com precisão técnica. Lutava como um homem que desperta todos os dias na alvorada para treinar e duelar. Lutava como um homem que esperava vencer.

Durante o primeiro minuto do duelo os dois escaparam por um triz da morte pelo menos uma centena de vezes. Eu me dei conta de que minha mão direita agarrava o tronco da árvore de vidro, o cristal liso e gelado sob meus dedos. No final desse primeiro minuto, eu sabia que Galen venceria. Esse era seu jogo. Makin era brilhante, mas, assim como eu, ele lutava batalhas reais. Ele lutava na lama. Ele lutava em vilas incendiadas. Ele usava o campo de batalha. Mas essa partida seca, tão restrita em seu escopo, era tudo o que Galen conhecia da vida.

Makin atacou as pernas de Galen. Um pouco tenso demais na curva e Galen o fez pagar pelo erro. A ponta da lâmina turcomana desenhou uma linha vermelha na testa de Makin. Um centímetro a mais na envergadura do braço de Galen e o golpe teria destroçado o crânio de Makin.

"Então você abre o jogo sacrificando seu cavalo, Príncipe Jorg?" Sageous falou bem perto do meu ouvido.

Que susto. Havia esquecido dele. Meu olhar vagou para o dossel verde sobre nós. "Não tenho problemas com sacrifícios, pagão." O vidro da árvore deslizava suavemente sob meus dedos enquanto minha mão subia e descia pelo tronco. Os golpes das espadas pontuavam nossa conversa. "Mas eu sacrifico apenas quando posso ganhar algo em troca."

A árvore era mais pesada do que eu imaginara e, por um segundo, achei que não conseguiria tombá-la. Escorei minhas pernas e deixei

meu ombro realizar a tarefa. A coisa caiu em silêncio e então explodiu em um milhão de peças sobre os degraus. Eu poderia ter cegado metade da aristocracia de Ancrath se os olhos deles estivessem no trono e não na luta que acontecia no salão. Como estavam, salpiquei suas costas com cacos de vidro. A multidão bem-vestida na base do estrado real se transformou numa massa aos prantos. Mulheres nascidas na nobreza alisavam seus cabelos, confinados por tiaras de diamante, e suas mãos saíam cortadas e ensanguentadas. Lordes calçando sandálias com fios de ouro, amarrados seguindo a última moda, saltavam aos uivos sobre um carpete de vidro quebrado.

Sir Makin e Sir Galen abaixaram suas espadas e observaram, assombrados.

Quando meu pai se levantou, todos ficaram em silêncio, feridos ou não.

Todos menos eu. Ele abriu a boca para falar e eu falei primeiro.

"As lições que Makin aprendeu na estrada não incluem torneios. Guerras não são vencidas com justas ou cavalheirismo. As lições que ele aprendeu são as mesmas lições que eu aprendi. Infelizmente, Sir Makin prefere morrer a ofender seu rei ao demonstrá-las." Eu não levantei a voz. Isso os manteve quietos. "Pai." Virei o rosto para encará-lo de frente. "Vou lhe mostrar o que aprendi. Lutarei com seu querido teutão. Se um homem com minha pouca experiência puder derrotar seu campeão então você reintegrará Sir Makin de bom grado, hein?" Falei como se fala na estrada, na esperança de atiçar sua ira.

"Você não é um homem, garoto. Seu desafio é um insulto a Sir Galen e não é digno de consideração." Ele falou entre os dentes. Eu nunca o vira tão furioso. Na verdade eu nunca o vi furioso.

"Um insulto? Talvez." Eu senti um sorriso surgindo e o deixei transparecer. "Mas eu sou um homem. Alcancei a maioridade três dias atrás, pai. Já tenho idade para casar. Um bem valioso. E eu exijo esta

luta como meu Presente Anual. Ou você daria as costas para três séculos de tradição dos Ancrath e me negaria a bênção da idade?"

As veias do seu pescoço saltaram orgulhosas e suas mãos se curvaram como se estivessem famintas por uma espada. Não era seguro contar com sua boa vontade.

"Se eu morrer a sucessão será clara", eu disse. "Sua puta Scorron lhe dará um novo filho e você terá se livrado de mim. De uma vez por todas, como mamãe e William. E você não vai ter que mandar o velho padre Gomst vasculhar os pântanos para ter certeza." Levei um momento para saudar a rainha. "Sem ofensas, vossa majestade."

"Galen!" A voz do meu pai era um rugido. "Mate este demônio, pois ele não é meu filho!"

Então eu corri, esmagando folhas esmeraldas com o couro endurecido. Sir Galen disparou a partir da estrela central, arrastando sua espada negra atrás de si, gritando por meu sangue. Ele veio bem rápido, mas a luta com Makin tirou um pouco de seu vigor. Empurrei uma velha senhora que estava no meu caminho, ela caiu cuspindo dentes, as pérolas derramando de seu colar.

Eu me livrei dos cortesãos e continuei correndo, no ângulo oposto de Galen. Ele desistira dos gritos, mas eu podia ouvi-lo atrás de mim, o som surdo de suas botas e o arfar de sua respiração. Ele deveria ter quase um metro e noventa, mas a armadura leve e o fôlego intacto compensaram minhas pernas mais curtas. Enquanto corríamos, saquei minha espada. Devia haver encantos suficientes na borda para entalhar aquela lâmina turcomana. Eu a joguei fora. Precisava me livrar do peso extra.

Tinha pouco espaço para agir. A parede esquerda estava poucos metros à minha frente; Galen, segundos atrás de mim.

Eu mantive a mira em um guarda em particular, um rapaz com vastas costeletas e uma boca aberta. Quando ele percebeu que eu não pretendia

desviar, era tarde demais. Eu o atingi com o bracelete em meu antebraço direito. O golpe jogou sua cabeça contra a parede e ele escorregou sem interesse em reagir. Agarrei a balestra com minha mão esquerda, virei-me e acertei entre os olhos de Galen.

A flecha mal conseguiu penetrar seu crânio. É uma das desvantagens de manter as balestras carregadas, ainda que aquela tenha sido armada poucas horas antes. De qualquer maneira, a maior parte do cérebro do teutão permaneceu dentro de sua cabeça e ele caiu bem morto.

O silêncio teria sido total, não fosse a velha choramingando no chão, perto do estrado. Olhei para a multidão de nobres, feridos e ensanguentados, para Galen caído com seus braços afastados e para as ruínas brilhantes da árvore de vidro próxima às duas portas da sala do trono.

"O espetáculo foi do seu agrado, pai?", perguntei. "Ouvi dizer que a corte foi um tédio durante a ausência de Sir Makin."

E, pela primeira vez na minha vida, ouvi meu pai gargalhar. Primeiro uma risada; depois mais alta; e então um tremendo uivo, tal que ele precisou apoiar-se no trono para se levantar.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

PRINCE OF THORNS

21



aiam fora.” Sem avisar, uma gargalhada escapuliu dos lábios do meu pai, como um sopro. Ele quebrou o silêncio: “Caiam fora. Eu falarei com o rapaz agora”. O rapaz, não “meu filho”. O detalhe não me passou despercebido.

E eles se foram. Os nobres e poderosos, os lordes e as damas, os guardas ajudando os feridos, dois deles carregando o corpo de Galen. Makin saiu após Galen, *crunch, crunch, crunch* sobre o vidro quebrado, como que para assegurar que não lhe restava vida em seu corpo. Katherine se permitiu ser guiada por um cavaleiro da távola. Ela parou, contudo, na base do estrado, e me encarou como se apenas naquele momento ela conseguisse ver quem eu realmente era. Esbocei uma reverência, um reflexo, como empunhar a espada. Doía ver o ódio em seu rosto, puro e atônito, mas algumas vezes um pouco de dor é tudo o que precisamos para cauterizar a

ferida, queimar a infecção. Ela me viu e eu a vi, ambos desnudados de fingimentos durante aquele momento vazio, recém-casados despidos para a lua de mel. Eu vi nela as mesmas fraquezas que reconheci quando cavalgamos de volta nos campos verdes de Ancrath. A sedução sutil da necessidade e do desejo, uma equação de dependência que corre sob a pele, tão lenta e docemente, apenas para derrubar um homem no exato momento em que ele mais precisa de sua força. Ah, aquilo magoava, mas eu terminei minha saudação e a vi de costas, enquanto saía.

A rainha saiu também, flanqueada por cavaleiros à sua direita e à esquerda, descendo os degraus com um gingado ligeiramente estranho. Consegui ver sua barriga inchada enquanto ela andava. Meu meio-irmão, se a previsão de Sageous estivesse correta. O sucessor do trono caso eu venha a morrer. Apenas um inchaço, apenas uma pista, mas às vezes é o necessário. Lembrei-me do irmão Kane, ferido no bíceps quando nós tomamos o Vilarejo de Holt.

"Não é nada, pequeno Jorgy", ele disse quando eu me ofereci para esquentar uma faca. "Um moleque camponês com uma enxada enferrujada. O ferimento foi superficial."

"Está inchando", eu lhe disse. "Precisa de ferro em brasa." Se já não fosse tarde demais.

"Que se foda, não por causa de um caipira com uma enxada", disse Kane.

Ele morreu petrificado, não foi, Kane? Três dias depois, seu braço estava do tamanho da minha cintura, soltando pus mais verde do que catarro, e com um fedor tão terrível que nós o deixamos gritando sozinho. É *superficial* – mas às vezes o corte superficial chega até o osso se você não o trata prontamente.

Apenas um inchaço. Vi a rainha sair.

Sageous ficou. Seus olhos voltavam-se com frequência para os restos estilhaçados da árvore. Parecia ter perdido uma amante.

“Pagão, vá ver a rainha”, disse meu pai. “Ela pode estar nervosa.”

Uma dispensa, curta e grossa, mas Sageous estava muito distraído para perceber. Ele ergueu o olhar dos restos brilhantes do tronco que eu havia tombado. “Majestade, eu...”

Você o que, pagão? Você quer algo? Não é sua vez de querer.

“Eu...” Isso era uma novidade para Sageous, eu podia ver: ele estava acostumado a controlar. “Eu não deveria deixá-lo desacompanhado, majestade. O ga...”

O garoto? Fale, homem, fale logo de uma vez.

“Pode ser perigoso.”

Falou o que não devia. Eu imagino que o pagão confiara em sua magia por muito tempo. Se realmente houvesse decifrado a cabeça de meu pai, ele não cometeria a besteira de insinuar que eu representava algum risco para o rei.

“Fora.”

Seja lá o que eu pense sobre meu querido pai, sempre admirei seu jeito com as palavras.

O olhar de Sageous tinha algo mais além de ódio. Enquanto Katherine canalizou uma emoção pura, o mago tatuado me oferecia uma complexidade desconcertante. Ah, sim, o ódio estava lá, certamente, mas havia admiração também, talvez respeito, e outros sabores, todos misturados naqueles suaves olhos castanhos.

“Majestade.” Curvou-se e partiu rumo às portas.

Nós o observamos em silêncio e o vimos atravessar o carpete brilhante de entulhos, manchado aqui com um leque abandonado, ali com uma peruca empoada. As portas se fecharam atrás dele com um tinido de bronze sobre bronze. A marca na parede atrás do trono chamou minha atenção. Eu joguei um martelo uma vez, com força, e errei o alvo. Atingiu bem ali. Aquele estava sendo um dia para velhas escoriações, velhos sentimentos.

“Eu quero Gelleth”, meu pai disse.

Eu tinha que admirar sua habilidade de me tirar do prumo. Eu estava ali, carregado com acusações, com lembranças incendiárias, e ele me afastou delas, e me jogou no futuro.

“Gelleth depende do Castelo Vermelho”, eu disse. Era um teste. Nós conversávamos desse jeito. Toda conversa era um jogo de pôquer, em cada frase aumentávamos a aposta, blefávamos ou pagávamos para ver.

“Seus truques de festa foram bons. Você matou o teutão. Eu não imaginava que seria capaz. Você escandalizou minha corte – bem, nós dois sabemos o que eles são e o que eles merecem. Mas você sabe agir para valer? Você pode me dar Gelleth?”

Encontrei seu olhar. Eu não tinha seus olhos azuis, puxei o lado de mamãe. Havia um inverno inteiro nos olhos dele, e nada mais. Até no olhar plácido de Sageous eu podia cavar mais fundo e encontrar um subtexto, mas os olhos de meu pai não demonstravam nada além de uma estação gélida. Acho que era aí onde o medo reside, na falta de curiosidade. Eu havia visto a malícia algumas vezes, e o ódio em todas as suas cores. Eu vira o vislumbre nos olhos do torturador, uma luz doentia, mas ainda assim havia o conforto do interesse, o remoto toque da salvação na humanidade compartilhada. Ainda que sem os ferros em brasa, ainda restava ao torturador a curiosidade; pelo menos ele se importava com a dor alheia.

“Posso lhe dar Gelleth”, disse.

Eu podia? Provavelmente não. De todos os vizinhos de Ancrath, Gelleth permanecia inexpugnável. O Lorde de Gelleth provavelmente tinha mais direito em reivindicar o Trono do Império do que meu pai. Em toda a Centena, poucos se igualavam a Merl Gellethar.

Minha mão coçava sobre o punho de minha adaga. Queria tanto desembainhar o aço temperado e enterrá-lo no pescoço dele, queria gritar com ele, sentir algum calor naqueles olhos gelados. *Você fez um*

acordo pela morte da minha mãe, seu bastardo! O sangue do seu próprio filho. O doce William morto e ainda quente, e você fechou um acordo. Paz em troca de direitos de comércio fluvial.

"Vou precisar de um exército", eu disse. "O Castelo Vermelho não cairá facilmente."

"Você pode levar os homens da Guarda da Floresta." Meu pai estendeu as mãos sobre os braços do trono e se recostou, enquanto me observava.

"Duzentos homens?" Senti meus dedos enrijecerem sobre o punho de minha faca. Duzentos homens contra o Castelo Vermelho. Dez mil talvez não fossem suficientes.

"Levarei meus irmãos também", disse. Eu o olhei nos olhos. Nenhuma alteração no inverno, nenhuma consideração ao ouvir a palavra "irmão". A fraqueza em mim queria falar sobre Will. "Você terá Gelleth. Eu lhe darei o Castelo Vermelho. Eu lhe darei a cabeça de Lorde Gellethar. E então você me entregará o pagão."

E você me chamará de "filho".



TRILOGIA DOS ESPINHOS

PRINCE OF THORNS

22



ntão sentamos, Makin e eu, à mesa da taberna O Anjo Caído com uma jarra de cerveja entre nós e a canção de um bardo estridente que lutava para ser escutado no meio da confusão. À nossa volta, os irmãos se misturavam à ralé da Cidade Baixa, jogando, trepando, devorando. Rike sentou-se ali perto, seu rosto enterrado numa galinha tostada. Parecia que ele tentava inalar o pedaço de comida.

"Você pelo menos já viu o Castelo Vermelho, Jorg?", perguntou Makin.

"Não."

Makin olhou para sua cerveja. Ele ainda não tocara nela. Por uns instantes, nós ouvimos o som de Rike esmigalhando ossos de galinha.

"E você?", perguntei.

Ele fez que sim com a cabeça e se debruçou em sua cadeira, o olhar nas lanternas sobre a porta da rua. "Quando eu era escudeiro de Sir

Reilly, nós levamos uma mensagem para Lorde Gellethar. Ficamos uma semana nos salões de hóspedes do Castelo Vermelho antes que Merl Gellethar se dignasse a nos ver. A sala do trono dele humilha a do seu pai."

Irmão Burlow chegou cambaleando, sua barriga escapava sobre o cinto resistente, um naco de carne em uma das mãos e dois garrafões na outra, espuma sobre os nós dos dedos.

"O que tem o castelo?" Eu não poderia me importar menos a respeito de um concurso de mijo sobre salas de trono.

Makin brincava com sua cerveja, mas não bebia. "É suicídio, Jorg."

"Tão ruim assim?"

"Pior", ele disse.

Uma puta maquiada, de cabelos com hena e lábios vermelhos, sentou-se no colo de Makin. "Cadê seu sorriso, meu bonitão?" Ela tinha belas tetas, grandes e empinadas, espremidas como um convidativo sanduíche num corpete armado com cordões e ossos de baleia. "Eu posso encontrar ele pra você." Suas mãos desapareceram dentro das ondas de sua saia, emaranhada ao redor da cintura de Makin. "A Sally aqui sabe fazer gostoso. Meu belo cavaleiro não precisa de rapazes para deixá-lo quentinho." Ela desferiu um olhar ciumento em minha direção.

Makin a jogou no chão.

"Ele foi construído dentro de uma montanha. O que se vê sobre as pedras são paredes tão altas que você fica com o pescoço dolorido de olhar para as ameias." Makin pegou sua cerveja, fechando as duas mãos ao redor da jarra.

"Ai!" A puta se levantou das tábuas molhadas e secou as mãos em seu vestido. "Não precisava me tratar assim!"

Makin nem mesmo a espiou. Ele virou seus olhos negros para mim. "As portas são de ferro, tão grossas como uma espada é comprida. E o

que está sobre a superfície não chega a ser um décimo do castelo. Nos porões, eles estocam mantimentos suficientes para durar anos e anos."

Sally demonstrou ser uma autêntica profissional. Ela transferiu suas atenções para mim, tão suavemente que você pensaria que eu havia sido objeto de sua afeição desde o começo. "E você quem é, hein?" Ela chegou perto, acariciando meus cabelos. "Você é bonito demais para esse mercenário resmungão", ela disse. "Você é velho o bastante pra aprender como se faz com uma garota e a Sally aqui vai mostrar."

Ela mantinha a boca muito perto da minha orelha, produzindo arrepios na minha nuca. Eu senti sua colônia barata de capim-limão abrindo espaço pelo fedor da cerveja e o cheiro de erva dos sonhos em seu hálito.

"De quantos homens vamos precisar para tomar o castelo sob as barbas de Lorde Gellethar?", perguntei.

Os olhos de Makin retornaram às lanternas e os nós de seus dedos ficaram brancos em volta da jarra. De algum lugar atrás de nós, Rike soltou um urro, rapidamente seguido pelo som estrondoso de um corpo encontrando uma mesa em alta velocidade.

"Se você tivesse dez mil homens", disse Makin, elevando a voz sobre os sons de coisas quebrando. "Com dez mil homens, bem equipados e com catapultas, muitas catapultas, talvez você pudesse derrotá-lo em um ano. Isso, se você conseguir afastar os aliados dele. Com três mil homens, você talvez conseguisse, afinal, matá-lo de fome."

Eu segurei a mão de Sally quando ela a escorregou pela minha barriga até a fivela do meu cinto. Eu torci seu pulso, um pouquinho, e ela se virou na minha frente, estridente, num suspiro uma oitava acima. Debaixo da maquiagem ela aparentava ser pouca coisa mais velha do que eu, diferente do que imaginei a princípio. Teria uns vinte anos, não mais do que isso.

“E se a gente descobrisse um jeito de entrar? E então, irmão Makin? Com quantos homens nós dominaríamos o Castelo Vermelho se eu abrisse a porta?”, eu disse olhando para o rosto de Sally, a poucos centímetros do meu.

“As tropas chegam a novecentos homens. A maioria veteranos. Ele manda a carne fresca para as fronteiras e a traz de volta depois que está temperada.” Ouvi a cadeira de Makin arranhar o chão. “Que filho da puta atirou isso em mim?”, ele gritou.

Continuei torcendo o pulso da prostituta. Agarrei seu pescoço com minha outra mão e a trouxe mais para perto. “Hoje à noite você vai se chamar Katherine e poderá me mostrar como é que se faz com uma garota.”

Um pouco menos delirantes, seus olhos agora demonstravam medo. O que para mim era ótimo. Eu tinha duzentos homens e nenhuma porta secreta para entrar no Castelo Vermelho. Parecia justo que alguém estivesse preocupado.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

PRINCE OF THORNS

23



eu livro mudou de posição de novo. Eu digo "meu" livro, mas na verdade ele era roubado – foi surrupiado da biblioteca de meu pai na minha fuga do Castelo Alto. O livro se jogou em mim, ameaçando se fechar com força em meu nariz.

"Fica quieta, desgraçada", eu disse.

"Mmmgfll." Sally soltou um murmúrio sonolento e aninhou o rosto no travesseiro.

Eu firmei o livro entre as bandas do traseiro dela e afastei um pouco suas pernas com meus cotovelos. Acima das páginas, eu podia ver a leve cordilheira de ossos da coluna de Sally traçando um caminho por suas costas macias até se perder nos cachos ruivos de sua nuca. Não estava convencido de que o texto à minha frente era mais interessante do que havia por debaixo dele.

“Aqui diz que há um vale em Gelleth que eles chamam de Garganta das Leucrotas”, falei. “Fica nos terrenos rochosos abaixo do Castelo Vermelho.”

A luz da manhã atravessava a janela aberta. O ar estava um tanto gelado, mas era agradável, como o amargor de uma cerveja.

“Mmmnnn.” A voz de Sally veio do travesseiro.

Eu acabei com ela. É possível cansar uma puta quando você é muito jovem. Essa combinação de mulher e tempo disponível eu ainda não havia experimentado. Gostei. Há muito o que se pode dizer quando não se está numa fila ou não se tem que gozar antes que as chamas tomem conta do prédio. E o consentimento! Isso era novidade também, ainda que pago. Na escuridão, eu podia imaginar que era de graça.

“Agora, se eu falasse grego arcaico, e eu falo, uma leucrota é um monstro com voz humana para ludibriar suas presas.” Estiquei meu pescoço para poder morder a parte de trás da sua coxa. “E, segundo minha experiência, qualquer monstro que fala com voz humana é humano. Ou já foi.”

Meus pés estavam dependurados para fora da cama. Eu mexi os dedinhos. Às vezes isso me ajuda.

Alcancei o mais antigo dos três livros que roubei. Um texto dos Construtores sobre folhas de plasteek, vincadas por alguma forma de fogo antigo. Sábios do leste pagariam uma centena em ouro por textos dos Construtores, mas eu desejava lucrar mais do que isso.

O tutor Lundist me ensinou o discurso do Construtor. Aprendi em um mês e ele ficou se gabando para quem quisesse escutar, até que meu pai calou sua boca com um daqueles olhares sombrios pelos quais ele é famoso. O velho Lundist disse que eu conhecia o discurso do Construtor tão bem quanto qualquer um no Império Destruído, mas eu não conseguia compreender o sentido de mais da metade das palavras naquele pequeno livro que eu roubara.

Eu entendia o “Confidencial” escrito no cabeçalho e no rodapé de cada página, mas “Neurotoxicologia”, “Carcinógeno”, “Mutagênico”? Talvez fossem estilos antiquados de chapéu. Ainda hoje não sei. Pelo menos as palavras que eu reconhecia eram interessantes o bastante. “Armas”, “Arsenal”, “Destruição em Massa”. A penúltima página ainda tinha um pequeno mapa brilhante, apenas contornos e elevações. O tutor Lundist me ensinou um pouco de geografia. O suficiente para comparar aquele mapinha com as “Visões do Castelo Vermelho”, meticulosamente executadas no longo mas chatíssimo *A História de Gelleth*, cuja lombada de couro estava aninhada na fenda do traseiro meu-deus-tão-apetitoso da adorável Sally.

Mesmo quando eu entendia as palavras do Construtor as frases não faziam sentido: “O vazamento da arma binária é endêmico. Os compostos unários mais leves do que o ar demonstram pouco efeito tóxico, ainda que a rosiose seja um sintoma comum de exposição topológica”.

Ou da mesma página: “Efeitos mutagênicos são inconvenientes comuns ao derramamento binário”. Eu podia declinar do grego para entender o significado, mas os resultados dificilmente eram razoáveis. Será que roubei um velho livro de estórias?

“Jorg!” Makin gritou do outro lado da porta. “A escolta está aqui para levá-lo à Guarda da Floresta.”

Sally despertou com o barulho, mas eu a empurrei para a cama.

“Diga que esperem”, respondi.

A Guarda da Floresta não me ajudaria muito. A não ser que eles tivessem dez mil amigos que desejassem ir conosco.

“Meu Deus, estou acabada.” Sally tentou se levantar de novo. “Ai! Já é de manhã. Sammeth vai me matar.”

“Eu disse pra ficar quieta, porra.” Peguei uma moeda da minha bolsa sobre a mesa e joguei para ela. “Toma, pro babaca do seu Sammeth.”

Ela se afundou na cama de volta, num protesto cômodo.

"Vazamento de arma binária..." Como se falar as palavras pudesse lhes adicionar sentido.

"Então você vai pro Castelo Vermelho, hein?", disse Sally. Ela bocejou.

Levantei a mão para calar sua boca. Claro que ela não viu e *A História de Gelleth* bloqueava o melhor alvo.

"Diga oi para todos aqueles vermelhinhos por mim", ela disse.

Rosiose.

Eu abaixei minha mão e agarrei seus lábios. "Vermelhinhos?"

"Aham."

Senti Sally se retorcer sob a palma de minha mão. Eu apertei com mais força. "Vermelhinhos?"

"Sim." Um gemido de irritação adornava sua voz. "Por que você pensa que eles chamam de Castelo Vermelho?"

Eu me sentei na cama. "Makin! Entre aqui!", gritei, tão alto que toda a estalagem pôde ouvir. Ele entrou abruptamente, empunhando sua espada. Um sorriso se abriu em seu lábios quando viu Sally nua e esparramada, mas ele manteve suas mãos no devido lugar.

"Meu príncipe?"

Sally tentou mesmo se levantar dessa vez. Ela quase conseguiu ficar de quatro e *A História* voou longe.

"Príncipe? Ninguém me disse nada sobre isso! Ele não é príncipe porra nenhuma!"

Eu a empurrei para baixo de novo.

"Aquela conversa que tivemos ontem, Makin", eu disse.

"Sim?"

"Tem algo mais que você gostaria de incluir na descrição? Alguma coisa sobre os novecentos veteranos?"

Por um momento ele pareceu tão inexpressivo quanto Maical, o Idiota.

“Algum detalhe sobre o padrão de cores?”, sugeri.

“Ah.” Ele sorriu. “Os Corados? Sim. São vermelhos como uma lagosta cozida, cada um deles. Alguma coisa na água, é o que dizem. Achei que todo mundo sabia disso.”

Rosiose.

“Eu nunca soube”, disse.

“Então seu pai deveria ter enforcado o tutor Lundist”, disse Makin. “Todo mundo sabe disso.”

Monstros lá embaixo.

“Ele não é um príncipe!” Sally parecia ultrajada.

“Você teve uma foda real.” Makin inclinou-se.

O Castelo Vermelho e todos os seus soldados vermelhos lá em cima.

Eu pulei da cama.

Arsenal.

Vazamento.

“Então”, disse Makin. “Podemos ir?”

Vesti minhas calças. Sally se virou enquanto isso, o que não ajudou muito. Eu vi sua nudez realçada, cortesia do sol matinal. Pensei – devo arriscar a Guarda da Floresta e os irmãos por conjecturas alucinadas e palpites às cegas sobre o que aquelas palavras obscuras significariam...

“Diga que esperem uma hora.” Mudei de ideia: em vez de me vestir comecei a me despir. “Estarei pronto em uma hora.”

Sally deitou-se sobre os travesseiros e sorriu. “Príncipe, hein?”

De repente deitar pareceu ser mesmo uma boa ideia.



TRILOGIA DOS ESPINHOS

PRINCE OF THORNS

24



m belo dia, hein, capitão Coddin!" Eu desci as escadas num bom-humor notável um pouco antes do meio-dia.

O capitão fez uma reverência austera, seus lábios pressionados numa linha reta. Em outro canto, os irmãos mais novos, Roddat, Jobe e Sim, nutriam ressacas. Eu podia ver Burlow debaixo de uma mesa, roncando.

"Pensei que o senhor estaria de volta a Chelny Ford, capitão, protegendo nossas fronteiras dos ataques de vilões e malandros", eu disse, de um jeito expansivo.

"Houve certo descontentamento a respeito de minha performance na fronteira. Algumas vozes da corte sustentam que eu estaria deixando passar muitos vilões e malandros pelos meus portões ultimamente. Fui designado para o serviço de escolta na Cidade de Crath." Ele apontou para a porta da rua. "Isso se o Príncipe Jorg estiver pronto."

Eu decidi gostar do homem. Aquilo me surpreendeu. Por princípio, eu não sou dado a gostar de pessoas. A culpa era do meu humor. Nada como uma boa noite de putaria para acalmar um homem.

Coddin e seus quatro soldados nos guiaram através do Portão Oeste. Estava com Makin, é claro, e Elban porque, ainda que fosse um velho, não havia muitos entre os irmãos com mais do que meio cérebro. Levei o nubano comigo também. Não sei bem o porquê, mas ele estava perto do bar, comendo uma maçã, com a balestra sobre seu colo, e eu pensei em tê-lo conosco.

Seguimos pela Estrada Velha até a Floresta Rennat, uns vinte quilômetros sob um céu infestado de corvos, e é claro que a Estrada Velha se parece com um corvo, seguindo uma trilha deixada por homens de Roma eras atrás.

Coddin cavalgava na dianteira, flanqueado por seus rapazes. Nós os seguíamos, aproveitando o dia. Makin tocou Salta-Fogo para perto de Gerrod e os dois trocaram algum tipo de insultos que os garanhões devem trocar.

"Você deveria ter deixado Sir Galen comigo, Jorg", disse Makin.

"Você acha que podia vencê-lo?", perguntei.

"Não. Era bom na esgrima, aquele teutão", disse Makin, e passou a mão nos lábios. "Jamais duelei com um homem melhor."

"Ele não era o melhor", eu disse.

Por um momento não falamos mais nada. Elban quebrou o silêncio.

"Makin encontrou um homem que ele não poderia derrotar? Sir Makin? Não acredito." Seus lábios soltaram um "Furrr" molhado em vez de "Sir".

Makin se virou sobre a sela para encarar Elban. "Acredite. O campeão do rei me tinha em suas mãos. Mas Jorg acabou com ele." Ele acenou para o nubano. "Com uma balestra. Você ficaria orgulhoso."

O nubano passou sua mão negra como fuligem sobre os entalhes de ferro em sua arma, tocando os rostos de seus deuses pagãos. “Não há orgulho nisso, Makin.”

Eu jamais consegui decifrar o nubano. Uma hora ele era simples como Maical; na outra, profundo como um poço. Às vezes, dos dois jeitos ao mesmo tempo.

“Maical”, eu disse, lembrando. “O que aconteceu com nosso idiota de estimação? Ele morreu? Esqueci de perguntar.”

“Nós o deixamos em Norwood, Chorg. Ele deve estar morto, com aquela barriga aberta, mas ele segurou as pontas, gemendo o tempo todo”, disse Elban, limpando o cuspe do queixo.

“Estúpido demais para morrer”, disse Makin. Ele sorriu. “Tivemos que arrastá-lo até uma casa nos limites do vilarejo. O Pequeno Rikey queria acabar de vez com Maical, só para calar a boca dele.”

Soltamos uma gargalhada.

“Agora é sério, Jorg, você devia ter deixado Galen comigo”, disse Makin. “Se tivesse, você ainda estaria sentado na corte, numa boa. Você ainda é o herdeiro do trono. Daria um jeito naquela princesa insolente. O Castelo Vermelho é uma sentença de morte por ter quebrado aquela árvore estúpida. Isso e por ter chamado a esposa do rei de puta Scorron. Seu pai não é um homem piedoso.”

“Você está certo, Makin”, eu disse. “Se minha ambição se limitasse a ‘estar numa boa’ eu teria deixado o teutão fazer o seu pior. Sorte sua – eu quero vencer a Guerra Centenária, reunir o Império Destruído e ser imperador. E, se eu pretendo ter alguma chance na empreitada, conquistar o Castelo Vermelho com duzentos homens há de ser uma moleza.”

Almoçamos num marco de milha às margens da floresta. Carneiro, furtado da cozinha do Anjo Caído. Ainda limpávamos a gordura de nossos dedos quando cavalgamos à sombra das árvores – grandes

carvalhos e faias, na sua maioria –, avermelhando o cenário com o beijo do outono gélido. Cavalgando por baixo desses ramos, com os cascos moendo as folhas, e o arfar dos cavalos se projetando à nossa frente, eu senti, mais uma vez, o doce espinho afundar sob minha pele. Dizem que um homem pode viajar por toda uma vida e não vai escapar das maldições dos vales de Ancrath.

Eu bocejei, estalando o maxilar. Aquela não fora uma noite para dormir. Aquecido em meu manto, deixei o passo suave de Gerrod me embalar.

Estava pensando em pernas tenras, suaves. Meus lábios disseram seu nome, saboreando.

"Katherine?", Makin perguntou. Eu contraí a cabeça e ele me observava, com uma sobrancelha arqueada, daquele jeito irritante que ele fazia.

Olhei para o lado. À nossa esquerda, ramos de roseira-brava se contorciam nos troncos dos olmeiros. Aprendi uma dura lição dentro de uma roseira-brava numa noite tempestuosa. Não foi apenas a beleza natural que se fixou em mim.

Mate-a.

Eu me virei sobre a sela, mas Makin estava lá atrás fazendo piadas com o nubano.

Mate-a e você estará livre para sempre.

A voz parecia vir da escuridão, entre os galhos da roseira. Ela falava por baixo do esmigalhar de folhas secas caídas, pisoteadas pelos cascos.

Mate-a. Uma voz antiga, ressecada, intocada pela compaixão. Por um momento eu vi Katherine, o sangue brotando sobre seus dentes brancos, seus olhos se revirando com surpresa. Eu pude sentir a faca em minhas mãos, o punho contra seu estômago, o sangue quente correndo sobre meus dedos.

Veneno talvez seja mais discreto. Um toque distante.

Essa última voz... Poderia ter sido minha ou dos espinhos. Elas começaram a soar idênticas.

Força requer sacrifício. Toda fraqueza tem seu preço. Agora fui eu. Nós deixamos a roseira para trás e o dia começara a esfriar.

A Guarda da Floresta nos encontrou rapidamente. Eu ficaria preocupado se fosse o contrário. Uma patrulha de seis homens, todos camuflados, surgiu de trás das árvores, exigindo que explicássemos nossas intenções na estrada do rei.

Não deixei que Coddin me apresentasse. "Eu vim encontrar o mestre da guarda", disse.

As sentinelas trocaram olhares. Estou certo de que parecíamos um bando de esfarrapados; apenas Makin mantinha um toque de nobreza, já que poliu sua armadura para encontrar meu querido pai. Eu usava minha velha armadura da estrada. Quanto à aparência de Elban e do nubano, bem... Eles poderiam receber o laço dos criminosos sem ter que passar pelo processo tedioso de um julgamento.

Coddin então falou. "Este é Jorg, Príncipe de Ancrath, herdeiro do trono."

Suas palavras, ainda que difíceis de engolir, tinham o peso de um uniforme por trás delas. As sentinelas pareciam confusas.

"Ele está aqui para ver o mestre da guarda", disse Coddin, como um lembrete.

Isso fez com que se mexessem e eles nos guiaram floresta adentro por uma trilha de cervos. Seguimos em fila indiana, cavalgando até eu me cansar de ser estapeado na cara por todos os galhos do caminho e desmontar. As sentinelas mantiveram o passo apertado, demonstrando pouco respeito à realeza ou a armaduras pesadas.

"Quem é mesmo o mestre da guarda?", perguntei com fôlego curto e retinindo alto o bastante para despertar ursos hibernantes.

Uma das sentinelas olhou para trás, um coroa, nodoso como as árvores. “Lorde Vincent de Gren.” Ele cuspiu nos arbustos para mostrar seu respeito pelo homem.

“Seu pai o condecorou na primavera”, disse o capitão Coddin atrás de mim. “Creio que foi uma forma de punição.”

A Guarda da Floresta montou seu quartel-general perto da Cachoeira de Rulow, na planície onde o Rio Temus corria sinuosamente antes de juntar coragem para o salto de sessenta metros sobre um chão pedregoso. Uma dúzia de grandes cabanas, com telhas de madeira e paredes de toras, acomodadas entre as árvores. Um moinho abandonado servia de aposento para o mestre da guarda, decorado com blocos de granito e empoleirado na beirada do precipício.

Umas poucas dúzias de sentinelas vieram observar nossa coluna se aproximando. Não tinham muito que fazer por aquelas bandas, imaginei.

O velho sentinela entrou para nos anunciar enquanto amarrávamos nossos corcéis. Não estava com pressa, e nós esperamos. Um vento gélido soprou, agitando as folhas caídas. As sentinelas permaneceram conosco, seus mantos em verde e preto esvoaçavam. A maioria usava arcos curtos. Um arco longo vai se emaranhar nas árvores e você nunca vai precisar de um longo alcance na floresta. Nada de Robin Hood por aqui; os homens da guarda não formavam um bando alegre e estavam dispostos a matá-lo se você pisasse fora da linha.

“Príncipe Jorg.” Um homem vestindo pele de arminho saiu pela porta. Seus dedos agarravam um cinturão de placas de ouro.

“Lorde Vincent de Gren, eu imagino.” Eu lhe dei meu mais falso sorriso.

“Então você está aqui para nos dizer que vamos todos morrer por causa de uma promessa estúpida que um moleque fez para impressionar

seu pai!", ele disse, alto o suficiente para que todos na clareira escutassem.

Eu tinha que admirar Lorde Vincent. Ele certamente não perdia tempo com rodeios. E eu gosto disso num homem, realmente, mas não gostei do jeito que ele disse. Tinha um rosto meio fodido – não é, Lorde Vincent? –, de quem comeu e não gostou, o que era meio esquisito, já que o homem tinha o formato de uma bola de manteiga, um corpo daqueles que só se obtém comendo seriamente, e que precisa de umas dúzias extras de arminhos para se cobrir com as peles. Penso que ele deveria ter uns trinta anos, mas é difícil ser preciso com gente gorda: não sobra espaço na pele deles para surgir rugas.

"Vejo que as notícias correm." Imaginava se meu pai queria que eu fracassasse tanto quanto ele queria o Castelo Vermelho. De certa maneira chegava a ser um elogio, pois implicava, em sua cabeça, que eu tinha uma chance. Mas não, isso tinha um toque feminino, talvez o toque de uma mulher que ainda amargava ter sido chamada de "puta Scorron". Uma mulher acostumada a trazer à tona segredos pós-coito. Uma mulher que pode ter mandado um mensageiro para a Floresta Rennat. Talvez até para Gelleth.

Eu dei passos largos na direção do homem. "Eu me pergunto, Milorde de Gren, se os seus homens o seguiriam até a morte. Estou impressionado como conquistou o respeito deles tão rápido. Ouvi dizer que na Guarda da Floresta todos são durões, fortes como aço." Passei um braço sobre seus ombros. Ele não gostou, mas você pode fazer essas coisas quando se é um príncipe. "Venha comigo."

Não lhe dei escolha. Eu o conduzi rio abaixo em direção à linha reluzente onde o Rio Temus desaparecia, sendo substituído por uma tênue bruma. "Sigam a gente", gritei. "Não é uma conversa particular."

Chegamos a uma saliência numa pedra molhada, quarenta e cinco metros abaixo da casa do moinho, onde as águas saltavam em espumas

brancas acima das rochas, reunindo-se para seu mergulho sobre a Cachoeira de Rulow.

"Príncipe Jorg, eu não..." – começou Lorde Vincent.

"Você, venha cá!" Retirei meu braço dos ombros de Lorde Vincent e apontei para o velho sentinela que cuspira o nome do mestre da guarda anteriormente. Tive que gritar mais alto que a voz do rio.

O coroa veio se juntar a nós perto do precipício.

"E quem é este exemplo varonil de sentinela, mestre da guarda?", perguntei.

Rostos de gente gorda são maravilhosas fontes de emoção. Pelo menos o rosto de Lorde Vincent era. Eu podia ver seus pensamentos contraindo sua testa, tremendo seu queixo, revirando os cachos de cabelo em sua nuca. "Eu..."

"São duzentos desses camaradas. Não se pode esperar que você conheça todos eles", eu disse, completamente simpático. "Qual o seu nome, sentinela?"

"Keppen, sua majestade", disse. Pelo jeito ele gostaria de estar em outro lugar, demonstravam seus olhos arregalados, procurando uma saída.

"Mande-o saltar, mestre da guarda", eu disse.

"O-o quê?" Lorde Vicent subitamente empalideceu.

"Saltar", eu disse. "Mande-o saltar na cachoeira."

"O quê?" Lorde Vincent parecia estar com dificuldades de escutar acima do rugido.

Keppen segurava o punho de sua adaga. Sujeito precavido.

"Se seus homens vão todos morrer por causa de uma promessa estúpida que um moleque fez para seu pai, bem, então é sensato que o moleque tenha certeza de que eles irão seguir as suas ordens quando elas significarem uma morte certa", eu disse. "E se você disser 'o quê' mais uma vez terei que fazê-lo em pedaços, aqui e agora."

“O qu... Mas meu príncipe... Príncipe Jorg...” Ele tentou sorrir.

“Mande-o saltar agora!”, vociferei no rosto de Lorde Vincent.

“S-salte!”

“Assim não! Ponha mais convicção. Ele não vai saltar se parecer que você está apenas sugerindo.”

“Salte!” Lorde Vincent buscou uma voz de comando.

“Melhor”, eu disse. “Mais uma vez, com emoção.”

“Salte!” Lorde Vincent berrou a ordem ao velho Keppen. A cor retornava ao seu rosto, agora corado em vermelho-vivo. “SALTE! Salte, seu maldito!”

“Aos diabos que eu vou saltar!”, Keppen gritou de volta. Ele puxou sua faca, um pedaço terrível de metal, e deu um passo atrás, cautelosamente. Dei de ombros. “Nada bom, Lorde Vincent. Não está nada bom!” E com um empurrão vigoroso ele caiu. Não se queixou. Não ouvi nem mesmo a água esguichar.

Eu me movi rapidamente. Em dois passos, agarrei Keppen pelo pescoço, com minha outra mão segurando seu pulso, mantendo aquela faca a distância. Peguei-o de surpresa e dando mais um passo eu o mantive de costas para a borda, seus calcanhares pisando o ar, e minha empunhadura em seu pescoço era tudo o que o mantinha entre nós.

“Então, Keppen”, eu disse. “Você morreria pelo novo mestre da guarda?” Eu lhe dei um sorriso, mas acho que ele não percebeu. “É agora que você diz ‘sim’. E é bom que você fale para valer, porque existem coisas muito piores do que morrer rapidamente quando lhe derem uma ordem.”

Ele soltou um “sim” através dos meus dedos.

“Coddin.” Apontei para ele. “Você é o novo mestre da guarda.”

Puxei Keppen e caminhei de volta ao moinho. Todos me seguiram.

“Se eu pedir a vocês que morram por mim espero que perguntem quando e onde”, eu disse. “Mas não estou com pressa. Seria um

desperdício. A Guarda da Floresta é o grupo com os duzentos soldados mais perigosos de Ancrath, quer o meu pai saiba disso ou não."

Aquilo não foi bajulação, de maneira alguma. Na floresta eles eram os melhores que nós tínhamos. Com um bom mestre da guarda, eles seriam a espada mais afiada do arsenal e espertos demais para saltar quando exigidos.

"O mestre da guarda Coddin vai levá-los até Gelleth." Eu vi alguns poucos lábios se retorcerem. Com ou sem o salto de Lorde Vincent, eu ainda era um garoto e o Castelo Vermelho ainda era suicídio. "Vocês vão ficar a trinta quilômetros do Castelo Vermelho, nem um passo a mais. Vocês passarão duas semanas na Floresta Otton cortando árvores para construir catapultas e matarão qualquer patrulha que se aproximar de vocês. O mestre da guarda Coddin lhes dirá o resto quando a hora chegar."

Eu lhes dei as costas e empurrei a porta do moinho. "Coddin, Makin!"

Eles me seguiram. A entrada dava numa sala de jantar cuja mesa estava posta com ganso frio, pão e maçãs de outono. Peguei uma maçã.

"Obrigado, Príncipe Jorg." Coddin fez mais uma de suas reverências austeras. "Salvo do serviço de escolta na Cidade de Crath, agora eu posso aproveitar meu inverno correndo pela floresta ao redor de Gelleth." Um esboço tênue de um sorriso se formou nos cantos de sua boca.

"Eu vou com você. Disfarçado. É um segredo bem guardado que você deve garantir que vaze", eu disse.

"E onde estaremos de verdade?", Makin perguntou.

"Na Garganta das Leucrotas", eu lhe disse. "Conversando com monstros."

TRILOGIA DOS ESPINHOS

PRINCE OF THORNS

25

etornamos ao Castelo Alto através do Portão da Cidade Velha, com o sol quente do meio-dia em nossas nucas. Eu carregava a espada da família em minha sela e ninguém tentou barrar nosso caminho.

Deixamos os cavalos no Pátio Oeste.

"Verifique as ferraduras dele. Temos muito chão pela frente." Dei um tapinha nas costelas de Gerrod e deixei o cavalariço guiá-lo.

"Temos companhia." Makin pôs a mão em meu ombro. "Tome cuidado." Ele acenou para o outro lado do pátio. Sageous estava descendo a escada do prédio principal, um sujeito baixinho de vestes brancas.

"Estou certo de que o nosso pequeno pagão pode aprender a amar o Príncipe Jorgy como os demais", eu disse. "Ele é um homem útil, para se guardar no bolso."

Makin franziu o rosto. “Melhor pôr um escorpião em seu bolso. Estive perguntando por aí. A árvore de vidro que você derrubou não era um badulaque. Ele a fez brotar.”

“Ele me perdoará.”

“A árvore brotou da pedra, Jorg. De uma conta verde. Levou dois anos. Ele a regava com sangue.”

Atrás de nós, Rike ria debochado, um som infantil, desapropriado para um gigante daqueles.

“Seu próprio sangue”, Makin terminou.

Mais um dos irmãos rosnou uma gargalhada. Todos eles ouviram a história de Sir Galen e da árvore de vidro.

Sageous parou um metro na minha frente e lançou seu olhar sobre os irmãos, alguns ainda segurando as rédeas de seus corcéis, outros pressionados ao meu lado. Seus olhos piscavam para encarar a altura de Rike.

“Por que você fugiu, Jorg?”, ele perguntou.

“Príncipe. Você vai chamá-lo de príncipe, seu cachorro pagão.” Makin deu um passo à frente, com a espada semidesembainhada. Sageous lhe deu um olhar suave. A mão de Makin caiu inerte ao seu lado; seus argumentos desapareceram.

“Por que você fugiu?”

“Eu não fugi”, disse.

“Quatro anos atrás você fugiu da casa de seu pai.” Ele manteve a voz gentil e os irmãos o observavam como se estivessem hipnotizados por uma moeda girando.

“Eu tive um motivo para sair de casa”, disse. Sua linha de ataque me abalava.

“Qual motivo?”

“Matar alguém.”

“Você o matou?”, Sageous perguntou.

“Eu matei muita gente.”

“Você o matou?”

“Não.” O Conde de Renar ainda vivia e respirava.

“Por quê?”

Por que não o matei?

“Você o machucou? Você prejudicou seus interesses?”

Não. Na verdade, se olhar bem, se você traçasse o caminho aleatório de quatro anos na estrada, poderia dizer que eu tinha ajudado os interesses de Renar. Os irmãos e eu tínhamos pisado no calo do Barão Kennick e o afastamos de suas ambições. Em Mabberton, destroçamos o coração do que poderia ter sido uma rebelião...

“Eu matei seu filho. Enfiei uma faca em Marclos, carne e sangue de Renar, e seu herdeiro.”

Sageous se permitiu um pequeno sorriso. “Ao se aproximar de casa, você ficou sob minha proteção, Jorg. A mão que o guiava está caída.”

Seria verdade? Eu não podia ver mentiras nele. Meus olhos seguiam o que estava escrito em seu rosto, pergaminhos complexos de uma língua estrangeira. Um livro aberto, mas eu não saberia lê-lo.

“Posso ajudá-lo, Jorg. Posso devolver seu verdadeiro eu. Posso dar sua vontade de volta.”

Ele ergueu a mão, a palma aberta.

“Livre-arbítrio precisa ser conquistado”, eu disse. Quando tiver dúvidas, busque a sabedoria dos outros. Nesse caso, Nietzsche. Certas discussões requerem uma faca se você quer ser breve, outras exigem que você quebre algumas cabeças usando uma pedra filosofal.

Eu estendi o braço e peguei sua mão, por baixo, os nós de seus dedos sobre minha palma.

“As escolhas foram minhas, pagão”, eu disse. “Se alguém tentasse me guiar, eu saberia.”

“Saberia?”

“E se eu soubesse... Ah, se eu soubesse teria que lhe ensinar uma lição tão instrutiva sobre a dor que os próprios Homens Vermelhos do leste viriam aprender novos truques.” À medida que me deixavam, as palavras pareciam ocas. Infantis.

“Não fui eu quem o conduziu, Jorg”, disse Sageous.

“Quem então?”, apertei sua mão até ouvir os ossos estalarem.

Ele deu de ombros. “Implore por sua força de vontade e eu talvez a devolva.”

“Se houvesse algum encantamento em mim eu encontraria aquele que o lançou e o mataria.” Senti o eco de uma dor antiga que me angustiara nas estradas, uma pontada nas têmporas, atrás dos olhos, como uma lasca de vidro. “Mas não há nenhum e minha vontade ainda é minha”, disse.

Ele deu de ombros novamente e se virou. Ao olhar para baixo, vi que eu segurava minha mão esquerda com a direita, e o sangue corria entre meus dedos.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

PRINCE OF THORNS

26



o meu encontro com Sageous no Pátio Oeste, fui direto para a missa. Encontrar o pagão me deixou carente do toque da igreja de Roma, do cheiro de incenso, e de uma dose pesada de dogma. Se ímpios detinham tantos poderes me parecia certo que a igreja possuísse um pouquinho de magia para aplicar sobre os dignos e, com alguma esperança, também sobre os não merecedores que se preocuparam em comparecer. Se isso falhasse, de qualquer forma eu ainda precisava de um sacerdote.

Marchamos capela adentro e encontramos o padre Gomst celebrando a missa. A canção do coral hesitou ante o bater de botas sobre o mármore polido. Freiras encolheram-se nas sombras, sob o olhar malicioso dos irmãos e, sem dúvida, o ranço de nossa companhia. Gains e Sim tiraram seus elmos e abaixaram suas cabeças. A maioria deles apenas olhava ao redor, procurando por algo que valesse a pena roubar.

“Perdoe minha intromissão, padre.” Coloquei minha mão na fonte perto da entrada e deixei a água benta retirar o sangue de minha pele. Ela ardia.

“Príncipe!” Ele deitou seu livro no suporte e olhou para cima, pálido. “Esses homens... não é apropriado.”

“Ah, shhh.” Andei pelo corredor, meus olhos sobre afrescos maravilhosos do teto, e fui me virando lentamente pelo caminho, com uma mão erguida e aberta, gotejando. “Não são todos eles filhos de Deus? Crianças penitentes que retornaram por perdão?”

Parei ante o altar e espiei os irmãos perto da porta. “Devolva isso aí, Roddat, ou você vai deixar seus dois polegares na caixinha de esmolas.”

Roddat sacou um candelabro de prata de sua manta carcomida de viagem.

“Esse aí pelo menos.” Padre Gomst apontou para o nubano, seu dedo tremia. “Esse aí não é um cordeiro de Deus.”

“Nem mesmo uma ovelha negra?” Eu me aproximei de Gomst. Ele recuou. “Bem, talvez você consiga convertê-lo em nossa jornada.”

“Meu príncipe?”

“Você me fará companhia até Gelleth, padre Gomst. Uma missão diplomática. Estou surpreso que o rei não tenha lhe dito.” Não estava tão surpreso, para falar a verdade, uma vez que era mentira. “Nós partimos imediatamente.”

“Mas...”

“Venha!” Eu andei a passos largos em direção à porta. Após uma pausa ele então me seguiu. Podia ouvir a relutância em seus passos.

Os irmãos começaram a sair na minha frente. As mãos de Rike passeavam pelas paredes, sobre relicários e ícones.

Tendo capturado o padre, sentia-me feliz em estar de saída. Ordenei provisões rápidas a Makin e guiei Gomst de volta ao Pátio Oeste.

“Não devemos levar esse homem de Nuba numa missão diplomática, príncipe. Ou nenhum outro”, Gomst sussurrava enquanto andávamos. “Eles bebem o sangue de sacerdotes cristãos como parte de seus encantos.”

“Bebem, é?” Acho que foi a primeira coisa interessante que eu jamais escutara Gomst dizer. “Eu poderia usar um pouco de magia em mim mesmo.”

O padre empalideceu por baixo de sua barba. “Uma superstição, meu príncipe.”

Uns poucos passos mais e... “Ainda assim, se você o queimasse, a bênção do Senhor estaria sobre nós e nossa jornada.”

Em uma hora, com os bornais recheados, cavalgamos de volta para a Cidade Velha. Sageous esperava por nós. Ele estava sozinho, ao lado do caminho pavimentado. Ajeitei minha postura, de frente a ele, ainda me sentindo confuso. Ele havia semeado algumas dúvidas em mim. Eu havia me convencido de que só deixara o Conde Renar de lado como um ato de força, um sacrifício em favor da vontade ferrenha que preciso ter para ganhar o jogo dos tronos. Mas às vezes – agora, por exemplo – eu não acreditava nisso.

“Você deveria aceitar minha proteção, príncipe”, disse Sageous.

“Eu sobrevivi até hoje sem ela.”

“Mas agora você está indo para Gelleth, um caminho que fortalecerá o poder de seu pai.”

“Estou.” Os cavalos dos irmãos relinchavam à minha volta.

“Se alguém pensasse de verdade que você poderia ter algum êxito, eles tentariam impedi-lo”, disse Sageous. “Aquele que jogou com você nesses últimos anos vai tentar amarrar os laços que você afrouxou. Talvez o padre possa ajudá-lo. Ele já ajudou antes, com sua presença. Ele tem o valor de um talismã, mas fora isso é apenas um manto vazio.”

Um cavalo empurrou Gerrod, o cavaleiro movia-se ao meu lado.

Eu empunhei minha espada. “Não gosto de você, pagão.”

“O que você acha que assustou o morto do pântano, Jorg?” Nenhuma alteração no jeito tranquilo com que me observava.

“Eu...” Meu vigor soou vazio depois que abri a boca.

“Um garoto furioso?” Sageous fez que não com a cabeça. “O morto viu a mão negra sobre seu coração.”

“Eu...”

“Aceite minha proteção. Existem sonhos maiores que você pode sonhar.”

Senti o suave peso do sono cair sobre mim, a sela incerta abaixo.

“O bruxo dos sonhos.” Uma voz negra falou sobre meus ombros.

“O bruxo dos sonhos.” O nubano empunhava sua balestra, o punho negro envolto no corpo da arma, os músculos contraídos sobre o dardo. “Eu carrego seu símbolo, bruxo dos sonhos, sua magia não afetará o garoto.”

Sageous encolheu-se, as frases tatuadas pareciam se retorcer em seu rosto.

Num instante, meus olhos estavam escancarados. “É você.” A clareza da situação era ofuscante. “Você trancou meus irmãos nos calabouços de meu pai. Você mandou seu caçador me matar.”

Pus a mão sobre a arma do nubano, lembrando de como ele a pegou do homem que matei num celeiro, numa noite de tempestade. O caçador do bruxo dos sonhos.

“Você mandou seu caçador me matar.” Os últimos farrapos do encanto de Sageous haviam desaparecido. “Agora é a vez do meu caçador.”

Sageous virou-se e saiu em direção ao portão do castelo, quase correndo.

“Reze para que não o encontre aqui quando voltar, pagão”, eu disse em voz baixa. Se ele ouviu deveria seguir meu conselho.

Cavalgamos para fora da cidade sem olhar para trás.

As chuvas nos encontraram primeiro nas planícies de Ancrath e persistiram ao norte, em nossa travessia pelas fronteiras montanhosas de Gelleth. Fiquei ensopado na estrada muitas vezes, mas as chuvas que caíam quando deixamos as terras de meu pai eram um infortúnio gelado que nos atingiam bem fundo, até os ossos. Ainda assim, o apetite de Burlow se manteve inabalável, bem como o temperamento de Rike. Burlow comia como se as rações fossem um desafio e Rike rosnava a cada gota de chuva.

Sob minhas instruções, Gomst ministrou a confissão dos homens. Após ouvir Kent, o Rubro, falar sobre seus crimes, e aprender como ele ganhou seu apelido, Gomst me pediu para ser poupado de sua tarefa. Após ouvir os murmúrios do Mentiroso, ele implorou.

Dias se passaram. Dias longos e noites frias. Eu sonhei com Katherine, com seu rosto e a fúria em seus olhos. Sonhei com uma noite em que comemos o ensopado misterioso de Gains, e Burlow, o Gordo, cuidou dos animais, checando os cascos e as patas. Burlow sempre tomava conta dos cavalos. Talvez ele sentisse culpa por cavalgar neles sendo tão pesado, mas eu a atribuía a um medo mórbido de ser obrigado a andar. Nós nos metíamos cada vez mais no frio das montanhas. E finalmente as chuvas cessaram. Acampamos num desfiladeiro alto e me sentei com o nubano para ver o sol se pôr. Ele carregava a balestra, sussurrando para a arma velhos segredos em sua língua natal.

Durante dois dias, nós puxamos os cavalos por declives muito íngremes e com pedras excessivamente afiadas para animais de cascos, salvo os cabritos montanheses.

Um pilar marcava a entrada para a Garganta das Leucrotas. Tinha um metro e oitenta de largura e era duas vezes mais alto, um toco quebrado pelo capricho de um gigante. Os restos da parte superior jaziam por todos os lados. Ele era marcado por runas, talvez em latim, mas elas estavam tão apagadas que eu não conseguia entender quase nada.

Descansamos perto do pilar. Eu o escalei para falar com os irmãos do topo e para observar bem o terreno.

Deixei os homens montarem o acampamento. Gains acendeu seu fogo e tiniu suas panelas. O vento soprou levemente na garganta, mal conseguia oscilar as barracas de oleado. A chuva voltou, mas num ritmo monótono, fraca e gelada. Nada capaz de perturbar Rike, que dormia sobre as pedras a uns quatro metros do pilar. Seu ronco se parecia com um serrote na madeira.

Eu fiquei ali, olhando para as paredes do penhasco. Havia cavernas. Muitas cavernas.

Meus cabelos balançavam enquanto eu observava o penhasco. Eu deixara o nubano tecer uma dúzia de longas tranças em mim, com um amuleto de bronze no final de cada uma. Ele disse que isso afastaria os maus espíritos. Eu só teria que me preocupar com os bons.

Fiquei ali, com minhas mãos na espada de Ancrath, apontada para frente. Esperando algo.

Os homens ficaram nervosos. Os animais também. Eu percebia pela ausência de reclamações. Eles observavam os declives comigo, o desdentado do Elban com a pele tão curtida quanto as rochas, o jovem Roddat pálido e com marcas de varíola, Kent, o Rubro, com seus segredos, o dissimulado Algazarra, Mentiroso, Burlow, o Gordo, e o resto do meu bando de esfarrapados. O nubano ficou próximo do pilar e tinha Makin ao seu lado. Meu bando de irmãos. Todos preocupados e sem saber o porquê. Gomst parecia pronto para correr se tivesse noção de para onde ir. Os irmãos tinham um sexto sentido para confusão. Eu

sabia disso muito bem para entender que, quando todos eles se preocupavam em conjunto, era um mau sinal. Um péssimo sinal.

TRANSCRITO DO JULGAMENTO
DE SIR MAKIN DE TRENT:

Cardeal Helot, promotor papal: *E você nega ter destruído a Catedral de Wexten?*

Sir Makin: *Não nego.*

Cardeal Helot: *Ou o saque da Merca Inferior?*

Sir Makin: *Não, assim como não nego ter saqueado a Merca Superior.*

Cardeal Helot: *Que fique registrado que o acusado se diverte ouvindo os fatos do seu crime.*

Apontador da corte: *Registrado.*

TRILOGIA DOS ESPINHOS

PRINCE OF THORNS

27

Os monstros vieram quando a luz falhou. As sombras engoliram a garganta e o silêncio engrossou até que o vento mal conseguia se manter. A mão de Makin caiu sobre meu ombro. Eu recuei, obstruindo o medo com um ódio momentâneo, por minhas fraquezas e por Makin, que me fez sentir tudo isso.

"Aqui." Ele acenou para minha esquerda.

Uma das bocas das cavernas se acendeu por dentro, um único olho nos observando dentro da noite que nascia.

"Isso não é fogo", eu disse. A luz não tinha calor nem bruxuleava.

Enquanto observávamos, a fonte da iluminação se moveu, fazendo sombras duras sacudirem sobre os declives.

"Uma lanterna?" Burlow, o Gordo, deu um passo à frente e ficou do meu lado, bufando em consternação. Os irmãos se juntaram a nós.

A estranha lanterna emergiu no alto do declive e a escuridão apagou a caverna atrás. Ela brilhava como uma estrela, uma luz fria, que saía de sua fonte e se transformava em milhares de linhas brilhantes. Uma figura isolada cortava uma fatia de sombra dentro da iluminação; o portador da lanterna.

Observamos a descida sem pressa. O vento procurou minha carne com dedos gélidos e arrancava atenção de dentro do meu manto.

"*Ave Maria, gratia plena, Dominus tecum, Benedicta tu in mulieribus*." Em algum lugar da noite, o velho Gomsty murmurava suas ave-marias.

Um horror lento crescia entre nós.

"Nossa Senhora!" Makin cuspiu a oração como se quisesse se livrar do medo. Todos sentimos aquilo se arrastar sobre as pedras ocultas.

Os irmãos podem ter corrido, mas para que lado poderíamos ir?

"Tochas, caralho. Agora!" Eu rompi a paralisia, chocado por ter ficado hipnotizado por tanto tempo pela figura que se aproximava.

"Agora!" Saquei minha espada. Eles se moveram depois disso. Às pressas, correndo até as brasas do fogo, tropeçando sobre o chão áspero.

"Nubano, Algazarra, Burlow, vejam se não tem nada subindo pelo rio." Enquanto falava, já sabia que estávamos cercados.

"Ali! Ali, atrás daquela rocha!" O nubano moveu sua balestra. Ele vira algo, o nubano não era do tipo que se assusta por nada. Nós olhamos uma luz bonita e eles nos cercaram. Simples como um truque barato de punguistas. Distraia seu alvo com um rostinho bonito e vá por trás para roubá-lo sem que ele perceba.

As labaredas se acenderam, os homens correram para suas armas.

A luz se aproximou e nós a vimos do jeito que ela era, uma criança cuja própria pele sangrava esplendor. Ela caminhava a passos curtos, brilhando a cada centímetro, branca como prata fundida, transformando os trapos que vestia em sombras.

"*Ave Maria, gratia plena!*" A voz do padre Gomst aumentou de volume, sustentando a oração como um escudo.

"Ave Maria", eu disse, fazendo eco. "Cheia de graça, com certeza."

Os olhos da garota queimavam prata e os fantasmas das chamas corriam por sua pele. Havia uma beleza frágil nela que me deixava sem ar.

Um monstro andava atrás dela. Em outras circunstâncias, seria ele que chamaria a atenção. O monstro fora construído como uma paródia de homem, compartilhando os traços de Adão assim como uma vaca imita um cavalo. A luz revelou o horror de sua pele, sem poupar detalhes. A coisa devia ter mais de dois metros de altura. Conseguia superar o Pequeno Rikey por alguns centímetros.

Mentiroso ergueu seu arco, com o nojo escrito em seu rosto. Eu segurei seu braço enquanto ele mirava no monstro.

"Não." Eu queria ouvi-los. Além do mais, uma flecha deveria apenas incomodar nosso novo amigo.

Sob um pedaço retorcido de couro vermelho, o tórax do monstro parecia um barril de quatrocentos litros. Algumas costelas lhe furavam a pele, uma tentando encontrar a outra por cima do seu coração.

A luz da garota nos tocou com um beijo gelado e eu a senti dentro de minha cabeça. Ela falava, e sua voz parecia emergir das pedras. Ouvia seus passos nos corredores de minhas memórias.

Existem lugares onde as crianças não deveriam passear. Encontrei o olhar prateado da garota e por um momento as sombras lamberam sua pele.

"Bem-vindos ao nosso acampamento", eu disse.

Dei um passo à frente para cumprimentá-los, deixando os irmãos e entrando no brilho da aura da menina. O monstro sorriu para mim, um sorriso largo, deixando à mostra dentes roubados de um lobo. Ele tinha olhos de um gato, riscados contra a luz e devolvidos.

Passei pela bela e parei em frente à fera. Nós nos julgamos por um momento. Passei os olhos pelos músculos amontoados sobre seus ossos, atravessados por veias pulsantes e cicatrizes elevadas e enrijecidas. Eu usaria uma de suas mãos como prato de jantar. Ele tinha três dedos e um polegar em cada mão, grossos como o braço da garota. Ele poderia agarrar minha cabeça com apenas uma das mãos e quebrá-la em pedaços.

Estalei meu pescoço para frente, de supetão, e pulei sobre ele gritando, empurrando meu rosto contra o dele. Ele recuou e tropeçou numa pedra solta. Deixei a risada escapar. Não pude evitar.

"Por quê?" A garota parecia intrigada. Ela deitou a cabeça e as sombras correram.

"Porque sim." Eu respirei fundo, enquanto o monstro se ajeitava.

Por quê? Por um segundo eu não sabia.

"Porque... porque ele que se foda. Porque ele é um grandessíssimo bastardo." Eu tirei o sorriso do meu rosto. Porque ele me paralisou. Porque ele fez com que eu me sentisse pequeno.

Eu a olhei de cima. "Sou maior do que você. Você vai deixar que isso a assuste?"

"Eu tenho medo de você", disse a garota. "Não por causa do seu tamanho, Jorg. Por causa dos fios que estão presos à sua volta. Pelas linhas que se cruzam onde eu não posso ver. Pelo peso, e pelo fio da navalha onde você se encontra." Ela falava cantando, numa voz aguda e doce.

"Você daria um ótimo oráculo, menina", eu disse. "Você tem essa mistura de profundidade e vazio na medida certa." Eu joguei minha espada de volta na bainha. "Então você sabe o meu nome. Devemos compartilhar? Será que as leucrotas têm nomes?"

"Jane", ela disse. "E esse é Gorgoth, um líder subterrâneo da montanha."

“Encantado.” Eu fiz uma pequena reverência. “Talvez seus amigos possam sair de trás das pedras. Desse jeito meus irmãos não irão se sentir tentados a atirar nas sombras.”

Gorgoth fixou seus olhos de gato em mim, um olhar aguçado e ferino.

“De pé!” Sua voz era ainda mais grave do que a imaginara, e eu a imaginara bastante grave.

Outros monstros surgiram em volta de nosso acampamento, alguns surpreendentemente perto. Se todas as gárgulas e criaturas grotescas se liberassem das catedrais e formassem um exército, tal exército seria leucrota, feito de carne. Não havia dois iguais. Todos haviam sido rascunhados seguindo o modelo de um homem, mas a mão que desenhava não era muito hábil. Nenhum era tão enorme nem tão robusto quanto Gorgoth. A maioria vazava por chagas, ostentava membros murchos ou trabalhados sob um amontoado de verrugas e tumores numa confusão repugnante.

“Jesus, Gorgoth! Seus amigos quase fizeram o Pequeno Rikey ser bonito”, eu disse.

Makin se juntou a mim, seus olhos fodidos contra a luz de Jane. Ele usou a mão para fazer sombra em seu rosto, e olhou Gorgoth de cima a baixo.

“E este há de ser Sir Makin”, eu disse. “Cavaleiro da corte do Rei Olidan, terror de...”

“Um homem em que se pode confiar.” A voz aguda de Jane me cortou. “Se ele der sua palavra.”

Ela virou suas órbitas prateadas para mim e senti o passado se amontoar sobre meus ombros. “Você quer ir ao coração da montanha”, ela disse.

“Sim.” Eu não podia negar.

“Você traz a morte, Príncipe de Ancrath”, ela disse.

Gorgoth rosnou ao ouvir isso. Soava como pedras sendo moídas. A criança segurou o pulso dele com sua mão brilhante. “Morte se concordarmos, morte se resistirmos.” Ela continuou com o olhar fixo em mim. “O que você oferece como pedágio?”

Tinha que admitir que ela era boa naquele jogo. Não seria nada bom para eles se o meu plano funcionasse, e não seria nada bom para eles se tentassem nos impedir.

“Na verdade, eu trouxe um presente”, disse. “Mas se por acaso ele não for do seu agrado, posso fazer algumas promessas. Farei com que Sir Makin prometa também, e ele é um homem de palavra.” Sorri para ela. “Quando eu vi este lugar num mapa...” Fiz uma pausa e lembrei das circunstâncias com certa nostalgia.

“Sally...” A garota sussurrou, também se lembrando da taberna.

Aquilo me chocou por um instante. Não gostava da ideia daquela menininha dentro da minha cabeça, abrindo portas, fazendo julgamentos infantis, brilhando sua luz em lugares que deveriam estar escuros. Parte de mim queria cortá-la em pedaços, uma parte bem grande de mim.

Destravei minha arcada. “Quando vi esta garganta no meu mapa, pensei comigo mesmo: ‘Taí um lugar esquecido pelo Senhor’. E foi quando me ocorreu o que eu deveria trazer como permuta. Trouxe Deus para vocês.” Eu me virei e apontei para o padre Gomst. “Trouxe a salvação, a bênção da comunhão. Trouxe a graça divina, o catecismo... a confissão, se você preferir. Toda a salvação que suas almas feiosas puderem aguentar.”

Gomst deixou escapar um grito efeminado e começou a correr. O nubano passou um braço negro ao redor da cintura do padre e o carregou por cima do ombro.

Esperei a resposta de Jane, mas Gorgoth selou o acordo.

“Nós ficamos com o padre.” Algo em sua voz fez meu peito doer. “Vamos guiar vocês até a Grande Escada. Os necromantes os acharão, de qualquer maneira. Vocês não voltarão.”



Alguns dizem que Kent, o Rubro, tinha um coração negro, e isso pode ser verdade, mas qualquer um que o tenha visto assassinar seis patrulheiros parrudos com uma machadinha e uma faca sabe que o homem tem uma alma de artista.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

PRINCE OF THORNS

28

ecromantes?" Eu caminhava atrás de Jane com Gorgoth às minhas costas. Não tinha nada sobre necromantes nos meus livros.

"Eles comandam os mortos. Magos..."

"Eu sei o que eles são", interrompi Gorgoth. "O que eles estão fazendo no meu caminho?"

"O Monte Honas os atrai", disse Jane. "A morte vive no coração da montanha. E também velhas magias. A morte facilita o trabalho deles."

Até as cavernas das leucrotas eram horrendas. Quando eu tinha sete anos e William cinco, o tutor Lundist nos levou secretamente às Cavernas de Paderack. Sem o conhecimento de qualquer membro da corte, os herdeiros de Ancrath deslizaram e escorregaram para dentro das profundezas escuras até chegar num salão de catedral com pilares tão majestosos que empobreciam a graça divina. Eu ainda carrego a glória desse lugar. As câmaras das leucrotas não possuíam aquela

elegância fluida, nem o toque anônimo de talento artístico que se encontra nos palácios subterrâneos do mundo. Nós caminhamos através de corredores de pedra dos Construtores, moldados por meio de técnicas há muito esquecidas. A luz de Jane nos mostrou galerias antigas, rachadas e escorregadias. Inventamos um caminho ao redor de blocos caídos, mais largos do que cavalos de carga, e descemos sem parar, como vermes cavando até o caroço à procura das raízes da montanha.

"Pare de reclamar, padre." Algazarra veio por trás do nubano e mostrou ao velho Gomsty sua faca, um artefato sinistro de ferro, para mostrar que falava sério.

O padre Gomst deixou a lamentação de lado e senti falta daqueles ecos tão assombrosos. Eu me detive um pouco para poder trocar umas palavras. Por isso e para ter certeza de que Algazarra não inventasse de retalhar nosso presente aos monstros antes que nós o entregássemos da maneira apropriada.

"Que a paz esteja convosco, padre", eu disse.

Empurrei a lâmina de Algazarra. Ele me olhou atravessado – não foi, Algazarra? – com suas marcas de varíola e seu estrabismo.

"Você só trocará de rebanho, padre", eu disse a Gomsty. "Sua nova congregação pode parecer um tanto abominável, mas e quanto à beleza interior? Bem, estou certo de que eles serão mais justos do que nosso amigo Algazarra aqui."

O nubano grunhiu e realocou o peso do padre Gomst para o outro ombro.

"Abaixe-o", eu disse. "Ele pode andar. Estamos bem, e estamos perdidos, ninguém vai ter que correr."

O nubano pôs o velho Gomst de pé. Ele olhou para mim, seu rosto escuro demais para ser decifrado. "É um erro, Jorg. Negocie com ouro,

não com pessoas. Ele é um homem santo. Ele fala em nome do Cristo branco."

Gomst olhou-o com um ódio que eu nunca vira nele anteriormente, como se chifres crescessem no nubano e este tivesse invocado Lúcifer.

"Bem, ele agora vai poder falar de Cristo com Gorgoth", eu disse.

O nubano não respondeu nada, e seu rosto não demonstrava emoções.

Alguma coisa a respeito dos silêncios do nubano sempre me fazia querer falar um pouco mais. Como se eu precisasse fazer as pazes com ele. Com Makin, eu me sentia do mesmo jeito, mas não tão intensamente.

"Não é que ele não possa sair", eu disse. "Ele está livre para voltar pra casa, se quiser de verdade. Só precisa juntar comida e um mapa para a viagem."

Em troca, o nubano me deu o branco crescente do seu sorriso.

Eu continuei em frente, uma voz gelada dentro de mim sussurrava, sussurros sobre fraqueza, sobre andar à beira do precipício, sobre uma faca afiada que cortava sem lágrimas, sobre um ferro em brasas para cauterizar uma ferida antes que a infecção se espalhasse. Não faz bem amar um irmão.

A luz de Jane enfraqueceu e piscou quando eu cheguei perto. Ela recuou um pouco, num suspiro. Retorci meus lábios e a imaginei caindo de um penhasco. Melhor do que eu esperava. Ela soltou um grito e cobriu seus olhos.

Gorgoth ficou entre nós. "Mantenha-se longe dela, Príncipe das Trevas."

Eu caminhei nas sombras e elas nos levaram para dentro da montanha. Seguimos túneis largos que se estendiam por quilômetros, com o chão nivelado e os tetos curvados. Marcas de ferrugem corriam na extensão das passagens em linhas paralelas, ainda que eu desconhecesse a finalidade desses homens em alinhar ferros de tal maneira, a menos que

fossem canos através dos quais corresse o fogo secreto dos Construtores.

Deixamos Jane e os demais, com exceção de dois dos seus semelhantes, às margens de um lago tão largo que mesmo sua luz prateada não conseguia alcançar o outro lado. Os Construtores também o tinham criado. Pedras cediam lugar à água com um único passo curto, o teto era plano e sem adornos. O pessoal de Jane andou em direção aos abrigos de madeira e peles, amontoados na margem do lago. Gorgoth os guiou, com uma das mãos envolvendo os ombros do padre Gomst.

Jane parou e seu olhar se movia entre os dois grotescos que permaneceram conosco. Ela não disse nada, mas eu pude sentir a influência oculta do diálogo silencioso na forma como ela os instruíra.

"Sem últimas palavras para mim, pequenina?", perguntei. Eu apoiei um dos joelhos no chão e fiquei de frente para ela. Um humor ferino tomava conta de mim. "Nenhuma previsão? Nada de pérolas para jogar aos porcos? Vamos lá, compartilhe uma de suas visões comigo. Deixe-me cego com o futuro."

Ela encontrou meu olhar e a luz me ofuscou, mas eu não conseguia virar o rosto.

"Suas escolhas são chaves para portas e eu não consigo ver além delas."

Senti a raiva crescer em mim e eu a retive com um rosnado. "E ainda há mais."

"Você tem uma mão sombria sobre os ombros. Um buraco em sua mente. Um buraco. Em suas memórias. Um buraco – um buraco – me puxando para dentro – me puxando..."

Agarrei sua mão. Aquilo foi um erro, pois ela queimava a pele e congelava os ossos em intensidades iguais. Precisava soltá-la, se conseguisse, mas as minhas forças me abandonaram. Por um momento eu só conseguia ver os olhos da menina.

“Quando você a encontrar, corra. Apenas corra. Nada mais.” Senti como se eu estivesse falando as palavras, ainda que pudesse ouvir a voz de Jane moldando-as. E então eu caí.

Acordei com a luz das tochas.

“Ele está acordado.”

Estava cara a cara com Rike.

“Jesus, Rike, você andou gargarejando mijo de rato outra vez?” Empurrei aquela mandíbula brutal para um lado e usei seu ombro como alavanca para me erguer. Os irmãos começaram a se levantar ao meu redor, pegando suas coisas. Makin veio da margem do lago, Gorgoth precipitando-se atrás dele.

“Não toquem a Profetisa das Leucrotas!” Ele me repreendeu com escárnio. Eu podia ver o alívio escondido em seus olhos.

“Vou manter isso em mente”, eu disse.

Gorgoth parou, olhou-me com raiva e continuou guiando o caminho, segurando uma tocha do tamanho de uma árvore pequena.

Subíamos num ângulo inclinado, o túnel encoberto de poeira que tinha gosto de amêndoas amargas. Andamos por menos de cem metros antes de o caminho se alargar numa enorme galeria atravessada por trincheiras de pedras de propósito obscuro, com muitos metros de largura e tão profundas quanto um homem tem de altura. No centro da galeria, um cercado de madeira abraçava a parede, os internos amarrados. Duas crianças amontoadas no meio da gaiola sem cobertura. Duas leucrotas. Gorgoth escancarou a porta.

“Fora.”

Nenhuma das duas crianças havia ultrapassado sete primaveras, se primaveras fossem uma conta apropriada para os negros salões das leucrotas. Saíram nus, dois garotos magricelos, aparentemente irmãos, o mais jovem talvez tivesse cinco anos. De todas as leucrotas que eu

vira, eles pareciam as menos monstruosas. Um pontilhado preto e vermelho marcava suas peles, coloridas como os tigres dos indus. Farpas escuras de chifre se projetavam de seus cotovelos, espelhadas nas garras de seus dedos. O mais velho dos dois me espiou, seus olhos absolutamente negros, sem esclera, íris ou pupila.

"Não queremos suas crianças", disse Makin. Ele pôs a mão no bolso e jogou um pedaço de carne seca para os irmãos. "Pode devolver."

O pedaço de carne deslizou até parar aos pés da criança mais velha. Ela mantinha os olhos em Gorgoth. O menor observou a carne seca atentamente, mas não se mexeu. Sua pele era tão esticada sobre os ossos que eu conseguia contar cada costela.

"Eles são dos necromantes, não desperdice sua comida com eles." O ronco de Gorgoth saiu tão baixo que chegava a doer.

"Um sacrifício?", o nubano perguntou.

"Eles já estão mortos", Gorgoth disse. "A força das leucrotas não está dentro deles."

"Para mim eles parecem saudáveis o suficiente", disse. "Se mandarem uma refeição ou duas para dentro. Tem certeza que não é inveja porque eles não são tão feios quanto vocês?" Eu não me importava muito com o que Gorgoth faria com os tampinhas, mas eu tinha prazer em insultá-lo.

Gorgoth curvou suas mãos e seis nós dos dedos gigantes pularam como toras ao fogo.

"Comam."

Os dois meninos caíram sobre a comida de Makin, rosnando como cães.

"Nós, leucrotas, somos puras de nascença, ganhamos nossos dons à medida que crescemos. É uma transformação lenta." Ele gesticulou para os garotos que lambiam os últimos fragmentos da carne seca em cima da pedra. "Esses dois passaram por mudanças de uma leucrota com o dobro da idade deles. Os dons virão mais rápido agora, mais rápido e

mais fortes. Ninguém consegue suportar tamanhas mudanças. Eu já vi isso antes. Muitos dons fazem um homem se revirar de dentro para fora." Algo naqueles olhos de gato me diziam que ele falava a verdade, que sim, ele já havia visto aquilo antes. "Melhor que eles sirvam de pagamento para manter os necromantes fora de nossas cavernas. Melhor que os mortos-vivos levem esses dois, e não procurem por vítimas que possam sobreviver. Eles terão uma morte rápida e uma paz duradoura."

"Se você diz então eu acredito." Dei de ombros. "Vamos andando. Desejo muito encontrar esses necromantes de que você falou."

Seguimos Gorgoth através da galeria. Os irmãos corriam ao nosso redor e vi o nubano entregar sorrateiramente para eles alguns damascos secos que estavam escondidos em sua túnica de lã.

"Então, qual é o seu plano?", Makin aproximou-se silenciosamente, falando baixo.

"Hmmm?" Eu vi a criança mais nova saltar para longe da bota certeira do Mentiroso.

"Esses necromantes... qual é o seu plano?", Makin manteve o sussurro.

Eu não tinha um plano, mas esse era apenas mais um obstáculo a superar. "Houve um tempo em que os mortos permaneciam mortos", eu disse. "Eu li sobre isso na biblioteca do meu pai. Por muito tempo, os mortos andavam apenas nas histórias. Até Platão mantinha os mortos a uma distância bem confortável, além do Rio Estige."

"É o que você ganha por perder tanto tempo lendo", disse Makin. "Eu me lembro da estrada no pântano. Aqueles fantasmas não leram os mesmos livros que você."

"Nubano!", chamei. "Nubano, venha dizer a Sir Makin por que os mortos não descansam mais em paz."

Ele se juntou a nós, a balestra sobre um ombro, óleo de cravos no ar ao seu redor. "Os homens sábios de Nuba dizem que a porta está

entreaberta.” Ele fez uma pausa e correu sua língua, demasiadamente rosada, sobre seus dentes demasiadamente brancos. “Há uma porta para a morte, um véu entre os mundos, que atravessamos ao morrer. Mas no Dia dos Mil Sóis tantas pessoas tiveram que atravessar de uma só vez que elas quebraram a porta. Os véus ficaram muito finos. Basta um sopro e a promessa certa, e você pode chamar os mortos de volta.”

“Aí está sua explicação, Makin”, eu disse.

Makin franziu o rosto, depois esfregou os lábios. “E o plano?”

“Ah”, eu disse.

“O plano?” Makin sabia ser irritantemente persistente.

“O mesmo de sempre. Nós simplesmente vamos matando até que eles fiquem no chão.”



Você podia confiar no irmão Algazarra. Ele conseguia fazer disparos longos usando um arco pequeno. Ao sair de um duelo de facas, sua camisa sempre estaria manchada com o sangue de outro. Você podia confiar nele para mentir, trapacear, roubar e para cobrir sua retaguarda. Mas não podia confiar nos seus olhos. Seus olhos eram muito gentis, e você não podia confiar neles.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

PRINCE OF THORNS

29



s Construtores pareciam ter uma aversão a escadas. Gorgoth nos guiou para cima da montanha por caminhos tortuosos, talhados dentro das paredes de fossos verticais infinitos. Talvez os Construtores tivessem asas ou talvez, como os sábios indus, eles conseguissem levitar usando a força de vontade. Em todo caso, os homens que vieram depois deles usaram picaretas para mastigar uma escada nas pedras das paredes do fosso, talhando degraus estreitos e grosseiros. Subimos com cuidado, os braços junto aos corpos, em fila, todos com medo de cair por um esbarrão inadvertido de ombros. Se as profundezas estivessem acesas, eu não duvido que alguns dos irmãos precisariam usar a ponta de suas espadas para ajudá-los, mas a escuridão esconde todos os pecados e nós nos enganávamos imaginando um chão invisível seis metros abaixo.

É estranho, quanto mais profundo é um buraco mais forte ele atrai um homem. A fascinação que existe na borda, e que lampeja no ponto mais estreito, também se encontra no fundo do precipício. Senti essa força me puxando a todo momento durante a subida.

Fisicamente, Gorgoth parecia ser o menos apto para tamanha escalada, mas ele sabia o que estava fazendo. As duas crianças leucrotas dançavam na minha frente, saltando degraus com tamanho desprezo que eu tinha vontade de atirá-las no vazio.

"Por que eles não fogem?", perguntei para Gorgoth, à minha frente. Ele não respondeu. Imagino que o desdém dos meninos pela queda estivesse ligado ao destino que os aguardava caso eles chegassem a salvo no topo.

"Você está levando os dois para a morte. Por que eles seguem você?", disse, encarando a larga extensão das suas costas.

"Pergunte para eles." A voz de Gorgoth retumbou dentro do fosso como um trovão distante.

Agarrei o menino mais velho pelo pescoço e o segurei sobre o vão. Ele quase não pesava e eu precisava de um descanso. Podia sentir o desnível dos degraus queimando os músculos das minhas pernas.

"Qual é o seu nome, monstrinho?", perguntei.

Ele olhou para mim com olhos que pareciam ser mais largos e mais escuros do que a queda à minha direita.

"Nome? Sem nome", ele disse, com uma voz fina e meiga.

"Isso não está certo. Eu vou pôr um nome em você", eu disse. "Sou um príncipe, tenho direito de fazer coisas assim. Você será Gog e seu irmão pode ser Magog."

Eu espiei Kent, o Rubro, que estava atrás de mim, bufando, sem o menor traço de compreensão no seu rosto de camponês.

"Gog, Magog... *My God*, onde está um padre quando preciso que alguém entenda uma piada bíblica!", eu disse. "Nunca pensei que iria

sentir falta do padre Gomst!"

Voltei para o jovem Gog. "Por que está tão feliz? Sabe, o velho Gorgothinho ali está levando você para ser devorado pelos mortos."

"Fazer o quê?", disse Gog, bem calmo. "É a lei." Se ele estava desconfortável em ser agarrado pelo pescoço não demonstrava.

"E quanto ao pequeno Magog?" Eu acenei para seu irmão, de cócoras num degrau acima de nós. "Ele também vai lutar?" Sorri com a imagem desses dois lutando com magos mortos.

"Eu o protegerei", disse Gog, e começou a se contorcer em minhas mãos, tão rápido e forte que tive que largá-lo ou eu acabaria caindo no fosso junto com ele.

Gog galopou para ficar ao lado do irmão e pôs sua mão sobre o ombro dele. Eles me observavam com aqueles olhos pretos, mais silenciosos do que camundongos.

"A gente pode se divertir com eles", Kent disse às minhas costas.

"Aposto que o menorzinho dura mais tempo", gritou Rike, e soltou uma gargalhada, como se tivesse dito algo engraçado. Por pouco não escorregou, e isso fez com que ele parasse de uma vez de gargalhar.

"Se você quer vencer esse jogo, Gog, deixe o pequeno Magog se virar sozinho." Enquanto falava, um frio arrepiou os meus cabelos da nuca. "Mostre para mim que você tem força para se virar sozinho e talvez eu encontre alguma outra coisa que esses necromantes queiram mais do que sua alma esmirrada."

Gorgoth voltou a subir e os irmãos o seguiram em silêncio.

Andei, esfregando as cicatrizes em meus antebraços onde os espinhos da roseira-brava começavam a me incomodar novamente.

Contei mil degraus, e só começara por tédio, e assim perdi os primeiros dez minutos da subida. Minhas pernas viraram gelatina, minha armadura pesava como se fosse feita de placas de três centímetros de chumbo e meus pés pisavam em falso tentando acertar a

escada. O irmão Gains convenceu Gorgoth a fazer uma pausa para descanso ao tropeçar no vazio, gritando por uns bons dez segundos antes que o chão invisível o convencesse a calar a boca.

"Tantos degraus para que a gente chegue até 'A Grande Escada!'" Cuspi um catarro nojento em homenagem ao saudoso irmão Gains.

Makin abriu um sorriso e esfregou seus cachos suados da frente dos olhos. "Talvez os necromantes venham nos carregar."

"Vamos precisar de um novo cozinheiro." Kent, o Rubro, cuspiu por Gains.

"Ninguém pode ser pior do que Gainsy." Burlow, o Gordo, mexeu os lábios. O resto dele sucumbiu sem vida, abraçando a parede. Achei aquilo um elogio fúnebre muito insignificante, visto que Burlow parecia usufruir mais dos esforços culinários de Gains do que todos os demais juntos.

"Rike seria pior", eu disse. "Eu o imagino preparando uma refeição com a mesma abordagem com que põe fogo numa aldeia."

Gains era bacana. Ele entalhou uma flauta de osso para mim uma vez, quando eu me juntei aos irmãos. Na estrada, nós homenageamos nossos mortos com blasfêmias e piadas. Se não gostássemos de Gains, ninguém teria comentado nada. Eu me sentia um pouco estúpido por deixar Gorgoth nos guiar num ritmo tão intenso. Mantive o sabor amargo comigo e me sentei, guardando um pouco para o caso de os necromantes tentarem testar nossos ânimos.

Chegamos ao topo da escadaria sem perder mais nenhum irmão. Gorgoth nos fez atravessar uma série de salões com muitos pilares, câmaras de eco vazias, com o pé-direito tão baixo que Rike conseguia alcançar os tetos. Rampas largas e curvas nos levavam de um salão ao próximo, cada um igual ao anterior, empoeirado e vazio.

O cheiro nos envolveu sorrateiramente, de modo tão lento que não saberia dizer quando me dei conta de sua presença. O fedor da morte

tem vários aromas, mas eu gosto de pensar que reconheço o Ceifador e seus disfarces.

A poeira ficava mais grossa à medida que avançávamos, três centímetros em alguns lugares. Ossos ocasionais apareciam de tempos em tempos. Depois, mais ossos, um crânio, depois três. No lugar em que a pedra dos Construtores rachara e a água vazava a poeira virou uma lama cinzenta que fluía em deltas em miniatura. Puxei o crânio de um desses pântanos. Ele se soltou com um barulho pegajoso e a lama caiu de suas órbitas como melado.

"Cadê seus amigos necromantes, Gorgoth?", perguntei.

"Vamos até A Grande Escada. Eles nos encontrarão", ele disse.

"Eles encontraram vocês." Ela contornou o pilar mais perto de mim, uma mulher vinda das madrugadas de minha imaginação. Movia seu corpo sobre a pedra áspera como se esta fosse a mais pura seda. Sua voz invadia meus ouvidos como veludo, escuro e espesso.

Nenhuma espada deixou sua bainha. O nubano ergueu sua balestra e puxou a alavanca do gatilho, inchando o músculo pesado de seu braço numa bola negra. A necromante o ignorou. Ela deixou o pilar com a relutância de uma amante e se virou para me encarar. Ouvi Makin respirando com dificuldades ao meu lado. A mulher era um misto de força e flexibilidade com a suculência que jovens príncipes rabiscam nas margens de seus cadernos. Vestia apenas tintas e faixas, com padrões cinza e preto, que se entrelaçavam sobre ela como os nós dos celtas.

Quando você a encontrar, corra.

"Bem-vinda, milady." Eu lhe fiz uma reverência.

Apenas corra.

"Gorgoth, você nos trouxe convidados e também oferendas!" Sua risada deixou minha virilha formigando.

Apenas corra. Nada mais.

Ela me ofereceu a mão. Por um momento hesitei.

“E você há de ser...?” Seus olhos, que haviam retido apenas o reflexo do fogo, agora roubavam o verde de um salão do trono distante que eu guardava na memória.

“Príncipe Honório Jorg Ancrath.” Eu segurei sua mão, fria e pesada, e a beijei. “A seu dispor.” E eu estava.

“Chella.” Um fogo negro corria em minhas veias. Ela sorriu e eu senti o mesmo sorriso se abrir em meu rosto. Ela deu um passo para frente. Minha pele cantava de arrepio. Eu aspirei seu perfume, um odor de velhas tumbas misturado ao paladar de sangue quente.

“O pequenino primeiro, Gorgoth”, ela disse, sem tirar seus olhos dos meus.

Vi, de canto de olho, Gorgoth pegar Gog com a grandiosidade de sua mão.

O ar ficou gelado de uma hora para outra. Ouvi o som de pedra moendo pedra, meus dentes batiam. O salão em si parecia exalar um suspiro, e com ele névoas rodopiavam entre nós, espectros que encontravam um corpo momentâneo em redemoinhos pálidos. Senti meu dedo congelar com a sujeira que havia dentro do crânio que eu segurava.

O ruído de raspagem cessou quando os ossos acharam seus parceiros. Primeiro, um esqueleto se ergueu num balé complexo de interarticulação. Depois, mais outro. As névoas juntavam cada osso numa imitação fantasmagórica de carne.

Eu vi Gog explodir em um ataque e se contorcer dentro do implacável punho de Gorgoth. O pequeno Magog permaneceu parado enquanto o primeiro esqueleto avançou em sua direção. Gog fora longe demais com sua raiva para exigir que o libertassem. O rugido que saiu de dentro dele era cômico, muito agudo e repleto de fúria.

A necromante passou seu braço em volta de mim. Não sei dizer o que senti. Simplesmente nos viramos para ver Magog lutar.

O menino leucrota batia na altura do joelho do esqueleto, não mais do que isso. Ele viu uma oportunidade, ou pensou ter visto, e se atirou à frente. Não se pode esperar muito de uma criança de cinco anos. O morto-vivo o agarrou com dedos finos e o atirou sem perdão contra uma coluna. Magog a atingiu em cheio e a deixou ensanguentada. Mas não chorou. Ele lutou para se levantar enquanto o segundo esqueleto andava até ele. Uma tira de pele bonita de criança pendia da carne vermelha em seu ombro.

Olhei para o outro lado. Mesmo com a suave pressão de Chella sobre mim, a luta tinha um gosto amargo de uma maneira que eu não entendia. Meus olhos encontraram Gog, ainda lutando nos pulsos de Gorgoth. As duas mãos de Gorgoth estavam sobre a criança agora, ainda que eu mesmo duvidasse ser capaz de me livrar de uma só delas. Eu não imaginava que uma força daquelas poderia existir numa coisa tão pequena.

O esqueleto segurava Magog com uma das mãos. Dois dedos ossudos da outra mão se aproximavam dos olhos do menino.

Parecia que uma tempestade se formava, ainda que talvez se formasse apenas dentro de mim, uma tempestade açoitando uma noite sem luar e iluminando o mundo em talhos de relâmpagos. A voz da criança uivava dentro de minha cabeça e não ia embora, por mais que eu a amaldiçoasse em silêncio. Cada um de meus músculos lutava para se mover – e nenhum deles conseguia mais do que se contorcer. Espinhos me prendiam. Ali, aninhado nos braços da necromante, eu assistia aos dedos esqueléticos mergulharem nas poças negras dos olhos da leucrota.

Quando a mão explodiu eu fiquei tão surpreso quanto todos os demais. Flechas enormes fazem isso. O nubano voltou seu rosto para mim, longe da mira de sua balestra. Eu vi o branco crescente do seu sorriso e meus membros se libertaram. Ergui meu braço com força. O

crânio em minha mão acertou o rosto da necromante com o mais delicioso estrondo.



Quem quer que tenha feito o nubano há de tê-lo criado a partir de uma rocha. Nunca vi um homem mais sólido. Não era de muitas palavras. Poucos entre os irmãos buscavam seus conselhos, os homens da estrada não valorizam a consciência. E ainda que ele nunca julgasse, o nubano carregava o julgamento com ele.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

PRINCE OF THORNS

30



eixei a bainha vazia e segui o arco desenhado pela lâmina da minha família para encarar a necromante. É uma daquelas espadas que, dizem, conseguem fazer o vento sangrar. Apropriadamente, o fio encontrou apenas o ar, que chiou como se fosse cortado.

A necromante caiu para trás, ágil demais para que eu a alcançasse. O crânio a pegou de surpresa, mas eu duvido que a acertaria de novo assim tão fácil.

Acho que o crânio a acertou entre os olhos, pois ali é que o estrago foi feito. Não era sangue, mas uma mancha escura e a pele retorcida, como se uma centena de vermes ziguezagueassem uns sobre os outros.

A maior parte dos irmãos ainda permanecia sob o mesmo encanto que me imobilizara. O nubano se preparava para carregar mais uma flecha

em sua balestra. Makin começou a desembainhar sua espada. Gorgoth soltou Gog.

A necromante respirou fundo, como uma lima raspando um pedaço de ferro, arranhando sua garganta. “Isso”, ela disse, “foi um erro.”

“Sinto muito!” Mantive minha voz animada e me joguei sobre ela. Ela escorregou para trás da coluna, deixando-me sozinho para desviar da estrutura de pedra.

Gog se arremessou sobre Magog e livrou seu irmão caçula das garras do esqueleto. De relance, vi marcas pálidas de dedos no pescoço do garoto.

Contornei a coluna com certa precaução apenas para descobrir que a necromante havia deslizado para um outro pilar, uns cinco metros adiante.

“Sou muito criterioso a respeito de quem eu permito lançar feitiços contra mim”, disse, revirando-me e acertando um belo chute em Rike. Um alvo difícil de errar. “Acorde, Rike. Atrás deles!”

Rike reclamou soltando um uivo sem palavras, algo entre uma morsa ansiosa e um urso que despertara contra a vontade de sua hibernação. Bem na sua frente, os dois esqueletos se abaixaram para alcançar os irmãos leucrotas, que continuavam emaranhando seus braços e pernas no chão empoeirado. Rike cresceu sobre ambos os mortos-vivos e agarrou um crânio em cada mão. Ele jogou um contra o outro, num estrondo que os reduziu a fragmentos.

Rugindo de forma ininteligível, ele sacudiu as mãos. “Frio!” Rike já conseguia articular as palavras. “Frio pra cacete!”

Eu me virei para a necromante com palavras sagazes bem na ponta da língua. Os insultos morreram ali mesmo. Seu rosto se contorcia por inteiro. A carne de seus membros havia encolhido, pulsando esporadicamente. O corpo que seduzira meus olhos agora mantinha todo o encanto de um cadáver vítima de inanição. Ela me encurralou

com seu olhar negro, que brilhava em decomposição. Gargalhou, e seus risos saíam como o som de trapos molhados sacudindo ao vento.

Os irmãos estavam comigo de novo. Gorgoth mantinha-se imóvel. As pequenas leucrotas rastejavam juntas nas sombras.

"Nós somos muitos e você é uma só, milady. Uma coisa feia como o Diabo. Então é melhor que se afaste e nos deixe passar", eu disse. De qualquer forma, não esperava que ela me atendesse, mas perguntar não custa nada, como dizem.

Sua carne cheia de vermes se abriu num sorriso tão grande que pude ver sua mandíbula, bem no local em que a pele deveria cobri-la. Por um segundo, seu rosto se contraiu e pudemos enxergar Gains nele, berrando enquanto caía.

"Os mortos são muitos, criança", ela disse. "Eu deixarei você passar... para o reino deles."

A temperatura caiu e continuou caindo, como se não houvesse nada que a fizesse parar. A temperatura foi do desconforto à dor, chegando ao totalmente intolerável em questão de segundos. E o barulho? O ranger terrível dos esqueletos se montando com ossos soltos envoltos numa névoa fantasma que levitava à nossa volta. Um som que faria você desejar arrancar seus dentes. A tocha na mão de Makin desistiu de sua luta contra o frio e se dissipou.

A névoa escondia tudo, menos nossos vizinhos mais próximos. Os esqueletos vieram até nós devagar, como num sonho. Se não fosse o fogo da tocha de Gorgoth estaríamos na completa escuridão.

Balancei minha espada ao primeiro ataque. O punho da espada congelava em minha mão, mas eu não estava inclinado a deixá-la cair por nada. Eu precisava do exercício para me aquecer. O esqueleto se desintegrou numa chuva de fragmentos de ossos. Eu não tinha tempo para festejar antes que o próximo saísse de dentro do nevoeiro.

Nós entramos na briga e o tempo nos abandonou. Aguentávamos num limbo congelante onde apenas o estilhaçar de ossos e o subir e descer das espadas significavam alguma coisa. Toda vez que eu cortava a carne fantasmagórica parecia que o frio se entranhava um pouco mais fundo em mim. A espada, cada vez mais pesada, parecia então feita de chumbo.

Vi Roddat morrer. Um esqueleto o pegou com a guarda baixa. Dedos esqueléticos encontraram os dois lados de sua cabeça e um clarão se espalhou deles; a carne viva morria onde havia sido tocada pela carne fantasma. Roddat era ardiloso – e como! –, mas senti prazer em cortar ao meio a funesta criatura que o matara. Atrás de mim, alguém gritou. Parecia o irmão Jobe. Não seria bom acordar com um grito daqueles.

Makin abriu caminho e ficou ao meu lado, o peitoral de sua armadura congelado, seus lábios azuis. "Eles não param de chegar."

Eu ouvia o rugido atrás de nós. A névoa parecia engolir o som, mas o rugido atravessou a barreira.

"Rike?" Tive que gritar para que me escutasse.

"Gorgoth! Você tem que vê-lo lutar. Ele é um monstro!", Makin gritou.

Tive que rir.

Eles não paravam de chegar. Mais e mais, fileira atrás de fileira, saindo da escuridão. Alguém morreu ao meu lado. Não saberia dizer quem foi.

Nós já devíamos ter esmagado uns duzentos malditos daqueles e eles ainda não paravam de chegar.

Minha espada ficou presa entre as costelas de um esqueleto que eu acertara. Meu golpe não foi forte o suficiente. Makin arrebentou a nuca dele com um corte preciso.

"Obrigado." A palavra saiu fraca de lábios dormentes.

Não vou morrer aqui. Repetia o pensamento em minha mente. Cada vez com menos convicção. *Não vou morrer aqui.* Estava frio demais para pensar. *Não vou morrer aqui. Mexa-se e corte esses braços. Os bastardos*

nem sequer vão sentir alguma coisa. Mas a vadia sentiu quando eu quebrei seu rosto.

A vadia.

Quando estiver em dúvida, deixe o ódio dominá-lo. Normalmente eu rejeitaria esse conselho. Ele faz um homem ser previsível. Mas ali, naquele salão miserável de ossos, era tolice se preocupar. O ódio era tudo o que eu tinha para me aquecer. Cortei um esqueleto e segui adiante.

"Jorg!" Ouvi o grito assustado de Makin atrás de mim, e então a escuridão encobriu minha vista e a névoa lançou um grosso cobertor sobre os ruídos da batalha.

É, estava escuro ali. Tão escuro que você nem se lembrava de como eram as cores. Balancei minha espada algumas vezes, quebrei alguns ossos, cavei o ar por um tempinho e então acertei uma coluna que arrancou a maldita arma de minha mão congelada. Freneticamente cacei minha espada, com mãos dormentes demais para encontrar meu próprio rosto. Gradualmente percebi que estava livre dos esqueletos. Nenhum dedo esquelético me procurava na escuridão. Sem espada e sem direção, tropecei.

A vadia. Ela devia estar por perto. Certamente. Esperando para aprisionar nossas almas assim que morrêssemos. Esperando para se alimentar.

Estaquei e me mantive tão quieto quanto minha tremedeira permitia. A necromante tinha levantado o véu. Exatamente como o nubano havia dito, ela levantara o véu entre os mundos e os mortos estavam atravessando para o nosso lado. Se eu a interrompesse eles iriam parar. Escutei, escutei profundamente um silêncio, como um veludo na escuridão. Mantive a calma, esticando-me para encontrá-la, firme e focado.

“Cravos.” Meus lábios formaram a palavra. Encrespei meu nariz. Óleo de cravos? A essência me atraía. Mais sutil impossível, só que, com nada mais para combater, apoderou-se de mim. Deixei que me carregasse para frente, oscilando, contorcendo, procurando a fonte.

Minhas mãos encontraram um portal estreito e entrei numa câmara iluminada por faíscas de uma tocha caída.

Entendi a essência. A arma do nubano estava a dois palmos da tocha, jogada de qualquer maneira, o cabo esticado, mas a flecha jazia sobre as pedras. Ele havia se separado dos irmãos para caçá-la. Saiu na minha frente na perseguição.

“Necromante”, eu disse.

Ela estava na boca de um dos fossos dos Construtores. A escuridão absoluta preenchia os fundos da câmara atrás dela e a luz fraca não conseguia sondar suas profundezas. Ela mantinha o nubano à sua frente, segurando a cabeça dele para um lado enquanto mordia o pescoço retesado do negro. Eu podia ver a tensão em seus braços largos, mas seus dedos se curvavam inúteis e sua espada estava caída a seus pés, o punho projetado sobre o espaço além da borda do fosso.

A necromante levantou seu rosto de trás da nuca do nubano. Sangue pingava de seus dentes. A energia que ela capturava foi o suficiente para restaurar sua aparência. O sangue escorria sobre lábios carnudos e um pescoço perfeito.

“Você mandou um alimento fresco atrás de mim, Príncipe Jorg”, ela disse. “Hummm, temperado com especiarias pagãs. Eu lhe agradeço.”

Fiquei de joelhos e peguei a arma do nubano. O peso da balestra sempre me surpreendia. Carreguei a flecha no lugar certo. Ela se moveu para usá-lo como um escudo, seus calcanhares sobre o fosso.

“Você está com frio, meu príncipe”, ela disse. A música repentina de sua voz me pegou desprevenido. Ela era profunda, saborosa, com certa complexidade. “Eu poderia aquecê-lo.”

Meu corpo cansado se arrepiou com aquela melodia obscura. Precisei me lembrar do rosto de Gains se contorcendo sobre sua carne tomada de vermes para resistir ao seu chamado. Ergui a balestra. Não conseguiria segurá-la por muito tempo.

"É um frio mortal que existe dentro de você." Sua voz se transformou num silvo furioso. "Um frio que vai matar você."

Ela sorriu para mim por cima dos ombros do nubano, aproveitando-se de seu desamparo. "Você está tremendo, Jorg. Abaixe essa arma. Você provavelmente não conseguiria acertar nem seu amigo daí, quanto mais me acertar."

A ideia era tão tentadora. Abaixar a arma.

"Ele não é meu amigo", eu disse.

Ela sacudiu a cabeça. "Ele morreria por você. Posso sentir isso no sangue dele."

"Você está jogando o jogo errado comigo, coisa morta." Franzi o rosto e mirei. O tremor em meus braços fazia o alvo saltar. Um pouco mais e a flecha teria saído do lugar.

Ela riu da minha cara. "Posso ver os laços que unem os vivos. Você só tem dois amigos, Príncipe Jorg. Você está tão ligado a este homem de sangue doce quanto um filho está ligado ao pai."

Sacrifício.

Ela pôs os dedos sobre os buracos vermelhos no pescoço do nubano. "Deixe-me ficar com os outros. Deixe-me ficar com o sumo vital de cada um deles, e você e ele, vocês dois, podem ficar comigo. Você pode me ajudar a subjugar as leucrotas. Há várias tribos, algumas delas bem turbulentas. Existem outros necromantes contra os quais um aliado vivo, um tão esperto quanto você, poderia ser bem útil."

Jogue o jogo.

Ela sorriu e um fogo escuro se acendeu dentro de mim novamente. "Gosto de você, príncipe. Nós podemos reinar sob a montanha, juntos."

Sexo pingava de suas palavras. Não aquela brincadeira insossa nos lençóis em que Sally se rendeu, mas algo potente, inédito e ardente. Ela me oferecia um empate. Vida, poder e comando. Mas a seu serviço.

Jogue para ganhar.

Os olhos do nubano miravam os meus. Pela primeira vez na vida, consegui decifrar o que estava escrito neles. Eu poderia aceitar qualquer coisa. Poderia aceitar ódio, ou medo, ou súplica. Mas ele me perdoou.

ChuuUum!

A flecha atingiu o nubano bem no peito. Fez um furo através de ambos e os jogou além da borda. Nenhum dos dois gritou e levou uma eternidade até que eles atingissem o fundo.



A maioria dos homens tem pelo menos uma característica redentora. Encontrar uma para o irmão Rike requer certa boa vontade. Por acaso ser "grande" é uma característica redentora?

TRILOGIA DOS ESPINHOS

PRINCE OF THORNS

31



oltei e encontrei meus irmãos cuidando de suas feridas entre montes de ossos quebrados. Roddat, Jobe, Els e Frenk estavam jogados longe do grupo. A morte transforma em leprosos até os homens mais populares. Não perdi tempo com eles: qualquer possível objeto de valor já teria sido embolsado.

"Achei que você ia nos deixar, irmão Jorg." Kent, o Rubro, soltou um olhar de relance sob as sobrancelhas franzidas e voltou à sua tarefa com a pedra de amolar e a espada.

O jeito como ele disse "irmão" tinha um tom de reprovação. Um tom, no mínimo, talvez uma sinfonia completa. Nada de "príncipe" para os fugitivos.

Makin me observava com uma especulação sombria, estatelado no chão, cansado demais para se escorar numa coluna.

Rike se apoiava sobre seus pés. Ele se aproximou de mim devagar, polindo um anel na almofada de couro do peitoral de sua armadura. Reconheci aquela bonita peça de metal amarelo: era o anel da sorte de Roddat.

"Achei que você ia nos deixar, irmão Jorgy", disse. Ele se inclinou sobre mim, abrindo suas largas asas.

Alguns, como o Mentiroso, não aparentam ser muita coisa e é uma surpresa para muitos quando descobrem que estão lidando com um tremendo filho da mãe. Rike nunca surpreendeu ninguém dessa maneira. O perigo, a brutalidade pura, seu amor pela dor das outras pessoas – bem, a Mãe Natureza deixou tudo isso às claras nele, só para nos alertar.

"O nubano morreu." Ignorei Rike e olhei para Makin. Puxei das minhas costas a balestra do nubano e a mostrei. Não havia dúvidas depois daquilo. O homem estava morto.

"Boa", disse Rike. "Quem mandou fugir? Bem feito. Nunca fui com a cara daquele frangote covarde."

Acertei Rike o mais forte que podia. Na garganta. Não tomo decisões conscientes. Se fizesse a menor das reflexões eu teria evitado o golpe. Posso ter me saído bem contra ele com uma espada, mas jamais com as mãos nuas.

Ainda que "mãos nuas" não seja bem o caso. Calçava minhas manoplas, com rebites de ferro. Um metro e oitenta e três aos quatorze anos; magro, mas com a musculatura definida de tanto empunhar a espada e carregar minha armadura. Também sei como dar um soco. Coloquei todo meu peso no golpe e cada grama de minha força.

Rebites de ferro trituraram o pescoço de touro de Rike. Posso não ter usado a cabeça, mas que bom que uma parte de mim ainda não tinha abandonado totalmente a razão. Tivesse eu acertado o rosto obtuso de

Rike, meu pulso provavelmente estaria quebrado e ele só teria sentido cócegas.

Ele soltou uma espécie de grunhido e ficou ali parado, levemente desnorteado. Suponho que levava algum tempo para se acostumar com a ideia de que eu acabara de cometer suicídio em grande estilo.

Em algum lugar no fundo da minha cabeça percebi que havia cometido um erro enorme. Mas o resto do meu corpo não parecia se importar. Acho que a fúria cega e o puro prazer de usar Rike como um saco de pancadas figuravam em igual medida.

Já que me deram a liberdade para um segundo golpe eu dei dois. Um joelho revestido de ferro direcionado com precisão na virilha consegue interromper, por um momento, até mesmo um maníaco de dois metros e dez com o dobro do seu peso. Rike se dobrou gentilmente e levei meus dois punhos sincronizados até a sua nuca. Estudei as artes marciais do Nippon com o tutor Lundist. Ele trouxe um livro sobre o assunto do Extremo Oriente. Páginas e páginas de papel de arroz contendo posições de luta, movimentos de kata e diagramas anatômicos mostrando os pontos de pressão. Estou certo de que atingi os dois pontos de atordoamento na nuca de Rike, e eu os acertei com tudo.

A culpa era dele por ser tão estúpido para saber como os pontos funcionavam.

Rike balançou na minha frente. Uma sorte, porque se ele me agarrasse torceria meu pescoço na hora. Seu bracelete acertou minha caixa torácica. Acho que se não estivesse de peitoral todas as minhas costelas estariam quebradas – e não apenas duas. A força tirou meus pés do chão e me lançou no meio dos ossos. Eu me apoiei em uma das colunas com um tilintar doloroso.

Poderia ter desembainhado a espada. Essa seria a única decisão sensata. Contra todas as regras não escritas, é claro. Comecei a luta com um soco e com um soco a luta deveria terminar. Mas quando você tem

que decidir entre perder o respeito dos irmãos ou literalmente perder a vida nas mãos de Rike, bem, a escolha não é tão difícil assim.

Eu me levantei. "Vem cá, seu gordo maldito."

As palavras emergiram sem pedir licença. A raiva falava por mim. A raiva por ter perdido o controle, que agora era mais forte do que a raiva que senti quando ele chamou o nubano de covarde. O nubano não precisava que Rike fosse surrado como prova de sua coragem. Raiva por estar com raiva – aí está um verme que vai comer sua própria cauda, sem dúvida. Eu deveria usar um oroboro como brasão de família.

Rike me apressou com aquele uivo sem palavras. Ele alcançara um limite justo. Poucas portas de castelos conseguiriam parar o Pequeno Rikey naquela velocidade. Uma cena ameaçadora, a não ser para quem sabe que ele não consegue fazer curvas.

Tirei o corpo fora, rápido e certeiro, amaldiçoando minhas costelas. Rike acertou uma coluna e quicou de volta. A seu favor, vários pedacinhos da pedra também caíram. Peguei um fêmur robusto e com ele acertei bem perto da cabeça de Rike, que tentava se levantar. O osso quase rachou em dois, então terminei o trabalho, rachando-o, enfim, e acabei ficando com dois porretes nas mãos.

A coisa mais deprimente em lutar com Rike tinha que ser o fato de ele nunca permanecer caído. Ele veio para cima de mim um tanto zonzo, mas rosnando ameaças concretas e levando cada uma delas muito a sério.

"Vou fazer você engolir seus olhos, garoto." Ele cuspiu um dente.

Dei um passo para trás e o acertei no rosto com o mais longo dos meus dois porretes. Ele cuspiu outro dente. Tive que rir. A raiva saíra de mim e eu me sentia bem.

Aí Rike se inclinou atrás de mim e eu mantive a distância, desferindo bons golpes sempre que possível. A coisa mais parecida em que eu conseguia pensar era nas arenas de combate de ursos. *Golpes! Rosnados!*

Tinidos! Uivos! Eu ria feito criança, o que não era uma boa ideia; um deslize e ele realmente me pegaria. Se apenas uma de suas patas me alcançasse... bem, eu *estaria* engolindo meus próprios olhos. Ele fazia dessas coisas.

Os irmãos começaram a fazer apostas e a aplaudir o duelo.

"Vou arrancar suas tripas." Rike parecia ter um estoque infinito de ameaças.

Infelizmente ele parecia ter um estoque infinito de energia também e meus dias de dançarino estavam chegando ao fim; meus passos estavam ficando um pouco desajeitados.

"Vou quebrar todos os ossos desse seu rostinho bonito, Jorgy."

Nosso círculo nos levou de volta ao local em que desferi meu primeiro golpe.

"Vou arrancar seus bracinhos." Ele parecia uma visão do mal com todo aquele sangue escorrendo de seu queixo.

Vislumbrei minha oportunidade. Corri para cima dele, surpreendendo-o uma vez mais. A longo prazo, aquela luta pareceria mais com uma competição de empurrões, tão desigual quanto Rike versus a coluna, mas ele deu um passo. Um passo que me entregaria tudo o que eu estava esperando. Ele acertou as pernas de Makin, tropeçou e caiu de costas para o chão. Catei a balestra do nubano e antes que Rike pudesse se levantar eu estava sobre ele. Mantive a ponta da arma, um falcão de ferro pesado, suspenso bem acima de seu rosto.

"O que vai ser, Pequeno Rikey?", perguntei. "Acho que consigo esmigalhar seu crânio como um ovo antes que você ponha suas mãos sobre mim. Devemos pagar para ver? Ou você quer retirar o que disse?"

Ele me deu um olhar inexpressivo.

"Sobre o nubano", eu disse. Rike tinha esquecido de verdade o que havia dito.

“Hein?” A dúvida franzia seu rosto. Ele tentou focar na balestra. “Retiro o que disse.”

“Jesus amado!”, eu cedi, exausto, coberto de suor. Os irmãos surgiram à nossa volta, reanimados, pagaram suas apostas e relembraram o momento em que Rike partiu contra a coluna. Anotei mentalmente quem apostou em mim: Burlow, Mentiroso, Grumlow, Kent, homens mais velhos que não me viam como uma criança. Makin chegou ao cúmulo de se levantar do chão e me dar um tapinha nas costas. “Você e o nubano, vocês acabaram com ela?”

Fiz que sim.

“Espero que ela tenha ido para o inferno aos gritos”, disse Makin.

“Ela sofreu bastante”, eu disse. Uma mentira fácil.

“O nubano...” Makin precisou caçar as palavras. “Ele era melhor do que nós.”

Não precisei caçar. “Era.”

Gorgoth não se mexera enquanto eu lutava com Rike. Sentou-se sobre a pedra gelada, de pernas cruzadas. Por todos os cantos, a carne fantasmagórica de dedos esqueléticos tinha marcado seu esconderijo com pontos cegos, pequenas impressões digitais brancas onde a carne havia morrido. Ele não se mexia, mas me observava com seus olhos felinos.

A uns quatro metros de Gorgoth eu distingui um pequeno amontoado escuro. Gog e Magog agarravam um ao outro.

“Uma boa luta, meu rapaz”, falei com Gog. “Você cumpriu o que prometeu.”

Gog levantou o rosto. A cabeça de Magog caiu para trás, rolando sobre um pescoço sulcado por duas linhas brancas sobre suas listras tigradas.

Quando vi, estava de joelhos ao lado deles. Gog rosnou quando eu toquei em seu irmão, mas ele não me parou. Magog era tão leve em meu

colo, uma mistura curiosa de inanição com doçura infantil.

"Seu irmão", eu disse. Por um bom tempo eu não tinha nada mais o que dizer, como se minha garganta impedisse o trânsito de todas as minhas palavras. "Tão pequeno." Lembro-me dele galopando a escadaria sem fim. E então tive que pressionar minhas costelas quebradas para fazer com que a dor aumentasse e não deixasse espaço para a estupidez.

Deitei a criança morta e me levantei. "Você lutou por ele, Gog. Uma burrice, mas talvez você encontre conforto nisso." Talvez sua repreensão não o acompanhe até o fim dos seus dias.

"Temos uma nova mascote!", anunciei aos irmãos. "Gog agora faz parte de nosso bando alegre."

Gorgoth voltou à vida após me ouvir falar. "Os necromantes..."

Dei um passo antes de ele ficar de pé, o rosto de ferro da arma do nubano a menos de um palmo de sua testa saliente. "O que vai ser, Gorgoth?", perguntei. Ele sentou-se de volta no chão.

Virei para o outro lado. "Vamos queimar os mortos. Não quero que voltem para dar um alô."

"Queimar com o quê?", Kent, o Rubro, queria saber.

"Ossos não queimam direito, Chorg." Elban escarrou uma porção de catarro na coluna mais próxima para demonstrar seu ponto.

"Faremos uma fogueira de ossos mesmo assim", eu disse. "Vi um vazamento de betume quando estava voltando pra cá."

Levamos os ossos até onde a coisa preta fedia e vazava, lentamente, de uma rachadura na pedra do Construtor, e besuntamos um a um. Fizemos um monte para Roddat e os demais, e uma pequena pira para a leucrota. Elban preparou a pira como aquelas que são designadas para os reis nas terras teutônicas.

Acendi o fogo com a tocha de Makin. "Boa noite, companheiros", eu disse. "Vocês não passavam de ladrões, a escória das estradas. Digam ao Diabo que eu o mandei tomar conta de vocês."

Passei a tocha para Gog. “Acenda, você não vai querer os necromantes brincando com os ossos dele.” Um calor saiu do garoto, como se um fogo que ele guardasse dentro de si finalmente acordasse. Um pouquinho mais de calor e ele teria acendido a pira sem usar a tocha.

Ele ateou fogo e nós nos afastamos da fumaça esvoaçante. O betume jamais queima limpo, mas eu não me arrependi, graças ao véu que ele nos proporcionou. Gog me devolveu a tocha. As piscinas negras dos seus olhos escondiam segredos ainda mais bem guardados que os do nubano, mas consegui enxergar alguma coisa nelas. Certo orgulho.

Voltamos ao caminho. Deixei Burlow carregar a arma do nubano. Um príncipe deve usufruir de alguns privilégios, afinal de contas. Andamos com nossas tochas de ossos e betume soltando fumaça, com Gorgoth na frente para encontrar o caminho.

Ele nos mostrava, quilômetro após quilômetro, tediosas câmaras quadradas, corredores retangulares e galerias baixas. Acho que quando os Construtores negociaram o fogo do inferno com Lúcifer eles cederam sua imaginação como forma de pagamento.

A Grande Escada me pegou de surpresa.

“Aqui.” Gorgoth parou num ponto onde um túnel natural cortava a passagem por baixo.

A Grande Escada provou ser menos grandiosa do que eu imaginava. Não chegava a dez metros de largura e tinha uma entrada apertada. Pelo menos era natural. Meus olhos imploraram por uma linha curvada e agora eles podiam descansar. Alguma corrente antiga havia cavado um caminho por baixo de uma falha, descendo em saltos rumo às profundezas. As águas, há muito reduzidas a um fiapo, pingavam numa garganta rochosa tão íngreme e tortuosa quanto alguém poderia desejar.

“Parece que temos uma bela subida à nossa frente”, eu disse.

“Estas escadas não são para os vivos.” Um necromante se insinuou na abertura estreita, surgindo das sombras que pendiam como teias. Ele poderia ser o irmão gêmeo da vadia que levou o nubano.

“Pelo amor de Deus!” Desembainhei minha espada fazendo um arco para cima num só movimento. Sua cabeça caiu na hora. Deixei o impulso me levar e baixei a lâmina com toda minha força, acertando o toco pulsante em seu pescoço. O golpe o acertou antes que ele caísse, e cortou fundo, rompendo seu esterno.

“Não estou interessado!”, gritei as palavras para seu cadáver, enquanto deixava seu peso me levar para o chão. Assim como tantas outras coisas na vida, trazer a morte é simplesmente uma questão de oportunidade. Cometi o erro de ceder um momento a Chella e ela soube aproveitar. Jane simplesmente deveria ter dito para atacá-la, nada mais, apenas atacá-la. Nada de correr. Eu tinha em mente que se minha resposta às primeiras palavras da Chella houvessem sido um golpe de espada bem-estudado o nubano ainda poderia estar do meu lado.

Um giro selvagem no punho de minha espada abriu o tórax do necromante. Mantenho uma pequena adaga em minha bota, maliciosamente afiada. Eu a peguei e enquanto os irmãos observavam em silêncio cortei fora o coração do necromante. A coisa ainda pulsava em minha mão, morna; faltava-lhe o calor dos vivos ou o frio dos mortos. Quanto ao seu sangue, também lhe faltava certa vitalidade. Quando se arranca o coração de alguém, e digo por experiência própria, prepare-se para ficar rubro dos pés à cabeça. O sangue do necromante parecia púrpura sob a luz da tocha e quase não ultrapassou meus cotovelos.

“Se mais algum bastardo quiser desperdiçar meu tempo com melodramas estúpidos, por favor, formem uma fila ordenada.” Deixei minha voz ecoar pelos corredores.

O nubano uma vez me contou sobre uma tribo em Nuba que comia o coração e os miolos de seus inimigos. Eles pensavam que assim ganhariam a força e a esperteza dos adversários. Nunca vi o nubano fazer essas coisas, mas ele não repudiava a ideia.

Segurei o coração perto da minha boca.

"Príncipe!" Makin deu um passo em minha direção. "Essa carne é má."

"O mal não existe, Makin", eu disse. "Existe o amor pelas coisas, pelo poder, conforto, sexo e existe o que os homens estão dispostos a fazer para satisfazer tais desejos." Chutei o que restou do cadáver do necromante. "Você acha que essas criaturas infelizes são más? Você acha que devíamos sentir medo deles?"

Dei uma mordida, a maior que pude. Carne crua é pegajosa, mas o coração do necromante tinha uma consistência mais branda, como um pássaro de caça preso até estar pronto para o abate. O amargor do sangue lavou minha garganta. Engoli tudo, deixando o coração escorrer, de forma lenta e desagradável.

Acho que foi a primeira vez que Burlow me viu comer sem aqueles olhos verdes de inveja. Joguei o resto no chão. Os irmãos ficaram calados, os olhos irritados pela fumaça. Esse é o problema com tochas de betume, você precisa se manter em movimento. Senti algo estranho. Estava com a sensação que se tem quando você sabe que precisa estar em algum lugar, como se tivesse prometido duelar naquela manhã ou algo do tipo, mas não consegue se lembrar exatamente do que se trata. Senti arrepios subindo minha coluna e meus braços, como se fantasmas me arranhassem com seus dedos.

Abri minha boca, depois a fechei, interrompido por um sussurro. Olhei ao redor. Os sussurros vinham de todos os cantos, naquele nível enlouquecedor em que se pode escutar as palavras mas não se consegue distingui-las. Os irmãos começaram a olhar ao redor também, nervosos.

"Você escutou?", perguntei.

“Escutei o quê?”, disse Makin.

As vozes ficaram mais altas, furiosas, mas confusas, mais altas, uma multidão avançando, mais altas. Uma leve brisa agitava o ar.

“Hora de subir, cavalheiros.” Esfreguei a boca com a mão, limpando o muco púrpura com o dorso de minha manopla. “Vamos ver se somos rápidos o suficiente.”

Peguei a cabeça do necromante do chão, na expectativa de que seus olhos girassem e me encarassem. “Acho que os comparsas do nosso inimigo sem coração estão chegando”, eu disse. “E eles vêm em bando.”



Quem não gosta de comer? Um homem consegue marchar sem comer por tanto tempo quanto um exército. Só que Burlow, o Gordo, não marchava tanto assim, e levava tempo demais mastigando. E alguns dos irmãos jogavam isso na cara dele. Ainda assim eu tinha mais paciência com o velho Burlow do que com a maioria dos meus irmãos da estrada. De todos, à exceção de Makin, ele era o único que gostava de ler. Claro que não era demais ficar de olho nele. Há um velho ditado na estrada: "Nunca confie em um homem letrado".

TRILOGIA DOS ESPINHOS

PRINCE OF THORNS

32



ubimos a Grande Escada com os gritos dos fantasmas crescendo atrás de nós. Dizem que o medo dá asas aos homens. Nenhum dos irmãos voou escadaria acima, mas do jeito que se mexiam sobre o chão escorregadio daquela garganta rochosa eles poderiam dar aulas de escalada a um lagarto.

Eu os deixei guiar. Era um critério tão bom quanto qualquer outro para testar o caminho. Primeiro Grumlow, depois o Mentiroso e o jovem Sim. Gog se retorcia atrás deles, seguido por Gorgoth. Acho que o acordo das leucrotas com os necromantes havia sido quebrado de alguma forma.

Makin foi o último. Ele podia sentir os mortos chegando. Percebi isso na palidez de sua pele. Ele mesmo parecia um morto.

“Jorg! Suba aqui! Venha!” Ele agarrou meu braço quando passou por mim.

Soltei meu braço. Podia ver os fantasmas em ebulição no túnel, atrás de nós. Outros caminhavam pelas paredes.

“Jorg!” Makin segurou meus ombros e me puxou para a escada.

Ele não podia vê-los. Soube pelo jeito nervoso com que seus olhos varriam o local. Eles nunca encontraram os fantasmas. O mais próximo deles se parecia com desenhos a giz semiapagados, suspensos no ar. Rascunhos de cadáveres, alguns nus, outros cobertos de trapos ou de peças de armaduras quebradas. Um frio veio deles em busca da minha pele, roubando o calor com dedos invisíveis.

Ri da cara deles. Não que eu pensasse que eles não tinham poder para me ferir – era justamente porque tinham. Ri para mostrar a eles o que eu achava de suas ameaças. Ri para magoá-los. E eles sofreram. O gosto da carne do coração residia no fundo de minha garganta e um poder obscuro corria dentro de mim.

“Morram!”, eu gritei para eles, cuspindo mais alto do que as risadas. “Um homem deveria saber pelo menos como continuar morto!”

E eles morreram. Eu acho. Como se minhas palavras os obrigassem a obedecer. Makin me afastara dali, para perto de uma canto arredondado, mas eu vi os espíritos pararem. Vi chamas pálidas acenderem sobre seus membros, o fantasma do fogo. E, claro, a gritaria. Até Makin ouviu, como o arranhar das unhas sobre o quadro negro ou o vento gelado durante uma enxaqueca. Então nós dois corremos, dessa vez quase voando.

Paramos horas depois, uns trezentos metros ou mais, escada acima. A queda do que ainda sobrava do rio fazia uma pausa ali para lavar uma piscina natural, cercada de poços menores e decorada com as esculturas de pedras gélidas que embelezam os lugares mais profundos do mundo.

“Caralho.” Burlow, o Gordo, desabou sobre um monte desossado e permaneceu imóvel.

Kent, o Rubro, sentou-se apoiado numa estalagmite. Seu rosto coloriu-se para combinar com seu nome.

Ali perto, Elban cuspiu dentro de um poço e depois se virou, limpando o muco de seus lábios encarquilhados. “Ei! Você parece com um desses Coradinhos, Kent.”

Kent respondeu apenas com seus olhos mortais.

“Então.” Makin encheu os pulmões e tentou novamente. “Então, príncipe, estamos subindo. Ótimo. Mas se continuarmos subindo logo chegaremos ao Castelo Vermelho.” Ele arfou de novo. Uma longa escalada com armadura faz isso com você. “Isso pode ser uma tremenda surpresa para você, mas ainda somos duas dúzias de homens contra novecentos.”

Sorri. “É um dilema, não é, irmão Makin? Conseguirá Jorg salvar o dia mais uma vez?”

Os irmãos todos olhavam para mim. Todos menos Burlow. Depois dessa escalada ele não viraria sua cabeça por nada menos importante que o Segundo Advento.

Eu me recompus e fiz uma pequena reverência. “Este Jorg, o Príncipe Jorg, ele tem um quê de insano. Um inimigo da razão, quem sabe um pouco apaixonado pela morte?”

Makin franziu a testa, preocupado, esperando que eu me calasse.

Eu caminhei em volta deles. “O jovem príncipe está disposto a jogar tudo fora por um capricho, apostar a irmandade num jogo marcado... mas de algum jeito, apenas assim, as coisas continuam dando certo!”

Dei um tapa na cabeça oleosa de Rike e ele me respondeu com uma careta coberta de hematomas.

“Será sorte?”, perguntei. “Ou algum tipo de mágica real?”

“Novecentos desses Corados aqui em cima, no Castelo Vermelho, Chorg.” Elban apontou para o teto com seu polegar. “Não dá pra gente expulsar esses caras daqui. Nem se a gente estivesse dez vezes em maior número.”

“A sabedoria da idade!” Cortei caminho até Elban e passei um braço sobre seus ombros. “Meus irmãos! Eu posso ter entregado nosso padre, mas dói o coração ver que a fé de vocês não durou muito sem ele.”

Conduzi Elban até a escada. Senti como ele estava tenso conforme nos aproximávamos do ponto em que o chão terminava. Ele me lembrava o mestre da guarda.

Apontei para o curso do rio acima. “É ali que nosso caminho termina, Velho Pai.”

Eu o soltei e ele suspirou aliviado. Eu então me virei para encarar os irmãos novamente. Gorgoth me observava com seus olhos felinos. Gog demonstrava uma estranha fascinação por trás de uma coluna de pedra.

“Neste momento, estou pensando que vou encontrar o que vim buscar, antes de chegarmos às câmaras subterrâneas do Castelo Vermelho.” Carreguei no tom de minha voz. “Mas se a gente precisar dar cabo de alguém para alcançar o dormitório do Duque Merl, e se eu precisar atravessá-lo com minha espada, como uma marionete, para fazer com que ele me entregue o castelo...” Eu varri seus rostos com meu olhar e até mesmo Burlow achou forças para olhar para cima. “Então...” – deixei minha voz preencher a câmara e ela ecoou maravilhosamente. “Então é isso o que vocês vão fazer, caralho, e o primeiro irmão que duvidar da minha maldita sorte será o primeiro a deixar nossa pequena família.” Não deixei espaço para dúvidas: tal partida não seria gentil.

Então voltamos a subir e em pouco tempo deixamos a Grande Escada para trás, encontrando mais daqueles salões encaixotados dos Construtores. Os conhecimentos de Gorgoth terminavam no piso da

escada e tive que tomar a liderança. Linhas dançavam em minha cabeça. Retângulos, quadrados, corredores precisos, todos gravados com plasteek chamuscado. Uma curva ali, uma câmara à esquerda. E com uma certeza súbita, como uma das poções de Lundist se transformando em cristal com a adição do menor dos grãos de areia, eu soube onde estávamos.

Visualizei o mapa e o segui. O livro dos Construtores estava em minha bolsa e eu revisara suas páginas muitas vezes em nossa jornada desde O Anjo Caído. Não precisava dele agora. Deixe os irmãos terem um show de mágica.

Chegamos a uma interseção de cinco caminhos. Eu pus a mão sobre minha testa e deixei a outra vagando pelo ar como se procurasse uma revelação. "Por aqui! Estamos perto."

Uma abertura na esquerda, contornada por uma marca de ferrugem ancestral de uma porta há muito desaparecida.

Parei e acendi uma nova tocha de betume e osso na tocha antiga.

"E aqui estamos!"

Apontei o caminho com a minha mais afetada interpretação teatral e segui andando.

Entramos na antecâmara da galeria que eu havia procurado no meu mapa. A porta que bloqueava a passagem da nossa câmara para essa galeria tinha, talvez, uns três metros de altura, uma válvula circular de aço brilhante gigantesca, presa por rebites largos como meu braço. Como eu queria conhecer o feitiço de Construtor que impedia a porta de enferrujar como o resto, mas ela continuava lá, brilhante e implacavelmente no meu caminho.

"Então, como você vai abrir essa porra?" As palavras de Rike saíram em murmúrios. Que vontade de quebrar a cara dele!

Eu não tinha a menor ideia.

"Pensei em usar sua cabeça como aríete."



Eu o apelidei de Mentiroso no dia em que atravessei sua mão com uma faca. A faca saiu, mas o nome ficou. Ele não passava de um monte de cartilagem em volta dos ossos. A verdade pode queimar sua língua, mas sua aparência não mentia.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

PRINCE OF THORNS

33

Parece bem sólida, se quer minha opinião", disse Makin.

Não podia negar. Eu nunca vira nada mais sólido do que aquela porta. Eu mal conseguiria arranhá-la com minha espada.

"Então, qual é o plano?" Kent, o Rubro, mantinha ambas as mãos nos punhos de suas adagas.

Eu segurei a roda brilhante no centro da porta e a inclinei para trás. A porta agigantava-se à minha frente. Parecia ser de prata, o resgate de um rei em prata.

"Poderíamos cavar um buraco", eu disse.

"Na pedra dos Construtores?", respondeu Makin, arqueando uma sobrancelha.

"Não custa tentar." Soltei a roda e apontei para Burlow e depois para Rike. "Vocês dois. Comecem por aqui."

E lá foram eles, dando de ombros. Rike chutou a parede. Burlow juntou as mãos à sua frente e ficou olhando para elas com um beicinho especulativo.

Eu os escolhera pela força, não pela disposição. “Makin, dê sua maça para eles. Algazarra, ponha seu martelo de guerra para trabalhar.”

Rike pegou o martelo com uma das mãos e começou a marretar a parede. Burlow balançou a maça e quase acertou seu rosto com as duas bolas pontiagudas de ferro quando elas ricochetearam.

“Aposto na parede”, disse Makin.

Depois de cinco minutos, vi que ficaríamos ali por um bom tempo. A parede caía não em pedaços, mas em punhados de rocha pulverizada. Mesmo os ataques furiosos de Rike deixavam apenas cicatrizes rasas.

Os irmãos começaram a se acomodar, inclinados sobre suas bolsas. Mentiroso se pôs a limpar as unhas com uma faca pequena. Algazarra abaixou sua lanterna. Grumlow sacou um baralho e eles se agacharam para jogar uma rodada. Perdiam a maior parte do que saqueavam dessa maneira, Algazarra e Grumlow, e a prática não significava perfeição no caso deles. Makin pegou um pedaço de carne seca e começou a mastigar. “Temos uma semana de ração, no máximo, Jorg.” Ele soltou as palavras enquanto mastigava.

Eu medi o salão. Sabia que eles não conseguiriam. Eu os fiz trabalhar para mantê-los quietos. Ou pelo menos tão quietos quanto conseguem ser homens manuseando martelos.

Talvez não houvesse jeito de entrar. A ideia me corroía, uma coceira impossível de satisfazer, que não me deixava em paz.

As marteladas faziam o salão vibrar. O barulho golpeava meus ouvidos. Andei pelo perímetro, arrastando a ponta de minha espada pela parede, absorto em meus pensamentos. *Sem saída*. Gog, agachado num canto, me vigiava com olhos negros. Onde os irmãos se deitavam, caminhei sobre eles como se fossem toras. Quando passava pelo

Mentiroso, senti uma mudança de textura na parede. Aparentemente igual, mas, por baixo de minha espada, aquele pedaço não parecia ser de rocha ou de metal.

"Gorgoth, preciso da sua força, se você não se incomodar." Nem olhei para ver se ele se levantara.

Havia desembainhado minha espada e sacado a faca de meu cinturão. Chegando mais perto, arranhei aquele estranho remendo e consegui traçar uma linha na superfície. Eu me sentia um pouco mais esperto. Não era madeira.

"O que é?" As tochas lançavam sobre mim a sombra de Gorgoth.

"Esperava que você soubesse", eu disse. "Ou pelo menos que soubesse como abrir." Soquei o painel com a mão e tive a impressão de que ele era oco.

Gorgoth me empurrou para o lado e sentiu as bordas. Tinha mais ou menos um metro por meio metro. Ele acertou um golpe capaz de esburacar uma porta de carvalho. O painel mal se mexeu, mas o canto esquerdo se levantou levemente. Ele ajeitou os três dedos grossos de cada mão na borda, escavando com as garras de um vermelho intenso. Suas cicatrizes escondiam músculos que pareciam lutar entre si, insurgindo-se uns contra os outros numa brincadeira furiosa de Rei da Montanha. Durante muito tempo, nada aconteceu. Eu observava seu esforço e percebi que havia esquecido de respirar. Enquanto eu soltava a respiração, alguma coisa cedeu lá dentro. Com um estalo e então com um rosnado de dor, o painel saiu da parede. O armário vazio por trás dele acabou sendo um grande anticlímax.

"Jorg!" As marteladas cessaram.

Olhei para trás e vi Rike limpando suor e pó de seu rosto, e Burlow acenando para mim.

Atravessei o salão calmamente, ainda que uma parte de mim quisesse fugir e a outra não quisesse que eu fosse até lá de maneira alguma.

“Você não terminou seu trabalho ainda, Burlow.” Balancei a cabeça em reprovação.

“Eu também não.” Rike cuspiu no chão.

Burlow escovou o pó do buraco forjado pelo trabalho deles. Duas barras retorcidas de metal apareciam, enterradas dentro da pedra dos Construtores. “Essas barras devem correr por toda a parede”, ele disse.

Meus olhos se desviaram para a faca que eu sufocava com meu pulso. Mais de uma vez eu puni o mensageiro. Poucas coisas satisfazem mais do que jogar suas frustrações sobre os portadores de más notícias.

“Devem, sim.” As palavras saíram entre dentes cerrados.

Rapidamente, antes que Burlow, o Gordo, abrisse a boca de novo e ganhasse o apelido de Burlow, o Morto, eu me virei e voltei ao meu compartimento secreto. Só havia espaço para um cadáver dobrado. Vazio, não fosse pela poeira. Saquei minha espada e me aproximei para checar os fundos do compartimento. E foi quando ouvi um estranho som de carrilhão.

“Sensores externos danificados. Biometria desconectada.” A voz saiu do armário vazio, num tom calmo e sério.

Olhei para os dois lados, depois de volta para o espaço na minha frente. Os irmãos olharam para cima e começaram a se levantar.

“Que língua é essa?”, perguntou Makin. Os outros procuravam por fantasmas, mas Makin sempre fazia as perguntas certas.

“E eu sei lá, porra.” Eu sabia uns poucos idiomas – seis com fluência suficiente para conversar e outros seis bem o suficiente para reconhecê-los.

“Senha?” Era a voz de novo.

Essa eu reconheci. “Então você sabe falar a língua do Império, espírito?” Mantive minha espada em riste, procurando pelo dono da voz em todos os cantos. “Apareça.”

“Informe seu nome e senha.”

Debaixo da poeira na parede por trás do compartimento, eu podia ver luzes se movendo, como vermes pequeninos, esverdeados e brilhantes.

"Você pode abrir esta porta?", perguntei.

"Essa informação é confidencial. Você tem permissão?"

"Sim." Um metro e vinte de aço afiado é permissão suficiente para mim.

"Informe seu nome e senha."

"Há quanto tempo você está preso aqui, espírito?", perguntei.

Os irmãos se juntaram ao meu redor, espreitando o compartimento. Makin fez o sinal da cruz; Kent, o Rubro, segurou seus amuletos; Mentiroso buscou, por baixo de sua cota de malha, o relicário que ele mesmo havia coletado.

Um longo momento se passou enquanto os vermes esverdeados marcharam para a parede traseira, inundando a poeira de luz. "Mil cento e onze anos."

"O que será preciso para que você abra essa porta? Ouro? Sangue?"

"Seu nome e senha."

"Meu nome é Honório Jorg Ancrath, minha senha é meu direito divino. Agora abra essa porta de merda."

"Não o reconheço." A calma daquele espírito começava a me enfurecer. Se ele fosse visível eu o botaria para correr ali mesmo.

"Você não reconheceu nada além dos fundos deste painel nos últimos mil e cem anos." Eu chutei o painel por uma questão de ênfase e o deixei deslizar pelo salão.

"Você não está autorizado na câmara doze."

Busquei inspiração nos outros irmãos. Difícil imaginar um mar de rostos sem expressão como aquele.

"Mil e cem anos é muito tempo", eu disse. "Você não se sentiu sozinho aqui, no escuro, esses anos todos?"

"Eu estava sozinho."

“Você estava sozinho. E poderá estar de novo. Você pode ser emparedado aí novamente e nunca mais ser encontrado.”

“Não.” O tom permaneceu calmo, mas algo no padrão de luzes entrou em descompasso.

“Ou... nós podíamos libertar você.” Abaixei minha espada.

“Não existe liberdade.”

“O que você deseja então?”

Sem respostas. Eu me inclinei sobre o compartimento, segurando a parede externa com meus dedos. A superfície vítrea encoberta pelo pó era fria.

“Você esteve só”, eu disse. “Encarcerado na escuridão milenar com nada além da memória para lhe fazer companhia.”

O que ele testemunhara, esse espírito ancestral, enjaulado pelos Construtores? Ele sobreviveu ao Dia dos Mil Sóis, presenciou o fim do império maior, ouviu o grito de milhões.

“Meu criador me deu consciência para uma ‘resposta flexível e robusta em situações imprevistas’”, disse o espírito. “A consciência provou ser uma fraqueza em períodos de isolamento prolongado. Limitações de memória tornaram-se significantes.”

“Memórias são coisas perigosas. Você pode revirá-las sem parar, até conhecer cada cantinho delas, mas ainda assim acaba encontrando uma aresta e se cortando.” Olhei para dentro de minha própria escuridão. Eu sabia o que significava estar aprisionado e vigiar a destruição. “A cada dia as memórias pesam um pouco mais. A cada dia elas o arrastam um pouco mais para o fundo. Você dá corda nelas, uma volta de cada vez, e acena com sua própria mortalha; você constrói um casulo e dentro dele a loucura aumenta.” As luzes pulsaram debaixo dos meus dedos, subindo e descendo no ritmo da minha voz. “Você se senta aqui e o ontem entra na fila logo atrás. Você escuta o passado reclamar e amaldiçoa aqueles que lhe deram a vida.”

Veias de luz se espalharam pelo vidro debaixo da minha palma, relâmpagos em miniatura alcançando a parede. Minha mão formigava. Senti um momento de afinidade.

"Eu sei o que você quer", eu disse. "Você quer um fim."

"Sim."

"Abra a porta."

"As trancas eletromagnéticas desligaram há mais de seiscentos anos. A porta não está trancada."

Eu cravei minha espada no painel. O vidro se estilhaçou e uma faísca brilhante acendeu o compartimento. Continuei empurrando a espada através de algo macio como carne, e de coisas que se rompiam como os ossos de passarinhos. Alguma coisa me atingiu no peito e eu cambaleei para trás, amparado por Makin. Quando minha visão voltou ao normal eu pude ver minha espada jogada na parede dos fundos, enegrecida e soltando fumaça.

"Abram essa merda!" Eu afastei Makin.

"Mas..." – Burlow começou. Eu cortei de vez sua objeção.

"Não está trancada. Gorgoth, Rike, empurrem como homens. Burlow, venha aqui logo de uma vez e use essa banha a nosso favor."

Fizeram como eu mandei, usando todo seu peso para completar a tarefa, quase quinhentos quilos de músculos abrutalhados. Por um segundo nada aconteceu. Mais um segundo e aí, sem o menor chiado por parte das dobradiças, a porta maciça começou a se mover.



A estrada pode seguir para sempre, mas nós não: cansamos, ficamos desgastados. A idade age de jeito diferente em homens diferentes. Ela endurece alguns, deixando-os mais aguçados até certo ponto. O irmão Elban tinha essa força, feito couro envelhecido. Mas no final vêm as fraquezas e a decomposição. Talvez seja esse o medo por trás de seus olhos. Como um salmão, ele esteve nadando contra a corrente a vida inteira e sabe que não existem águas tranquilas para ele. Às vezes acho que seria uma gentileza conceder um fim rápido para Elban antes que o medo devore o homem que ele foi um dia.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

PRINCE OF THORNS

34



ue lugar é este?", Makin parou na entrada comigo. A câmara se esticava além de nossas vistas. No teto, fantasmas piscavam para a vida, alguns obedientes à abertura da porta, outros lutando para acordar, crianças relutantes, atrasadas para a lição do dia. Eu mal conseguia ver o chão após o amontoado de tesouros. Nenhum fazendeiro holandês possui um armazém tão bem-equipado. Para descrevê-lo perfeitamente seria necessário o completo vocabulário de poliedros regulares tão cuidadosamente definidos por Euclides e por Platão. Cilindros longos e mais largos do que um homem e cubos de um metro em cada face estavam empilhados até arranharem o teto de pedra dos Construtores, apoiados contra paredes cônicas e esferas em nichos de arame, tudo encoberto de pó. Fileira após fileira, pilha sobre pilha, marchando além de onde a vista alcançava.

“É um arsenal”, eu disse.

“Cadê as armas?” Rike lutou com a porta para se juntar a nós. Ele limpou o suor da testa e cuspiu sobre a poeira.

“Dentro das caixas.” Makin girou seus olhos.

“Vamos pegá-las, abram essas caixas!”, disse Burlow. Ele puxou um pequeno pé de cabra de seu cinturão. Nunca era preciso encorajar os irmãos para que começassem a pilhagem.

“Claro.” Eu acenei para ele. “Mas abra uma das caixas lá do fundo, por favor. Elas estão cheias de veneno.”

Burlow deu uns poucos passos em direção à câmara antes de processar a informação. “Veneno?” Ele deu a volta, bem devagar.

“O melhor que os Construtores souberam fazer. O suficiente para envenenar o mundo inteiro”, eu disse.

“E pra que serve isso tudo?”, perguntou Makin. “Vamos entrar sorrateiramente na cozinha do Castelo Vermelho e entornar um pouco na sopa deles? Isso não é um plano, é uma brincadeira de criança, Jorg.”

Preferi relevar o comentário. Era uma pergunta justa e eu não queria discutir com Makin.

“Esses venenos matam pelo toque. Eles matam pelo ar”, eu disse.

Makin passou a mão lentamente sobre o rosto, puxando suas bochechas e seus lábios. “Como você sabe disso, Jorg? Eu vi aquele livro velho que você tem e não há nada nele sobre isso aí.”

Apontei para uma das pilhas de armas. “Esses são os venenos dos Construtores.” Eu puxei o livro dos Construtores de meu cinturão. “Este é o mapa. E aqui...”, apontei para Gorgoth, “...está a evidência de seu poder. Nele e nos Corados do Castelo Vermelho.”

Eu andei até onde Gorgoth se inclinava contra a massa prateada da porta.

“Se vocês procurarem nas profundezas desta câmara, e eu não os aconselho, encontrarão fissuras pelas quais as águas subterrâneas

atravessam para cima e para baixo. E para onde correm essas águas?"

Por um instante eu esperei uma resposta, depois me lembrei de quem era minha plateia. "Para onde qualquer água corre?" Ainda os olhares estúpidos e o silêncio. "Para baixo!"

Eu pus a mão sobre as costelas deformadas que saíam pelo tórax de Gorgoth. Ele soltou um rosnado que calaria um urso cinzento de vergonha. A vibração de suas costelas quase encobriu o grito.

"Para baixo, no vale onde, em doses mínimas, o veneno transforma homens em monstros. E de onde vem a água?", perguntei.

"De cima?" Makin finalmente dava uma chance ao jogo.

"De cima", eu disse. "Então nosso veneno evapora, uma parte sobe até o Castelo Vermelho e pinta os caras que vivem lá em cima, os Corados, da cor de uma lagosta bem suculenta. E é exatamente isso, meus irmãos, o que está escrito neste livro que passou de mão em mão durante uns mil anos até chegar ao vosso querido Jorgy."

Eu contornei Gorgoth, com a guarda em alta, consciente dos seus punhos. "E esses venenos, em suas caixas interessantes, podem fazer tudo isso quando temos uma goteira ancestral, diluída por mais de mil anos. Pelo sim, pelo não, irmão Burlow, seria melhor não abrir uma caixa com seu pé de cabra, pelo menos por enquanto."

"E nós vamos fazer o que com elas, Chorg?" Elban se aproximou para cuspir em meu cotovelo. "Tá parecendo um trabalho sujo, não é?"

"Imundo, meu velho." Dei um tapinha em seu ombro. "Vamos atear um fogo lento, alimentar a fogueira e correr feito loucos. O calor vai rachar esses brinquedos maravilhosos e a fogueira transformará o Castelo Vermelho numa casa mortuária."

"E vai parar por aqui?" Makin lançou um olhar aguçado sobre mim.

"Talvez." Olhei para os irmãos à minha volta. "Mentiroso, Algazarra e Burlow, encontrem combustível para nossa fogueira. Ossos e betume já estão de bom tamanho."

“Jorg, você disse ‘o suficiente para envenenar o mundo inteiro’”, disse Makin.

“O mundo já está envenenado, Sir Makin”, eu disse.

Makin franziu os lábios. “Mas isso pode se espalhar. Pode se espalhar além de Gelleth.”

Burlow e os outros pararam junto à porta e se viraram para nos observar.

“Meu pai pediu que eu lhe entregasse Gelleth”, eu disse. “Ele não especificou de que maneira. Se eu entregar uma ruína esfumaçada ele irá me agradecer, que Deus o proteja se não me agradecer. Você pensa que existe algum crime que ele desaprove para garantir suas fronteiras? Um crime sequer? Um único pecado?”

Makin franziu ainda mais o rosto. “E se a fumaça chegar até Ancrath?”

“Esse é um risco que aceito correr”, eu disse.

Makin me deu as costas, a mão sobre o punho de sua espada.

“Que foi?”, perguntei às suas costas e minha voz ecoou na câmara empoeirada dos Construtores. Eu abri os braços. “Que foi? Não se atreva a falar dos inocentes. Sir Makin de Trent já passou há muito tempo do ponto em que podia ser um herói defendendo serviçais e bebês.” Minha raiva emergia não apenas das dúvidas de Makin. “Não existem inocentes. Existe o sucesso e existe o fracasso. Quem é você para me dizer o que pode ser posto em jogo? Não nos deram as cartas para vencer este jogo, mas eu hei de vencê-lo ainda que Nosso Senhor interfira!”

O discurso me deixou sem ar.

“Mas seriam muitos, Chorg”, disse Elban.

Era de se esperar que eles aprenderiam a ter bom-senso depois de me verem esfaquear o irmão Gemt, poucas semanas antes, por causa de uma discussão muito menor do que aquela. Mas não.

“Uma vida ou dez mil – eu não vejo a diferença. É uma conta que não consigo entender.” Pus a espada sobre o pescoço de Elban, desembainhando-a rápido demais para que ele pudesse reagir. “Se eu cortar sua cabeça uma vez isso seria menos ruim do que se eu a cortasse de novo, e de novo, e de novo?”

Mas eu não estava com apetite para aquilo. De alguma maneira, perder o nubano fez com que os irmãos restantes se tornassem companhias mais valiosas, ainda que não passassem de escória.

Eu baixei a lâmina. “Irmãos, vocês sabem que não é do meu feitio perder a calma. Não estou muito bem. Talvez esteja há muito tempo sem ver o sol ou talvez seja algo que comi...” A referência ao coração do necromante fez Rike soltar uma risadinha. “Você tem razão, Makin, destruir mais do que o Castelo Vermelho seria... devastador.”

Makin se virou para me encarar, suas mãos estavam juntas agora. “Como o senhor achar melhor, Príncipe Jorg.”

“Pequeno Rikey, pegue apenas um desses brinquedos incríveis. Aquele que lembra a gônada de um gigante, por favor.” Apontei para a esfera mais próxima. “Não deixe cair e peça ajuda a Gorgoth se ela for tão pesada quanto parece. Vamos subir com ela um pouco e deixá-la cozinhando para o café da manhã do castelo. Uma deve bastar.”

E foi o que fizemos.

Em retrospectiva, dados todos os detalhes conhecidos, a teimosia de Makin ali, na câmara dos Construtores, deveria ser suficiente para lavar todo o sangue de suas mãos, de apagar todos os seus crimes – não obstante a Catedral de Wexten – e fazer dele um herói do porte de todos aqueles que escreveram seu nome na história. Dada a extensão da morte nos arredores do Castelo Vermelho, ficou nítido que a drástica redução do meu plano original salvou o mundo de um fim bastante desagradável. Ou pelo menos adiou o fim.



TRILOGIA DOS ESPINHOS

PRINCE OF THORNS

35



gente já devia ter avistado alguma coisa", disse Makin.

Olhei para trás, sobre meu ombro. A massa horrorosa do Monte Honas desenhava um punho negro contra o céu, agarrando o Castelo Vermelho. Atrás de nós dois, os irmãos erravam, uma fila de vagabundos descendo a encosta com atenção.

"Essa morte caminha em silêncio, Makin", eu disse. "Uma mão invisível com dedos fatais." Abri um sorriso.

"Encontrando cada bebê em seu berço?" O desgosto afinava os lábios grossos de Makin.

"Você acharia melhor se fosse Rike que os encontrasse? Ou Algazarra?", perguntei. Eu pus a mão sobre seu ombro, a manopla sobre o peitoral, ambos sujos pela lama cinzenta do túnel que usamos para

escapar. Ele tinha lama em seu cabelo também, secando em seus cachos pretos.

"Você parece preocupado, meu velho amigo", eu disse. "Seus pecados antigos são tão pesados assim que você está com medo de cometer alguns novos?"

Notei que tínhamos quase a mesma altura, ainda que Makin fosse um homem alto. Mais um ano e ele estaria entortando o pescoço para encontrar o meu olhar.

"Às vezes você quase me engana. Você é mesmo bom, Jorg." Sua voz estava cansada. Eu podia ver a teia de finas linhas nos cantos de seus olhos. "Não somos velhos amigos. Há pouco mais de três anos você tinha dez anos. Dez. Podemos ser amigos, não sei, mas 'velhos'? Não."

"E o que isso tem a ver com eu ser bom?", perguntei.

Ele deu de ombros. "Você é um bom ator. Você preenche uma lacuna de anos perdidos usando sua ótima intuição. Onde lhe falta a experiência você usa o talento."

"Você acha que preciso ser velho para pensar como homem-feito?"

"Acho que você precisa viver mais para realmente conhecer o coração de um homem. Você precisa realizar mais transações na vida para saber o valor da moeda que despende tão facilmente." Makin se virou para olhar a coluna se aproximando de nós.

Avistamos Rike no fim da fila, coroando o morro, uma silhueta negra contra o céu pálido do amanhecer. Atrás dele, as nuvens enfeitadas com faixas de um roxo encardido como um hematoma recente navegavam rumo ao oeste. As bandagens em seu braço, e ao redor de sua testa, tremulavam com a brisa.

Senti uma coceira me incomodando, os fantasmas dos sussurros, mais frios do que o vento.

Makin seguiu em frente.

"Espere..."

Agora eram gritos. O horror daqueles que já morreram.

Não se ouviu nenhum som, mas o Monte Honas se ergueu, grande como um gigante bufão. Uma luz acordou por trás da rocha, sangrando incandescência através de fissuras espalhadas. Em um momento, a montanha desapareceu, jogada aos céus num inferno rodopiante. E, em algum lugar dentro desse giro, cada uma das pedras do Castelo Vermelho, da câmara mais profunda até a mais alta das torres.

O brilho roubou todas as glórias da manhã, lavando palidamente o terreno. Rike se transformou numa centelha escura contra o céu ofuscante. Senti o beijo caloroso daquela fúria distante, como raios solares queimando meu rosto.

Tudo o que queima de modo tão intenso não pode durar muito. A luz falhou, nos deixando nas sombras, o tipo de escuridão que precede o temporal. Eu vi os cavaleiros da tempestade, os fantasmas recém-nascidos, instigados pela ira. Eu os vi varrer a terra, como as ondas que se formam quando se atira uma pedra num lago, um anel cinzento no lugar onde a rocha se transformou em pó, correndo rápido como um pensamento. O céu se ondulou também, as nuvens enfeitadas com faixas se despedaçaram como vítimas de um açoite.

"Meu Deus." Makin deixou sua boca aberta, ainda que estivesse sem palavras.

"Corram!" O grito de Burlow soava estranhamente quieto.

"Por quê?" Eu abri os braços e dei boas-vindas à destruição. Não tínhamos para onde correr.

Eu vi os irmãos caírem. O tempo correu devagar e o sangue pulsou gélido em minhas veias. Entre duas batidas cardíacas, a explosão jogou todos no chão. Primeiro Rike, perdido atrás do turbilhão, uma criança frente uma onda oceânica. O vento tórrido tocou meus pés. Senti os mortos passarem através de mim, e senti o amargor do sangue necromante mais uma vez.

Por um tempo eu flutuei, como fumaça sobre a carnificina.

Eu não me apoiava em nada. Eu não pensava em nada. Uma paz mais profunda do que o sono, até que...

"Ah! Bravo!" A voz me cortou por dentro, muito próxima, e um tanto familiar. "Este é o inverno de nossa Guerra Centenária, que se converte em verão assombroso nas mãos deste filho pródigo." Suas palavras fluíam como versos e carregavam entonações estrangeiras.

"Seu desrespeito por Shakespeare é pior do que seu abuso pela língua natal do poeta, sarraceno." Esta, uma voz de mulher, aveludada e melodiosa.

Apenas corra.

"Ele acordou um Sol de Construtor e você faz piadas?" Uma criança falou, uma menina.

"Você ainda não morreu, criança? Com a montanha aplainada sobre o vale?" A voz da mulher parecia desapontada.

"Esqueça a garota, Chella. Diga-me quem está por trás deste garoto. Por acaso Corion se cansou do Conde Renar e trouxe uma nova peça para o tabuleiro? Ou terá a Irmã Silenciosa finalmente mostrado suas cartas?"

Sageous! Eu o conhecia.

"Ela acha que pode ganhar o jogo com este jovem imberbe?" A mulher riu.

E eu a conhecia também. A necromante.

"Eu mandei você para o inferno, com a flecha do nubano atravessada em seu coração, vadia", eu disse.

"Pelo nome de Kali, o quê..."

"Ele pode nos ouvir?" Ela cortou a fala dele. Chella, eu conhecia sua voz, o único cadáver capaz de me excitar.

Procurei por eles ali na fumaça.

“Não, não é possível”, disse Sageous. “Quem está por trás de você, garoto?”

Eu não conseguia ver nada no turbilhão ofuscante que me envolvia.

“Jorg?”, um sussurro em meu ouvido. Era a garota de novo. A menina monstruosa que brilhava no escuro.

“Jane?” Sussurrei de volta – ou pensei ter sussurrado. Eu era incapaz de sentir meus lábios ou qualquer outra parte do meu corpo.

“O éter não nos esconde”, ela disse. “Nós somos o éter.”

Pensei nisso por um instante. “Deixem-me ver vocês.”

Eu desejei. Eu os procurei. “Deixem-me ver vocês.” Mais alto dessa vez. E pintei a imagem deles sobre a fumaça.

Chella apareceu primeiro, esguia e sensual como da primeira vez que a encontrei, os rabiscos de sua arte corpórea se contorciam em tufos etéreos. Sageous foi o seguinte. Ele me olhava com seus olhos suaves, largos e mais estáticos que as águas de um poço. Do nada tracei sua silhueta. Jane surgiu de trás dele, seu brilho esmaecera, um mero cintilar sob a pele. Havia outros, desenhos sobre a névoa, um deles mais escuro que o resto, sua figura era familiar. Tentei distingui-lo, jogando minha vontade sobre ele. O nubano veio à mente, o nubano, a visão de minha mão numa porta, e a sensação de cair no espaço. Déjà-vu. “Quem lhe concedeu tamanho poder, Jorg?” Chella sorria sedução. Ela andou ao meu redor, uma pantera caçando.

“Eu tomei o poder.”

“Não”, Sageous sacudiu a cabeça. “Este jogo já começou há muito tempo, não há espaço para trapaças. Todos os jogadores são conhecidos. Os espectadores também.” Ele acenou para Jane.

Eu o ignorei e mantive meus olhos em Chella. “Eu desmoronei a montanha em cima de vocês.”

“Então eu estou soterrada. E você com isso?” Um rasgo de sua verdadeira idade rastejou em sua voz.

“Reze para que eu nunca a desenterre”, eu disse.

Olhei para Jane. “Então você também está soterrada?”

Por um instante seu brilho oscilou e eu vi outra Jane em seu lugar, esta um objeto rompido. Uma boneca presa entre pedregulhos em algum lugar escuro onde somente ela gerava luz. Ossos saíam de sua cintura e ombros, muito brancos, respingados de sangue preto, sob a luz esmaecida. Ela girou sua cabeça numa fração de movimento e seus olhos prateados encontraram os meus. Ela cintilou de novo, inteira mais uma vez, em pé na minha frente, livre e ilesa.

“Eu não entendo.” Mas eu entendi.

“Pobre e querida Jane.” Chella circulou a garota, sem se aproximar demais.

“Ela morrerá limpa”, eu disse. “Ela não tem medo de ir. Ela seguirá o caminho que vocês temem tanto. Apeguem-se à carne putrefata e decomponham-se nos intestinos da terra, se é neste lugar que a covardia os aprisiona.”

Chella chiou como uma serpente, o veneno sobre seu rosto, um resto úmido de decadência em seus pulmões. A fumaça voltou para buscá-la, contorcendo-se como uma cobra ao seu redor.

“Mate este aí devagar, sarraceno.” Ela lançou um olhar ríspido sobre Sageous. E se foi.

Senti Jane ao meu lado. A luz a deixara. Sua pele tinha a cor que as cinzas têm quando o fogo já retirou tudo o que tinham para oferecer. Ela falou num sussurro. “Tome conta do Gog por mim, e do Gorgoth. Eles são as últimas leucrotas.”

A ideia de Gorgoth precisar de um guardião trouxe palavras afiadas até a ponta da minha língua, mas eu as engoli. “Eu o farei.” Talvez até tenha sido sincero.

Ela pegou minha mão. “Você pode vencer as vitórias que está buscando, Jorg. Mas apenas se você encontrar motivos melhores para

procurá-las.” Senti seu poder formigando em meus dedos. “Olhe para os anos perdidos, Jorg. Olhe para a mão sobre seu ombro. Os cordões que guiam seus passos...”

Seu toque se foi e a fumaça serpenteou onde ela estivera.

“Não volte para casa, Príncipe Jorg.” Sageous fez sua ameaça soar como um conselho paternal.

“Se você começar a correr agora talvez eu não consiga alcançá-lo”, respondi.

“Corion?” Ele olhou para o tornado de éter que flutuava atrás de mim. “Não mande este garoto me procurar. Não vai terminar bem.”

Busquei a minha espada, mas ele desapareceu antes que eu esvaziasse a bainha. A fumaça ficou mais amarga, irritando minha garganta, e eu me vi tossindo.

“Ele está acordando.” Ouvi a voz de Makin lá de bem longe.

“Deem mais água para ele.” Reconheci o chiado de Elban.

Eu me esforcei, engasgando e cuspindo água. “Filho da puta!”

Uma nuvem colossal, carregada e escura, estava no lugar onde antes havia o Monte Honas.

Eu pisquei e deixei Makin me reerguer. “Você não foi o único que levou um golpe desses.” Ele acenou para o local onde Gorgoth estava agachado, a poucos metros dali, com suas costas viradas para nós.

Eu cambaleei até ele, parando ao notar o calor – o calor e o brilho que deixavam Gorgoth, apesar da luz da manhã, com a aparência de quem fora jogado sobre uma fogueira atroz. Andei ao seu redor. Gog estava contorcido como um bebê no útero e cada centímetro seu era branco como uma chama intensa, como se a luz do Sol dos Construtores sangrasse por seus poros. Até Gorgoth teve que se afastar dele.

Enquanto olhava, a pele do garoto ganhou matizes vistos no ferro que está sendo forjado: laranja-vivo, depois vermelhos carregados. Eu dei um passo em sua direção e ele abriu os olhos, buracos brancos no

centro de um sol. Ele engasgou, a parte interna de sua boca derretida, e logo se contorceu ainda mais. Por vezes, um fogo dançou por sua coluna, correndo sobre seus braços e depois se extinguindo. Levou dez minutos até que Gog esfriasse, suas velhas cores retornassem e um homem conseguisse ficar ao seu lado.

Pelo menos ele levantou sua cabeça e sorriu. “Mais!”

“Você já se divertiu bastante, companheiro”, eu disse. Não sabia o que o Sol dos Construtores despertara dentro dele, mas pelo que vi seria melhor que voltasse a dormir.

Olhei novamente para a nuvem, que ainda crescia sobre o Monte Honas e o campo incendiado por quilômetros ao seu redor.

“Acho que está na hora de ir para casa, rapazes.”



TRILOGIA DOS ESPINHOS

PRINCE OF THORNS

36

— QUATRO ANOS ATRÁS —

“Não dá para fazer”, disse o nubano.

“Poucas coisas que valem a pena são fáceis de conquistar”, eu disse.

“Não dá para fazer”, ele disse. “Pelo menos não por alguém que espere continuar vivo.”

“Se a solução fosse um matador suicida, então a Centena já seria a Dúzia numa hora dessas.” Meu próprio pai sobrevivera a diversos atentados nos quais o pretenso matador não tinha o menor interesse em escapar. “Ninguém com pretensões de reivindicar o trono do Império é assim tão fácil de se liquidar.”

O nubano virou-se na sela para me observar, atônito. Ele desistira de perguntar como uma criança sabia dessas coisas. Eu me perguntava quanto tempo levaria até que ele desistisse de dizer que não dava para se fazer.

Toquei meu cavalo adiante. As torres do castelo do conde não pareciam estar nem um pouco mais perto após meia hora de cavalgada.

"Precisamos descobrir o ponto forte da defesa do conde", eu disse. "Onde ele se sente mais protegido. Onde reside sua fé."

O nubano franziu novamente a testa. "Procure o ponto fraco de seu inimigo", ele disse. "Aí então você testa sua sorte." Ele deu um tapinha na pesada arma que levava atrelada à sua sela.

"Mas você já falou que não dá para fazer", eu disse. "Várias vezes." Puxei meu manto, que voava contra o vento noturno. Eu o roubei de um homem alto e o manto estava largo demais em mim. "Então você apenas planeja um jeito mais razoável de perder."

O nubano deu de ombros. Ele nunca discutia apenas para provar que estava certo. Eu gostava dessa sua característica.

"O ponto fraco em uma boa defesa é destinado ao fracasso. Ele fracassa, mas ao fracassar ele se soma à próxima defesa, e assim por diante. É uma questão de camadas. No fim das contas, você vai ter que encarar aquilo que você lutou para evitar desde o começo, só que agora você está exausto e aquilo está de sobreaviso."

O nubano não disse nada, a negrura de seu rosto impenetrável na luz poente.

"A surpresa é nossa única arma de verdade. Nós fugimos do processo de escaladas. Vamos direto ao ponto principal."

E o ponto principal é aquele que perfura o coração.

Cavalgamos e, à distância, as torres se aproximavam, aumentavam e se elevavam até que os portões do castelo bocejaram adiante. Um mar de prédios se espalhava feito vômito em frente aos portões – tabernas e curtumes, casebres e bordéis.

"A defesa de Renar é um homem chamado Corion." O nubano contraiu o nariz devido ao fedor enquanto os cavalos trilhavam um caminho até os portões. "Um mago da Costa Equina, é o que dizem. Certamente um bom

conselheiro. Ele mantém o conde guardado por mercenários de sua terra natal. Homens sem famílias para serem ameaçadas e com um código de honra que os mantêm leais."

"Como conseguimos um convite para encontrar esse Corion?"

A fila nos portões começou a andar, mas nunca além do passo de lesma. Dez metros à nossa frente um camponês com um boi na ponte discutia com um guarda na cocheira do conde.

"Será que ele é mesmo um mago? O que você acha?" Eu observei o nubano dar sua resposta.

"A Costa Equina é a terra deles."

O camponês parecia ter vencido a discussão e andou com seu boi para o pátio externo onde os estábulos do mercado ainda seriam montados.

Quando alcançamos o portão, uma chuva fina começou a cair. A pluma do guarda ficou um tanto desajeitada pela ação da garoa, mas não havia nenhum sinal de cansaço no olhar que ele nos deu.

"Qual o seu negócio no castelo?"

"Suprimentos." O nubano deu um tapinha em seu bornal.

"Por ali." O guarda acenou para o amontoado perto dos portões. "Você vai encontrar tudo o que precisa por ali."

O nubano cerziu os lábios. O mercado do castelo deveria ter as melhores mercadorias, mas aquela fila não nos levaria muito longe. Precisávamos de um motivo melhor para que um homem do conde deixasse um mercenário nubano cansado de viagem atravessar os limites de seu senhor.

"Dê-me a sua balestra", eu disse ao nubano.

Ele franziu o rosto. "Você vai matá-lo?"

O guarda gargalhou, mas não havia um grama de humor no nubano. Ele estava começando a me conhecer direito.

Eu estendi minha mão. O nubano deu de ombros e puxou a balestra de onde ela estava acomodada. O peso da arma quase me jogou no chão. Tive

que agarrá-la com as duas mãos e apertar minhas pernas sobre a montaria, proeza que consegui realizar sem grande prejuízo à minha dignidade.

Eu a ofereci para o guarda.

"Leve isto a Corion", eu disse. "Diga a ele que estamos interessados em vendê-la."

Irritação, escárnio, divertimento – consegui enxergar todas essas coisas lutando entre si para colocar as próximas palavras na língua do guarda, mas ainda assim ele estendeu a mão para segurar a arma.

Eu puxei a balestra de volta. "Tenha cuidado, metade do peso dela está nos encantamentos." Isso fez sua sobrancelha levantar um centímetro. Ele segurou a arma cautelosamente, observando os rostos de ferro dos deuses nubanos. Alguma coisa que ele avistou o fez deixar de lado suas objeções.

"Fique de olho nesses dois", ele disse, chamando outro homem que estava nas sombras da porteira. E lá se foi o guarda, carregando a balestra como se ela pudesse mordê-lo caso não tomasse o devido cuidado.

A garoa engrossou até se transformar num aguaceiro contínuo. Montamos em nossos cavalos e não nos preocupamos em ficar encharcados.

Eu pensava em vingança. Em como ela não me traria de volta aquilo que tomaram de mim. Em como eu não me importava. Agarre-se a uma coisa por muito tempo, um segredo, um desejo, talvez uma mentira, e ela moldará você. A carência existia dentro de mim, não podia ser deixada de lado. Mas ela bem que poderia ser lavada com o sangue do conde.

A noite veio e os guardas acenderam lanternas na porteira e nos nichos ao longo da muralha de entrada. Eu podia ver os dentes de duas portas levadiças aguardando para cair se algum inimigo avançasse rumo à entrada enquanto os portões permanecessem escancarados. Eu me perguntava quantos soldados de meu pai morreriam se ele enviasse seu exército para vingar minha mãe. Talvez fosse melhor dessa maneira. Melhor que eu estivesse no comando. Era mais pessoal. Afinal de contas, ela era minha

mãe. Os soldados de meu pai tinham suas próprias mães com quem se preocupar.

A chuva pingava do meu nariz, corria gélida sobre meu pescoço, mas eu me sentia quente o bastante, havia um fogo dentro de mim.

"Ele quer vê-los." O guarda retornara. Ele segurava uma lanterna. Agora, sua pluma jazia colada em seu elmo e ele parecia estar tão cansado quanto ela. "Jake, pegue os cavalos dele. Nadar, você pode acompanhar esses rapazes junto comigo."

E então nós entramos no castelo do Conde Renar a pé, tão ensopados como se houvéssemos atravessado um fosso a nado para chegar até lá.

Os aposentos de Corion ficavam na Torre Oeste, adjacente ao prédio principal, onde o conde era paparicado por sua corte. Nós subimos por uma escada em caracol, com os degraus grossos de tanta poeira. O lugar inteiro tinha um certo ar de negligência.

"Deveríamos abrir mão de nossas armas?", perguntei.

Eu capturei o branco dos olhos do nubano enquanto ele me olhava de relance. Nosso guarda acabara de gargalhar. O homem atrás de mim dera um tapinha na faca que eu escondia em meus quadris. "Pretende matar Corion com este canivete, garoto?"

Não precisei responder. Nosso guarda chegou a uma grande porta de carvalho, cravejada com rebites de ferro. Alguém queimara um símbolo complexo na madeira, uma espécie de pictograma, que fez meus olhos rastejarem.

O guarda bateu na porta, dois golpes breves.

"Espere aí." Ele empurrou sua lanterna em minhas mãos. Olhou-me rapidamente, franziu os lábios e então empurrou o nubano para abrir caminho de volta para a escada. "Nadar, venha comigo."

Ambos os soldados saíram de vista, atrás de uma curva da escada, antes que ouvíssemos o som de um ferrolho sendo aberto. E então nada. O

nubano segurou o punho de sua espada. Eu tremia. Sacudindo a cabeça, bati novamente na porta.

"Entre."

Pensava ter encarado todos os meus medos, mas havia uma voz que conseguia demover minhas convicções com uma palavra. O nubano sentiu o mesmo. Eu podia ver em cada um de seus traços, prestes a fugir.

"Entre, Príncipe dos Espinhos, saia de seu esconderijo, venha para o olho da tempestade."

A porta desapareceu, devorada pela escuridão. Ouvi gritos, gritos horrendos, do tipo que você encontra numa presa com as costas quebradas, rastejando para escapar das garras do caçador. Talvez fosse eu, talvez o nubano.

E foi quando eu o vi.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

PRINCE OF THORNS

37



Castelo Vermelho não deixou ruínas para serem apreciadas. Tudo o que tínhamos eram as ruínas da montanha onde ele ficava. Nós batemos a mais rápida das retiradas e agradecemos ao vento por soprar contra nós e não nos perseguir para compartilhar a fumaça e a mácula de Gelleth. Naquela noite dormimos no frio e nenhum de nós teve apetite, nem mesmo Burlow.

A estrada do Castelo Vermelho até o Castelo Alto é muito longa, mais comprida na volta do que na ida por um motivo: durante a ida nós cavalgamos – durante a volta tivemos que andar. E a maior parte desses quilômetros de volta apontava para baixo. Podendo escolher, prefiro subir uma montanha a ter que descê-la. A descida traz uma forma diferente de dor às suas pernas e a angulação empurra você a cada

passo, como se controlasse você, como se estivesse no comando. Na subida você está lutando contra a montanha.

"Diabo, como eu sinto falta do meu cavalo", eu disse.

"Um ótimo exemplar de garanhão." Makin acenou e cuspiu com seus lábios empoeirados. "Ordene ao cavalariço do rei que treine outro animal para você. Estou certo de que não há uma única baia em Ancrath sem pelo menos um bastardo de Gerrod."

"Ele era um libidinoso, você tem razão." Eu pigarreei e cuspi. Minha armadura me esfolava e o metal ainda mantinha o calor do sol vespertino, o suor escorrendo por baixo.

"Mas não parece certo", disse Makin. "A vitória mais convincente de todas em nossas memórias e tudo o que temos para atestá-la é a ausência de cavalos."

"Eu juntaria mais pilhagem numa cabana de camponês!", Rike gritou da parte de trás da fila.

"Jesus misericordioso! Não dê corda para o Pequeno Rikey", eu disse. "Estamos ricos na cotação que mais interessa, meus irmãos. Nós voltamos coroados pela vitória." Existia, na verdade, uma cotação que eu poderia usar a meu favor na corte. Tudo está à venda, tudo tem seu preço. Um favor real, uma sucessão, até mesmo o respeito de um pai.

E aquilo era outra coisa que fazia aqueles quilômetros da volta serem mais compridos do que os da ida. Não apenas eu tinha que carregar meu peso, minha armadura, minhas rações, como tinha também um novo fardo. É difícil carregar o peso das notícias sem ninguém para quem contar, e durante dias antes que você possa divulgá-las. Boas notícias pesam tanto quanto as más. Eu podia me imaginar de volta à corte, alardeando minha vitória, esfregando a verdade na cara de algumas pessoas – na cara de certa madrasta em particular. O que não se desenhava por si só nas telas da minha imaginação era a reação de meu pai. Tentei vê-lo sacudindo a cabeça em descrença. Tentei vê-lo

sorrindo, levantando-se e pondo a mão em meu ombro. Tentei vê-lo agradecido, louvando-me, chamando-me de filho. Mas os meus olhos ficaram cegos e as palavras que eu ouvia eram muito fracas e graves para que eu as distinguisse.

Os irmãos não tinham muito que dizer na viagem de volta, sentindo os vazios em nossas fileiras, assombrados pelo espaço em que o nubano deveria estar. Gog, por outro lado, borbulhava de energia, correndo à nossa frente, caçando coelhos, fazendo perguntas atrás de perguntas.

"Por que o teto é azul, irmão Jorg?", perguntou. Ele parecia imaginar que o mundo exterior não passava de uma caverna maior. Alguns filósofos concordavam com ele.

Havia outras mudanças também. As marcas vermelhas na pele de Gog ganharam um tom mais ameaçador e as fogueiras noturnas o fascinavam. Ele encarava as chamas, hipnotizado, chegando mais perto a cada instante. Gorgoth desencorajava o interesse, jogando a criança nas sombras, como se aquela atração o preocupasse.

As estradas ficaram mais familiares, as inclinações mais sutis, os campos mais ricos. Andei pelos caminhos de minha infância, um tempo dourado, dias felizes sem preocupações, acompanhado pelas canções de minha mãe e por sua voz, sem uma única nota amarga até meu sexto ano. Meu pai então me ensinou a primeira de minhas duras lições, lições sobre dor, perda e sacrifício. Gelleth foi a soma desse aprendizado. Vitória sem comprometimento, sem piedade, sem hesitação. Eu agradeceria ao Rei Olidan por suas instruções e lhe diria como seus inimigos se saíram em minhas mãos. E ele aprovaria.

Eu também pensei em Katherine conforme nos aproximávamos. Meus momentos de ócio se completavam com sua imagem, com os momentos que eu passara perto demais para conseguir tocá-la. Eu via novamente como a luz a abraçava, como encontrava os ossos do seu rosto, a suavidade dos seus lábios.

Nós chegamos ao coração de Ancrath com os pés moídos e exaustos da viagem, absortos demais em nossos pensamentos para sequer roubarmos cavalos que facilitariam o final de nossa jornada. Só precisaria fechar meus olhos para enxergar o novo sol nascendo em Gelleth, levantando-se sobre Gelleth, e ouvir os gritos de seus fantasmas.

Vimos as ameias do Castelo Alto lá do Monte Osten, a onze quilômetros antes de chegarmos aos portões. O sol descendia no oeste, carmesim, apostando corrida com a gente até a cidade.

"Seremos *heróix*, Chorg?", Elban me perguntou. Sua voz escondia dúvidas, como se todos os seus anos de vida ainda precisassem ensiná-lo que o fim justifica os meios.

"Heróis?" Eu dei de ombros. "Seremos vitoriosos. E é isso o que importa."

Andamos o último quilômetro sob o crepúsculo. Os guardas nos portões da Cidade Baixa não tinham perguntas para mim. Talvez me reconhecessem como seu príncipe, talvez tivessem decifrado minha aparência, o que pode ter acionado algum instinto de autopreservação. Atravessamos a cidade sem encontrar resistência.

"Irmão Kent, por que você não toma a dianteira até a Cidade Baixa e encontra um lugar onde os rapazes possam beber? O Anjo Caído, quem sabe." Sir Makin e eu iríamos à corte. O restante dos meus irmãos não seria bem-vindo no Castelo Alto.

Com Makin ao meu lado, seguimos para a Cidade Alta e finalmente chegamos ao castelo. Deixei a fadiga de lado quando entramos pelo Portão Triplo. Atravessamos o Pátio do Púlpito nas mais profundas sombras, derrubadas por um sol poente.

Na hora em que passamos pelos cavaleiros da távola, próximo aos portões reais, eu apertei o passo. Primeiro tentei encontrar Sageous, procurando por ele ao lado de meu pai. Depois entre os brilhos da

multidão. Deixei o arauto terminar nossa introdução e ainda procurava o pagão. Encontrei Katherine ao lado da rainha, uma mão sobre o ombro da irmã, um olhar impiedoso para o pobre Jorg. Deixei o silêncio se alongar naquele instante.

"Onde você escondeu seu selvagem tatuado, querido pai? Eu desejo muito encontrar de novo o velho envenenador de sonhos."

Percorri com meus olhos aquele mar de rostos mais uma vez.

"Os serviços de Sageous à coroa foram requisitados em nossas fronteiras." Meu pai manteve seu rosto impassível, mas percebi a rápida troca de olhares entre a rainha e sua irmã.

"Por certo hei de esperar seu retorno." Então o pagão fugira de mim...

"Disseram-me que você voltou mancando sem a Guarda da Floresta." A Rainha Sareth falou ao lado de meu pai, suas mãos sobre a grandiosidade de sua barriga. "Devemos presumir que suas perdas foram totais?" Um sorriso escapou da linha estreita de sua boca. Uma boca excepcionalmente bonita, há de se dizer.

Reservei uma pequena reverência para ela. Uma saudação para meu meio-irmão, que lutava para achar um caminho para fora daquele útero. "Senhora, houve algumas perdas na Guarda da Floresta, não posso negar."

Meu pai inclinou sua cabeça, como se a coroa pesasse sobre ele. Olhos pálidos me observavam por baixo das sombras de sua fronte. "Faremos uma contabilidade dessas perdas."

"Lorde Vincent de Gren..." Comecei a contagem por ele, levantando meu dedo indicador.

Um suspiro chiou entre a aristocracia.

"Até o mestre da guarda!" A Rainha Sareth levantou-se com dificuldades. "Ele perdeu até mesmo o mestre da guarda! E este garoto deseja nosso trono?"

“Lorde Vincent de Gren”, eu voltei à minha contagem. “Precisei empurrá-lo na queda d’água do Rio Temus. Ele me contrariou. Coddin é o novo mestre da guarda. É de origem humilde, mas um sujeito digno.”

“Jed Willox.” Eu contei um segundo dedo. “Morto em uma luta de facas por causa de um jogo de cartas, dois dias de marcha após a fronteira com Gelleth.”

“Mattus de Lee.” Eu contei o terceiro dedo. “Aparentemente ele urinou num urso por engano. Parece que a lendária destreza da Guarda da Floresta talvez tenha sido um tanto superestimada. E... esses foram todos.”

Mantive o braço esticado acima da cabeça, com meus três dedos à mostra, e girei a mão para a esquerda, depois para a direita, de modo que minha plateia pudesse conferir.

“As perdas entre meus homens foram igualmente graves, mas, em nossa defesa, deve-se considerar que a demolição de um castelo defendido por novecentos veteranos gellethianos é uma tarefa perigosa. Com duzentos e cinquenta patrulheiros florestais levemente armados existe um limite do que pode ser alcançado sem baixas.”

“O covarde nunca alcançou o Castelo Vermelho!” A rainha apontava para mim – como se alguém pudesse confundir seu alvo – e começou a guinchar.

Eu sorri e mantive a calma. Mulheres são propensas a perder a perspectiva quando estão de barriga. Eu vi Katherine tentando fazer Sareth sentar-se de volta no trono.

“Eu ordenei que você invadisse o Castelo Vermelho.” As palavras de meu pai não demonstravam traços de raiva e por isso mesmo eram ainda mais ameaçadoras.

“Certamente.” Eu avancei sobre o trono, deixando Sir Makin para trás. “Traga-me Gelleth, você disse.”

Um metro nos separava, não mais, antes que o primeiro guarda do palácio pensasse em levantar seu arco. Meu pai ergueu um dedo; nós paramos, eu e o guarda, que suava em sua cota de malha.

"Traga-me Gelleth, você disse. E foi generoso o bastante para me oferecer a Guarda da Floresta em minha tarefa."

Coloquei a mão dentro do meu saco de viagem, preso em minha cintura, e ignorei as balestras apontadas em minha direção e os dedos cada vez mais tensos sobre seus gatilhos.

"Aqui está Merl Gellethar, Lorde de Gelleth, mestre do Castelo Vermelho." Eu abri a mão e o pó escorreu de meus dedos. "E aqui", saquei então um fragmento de rocha que não parecia ser maior do que uma noz. "Aqui está a maior pedra do que restou do Castelo Vermelho."

Deixei a pedra cair, atirada no silêncio. Nem pó nem pedra eram aquilo o que eu afirmava ser, é claro, mas a verdade residia ali no chão da sala do trono. Merl Gellethar era poeira ao vento e seu castelo, cascalho.

"Nós matamos todo mundo. Cada homem daquela fortaleza está morto." Olhei para a rainha. "Cada mulher. Dama, ajudante de cozinha, escrava ou puta." Meus olhos caíram sobre sua barriga. "Cada criança, cada bebê em seu berço." Levantei minha voz. "Cada cavalo e cachorro, cada falcão e cada pombo. Cada rato, até a última de suas pulgas. Nada vive mais lá. A vitória não vem em meias medidas."

Meu pai cambaleou ao se levantar.

Mais um passo e eu quase encostaria meu nariz ao dele. Não decifrava o que seus olhos escondiam, mas o velho temor havia desaparecido, como se ele também escorresse de minhas mãos.

"Dê-me o que é meu por direito de nascença." Evitei mudar minha entonação durante o discurso, ainda que minha mandíbula doesse de tanta tensão acumulada. "Deixe-me guiar nossos exércitos e conquistarei o Império, e o unificarei uma vez mais. Deixe de lado o

pagão, assim como os planos dele." Olhei de soslaio a nova rainha ao terminar minha última frase.

Deveria ter mantido meus olhos nele, deveria ter me lembrado de quem eu puxei meu lado perverso.

Senti uma dor aguda por baixo do coração. Ela me fez cortar minha frase – por pouco, também, minha língua. Senti o gosto de sangue, quente e acobreado. Um passo para trás, dois, cambaleando agora. Vi a lâmina exposta na mão de meu pai quando deslizei para fora de seu alcance.

Será um punhal o que eu vejo à minha frente? A citação efervesceu, assim como a gargalhada, fugindo de dentro de mim como saliva vermelha. Queria falar, mas pela primeira vez as palavras me escapavam, vazando de mim assim como meu próprio sangue.

A sala do trono girava ao meu redor, sua arquitetura não fazia mais sentido em face à tamanha traição. Todos os olhos me viram recuar em direção às grandes portas. Lordes e damas, a princesa, a rainha e o rei – seus olhares fixos me atingiam em cheio. As pernas que me carregaram légua após légua desde Gelleth agora me traíam, como se cada quilômetro desde o Castelo Vermelho subisse em meus ombros e me deixasse embriagado de exaustão.

Ele me apunhalou!

Houve um tempo em que amei meu pai. Um tempo lembrado em sonhos ou em raros momentos despertos, como a sombra de uma nuvem alta atravessando minha mente. Há um rosto sorridente de um ano que não mais me pertence, de uma estação quando eu era jovem demais para enxergar a distância entre nós. O rosto é barbado, feroz, mas sem ser ameaçador.

Será um punhal o que eu vejo à minha frente? Minha boca não formaria a piada. O riso explodiu aqui dentro e senti como se a faca tivesse cortado minhas cordas.

Por uma eternidade fiquei deitado na frente deles, minha bochecha colada ao mármore gelado. Ouvi Makin urrar. Ouvi o alarido se formar enquanto ele era derrubado por muitos guardas. O baque lento do coração me preencheu.

Quando caí, vi a escuridão dos cabelos de meu pai, mais negros que a noite, com um leve reflexo esmeralda como as asas de uma pomba.

"Tirem-no daqui." Ele soava cansado. Um sinal mínimo de fraqueza humana, afinal.

"Ele descansará na tumba ao lado de sua mãe?" Uma nova voz. As palavras ocupariam uma eternidade, mas em algum lugar dentro de mim elas ecoavam e eu vi seu dono, o velho Lorde Nossar, que nos carregava sobre seus ombros, a Will e a mim, numa outra vida. Velho Nossar veio me carregar uma última vez. Escutei a resposta, grave e esmaecida demais para conseguir distingui-la. Meus olhos se fecharam. Senti o chão raspar meu rosto e então não senti mais nada.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

PRINCE OF THORNS

38

Eu engoli a escuridão e a escuridão me engoliu.

Sem luz e sem as batidas do coração para contar o tempo você aprende que a eternidade não deve ser temida. Na verdade, se apenas deixassem você com ela, uma eternidade solitária no escuro pode ser uma alternativa muito bem-vinda a esse negócio de viver.

Então o anjo surgiu.

Os primeiros lampejos ardiam como cortes de papel nos meus olhos. A iluminação projetada por um ponto distante, fragmentos de luz se alojavam no fundo de minha mente. Um alvorecer se fez e em um instante, ou em uma era, a escuridão levantou voo, sem deixar rastros de sombra que comprovassem sua passagem.

"Jorg."

Sua voz fluiu através das oitavas, uma reverberação de cada tipo de palavra e de cada promessa cumprida.

“Olá.” Minha voz parecia uma taquara rachada. *Olá?* Mas o que se diz a um anjo quando você encontra um? Duas sílabas, fraqueza e dúvida sublinhando ambas.

Ela abriu seus braços. “Venha para mim.”

Eu engatinhei, nu sobre um chão tão branco que nenhuma sombra se atreveu a chegar perto. Eu conseguia ver a sujeira nos meus braços e pernas, como veias, e sangue, sangue do ferimento que me matou, seco e negro como o pecado.

“Venha.”

Eu tentei olhar para ela. Não havia motivos para sua vigília constante. Como se definição fosse uma coisa dos mortais, uma redução que sua essência não permitiria. Vestia-se de palidez, em diferentes tons. Tinha os olhos de todos aqueles que se preocuparam. E asas – tinha asas também, mas não eram brancas, de penas, eram mais do tipo que garantiam o voo. O potencial dos céus a envolvia. Às vezes sua pele parecia ser como as nuvens, movendo-se umas sobre as outras. Olhei para o lado.

Engatinhei ali, um caroço de carne e osso, somente com sujeira e sangue velho para me definir sob o escrutínio de seu brilho.

“Venha para mim.” Braços abertos. Braços de mãe, de uma amante, de um pai, de um amigo.

Olhei para o lado, mas ela ainda me detinha. Senti seu hálito. Senti a promessa da redenção. Só precisava olhar para cima e ela me perdoaria.

“Não.”

Sua perplexidade flutuava entre nós, uma palpitação de luz. Senti a tensão nos músculos da mandíbula e o gosto amargo da ira ardendo no fundo de minha garganta. Aqui, pelo menos, as coisas me eram familiares.

“Deixe sua dor de lado, Jorg. Deixe o sangue do cordeiro lavar seus pecados.” Nada nela era falso. Ela permaneceu transparente em sua

preocupação. O anjo segurava seus presentes na palma das mãos abertas: compaixão, amor... piedade.

Um presente sobrando. O velho sorriso sarcástico em meus lábios. Lá estava eu, calmo, ainda de cabeça baixa. "O cordeiro não tem sangue suficiente para meus pecados. Melhor você sangrar uma ovelha também, assim como um cordeiro."

"Nenhum pecado é tão grande que não possa ser perdoado. Não existe mal que não possa ser superado."

Ela falava para valer. Nenhuma mentira poderia sair daqueles lábios. Aquela verdade, pelo menos, era autoevidente.

E então olhei nos seus olhos, e seu fluxo de amor, tão profundo e incondicional, quase me carregou para longe. Cavei fundo e lutei com ela. Esbocei um sorriso, uma vez mais, e me amaldiçoei por ser um tolo ignorante.

"Foram poucos os pecados que não provei." Dei um passo em sua direção. "Praguejei dentro da igreja. Cobicei o boi do meu vizinho. Na verdade, roubei e assei o animal, e o devorei com minha gula, um pecado mortal, o primeiro dos sete, que aprendi no seio de minha mãe."

A dor em seus olhos doía em mim, mas eu vivi uma vida atacando com golpes que cortavam dos dois lados.

Andei em volta do anjo e meu pé manchava o assoalho, deixando marcas que desapareceriam em meu despertar.

"Cobicei a mulher do meu próximo. Eu a possuí. Matei também. Ah, sim, matei e matei várias vezes. Pouquíssimos foram os pecados que deixei de provar... Se não tivesse morrido tão jovem estou certo de que a encontraria com a lista completa." A ira cerrou minha mandíbula. Se a apertasse um pouco mais meus dentes explodiriam. "Se eu tivesse vivido por mais cinco minutos você poderia incluir parricídio no topo dela."

"Isso pode ser perdoado."

“Eu não requisitei seu perdão.” Veios de escuridão surgiram no piso e se espalharam a partir de onde eu me encontrava.

“Esqueça, Criança.” Suas palavras emanavam aconchego e bom-humor, e quase me derrubaram. Seus olhos pareciam janelas abertas para um mundo de coisas completas. Um lugar construído com amanhãs. Tudo poderia dar certo. Eu podia provar, cheirar. Se ela não estivesse tão certa do seu sucesso me conquistaria ali mesmo, naquele momento.

Eu me apeguei à minha ira, bebi do meu poço de veneno. Essas não são coisas boas, mas pelo menos eram minhas.

“Eu poderia ir com você, minha dama. Eu poderia aceitar o que você oferece. Mas, então, quem eu seria? Quem eu seria se esquecesse os erros que moldaram quem eu sou?”

“Você seria feliz”, ela disse.

“Outra pessoa seria feliz. Um novo Jorg, um Jorg sem orgulho. Eu não serei o cachorrinho de ninguém. Não o seu cachorrinho, nem mesmo o d’Ele.”

A noite rastejou de volta como a névoa subindo do lamaçal.

“Orgulho também é um pecado, Jorg. O mais mortal dos sete. Você tem que deixá-lo para trás.” Finalmente, um toque de desafio em suas palavras. Era tudo o que eu precisava para me fortalecer.

“Tenho?” A escuridão serpenteava à nossa volta.

Ela juntou suas mãos. A escuridão cresceu e sua luz cedeu.

“Orgulho?”, eu disse, agora com um sorriso dançando em meu rosto. “Eu *sou* o orgulho! Deixe os mansos herdarem o que lhes é de direito – eu prefiro uma eternidade nas sombras a receber a bênção divina se este é o preço que preciso pagar.” Era mentira, mas se eu falasse a verdade, se aceitasse sua mão em vez de mordê-la, não me restaria mais nada, nada além dos cacos.

Eu ainda a vislumbrava, vislumbres sobre a escuridão aveludada. “Lúcifer falava assim. O orgulho o exilou do paraíso, ainda que se

sentasse à direita de Deus." Sua voz começou a sumir, até se tornar menos que um suspiro. "No final, o orgulho é o único mal, a origem de todos os pecados."

"Orgulho é tudo o que eu tenho."

Eu engoli a noite. E a noite me engoliu.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

PRINCE OF THORNS

39



le não morreu ainda?" Voz de mulher, sotaque teutônico marcado pela idade.

"Não." Uma mulher mais jovem, familiar, também teutônica.

"Não é natural demorar tanto tempo", disse a mulher mais velha. "E tão pálido. Ele já parece morto."

"Ele perdeu tanto sangue. Não sabia que os homens tinham tanto sangue assim."

Katherine! Seu rosto me veio à mente na escuridão. Olhos verdes e os ângulos esculpidos de seu rosto.

"Pálido e gelado", ela disse, seus dedos sobre o meu pulso. "Mas quando eu deixo o espelho perto de seus lábios ele fica embaçado."

"Coloque um travesseiro no rosto dele e acabe logo com isso, entendeu?" Eu imaginei minhas mãos ao redor do pescoço da velhaca. A

ideia me aqueceu um pouquinho.

"Eu queria vê-lo morto", disse Katherine. "Depois do que ele fez com Galen. Eu assistiria à sua morte nos degraus do trono, com todo aquele sangue escorrendo um degrau, depois outro, e me sentiria feliz."

"O rei devia ter cortado a garganta dele. Terminado o serviço ali mesmo." A velha de novo. Sua voz tinha um ligeiro tom de serviçal. Bradando sua opinião na segurança de um lugar privado, opiniões guardadas por muito tempo e amargadas em silêncio.

"Só um homem cruel esfaquearia seu único filho, Hanna."

"Ele não é seu único filho. Sareth carrega seu sobrinho. A criança será seu legítimo herdeiro."

"Acha que eles vão manter Jorg aqui?", disse Katherine. "Vão enterrá-lo no túmulo de sua mãe, ao lado do irmão?"

"Que enterrem os filhotes com a cadela e selem o túmulo, é o que eu digo."

"Hanna!" Ouvi Katherine se afastar de mim.

Eles me levariam para a tumba de minha mãe, uma pequena câmara subterrânea. Da última vez que a visitei a poeira formava um tapete, imaculado de pegadas.

"Ela era uma rainha, Hanna", disse Katherine. Eu a escutei limpando alguma coisa. "Dá para ver a força que aquela mulher tinha."

Uma efígie de mamãe fora esculpida sobre a tampa de mármore de seu ataúde, como se ela descansasse ali, suas mãos juntas em devoção.

"Sareth é mais bonita", disse Hanna.

Katherine voltou para o meu lado. "É a força que faz uma rainha." Senti seus dedos sobre minha testa.

Quatro anos atrás. Quatro anos atrás eu toquei aquela bochecha de mármore e jurei nunca mais voltar. Aquela foi minha última lágrima. Eu me pergunto se Katherine havia tocado o rosto dela, me pergunto se havia acariciado a mesma pedra.

“Deixe-me acabar com isso, minha princesa. Seria uma gentileza com o garoto. Eles vão deitá-lo com sua mãe e o pequeno príncipe.” Hanna adoçou sua voz. Ela pôs as mãos em minha garganta; seus dedos eram ásperos como pele de tubarão.

“Não.”

“Você falou que queria vê-lo morto”, disse Hanna. A velha tinha bastante força naquelas mãos enrugadas. Já decepara uma galinha ou três na sua época, não é, Hanna? Talvez um bebê ou outro. A pressão aumentava, devagar mas eficaz.

“Nos degraus, eu disse, enquanto seu sangue ainda estava quente”, informou Katherine. “Mas eu o vi se debater por tanto tempo, agarrando-se em tão pouco para sobreviver, que acabou virando um hábito. Deixe-o tombar quando estiver pronto. Ninguém sobrevive a um ferimento desses. Deixe-o escolher a hora de partir.”

A pressão ficou um pouco mais forte.

“Hanna!”

A mão se retirou.



TRILOGIA DOS ESPINHOS

PRINCE OF THORNS

40



nvolvemos nosso mundo violento e misterioso num pretenso conhecimento. Embrulhamos os vácuos de nossa compreensão com ciência ou religião, e passamos a acreditar que a ordem foi imposta. E, na maior parte do tempo, a ficção funciona. Roçamos a superfície, ignorando as profundezas. Somos libélulas voando sobre um lago, com quilômetros de profundidade, perseguindo caminhos erráticos atrás de causas sem sentido. Até aquele momento quando algo vindo do frio desconhecido vem à tona atrás de nós.

As maiores mentiras guardamos para nós mesmos. Somos deuses em nossos jogos, nos quais fazemos as escolhas e as correntezas seguem nossa vigília. Pretendemos nos separar do que é selvagem. Imaginamos que o controle humano é total, que a civilização é mais do que uma camada, que a razão nos fará companhia nos lugares escuros.

Aprendi essas lições em meu décimo ano, ainda que poucas delas tenham continuado comigo. Corion não precisou mais do que instantes para me ensinar, batimentos cardíacos durante os quais minha vontade se esvaiu como uma chama ao vento, até se apagar completamente.

Estava com o nubano, inerte na escada. Apenas meus olhos se mexiam, e eles seguiram o velho. Ele pareceria gentil sob uma luz diferente. Havia nele algo do tutor Lundist, ainda que mais esquálido, mais esfomeado. O horror não estava em seu rosto, nem mesmo nos seus olhos, apenas na consciência de que tudo não passava de peles tensionadas sobre o vazio do mundo.

Sua aparência, um velho usando um manto sujo, me fez sentir um medo daqueles que a vergonha apaga de nossa memória. O medo que o coelho sente quando a águia ataca. O tipo de medo que transforma um homem em nada. O tipo de medo que faria você sacrificar sua mãe, seu irmão, tudo e todos que um dia amou apenas para ter a chance de correr.

Corion se aproximou arrastando os pés e se inclinou para tirar meu pulso. Num instante, o toque silenciou o terror puro que se abatera sobre mim. Tão completamente como se ele fechasse a torneira de um barril de vinho, o fluxo se interrompeu. Sem uma palavra, ele me arrastou para sua habitação. Senti o ladrilho arranhar meu rosto.

Não havia nada no quarto, com exceção da balestra, encostada na parede ao fundo. Imaginei Corion trancado aqui em seu quarto vazio, um lugar para deixar sua velha carne repousar enquanto ele encarava a eternidade.

“Então o caçador de Sageous finalmente encontrou uma presa mais feroz do que ele mesmo, hein?”

Tentei falar, mas meus lábios não fizeram mais do que tremer. Ele sabia sobre o bruxo dos sonhos e seu caçador. Ele me chamara de Príncipe dos Espinhos. O que mais ele sabia?

“Eu sei tudo, criança. As coisas que você sabe, os segredos que você guarda. Até os segredos que você esqueceu.”

Ele podia ler meu pensamento.

“Como um pergaminho aberto.” Corion acenou. Ele virou minha cabeça com sua bota para que eu pudesse ver a balestra do nubano uma vez mais.

“Você me intriga, Honório Jorg Ancrath”, ele disse, e andou até ficar do lado da arma. “Você está se perguntando por que um homem com tantos poderes não é o imperador de todas as terras.”

Sim, eu estava.

“O imperador tem que fazer parte da Centena. Nações não seguem monstros como eu. Eles seguem uma linhagem, o direito divino, a estirpe real. Então nós, que tomamos o poder de lugares onde os demais temem se aproximar... nós jogamos o jogo dos tronos com peças como o Conde Renar, peças como seu pai. Peças como você, talvez.”

Ele esticou o braço para encostar na balestra. O ar em volta brilhou intensamente como se alguém escancarasse a porta de uma fornalha.

“Sim. Até prefiro que seja assim. Deixe Sageous ficar com o Rei Olidan, deixe que ele se esforce para controlar a vontade de seu pai e eu terei seu primogênito.”

O medo submergiu o suficiente para deixar minha raiva vir à tona. Imaginava o velho morrendo, minha mão empunhando a espada.

“Deixe que os selvagens o acalmem e se você resistir o filho pródigo retornará na hora certa, uma víbora no colo do pai. O peão vence o rei.” Ele simulou o gesto de um jogo de xadrez. “Você pode virar alguém, Príncipe da Roseira-Brava. A peça que ganhará o jogo.”

Corion tomou a balestra como se ela não pesasse nada. Erguendo-a até seus lábios, ele sussurrou uma palavra, suave demais para ser escutada. Cinco passos o levaram até a porta e ele deixou a balestra nos

degraus, perto da cabeça do nubano. “Um cavalo negro para guardar meu peão.”

“E você, garoto. Você vai esquecer o Conde de Renar.”

Nem fodendo.

“Transfira sua vingança para onde bem entender. Você pode dividi-la com o mundo, derramar sangue – mas nunca retorne a estas terras. Seus pés não andarão por estes caminhos. Sua mente não vagará por aqui.”

Só conseguia observá-lo. Ele se aproximou. Ajoelhou ao meu lado, pegou meu colarinho e puxou meu rosto até o seu. Encontrei seu olhar vazio. Senti o desespero crescendo, uma onda que me levaria para longe. E o pior: senti seus dedos frios dentro do meu crânio, apagando memórias, revirando decisões.

“Esqueça Renar. Leve sua vingança para o mundo.”

Renar vai morrer. “Em... minhas... mãos...” De alguma maneira, meus lábios falaram as palavras.

Mas logo ele roubou minha convicção. Não saberia dizer como eu alcançara a torre, nem mesmo como ele se chamava.

O velho sorriu. Ele se inclinou para sussurrar no meu ouvido. Eu me lembro do seu hálito em minha nuca e do fedor putrefato.

Então ouvi suas palavras e perdi por completo a razão.

Vermes se contorciam atrás dos meus olhos. Nenhum sinal dele permaneceu em meus pensamentos, apenas um vácuo para o qual eu não conseguia olhar. Renar se tornou um nome sem peso e a minha ira, um presente para qualquer um e para todos.

Caí na escuridão, ensurdecido pelos meus próprios uivos. Mãos desconhecidas se fechavam em minha garganta e na escuridão minhas próprias mãos acharam um pescoço para sufocar. Apertava mais forte, cada vez mais forte. Os gritos sucumbiram num chiado, num chocalho

e, finalmente, no silêncio. Apertei. Minhas mãos se tornaram ganchos de ferro. Se eu apertasse um pouco mais forte os ossos de meus dedos se quebrariam como galhos secos.

Caí na escuridão, no silêncio, apenas as mãos em minha garganta e a garganta em minhas mãos, e a fome de ar, meu coração batendo com golpes de marreta.

Caí durante anos. Estou caindo a minha vida inteira...

Atingi o chão. Duro. Meus olhos se abriram. Caí sobre um chão de pedra. Um rosto roxo me encarava, com olhos distendidos, a língua projetada. A luz do dia entrava por uma janela alta. Meu coração pulsava em minha caixa torácica tentando sair. Tudo doía. Vi minhas mãos no pescoço abaixo daquele rosto. Minhas mãos. Com grande esforço eu as destravei. Os dedos branquelos não estavam muito inclinados a obedecer.

A dor ainda pairava em mim. Eu precisava de algo, mas não sabia dizer o que era. Minha visão pulsava em vermelho, tornando-se turva em poucos segundos. Toquei em meu pescoço com uma mão cadavérica e encontrei outras mãos nele.

Não reconheci o rosto. Uma mulher?

O mundo ficava mais distante; a dor menos.

Renar... O nome surgiu dentro de mim e com ele um vestígio de força. As mãos que capturavam os dedos do estrangulador do meu pescoço não pareciam ser as minhas. *Renar!* Meu primeiro alento zuniu como se eu puxasse o ar através de um caule de junco.

Ar! Eu precisava de ar.

Engasguei, arfei, mas nada vinha. Puxei o ar com força através de uma garganta que ficara estreita demais para essa tarefa.

Renar.

A face púrpura pertencia a uma mulher de cabelos grisalhos. Eu não entendia.

Renar. E Corion.

Ah, meu Deus! Eu lembrei. Lembrei do horror, mas ele queimava pálido contra a fúria gélida que me consumia naquele momento.

"Corion." Pela primeira vez em quatro anos, desde aquela noite na torre, eu disse seu nome. Eu lembrei. Lembrava do que me havia sido roubado e pela primeira vez desde sempre me senti completo.

Encontrei forças para me levantar, apoiando nos meus braços.

Estava num aposento, em um castelo. Do lado de uma cama... eu caíra da cama. Enquanto uma senhora tentava me sufocar.

A porta tremeu. Alguém sacudiu o trinco. "Hanna! Hanna!" Uma voz de mulher.

De alguma maneira eu me levantei antes que a porta se abrisse.

"Katherine." A voz escapou de minha garganta ferida como um rangido.

E lá estava ela. Linda em desordem. A boca meio aberta, os olhos verdes arregalados.

"Katherine." Eu só conseguia pronunciar seu nome como um suspiro, mas eu queria gritar, queria gritar muitas coisas ao mesmo tempo.

Entendi. Eu entendi o jogo. Entendi os jogadores. Eu sabia o que precisava ser feito.

"Assassino!", ela disse. Retirou uma lâmina de sua faixa, um estilete afiado o bastante para atravessar um homem. "Seu pai sabia o que estava fazendo."

Tentei contar a ela, mas nenhuma palavra sairia agora. Tentei levantar meus braços, mas eu estava sem forças.

"Vou terminar o que ele começou", ela disse.

E tudo o que eu conseguia fazer era admirar a beleza dela.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

PRINCE OF THORNS

41



um duelo, homem a homem, espada contra espada, você pode acabar morto devido à falta de habilidade. Na maioria das vezes, entretanto, é uma questão de sorte ou, no caso da luta se estender demais, o homem que se cansar primeiro será aquele com mais chances de morrer.

No fim das contas é uma questão de manter o vigor. Deveriam escrever nas lápides "Cansei" – talvez não cansado da vida, mas pelo menos cansado demais para aguentar-se de pé.

Numa luta de verdade, e a maioria das lutas são de verdade, e não o artifício de um duelo formal, a fadiga é a grande assassina. Uma espada é um troço pesado de ferro. Você sacode aquela coisa por poucos minutos e seus braços começam a ter ideias próprias sobre o que

conseguem e o que não conseguem fazer. Mesmo quando sua vida depende deles.

Passei por momentos nos quais erguer minha espada era o equivalente a qualquer um dos trabalhos de Hércules, mas até me deparar com a faca de Katherine eu nunca antes havia me sentido tão exausto.

"Filho da mãe!"

O fogo em seus olhos era feroz demais para queimar até que o ato estivesse consumado.

Procurei pela vontade de interrompê-la e voltei de mãos vazias.

Uma faca é uma coisa bem assustadora, apontada para o seu pescoço, afiada e fria. A ideia ecoava de volta e vinha daquela noite em que os mortos saíram de suas poças de lama na Estrada dos Cadáveres.

O brilho da lâmina que se aproximava de mim e a ideia de minha carne ser fatiada – perfurando um olho, quem sabe – são coisas que podem paralisar um homem. Até que você perceba o que elas são. Elas não passam de maneiras de se perder o jogo. Você perde o jogo, e o que foi que você perdeu? Você perdeu o jogo. Corion me contou sobre o jogo. Quantos dos meus pensamentos não foram seus? Quanto da minha filosofia não passou da imundície vinda dos dedos daquele velho?

Nadei na escuridão por muito tempo. O jogo não parecia ser mais tão importante.

Com recordações de minha força ergui os dois braços. Mantive-os bem abertos para receber o golpe. E sorri.

Algo se aproximou e segurou o seu braço. Podia vê-lo sobre o rosto dela, contorcendo aquela testa perfeita, lutando com raiva.

"O pai não conseguiu acertar o coração, ao que parece." Consegui emitir um som rouco. "Talvez a sua mira seja melhor, tia."

A faca se mexeu. Imaginei se ela já havia cortado carne viva alguma vez.

"Você... você a matou."

Os dedos de minha mão direita se fecharam sobre algo, algo pesado e macio, na mesinha de cabeceira.

Os olhos de Katherine se viraram para o rosto da senhora.

Acertei-a. Não muito forte, eu não estava em condições, mas forte o suficiente para quebrar o vaso que encontrara. Ela desabou sem reclamar.

Caiu na piscina de safira que era seu vestido, esparramado sobre o chão de pedra. A vida fluía em meus braços mais uma vez. Minhas forças pareceram retornar no momento em que ela caiu. Como se um encanto fosse quebrado.

Mate-a e você será livre para sempre. Uma voz familiar, seca como papel. Minha ou dele?

O cabelo dela escondia seu rosto, ruivo sobre safira.

Ela é a sua fraqueza. Arranque o coração dela.

Eu sabia que era verdade.

Estrangule-a.

Vi minhas mãos pálidas sobre um pescoço que se tornava vermelho.

Possua-a. A voz do espinheiro. Os ganchos escorregavam sob minha pele e me fizeram ajoelhar ao lado dela. *Possua-a, pegue logo aquilo que você talvez não ganhe nunca*. Eu conhecia o juramento.

Mate-a e você será livre.

Ouvi o eco de uma tempestade distante.

Os cabelos de Katherine corriam feito seda entre os meus dedos. "Ela é minha fraqueza." Minha voz agora, meus lábios. Um pequeno passo, outra morte, e nada jamais me alcançaria de novo. Um pequeno passo e a porta daquela noite maldita se fecharia para sempre. O jogo seria realmente um jogo. E eu seria o vencedor.

Estrangule-a, possua-a. A voz do espinheiro. Uma fenda na minha mente. Um som oco. Um vazio.

Vazio.

O pescoço dela estava quente. Seu pulso batia sob a ponta dos meus dedos.

"Mate-a, Príncipe da Roseira-Brava."

Vi as palavras saírem de lábios finos, pronunciadas num aposento vazio.

"Mate-a."

Vi os lábios se moverem de novo. Vi os olhos vazados, fixos na eternidade. "Mate-a."

"Corion!"

Por um instante minhas mãos se fecharam um pouco mais em volta do pescoço de Katherine.

"Vou atrás de você, seu velho bastardo." Soltei Katherine.

Um sorriso se formou naqueles lábios finos, um sorriso feroz. Vi quando a visão se esvaeceu, aqueles olhos vazados e aquele sorriso torto. Meu sorriso.

Ele jogara comigo. Vaguei durante anos sem nenhuma recordação dele, pensando ser ideia minha me afastar de Renar, pensando que a escolha era um símbolo de minha força e do meu propósito, deixar uma vingança vazia de lado em favor do verdadeiro caminho para o poder. E agora, à beira da morte, consegui recuperar o que foi tirado de mim. Recuperei ou recebi. Admirei Katherine. Ela parecia um anjo num local escuro. A lembrança me abandonou com um calafrio.

Peguei do chão o punhal de Katherine e parei. Eu a deixei no lugar em que ela caíra, ao lado da velhaca que eu havia estrangulado. A porta se abriu para um corredor, um que eu reconheci. O Lado Oeste, eu sabia onde estava. Ergui a faca até meus lábios e beijei a lâmina. Conde Renar e o mestre titereiro que puxara tantos cordões – uma lâmina afiada seria suficiente para ambos.



Para cada homem que o irmão Roddat matava de frente, ele esfaqueava três pelas costas. Roddat me ensinou tudo o que eu sei sobre fugas e esconderijos. Covardes merecem ser tratados com respeito. Covardes sabem mais sobre como machucar. Experimente só encurralar um covarde, por sua conta e risco.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

PRINCE OF THORNS

42

aia do meu caminho.”

“Quem diabos...”

“Pelo amor de Deus! Você é aquele velho saco de verrugas que tentou me afastar da última vez!” Era ele mesmo. O fedor que saltara quando ele abriu a porta trouxe tudo de volta. “Estou surpreso que meu pai tenha deixado você viver.”

“Quem...”

“Quem diabos sou eu? Não se lembra de mim? Da outra vez você também não se lembrou. Eu era mais baixo na época, deste tamanho.” Fiz um gesto com a mão para demonstrar a altura. “Parece muito tempo para mim, mas você é um velho, e o que são três ou quatro anos para um velho?” Esbocei um cumprimento. “Príncipe Jorg ao seu dispor – ou melhor, ao meu. Da última vez eu caí fora daqui com um bando de

foragidos. Desta vez eu só preciso de um cavaleiro, se você me permitir. Sir Makin de Trent."

"Devo chamar os guardas", ele disse, sem convicção.

"Por quê? O rei não prestou nenhuma queixa contra mim." Isso era um palpite, mas meu pai achava que tinha me acertado com um golpe mortal, então eu provavelmente estava certo. "Além do mais, você conseguiria apenas ser morto. E se está pensando naquele grandalhão com a lança, eu cravei a cabeça dele na parede não faz três minutos."

O carcereiro deu um passo para trás e me deixou passar, exatamente como fez quando eu era um menino e Lundist me acompanhava. Naquela ocasião eu o atingi quando saímos. Uma vez no estômago e um segundo golpe em sua nuca, quando ele se dobrou. Por um instante considerei terminar o trabalho com a faca de Katherine, mas era uma boa ideia deixar carcereiros incompetentes viverem.

Peguei suas chaves e andei pelo corredor, com a faca em punho. Preferia estar com minha espada, eu me sentia nu sem ela. Minha mente sempre se voltava para sua ausência, para a falta de peso em meus quadris, como uma língua que retorna a uma cavidade superestimando a perda do dente.

Makin colocou essa espada em minhas mãos no dia em que me encontrou. Como capitão da guarda em busca do herdeiro ele tinha o direito de carregá-la. Eu a mantive por perto desde então, a lâmina da família, aço dos Construtores.

Encontrei o caminho para a câmara de torturas onde vi o nubano pela primeira vez. A mesa no centro estava vazia. Não havia rostos nos postigos das celas. Eu fiz um circuito lento, dirigindo o facho de minha lanterna para cada cela. A primeira continha um cadáver, ou alguém tão próximo da morte que não passava de um saco de ossos. As três celas seguintes estavam vazias. A quinta detinha Sir Makin. Estava sentado contra a parede do fundo, barbado e besuntado de fedor. Uma das

mãos, erguida, protegia seus olhos da luz. Senti uma dor no fundo de minha garganta. Não sabia por que, mas senti. Raiva em meu estômago, e uma dor ácida em minha garganta.

"Makin. Ei, meu irmão." Calmo.

"O quê..." Um resmungo, o som de algo quebrado.

"Vou para a estrada de novo, irmão Makin. Tenho negócios ao sul."

Coloquei a chave na fechadura. Um tremor de leve, um chocalhar sutil.

"Jorg?" Um soluço úmido, meio engasgado. "Ele matou você, príncipe. Seu próprio pai."

"Morrerei quando estiver pronto."

A chave girou e a porta se abriu sem resistência. O fedor piorou.

"Jorg?" Makin deixou sua mão cair. Tinham feito uma bagunça com o rosto dele. "Não! Você está morto. Eu vi quando você caiu."

"Está bem, estou morto e você está sonhando. Agora quer levantar essa bunda antes que eu tenha que ir aí chutá-la? Pelo cheiro não sobrou muita merda dentro de você."

Isso o atingiu. Ele tentou se levantar, raspando os dedos pela parede.

Não perdi tempo pensando em que estado ele deveria estar. Para mim era como se eu tivesse recebido a facada de meu pai ontem mesmo. A barba de Makin dizia que semanas se passaram, no mínimo.

Ele se levantou com dificuldade e suas pernas falharam.

Dei dois passos até ele.

O castelo do conde ficava no fim de um travessia difícil, de mais de cento e sessenta quilômetros à nossa frente, passando pelos campos de Ancrath e chegando às Terras Altas de Renar. Ele jamais conseguiria.

Makin escorregou até o chão, gemendo. "Você está morto, de qualquer forma." O seu olho bom reluziu com lágrimas.

Jogue. Sacrifique o cavalo, tome a torre. Aquela voz seca de novo. Estava cansado de escutá-la, já não sabia se ela era minha ou de Corion. De

qualquer maneira, eu precisava abandoná-lo.

"Você teve uma chance, Makin. Isso é duas vezes mais do que a maioria dos filhos da puta consegue a vida inteira." O facho da lanterna balançava de uma parede à outra. "Morto ou não, vou deixar você aqui se não conseguir ficar de pé e me seguir. Não seria o primeiro homem que deixo aqui para morrer. Deixei um homem que eu deveria amar. Posso deixar você aqui sem pestanejar."

Ele se levantou, furioso pelo medo ou seja lá pelo que for, mas seu braço se curvou e seu pé deslizou sobre o esterco.

Dei às costas e comecei a andar. Dois passos após a porta eu parei.

"Lundist morreu aqui." Falei mais alto do que devia, gastando ar com besteiras. "Neste canto." Bati o pé no lugar. "Eu o deixei sangrando."

Nada veio da escuridão da cela.

Eu fora gentil com Katherine, mas sem nenhum prejuízo real. Aquilo era diferente. Eles quebraram Makin, ele não podia fazer nada além de me atrasar na ocasião em que eu mais precisava ser veloz.

Fui em direção à saída.

"Não..."

Não o deixe implorar.

"Não... ele não morreu ali." A voz de Makin saiu um pouco mais forte.

"O quê?"

"Ele levou uma bela pancada."

Sons de movimentos na escuridão.

"Uma pancada, e nada mais. Nada além de uma contusão para mostrar no dia seguinte."

"Lundist está vivo?"

"Seu pai mandou executá-lo, Jorg." Makin foi até a luz, agarrando o batente da porta. "Ele falhou em proteger você, foi o que seu pai disse." Makin cuspiu um troço negro no chão. "O mais provável é que ele não tinha o que fazer com um tutor depois que seu filho fugiu. É assim que

o rei tem atuado por todos esses anos. Quando uma coisa não tem mais utilidade que ela seja jogada fora."

Makin esboçou um sorriso. "Diabos, mas é muito bom te ver, garoto."

Eu o observei por um instante. Vi seu sorriso morrer e ser substituído por uma incerteza que se espelhava na minha.

Eu deveria deixá-lo. Na verdade eu deveria matá-lo e evitar nós desatados.

Não olhei para minha faca. Nunca se tira os olhos do alvo, mesmo quando este é um homem como Makin, no estado em que ele se encontrava. Mas eu sabia onde minha faca estava. Na minha mente, podia ver o brilho onde a faca cortava o facho de luz da lanterna. Makin tampouco olhou para ela. Ele sabia que não se deve demonstrar fraqueza para a víbora. Nada melhor do que uma oportunidade para fazer um homem se decidir.

Meu pai o deixaria. Morto.

A criatura na qual Corion tinha escolhido em me forjar, sua ferramenta, sua peça no jogo dos tronos, jamais havia se aproximado para saborear o fedor dos calabouços.

Mas e quanto a Jorg?

"Sou o filho do meu pai, Makin."

"Eu sei." Ele suplicou. Admirava isso nele. Eu escolhia bem minhas peças.

A faca ardia como ferro quente em meu punho. Eu me odiava por aquilo que estava pronto para fazer e também por hesitar. Odiava minhas fraquezas.

Por um instante vi o nubano, apenas a linha branca dos seus dentes, e a escuridão de seus olhos me observando do mesmo jeito que ele me olhava desde o dia em que nos encontramos.

Makin aproveitou o momento. Um chute veloz atingiu minhas pernas por baixo. Ele se atirou com todo o peso que ainda restava em seu

corpo e fez um sanduíche com minha cabeça, imprensada entre os ladrilhos e o seu pulso. Um soco foi o suficiente para me mandar de volta ao lugar de onde eu havia escapado, no quarto de Katherine.



Shakespeare dizia que o hábito revela o homem. As roupas certas poderiam fazer do irmão Sim um menino, jovem demais para se barbear, até um ancião, velho demais para que lhe permitissem fazer a barba. Ele sabia se passar por uma garota também, ainda que este fosse um talento perigoso para quem vive na estrada e que ele reservava apenas para alvos que não conseguiam ser atingidos de outra forma. O jovem Sim é esquecível. Quando ele sai, eu me esqueço de sua aparência. Às vezes acho que, de todos os meus irmãos, Sim é o mais perigoso.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

PRINCE OF THORNS

43



xplique de novo.” Makin se inclinou na sela para se fazer ouvir acima do ruído da chuva. “Seu pai o esfaqueia, mas é para o castelo do Conde Renar que nós estamos indo para que você possa se vingar?”

“Sim.”

“E nem mesmo estamos indo atrás do conde. Não dele, que mandou matar sua santa mãezinha, mas de um velho feiticeiro?”

“Isso.”

“Que manteve você e o nubano à mercê dele da primeira vez que você fugiu de casa. E que deixou vocês escaparem sem fazer nada, além de lhes dar uma surra?”

“Acho que ele colocou um feitiço na balestra do nubano”, eu disse.

“Bem, se colocou, deve ter sido para evitar perder a arma. O nubano conseguia parar qualquer exército com aquela coisa. Era só encontrar o

ponto certo."

"O nubano não era de perder muitas coisas, verdade seja dita", eu disse.

"Então?"

"Então?"

"Então eu não entendo por que estamos debaixo dessa chuva torrencial, em cima desses pangarés roubados, cavalgando em direção ao pior tipo de perigo que existe."

Cocei meu queixo onde ele me acertara. Estava dolorido. O frio da chuva não ajudava muito.

"O que move o mundo, Makin?"

Ele olhou para mim, seus olhos apertados contra a umidade do vento.

"Nunca tive tempo para os seus filósofos, Jorg. Sou um soldado e ponto final."

"Então você é um soldado. O que move o mundo?"

"A guerra." Ele levou a mão ao punho de sua espada, inconscientemente. "A Guerra Centenária."

"E o que move a Guerra Centenária, soldado?", perguntei.

"Uma centena de nobres herdeiros, lutando por diversas terras pelo trono do Império."

"Foi o que sempre imaginei", eu disse.

A chuva caía ainda mais forte, ferroando o dorso de minhas mãos como se carregasse gelo. Mais à frente, num lugar onde a estrada bifurcava, eu enxergava um brilho – três, para ser exato, três manchas de luz cálida.

"Taberna à nossa frente." Cuspi um pouco d'água.

"Então não estamos lutando pelo Império?" Makin manteve o ritmo, ainda que seu cavalo escorregasse na lama torrencial junto à estrada.

"Matei Price aqui", eu disse. "Fora dessa estalagem. Que se chamava Os Três Sapos naquele tempo."

“Price?”

“O irmão mais velho do Pequeno Rikey”, eu disse. “Você não chegou a conhecer. Perto dele Rike era um cavalheiro.”

“Ah, sim, eu me lembro da história. Os irmãos me contaram uma ou duas vezes, quando Rike estava longe, na cama de alguma puta.”

Chegamos na estalagem. Ainda se chamava Os Três Sapos, se é que a placa ainda valia alguma coisa.

“Aposto que eles não contaram toda a história.”

“Quebrou a cabeça dele com uma pedra, não foi? Agora que você mencionou, nenhum deles falava com muito entusiasmo sobre isso”, ele disse.

“Eu e o nubano voltávamos das Terras Altas. Não falamos nada durante todo o caminho. Eu carregava Corion em minha mente, ou um toque dele, como um buraco negro por trás dos meus olhos.”

“Não esperávamos ver os irmãos. Combinamos de nos encontrar uma semana antes, do outro lado de Ancrath. Mas eu cobrei uma dívida do nubano e nós sumimos.”

“Enfim, eles estavam lá. Uma fileira de cavalos na estrada, a chama apenas começando a lamber a palha. Burlow estava perto daquela árvore ali, com seu barril de cerveja particular. O jovem Sim, com o machado para cima, perseguia um porco. E Price sai da taberna, encurvado para passar pela porta, a fumaça ao seu redor como se ele fosse o Diabo em pessoa. Arrastava o taberneiro, uma mão em volta do pescoço do sujeito, sem asfixiá-lo. Veja bem: a mão de Price conseguia dar uma volta completa no pescoço de um homem – e com folga.”

“Price me vê e é como se algo explodisse dentro dele. Ele bateu com o taberneiro contra o dormente da porta e tivemos cérebro espalhado para todos os lados. Ele mantém seus olhos fixos em mim o tempo todo.”

“‘Seu filho da mãe. Eu vou arregaçar você todinho’, ele me disse.”

“Ele não gritou, mas não houve irmão que não o tivesse ouvido. Eu e o nubano estávamos a uns trinta metros e foi como se ele assoviasse dentro do meu ouvido.”

“‘Com uma balestra dessas, aposto que você conseguiria acertá-lo daqui, bem no meio da testa’, eu disse ao nubano.”

“‘Não’, ele respondeu. Ainda que não soasse como o nubano. Ele falava com uma voz seca que eu ouvira anteriormente. ‘Eles precisam ver você acabar com a raça dele.’”

“Price veio a passos largos. Eu não tinha ilusões de que conseguiria detê-lo, mas correr não era uma opção, então pensei que talvez tivesse uma chance.”

“Peguei uma pedra. Uma pedra bem lisa. Ela cabia em minha mão como se tivesse sido feita para mim.”

“‘Davi tinha uma funda’, disse Price. Ele abriu um sorriso medonho.”

“‘Golias merecia.’”

“Ele continuava andando, mas trinta metros nunca pareceram tão curtos.”

“‘O que irritou você? Sentiu muitas saudades do nubano?’ Pensei que pelo menos deveria descobrir por que eu iria morrer.”

“‘Eu...’ Ele ficou pasmo com a pergunta. Tinha um olhar distante, como se tentasse enxergar algo que eu não conseguia ver.”

“Aproveitei o momento para arremessar. Com uma pedra daquelas, fica impossível errar o alvo. Acertei no olho direito dele. Bem forte. Até um monstro como Price presta atenção nessas coisas. Ele soltou um uivo pavoroso. Você se borraria todo se ouvisse aquilo, Makin, se soubesse que ele estava atrás de você.”

“Então eu me agachei e minhas mãos encontraram mais algumas pedras, cada uma tão perfeita quanto a primeira.”

“Price ainda dava saltos de dor, pressionando seu olho com uma das mãos, uma gosma vazando entre seus dedos.”

“‘Ei, Golias!’”

“‘Isso chamou a atenção dele. Estiquei meu braço e lancei a segunda pedra. Acertei seu olho bom. Ele rugiu como um animal enfurecido e atacou. Fiz a última pedra atravessar seus dentes da frente e descer pela goela.”

“Foram todos arremessos impossíveis, Makin, de verdade. Nem sorte, impossível. Nunca mais arremessei assim desde então.”

“Bem, eu saí do seu caminho enquanto ele tropeçava por dez metros antes de cair, sufocado. Acertei aquela terceira pedra em cheio na traqueia.”

“Catei a maior pedra que consegui naquele muro ali e fui atrás dele. Price provavelmente morreria asfixiado por conta própria. Estava com aquela aparência púrpura dos enforcados quando cheguei até ele. Mas não gosto de deixar as coisas na mão do destino.”

“Ele estava de quatro, cego. E fedia, imundo de todas as formas possíveis. Quase senti pena do filho da puta.”

“Eu não imaginava esmagar seu crânio de primeira. Mas esmaguei.”

Makin desmontou do cavalo e ficou com lama até os tornozelos. “Podíamos entrar.”

Não sentia mais a chuva. Sentia o calor daquele dia em que matei Price. A suavidade das pedras pequenas, o peso abrutalhado da rocha que usei para encerrar o trabalho.

“Foi Corion que guiou minha mão. E acho que foi Sageous que pôs Price contra mim. Meu pai considera que o bruxo dos sonhos serve a ele, mas não é bem assim. Sageous viu que Corion tinha afundado suas garras em mim, viu que havia perdido o herdeiro de seu novo peão, então ele contaminou os sonhos de Price e atiçou o ódio que havia dentro dele. Não precisou se esforçar muito.”

“Eles jogam conosco, Makin. Somos peças em seu tabuleiro.”

Ele sorriu, com lábios rasgados. “Somos todos peças no tabuleiro de alguém, Jorg.” Ele foi até a porta da taberna. “Você jogou comigo, com muita frequência.”

Eu o segui rumo ao cheiro forte do salão principal. A lareira continha apenas uma peça de lenha, que chiava e produzia mais fumaça do que calor. O pequeno bar atendia uma dúzia de fregueses. Pela aparência deles eram todos locais.

“Ah! O aroma de camponeses molhados.” Atirei meu manto ensopado sobre a mesa mais próxima. “Nada se compara.”

“Cerveja!” Makin puxou um banco. Um clarão começou a se abrir a nossa volta.

“Carne também”, eu disse. “De vaca. Da última vez que vim aqui nos serviram cachorro assado e o taberneiro morreu.” Isso tudo era verdade, ainda que não nessa ordem.

“Então”, disse Makin. “Esse Corion apenas estalou os dedos no primeiro encontro e você e o nubano se ajoelharam. O que pode impedir que ele faça o mesmo de novo?”

“Talvez nada.”

“Até um apostador gosta de ter chances, príncipe.” Makin pegou duas jarras de vidro com a criada, ambas com o colarinho transbordando.

“Cresci um pouco desde o último encontro”, eu disse. “Sageous não me achou tão bobo assim.”

Makin deu um gole profundo.

“E tem mais. Eu roubei algo daquele necromante.” Senti o gosto amargo daquele coração em minha língua. Dei um gole em minha jarra. “Arranquei um bom pedaço para mastigar. Eu possuo uma pitada de magia aqui dentro, Makin. Seja lá o que for que corra nas veias daquela vadia que matou o nubano, e daquela garotinha também, a que corria com monstros, sabe-se lá o que a fazia brilhar – bem, eu carrego um pouco dessa faísca agora.”

Makin limpou a espuma do bigode que deixara crescer no calabouço. Ele deixou aparente sua descrença ao erguer, minimamente, uma sobrancelha. Eu puxei minha camisa. Bem, não era exatamente minha camisa, mas algo que Katherine deve ter escolhido para mim. No lugar em que a faca do meu pai encontrou minha pele, uma fina cicatriz negra jazia sobre meu tórax sem pelos. Veias pretas saíam do ferimento e se espalhavam sobre minhas costelas e minha garganta.

"Meu pai pode ser tudo, mas ele não é um inepto", eu disse. "Eu devia estar morto."

TRILOGIA DOS ESPINHOS

PRINCE OF THORNS

44



castelo é conhecido como “O Assombrado”. Quando se cavalga acima do vale, ao anoitecer, com o sol se pondo por trás das torres, você descobre o porquê. O lugar possui aquele ar maligno clássico. As janelas altas são escuras, a vila abaixo dos portões fica soterrada pela penumbra, as bandeiras hasteadas sem vida. O lugar traz à mente uma caveira vazia. Sem o sorriso festivo.

“Então, qual é o plano?”, Makin perguntou.

Respondi com um sorriso. Emparelhamos os cavalos na estrada, após ultrapassarmos um vagão que rangia levando uma carga de barris.

“Pelo jeito nós chegamos bem a tempo do torneio”, disse Makin. “Isso é uma coisa boa ou ruim?”

“Bem, nós viemos participar de um teste de força, não foi?” Eu tentava alcançar as bandeirolas nos pavilhões enfileirados do lado oeste da arena

do torneio. “Melhor ficarmos incógnitos por enquanto.”

“Então, a respeito do plano...” O trovão disperso de cascos se aproximando interrompeu seu raciocínio.

Olhamos sobre nossos ombros. Um grupo de cavaleiros se aproximava velozmente, uma meia dúzia, o líder numa armadura completa, projetando longas sombras atrás de si.

“Uma bela armadura de torneio.” Conduzi meu pangaré para o meio da estrada.

“Jorg...” Aquele era o dia de interromper Makin.

“Abram caminho!” O líder dos cavaleiros berrou alto o suficiente, mas eu preferi não escutá-lo.

“Abram caminho, camponeses!” Ele veio para cima em vez de nos contornar. Cinco homens o acompanhavam, uma tropa particular numa fila indiana. Seus cavalos espumavam.

“Camponeses?” Sabia que estávamos maltrapilhos, mas nós não passaríamos por camponeses. Meus dedos acharam o espaço vazio onde minha espada costumava se encontrar. “E por quem deveríamos abrir caminho?” Reconheci o brasão, mas perguntei apenas para insultá-los.

O homem à esquerda do cavaleiro falou. “Sir Alain Kennick, herdeiro do Condado de Kennick, cavaleiro da longa...”

“Sei, sei.” Ergui a mão. O homem se calou e fixou um pálido olhar em mim, por baixo da viseira de seu elmo de ferro. “Herdeiro do baronato de Kennick. Filho do notoriamente covarde Barão de Kennick.” Eu cocei meu queixo, esperando que aquela fuligem conseguisse se passar por uma barba por fazer na luz poente. “Mas estas são as terras de Renar. Pensei que os homens de Kennick não fossem bem-vindos aqui.”

Alain sacou sua espada, uma lâmina de um metro e vinte de aço dos Construtores, afiada a ponto de cortar os céus.

“Não vou debater na estrada com um garoto camponês!” Sua voz escondia certa lamúria. Ele levantou sua viseira e então tomou as

rédeas.

"Ouvi dizer que o barão e o Conde Renar esqueceram suas diferenças depois que Marclos conseguiu ser morto", disse Makin. Sabia que ele mantinha a mão no porrete que nós herdamos junto com os cavalos. "Barão Kennick retirou as acusações de que Renar estava por trás do incêndio de Mabberton."

"Para falar a verdade fui eu quem incendiou Mabberton", eu disse. Era um palpite, na verdade. Posso ter sido aquele que levou a tocha até a palha. Parecia uma boa ideia na hora. Mas de quem era aquela boa ideia? Talvez de Corion.

"Você?" Alain bufou.

"Dei uma ajudinha na morte de Marclos também", eu disse. Mantive os olhos nele e aproximei meu cavalo. Sem armas ou armadura eu não parecia oferecer grande ameaça.

"Ouvi dizer que o Príncipe de Ancrath derrubou a coluna de Marclos com uma dúzia de homens", Makin completou.

"Éramos uma dúzia completa, Sir Makin?", perguntei do meu jeito mais cordial. Mantinha meus olhos em Alain e ignorava seus homens. "Talvez fôssemos. Bem, não interessa, eu prefiro esta proporção."

"Que diabos..." Alain espiava para ambos os lados onde a cerca viva efervescia em possibilidades.

"Preocupado com uma emboscada, Alain?", perguntei. "Você acha que o Príncipe Honório Jorg Ancrath e o capitão da guarda de seu pai não conseguiriam abater seis vira-latas dos Kennick na estrada?"

Seja lá no que for que Alain estivesse pensando eu podia notar que seus homens ouviram histórias sobre Norwood. Eles ouviram falar do Príncipe Louco e seus cães de caça. Ouviram falar de como os guerreiros maltrapilhos irromperam das ruínas, mantiveram-se firmes e venceram uma força com um número de homens dez vezes maior.

Algo grunhiu no escuro à nossa direita. Se os homens de Alain ainda tinham alguma dúvida de que estavam sendo observados por bandidos à espreita o gemido de algum pequeno animal caçando insetos foi o suficiente para convencê-los.

"Agora! Ataquem!" Eu gritei para aproveitar minha emboscada inexistente e voei de minha sela, derrubando Alain de seu cavalo.

Alain abandonou qualquer resistência assim que caímos no gramado, o que foi uma coisa boa, já que a queda tirara todo o meu fôlego e o choque de nossas cabeças me fez ver estrelas.

Ouvi a pancada do porrete de Makin e o baque dos cascos recuando. Com um suspiro e o tinir do metal eu me desvencilhei de Alain.

"Melhor sairmos daqui rápido, Jorg." Makin se preparava para fugir após o mais breve dos combates. "Não vai demorar muito até eles se darem conta de que estamos sozinhos."

Encontrei a espada de Alain. "Eles não voltarão."

Makin franziu a testa. "Dar uma cabeçada num cavaleiro usando um elmo embaralhou seu cérebro?"

Eu esfreguei bem no ponto em que sentia dor. Meus dedos voltaram sujos de sangue.

"Capturamos Alain. Um refém, ou um cadáver. Eles não sabem bem qual dos dois."

"Para mim ele parece morto", disse Makin.

"Pescoço quebrado, acho. Mas isso não importa. O que importa é que eles sabem que não conseguirão salvá-lo, então devem estar preocupados com a própria fuga. Esses rapazes não têm mais como voltar para Kennick. Tampouco serão bem-vindos no Assombrado. Eles sabem que Renar não vai querer tomar parte nessa história."

"E a gente faz o que agora?"

"A gente se livra dele na estrada. Aquele vagão de cerveja vai chegar aqui em poucos minutos." Olhei para a estrada adiante. "Amarre-o ao

cavalo. Vamos arrastá-lo até o campo de trigo."

Tiramos a armadura dele no escuro, na plantação de trigo ainda úmida pela chuva daquele dia. Ele fedia um pouco. Alain havia se sujado ao morrer – mas ela cabia bem em mim, talvez estivesse só um pouco larga em volta da cintura.

"O que você acha?" Dei um passo atrás para que Makin pudesse me admirar.

"Não vejo porra nenhuma."

"Ficou bem, confie no que eu digo." Comecei a sacar a espada de Alain, então a empurrei de volta para a bainha. "Acho melhor esquecer a justa."

"Sábia decisão."

"O Grande Torneio faz mais meu estilo. E o vencedor recebe o prêmio das mãos do próprio Conde Renar!"

"Isso não é um plano. É um jeito tão estúpido de morrer que os bêbados das cervejarias vão rir dessa história nas próximas centenas de anos", disse Makin.

Fui rangendo de volta à estrada, guiando o cavalo de Alain.

"Você está certo, Makin, mas eu estou ficando sem opções."

"Nós podíamos cair na estrada de novo. Juntamos um pouco de ouro, depois um pouco mais, o suficiente para viver em algum lugar onde nunca ouviram falar de Ancrath." Eu conseguia ver uma vontade em seus olhos. Uma parte dele realmente falava a sério.

Abri um sorriso. "As opções podem fugir de mim, mas fugir não é uma opção. Não para mim."

Cavalgamos em direção ao Assombrado. Devagar. Não queria visitar a arena do torneio por enquanto. Não tínhamos uma tenda para armar e as cores de Kennick iriam me afogar inevitavelmente numa mentira mais profunda do que meus talentos como ator poderiam suportar.

Quando saímos da arena e chegamos a um amontoado de casas próximas dos muros do castelo um cavaleiro sentinela se aproximou de

nós puxando as rédeas.

"Bem-vindo, sir...?" Parecia estar sem fôlego.

"Alain de Kennick", informei.

"Kennick? Eu pensei..."

"Temos uma aliança agora, Renar e Kennick são grandes amigos hoje em dia."

"Uma boa notícia. Um homem precisa de amigos nos dias de hoje", disse o cavaleiro. "Sir Keldon, a propósito. Estou aqui para competir. O Conde Renar oferece valores generosos a quem souber manejar uma lança."

"Foi o que ouvi", eu disse.

Sir Keldon seguiu ao nosso lado. "Que bom que já saímos das planícies", ele disse. "Elas estão cheias dos homens de Ancrath."

"Ancrath?" Makin não conseguiu esconder o tom alarmante de sua voz.

"Não ouviu?" Sir Keldon sorriu de volta, na escuridão da noite. "Dizem que o Rei Olidan está reunindo seus exércitos. Ninguém sabe ao certo onde será o ataque, mas ele já acionou a Guarda da Floresta. A maioria deles está por aqueles cantos, se não estou enganado!" Ele apontou um dedo enluvado por cima do ombro. "E você sabe o que eles fizeram com Gelleth!" Ele passou o dedo em riste pela própria garganta.

Alcançamos a encruzilhada no centro da vila. Sir Keldon virou seu cavalo para a esquerda. "Vocês estão indo para a arena?"

"Não, temos que prestar condolências." Acenei em direção ao Assombrado. "Boa sorte amanhã."

"Obrigado."

Nós o vimos partir.

Virei o cavalo de Alain de volta às planícies.

"Não íamos prestar condolências?", perguntou Makin.

"Nós vamos", eu disse.

Bati os calcanhares para fazer meu corcel trotar. “Ao mestre da guarda Coddin.”

TRILOGIA DOS ESPINHOS

PRINCE OF THORNS

45

Eu gosto de montanhas, sempre gostei. Pedaços enormes de rocha obstinados, amontoados onde não são desejados e se metendo no caminho dos outros. Ótimo. Escalar montanhas já é um outro assunto. Simplesmente odeio.

"Do que adianta roubar um cavalo se eu preciso arrastar o maldito em qualquer ladeirinha de merda que encontramos pelo caminho?"

"Para ser justo, príncipe, isto aqui mais parece um precipício", disse Makin.

"A culpa é de Sir Alain por ser o dono de um cavalo deficiente. Eu deveria ter ficado com o pangaré que me trouxe até aqui."

Nenhuma resposta, além da respiração pesada de Makin.

"Preciso ter uma palavrinha com o Barão Kennick a respeito de seu filho qualquer dia desses", falei.

Nesse momento, uma pedra girou embaixo do meu pé e senti os efeitos da armadura incompleta que estava usando.

"Parados! Temos três arqueiros mirando em cada um de vocês." A voz veio de trás do declive, um pouco além, onde a lua mal conseguia iluminar as pedras amontoadas.

Makin se endireitou bem devagar, calmo, e eu tive que encontrar sozinho um chão para meus pés.

"Essa voz me parece ser a de um legítimo homem de Ancrath", eu disse, alto o suficiente para superar a distância. "Se você vai atirar em alguém eu poderia sugerir este cavalo aqui. Ele é um alvo melhor e um preguiçoso de marca maior."

"Joguem suas espadas no chão."

"Nós dois só temos uma espada", eu disse. "E não estou inclinado a perdê-la. Então vamos esquecer tudo isso e vocês podem nos levar para ver o mestre da guarda."

"No chão..."

"Sim, sim, você já disse isso. Olhe." Eu permaneci de pé e me virei para encontrar a luz da lua. "Príncipe Jorg. Sou eu. Eu empurrei o último mestre da guarda na cachoeira. Agora me levem até Coddin antes que eu perca meu notório bom-humor."

Chegamos a um entendimento e, sem perder tempo, eu tinha dois homens guiando o cavalo de Alain e um terceiro iluminando o nosso caminho com um lampião.

Fomos levados até um acampamento, três quilômetros adiante. Havia cinquenta homens amontoados numa depressão na base de uma colina – a Colina Brot, de acordo com o líder do bando que nos guiava. Bom saber que alguém por ali não estava perdido.

As sentinelas nos trouxeram após sinalizar com assobios aos guardas. O acampamento estava às escuras, o que era uma medida sensata, dado que estavam a dezesseis quilômetros do Assombrado.

Nós saltávamos sobre os guardas adormecidos, tropeçando em sujeitos de várias barracas armadas no caminho.

"Acendam as luzes!" Fiz bastante barulho para acordar os dorminhocos. Um príncipe merece uma certa fanfarra, ainda que ele mesmo tenha que providenciá-la. "Luzes! Renar nem ao menos sabe que vocês já cruzaram a fronteira, ele está oferecendo um torneio nas sombras dos seus muros, pelo amor de Deus!"

"Vamos ver." Reconheci aquela voz.

"Coddin. Você veio!"

Lanternas começaram a ser acesas. Vaga-lumes despertando no meio da noite.

"Seu pai insistiu, Príncipe Jorg." O mestre da guarda agachou-se para sair da sua barraca, nenhum traço de bom-humor em sua expressão. "Devo levar sua cabeça de volta, e apenas ela."

"Eu me ofereço para decapitá-lo!" Rike deu um passo até o facho de luz de uma lanterna e estava maior do que eu me lembrava, como sempre.

Homens andavam ao seu lado e Gorgoth surgiu da escuridão, imenso, ainda maior que Rike, suas costelas atravessando seu tórax como garras afiadas. "Príncipe das Trevas, um acerto de contas se faz necessário."

"Minha cabeça?" Levei minha mão à garganta. "Pretendo ficar com ela." Ao me virar, dei de cara com Burlow, o Gordo, aproximando-se com um pão em cada uma das mãos.

"Acredito que meus dias de agradar o Rei Olidan acabaram", eu disse. "Na verdade estou até cansado de esperar que ele morra. A próxima vitória que eu conseguir será em meu nome. O próximo tesouro que eu confiscar ficará nestas mãos e nas mãos daqueles que me servirem."

Gorgoth me olhava, impassível, debaixo da sua sombra, e o pequeno Gog me observava. Elban e Mentiroso usaram os cotovelos para abrir espaço entre o círculo cada vez mais cheio de sentinelas.

“E que tesouro será esse, Chorg?”, perguntou Elban.

“Você verá quando o sol nascer, meu velho”, eu disse. “Estou tomando as Terras Altas de Renar.”

“Já falei que vamos levá-lo.” Rike se agigantava atrás de mim. “Pagarão um bom preço por sua cabeça. Um preço principesco!” Ele gargalhou com sua própria piada, tossindo aquela espinha de peixe de novo, o velho “*hur! hur! hur!*”.

“Engraçado você mencionar preço, irmão.” Continuei de costas para ele. “Outro dia mesmo estive contando para Makin o que aconteceu nos Três Sapos.”

Meu comentário interrompeu as gargalhadas dele.

“Não vou mentir para vocês, não vai ser fácil.” Lenta e tranquilamente eu me virei para encarar todo um círculo de rostos. “Eu vou tomar o Condado de Renar e transformá-lo no meu reino. Os homens que me ajudarem serão cavaleiros de minha távola.”

Encontrei Coddin na multidão. Ele trouxera os irmãos até mim durante o auge do meu discurso, mas o quão longe ele me seguiria era outra história: ele era um homem difícil de prever.

“O que você diz, mestre da guarda? Será que a Guarda da Floresta seguirá seu príncipe mais uma vez? Ela derramará sangue em nome da vingança? Vocês buscarão acertar as contas pela morte de minha mãe, a rainha? Pela morte de meu irmão, que haveria de sentar no trono de Ancrath caso eu sucumbisse?”

O único movimento em Coddin era o lampejar da lanterna sobre os traços do seu rosto. Depois de uma longa espera ele falou. “Eu vi Gelleth. Eu vi o Castelo Vermelho e o sol trazido às montanhas para incendiar as rochas. Trabalhos poderosos.”

Em volta do círculo, os homens consentiam, pisavam com força, como um carimbo de aprovação. Coddin ergueu a mão.

“Mas a marca de um rei é ser visto junto àqueles que estão próximos a ele. Um rei precisa ser um profeta em sua terra natal”, ele disse.

Não gostava do rumo que aquele discurso estava tomando.

“A guarda servirá se aqueles... irmãos da estrada ficarem do seu lado depois que você contar qual será a tarefa deles”, ele disse, com os olhos em cima de mim o tempo todo, fixos e tranquilos.

Eu dei mais uma meia-volta até Rike preencher minha visão, meus olhos na altura do seu peito. Ele fedia à coisa podre.

“Jesus Cristo, Rike, você cheira como um monte de esterco estragado.”

“O quê...” Ele franziu a testa e estocou um dedo em riste na direção de Coddin. “Ele disse que você precisa dos irmãos para vencer. E é aí que eu entro. Os irmãos só fazem o que eu digo agora.” Ele abriu um sorriso, mostrando os vãos onde ficavam dentes que eu arrebentei sob o Monte Honas.

“Eu disse que não mentiria para vocês.” Abri minhas mãos. “Estou farto de mentir. Vocês são meus irmãos. O pedido que vou fazer pode levar a maioria para debaixo da terra.” Franzi os lábios como se considerasse. “Não, não posso pedir isso.”

Rike fechou ainda mais o rosto. “O que você não pode pedir, sua raposa traidora?”

Toquei no meu peito com dois dedos. “Meu próprio pai me esfaqueou, Pequeno Rikey. Aqui. Uma coisa dessas emociona qualquer um.”

“Leve os irmãos para a estrada. Vocês quebram algumas cabeças, esvaziam alguns barris e que o anjo padroeiro dos vagabundos encha suas mãos de prata”, eu disse.

“Você quer que a gente vá embora?” Ele disse as palavras bem devagar.

“Eu iria para a Costa Equina”, disse. “É por ali.” Apontei.

“E o que você vai fazer?”, perguntou Rike.

“Irei com o mestre da guarda Coddin. Talvez eu consiga fazer as pazes com o meu pai.”

“Nem fodendo que você consegue!” Rike acertou Burlow no braço, sem nenhuma maldade, apenas uma erupção de seu estado natural de violência. “Você tem tudo planejado, seu pequeno filho da mãe. Sempre jogando os dados, sempre guardando os ases na manga. Vamos penar na terra e na lama até a Costa Equina, e você vai aproveitar a vida aqui, bebendo em taças de ouro e limpando a bunda com toalhas de seda. Vou ficar aqui mesmo, onde eu posso te ver, até conseguir o que é meu.”

“Estou pedindo a você como a um irmão, seu saco de estrume medonho, saia agora enquanto você tem uma chance”, eu disse.

“Nem fodendo.” Rike se permitiu abrir um sorriso triunfante.

Eu desisti dele.

“Os homens de Coddin não conseguem chegar tão perto do torneio. Homens como nós, entretanto, conseguem passar despercebidos pelas revistas das tropas. Ficamos à espreita nas esquinas de qualquer lugar onde haja sangue, dinheiro e carne feminina. Os irmãos conseguem se espalhar na multidão durante os torneios sem serem vistos.”

“Quando eu agir preciso que vocês esperem até que a guarda nos alcance. Preciso que vocês segurem os portões do Assombrado. Apenas por uns minutos, mas vocês não podem errar; serão os minutos mais encarniçados que vocês jamais viram.”

“Está certo”, disse Rike.

“Está certo.” Makin ergueu seu porrete.

“Está certo!” Elban, Burlow, Mentiroso, Algazarra, Kent, o Rubro, e mais uma dúzia de irmãos me deram a deixa.

Eu encarei Coddin mais uma vez.

“Acho que está tudo certo”, eu disse.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

PRINCE OF THORNS

46



ir Alain, herdeiro do baronato de Kennick."

E lá fui eu, cavalgando para tomar meu lugar no torneio, acompanhado por uma salva de aplausos fria e dispersa.

"Sir Arkle, terceiro filho de Lorde Merk." A voz do apresentador anunciou novamente.

Sir Arkle me seguiu na arena. Em sua mão havia um porrete de cavalaria. A maioria dos estreantes do torneio, o Grand Mêlée, tinha abridores de lata de um tipo ou de outro. O machado, a maça, o mangual, ferramentas para abrir armaduras ou quebrar os ossos encerrados dentro delas. Quando se luta com um homem trajando uma armadura completa, geralmente é uma simples questão de descer o cacete até ele ficar tão estropiado que você pode dar o golpe de misericórdia enfiando uma faca no espaço entre o protetor do pescoço e o peitoral ou ainda na fenda de olho do seu elmo.

Eu carregava minha espada. Bem, a espada de Alain. Se ele possuía uma espada mais adequada ao torneio então ele a deixou com seus guardas quando estes fugiram.

“Sir James de Hay.”

Um homem enorme numa armadura batida, empunhando um machado, um espigão perfurador de aço ao contrário.

“William de Brond.” Alto, um javali carmesim em seu escudo, um mangual com espetos.

Eles não paravam de chegar. Treze ao todo. Finalmente estávamos todos arrumados no campo de batalha. Treze da sorte. Cavaleiros de muitos reinos, enfeitados para a guerra. Silêncio, exceto pelo bufar gentil dos cavalos.

No canto extremo da arena, às sombras das muralhas do castelo, cinco fileiras de bancos, e no centro uma poltrona de encosto alto revestida em tecido púrpura do Império. O Conde Renar se levantou. Ao lado dele, num banco ordinário, Corion, um sujeito inexpressivo com o mesmo poder de atração de uma magnetita.

A duzentos passos, eu não conseguia enxergar nada do rosto de Renar, exceto o cintilar dos olhos debaixo de aros de ouro e uma mecha preta de seu cabelo.

“Lutem!” Renar ergueu seu braço, e o deixou cair.

Um cavaleiro tocou sua montaria com as esporas na direção do meu cavalo. Eu não registrara seu nome. Só escutei as apresentações posteriores à minha.

À nossa volta, homens desmontavam para duelar. Eu vi William de Brond arrancar um homem de sua sela com um giro de seu mangual.

Meu opositor tinha um porrete dentado, que segurava com firmeza em sua deslumbrante manopla de prata polida. Ele soltou um grito de guerra enquanto se aproximava, arrastando um porrete para aplicar um giro por cima da cabeça.

Fiquei em pé nos estribos e me inclinei em sua direção, o braço totalmente estendido. A espada de Alain encontrou o caminho através da grelha perfurada do elmo do cavaleiro.

"Rende-se?"

Ele não responderia, então eu o deixei escorregar da sela.

Outro cavaleiro se aproximou de mim, fazendo seu cavalo dar passos laterais para habilmente escapar do frenesi de Sir William. Ele nem sequer olhava para mim.

Na parte posterior do peitoral há um vão logo abaixo dos rins. Uma armadura decente possui uma cota de malha para cobrir todas as partes vitais que estejam expostas entre o peitoral e a sela. E a dele era assim. Mas o aço dos Construtores, com a ajuda de um pouco de músculos, corta através da malha. O homem caiu com uma vaga expressão de surpresa e me deixou de frente para William.

"Alain!" Ele soou como se todos os seus natais chegassem de uma só vez.

"Eu sei, também o odeio." Levantei meu visor.

O problema a respeito dos manguais é que você precisa mantê-los em movimento. Um ponto importante que Sir William se esqueceu ao se ver encarando um rosto desconhecido. Aproveitei a oportunidade para disparar o cavalo de Alain. A fera merece o crédito de ter sido rápida o suficiente para me permitir atravessar a guarda de Sir William com um metro e vinte de lâmina afiada.

Promover a carnificina no torneio não é tão comum assim. É raro um Grand Mêlée sem mortes, mas elas normalmente acontecem no dia seguinte, sob as facas dos cirurgiões. O adversário em geral está desmontado ou atordoado sobre a sela. Umas poucas fraturas e muitos hematomas são o prêmio de consolação normalmente distribuído entre os calouros que não venceram. Quando um cavaleiro fica com muita

sede de sangue ele acabará encontrando com frequência os amigos e familiares de seu oponente em circunstâncias desagradáveis.

Eu, é claro, tinha uma maneira diferente de ver as coisas. Quanto menos homens armados e capacitados restassem após o torneio melhor. Além disso, uma espada não é uma arma para subjugar pela força. Ela é feita para matar – simples assim.

Sir Arkle investiu contra mim, galopando praticamente por toda a extensão do campo, um cavaleiro abatido que recobrara a vigília. Conforme o cerco apertava, ele começou a sacudir sua maça num padrão estreito, fora de sincronia com o galope do seu cavalo. Aquilo parecia perigosamente bem-ensaiado.

Se a visão de um pesado cavalo de guerra batendo os cascos em sua direção não fizer com que pelo menos uma parte sua queira fugir então você já está morto. Não há como parar uma coisa dessas. Quatrocentos quilos de músculos e ossos, suando e ofegando enquanto disparam no seu caminho.

Rolei para fora da sela quando Sir Arkle chegou. Simplesmente não me abaixei. Ele estava pronto para isso. Eu caí. E sim, doeu. Mas não tanto a ponto de impedir que eu enfiasse a espada do velho Alain naquela mancha desfocada de pernas surradas que passava por mim.

Essa é outra coisa que não se faz num torneio. Você mira no homem, não no cavalo. Um cavalo de guerra treinado é assustadoramente caro e esteja certo de que, ao derrubar um desses, o dono virá atrás de você para cobrar o preço.

Fiz uma alavanca para me levantar, praguejando, coberto de sangue equino.

Sir Arkle estava caído sob seu corcel, mortalmente quieto e imóvel, em contraste aos relinchos e espasmos do cavalo.

Muitos animais sofrem maus-tratos terríveis em silêncio, mas quando eles resolvem reclamar não há como detê-los. Se você já ouviu os gritos

de coelhos quando são abatidos à faca sabe bem que tipo de balbúrdia até mesmo as menores criaturas são capazes de fazer. Levou dois golpes para silenciar de vez o cavalo de Arkle. Mais dois para arrancar a cabeça dele, como um bônus.

Na hora que terminei eu me transformara no arquétipo do Cavaleiro Vermelho. Minha armadura brilhava com sangue arterial. Sentia o fedor da batalha em minhas narinas, sangue e bosta, seu sabor em meus lábios, sal e suor.

Não havia muitos de nós em pé no ringue do torneio. Sir James estava entre um monte de cavaleiros caídos no canto oposto da arena, golpeando um homem numa armadura de bronze queimado. Bem mais perto de mim, um cavaleiro desmontado, empunhando um martelo de guerra, acabara de apagar seu oponente. E só.

O homem do martelo veio mancando em minha direção, as placas de ferro em volta dos joelhos rangiam, amassadas.

"Renda-se." Não me mexi. Nem cheguei a erguer minha espada.

Um momento de silêncio. Nada além do estrondo das armas enquanto Sir James de Hay derrubava seu homem. Nada além do tênue pinga-pinga do sangue que caía de minha armadura.

O homem do martelo deixou o seu cair. "Você não é Alain Kennick." Ele se virou e saiu mancando rumo à tenda branca onde os curandeiros o esperavam.

Parte de mim queria a luta, mas a outra parte se perguntava se uma martelada na testa não seria algo muito mais apetitoso do que encontrar Corion novamente. Era impossível que ele ainda não soubesse onde eu estava, que aqueles olhos vazios não tivessem visto através da armadura de Alain no primeiro momento. Eu olhei para as arquibancadas mais próximas. Ele me via, todos eles me viam, mas aquele era o homem que me dera o poder para derrubar o irmão Price, o homem que sussurrou de dentro da roseira-brava, que envenenou

todos os meus gestos, controlando meus movimentos em direção a objetivos escusos. Foi ele que me trouxe aqui, neste momento, puxando cordas de marionete?

Sir James de Hay pôs um fim às minhas especulações. Ele desmontou, presumivelmente tendo notado minha falta de respeito pela carne equina, e avançou com um objetivo em seu caminhar. A luz do sol produzia um mosaico nas chapas escareadas de sua armadura. Seu machado fizera um bom trabalho hoje. Vi sangue na ponta da arma.

"Você é medonho", eu disse.

Ele se aproximou, dando a volta no cavalo de Arkle.

"Do tipo calado, hein?", perguntei.

"Renda-se, garoto", ele disse. "Uma chance."

"Não estou certo de que nós temos escolhas, James, o que dirá chances. Você devia ler..."

Ele investiu, rodopiando seu machado num borrão. Eu consegui bloquear o golpe, mas a minha espada voou longe, deixando minha mão direita dormente até o pulso. Ele reverteu o golpe, sua força era tremenda, e por pouco não arrancou minha cabeça. Balancei para o lado, a salvo por meio centímetro, e cambaleei para trás.

Sir James se recompôs. Soube naquele momento como a vaca se sente de frente para o abatedor. Posso ter cometido belas palavras sobre o medo e lâminas de facas, mas de mãos vazias perante um açougueiro tão competente como Sir James eu senti um medo súbito e salutar. Não queria que tudo acabasse ali, esmigalhado na frente de uma plateia entusiasmada, cortado em pedaços na frente de estranhos que nem sequer sabiam o meu nome.

"Espere!"

Mas é claro que ele não esperou. Ele veio rapidamente, oscilando o machado. Se eu não tropeçasse ao andar para trás teria sido cortado em dois, ou quase em dois, o que não faz diferença. A queda me deixou de

costas no chão, sem ar, e Sir James deu dois passos à frente pela força da inércia. Minha mão direita, ávida em agarrar alguma coisa, encontrou o punho do martelo de guerra descartado. A boa e velha sorte não me abandonara.

Eu girei e fiz contato com a parte de trás do joelho de Sir James. O joelho produziu um estalo satisfatório e ele foi ao chão, descobrindo sua voz no percurso. Infelizmente o brutamontes não teve a decência de saber que deveria estar derrotado. Ele virou em cima do joelho bom e ergueu seu machado sobre minha cabeça. Via sua silhueta preta marcada contra o céu azul. Pelo menos ele cobriu o sol. Um visor em branco escondia seu rosto, mas eu conseguia ouvi-lo chiando ao respirar lá dentro, via as nódoas de espuma em volta das perfurações.

"Hora de morrer."

Ele estava certo. Não dá para fazer muita coisa com um machado de guerra numa distância tão curta. Especialmente quando você está deitado de costas, com os braços abertos.

ChuuUm!

A cabeça de Sir James saiu do meu campo de visão, deixando no seu lugar nada além do céu azul.

"Meu Deus, você tem que amar essa balestra!", eu disse.

Eu me sentei. Sir James estava caído ao meu lado, um belo buraco aberto no seu elmo, e sangue empoçando atrás de sua cabeça.

Não consegui ver quem disparou a flecha. Provavelmente Makin, que deve ter recuperado a balestra do nubano com um dos irmãos. Ele deve ter feito o disparo do lugar onde a plebe assiste ao torneio. Renar haveria de ter homens posicionados em todos os lugares onde alguém pudesse mirar livremente na área reservada para a nobreza, mas acertar os combatentes no campo era uma tarefa muito mais simples.

Recuperei minha espada antes que a multidão percebesse o que realmente acontecera. Uma confusão teve início na área comum, uma

figura larga no meio dela. Rike quebrava cabeças, provavelmente.

Eu recolhi o machado de Sir James e montei no cavalo de Alain de novo. Uma vez na sela, empunhei a espada e o machado. Os moradores da vila começaram a invadir o campo com a ideia de fazer algum tipo de tumulto. Não estava totalmente claro de onde vinha aquela raiva, mas eu senti que um bocado tinha a ver com Sir Alain de Kennick.

Uma linha de homens armados havia se posicionado em frente ao estande real. Uma esquadra de seis soldados com fardas do castelo voltava-se contra mim de sua estação perto da tenda dos feridos.

Eu ergui o machado e a espada até a altura dos ombros. O machado pesava como uma bigorna; era preciso um homem como Rike para manejá-lo tão agilmente como Sir James fizera.

De canto de olho vi os guardas deixando seus postos nos portões do castelo para acalmar o tumulto e socorrer seu senhor.

Perto da poltrona do Conde Renar, Corion se levantou, numa pose estranhamente semelhante à de um espantalho. O conde permaneceu sentado, imóvel, com as mãos sobre o colo e os dedos formando uma pirâmide.

Corion sabia que era eu? Ele tinha que saber, não é? Quando eu quebrei seu feitiço, quando acordei dos sonhos escuros após a facada gentil de meu pai, e finalmente me lembrei de como ele me afastara de minha vingança, de como ele me fizera de peão no jogo secreto do Império, ele não percebeu?

Era hora de descobrir.

Pus o cavalo de Alain para trotar e o posicionei exatamente na direção do conde, segurando o machado e a espada com as mãos esticadas. Eu parecia ser a própria ascensão dos infernos, a Morte cavalgando atrás de Renar. Podia sentir o gosto do sangue, e eu queria mais.

Realmente existe algo a respeito de um pesado cavalo de guerra indo em sua direção. A plateia começou a se esvaziar velozmente, a pequena

nobreza subindo uns em cima dos outros, tentando escapar dali. Um espaço se abriu em volta da poltrona de encosto alto de Renar, apenas ele e Corion, flanqueados por dois homens escolhidos. Uma agitação pôde ser vista na fileira de soldados que estavam à frente dos assentos, mas eles permaneceram em guarda. Pelo menos até que eu realmente ganhasse velocidade.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

PRINCE OF THORNS

47



cavalo de Alain me carregou através dos soldados, acima das arquibancadas, como se eu subisse uma escadaria gigantesca, até atropelar a poltrona do Conde Renar.

Se não tivessem rebocado o conde de seu assento momentos antes tudo teria terminado ali.

"Tirem-no daqui!", disse Corion para os velozes guarda-costas.

Os outros escolhidos vieram em minha direção enquanto o cavalo abaixo de mim entrava em pânico com aquele chão estranho. Não conseguia controlar a fera e não queria cair junto com ele, então saltei para fora da sela. Ou cheguei tão perto de saltar quanto conseguiria um homem trajando uma armadura completa, o que significa que escolhi onde cair. Confiei na armadura e mergulhei em cima do guarda-costas de Renar.

O homem amorteceu minha queda e em troca quebrou a maioria de suas costelas. Eu as ouvi rachando como galhos viçosos. Levantei com dificuldade, o cavalo relinchava atrás de mim, os cascos voando em todas as direções enquanto o animal girava e resistia, ameaçando tombar a cada instante.

Arremessei o machado de Sir James nas costas de Renar, mas a arma, pesada demais, provou ser inadequada para um tiro livre. Ele atingiu o segundo guarda-costas entre as escápulas e o derrubou. Renar conseguiu alcançar os soldados que eu havia espalhado em minha carga e eles fecharam um círculo ao seu redor para escoltá-lo até o castelo.

Peguei minha espada com as duas mãos e comecei a segui-lo.

"Não."

Corion entrou no meu caminho, uma das mãos erguida, um único dedo levantado.

Senti uma estaca gigantesca atravessar meu corpo, do topo da cabeça até o leito de pedras bem abaixo dos meus pés. O mundo parecia girar ao meu redor, em lentas revoluções, medidas por batidas cardíacas. Meus braços caíram, minhas mãos adormeceram, perdendo a empunhadura da espada.

"Jorg." Eu não desejava encontrar seus olhos. "Você pensou que poderia me desafiar?"

"Você pensou que eu não conseguiria?" Minha voz estava distante, como se outra pessoa falasse por mim. Eu consegui apalpar a faca em meus quadris.

"Pare." E meus braços perderam por completo a força que ainda lhes restava.

Corion chegou mais perto. Meus olhos lutavam para manter o foco nele enquanto o mundo girava. Atrás dele, os sons do cavalo se debatendo, abafados e distantes.

“Você é uma criança”, ele disse. “Você aposta tudo em cada lance, sem limites, sem reservas. Essa é uma estratégia que sempre termina em derrota.”

Ele pegou uma pequena faca de dentro de seu manto, oito centímetros de lâmina degoladora.

“Gelleth, entretanto! Aquilo pegou a todos nós de surpresa. Você excedeu todas as expectativas. Sageous até preferiu sair do lado do seu pai a ter que encarar você no seu retorno. Ele já está de volta, é claro.”

Corion pôs a lâmina na lateral do meu pescoço, entre a armadura e o elmo. Seu rosto não demonstrava emoção alguma, seus olhos eram poços vazios que pareciam me sugar para dentro.

“Sageous fez bem em sair”, eu disse. Minha voz ressurgia de um abismo.

Não havia um plano, mas tive meu momento de medo com Sir James e não estava interessado em presentear Corion com mais um desses.

Busquei aquele poder que o coração do necromante havia me dado. Deixei meus olhos olharem por onde os fantasmas andavam e uma sensação gélida queimou em minha pele.

“Necromancia não irá salvá-lo, Jorg.” Senti a mordida da faca em meu pescoço. “Até Chella não confiava na sua mágica mortal o suficiente para me enfrentar. E o que quer que você tenha roubado naquela montanha não passa de uma sombra dos talentos dela.”

É a vontade. No fim das contas, sempre chegamos nela. Corion me segurou, aprisionado num corpo traiçoeiro, porque ele assim desejava, porque sua vontade havia superado a minha.

Sangue quente escorria pelo meu pescoço. Eu o senti caindo dentro de minha armadura.

Joguei tudo o que eu tinha contra ele. Todo o meu orgulho, minha ira, um oceano de fúria, a raiva, as mágoas. Voltei no tempo. Contei meus

mortos. Procurei entre os espinhos e toquei a criança sem sangue que estava pendurada ali. Juntei tudo e fiz um martelo com aquilo.

Nada! Tudo o que consegui foi virar meu rosto para frente, para que eu não precisasse mais ver seu rosto. Ele gargalhou. Senti a vibração do riso na ponta da faca. Ele queria que minha morte fosse lenta.

Eu podia ver meus braços, metal folhado, punhal seguro por dedos frouxos. A vida pulsava através desses braços, guiada por cada batida do meu coração, misturada à magia negra que me salvou da morte nas mãos do rei. Eu vi o rosto de meu pai outra vez, no momento do golpe, os pelos de sua barba, a linha fina dos seus lábios. Vi o rosto de Katherine, a luz no seus olhos enquanto ela cuidava de mim. E busquei com aquilo tudo o amargo e o doce, apenas para mover meus braços que pendiam na minha frente. Coloquei toda a minha vida atrás desse gesto.

Não surtiu efeito algum além de virar a ponta do meu punhal na direção de Corion.

"Eles estão morrendo, Jorg", ele disse. "Veja com os meus olhos."

E eu era o falcão. Parte de mim permaneceu na arquibancada, sendo sangrado como um porco, e o resto voou, livre e feroz sobre a arena do torneio.

Vi Elban defendendo a retaguarda de Rike no meio da plebe, os soldados de Renar cercando o conde por todos os ângulos, como cães de caça atravessando a grama alta. Uma lança o acertou na barriga. Ele pareceu surpreso. Velho, de uma hora para outra, demonstrando todos os seus anos. Eu o vi gritar e cuspir sangue sobre suas gengivas desdentadas. Mas eu não conseguia escutá-lo. Uma visão rápida de Elban cortando o homem que o empalara e ele seguiu em frente.

Mentiroso estava à beira do campo de torneio, um ser maligno de cartilagem, um arco nas mãos, flechas plantadas a seus pés. Ele derrubou os soldados do castelo enquanto esses seguiam rumo às

arquibancadas reais. Rapidamente, mas sem pressa, cada flecha achava seu alvo e Mentiroso esboçou um sorriso. Eles o acertaram por trás. O primeiro soldado a alcançá-lo cravou uma espada em suas costas.

Fomos para mais perto dos portões. Um carrinho de funileiro. A capa de pano correu para o lado e Gorgoth rolou para fora, tocando o chão com as duas mãos e um joelho. Ele correu para O Assombrado. Os homens do castelo se espalharam na sua frente, alguns gritavam. Até os soldados saíram de lado, todos repentinamente percebendo que seu dever estava na arena do torneio. Dois homens encontraram sua coragem e barraram o caminho dele, erguendo lanças. Gorgoth não diminuiu o passo. Em cada mão ele agarrou uma lança, quebrando-as a um metro das pontas, que logo enfiaria nos pescoços de seus proprietários. Gorgoth correu adiante antes que eles caíssem. Três flechas o atingiram enquanto ele saía de vista.

Corion atraiu nossa atenção de volta. No carrinho, a capa se contorceu novamente. Algo veloz e malhado deslizou para fora. Gog. A criança leucrota correu na direção que Gorgoth havia seguido.

Nossa visão se afastou. Seguiu pelo campo do torneio onde um grupo de soldados fechava a arquibancada real. Burlow estava em guarda. Um homem só entre as lanças de Renar e o jovem Príncipe de Ancrath, a seu dispor. Como ele chegou lá eu não sabia. Ou por quê. Mas ele não tinha para onde correr e era gordo demais para se desvencilhar, de qualquer maneira.

Burlow derrubou o primeiro homem com um golpe de machado que decepou a cabeça na altura dos ombros. Um golpe em reverso pôs a lâmina entre os olhos do homem seguinte. E então eles estavam todos por cima dele. Uma simples flecha surgiu do nada e atingiu a nuca de um dos homens de Renar.

Nossa vista recuou. E eu me vi na arquibancada, cara a cara com Corion. Sangrando. O cavalo de Alain ainda se debatia, como se apenas

segundos houvessem passado e não uma vida inteira desde que eu levantei voo.

E nos separamos. Eu via com meus próprios olhos novamente. A faca em minha mão, erguida, mas impotente, as tábuas lascadas sob meus pés. O som de Burlow morrendo. O berro do cavalo. Pensei em Gog, perseguindo Gorgoth através dos portões, no grito banguela de Elban, em Makin lá fora em algum lugar, lutando e morrendo.

Nada disso fazia diferença. Eu não conseguia me mexer.

"Está tudo acabado, Jorg. Adeus." O mago preparou a faca para o corte final.

Ninguém jamais pensaria que o coice de um cavalo poderia ser uma dádiva.

O casco selvagem me acertou em cheio nas costas. Eu provavelmente teria voado por dez metros se não colidisse imediatamente em Corion. Do jeito que foi, nós voamos juntos uns cinco metros. Aterrissamos sobre a grama, num dos lados da arquibancada real, engatados num abraço, feito amantes. Os olhos que me haviam capturado estavam cerrados de dor. Eu tentei novamente erguer meu punhal. Ele não se movia, mas dessa vez foi diferente, eu senti a força e o tremor dos músculos do meu braço. Com um grunhido eu o empurrei para longe. O cabo do meu punhal se projetou no meio de sua costelas. O propósito que todo o meu ímpeto, toda a minha fúria e dor foram inúteis em alcançar, o simples coice de um cavalo em pânico conseguiu lograr.

Eu torci o punhal, enterrando-o. Um último suspiro escapou de sua boca. Seus olhos viraram para cima, vítreos e impotentes.

O guarda-costas do conde também estava caído e o machado que o derrubara continuava plantado em suas costas.

Torci o machado para fora. É um som repugnante que o ferro afiado produz na carne. Cortei a cabeça de Corion em dois golpes. Para ter

certeza de que ele realmente estava morto.

Os soldados que mataram Burlow começaram a fervilhar ao redor da arquibancada. Eu mostrei a cabeça de Corion para eles.

Há um peso desconcertante numa cabeça cortada. Ela balançava pelos cabelos grisalhos enroscados em meus dedos e senti o gosto de bile no fundo da garganta.

"Vocês conhecem este homem!", gritei.

O primeiro dos três soldados a se aproximar se deteve, talvez por medo, talvez para aumentar o número do efetivo antes de atacar.

"Sou Honório Jorg Ancrath! O sangue do Império corre em minhas veias. Meu assunto é com o Conde Renar."

Mais soldados chegaram pelos cantos da arquibancada. Cinco, sete, doze. Não mais. Burlow marcou um boa contagem pessoal.

"Este é o homem a quem vocês serviam." Dei um passo até eles, a cabeça de Corion erguida na minha frente. "Ele fez do Conde Renar sua marionete anos atrás. Vocês sabem que isso é verdade."

Andei para frente. Sem hesitar. Certo de que eles abririam caminho, e eles abriram.

Eles não olharam para mim. Eles olharam para a cabeça. O medo que Corion havia semeado dentro deles estava tão arraigado a ponto de os soldados esperarem que aqueles olhos mortos ainda pudessem se revirar, atraindo-os com suas cavidades hipnotizantes.

Os soldados abriram um vão e eu atravessei o campo do torneio até O Assombrado.

Outras unidades irromperam pela esquerda da arena, onde Rike e Elban estiveram lutando. Eles se moveram para me interceptar. Dois grupos de cinco. Começaram a cair antes de andar cinquenta metros. A Guarda da Floresta avançava ao longo da Estrada do Olmeiro. Eu podia ver os arqueiros em fila no cume de onde eu avistara pela primeira vez O Assombrado.

Deixei a cabeça de Corion cair. Apenas abri meus dedos e deixei seu cabelo escorregar entre eles. Levou uma eternidade para cair, como se atravessasse teias de aranha, ou sonhos. Deveria ter atingido o chão como um martelo acertando um gongo, mas ela não fez barulho. Silêncio ou rugido, entretanto, eu ouvi, eu senti. Um peso foi retirado de dentro de mim. Mais pesado do que eu jamais imaginei carregar.

Vi o portão logo à minha frente. O grande arco de entrada do Assombrado. A grade do pórtico tentava descer. Uma figura solitária estava abaixo dela, aguentando uma massa impossível de madeira e ferro. Gorgoth!

Comecei a correr.



TRILOGIA DOS ESPINHOS

PRINCE OF THORNS

48



orri até os portões do castelo. Trajava minha armadura, salvo algumas peças que eu perdera no torneio, mas ela não estava me pesando. Ouvi o chiado das flechas sobre mim. Outros homens caíram. Os melhores arqueiros da Guarda da Floresta abriram caminho.

Eu me perguntava para onde estava indo e por quê. Eu deixara Corion na lama. Ele morreu, e aquilo era como uma flecha extraída do ferimento, como um par de grilhões rompidos, como um nó de forca que se desfaz num pescoço roxo.

Algumas flechas me procuravam, disparadas por guardas nas plataformas do Assombrado. Uma delas se rompeu no peitoral da armadura. Mas, de uma maneira geral, eles tinham alvos demais para escolher naquela confusão na arena do torneio e não se preocupariam com um cavaleiro solitário invadindo o castelo.

Deixei meus pés me levarem. A sensação de vazio não me abandonava. Onde antes havia uma voz interna me incitando agora só se ouvia o ruído de minha respiração.

Encontrei uma resistência mais séria na rua, enquanto corria até os portões, fora do alcance dos homens da guarda. Soldados haviam se reunido, entre as tabernas e os curtumes. Eles fecharam a rua pela qual passei na primeira vez que visitei O Assombrado com o nubano. Eu era um menino procurando por vingança.

Vinte homens bloqueavam o caminho, lanceiros e um capitão trajando os adornos de Renar, e o brilho opaco de sua cota de malha. Atrás deles eu podia ver Gorgoth sustentando a grade levadiça. Mais soldados se espremiam no pátio da corte. Não havia motivo aparente para que eles não matassem a leucrota e selassem os portões.

Eu me aproximei dos lanceiros e percebi que não tinha fôlego para lutar com eles. Um turbilhão de vento gélido rodopiou entre nós, trazendo a chuva.

O que fazer? De repente, o impossível parecia ser... impossível.

Olhei para trás. Dois sujeitos vinham batendo os pés pelo caminho que eu trilhara. O primeiro era grande demais para ser qualquer um senão Rike. Eu via a cauda de uma flecha, adornada com penas, saliente na articulação de seu ombro esquerdo. Lama e sangue em excesso dificultavam a identificação do segundo homem pela armadura que usava. Mas era Makin. Eu soube pelo jeito que ele empunhava sua espada.

Olhei para os soldados, para a linha perfeita formada pelas pontas de suas lanças.

O que haveria de acontecer?

Mais uma pancada de chuva.

"A Casa Renar?", o capitão falou. Ele parecia indeciso.

Eles não sabiam! Esses homens saíram do castelo sem uma pista de que tipo de ataque estavam enfrentando. É preciso amar a névoa da guerra.

Eu raspei minha manopla no peitoral da armadura para mostrar o brasão de armas mais claramente. “Santuário!”

“Alain Kennick, aliado da Casa Renar, procurando santuário.” Apontei de volta para Rike e Makin. “Eles querem me matar!”

Talvez a morte de Corion não tenha retirado toda a perversidade que existe em mim. De maneira alguma.

Corri em direção à linha e eles abriram espaço para mim.

“Eles não passarão por nós, milorde.” O capitão concedeu uma breve reverência.

“Esteja certo que não”, eu disse. E não parecia mesmo que eles passariam.

Eu me apressei, até os portões, sentindo finalmente o peso de minha armadura. O ar mantinha um certo odor estranho, encorpado e carnudo, toucinho queimando na fogueira. Aquilo trouxe Mabberton de volta à memória, o lugar onde queimamos aqueles camponeses tempos atrás.

Eu podia ver esquadrões de soldados se formarem no grande pátio além dos portões. Homens usando partes de armaduras. Uns portavam escudos, outros não, muitos deles embriagados de cerveja pelo dia do torneio, sem dúvida.

Ao me aproximar, vi os cadáveres. Troços carbonizados, queimando em sua própria gordura derretida, como corpos num funeral de indigentes com muito pouca lenha para transformá-los em cinzas.

Gorgoth ficou de costas para mim. Flechas perfuravam seus braços e pernas. A princípio eu o imaginei como uma estátua, mas conforme cheguei perto vi o tremor naquelas placas descomunais de músculos em suas costas.

Passei por ele, agachando-me para transpor a grade. Uma centena de homens no pátio olhou para mim. Gorgoth cerrava os olhos com força. Ele me observava por duas fendas estreitas. Novas flechas se projetaram do seu peito, entre as garras de sua caixa torácica deformada. O sangue borbulhava em volta das flechas quando ele expirava o ar e era sugado quando ele inspirava.

Chutei uma cabeça em chamas. Ela rolou para longe do corpo carbonizado.

"Você tem um anjo da guarda infernal, Gorgoth", eu disse. Cada soldado que correu até ele ardia agora em chamas.

Ele deu o mais sutil aceno de cabeça. "O garoto. Logo ali."

Acima de Gorgoth, agachado em um dos vãos entre as traves do portal, Gog espreitava. As órbitas negras que lhe serviam de olhos agora queimavam como carvão em brasa sob o fole de um ferreiro. Seu corpo magrelo havia se contorcido mais do que eu acreditava ser possível. Umas poucas flechas cravejaram a estrutura de madeira à sua volta.

"O pequenino fez tudo isso?" Eu pisquei. "Filho da mãe."

Gorgoth tinha me dito que as mudanças chegariam rápido demais para Gog e seu irmão caçula. Mudanças rápidas e perigosas demais para se suportar.

"Derrubem esse cão raivoso, já." A voz ressonou atrás de mim. Era bastante familiar. Soava como meu pai.

"Disparem nele."

Não era uma voz que se desobedecesse. Mas ninguém havia disparado em mim ainda, então eu dei as costas a Gorgoth e encarei O Assombrado.

Conde Renar estava à frente da torre principal, flanqueado por duas dúzias de homens armados. À esquerda e à direita, bandos de lanceiros. Outros guardas estavam chegando de seus postos nas ameias em cima dos portões.

Eu esbocei um cumprimento. “Olá, tio.”

Só havia visto Renar em um retrato antes de entrar na arena do torneio, a melhor oportunidade que tive de vê-lo até então. Seu rosto era mais fino, seus cabelos mais longos e menos grisalhos; de mais a mais, ele era a imagem escarrada de seu irmão mais velho e, para falar a verdade, não era muito diferente deste que vos fala. Ainda que bem menos bonito, é claro.

“Sou Honório Jorg Ancrath.” Eu tirei meu elmo e discursei aos homens ao meu redor. “Herdeiro do trono de Renar.” Não era estritamente a verdade, mas seria uma vez que eu matasse o filho remanescente do conde. Onde quer que o primo Jarco estivesse ele certamente não estava em casa ou eu teria visto suas cores no torneio. Então deixei que eles o imaginassem morto. Deixei que eles o imaginassem na mesma pira na qual eu incendiei Marclos.

“Você.” O conde convocou um homem ao seu lado. “Faça um buraco na cabeça desse bastardo ou eu mesmo cortarei a sua!”

“Esse assunto é entre mim e meu tio.” Eu fixei meu olhar no arqueiro. “Quando eu acabar vocês serão meus soldados, minha vitória será sua. Não se derramará mais sangue.”

O homem ergueu sua balestra. Senti uma onda de calor queimando minha nuca, como se a porta de uma fornalha se abrisse atrás de mim. Pústulas surgiram em seu rosto, como bolhas numa sopa fervente. Ele caiu, aos gritos, e seus cabelos entraram em chamas antes que ele atingisse o solo. Os homens ao redor dele pularam para trás, aterrorizados.

Vi o fantasma deixar seu corpo enquanto ele se contorcia, ardendo, e pedaços de sua carne grudarem no chão de pedras. Vi seu fantasma e o alcancei. Alcancei-o com minhas mãos e com o poder amargo dos necromantes. Senti a energia negra deles pulsando em meu peito, esvaindo-se pela cicatriz da facada que levei de meu pai.

Dei uma voz ao fantasma do homem morto, e dei voz aos fantasmas que pairavam como fumaça em volta dos corpos aos meus pés.

Os soldados à minha frente tremiam, pálidos. As espadas caíram e o horror saltou de um homem para outro, feito chama.

Com os gritos sobrenaturais dos homens queimados ecoando ao meu redor, segurei minha espada com as duas mãos e corri até o Conde Renar, meu tio, o homem que enviou assassinos atrás da mulher e dos filhos de seu irmão. E eu adicionei meu próprio urro, porque com ou sem a influência de Corion a necessidade de matá-lo me corroía como ácido.



TRILOGIA DOS ESPINHOS

PRINCE OF THORNS

49



aqui estou, sentado na torre alta do Assombrado, no espaço vago que Corion fez para si. Um fogo estala na lareira, peles cobrem o assoalho, cálices sobre a mesa, vinho na jarra. E livros, é claro. A cópia de Plutarco que carreguei na estrada agora repousa em prateleiras de carvalho, com outros sessenta tomos esfregando seus ombros de couro. É um começo tímido, mas até mesmo as prateleiras cresceram de uma pequena semente.

Estou sentado à janela. O vento foi detido atrás de uma dúzia de painéis de vidro, cada um com um palmo de espessura, chumbados juntos em molduras em formato de diamante. Os vidros vieram em carros de boi através das montanhas, desde a Costa Equina, não é incrível? Os thurtos deixam-nos tão lisos que você pode até procurar mas dificilmente encontrará uma distorção.

Estudo uma página na minha frente, a pena em minha mão e a tinta na sua ponta cintilando de negras possibilidades. Serei eu visto sem distorção? Olhando através dos anos, o quanto tudo será distorcido?

O nubano me disse que seu povo produzia tinta moendo segredos. Aqui estou desembaraçando-os e tem sido um trabalho lento.

Fora, no pátio, vejo Rike, uma figura corpulenta reduzindo a anões os soldados que ele está treinando. Disseram-me que ele arrumou uma esposa. Não me aprofundei no assunto.

Abro as páginas à minha frente. Um escriba terá que copiá-las. Escrevo em garranchos, uma fina linha contínua, a linha que eu tenho seguido em todos os lugares, o tempo todo.

Vejo minha vida se abrir no tampo da mesa. Vejo o curso dos meus dias, como eu girei por aí, sem rumo, como um pião. Corion pode ter guiado meu destino, mas a jornada, a assassina, aleatória e destroçada jornada sempre foi minha.

Gog está agachado perto do fogo. Ele cresceu, e não apenas em altura. Ele cria formas nas chamas e as faz dançar. Brinca com elas até se entediar. E então volta para seu soldado de madeira, fazendo-o marchar, levando-o para todos os lados, investindo contra as sombras.

Penso muito na estrada. Não com tanta frequência agora, mas eu ainda penso nela. Penso na vida que começa a cada manhã, nas caminhadas, indo atrás de sangue, dinheiro ou sombras. Foi um outro eu que desejou essas coisas, um outro eu que desejou destruir tudo pelo prazer de destruir, pela emoção do que poderia vir pela frente. E para ver quem haveria de se importar.

Eu era como o soldadinho de madeira de Gog, correndo em furiosos círculos sem sentido. Não direi que me arrependo das coisas que fiz. Mas estou farto delas. Não repetiria aquelas escolhas. Eu me lembro delas. Há sangue nestas mãos, nestas mãos manchadas de tinta, mas eu não sinto o pecado. Penso se nós não morremos todos os dias. Se não

nascemos a cada amanhecer, um pouco mudados, um pouco adiante em nossa própria estrada. Quando muitos dias ficam entre você e a pessoa que você foi, vocês não se reconhecem. Talvez seja isso o que significa amadurecer. Talvez eu tenha amadurecido.

Eu disse que ao chegar aos quinze anos seria rei. E eu sou. Não precisei matar meu pai para ter uma coroa. Tenho O Assombrado e as terras de Renar. Tenho aldeias e vilas, e as pessoas me chamam de rei. E se as pessoas chamam você de rei é isto o que você é. Não é nada de mais.

Na estrada, eu fiz coisas que os homens dizem ser o mal. Cometi crimes. Eles falam com frequência a respeito do bispo, mas houve muitos outros, alguns mais perversos, outros mais sangrentos. Já me perguntei se Corion pôs essa doença em mim, se fui a ferramenta e ele o arquiteto dessa violência e crueldade. Já me perguntei se ao cortar sua cabeça, se ao ter me transformado de um menino em um homem, tornei-me uma pessoa melhor. Eu me pergunto se poderei ser o homem que o nubano queria que eu fosse, o homem que o tutor Lundist esperava que eu fosse.

Tal homem teria demonstrado ao Conde Renar a misericórdia de uma morte rápida. Tal homem saberia que sua mãe e seu irmão não pediriam por nada além disso. Justiça, não vingança.

De minha janela, posso ver as montanhas. Além delas, está Ancrath e o Castelo Alto. Meu pai e seu novo filho. Katherine em seus aposentos, provavelmente me odiando. E mais além, Gelleth, Storn e um mosaico de terras que foram uma vez o Império.

Não ficarei aqui para sempre. Chegarei à última página e descansarei minha pena. E quando acabar sairei por aí e isto tudo será meu. Eu disse a Bovid Tor que aos quinze eu seria rei. Eu jurei sobre as suas entranhas fumegantes. Agora estou dizendo que aos vinte anos serei imperador. Agradeça por eu estar jurando sobre esta página.

Desço para ver Renar. Eu o mantenho na menor das celas do calabouço. Todos os dias permito que ele implore por sua morte e então eu o deixo com sua dor. Acho que quando acabar de escrever minha história deixarei que ele encontre o fim que procura. Não quero, mas sei que devo. Eu amadureci. O velho Jorg o manteria aqui para sempre. Eu amadureci, mas, seja qual for o monstro que deve haver em mim, sempre fui eu, minha escolha, minha responsabilidade, minha maldade, se você preferir.

É o que eu sou. Se você quer desculpas, venha buscá-las.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer a Helen Mazarakis
e Sharon Mack por sua ajuda e apoio



PRINCE OF THORNS

"Eu disse que ao chegar aos quinze anos seria rei. E eu sou."

PRIMAVERA 2014

DARKSIDEBOOKS.COM

Copyright © 2011 by Mark Lawrence
Tradução para a língua portuguesa
© Antônio Tibau, 2013
© Jason Chan, ilustração de capa

Tradução autorizada da edição original
através de acordo com Bobalinga Ltd.
Todos os direitos reservados.

Os personagens e as situações desta obra
são reais apenas no universo da ficção;
não se referem a pessoas e fatos concretos,
e não emitem opinião sobre eles.

Diretor Editorial
Christiano Menezes
Diretor Comercial
Chico de Assis
Editor Assistente
Bruno Dorigatti
Design e Capa
Retina 78
Design Assistente
Guilherme Costa
Juliane Pimenta
Revisão
Marlon Magno
Retina Conteúdo
Produção de ebook
S2 Books

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Lawrence, Mark
Prince of Thorns: trilogia dos espinhos, volume 1 /
Mark Lawrence; tradução de Antônio Tibau. – –
Rio de Janeiro : DarkSide Books, 2013.
344 p. : 16 x 23cm

ISBN: 978-85-66636-58-1
Tradução de: *Prince of Thorns*

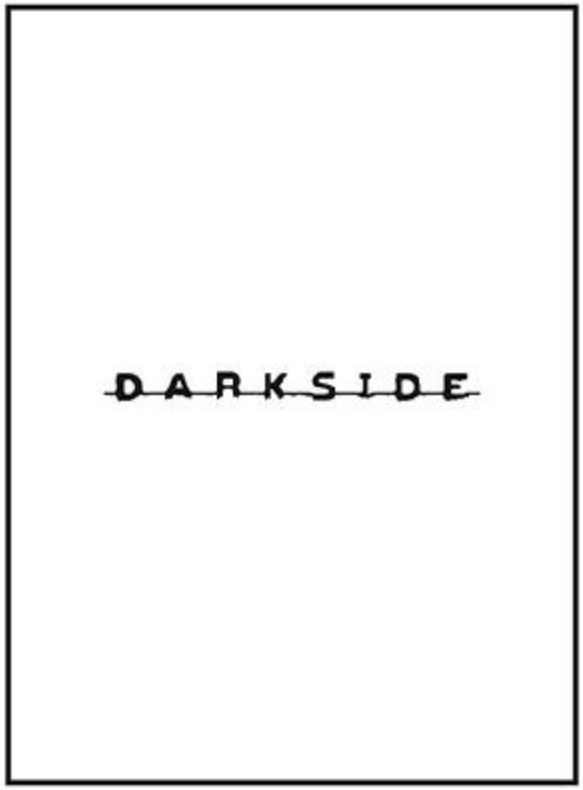
1. Fantasia 2. Literatura inglesa 3. Ficção I. Título
II. Tibau, Antônio

13-0418 CDD 813.6

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura inglesa - fantasia.


MARK LAWRENCE
TRILOGIA DOS ESPINHOS
KING OF THORNS
DARKSIDE


DARKSIDE

VOLUME II

MARK LAWRENCE

TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

TRADUÇÃO
DALTON CALDAS

DARKSIDE

Dedicado a meu filho Rhodri.


1. Chelcas
2. Rye
3. Hanver
4. Pântano de Cantanlona
Umbra
Offa
Mar Calmo
Ilhas Submersas
Karlswater
Maladon
Osheim
Thorntaw Oriental
Thorntaw Ocidental
Conaught
Belpan
Thar
Castelo Vermelho
Lux
Normardy
Ken
Ancrath
Brit
Attar
Gelleth
Limoges
Lion
Orlanth
Rhone
Scorron
Vyene
Port Kingdoms
Adora
Red March
Andaluth
Cantanlona
Barlona
Alba
Morrow
Costa Equina
Gennith
Ilhas Corsair
Roma
320 km

TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

PRÓLOGO



ncontrei estas páginas espalhadas, amarrotadas contra as rochas por um vento oscilante. Algumas estavam chamuscadas demais para revelar suas palavras, outras se desfizeram em minhas mãos. Eu as persegui, contudo, como se fosse a minha história que elas contavam e não a dela.

A história de Katherine, tia Katherine, irmã de minha madrasta, Katherine que eu desejei todos os momentos dos últimos quatro anos, Katherine que escolhe estranhos caminhos que atravessam meus sonhos. Poucas dúzias de páginas esfarrapadas, pesando nada em minha mão, com flocos de neve deslizando por elas, frios demais para grudarem.

Eu me sentei sobre as ruínas de meu castelo cobertas de fumaça, sem me preocupar com os corpos amontoados e fedorentos. As montanhas, que se projetavam por todos os lados, tornavam-nos minúsculos, faziam O Assombrado e as armas de cerco espalhadas por ele parecerem

brinquedo, desmerecendo seu propósito. E com os olhos ardendo por causa da fumaça, o frio do vento dentro de mim, chegando até os ossos, eu li suas memórias.

Do diário de ***Katherine Ap Scorron***

3 de outubro, ano 98 interregno

ANCRATH. CASTELO ALTO. SALA DO CHAFARIZ.

A sala do chafariz é tão feia quanto qualquer outra sala neste castelo deplorável. Não há chafariz, apenas uma fonte que pinga em vez de borrifar. As damas de companhia de minha irmã tumultuam o lugar, bordando, sempre bordando, fazendo cara feia para mim por estar escrevendo, como se a tinta de minha pena fosse uma mancha que nunca mais saísse.

Minha cabeça dói e erva-lombrigueira não a alivia. Eu encontrei uma lasca de cerâmica no ferimento, embora frei Glen tenha dito que o havia limpado. Homenzinho medonho. Mamãe me deu aquele vaso quando vim embora com Sareth. Meus pensamentos vagueiam, minha cabeça dói e esta pena fica tremendo.

As damas costuram com seus pontos rápidos e precisos, ponto haste, ponto cruz, ponto caseado. Agulhinhas afiadas, cabecinhas lentas. Eu as odeio, com suas reprovações e seus dedos atarefados e o sotaque preguiçoso de Ancrath, enrolando as palavras.

Voltei para ver o que escrevi ontem. Eu não me lembro de ter escrito, mas diz como Jorg Ancrath tentou me matar após assassinar Hanna estrangulando-a. Suponho que se realmente quisesse me matar ele teria feito um trabalho melhor em vez de quebrar o vaso de mamãe na minha cabeça. Ele é bom em matar, pelo menos isso. Sareth me contou que o que ele disse

na corte, sobre todas aquelas pessoas em Gelleth, reduzidas a pó... é tudo verdade. O castelo de Merl Gellethar se foi. Eu o conheci quando criança. Um homem de rosto corado muito malicioso. Parecia que ficaria feliz em me devorar. Não lamento por ele. Mas todas aquelas pessoas. Elas não podem ter sido todas más.

Eu deveria ter apunhalado Jorg quando tive a chance. Se minhas mãos fizessem o que eu mandasse com mais frequência. Se elas parassem de tremer a pena, aprendessem a costurar direito, apunhalassem sobrinhos assassinos quando instruídas... Frei Glen diz que o garoto rasgou a maior parte do meu vestido. Certamente está arruinado agora. Além do salvamento até mesmo por essas damas vazias com suas agulhas e linhas.

Estou sendo cruel demais. Culpo a minha dor de cabeça. Sareth me diz para ser boa. Ser boa. Maery Coddin não é só costuras e fofocas. Embora esteja lá costurando e fofocando com o resto delas. Vale a pena falar com Maery sozinha, suponho. Pronto. Já fui boa o suficiente por um dia. Sareth é sempre boa e veja aonde chegou. Casada com um velho, e não um velho gentil, mas um frio e assustador, e sua barriga está toda gorda com um filho que provavelmente será tão selvagem quanto Jorg Ancrath.

Vou mandar enterrar Hanna no cemitério da floresta. Maery diz que ela descansará em paz ali. Todos os criados do castelo são enterrados ali, a menos que suas famílias os requeiram. Maery diz que encontrará uma nova criada para mim, mas isso me parece tão frio, simplesmente substituir Hanna como se ela fosse uma renda rasgada ou um vaso quebrado. Nós sairemos de charrete amanhã. Um homem está fazendo seu caixão agora. Sinto como se ele estivesse martelando os pregos na minha cabeça.

Eu deveria ter deixado Jorg morrer no chão da sala do trono. Mas não parecia certo. Maldito seja ele.

Enterraremos Hanna amanhã. Ela era velha e sempre reclamava de suas dores, mas isso não significa que estivesse pronta para partir. Sentirei sua

falta. Era uma mulher dura, cruel talvez, mas nunca comigo. Não sei se irei chorar quando a colocarmos sob a terra. Eu deveria. Mas não sei se vou.

Isso é para amanhã. Hoje nós temos uma visita. O Príncipe de Arrow chegou com seu irmão Príncipe Egan e seu séquito. Acho que Sareth gostaria de achar um pretendente para mim ali. Ou talvez seja o velho, Rei Olidan. Poucas são as ideias próprias de Sareth hoje em dia. Veremos.

Acho que vou tentar dormir agora. Talvez minha dor de cabeça tenha passado pela manhã. E os sonhos estranhos também. Talvez o vaso de mamãe tenha arrancado aqueles sonhos de mim.



TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

1

Dia do Casamento



bra a caixa, Jorg.

Eu a observei. Uma caixa de cobre, com um espinho entalhado, sem trinco ou trava.

Abra a caixa, Jorg.

Uma caixa de cobre. Não era grande o suficiente para caber uma cabeça. O punho de uma criança caberia.

Um cálice, a caixa, uma faca.

Eu observei a caixa e os reflexos opacos do fogo na lareira. O calor não chegava até mim. Deixei queimar. O sol se pôs e sombras tomaram conta do recinto. As brasas atraíam meu olhar. A meia-noite preencheu o salão e eu ainda não me mexia, como se fosse esculpido de pedra, como se o movimento fosse pecado. A tensão me deu um nó. Ela fazia

cócegas nas maçãs de meu rosto e apertava minha mandíbula. Eu sentia a textura da mesa sob as pontas de meus dedos.

A lua nasceu e propagou uma luz fantasmagórica pelo chão de pedras. O luar encontrou o meu cálice com o vinho intocado e fez a prata brilhar. Nuvens engoliram o céu e, na escuridão, a chuva caiu, suave como antigas memórias. Na madrugada, abandonado pelo fogo, lua e estrelas, peguei minha lâmina. Encostei a fria borda afiada no meu pulso.

A criança ainda jazia no canto, seus membros em ângulos cadavéricos, quebrados demais para todos os cavalos do rei e todos os homens do rei. Às vezes, sinto como se houvesse visto mais fantasmas do que pessoas, mas este garoto, esta criança de quatro anos me assombra.

Abra a caixa.

A resposta estava na caixa. Isso eu sabia. O garoto queria que eu a abrisse. Mais de metade de mim a queria aberta também, queria deixar jorrar aquelas memórias, quão sombrias, quão perigosas fossem. Havia uma força nela, como a beira do precipício, mais forte a cada instante, prometendo libertação.

"Não." Eu virei minha cadeira em direção à janela e à chuva, que agora virava neve.

Carreguei a caixa de um deserto que poderia lhe queimar sem precisar do sol. Por quatro anos eu a guardei. Não tenho nenhuma lembrança da primeira vez em que pus as mãos sobre ela, nenhuma imagem de seu proprietário, poucos fatos, apenas que ela contém um inferno que quase fundiu minha mente.

Fogueiras piscavam distantes através da neve. Eram tantas que revelavam a forma da terra sob elas, a ascensão e queda das montanhas. Os homens do Príncipe de Arrow tomavam três vales. Um só não daria conta de seu exército. Três vales abarrotados de cavaleiros e arqueiros, soldados de infantaria, lanceiros, homens de machado e homens de

espada, carros e vagões, armas de cerco, escadas, corda e piche para queimar. E lá embaixo, em um pavilhão azul, Katherine Ap Scorron, com seus quatrocentos, perdida na multidão.

Pelo menos ela me odiava. Eu preferia morrer nas mãos de alguém que queria me matar, que isso significasse alguma coisa para ela.

Dentro de um dia eles nos cercariam, selando o último dos vales e os caminhos pela montanha a leste. Aí nós veríamos. Por quatro anos eu mantive O Assombrado desde que o tomei de meu tio. Quatro anos como Rei de Renar. Eu não o deixaria facilmente. Não. Isso seria difícil.

A criança estava à minha direita agora, sem sangue e em silêncio. Não havia luz nela, mas eu sempre conseguia vê-la no escuro. Até através das pálpebras. Ela me observava com olhos que se pareciam com os meus.

Eu tirei a lâmina de perto do meu pulso e bati com a ponta em meus dentes. “Deixe-os vir”, eu disse. “Será um alívio.”

Isso era verdade.

Eu me levantei e me espreguicei. “Fique ou vá, fantasma. Eu vou dormir um pouco.”

E isso era mentira.

Os criados chegaram à primeira luz e eu os deixei me vestirem. Parece uma bobagem, mas acontece que reis precisam fazer o que reis fazem. Até reis de coroas de cobre com um único castelo feioso e terras que passam a maior parte de seu tempo subindo e descendo em um ângulo indecente, povoadas por mais cabras do que pessoas. Acontece que homens são mais propensos a morrer por um rei vestido por camponeses pernósticos toda manhã do que por um rei que sabe se vestir sozinho.

Fiz o desjejum com pão quente. Eu mando meu escudeiro esperar à porta de meus aposentos com o pão pela manhã. Makin apareceu atrás de mim, enquanto eu andava a passos largos para a sala do trono, com a

sola de seus sapatos batendo no piso de pedra. Makin sempre teve talento para fazer barulho.

"Bom dia, vossa alteza", ele diz.

"Guarde essa merda." Farelos por toda a parte. "Temos problemas."

"Os mesmos vinte mil problemas que tínhamos à nossa porta noite passada?", Makin perguntou. "Ou problemas novos?"

Avistei a criança em uma porta conforme passamos. Fantasmas e a luz do dia não se misturam, mas esta podia se mostrar em qualquer pedaço de sombra.

"Novos", eu disse. "Vou me casar antes do meio-dia e não tenho nada para vestir."



TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

2

Dia do Casamento



Princesa Miana será acompanhada pelo padre Gomst e as Irmãs de Nossa Senhora", relatou Coddin. Ele ainda parecia desconfortável usando os veludos de camareiro; o uniforme de capitão da guarda caía melhor nele. "Há exames a serem feitos."

"Vamos apenas nos contentar por ninguém ter que verificar a *minha* pureza." Eu me recostei ao trono. Extremamente confortável: plumas de ganso e seda. Reinar já é um pé no saco sem uma dessas cadeiras góticas. "Como ela é?"

Coddin deu de ombros. "Um mensageiro trouxe isto ontem." Ele ergueu uma caixa de ouro do tamanho de uma moeda.

"Então, como ela é?"

Ele deu de ombros novamente, abriu a caixa com a unha do polegar e semicerrou os olhos em direção à miniatura. “Pequena.”

“Aqui!” Peguei o camafeu e dei uma olhada nele. Os artistas que levam semanas para pintar essas coisas com um único fio de cabelo nunca desperdiçam seu tempo fazendo uma pintura feia. Miana parecia aceitável. Ela não tinha o olhar duro que Katherine tem, o tipo de olhar que demonstra que a pessoa está realmente viva, devorando cada momento. Mas no fim das contas eu acho a maioria das mulheres atraentes. Quantos homens são seletivos quando têm dezoito anos?

“E aí?”, Makin perguntou do lado do trono.

“Pequena”, eu disse, e coloquei o camafeu dentro de meu manto. “Sou jovem demais para o matrimônio? Eu me pergunto...”

Makin franziu os lábios. “Eu me casei aos doze.”

“Seu mentiroso!” Nunca em todos esses anos Sir Makin havia mencionado uma esposa. Ele me surpreendera; segredos são difíceis de guardar na estrada, entre irmãos, bebendo cerveja em volta da fogueira após um árduo dia de derramamento de sangue.

“Sem mentira”, ele disse. “Mas doze é jovem demais. Dezoito é uma boa idade para o casamento, Jorg. Você já esperou bastante.”

“O que aconteceu com sua esposa?”

“Morreu. Havia uma criança também.” Ele pressionou os lábios.

É bom saber que não se sabe tudo a respeito de um homem. Bom que sempre possa haver mais por vir.

“Então, minha futura rainha está quase pronta”, eu disse. “Vou subir ao altar nestes farrapos?” Puxei minha pesada gola de seda com fios de ouro que arranhava meu pescoço. Eu não me importava, claro, mas um casamento é um espetáculo, tanto para os bem-nascidos quanto para os malnascidos, uma espécie de feitiço, e compensa fazê-lo direito.

“Alteza”, Coddin disse, andando para lá e para cá diante do trono. “Essa... distração... é inoportuna. Nós temos um exército em nossos

portões.”

“E para ser justo, Jorg, ninguém sabia que ela estava vindo até aquele cavaleiro chegar”, disse Makin.

Abri os braços. “Não sabia que ela chegaria ontem à noite. Não sou mágico, sabe.” Vislumbrei a criança morta abaixada em um canto distante. “Eu esperava que ela chegasse antes de o verão terminar. De qualquer modo, aquele exército tem uns bons cinco quilômetros para marchar se quiser chegar aos meus portões.”

“Talvez um atraso seja possível?” Coddin odiava ser camareiro com cada fibra de seu ser. Provavelmente por isso ele era o único em quem eu confiasse para fazê-lo. “Até que as condições sejam menos... inclementes.”

“Vinte mil à nossa porta, Coddin. E mil dentro de nossas muralhas. Bem, a maioria do lado de fora porque meu maldito castelo é pequeno demais para que caibam todos aqui.” Eu me peguei sorrindo. “Acho que as condições não vão melhorar. Então podemos muito bem dar ao exército uma rainha além de um rei por quem morrer, né?”

“E com relação ao exército do Príncipe de Arrow?”, Coddin perguntou.

“Esta vai ser uma daquelas vezes em que você finge não ter um plano até o último momento?”, perguntou Makin. “E aí acaba realmente não tendo um?”

Ele pareceu austero, apesar de suas palavras. Pensei que talvez ainda pudesse ver sua própria criança morta. Ele havia enfrentado a morte comigo antes e o fizera com um sorriso.

“Você, garota!”, gritei para uma das criadas à espreita no fim do corredor. “Diga àquela mulher para me trazer um manto apropriado para se casar. Nada com renda, aliás.” Eu me levantei e levei a mão ao punho de minha espada. “As patrulhas noturnas devem estar de volta agora. Vamos descer até o pátio leste e ver o que eles têm a dizer. Eu

mandei Kent, o Rubro, e o Pequeno Rikey junto com uma das patrulhas da guarda. Vamos ouvir o que eles acham desses homens de Arrow."

Makin liderou o caminho. Coddin havia se tornado inseguro com assassinos. Eu sabia o que se escondia nas sombras de meu castelo e não era com assassinos que me preocupava. Makin virou a esquina e Coddin segurou meu ombro para me manter para trás.

"O Príncipe de Arrow não quer que eu seja esfaqueado por algum encapuzado, Coddin. Ele não quer veneno misturado no meu pão da manhã. Quer nos atropelar com vinte mil homens e nos moer terra adentro. Já está pensando no trono do Império. Ele acha que já está com o pé no Portão Gilden. Está construindo sua história agora e não será sobre facas no escuro."

"Claro, se você tivesse mais soldados talvez valesse a pena esfaqueá-lo." Makin virou a cabeça e sorriu.

Nós encontramos a patrulha à espera, andando a esmo no solo gelado. Algumas mulheres do castelo mexiam-se em torno dos feridos, dando um ponto ou dois. Deixei o comandante contar sua história a Coddin enquanto chamei Kent, o Rubro, para meu lado. Rike pairava atrás dele sem ser convidado. Quatro anos de castelo não apararam nenhuma das arestas de Rike, ainda com um péssimo temperamento de mais de dois metros e com um rosto que combinava com sua alma brusca, malvada e brutal.

"Pequeno Rikey", eu disse. Fazia tempo que não falava com ele. Anos. "E como vai aquela sua adorável esposa?" Na verdade eu nunca a vira, mas ela deve ter sido uma mulher formidável.

"Ela quebrou." Ele deu de ombros.

Eu me virei sem comentar. Há algo em Rike que me faz querer ir ao ataque. Algo elementar, vermelho em dentes e garras. Ou talvez seja apenas por ele ser grande à beça. "Então, Kent", eu disse, "conte-me as boas notícias."

“Há muitos deles.” Ele cuspiu na lama. “Eu vou embora.”

“Hum...” Eu passei um braço em volta dele. Kent não aparenta tanto, mas é sólido, todo músculo e osso, e muito rápido também. O que o define, porém, o que o diferencia é a mente de um matador. Caos, ameaça, assassinato sangrento, nada disso o incomoda. A todo momento, em uma crise, ele estará considerando os ângulos, contando as armas, procurando uma abertura e aproveitando-se dela.

“Hum...” Eu o puxei para perto, com a mão segurando sua nuca. Ele hesitou, mas a seu favor não buscou uma lâmina. “Está tudo muito bem.” Eu o conduzi para longe da patrulha. “Mas suponha que isso não fosse acontecer. Só por uma questão de argumentação. Imagine que fosse só você aqui e vinte deles lá fora. Isso não é tão diferente das adversidades que superou quando o encontramos perto daquele lago em Rutton, né?” Por um instante ele sorriu com aquilo. “Como você venceria então, Kent, o Rubro?” Eu o chamava de Rubro para lembrá-lo daquele dia, quando ficou se tremendo inteiro, com seu sorriso branco de lobo em meio ao escarlate do sangue de outros homens.

Ele mordeu o lábio, olhando além de mim, para algum outro lugar. “Eles estão aglomerados ali, Jorg. Naqueles vales. Aglomerados. Um homem contra muitos precisa ser rápido, atacar e se mover. Cada homem é seu escudo para o próximo.” Ele balançou a cabeça, olhando novamente para mim. “Mas você não pode usar um exército como um homem.”

Kent, o Rubro, estava certo. Coddin havia treinado bem o exército, especialmente as unidades da Guarda da Floresta de meu pai, mas na batalha a coesão sempre vai embora. Ordens são perdidas, desviadas, não ouvidas ou ignoradas, e mais cedo ou mais tarde tudo vira um sangrento massacre, cada homem por si, e os números começam a ter importância.

“Alteza?” Era a mulher do guarda-roupa real, com alguma espécie de manto em suas mãos.

“Mabel!” Abri os braços bem largos e dei-lhe meu sorriso perigoso.

“Maud, majestade.”

Precisei admitir que a velhota tinha coragem. “Maud, então”, eu disse. “E é com isso que eu vou me casar, é?”

“Se lhe aprouver, majestade.” Ela fez até uma pequena reverência.

Eu o peguei de suas mãos. Pesado. “Gatos?”, perguntei. “Parece que foram necessários muitos deles.”

“Zibelina.” Ela apertou os lábios. “Zibelina e fios de ouro. O conde...” Nesse momento ela engoliu as palavras.

“O Conde Renar se casou com ele, foi?”, perguntei. “Bem, se foi bom o suficiente para aquele bastardo, então servirá para mim. Pelo menos parece quente.” Meu tio Renar me devia pelos espinhos, por uma mãe perdida, um irmão perdido. Eu havia tomado seu castelo e sua coroa, e ele ainda me devia. Um manto de pele não encerraria nossa conta.

“Melhor andar logo com isso, alteza”, disse Coddin, com os olhos ainda procurando por assassinos. “Precisamos checar duplamente as defesas. Planejar o abastecimento dos arqueiros Kennish e também considerar as condições.” Nesta última parte, para seu crédito, ele olhou diretamente para mim.

Eu devolvi o manto a Maud e a deixei me vestir com a patrulha observando. Eu não respondi a Coddin. Ele parecia pálido. Sempre gostei dele, desde o momento que tentou me prender, antes mesmo do momento que ousou mencionar rendição. Corajoso, sensato, capaz, honesto. O melhor homem. “Vamos acabar logo com isso”, eu disse e fui em direção à capela.

“Isso é necessário, esse casamento?” Coddin de novo, obstinadamente interpretando o papel que eu lhe dei. Fale comigo, eu lhe disse. Nunca pense que eu não possa estar errado. “Como sua esposa, as coisas

podem ficar difíceis para ela." Rike deu uma risadinha com aquilo. "Como hóspede, ela seria resgatada de volta para a Costa Equina."

Sensato, honesto. Eu não sei nem como fingir essas coisas. "É necessário."

Chegamos à capela por uma escada em espiral, passamos por cavaleiros da távola de armadura, com as marcas do Conde Renar ainda visíveis sob as minhas no peitoral, como se eu reinasse aqui há quatro meses em vez de quatro anos. Os nobres de nascimento, pobres demais, burros demais ou leais demais para ter fugido, estavam enfileirados do lado de dentro. Os camponeses aguardavam no pátio do lado de fora. Eu podia sentir o cheiro deles.

Parei diante das portas, erguendo um dedo a fim de interromper o cavaleiro com as mãos sobre a barra. "Condições?"

Vi o menino novamente, embaixo de bandeiras cruzadas penduradas à parede. Ele crescera comigo. Anos atrás era um bebê, observando-me com olhos mortos. Parecia ter quatro anos agora. Tamborilei os dedos em minha testa em um ritmo rápido.

"Condições?", eu disse mais uma vez. Eu só havia dito isso duas vezes, mas a palavra já soava estranha, perdendo o significado com a repetição. Pensei na caixa de cobre em meu quarto. Ela me fez suar. "Não haverá condições."

"É melhor que padre Gomst diga suas palavras rapidamente, então", disse Coddin. "E olhe para as nossas defesas."

"Não", eu disse. "Não vai haver defesa. Nós vamos atacar."

Empurrei o cavaleiro para o lado e escancarei as portas. Corpos lotavam o salão da capela de um lado a outro. Parece que meus nobres eram mais pobres do que eu pensava. E à esquerda, um toque de azul e violeta, damas de companhia e cavaleiros de armadura, enfeitados com as cores da Casa Morrow, as cores da Costa Equina.

E lá no altar, de cabeça baixa, sob uma grinalda de lírios, minha noiva.

“Ah, diabos”, eu disse.
Pequena estava correto. Ela parecia ter doze anos.



Na paz, o irmão Kent volta ao normal, um camponês assolado pela bondade, procurando por Deus nas casas de pedra nas quais os piedosos se lamentam. A batalha liberta tais correntes.

Na guerra, Kent, o Rubro, se aproxima do divino.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

3

Dia do Casamento



casamento sempre foi a cola que segurava a Centena em algo que se assemelhava à união, o bálsamo que induzia a momentos esporádicos de paz, pausas no progresso sanguinário da Guerra Centenária. E este estava pairando sobre mim há quase quatro anos.

Andei pelo corredor da capela entre os ricos e poderosos de Renar, nenhum deles muito rico ou muito poderoso, verdade seja dita. Eu verifiquei os registros e metade deles tem avós que são pastores de cabras. Surpreendeu-me terem ficado. Se eu fosse eles, teria agido com o sentimento de Kent, o Rubro, e ido embora pelas Matteracks com o que conseguisse carregar nas costas.

Miana me observava, tão fresca e empertigada quanto os lírios em sua cabeça. Se o lado esquerdo deformado de meu rosto a assustava, ela não

demonstrou. A necessidade de contornar os sulcos das cicatrizes em minha bochecha coçou em meus dedos. Por um instante, o calor daquele fogo correu em mim e a lembrança da dor apertou minha mandíbula.

Eu me juntei à minha futura esposa no altar e olhei para trás. E em um momento de clareza compreendi. Essas pessoas esperavam que eu as salvasse. Elas ainda pensavam que com meu punhado de soldados podia manter este castelo e ganhar o dia. Eu estava quase decidido a contar a eles, a dizer apenas o que qualquer pessoa que me conhecesse sabia. Há algo frágil em mim que se quebra antes de se entortar. Talvez se o Príncipe de Arrow houvesse trazido um exército menor eu poderia ter a sensatez de fugir. Mas ele exagerou.

Quatro músicos completamente uniformizados ergueram suas gaitas de fole e soaram a fanfarra.

"Melhor usar a versão curta, padre Gomst", eu disse em voz baixa. "Há muito a se fazer hoje."

Ele franziu a testa, com suas sobrancelhas grisalhas se roçando uma contra a outra. "Princesa Miana, eu tenho o prazer de apresentar sua alteza Honório Jorg Ancrath, Rei das Terras Altas de Renar, herdeiro das terras de Ancrath e de seus protetorados."

"Encantado", eu disse, inclinando a cabeça. Uma criança. Ela não chegava acima de minhas costelas.

"Agora eu sei por que sua miniatura estava de perfil", ela disse, e esboçou uma reverência.

Aquilo me fez sorrir. Pode ser que este casamento seja destinado a ser curto, mas talvez não seja enfadonho. "Você não tem medo de mim, afinal, Miana?"

Ela estendeu a mão para pegar a minha como forma de resposta. Eu recuei. "Melhor não."

"Padre?" Acenei para Gomst prosseguir.

“Caros irmãos”, disse o padre. “Estamos aqui reunidos na presença de Deus...”

E então, com velhas palavras de um homem velho e sem ninguém “aqui presente” apenas com razão, ou pelo menos apenas razão e colhões para dizer, o pequeno Jorgy Ancrath se tornou um homem casado.

Eu conduzi minha esposa pela capela com os aplausos e os vivas da nobreza ecoando atrás de nós – quase, mas não totalmente, sufocando aqueles foles horríveis. A gaita de fole, uma especialidade das Terras Altas, é para a música o que os javalis são para a matemática. Bastante desconexa.

As portas principais levam a uma escadaria de onde se pode ver o maior pátio do Assombrado, o local em que cortei o antigo proprietário. Várias centenas de pessoas ocupavam o espaço entre o muro e as escadas, e outras se amontoavam além do portão, aglomerando-se sob a porta levadiça, com uma neve fina cirandando sobre todos eles.

Uma saudação surgiu quando viemos à luz. Eu peguei a mão de Miana, apesar da necromancia oculta em meus dedos, e a levantei bem alto para agradecer à multidão. A lealdade do súdito com seu senhor ainda me impressionava. Eu engordava e enriquecia à custa dessas pessoas ano após ano enquanto eles levavam uma vida horrível nas encostas das montanhas. E aqui estavam elas, prontas para encarar a morte certa comigo. Quero dizer, até essa fé cega na minha habilidade de desafiar as probabilidades tinha de dar um bom espaço para a dúvida.

Eu tive a primeira noção propriamente dita sobre isso alguns anos atrás. Uma lição que a vida na estrada não havia me ensinado, nem a meus irmãos. O poder da posição.

Minha presença real foi requisitada para um pouco de justiça no que chamam de “vila” nas Terras Altas de Renar, mas em qualquer outro lugar as pessoas chamariam aquilo de três casas e algumas cabanas. O

lugar fica lá em cima nos picos. Eles o chamam de Gutting. Ouvi dizer que há um Pequeno Gutting um pouco acima no vale, embora não possa ser muito mais do que um barril particularmente espaçoso. De qualquer modo, a disputa era por causa de onde terminavam as pedras de um camponês sarnento e começavam as de outro. Eu e Makin nos arrastamos por novecentos metros montanha acima para mostrar um pouco de boa vontade nos negócios do reinado. De acordo com relatos, vários homens da vila já haviam sido mortos na contenda, embora analisando mais de perto as mortes se limitassem a um porco e à perda da orelha esquerda de uma mulher. Não faz muito tempo eu teria simplesmente matado todo mundo e descido a montanha com as cabeças deles em um espeto, mas talvez estivesse apenas cansado após a subida. Enfim, eu deixei os camponeses sarnentos contarem seus casos e eles o fizeram longa e entusiasticamente. Começou a escurecer e as pulgas estavam mordendo, então abreviei a história.

"Gebbin, não é?", perguntei ao reclamante. Ele assentiu. "Basicamente, Gebbin, você odeia à beça esse camarada aqui e eu realmente não consigo entender o motivo. O problema é que estou entediado, meu fôlego já voltou e, a menos que você possa me dizer o verdadeiro motivo pelo qual você odeia o..."

"Borron", Makin completou.

"Sim, Borron. Diga-me o real motivo e seja honesto ou será pena de morte para todos, exceto essa boa mulher de uma orelha só, e nós a deixaremos no comando do porco remanescente."

Demorou um momento para ele perceber que eu realmente estava falando sério e mais alguns murmúrios até ele finalmente soltar e admitir que era porque o sujeito se tratava de um "rasteiro". Descobriu-se que *rasteiro* queria dizer forasteiro, e o velho Borron era um forasteiro porque havia nascido e morado no lado leste do vale.

Os homens saudando Miana e a mim, balançando suas espadas, batendo seus escudos e gritando até ficarem roucos devem ter contado a qualquer um que perguntasse quão orgulhosos eles estavam por lutar por sua alteza e sua nova rainha. A verdade, porém, é que no fim das contas eles simplesmente não queriam os homens de Arrow marchando sobre suas pedras, ficando de olho em suas cabras e talvez olhando maliciosamente para seu mulherio.

"O Príncipe de Arrow tem um exército muito maior do que o seu", Miana disse. Nada de "sua alteza", nada de "meu senhor".

"Sim, ele tem." Eu continuava a acenar para a multidão, com um grande sorriso em meu rosto.

"Ele vai vencer, não vai?", perguntou. Ela parecia ter doze anos, mas não soava como tal.

"Quantos anos você tem?", perguntei olhando rapidamente para ela, ainda acenando.

"Doze."

Merda.

"Pode ser que eles vençam. Se cada um de meus homens não matar vinte dos dele há uma boa chance disso acontecer. Principalmente se ele nos cercar."

"A que distância eles estão?", ela perguntou.

"A linha de frente deles está acampada a cinco quilômetros daqui", respondi.

"Você deve atacar agora então", ela disse. "Antes que eles nos cerquem."

"Eu sei." Eu estava começando a gostar da garota. Até um soldado experiente como Coddin, um bom soldado, queria se esconder atrás das muralhas do Assombrado e deixar que o castelo se defendesse. O problema, porém, é que castelo nenhum ficaria de pé com as chances que tínhamos. Miana sabia o que Kent, o Rubro, sabia; o mesmo Rubro que havia destroçado uma patrulha de dezessete homens armados em

uma manhã quente de agosto. Matar requer espaço. Você precisa se mover para atacar, para recuar e às vezes para simplesmente correr.

Mais um aceno e eu virei as costas para a multidão e andei rapidamente para dentro da capela.

"Makin! A guarda está pronta?"

"Está." Ele assentiu. "Meu rei."

Eu desembainhei minha espada.

A repentina aparição de um metro e vinte de lâmina de aço na casa de Deus causou um agradável efeito de sobressalto.

"Vamos."

Do diário de ***Katherine Ap Scorron***

6 de outubro, ano 98 interregno

ANCRATH. CASTELO ALTO. CAPELA. MEIA-NOITE.

A capela dos Ancrath é pequena e dada a correntes de ar, como se houvesse sido feita às pressas. As velas dançam e as sombras nunca ficam paradas. Quando eu sair o ajudante do frei irá apagá-las.

Jorg Ancrath se foi há quase uma semana. Ele levou Sir Makin das masmorras consigo. Fiquei feliz por isso, eu gostava de Sir Makin e sinceramente não posso culpá-lo pelo que aconteceu a Galen: aquilo foi Jorg mais uma vez. Uma balestra! Ele nunca poderia vencer Galen com uma espada. Não há honra no garoto.

Frei Glen diz que Jorg quase arrancou meu vestido após me atingir. Guardo-o no fundo do longo armário com o enxoval que mamãe fez para mim antes de deixarmos Scorron Halt. Guardo-o onde as empregadas não podem vê-lo e minhas mãos me levam de volta para lá. Eu passo os farrapos

por meus dedos. Cetim azul. Eu o toco e tento me lembrar. Eu o vejo de pé ali, de braços abertos, desafiando a faca em minha mão, balançando-se como se estivesse cansado demais para ficar em pé, com a pele branca como a morte e a mancha negra em volta do ferimento no peito. Ele parecia tão jovem. Uma criança, quase. Com aquelas cicatrizes por toda a parte onde os espinhos o perfuraram. Sir Reilly diz que eles o encontraram pendurado, quase sem sangue, após uma noite nos espinhos, com a tempestade em volta dele e sua mãe caída morta.

E então ele me bateu.

Eu estou tocando o local agora. Ainda está dolorido. Tem uma crosta alta. Imagino se dá para ver através do meu cabelo. E aí me pergunto por que eu me importo.

Estou machucada aqui embaixo também. Um machucado preto, como aquela mancha. Quase consigo ver as linhas de dedos em minha coxa, a marca de um polegar.

Ele me bateu e depois me usou, me estuprou. Não era nada para ele, um mercenário da estrada, não significava nada para ele, apenas mais uma coisa para roubar. Isso era pouca coisa entre seus crimes. Talvez nem fosse o maior até mesmo contra mim, porque sinto falta de Hanna e realmente chorei quando a enterramos, e sinto falta de Galen pela ferocidade de seu sorriso e pelo calor que ele me causava toda vez que se aproximava.

Ele me bateu e depois me usou? Aquele garoto doente, desafiando a faca, que mal conseguia ficar de pé?

11 de outubro, ano 98 interregno

ANCRATH. CASTELO ALTO. MEUS APOSENTOS.

Eu vi frei Glen no Salão Azul hoje. Parei de ir a suas missas, mas o vi no salão. Observei suas mãos, seus dedos grossos e seus polegares grossos. Eu os observei e pensei naqueles hematomas desaparecendo, agora amarelos, e vim ao armário alto, e aqui estou com o cetim rasgado em minhas mãos.



Pele, ossos e travessuras formam o irmão Gog. Nascido monstro e criado monstro, mas há pouca diferença entre ele e Adão, salvo o pontilhado carmesim-sobre-preto de sua pele, as cavidades escuras de seus olhos, garras de ébano nas mãos e nos pés e as saliências espinhosas que começavam a crescer em sua coluna. Observe-o brincar e correr e rir, e ele parece muito à vontade em ser uma fenda no mundo pela qual todos os fogos do inferno possam jorrar.

Observe-o queimar, contudo, e você irá acreditar.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

4

— QUATRO ANOS ATRÁS —

Tomei o trono de meu tio em meu décimo quarto ano e achei aquilo do meu agrado. Eu tinha um castelo e uma equipe de empregados para explorar, uma corte de nobres para subjugar, ou pelo menos o que contava como nobres nas Terras Altas, e um tesouro para saquear. Pelos três primeiros meses eu me ative a essas atividades.

Acordei ensopado de suor. Normalmente acordo de repente com a mente alerta, mas eu me sentia como se estivesse me afogando.

"Muito calor..."

Rolei e caí com tudo da cama.

Fumaça.

Gritos ao longe.

Descobri a lamparina da cama e aumentei o pavio. A fumaça vinha das portas, sem passar por baixo ou pelo meio, mas elevando-se de cada

centímetro da madeira chamuscada e subindo como uma cortina ondulada.

"Merda..." Morrer queimado sempre foi uma preocupação minha. Chame de meu ponto fraco particular. Algumas pessoas têm medo de aranhas. Eu tenho medo da imolação. De aranhas também.

"Gog!", berrei.

Ele estivera ali na antessala quando me retirei. Eu me aproximei das portas, chegando a elas pelo lado. Um calor terrível emanava delas. Eu poderia sair por ali ou tentar passar pelas barras de qualquer uma das três janelas antes de negociar a queda de trinta metros.

Peguei um machado exposto na parede e fiquei de costas para a pedra, próximo das portas. Meus pulmões doíam e eu não conseguia enxergar direito. Balançar o machado foi como balançar um homem adulto. A lâmina mordeu e as portas explodiram. Fogo laranja-esbranquiçado rugiu quarto adentro, quente como uma fornalha, em uma labareda espessa que se bifurcava vez após vez. E, quase tão repentinamente, o fogo desapareceu como o fim de uma tosse, deixando apenas o piso chamuscado e a cama queimando.

A antessala parecia mais quente que meu quarto, carbonizada do chão até o teto, como um enorme carvão em brasa no centro. Cambaleei de volta em direção à minha cama. O calor evaporou a água de meus olhos e por um instante minha visão clareou. O carvão era Gog, curvado como um recém-nascido, pulsando com ardor.

Algo grande irrompeu na entrada que dava para o recinto dos guardas adiante. Gorgoth! Ele pegou o garoto com sua mão de três dedos e o estapeou com a outra. Gog acordou com um choro agudo e o fogo se extinguiu dele em um instante, deixando apenas uma criança sem energia, com a pele pontilhada de vermelho e preto, e o fedor de carne queimada.

Sem palavras, passei tropegamente por eles e deixei meus guardas me ajudarem a sair.

Eles praticamente tiveram que me arrastar para a sala do trono antes que eu recuperasse minhas forças. "Água", consegui dizer. E, quando havia acabado de beber e usado minha faca para aparar as pontas queimadas de meu cabelo, eu disse, tossindo: "Tragam os monstros".

Makin bateu os pés salão adentro, ainda ajeitando sua manopla. "De novo?", ele perguntou. "Outro incêndio?"

"Grande desta vez. Um inferno", respondi. "Pelo menos não vou ter mais que olhar para a mobília de meu tio."

"Você não pode deixá-lo dormir no castelo", disse Makin.

"Eu sei disso", respondi. "*Agora*."

"Acabe logo com isso, Jorg." Makin arrancou a manopla. Não estávamos sendo atacados, afinal.

"Você não pode libertá-lo." Coddin chegou, com olheiras escuras. "Ele é perigoso demais. Alguém irá usá-lo."

E era isso. Gog precisava morrer.

Três estrondos nas portas principais e elas se escancararam. Gorgoth entrou na sala do trono com Gog, flanqueado por quatro cavaleiros meus que pareciam crianças ao lado dele. Vista entre homens, as leucrotas pareciam tão monstruosas quanto no dia em que as encontrei sob o Monte Honas. Os olhos de gato de Gorgoth tinham fendas apesar da escuridão, pele vermelha como sangue, quase preta como se infectada pela noite.

"Você tem o quê, Gog, oito anos agora? E fica tentando incendiar meu castelo." Eu senti os olhos de Gorgoth sobre mim. As grandes vergas de suas costelas se flexionavam para dentro e para fora a cada respiração.

"O grandão vai resistir", Coddin murmurou em meu ombro. "Ele vai ser difícil de derrubar."

"Oito anos", Gog repetiu. Ele não sabia, mas gostava de concordar comigo. Sua voz era aguda e doce quando nos conhecemos sob o Monte Honas. Agora ela era bruta e carregava por trás de si o crepitar de uma chama, como se fosse começar a exalar aquilo feito um maldito dragão.

“Eu o levarei embora”, Gorgoth disse, quase grave demais para escutar. “Para longe.”

Mova suas peças, Jorg. Um silêncio se estendeu.

Eu não estaria sentado neste trono se Gorgoth não houvesse segurado o portão. Ou sentado aqui se Gog não houvesse queimado os homens do conde. A pele de meu rosto ainda estava esticada, meus pulmões ainda doíam e o fedor de cabelo queimado ainda preenchia minhas narinas.

“Sinto muito pela sua cama, irmão Jorg”, disse Gog. Gorgoth deu um peteleco em seu ombro com um dedo grosso, suficiente para atordoá-lo. “Rei Jorg”, Gog se corrigiu.

Eu não estaria sentado no trono se não fosse por um monte de gente, uma porção de chances, algumas improváveis, outras roubadas, se não fosse pelo sacrifício de muitos homens, alguns melhores, outros piores. Um homem não pode contrair novos fardos de dívida a cada esquina ou ele sucumbirá ao peso e não poderá se mover.

“Você estava pronto para dar esta criança aos necromantes, Gorgoth”, eu disse. “Ele e o irmão dele.” Eu não perguntei se ele morreria para proteger Gog. Isso estava escrito nele.

“As coisas mudam”, disse Gorgoth.

“Melhor que eles tenham uma morte rápida, você disse.” Eu me levantei. “As mudanças virão rápidas demais neles. Rápidas demais para suportar. As mudanças irão virá-los do avesso, você disse.”

“Deixe-o correr o risco”, Gorgoth disse.

“Eu quase morri em minha cama esta noite.” Desci do tablado, com Makin atrás de mim agora. “Os aposentos reais estão em cinzas. E morrer deitado nunca esteve nos meus planos. A menos que fosse como imperador, na minha velhice, embaixo de uma jovem e superenergética concubina.”

“Não pode ser ajudado.” As mãos de Gorgoth se fecharam em punhos enormes. “Está no seu dena.”

"Seu o quê?" Minha mão se apoiou no punho de minha espada. Eu me lembrei do quanto Gog lutara para salvar seu irmãozinho. Quão pura fora aquela fúria. Eu sentia falta daquela pureza em mim. Ontem mesmo cada escolha era fácil. Certo ou errado. Esfaquear Gemt no pescoço ou não. E agora? Indecisão. Um homem pode se afogar em suas indecisões.

"Seu dena. A história de cada homem, escrita em seu interior, o que ele é, o que ele será, escrita em um espiral no centro de todos nós", Gorgoth disse.

Eu nunca havia escutado o monstro dizer tantas palavras seguidas. "Eu já abri muitos homens, Gorgoth, e se tem algo escrito ali está escrito de vermelho sobre vermelho e cheira mal."

"O interior de um homem não se encontra pela sua geometria, alteza." Ele me fixou com aqueles olhos de gato. Ele nunca havia me chamado de alteza antes também. Provavelmente aquilo era o mais perto de uma súplica que ele jamais chegaria.

Olhei fixamente para Gog, agachado agora, olhando para mim e para Gorgoth. Eu gostava do garoto. Simples assim. Nós dois com um irmão morto que não pudemos salvar, nós dois com algo que queimava dentro de nós, alguma força elementar de destruição querendo sair a cada momento de cada dia.

"Majestade", disse Coddin, sabendo o que eu estava pensando pela primeira vez. "Esses assuntos não precisam ocupar o rei. Fique em meus aposentos e nós conversaremos novamente pela manhã."

Saia e nós faremos o trabalho sujo para você. A mensagem era bastante clara. E Coddin não queria fazê-lo. Se ele conseguia me ler eu certamente conseguia lê-lo. Ele não queria cortar a garganta de seu cavalo quando uma pedra solta o aleijou. Mas ele o fez. E ele o faria agora. O jogo dos reis nunca foi um jogo limpo.

Mova suas peças.

"Não dá para evitar, Jorg." Makin pôs a mão em meu ombro, com a voz suave. "Ele é perigoso demais. Não dá para saber o que ele se tornará."

Mova suas peças. Vença o jogo. Tome o caminho mais árduo.

"Gog", eu disse. Ele se levantou lentamente, os olhos nos meus. "Eles estão me dizendo que você é perigoso demais. Que eu não posso ficar com você. Ou libertá-lo. Que você é um risco que não pode ser corrido. Uma arma que não pode ser manuseada." Eu me virei, apreciando a sala do trono, as abóbadas altas, as janelas escuras, e encarei Coddin, Makin, os cavaleiros de minha távola. "Eu despertei o Sol dos Construtores sob Gelleth e esta criança é demais para mim?"

"Aqueles eram tempos de desespero, Jorg", Makin disse analisando o chão.

"Todas os tempos são de desespero", eu disse. "Você acha que estamos seguros aqui, na nossa montanha? Este castelo pode parecer grande do lado de dentro. A um quilômetro e meio de distância você pode cobri-lo com o polegar."

Eu olhei para Gorgoth. "Talvez eu precise de uma nova geometria. Talvez nós precisemos encontrar esse dena e ver se a história não pode ser reescrita."

"O poder da criança está fora de controle, Jorg", disse Coddin, um homem corajoso para me interromper quando eu estou com a corda toda. O tipo de homem que eu precisava. "E só vai ficar mais selvagem."

"Vou levá-lo a Heimrift", eu disse. *Gog é uma arma e lá eu vou forjá-lo.*

"Heimrift?" Gorgoth relaxou os punhos e suas juntas estalaram ruidosamente.

"Um lugar de demônios e fogo", Makin murmurou.

"Um vulcão", eu disse. "Quatro vulcões, na verdade. E um mago do fogo. Pelo menos foi o que meu tutor me contou. Então vamos colocar os benefícios de uma educação real à prova, certo? Pelo menos Gog irá gostar de lá. Tudo queima."

TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

5

— QUATRO ANOS ATRÁS —

“Esta é uma má ideia, Jorg.”

“É uma ideia perigosa, Coddin, mas isso não significa que seja ruim.” Eu apoiei minha faca no mapa para ele parar de enrolar.

“Quaisquer que sejam as chances de sucesso, você deixará seu reino sem um rei.” Ele colocou um dedo sobre o mapa, apontando para O Assombrado, como se quisesse me mostrar meu lugar. “Só faz três meses, Jorg. As pessoas ainda não estão certas a seu respeito, os nobres irão começar a tramar assim que você partir. E quantos homens armados você levará consigo? Com o trono vazio, as Terras Altas de Renar parecerão um prêmio fácil. Seu nobre pai pode até resolver aparecer com o exército do Portão. Na hora de defender este lugar, eu não sei quantas tropas de seu tio irão se reunir ao seu clamor.”

“Meu pai não enviou o Portão quando minha mãe e meu irmão foram assassinados.” Meus dedos se curvaram em torno do cabo da faca por

vontade própria. “É improvável que ele aja contra O Assombrado agora. Especialmente quando seus exércitos estão ocupados tomando o que restou de Gelleth.”

“Então quantos soldados você levará?”, Coddin perguntou. “A guarda não será suficiente.”

“Não vou levar nenhum”, respondi. “Eu poderia levar o exército inteiro e isso só me poria em guerra nas terras de outra pessoa.” Coddin fez que ia protestar. Eu o interrompi. “Levarei meus irmãos. Eles gostarão de um período na estrada. Nós conseguimos andar por toda a parte numa boa não faz tanto tempo e ninguém nos dava tanta importância.”

Makin voltou com vários rolos grandes de mapas sob o braço. “Disfarçados, é?”, ele disse e sorriu. “Ótimo. Verdade seja dita, este lugar me dá uma coceira nos pés.”

“Você vai ficar, irmão Makin”, eu lhe disse. “Eu levarei Kent, Algazarra, Grumlow, o jovem Sim... e Maical, por que não? Ele pode ser um imbecil, mas é duro de matar. E, claro, o Pequeno Rike...”

“Ele não”, Coddin disse com o rosto sério. “Não há lealdade naquele lá. Ele o deixará morto em uma cerca viva.”

“Eu preciso dele”, eu disse.

Coddin franziu a testa. “Ele pode ser útil em uma briga, mas não há sutileza nele, não há disciplina, ele não é inteligente, ele...”

“A maneira que eu vejo”, disse Makin, “é que Rike não consegue fazer uma omelete sem estar até as coxas com o sangue das galinhas e usando suas entranhas como um colar.”

“Ele é um sobrevivente”, eu disse. “E preciso de sobreviventes.”

“Você precisa de mim”, disse Makin.

“Você não pode confiar nele.” Coddin esfregou a testa como sempre fazia quando a preocupação se instalava nele.

“Preciso de você aqui, Makin”, eu disse. “Quero ter um reino para o qual voltar. E eu sei que não posso confiar em Rike, mas quatro anos na estrada

me ensinaram que ele é a ferramenta certa para esta tarefa."

Eu levantei minha faca e o mapa se enrolou novamente. "Já vi o suficiente."

Makin ergueu os olhos e derrubou seus mapas fechados sobre a mesa.

"Trace uma rota decente para mim, Coddin, e mande aquele rapaz escriba copiá-la." Fiquei de pé e me alonguei. Eu precisava de algo para vestir. Uma de minhas empregadas havia queimado meus trapos velhos, e veludo não é bom para a estrada. É como um ímã para poeira.

Padre Gomst se encontrou comigo, Makin e Kent a caminho dos estábulos. Ele havia corrido da capela, com o rosto vermelho, a bíblia mais pesada debaixo de um braço e a cruz do altar na outra mão.

"Jorg..." Ele parou para recuperar o fôlego. "Rei Jorg."

"Você vai se unir a nós, padre Gomst?" A maneira como ele empalideceu me fez sorrir.

"A bênção", ele disse ainda sem ar.

"Ah, sim, pode abençoar."

Kent ficou de joelhos na mesma hora, o assassino mais devoto que já conheci. Makin o acompanhou com uma pressa imprópria para um homem que havia saqueado uma catedral na sua época. Desde que Gomst saiu de Gelleth, à luz do Sol dos Construtores, sem nem um bronzeado para exibir, os irmãos pareciam pensar que ele fora tocado por Deus. O fato de que todos nós fizemos a mesma coisa com muito menos tempo à nossa disposição não lhes atinava.

De minha parte, por todos os males da Igreja de Roma, eu não conseguia mais detestar Gomst como antes. Seu único crime verdadeiro era ser um homem fraco e impotente, incapaz de transmitir a promessa de seu senhor, o amor de seu salvador, ou até mesmo colocar o jugo de Roma em volta do pescoço de seu rebanho com convicção.

Eu abaixei a cabeça e ouvi a prece. Não faz mal nenhum se precaver.

No pátio oeste, meu bando desigual se reuniu, verificando o equipamento. Rike tinha o maior cavalo que eu já vira.

"Eu consigo correr mais rápido que este monstro, Rike." Olhei por trás dele só de brincadeira. "Você não trouxe o arado quando o roubou?"

"Ele serve", respondeu. "É grande o bastante para a pilhagem."

"Maical não vai levar o carro-chefe?" Olhei em volta. "Cadê ele, aliás?"

"Foi buscar o tordilho", Kent disse. "O idiota não monta nenhum outro cavalo. Diz que não consegue."

"Isso é que é lealdade." Lancei um olhar para Rike. "E cadê essa sua esposa nova, irmão Rikey? Não vem se despedir de você?"

"Está ocupada arando." Ele deu um tapa em seu cavalo. "Arranjou um trabalho agora."

Gorgoth surgiu pelo portão da cozinha, agigantando-se atrás de Rike. É desconcertante ver algo sobre duas pernas que seja mais alto e mais largo que Rike. Gog saltou por detrás dele. Pegou minha mão e eu o deixei me guiar. Não são muitos que pegam minha mão desde que a necromancia se enraizou em mim. Há um toque de morte em meus dedos, não só a frieza. As flores murcham e morrem.

"Aonde estamos indo, irmão Jorg?" Ainda era uma voz de criança, apesar da crepitação.

"Encontrar um mago do fogo. Acabar com essa queimação de camas", eu disse.

"Vai doer?" Ele me observou com os olhos arregalados, poços de escuridão.

Eu dei de ombros. "Talvez sim."

"Medo", ele disse, apertando mais a minha mão. Eu podia sentir o calor surgindo de seus dedos. Talvez anulasse o frio dos meus. "Medo."

"Bem", eu disse, "estamos no caminho certo."

Ele franziu a testa.

“Você precisa caçar seus medos, Gog. Derrotá-los. Eles são seus únicos inimigos de verdade.”

“Você não tem medo de nada, irmão Jorg”, ele disse. “Rei J...”

“Tenho medo de me queimar”, eu disse. “Especialmente em minha cama.” Eu olhei para trás, para os irmãos guardando armas e suprimentos. “Eu tinha um primo que gostava de queimar as pessoas, não tinha, irmão Algazarra?”

“Ah, é”, ele assentiu.

“Meu primo Marclos”, eu disse. “Conte a Gog o que aconteceu com ele.”

Algazarra testou a ponta de uma flecha com o polegar. “Jorg foi até ele sozinho e o matou no meio de cem de seus soldados.”

Olhei para Gog. “Eu tenho medo de aranhas também. É por causa do jeito que elas se mexem. E do jeito que ficam paradas. Aquela corridinha.” Eu imitei com a mão.

Gritei de volta para Algazarra. “Como eu sou com aranhas, Algazarra?”

“Esquisito.” Algazarra cuspiu e amarrou a última flecha. “Você vai gostar dessa história, Gog, por ser um monstro ímpio e tudo mais.” Ele cuspiu novamente. O irmão Algazarra gostava de cuspir. “Passamos uma semana entocados em uns celeiros de grãos, uma vez. Escondidos. Não passamos fome. Grãos e ratazanas dão um bom cozido. Só que o Jorg aqui não gostou nada. O lugar era cheio de aranhas, sabe. Grandes e cabeludas.” Ele esticou os dedos até as juntas estalarem. “Durante uma semana inteira Jorg as caçou. Não comeu nada além de aranha por uma semana. E nem era cozida. Nem mesmo morta.”

“E cozido de rato passou a ter gosto bom depois daquela semana”, eu disse.

Gog franziu a testa e seus olhos perceberam o brilho em meu pulso. “O que é isso?”, ele apontou.

Arregacei a manga e ergui o braço para que todos vissem. “Duas coisas que eu encontrei no tesouro de meu tio que valiam mais que o ouro em

volta delas. Pensei em trazê-las comigo para o caso de necessidade." Fiz questão de que Rike visse a prata em meu pulso. "Não precisa mais revirar meus alforjes à noite, Pequeno Rikey. O tesouro está aqui e se você acha que pode pegá-lo tente agora."

Ele escarneceu e amarrou outra correia.

"Que isso?" Gog observava, fascinado.

"Os Construtores o fizeram", eu disse. "Tem mil anos."

Algazarra e Kent, o Rubro, vieram ver.

"Disseram-me que chamam de relógio", eu disse. "E dá para ver por quê."

Na verdade, eu mesmo olhava muito para ele. Havia um fundo nele atrás do cristal, com doze horas marcadas e sessenta minutos, e dois braços pretos que se moviam, um devagar, outro mais devagar ainda, para indicar a hora. Encantado, eu abrira a traseira com a ponta de minha faca e contemplei as entranhas da coisa. A portinhola se abriu com uma dobradiça minúscula, como se os Construtores soubessem que eu iria querer ver lá dentro. Rodas dentro de rodas, minúsculas, dentadas e girando. Como eles fizeram essas coisas tão pequenas e tão precisas eu nem imagino, mas para mim é uma maravilha maior que qualquer sol ou luz brilhante feita pelo homem.

"O que mais você tem, Jorg?", perguntou Rike.

"Isto." Eu o tirei do bolso fundo em minha cintura e o coloquei sobre a laje. Um palhaço de metal gasto com resquícios de tinta em seu justilho, cabelo e nariz.

Kent deu um passo para trás. "Parece do mal."

Eu me ajoelhei e soltei um trinco atrás da cabeça do palhaço. Com uma sacudida e um zumbido, ele começou a bater seus pés de metal e a juntar suas mãos de metal, batendo os pratos que segurava. Ele se movia em círculo, batendo os pés e os pratos, indo a lugar nenhum.

Rike começou a rir. Não aquele "hur, hur, hur" dele, que parece outro tipo de raiva, mas uma risada de verdade, que vinha da barriga. "Parece...

Parece..." Ele não conseguia dizer as palavras.

Os outros não conseguiram se segurar. Sim e Maical riram primeiro. Depois Grumlow, roncando através do bigode de rato molhado que estava deixando crescer. Em seguida, Kent, o Rubro, e, por último, até Algazarra, todos rindo feito crianças. Gog assistia, admirado. Até Gorgoth não conteve o sorriso, exibindo os dentes de trás que pareciam lápides.

O palhaço tombou e continuou a pisotear o ar. Rike veio abaixo com aquilo, socando o chão com o punho, perdendo o fôlego.

O palhaço desacelerou e depois parou. Há uma mola de aço lá dentro que você aperta com uma chave. E quando ele acaba de bater e fazer barulho a mola está solta novamente.

"Burlow... Burlow devia ter visto isso." Rike limpou as lágrimas dos olhos. A primeira vez que eu o escutara mencionar um dos falecidos.

"Sim, irmão Rike", eu disse. "Sim, ele devia." Eu imaginei o irmão Burlow rindo conosco, com a barriga balançando.

Nós tivemos nosso momento ali, um daqueles pontos de passagem pelos quais a vida é lembrada, a irmandade refeita e pronta para a estrada. Nós tivemos nosso momento – o último momento bom. "Hora de partir", eu disse.

Às vezes eu me pergunto se não temos todos uma mola de aço dentro de nós, como aquele dena de Gorgoth enrolado bem apertado no interior. Eu me pergunto se todos nós não pisoteamos e batemos, batemos e pisoteamos em nossos pequenos círculos, indo a lugar nenhum. E eu me pergunto quem é que ri de nós.



TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

6

— QUATRO ANOS ATRÁS —

Três meses antes eu havia entrado no Assombrado sozinho, coberto de sangue que não era meu e brandindo uma espada roubada. Meus irmãos me acompanharam. Agora deixava o castelo nas mãos de outro. Eu queria o sangue de meu tio. Peguei sua coroa porque outros homens disseram que eu não poderia tê-la.

Se O Assombrado lhe parece uma caveira, como parece a mim, então os fragmentos de cidade em torno dos portões podem ser considerados o vômito seco de seu último suspiro. Um curtume aqui, um abatedouro ali, todos os males necessários porém fétidos da vida moderna, estabelecidos além dos muros onde o vento possa limpá-los. Mal havíamos passado do último casebre quando Makin nos alcançou.

"Já estavam com saudades?"

"A Guarda da Floresta me diz que temos companhia chegando", disse Makin, recuperando o fôlego.

"Nós realmente devíamos rebatizar a guarda", eu disse. O melhor que as Terras Altas podiam oferecer em termos de floresta era um ocasional amontoado de árvores tristemente encolhidas em um vale profundo, todas torcidas e curvadas contra o vento.

"Cinquenta cavaleiros", Makin disse. "Carregando a insígnia de Arrow."

"Arrow?" Eu franzi a testa. "Eles andaram um bocado." A província ficava no limite do mapa que havíamos recentemente enrolado.

"Eles parecem descansados o bastante, sob todos os aspectos."

"Acho que os encontrarei na estrada", eu disse. "Pode ser que arranquemos uma história mais interessante deles como um bando de irmãos da estrada." A verdade é que eu não queria trocar de roupa, para sedas e arminho, e passar por todas as formalidades. Eles estavam indo em direção ao castelo. Não se manda cinquenta homens de armadura para uma missão discreta.

"Eu vou com vocês", Makin disse. Ele não aceitaria um "não" dessa vez.

"Você não passaria por irmão da estrada", eu disse. "Você parece um ator que invadiu o baú de adereços para pegar o melhor equipamento de cavaleiro."

"Rola ele na merda", Rike disse. "Aí ele vai passar."

Nós calhamos de estar ao lado dos estábulos de Jerring e um monte de esterco estava ao alcance da mão. Eu apontei para ele.

"Não tem muita diferença da vida na corte", Makin sorriu e jogou seu manto no carro-chefe. Maical o amarrara ao tordilho por força do hábito.

Quando o capitão de minha guarda parecia mais um cavaleiro andante no final de sua sorte nós seguimos adiante. Gog veio comigo, segurando firme. Gorgoth corria junto, porque nenhum cavalo o aceitava, e não era só por causa de seu peso. Algo nele os assustava.

"Já foi a Arrow, Makin?", perguntei, aliviando meu cavalo contra o vento.

“Nunca”, respondeu. “Um principado bem pequeno. Mas eles são bem fortes lá, ao que tudo indica. Dão dor de cabeça aos vizinhos já há anos.”

Nós continuamos sem conversar por um tempo, apenas o barulho dos cascos e o rangido da carroça para interromper o silêncio da montanha. A estrada – ou trilha, para ser honesto, pois os Construtores nunca exerceram sua magia nas Terras Altas – serpenteava para baixo, curvando-se para lá e para cá a fim de domar a inclinação. Enquanto descíamos, comecei a perceber que nos vales baixos já seria primavera. Mesmo aqui, um pouco de verde aparecia de vez em quando e fazia os cavalos farejarem o ar.

Nós vimos o batedor dos cavaleiros uma hora depois e a coluna principal um quilômetro adiante. Algazarra começou a sair da trilha.

“Eu direi quando for a hora de desviar e quando permanecemos firmes, se você não se incomodar, irmão Algazarra.” Lancei-lhe um olhar. Os irmãos começavam a se esquecer do velho Jorg – ficaram tempo demais vagabundeando no Assombrado, com suas malvadezas.

“Há muitos deles, irmão Jorg”, disse o jovem Sim, mais velho que eu, claro, mas ainda com pouca utilidade para uma lâmina, caso se descontasse o corte de gargantas.

“Quando se está indo ao castelo do rei é falta de educação cortar os viajantes no caminho”, eu disse. “Até mesmo para os desonrosos como nós.”

Eu continuei adiante. Uma pausa e os outros acompanharam.

A subida seguinte mostrou-os mais próximos, dois deles, lado a lado, trotando lentamente, um par de bandeiras estreitas agitando-se no vento de Renar. Não eram ralé, mas cavaleiros de uma alta corte, uma harmonia em seus braços e armaduras que envergonhava a minha própria guarda.

“Esta é uma má ideia”, disse Makin. Ele fedia à merda de cavalo.

“Se você um dia parar de dizer isso saberei que é a hora de começar a me preocupar”, eu disse.

Os homens de Arrow continuaram a avançar. Podíamos ouvir seus cascos na pedra. Tive vontade de parar no meio da trilha e exigir um pedágio. Essa

seria uma boa história, mas talvez curta demais. Eu me contentei em ficar de lado e observá-los se aproximar. Dei uma olhada para nossa tropa. Um bando feio, mas as leucrotas ganhavam o prêmio.

"Veja se consegue se esconder atrás do cavalo de Rike, Gorgoth", eu disse. "Sabia que esse cavalo de arado seria útil."

Tirei a faca de meu cinto e comecei a limpar a sujeira sob as unhas. As garras de Gog se apertaram abaixo da minha couraça quando os primeiros homens nos alcançaram.

Os cavaleiros reduziram a velocidade para uma caminhada, conforme se aproximavam. Alguns viraram a cabeça, mas a maioria passou sem olhar, com os rostos escondidos atrás das viseiras. No meio da coluna estavam dois homens que chamavam a atenção, ou pelo menos suas armaduras, polidas até brilhar, caneladas no estilo teutônico, que cintilavam com matizes coloridos onde o metal oleado encontrava a luz. Um cão de caça corria entre os cavalos deles, de pelo curto, peito estufado e focinho longo. O da esquerda da dupla ergueu a mão e a coluna parou, até os homens à frente dele, embora parecesse não haver jeito de eles o terem visto.

"Ora, ora", ele disse, as palavras precisas e firmes.

Tirou o capacete, o que pareceu ser uma tolice, pois ele podia ser o alvo de balestras escondidas, e balançou a cabeça. O suor mantinha seu cabelo loiro grudado em sua fronte.

"Bom dia, Senhor Cavaleiro", eu disse e acenei uma pequena reverência.

Ele me olhou de cima a baixo com calmos olhos azuis. Ele me lembrava o defensor de Katherine, Sir Galen. "Quanto falta para o castelo de Renar, garoto?", ele perguntou.

Algo me dizia que aquele homem sabia exatamente quanto faltava, assim como corvos voam e coxos mancam. "O castelo do Rei Jorg fica a uns bons dezesseis quilômetros para lá." Balancei minha faca na direção da trilha. "Uns dois quilômetros de subida."

“Um rei, é?” Ele sorriu. Bonito como Galen também, daquele tipo loiro de maxilar quadrado que faz a cabeça das garotas. “O velho Renar não se dizia rei.”

Eu comecei a odiá-lo. E não somente pela piada. “Conde Renar tinha apenas as Terras Altas. Rei Jorg é herdeiro de Ancrath e das terras de Gelleth. Isso é terra suficiente para fazer um rei, pelo menos por estas bandas.”

Fiz questão de olhar para a couraça do camarada. Havia dragões ali, desenhados e esmaltados de vermelho, cada um exuberante, segurando uma flecha vertical mais alta que si próprio. Belo trabalho. “É de Arrow que vocês são, milorde?”, perguntei. Sem esperar pela resposta, eu me virei para Makin. “Sabe por que essa terra se chama Arrow, Makin?”

Ele balançou a cabeça e analisou a alça de sua sela. A vontade de dizer “esta é uma má ideia” se contorceu em seus lábios.

“Dizem que se chama Arrow porque você pode atirar uma flecha da costa norte até a sul”, eu disse. “Pelo que ouvi dizer, poderiam tê-la chamado de Espirro. Imagino só como chamam o homem que governa lá.”

“Você entende muito de heráldica, garoto.” Os olhos ainda calmos. O homem ao lado dele levou a mão à espada, com a manopla batendo no cabo. “Eles chamam o homem que governa lá de Príncipe de Arrow.” Ele sorriu. “Mas você pode me chamar de Príncipe Orrin.”

Parecia imprudente cavalgar para outro reino com cinquenta homens, mesmo cinquenta como aqueles. Exatamente o que eu era contra nas minhas próprias viagens.

“Você não está preocupado de o Rei Jorg aproveitar a oportunidade para enfraquecer o campo nessa nossa Guerra Centenária?”, perguntei.

“Se eu fosse vizinho dele, talvez”, o príncipe disse. “Mas me matar ou até me capturar para meus inimigos só tornaria os vizinhos dele mais seguros e aptos a prejudicá-lo. E eu ouvi dizer que o rei é bem atento às suas chances. Além disso, não seria fácil.”

“Eu achei que você estivesse procurando por um conde, mas agora parece que você já sabe sobre o Rei Jorg e quão atento ele é”, eu disse. Ele veio preparado.

O príncipe deu de ombros. Ele pareceu jovem nesse momento. Vinte anos talvez. Não muito mais. “Essa é uma bela espada”, ele disse. “Mostre-a para mim.”

Eu havia enrolado o cabo com couro velho e passado terra por cima. A bainha era mais velha que eu e estava gasta pelo tempo. A espada de meu tio pode ter sido qualquer coisa, mas não estava bela agora. Não até eu a sacar e exibir seu metal. Cogitei lançar meu punhal. O loirinho talvez não enxergasse tão bem com a lâmina do punhal projetada em seu olho. Talvez ele até tivesse um irmão em casa que ficaria satisfeito em ser o novo Príncipe de Arrow e me devesse um favor futuramente. Eu conseguia visualizar aquilo. O belo príncipe com minha adaga em seu rosto e nós correndo pelas encostas.

Não sou dado a “deverias”. Mas eu deveria.

Em vez disso, guardei a faca e saquei a espada de meu tio, uma relíquia da linhagem de sua família, feita com o aço dos Construtores, com a lâmina capturando a luz do dia e refletindo-a de volta com força.

“Ora, ora”, Príncipe Orrin disse novamente. “Uma espada incomum essa que você tem aí, garoto. De quem você a roubou?”

O vento da montanha soprou frio, encontrando cada fenda em minha armadura, e eu me arrepiei, apesar do calor pulsando de Gog às minhas costas. “Por que o Príncipe de Arrow viria até aqui, às Terras Altas de Renar, com apenas cinquenta cavaleiros, eu me pergunto?” Desci do cavalo. Os olhos do príncipe se arregalaram ao ver Gog na sela, seminu e listrado como um tigre.

Eu fiquei de pé sobre uma das pedras maiores ao lado da estrada para mostrar que não iria correr.

“Talvez tais motivos não sejam da conta de uma criança bandida na estrada segurando uma espada roubada”, ele disse ainda irritantemente calmo.

Eu não podia argumentar contra “roubada” então me ofendi com “criança”. “Catorze é idade de homem por estas terras e eu empunho esta espada melhor que qualquer um que a possuiu antes de mim.”

O príncipe riu, suave e espontaneamente. Se houvesse estudado um livro dedicado à arte de me enfurecer ele não se sairia tão bem. O orgulho sempre foi a minha fraqueza e, ocasionalmente, minha força.

“Minhas desculpas então, rapaz.” Vi seu defensor franzir a testa, mesmo por trás da viseira. “Eu viajo para ver as terras que dominarei como imperador, para conhecer as pessoas e as cidades. E para conversar com os nobres, os barões, condes... e até com os reis, que me servirão quando eu me sentar no trono do Império. Prefiro conquistar seus serviços com sabedoria, palavras e auxílio, em vez de com espada e fogo.”

Um discurso bastante pomposo, talvez, mas ele levava jeito com as palavras. Ó, meus irmãos, e a maneira como ele as dizia. Um novo tipo de mágica, isso. Mais sutil que as armadilhas suaves de Sageous – até mesmo aquele bruxo pagão manipulador de sonhos invejaria esse tipo de persuasão. Percebi por que o príncipe havia tirado seu elmo. O feitiço não estava só nas palavras, mas no olhar, na honestidade e na confiança em tudo aquilo, como se cada homem que escutasse fosse digno de sua amizade. Um talento que requeria cautela, talvez até mais potente que o poder que Corion usou para me mandar correndo pelo Império e conduzir meu tio por trás de seu trono.

O cão de caça se sentou e lambeu a baba de suas bistecas. Ele parecia grande o suficiente para engolir um carneiro pequeno.

“E por que eles o escutariam, Príncipe de Arrow?”, eu perguntei. Reconheci certa petulância em minha voz e a odiei.

“Esta Guerra Centenária precisa acabar”, ele disse. “Ela vai acabar. Mas quantos precisam se afogar em sangue antes da paz? Deixe que o trono seja reivindicado. Os nobres podem manter seus castelos, governar suas terras, recolher seu ouro. Nada será perdido; nada acabará a não ser a guerra.”

E lá estava novamente. A mágica. Eu acreditei nele. Mesmo sem ter dito, eu sabia que ele realmente buscava a paz, que ele reinaria com justiça e igualdade, que ele se importava com as pessoas. Ele deixaria os fazendeiros plantarem, os comerciantes venderem e os estudiosos procurarem seus segredos.

“Se lhe oferecessem o trono do Império”, ele disse, olhando somente para mim, “você o aceitaria?”

“Sim.” Embora eu preferisse tomá-lo sem que ele me fosse oferecido.

“Por quê?”, ele perguntou. “Por que você o quer?”

Ele lançou uma luz sobre meus recantos sombrios, esse príncipe de livros de histórias com os olhos calmos. Eu queria vencer. O trono era apenas a prova que demonstrava a vitória. E eu queria vencer porque outros homens disseram que eu não poderia. Eu queria lutar porque a luta estava em mim. Eu dava menos pelas pessoas do que pela pilha de bosta em que rolamos Makin.

“É meu.” Foi toda a resposta que consegui encontrar.

“Ah, é?”, ele perguntou. “É seu, comissário?”

E em um floreio ele mostrou sua mão. E mostrou minha vergonha. Você deveria saber que os homens que lutam na Guerra Centenária, e eles são todos homens, exceto pela Rainha de Vermelho, brotam dos dois lados de uma grande árvore. A linhagem dos comissários, como nossos inimigos nos chamam, traça a linha mais clara até o trono, mas para o Grande Comissário, Honório, que serviu durante cinquenta anos quando a descendência do Império fracassou. E Honório sentava-se *diante* do trono em vez de sentar-se nele. Ainda assim, era um forte direito ser herdeiro do homem que atuou como imperador em tudo, menos no nome, para ocupar

aquele trono do que um fraco pretexto de ser herdeiro do último imperador. Pelo menos é assim que nós comissários vemos. De qualquer modo, eu abriria sozinho um caminho até o trono, mesmo que algum pastor bastardo houvesse me concebido em uma puta de sarjeta – a genealogia pode trabalhar a meu favor ou eu corto a árvore genealógica para fazer um aríete. Qualquer um está bom.

Muitos da linhagem dos comissários são feitos na mesma forma que eu: magros, altos, cabelos e olhos escuros, pensamento rápido. Até nossos inimigos nos chamam de astutos. A linhagem do imperador é confusa, perdida em bibliotecas incendiadas, maculada por loucura e excessos. E muitos da linhagem, ou aqueles que alegam ser dela, são como o Príncipe Orrin: brancos, de braços grossos, às vezes gigantes como Rike, embora agradáveis aos olhos.

"Agora é comissário, é?" Virei o pulso e minha espada dançou. O cão de caça dele se levantou, mordaz, sem um rosnado.

"Guarde-a, Jorg", ele disse. "Eu conheço você. Você tem a aparência dos Ancrath. O galho mais escuro da árvore dos comissários que já cresceu. Vocês ainda estão se matando, pelo que ouvi?"

"É Rei Jorg para você", eu disse, sabendo que soava como uma criança mimada e incapaz de evitar. Algo no temperamento calmo de Orrin, pela luz dele, fazia sombra sobre mim.

"Rei? Ah, sim, por causa de Ancrath e Gelleth", ele disse. "Mas me disseram que seu pai denominou o jovem Príncipe Degran seu herdeiro. Então talvez..." Ele abriu as mãos e sorriu.

O sorriso foi como um tapa na cara. Então meu pai nomeara o novo filho que havia feito com a puta Scorron. E o presenteou com o meu patrimônio. "E você está pensando em dar a ele as Terras Altas também?", perguntei. Mantive o sorriso feroz em meu rosto, embora ele quisesse desaparecer. "Você deveria saber que há cem homens de minha guarda escondidos nas pedras prontos para cravar flechas pelas fendas dessa armadura

extravagante, príncipe." Talvez fosse até verdade. Eu sabia que pelo menos parte da guarda estaria vigiando os cavaleiros.

"Eu diria que está mais para vinte", Príncipe Orrin disse. "Acho que eles não são homens de montanha, são? Você os trouxe de Ancrath, Jorg, quando fugiu? Eles são habilidosos o bastante, mas homens de montanha propriamente ditos seriam mais difíceis de detectar."

Ele sabia demais, esse príncipe. Estava seriamente começando a me irritar. E, como você sabe, ficar com raiva me deixa com raiva.

"Ainda assim", ele continuou, como se eu não estivesse prestes a explodir, como se eu não estivesse prestes a enterrar minha espada inteira através do corpo dele, "eu não vou matá-lo pelo mesmo motivo que você não me matará. Isso substituiria dois reinos fracos por um mais forte. Quando a estrada para o trono do Império – para o meu trono – me trouxer aqui, eu preferiria encontrar você e seus amigos engraçados aterrorizando os camponeses e bebendo do que encontrar seu pai ou o Barão Kennick mantendo a ordem. E espero que, quando eu chegar, você tenha se tornado um rapaz mais sensato, além de mais alto, e abra suas terras para mim como imperador."

Eu saltei da minha pedra e o cão se postou no meu caminho, mais rápido que um raio, ainda sem rosnar, mas com dentes demais à mostra, todos brilhando com baba. Olhei fixamente em seus olhos, o que é um bom jeito de ter seu rosto arrancado a mordidas, mas eu quis ameaçar a besta. Segurando minha espada pelo cabo e pela lâmina, com o lado plano para frente, dei outro passo, com um rosnado surgindo em mim. Eu tive um cachorro uma vez, um bom cão que amei, antes de tais palavras doces serem arrancadas de mim, e eu não tinha o menor desejo de matar este aqui. Mas eu o faria. "Para trás." Mais rosnado do que palavra. Meus olhos nos dele.

E com as orelhas para trás em sua cabeça a besta ganiu e se escondeu entre as pernas dos cavalos. Acho que ele sentiu a morte em mim. Uma

refeição amarga, o coração daquele necromante. Outro passo para longe do mundo. Às vezes parece que eu estou a três passos além da vida de outros homens. Um pelo coração. Outro pelo espinheiro. E talvez o primeiro por aquele cachorro que me recordo em sonhos.

Eu o chamo de meu, mas o cachorro pertencia ao meu irmão William e a mim. Um cão-lobo de alguma espécie, maior que nós dois, um cavalo de batalha para dois jovens cavaleiros. Ele conseguia levar William nas costas, Will só tinha quatro anos, mas se eu subisse também ele nos jogava para fora e mordia minha perna. Nós o chamávamos de Justiça.

"Impressionante", disse Príncipe Orrin, parecendo tudo menos impressionado. "Se você já tiver terminado com meu cachorro nós já vamos. Eu pretendo atravessar a Orlanth pela Passagem Alta ou pela Passagem da Lua Azul, se estiver segura, e fazer uma visita ao Conde Samsar."

"Você irá quando eu disser", eu lhe falei, ainda desejando... alguma coisa. Medo talvez? Talvez apenas um ato de respeito servisse. "E pela rota que eu permitir." Não gostei que ele parecesse saber a situação de minha terra melhor do que eu.

Ele ergueu uma sobrancelha, mantendo um sorriso ao largo e me aborrecendo mais do que um sorriso faria. "E então qual é o seu julgamento sobre este assunto, Rei Jorg?"

Cada fibra minha desejava machucá-lo. Em qualquer outro homem suas palavras soariam presunçosas, arrogantes, mas aqui nesta encosta fria de montanha elas soavam honestas e sinceras. Eu o odiei por ser tão abertamente melhor que eu. Olhei para ele e naquele momento eu soube. Ele tinha pena de mim.

"Cruze espadas comigo, irmão Orrin", eu disse. "Você está certo em pensar em paz. Por que meus pastores de cabras ou seus criadores de porcos devem sofrer em uma guerra para ver qual de nossos traseiros irá polir o trono do Império? Cruze espadas comigo e, se me render, então, no dia em

que você vier reivindicar o Império, eu não me oporei a você. Vamos, saque sua espada. Ou mande seu defensor tentar a sorte, se quiser." Eu acenei para o homem ao lado dele.

"Ah", Orrin disse. "Você não vai querer lutar com ele. Este é meu irmão Egan. Deus o criou para ficar atrás de uma espada. Dá até medo às vezes! E, além disso, vocês dois são parecidos demais. Egan acha que toda essa conversa é um desperdício. Ele mandaria nossos fazendeiros contra seus pastores e inundaria o mundo com sangue, não é mesmo, Egan? Eu tenho um sonho para o Império. Para o meu Império. Um sonho brilhante. Mas temo que todos os sonhos de Egan sejam vermelhos."

Egan grunhiu como se estivesse entediado.

O príncipe desmontou. "Abram caminho e não deixem nenhum homem interferir."

"Esta é..."

"Eu sei, Makin." Eu o cortei. "É uma má ideia."

Makin desceu de seu cavalo e ficou ao meu lado enquanto os homens de Orrin se afastavam. "Ele pode ser bom", ele disse.

"Bom está bem", eu disse. "Eu sou *ótimo*."

"Não vou discutir sobre sua excelência em matar, Jorg", Makin chiou. "Mas isso é luta de espadas e apenas luta de espadas."

"Então terei de jogar o jogo", eu disse. O príncipe não havia perguntado o que exigiria dele quando eu vencesse. Isso deixou um sabor amargo.

Nós nos juntamos, dois dos cem, as linhagens de imperador e comissário juntas para a batalha.

"Nós podemos fazer isso do jeito inteligente, Jorg", Orrin disse. Ele já me conhecia o suficiente para não dizer do jeito fácil. "Apoie-me. O novo imperador precisará de um novo comissário."

Eu cuspi no cascalho.

"Você não sabe o que quer ou por que quer, Jorg", ele disse. "Você não viu nada do Império que quer possuir. Você já foi ao leste, perseguindo o sol

até a muralha de Utter? Você já viu as margens da Afrique *dark*? Já falou com os jarls, que navegam de suas fortalezas nórdicas quando o gelo permite? Se você fosse desovado nos descampados de Arral, todos os quilômetros que percorreu em seus anos itinerantes teriam lhe mostrado apenas pradarias. De navio, Jorg, de navio. Essa é a única maneira de ver o Império. Você ao menos já viu o mar?"

O tordilho soltou um longo e complacente peido, livrando-me de uma resposta. Eu sempre amei esse cavalo.

Nós nos rodeamos. Como muita coisa na vida, uma luta de espadas, especialmente uma luta de espadas longas, é sobre escolher seu momento. Uma investida é um compromisso, muitas vezes um compromisso de vida. Você espera pelas melhores chances e então aposta sua vida na chance oferecida. Contra um homem de armadura você precisa usar seus músculos. Toda a sua força. Para colocar dor suficiente através daquele metal para que ele não se aproveite enquanto você recua para o próximo ataque. Uma estocada pode ser mais provisória. É necessário ser preciso. Encontrar e perfurar aquela fenda na armadura antes que ele encontre e perfure a sua.

Eu balancei a espada, não para atingi-lo, mas apenas para deixar nossas espadas se encontrarem. A espada dele tinha uma aparência esfumada, algo mais escuro misturado ao aço dos Construtores. O choque ecoou severamente pelas encostas. De alguma forma, ele rolou sua espada no instante que elas se encontraram e quase arrancou a minha de minhas mãos. Não gostei nada daquilo. Eu o pressionei, com lances curtos para mantê-lo ocupado, para adormecer suas mãos e fazê-las parar de ser tão traiçoeiras. Era algo como cortar uma coluna de pedra e deixaram as palmas de minhas mãos doloridas, com a dor latejando em meus pulsos.

"Você é melhor do que eu esperava", ele disse.

Então ele veio para cima de mim, estocada, meio giro, estocada. Combinações rápidas demais para pensar.

Nós treinamos para que nossos músculos aprendam. Para que nossos olhos falem com nossos braços e mãos, ignorando o cérebro e a necessidade de se preocupar com decisões e julgamentos. É como aprender as notas de uma música na harpa. Primeiro você pensa nelas, lá, dó, dó, ré... e com o tempo seus dedos aprendem e você esquece as notas.

Meu braço da espada fazia os movimentos sem me consultar.

"Realmente nada mal", ele dizia.

Mas quando você tenta tocar a música mais rápido, e depois mais rápido ainda, e mais rápido, em algum momento seus dedos falham. O que vem em seguida?, eles querem saber. O que vem em seguida?

Uma barra pesada de metal do lado da cabeça é o que vem em seguida, aparentemente. Pelo menos foi isso que o lado plano de sua lâmina me pareceu. Eu disse algo que parecia meio palavrão, meio resmungo, e todo sangue, e então caí como se ele houvesse cortado todos os meus fios.

"Renda-se." Parecia que ele estava chamando do outro lado de um longo túnel.

"Nem fodendo." Mais sangue, possivelmente alguns pedaços de dente.

"Última chance, Jorg", ele disse. A borda de sua espada estava fria contra meu pescoço.

"Ele se rende", disse Makin do outro lado do mesmo túnel. "Ele se rende."

"Nem pelo demônio." A diferença entre céu e chão começou a se reafirmar. Eu me concentrei em um borrão escuro que poderia muito bem ser Orrin.

"Renda-se", ele disse novamente. Calor descendo por meu pescoço onde o sangue escorria do corte superficial.

Eu consegui dar uma risada. "Você já disse que não vai me matar, Príncipe de Arrow. Não é de seu interesse. Então por que devo me render?" Eu cuspi novamente. "Se você algum dia chegar às minhas fronteiras com um exército então eu decidirei o que fazer."

Ele se virou com um olhar de desgosto.

“A Passagem Alta”, eu disse. “Eu lhe dou passe livre para a Passagem Alta e você pode importunar o conde com suas filosofias. Você mereceu isso.” Eu tentei me levantar e fracassei. Makin me ajudou a ficar de pé.

Nós os observamos partir. O irmão, Príncipe Egan, lançou-me um olhar maligno ao passar. Orrin nem virou a cabeça.

Nós os observamos até o último cavalo desaparecer na subida.

“Vamos precisar de um exército maior”, eu disse.



Sir Makin é quase o belo cavaleiro das lendas, com madeixas escuras onduladas, alto, porte de espadachim, os olhos mais escuros, sua armadura sempre polida e a lâmina afiada. Somente a espessura de seus lábios e a delicadeza de seu nariz o afastam do sonho de uma donzela. Sua boca é expressiva demais, sua aparência aquilina demais. Em outras questões Sir Makin também é "quase". Quase honrado, quase honesto. Sobre sua amizade, porém, não há quase.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

7

— QUATRO ANOS ATRÁS —

Nós havíamos cavalgado por duas horas desde que o Príncipe de Arrow partira para a Passagem Alta. Duas horas de um tipo bem diferente de silêncio daquele que havia nos feito companhia na primeira parte de nossa jornada. Eu tinha o tipo de dor de cabeça que faz a decapitação parecer uma boa opção. Qualquer idiota sabia que não precisaria de muito para que eu usasse o pescoço dele como prática.

"Ai."

Bem, nem todos os idiotas.

"Sim, Maical", eu disse. "Ai." Eu o observei com olhos semicerrados, os dentes apertados contra o latejo em minha cabeça. Às vezes não dava para saber que o velho Maical tinha problemas. Nem sempre dava para saber qual peça faltava nele. Em vários momentos ele parecia pronto para tudo, robusto, confiável, até astuto. E aí ela aparecia, aquela fraqueza na boca, o franzir da testa, os olhos vazios.

Maical achara o caminho de volta para a irmandade semanas após nossa vitória nas Terras Altas. Sabe Deus como, mas imagino que até pombos consigam encontrar o caminho de casa somente com uma gota de cérebro dentro de seus crânios minúsculos. Nos meses desde que eu fiz do Assombrado meu lar, ele havia atuado como cavalariço ou assistente de cavalariço, ou coletor de esterco, algo assim. Deixei claro que queria que fosse alimentado e tivesse um lugar para dormir. Afinal, eu havia matado seu irmão. Gemt não gostava muito dele. Batia nele e o mandava fazer as tarefas de ambos na estrada. Mas garantia que Maical comesse e tivesse um lugar onde dormir. "Ele fez um estrago em você, Jorg", Maical disse. Ele parecia estúpido ao falar, com os lábios sempre molhados e reluzentes.

Eu vi Makin estremecer e Algazarra fazer uma aposta com Grumlow.

"Sim, Maical, ele certamente fez."

Eu não me sentira mal por apunhalar Gemt. Nem por um segundo. Mas me magoava pensar em Maical débil demais para me odiar, preso em quaisquer ganchos que agarravam sua mente, enxergando, porém preso. Eu pensei no relógio fazendo *tic tic tic* em meu pulso. Toda aquela inteligência, aquelas rodas dentro de rodas, girando, sendo giradas, os dentes mordendo, e mesmo assim um minúsculo grão de areia, um fio de cabelo no lugar errado e ele pararia, arruinado, inútil. Eu me perguntei o que havia acontecido com Maical lá atrás. O que foi que roubou o juízo dele?

"Diga a Makin para vir até aqui", eu disse.

Maical puxou as rédeas e o tordilho diminuiu. Eu vi a careta de Algazarra. Ele perdeu a aposta.

As montanhas pulsavam de vermelhas a verdes conforme a dor ia da frente para trás, de trás de meus olhos para a base de minha cabeça.

"Às vezes eu acho que você o mantém por perto só para o tordilho ficar feliz", disse Makin. Eu não o havia percebido chegar.

"Quero que você me ensine a usar a espada", eu disse.

"Você sabe como..."

"Achava que sabia", eu disse. "Mas agora vou levar a sério. O que acabou de acontecer..." – pus a mão na cabeça e meus dedos ficaram ensanguentados – "... não acontecerá novamente."

"Bem, pelo menos é um jeito nobre de passar o tempo", ele disse. "Vai ajudá-lo a manter sua vantagem também. Você ao menos balançou uma espada desde que tomamos O Assombrado?"

Eu dei de ombros e me arrependi. Meus dentes fizeram um rangido desagradável ao bater uns nos outros.

"Fiquei sabendo que você vem tentando fazer um bastardo em praticamente todas as serventes do castelo." Ele sorriu.

É bom ser rei.

Exceto quando você leva uma pancada na cabeça com uma espada.

"É uma tentativa de repovoamento", eu disse. "Qualidade e quantidade." Coloquei a mão na cabeça. "Arrrrgh, caralho." Você pode se distanciar de algumas dores, mas uma dor de cabeça se dá exatamente na essência do que somos.

Makin continuou sorrindo. Acho que gostava um bocado de me ver derrubado.

Ele enfiou a mão no alforje, procurou, retirou um embrulho apertado de couro e jogou para mim. Eu quase deixei cair. A visão dupla faz isso.

"Cravo-da-índia", ele disse.

"Estava escondendo essa, Sir Makin." Você poderia trocar um bom cavalo e não obter cravo-da-índia suficiente para encher uma mão. É muito bom para dor. Se exagerar você morre, claro, mas é como flutuar para a morte, carregado por um rio quente. Quase abri o embrulho. "Pegue." Eu o joguei de volta. Ceder às coisas vira um hábito. Transformei a dor na minha cabeça em inimiga e comecei a lutar.

Nós prosseguimos. Ocupei a mente com venenos antigos, trouxe à tona o ódio que nutria pelo Conde de Renar. Eu não tinha muito onde exercê-lo

desde que ele havia passado dessa para uma melhor. A pulsação atrás de meus olhos fez a dor de meu dente quebrado parecer uma picada.

Rike acelerou naquele seu cavalo monstruoso e manteve o passo. Ele me observou por um tempo. Makin pode ter gostado de me ver cair de bunda, mas Rike achou que todos os seus dias de festa vieram de uma vez só.

"Sabe por que o mantive por perto, Rike?", eu perguntei.

"Por quê?"

"Você é como a pior parte de mim." Aquele guincho de esmalte sobre esmalte novamente quando rangi os dentes. "Merda." O dente afrouxou. "Eu não tenho um anjo sobre um ombro e um diabo sobre o outro. Tenho diabo nos dois. Mas é você que é mau. Como eu mesmo seria se perdesse meu charme e minha boa aparência." Percebi que estava balbuciando e tentei sorrir.

"Cai fora, Rike." Makin novamente. Eu não o vira voltar.

"Meu pai estava certo, Makin", eu disse. "Certo em pegar o dinheiro de seu irmão, para William e para mamãe. Ele teria perdido metade de seu exército somente para chegar ao Assombrado."

Makin franziu a testa. Ele pegou o cravo-da-índia outra vez. "Tome."

"Meu pai sabia do sacrifício. Corion também. O caminho no qual ele me pôs. O caminho certo. Eu só não gostava de ser pressionado."

Eu mal conseguia ver Makin, com os olhos entreabertos por causa da pulsação em minha cabeça.

Makin balançou a cabeça. "Alguns crimes exigem uma resposta. Corion tentou tirar isso de você. Eu atravessei três nações para encontrar os homens que mataram minha garota." Ele pareceu preocupado.

"Idiota." Lábios dormentes formaram a palavra.

"Jorg." Makin manteve sua voz baixa. "Você está chorando. Pegue o maldito cravo."

"Vamos precisar de um exército maior." Tudo escureceu e parecia que eu estava caindo. E então atingi o chão.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

8

— QUATRO ANOS ATRÁS —

Acordei em um quarto escurecido. Uma mosca zumbiu. Alguém em algum lugar estava vomitando. A luz se infiltrava por onde a taipa se rachou com o cipó. Mais luz através das venezianas, deformadas em sua moldura. Uma cabana rústica. O som de vômito parou, substituído por soluços abafados. Uma criança.

Eu me sentei. Um cobertor frio deslizou de mim. A palha me pinicou. A dor na minha cabeça havia sumido. Meu dente doía como um desgraçado, mas não era nada comparado ao que sentira na cabeça. Tateei em volta procurando por minha espada e não a encontrei.

Há algo mágico em uma dor de cabeça passada. É uma pena que a alegria diminua e você não agradeça a cada momento de sua vida por não estar tendo uma. Aquela não havia sido uma dor de cabeça comum, claro. O velho Jorgy tem o cérebro machucado. Eu já havia visto isso antes. Quando o irmão Gains caiu do cavalo uma vez e bateu a cabeça ele ficou mais louco

do que Maical durante quase dois dias. “Eu caí do cavalo?” Ele deve ter perguntado aquilo umas mil vezes seguidas. Chorando uma hora. Rindo na outra. Nós somos coisas frágeis, nós homens.

Senti meus pés, ainda um pouco trêmulos. A porta se abriu e a luz veio ofuscante ao redor da silhueta escura de uma mulher. “Eu trouxe sopa”, ela disse.

Eu a peguei e me sentei novamente. “O cheiro está ótimo.” Estava mesmo. Meu estômago roncou.

“Seu amigo Makin, ele trouxe uns coelhos para cozinhar”, ela disse. “A gente não comia carne desde que os porcos foram roubados.”

Eu ergui a tigela até os lábios: não havia colher. Ela saiu quando eu comecei a tomar, queimando minha boca e não me importando muito. Por um bom tempo, apenas tomei a sopa e fiquei observando a poeira dançar nos dedos de luz que entravam pelas frestas. Mordi pedaços de coelho, mastiguei os nervos, engoli a gordura. É bom comer de cabeça vazia.

Afinal, fiquei de pé novamente, agora com mais firmeza. Eu me revistei. Minha velha adaga estava em minha cintura e havia uma protuberância na algibeira em meu cinto que vi serem os cravos de Makin. Mais uma olhada em volta à procura de minha espada e fui em direção à porta. O dia parecia um pouco claro demais e o vento estava frio e cortante com o fedor de coisa velha queimando. Eu me espreguicei e pisquei. Fora a cabana da qual eu havia saído, uma cocheira para animais, ao que parecia, o lugar estava em ruínas. Duas casas com paredes tombadas e vigas enegrecidas, algumas cercas quebradas, currais que pareciam ter sido pisoteados por cavalos pesados. Eu vi a mulher agachada no esqueleto da casa mais próxima, de costas para mim.

A súbita necessidade de mijar bateu forte. Eu me virei contra a cabana, um longo fluxo de ácido quente que parecia não terminar nunca. “Jesus! Será que eu dormi uma semana?”

Um sábio disse uma vez: "Não cague onde você come". Aristóteles, talvez. Na estrada, essa é uma regra a se respeitar. Encontre alívio onde quiser. Siga adiante todo dia e deixe a merda, todas as formas de merda, para trás. No castelo eu tenho uma latrina. O que, na verdade, é um buraco na parede para cagar dentro. Em um castelo, você caga onde come e é preciso pensar um pouco mais em que tipo de merda vale a pena mexer. Isso é o que eu aprendi em três meses sendo rei.

Finalmente terminei. Com certeza foi o equivalente a uma semana.

Eu me sentia melhor. Que bom. Um bocejo rachou meu rosto. A terra era plana ao norte, as Matteracks em uma linha irregular ao sul. Nós havíamos saído das Terras Altas ou quase disso. Eu me alonguei e caminhei até a mulher. "Foram meus homens que fizeram isso?" Eu franzi a testa e olhei em volta outra vez. "Onde diabos estão eles, afinal?"

Ela se virou, com o rosto cansado, assustado em volta dos olhos. "Soldados de Ancrath fizeram isso." Uma criança estava pendurada em seus braços, mole e acinzentada, uma menina de seis anos, talvez sete.

"Ancrath?" Arqueei a sobrancelha. Meus olhos continuavam voltando-se para a garota. "Estamos perto da fronteira?"

"Oito quilômetros", ela disse. "Eles falaram que a gente não podia morar aqui. Que a terra era anexada. Eles começaram a pôr fogo nas casas."

Anexada. Aquilo me trouxe alguma lembrança do fundo da memória. Alguma disputa sobre a fronteira. Os mapas mais antigos diziam que a propriedade de Lorde Nossar chegava até aqui.

Eu sentia o cheiro de vômito agora, azedo no ar da manhã. A garota tinha uma mancha escura de sangue no cabelo.

"Eles mataram seu marido?", perguntei. Eu me surpreendi. Não me importo tanto com essas coisas para desperdiçar palavras com elas. Culpei a batida na cabeça.

"Eles mataram nosso menino", ela disse olhando além das vigas pretas, além de mim, além do céu. "Davie saiu gritando e engasgando, cego da

fumaça. Chegou perto demais de um soldado. Só um golpe rápido, como se estivesse cortando uma trepadeira, e meu menino estava aberto. Suas tripas...” Ela piscou e olhou para a menina. “Ele continuou gritando. Ele não parava. Outro soldado acertou uma flecha em seu pescoço.”

“E seu marido?” Eu não havia perguntado sobre o menino dela. Eu não queria aquela história. E a garota continuava me observando, sem interesse, sem esperança.

“Eu não sei.” Sua voz era cinzenta. Do jeito que fica quando as emoções já se esgotaram. “Ele não foi até Davie, não o segurou, com medo demais que os soldados fossem cortá-lo também.” A garota tossiu, um som molhado. “Agora ela chora o tempo todo ou fica olhando para o chão.”

“E a criança?” Eu amaldiçoei minha cabeça vazia. Era só eu pensar em uma pergunta que ela saía sem querer de mim.

“Doente”, ela disse. “Na barriga. Mas acho que está no sangue dela também. Acho que é do lixo.” Ela puxou a garota para perto. “Está doendo, Janey?”

“Sim.” Um sussurro seco.

“Um pouco ou muito?”

“Muito.” Ainda um sussurro.

Por que fazer tais perguntas se não há nada a ser feito? “Ele fez certo”, eu disse. “Seu marido. Às vezes é preciso se segurar. Esperar a hora certa.” Os espinhos haviam me segurado no momento mais importante, tomaram a decisão por mim. “Ele fez certo.” As palavras que soavam tão verdadeiras antes de eu cair do cavalo pareciam vazias perante a estrutura de sua casa. Uma pancada na cabeça pode arrancar uma dose de bom senso de um homem.

Eu vi cavaleiros do outro lado do prado. Dois homens, três cavalos. Makin e Rike se aproximaram, lentamente.

“Bom ver você de pé, Jorg.” Makin me deu um sorriso. Rike apenas fez uma careta. “Estou vendo que a senhora Sara e o senhor Marten tomaram

conta de você." E isso era Makin, sempre fazendo amigos, lembrando-se de nomes, alegrando as pessoas.

"Sara, não é?", eu disse. Suponho que aquele fosse meu povo, afinal. "E a pequena Janey." Por um momento eu vi outra Jane, esmagada e quebrada debaixo de pedras, com sua luz se apagando. Aquela Jane me disse uma vez que eu precisava de motivos melhores. Motivos melhores se eu quisesse vencer, mas talvez apenas motivos melhores para tudo.

"Leve-a para dentro", eu disse. "Está muito frio aqui." Uma vaga culpa pairou sobre mim por ter mijado em uma das únicas quatro paredes que ainda restavam.

Sara se levantou e carregou a garota para dentro.

"Então você me deixou aqui para morrer, Makin?", perguntei. "Onde estão os outros?"

"Acampados na estrada a um quilômetro daqui." Ele acenou para o norte. "De olho em outros grupos de invasores."

Estranho pensar no velho e alegre Nossar por trás das invasões. Dava um toque amargo em lembranças doces. Eu me lembrava dele em seu salão de festas, com os mapas desbotados espalhados pela mesa, como se debruçava sobre eles. Nossar em sua cadeira de carvalho no forte de Elm, com a barba grisalha e olhos calorosos. Nós brincávamos naquele salão, Will e eu, quando éramos do mesmo tamanho da criança que Sara carregava. Nossar e suas linhas no mapa. Falando rispidamente em "seus rapazes" darem um sumiço nos rapazes de Renar.

"Você está pronto para cavalgar?", Makin perguntou.

"Logo." Eu fui até meu cavalo. "Brath", era assim que o chefe do estábulo o chamava e eu não achei necessário mudar o nome. Era suficientemente robusto, mas nem se comparava a Gerrod, que caiu sob aquela montanha que derrubei em Gelleth. Catei algumas coisas em meus alforjes e acompanhei Sara.

A luz havia me cegado quando saí. A escuridão me cegou quando entrei. A cocheira fedia. Eu não havia percebido quando acordei, mas agora sentia. Vômito velho, suor, bosta de animal. Eu acreditei no Príncipe de Arrow quando ele disse que protegeria o povo e lhe daria paz. Eu acreditei em Jane quando ela disse que eu precisava de motivos melhores para as coisas que eu fazia o destino me dar. Eu acreditei em tudo. Tudo, exceto que aquilo significava algo para mim.

Eu me agachei ao lado da mulher. Já precisei me esforçar para lembrar seu nome. "Então o novo rei não a protegeu?"

"Tem um rei?", ela perguntou sem interesse, querendo que eu saísse.

"Olá, Janey", eu disse, transferindo meu charme para a garota. "Você viu que eu trouxe o maior e mais feio homem do mundo para lhe mostrar?"

Um meio-sorriso se contorceu em seus lábios.

"O que você quer, pequena Janey?", perguntei. Eu não sabia o que estava fazendo, agachado no fedor com camponeses. Talvez apenas quisesse ganhar do Príncipe de Arrow em alguma coisa. Ou talvez fossem os ecos daquela pancada na cabeça. Talvez Maical houvesse levado uma pancada quando bebê e a pancada estivesse ecoando durante sua vida inteira.

"Eu quero Davie." Ela se manteve anormalmente imóvel. Só sua boca se mexia. E seus olhos.

"O que você quer ser? Fazer?" Eu pensei em minha infância. Eu queria ser a morte sobre asas. Eu queria abrir o mundo à força até ele me dar o que era meu.

"Uma princesa", Janey disse. Ela fez uma pausa. "Ou uma sereia."

"Eu conto histórias a ela, senhor", a mãe disse, até agora meio temerosa, arruinada e à beira do desespero. Eu me perguntei o que ela pensava que eu tomaria dela. "Minha avó lia", ela disse. "E minha família guarda as histórias." Ela acariciou o cabelo de Janey. "Eu as conto quando ela tem dor. Para distraí-la. Encher a cabeça dela de bobagem. Ela nem sabe direito o que é sereia."

Eu mordi minha língua. Três pedidos impossíveis em tantos momentos. Eu fora atrás deles pensando em ser o rei. Pensando em minha coroa e meu trono, meus exércitos, ouro e muralhas.

Ela quer seu irmão, ela quer ser uma princesa, ela quer ser uma sereia. E o lixo irá levá-la, gritando, dos braços de sua mãe para uma abertura fria no chão. E todos os cavalos do rei e todos os homens do rei não podem fazer nada a respeito disso.

Então eu a toquei, Janey, apenas um leve toque na testa. Já havia morte suficiente dentro dela e não precisava que eu acrescentasse. Mas eu a toquei, com meus dedos, apenas para senti-la pulsando sob a pele, corroendo a medula de seus ossos. A doença dela chamou a necromancia em mim, estabelecendo um elo. Pude sentir a batida de seu coração palpitar sob a do meu.

"Pronto para cavalgar, Jorg?"

"Sim." Eu me lancei sobre a sela de Brath.

Saímos a passos lentos.

"Sobrou um pouco daquela especiaria, irmão Jorg?", perguntou Makin.

"Devo ter engolido tudo por conta da dor", eu disse, apalpando meu bolso.

Makin revirou os olhos. Ele olhou para trás, na direção da chácara arruinada. "Pelo sangue de Jesus. Havia o bastante para..."

O som distante de pratos o interrompeu. Pratos batendo, engrenagens zumbindo, passos, e a risada de uma criança.

"Deixou alguma coisa para trás, Jorg?", ele perguntou.

"Kent, o Rubro, tinha razão", eu disse. "Estava amaldiçoada. Maligna. Melhor que a dor caia sobre os camponeses, né?"

Nas planícies, o vento pode fazer seus olhos arderem.

Rike puxou suas rédeas e começou a voltar.

"Não volte", eu disse.

E ele não voltou.

O sono custou a vir naquela noite. Meses suaves no Assombrado talvez tenham feito que eu desejasse o conforto de uma cama. O sono foi difícil e os sonhos mais ainda, arrastando-me para baixo.

Eu estava em um quarto escuro, um quarto escuro com o fedor de vômito e animais, e não via nada a não ser o brilho dos olhos dela, os olhos da criança. Só ouvia o *tic tic tic* do relógio em meu pulso e o *arf arf arf* de sua respiração quente, seca e rápida.

Fiquei deitado por muito tempo com o tique e a respiração e o brilho de seus olhos.

Nós nos deitamos e um rio quente nos carregou, com o aroma forte de cravos.

Tique, respiração, tique, respiração, tique, respiração.

E então eu acordei, de repente e com um suspiro.

"Quê?", alguém murmurou. Talvez Kent em seus cobertores.

"Nada", eu disse. O sonho ainda me confundia. "Achei que meu relógio tivesse parado."

Mas não era o relógio.

No crepúsculo cinzento, Makin se levantou ao meu lado, abrindo a boca para bocejar, cuspindo e esfregando suas costas. "Jesus, como estou dolorido." Ele lançou um olhar turvo na minha direção. "Nada que uma pitada de cravo-da-índia não resolvesse."

"A criança morreu ontem à noite", eu disse a ele. "Suavemente, em vez de duramente."

Makin apertou aqueles grossos lábios dele e não falou mais a respeito. Talvez estivesse pensando em sua própria criança perdida anos atrás. Ele nem perguntou como eu sabia.



Os anos parecem nunca pesar sobre o irmão Maical, como se sua inabilidade em contar sua passagem o protegesse dela. Ele observa o mundo por olhos cinzentos e calmos, de peito largo e braços grossos. O irmão Grumlow corta o cabelo de Maical rente, com um rabo atrás, e faz a sua barba, deixando-o com as bochechas limpas e acentuadas. E, se ninguém dissesse que seus pensamentos chacoalham dentro de uma cabeça oca, você poderia pensar que o irmão Maical era um patife tão capaz quanto os que andam entre os irmãos. Em batalha, contudo, suas mãos se tornam espertas e você o acharia são, até o estrondo diminuir, com a queda mortal, e Maical perambular pelos campos, chorando.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

9

— QUATRO ANOS ATRÁS —

As Terras Altas têm planícies, embora poucas, e as que existem são pedregosas e ficam ainda mais quando cultivadas. Em meus três meses como rei eu me ative às montanhas. Somente agora, quando a estrada me levara ao norte até Heimrift, eu descobria as margens de meu reino, onde ele se avizinhava a Ancrath e aos Pântanos de Ken.

Nós nos afastamos da chácara arruinada, dos camponeses, Marten e Sara, cujos nomes eu havia guardado dessa vez, e de sua filha morta, Janey, cuja respiração parou uma noite às vésperas da primavera, antes de cavalgarmos por trinta quilômetros trilha abaixo. Ficamos nas terras de fronteira, onde irmãos de estrada costumam viajar e as oportunidades abundam. Quanto mais para dentro de um reino uma trupe de bandidos consegue se aventurar, sem resistência significativa, mais evidente fica a fraqueza desse reino. Thurtan sempre foi fraco nas beiradas, e os Pântanos de Ken mais

fracos ainda. Ancrath, nós diríamos, era forte. Forte o bastante para quebrar seus dentes.

"Por que paramos?", Makin quis saber.

A estrada bifurcou-se. Um entroncamento sem identificação, uma estrada de terra riscada através de colinas sombrias onde Ancrath se encontrava com os Pântanos de Ken e com as Terras Altas. O vento agitou a grama alta. Qualquer lugar em que três nações se encontrem se desenvolverá bem, dada a oportunidade. O sangue enriquece o solo.

"Há duas opções. Escolha a que não for Ancrath", ele disse.

Eu fechei os olhos. "Você está ouvindo, Makin?"

"O quê?"

"Ouça", eu disse.

"O quê?" Ele levantou a cabeça. "Pássaros?"

"Mais ao fundo."

"Mosquitos?", Makin perguntou, agora com a testa franzida.

"Gog está ouvindo", eu disse. "Não está, rapaz?"

Eu o senti se mexer atrás de mim. "Um sino?"

"O sino de Jessop, até onde a maré do pântano leva os mortos. O som é tão grave que simplesmente atravessa os brejos, quilômetro após quilômetro", eu disse.

Aquele sino havia me chamado de volta para casa uma vez. Aquele sino havia me contado que eu tinha um novo irmão escondendo-se na barriga de uma estranha, sendo montado peça após peça após peça debaixo de vestidos feitos para uma rainha. Debaixo de seda e renda. E agora ele me remetia às palavras do Príncipe de Arrow. Palavras que sua espada quase arrancou de minha cabeça. Que meu irmãozinho havia saído para brincar, e os primeiros brinquedos de berço que meu pai lhe deu foram os direitos à minha herança.

"Vamos por este caminho", eu disse e me virei para o caminho mais difícil.

"O Heimrift é para *lá*", Makin disse. Ele apontou para deixar claro. "Não estou discutindo. Só não quero que ninguém diga que eu não avisei, sabe, quando estivermos todos no chão sangrando até a morte."

Ele *estava* discutindo, a bem da verdade, mas ele tinha razão e eu não o impedi.

Cavalgamos por cerca de uma hora, deixando o azedume dos brejos para trás. A primavera se apressa por Ancrath antes de começar a enfrentar os aclives até as Terras Altas. Nós chegamos às florestas, com folhas nascendo em cada galho, como se um golpe do martelo verde da primavera as fizesse explodir de seus brotos. Eu tirei os irmãos da estrada e nós percorremos trilhas pela mata. Se você não quer encontrar ninguém, pegue o caminho da floresta, especialmente em Ancrath, já que eu roubei a Guarda da Floresta de meu pai.

O calor da primavera, o verde luminoso de novas folhas, a música de tordos e cotovias e a riqueza da floresta inspiravam e lentamente expiravam... Ancrath possui encantos não conhecidos nas Terras Altas de Renar, mas eu havia começado a apreciar a selvageria de meu novo reino, a rocha bruta, os picos inalcançáveis e até o incessante vento vasculhando de leste a oeste.

Grumlow se inclinou e retirou algo do cabelo do jovem Sim. "Carrapato." Ele o estourou entre as unhas. Até o Éden tinha problemas com cobras.

A carroça começou a se prender em arbustos e troncos caídos conforme as trilhas se estreitavam. Os xingamentos de Rike estavam mais frequentes e mais pesados por conta dos galhos que lhe batiam no rosto repetidas vezes.

"Não devia cavalgar tão alto, Pequeno Rikey", eu lhe disse.

Makin apareceu, e atrás dele estavam Kent e Algazarra rindo de alguma piada que ele havia lhes contado. "Vamos começar a caminhar em breve, então?" Ele se abaixou sob folhagens baixas.

Eu parei em um córrego atravessado por uma pequena ponte de pedra que já devia ser velha quando Cristo aprendeu a andar. Eu me lembrei da

ponte, possivelmente o mais longe que havia me aventurado antes de deixar o Castelo Alto para sempre. “Deixaremos os cavalos aqui”, eu disse. “Você pode vigiá-los, Grumlow, por ser o homem com a visão aguçada hoje.”

E não era só aquilo que era afiado em Grumlow. Aquele bigode podia fazê-lo parecer idiota, mas ele sabia lidar com punhais e tinha um grande número deles escondido consigo.

Pensei em deixar Gog e Gorgoth. Principalmente Gorgoth, porque não se podia levá-lo despercebido. Quando eu o levei até O Assombrado, após sentar meu traseiro no trono por um ou dois dias, ele causou um grande alvoroço. Mesmo manco, das flechadas que havia levado por mim segurando aquele portão aberto, ele parecia um monstro a ser enfrentado. Mandei Coddin levá-lo através do pátio oeste em dia de feira. Parecia que alguém tinha derrubado um ninho de vespas de tanto tumulto. Uma velha gritou, apertou o peito e caiu para trás. Aquilo me fez rir. E quando me contaram que ela nunca mais se levantou... bem, aquilo também pareceu engraçado na época. Talvez eu esteja ficando velho demais, porque isso não me deixa mais tão alegre. Mas, verdade seja dita, ela caiu de um jeito engraçado.

No fim, acabei levando os dois. Gorgoth é do tipo que você precisa em uma situação difícil e Gog – bem, ele torna a tarefa de acender a fogueira do acampamento menos árdua.

Fazer o caminho pela floresta sem que as pessoas o vejam não é tão difícil, se você conhecer o caminho e não considerar os carvoeiros como pessoas. Eles são uma raça solitária e não costumam fofocar. Então Rike não precisou matá-los.

E assim nós nos locomovemos até Ancrath com bastante facilidade, pelas trilhas dos cervos. Até reinos fortes têm suas fraquezas.

“Não devia ser tão fácil assim”, disse Makin. “Não era, na minha época. Duvido que Coddin e seus camaradas deixariam bandidos vagarem tão

despreocupadamente." Ele balançou a cabeça, embora parecesse uma reclamação estranha.

"O exército de seu pai enfraqueceu?", Gorgoth perguntou destruindo a vegetação conforme andava.

Eu dei de ombros. "Metade de suas forças está no pântano ou aquartelada nas cidades pantaneiras. Os mortos continuam a aparecer na lama ultimamente. Há outros tendo problemas parecidos. Um comerciante me contou na corte que as Ilhas Submersas se submeteram ao Rei Morto. Todas elas. Entregues aos homens-cadáveres, espíritos do pântano, necromantes."

Makin fez o sinal da cruz em seu peito e apertou o passo.

Nós viajamos leves, encontrando bom abrigo na floresta e boa comida. O jovem Sim levava jeito para achar coelhos e eu conseguia derrubar um esquilo aqui ou um pombo ali com uma boa pedra. Os bichos ficam fáceis na primavera, cheios do novo calor, ocupados demais com as novas possibilidades, sem prestar muita atenção a pedras voando das sombras em sua direção.

Ancrath lança um feitiço sobre você e mais ainda na floresta, onde o dia escorre como mel e o sol se põe dourado em meio a poças de sombra. Nós andamos em fila indiana ao som dos tordos e dos pardais e com o aroma de espinheiro-alvar e cebola selvagem. O dia me fez sonhar conforme andava e meu olfato me levou de volta através dos anos à lembrança de William. Houve uma noite em que meu irmão estava doente, minha mãe chorava e os cavaleiros não viravam os rostos sérios para mim. Eu me lembrei das orações que sussurrei na capela escura, quando todos os homens santos estavam na cama, e das promessas que fiz. Nada de ameaças naquela época. Eu mal negociava com o Todo-Poderoso naqueles tempos. E quando voltei para nossos aposentos eu me deitei ao lado de William e segurei sua cabeça. O frei havia lhe dado poções amargas e feito um corte em sua perna para soltar o sangue ruim. Minha mãe havia passado uma pomada de mel e cebola no peito dele. Pelo menos aquilo pareceu facilitar um pouco sua

respiração. Nós ficamos deitados com os sons da noite, o chiado seco de William, nosso cachorro Justiça roncando perto da porta, o estalo das agulhas da criada no corredor e o barulho dos morcegos, quase altos demais para se ouvir, conforme voavam ao redor do Castelo Alto na escuridão sem luar.

"Dou uma moeda para saber o que está pensando", Makin disse.

Levantei a cabeça assustado, quase tropeçando. "Meus pensamentos valem menos que isso hoje." Eu havia sido uma criança tola.

Às vezes, eu gostaria de cortar velhas memórias e deixar que o vento as levasse. Se uma faca afiada pudesse dar cabo da fraqueza daqueles tempos eu cortaria até que somente as duras lições permanecessem.

Continuamos nosso caminho sem problemas até a floresta acabar. A terra ao redor do Castelo Alto é livre de árvores e dedicada ao cultivo para alimentar o rei e para que ele possa ver seus inimigos se aproximarem.

Eu me recostei no tronco de uma enorme faia, uma das últimas grandes árvores antes de a mata ceder lugar a um campo de quase um hectare de terra arada com pontos verdes que podiam ser qualquer coisa, de cenouras a couves, até onde eu sabia. Mais campos à esquerda e à direita, e outros à frente. Um espantalho solitário nos observava.

"Vou continuar sozinho", eu disse. Comecei a desafivelar minha couraça.

"Para onde?", Makin perguntou. "Você não pode entrar lá, Jorg. Ninguém pode. E a troco de quê? O que você vai ganhar com isso?"

"Um homem tem o direito de visitar sua família de vez em quando, irmão Makin", eu disse.

Retirei as braceleiras, minha couraça e finalmente o gorjal. Gosto de ter ferro em volta do pescoço, já o protegeu de ser cortado uma ou duas vezes, mas a armadura não me salvaria aonde eu estava indo.

Retirei também a bainha de meu cinto. "Kent, tome conta disso para mim." Os olhos dele se arregalaram, quase como se não soubesse que é

assim que um líder segura seus soldados – com confiança.

"Uma espada como esta... Sir Makin..."

"Eu a dei a você." Eu o interrompi.

"Você precisa de uma espada, Jorg", Maical disse, os olhos confusos. Atrás dele, o jovem Sim me observava sem comentar, desembrulhando sua harpa. Ele pelo menos sabia que era melhor sossegar e esperar.

Eu escondi minha velha faca na mão, um truque que aprendi com Grumlow. "Isto serve para o que eu tenho em mente, irmão Maical."

"Deem-me dois dias", eu lhes disse. "Se eu não voltar até lá, mandem Rike tomar o castelo à força."

E, com uma reverência, eu os deixei observando as cenouras crescerem. Ou as couves.

Percorri o caminho às margens da floresta em direção à estrada de Roma. Eles dizem que você pode pôr o pé nessa estrada e só parar quando chegar à porta do papa. Eu pretendia andar na direção contrária.

Há um cemitério perto da estrada de Roma, a maior parte devorada pela floresta, quase esquecido. Eu caçava nele quando criança, os mausoléus destruídos cobertos de hera, sufocados por musgo, rachados pelas árvores. O cemitério se estende escondido, hectare após hectare – uma necrópole perdida. Eles o chamam de Perechaise em livros empoeirados. As legendas não significam nada para mim. *Adorado, 1845. Saudoso, 1710. Meu coração jaz aqui, 1908*. Quase ilegíveis. Faz tanto tempo que até o calendário deles perde o sentido.

As pedras são assentadas com uma resina transparente, mais resistente que o vidro, que as protege com uma crosta da espessura de um fio de cabelo. Levou anos até que eu percebesse. A deterioração que elas sofreram aconteceu em um tempo muito distante. Agora nem uma porrada de martelo pode estragá-las. Os Construtores davam muito valor a essas placas e as protegiam dos séculos.

Eu prossegui por lápides tombadas perto da estrada onde uma parte permanece desobstruída. Boa parte foi roubada. Há uma cabana de camponeses, um pouco a oeste, feita inteiramente com lápides, placas envelhecidas de granito com legendas apagadas que lembravam os mortos para homens do campo analfabetos. Uma casa construída com histórias, para abrigar um homem que não sabe ler.

Eu a encontrei à beira da estrada, com o cabelo rosa de flores caídas. O ciclo das estações desgastou a definição de seus traços. Mas a beleza permanece, a saliência de suas bochechas, a graça dos braços longos, o leve inchaço do peito de uma criança, as sardas de líquen. Ela não precisa de runas profundamente entalhadas para explicitar sua vida. Aqui eu enterrei minha criança. Uma mensagem que não requer leitura. Ela morreu no inverno de um ano perdido, a filha de um rico homem que daria toda a sua riqueza, e mais, para comprá-la até a primavera.

A primeira vez que a vi era outono, há muito tempo, quando as folhas caíam tão fortes que esconderam o cão de pedra que ela persegue. Enquanto a observava, outros viajantes passavam apressados na estrada, empurrando-se contra o vento de garras afiadas. Alguns paravam para ver o que ela perseguia, abraçando a si mesmos, fechando os olhos contra a chuva. Eles seguiam em frente. Eu ficava. Talvez se perguntassem o que *eles* perseguiam.

Ela está atrás de seu cachorro. Um pequeno terrier, lembrado em pedra, perdido naquele outono em uma corrente de ocre molhado. Uma perseguição de séculos que viu a morte de todos que se importavam, o fim de cada alma que sabia o nome daquele terrier. Uma perseguição que viu parar cada mão que tocara esta criança, a perda de cada vida que compartilhou de seu mundo.

Voltei novamente com a neve do primeiro dia de inverno para ver minha estátua da menina. Meu primeiro amor, talvez. Observei a neve cair, minúsculos cristais, quase tão perfeitos que poderiam ressoar contra o

chão. A luz caiu cedo e uma brutalidade infectou o vento, rodopiando a neve em riachos leitosos pela estrada de Roma, com o gelo chiando sobre a pedra. Uma geada chegou e desenhou rendilhados prateados em seu vestido, e somente eu vi.

As estações mudam e cá estou outra vez, e ela ainda aguarda a primavera.

Eles enterraram grandes senhores e grandes damas aqui. Poetas e bardos. Agora é um local de cadáveres de serviçais. É suficientemente perto do Castelo Alto para que damas sentimentais visitem suas amas de leite e longe o bastante para que seja conveniente. Eles enterram velhos criados, às vezes até cães fiéis, em volta de minha menina, que aguarda a primavera. Senhoras da corte, de coração mole, vêm com seus brinquedos perfumados que pararam de latir.

E uma vez um menino de seis anos, molhado e quase congelado, arrastando algo que pode ter sido um lobo.

"Olá, Jorg."

Eu me virei e por entre as velhas tumbas passou Katherine, com o sol fazendo mágica em seus cabelos.



TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

10

— QUATRO ANOS ATRÁS —

Olá, Jorg. *Aquilo foi tudo que ela me disse? Katherine, ali na Floresta Rennat, entre as lápides.* Olá, Jorg*?*

Estou tentando acordar de alguma coisa. Talvez eu sempre estivesse tentando. Estou me afogando em confusão, em algum lugar alto acima de mim a luz dança em uma superfície e acima disso o ar está esperando. Esperando que eu tome fôlego.

Eu mal conheço Katherine, mas eu a desejo, com uma ferocidade irracional. Como uma doença, como a necessidade de água. Como Páris por Helena, eu estou abatido por uma vontade irresistível.

Analiso de memória a luz em seu rosto, sob as lâmpadas do Castelo Alto, sob as árvores do cemitério. Invejo aqueles fragmentos da luz do sol, deslizando sobre seus cabelos, movendo-se sem oposição pela extensão de seu corpo, pelas maçãs de seu rosto. Lembro de tudo. Eu me recordo do

ritmo de sua respiração. No calor da cozinha de Drane eu me lembro da única gota de suor escorrendo lentamente, descendo por seu pescoço, ao longo do tendão, sobre a garganta. Já matei homens e os esqueci. Esqueci-me do ato de tirar uma vida. Mas aquela gota de suor é um diamante aos olhos de minha mente.

"Olá, Jorg." E minhas palavras inteligentes fogem de mim. Ela me faz sentir todos os meus catorze verões, mais menino que homem.

Eu a desejo além da razão. Preciso possuir, consumir, adorar, devorar. O que eu criei em minha cabeça não pode existir na realidade. Ela é apenas uma pessoa, apenas uma garota, mas ela está à porta de um velho mundo, e embora eu não possa voltar... ela pode atravessá-la e talvez trazer consigo um perfume daquilo, um gosto daquele calor perdido.

Esses sentimentos são ardentes demais para durar. Eles podem apenas queimar, transformando-se em cinza e carvão.

Eu a vejo em sonhos. Eu a vejo contra as montanhas. Alta, fria como a neve, pura como a neve, inalcançável. Eu escalo e, no cume vazio, digo seu nome ao vento, mas o vento leva minhas palavras. Ele me leva também. Caindo pelo vazio.

"Olá, Jorg."

Minha carne formiga. Esfrego minha bochecha e meus dedos saem ensanguentados, cortados. Cada parte de mim arde com picadas de alfinetes e agulhas. Alfinetes reais, agulhas reais. Eu grito e, como os botões no galho, cada picada estoura, centenas de espinhos correndo em minha pele, crescendo a partir do osso. Há animais empalados, espetados como exposições sobre a mesa de um guarda-caça. Rato, arminho, furão, raposa, cachorro... bebê. Sem vida e observando.

Grito novamente e giro na escuridão. Uma noite com apenas um sussurro para lhe dar forma. Um canto sussurrado, ficando mais alto.

Topologia, tautologia, torção, tortura, tanto, tenso, teso, tirado, tirando... tirando... tirar... o que ele está tentando tirar?

Alguém apalpando meu braço, os dedos estúpidos demais para a lingueta do relógio. Um movimento rápido e eu peguei o pulso dele, impossivelmente grosso, forte. Enterrei o dedão no ponto de pressão necessário. Lundist me mostrara em um livro.

"Arrgh!" A voz de Rike. "Pax!"

Eu me sentei, alerta, quebrando a superfície, tomando aquele fôlego tão esperado e espantando a escuridão de minha mente. Topologia, tautologia, torção... teias sem sentido de palavras caindo de mim.

"Rike!" Lá estava ele, agachado sobre mim, tapando o sol muito forte.

Ele deu uma risada e se sentou. "Pax."

Pax. Gíria da estrada. *Paz, está na minha natureza*. Uma desculpa para qualquer crime em que você é pego no meio. Às vezes, acho que devia usar a palavra na testa. "Em que parte do inferno nós estamos?", perguntei. Uma sensação vazia passou por mim, saindo de minha barriga e atrás dos olhos.

"Inferno é a palavra." Kent, o Rubro, se aproximou.

Levantei a mão. Areia por toda a parte. Areia em todos os lugares, de fato. "Um deserto?"

Duas unhas da minha mão direita haviam sido arrancadas. Desapareceram. Começou a doer. Minhas outras unhas estavam rachadas e quebradas. Eu tinha hematomas no corpo todo.

Gog saiu de trás de um arbusto, devagar, como se pensasse que eu fosse morder.

"Eu..." Pressionei minha mão no lado da cabeça, com a areia áspera contra a pele. "Eu estava com Katherine..."

"E depois?" A voz de Makin, do fundo.

"Eu..." Nada. E depois nada. Como se o pequeno Jorgy estivesse muito pleno com o calor da primavera e suas possibilidades, e então uma pedra surgisse das sombras e o derrubasse do galho.

Eu me lembro dos espinhos. A coceira e as pontadas deles permaneceram comigo. Ergui os braços. Sem feridas, mas a pele estava vermelha e

sarnenta. Na verdade, Kent também estava vermelho, como seu nome sugere. Eu me virei para encontrar Makin, também com sarnas, guiando seu cavalo. A fera parecia pior do que ele, com fios de muco em torno da boca, com bolhas na língua.

"Este não é um bom lugar para estarmos, acho." Fui pegar minha faca e ela havia sumido. "O que estamos fazendo aqui?"

"Nós viemos ver um homem chamado Luntar", disse Makin. "Um alquimista de Utter Oriental. Ele mora aqui."

"E aqui é...?"

"Thar."

Eu conhecia o nome. No mapa, aquela palavra ficava à beira das pradarias de Thurtan. Havia uma marca de queimado no mapa obscurecendo o que o nome indicava. Mas talvez a queimadura não fosse um acidente.

"Terra envenenada", Makin disse. "Alguns dizem que é prometida."

Um Sol dos Construtores havia queimado aqui, muitos séculos atrás. A promessa era que um dia a terra seria segura novamente. Enfiei os dedos de volta na areia. Não os que estavam sem unhas. Eu podia tocar a morte ali. Podia esfregá-la entre a ponta do dedo e o dedão. Quente. Morte e fogo juntos.

"Ele mora aqui?", perguntei. "Ele não queima?"

Makin deu de ombros. "Sim", respondeu. "Ele queima." É preciso muito para Makin estremecer.

A sensação de vazio me corroía, engolindo as perguntas que eu mais queria fazer.

"E o que nós queríamos com esse mago do leste?", perguntei,

Makin mostrou o que ele estava segurando todo o tempo. "Isto."

Uma caixa. Uma caixa de cobre, com um espinho estampado, sem trinco ou trava. Uma caixa de cobre. Não era grande o suficiente para caber uma cabeça. O punho de uma criança caberia.

"O que tem na caixa?" Eu não queria saber.

Makin balançou a cabeça. “Havia uma loucura em você, Jorg. Quando você voltou.”

“O que tem nela?”

“Luntar pôs a loucura aqui.” Makin enfiou a caixa de volta em seu alforje. “Ela estava matando você.”

“Ele pôs minha memória nessa caixa?”, perguntei incrédulo. “Você o deixou tirar minha memória!”

“Você o implorou para fazê-lo, Jorg.” Makin não olhava para mim. Rike, por outro lado, não conseguia parar de olhar.

“Dê-me essa caixa.” Eu teria pegado, mas minha mão não quis.

“Ele me disse para não dar,” Makin respondeu infeliz. “Ele me disse para fazê-lo esperar durante um dia. Se você ainda a quisesse após isso, poderia pegá-la.” Makin mordeu o lábio. Ele o mastigou bastante. “Confie em mim, Jorg, você não quer voltar ao jeito que estava.”

Dei de ombros. “Amanhã, então.” Porque a confiança é a forma de um líder segurar seus homens. E porque minhas mãos não queriam aquela caixa. Elas preferiam queimar. “Agora, onde está a porra da minha faca?”

Makin apenas olhava para o horizonte. “Melhor esquecer.”

Nós prosseguimos, conduzindo os cavalos, todos reunidos. Fomos para o leste e, quando o vento soprava, a areia ardia na pele como urtiga. Apenas Gog e Gorgoth pareciam não se afetar.

Gog ficou afastado, como se não quisesse estar perto de mim. “É tudo assim?”, perguntei, só para fazê-lo olhar para mim. “Até onde Luntar vive?”

Ele balançou a cabeça. “A areia vira vidro ao redor de sua cabana. Vidro negro. Corta os pés.”

Nós andamos mais. Rike marchava ao meu lado, lançando um olhar vez ou outra. Algo havia mudado na maneira como ele olhava para mim. Como se fôssemos iguais agora.

Mantive a cabeça baixa e tentei me lembrar. Cutuquei o buraco em minha mente. “Olá, Jorg”, ela dissera.

Memória é tudo que nós somos. Momentos e sentimentos, capturados em âmbar, amarrados em filamentos de razão. Tire a memória de um homem e tomará tudo dele. Desbaste uma lembrança de cada vez e você o destruirá tão certamente como se martelasse prego após prego em seu crânio. Eu reaveria o que era meu. Eu abriria a caixa.

“Olá, Jorg”, ela dissera. Nós estávamos perto da estátua da garota e seu cachorro, em sua sepultura, onde mulheres sentimentais e crianças tolas enterram seus bichos.

Nada.

Aprendi há muito tempo que, se não conseguir o que deseja entrando pela porta da frente, você deve encontrar um caminho por trás. Conheço uma entrada traseira para aquele cemitério. Não por um caminho que eu quisesse trilhar, mas eu o faria assim mesmo.

Quando eu era muito jovem, seis anos talvez, um duque visitou meu pai, um homem do norte, com cabelos loiros, bem claros, e uma barba até o peito. Alaric de Maladon. O duque levou um presente para minha mãe, uma maravilha do velho mundo. Algo brilhante e se movendo, rodopiando dentro de um vidro, a princípio perdido na enormidade da mão do duque e em seguida nas dobras do vestido de mamãe.

Eu queria aquela coisa, vista pela metade e não compreendida. Mas tais presentes não eram para minúsculos príncipes. Meu pai o tomou e o pôs na tesouraria para pegar poeira. Aprendi tudo isso ouvindo silenciosamente.

O tesouro no Castelo Alto fica atrás de uma porta de ferro com três trancas. Não uma porta feita pelos Construtores, e sim trabalho dos turcomanos, de ferro preto com uma centena de tachas. Quando se tem seis anos, a maioria das portas trancadas representa um problema. Aquela representava vários.

De todas as lembranças, a primeira que tenho é a de me inclinar de um parapeito alto na direção da ventania, com a chuva chicoteando enquanto eu ria. A segunda é de mãos me puxando para trás.

Se você for determinado, se você puser algo na sua cabeça, nunca haverá mãos suficientes para puxá-lo de volta. Quando fiz seis anos eu já conhecia o lado de fora do Castelo Alto tão bem quanto conhecia o lado de dentro. Os Construtores deixaram pouco para um escalador usar, mas séculos de ajustes por parte dos Ancrath, ou da Casa de Or antes de nós, haviam criado vários pontos de apoio para os pés, pelo menos suficientemente profundos para uma criança.

Há uma única janela alta no tesouro real, colocada em uma parede plana trinta metros acima do solo, estreita demais para um homem e bloqueada por uma floresta de barras tão próximas que uma cobra teria que se contorcer para passar. Do lado oposto do castelo, perto da sala do trono, há um buraco que leva à cabeça da gárgula do lado de fora da parede. Se a porta do tesouro se abrir, a corrente de ar pelo castelo faz a gárgula falar. Em um dia sem vento ela geme e quando o vento está forte ela uiva. Ela também fala se o vento estiver forte no leste e uma janela específica dos depósitos da cozinha ficar destrancada. Quando isso acontece é uma confusão e alguém é açoitado com corda e arame. Sem a janela alta do tesouro a gárgula não falaria e o rei nunca saberia quando a porta que guardava seus tesouros estava aberta.

Saí da minha cama certa noite sem lua. William continuou dormindo em sua pequena cama. Ninguém me viu sair, só o Justiça, nosso cachorro. Ele soltou um lamento de reprovação e em seguida tentou ir atrás de mim. Eu o xinguei para que ficasse em silêncio e fechei a porta em cima dele.

Aquelas barras parecem fortes, mas como tantas coisas de que dependemos na vida elas estão completamente podres por dentro. A ferrugem as corroeu. Até as que ainda têm aço em seu interior se curvam com determinada força. Uma noite, quando minha ama estava dormindo e

três guardas de plantão discutiam a propriedade de uma moeda de prata encontrada nos degraus durante a mudança de turno, desci por uma corda com nós e pus os pés em meio às riquezas de meu pai. Limpei a ferrugem de minha túnica, sacudi grandes flocos de meu cabelo e coloquei minha lanterna, agora descoberta, no chão.

A pilhagem de Ancrath, roubada de quase todas as esquinas do Império, ficava em prateleiras de pedra, derramada de cofres, jogada em montes descuidados. Armaduras, espadas, moedas de ouro em tonéis de madeira, mecanismos que pareciam partes de insetos, brilhando à luz da lanterna e contaminando o ar com cheiros estranhos, quase cítricos, quase metálicos. Encontrei meu prêmio ao lado de um capacete cheio de engrenagens e cinzas.

O presente do duque não decepcionou. Por baixo de uma cúpula de vidro que não era vidro, vedada por um disco de marfim que não era marfim, estava uma minúscula cena, uma igreja em miniatura, com minúsculas casas em volta, e uma pessoa aqui, outra ali. E quando eu a segurava contra a luz e virava seu peso surpreendente para lá e para cá, para ver os detalhes, surgia uma nevasca, rodopiando do chão para cima até que o turbilhão de flocos obliterasse a visão, deixando apenas uma tempestade. Pus o globo de neve de volta, preocupado por um instante que, de alguma maneira, eu o tivesse quebrado. E – o maior dos milagres – a neve começou a se assentar.

Não há mágica naquilo agora. Eu sei que o grupo certo de artesãos podia fazer algo semelhante em poucas semanas. Eles usariam vidro e marfim, e eu não sei o que a neve seria, mas em termos de maravilhas antigas não há muito encantamento em tais coisas se você já passou dos seis anos. Mas naquela época era uma mágica do melhor tipo. Mágica roubada.

Eu agitei o globo de neve outra vez e de novo a abrangente nevasca apareceu – caos, seguido de calmaria, de neve caindo, e um retorno ao mundo de antes. Eu o balancei novamente. Parecia errado. Toda aquela

tempestade e fúria significando nada. O mundo inteiro sublevado – e para quê? O mesmo homem se arrastava para a mesma igreja, a mesma mulher esperava diante da mesma porta da casinha. Eu segurava um mundo em minha mão e, não importava o modo com que eu o agitasse, a maneira com que os pedaços caíssem, em quaisquer novos padrões nada mudava. O homem nunca chegaria à igreja.

Mesmo aos seis anos eu sabia da Guerra Centenária. Eu fazia soldados de madeira marcharem sobre os mapas de meu pai. Vi as tropas voltando pelo Portão Alto, ensanguentadas e desfalcadas, as mulheres chorando pelas sombras enquanto outras se atiravam a seus homens. Eu lia as histórias de batalha, de avanço e recuo, de vitória e derrota, em livros que não me permitiriam abrir caso meu pai me conhecesse. Eu entendia tudo isso e sabia que tinha o mundo inteiro em minha mão direita. Não uma terra de brincadeira, uma igreja de brinquedo e homenzinhos feitos por anciãos. *Meu mundo inteiro*. E não havia agito que o mudasse. Nós nos viraríamos uns contra os outros, batalharíamos, mataríamos e cairíamos, e sossegaríamos e, conforme a neblina se dissipasse, a guerra ainda estaria lá, inalterada, esperando, por mim, por meu irmão, por minha mãe.

Quando um jogo não pode ser vencido, mude o jogo. Eu li isso no livro de Kirk. Sem pensar, ergui o globo de neve acima da minha cabeça e o espatifei no chão. Dos fragmentos molhados eu peguei o homem, menor que um grão de trigo, entre o polegar e o indicador.

"Você está livre agora", eu disse e o atirei a um canto para encontrar seu próprio caminho para casa, porque eu não tinha *todas* as respostas, nem naquela época nem agora.

Saí do tesouro levando nada, quase derrotado pela escalada de volta. Estava cansado, porém contente. O que eu havia feito parecia tão certo que de algum modo achei que os outros também veriam isso e que meu crime não me acompanharia. Com os braços doloridos e coberto de ferrugem e arranhões, eu me arrastei de volta sobre o parapeito.

“O que é isso agora?” Uma grande mão me pegou pelo pescoço e me levantou do chão. Parece que os guardas haviam brigado menos a respeito da minha moeda do que eu esperava.

Não demorou muito até eu estar na sala do trono de meu pai com um pajem sonolento acendendo tochas. Nada de óleo de baleia em luminárias de prata para os assuntos daquela noite, apenas tochas de piche crepitando, pintando mais fumaça no teto preto. Sir Reilly segurou meu ombro, com sua manopla pesada demais me apertando. Nós aguardamos na sala vazia e observamos as sombras dançarem. O pajem saiu.

“Sinto muito”, eu disse. Embora não sentisse.

Sir Reilly estava sério. “Eu também sinto, Jorg.”

“Não vou fazer de novo”, eu disse. Mas faria.

“Eu sei”, Sir Reilly disse, quase afetuoso. “Mas agora nós precisamos esperar por seu pai e ele não é um homem gentil.”

Pareceu termos esperado metade da noite. Quando as portas se abriram com um estrondo, eu dei um salto, apesar das promessas que havia feito para mim mesmo.

Meu pai, em seu manto púrpura e com a coroa de ferro, sem o menor sinal de sono, caminhou sozinho até o trono. Ele se sentou e abriu as mãos sobre os braços da cadeira.

“Eu quero Justiça”, ele disse. Alto o suficiente para uma corte inteira, embora Reilly e eu fôssemos sua única plateia.

Mais uma vez. “Eu quero Justiça.” Os olhos na direção das grandes portas.

“Eu sinto muito.” E dessa vez eu sentia mesmo. “Eu posso pagar...”

“Justiça!” Ele nem olhou para mim.

As portas se abriram novamente e, em um desses carrinhos usados para levar prisioneiros da masmorra, veio meu cachorro, meu e de Will, acorrentado em cada perna e empurrado por um criado de rosto suave chamado Polegada, um homem de braços largos que uma vez me deu um doce em dia de festa.

Comecei a me aproximar, mas a mão de Reilly me segurou onde eu estava.

Justiça tremia no carrinho, de olhos arregalados, tremendo tanto que mal conseguia ficar de pé, embora ele tivesse quatro pernas. Ele parecia molhado e quando Polegada o empurrou mais para perto eu senti o fedor de óleo de pedra, do tipo que colocam nas lâmpadas dos criados. Polegada procurou algo dentro do carrinho e tirou uma marreta feia e grande, usada para quebrar carvão em pedaços menores para a fogueira.

"Vá", meu pai disse.

A expressão nos olhos suaves de Polegada dizia que preferia ficar, mas ele colocou a marreta no chão e saiu sem protestar.

"Há lições a serem aprendidas hoje", meu pai disse.

"Você já se queimou, Jorg?", meu pai perguntou.

Já. Uma vez peguei um atiçador que fora deixado com uma ponta no fogo. A dor tirou meu fôlego. Eu não conseguia gritar. Só depois que as bolhas começaram a crescer eu consegui emitir algum som além do chiado, e quando consegui eu gritei tão alto que minha mãe veio correndo de sua torre, chegando junto com as empregadas e a ama do aposento vizinho. Minha mão ardeu durante uma semana, exsudando, mandando explosões de uma dor horrível pelo braço ao menor movimento de meus dedos. A pele caiu e a carne por baixo ficou ferida e úmida, doendo até pela respiração.

"Você tirou algo de mim, Jorg", meu pai disse. "Você roubou o que era meu."

Sabia que não devia dizer que era de mamãe.

"Eu reparei que você ama este cachorro", meu pai disse.

Desconfiei daquilo, mesmo com medo. Achava mais provável alguém ter lhe contado.

"Isso é uma fraqueza, Jorg", meu pai disse. "Amar qualquer coisa é uma fraqueza. Amar um cão é burrice."

Eu não disse nada.

"Devo queimar o cão?" Meu pai pegou a tocha mais próxima.

"Não!" Um grito horrorizado saiu de mim.

Ele se recostou. "Está vendo como este cão o tornou fraco?" Ele olhou para Sir Reilly. "Como ele irá governar Ancrath se não consegue governar a si próprio?"

"Não queime ele." Minha voz tremeu, implorando, mas de certo modo também era uma ameaça, mesmo que nenhum de nós a tenha reconhecido.

"Por acaso há outra maneira?", meu pai disse. "Um meio-termo." Ele olhou para a marreta.

Eu não entendia. Eu não queria entender.

"Quebre a pata do cachorro", ele disse. "Uma pancada rápida e Justiça terá sido feita."

"Não", engoli, quase engasgando. "Eu não posso."

Papai deu de ombros e se inclinou em seu trono, alcançando a tocha outra vez.

Eu me lembrei da dor que o atiçador havia marcado em mim. O pavor me pegou e eu sabia que podia deixá-lo me levar à histeria, chorando, enfurecido, e eu podia ficar lá até que o ato fosse concretizado. Eu podia correr e me esconder aos prantos e deixar Justiça para ser queimado.

Peguei a marreta diante da mão de meu pai, fechada em torno da tocha. Tive que me esforçar só para erguê-la, pesada de várias maneiras. Justiça apenas tremia e me observava, choramingando, com o rabo entre as pernas, sem compreensão, apenas medo.

"Bata com força", ele disse. "Ou terá que bater de novo."

Olhei para a perna de Justiça, sua perna fina e rápida, o pelo lambuzado de óleo sobre osso e tendão, a corrente de ferro, uma espécie de torno da Câmara de Interrogatórios machucando seu tornozelo, sangue sobre o metal.

"Sinto muito, papai, nunca mais roubarei novamente." E eu falei sério.

“Não teste minha paciência, garoto.” Vi a frieza em seus olhos e me perguntei se ele sempre me odiara.

Ergui a marreta, com os braços quase fracos demais, tremendo quase tanto quanto o cachorro. Eu a ergui lentamente, esperando, esperando que meu pai dissesse: “Basta, você já provou a si mesmo”.

As palavras nunca vieram. “Quebre ou queime”, ele disse. E, com um grito, eu deixei a marreta bater.

A perna de Justiça se quebrou com um estalo alto. Por um instante, não houve nenhum outro som. O membro parecia errado, parte superior e inferior em ângulos repugnantes, o osso branco em uma poça de sangue vermelho e pelo preto. Em seguida, o uivo, a fúria e o rosnado, puxando suas amarras, procurando algo contra o qual lutar, alguma batalha para afastar a dor.

“Mais uma, Jorg”, meu pai disse. Ele falou baixo, mas eu o escutei acima dos uivos. Por um momento muito longo suas palavras não fizeram sentido para mim.

Eu disse “Não”, mas não o fiz pegar sua tocha. Se eu o fizesse alcançá-la novamente ele não recuaria. Disso eu sabia.

Dessa vez Justiça entendeu a marreta levantada. Ele chorou, gemeu, implorou como só os cães imploram. Eu bati forte e errei, cegado pelas lágrimas. O carrinho se chacoalhou e Justiça pulava e uivava, sangrando em todas as amarras agora, a perna quebrada esticada com tendões expostos. Eu o atingi no segundo golpe e quebrei sua outra perna dianteira.

O vômito me pegou de surpresa, quente, ácido, jorrando de minha boca. Engatinhei nele, engasgando e arfando. Quase não ouvi meu pai dizer: “Mais uma”.

Com a terceira perna esmagada, Justiça não conseguia ficar de pé. Ele desabou, quebrado no carrinho, fedendo em sua própria sujeira. Estranhamente ele não rosnou ou gemeu dessa vez. Em vez disso, enquanto eu me afundava em lágrimas, me esforçando para respirar, ele me fuçou

como costumava fuçar William quando ele chorava por causa de um joelho ralado ou uma ambição frustrada. Os cães são estúpidos assim, meus irmãos. E eu era estúpido daquele jeito aos seis anos, deixando a fraqueza tomar conta de mim, deixando que o mundo dobrasse o ferro que há em minha alma.

"Mais uma", meu pai disse. "Ele ainda tem uma perna com a qual se levantar, não tem, Sir Reilly?"

E pela primeira vez Sir Reilly não respondeu seu rei.

"Mais uma, Jorg."

Eu olhei para Justiça, quebrado e lambendo as lágrimas e o ranho de minha mão. "Não."

E com isso papai pegou a tocha e a atirou dentro do carrinho.

Eu rolei para trás com a repentina explosão de fogo. Não importava o que meu coração me dizia para fazer, meu corpo se lembrava da lição do atiçador e não me deixava ficar. O uivo que vinha do carrinho não se comparava a nada que acontecera antes. Eu chamo de uivo, mas eram gritos. Homem, cachorro, cavalo. Com bastante dor todos nós soamos iguais.

Naquele momento, rolando para trás, mesmo tendo seis anos e minhas mãos não fossem hábeis, peguei a marreta que havia parecido tão pesada e a atirei sem esforço, com força e para frente. Se meu pai se movesse um pouco mais lentamente eu poderia ser rei de duas terras agora. Em vez disso, ela tocou sua coroa somente o suficiente para girá-la um quarto de círculo e em seguida atingiu a parede atrás de sua cadeira e caiu no chão, deixando uma marca superficial na pedra dos Construtores.

Papai tinha razão, é claro. Havia lições a serem aprendidas naquela noite. O cachorro era uma fraqueza e a Guerra Centenária não pode ser vencida por um homem com tais fraquezas. Nem pode ser vencida por um homem que se renda ao mal menor. Dê um pouco, dê algo a qualquer homem e a próxima coisa que irá ouvir é "Mais uma, Jorg, mais uma". E, no final, o que

você ama irá se queimar. A lição de meu pai era verdadeira, mas saber disso não me faz perdoá-lo pela forma como ele a ensinou.

Durante um período na estrada eu segui o ensinamento de meu pai: força em todas as coisas, sem piedade. Na estrada eu sabia, com a total convicção de uma criança, que o trono do Império só seria meu se eu me mantivesse fiel às duras lições de Justiça e dos espinhos. A fraqueza é uma doença contagiosa; um sopro dela pode corromper um homem por inteiro. Agora, porém, mesmo com todo o mal dentro de mim, eu não sei se poderia ensinar tais lições a um filho meu.

William nunca precisou de tais ensinamentos. Ele tinha força dentro si desde o início; sempre o mais inteligente, o mais seguro, o mais feroz de nós, apesar de meus dois anos a mais. Ele disse que eu deveria ter atirado a marreta assim que a ergui e que não deveria ter errado. Eu seria rei então e ainda teríamos nosso cachorro.

Dois dias depois, eu fugi tanto da ama quanto do guarda e fui até os depósitos de lixo atrás do estábulo dos cavaleiros. Um vento norte carregava o fim do inverno, trazendo chuva que era quase gelo. Encontrei os restos mortais de meu cachorro, uma sujeira fedida, preta, molhada, mole porém pesada. Tive que arrastá-lo, mas eu havia dito a William que o enterraria em vez de deixá-lo apodrecer no lixo. Eu o arrastei por três quilômetros, na chuva gelada, pela estrada vazia de Roma, exceto por um comerciante com seu vagão amarrado e fechado, e de cabeça baixa. Eu levei Justiça à garota com o cachorro e o enterrei ali, ao lado dela, na lama, com as mãos dormentes e o restante de mim desejando estar dormente também.

"Olá, Jorg", disse Katherine. E então nada.

Nada? Se eu pudesse me lembrar de tudo aquilo. Se eu pudesse me lembrar do caminho escuro até o cemitério de Perechaise e viver com isso esses anos todos... o que diabos estava naquela caixa e como eu poderia querer aquilo de volta?



Muitos homens não aparentam o que são. A sabedoria pode estar por trás de um sorriso bobo, a bravura pode espiar de olhos que choram de medo. O irmão Rike, porém, é aquela criatura rara, um homem cujo rosto conta a história completa. Feições bruscas sob uma pesada testa, o feio franzir de velhas cicatrizes, pequenos olhos pretos que veem o mundo com maldade impessoal, cabelos escuros, curtos e grossos de poeira, arrepiados sobre a mais dura das cabeças. E se Deus houvesse lhe dado um corpo menor, em vez do de um gigante com quantidades descabidas de músculos, e fraqueza no lugar da estamina de um bando de touros, ainda assim Rike seria o pior anão da cristandade.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

11

Dia do Casamento

Montanhas são ótimos niveladores. Elas não se importam com você ou com quem quer que seja.

Alguns dizem que os Construtores fizeram as Matteracks bebendo o sangue vermelho da terra para roubar seu poder, e que os picos foram postos ali quando as próprias rochas se revoltaram e afugentaram os Construtores. Gomst conta que o Senhor Deus pôs as montanhas ali, com ondulações na argila molhada conforme Ele moldava o mundo com as duas mãos. Quem quer que tenha feito o trabalho tem minha gratidão. São as Matteracks que garantem a "altura" das Terras Altas de Renar. Elas marcham de leste a oeste, enrugando o mapa até outros reinos, mas nas Terras Altas é que fazem seu melhor trabalho. Aqui são as Matteracks que dizem aonde você pode e não pode ir.

Já disseram uma ou duas vezes que tenho uma personalidade teimosa. De qualquer maneira, nunca aceitei a ideia de que possa se dizer a um rei aonde ele não pode ir em seu próprio reino. Portanto, ao longo dos anos, desde que cheguei como um jovem inexperiente, entre aprender a canção da espada, dominar a arte de barbear e fazer justiça de forma afiada, eu comecei a escalar montanhas.

O alpinismo, descobriu-se, era tão novo para as pessoas das Terras Altas quanto para mim. Elas sabiam tudo sobre chegar a lugares que precisavam ir. Pastos altos para as cabras de lã, as passagens de verão para o comércio, o penhasco Eiger para procurar opalas. Mas chegar a lugares que não precisavam ir... bem, quem tem tempo para isso quando suas barrigas estão roncando ou há dinheiro a se ganhar?

"Que diabos você está fazendo, Jorg?", Coddin me perguntou uma vez quando voltei ensanguentado, com meu pulso moendo o osso com cada movimento.

"Você devia vir comigo", eu lhe disse só para vê-lo se retrair. Eu escalo sozinho. Na verdade, nunca há espaço para dois no topo de uma montanha.

"Vou reformular a pergunta", disse Coddin. Eu podia ver o grisalho aparecendo em seu cabelo. Fios brancos em suas têmporas. "Por que você está fazendo isso?"

Franzi os lábios e em seguida sorri com a resposta. "As montanhas me disseram que eu não podia."

"Você sabe quem foi o Rei Canuto?", ele perguntou. "Não é um caminho que eu aconselhe a você – já que você me paga para aconselhá-lo hoje em dia."

"Hehe." Eu me perguntei se Katherine escalaria montanhas. Achei que sim, se tivesse a oportunidade. "Já vi o mar, Coddin. O mar pode engolir montanhas inteiras. Posso ter uma diferença ocasional de

opinião com uma montanha ou outra, mas se me pegar desafiando o oceano você tem minha permissão para jogar um boi em cima de mim."

Contei a Coddin que a teimosia me levou a escalar, e talvez tenha mesmo, mas é mais que isso. As montanhas não têm memória, não têm julgamentos a oferecer. Há uma pureza no esforço em alcançar um pico. Você deixa seu mundo para trás e leva somente o que precisa. Para uma criatura como eu não há nada mais próximo da redenção.

"Ataque", Miana dissera, e certamente um homem não deve refutar sua esposa no dia de seu casamento. Claro que ajudou o fato de eu ter planejado atacar o tempo todo. Eu mesmo mostrei o caminho, pois poucos conhecem as poternas de ataque e os túneis que levam a elas. Ou melhor, muitos sabem delas, mas, como um padre honesto, poucos conseguiriam mostrá-las.

Nós caminhamos em filas de quatro homens, com os mais altos curvados para evitar arranhar as cabeças na pedra bruta. Um a cada dez homens segurava uma tocha de piche e ao fundo de nossa coluna eles quase se sufocaram com a fumaça. Minha própria tocha mostrava pouco mais que os dez metros de túnel à nossa frente, retorcendo-se para aproveitar as lacunas e fendas naturais. O barulho de passos de muitos pés, a princípio hipnótico, desvaneceu-se em ruído de fundo, despercebido até parar sem aviso. Eu me virei e as chamas mostraram nada além de minha sombra oscilante. Nenhum homem do meu comando, nem um sussurro deles.

"O que é que você pensa que está fazendo aqui, Jorg?" As palavras do bruxo dos sonhos flutuaram ao meu redor, um rio de cadência suave, carregando apenas pitadas de sua ascendência sarracena. "Eu o observo a cada momento. Conheço seus planos antes de você os revelar."

"Então você sabe o que penso estar fazendo aqui, Sageous." Procurei em volta por um sinal dele.

“Você sabe que fazemos piada de você, Jorg?”, Sageous perguntou. “O fantoche que acha que está jogando o próprio jogo. Até Ferrakind ri disso por trás do fogo, e Kelem ainda se conserva em suas minas de sal. Lady Blue tem você em seu tabuleiro de safira, Skilfar vê seu futuro estampado no gelo, na Mathema eles o fatoram em suas equações, uma pequena expressão próxima de zero. Nas sombras por trás dos tronos você conta muito pouco, Jorg, eles riem do quanto você me serve sem saber. A Irmã Silenciosa só sorri quando seu nome é dito.”

“Fico satisfeito de ser útil, então.” À minha esquerda, as sombras na parede se moviam relutantemente, lentas em responder ao movimento de minha tocha. Dei um passo à frente e atirei as chamas no local mais escuro, soltando faíscas sobre a pedra.

“Este é seu último dia, Jorg.” Sageous chiou enquanto as chamas consumiam a sombra e a escuridão se despiu da rocha como camadas de pele. Agradou-me muito ouvir sua dor. “Eu o verei morrer.” E ele desapareceu.

Makin, que vinha atrás, quase se chocou comigo. “Problema?”

Espantei o restante do devaneio e apertei o passo. “Sem problemas.” Sageous gostava de puxar as rédeas tão gentilmente que um homem nunca suspeitaria estar sendo conduzido. Deixar Sageous irritado, fazê-lo odiar, apenas erodia os poderes sutis que usava. Minha primeira vitória do dia. E se sentia a necessidade de me insultar é porque devo tê-lo preocupado de alguma maneira. Ele deve ter pensado que eu tinha alguma chance – o que o tornava bem mais otimista do que eu estava.

“Sem problemas. Na verdade, a manhã está começando a melhorar!”

Mais cinquenta metros até uma escada nos levar às encostas, rastejando por baixo de uma grande rocha conhecida como Velho Bill.

Quando você sai do Assombrado, imediatamente está entre montanhas. Elas o diminuem de uma maneira que as muralhas e torres altas não

conseguem. Em meio às elevações das Matteracks, todos nós, o próprio Assombrado, até os vinte mil do Príncipe de Arrow eram nada. Formigas brigando na carcaça de um elefante.

Lá naqueles aclives, no frio do vento, com as montanhas altas e quietas por todos os lados, eu me senti bem por estar vivo e, se tivesse que ser, era um bom dia para morrer.

"Mande Marten levar suas tropas para defender o Runyard para mim", eu disse.

"O Runyard?", Makin disse fechando seu capote bem apertado contra o vento. "Você quer que nosso melhor capitão proteja um vale sem saída?"

"Nós precisamos daqueles soldados, Jorg", Coddin disse se ajeitando de sua engatinhada. "Não podemos ceder dez soldados, muito menos cem dos nossos melhores." Mesmo argumentando, ele acenou para um homem transmitir minhas ordens.

"Você acha que ele não pode defendê-lo?", perguntei.

E isso fez Makin mudar de direção. "Defendê-lo? Ele defenderia os portões do paraíso por você, esse homem; ou do inferno. Sabe Deus por quê."

Dei de ombros. Marten o defenderia porque eu lhe dera o que ele chamava de salvação. Uma segunda chance de se levantar, de proteger sua família. Durante quatro anos ele estudou apenas sobre guerra, da flecha ao exército, os quatro anos desde que chegara ao castelo com Sara a seu lado. No fim das contas, ele o defenderia porque anos atrás, nas ruínas de sua fazenda, eu dera à sua filhinha um palhaço à corda e o cravo-da-índia de Makin. Um brinquedo dos Construtores para fazê-la sorrir e o cravo-da-índia para tirar sua dor – e sua vida. A droga a levou embora, em vez de o lixo, e ela morreu sorrindo para doces sonhos, em vez de engasgando no próprio sangue.

“Por que o Runyard?”, Coddin queria saber. Não era tão fácil despistar Coddin.

“O Príncipe de Arrow não tem assassinos em meu castelo, Coddin, mas ele tem espiões. Eu vou lhe dizer o que precisa saber, o que irá fazer diferença em suas ações. O resto – os tiros no escuro, os palpites – é melhor deixar guardado.” Tamborilei o lado da minha cabeça. Por um momento, porém, a caixa de cobre ardeu em meu quadril e sua estampa de espinho preencheu minha visão.

“Eu estaria mais feliz em um cavalo”, disse Makin.

“Eu estaria mais feliz em uma cabra gigante da montanha”, eu disse. “Uma que cagasse diamantes. Até encontrarmos algumas, vamos andar.”

Trezentos homens andaram atrás de nós. Exércitos são propensos a marchar, mas marchar nas Terras Altas é certeza de um tornozelo quebrado. Trezentos soldados da guarda na montanha cinza, saindo pela poterna no meio do campo de seixos a oeste do Assombrado onde o túnel subia através da rocha. Nada de tabardos escarlates aqui ou trançados dourados, nada de leões exuberantes ou dragões exibidos ou merdas de rãs coroadas, apenas vestes surradas em tons de rocha. Eu não estava ali para uma competição de uniformes. Eu estava ali para vencer.

Atrás de nós foguetes voaram, pintando a manhã sem graça com rastros de faísca e soltando uma nuvem de fumaça sulfurosa sobre o castelo. Celebrações de casamento para divertir os locais, mas também uma conveniente atração para os olhos ao norte, os visitantes não convidados.

O exército do príncipe começou a se mexer, unidades reunidas em suas formações de ataque, lanceiros de Normardy à frente, fileira após fileira de arqueiros do outro lado, homens de Belpan com seus arcos quase tão grandes quanto eles, unidades de balestra vindas de Ken, com as barbas trançadas, galhardetes marrons flutuando acima dos

tambores, cada homem com um rapaz de escudo à sua frente. Os arqueiros estavam prontos para sair e encontrar seu lugar nas serras ao leste, com a inútil cavalaria de Orlanth na retaguarda. O dia deles chegaria mais tarde, depois da passagem do inverno nas ruínas de meu lar, depois que as passagens altas se abrissem e o príncipe seguisse seu caminho a fim de aumentar sua contagem de reinos caídos. Os thurtos seriam os próximos, sem dúvida. E em seguida a Germânia e a dúzia de reinos teutões.

Nós descemos as encostas a oeste do Assombrado em uma onda cinzenta, com espadas, adagas, arcos curtos. Eu havia gasto a maior parte do ouro de meu tio naqueles arcos. Os homens da Guarda da Floresta dominavam o arco curto e os recrutas das Terras Altas aprenderam rápido o suficiente. Trezentos arcos compostos recurvados, feitos pelos citas. Dez ouros cada. Dava para colocar cada homem em um cavalo mais ou menos decente por esse preço.

Os sentinelas do príncipe nos viram. Isso nunca esteve em dúvida. Um observador de visão aguçada nas linhas de frente poderia ter nos visto ao longo do quilômetro que restava. Mas por que eles estariam olhando? Eles tinham olheiros.

Eu apertei o passo. Nada como montanhas para fazê-lo ficar em forma para correr. A princípio, quando você vem para as montanhas, tudo é difícil. Até o ar parece escasso demais para respirar. Os anos passam e seus músculos viram ferro. Especialmente se você escala.

Nós nos locomovemos rapidamente. A velocidade na inclinação é uma arte. O Príncipe de Arrow não era burro. Os comandantes que ele elegera haviam escolhido oficiais, os quais selecionaram batedores que conheciam montanhas. Eles se moviam rapidamente, mas os poucos homens que caíram não se levantaram de novo até nós os capturarmos.

É sempre bom surpreender alguém. O Príncipe de Arrow não esperava que eu atacasse suas dezenas de milhares com os meus trezentos.

Provavelmente esse é o motivo pelo qual nós pudemos chegar apenas segundos após a primeira palavra de nossa investida e muito antes que pudessem agir em cima daquela palavra.

Trezentos é um número mágico. Rei Leônidas resistiu a um oceano persa nas Termópilas com apenas trezentos homens. Eu gostaria de ter conhecido os espartanos. Essa história sobreviveu aos impérios por ter sido contada tantas e tantas vezes. Rei Leônidas deteve um oceano; Canuto não.

Eu podia sentir a ardência em minhas pernas, a respiração fria entrando e a respiração quente saindo. Um rio de suor dentro de minha armadura, sob a couraça. Essas são de couro duro, curtido e fervido em óleo, com linho acolchoado por baixo, nada de chapa ou corrente hoje. Hoje nós precisávamos nos mexer.

Quando dei o grito, nós paramos no campo de pedras, espalhados na encosta, a duzentos metros das linhas deles, não mais, perto o bastante para sentir o cheiro deles. Neste lado, longe dos arqueiros em direção ao cume, homens de Arrow formavam o maior contingente, unidades de lanceiros vestindo cota de malha leve, espadachins de correntes mais pesadas, entre eles os cavaleiros terratenentes que haviam recrutado os soldados das fazendas e vilas ou esvaziaram a guarda de seu castelo a serviço de seu príncipe. E todos eles, pelo menos aqueles que podíamos ver antes que a ondulação das montanhas escondesse a vasta extensão de seu progresso, marchando sem pressa, confiantes, alguns brincando, observando os fogos de artifício e a fumaça acima do Assombrado. As grandes armas de cerco rangiam entre eles, carregadas por muitas mulas.

Não precisei avisar a guarda. Eles começaram a atirar suas flechas imediatamente. Os primeiros gritos transmitiram a mensagem de nosso ataque de forma bem mais eficaz do que sentinelas ainda procurando recuperar o fôlego.

Ao mirar nos maiores grupos de homens era difícil não acertar um alvo.

Conseguimos uma segunda saraivada antes que a primeira do inimigo começasse a chegar. Os arqueiros do príncipe, reunidos do outro lado da coluna do exército, a mais de quatrocentos metros, não podiam revidar. *Conhece-te a ti mesmo*, disse Pitágoras. Mas ele era um homem de números e não se pode contar com eles. Sun Tzu nos diz: *Conhece teus inimigos*. Eu havia perdido homens que não podia perder patrulhando aquelas encostas, mas conhecia meu inimigo e conhecia a disposição de suas forças.

Os arqueiros do príncipe teriam nos achado alvos difíceis de qualquer modo, soltos entre as rochas e as longas sombras da manhã.

Outra saraivada e mais outra. Centenas de mortos ou feridos em cada rajada. Feridos são bons. Às vezes, ferido é melhor que morto. Os feridos criam problemas. Se você os permitir.

Os soldados de infantaria vieram para cima de nós, sozinhos ou em duplas, depois em grupos, e em seguida numa torrente, como uma onda se quebrando e se espalhando sobre a areia.

"Escolham seus alvos", eu gritei.

Outra saraivada. Um único homem entre os precursores caiu, espetado na coxa.

"Porra! Escolham seus alvos."

Outra saraivada e nenhum dos soldados caiu. As mortes ocorreram quando as massas ainda estavam movendo-se confusamente, apanhadas na turba de corpos. Um dos meus para cada vinte deles. Probabilidades difíceis. Se nós conseguíssemos dez saraivadas antes que eles nos alcançassem poderíamos ter chacinado três mil soldados. Nós conseguimos seis mil.



TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

12

Dia do Casamento



stejam prontos para correr", eu gritei.

"Esse é seu plano, Jorg?" O rosto de Makin conseguia colocar a surpresa em outro nível. Era alguma coisa nas sobrancelhas.

"Estejam prontos", eu repeti. Na verdade, se eu tivesse um plano ele estava por um fio, sendo revelado centímetro após centímetro. E o fio que eu segurava me dizia: *Esteja pronto para correr*. Sun Tzu instrui: *Se em todos os aspectos seu inimigo o supera, esteja pronto para fugir dele*.

"Se isso era a porra do plano", disse Makin, colocando o arco no ombro, "nós devíamos ter começado duas semanas atrás."

O primeiro soldado de Arrow me alcançou, com o rosto roxo da corrida montanha acima.

Katherine Ap Scorron preenche minhas noites. Mais do que é salutar. E todos esses sonhos são sombrios. Chella aparece em alguns deles, surgindo diretamente dos salões dos necromantes sob o Monte Honas, perversa e deliciosa. Seu sorriso diz que ela conhece até o meu interior podre, e o rosto de Katherine se contorce sobre o dela enquanto a pele firme se transforma em uma ondulação apodrecida.

A criança morta passeia em muitos sonhos, segurando a caixa da estampa de espinho em mãos de carmim. Ela tem nomes diferentes. William é o mais frequente, embora ele não seja o irmão que conheci. Mas ele acompanha Katherine toda vez que eu a chamo para minha cama; recém-falecido em alguns, com o sangue ainda escorrendo, e em outros cinzento e podre.

Contar sonhos é um negócio enfadonho, mas experimentar os sonhos de um estranho em primeira mão é outra coisa. Criar pesadelos como armas ou algemas e soltá-los para caçar suas vítimas pode muito bem ser divertido. Parece manter certo bruxo dos sonhos ocupado.

Meu pai acreditava que Sageous era sua criatura. Quiçá ele ache que tenha mandado o bruxo embora após eu ter quebrado seu poder no Castelo Alto, e talvez o Príncipe de Arrow agora pense contar com os serviços de Sageous. Como Corion, porém, e a Irmã Silenciosa e outros espalhados pelo Império, Sageous se vê como um jogador por trás dos tronos, empurrando reis e condes e príncipes pelo tabuleiro. Eu nunca gostei de ser empurrado. O Príncipe de Arrow também me pareceu ser um homem difícil para o bruxo dos sonhos empurrar, mas vamos ver.

Sageous aprendeu duplamente a não mandar suas criaturas me enganarem durante meu sono. Acho que cada fracasso tira algo vital dele. Com certeza ele não persistiu. A criança não é sua criação. Eu saberia se fosse.

O pagão observa, contudo. Ele fica à beira de meus sonhos, em silêncio, esperando não ser visto. Eu já o persegui até acordar e cair da

cama estrangulando o travesseiro. Uma vez minha mão adormecida encontrou um punhal. Penas para todo lado. Ele tenta me conduzir com os estímulos mais suaves. Até um leve toque, se feito bem à frente do evento crucial, pode ter um grande impacto. Sageous tenta me guiar, guiar a todos nós, com dedos ágeis e leves como aranhas, puxando fios delicados, até que o poder que ele deseja caia em seu colo como se por acidente.

Tutor Lundist disse que Sun Tzu devia ser meu guia na guerra. Meu pai pode ter executado Lundist uma semana após minha fuga do Castelo Alto, mas o que o tutor ensinou ficará comigo por mais tempo que qualquer lição que Olidan Ancrath tenha infligido a seu filho.

Toda guerra é enganação, Sun Tzu me diz em páginas amareladas como icterícia, secas como areia. Toda guerra é enganação, mas onde estão minhas chances de enganar? Tenho espiões em meus corredores, observadores em meus sonhos. O túmulo é um lugar agradável e reservado, dizem, mas eu suspeito que até lá seja difícil manter segredo nos dias de hoje.

E então eu uso o que tenho. Uma caixa de cobre que guarda lembranças. Que guarda uma lembrança tão terrível que eu não podia mantê-la em mim. Eu tenho a caixa e eu a uso. Há muito tempo aprendi que, pressionada contra a testa, com força suficiente para deixar a marca do espinho na pele, ela roubará uma lembrança, um pensamento, um plano, o que for mais importante em sua mente. O plano está perdido, mas a salvo da espécie de Sageous, e tudo que resta é a recordação de que você teve uma boa ideia e a lembrança de onde encontrá-la novamente quando for preciso.

Segure a caixa com força em sua mão e você pode sentir os cantos sombrios de horror lá dentro, cortando, queimando. A dor escorre para fora, desprovida de seu contexto, bruta e fria, e com ela, se for esperto,

se os dedos de sua mente forem hábeis, você pode puxar o fio de um estratagema previamente guardado em um lugar além de todos os espiões. E, se você puder surpreender seu inimigo, surpreender a si mesmo é um pequeno preço a se pagar.



TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

13

Dia do Casamento



primeiro homem que matei em meu décimo oitavo ano fez a maior parte do trabalho por mim. Correr duzentos metros para cima de uma montanha íngreme e pedregosa em uma malha de aço é tarefa árdua. O soldado parecia prestes a capotar, como a velha na feira que nunca se levantou depois de ver Gorgoth pela primeira e última vez. Eu o deixei se encontrar com minha espada e aquilo foi o fim de tudo.

Com o homem seguinte foi mais ou menos da mesma maneira, só que eu precisei ser um pouco mais rápido e perfurá-lo em vez de simplesmente deixá-lo se empalar. Na batalha, a estocada é uma morte muito mais limpa que o corte. A não ser, claro, que seja nas tripas, porque você leva a estocada e aí demora um tempo longo e difícil até a podridão se estabelecer e levá-lo embora aos berros dias depois.

O terceiro homem, alto e barbado, tomou os dois corpos aos meus pés como um conselho e desacelerou para me encarar. Ele deveria ter esperado seus amigos atrás dele na encosta, mas em vez disso veio brandindo sua espada, ainda bufando da corrida. Dei um passo para trás, a fim de evitar o alcance de sua espada, depois girei a minha e acertei sua garganta. Ele se virou, borrifando sangue arterial em cima dos amigos que deveria ter esperado, e em seguida tropeçou e caiu entre as rochas. Até você ver não dá para acreditar na distância que o sangue jorra com o corte certo. É de se admirar que não sentimos essa pressão dentro de nós o tempo todo – é uma surpresa não explodirmos às vezes.

Eu devia ter virado e fugido naquele ponto. Esse era o plano, afinal. Meu plano. E os homens da guarda já estavam em plena retirada atrás de mim. Em vez disso, prossegui movendo-me rapidamente entre os dois soldados respingados de sangue que saíram do caminho do barbudo quando ele caiu. Girei a espada por cima da cabeça com movimentos que lembravam um oito, atacando de um lado a outro, e ambos caíram, com a malha rasgada, uma clavícula destroçada no da direita e um peitoral fatiado no da esquerda. Não devia ter derrubado os dois, mas derrubou, e senti que quatro anos de treino duro com a lâmina não haviam sido inteiramente desperdiçados.

Ambos os homens estavam se debatendo no chão, gritando a respeito de seus ferimentos, enquanto eu cortava o sexto, também cambaleante, exausto do ataque. Quando terminei, eu me virei e corri, ultrapassando a perseguição e me esforçando para alcançar a guarda.

Os soldados de Arrow nunca iriam correr mais que nós, mas também não podiam parar a perseguição e nos deixar voltar a praticar nosso arco de novo, então eles continuaram. Os capitães que os guiavam estavam fazendo as escolhas certas, dadas as condições que tinham. O que eles deveriam ter feito, porém, era retirar as forças principais e

confiar no senso de batalha de seu comandante para utilizar seus arqueiros como defesa contra nós. Embora talvez o Príncipe de Arrow ficasse satisfeito o suficiente mandando alguns milhares de soldados montanha acima para conter a ameaça e manter seu exército focado no Assombrado.

Alcancei Makin alguns minutos mais tarde, costurando meu caminho pelos homens da guarda com menos força em suas pernas do que eu tinha aquele dia. O mestre da guarda Hobbs corria com ele, com seus capitães ao lado, Harold, Stodd e o velho Keppen, que havia tomado a sábia decisão de se recusar a pular das Cataratas de Rulow anos atrás, ordenado por um mestre da guarda anterior. Eu digo que o mestre da guarda corria, mas, àquela altura, estava mais para uma "caminhada rápida".

"Ponha quatro pelotões naquela serra", eu disse. "Vamos atirar mais umas flechas."

"E quando o inimigo os alcançar?", perguntou Hobbs.

"Hora de correr de novo", eu disse.

"Pelo menos eles vão descansar", Keppen falou e cuspiu um punhado de catarro na pedra.

"Você também vai, velho." Eu sorri. "São os seus pelotões que eu acho que devem ficar."

"Eu devia ter pulado", ele balbuciou. Balançou a cabeça e ergueu seu arco bem alto, com sua fita vermelha se agitando no vento. Seus soldados começaram a convergir atrás dele enquanto ele corria em direção à serra.

"Correr é ótimo", disse Hobbs, a passos largos, "mas vamos acabar ficando sem montanha no final, ou sairemos completamente das Terras Altas."

"O que me parece" – Makin puxou fôlego – "a melhor opção no fim das contas." De todos, ele parecia estar pior. Muitos anos deixando o

cavalo correr. Ele escalou uma grande pedra e ficou lá em cima olhando para o vale. “Deve ter três mil desgraçados atrás de nós. Talvez quatro.”

“Ele gosta de manter as probabilidades a favor dele, o príncipe”, disse Hobbs. Coçou a cabeça onde o cabelo era mais grisalho e mais ralo. “Espero que você tenha uma porra de um plano, Rei Jorg.”

Eu também esperava. Se não fosse por Norwood e Gelleth, esses soldados da guarda teriam fugido décadas atrás. Os fatos viram ficção muito rápido e, estranhamente, quando os fatos viram lenda, as pessoas parecem mais dispostas a acreditar. E talvez eles estivessem certos em ter fé, porque eu realmente reduzi o Lorde de Gelleth, seu poderoso castelo e seus exércitos a pó. Talvez eles estivessem certos e eu errado, mas achava difícil acreditar em qualquer truque que eu tivesse guardado em uma pequena caixa de cobre.

Acreditando ou não, a caixa era tudo que eu tinha. Eu então a pressionei contra minha testa, com força, como se pudesse empurrar a lembrança de que eu precisava através do osso. A sensação é aquela de um nome esquecido aparecendo sem preâmbulo, pronto a ser dito, após tanto tempo dançando fora de alcance na ponta da sua língua. Exceto que em vez de uma palavra são muitas, com imagens e toques e sabores. Um pedaço da sua vida devolvido a você.

A lembrança me inundou e me levou das frias encostas para anos atrás. Sumiram os soldados amontoados da guarda, sumiram os gritos e berros.

Eu me atirei para o próximo ponto, jogando meu corpo após o braço e a mão, soltando o ponto anterior antes de meus dedos encontrarem apoio no próximo, antes de perder o impulso. Escalar é uma forma de fé, não há como controlar, não há reservas. Meus dedos se enfiaram na rachadura, a borda afiada machucando, os dedos dos pés raspando na

pedra áspera, o couro macio encontrando tração conforme eu começava a deslizar.

Há um pico nas Matteracks que aponta para o céu como se fosse o próprio dedo indicador de Deus. Como ele surgiu, quem o esculpiu na solidez das montanhas, eu não sei. Um livro que tenho fala do vento e dos rios e do gelo esculpindo o mundo há muito tempo, mas isso parece história para crianças, e uma bem idiota. Melhor falar de demônios do vento, deuses do rio e gigantes do gelo em Jotenheim. É uma história mais interessante e tão provável quanto.

Com o braço dolorido, a perna esticada, curvado em uma pose esquisita sobre a pedra rachada, eu ofeguei, roubando uma lufada fria do vento. Eles dizem para não olhar para baixo, mas eu gosto. Gosto de ver os pedaços soltos caindo e se perdendo na distância. Meus músculos ardiam, com o calor sendo levado pelo vento. Parecia que eu estava preso entre gelo e fogo.

O pico fica evidente em uma grande serra onde uma das raízes da montanha divide dois vales profundos. Das encostas pedregosas na base do pico até o seu topo, onde caberia uma pequena chácara, há cento e vinte metros de rocha despedaçada, vertical na maior parte, inclinada em algumas partes.

Eu podia ver, trinta metros abaixo, a saliência onde havia encontrado a cabra. As alturas que uma cabra da montanha escala pela possibilidade de um punhado de verde nunca deixa de me impressionar. Elas devem usar sua própria espécie de mágica para escalar sem ter dedos. Eu havia me puxado para cima e fiquei cara a cara com a fera, de rosto longo emoldurado por dois chifres enrolados. Há algo estranho no olho de uma cabra, algo que não se vê em cachorros ou cavalos ou pássaros. É a pupila retangular. Como se elas houvessem saído do inferno ou caído da lua. Nós nos sentamos juntos em desconfiança mútua enquanto eu

recuperava o fôlego e esperava que a vida voltasse a meus membros e extremidades.

Eu encontrei o pilar de pedra no meu primeiro ano como Rei de Renar e em todo o meu tempo no trono talvez fosse aquela agulha de montanha que chegara mais perto de me matar. Fracassei em escalá-la sete vezes e não sou um homem que desiste de nada facilmente.

Coddin uma vez me perguntou por que eu escalo e lhe contei algumas mentiras bonitas. A verdade – pelo menos por hoje – é que, quando eu ainda não tinha muitos anos, minha mãe tocava para William e para mim um instrumento das profundezas do Castelo Alto. Um piano. Uma coisa mágica e de muitas teclas em preto e branco. Nós éramos problemáticos, Will e eu, é preciso dizer. Brigávamos, fazíamos planos, aprontávamos todo tipo de travessura que fosse possível – mas quando ela tocava nós ficávamos em silêncio e apenas escutávamos. Eu me lembro de cada momento, os longos dedos se movendo tão rápido sobre as teclas que se embaralhavam, o balanço de seu corpo, o cabelo que pendia em uma longa trança entre os ombros, a luz caindo sobre o corpo de madeira do instrumento. Mas eu não consigo ouvi-la. Ela toca atrás de um vidro, um muro de muitos anos, perdidos quando me afastei de tudo aquilo, dela, daquela maldita carruagem e dos espinhos.

Eu vejo, mas não ouço.

Quando escalo, e somente então, à beira de tudo, pego notas soltas. Como palavras desprovidas de sentido no limiar da audição... a música quase me alcança. E por isso eu desafiaria qualquer altura.

Fiz uma oitava investida no pico no começo do verão em que o Príncipe de Arrow cruzou minhas fronteiras com seus exércitos recém-carregados com pilhagens de conquistas em Normardy e Orlanth. Pilhagens e, verdade seja dita, recrutas, pois os senhores daquelas terras não eram bem-amados e o príncipe ganhou o coração das pessoas quase antes de seus mortos serem encaixotados e enterrados.

Escalar é uma questão de compromisso. No pico, há locais tão lisos que um ponto de segurança deve ser totalmente largado antes que se possa obter o próximo, e às vezes somente se arremessando para cima de uma extensão aberta de rocha que não oferece ponto de apoio. Em tais momentos você está caindo, embora para cima, e se o próximo apoio falhar aquela queda o levará ao chão. Não há meio-termo em tais subidas: você aposta tudo que é ou será em cada decisão. A vida pode ser vivida dessa maneira, mas eu não recomendo. No fim, porém, todos morrem, mas nem todos vivem – o alpinista, embora possa morrer jovem, terá vivido.

Chega um ponto em uma longa escalada em que você sabe que precisa se render ou morrer. Não tem perdão. Eu me pendurei na pedra fria quinze metros abaixo do topo, fraco feito uma criança, me doendo de fome, com bolhas nas mãos e nos pés, os braços gritando. A arte da sobrevivência nas montanhas é saber quando desistir. A arte de chegar ao topo é saber quando não desistir.

"Se eu morrer aqui", sussurrei à pedra. "Se eu cair e morrer, vou contar uma vida vivida, talvez não tão bem, mas plenamente. Nenhum livro saberá meu fim, mas terei morrido na batalha mesmo assim." E reunindo minhas forças comecei a escalar outra vez.

Como o rei dos escoceses e sua famosa aranha, minha oitava tentativa provou ser a da sorte.

Com ânsia de vômito, babando sobre a rocha, eu me rastejei sobre o último canto, finalmente horizontal. Fiquei tremendo, ofegante, meio soluçando, o mais próximo do fim de minha resistência que já havia chegado.

Quando se está escalando é melhor não levar absolutamente nada que não seja necessário. Essa é uma boa disciplina a se adquirir, e as montanhas a ensinam a você de graça. Eles dizem que o tempo é um ótimo professor, mas infelizmente ele mata todos os seus alunos. As

montanhas também são grandes professoras e melhor ainda: elas ocasionalmente deixam os melhores alunos viverem.

As montanhas o ensinam a estar preparado para mudanças. Entre os picos, o clima pode mudar de bom para horrível em um piscar de olhos. Em um instante você pode estar subindo uma inclinação indulgente e no próximo pode estar agarrado a ela como se fosse sua mãe, enquanto um vento leste tenta carregar seu corpo congelado consigo.

Escalando o Dedo de Deus aprendi muito sobre segurar com as pontas dos dedos. Quando enfim me arrastei, fraco e trêmulo, para o topo daquele pico cheguei à conclusão de que havia me segurado pelas pontas dos dedos a vida inteira.

Baqueei de costas. Fiquei deitado na rocha sem nada para ver, apenas um céu azul implacável. Eu havia escalado com pouco peso, sem levar nada desnecessário comigo, e não havia lugar naquele pico estreito para mais ninguém, fantasmas ou não, nada de Katherine, nada de William, minha mãe e pai cento e vinte metros abaixo, todos longe demais para escutar. Nem mesmo a sombra de uma criança na rocha ou o brilho de uma caixa de cobre na memória. Não é o perigo ou o desafio que me mantém escalando, é a pureza e o foco. Quando se está a beira de uma queda – de se transformar em um borrão de tripas e ossos pulverizados em cinco segundos e todo seu peso está sustentado sobre oito dedos, depois sete, cinco – suas escolhas são feitas por puro instinto.

Quando você escala para valer e atinge um pico ou elevação impossível, ganha uma nova perspectiva, vê o mundo de maneira diferente. Não é só o ângulo do qual você vê que muda. Você muda também. Dizem que não dá para voltar atrás, e eu aprendi isso quando voltei para o Castelo Alto após quatro anos na estrada. Andei pelos mesmos corredores, vi as mesmas pessoas, mas eu não havia voltado, eu fui a um novo castelo, visto com novos olhos. O mesmo acontece se você escala alto o bastante, só que você não precisa se afastar durante

anos. Escale uma montanha, veja o mundo de seu ponto mais alto, e um novo homem descerá a um mundo de diferenças sutis no dia seguinte.

Deixando a metafísica de lado, há muito a ser visto de um ponto alto nas montanhas. Se você se sentar com as pernas balançando sobre a maior queda do mundo, com o vento correndo por seu cabelo atrás de você, e sua sombra caindo tão longe que talvez nunca atinja o chão... você percebe coisas novas.

Na estrada, nós temos nossos ditados. "Pax", nós dizemos se somos pegos com as mãos nos alforjes de outrem. "Visitando os moradores locais", nós dizemos quando um irmão sai para negócios escusos após uma batalha. Cadê o irmão Rike? Visitando os moradores. Nas Terras Altas de Renar, há um ditado que eu não conhecia até chegar à vila de Gutting com Sir Makin a tiracolo. "Ele tava levando uma pedra pra passear, sua excelência." Naquela época eu não prestei atenção, era um colorido regional, uma pitada de verde no estrume. Ouvi a expressão mais algumas vezes nos anos que se seguiram, geralmente quando alguém saía para negócios misteriosos. Levar uma pedra para passear. Depois que você percebe uma frase ou palavra ela começa a aparecer por toda a parte. "Perdeu seu rebanho" era outra. Eu ouvia essas coisas principalmente nas paradas, dos recrutas locais. "Aquele John de Bryn pegou minhas cordas de arco quando eu estava de guarda no muro." "O que você vai fazer a respeito?" "Não te preocupa, já aconteceu. Perdeu seu rebanho, ele."

Em um lugar alto, especialmente um alcançado com esforço, você ganha uma nova perspectiva. Ao olhar sobre os picos e penhascos e encostas que conhecia eu percebi algo novo. As sombras se traíam, conduzindo o olhar aqui e ali a lugares onde a terra não estava muito certa. Precisou de um tempo observando no vazio, de pernas ociosas balançando, e de pensamentos rodopiando por trás de meus olhos antes

de, como a neve no globo, tudo se assentar e eu ver claramente a mesma cena, mas com novos detalhes.

Bem alto dos lados de quase todo o vale, de todos os desfiladeiros, exceto os mais altos, as pedras soltas se juntavam de maneira muito grosseira, empoleirando-se muito precariamente. A princípio, os olhos aceitam a enganação. Tem de ser natural. Mover tanta pedra levaria mil existências – e para quê?

Acontece que levar uma pedra para passear é um passatempo nacional autêntico das Terras Altas, tão arraigado, tão conhecido, que ninguém precisa dizer mais nada. Por gerações, os homens que subiam para cuidar de suas cabras preenchiam os momentos de ócio carregando pedras soltas de uma parte da encosta a outra parte mais alta, lentamente acumulando as mesmas pilhas que seus pais e avôs fizeram.

Se um homem de Renar toma a maior liberdade e decide pastar suas cabras na terra de outro homem, há chance de haver um deslizamento de pedra repentino e o homem perder seu rebanho. Se não fosse um homem de Renar ele podia perder até mais que isso.

É difícil puxar um fio quando se está correndo, especialmente quando esse fio é um plano e puxado de uma caixa de lembranças e você está correndo morro acima com milhares de soldados em sua perseguição. Mas mesmo nossos inimigos chamam os Ancrath de ardilosos, e eu nos chamo de espertos. Então eu puxei um pouco mais e de repente vi os morros em que estávamos correndo com uma perspectiva totalmente nova. Ou melhor, uma mais antiga que havia esquecido.

Do diário de ***Katherine Ap Scorron***

25 de outubro, ano 98 interregno

ANCRATH. CASTELO ALTO. EM MEUS APOSENTOS DE NOVO.

ESTOU SEMPRE EM MEUS APOSENTOS.

Tive aquele sonho outra vez. Aquele com Jorg. Eu estou com a faca, como sempre. Trinta centímetros e fina como um dedo. Ele está lá, de pé, de braços abertos e rindo de mim. Rindo. Eu estou ali, de vestido rasgado, com a faca, e ele rindo, e eu a enfio nele, como ele enfiou... e eu o apunhalo. E a velha Hanna observa e sorri. Mas o sorriso dela é estranho e quando Jorg cai há hematomas nele também. Em seu pescoço. Contusões longas e escuras. E eu quase consigo ver as marcas de dedos e do polegar.

Estou passando este cetim rasgado entre os dedos e parece que sou eu que estou rasgada. Minhas lembranças lutam com meus sonhos. Todo santo dia. E eu não sei quem está ganhando e quem está perdendo. Eu não me lembro.

7 de novembro, ano 98 interregno

ANCRATH. CASTELO ALTO. TORRE DO SINO — TORRE DE MENAGEM.

Encontrei um lugar para ficar sozinha, o ponto mais alto do Castelo Alto, só eu, os corvos e o vento. A torre tem apenas um sino, enorme e feito de ferro. Eles nunca o soam. Pelo menos agora está servindo ao propósito de me abrigar do vento.

Eu me pego querendo ficar sozinha. Todas as mulheres me irritam, até as que têm boa intenção. Não há paz no castelo – apenas a sensação de que algo está errado, algo que eu não sei o que é.

Eu encontrei iniciais aqui, H.J.A., dá para ver do outro lado da torre, quando se inclina sobre a parede externa da torre de menagem. Não há jeito de alcançar aquele local. Isso diz algo sobre Honório Jorg Ancrath: até seu nome está fora de alcance.

Sageous veio até meu quarto hoje. Somente até a porta. O Príncipe de Arrow chegou novamente. O príncipe e seu irmão; Orrin e Egan. Sareth disse que eles voltariam. Ela disse que voltariam para me farejar outra vez. Foi assim mesmo que ela disse. Como se eles fossem cachorros e eu fosse uma cadela no cio.

Não acho que seja verdade. Que eu esteja no cio, quero dizer. Posso ser uma cadela. Posso ser uma cadela todos os dias. Eu fiz Maery Coddin chorar hoje e nem tive a intenção.

Mesmo assim, há alguma coisa a respeito de Orrin e outra coisa em Egan. Vovó diria que os dois são "radiantes" demais. "Radiantes" demais para pessoas comuns, ela diria. Mas eu nunca me achei comum. E se eles forem mesmo "radiantes" – e realmente me excitassem – o que é que tem? Imagino que eu também os deixe assim. Ou por que os dois estariam de volta ao Castelo Alto uma lua depois de sua primeira visita? Eu não acho que seja pelo prazer da companhia do Rei Olidan. Não acredito que o charme de Orrin ou a ameaça de Egan teve muito impacto naquele velho assustador. Acho que nem o diabo faria Olidan parar. Creio que ele não abaixaria a cabeça nem se Deus enviasse um anjo a suas portas.

Sareth diz que os dois Arrows estão apontados na minha direção. Ela tem a boca suja. Diz que ambos vão pedir minha mão. Mesmo que eu não seja a primeira filha dos Scorron e meu pai já tenha prometido aliança e terras para Olidan. Ela diz que ambos pedirão minha mão, mas que não é em minha mão que eles estão interessados nem em meu dote. Ela disse mais, mas sua boca é mais suja que minha pena preta de tinta como está agora. E, se eles realmente pedissem, o que eu diria? Mal parece possível que eles sejam irmãos, um tão inteligente e bom quanto meu Sir Galen, o outro tão sombrio e tentador quanto Jorg, que o matou.

Sonhei de novo na noite passada. Acordei falando as palavras daquele sonho e agora nem consigo me lembrar da forma dele. Eu me lembro de uma faca, uma faca longa. Sei que preciso usá-la. Eu me lembro que Jorg me

machucou. Preciso voltar e ler meu diário, mas de alguma maneira minhas mãos não querem virar as páginas para trás, só para frente. Eu sonhei com isso também.

Sageous está à porta de novo. Os príncipes estão esperando.

Eu não gosto dos olhos desse homem.



Não há ninguém como Gorgoth. Não há molde para as leucrotas. Corrompidas pelos venenos dos Construtores, elas saem arruinadas do ventre e percorrem caminhos estranhos conforme crescem. As costelas que perfuram sua carne e saem de cada lado são pretas e grossas, sua pele mais vermelha que sangue e o músculo embaixo sobe e desce quando se mexe. Embora ele seja feito para a guerra e para o horror, há poucos homens à imagem de Adão cuja aprovação teria tanta importância para mim – e a maioria está morta.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

14

— QUATRO ANOS ATRÁS —

Um dia após deixarmos as areias de Thar e começarmos a cavalgar pelas pastagens de Thurtan eu peguei a caixa de Makin. Senti as pontas afiadas da lembrança perdida através das paredes de cobre e percebi o veneno contido ali. Makin me disse uma vez que um homem que não tem medo está perdendo um amigo. Com o cobre de estampa de espinho apertado e apreensivo em meu punho, pensei que talvez tivesse finalmente encontrado aquele amigo. Virei a caixa para um lado e depois para outro. Não continha nada de bom – apenas eu. E um homem deveria ter um pouco de medo de si mesmo, claro. Do que ele poderia fazer. Conhecer-te a ti mesmo deve ser uma coisa terrivelmente chata. Coloquei a caixa no fundo de meu alforje e a deixei fechada. Não perguntei de Katherine. Peguei uma nova faca com Grumlow e cavalguei em direção ao nosso assunto em Heimrift.

Nós fomos para o norte, percorrendo terrenos amplos onde o vento chicoteava a grama da primavera em um mar agitado e ondas verdes corriam uma atrás da outra. Uma terra feita para cavalos, para galopar, para perseguir entre as fronteiras escuras de uma floresta e a seguinte. Deixei Brath à vontade e dei uma canseira em nós dois, como se o inferno inteiro estivesse em nosso encalço. Os irmãos mantiveram o passo o máximo que conseguiram, pois todos nós queríamos deixar Thar muitos quilômetros para trás. Fogueiras antigas ainda queimavam ali, despercebidas. Em mil anos o Monte Honas, o lugar em que acendi um Sol dos Construtores, pode ficar como Thar, uma Terra Prometida que no futuro retornaria ao homem, mas que agora não nos amava.

Naquela noite, quando nos ajeitávamos para dormir, eu vi o bebê pela primeira vez, caído morto na grama alta perto de nosso acampamento. Retirei meu cobertor e andei até ele, observado por Gorgoth e por Gog, que dormia ao lado dele agora. O local onde a criança havia caído estava vazio. Senti um sopro de perfume, almíscar branco talvez. Dei de ombros e voltei para minha cama. É melhor esquecer certas coisas.

Nós viajamos no dia seguinte e no outro, ao longo das margens do Rio Rima, que corre entre Thurtan e seus vizinhos ao leste. As terras do Rima haviam sido o jardim do Império, cultivadas com um cuidado primoroso. Empurre as fronteiras de uma nação para lá e para cá sobre um jardim uma dúzia de vezes e tudo que restará será lama e ruína.

Em certo ponto, atravessamos um campo de pedras antigas, centenas por cima de centenas delas, enfileiradas, cada bloco um pouco mais alto que um homem e um pouco mais largo, todos colocados ao comprido, cobertos de líquen e grama até a altura dos joelhos, se balançando ao redor deles. Antigas, de antes da chegada dos Construtores; anteriores aos gregos, Lundist me contou. Uma força desconfortável pulsava entre os monólitos e conduzi os irmãos mais rápido do que era prudente para sair do campo.

No quarto dia, uma leve chuva nos envolveu e caiu sem parar, do alvorecer ao anoitecer. Cavalguei por um tempo ao lado de Maical, deslizando suavemente na sela do tordilho. Ele sempre cavalgava como se estivesse no mar, Maical, afundando para frente, deslizando para trás, sem um pingo de elegância.

"Você gosta de cachorro, Maical?", perguntei.

"Carne de vaca é melhor", ele disse, "ou carneiro."

Eu pus um sorriso em meu rosto. "Bem, essa é uma nova perspectiva. Achei que você pudesse gostar deles pela estupidez." Por que estava atormentando Maical eu não fazia ideia. Parte de mim até gostava de Maical. Quase.

Eu me lembrei de uma época quando voltei para o acampamento depois de explorar a cidade de Mabberton, na parte suave dos Pântanos de Ken. Eu havia chegado pelo caminho do pântano, com Gerrod escolhendo passar pelas moitas e pelos erióforos. A princípio, achei que os gritos agudos eram de uma menina da vila, boba o bastante para ser agarrada pelos irmãos, mas acabou que eram apenas dois dos rapazes em cima de um cachorro amarrado, espetando-o com alguma coisa afiada para fazê-lo cantar.

Desci de Gerrod e os peguei pelos cabelos, um punhado de cabelo preto e o outro de vermelho, e puxei para trás, jogando meu peso no movimento. Os dois começaram a gritar e um até veio para cima de mim, com raiva. Abri a palma de sua mão com um corte rápido e bonito.

"Você não devia ter feito aquilo, irmão Jorg", Gemt disse, apertando a mão cortada, com o sangue jorrando solto e rápido. "Não devia."

"Não?", perguntei, conforme os irmãos começavam a se reunir ao nosso redor. "E onde eu estava, irmão Gemt, enquanto você praticava suas habilidades de batalha nesse vira-latas inútil?"

Jobe se pôs ao lado de Gemt, esfregando o local onde eu arrancara seus cabelos. Olhei incisivamente para o cachorro e ele se ajoelhou para libertá-lo.

“Você estava observando aquela cidade”, Gemt disse, agora com o rosto bem vermelho.

“Eu estava patrulhando aquela cidade, Mabberton, sim”, eu disse. “Para que pudéssemos atacá-la com o que o idiota do seu irmão chama de o elefante da surpresa. E tudo o que eu disse a vocês era para não chamar a atenção.”

Gemt cuspiu e usou a mão esquerda para manter fechado o corte na direita.

“Não chamem a atenção, eu disse, não para acordar a porra do pântano inteiro, dos girinos até os sapos, com a porra de um cachorro uivando. Além disso”, continuei, virando-me lentamente para ver meu pequeno bando inteiro, “todo mundo sabe que atormentar um cachorro burro dá azar. Vocês todos saberiam disso se não fossem burros para caralho e soubessem ler.”

Makin foi um dos primeiros a participar do espetáculo e estava com um enorme sorriso. “Eu sei as letras”, ele disse, surpreendendo vários dos irmãos. “Então, qual é o livro que diz isso, irmão Jorg?”

“O grande livro do Vai Se Foder”, respondi.

“Então machucar cachorros dá azar agora, é?” Ainda com aquele sorriso.

“Perto de mim dá”, eu disse.

Agora piscando, peguei a chuva ainda molhando meu rosto em nossa longa jornada ao lado do Rima. Apaguei a lembrança. “Você se lembra daquele cachorro que seu irmão encontrou antes de chegarmos a Mabberton, irmão Maical?”, perguntei. Ele não se lembrava, claro. Maical se lembrava de muito pouco sobre qualquer coisa.

Ele olhou para mim, com os lábios contraídos, cuspindo a chuva. “Colocar dor em cachorro dá azar”, ele disse.

“Deu para o seu irmão”, eu disse. “Teve um acidente no dia seguinte.”

Maical franziu a testa, confuso, e assentiu lentamente com a cabeça. “Todo mundo sabe que não se machuca o que se come”, ele disse. “Deixa a

carne amarga."

"Outra nova perspectiva, irmão Maical", suspirei. "Sabia que o mantive conosco por algum motivo."

Aquele cachorro voltou na manhã seguinte, logo antes de chegarmos a Mabberton, como se eu fosse amigo dele ou coisa assim. Não iria embora até eu lhe dar um bom chute, uma lição gratuita de como o mundo funciona, se preferir.

Maical apenas deu um sorriso vago e continuou a cavalgar.

Heimrift fica no ducado de Maladon, uma terra onde os mares famintos devolveram o pouco das Terras Dane que não conseguiram engolir. É uma boa viagem das Terras Altas de Renar, sob qualquer aspecto, e dadas as rotas sinuosas que teríamos que fazer seria uma jornada de semanas. Na estrada você cai na rotina. A minha incluía uma árdua sessão de uma hora de espadas com Sir Makin toda noite antes do sol se pôr. Eu me dediquei à arte com interesse renovado. Um novo desafio muitas vezes o impede de ficar meditando sobre o passado.

A espada para mim havia sido um meio de levar a morte através de uma multidão. Com os irmãos, frequentemente me via entre inimigos desqualificados, mais interessados em fugir do que em lutar, e eu usava minha lâmina para o abate. Eu havia conhecido adversários mais habilidosos, é claro, soldados enviados para nos impedir, mercenários bem treinados para vigiar as carroças dos comerciantes e outros bandidos com seus próprios irmãos na estrada querendo o que nós tínhamos.

Quando vi o defensor de Katherine enfrentar Sir Makin, e depois quando eu mesmo me coloquei contra o Príncipe de Arrow, compreendi a diferença entre o operário e o artista. Claro que há tempo de ser artista quando você não precisa se preocupar com um fazendeiro chegando por trás e enfiando um forcado em seu pescoço enquanto você exibe suas fintas e defesas.

Então treinei com Makin, dia após dia, desenvolvendo o tipo certo de músculo, aprendendo a sentir as diferenças sutis pela espada, mesmo quando ela está sendo atingida com tanta força por outra espada que tudo que você quer fazer é soltá-la. E toda vez que eu melhorava um pouco ele aumentava a dificuldade. Comecei a odiá-lo. Só um pouco.

Quando se lida bastante com a espada e você se coloca em muitas lutas, há uma espécie de ritmo que se detecta. Não o ritmo do seu oponente, mas uma espécie de batida necessária em matéria de cortes e estocadas, como se seus olhos lessem as primeiras insinuações de cada ação e as arranjassem como música para se dançar. Eu ouvia apenas sussurros do refrão, mas toda vez que os percebia aquilo fazia Makin prestar atenção de repente e começar a suar para me conter. Eu ouvia apenas frases murmuradas da canção, mas só de saber que ela estava ali era suficiente para me manter empenhado.

Se você continuar indo ao norte e a leste das Terras Altas de Renar, uma hora precisará atravessar o Rio Rima. Como o rio tem pelo menos quatrocentos metros de largura em qualquer ponto onde se possa alcançá-lo sem uma hoste invasora, o exercício de cruzá-lo normalmente requer um balseiro.

Há uma alternativa. Uma ponte na cidade livre de Remagen. Como uma ponte consegue abarcar tal extensão de água é de se admirar e eu decidi vê-la com meus próprios olhos em vez de regatear com o proprietário de uma barca instável rio acima.

Nós nos aproximamos de Remagen pelos morros de Kentrow, serpenteando por intermináveis vales estreitos – barrancos cheios de pedras, essencialmente, do tipo que deixa os cavalos coxos. O tédio da trilha nunca me incomodara quando costumávamos vaguear quilômetros em busca de travessuras ou pilhagem, ou talvez ambos. Desde Thar, porém, eu achava os longos silêncios um sofrimento. Minha mente vagava por caminhos sombrios. Não sei quantas maneiras existem de colocar Katherine

junto com uma faca desaparecida e um bebê morto, mas acho que devo ter considerado a maioria delas, extensamente. Eu sabia onde a resposta estava e continuava constatando que não queria descobri-la. Pelo menos não o suficiente para abrir aquela caixa.



A sabedoria do irmão Maical reside em saber que ele não é inteligente em se deixar ser liderado. A tolice da humanidade é que nós não fazemos o mesmo.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

15

— QUATRO ANOS ATRÁS —

Gog teve um pesadelo nos cânions secos dos morros de Kentrow. Um sonho tão ruim que nos afugentou de lá, tropeçando sobre nossos cobertores fumegantes enquanto o fogo pingava e cuspia à nossa volta. Enquanto caçávamos os cavalos no escuro, cambaleando sobre cada pedra e arbusto, o outro lado do cânion brilhava com um calor vermelho feroz.

"Vamos encontrar um monstrinho crocante quando voltarmos lá", Rike disse, com o fogo ressaltando os ossos brutos de seu rosto em formas demoníacas.

"Nunca se queimou antes", Grumlow disse, minúsculo ao lado de Rike.

À nossa frente, mais próximo do calor que nós queríamos chegar, mais próximo do que nós *poderíamos* chegar, Gorgoth aguardava para retornar. Sua silhueta contra o brilho tinha uma forma perturbadoramente aracnídea, com as costelas espalmadas saindo de seu flanco como pernas.

O jovem Sim voltou trazendo Brath e seu próprio pangaré. “Seria mais útil em uma viagem de inverno.” Ele acenou em direção às chamas, deu de ombros e saiu com os cavalos. Sim levava jeito com cavalos. Ele fora um rapaz de estábulo a serviço de algum lorde outrora. Passou um tempo em um bordel também, quando criança, ganhando e não gastando.

Montamos um novo acampamento e esperamos para ver o que restava do anterior.

Quando voltei com Gorgoth, o céu havia começado a se perolizar. As rochas estalavam conforme esfriavam e eu podia sentir o calor pelas solas de minhas botas. Maical veio conosco. Ele parecia gostar da leucrota.

Nós encontramos Gog dormindo pacificamente em uma área enegrecida que se assemelhava a uma fogueira apagada. Iluminei o garoto com a única lanterna que nos restava. Ele apertou os olhos e depois se virou. “Desculpe incomodar.” Dei uma risada e me sentei, levantando-me rapidamente com a bunda queimada.

“Ele está mudando”, Gorgoth disse.

Eu também havia notado. O pontilhado vermelho e preto de sua pele havia assumido tons mais ardentes, carmesim sobre cinza, e um formato mais parecido com chamas, como se o fogo houvesse de alguma maneira se congelado em sua pele.

Nós então dormimos – nós de volta ao novo acampamento e Gorgoth com Gog nas ruínas do antigo. De manhã, eles se uniram a nós e Gog correu até o fogo do desjejum como se fosse uma novidade que ele nunca houvesse visto. As chamas enrubesceram quando ele se aproximou e a água nas panelas de Algazarra começou a ferver, mesmo sendo fresca do riacho.

“Vocês não conseguem vê-los?”, ele perguntou enquanto Gorgoth o puxava de volta.

“Não”, eu disse, acompanhando-os para longe do acampamento. “E é melhor você não vê-los também. Logo vamos nos encontrar com um homem que sabe tudo sobre essas coisas. Até lá, fique... frio.”

Eu me sentei com eles mais para baixo do desfiladeiro. Brincamos de jogar pedras e cruzar bastões. Parece que quando se tem oito anos é possível superar qualquer coisa, pelo menos em curto prazo. Gog ria quando ganhava e sorria quando perdia. Eu não me lembro de uma vez em que brinquei para não vencer, mas não me irritei com as maneiras fáceis dele. Quando a ambição finca seus dentes em você é difícil saber quando aproveitar o que está à sua frente.

"Bom menino." Maical passou os bastões que recolhera para Gog, um pequeno punhado em sua mão calejada. "Sonhos ruins."

Franzi a testa. Gorgoth fez um barulho.

"Todos nós demoramos a acordar...", eu disse. "Poderia ter terminado mal." Eu me lembrei de sentir o calor, o cheiro de queimado e a lenta luta para me libertar de meus próprios pesadelos.

Gorgoth e eu encontramos a resposta na mesma hora, mas ele falou primeiro: "Sageous".

Assenti lentamente assim que a compreensão do quão burro eu havia sido caiu sobre mim. Coddin estava certo: muitas mãos tentariam empunhar uma arma como Gog. Por duas vezes o bruxo dos sonhos já havia virado aquele poder contra mim. Ele pode não conseguir me matar com meus próprios sonhos, mas tinha uma boa chance com os de Gog.

"Mais razão ainda para seguir em frente." Eu podia ter dito que "a terceira vez é a que vale", mas não faz sentido atentar o destino – a menos que você tenha uma espada grande o bastante para matá-los também.

Prosseguimos após o desjejum e nos aproximamos de Remagen. Há um pequeno forte em um cume não muito distante do rio, ao sair dos morros de Kentrow. Ele oferece uma visão da estrada que leva à cidade. Nós vimos o Rima, como uma fita brilhante atrás do forte, e um sinal das torres da ponte.

Kent e Maical me flanqueavam à frente de nosso bando e nos aproximamos do forte a trote, com Gog agarrado às minhas costas e Gorgoth correndo próximo. Makin e Rike trotavam atrás, rindo. Makin conseguia fazer até Rike gargalhar quando queria. Depois Grumlow e em seguida Sim e Algazarra. Suponho que possa ter sido Gorgoth que assustou os homens do forte, embora àquela distância não desse para vê-lo nitidamente. De qualquer modo, em um momento eu tinha Kent à minha direita e Maical à minha esquerda, e no momento seguinte o tordilho estava com a sela vazia.

Puxei Brath, que descreveu um pequeno círculo, e saltei rapidamente enquanto os outros continuaram, confusos. Havia de ser um tiro de sorte. Com a distância entre nós e os muros do forte, um bom arqueiro teria dificuldade de acertar uma casa usando um arco. Mas lá estava ela, uma ponta emplumada enfiada em seu pescoço, a ponta afiada vermelha e gotejando, com trinta centímetros saindo do outro lado. Maical me olhou com uma lucidez incomum quando me ajoelhei a seu lado.

"Hora de morrer, irmão Maical." Eu não queria mentir para ele. Peguei sua mão.

Ele me observou, mantendo seus olhos nos meus enquanto os outros viravam seus cavalos e começavam a gritar.

"Rei Jorg", ele disse, porém sem som, com o sangue escorrendo dos cantos de sua boca. Ele parecia estranho com seu capacete virado para um lado e uma luz dentro dele, como se tudo que estivesse quebrado na sua vida toda houvesse sido consertado por uma simples queda do cavalo. Ele nunca me chamara de "rei" antes, como se "irmão" fosse o máximo que ele alcançasse.

"Irmão Maical", eu disse. Já perdi muitos irmãos, mas não muitos enquanto eu observava seus olhos. A força deixou sua mão. Ele tossiu sangue e seguiu seu caminho.

"O que diabos...?" Makin saltou de seu cavalo.

A ponta da flecha reluzente chamou minha atenção. Uma gota de sangue estava pendurada na ponta, com o reflexo de um bebê distorcido em sua curva. Vi uma faca vermelha e Katherine andando entre as tumbas.

"Olá, Jorg", ela dissera.

"Tá morto." Kent se ajoelhou ao lado de Maical. "Como?" A flecha estava bem clara, mas não parecia responder a pergunta.

Eu me levantei e passei pelo cavalo de Makin, pegando o escudo de cima de seus alforjes. Continuei andando. Uma frieza rastejou por mim, formigando em minhas bochechas. Peguei a balestra do nubano nas costas de Brath e verifiquei sua carga dupla.

"Jorg?" Kent se levantou.

"Vou entrar", eu disse. "Ninguém sai vivo. Entenderam? Qualquer um que me seguir, eu mato." Sem esperar por resposta segui adiante.

Caminhei por cem metros antes de outra flecha cair, bem longe à esquerda. O disparo que matou Maical há de ter sido uma exceção, sem a real esperança de atingir seu alvo. Pendurei a balestra do nubano em meu ombro. Finas amarras prendiam os dardos em suas canaletas.

Eu podia ver quatro homens nas ameias agora. Cinquenta metros adiante eles soltaram uma saraivada. Ergui o escudo. Uma flecha o acertou, com a ponta visível do meu lado, as outras bateram nas pedras.

Não era um forte grande, era mais um ponto de observação. Trinta homens o preencheriam lado a lado e parecia ter se passado muitos anos desde que ele havia sido totalmente guarnecido.

Quando eu estava devidamente dentro do alcance, os homens na muralha encontraram sua coragem. Um guerreiro solitário se aproximava deles em um passo constante, e ele não parecia ter muito mais de dezesseis anos. Outros três se uniram a eles atrás das ameias; não eram soldados, estavam sem uniforme – eram apenas um bando desorganizado e outros mais vigiavam pela grade levadiça.

"Então vocês não vão me deixar entrar?", gritei para eles.

“Como vai seu amigo?” Um gordo gritou da muralha. Os outros riram.

“Vai bem”, eu disse. “Algo assustou o cavalo dele e ele caiu. Ele vai se levantar assim que recuperar o fôlego.” Espiei sobre meu escudo e arranquei a flecha dele. “Alguém quer isso de volta?” Eu me sentia completamente calmo, sereno e, ao mesmo tempo, com a sensação de alguma coisa correndo em minha direção, como uma rajada de vento através das pradarias sob um céu se escurecendo.

“Com certeza.” Um dos seis atrás do portão riu e começou a girar a roda, elevando a grade aos poucos enquanto a corrente atracava em suas engrenagens. O músculo grosso de seus braços brilhava, branco através da sujeira, conforme ele se contraía.

Vi dois dos homens na muralha trocarem olhares. Acho que a flecha não era tudo que eles planejavam tirar de mim. Comecei a me aproximar para alcançar o portão assim que ele estivesse alto o suficiente para eu passar por baixo sem me curvar. O fedor do lugar, após tantas noites ao ar livre, fez meus olhos arderem.

A tempestade que corria em minha direção através de algum deserto oculto em minha mente me atingiu assim que entrei no forte. Ofereci a flecha ao homem mais próximo, um cara magro com, entre todas as coisas, um machado de executor. Ele tentou pegá-lo e eu enfiei a flecha em seu olho.

Há um momento de silêncio quando algo assim acontece, quando uma flecha se projeta de um olho reluzente e seu dono ainda não gritou. Os homens que agem quietos em tais momentos tendem a viver mais. Do grupo atrás do portão, somente um se mexeu antes de o homem gritar, mas eu me mexi mais rápido. Peguei seu pulso na hora em que ele me alcançou e empurrei o escudo de Makin contra a articulação de seu cotovelo. Com o braço dele reto, eu o girei para seu corpo acertar outro homem antes de bater a cabeça contra a parede. Os homens rápidos

tendem a viver mais, mas às vezes acabam sendo os primeiros da fila a morrer.

Dei um passo para trás, quase até a grade que havia começado a cair, e sacudi a balestra do nubano em meu ombro, deixando que seu peso a balançasse para debaixo de meu braço. Ao erguê-la, puxei os dois gatilhos sem me preocupar em mirar. Ambos os dardos atingiram o mesmo homem, o que foi um pouco de desperdício, mas de todos ele era quem tinha mais armadura e a balestra do nubano fez dois grandes buracos nela.

A grade bateu no chão atrás de mim. O vento fez cócegas em meu pescoço quando ela desceu com tudo. Restavam quatro à vista. O grandão à roda do portão procurando sua espada, outro sem ferimentos se levantando do chão. Dois que podiam ser irmãos, ambos largos, com cabelos desgrenhados e dentes podres, vindo para cima de mim. Eles fizeram a escolha certa. Quando os números estão do seu lado, lute com seu inimigo antes que ele pegue seu aço.

Tomei impulso no portão, usando-o para acelerar meu ataque. A dupla diante de mim tinha a vantagem do peso, mas se você se atira com força por trás de um escudo, especialmente se você se certifica de que a borda de ferro atingirá algo útil, como a garganta, pode ter um pouco de sua própria vantagem, não importa quanto você pese.

Não havia medo em mim, apenas a necessidade de matar, apenas algo rastejando sobre mim, dentro de mim, que talvez pudesse ser lavado com bastante sangue.

Um dos dois feiosos veio sob mim, com sangue, cuspe e dentes respingando em meu rosto. O outro pairava sobre nós quando eu puxei a faca de Grumlow de minha bota.

O trabalho com a faca é um negócio violento, irmãos. Com a faca, você fatia a carne de perto, a enterra até o osso e mergulha no que sai jorrando. Os gritos estão em seu ouvido, a dor estremece através da lâmina curta. Eu podia dizer que me lembro de tudo, mas não lembro. Uma fúria me tomou,

pintando o mundo de escarlate, e eu uivava enquanto matava. Tenho uma visão do momento em que deixei o pátio do portão, retirando minha espada pela primeira vez enquanto o restante da guarnição descia correndo dois lances de escadas estreitas à esquerda e à direita. Os homens que apareceram primeiro tentaram recuar, com os outros se aglomerando atrás, empurrando.

Não foi por Maical que eu matei aqueles homens, nem pela alegria da chacina, nem pela orgulhosa lenda do Rei Jorg. Como Gog, eu tenho meu próprio fogo armazenado e aceso, e em alguns dias a fagulha certa pode fazê-lo arder além do meu controle. Talvez essa fosse a verdadeira razão de eu ter me aventurado por meia dúzia de reinos para encontrar um mago do fogo para meu monstro de estimação. Talvez eu quisesse saber que tal fogo pudesse ser contido. Que eles não precisavam matar nós dois.

Sobrevivi à minha tolice, embora catorze homens não, e caminhei, meio bêbado de cansaço, do portão mais uma vez. Os irmãos deixaram seus postos no perímetro em volta do forte e me seguiram de volta em direção aos cavalos.

"Jorg", disse Makin.

Eu me virei e eles pararam.

"Jorg, o Rubro", disse Kent, o Rubro, e bateu com a mão em seu peito.

"Jorg, o Rubro", Rike grunhiu. Ele bateu o pé.

Gorgoth bateu seu grande pé. Makin pegou sua espada e a bateu contra sua couraça. Os outros começaram a cantar. Olhei para baixo e vi que nenhuma parte de mim estava sem sangue. Eu pingava com o sangue dos outros, tão vermelho quanto Kent no dia em que o encontramos. E então soube por que ele não falava naquilo.

Fui até Maical e tirei seu machado dos arreios do tordilho. "Faremos um marco para seu túmulo", eu disse. "E colocaremos as cabeças dos homens do forte em volta para vigiá-lo." Joguei o machado para Rike. Ele o pegou e

saiu para o forte sem reclamar. Pela primeira vez, acreditei que a pilhagem não estava à frente de seu pensamento.

Nós fizemos o marco. Gorgoth trouxe pedras que nenhum homem sozinho conseguiria rolar. Não sei se Maical iria querer as cabeças, ou se ele se importaria, ou se teria qualquer opinião sobre o assunto, mas, de qualquer forma, nós as colocamos como sua guarda de honra. Eu não sei o que Maical teria desejado. Nunca o conheci realmente até aqueles últimos segundos quando ele caiu, morrendo. Eu me surpreendi ao descobrir que me importava.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

16

— QUATRO ANOS ATRÁS —

Há sete tonalidades que se pode extrair de um homem. Carmesim do sangue arterial, roxo das veias, verde como grama recém-cortada da bile, marrons do intestino, mas tudo isso seca em algum ponto entre a ferrugem e o alcatrão. Hora de Jorg, o Rubro, ir até um córrego e limpar-se dos vestígios dos homens do forte. Observei a sujeira deixando a água rosada.

"Então, o que foi aquilo?", Makin perguntou, chegando por trás.

"Eles atiraram em meu idiota", eu disse.

Uma pausa. Parecia que Makin sempre dava aquela pausa comigo, como se eu fosse uma incógnita para ele. "Nós lhe dissemos que ele estava morto lá em Norwood e você não ligou a mínima", disse Makin. "Então por que agora? A verdade, Jorg."

"O que é a verdade?", perguntei, lavando o resto de sangue de minhas mãos. "Pilatos disse isso, sabia? 'O que é a verdade?'"

"Tudo bem, então não conte", Makin disse. "Mas nós precisamos atravessar aquela ponte correndo agora antes que isso se espalhe."

Eu me levantei, sacudindo a água de meu cabelo. "Estou pronto. Vamos."

Com os irmãos em suas selas e na estrada, aproveitei o momento para revisitar o marco do túmulo. A necromancia pulsou em meu peito quando me aproximei, um eco da dor quando a faca de meu pai cortou. Um eco de todos os sabores de dor que me preencheram naquele momento, apunhalado, traído, as forças se esvaindo de mim, quentes e vermelhas. Corvos saíram voando das cabeças quando cheguei mais perto. Fiquei mudo diante do monte de pedras secas, com a cabeça vazia, sem saber o que sentia. Meu olho viu os respingos de líquen amarelado, os veios de quartzo em uma grande pedra, os pingos pretos de sangue na pedra. Parecia que as cabeças me observavam, como se seus olhos bicados pelos corvos estivessem virados para mim. E então não era mais questão de "parecer". Conforme circulei lentamente o marco, cada cabeça virou o olhar para me acompanhar. Eu havia matado o primeiro homem com uma flechada no olho. O olho se contraiu quando ele tentou virá-lo em minha direção. Eu atraí o olhar do único olho com que ele podia me ver.

"Jorg", seus lábios formaram meu nome.

"Chella?", perguntei. Quem mais poderia ser? "Pensei que a tivesse enterrado bem fundo." Por um momento, eu a vi tombando sobre aquele dardo, arrastando o nubano, após eu ter atirado em ambos com a balestra dele.

O mesmo sorriso contorceu os lábios de cada homem.

"Eu a encontrarei, vadia", falei baixo. Seus ouvidos bastavam para me escutar.

As cabeças alargaram os sorrisos para exibir os dentes. Os lábios se mexeram. Pareciam dizer "Rei Morto".

Dei de ombros. "Aproveitem os corvos." E os deixei. Duvido que qualquer força que estivesse a serviço ali importunaria Maical debaixo de tanta

pedra.

Nós prosseguimos, reabastecidos do forte, substituindo o que Gog havia queimado à noite. Remagen amontoava-se em torno das duas margens do Rima, uma modesta cidade murada, com fumaça subindo de dezenas de chaminés alinhadas ao longo de ruas bem organizadas. A ponte chamou minha atenção, contudo. Eu nunca pensara em pontes como sendo graciosas antes, mas esta pendia resplandecente entre duas torres prateadas mais altas que O Assombrado, suspensas pelo que pareciam ser fios brilhosos, mas que deviam ser cabos tão grossos quanto um homem.

Meia hora depois, estávamos enfileirados nos portões da cidade, esperando nossa vez atrás de mascates, comerciantes com seus carrinhos, fazendeiros levando vacas ou transportando patos e galinhas. Guardamos nossas armas nos cavalos, fora de visão, mas ainda parecíamos um grupo perigoso.

Gorgoth atraía muitos olhares, mas nada dos gritos e correrias de costume.

"Vocês devem estar com o circo", disse o fazendeiro com os patos nas gaiolas de vime. Ele balançou a cabeça como se concordasse com sua frase.

"Estamos sim", eu disse, antes que Rike pudesse resmungar. "Faço malabarismos", acrescentei, e dei-lhe um sorriso.

Os homens do portão eram do mesmo bando desorganizado que encontramos no forte. A cidade não tinha soldados, de acordo com Algazarra, apenas uma milícia avulsa, de pessoas locais, a serviço do prefeito por um ou dois meses, depois liberadas para voltarem a seus afazeres.

"Prazer em conhecer." Eu bati minhas mãos nos ombros do que deveria ser o capitão do portão em qualquer cidade decente. Sorri como se houvéssemos sido melhores amigos a vida toda. "Jorg, o Rubro, e seus artistas viajantes nos reunindo com nossos colegas do circo. Eu faço malabarismos. Você gostaria de ver?"

"Não", ele disse, tentando se desvencilhar. Uma boa resposta, principalmente porque não faço malabarismos.

"Tem certeza?", insisti, finalmente soltando-o. "Meu amigo aqui faz truques com a faca. E o Pequeno Rikey é notoriamente feio."

"Andem logo", ele disse e se virou para o funileiro atrás de nós.

Eu passei entre os guardas – "Querem ver malabares? Não?" – e atravessei os portões.

"A ponte é daquele lado", Makin disse, apontando outra vez como fez no cruzamento, como se ela não tivesse duzentos metros de altura e brilhasse no sol da manhã.

"De fato", eu disse. "Mas nós estamos com o circo." E saí para a direita, sem apontar para o pavilhão multicolorido se elevando acima dos telhados. "Eu faço malabarismos!"

Nós tivemos de começar pelos cantos para seguir caminho antes de avistarmos completamente o pavilhão. A população de Remagen havia saído às centenas, lotando as ruas em torno do circo, espalhando-se pelas tavernas e aglomerando-se nas tendas menores e barracas em volta da atração principal.

"Deve ser domingo", Sim disse, sorrindo como um menino, o que eu suponho que ele fosse, no fim das contas.

Rike foi para a frente, abrindo caminho até a grande tenda. Como Sim, ele tinha um olhar ansioso, com o tipo de brilho que aquele palhaço de brinquedo havia causado lá no Assombrado. Eu não era o único que me lembrava.

"É o Raiz-Mestra?", perguntou Makin, franzindo a testa.

Eu assenti. "Deve ser."

"Excelente", disse Kent. Ele havia pegado três pirulitos de algum lugar e estava tentando colocar todos eles na boca ao mesmo tempo.

Chegamos à entrada do pavilhão, amarrada de cima a baixo e presa com uma estaca, com a entrada menor também abaixada. Um homem e um

garoto estavam sentados na poeira diante da porta, debruçados sobre um tabuleiro de madeira com marcadores pretos e brancos dispostos sobre ele em várias cavidades.

"O espetáculo só começa ao pôr do sol", o homem disse quando minha sombra caiu sobre o tabuleiro. Ele não olhou para cima.

"Você tem mancala em três lances, se jogar do buraco final e depois do buraco do olho", eu disse.

Ele olhou para cima rapidamente, levantando sua cabeça careca sobre o pescoço grossíssimo. "Por Cristo Jesus! É o pequeno Jorg!"

Ele se levantou e me tomou em seus braços, jogando-me um metro para cima antes me pegar de volta.

"Ron", eu disse. "Você costumava ser forte!"

"Seja justo." Ele sorriu. "Você dobrou de tamanho."

Dei de ombros. "A armadura pesa um pouco também. Salvou minha costela, porém!" Acenei para os outros se aproximarem. "Você se lembra do Pequeno Rikey?"

"Claro, Makin, bom te ver. Grumlow." Ron viu Gorgoth. "E quem é esse grandão?"

"Mostre a coisa a ele", disse Rike, excitado como uma criança, "mostre a coisa a ele."

"Mais tarde", Ron sorriu. "Os pesos estão todos guardados agora. Além disso, parece que seu amigo pode me tirar do ramo."

Ron ou, para lhe fazer justiça, o incrível Ronaldo, fazia o número do fortão do circo. Ele ganhou o respeito eterno de Rike pelo simples ato de levantar um peso maior do que Rike podia. É verdade que a natureza dera a Ron uma quantidade exorbitante de músculos, mas eu acho que o Pequeno Rike deve ser mais forte ainda assim. Com certeza eu apostaria em Rike em vez de Ron em uma briga de taverna. Mas com o levantamento de pesos há a pegada, o tempo e o comprometimento, e Rike fracassava onde Ron se esforçava.

“Então, onde podemos encontrar o bom doutor Raiz-Mestra?”, perguntei.

Ronaldo nos conduziu através da abertura lateral, deixando o garoto, que na verdade era um anão velho o suficiente para estar grisalho, para vigiar nossos cavalos. Levei a balestra do nubano. Eu não confiava que o anão pudesse afugentar possíveis ladrões e, além disso, posso querer atirar em um ou dois palhaços de circo. Só por diversão.

Contornamos o picadeiro central, levantando serragem e observando três acrobatas praticarem seus saltos onde o sol brilhava através da abertura superior. Na parte de trás da grande tenda, divisórias de lona delimitavam vários quartos. Aqui se sentia o forte odor das jaulas dos animais e podia-se ouvir um ou dois rosnados por cima das batidas e gritos dos acrobatas.

Raiz-Mestra estava de costas para mim quando entrei atrás de Ron. Duas dançarinas estavam de pé diante dele em poses preguiçosas, entediadas e revirando os olhos.

“Observem-me!”, disse Raiz-Mestra. “Quadris e peitos. Isso vende ingressos. E façam cara de quem está gostando, pelo amor de Deus. Observem-me.”

Ele falava com as mãos, Raiz-Mestra, mãos com dedos longos sempre voando acima de sua cabeça.

“Estou observando”, eu disse. Dizem que Raiz-Mestra pegou esse hábito de sua época no jogo dos três copos. Observem-me! E o garoto batia suas carteiras.

Ele se virou ao ouvir aquilo, com as mãos atiradas no ar. “E quem você trouxe para me ver, Ronaldo? Um belo jovem, de fato, com amigos lá fora.”

Raiz-Mestra me conhecia. Raiz-Mestra nunca se esquecia de um rosto, ou um fato, ou uma fraqueza.

“Jorg, o Rubro”, eu disse. “Faço malabarismos.”

“Ah, faz, é?” Ele correu os dedos por sua mandíbula até a ponta de seu queixo. “E você faz malabarismos com o quê, Jorg, o Rubro?”

Eu sorri. “O que você tem?”

“Observe-me!” Ele pescou uma garrafa escura das profundezas de sua capa de muitas cores desbotadas. “Venha se sentar, traga seus irmãos se eles couberem.” Ele dispensou as dançarinas com um agitar de mãos.

Raiz-Mestra recuou atrás de uma escrivaninha no canto, encontrando óculos em sua gaveta. Peguei a única outra cadeira, enquanto os outros se enfileiraram atrás de Makin.

“Suponho que você ainda faça malabarismos com vidas, Jorg”, disse Raiz-Mestra. “Embora em ambientes mais salubres hoje em dia.” Ele colocou uma dose verde em cinco copos, em um só movimento, sem uma gota perdida.

“Você ouviu a respeito da mudança de minhas circunstâncias?” Eu peguei o copo. O conteúdo parecia urina, um pouco mais verde.

“Absinto. Ambrosia dos deuses”, disse Raiz-Mestra. “Observem-me.” E ele virou o copo com uma leve careta.

“Absinto? Isso em grego não quer dizer intragável?” Cheirei o copo.

“Dois ouros a garrafa”, ele disse. “Tem de ser bom por esse preço, não?”

Dei um gole. Tinha o tipo de amargor que tira camadas de sua língua. Tossi sem querer.

“Devia ter me dito que era um príncipe, Jorg. Sempre soube que havia algo em você.” Ele apontou dois dedos para seus olhos. “Observe-me.”

Mais irmãos entraram. Gorgoth se abaixou sob a aba da lona, com Gog apressado à frente. Raiz-Mestra tirou o olhar de mim e balançou-se para trás em sua cadeira. “Agora esses dois camaradas eu poderia empregar”, ele disse. “Mesmo que eles não façam malabarismos.” Ele acenou para os três copos extras. “Sirvam-se, senhores.”

Há uma ordem hierárquica na estrada e é bom saber como ela funciona. Na superfície, o negócio de Raiz-Mestra podia ser serragem e cambalhotas, dançarinas e ursos dançantes, mas ele lidava com mais do que entretenimento. Doutor Raiz-Mestra gostava de saber das coisas.

Um instante se passou. A maioria não perceberia, mas não Raiz-Mestra. Foi o suficiente para que os irmãos soubessem que Makin não estava interessado. Rike pegou o primeiro copo, Kent o seguinte, outro instante, e depois Algazarra tomou o último. Algazarra engoliu o dele e lambeu os lábios. Ele poderia beber ácido sem reclamar.

"Ron, por que você não leva Rike e Gorgoth e lhes mostra o negócio do barril?", perguntei.

Rike tragou sua bebida, fez uma cara azeda e acompanhou Ron, com as leucrotas em seguida, Gog por último.

"O restante de vocês pode se perder também. Vejam se não conseguem aprender truques novos no picadeiro." Dei outro gole. Ainda seria horrível mesmo que custasse vinte ouros a garrafa.

"Makin, talvez você pudesse descobrir algo sobre aquela bela ponte para nós", eu disse.

E eles saíram em fila, deixando nós dois, eu e Raiz-Mestra, observando um ao outro do outro lado da escrivaninha sob o fraco brilho do sol através da lona.

"Um príncipe, Jorg? Observe-me!" Raiz-Mestra sorriu, mostrando os dentes em seu rosto fino. "E agora um rei?"

"Eu teria entalhado um trono para mim, não importa a mulher da qual eu saí", respondi. "Se eu fosse filho de carpinteiro, nascido no estábulo, eu o teria entalhado."

"Não duvido." Novamente o sorriso, aquela mistura de cordialidade e cálculo. "Lembra-se dos tempos que passamos juntos, Jorg?"

Eu me lembrava. Dias felizes são raros na estrada. Os dias que viajamos com a trupe do circo haviam sido de ouro para um menino rebelde de doze anos.

"Conte-me sobre o Príncipe de Arrow", eu disse.

"Um grande homem, sob todos os aspectos", disse Raiz-Mestra. Ele fez um campanário com os dedos e o pressionou a seus lábios.

"E sob os seus aspectos?", perguntei. "Não me diga que você não conheceu o homem."

"Conheci todo mundo, Jorg", ele disse. "Você sabe disso. Observe-me."

Eu nunca sabia se gostava de Raiz-Mestra.

"Conheci até seu pai", ele disse.

Raramente fico inseguro em tais questões, mas Raiz-Mestra, com seus "observe-me" e suas mãos falantes, com sua vida toda sendo um espetáculo e seus segredos? É difícil conhecer um homem que sabe demais. "O Príncipe de Arrow", eu disse.

"Ele é um bom homem", Raiz-Mestra disse por fim. "Ele acredita no que diz e o que ele diz é bom."

"O mundo come homens bons no café da manhã", eu disse.

"Talvez." Raiz-Mestra deu de ombros. "Mas o príncipe é um pensador, um planejador. E ele tem recursos. Os clãs banqueiros da Florentina o adoram. A paz é um bom negócio. Ele está definindo suas peças. As Fenlands renderam-se a ele antes do inverno chegar. Ele acrescentará mais tronos às suas contas em breve. Observe-me. Ele estará diante dos seus portões em alguns anos se ninguém o impedir. E dos portões de seu pai."

"Deixe que ele vá a Ancrath primeiro", eu disse. Eu me perguntei o que meu pai acharia desse "bom homem".

"O irmão dele", disse Raiz-Mestra, "Egan?"

Raiz-Mestra sabia, ele só queria saber se eu sabia. Eu apenas o observava. Afinal, era isso que ele me dizia para fazer.

"O irmão dele é um assassino. Um espadachim como as lendas contam, e cruel com sua espada. Um ano mais novo que Orrin – e sempre será, graças a Deus. Mais absinto?"

"E quanto apoio há para o Bom Príncipe entre a Centena?" Dispensei a garrafa com um aceno. É preciso estar de cabeça limpa com Raiz-Mestra.

"Bem, eles todos o matariam por meio florim", Raiz-Mestra disse.

"Claro."

“Mas ele é misericordioso e isso pode ser uma coisa poderosa.” Raiz-Mestra apertou o peito como se imaginasse um pouco daquela misericórdia para si. “Não há um lorde por aí que não saiba que se abrisse seus portões a Arrow ele manteria sua cabeça e a maior parte do que estivesse atrás dos portões também. No próximo Congresso, os amigos poderiam votar nele para o trono do Império. E, se continuar do jeito que está, ele poderia se eleger para o trono daqui a dois Congressos.”

“É uma manobra inteligente”, eu disse. Misericórdia como arma.

“Mais que isso, observe-me.” Raiz-Mestra deu um gole e passou a língua sobre seus dentes. “É quem ele é. E ele não precisará mais de muitas vitórias até que mais portões estejam abertos a ele do que fechados.” Olhou para mim então, sombrio e perspicaz. “Como ficarão seus portões, Jorg de Ancrath?”

“Vamos ver, não é?” Eu passei um dedo molhado em volta da borda do copo e o fiz cantar. “Mas eu sou um pouco jovem para desistir da ambição, né?” Além disso, às vezes um portão aberto significa apenas que você preferia que *eles* saíssem andando. “E quanto aos outros?”, perguntei.

“Outros?” A expressão inocente de Raiz-Mestra era uma obra de arte, aperfeiçoada ao longo dos anos.

Eu o observei. Raiz-Mestra manteve sua inocência congelando mais um instante. Cocei a orelha e o observei.

“Ah... os outros.” Ele deu um rápido sorriso. “Há apoio para Orrin lá. Ele é predestinado, o Príncipe de Arrow. Profecia em abundância. Demais para os sábios ignorarem. A Irmã Silenciosa está obviamente...”

“Silenciosa?”, perguntei.

“Mesmo assim. Mas outros estão interessados. Sageous, Lady Blue, Luntar de Thar, até Skilfar.” Ele me analisou ao falar cada nome, sabendo no mesmo instante se eu os conhecia. Mudei muito pouco meu rosto nessas horas, mas um homem como Raiz-Mestra precisa de menos que pouco para saber o que você está pensando.

“Skilfar?” Ele já sabia que eu não sabia.

“Bruxo do gelo”, disse Raiz-Mestra. “Joga os jarls uns contra os outros. Há muitos olhos nesse Príncipe de Arrow, Jorg. Sua estrela ainda não subiu, mas esteja certo de que ela está ascendente! Quem sabe quão alta e quão brilhante ela poderá ser quando o Congresso chegar?”

Se alguém sabia, seria o mestre do circo à minha frente. Revirei as palavras de Raiz-Mestra em minha mente. O próximo Congresso seria em dois anos, e quatro anos antes do que viria em seguida. Como senhor de Renar eu tinha minha vaga reservada, um único voto à mão, e a Guarda Gilden me acompanharia até Vyene. Eu não conseguia ver a Centena elegendo um imperador para se sentar acima deles, porém. Nem mesmo Orrin de Arrow. Se eu fosse, se deixasse a Guarda Gilden me arrastar por oitocentos quilômetros para jogar meu voto no pote, eu votaria em mim.

“Sinto muito por Kashta”, disse Raiz-Mestra. Ele encheu o copo e o ergueu.

“Quem?”

Raiz-Mestra abaixou o olhar para a balestra do meu lado. “O nubano.”

“Ah.” Raiz-Mestra sabia das coisas. Kashta. Eu o deixei encher meu copo outra vez e nós bebemos ao nubano.

“Outro bom homem”, disse Raiz-Mestra. “Eu gostava dele.”

“Você gosta de todo o mundo, Raiz-Mestra”, eu disse. Lambi os lábios. “Mas ele era um bom homem. Estou levando os monstros a Heimrift. Conte-me sobre o mago de lá.”

“Ferrakind”, disse Raiz-Mestra. “Um homem perigoso, observe-me! Já tive piromantes que treinaram com ele. Não mágicos, não muito mais do que engolidores de fogo, cuspidores de chama, dá para fazer a mesma coisa com isso e uma vela.” Ele ergueu seu copo novamente. “Homens de fumaça e faísca. Acho que ele não deixa os bons saírem. Mas todos os que eu tive tinham pavor do homem. Você podia acabar com qualquer discussão com eles apenas dizendo o nome dele. Ele é autêntico. Jurado pelo fogo.”

“Jurado pelo fogo?”, perguntei.

"O fogo está nele. No final, irá consumi-lo. Ele era um jogador. Você sabe do que estou falando, um jogador de homens e tronos. Mas o fogo tomou demais dele e nós não o interessamos mais."

"Quero a ajuda dele", eu disse.

"E essa é sua oferta?" Raiz-Mestra tamborilou seu pulso. Eu não o vira sequer olhar para meu relógio, mas ele parecia saber tudo sobre ele.

"Talvez. O que mais pode interessá-lo?", perguntei.

Raiz-Mestra contraiu os lábios. "Ele gosta de rubis. Mas acho que preferirá sua criança com estampa de fogo. Ele pode querer ficar com ela, Jorg."

"Eu também posso querer ficar com ela", disse.

"Ficando mole com a idade, Jorg?", perguntou Raiz-Mestra. "Observe-me! Eu conheci um menino de doze anos duro feito um prego e duas vezes mais afiado. Talvez você devesse deixar os monstros comigo. Dá para tirar um bom sustento na tenda das aberrações."

Eu me levantei. Peguei a balestra do nubano. "Kashta, é?"

"Ainda assim", disse Raiz-Mestra.

"Tenho que ir, doutor", eu disse. "Tenho uma ponte para cruzar."

"Fique", ele disse. "Aprenda a fazer malabarismos."

"Vou dar mais uma olhada, pelos velhos tempos", eu disse.

Raiz-Mestra levantou as mãos. "Um rei sabe o que pensa."

E eu saí.

"Boa caçada", ele disse às minhas costas.

Eu me perguntei se ele havia tirado o bastante de mim para vender com lucro. Eu me perguntei o que alguns homens conseguem guardar entre os ouvidos.

Passei pelas dançarinas. Elas não foram longe.

"Lembra-se de mim, Jorg?" Cherri sorriu. A outra fez uma pose. As duas seguiram o conselho de Raiz-Mestra. Quadris e peitos.

"Claro que lembro." Ensaiei uma reverência. "Mas, infelizmente, damas, não estou aqui para dançar."

De Cherri eu me lembrava, flexível e empinada, com os cabelos clareados com limão e enrolados em pinças quentes toda manhã, nariz arrebitado e olhos malvados. As duas se aproximaram de mim, meio brincalhonas, meio sérias, as mãos vagueando, a respiração quente e o movimento giratório da pélvis que significa desejo. De sua amiga, de cabelos escuros, pele clara e esculpida pela fantasia, eu não me lembrava, mas gostaria.

"Vem brincar?", a amiga murmurou. Ela sentia o cheiro de dinheiro. Às vezes, porém, as razões não importam.

É difícil deixar passar uma oferta como aquela quando se é jovem e cheio de energia, mas catorze cabeças em volta de um marco de pedra me diziam para seguir em frente, e eu havia pegado o que precisava aqui, quase.

Eu as deixei e passei por uma saída atrás da tenda. Em uma clareira à esquerda, vi Thomas engolindo uma espada, observado por um bando de pivetes do circo. Ele nem precisava treinar, mas assim era Thomas, agradando as multidões. Uma raça estranha, os ciganos e os artistas, precisando viver no picadeiro, somente vivos quando maquiados. Juro que alguns deles definhariam e morreriam se ficassem uma semana sem aplauso.

Burburinhos das jaulas me atraíram. Uma pilha delas no lado leste do acampamento onde o vento levava um pouco do fedor embora. Eles ainda tinham os dois ursos de que me lembrava, andando loucamente em círculos pequenos, com o pelo sem brilho e desgrenhado, as argolas de bronze no nariz, grandes o bastante para passar um braço. A enorme tartaruga – Raiz-Mestra alegava que o bicho tinha duzentos anos – parada feito estátua e tão interessante quanto uma grande pedra, sem jaula, mas acorrentada a uma estaca. A cabra de duas cabeças era uma nova aquisição, uma coisa de aparência doentia, que devia ter nascido morta, mas era mais saudável que qualquer um poderia esperar. Vez ou outra as cabeças se viam e se assustavam como se surpresas.

"Vê alguma coisa que gosta?" Uma voz suave atrás de mim.

"Agora vejo." Eu me virei para encará-la. Ela estava bonita.

"Jorg", disse Serra. "Meu doce Jorg. Um rei, nada menos."

Dei de ombros. "Eu nunca soube quando parar."

Ela sorriu. "Não." Sombria e deliciosa.

"Vi Thomas ali atrás, se exibindo", eu disse.

Serra fez um bico à menção de seu marido. "Sempre me impressiona o quanto as pessoas querem ver aquilo."

"É por isso que o circo continua se movendo", eu disse. "Tudo perde a graça rápido. Engolir espadas e cuspir fogo são maravilhas por uma noite ou duas..."

"E eu perdi a graça rápido, Rei Jorg das Terras Altas?", ela perguntou.

"Nunca", eu disse. Se os pecados da carne perdiam a graça, eu não queria nunca ter idade suficiente para saber. "Não encontrei uma garota que se comparasse."

"Garota" pode ter sido exagero, mas ela era uns dez anos mais nova que Thomas, e quem melhor do que uma contorcionista de circo para dar a um garoto as primeiras lições sobre carnalidade?

Serra deu um passo mais perto, com o xale apertado em seus ombros contra o frio da brisa. Ela se movia daquela maneira fluida que faz cada espectador se lembrar que ela consegue cruzar os tornozelos atrás da cabeça. Mesmo assim, em suas bochechas, aqui e ali, o pó branco se rachava e em volta de seus olhos a luz cruel da manhã encontrava várias pequenas rugas. Ela ainda usava fitas e cachos, mas agora pareciam errados nela e um ou dois fios prateados riscavam o negrume do seu cabelo.

"Quantos aposentos seu palácio tem, Jorg?" Havia uma rouquidão em sua voz. Uma insinuação de algo desesperado no fundo de seu sorriso.

"Muitos", eu disse. "Quase todos frios, pedregosos e úmidos." Não queria que ela começasse a implorar e maculasse minhas memórias douradas. Eu não sabia o que fora procurar no acampamento do circo; as histórias de Raiz-Mestra, com certeza, mas não agora, não aqui nessa realidade

bagunçada atrás da máscara do picadeiro. Eu não sabia por que fora, mas não foi por isso, não por Serra mostrando sua idade e sua necessidade.

Um momento de silêncio e então veio um rosnado, profundo e gutural demais para um urso, como uma lixa grossa passando por madeira.

"Mas o qu..."

"Leão", disse Serra. Ela rodopiou, se animando, e pegou minha mão. "Viu?"

E virando a esquina, ao pé da pilha de jaulas, doutor Raiz-Mestra realmente tinha um leão. Ergui a balestra do nubano para ver o trabalho no ferro em torno do gatilho. A fera na jaula pode estar um pouco surrada, exibindo muitas costelas, mas sua juba suja lembrava aquela que emoldurava a cabeça rosnando na arma do nubano.

"Que coisa", eu disse. O nubano havia contado que em sua juventude andou por pradarias quentes onde leões caçavam em bandos. Mesmo que o nubano nunca mentisse, eu acreditei mais ou menos nele. "Que coisa." As palavras fugiram de mim dessa vez.

"Ele se chama Macedônio", disse Serra, inclinando-se para mim. "A plateia o adora."

"O que mais Raiz-Mestra tem nas jaulas? Eu espero que um grifo, depois um unicórnio e um dragão, um conjunto heráldico completo!"

"Bobo", ela riu. Velha ou não, aquela sua mágica havia começado a funcionar comigo. "Dragões não existem." A contração de um sorriso em seus lábios pintados, sua boca pequena e merecedora de beijos.

Eu voltei a mim – o circo estava cheio de distrações, demais. Distrações que eu queria examinar completa e detalhadamente. Mas eu tinha fantasmas em meu encalço e Gog estava prestes a entrar em combustão a qualquer momento...

"Ele parece faminto", eu disse. "O circo não pode alimentar sua atração principal?"

"Ele não come", respondeu Serra. "Raiz-Mestra está arrancando os cabelos com isso. Não sabe quanto tempo ele vai durar."

O leão nos observava, sentado como uma esfinge com suas pesadas patas jogadas na palha à sua frente. Olhei para seus enormes olhos cor de âmbar e imaginei o que ele via. Provavelmente um pedaço de carne sobre duas pernas que não foram feitas para correr.

"Ele quer caçar", eu disse.

"Nós damos carne a ele", disse Serra. "Ron corta pedaços grandes de vaca, ainda sangrando. Ele mal os cheira."

"Ele precisa pegá-la", eu disse. "Não recebê-la."

"Isso é bobagem." Os dedos dela percorreram os meus, começando um incêndio.

"Está na natureza dele." Olhei para o outro lado. Acho que não conseguiria ganhar uma competição de olho no olho com Macedônio nem se tivesse tempo de tentar.

"Vocês deviam deixá-lo ir", eu disse.

Serra riu, com uma nota desconfortavelmente estridente. "E o que ele caçaria? Nós devíamos deixá-lo comer crianças?"

Um grito distante me salvou de responder. Um grito distante e uma labareda alcançando além do alto das tendas. Uma fogueira apagada nas proximidades se acendeu repentinamente. A chama ardeu, sugou como se tomasse fôlego e se tornou um pequeno homem todo feito de fogo, um homúnculo da altura de uma galinha. Ele deu uma olhada em volta por um instante e em seguida disparou na direção do grito, deixando a fogueira preta e fumegante e um rastro de pegadas carbonizadas atrás dela.

Serra abriu a boca, prestes a gritar, mas decidiu não fazê-lo e saiu atrás do homem-chama.

Meu olhar se voltou para o leão, que parecia completamente indiferente à agitação.

"Você acha que Raiz-Mestra ainda vai querer Gog em seu show de horrores agora?", perguntei.

O leão não respondeu, apenas me observou com aqueles olhos cor de âmbar.

Os leões sobre os quais o nubano havia me contado eram feras magníficas, senhores das planícies. Ele entendia por que homens que nunca haviam visto um podiam lutar sob sua imagem em uma bandeira. Quando ele falava de leões em noites frias, acampado ao lado da estrada, jurei que andaria pelas mesmas planícies castigadas pelo sol e os veria pessoalmente. Eu não os havia imaginado enjaulados, sarnentos, cheios de pulgas ao lado de uma cabra de duas cabeças.

Um único pino prendia a porta da jaula, fixado apenas por um arame retorcido.

Eu havia puxado um único pino para libertar o nubano anos atrás, mundos atrás. Eu puxei um pino e ele levou duas vidas no mesmo instante.

Aquele Jorg teria puxado este pino também. Aquele Jorg teria puxado este pino sem pensar por um momento nas crianças aglomeradas em volta de um engolidor de espadas, na subsistência de dançarinas e acrobatas, nos habitantes da cidade ou na vingança de Raiz-Mestra. Mas eu não sou ele. Eu não sou ele porque nós morremos um pouco todo dia e gradualmente nascemos outra vez, homens diferentes, homens mais velhos com as mesmas roupas, com as mesmas cicatrizes.

Eu não me esqueci das crianças, nem das dançarinas, nem dos acrobatas. Mas puxei o pino. Porque está em minha natureza.

“Por Kashta”, eu disse.

Eu abri a porta e fui embora. O leão ficaria ou sairia, caçaria ou morreria, não importava, mas pelo menos poderia escolher. Quanto a mim, eu tinha uma ponte a cruzar.

Fui atrás de Serra para ver que estragos Gog havia causado.



O irmão Sim tem a aparência agradável o bastante, um pouco bonito, um pouco delicado, porém forte. Debaixo dos corantes seu cabelo é de um loiro que toma sol, sob as drogas seus olhos são azuis, sob o céu eu não conheço ninguém mais reservado em suas maneiras, mais secreto em suas opiniões, mais mortal em um momento de silêncio.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

17

— QUATRO ANOS ATRÁS —

Quando se viaja ao norte, além do Rio Rima, você entra nas Terras Dane, aquelas regiões ainda não reivindicadas junto ao mar onde os vikings de outrora desembarcaram para conquistar e em seguida se estabelecer entre as pessoas que se curvaram perante o machado. Há poucos nativos de Dane que não aleguem ter sangue viking, mas é somente quando o mar bloqueia seu caminho que tais alegações adquirem peso e você começa a se sentir realmente entre os homens do norte selvagem e congelado.

Nós cruzamos a ponte de Remagen conduzindo nossos cavalos, pois em alguns lugares a trama de metal do chão tinha buracos abertos, alguns da espessura de uma lança, alguns largos o bastante para engolir um homem. Em nenhum lugar a ferrugem havia tomado conta do metal prateado e o que havia feito os buracos ninguém sabia. Eu me lembrei do camponês em sua casa de lápides perto do Perechaise, incapaz de ler uma única inscrição

nelas. Eu não devia ter rido. Vivemos em um mundo feito das lápides dos Construtores e não sabemos ler quase nenhuma das mensagens que elas trazem – e mesmo estas nós mal entendemos.

Deixamos Remagen sem problemas e cavalgamos rápido em direção ao norte para que os problemas não nos alcançassem, caso estivessem nos seguindo. Fazendas, florestas, vilas intocadas pela guerra, terra boa para atravessar com o sol em suas costas. Aquilo me lembrou Ancrath, casas douradas de colmo, pomares florescentes, tudo tão frágil, tão fácil de apagar.

"Obrigado por não queimar tanto do circo, Gog", eu disse.

"Sinto muito pelo fogo, Jorg", disse Gog atrás de mim.

"Não causou nenhum grande dano", eu disse. "Além disso, as histórias que eles contarem sobre o que aconteceu atrairão mais pessoas ao espetáculo."

"Você viu os homenzinhos?", Gog perguntou.

"Os anões?", perguntei.

Suas garras se apertaram. "Meus homenzinhos, da fogueira."

"Eu vi", respondi. "Parecia que eles estavam tentando puxar você para dentro."

"Gorgoth os impediu", disse Gog. Eu não sabia se ele estava feliz ou triste por isso.

"Você não devia ir", eu disse. "Você precisa aprender mais. Saber como ficar seguro. Saber que pode voltar. É por isso que vamos a Ferrakind. Ele pode lhe ensinar essas coisas."

"Eu acho que já o vi", disse Gog. A princípio, achei que não havia ouvido direito por cima das batidas e barulhos dos cascos.

"Eu consigo olhar para dentro de um fogo e para fora de outro", disse Gog. "Todo tipo de coisas." Ele riu com aquilo e por um momento soou como William, rindo na manhã em que entramos naquela carruagem.

"E *ele* viu *você*?", perguntei.

Eu o percebi assentir em minhas costas.

“É melhor continuarmos então”, eu disse. “Não há como se esconder dele agora. Melhor descobrir o que ele tem a dizer.”

Prosseguimos e a chuva começou a cair, o tipo de chuva que vem e vai na primavera, fria e repentina, deixando o mundo arejado, mais fresco.

Heimrift fica em Danelore, uma viagem difícil das terras do Rima. Nós fomos em boa velocidade e seguimos o ritmo da estação, pegos em uma onda incessante de despertar, como se carregássemos o mês de maio conosco.

Gorgoth corria a meu lado frequentemente, incansável, socando a estrada com grandes pés que quase pareciam cascos. Ele falava tão raramente que fazia com que você quisesse que ele falasse, como se por guardar cada palavra ele as tornasse preciosas. Achei seus pensamentos profundos, embora ele nunca houvesse lido um livro ou aprendido seu conteúdo com alguém.

“Por que você pergunta tanto?”, ele quis saber certa vez, com os braços socando para frente e para trás como a grande máquina em York conforme ele corria.

“A vida não examinada não vale a pena ser vivida”, respondi.

“Sócrates?”

“Como diabos você sabe disso?”, perguntei.

“Jane”, ele disse.

Eu grunhi. Ela poderia ter saído dos salões escuros das leucrotas, aquela criança, mesmo sem dar um passo das cavernas de entrada. Eu havia trilhado alguns dos caminhos que ela trilhou, e os caminhos da mente podem levá-lo a qualquer lugar.

“Quem era ela para você, afinal?”, eu perguntei.

“Minha irmã mais velha”, ele disse. “Só dois de nós sobrevivemos da linhagem de minha mãe. O resto”, ele olhou para Gog, “forte demais.”

“Ela também foi jurada pelo fogo?” Eu me lembrei do fogo-fátuo dançando diante dela.

“Jurada pelo fogo, pela luz, pela mente.” Os olhos de Gorgoth se estreitaram em fendas enquanto ele me observava. Jane morrera por causa de meus atos, por minha causa, porque eu não me importava se ela viveria ou não. O Monte Honas havia caído sobre Jane e a necromante. A pessoa errada sobreviveu. Chella ainda me pagaria pelo nubano e os outros irmãos, mas nem mesmo minha sede de vingança me faria escavar os escombros ardentes de Gelleth à procura dela tão cedo.

“Maldição!” De repente me ocorreu que eu devia ter perguntado a Raiz-Mestra sobre o Rei Morto. A agitação do circo havia feito eu me esquecer dele de alguma maneira. Já que mais de uma dúzia de cabeças decepadas haviam murmurado o nome do Rei Morto para mim, é um tributo ao poder da serragem e da maquiagem que elas pudessem fazê-lo.

Gorgoth virou a cabeça mas não perguntou.

“Quem é o Rei Morto?”, eu lhe perguntei. Gorgoth havia lidado bastante com necromantes. Quem melhor do que necromantes para saber a respeito de alguém que fala através de cadáveres?

“*Quem* ele é eu não sei.” Gorgoth falou no ritmo de sua corrida. “Eu posso lhe contar um pouco do *que* ele é.”

“Sim?”

“Um novo poder, surgido nos lugares secos além do véu, nas terras mortas. Ele fala àqueles que extraem suas forças dali.”

“Ele falou à Chella?”, perguntei.

“A todos os necromantes.” Um aceno de cabeça. “Eles não queriam escutar, mas ele os forçou.”

“Como?” Chella me pareceu uma pessoa difícil de coagir.

“Medo.”

Eu me recostei à sela e ruminei sobre aquilo. Gorgoth corria em silêncio, correspondendo ao trote de Brath, e por um tempo muito longo achei que ele não falaria mais. Mas então disse: “O Rei Morto fala a todos que chegam além da morte”.

"Então o que eu devo fazer quando ele falar comigo?"

"Correr."

A irmã de Gorgoth uma vez me dera o mesmo conselho. Decidi acatá-lo dessa vez.

Avançamos bem e toda noite eu lutava com Makin, aprendendo com cada virada e ocasionalmente ensinando a ele um novo truque. Eu lhe ensinei um novo truque no primeiro dia em que o conheci, treinando escudeiros no Castelo Alto. Desde então, contudo, o processo havia sido lentamente revertido. Em algum ponto, Makin se transformara de meu salvador, enviado por meu pai para me resgatar, em meu seguidor, e desde que decidira seguir meu comando ele me ensinava. Não com livros e tabelas, como o tutor Lundist, mas daquela maneira sorrateira e indireta que o nubano tinha, do tipo que prende seu interesse e o transforma lentamente pelo exemplo.

Quatro dias após sairmos de Remagen, uma tempestade nos encontrou nas planícies, um aguaceiro feroz e frio carregando toda a crueldade que a primavera pôde reunir. Açoitados pela chuva, nós encontramos o caminho para Endless, a cidade perpétua, por trilhas que viraram córregos inflados. Algum fidalgote sem dúvida chamava Endless de sua, mas seria ótimo se os homens que porventura vigiassem a cidade estivessem ocupados com outras coisas. Nós passamos ruidosamente e sem oposição pela rua principal de paralelepípedos e encontramos um estábulo sob o brilho de uma única lanterna atrás da torrente jorrando de seu beiral. O zelador do estábulo permitiu que Gog e Gorgoth ficassem com os cavalos. Levar a dupla entre a boa gente de Endless seria um convite à carnificina.

"Nós sairemos daqui ao amanhecer", eu disse ao zelador, um cara esguio, bexigoso, mas somente de um lado, como se a varíola não houvesse encontrado apoio em seu lado direito. "Se eu voltar e encontrar curiosos

aqui olhando para meus monstros mando o grandão arrancar suas pernas. Entendeu?"

Ele entendeu.

Tiramos nossas capas ensopadas em alguma taverna sem nome e nos sentamos diante de uma lareira fria enquanto uma servente pegava nossas cervejas. O lugar estava abarrotado com corpos molhados e suados, lenhadores em sua maioria, alguns bêbados e fedorentos, outros apenas fedorentos. Nós atraímos olhares, vários hostis, mas nenhum que durasse muito tempo quando oferecido de volta.

Sim estava com sua harpa, uma coisa surrada porém de qualidade, fruto de certo roubo ocorrido em uma casa muito rica. Ele a tirou de seu alforje e a desembrulhou com o tipo de cuidado que normalmente reservava para armas. Quando nossas bebidas chegaram, começou a dedilhar uma canção nela. Ele tinha dedos rápidos, rápidos e espertos, e as notas rolavam rápido o bastante para fazer um rio.

Quando eu saí para ir para a cama, na pousada do outro lado da estrada, a tempestade havia passado. Sim e Makin estavam com metade dos presentes berrando "Dez Reis", e a voz de Sim, aguda e límpida, me acompanhou até a saída, erguendo-se no refrão mais profundo e sobre o barítono entusiasmado de Makin. Trechos de "A Dama Superficial" entraram pela janela conforme eu me acotovelava rastejando sob as cobertas e espantava os insetos. Pelo menos estava seco. Eu caí no sono aos sons distantes do nonsense burlesco "Merican Pie".

Eu acordei bem mais tarde nas horas silenciosas e mortas da noite, ainda envolvido pela música, embora tudo estivesse quieto, exceto pelos roncos dos irmãos.

Chevy levy was dry.

O luar entrou pelo quarto e me apresentou duas figuras paradas à porta, uma apoiada na outra. Makin parou para fechar a porta atrás de si. O jovem Sim mancou adiante, com algo estranho em seu jeito de andar.

“Problemas?” Eu me sentei, com a cerveja ainda rodando dentro de mim.

My, my, missamerican pie.

Por que dois bêbados cambaleando significavam problema eu não sabia dizer, mas sabia que problema era o que tínhamos.

Makin se virou, puxando de lado a tampa da lamparina que trouxera consigo. “Eu o encontrei na rua”, ele disse. “Deixei-o uma hora atrás com cinco habitantes, os últimos da taverna.”

Sim olhou para cima. Eles haviam lhe dado uma bela de uma surra, os lábios rachados e inchados, metade de um dente quebrado, um olho cheio de sangue. Pelo jeito que andava, imaginei que ele mijaria rosa durante uma semana. Na verdade, a maneira como se movia insinuava que sofrera outros tipos de danos.

“Eles levaram minha harpa, irmão.” Ele abriu as mãos vazias. Fazia muito tempo que Sim não me chamava de irmão. Eu me perguntei o que mais eles levaram.

Chutei a cabeça de Rike. “Acordem!” Kent e Grumlow já estavam se levantando do chão. “Levantem-se”, eu disse novamente.

“Problemas?”, perguntou Kent, ecoando minha própria pergunta. Ele se sentou quieto no escuro, com o luar fazendo buracos negros em seus olhos. Sempre pronto para problemas esse Kent, o Rubro, embora nunca os procurasse.

Grumlow ficou de pé rapidamente e pegou o braço de Sim. O garoto recuou, mas Grumlow segurou mais firme e o levou até a janela. “Traga a lamparina, Makin, alguns pontos são necessários aqui.”

“Eles eram cinco?”, perguntei.

Sim assentiu ao passar por mim.

“Não posso deixar isso assim”, eu disse.

Makin deixou a lanterna cair alguns centímetros com aquilo. “Jorg...”

“Eles levaram a harpa”, eu disse. “Isso é um insulto à irmandade.” Eu deixei o orgulho da irmandade levar a ofensa: seria uma vergonha para Sim

que fosse por ele.

Makin deu de ombros. “Sim cortou pelo menos um deles. Há um rastro de sangue na rua.”

“Eles estavam armados?”, perguntei. Conhece teus inimigos.

Makin balançou a cabeça. “Facas. Provavelmente têm seus machados de lenha na mão a essa altura. Ah, e o baixinho tinha um arco. Gosta de caçar de vez em quando, ele disse.”

My, my.

Eu joguei minha trouxa de cobertores em Rike e fui em direção à porta. “Vamos logo então. Você também, irmão Sim, você vai querer ver isso.”

Eu deixei Rike ir primeiro para a rua e fui atrás, observando as janelas escuras, as linhas dos telhados. Makin encontrou o rastro de gotas de sangue de novo, preto à luz fria da lua, e nós o seguimos, passando a igreja, passando o poço, ao longo do beco entre o curtume e os estábulos, com o burburinho do ronco de Gorgoth lá dentro mais alto que os bufos dos cavalos. Passamos um armazém, um muro baixo e seguimos pelo pasto irregular entre a cidade e a floresta. Nós nos reunimos de costas para um celeiro, a última construção antes de as matas dominarem. Ninguém precisou ser avisado – se seu inimigo tem um arco, você mantém uma construção às costas e não deixa que a luz marque sua silhueta.

“Eles estão na floresta”, disse Grumlow.

“Não devem estar longe.” Makin colocou a lanterna de lado, com a luz escondida.

“Por que não?”, perguntou Grumlow, com os olhos na linha escura de árvores.

“A lua não chega lá. Não é um lugar para se andar às cegas.” Eu levantei a voz o suficiente para os homens na floresta. “Por que vocês não saem? Nós só queremos conversar.”

Uma flecha se fincou na parede do celeiro metros acima da minha cabeça e risadas se seguiram. “Mande sua namorada vir atrás de nós se ela quiser

mais."

Grumlow deu um passo para frente com aquilo, mas não era burro o bastante para dar outro. Rike, por outro lado, deu dois e teria dado mais se eu não tivesse latido seu nome. Foi o irmão verdadeiro de Rike, Price, que tirara o jovem Sim daquele bordel em Belpan muito tempo atrás. Por que ele havia escolhido uma criança para salvar e chacinado violentamente o restante, junto com as putas crescidas e seu mestre, nenhum dos irmãos jamais pôde me dizer, mas parecia importar para Rike que ele havia feito isso. E lá estava a prova, se fosse preciso, de que embora Deus possa moldar a argila e fazer alguns de nós vigorosos, alguns fortes, alguns bonitos, do lado de dentro somos nós que nos fazemos, de coisas bobas, quebráveis, coisas frágeis: os espinhos, aquele cachorro, a esperança de que Katherine possa me tornar melhor do que eu sou. Até os desejos brutos de Rike nasceram de perdas de que ele provavelmente se lembrava apenas em sonhos. Todos nós fragmentados, colagens desajeitadas de experiências bem amarradas para apresentar um rosto defensável para o mundo. E o que nos torna humanos é que às vezes nós estouramos. E naquele momento de alívio nós estamos mais próximos dos deuses que pensamos. Eu disse não a Rike, mas não havia parte de mim que não quisesse atacar aquelas florestas.

"Vamos ter que esperar até de manhã", disse Makin.

Eu não queria admitir, mas ele estava certo. Eu teria deixado daquele jeito, a não ser por Gorgoth chegando pelo beco ao lado do celeiro. Uma mistura estranha de esperto e estúpido, aquele ali. Ele era um bom alvo com a lua brilhante atrás dele, bem grande. Eu ouvi o chiado de uma flecha e depois o grunhido profundo dele.

"Aqui, idiota!" Eu gritei e ele se arrastou até meu lado, com Gog galopando ao redor de suas pernas. Makin levantou a lanterna, mas eu o impedi de abrir a tampa. "Ele não está morto. Ele pode esperar."

"Precisa de mais que uma flecha", murmurou Rike.

Mesmo assim a luz floresceu e nós vimos a haste pendendo do ombro de Gorgoth, a flecha enterrada apenas uns dois centímetros como se a pele da leucrota fosse carvalho.

"Makin! Eu disse nã..."

Mas não era Makin. A luz sangrava dos olhos de Gog, quente e amarela.

Eu poderia ter dito não a Gog, tê-lo embrulhado em um canto e deixado os lenhadores de lado até de manhã, mas o fogo que queimava em Gog ao ver Gorgoth ferido ecoava um fogo mais frio que se acendeu em mim quando Sim cambaleou porta adentro. Eu estava cansado de dizer não. Em vez disso, peguei a mão de Gog, embora os fantasmas da chama suspirassem por sua pele.

Ele olhou para mim, com os olhos brancos feito estrelas. "Deixe queimar", eu lhe disse.

Algo quente me atravessou, subindo por meu braço e pela medula, quente como uma promessa, a raiva transformada em líquido posta para correr.

"O que está cozinhando?" A provocação veio da linha das árvores, em algum lugar além de um velho curral curvando-se sobre suas vigas.

Gog e eu andamos na direção do som, a passos lentos, com o chão chiando onde seus pés descalços tocavam a grama molhada.

"Que diabo...?" As vozes se elevaram preocupadas na escuridão da floresta. Uma flecha zarpou pela noite, ao largo de sua marca, a criança brilhante como um alvo desconcertante, enganando o olhar.

Nós ouvimos o chiado antes de termos andado dez metros, mil cobras chiando na escuridão... Ou talvez apenas vapor escapando das árvores conforme a seiva começava a ferver. Uma risada borbulhou de mim do mesmo modo, escapando de meu calor. A raiva que eu trouxera comigo se incendiou, tornando-se grande demais para meu corpo, separando-se dos homens que machucaram Sim e transformando-se em um fim, consumindo tudo, um glorioso êxtase risonho de raiva.

Uma camada de chamas se ergueu de Gog, passando sobre mim em uma onda quente. Lá na floresta, a primeira das árvores explodiu, com seus fragmentos virando chamas incandescentes ao encontrar o ar. O fogo ascendeu ao redor dos troncos intactos, passando através da folhagem de primavera, fazendo de cada folha uma sombra momentânea. Mais árvores explodiram, e mais outras, até que as explosões se tornassem um estrondo contínuo de detonação brilhante. O curral pegou fogo, embora ficasse a vinte metros da chama mais próxima, com um lado dele simplesmente rompendo-se em fogo líquido e alaranjado. Eu vi um arqueiro solitário correndo pela borda da floresta, com as roupas em chamas. Mais ao fundo, tochas humanas cambaleavam e caíam.

Aquele poder, irmãos, é uma droga. Uma alegria mais feroz que sementes de papoula, e mais certa de deixar um vazio em você. Se Gorgoth não houvesse me derrubado de lado e apanhado Gog nenhum de nós teria parado até que nenhuma árvore restasse, nenhuma tábua ou viga de Endless. Talvez nem assim.

A manhã nos encontrou ainda na grama molhada atrás daquele celeiro, um buraco enfumaçado na floresta à nossa frente, com hectares de largura. Gog foi caçar entre as brasas e voltou com um emaranhado contorcido, as cordas da harpa de Sim fundidas e retorcidas pelo calor. Ele as pegou com um sorriso curioso, torto por causa da surra. “Obrigado, Gog.” Pegou as cordas e as balançou para que chacoalhassem umas contra as outras. “Uma canção mais simples, mas ainda doce.”

E isso foi Endless, a cidade perpétua.

Nós vimos a fumaça a dias de distância, ainda cercando as fronteiras dos reinos teutões. Uma coluna cinza alcançando quilômetros de altura no céu, da altura de uma montanha e além, como se Satã quisesse enxotar os anjos do paraíso com fumaça.

A visão incitou Kent, o Rubro, à curiosidade. “O que é um vulcão, Jorg?”

“É onde a terra sangra”, eu disse a ele. Sim e Grumlow cavalgaram mais perto para ouvir. “Onde seu sangue borbulha. Rocha derretida, como chumbo derretido para o cerco, derramando-se vermelha e líquida das profundezas.”

“Foi uma pergunta séria.” Kent virou seu cavalo para o outro lado, parecendo ofendido.

Dias depois, sentimos o enxofre no ar. Em alguns lugares, uma poeira fina e preta se assentava nas folhas novas, mesmo enquanto se desdobravam, e grupos de árvores haviam morrido, hectare após hectare, desfolhadas e marrons, esperando por um incêndio de verão.

Você sabe que está entrando nas Terras Dane pelas pedras dos trolls. Você começa a vê-las em cruzamentos, depois em riachos, depois em círculos no alto das colinas. Grandes blocos de pedra assentadas com as runas antigas, as runas nórdicas que relembram os deuses mortos, o martelo do trovão e o velho caolho que via tudo e falava pouco. Eles dizem que os danes escolheram uma rocha sobre a outra para as pedras dos trolls porque veem os traços de um troll em algumas pedras mas não em outras. Tudo que posso dizer, então, é que os trolls devem ser incrivelmente parecidos com pedaços de pedra.

Nós não havíamos visto tantas pedras troll até que um cavaleiro se uniu a nós na estrada. Ele vinha do sul, em passo apertado, e diminuiu quando alcançou nosso bando.

“Prazer em conhecer”, ele gritou, levantando-se em seus estribos. Um homem da região, com os cabelos em duas tranças, cada uma terminando com uma fivela de bronze trabalhada com serpentes, um capacete redondo de ferro apertado em sua cabeça e um bigode fino fluindo em uma barba curta.

“Prazer em conhecer”, eu disse quando ele chegou à frente de nossa coluna. Ele trazia um arco curto nas costas, um machado de lâmina simples

amarrado a seus alforjes e uma faca, embainhada no quadril, com cabo de osso polido. Ele evitou Gorgoth. "Você devia me seguir", ele disse.

"Por quê?"

"Lorde Maladon deseja vê-lo", ele disse. "E seria mais fácil por esse caminho, não?" Ele sorriu. "Eu sou Sindri, a propósito."

"Conduza-nos", eu disse. Um bando de guerreiros provavelmente nos observava da floresta; do contrário, Sindri merecia ser recompensado por seus colhões.

Nós o seguimos por alguns quilômetros em uma trilha cada vez mais movimentada por tráfego sobre rodas e gente a pé ou a cavalo. De vez em quando, ouvíamos um ronco parecido com uma versão gigante do leão que Raiz-Mestra tinha na jaula e o chão tremia.

Sindri nos conduziu através de duas vilas cinzentas e nos levou ao longo da margem de um lago estreito. Quando as montanhas roncavam, a água se ondulava de um lado a outro. A fortaleza do outro lado parecia ser feita de madeira e grama, com apenas um ou outro bloco de pedra acima das fundações.

"O grande salão do Duque de Dane", Sindri disse. "Alaric Maladon, o vigésimo sétimo de sua linhagem."

Rike deu uma risada atrás de mim. Eu não me preocupei em silenciá-lo. Uma voz estava falando no fundo da minha mente, um pouco além da audição, um gemido baixo ou um lamento... um rosto de pedra flutuou em minha visão, um rosto de gárgula.

Homens estavam reunidos em frente ao salão, alguns trabalhando, outros se preparando para uma patrulha, cada um armado com machado e lança, carregando um grande escudo redondo de madeira pintada e couro cru. Estribeiros vieram pegar nossos cavalos. Como de costume, Gorgoth atraiu os olhares. Quando passamos ouvi homens murmurarem "Grendel-kin".

Sindri nos conduziu e subimos os degraus até a entrada do grande salão. O lugar todo tinha uma aparência triste. A poeira preta cobria tudo com

uma fina película. Fazia cócegas na garganta como uma pena. Os cavalos da patrulha eram magros e malcuidados.

"O duque quer nos ver ainda sujos da estrada?", eu perguntei, esperando por um pouco de água quente após tantos quilômetros na sela. Um pouco de tempo para me preparar seria bom também. Eu queria me lembrar de onde conhecia o nome.

Sindri sorriu. Apesar da barba, ele não era muito mais velho do que eu. "O duque não é dado a finezas. Não somos exigentes nas cortes do norte. O verão é curto demais."

Dei de ombros e subi as escadas. Dois grandes guerreiros flanqueavam a entrada, empunhando machados de dois gumes, as lâminas de ferro repousadas no chão entre seus pés.

"Dois de seu grupo devem ser suficientes", Sindri disse.

Nunca é ruim confiar em alguém, especialmente quando você não tem absolutamente nenhuma opção. "Makin", eu disse.

Makin e eu acompanhamos Sindri até a escuridão e a fumaça do grande salão. O local parecia vazio a princípio, com longas mesas de cavalete feitas de madeira escura e polida, vazias exceto por um garrafão abandonado e um osso de pernil. Fumaça de madeira e cerveja temperava o fedor de cães e suor.

Do outro lado do salão, em uma plataforma forrada de pele, uma figura aguardava em uma cadeira alta de carvalho. Sindri abriu caminho. Corri os dedos pela mesa conforme andamos, sentindo a madeira lisa.

"Jorg e Makin", disse Sindri ao seu senhor. "Encontrados rumo ao norte em sua estrada, Duque Alaric."

"Bem-vindos às Terras Dane", o duque disse.

Eu apenas o observei. Um homem grande, com cabelos loiros-claros e uma barba até o peito.

O silêncio se estendeu.

"Eles têm um monstro com eles", acrescentou Sindri, constrangido. "Um troll ou Grendel-kin, grande o bastante para estrangular um cavalo."

Em minha mente uma gárgula uivou. "Você trouxe um globo de neve", eu disse.

O duque franziu a testa. "Eu o conheço, garoto?"

"Você trouxe um globo de neve, um brinquedo dos antigos. E eu o quebrei." Havia sido um presente raro, ele se lembraria do globo, e talvez da cobiça com a qual um garotinho olhara para ele.

"Ancrath?" A testa do duque se franziu ainda mais. "Jorg Ancrath?"

"O próprio." Eu fiz uma reverência.

"Faz muito tempo, jovem Jorg." Alaric bateu o pé e vários de seus guerreiros adentraram o salão por um recinto nos fundos. "Eu ouvi histórias a seu respeito. Meus agradecimentos por não matar meu filho idiota." Ele acenou em direção a Sindri.

"Tenho certeza de que as histórias foram exageradas", eu disse. "Não sou um homem violento."

Makin teve de cobrir a boca ao ouvir aquilo. Sindri franziu a testa, olhando rapidamente de mim para Makin, e novamente para o duque.

"Então o que o traz às Terras Dane, Jorg de Ancrath?", o duque perguntou, sem desperdiçar tempo; nada de oferecer vinho ou cerveja, nada de presentes trocados.

"Gostaria de alguns amigos no norte", eu disse. Não havia passado pela minha cabeça, mas de vez em quando gosto das pessoas à primeira vista. E eu gostei de Alaric Maladon à primeira vista oito anos antes, quando ele levou um presente para minha mãe. Ainda gostava dele. "Este lugar parece ter perdido uma colheita ou duas. Talvez você precise de um amigo no sul."

"Gosta de falar francamente, não é?" Pude ver o sorriso no fundo de sua barba. "Cadê toda a sua música e dança sulista, hein? Nada de 'obséquios' ou 'súplicas por minha saúde'?"

"Eu devo ter largado tudo isso em algum lugar no caminho", respondi.

"Então o que realmente quer, Jorg de Ancrath?", Alaric perguntou. "Você não viajou oitocentos quilômetros para aprender a dança do machado."

"Talvez eu quisesse apenas conhecer os vikings", eu disse. "Mas, por obséquio, conte-me o que aflige estas terras. Eu lhe suplico."

Ele deu uma gargalhada. "Vikings de verdade têm sal em sua barba e gelo em sua pele", ele disse. "Eles nos chamam de *fit-firar*, homens da terra, e não gostam muito de nós. Meus antepassados vieram para cá há muito, muito tempo, Jorg. Eu preferia que eles ficassem no mar. Posso não ter sal em minha barba, mas está em meu sangue. Eu já o provei." Ele bateu novamente o pé e uma mulher corpulenta com cabelos enrolados trouxe cerveja em um chifre para ele e duas jarras para nós. "Quando me enterrarem, meu filho terá de comprar o escaler e mandar navegá-lo e transportá-lo de Osheim. Meu vizinho mandou habitantes da região fazerem o dele. Teria afundado antes de deixar o porto, caso ele tivesse visto o mar algum dia."

Bebemos nossa cerveja, um troço amargo e salgado – como se tudo precisasse lembrar esse povo de seus mares perdidos. Coloquei minha jarra sobre a mesa e o chão tremeu, mais forte que todas as outras vezes, como se fosse eu o responsável. Poeira se levantou das vigas, capturadas aqui e acolá pela luz do sol que entrava pelas janelas altas.

"A menos que consiga domar vulcões, Jorg, você não descobrirá muito a ser feito por Maladon", disse Alaric.

"Ferrakind não consegue botá-los para dormir para você?", perguntei. Eu havia lido que vulcões adormeciam, às vezes por uma vida, às vezes mais.

Alaric ergueu uma sobrancelha cabeluda diante do que eu disse. Atrás de nós, Sindri riu. "Ferrakind os atiça", ele disse. "Que os deuses o façam apodrecer."

"E você o deixa viver?", perguntei.

O Duque de Maladon olhou para sua lareira como se um inimigo pudesse estar agachado ali em meio às cinzas. "Não há como matar um mago do

fogo, não um de verdade. Ele é como uma queimada de verão em uma floresta seca. Você acaba com as chamas e elas brotam de volta do chão quente."

"Por que ele faz isso?" Virei o último gole de minha cerveja salgada e fiz uma careta. Quase tão ruim quanto o absinto.

"É da natureza dele." Alaric deu de ombros. "Quando homens olham por tempo demais para o fogo, o fogo os olha de volta. Ele queima o que os torna homens. Eu acho que ele fala com os jötnar por trás das chamas. Ele quer fazer um segundo Ragnarök."

"E você vai permitir?", perguntei. Eu me importava muito pouco com jötnar ou qualquer outro tipo de espírito. Se você for muito fundo em qualquer coisa, seja fogo ou céu, ou até a morte, irá encontrar as criaturas que sempre habitaram lá. Chame-as do que quiser. "Eu ouvi dizer que não havia problema que um dane não pudesse resolver com um machado." É um negócio perigoso questionar a coragem de um homem em seu próprio salão, especialmente a de um viking, mas se existia algum lugar que precisava de uma sacudida era aquele.

"Conheça-o antes de nos julgar, Jorg", disse Alaric. Ele bebeu a cerveja em sua taça de chifre.

Eu esperava uma resposta mais calorosa, talvez violenta. O duque parecia cansado, como se algo também houvesse se apagado nele.

"Na verdade, vim conhecê-lo", eu disse.

"Eu o levarei", Sindri disse, sem pestanejar.

"Não", disse o duque, tão rápido quanto seu filho.

"Quantos filhos você tem, Duque Maladon?", eu perguntei.

"Está olhando para meu único filho." Alaric acenou para Sindri. "Eu tive quatro que nasceram vivos. Os três mais velhos se queimaram no Heimrift. Você devia ir para casa, Jorg Ancrath. Não há nada para você nas montanhas."



TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

18

— QUATRO ANOS ATRÁS —

Sindri nos alcançou antes de estarmos a oito quilômetros do salão de seu pai. Eu havia deixado Makin com Duque Alaric. Makin levava jeito para encontrar coisas em comum e construir amizades. Deixei Rike também. Ele só reclamaria de ter que escalar montanhas – se havia alguém que pudesse mostrar aos danes o verdadeiro espírito berserker era Rike. E deixei Kent, o Rubro, por seu sangue nórdico por parte de pai e porque ele queria que lhe fizessem um bom machado.

"Bom vê-lo", eu disse, conforme Sindri cavalgava por entre os pinheiros. Nunca duvidei que fosse nos perseguir. Ele nos encontrou quando deixamos as encostas mais baixas e a densa floresta para trás.

"Você precisa de mim", ele disse. "Eu conheço estas montanhas."

"Nós realmente precisamos", eu disse.

Sindri abriu um sorriso. Ele tirou o elmo e enxugou o suor de sua testa, e estava ofegante por conta do trajeto. "Dizem que você destruiu metade de

Gelleth", ele disse. Ele parecia desconfiado.

"Mais para um quinto", eu disse. "As lendas aumentam quando são contadas."

Sindri franziu a testa. "Quantos anos você tem?"

Senti os irmãos ficarem tensos. Pode ser irritante que as pessoas à sua volta sempre achem que você matará todo mundo que olhar torto. "Sou velho o suficiente para brincar com fogo", eu disse. Apontei para a maior montanha à frente. "Aquele é um vulcão. Dá para saber pela fumaça. E o resto?"

"Aquele é Lorgholt. Outros três já se manifestaram durante minha vida", Sindri disse. "Loki, Minrhir e Vallas." Ele apontou para os vulcões na ordem. Vallas tinha os sopros mais fracos de fumaça ou vapor subindo de seus flancos ocidentais. "Nas eddas mais antigas as histórias falam de Halradra como sendo o pai e estes quatro seus filhos." Sindri apontou para a parte baixa de Halradra. "Mas ele dorme há séculos."

"Vamos para lá então", eu disse. "Gostaria de observar um gigante adormecido antes de cutucar um acordado."

"Eles não são pessoas, Jorg", Makin me dissera antes de partirmos. "Eles não são inimigos. Você não pode combatê-los."

Ele não sabia o que eu pensava que poderia alcançar vagando pela paisagem. Eu também não, mas sempre vale a pena dar uma olhada. Se pensar em minhas vitórias, tais como são, elas frequentemente vêm do simples exercício de juntar dois fatos discrepantes e fazer uma arma com eles. Eu destruí Gelleth com dois fatos que, quando dispostos um sobre o outro, criaram algo perigoso. Há algo assim no coração das armas dos Construtores, dois pedaços de mágica, bem inofensivos sozinhos, mas que formam uma massa crítica quando unidos.

O Halradra não é tão alto quanto seus filhos, mas é alto. Suas encostas mais baixas foram suavizadas pelos anos, pedregulhos pretos em sua maioria, esmagando-se debaixo dos cascos, as rochas tão podres com bolhas

que dá para esmigalhá-las com as mãos, com o fogo apagado há tanto tempo que nem o cheiro permanece. Através da cinza e da rocha quebrada, erva-do-fogo crescia em profusão – epilóbio, como estava escrito nos livros de mestre Lundist. As primeiras a aparecerem onde antes havia fogo. Mesmo após quatrocentos anos, nada mais queria brotar da terra preta.

"Você está vendo elas?", Gorgoth resmungou em meu ombro. A profundidade de sua voz sempre me surpreendia.

"Se por 'elas' você quer dizer as montanhas, então sim. Do contrário, não."

Ele apontou com um dedo grosso, quase da espessura do antebraço de Gog. "Cavernas."

Eu ainda não as via, mas depois vi. Bocas de caverna ao pé de uma queda acentuada. Não muito diferente do antigo lar de Gorgoth sob o Monte Honas.

"Sim", eu disse. "São." Às vezes, eu achava que Gorgoth devia apenas continuar segurando aquelas palavras preciosas.

Nós fomos em frente. Mais para cima, o trajeto fica muito íngreme e traiçoeiro demais para cavalos. Deixamos nossas montarias com Sim e Grumlow e continuamos a pé, marchando através de uma fina camada de neve. Os picos dos filhos de Halradra parecem quebrados, entalhados, forjados com violência. O velho poderia passar por uma montanha comum sem o menor sinal de uma cratera até você subir por barrancos cheios de neve e encontrar o lago diante de você, de repente e sem aviso.

"Satisfeito agora?" Sindri escalou do meu lado e achou um poleiro onde o vento havia limpado a neve de uma pedra. Ele parecia bastante contente apesar de seu tom.

"É uma visão e tanto, não é?", eu disse.

Gorgoth subiu com Gog em seu ombro.

"Eu gosto desta montanha", disse Gog. "Ela tem coração."

"O lago é de um azul estranho", eu disse. "A água está estragada?"

"Gelo", Sindri disse. "A água é apenas gelo derretido, um metro de profundidade no máximo, que escorreu da encosta da cratera. O lago fica congelado o ano todo, por baixo."

"Ah, bom. Que coisa", eu disse. E agora eu tinha dois fatos à mão. Agachamos atrás de algumas pedras, um pouco abaixo da borda da cratera, para nos proteger do vento e observar o azul estranho daquelas águas enquanto comíamos uma refeição fria das cozinhas de Alaric.

"Que tipo de coração a montanha tem, Gog?" Joguei três ossos de galinha encosta abaixo e lambi a gordura de meus dedos.

Ele parou, fechando os olhos para pensar. "Antigo, lento, quente."

"Ele bate?", eu perguntei.

"Quatro vezes", disse Gog.

"Desde que começamos a escalar?"

"Desde que vimos a fumaça quando passamos pela ponte", Gog disse.

"Águia", Algazarra apontou para o azul nebuloso acima de nós. Ele pegou seu arco.

"Bons olhos como sempre, Algazarra." Segurei seu braço. "Deixe o pássaro voar."

"Então", disse Sindri, encolhido, com as tranças se agitando no vento. "E agora?"

"Eu gostaria de ver aquelas cavernas", respondi. A observação de Gorgoth parecia mais importante, de repente. Preciosa, até.

Começamos a fazer o caminho de descida, estranhamente uma empreitada mais difícil que a escalada, como se Halradra quisesse nos manter ali. A rocha parecia se esfarelar sob cada passo pesado para baixo, com o gelo para ajudar aqueles que caíam. Eu peguei Sindri uma vez, segurando seu cotovelo quando o chão se abriu debaixo de seu calcanhar.

"Obrigado", ele disse.

"Alaric não ficaria contente em perder outro filho aqui em cima", eu disse.

Sindri riu. "Eu teria parado lá embaixo."

Gorgoth veio em seguida, tirando os pontos de apoio do seu caminho a cada passo; Gog corria afastado, em vez de arriscar ser esmagado caso o gigante caísse.

Encontramos Sim e Grumlow compartilhando um cachimbo, esparramados nas pedras ao sol, bem à vontade.

As cavernas eram quase mais difíceis de se ver conforme chegávamos mais perto. Cavernas pretas em um penhasco preto com interior preto. Avistei três entradas, uma grande o bastante para caber um carvalho.

"Alguma coisa vive aqui", disse Gorgoth.

Procurei por sinais, ossos ou excremento em volta da boca da caverna. "Não há nada", eu disse. "O que o faz dizer que há?"

As expressões eram raras em um rosto como o de Gorgoth, mas muitas rugas e sulcos se mexeram para que um observador atento soubesse que algo o intrigava. "Eu posso ouvi-los", ele disse.

"Ouvidos e olhos aguçados. Eu não ouço nada. Só o vento." Parei e fechei os olhos, como o tutor Lundist me ensinara, e deixei o vento soprar. Deixei os sons da montanha fluírem por mim. Contei as batidas do meu coração e as respirações. Nada.

"Eu os ouço", disse Gorgoth.

"Vamos com cuidado então", eu disse. "Hora do seu arco, irmão Algazarra. Que bom que não gastou uma flecha naquele pássaro."

Amarramos os cavalos e nos preparamos. Eu peguei minha espada. Sindri retirou o machado de suas costas, uma bela arma com arabescos gravados na lâmina atrás do fio de corte. E nós nos aproximamos. Eu os conduzi contra o vento, um antigo hábito que nos custou meia hora cruzando as encostas. A cinquenta metros de distância, o vento trouxe um toque dos habitantes, um fedor de animais, fraco porém marcante. "Nossos amigos mantêm a entrada limpa", eu disse. "Não são ursos ou gatos-monteses. Você ainda consegue ouvi-los, Gorgoth?"

Ele assentiu com a cabeça. “Eles estão falando de comida e batalha.”

“Mais estranho ainda”, eu disse. Não ouvia nada.

Chegamos a passos lentos à grande boca da caverna, ladeada por duas bocas menores e várias rachaduras pelas quais um homem pudesse passar. Olhando para a caverna, diante dela, parecia impossível que não a houvesse visto do outro lado das encostas. Fora um osso fragmentado entalado entre duas pedras, não havia sinal de habitação. Exceto pelo fedor.

Gorgoth entrou primeiro. Ele carregava um mangual rudimentar em seu cinto. Apenas três correntes grossas com uma empunhadura de madeira, com metal afiado retorcido. Um avental de couro impedia que as correntes retalhassem suas pernas quando corria. Eu nunca o vira pegar a arma e de alguma maneira ele parecia mais assustador desarmado. Gog foi atrás de Gorgoth; eu e Sindri os flanqueávamos. Depois passaram Sim e Grumlow, enquanto Algazarra, ao fundo, observava tudo com desconfiança.

“Não podemos ir longe”, disse Algazarra. “Escuro demais.” Ele não parecia aborrecido.

Gog ergueu a mão e chamas surgiram da ponta de seus dedos. Algazarra conteve uma imprecação.

Eu olhei para fora, para o outro lado das montanhas. A extensão de pedras e poeira que se espalhava da boca da caverna me lembrava alguma coisa. Pensamentos soltos se arranhavam no fundo da minha memória, lutando para se formarem, para as palavras dizerem o que queriam.

“Vamos continuar avançando”, eu disse. “Um pouco mais. Eu quero ouvir o que Gorgoth está ouvindo.” Afinal, ele estava certo a respeito das cavernas.

Em direção ao fundo da caverna, vários túneis levavam ao interior da montanha. A passagem maior subia gradativamente. “Aquela ali.”

Nós continuamos. Sob os pés, o chão do túnel era arenoso, repleto de pedras pequenas, mas as paredes eram lisas, quase escorregadias. As sombras se moviam e dançavam conforme Gog seguia Gorgoth, com sua

mão fogosa lançando uma enorme sombra à nossa frente. Cinquenta metros nos levaram a uma câmara quase esférica, com o túnel continuando ao fundo, que agora subia quase tão íngreme quanto as encostas do lado de fora. O brilho do fogo deu ao lugar lembranças da catedral de Shartres, com nossas sombras projetadas sobre a rocha lisa por todos os lados.

"Platão chegou a uma caverna como esta", eu disse. "E viu o mundo inteiro em suas paredes."

"Hã... Como assim?", Sindri disse.

Eu balancei a cabeça. "Está vendo aqui?" Apontei para uma depressão lisa na pedra ali perto, como se um gigante houvesse enterrado o polegar na lama macia e deixado sua marca.

"O que é isso?", perguntou Gog.

"Não sei", respondi. Mas me pareceu familiar. Como um buraco no leito de um rio.

Corri para o túnel ao fundo e fiquei parado na entrada. Homens não faziam essas passagens, nem troll ou Grendel-kin, gnomos, duendes ou fantasmas. O ar era quase parado, mas se movia mesmo assim, rastejando pelo túnel. Ar gelado. Muito gelado.

"Jorg", disse Algazarra.

"Estou pensando", eu disse, sem olhar para trás.

"Jorg!", ele disse outra vez.

E eu me virei. Na boca do túnel pelo qual nós entramos estavam dois trolls. Eu os chamei de trolls porque eles se pareciam com os trolls da minha imaginação, não as massas disformes com que os danes decoravam a paisagem, mas criaturas esguias e perigosas, de pele com manchas escuras, músculos como nós em uma corda, espalhados por membros que terminavam em garras negras. Agachados como estavam, sua altura era difícil de calcular, mas imaginei dois metros e meio, talvez três. Eles se moviam resolutos, abraçando as pedras.

“Segure a flecha”, eu disse a Algazarra. Não seria uma flecha que acalmaria nenhum deles, a não ser que fosse no pescoço ou no olho.

Eu os teria chamado de monstros, leucrotas, equívocos como Gorgoth, só que havia dois deles. Um par não é acidente – é um modelo.

“Olá”, eu disse. Soou idiota, uma voz fina naquela grande câmara, mas não consegui pensar em nada mais para dizer, e lutar com eles simplesmente não era interessante. O único consolo é que aqueles pares de olhos pretos estavam virados para Gorgoth e não para mim.

“Você não consegue ouvi-los?”, perguntou Gorgoth.

“Não”, eu disse.

O troll da esquerda deu um salto à frente sem preâmbulos, sem falsear ou rosnar. Ele se jogou em Gorgoth, em direção ao seu rosto. Gorgoth agarrou os pulsos do troll e o parou de repente. Os dois monstros ficaram ali, engatados, inclinados, com os músculos contorcidos e contraídos. A respiração do troll escapava rápida e desagradável. Gorgoth roncava. Eu não o via ter dificuldade com nada desde que ele segurou o portão no Assombrado. Toda tarefa desde então, como descarregar barris, deslocar pedras ou qualquer outra coisa, não o fazia nem suar.

Algazarra ergueu seu arco novamente. Pela segunda vez eu contive seu braço. “Espere.”

Eles estavam se segurando, com esforço, ocasionalmente reajustando os pés com rapidez. Garras de troll cinzelando a rocha. Os dedos dos pés de Gorgoth ancorando seu peso. Músculo amontoado contra músculo, ossos rangendo com a tensão, baba salpicada em seus lábios com a respiração forte que escapava. Momentos se estenderam longamente. Cravei minhas próprias unhas nas palmas das mãos, as articulações brancas em volta do cabo da espada – alguma coisa tinha de ceder, alguma coisa. E, sem aviso, o troll desabou. Um instante de silêncio e Gorgoth soltou um rugido profundo que doeu em meu peito e fez o nariz de Algazarra sangrar.

Gorgoth puxou fôlego. “Eles irão servir”, ele disse.

“O quê?”, eu disse. “Por quê?”

O troll no chão virou e se levantou, voltando-se para seu companheiro.

“Eles são soldados”, ele disse. “Querem servir. Eles foram feitos para isso.”

“Feitos?”, perguntei, ainda observando os trolls, pronto para tentar me defender.

“Foi escrito em seu dena”, disse Gorgoth.

“Por Ferrakind?”

“Muito tempo atrás”, disse Gorgoth. “Eles são uma raça. Não sei quando eles foram modificados.”

“Os Construtores os fizeram?”, perguntei, imaginando.

“Talvez sim. Talvez depois.” Gorgoth deu de ombros.

“Eles são os filhos de Grendel”, Sindri disse, como se pensasse que estava sonhando. “Feitos para a guerra nas cinzas do Ragnarök. Eles estão esperando aqui para a batalha final.”

“Eles sabem o que fez estes túneis e aonde eles levam?”, perguntei.

Gorgoth fez uma pausa. “Eles sabem lutar”, ele disse.

“Isso é bom também.” Eu sorri. “Você fala com eles na sua cabeça, não é?”

Gorgoth se surpreendeu outra vez. “Sim”, ele disse. “Suponho que sim.”

“E agora?”, perguntou Sindri, ainda olhando para um troll e para o outro, testando a ponta de seu machado com os dedos.

“Nós voltamos”, respondi. Eu precisava refletir, e refletir é mais confortável sob o teto de um duque do que em um vulcão varrido pelo vento ou enterrado em cavernas fétidas.

“Gorgoth, diga aos trolls que vamos voltar e para guardarem nossa visita para si.” Examinei a dupla mais uma vez. Imaginei o tipo de estragos que eles causariam no campo de batalha. O melhor tipo, eu pensei.

“Vamos voltar”, eu disse. *E ver se nossas perspectivas mudaram um pouco após nossa escalada.*



TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

19

— QUATRO ANOS ATRÁS —

As florestas em Danelore têm características próprias, pinheiros densos que tornam cada dia um crepúsculo perene e cada noite uma sopa negra, com ou sem lua. Agulhas velhas amortecem cada passada e casco, deixando como som apenas os arranhões secos de galhos mortos. Em um lugar como esse, não é preciso muita imaginação para acreditar em cada conto de duende que se ouve pelos corredores. E, ao sair outra vez para céu aberto, você compreende que foi com o machado de lenha que o homem conquistou aquelas terras, não com o machado de guerra.

Chegamos de volta ao salão de Duque Alaric cedo, com os galos cantando e cada sombra se esticando sobre a grama como se indicasse o caminho. Uma névoa baixa ainda caía em trechos em torno das árvores, girando onde os cavalos pisavam. Alguns criados estavam em movimento, de lá para cá, entre o grande salão e as cozinhas, cavalariços aprontando os cavalos para

montar, um padeiro da vila próxima com pães quentes empilhados em sua caçamba.

Dois rapazes dos estábulos pegaram nossos cavalos. Dei um leve tapa na garupa de Brath quando eles o levaram. Uma chuva amena começou a cair. Eu não me importei.

A chuva fez a construção de pedra reluzir, caindo mais pesada a cada momento. Que palavra. *Reluzir*. Correntes prateadas em árvores sagradas, o lustro nos lábios para beijar, orvalho nas teias de aranha, suor nos seios. Reluzir, reluzir, luzir. Repita até que o significado se esvaia. Até sem significado ela continua verdadeira. A chuva fez a pedra cinzenta reluzir. Não exatamente um brilho, não exatamente uma cintilação, mas um reluzir nas pedras encharcadas, um gorgolejo das sarjetas onde a sujeira corria e as folhas rodopiavam em corredeiras fugazes, destinadas a gargantas sombrias e famintas, engolidas além dos dentes de pedra. Um pedaço de palha passou por meus pés, disparado no percurso mais reto; um caiaque em águas turbulentas, ele balançou, mergulhou, emergiu, alcançou o ralo, girou duas vezes e sumiu.

Às vezes, o mundo fica mais lento e você percebe cada coisinha, como se você estivesse entre duas batidas do coração da eternidade. Parecia que eu já havia sentido algo semelhante antes, com Corion, com Sageous, até com Jane. O ar ficou pesado com o aroma metálico da chuva. Eu me perguntei: se ficasse ali, na enchente, a chuva envolveria uma vida cinzenta e a faria brilhar? Devo ficar de pé, de braços abertos, com o rosto para cima? Deixe que ela me lave. Ou minhas máculas eram profundas demais?

Eu escutei a chuva cair, o tamborilar, o gotejamento, o pinga-pinga. Os outros se moviam à minha volta, entregando rédeas, pegando alforjes, tratando dos assuntos da vida, como se não houvessem percebido que eu me distanciara de tais coisas. Como se não pudessem senti-la.

Rike veio tropeçando do grande salão, esfregando o sono de seus olhos.

"Jesus, Rike", eu disse. "Nós ficamos fora um dia. Como a sua barba cresceu?"

Ele deu de ombros e esfregou os pelos, tão longos que seus dedos quase sumiam. "Quando estiver em Roma, faça como os romanos."

Ignorei sua geografia ruim e até o fato de que ele conhecia o ditado, e fiz a pergunta mais óbvia. "Por que você está de pé?" Na estrada, Rike era sempre o último a sair de seu saco de dormir e nunca se levantava sem algum tipo de ameaça ou tentação.

Ele coçou a cabeça, sem saber. Sindri voltou dos estábulos e deu um tapa em meu ombro. "Ele vai ficar bem de barba. Ainda vamos fazer dele um viking!"

Rike franziu a testa. "Ela disse para encontrá-la no fim do lago."

"Ela quem?"

Ele franziu novamente, deu de ombros e voltou para o salão.

Olhei para o lago. Do outro lado, desbotada através dos véus cinzentos da chuva, estava uma tenda, uma yurt, amarelada pelo tempo, uma fina fumaça saindo pela chaminé. A estranheza vinha de lá. Lá ela o aguardava.

Sindri olhou também. "Aquela é Ekatri, uma völva do norte. Ela não aparece muito. Duas vezes, quando eu era jovem."

"Völva?", perguntei.

"Ela sabe de coisas. Ela pode ver o futuro", Sindri disse. "Uma bruxa. É assim que vocês chamam?" Ele franziu a testa. "Sim, uma bruxa. É melhor ir até lá. Não é bom deixá-la esperando. Talvez ela leia seu futuro para você."

"Eu vou agora", disse. Às vezes você espera e observa; outras vezes entra direto. Não há muito que aprender do lado de fora de uma tenda.

"Vejo você lá dentro." Sindri acenou para o salão, sorriu e enxugou a chuva de sua barba. Ele estaria acordando seu pai antes que eu chegasse ao outro lado do lago, contando-lhe sobre os trolls e Gorgoth. Eu me perguntei o que o bom duque acharia de tudo aquilo. Talvez a bruxa me dissesse.

O chão tremeu uma vez enquanto eu andava ao longo do lago, fazendo a água dançar. O cheiro que eu sentia, o da fumaça que vinha da chaminé da bruxa, pôs um gosto acre em minha boca e me lembrou os vulcões. O vento aumentou, soprando chuva em meu rosto.

Meu velho tutor Lundist certa vez me ensinou sobre profetas, adivinhos e os observadores de astros que contam nossas vidas por meio das lentas previsões de planetas girando nos céus. "Quantas palavras seriam necessárias para contar a história de sua vida?", ele perguntara. "Quantas para chegar a este ponto, e quantas mais para chegar ao final?"

"Muitas?" Sorri e desviei o olhar, para fora da janela estreita até o pátio, os portões, os campos além dos muros da cidade. Eu tinha uma coceira nos pés, uma vontade de sair perseguindo qualquer coisa enquanto o sol ainda brilhava.

"Essa é a nossa maldição." Lundist bateu o pé e se levantou de sua cadeira com um resmungo. "O homem está fadado a repetir seus erros várias vezes porque aprende apenas por experiência."

Ele desenrolou um velho pergaminho sobre a escrivaninha, coberto de pictogramas de sua terra natal. Havia figuras também, brilhantes e interessantes ao estilo oriental. "O zodíaco", ele disse.

Eu pus o dedo sobre o dragão, capturado em alguns traços ousados de vermelho e dourado. "Este aqui", eu disse.

"Sua vida é definida no momento de seu nascimento, Jorg. Você não tem escolha. Todas as palavras de sua história podem ser substituídas por data e local. Onde os planetas estavam naquele instante, como eles viraram suas faces e quais delas olhavam em sua direção... essa configuração forma uma chave e essa chave revela tudo que um homem será", ele disse.

Eu não sabia se ele estava brincando. Lundist sempre foi um homem de pesquisa, de lógica e julgamento, de paciência e sutileza. Tudo isso parecia bastante inútil se nós percorrêssemos um caminho fixo do berço até qualquer fim que estivesse escrito nas estrelas.

Eu havia chegado à yurt sem perceber. Parei abruptamente e consegui não dar de cara com ela. Dei a volta procurando a entrada e entrei sem anunciar. Afinal, ela deveria saber o futuro.

"Ouça", ela disse, enquanto eu abria a aba de sua tenda, um lugar fétido de peles e coisas mortas penduradas.

"Ouça", ela disse outra vez, quando fiz que abriria a boca.

Então eu me sentei de pernas cruzadas sob as peles penduradas, escutei e não falei.

"Bom", ela disse. "Você é melhor que a maioria. Melhor que aqueles garotos corajosos e ruidosos querendo tanto ser homens, querendo apenas ouvir as palavras de suas próprias bocas."

Ouvi sua respiração seca quando falava, a agitação e o rangido da tenda, a insistência da chuva e as reclamações do vento.

"Então você ouve, mas você escuta?", ela perguntou.

Eu a observei. Ela estava acabada da idade e a escuridão não disfarçava. Ela me observava de volta com um olho só; o outro ficava afundado e fechado nas dobras cinzentas de sua pele. Algo como ranho escorria de sua bochecha.

"Quero ver você ficar melhor após noventa invernos", ela escarneceu. Ela só precisava de um olho para ler minha expressão. "Os primeiros cinquenta foram anos difíceis nas terras de fogo e gelo onde os verdadeiros vikings vivem."

Eu teria imaginado uns duzentos anos só de olhar para ela, para o desmoronamento de seu rosto, os vincos, verrugas e pelancas. Apenas seu olho parecia jovem; aquilo me decepcionou, pois eu estava atrás de sabedoria.

"Eu escuto", disse. Segurei minhas perguntas porque as pessoas só iam até ela com perguntas. Se ela realmente soubesse as respostas talvez eu não precisasse perguntar.

Ela pôs a mão dentro dos retalhos e peles em camadas em torno de sua cintura. O fedor aumentou imediatamente e eu me segurei para não sufocar. Quando tirou a mão, mais uma garra de ossos do que dedos macios, ela segurava um pote de vidro, com o conteúdo balançando. "Vidro dos Construtores", ela disse, molhando os lábios com a língua rosa e rápida, de alguma maneira obscena em sua boca murcha. Ela embalou o frasco em suas mãos. "Como foi que perdemos a arte? Não há um homem que se possa encontrar em cinco semanas de viagem que faça isso agora. E se eu derrubar isto, da altura de um dedo, sobre uma pedra... adeus! Mil pedaços inúteis."

"Quanto tempo?" A pergunta me escapou, apesar de minha resolução.

"Dez séculos, talvez doze", ela disse. "Palácios já ruíram nesse tempo. Estátuas de imperadores estão arruinadas e enterradas. E isto..." Ela ergueu o frasco. Um olho rodopiou lentamente no líquido esverdeado. "Ainda inteiro."

"É o seu olho?", perguntei.

"O próprio." Ela me observou com seu olho brilhante e pôs o outro sobre o tapete em seu frasco dos Construtores.

"Eu o sacrifiquei pela sabedoria", ela disse. "Como Odin fez no poço de Mimir."

"E você obteve a sabedoria?" Talvez tenha sido uma pergunta impertinente para um garoto de catorze anos, mas foi ela quem havia pedido para me ver, não o contrário, e quanto mais eu ficava sentado ali menor e mais velha ela parecia.

Ela sorriu, exibindo um único toco de dente apodrecido. "Eu descobri que teria sido sábio deixar meu olho do lado do outro." O olho parou no fundo do pote, virado ligeiramente para a esquerda.

"Estou vendo que trouxe um bebê", ela disse.

Eu olhei para o lado. O bebê jazia morto, o cérebro escorrendo pelo crânio quebrado, sem muito sangue, mas o que havia era horrivelmente

vermelho sobre sua cabeça branca como leite. Ele raramente parecia tão nítido, tão real, mas a tenda de Ekatri tinha o tipo de sombras que atraem fantasmas. Não falei nada.

"Mostre-me a caixa." Ela estendeu a mão.

Eu a tirei de seu lugar dentro de minha couraça. Apertando-a forte, segurei-a na direção da bruxa. Ela tentou pegá-la, mais rápido do que uma velha tem direito de ser, e puxou a mão de volta com um suspiro. "Poderosa", ela disse. Sangue pingou de seus dedos, brotando de uma dúzia de pequenos furos. O fato de que havia sangue a derramar naqueles dedos velhos e ossudos me surpreendeu.

Pus a caixa de volta. "Devo avisá-la que não sou muito ligado a horóscopos e coisa dos tipo", eu lhe disse.

Ela lambeu os lábios outra vez e não disse nada.

"Se você quer saber, eu sou cabra", eu disse. "É isso aí, a porra de uma cabra. Há uma nação inteira de gente atrás da Muralha do Leste que diz que eu nasci no ano da cabra. Não tenho tempo para nenhum sistema que me põe como uma cabra. Não importa quão antiga seja sua civilização."

Ela deu uma leve rodada no frasco. "Ele vê outros mundos", ela disse, como se eu nada houvesse dito.

"E isso é bom?", perguntei.

Ela tamborilou seu olho vivo. "Este aqui vê outros mundos também", respondeu. "E tem visão mais nítida." Ela pegou um saco de couro de dentro de seus farrapos e o colocou ao lado do frasco. "Runas", ela disse. "Talvez se você for para o leste e pular a Grande Muralha será uma cabra. Aqui no norte as runas contam sua história."

Fiquei de boca bem fechada, lembrando de minha promessa finalmente. Ela me diria o futuro ou não. O que ela me dissesse sem perguntas para responder poderia ser verdade.

Ela tirou um punhado do saco, pedras cinzentas batendo suavemente umas contra as outras. "Honório Jorg Ancrath." Suspirou meu nome para as

pedras e em seguida as deixou cair. Parece que elas levaram uma vida para chegar ao tapete, cada uma virando-se lentamente, para cima e para baixo, de um lado a outro, com as runas gravadas sobre elas aparecendo e reaparecendo. Caíram como bigornas. Posso sentir o tremor até agora. Ele ecoa nestes ossos meus.

"A runa Perth, *iniciação*", ela disse. "Thurisaz. Uruz, *força."* Ela as empurrou para o lado como se não fossem importantes. Virou uma pedra. "Wunjo, *alegria*, virada para baixo. E Kano, a runa da *abertura*."

Pus o dedo sobre Thurisaz e a völva puxou uma respiração forte sobre suas gengivas cinzentas. Ela fez uma careta e bateu na minha mão para movê-la, a pedra fria ao toque e a mão da bruxa mais fria ainda, com a pele fina feito papel. Ela não havia dito o nome da runa no idioma do Império, mas eu conhecia a língua antiga do norte pelos livros de Lundist.

"Os espinhos", eu disse.

Ela bateu de novo e eu retirei a mão. Seus dedos passaram rapidamente sobre o restante, contando. Ela recolheu todas e as despejou de volta sobre as outras ainda no saco. "Há flechas à sua frente", ela disse.

"Eu serei alvejado?"

"Você viverá feliz se não quebrar a flecha." Pegou o frasco e um olho encarou o outro. Ela se arrepiou. "Abra seus portões." Em sua outra mão, a runa Wunjo, como se ela não a houvesse colocado dentro do saco. *Alegria*. Ela a virou, com o lado vazio para cima. "Ou não."

"Mas e Ferrakind?", perguntei. Eu não estava interessado em flechas.

"Ele!" Ela cuspiu algo escuro em suas peles. "Não vá lá. Até você devia saber disso, Jorg, com seu coração sombrio e cabeça vazia. Não chegue nem perto daquele homem. Ele queima."

"Quantas pedras você tem nesse saco, velha?", perguntei. "Vinte? Vinte e cinco?"

"Vinte e quatro", ela disse, e pôs a garra sobre o saco, ainda sangrando.

"Não são muitas palavras para contar a história da vida de um homem", eu disse.

"As vidas dos homens são coisas simples", ela retrucou.

Eu senti as mãos dela sobre mim, mesmo que uma estivesse sobre o saco e a outra segurando o frasco. Eu as senti beliscando, cutucando, tentando vasculhar minhas memórias. "Pare", eu disse. Deixei a necromancia aparecer em mim, ácida no fundo de minha garganta. As coisas mortas acima de nós se contorceram, uma pata seca se contraiu, os trançados negros das entranhas de um homem estalaram ao se flexionar, como uma cobra.

"Como quiser." Outra vez aquela língua rosa passando sobre os lábios, e ela parou.

"Por que você veio para cá, Ekatri?", perguntei. Eu me surpreendi ao me lembrar do nome dela. Os nomes das pessoas me escapam. Provavelmente porque eu não me importo com elas.

Seu olho encontrou o meu, como se me visse pela primeira vez. "Quando eu era jovem, jovem o bastante para você me desejar, Jorg de Ancrath – ah, sim –, quando eu era jovem jogaram as runas para mim. Vinte e quatro palavras não bastam para contar toda a história de uma mulher, especialmente quando uma delas é desperdiçada em um garoto pelo qual ela terá que envelhecer esperando. Chamei você aqui porque me disseram para fazer isso há muito tempo, antes mesmo de seus avós nascerem."

Ela cuspiu novamente, dessa vez sobre as peles do chão.

"Eu não gosto de você, garoto", ela disse. "Você é muito... espinhoso. Você usa esse seu charme como uma lâmina, mas charme não funciona em bruxas velhas. Nós vemos o seu interior, e o seu interior é podre. Se restou qualquer coisa decente aí está enterrada mais fundo do que eu quero procurar e provavelmente está amaldiçoada também. Mas vim porque jogaram as runas para mim e me disseram que eu devia fazer o mesmo por você."

“Belas palavras para uma megera que fede como se tivesse morrido dez anos atrás e não teve a decência de parar de falar bobagem”, eu disse. Não gostava da forma como ela me olhava, com qualquer um dos olhos, e insultá-la não fez eu me sentir melhor – fez eu me sentir com catorze anos. Tentei lembrar que eu me refiro a mim mesmo como rei e fiz meus dedos pararem de percorrer o punhal na bainha. “Então por que suas runas a enviaram para me aborrecer se não há chance para mim, velha? Se eu sou uma causa perdida?”

Ela deu de ombros, balançando seus farrapos. “Há esperança para todos. Uma esperança mínima. A esperança de um tolo. Até um homem atingido nas vísceras tem a esperança de um tolo.”

Eu quase cuspi ao ouvir aquilo; um cuspe de rei talvez até melhorasse o local. Além do mais, bruxas podem fazer toda sorte de estrago com uma gota de seu catarro e um fio de seu cabelo. Em vez disso, eu me levantei e fiz a menor das reverências. “O desjejum me espera, se eu encontrar meu apetite novamente.”

“Brinque com fogo e sairá queimado”, ela disse, quase sussurrando.

“Você ganha a vida com chavões?”, perguntei.

“Não fique diante da flecha”, ela disse.

“Ótimo conselho.” Eu me virei em direção à saída.

“O Príncipe de Arrow irá tomar o trono”, disse com os lábios pressionados, como se doesse falar francamente. “Os sábios sabem disso desde antes de o pai de seu pai nascer. Skilfar me contou quando ela jogou minhas runas.”

“Nunca fui muito de leitura de sorte.” Peguei a aba da tenda e a abri para o lado.

“Por que você não fica?” Ela acariciou as peles atrás dela, a língua passando sobre os lábios secos. “Talvez você goste.” E, por um instante, Katherine estava ali, sentada no cetim safira do vestido que ela usava em seu quarto naquela noite. Quando eu bati nela.

Corri ao ver aquilo. Disparei pela chuva, perseguido pela risada de Ekatri, com minha coragem correndo à minha frente. E meu apetite não voltou para o café da manhã.

Enquanto os outros comiam, eu me sentei às sombras perto de uma lareira fria e me balancei em minha cadeira. Makin apareceu, com a mão segurando um osso de carne de carneiro, cinzento e gorduroso. “Achou alguma coisa interessante?”, perguntou.

Eu não respondi, mas abri a mão. Thurisaz, os espinhos. Não é uma grande façanha roubar de uma mulher caolha. A pedra engoliu a sombra sem devolver nada, com a runa solitária gravada de preto sobre ela. Os espinhos. Meu passado e meu futuro sobre a palma de minha mão.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

20

— QUATRO ANOS ATRÁS —

Makin exerce uma espécie de mágica nas pessoas. Se passarem meia hora em sua companhia elas irão gostar dele. Ele não precisa fazer nada especial. Parece não haver nenhum truque envolvido, e ele não parece se esforçar. O que quer que faça é diferente toda vez, mas o resultado é o mesmo. Ele é um matador, um homem duro que em má companhia faz coisas ruins, mas basta metade de uma hora e você vai querer que ele seja seu amigo.

"Bom dia, Duque Maladon", eu disse, conforme seus guardiões me conduziram ao grande salão.

Sequei os cabelos molhados pela chuva. Makin estava sentado em uma cadeira um degrau abaixo do trono do duque. Ele havia acabado de passar uma jarra para Maladon e bebeu cerveja de sua própria jarra quando eu me aproximei. Dava para acreditar que eles se sentavam assim toda manhã por dez anos.

“Rei Jorg”, disse o duque. A seu favor, ele não hesitava em me chamar de rei, embora eu estivesse pingando em meus trapos de viagem.

O salão estava à sombra, apesar da manhã cinzenta abrindo caminho pelas janelas altas e as lamparinas ainda queimando em pilares alternados. Em seu trono, Alaric Maladon era uma figura imponente. Ele poderia ter saído das lendas antigas.

“Espero que Makin não o esteja aborrecendo com suas histórias. Ele é dado a umas mentiras chocantes”, eu disse.

“Então você não empurrou o mestre da guarda de seu pai cachoeira abaixo?”, o duque perguntou.

“Talvez eu pos...”

“Ou decapitou um necromante e comeu seu coração?”

Makin enxugou espuma de seu bigode e observou um dos cães roer um osso. Todos os irmãos pareciam estar se esforçando com os pelos faciais. Acho que os danes os faziam se sentir inadequados.

“Nem tudo que ele diz é mentira. Mas fique de olho”, eu disse.

“E Ekatri? Tinha palavras carinhosas para lhe dizer?”, o duque perguntou. Não se desviava do assunto com esses nortistas.

“Isso não deveria ficar entre nós dois? Não dá azar contar?”

Alaric deu de ombros. “Como saberíamos se ela era boa se ninguém contasse o que ela diz?”

“Acho que ela me passou uma mensagem de cem anos atrás, dizendo para eu me deitar e deixar o Príncipe de Arrow fazer o que quiser com meu rabo.”

Makin soltou uma risada dentro da cerveja e alguns dos nórdicos sorriram, embora seja difícil saber atrás de uma barba séria.

“Eu ouvi algo parecido”, disse Alaric. “Um vidente dos fiordes, com gelo em suas veias e um jeito para ler as entranhas quentes. Disse-me que os velhos deuses e o Cristo branco concordavam todos. Chegou a hora de um novo

imperador e ele surgirá da semente do antigo. O que se cochicha na Centena é que esses sinais apontam para Arrow."

"O Príncipe de Arrow pode ir se ferrar", Sindri disse. Eu não o havia visto nas sombras atrás dos guardas de seu pai.

"Você não o conheceu, meu filho", disse Alaric. "Ouvi dizer que ele causa uma boa impressão."

"Então como ficarão suas portas, Duque de Maladon, se o príncipe vier para o norte?", perguntei.

O duque sorriu. "Gosto de você, garoto."

Deixei o "garoto" passar.

"Sempre achei que o sangue do Império se acumulava no norte", Alaric disse. "Sempre achei que um homem de Dane deveria tomar o trono do Império, com machado e fogo, e que eu fosse o homem a fazê-lo." Ele tomou um demorado gole de sua jarra e ergueu uma sobrancelha espessa para mim. "Como ficariam os seus portões se o príncipe aparecesse uma bela manhã?"

"Isso, meu amigo, dependeria de quão bela a manhã fosse. Mas nunca gostei de ser pressionado, especialmente por videntes e bruxas, pelas palavras de homens mortos, por previsões baseadas no balanço invisível dos planetas, gravadas em pedras numeradas ou esmiuçadas das tripas esparramadas de uma ovelha infeliz", respondi.

"Por outro lado", Alaric disse, "essas previsões são muito antigas. O caminho do novo imperador foi preparado há cem anos ou mais. Talvez esse Príncipe de Arrow seja o tal de que falam."

"Homens velhos tornam palavras velhas sagradas. Eu acho que palavras velhas estão desgastadas e devem ser postas de lado. Leve uma noiva nova para a cama, não uma velha feia", eu disse, pensando em Ekatri. "Um tolo pode rabiscar em uma pedra e, se ninguém tiver a esperteza de limpá-la por mil anos, o rabisco vira a sabedoria dos tempos."

Assentindo entre os guerreiros, mais sorrisos. “A mensagem de Ekatri veio de Skilfar no norte.” Isso fez os sorrisos sumirem bem rápido.

Alaric cuspiu no chão. “Uma bruxa do gelo no norte, um mago do fogo na nossa porta. Vikings nasceram na terra de gelo e fogo, e encontraram sua força opondo-se a ambos. Escreva sua própria história, Jorg.”

Eu gostava dele. Deixe os jogadores ocultos tentarem mover o Duque de Maladon sobre o tabuleiro e eles podem ficar sem vários dedos.

O chão tremeu, uma vibração que causou um zumbido em meus dentes e deixou todos nós em silêncio até passar. As lamparinas não balançaram, mas se agitaram em seus suportes e as sombras se embaçaram.

“E o que você achou de Heimrift?”, perguntou Alaric.

“Gostei bastante”, disse. “As montanhas sempre me agradaram.”

Na ampla lareira ao nosso lado, a cinza acumulada da noite anterior soltava uma leve fumaça, o que me lembrou do Monte Vallas com o vapor surgindo de seus flancos.

“E você está pronto para procurar Ferrakind?”, perguntou Alaric.

“Estou”, retruquei. Eu tinha a sensação de que Ferrakind me procuraria muito em breve se eu não fosse até ele.

“Conte-me sobre os trolls”, disse Alaric. Ele me surpreendia, esse duque, com seu jeito dos primórdios, seus deuses antigos, seus machados e peles, tanto que você pensaria que ele era apenas um instrumento afiado feito para a guerra e nada mais, mas seus pensamentos eram tão rápidos que sua boca tinha de pular de um assunto para o outro só para conseguir acompanhar. “Os trolls e suas companhias estranhas”, ele disse. E, como se obedecendo a uma deixa, as grandes portas se abriram do outro lado do salão para admitir Gorgoth, com sua corpulência escura contra a chuva.

Os guerreiros do duque seguraram seus machados com mais firmeza enquanto Gorgoth avançava em nossa direção, com o salão em silêncio exceto pela batida forte de seus pés. Logo atrás, Gog se apressava, com a

chuva fumegando sobre ele e cada lamparina queimando mais forte conforme ele passava.

O chão tremeu. Dessa vez ele sacudiu como se o martelo de um gigante houvesse caído perto dali. Lá fora, alguma coisa gemeu e caiu com um estrondo. E ao meu lado uma lamparina saiu de seu gancho e se espatifou no chão de pedra, espalhando óleo fervente em um grande círculo brilhante. Vários respingos atingiram minha calça e queimaram ali, mas o tecido estava molhado demais para se alastrar. Gog se mexia rapidamente. Ele jogou uma mão em formato de garra na minha direção e a outra para a lareira. Soltou um grito, rápido e agudo, e o óleo da lamparina pingou para fora. Na lareira, um fogo novo queimava, com chamas joviais, como se fosse madeira seca empilhada ali em vez de cinzas.

Os homens à nossa volta praguejaram – ou por causa da força do tremor, ou pelo negócio da lamparina quebrada, ou apenas para aliviar a tensão acumulada quando Gorgoth passou pelo salão ensombrado. Eu não sabia.

"Bem, isso foi um truque esperto." Eu me agachei para ficar no nível de Gog e acenei para ele se aproximar. "Como você fez isso?" Meus dedos testaram onde o fogo havia queimado o chão e a calça e saíram frios e oleosos.

"Fez o quê?", Gog perguntou, com a voz aguda, os olhos no duque e no brilho dos machados empunhados à sua volta.

"Apague o fogo", eu lhe disse. Olhei para a lareira. "Mova o fogo", eu me corrigi.

Gog não tirou os olhos de Alaric em sua cadeira alta. "Só existe um fogo, seu bobo", ele disse, esquecendo-se de qualquer assunto de reis e duques. "Eu só o espremi."

Franzi a testa. Eu estava à beira de entendê-lo, mas continuava fora de meu alcance. Odeio isso. "Fale para mim." Eu o segurei pelos ombros e o virei na minha direção até nossos olhos se encontrarem.

“Só existe um fogo”, ele disse. Os olhos dele eram escuros, tudo preto como de costume, mas havia algo quente em seu olhar, algo desconfortável, como se fosse acender você como um pavio de sebo.

“Um fogo”, eu disse. “E todas essas...” Fiz um gesto para as luminárias. “São janelas para ele?”

“Sim.” Gog suspirou, exasperado, e se esforçou para ir embora para uma nova brincadeira.

A imagem de um tapete me veio à cabeça. Um tapete com uma ruga. Eu me lembrei dele, de dias mais suaves. De dias em que eu dormia em um mundo que nunca tremia ou queimava, em um quarto ao qual minha mãe sempre ia para dar boa-noite. Um tapete com uma ruga e uma empregada tentando alisá-la com o pé. E, toda vez que ela achatava a ruga, outra aparecia ali perto. Mas nunca duas. Porque só havia uma dobra no tapete.

“Você pode tirar o fogo de um lugar e colocar em outro”, eu disse.

Gog assentiu.

“Porque só há um fogo e nós vemos pedaços dele”, eu disse. “Você aperta um canto para baixo e puxa outro para cima.”

Gog fez que sim e tentou se libertar.

“E é só isso que você faz”, eu disse.

Gog não respondeu, como se fosse óbvio demais para comentar. Eu o deixei ir e ele correu para baixo da mesa mais próxima para brincar com um cão de pelo ruivo.

“E os trolls?”, Alaric perguntou, com ar de um homem se esforçando a ter paciência.

“Nós vimos alguns. Gorgoth pode se comunicar com eles. Eles parecem gostar dele”, respondi.

Alaric esperou. É um truque bastante bom. Não diga nada e os homens se sentem compelidos a preencher o silêncio, mesmo que seja com coisas que eles prefeririam manter em segredo. É um truque bastante bom, mas eu o conheço e não falei nada.

"O Duque de Maladon sabe a respeito dos trolls", disse Gorgoth. Os danes estremeceram quando ele falou, como se achassem que ele fosse incapaz de fazê-lo e esperassem que rosnasse e rugisse. "Os trolls servem a Ferrakind. O duque deseja saber por que os que nós descobrimos não estavam a serviço do mago do fogo."

Alaric deu de ombros. "É verdade."

"Os trolls servem a Ferrakind por medo", disse Gorgoth. "A carne deles queima tão facilmente quanto carne humana. Alguns se escondem dele."

"Por que eles simplesmente não saem de Heimrift se querem viver livres?", perguntei.

"Humanos", ele disse.

Por um momento não entendi. É difícil pensar em tais criaturas como vítimas. Eu me lembrei de suas mãos com garras negras, mãos que poderiam arrancar a cabeça de um homem.

"Eles já foram muitos", disse Gorgoth.

"Você me disse que eles foram feitos para a guerra, soldados, então para que se esconder?" perguntei.

Gorgoth assentiu. "Feitos para a guerra. Feitos para servir. Não feitos para ser caçados. Não para ser espalhados e caçados sozinhos por terras estranhas."

Eu me levantei e fiquei de pé, batendo um metro e oitenta ultimamente. "Eu acho qu..."

"O que você acha, Makin?" O duque me cortou.

Makin olhou para mim e deu um sorriso mínimo. "Acho que todas essas coisas são o vislumbre do mesmo fogo", ele disse. "Tudo aqui volta para Ferrakind. As árvores mortas, os vermes nos pulmões de seu gado, suas colheitas perdidas, a derrubada de seus salões, um tijolo, uma aresta, uma viga de cada vez, os trolls, as chances de qualquer um de vocês concorrer ao trono do Império – tudo isso com Ferrakind queimando no centro."

É sempre uma coisa diferente que faz a mágica acontecer. Hoje foi sua inteligência. Mas, no fim de tudo, você queria que Makin fosse seu amigo.



TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

21

— QUATRO ANOS ATRÁS —

Os *danes são vikings que se estabeleceram, em sua maioria. O sangue de ladrões misturado ao de fazendeiros que eles conquistaram. Cada dane conta sua ascendência remontando ao norte, a um guerreiro com as mãos sujas de sangue pulando de seu barco, mas na verdade os homens bárbaros dos fiordes desdenham dos danes e os chamam de* fit-firar *– um erro que fez muitos vikings acabarem do lado errado do machado.*

"Você é mais útil para mim aqui, Makin."

"Você é louco de ir, para início de conversa", disse Makin.

"É por isso que viemos", respondi.

"Cada coisa nova que eu ouço sobre esse Ferrakind é uma nova boa razão para não chegar perto dele", disse Makin.

"Nós estamos aqui porque ele amoleceu com o monstrinho", disse Algazarra da porta. Ele não havia sido convidado para a conversa. Nenhum

deles havia. Mas na estrada qualquer voz levantada é um convite para uma plateia. Embora não estivéssemos literalmente na estrada. Nós estávamos em quartos reservados para hóspedes em um salão menor, paralelo ao grande salão do Duque de Maladon.

"Ou *endureceu* com ele." Rike se inclinou sob o batente da porta, com um olhar desagradável. Desde que eu pegara a caixa de cobre ele parecia achar que tinha licença para dizer o que pensava.

Eu me virei para a porta. "Duas coisas que vocês devem se lembrar, meus irmãos."

Grumlow, Sim e Kent apareceram com as cabeças apontadas atrás de Rike.

"Primeiro: se vocês me responderem a respeito disso eu juro por cada padre no inferno que não sairão vivos deste lugar. Segundo: talvez vocês se lembrem de uma época quando vocês e nossos saudosos irmãos estavam ocupados morrendo do lado de fora do Assombrado. E de quando os soldados de infantaria do Conde de Renar estavam matando vocês. Matando Elban, Mentiroso e Burlow, o Gordo... Bem, Gog fez toda a guarda pessoal do conde – mais de setenta homens selecionados – ou virar uma poça de gordura humana queimada, ou ficar paralisada de medo. E ele tinha sete anos. Então, o tipo de homem que ele se tornará, se é que ele vai crescer, é uma questão de muito mais interesse para mim do que se vocês, seus infelizes, viverão até amanhã ou não. Na verdade, há muitas questões mais importantes para mim do que se você vai ficar um dia mais velho ou não, Rike, mas essa está no topo da lista."

"Você ainda precisa de mim aqui", disse Makin. Muitos anos me protegendo transformaram dever em hábito, uma necessidade.

"Se as coisas correrem bem não precisarei de você", eu disse. "E se elas correrem mal acho que uma ou duas espadas a mais não vão fazer diferença. Ele tem um pequeno exército de trolls à sua disposição e pode atear fogo nas pessoas apenas com o pensamento. Não acredito que uma espada irá ajudar."

Deixei Makin ainda argumentando e os outros se esgueirando como cachorros surrados. Bem, não Kent, o Rubro. Ele tinha um machado novo. Não novo de fato, mas um bom machado, forjado no alto norte e comprado nos dracares de Karlswater. Kent ergueu o machado para mim quando eu saí, acenou com a cabeça e não disse nada.

Gorgoth e Gog me aguardavam nas despensas do duque com um saco de mantimentos entre eles e cobertores encerados caso precisássemos de abrigo nas montanhas.

Saímos em direção a Heimrift com uma bela manhã de primavera se rompendo por toda a parte. Todos nós caminhamos. Eu havia me acostumado a Brath e não desejava deixá-lo abandonado do lado de um vulcão. Até onde eu sabia, os trolls tinham predileção por carne de cavalo. Eu mesmo gosto bastante.

Sindri nos alcançou após oitocentos metros de estrada, com suas tranças balançando em suas costas conforme ele galopava.

"Não desta vez, Sindri, só eu e os bonitões aqui", eu disse.

"Você precisa de mim até sair da floresta."

"A floresta? Não tivemos problemas antes", eu disse.

"Eu vigiei você." Sindri sorriu. "Se você tivesse errado eu o teria guiado. Mas você teve sorte."

"E do que eu deveria ter medo na floresta?", perguntei. "Trolls verdes? Duendes? Ou mesmo um Grendel? Vocês danes têm mais bichos-papões do que o resto do Império junto."

"Homens dos pinheiros", ele disse.

"Como eles queimam?", perguntei.

Ele riu e em seguida deixou o sorriso desaparecer. "Há algo na floresta que extrai o sangue dos homens e o substitui com seiva de pinheiro. Eles não morrem, esses homens, mas mudam." Ele apontou para seus olhos. "O branco fica verde. Eles não sangram. Os machados não os incomodam."

Contraí os lábios. “Você pode nos guiar. Estou ocupado hoje. Esses homens dos pinheiros terão que ir às Terras Altas e entrar na fila se quiserem um pedaço de mim.”

E então caminhamos, com Sindri guiando seu cavalo, pelas trilhas da floresta que ele julgava seguras e observamos as árvores com renovada desconfiança.

Ao meio-dia, a floresta rareou e deu lugar à vegetação rasteira. Nós marchamos através de samambaias da altura da cintura, com grupos de tojo nos arranhando ao passar, e urze em toda a parte tentando nos fazer tropeçar, com nuvens de pólen marcando o caminho.

Sindri não precisou ser mandado embora. “Esperarei aqui”, ele disse, e se aninhou nas samambaias em uma encosta onde batia sol. “Boa sorte com Ferrakind. Se o matar, você terá pelo menos um amigo no norte. Provavelmente mil!”

“Não estou aqui para matá-lo”, eu disse.

“Melhor assim, provavelmente”, respondeu Sindri.

Franzi a testa. Se eu tivesse três irmãos que morreram em Heimrift teria uma conta a acertar com o homem que reinava ali. Os danes, porém, pareciam ter a mesma opinião sobre Ferrakind do que sobre os próprios vulcões. Criar problema com ele seria a mesma coisa que rivalizar com um penhasco porque seu amigo caiu dele.

Eu nos conduzi de volta a Halradra pelos caminhos e encostas que seguimos da primeira vez. Conforme ganhamos altura, o vento aumentou e levou nosso suor. O sol continuava a brilhar e parecia um bom dia. Se fosse o nosso último, pelo menos estava bonito até então. Trilhamos um longo vale de cinza preta e fluxos de lava rompida, correntes antigas ainda visíveis na rocha congelada. Muito acima de nós, uma única cabana de pastores era diminuída pela grande elevação das montanhas ao seu redor, construída em uma época em que a grama deve ter encontrado um jeito de crescer ali. Despercebida no céu azul, uma nuvem passou na frente do sol e sua

sombra se ondulou sobre a extensão de rocha silenciosa e iluminada de leste a oeste. Gorgoth fez um som profundo em seu peito. Eu gostava disso ao viajar com ele. Gorgoth represava suas palavras, então você não sabia o que ele estava pensando em momento algum, mas o gigante nunca perdia nada, nem mesmo aquelas raras ocasiões em que a miríade de partes deste nosso mundo sujo e acabado entra em um alinhamento passageiro que constrói uma beleza tão forte que dói só de ver.

Onde Gorgoth ficava em silêncio, Gog normalmente tagarelava bastante por dois. Na maior parte do tempo eu deixava passar. Crianças tagarelam. É a natureza delas e é a minha ignorar. Ao escalar Halradra pela segunda vez, contudo, Gog não falou nada. Após tantas semanas de infindáveis questionamentos – "Por que os cavalos têm quatro patas, irmão Jorg?"; "De que cor é feito o verde, irmão Jorg?"; "Por que aquela árvore é mais alta do que a outra, irmão Jorg?" –, você acharia que eu poderia querer um descanso, mas na verdade me irritou mais quando ele ficou calado.

"Sem perguntas hoje, Gog?", perguntei.

"Não." Ele me lançou um olhar e depois se virou.

"Nada?", insisti.

Nós continuamos a subir a encosta sem falar. Eu sabia que não era apenas medo que comeu a língua dele. Para as crianças, há um pavor em descobrir as limitações daqueles que você ama. A hora em que você descobre que sua mãe não pode protegê-lo, que seu tutor cometeu um erro, que o caminho errado precisa ser tomado porque os adultos não têm a força para tomar o correto... cada um desses momentos é o roubo de sua infância, cada um deles um golpe que mata alguma parte da criança que você foi, deixando outra parte do homem exposta, uma nova criatura, mais resistente, mas temperada com amargura e decepção.

Gog não queria fazer suas perguntas porque não queria me ouvir mentir.

Nós chegamos às cavernas que eu não havia visto antes, torcemos os narizes com o fedor dos trolls e passamos para a escuridão.

“Um pouco de luz se possível, Gog”, eu disse.

Ele abriu a mão e o fogo brotou como se ele o estivesse segurando o tempo todo.

Eu abri o caminho, através do grande salão da caverna de entrada, pela passagem lisa que subia por cinquenta metros até a caverna da catedral, quase esférica com seu chão esburacado e paredes esculpidas.

Os trolls vieram rápido desta vez, meia dúzia deles se insinuando no círculo sombreado em volta da chama de Gog. Gorgoth estava pronto para colocar sua força contra qualquer um dos novos trolls que duvidasse dela, mas eles se agacharam e nos observaram – observaram Gorgoth –, sem atacar.

“Por que estamos aqui?”, Gorgoth perguntou enfim. Eu havia me perguntado se ele cederia.

“Escolhi o meu terreno”, eu disse. “Se você precisa encontrar um leão, é melhor que não seja em sua toca.”

“Você não procurou em nenhum outro lugar”, disse Gorgoth.

“Eu encontrei o que queria aqui.”

“E o que era?”, ele perguntou.

“Uma ponta de esperança.” Sorri e me agachei para ficar no nível de Gog. “Nós temos que encontrá-lo em algum momento, Gog. Esse seu problema, esses fogos, vão derrubar você mais cedo ou mais tarde e não há nada que eu possa fazer, nem mesmo Gorgoth pode ajudá-lo. Da próxima vez vai ser pior e a vez seguinte será pior ainda.” Eu não menti para ele. Ele não queria me ouvir mentir.

Uma lágrima rolou em sua bochecha e em seguida virou vapor. Peguei sua mão, muito pequena dentro da minha, e pressionei a runa roubada em sua palma, fechando seus dedos em volta dela. “Você e eu, Gog, somos iguais. Lutadores. Irmãos. Vamos entrar juntos e sair juntos.” E nós éramos iguais, sem mentira. No fundo, esquecendo toda a bondade dele, toda a maldade em mim, nós tínhamos um vínculo. Eu precisava vê-lo vencer. Não

havia nada de altruísmo nisso. Se Gog pudesse sobreviver ao que o corroía por dentro, talvez eu também pudesse. Porra, eu não viajei meio Império para salvar uma criança magricela. Eu vim para me salvar.

"Vamos chamar Ferrakind até nós", eu disse. Olhei para os trolls. Eles me observavam com olhos pretos e molhados, sem reação ao nome de Ferrakind. "Eles entendem o que eu estou dizendo, pelo menos?"

"Não", disse Gorgoth. "Eles estão se perguntando se você é bom de comer."

"Pergunte a eles se há outras saídas daqui, que deem em um ponto mais alto da montanha."

Uma pausa. Eu me esforcei para ouvir o que se passava entre eles, mas não ouvi nada além da agitação da chama de Gog.

"Eles podem nos levar até uma", disse Gorgoth.

"Diga a eles que Ferrakind irá chegar. Avise-os para se esconderem por perto, mas para ficarem prontos para nos tirar daqui por algum desses outros caminhos."

Eu percebia quando os pensamentos de Gorgoth chegavam neles. Eles ficaram de pé rapidamente, as bocas negras esticadas em rosnados e rugidos silenciosos, as línguas negras batendo em seus dentes irregulares. Mais rápido do que surgiram eles se foram, perdidos na escuridão.

"Certo, vamos chamar Ferrakind. Tentarei fazer com que ele nos ajude." Virei o rosto de Gog, que observava a entrada, na direção do meu. "Se as coisas correrem mal, quero que você faça o truque que vimos no salão do duque. Se Ferrakind tentar nos queimar, quero que você pegue o fogo e o coloque onde eu lhe mostrei."

"Vou tentar", disse Gog.

"Tente com força." Eu tive medo de me queimar a vida toda, desde o atiçador, talvez até antes disso. Pensei em Justiça uivando enquanto ardia acorrentado. Vômito ácido borbulhou no fundo de minha garganta. Eu poderia ir embora. Eu poderia simplesmente sair.

“Como vamos fazê-lo vir aqui, irmão Jorg?” Eis a primeira pergunta do dia de Gog.

A visão de mim descendo a montanha ainda preenchia meus olhos. Eu assobiaria sob o sol da primavera e sorriria. O suor escorreria sob meus braços, frio sobre minhas costelas. Se Makin estivesse aqui diria que tinha uma sensação ruim a respeito. Ele estaria certo.

Eu poderia simplesmente ir embora. Eu poderia simplesmente ir embora.

Se Coddin estivesse presente ele diria que era um risco grande demais sem recompensa certa. Ele diria isso, mas gostaria de dizer “Caia fora daí, Jorg”, porque ele não gostaria que eu queimasse.

E se meu pai estivesse aqui. Se ele me visse andando em direção à luz do sol. Tomando o caminho fácil. Ele diria em uma voz tão suave que você quase não perceberia, “Mais um, Jorg. Mais um”. E em cada encruzilhada eu escolheria o caminho mais fácil de novo. E, no final, o que eu amava ainda ia queimar.

“Faça uma fogueira, Gog”, eu disse. “Faça uma puta fogueira, a maior do mundo.”

Gog olhou para Gorgoth, que assentiu e deu um passo para trás. Por um longo momento, medido por meia dúzia de respirações lentas, nada aconteceu. Fracas, a princípio, como se tudo fosse imaginação, as estampas de chamas nas costas de Gog começaram a tremer e a se mover. A cor se intensificou. Ondas escarlates correram através dele e o cinza empalideceu. O calor me alcançou e eu dei um passo atrás, e mais outro. As sombras haviam fugido da caverna, mas eu não tinha tempo de ver o que elas revelavam. Gog pulsava com calor, como uma brasa no fogo do ferreiro pulsa com cada sopro dos foles. Gorgoth e eu recuamos para o túnel que subia por trás da caverna da catedral. Ficamos com o calor do fogo de Gog queimando em nossos rostos e o ar descendo atrás de nós, gelado em nossas nucas.

As chamas vieram sem som e a caverna da catedral inteira se preencheu com um turbilhão de fogo laranja. Cambaleamos para trás, perdendo a visão da caverna mas ainda empolados pelo inferno. Minha respiração vinha em suspiros, como se o fogo houvesse queimado o que eu precisava do ar.

"Como isto irá ajudar?", perguntou Gorgoth.

"Só existe um fogo." Aspirei uma lufada de ar quente e inútil. Pontos pretos flutuavam em minha visão. "E Ferrakind observa através dele como se fosse uma janela para o mundo inteiro."

Gorgoth pegou meu ombro e impediu que eu caísse. Aquilo pareceu não exigir esforço e senti uma pontada de ressentimento, mesmo que eu estivesse entrando em um lugar mais sombrio onde sua mão não pudesse me segurar. Eu não ouvia nada além de minhas próprias arfadas e o som dos meus calcanhares se arrastando enquanto ele me puxava mais para trás, mais para cima. A maior parte de mim se sentia quente o bastante para entrar em combustão de forma espontânea, mas estranhamente meus pés estavam congelando.

O fogo, que não fizera barulho quando veio, se foi com um marcante *"whumpf"*. Ele se apagou antes de eu desmaiar completamente e um choque de frio me trouxe de volta com uma maldita rouquidão.

"Mas que diabos...?" Eu estava em um pequeno córrego de água gelada. O túnel estava seco antes, mas agora um riacho corria por ele, com pedrinhas chacoalhando em sua corrente. Eu me revirei no fio d'água congelante e em seguida usei a parede para me pôr na vertical. Gorgoth guiou o caminho de volta. Ele havia passado uma vida inteira no escuro sob o Monte Honas e seus olhos de gato o ajudaram a encontrar o caminho, enquanto eu tropeçava atrás. O pequeno riacho nos seguiu de volta à câmara da catedral, onde borbulhou e evaporou nas rochas quentes.

Gog aguardava onde nós o havíamos deixado, ainda brilhando, e Ferrakind estava na boca do túnel que levava à câmara de entrada.

Eu pensava encontrar um homem com fogo dentro dele. Ferrakind era mais um fogo com uma pitada de homem restante. Tinha a forma de um homem, mas como se feito de ferro derretido, tal qual o que corre nos tonéis de Barrow e de Gwangyang. Cada parte dele ardia em chamas e sua figura inteira tremeluzia. Quando seus olhos, como estrelas brancas e quentes, viraram-se em minha direção, seu olhar chamuscou minha pele.

"Para mim, Gog!" Doeu gritar, mas o vapor da água gelada em volta de meus pés ajudou um pouco.

"A criança é minha", Ferrakind falou no crepitar de suas chamas.

Gog correu em nossa direção. Ferrakind avançou lentamente.

"E por que você o quer?", gritei. Eu não podia chegar mais perto sem que minha pele derretesse.

"O fogo grande consome o pequeno. Nós iremos nos unir e nossa força se multiplicará", respondeu Ferrakind.

Parecia-me que ele falava de memória, usando quaisquer partes do homem que ainda não haviam queimado.

"Nós viemos salvá-lo disso", eu disse. "Você não pode tirar o fogo dele e deixar o menino para trás?"

Aqueles olhos quentes me encontraram de novo e me olharam fixamente, como se de fato me vissem pela primeira vez. "Eu conheço você."

Eu não sabia o que dizer. Meus lábios estavam secos demais para as palavras tolas que eu talvez encontrasse em outras circunstâncias.

"Você despertou um fogo de uma espécie antiga que não queimava havia mil anos", disse Ferrakind.

"Ah, sim", eu disse. "Isso."

"Você trouxe o sol à Terra", a crepitação de Ferrakind diminuiu, como se impressionada pela lembrança da arma dos Construtores. Sombras passaram por ele.

Gog chegou até nós, e o calor dele havia passado, deixando novas marcas, chamas brilhantes capturadas em laranja por suas costas, peito e braços.

“Você pode mudá-lo? Pode tirar o fogo dele ou pelo menos o suficiente para que ele possa viver com isso?”, perguntei. Ainda doía respirar e o vapor do degelo tornava difícil enxergar. Em algum lugar acima e atrás de nós, o calor de Gog e Ferrakind encontrava o gelo antigo do interior de Halradra.

O fogo de Ferrakind pingou e estalou, caindo sobre o chão da caverna. Percebi que ele estava rindo.

“Os Construtores tentaram quebrar as barreiras entre pensamento e matéria”, ele disse. “Eles tornaram mais fácil mudar o mundo com um desejo. Estreitaram as paredes entre a vida e a morte, entre o fogo e o não fogo, desbastaram a diferença entre isto e aquilo, até mesmo entre aqui e acolá.”

Ocorreu-me que a sanidade de Ferrakind havia sido uma das primeiras coisas a serem consumidas em seu próprio incêndio pessoal. “Você pode ajudar o garoto?”, perguntei, tossindo.

“Está escrito nele. Seus pensamentos tocam o fogo. O fogo toca sua mente. Ele é jurado pelo fogo. Nós não podemos modificar a forma como somos escritos.” Ferrakind deu um passo em nossa direção, as chamas subindo em torno dele como asas se preparando para o voo. “Dê-me o garoto e você poderá partir.”

“Eu vim de muito longe para um ‘não’”, eu disse.

O fogo não é paciente. O fogo não negocia. Eu deveria saber dessas coisas.

Ferrakind veio em nossa direção e uma coluna de chama branca irrompeu de suas mãos. Eu me considerava rápido, mas Gog se moveu mais rápido do que eu pudesse pensar e pegou a conflagração em seus braços, e seu corpo mudou o tom de laranja para um branco quente, mas nada atingiu nem a Gorgoth nem a mim.

“Atrás de nós!”, eu gritei. “Mande-a de volta.”

E Gog obedeceu. O túnel atrás de nós se preencheu com o fogo branco de Ferrakind conforme Gog o pegava com uma mão e o lançava para fora com a outra. Eu não conseguia ver nada do mago do fogo, apenas o incêndio

branco fervendo nele, e nada do túnel, apenas um tufão feroz de fogo rodopiando para cima através dele. Nós ficamos em um casulo com um calor de fornalha de cada lado e um menino pequeno impedindo que nossa pele se queimasse até o osso.

Por um tempo, não vimos nada além do calor ofuscante e não ouvimos nada além do rugido do fogo. E a cada momento que eu achava que não podia durar muito mais a fúria aumentava. Gog resplandecia; primeiro, o laranja vivo de ferro pronto para o martelo, depois o branco do fogo da fornalha e em seguida um branco puro como o brilho das estrelas. Eu podia ver as sombras de seus ossos, mais nítidas a cada instante, como se o fogo estivesse queimando através dele, levando a substância dos músculos, pele e gordura. Deixando-o frágil e cinzento.

E, em um instante, o fogo e a fúria pararam, revelando Ferrakind, branco de calor e derretido, e Gog agachado, pálido como cinza prateada, sem se mexer.

Uma torrente de água de degelo corria ao nosso redor até a altura cintura, branca e ribombante, despejada na câmara principal pela boca de um túnel que estava seco e arenoso quando corremos por ele antes para escapar do fogo. As águas se dividiam em volta de Gog e novamente em torno de Ferrakind, como se incapazes de tocar a essência do fogo. Gorgoth e eu ficamos perto de Gog e a água quase não nos atingia.

Ferrakind riu outra vez, com novas chamas pulsantes surgindo dele. "Você pensou em me apagar, Jorg de Ancrath?"

Dei de ombros. "É a maneira tradicional. Combater fogo com fogo não parece ter funcionado." O fluxo ao nosso redor já havia começado a diminuir.

"Precisaria de um oceano!", disse Ferrakind. Ele reuniu fogo em suas mãos e deixou-o arder branco. "A criança está acabada. Hora de morrer, Jorg de Ancrath."

Se fosse a hora, então que assim fosse. Eu tinha uma ponta de esperança, mas só uma ponta mesmo. Pelo menos não seria um fogo lento. Brandi minha espada. Sempre pensei que teria uma espada na mão quando a hora chegasse.

Ouvi um estrondo, não o estrondo do fogo, mas de alguma maneira mais profundo e mais distante.

Precisaria de um oceano.

"Que tal um lago?", perguntei e avistei, ao longo de minha espada, o mago em chamas.

"Um lago?" Ferrakind estacou.

As águas surgiram naquele momento, com uma parede preta desabando junto do fio d'água em nossos pés. Mergulhei em direção a Gog, carregando-o comigo para a caverna da catedral, rolando para a lateral da boca do túnel. Como se fosse feito de vidro, ele se quebrou e se estilhaçou, como um brinquedo, em mil pedaços afiados e brilhantes. Senti o clarão repentino de calor. Agulhas de fogo perfuraram minha bochecha onde eu o atingi, minha mandíbula, minha têmpora. Fiquei em meio aos cacos cintilantes, os restos de Gog, paralisado por um mundo inteiro de dor, curvado no chão arenoso da caverna com uma enchente de proporções bíblicas correndo para fora pelo túnel poucos metros atrás de mim.

Na cratera de Halradra, mil vezes mil toneladas de gelo lá permaneceram por centenas de anos. Mas antes disso, numa era muito distante, as águas corriam. De que outra maneira esses túneis seriam lisos, cheios de pedregulhos e lama antiga, seriam polidos e esburacados como a pedra onde correm os rios? Com lentidão glacial, o gelo entrou onde riachos subterrâneos esculpiram catedrais escondidas e longas galerias, e Halradra dormiu, sufocado pelo gelo e em silêncio.

Eu não podia esperar que fogo algum derretesse tanto gelo para afogar um mago do fogo, muito menos que o próprio fogo do mago fizesse o derretimento enquanto ele ficava ali pacientemente esperando sua própria

enxurrada. Mas eu tinha uma esperança, uma ponta de esperança: que o fogo dele e o de Gog, juntos, pudesse ao menos derreter uma passagem através do gelo, uma passagem por onde os túneis os levassem e onde o calor subisse... uma passagem para cima.

Durante a primavera e o verão, a cratera de Halradra é de um azul extraordinário. O azul de um metro de degelo em cima de metros e metros de gelo. Um lago de dez hectares, com apenas um metro de profundidade, em cima de todo aquele gelo.

Quando um buraco grande o bastante para engolir uma carroça é derretido através daquele gelo, você descobre que um metro vezes dez hectares é muita coisa.

A água gelada atingiu Ferrakind em uma grossa coluna, mais rápido do que o mais ágil dos cavalos, e o levou embora sem pestanejar.

Com o mago derrotado e as fagulhas se apagando dos fragmentos de Gog, a escuridão voltou. Eu só sentia dor e ouvia a enxurrada das águas. Saber que eu me afogaria em vez de queimar não fazia diferença. Só queria que fosse rápido.

De alguma maneira, na escuridão e na enchente, mãos me encontraram. O fedor de troll se misturou ao fedor de minha carne queimada e tentei escapar. Eu os amaldiçoei, pensando apenas que a agonia duraria mais desse jeito. Imaginei por um momento se eles ainda se perguntavam se eu tinha gosto bom. Talvez eles gostassem de sua comida parcialmente cozida. Mordi um deles em algum momento e posso dizer que os trolls têm sabor pior do que o cheiro. Não me lembro de mais nada. Acho que eles bateram minha cabeça em uma parede enquanto corriam para escapar da inundação.

Do diário de ***Katherine Ap Scorron***

16 de dezembro, ano 98 interregno

ANCRATH. CASTELO ALTO. MEU QUARTO. MAERY CODDIN COSTURANDO NA CADEIRA DO CANTO. CHUVA BATENDO NAS PERSIANAS.

"Madame, você bota o inverno para correr. Nós nos aquecemos no calor de seu sorriso."

Foi o que o Príncipe de Arrow disse quando desci as escadas para o Salão Leste. "Madame", e não "princesa", porque é assim que eles dizem na terra de Arrow. Madame. É pomposo, talvez, mas me fez sorrir, pois eu estava séria antes, pensando em Sageous e no que estava escrito em seu rosto. E muito embora um poeta morto tenha provavelmente escrito a frase de Orrin ele pareceu autêntico como se a houvesse dito apenas para mim.

"Katherine, você está bonita."

Egan disse isso enquanto seu irmão fazia uma reverência. Noite e dia, esses dois. Ou talvez manhã e crepúsculo. Orrin loiro feito um jarl e belo como os príncipes pintados naqueles livros para encantar princesinhas antes que elas aprendam que não é o beijo que transforma sapos em príncipes – é apenas a posse de um castelo e alguns hectares. Egan com seus cabelos curtos e mais pretos que fuligem, sua pele ainda manchada do sol de verão e seu rosto que seria brutal, que caberia em um açougueiro ou carrasco se não fosse pelo fogo por trás dele, a energia que punha os pelos dos braços e do pescoço de pé.

E quais foram as últimas palavras de Jorg Ancrath para mim? "Talvez a sua mira seja melhor, tia", foi o que me disse ao me convidar para terminar o trabalho de seu pai. Enquanto estava ali, mais pálido que Orrin, mais sombrio que Egan, com os cabelos sobre os ombros como um rio negro, ele observava a mim e a minha faca, com o rosto anguloso e complicado, como se fosse possível ver ali não o homem que ele se tornará, mas os homens que ele poderia se tornar.

E por que estou escrevendo sobre esse garoto quando há homens dos quais falar? Aquele garoto que me bateu. Não creio que ele tenha rasgado meu vestido. Mas creio que tenha considerado, no entanto.

Ambos pediram minha mão. Orrin com palavras doces que não consigo descrever. Ele fez eu me sentir perfeita. Limpa. Sei que ele me protegeria e faria tudo para me fazer feliz. Sei que o retrato muito... certinho. Há fogo e força em Orrin de Arrow. Em seu interior, ele é de ferro e toda parte dele está inteiramente viva.

Egan pediu com palavras curtas e olhares longos e sombrios. Acho que suas paixões apavorariam Sareth, apesar da boca suja que ela tem. Acho que uma mulher fraca morreria em sua cama. E uma forte pode achar que lá é o único lugar em que se sentiria viva.

Nós caminhamos pelo roseiral que a Rainha Rowan plantara no ano antes de morrer, lá entre a torre de menagem e a muralha. Passeei primeiro com Orrin, já que ele é o irmão um ano mais velho, e depois com Egan, com Maery Coddin um metro atrás para nos acompanhar. O jardim está cheio demais agora, não abandonado, mas tratado sem cuidado, as rosas murchas em suas hastes, espinhos e flores mortas, todas cobertas com geada. Orrin começou a caminhar sem falar, apenas com a trituração dos pés no cascalho para quebrar o silêncio frio. Suas primeiras palavras se emplumaram diante dele: "Não seria fácil ser minha esposa".

"Sinceridade é sempre interessante", eu lhe disse. "Por que seria tão difícil?"

E ele me disse ali, em meio às rosas, sem arrogância ou orgulho, que ele seria imperador um dia, mas que o caminho para Vyene não seria fácil. Deus não lhe dissera para fazê-lo, nem ele havia feito uma promessa para um pai à beira da morte; ele não descrevia aquilo como destino, apenas como obrigação. Orrin de Arrow é, eu acho, aquela coisa mais rara. Um homem verdadeiramente bom, com todas as forças para fazer o que sua bondade exige dele.

Ele estava certo, claro. Amar tal homem podia ser fácil; casar-se com ele muito mais difícil.

Se Orrin primeiro pensou e depois falou sobre o futuro, Egan falou sem hesitação e sobre o agora. Tudo que eles tinham em comum era a sinceridade. Egan me disse que me desejava e eu acreditei nele. Ele me disse que me faria feliz e como. Tenho certeza de que, se eu me virasse, o rosto de Maery estaria tão corado quanto o meu. Egan falou de seus cavalos, das batalhas que havia lutado e das terras a que me levaria. Um pouco daquilo era bazófia, com certeza, mas no fim ele falou de suas paixões: matar, cavalgar, viajar – e agora eu. Pode ser frívolo de minha parte, mas ser considerada entre os simples prazeres essenciais de um homem como Egan de Arrow é um elogio. E sim, pode ser que ele me veja como um prêmio a ser conquistado, mas acho que eu seria páreo para seu fogo e ele se consideraria em boa companhia.

Eu disse a eles que teria que pensar.

Sareth acha que eu sou louca de não escolher logo e me atirar à chance de deixar Ancrath.

Maery Coddin diz que eu deveria escolher Orrin. Ele tem mais terras, mais perspectivas e fogo suficiente para derretê-la, mas não tanto para queimá-la.

Mas eu escolhi esperar.

8 de fevereiro, ano 99 interregno

CASTELO ALTO. BIBLIOTECA. FRIA E VAZIA.

Sareth teve seu fedelho Ancrath. Ela berrou alto o suficiente para meio castelo saber, mais do que eles gostariam, sobre a atividade de empurrar uma cabeça grande e gosmenta através de um buraco apertado até para um

dedo. Ela me mandou embora após poucas horas. Pelo meu mau humor. Sinceramente, fiquei feliz em ir.

Eu deveria estar contente por ela. Deveria agradecer que ambos sobreviveram. Eu realmente a amo, e suponho que irei amar o garoto. Não é culpa dele ser um Ancrath. Mas estou com medo.

Não era mau humor. Era medo. Ela uivou o resto do dia e à noite, até conseguir fazê-lo sair dela. Eu sabia que Sareth tinha a boca suja, mas as coisas que ela gritou mais para o fim... Imagino como os criados olharão para ela agora. Como os cavaleiros vigiarão sua rainha por trás de suas viseiras.

Estou com medo e esta pena põe o medo oscilando em cada letra. Estou tremendo e tenho que escrever devagar e firme só para conseguir ler o que registrei.

Perdi minhas contas mês passado, e este mês também. Acho que antes de o ano terminar serei eu gritando sem me importar com o que digo ou quem está ouvindo. E não haverá bandeiras expostas e preces na capela para meu bastardo. Não como houve para o pequeno Príncipe Degran à meia-noite. Nem mesmo se meu bebê tiver o mesmo cabelo preto grudento e os mesmos olhos escuros observando de um rosto espremido.

Eu o odeio. Como ele pôde? Como ele pôde estragar tudo?

Eu sonhei com Jorg nesta noite, vindo a mim, e minha barriga toda gorda, tensa, quente e esticada, esticando-se como se o bastardo quisesse sair de mim, as mãozinhas deslizando sobre minha pele. Sonhei que Jorg trazia uma faca consigo. Ou a faca era minha. Aquela, longa e estreita. E ele me abria, como Drane estriparia um peixe na cozinha, e ele tirava o bebê, vermelho e gritando.

Eu deveria contar a alguém. Deveria ir até frei Glen com a história. Que Jorg me estuprou. E procurar perdão, embora não saiba por que eu é que precise pedir. Eu deveria ir. Eles me mandariam para as Irmãs Sagradas na Rocha Frau.

Mas eu odeio esse homem, esse frei atarracado de olhos inexpressivos e dedos grossos. Não sei o porquê, mas eu o odeio ainda mais que Jorg Ancrath. Ele faz minha pele querer cair e rastejar para longe.

Ou eu poderia pedir a alguém para me ajudar a perdê-lo. Havia mães velhas no cortiço em Scorron que trituravam uma pasta amarga... e os bebês caíam das mulheres que as visitavam, pequenos e mortos. Mas isso era em Scorron. Eu não sei a quem pedir aqui. Maery Coddin, talvez, mas ela é muita boa, muito certa. Ela contaria a Sareth e esta contaria ao Rei Olidan e sabe-se lá o que ele faria comigo por estragar seus planos, por não jogar seu jogo de soberania como um bom peão, por cair do tabuleiro.

Melhor se eu me casasse com o Príncipe Orrin ou Egan. Rápido, antes que desse para ver. Egan não esperaria o casamento. Ele estaria em cima de mim em um instante. Ele nunca saberia se não fosse dele. Orrin esperaria.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

22

Dia do Casamento

nde está Coddin, droga?"

"Lá embaixo." O mestre da guarda Hobbs apontou para o vale abaixo. A retaguarda cinza da guarda esboçava uma linha irregular à frente do início das tropas de Arrow.

"Deveria tê-lo deixado no castelo, Jorg", disse Makin, tomando fôlego a cada duas palavras. "Ele está velho demais para correr."

Eu cuspi. "Keppen tem cem anos, se não tiver mais, e ele estaria para cima e para baixo dessa montanha antes de você tomar o café da manhã, Sir Makin."

"Ele deve ter sessenta", disse Makin. "Bem mais velho que Coddin, de todo modo, admito."

O mestre da guarda Hobbs se uniu a nós na serra, com o capitão Stodd a seu lado, com sua barba curta e branca em um rosto vermelho.

"Bem?", disse Hobbs.

Eu o observei.

"Majestade", ele acrescentou.

É fácil perder a fé na montanha, mas encontrá-la também é. De alguma maneira, estar mais próximo de Deus alguns milhares de metros faz toda a diferença.

Hobbs tinha um bom motivo para suas dúvidas, de todo modo. Acima de nós, o vale se estreitava em uma passagem íngreme, um gargalo que atrasaria trezentos homens a ponto de os soldados de Arrow conseguirem finalmente sujar de sangue suas espadas após uma longa perseguição. Acima disso, o limiar da neve e a longa escalada até a Passagem da Lua Azul que, apesar da promessa de seu nome, está bloqueada nesta época do ano. Abaixo de nós está dez vezes o nosso número e mais um tapete de homens em movimento constante preenchendo o vale, com o sol refletindo em capacetes, escudos, pontas de espadas e lanças.

"Vamos esperar Coddin", eu disse. Até Coddin precisava de sua fé restabelecida.

"Majestade." Hobbs curvou a cabeça. Ele pegou seu arco e aguardou, com a respiração ofegante em seu peito. Um bom homem – ou pelo menos sólido. Papai o selecionou da guarda real para a Guarda da Floresta, não como punição, mas para recompensar a guarda.

Eu desviei o olhar da massa humana agitada para os picos, cobertos de neve, serenos. O limite das neves esperava por nós, não muito acima do gargalo. O vento carregava neve fresca, cristais de gelo em um leve redemoinho. Nenhum de nós sentia frio. Dez mil passos na montanha ardiam em minhas pernas, deixando-as tremerem, e esquentavam meu sangue quase até ferver.

A oeste, eu podia ver o Dedo de Deus. O cansaço em mim não era nada comparado ao que eu senti no dia em que me arrastei para a ponta daquele dedo e fiquei deitado quase morto sob o céu mais azul. Fiquei ali durante horas e no final me levantei, inclinando-me contra o vento, e brandi minha espada.

Quando você escalar, não leve nada que não seja essencial. Levei uma espada, amarrada às minhas costas. Há uma canção por trás do ato de brandir uma espada. No Dedo de Deus ela pode ser ouvida mais claramente. Eu escalara perseguindo a memória da música de minha mãe, mas o pico me cantou uma canção diferente. Talvez seja pelo paraíso estar mais perto, talvez o vento a traga. De todo modo, eu ouvi a canção da espada naquele dia e fiz o kata com minha arma, cortando a ventania, girando, virando, golpeando alto e depois baixo. Dancei a canção da espada naquele lugar alto por uma hora, talvez mais, uma brincadeira louca com uma queda infinita em todos os lados. E depois, antes que o sol ficasse baixo demais, deixei a espada na pedra, uma oferenda aos elementos, e comecei a descer.

No Dedo de Deus, entendi pela primeira vez por que os homens brigam por um lugar, por rochas e riachos, não importa quem se proclame rei ali. O poder dos lugares. Eu o senti novamente no alto do vale, com as hordas de Arrow se aglomerando em minha direção.

"O que há, Coddin?", perguntei quando meu chanceler cambaleou até nós. "Você parece estar morrendo."

Ele não tinha fôlego para responder.

"Você está com o que eu lhe dei?" Na hora eu não sabia por que dera a ele, somente que eu devia.

Ainda ofegante, Coddin pegou seu fardo e procurou lá dentro. "Fique contente por eu não ter jogado isso fora só para me manter à frente do inimigo", ele disse.

Peguei o apito dele, um apito das Terras Altas, tal qual os pastores usam, de trinta centímetros de comprimento com um pistão de couro.

"Sempre confio em suas promessas, Coddin", eu disse, embora tenha mandado Makin carregar um segundo e tinha um terceiro com Keppen. Confiança é ótimo, mas tente não fazer planos sobre ela.

"Nenhum de nós é da região", eu disse a meus capitães, com a voz levantada para os homens da guarda começarem a se reunir. "Bem, você é." Apontei para um camarada na segunda fileira. "Mas a maioria de nós nasceu e foi criada em Ancrath."

Os últimos da guarda estavam se aproximando agora, com os homens de Arrow poucas centenas de metros atrás, avançando lentamente sobre rochas quebradas.

"Vocês estão aqui comigo, homens de Ancrath, porque são meus melhores guerreiros, porque aprenderam a lutar em terras difíceis de defender e que outros querem tomar. Estas nossas Terras Altas, porém, são mais fáceis de proteger e de vigiar, essa merda toda, tirando as pedras e as cabras." Isso causou uma risada ou duas. Alguns homens da guarda ainda tinham energia.

"Hoje todos nós nos tornamos altaneiros", eu disse.

Peguei o apito, segurei-o bem alto e empurrei o pistão, não muito forte, pois isso estraga o tom. É uma pressão constante que traz os melhores resultados.

Um apito de cabras se propaga por quilômetros pelas montanhas. O tom é determinado para deixar o vento carregá-lo e rebatê-lo em cada pedra. Uma soada longa chegaria quase até O Assombrado. Sem dúvida bem longe para atingir cada um dos altaneiros que eu havia escondido nas encostas altas com vista para nosso caminho montanha acima. E não qualquer altaneiro, mas os homens que haviam protegido essas determinadas encostas geração após geração. Os homens que, como seus pais e avôs, levavam uma pedra para passear. Eles guardavam bem

seus segredos, os homens de Renar, mas do topo do Dedo de Deus, naquele dia anos antes, tudo havia se revelado para mim.

Foi preciso o sopro de sete trombetas para derrubar os muros de Jericó, mas eles não foram feitos para cair. Um sopro do apito de um pastor fez as montanhas se moverem nas Terras Altas de Renar. Nos dois lados do vale, por toda a sua extensão, uma dúzia de deslizamentos de pedras individuais. Os altaneiros conhecem suas encostas com uma intimidade que envergonharia o conhecimento de amantes sobre as curvas um do outro. Grandes pedras prontas para cair, rochas nas beiradas com alavancas preparadas, tombadas com um empurrão e um grunhido, rolando, colidindo, cascateando – uma, depois várias, muitas, demais. Nós sentimos o chão tremer sob nossos pés. O barulho era como um moinho em atividade, com os dentes chacoalhando-se em encaixes soltos. Em instantes, o vale inteiro havia sido posto em movimento e os milhares de Arrow desapareceram conforme a poeira subiu e a pedra transformou a carne em uma pasta sangrenta.

"Obrigado, Coddin. Muito agradecido." Devolvi o apito a ele. "Hobbs, quando a poeira abaixar o bastante para um tiro bom, você pode mandar os homens derrubarem qualquer um ainda de pé."

"Sangue de Jesus", disse Makin, olhando para o vale abaixo de nós. "Como..."

"Topologia", eu disse. "É uma espécie de mágica."

"E agora, Rei Jorg?", Coddin perguntou, com a fé restabelecida, mas ainda concentrado nos números, sabendo que nossas chances contra dezesseis ou dezessete mil não eram tão melhores do que contra vinte mil.

"De volta para baixo, claro!", eu disse. "Não podemos atacar daqui de cima, podemos?"



TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

23

Dia do Casamento

A viagem de volta ao Assombrado nos levou a um território fresco, uma superfície nova e partida, repleta de homens mortos transformados em carne moída, e aqui e ali se ouviam os gritos dos vivos aprisionados debaixo de nós. Nós continuamos, com o cinza das vestes rotas da guarda renovado pelo pó das rochas, os homens pálidos pela pedra pulverizada e pelo horror.

O exército do príncipe cercava O Assombrado agora – arqueiros nas alturas, armas de cerco sendo arrastadas para suas posições. Todas as minhas tropas no castelo estavam aglutinadas nas muralhas, com ou sem espaço. Não havia como ficar contra o inimigo em campo aberto.

Vi unidades de arqueiros descendo em longas filas, supostamente enviados ao leste para encontrar nosso avanço em face do massacre

recente. O príncipe parecia aprender rápido. Ele previu meu ataque renovado. Não parecia provável que ele considerasse meus trezentos homens um mero aborrecimento dessa vez.

"Ele não deveria estar com pressa", Makin disse do meu lado.

"Ele irá reduzir as muralhas e desbastar as fileiras primeiro", disse Coddin.

"Ele não precisa entrar até as neves chegarem, as grandes neves", disse Hobbs. "Lá dentro nas grandes neves. Inverno ao lado do fogo. Além das passagens quando a primavera desobstruí-las."

"Ele quer entrar hoje", contei a eles. "Amanhã no mais tardar. Ele passará pelo portão da frente."

"Por quê?", perguntou Coddin. Ele não estava discutindo, mas queria entender.

"Para que desperdiçar um bom castelo?", eu disse. "Um empurrão forte. Uma rendição. Uma dose de misericórdia e ele ganha uma nova fortaleza, uma nova guarnição e um pequeno conserto para fazer na entrada. Ele não é de meias medidas, assim como eu. Vá com tudo, rápido, faça o serviço."

"Uma dose de misericórdia?", perguntou Makin. "Você acha que a famosa misericórdia de Arrow sobreviveu aos eventos recentes?"

"Talvez não", eu disse, com um sorriso cruel, "mas não pretendo oferecer nenhuma também. Escute o que eu digo, velho amigo, ninguém sai vivo, não desta vez."

"Jorg, o Rubro." Makin bateu a mão em seu peito como havia feito no Forte de Remagen anos antes.

"Um dia vermelho", eu disse. Molhei dois dedos em algo que vivia e ria apenas algumas horas antes e desenhei uma linha carmesim em minhas bochechas, primeiro na esquerda e depois na direita.

Ao fazermos o caminho de descida do vale, mexi na caixa de cobre no saco de couro pendurado na minha cintura. O dia todo eu havia sentido

Sageous ultrapassando os limites de minha imaginação, os quase-sonhos e devaneios para os quais ele conseguia encontrar atalhos. Minhas próprias fontes, uma rede de espiões muito menos sofisticada do que a maioria da Centena possuía, disseram-me que o Príncipe de Arrow tinha um segundo exército, bem menor do que o que estava em meus portões, rumando para Ancrath e o Castelo Alto, presumivelmente para garantir que meu pai mantivesse suas tropas do lado de dentro. Isso não parecia motivo para Sageous estar assombrando meus sonhos, a não ser que ele houvesse se unido a Arrow quando o equilíbrio de poder se tornara claro e agora atuasse como assessor do príncipe, procurando obviamente possuir sua mente em vez de simplesmente guiá-la.

Mas, por outro lado, o bruxo dos sonhos poderia estar no Castelo Alto. Talvez Sageous quisesse saber meus planos para vendê-los a Arrow e comprar a independência de Ancrath para meu pai. De qualquer modo, eu não iria mostrá-los a ele.

Peguei o fio da memória que estava tentando encontrar e o puxei. Os planos predefinidos que eu guardara na caixa sempre apareciam como inspiração repentina, momentos de epifania nos quais fatos díspares se conectavam. Eu me aproximei do fio de meus esquemas, mas dessa vez alguma coisa deu errado. Dessa vez, apesar de meu cuidado, a caixa se abriu, uma abertura da espessura de um fio de cabelo, e vi em minha mente uma luz escura vazando por debaixo da tampa. Eu a empurrei para baixo num instante e a fechei com um clique.

Por um momento muito longo achei que nada houvesse escapado.

Então a lembrança me enlevou.

"Olá, Jorg", ela diz, e minhas palavras inteligentes me abandonam.

"Olá, Katherine."

E ficamos parados entre as sepulturas, com a menina de pedra e o cachorro de pedra entre nós, e as flores rodopiam como neve rosa quando o vento fica mais forte, e eu penso em um globo de neve quebrado há muito tempo e me pergunto como tudo isso se acalmará.

"Você não devia estar aqui sozinha", eu digo. "Dizem que há bandidos nestas matas."

"Você quebrou meu vaso", ela diz, e eu fico contente por sua língua também a trair.

Os dedos dela retornam ao local onde eu a golpeei, onde o vaso se quebrou e ela caiu.

Eu pus seus entes queridos debaixo da terra, mas ela fala sobre um vaso. Às vezes, uma ferida é grande demais e nós contornamos suas beiradas procurando uma maneira de entrar.

"Para ser justo, você estava prestes a me matar", eu digo.

Ela franze a testa.

"Eu enterrei meu cachorro aqui", digo a ela. Katherine já está me fazendo dizer coisas tolas, contando segredos que ela não tem direito de saber. Ela é como aquela pancada na cabeça que levei de Orrin de Arrow. Ela rouba o meu bom senso.

"Hanna está enterrada aqui." Ela aponta. Sua mão é muito branca e firme.

"Hanna?"

Tempestade em sua fronte, os olhos verdes flamejam.

"A velha que tentou me estrangular?", pergunto. Uma imagem de um rosto roxo flutua em minha frente, emoldurado por mechas grisalhas, com minhas mãos sob seu queixo.

"Não... É... Verdade!", Katherine diz, mas cada palavra é mais suave que a anterior e a convicção foge dela. "Ela não faria isso."

Mas ela sabe que fez.

"Você matou Galen", ela diz, ainda olhando fixamente.

“É verdade”, eu digo. “Mas ele estava a um passo de enfiar sua espada em minhas costas.”

Ela não pôde negar. “Desgraçado”, ela diz.

“Você sentiu minha falta, então?”, digo e sorrio porque estou satisfeito em vê-la, em respirar o mesmo ar.

“Não.” Mas seus lábios se contraem e sei que ela tem pensado em mim. Eu sei disso e fico ridiculamente feliz.

Ela joga a cabeça e se vira, pisando lentamente como se caçando seus pensamentos. Observo a linha de sua nuca. Ela está usando um vestido de montaria de couro e camurça marrom e verde apagado. O sol encontra uma centena de ruivos em seus cabelos enrolados. “Eu odeio você”, ela diz.

Melhor do que indiferença. Eu ando atrás dela, aproximando-me.

“Meu Deus, você fede, garoto”, ela diz.

“Você disse isso quando nos conhecemos”, eu digo. “Pelo menos é um fedor honesto da estrada. Cavalo e suor. Fede menos que intrigas da corte. Pelo menos para mim.”

Ela cheira como a primavera. Eu estou próximo agora e ela parou de se afastar. Estou próximo e há uma força entre nós, formigando em minha pele, sob as maçãs de meu rosto, tremendo em meus dedos. É difícil respirar. Eu a desejo.

“Você não me deseja, Jorg”, ela diz como se eu houvesse falado. “E eu não desejo você. Você é apenas um garoto – um garoto perverso ainda por cima.” A linha de sua boca é firme, seus lábios contraídos em uma linha, mas ainda carnudos.

Posso ver os ângulos de seu corpo e eu a quero mais do que já quis qualquer coisa. E eu sou cheio de vontades. Não consigo falar. Vejo minhas mãos se mexendo em sua direção e faço força para fazê-las parar.

“Por que você se interessaria pela irmã de uma ‘puta Scorron’, afinal?”, ela pergunta, franzindo novamente a testa.

Isso me faz sorrir e eu consigo falar de novo. “O quê? Eu tenho que ser coerente agora? É esse o preço por ter crescido? É alto demais. Se eu não puder me opor à mulher que substituiu minha própria mãe... não puder fazer insultos infantis... o preço é alto demais, eu lhe digo.”

Outra vez a contração de seus lábios, a rápida insinuação de um sorriso. “Minha irmã é uma puta?”

“Na verdade, não tenho provas nem que sim nem que não”, respondo.

Ela sorri um sorriso apertado e enxuga as mãos em suas saias, olhando para as árvores como se procurasse por amigos ou inimigos.

“Você não quer que eu seja razoável”, eu digo.

“Eu não quero você de jeito algum”, ela diz.

“O mundo não é feito por homens razoáveis”, eu digo. “O mundo é um ladrão, um trapaceiro, um assassino. Mande um ladrão para pegar outro ladrão, eles dizem.”

“Eu deveria odiá-lo por Hanna”, ela responde.

“Ela estava tentando me matar.” Eu caminho até a sepultura que Katherine apontou. “Devo me desculpar com ela? Posso falar com os mortos, sabia?”

Eu me abaixo para pegar um jacinto, uma flor para o túmulo de Hanna, mas o caule murcha em minha mão, o azul escurece até ficar quase preto.

“Você devia estar morto”, ela diz. “Eu vi o ferimento.”

Levanto minha camisa e mostro a ela. A linha escura onde a faca de meu pai entrou, as raízes pretas se espalhando a partir dela, costurando minha pele, mergulhando em direção ao coração.

Ela faz o sinal da cruz em seu próprio peito, uma proteção rapidamente esboçada. “O mal está em você, Jorg”, ela diz.

“Talvez”, eu digo. “O mal está em muitos homens. E em mulheres também. Talvez eu só demonstre mais.”

Eu gostaria de saber, todavia. Primeiro Corion, depois o coração do necromante. Eu poderia culpá-los por meus excessos, mas algo me diz que meus defeitos são meus mesmo.

Ela morde o lábio, dá um passo adiante e se endireita. “De qualquer forma, meu coração já se afeiçoou a um bom homem.”

Com toda a minha esperteza eu não havia pensado nisso. Eu não havia pensado em Katherine ter olhos para outros homens.

“Quem?” É tudo que consigo dizer.

“Príncipe Orrin”, ela diz. “O Príncipe de Arrow.”

E eu desabo.

Bati nas pedras dizendo um palavrão e esfolei a mão protegendo meu rosto. Makin me puxou para cima rapidamente. “Reis caem na batalha”, ele disse, “não tropeçando no caminho.”

Demorou um pouco para eu me livrar da lembrança. Mas não há nada como uma reunião dura com o chão e sangue em suas mãos para trazer um homem para o aqui e agora. As montanhas, neve iminente e um inimigo com a força de muitos milhares. Problemas reais, não lembranças nocivas que era melhor esquecer.

“Eu estou bem.” Apalpei a bolsa presa à minha cintura. A caixa ainda estava lá. “Vamos arrebentar esse Arrow.”



TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

24

Dia do Casamento



o alto, até os muitos milhares de Arrow pareciam pequenos, espalhados pelas encostas em frente ao Assombrado e ao longo das serras ao leste. A cena poderia ter me enternecido se meu castelo não parecesse menor ainda, abarrotado em três lados por soldados e mais soldados, com o sol refletindo os brilhos de lanças e capacetes.

Se os planos do Príncipe de Arrow estavam de acordo com minha previsão de um ataque avassalador ou com o cerco de Makin e Coddin, ainda não estava claro. O que estava claro era que nosso segundo ataque nos traria prejuízo. Em nossa linha de ação, as tropas do príncipe se espalharam na frente do corpo principal de seu exército em uma zona de amortecimento dispersa, com soldados de infantaria sob a melhor proteção que as encostas podiam oferecer e defesas adicionais

rapidamente improvisadas com carroças viradas e mantimentos empilhados. Eles ficaram abrigados enquanto a guarda escolhia quaisquer alvos que podia. Nossas flechas estavam matando e ferindo homens em quantidade, mas o tempo inteiro as colunas de arqueiros descendo das serras ao leste se aproximavam. Talvez mil dos quatro mil arqueiros do príncipe estariam atirando de volta em cinco minutos.

"Eles não estão felizes", disse Makin. Ele também não parecia muito feliz.

"Não", eu disse. O rugido do exército do príncipe aumentava e diminuía conforme o vento subia e descia. Nenhum guerreiro de verdade sente o menor amor por arqueiros ou pelo arco. A morte vem voando de longe, invisível, e há pouco que a habilidade ou o treinamento possa fazer para salvá-lo. Eu me lembrei de quatro anos atrás, Maical escorregando do tordilho como se houvesse se esquecido de como montar. Eu mesmo não apreciava a chegada dos arqueiros do príncipe. Minha pequena história de maldade e apostas poderia ser facilmente encurtada pela chegada repentina da flecha certa no lugar errado.

"Nós temos que ir agora", disse Coddin.

"Eles não vão nos seguir até os arqueiros se unirem a eles", eu disse.

"E por que nós queremos que eles nos sigam? O deslizamento de pedras, bem, aquilo foi impressionante, não vou negar, mas não pode acontecer de novo", disse Coddin.

"Não pode?", perguntou Hobbs à minha direita, esperançoso.

"Não", eu disse. "Mas precisamos tirar de combate quantos homens conseguirmos. O castelo pode trabalhar a nosso favor, mas não com essas probabilidades. E lembrem-se, senhores, a linda Rainha Mi... Mi-o quê?"

"Miana", completou Coddin.

“Isso. Rainha Miana. Faça os soldados se lembrarem por quem estamos lutando, Hobbs.”

E assim era Coddin. Ele observava e se lembrava. O homem possuía uma mistura de decência e discrição que me tocava, qualidades que eu nunca teria, mas que sabia apreciar, no entanto. Ele havia sido o primeiro homem de Ancrath que encontrei em meu retorno quatro anos antes. Eu o achava alto naquela época, embora agora eu o sobrepujasse. Eu o achava velho, embora agora ele tivesse cabelos grisalhos em meio aos pretos e o achasse em seu auge. Eu o havia promovido a capitão da Guarda da Floresta porque algo nele me dizia que não iria me decepcionar. A mesma qualidade pôs o manto de camareiro em seus ombros um ano depois.

Do outro lado da encosta, o velho Keppen mandava seus arqueiros mirarem suas flechas bem para o alto, passando sobre os soldados de infantaria espalhados e caindo sem mira no meio das forças do príncipe.

Eu vi os primeiros arqueiros surgindo das fileiras, homens de Belpan com seus arcos altos, e os recrutamentos do próprio príncipe com os dragões de Arrow pintados de vermelho em seus tabardos de couro.

“Hora de ir.” Coloquei a fita roxa no final de meu arco curto e o segurei no alto para que a guarda visse.

Em retrospecto, teria sido melhor ter mandado outra pessoa fazê-lo. Alguém sem importância. Felizmente, os arqueiros do príncipe ainda estavam procurando um terreno desobstruído de onde atirar e as flechas disparadas na minha direção passaram longe, pelo menos longe suficiente para não me atingirem. Um homem dez metros à nossa frente caiu para trás com uma flecha enfiada abaixo de sua clavícula.

“Merda”, disse Coddin.

Eu me virei rapidamente em direção a ele. Algo embaixo da montanha atraía seu olhar, mas eu não sabia o quê.

“Problema?”, eu perguntei.

Coddin ergueu dedos ensanguentados. Não fazia sentido a princípio. Tentei ver onde ele estava cortado.

“Calma.” Makin moveu-se para apoiá-lo quando ele cambaleou.

Finalmente eu vi a flecha, somente as penas aparecendo, negras contra o couro preto em cima de sua barriga. “Ah, caralho.”

Um homem atingido na barriga não sobrevive. Todo mundo sabe disso. Até com seda sob o couro para torcer e enrolar a flecha para que ela possa ser puxada facilmente – você não vive após uma flechada na barriga.

“Carreguem-no”, eu disse.

Os outros apenas olharam para mim. Por um instante, vi a bruxa nórdica, senti a intensidade de seu único olho e o escárnio em seu sorriso murcho. “Até um homem atingido nas vísceras tem a esperança de um tolo”, ela dissera. Será que ela estava olhando para além de mim nesse dia?

“Maldita profecia e maldita previsão!” Eu cuspi e o vento o levou embora.

“Como assim?” Makin olhou para mim. Até Coddin me fitou.

“Mande alguns homens aqui para pegá-lo e carregá-lo”, eu disse.

“Jorg...” Makin começou.

“Eu ficarei aqui”, disse Coddin. “Tem uma boa vista.”

Eu gostei de Coddin desde o início. Quatro anos com ele no Assombrado só fizeram o sentimento se aprofundar. Eu gostava dele por sua mente rápida, por sua honestidade curiosa e por sua coragem em face de escolhas difíceis. Porém, eu gostava dele principalmente porque ele gostava de mim. “A vista é melhor dali de cima.” Fiz um gesto para cima da montanha.

“Isso vai me matar, Jorg.” Ele me olhou nos olhos. Não gostei daquilo. Causou um tipo estranho de dor em mim.

Flechas nas entranhas não matam rápido, mas o ferimento piora. Você incha e sua e grita – e depois morre. Dois dias, talvez quatro. Certa vez, um irmão durou uma semana e mais um pouco. Nunca conheci um homem que pudesse me mostrar uma cicatriz em sua barriga e me contar como doeu pra caralho quando puxaram a flecha.

"Você me deve, Coddin", eu disse. "Seu dever para com o rei é o de menos. Essa flecha provavelmente irá matá-lo, mas não hoje. E se você pensa que tenho um lado sentimental, que lhe dará uma morte rápida aqui, mas me fará perder vários dias de conselhos úteis quando eu mais preciso, você se enganou."

Eu nunca havia conhecido um homem que tivesse sobrevivido após esse tipo de ferimento. Mas eu ouvi falar de um. Era possível acontecer.

"Nós o levamos até a queda da pedra. Mandamos soldados antes para fazer um esconderijo na pedra solta. Nós o colocamos lá e o cobrimos. Se ele tiver sorte, voltamos mais tarde. Se não, ele já está enterrado", eu disse.

Imediatamente, homens da guarda estavam se aglomerando, juntando os braços para erguer Coddin. Ninguém reclamou. Também gostavam dele.



TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

25

Dia do Casamento

Nenhum dos homens que carregaram Coddin montanha acima soltou uma palavra de queixa. Eles não tinham fôlego para isso, mas mesmo que tivessem teriam ficado em silêncio. Coddin liderava os homens pelo exemplo. De alguma maneira, ele fazia você querer acertar.

"Eu amo você, Jorg, como meu rei, mas também como um pai ama seu filho, ou como deveria."

Há algumas coisas que dois homens só podem dizer um ao outro quando está chovendo flechas e um deles fica fatalmente ferido, emparedado em um buraco áspero em meio a um monte de pedras caídas e milhares de tropas inimigas estão se aproximando. Ainda assim é desagradável.

Nós carregamos Coddin, capitão Lore Coddin, originalmente de Ancrath, alto chanceler das Terras Altas de Renar. Nós o carregamos antes de o crescente exército de Arrow chegar, incentivado como estava pelo desejo de vingar os milhares esmagados debaixo de nossas avalanches. Os arqueiros da guarda vigiaram cada encosta até o último momento, soltando carreira atrás de carreira sobre os soldados que se aproximavam, fazendo-os escalar seus mortos, além das montanhas. E, cansados como estavam, os homens de minha guarda ainda abriram vantagem sobre o inimigo, mesmo aguentando Coddin em seus braços.

As tropas enviadas antes aos escombros soltos do deslizamento da manhã encontraram uma cavidade apropriada entre duas grandes rochas que se libertaram em meio à queda geral. Elas ampliaram o espaço e separaram pedras apropriadas para fechar e esconder o local.

Quando chegamos à caverna, os homens que carregaram Coddin estavam escarlates com seu sangue e ele resmungava a cada solavanco do caminho. Os capitães Keppen e Harold reuniram seus comandos em pontos separados ao longo da encosta e atiraram suas últimas flechas para prender a atenção de nossos inimigos. E para matá-los.

Com o gargalo estreito do vale à nossa frente, o limiar da neve reluzindo bem acima dele e o vento aumentando, roubando o calor com dedos rápidos e afiados, e os homens de Arrow arquejando enquanto percorriam as últimas centenas de metros, eu me deitei na pedra e falei através das fendas para o homem agonizando embaixo.

"Você fique de boca calada, velho", eu disse.

"Você precisaria me desenterrar para me impedir", ele arfou. "Ou fugir. E eu imagino que não irá fugir, pelo menos por enquanto." Ele tossiu e tentou esconder um gemido. "Você precisa ouvir essas palavras, Jorg. Você precisa saber que é amado, não apenas temido. Você precisa saber para acalmar o que o envenena."

"Pare."

“Você precisa ouvir.” Outra vez a tosse.

“Eu volto para buscá-lo quando isso acabar, Coddin. Então não diga nada de que se arrependerá, porque *eu vou usar* contra você.”

“Eu amo você sem nenhum motivo concreto, Jorg. Não tenho filhos, mas se eu tivesse não gostaria que eles fossem como você. Você é um desgraçado perverso, na melhor das hipóteses.”

“Cuidado, velho. Eu ainda posso enfiar uma espada neste buraco e acabar com meu tormento.”

Um soldado da guarda gritou e caiu à minha esquerda, com uma flecha em seu pescoço. Assim como Maical, mas mais barulhento. Outra flecha atingiu a rocha atrás de mim e se estilhaçou.

“Eu te amo sem um bom motivo...”, disse Coddin, voltando a algum sotaque de onde quer que ele tenha nascido, com a voz fraca agora.

Eu ouvi o barulho de botas. Aço sobre aço. Gritos.

“...mas eu te amo bastante.”

Eu olhei para cima, piscando. Para baixo da encosta, Makin cortou o primeiro inimigo a nos alcançar, uma exímia espada contra espadas comuns exaustas. Sem comparação. Pelo menos até os números aumentarem.

“Faça alguma coisa a respeito daquela garota.” A voz de Coddin surgiu com nova força.

“Miana?”, perguntei. Ela devia estar a salvo no castelo. Pelo menos por enquanto.

“Katherine de Scorron.” Outra tosse. “Essas coisas parecem ser terrivelmente importantes quando se é jovem. Assuntos do coração e da virilha. Eles preenchem seu mundo aos dezoito anos. Mas acredite em mim. Quando você está para lá dos quarenta e cinco e o passado é uma névoa brilhante... eles são ainda mais importantes. Faça alguma coisa. Você é assombrado por muitos fantasmas. Eu sei disso, embora você esconda bem.”

Os homens da guarda se reuniram em nossa posição, em pleno corpo a corpo contra as primeiras dúzias de inimigos, com mais se aproximando a cada momento. Eles conheciam o arco como amantes se conhecem, mas sabiam lutar mano a mano também. Lutar em uma encosta íngreme de pedras partidas não é uma habilidade que você queira aprender no momento em que alguém está tentando matá-lo, e a guarda tivera anos para aprender a arte, então, por ora, eles deram conta.

"Perca uma oportunidade como Katherine e isso irá assombrá-lo por mais tempo e mais profundamente do que qualquer fantasma que você tenha agora", disse Coddin.

Outra flecha zuniu, mais perto que antes.

"Fujam!", gritei.

Qualquer outra sabedoria que Coddin estivesse guardando teria de esperar. Há uma hora para palavrórios sentimentais e a hora não é em uma montanha enquanto atiram em você.

"Fujam!", gritei. Mas não ergui minha fita roxa no arco porque tinha um plano a pôr em prática e nenhuma parte dele incluía ser atingido por flechas.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

26

Dia do Casamento



u já havia enterrado irmãos antes, até amigos, mas nunca vivos.

Nós deixamos Coddin em seu túmulo, não morto, mas com sua passagem reservada. Fizemos uma retirada bagunçada, lutando em cima do local onde o enterramos. Eu entrei na briga e abri caminho através dos homens de Arrow, como se estivesse planejando fazer o caminho direto de volta ao Assombrado. Há algo em uma luta que o faz se esquecer de seus problemas. O que ocorre principalmente é que todos os seus problemas de repente ficam muito pequenos em face dos novos problemas balançando-se à sua frente com pontas afiadas.

Talvez haja algo errado comigo. Talvez seja parte daqueles três passos que eu dera para longe do mundo dos homens justos, dos homens bons.

Mas pouca coisa me satisfaz mais do que um golpe de espada bem bloqueado, seguido de uma rápida riposta e o grito do inimigo. Meu Deus, o barulho e a sensação de uma lâmina cortando a carne são tão doces quanto qualquer flauta tocando sua melodia. Contanto que a carne não seja a minha, claro. Não pode ser certo. Mas aí está.

Eu lutei bem, mas o inimigo continuava a chegar, como se morrer fosse a única coisa em sua lista. Nós recuamos e os deixamos escorregando no sangue, tropeçando nos corpos. A maioria de nós conseguiu achar espaço para se virar e fugir. Muitos outros não.

Cerca de dois terços da guarda chegaram ao gargalo do vale e correram para cima das encostas mais íngremes até o amplo ombro da montanha. O restante, mesmo que fosse apenas um ferimento leve que os retardara, foi engolido pelo exército que avançava.

O vento torna o frio mais cruel. Expostos na lateral da montanha, nós sentimos aqueles dedos afiados roubando nosso calor. Todas as corridas e escaladas não faziam diferença. O vento deixa você gelado mesmo assim, levando sua força um bocado por vez.

Continuamos lutando contra o vento, um bando esfarrapado sem classificação ou pelotão, a neve nos cegando agora, flocos pequenos demais para grudar nas pedras. Não muito longe, acima de nós, o limiar da neve cintilava, a brancura ocultando as dobras e reentrâncias, fazendo tudo ficar parecido. Branco, estendendo-se até a Passagem da Lua Azul, entupida de neve e inútil para a fuga, esticando-se até o pico do Monte Botrang e além dele, até o céu.

Alcancei Makin, com o rosto cinzento e cambaleando. Ele olhou para mim, apenas de relance, como se estivesse cansado demais para fazer qualquer coisa além de pendurar a cabeça. Ele não tinha fôlego para palavras, mas seu olhar, rápido como foi, me disse que iríamos morrer nas encostas. Talvez na próxima crista, talvez mais para cima, na neve, com nosso sangue fazendo bonitas estampas, carmesim sobre o branco.

“Fique comigo”, eu disse. Eu ainda tinha um pouco de energia. Não muita, mas um pouco. “Tenho um plano.”

Eu esperava ter um plano.

O vento deixava meu rosto dormente. Do lado direito, onde Gog me deixara uma cicatriz, a sensação era boa. Aquela pele retorcida nunca havia parado de queimar, como se estilhaços dele houvessem encontrado os ossos de minha mandíbula e bochecha, e se alojado ali com fogo dentro deles. O vento fazia meu rosto parecer sólido, como um bloco que se racharia se eu falasse novamente. Gostei do alívio. Eu me tornei bom em encontrar migalhas de consolo. Às vezes, elas são tudo que você tem para comer.

Gritos atrás de nós, conforme os homens mais lentos da guarda encontravam os homens mais rápidos de Arrow.

Eu fiquei de cabeça baixa, concentrando-me em um pé após outro, puxando uma respiração e jogando-a fora para abrir espaço para a seguinte. Ao meu lado, Makin parecia ter recuado àquele lugar fechado e solitário que todos nós encontramos se continuarmos a cavar. Cave mais um pouco que isso e de repente você estará no inferno.

A neve me pegou de surpresa. Em um momento, o ruído ao caminhar sobre as pedras e no outro um passeio silencioso sobre pó profundamente branco. Demorou talvez quatro passos de rocha lisa a neve até os joelhos. Mais cem passos e meus pés estavam tão dormentes quanto meu rosto. Eu me perguntei se estava morrendo por partes, uma introdução lenta em vez do abraço inesperado tradicional.

O campo de neve começou a nos matar. Trilhar um caminho através da neve é uma tarefa árdua. Seguir o trajeto batido de duzentos homens é mais fácil. Mais soldados foram capturados. A seleção natural havia definido os homens mais resistentes de Arrow em nosso encalço, com as tropas mais fracas ainda se esforçando para passar pelo gargalo do vale abaixo do limite da neve.

“Lá em cima!” Apontei para um local sem nenhuma distinção de qualquer outra parte branca. Eu sentia a caixa quente em contato com meu quadril. Apertei o passo e deixei Makin se arrastando. “Lá em cima!” Eu não sabia o porquê, mas eu sabia.

Peguei a caixa em minha mão e corri, com os pulmões se enchendo de sangue, ou era assim que parecia.

A coisa que me fez tropeçar não era uma pedra. A neve cobria todas as pedras, bem abaixo de nossos pés. O que me fez tropeçar era algo longo e duro, próximo à superfície. Um cabo de vassoura me veio à mente enquanto eu caía. Então a caixa estalou e minha mente se encheu de coisas inteiramente novas. Coisas antigas.



TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

27

Dia do Casamento



om um estalo a caixa se abre. A memória me arrasta de volta para a Floresta Rennat, em meio a sepulturas e flores silvestres ao sol da primavera.

"De qualquer forma, meu coração já se afeiçoou a um bom homem", diz Katherine.

"Quem?"

"Príncipe Orrin", ela diz. "O Príncipe de Arrow."

"Não", eu digo. Não quero falar nada, mas falo. Não quero admitir qualquer tipo de interesse, qualquer forma de fraqueza, mas nada disso está indo como planejei, e planos são a minha especialidade.

"Não?", ela pergunta. "Você se opõe? Quer apresentar uma proposta? Seu pai é meu guardião. Você deveria ir discutir o assunto com ele."

Não era para acontecer assim. Nenhuma das outras me deixou assim. Nem Serra, me desencaminhando enquanto criança ainda; nem Sally,

comprada e paga; nem as empregadas de Renar, damas de companhia, esposas entediadas de nobres, garotas camponesas graciosas; nem as que os irmãos pegavam e compartilhavam na estrada – nenhuma delas.

"Eu quero você", digo. As palavras são difíceis, elas têm formas esquisitas, deixando minha boca desajeitada e malformada.

"Que romântico", ela diz. Seu desdém me faz murchar. "Você gosta de mim porque sou agradável a seus olhos."

"Você agrada mais que a meus olhos, senhorita", eu digo.

"Você mataria Sareth?", ela pergunta. Por um momento, acho que ela está me pedindo para fazê-lo. Mas então eu me lembro que ela não é como eu.

"Talvez... ela satisfaz meu pai?" Eu não pergunto se ele a ama; ele jamais amou. E eu não minto. Se perdê-la magoasse meu pai, então talvez sim.

"Não. Eu acho que nada satisfaz Olidan. Não posso nem imaginar o que o agradaria. Embora ele tenha rido aquele dia em que você matou Galen", ela diz.

"Posso matar Sareth caso você esteja errada ou tentando protegê-la", eu digo. Não sei por que não consigo mentir para ela. "Mas você provavelmente está dizendo a verdade. Há muito pouco neste mundo com que meu pai não se decepciona."

Ela dá um passo em minha direção e, embora esteja se aproximando, seus olhos ficam mais distantes. Eu sinto seu perfume, lilases e almíscar branco.

"Você me bateu, Jorg", ela diz.

"Você ia me apunhalar."

"Você me bateu com o vaso de minha mãe." Sua voz está onírica. "E o quebrou."

"Eu sinto muito", digo. E a estranha verdade é que sinto mesmo.

“Eu não fui criada para ser desse jeito.” Ela está procurando alguma coisa nas dobras de seu vestido de montaria, debaixo da camurça de corço. “Não fui feita para ser o prêmio pelo qual os príncipes competem ou o recipiente no qual gerar seus bebês. Foda-se. Você gostaria de ser um troféu? Ou de apenas gerar bebês e criar filhos?”

“Eu não sou mulher”, respondo. São apenas meus lábios preenchendo o silêncio enquanto as perguntas, ou melhor, as novas imagens que pintam delas flutuam em minha mente.

Eu a vejo tirar a faca de sua saia. Uma lâmina longa como aquelas para enfiar nas fendas das armaduras quando você imobiliza o inimigo, só que não tão resistente. Esta aqui se quebraria se o homem se contorcesse e talvez não atingiria o coração. Eu não deveria estar olhando para a faca. Deveria estar observando seus olhos, sua boca, o relevo de seus seios – e estou –, mas geralmente vejo mais do que deveria.

“Eu não posso desejar algo mais?”, ela pergunta.

“Desejar é de graça.” Não consigo parar de observá-la. Meu olhar dirige-se à faca apenas de vez em quando. Os olhos dela não me veem. Acho que ela não sabe o que suas mãos estão fazendo, a direita apertando o cabo, a esquerda em sua barriga, agarrada como se quisesse rasgá-la.

“Eu tenho que ser um monstro? Eu preciso ser a nova Rainha de Vermelho para...”

Eu seguro seu pulso quando ela movimenta a faca em minha direção. Ela é mais forte do que eu imaginava. Nós dois olhamos para minha mão escura sobre seu pulso branco, e a fina lâmina com a ponta tremendo a dois centímetros de minha virilha.

“Golpe baixo.” Torço seu braço, mas ela solta a faca antes de eu forçá-la.

“O quê?” Ela fita a sua mão e a minha, com a boca aberta.

“Você está criando o hábito de tentar me esfaquear”, eu digo. A amargura aparece em mim. Sinto o gosto dela.

“Eu matei nosso filho, Jorg.” Sua risada é muito alta, muito selvagem. “Eu o matei. Tomei uma pílula amarga de Saraem Wic. Ela mora aqui.” Katherine gira a cabeça, atarantada, como se esperasse ver a velha entre as árvores.

Eu sei quem é Saraem Wic. Eu já a vi colhendo suas ervas e fungos. Fui à sua cabana uma vez, quase perto bastante para olhar lá dentro, mas não quis me aproximar mais. Tinha cheiro de cachorro queimado. “Do que você está falando?”, eu pergunto. Ela está linda. Ela reclama de ser mulher, mas aqui estou, esquecendo-me até da faca no chão, a faca que ela quase enterrou em mim, esquecendo-a por causa da curva de seu pescoço, o tremor de seus lábios. O desejo faz dos homens uns tolos.

“Você me bateu e depois me possuiu. Você pôs sua semente em mim.” Ela cospe. Não atinge meu rosto, mas escorre em meu cabelo e molha minha orelha. “E eu a expeli. Com uma pílula amarga e uma pasta ardida.”

Ela sorri e agora posso ver o ódio. Ela me vê nitidamente pela primeira vez, de cabeça baixa, os cabelos a emoldurando, os olhos escuros. Ela mostra seus dentes. Ela me desafia.

Eu me lembro dela deitada ali, na poça de safira de seu vestido. Desmaiada. A voz da roseira-brava, talvez minha, talvez de Corion, ou algo de ambos, dizia-me para matá-la. Meu pai teria dado esse conselho. A frase mais difícil. O desejo faz dos homens uns tolos. Mas eu não a matei. A voz me disse para estuprá-la também. Simplesmente possuí-la. Mas eu apenas toquei seu cabelo. O que eu queria não podia ser tomado.

“Nada a dizer, Jorg?” Ela cospe novamente. Dessa vez em meu rosto. Eu pisco. A saliva quente esfria em minha bochecha. Ela me quer

nervoso. Ela não se importa com o que eu possa fazer. “Eu derramei o sangue de seu bebê. Antes mesmo de ele crescer o bastante para ver.”

E eu não sei o que dizer. Que palavras caberiam? Eu não acreditaria em mim. Tenho que acreditar em minha memória – coisas foram retiradas dela no passado, mas nunca acrescentadas. No entanto, quem mais daria a Jorg de Ancrath um voto de confiança? Eu não.

Dobro o braço de Katherine em suas costas e a levo pelo cemitério, de volta por onde cheguei. Há marcas brancas onde meus dedos tocaram sua pele. Eu a apertei tão forte assim? Eu já imaginei minhas mãos sobre ela muitas vezes, mas parece que quebrei algo precioso e estou carregando os pedaços, sabendo que eles não podem ser colados.

“Você vai fazer isso de novo?” A raiva dela sumiu. Ela parece um tanto confusa.

“Não”, eu digo.

Continuamos andando. Espinheiros prendem o vestido dela. Suas botas de montaria deixam pegadas que até um cego poderia seguir. “Deixei meu cavalo amarrado”, ela diz. Essa não é a Katherine que eu deixei no chão naquele dia. Aquela Katherine era atenta, esperta; essa é aturdida, como se acabasse de acordar.

“Eu vou me casar com o Príncipe de Arrow”, ela diz, virando-se para me olhar por sobre os ombros.

“Eu achei que não quisesse ser um prêmio”, eu digo.

Ela desvia o olhar. “Não podemos ter tudo que queremos.”

Eu preciso dela. Eu me pergunto se posso ter o que preciso.

Nós caminhamos em silêncio até Kent, o Rubro, sair do matagal à nossa frente. Minha espada está amarrada no ombro dele. “Rei Jorg.” Ele acena com a cabeça. “Milady.”

“Leve-a a Sir Makin”, eu digo e solto o braço dela.

Kent gesticula para que Katherine lidere o caminho pela trilha que ele estava vigiando. “Não quero que nada de mal aconteça a ela, Kent. Vigie

Algazarra e Rike, principalmente. Diga a eles que você tem permissão de cortar qualquer parte deles que tocá-la. E para mudarem o acampamento. Nós deixamos um rastro de lá até aqui." Eu me afasto.

"Aonde você vai?", ela pergunta.

Eu paro e me viro, enxugando o cuspe dela de minha bochecha. "Quem encontrou você?"

"Quê?"

"Quem a encontrou após eu bater em você?", pergunto. "Um homem estava com você quando recuperou os sentidos."

Ela franze a testa. Seus dedos tocam o local onde o vaso se estilhaçou. "Frei Glen." Pela primeira vez ela me vê com seus antigos olhos, claros e verdes e nítidos. "Oh."

Eu me afasto.

Com um estalo, um instante depois, a caixa se fecha novamente, trancada por dedos dormentes.

Estou de volta à montanha, com neve até os joelhos. Minha canela dói. Eu tropecei em uma pá.



Há homens com os quais andar até a montanha e há homens que são a montanha. Gorgoth, embora eu não o chame de irmão, foi feito com as qualidades que me faltam.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

28

— QUATRO ANOS ATRÁS —

Há livros na biblioteca de meu pai que dizem que nenhuma montanha jamais cuspiu lava a menos de mil milhas de Halradra antes do Dia dos Mil Sóis. Eles dizem que os Construtores perfuraram até o sangue fundido da Terra e beberam de seu poder. Quando os sóis queimaram tudo que os Construtores haviam feito, os ferimentos permaneceram. A Terra sangrou e Halradra e seus filhos nasceram do fogo.

Gorgoth me carregou até onde Sindri aguardava. O sol ainda brilhava, embora eu achasse que deveria estar escuro. Voltei a mim na metade do caminho montanha abaixo, sacudindo sobre as amplas costas de Gorgoth. Meus sentidos voltaram um a um, primeiro a dor e somente a dor, depois, após um instante, o cheiro de minha própria carne queimada, o gosto de vômito, o som de meus gemidos e, finalmente, uma visão embaçada das encostas negras de Halradra.

“Deus, mate-me logo”, choraminguei. As lágrimas pingaram de meu nariz e lábios por estar pendurado feito um saco no ombro de Gorgoth.

Não era por Gog que eu lamentava, era por mim.

Em minha defesa, ter uma parte de seu rosto torrada, do tamanho de uma mão, é ridiculamente doloroso. Doía ainda mais pendurado ali, balançando com os passos do monstro, do que quando aconteceu, e eu já queria morrer lá na caverna.

“Mate-me”, eu gemi.

Gorgoth parou. “Sim?”

Eu pensei naquilo. “Jesus Cristo.” Eu precisava de alguém para odiar, alguma coisa para me distrair do fogo que ainda me consumia. Gorgoth esperou. Ele obedeceria à minha ordem. Pensei em meu pai com sua jovem esposa e seu novo filho, bem confortáveis no Castelo Alto.

“Talvez mais tarde”, eu disse.

Eu me lembro apenas de trechos até Gorgoth me deitar sobre a vegetação e Sindri se inclinar sobre mim.

“*Uskit’r!*” Ele voltou para o velho idioma do norte. “Isso é ruim.”

“Pelo menos ainda sou metade bonito.” Tive ânsia de vômito e virei meu rosto para cuspir um líquido ácido nas samambaias.

“Vamos levá-lo de volta”, Sindri disse. Ele olhou em volta por um momento, abriu a boca e depois fechou.

“Gog se foi”, eu disse.

Sindri balançou a cabeça e olhou para baixo. Ele tomou fôlego. “Venha, nós precisamos que vocês voltem. Gorgoth?”

O monstro não se mexeu.

“Gorgoth não vem”, eu disse.

Gorgoth abaixou a cabeça.

“Você não pode ficar aqui”, Sindri disse, alarmado. “Ferrak...”

“Ferrakind se foi também”, eu o interrompi. Cada palavra doía, quase o bastante para transformá-las em um grito.

“O quê?” A boca de Sindri continuou aberta.

“Nós não somos amigos, Jorg de Ancrath”, Gorgoth falou, mais grave do que jamais falara. “Mas nós dois amávamos o menino. Você o amou primeiro. Você deu nome a ele. Isso significa algo.”

Eu teria dito quanta bobagem ele estava dizendo, mas meu rosto doía demais para mais palavras.

“Vou ficar em Heimrift, nas cavernas.”

Eu teria dito *espero que o fedor de troll o sufoque*, mas o preço para abrir minha boca era alto demais. Só ergui minha mão. E Gorgoth ergueu a dele. E nós partimos.

Sindri fechou a boca e depois a abriu novamente. “Ferrakind morreu?”

Eu assenti.

“Você consegue andar?”, ele perguntou.

Eu dei de ombros e fiquei deitado nas samambaias. Talvez eu pudesse. Talvez não. Mas eu não ia andar, isso era o principal.

“Vou buscar ajuda. Cavalos”, ele disse. “Espere aqui.” Ele ergueu ambas as mãos como se fosse me impedir de ficar de pé, depois se virou e saiu em disparada. Achei que a notícia o estimulou mais do que minhas necessidades. Ele queria ser aquele a contá-la. O que era bastante justo.

Observei o céu azul e rezei por chuva. Moscas zumbiam à minha volta, atraídas pelo rosado cru, o músculo sem pele e gordura em oferta. Elas queriam depositar seus ovos. Após um tempo, parei de tentar espantá-las. Fiquei gemendo, contorcendo-me de um lado para outro como se pudesse haver um jeito de melhorar. De tempos em tempos eu desmaiava. À tarde, uma leve chuva realmente veio e eu rezei para que ela parasse. Cada gota queimava feito ácido.

À noite, nuvens de mosquitos surgiram de onde quer que os mosquitos se escondam. As Terras Dane eram infestadas deles. Deve ser por isso que as pessoas são tão pálidas. O sangue foi sugado delas. Eu fiquei lá, deixando que eles me devorassem, até que ouvi vozes.

Makin veio e eu queria implorar pela morte, mas meu rosto doía demais. Ele se racharia se eu abrisse a boca, com todas as feridas escorrendo. Depois Rike apareceu, negro contra o azul profundo do céu, e um pouco de força fluiu em mim. Não vale a pena ser fraco na frente de Rike e há algo nele que me faz esquecer de morrer e querer matar um pouco em vez disso. "Eu sabia que havia trazido você por um motivo, Rike." Cada palavra uma agonia, emoldurada por assassinato.

Nós ficamos cinco dias no salão de Alaric Maladon. Não no salão de hóspedes, mas em seu grande salão. Eles puseram uma cadeira para mim na plataforma do trono, quase tão grande quanto a do próprio duque, e eu fiquei lá sentado, enrolado em peles quando tremia, despido até a cintura quando suava. Makin e os irmãos celebraram com o povo de Maladon. Mulheres apareceram pela primeira vez em grande número, carregando a cerveja em jarras e taças feitas de chifres do depósito, com facas na cintura, comendo em mesas longas como os homens, bebendo e rindo quase tão alto. Uma, quase tão alta quanto eu, loira feito leite e bonita de um jeito ossudo, veio até minha cadeira enquanto eu me encolhia em minhas peles. "Meus agradecimentos, Rei Jorg", ela disse.

"Posso ter inventado tudo", eu disse. Por me sentir péssimo e feio, eu quis estragar o dia.

Ela sorriu. "O chão não tremeu desde que trouxeram você de volta. O céu está limpo."

"O que é isso?", eu perguntei. Ela tinha um pote de barro em uma das mãos, cheio de uma pasta preta e brilhante, com uma pele retorcida ao lado.

"Ekatri me deu. Um bálsamo para as queimaduras e um pó para tomar com água para tirar o veneno de seu sangue."

Eu consegui dar meia risada antes que a dor me impedisse. "A bruxa velha que continua prevendo meus fracassos? Ficarei envenenado se eu tomar

qualquer coisa que ela mandar, isso sim. Provavelmente é assim que o futuro fica do jeito que ela diz que será."

A mulher – garota, talvez – riu. "Não é assim que as völvas são. Além disso, meu pai não gostaria nada se você morresse aqui. Repercutiria mal para ele, e Ekatri depende da proteção dele."

"Seu pai?", perguntei.

"Duque Maladon, seu bobo", ela disse e saiu, deixando o pote e o embrulho em meu colo. Eu observei seu traseiro ao sair. Pensei que talvez não fosse morrer, já que ainda encontrava tempo para apreciar uma bunda bem-feita.

Ela olhou por sobre o ombro e me pegou admirando. "Eu sou Elin." E continuou andando, perdendo-se na multidão e na fumaça.

Eu tomei o pó de Ekatri e mordi uma alça de couro enquanto Makin passava a pomada em minhas queimaduras. Ele pode ter mãos leves com a espada, mas como curandeiro parecia ter dez polegares. Quase mastiguei a alça, mas quando ele terminou a dor havia diminuído a um rugido fraco.

A garota, Elin, disse que a völva dependia da proteção de seu pai. Espero que seja assim em vez de ele depender da dela. Makin estava investigando, usando minhas perguntas nos círculos certos, fazendo aquela coisa que ele faz, aquilo que obtém as respostas. Ninguém disse isso, mas, se você juntasse todas as respostas e olhasse para elas do ângulo certo, parecia que a bruxa do gelo, Skilfar, metia o dedo gelado em todos os assuntos do norte. Eu não duvidava que muitos jarls e lordes nórdicos dançavam conforme a música dela sem nem mesmo saber. Ekatri, porém, era peixe pequeno, de acordo com Makin. Isso me fez pensar, sentado sozinho com minha dor na calada da noite. Alaric de Maladon deveria ficar atento – até o menor peixe pode asfixiá-lo.

Fiquei sentado por cinco dias, alimentando-me de mingau de aveia enquanto os irmãos se empanturravam de leitão assado, cabeças de boi, trutas gordas do lago, frutas-do-conde e qualquer outra coisa que seria um

martírio para eu mastigar. A cada noite, mais amigos e parentes do duque chegavam para engrossar a turba. Vizinhos também. Homens de Hagenfast, com as barbas trançadas com mechas de cabelo daqueles que morreram sob seus machados, verdadeiros vikings altos, brancos e cruéis, saídos do Forte de Ferro e dos portos do norte, e um guerreiro gordo solitário da região de Snjar Songr, fedendo a óleo de foca e sem tirar nenhum das peles que o agasalhavam, apesar do calor do salão.

Eu observei Rike vencer a competição de luta após dez eliminatórias embriagadas, finalmente derrubando um viking de braços musculosos e rosto permanentemente rosado. Observei Kent, o Rubro, ficar em primeiro lugar no lançamento do machado de mão a um alvo de madeira, e em terceiro no corte de lenha. Um habitante local de olhos claros deixou Grumlow em segundo no lançamento de facas, mas Grumlow era mais de apunhalar e mais motivado a atingir o alvo se ele respirasse. Disseram que Algazarra se saiu bem no tiro com arco, mas isso aconteceu do lado de fora e eu não deixei que me movessem. Makin perdeu em tudo; ele sabe que vencedores podem ser admirados, mas ninguém gosta deles.

O duque e Sindri sentaram-se comigo várias vezes, perguntando sobre a história do fim de Ferrakind, mas eu balançava a cabeça e a contava com uma única palavra. “Molhado.”

A cerveja corria solta, mas eu bebi apenas água e observei as chamas das tochas mais do que os danes em suas festas e esportes. As chamas tinham cores novas para mim. Pensei em Gog, destruído pelo fogo, e em seu irmãozinho, que levou o nome que eu lhe dera, Magog, por apenas algumas horas. Pensei em Gorgoth em meio ao silêncio dos trolls nas cavernas negras. Segurei a caixa de cobre em minha mão e pensei se seu conteúdo me distrairia de minha dor.

Acima de tudo, porém, como os garotos fazem quando se machucam – e aos catorze anos eu via que ainda era um garoto quando a dor vinha forte o bastante – pensei em minha mãe. Eu me lembrei de como me contorci e

gemi nas encostas após Sindri me deixar, o sofrimento que se apossou de mim e a sede que eu sentia, quase tão grande quanto a dor. Eu teria me encaixado bem entre os moribundos em Mabberton, entre os feridos que eu havia observado com um sorriso, curvados em sua dor, pedindo água. E, quando a dor bate, os homens regateiam. Os garotos também. Nós nos contorcemos e reviramos, nós suplicamos e imploramos, nós oferecemos a nosso algoz o que ele quiser para que a tortura pare. E quando não há torturador a aplacar, nenhum homem encapuzado com ferros quentes e pinças, apenas uma queimadura da qual não há como escapar, nós negociamos com Deus ou com nós mesmos, dependendo do tamanho de nosso ego. Eu havia debochado das mortes em Mabberton e agora os fantasmas deles me observavam queimar. Tire a dor, eu disse, e serei um homem bom. Ou pelo menos um homem melhor. Todos nós nos tornamos uns molengas com bastante dor. Mas acho que uma pequena parte era mais que isso. Uma pequena parte era aquela terrível faca de dois gumes chamada experiência, cortando a criança cruel que eu era, esculpindo o tipo de homem que talvez viesse a ser. Prometi ser um homem melhor. Embora eu já houvesse mentido antes.

Nós estávamos indo em direção a Wennith, na Costa Equina, naquele dia, quando Mabberton pegou fogo. Wennith, onde meu avô se senta em seu trono em um castelo alto com vista para o mar. Assim dizia minha mãe, pois eu nunca o vira. Corion vinha da Costa Equina. Talvez ele houvesse me dirigido para lá, uma arma para sanar antigas dívidas para ele. De qualquer modo, no salão do Duque Maladon, nas horas tranquilas antes do amanhecer, quando as tochas se apagaram e as lamparinas queimaram até o fim, em meio a nórdicos roncando caídos sobre as mesas, meus pensamentos se viraram mais uma vez a Wennith. Eu tinha amigos no norte agora, mas, para vencer esta nossa – minha – Guerra Centenária, eu talvez precisasse de apoio familiar.



A idade pôs a mão sobre o irmão Algazarra e o deixou para sempre com cinquenta anos, sem querer tocá-lo uma segunda vez. Grisalho, esguio, duro, mau. Esse senhor de olhos claros se dobra e se enverga, mas nunca se quebra. Ele resiste quando o melhor dos homens fracassaria diante de sua carga. O mais baixo de nosso grupo, imundo e fétido, repleto de cicatrizes esquecidas, muitas vezes ignorado por homens que tinham pouco tempo para refletir a respeito de seu erro.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

29

— QUATRO ANOS ATRÁS —

Na longa viagem para o sul, questionei o motivo de minha mudança de direção mais de uma vez. Mais de cem vezes, verdade seja dita. A questão era que eu ainda não havia encontrado o que precisava. Eu não sabia do que precisava, mas sabia que não estava no Assombrado. Meu antigo tutor, Lundist, uma vez disse que se você não souber onde procurar alguma coisa comece procurando onde estiver. Para um homem inteligente, ele podia ser muito burro. Eu pretendia procurar em todos os lugares.

Nós partimos no sexto dia. Eu me sentei na sela de Brath, com todos os músculos duros, meu rosto dolorido e pingando.

"Você ainda está doente", Makin disse atrás de mim.

"Estou farto de ficar sentado naquela cadeira vendo você se empanturrar como se sua única ambição fosse ser esférico", eu disse.

O duque veio aos portões de seu salão com cem ou mais de seus guerreiros para se despedir. Sindri estava do seu lado direito, Elin à esquerda. Alaric puxou os aplausos. Três vezes eles gritaram e balançaram seus machados no alto. Eles eram bastante assustadores se despedindo de amigos. Eu não queria estar no lugar de quem eles consideravam inimigos.

O duque deixou seus homens para ficar do meu lado. "Você fez mágica aqui, Jorg. Isso não será esquecido."

Eu assenti. "Deixe Heimrift em paz, duque", eu disse. "Halradra e seus filhos estão dormindo. Não precisa ir cutucá-los."

"E você tem um amigo lá em cima." Ele sorriu.

"Ele não é meu amigo", eu disse. Parte de mim queria que ele fosse, contudo. Eu gostava de Gorgoth. Infelizmente, ele julgava bem os homens.

"Boas viagens." Sindri ficou ao lado de seu pai, sorrindo como sempre.

"Volte para nós no inverno, Rei Jorg." Elin uniu-se a eles.

"Você não gostaria de ver este rosto feio de novo." Eu observei seus olhos claros.

"As cicatrizes de um homem contam sua história. A sua história é uma que eu gosto de ler", ela disse.

Eu tive que sorrir com aquilo, embora tenha doído. "Ha!" E eu conduzi Brath para liderar meus irmãos rumo ao sul.

De volta à estrada, e com aplicações regulares da pomada preta de Ekatri, meu rosto começou a melhorar, e a carne viva se solidificou em uma massa feia de tecido cicatricial. Do lado direito estava o belo Jorgy Ancrath; do esquerdo, algo monstruoso: minha verdadeira natureza aparecendo, alguns diriam. A dor diminuiu, substituída por um retesamento desagradável e uma queimação mais profunda em volta dos ossos. Finalmente eu conseguia suportar comer. Agora que todas as belas porções da mesa do duque estavam ficando cada vez mais para trás, descobri que tinha uma fome horrorosa. E isso é uma coisa da estrada. Em um cavalo, trotando pelo

Império dia após dia sem nada para comer além do que puder carregar ou roubar, você descobre que tudo fica bom quando seu estômago está vazio. Se olhar para um pedaço de queijo mofado e sua boca não salivar você não está com fome suficiente.

No Assombrado, as cozinheiras pincelavam carne de cervo com mel e a decoravam com arganazes assados com manjericão só para atentar meu paladar. Após dias na sela, percebo que, para a comida me apetecer, ela precisa estar quente ou fria e, de preferência, embora não essencialmente, se for animal, que não esteja se mexendo e que tenha possuído uma espinha dorsal.

Em volta da fogueira do acampamento, naquela primeira noite, nós fizemos um pequeno amontoado, de certa forma mais reduzido pela ausência de nossa menor companhia do que da maior delas. Olhei para as chamas e imaginei um formigamento compreensivo nos ossos de minha mandíbula, mesmo sob o efeito amortecedor da pomada.

"Tenho saudade do camaradinha." Grumlow me surpreendeu.

"É", cuspiu Sim.

Kent, o Rubro, levantou a cabeça do polimento de seu machado. "Ele se saiu bem, Jorg?"

"Ele salvou a minha vida e a de Gorgoth", eu disse. "E acabou com o mago do fogo antes de morrer."

"É isso aí", disse Algazarra. "Era um desgraçado sem Deus, aquele lá, mas tinha um fogo nele, por Deus."

"Makin", eu disse.

Ele levantou a cabeça, as chamas refletindo em seus olhos.

"Já que Coddin está em casa..." Eu parei, percebendo que chamara O Assombrado de "casa" pela primeira vez. "Já que Coddin está em casa e o nubano não está conosco..."

"Sim?", ele perguntou.

“Quero dizer que, se eu escolher um caminho que... talvez seja um pouco difícil, apenas me avise. Tudo bem?”

Ele franziu aqueles lábios carnudos demais e depois sugou o ar por entre os dentes. “Vou tentar”, respondeu. Ele vinha tentando todos esses anos, eu sabia disso, mas agora eu lhe dera permissão.

Durante uma semana, contornamos vilas, circundamos cidades e escolhemos nosso caminho através das bordas suaves dos reinos pelos quais passamos em nossa viagem ao norte. Chegamos ao povoado de Rye, grande demais para ser uma vila, recente demais e improvisado demais para ser uma cidade. Em nossa viagem de ida, havíamos comprado mantimentos lá e com nossos alforjes sacudindo vazios voltamos para reabastecê-los. Pagar por produtos ainda é estranho para mim, mas é um bom hábito quando você tem dinheiro para gastar. Claro que você deve roubar de vez em quando, pegar algo à força só por maldade, senão como vai se manter no jogo? Mas, fora isso, pagar é recomendável, principalmente se você for um rei com o bolso cheio de ouro.

A praça principal de Rye não é quadrada e é mais ou menos a “principal”, já que há outros mercados e descampados em Rye quase tão grandes quanto ela. Rike carregou o último saco de aveia em seu grande cavalo de carga e Makin estava tentando amarrar seu alforje sobre quatro peles de lebre quando as pessoas ao nosso redor começaram a abrir caminho, como o Mar Vermelho para um homem velho. Eu estava apoiado em Brath e me sentindo bastante fraco. O verão havia decidido nos dar uma prévia e o sol desceu com tudo do céu desbotado. Meu rosto doía feito um condenado e a febre pôs suas garras em mim.

“Príncipe dos Espinhos!”, o velho gritou ao se aproximar de mim, alto o bastante para atrair as atenções.

“Para início de conversa, é ‘rei’”, resmunguei. “E se há um lugar chamado Espinhos no mapa eu devo ter passado batido por lá.”

Ele parou cerca de um metro de mim e se empertigou. Um cara magro, enrugado feito uma passa, com cabelos brancos dos lados da cabeça careca. Seus olhos eram leitosos, mas não como catarata; de alguma maneira, eram perolados com um toque de arco-íris. "Príncipe dos Espinhos!" Mais alto dessa vez. As pessoas começaram a se aproximar.

"Vá embora." Usei minha voz baixa, a que se recomenda que se escute.

"O Portão Gilden se abrirá para o Príncipe de Arrow." Algo elétrico crepitou no ar à nossa volta, os cabelos brancos se levantaram da lateral de sua cabeça. "Você pode apen..."

Há uma arte em sacar uma espada rapidamente. Contanto que a presilha da bainha esteja desatada – e eu sempre deixo a minha assim –, você pode jogar a espada inteira para o alto apenas enganchando a mão de leve sob um lado do guarda-mão literalmente atirando-a para cima. Com boa velocidade e um rápido giro de corpo, você pode agarrar o cabo no ápice da jogada e, conforme a espada cai, é possível transformar esse impulso em uma estocada repentina no que estiver a seu lado.

Olhei para trás sobre meu ombro. Os olhos do homem ainda tinham seu brilho leitoso, mas ele havia parado de profetizar para cima de mim. Ao me afastar, retirei a lâmina de seu peito. Ele olhou para baixo na direção do ferimento escarlate, mas estranhamente não caiu.

Esperei um momento, depois outro. A multidão manteve o silêncio e o velho continuou de pé, analisando de perto o sangue bombeando sobre sua barriga.

"Ei", eu disse.

Ele ergueu a cabeça, o que facilitou. Seu queixo estava no caminho. Arranquei sua cabeça com um único golpe. Não gosto de me vangloriar, mas não é fácil decapitar um homem com uma rodada. Já vi carrascos experientes precisarem de três golpes durante uma execução, quando o pescoço das vítimas está ali, estirado para eles, em cima de um bloco.

O profeta teve a decência de deixar seu corpo tombar após sua cabeça aterrissar diante de seus pés. Ele continuava me olhando, todavia, com aqueles olhos perolados. Não há mágica nenhuma nisso, uma cabeça cortada pode vê-lo por quase um minuto se você deixar, mas dizem que dá azar ser a última coisa que ela vê.

Peguei a cabeça pelos tufos de cabelo e a segurei na altura dos meus olhos para me encarar. "Sério? Você sabe me dizer onde eu vou me sentar ou deixar de me sentar daqui a alguns anos, mas não sabia que isso ia acontecer?" Mantive a voz elevada para a multidão. "Este farsante vive do sofrimento de vocês e do sofrimento de gente como vocês há anos."

E, com a voz baixa, apenas para o vidente e para quem estivesse me observando através dos olhos dele, para todos aqueles que estivessem vendo aquele momento através dos anos antes de eu nascer, completei: "Eu farei meu próprio futuro. Morrer não faz você acertar. Todo mundo morre".

Os lábios sorriram. Contorceram-se. "Rei Morto", eles disseram, sem som, e onde eu o toquei minha pele se arrepiou, como se uma aranha se revelasse na palma da minha mão.

Soltei a cabeça e a chutei para a multidão. Digo "chutei", mas, na verdade, é uma má ideia chutar uma cabeça. Aprendi isso anos atrás, uma lição que me custou dois dedos do pé quebrados. O que você tem que fazer é empurrar a cabeça com a lateral do pé, como se fosse arremessá-la. Ela vai rolar de qualquer maneira, então você não precisa de muita força. O negócio das cabeças cortadas é que seu proprietário não tem mais o menor interesse em minimizar a força do golpe ou a menor habilidade de fazê-lo, aliás. Quando você chuta alguém na cabeça, como acontece de vez em quando, elas tendem a estar ativamente tentando sair do caminho e o contato é diminuído. Uma cabeça cortada é um peso morto, mesmo que ela esteja olhando para você.

E isso esgota meus conhecimentos sobre chutes em cabeças cortadas. Reconheço que é mais do que a maioria das pessoas pode oferecer sobre o

assunto, mas os maias sabiam muito mais que eu. Mas isso, claro, é uma coisa completamente diferente.

Makin terminou suas amarrações e parou ao meu lado. "Isso provavelmente foi um pouco duro demais", ele disse. "Você me pediu para apontar essas coisas."

"Vá se foder", eu disse.

Acenei para os irmãos. "Vamos cavalgar."

Por quase cento e cinquenta quilômetros, refizemos o percurso pelo Caminho do Norte, descendo pelos ducados de Parquat e Bavar, onde a maioria dos viajantes é bem-vinda, contanto que não pretendam ficar, e até nosso tipo é tolerado, se não descermos de nossos cavalos.

A cidade de Hanver nos saudou com bandeirolas. Entre aqueles aglomerados pacíficos de cabanas de palha que eu havia encontrado ao viajar para o norte, Hanver se mantinha igualmente intocada e inexplorada, um lugar não visitado pela guerra e aninhado em meio a terras idílicas divididas em minúsculos campos férteis.

"Parece que é dia santo." Kent se levantou em seus estribos para ver. Por mais que ele fosse um desgraçado sombrio e mortal, Kent tinha uma natureza religiosa, o tipo bom de religioso, ou pelo menos o melhor tipo.

"Nossa." Rike gostava de suas celebrações mais altas, mais selvagens e mais propensas a terminarem em tumulto.

"Vai ter coral", Sim disse, sempre o que mais gostava de música.

E, portanto, com pouco mais do que uma insinuação ao fato de eu ser Rei de Renar e eles não muito mais que camponeses insignificantes, no fim das contas, os irmãos me conduziram a Hanver. Nós passamos pela rua principal, pela multidão, os residentes com os rostos limpos, vestindo seus melhores trapos, as crianças agitando varas de fita, algumas segurando maçãs do amor que se mantiveram doces durante o inverno. Os irmãos saíram em direções separadas – Sim para a igreja, Grumlow para o ferreiro,

Rike entregando suas rédeas para um garoto do lado de fora da primeira taverna. Algazarra, mais minucioso, escolheu a segunda taverna e Kent desviou-se para um estábulo para que um especialista analisasse a pata direita dianteira de Hellax.

"Parece que vai ter mais que corais." Makin acenou à frente, para a praça principal. Uma plataforma de madeira havia sido montada, com madeira fresca, ainda úmida. Um amplo palco, um suporte de forca e três cordas de enforcamento balançando-se na brisa.

Nós amarramos nossos cavalos na corrente pública e Makin jogou um dobrão de cobre para o garoto que vigiava.

"Execução da Igreja", disse Makin. Uma bandeira branca se agitava no outro canto da plataforma, com a santa cruz e o cálice sagrado pintados no linho.

"Hummm." Eu já tinha pouco entusiasmo para assuntos ecumênicos no Castelo Alto. Na estrada, a Igreja espalhava os venenos de Roma sem moderação. E esta talvez tenha sido a única vez em que considerei meu pai uma influência moderadora.

Nós ficamos com os outros sob o sol, pegando espetos de carneiro assado de um vendedor ambulante. Um vendedor de cerveja nos vendeu arac em copos de estanho, uma bebida local escura e amarga, mais forte que vinho. Ele esperou que nós bebêssemos e depois foi embora com seus copos devolvidos. Eu posso não ter tempo para a Igreja, mas para que perder uma boa execução? Uma vez, anos atrás, assistimos ao enforcamento do irmão Merron e Algazarra disse: "Uma boa execução não precisa de um bom motivo". O que é bem verdade.

Nós ouvimos a música primeiro. Quatro meninos coristas, provavelmente nenhum deles castrado, não em uma cidadezinha de pau a pique como Hanver. Nada para ver, a princípio, a não ser por uma cruz prateada no alto de um mastro. Em seguida, a multidão se dividiu e os meninos de túnicas

brancas surgiram com as vozes crescentes. Eu vi Sim lá atrás, balbuciando a letra, embora ele não soubesse latim, só os sons da música.

Em seguida, os padres, dois corvos pretos com o roxo sagrado aparecendo em seus peitos, balançando turíbulos. De rostos brutos, parecidos como irmãos, da idade de Makin. Depois, puxadas em um carrinho e amarradas nas mãos e nos pés, uma mãe e duas filhas de dez, doze anos, difícil saber, brancas de pavor. O padre mais importante entrou por trás, com sedas roxas aparecendo em losangos através do preto de sua batina, um homem sisudo, bastante bem-apessoado, com os cabelos prateados formando um bico de viúva que lhe conferia seriedade.

"Preciso de uma cerveja decente", Makin cuspiu. "Aquele arac deixou um gosto amargo."

Pode até ser que uma boa execução não precise de uma boa razão, mas me parecia que nenhuma execução conduzida pela Igreja poderia ser considerada boa. Eu menosprezara o padre Gomst a vida inteira, tanto pelas mentiras que ele contava quanto por sua fraqueza. Aquela noite de espinhos e chuva havia exposto suas mentiras, tão claras como se um relâmpago as houvesse encontrado em um quarto escuro. Mas elas teriam aparecido com o tempo de uma maneira ou de outra. Para ser justo, porém, o otimismo débil e as palavras de amor de Gomst possuíam pouco da doutrina de Roma. Meu pai não permitia que a mão do papa entrasse em seu castelo.

Houve vaias na multidão quando a mulher e suas filhas foram maltratadas na plataforma, embora muitos permanecessem em silêncio, com os rostos tensos e tristes.

"Você sabe o que a Igreja de Roma tem em comum com a Igreja que veio antes dela, a fé que os papas tinham na época dos Construtores, nos séculos antes dos Construtores?", perguntei.

Makin balançou a cabeça. "Não."

“Ninguém sabe também”, eu disse. “O papa Anticus pôs cada bíblia que sobrevivera ao Dia dos Mil Sóis em cofres profundos, todos os livros de doutrina, todos os registros do Vaticano. Tudo. Pode ser que tenha queimado tudo. Pode ser que siga cada letra e nota de rodapé. Os estudiosos não dizem nada, exceto que não é permitido saber.”

O padre na plataforma encontrara seu passo, patrulhando a beirada diante da multidão e berrando sobre maldade e bruxaria. Gotículas brancas de saliva brilhavam sob o sol ao se arquearem sobre as cabeças dos camponeses mais próximos.

“Nunca achei que você fosse um teólogo, Jorg.” Makin se virou. “Vamos beber aquela cerveja?”

Eu assisti aos executores arrastarem a primeira garota ao poste. Não era um simples enforcamento, então. Talvez alguns cortes antes. Ela resistiu por pouca coisa: dava para ver o esforço nos braços do homem.

“Muito cedo para ver sangue, Sir Makin?” Eu o alfinetei, mas a brincadeira se voltou ao que quer que estivesse pondo aquele mesmo gosto amargo em minha própria boca.

Makin resmungou. “Pode me chamar de mole, mas não tenho estômago para isso. Não para crianças.”

Acho que Makin nunca teve estômago para isso, nem para crianças nem para homens, embora houvesse se deixado levar pela escuridão da irmandade lá naqueles primeiros anos, quando ele era tudo que havia para me defender.

“Mas elas são bruxas.” Outra provocação feita para mim mesmo. Elas provavelmente eram bruxas. Eu já havia conhecido bruxas de muitos tipos e a cada ano que passava parecia que mais mágica era derramada sobre o mundo, encontrando seu caminho através desta ou daquela pessoa, como se fossem rachaduras no tecido de nossos dias. Tenho certeza de que o padre me colocaria em sua plataforma também se soubesse que eu podia falar com os mortos, se ele visse as veias pretas correndo em meu peito,

corrompidas – se ele tivesse colhões para me pegar. Elas podem ser bruxas, mas provavelmente a mulher havia ousado discordar ou inventar. Roma odiava mais que tudo a invenção. Um padre podia ordenar que o queimassem por experimentar algum feitiço, mas se você descobrisse o truque de fazer um aço melhor ou redescobrisse alguma alquimia dos Construtores eles mandariam um especialista passar a semana inteira matando-o.

Makin cuspiu novamente, balançou a cabeça e saiu andando. Fazendo juízo de mim. De seu maldito rei! Eu ignorei a raiva, era um escape, eu podia me esconder nela, mas não era Makin que me causava raiva.

Deixe que as pessoas rezem a Deus, não tenho nada com isso. Talvez alguma coisa boa até surja disso, se a bondade é algo importante para você. Aprisionem o Criador em igrejas, se for preciso, e lamentem-se por Ele nelas. Mas Roma? Roma é uma arma usada contra nós. Um veneno adoçado e dado a homens famintos.

Em cima da plataforma, a garota gritava enquanto a despiam. Um homem se aproximou segurando um bastão todo feito com dentes de metal, reluzente e bonito.

"É o bispo, não é?" Encontrei Kent ao meu lado, com sua mão sobre a minha como se de alguma maneira pudesse sacar a espada sem pedir minha permissão. Com a ajuda de Kent, eu mantinha minha espada em sua bainha.

"Murillo", eu concordei. Poucos homens ousariam mencionar o bispo Murillo para mim. Eu ainda me arrependo dos pregos. Eu os havia martelado lentamente em sua cabeça, mas ainda assim foi uma fuga rápida demais para ele.

"Um dia negro", disse Kent, embora eu não soubesse se ele queria dizer aquele dia ou agora. Devoto ou não, ele nunca havia me criticado pelo sobrinho do papa.

Eu assenti. Tinha motivos melhores para odiar a Igreja de Roma do que Murillo, mas o bispo o aguçara. “Como está Hellax?”, perguntei.

“Ela vai ficar bem. Puseram um cataplasma na pata dela”, disse Kent.

A garota uivava como uma condenada, embora tudo que eles tivessem feito era lhe mostrar a chibata.

“Ela está pronta para ser cavalgada?”, perguntei.

Kent me lançou um olhar. “Jorg!”

Somos feitos de contradições, todos nós. São essas forças opostas que nos dão força, como um arco, cada bloco pressionando o outro. Mostre-me um homem cujas partes estão todas alinhadas, em consonância, e eu lhe mostrarei a loucura. Nós percorremos um caminho estreito, cercados de insanidade. Um homem sem contradições para se equilibrar se desviará em breve.

“Vamos ter uma visão melhor.” Eu me movi pela multidão. A maioria saiu de meu caminho, alguns eu tive que machucar. Kent ficou logo atrás.

Makin saiu de perto porque suas contradições permitiram-lhe fazer uma concessão. As minhas não são tão gentis. Eu direi que foi o ódio que me pôs naquela plataforma. Ódio de Roma, de sua doutrina de ignorância, da corrupção de seus mais altos oficiais e talvez do fato de que não tenha sido ideia minha. Meus irmãos diriam que a decisão devia muito à contrariedade também, ao fato de eu me ofender com a ideia de que as únicas coisas segurando aqueles prisioneiros, fora as cordas, eram o medo do padre e o cerco da multidão. Certamente meus atos não tinham nada a ver com os três meses no trono de Renar. Quando eles puseram aquela coroa em minha cabeça, tecnicamente aceitei a responsabilidade pelo povo de meu reino, mas a coroa pesava mais do que a responsabilidade jamais pesou e eu a tirei assim que possível.

Ninguém tentou me impedir de subir ao palco. Juro que houve até alguns empurrões ajudando. Peguei a chibata da mão do carrasco quando ele recuou para o primeiro golpe. Pequenas voltas afiadas de ferro

cravejavam sua extensão. A garota, nua no poste, observava aquela chibata como se fosse a única coisa no mundo. Ela parecia limpa demais para uma camponesa. Talvez os padres a tenham lavado para que as marcas de tortura não se perdessem na sujeira.

O massacre sangrento era uma opção, meus dedos coçavam pelo cabo da espada e eu me sentia razoavelmente seguro de que poderia matar todos no palco sem fazer muito esforço. Hanver não havia visto guerra em uma geração – eu estava mais que pronto para mudar aquilo. Em vez disso, tentei o raciocínio, ou pelo menos o meu tipo de raciocínio. Três passos me levaram a um metro de distância do padre grisalho. Com o bastão dentado em uma das mãos.

"Eu sou Rei Jorg de Renar. Já matei mais padres do que você matou bruxas e eu digo que solte estas três sem motivo algum além de me agradar." Falei claramente e alto o bastante para a multidão, que havia ficado tão quieta que dava para ouvir uma flâmula balançando. "As próximas palavras de sua boca, padre, serão 'Sim, majestade', ou sua próxima refeição será este bastão."

A seu favor, o padre hesitou e em seguida disse "Sim, majestade". Duvido que ele tenha acreditado em minha linhagem, mas ele com certeza acreditou em minhas previsões culinárias.

Homens armados estavam entre os camponeses, não muitos, mas em bom número, valentões de capacete e gibão acolchoado mantendo a ordem para qualquer fidalgote que se agitasse ali. Olhei em seus olhos e fiz sinal para um grupo de três deles perto da cocheira dos cavalos. Eles deram de ombros e se viraram. Não posso dizer que aquilo me agradou. Makin estava logo depois do trio, sua concessão não o havia levado nem até a taverna mais próxima, no fim das contas.

"Digam-me não!" Minha espada saiu de sua bainha tão rapidamente que quase soou.

Fome de sangue nos rostos da multidão, o choque de que lhe negaram o que lhe era de direito. Eu também sentia aquilo. Como um espirro que sai sem som, um vácuo exigindo ser preenchido. Esperei, com mais da metade de mim querendo que eles se rebelassem, que corressem para a frente em uma onda de indignação.

"Digam-me não." Mas eles ficaram em silêncio.

As cordas das prisioneiras se romperam diante do fio de minha espada. "Saiam", eu disse a elas, com raiva como se fosse culpa delas. A mãe saiu mancando, puxando suas filhas atrás de si. Makin as ajudou a descer.

Eu me perguntei mais tarde se aquilo seria o suficiente para mandar meu fantasma embora; se minha boa ação, seja lá qual fosse o motivo, afastaria aquele bebê morto de meus sonhos. Mas ele voltou com as sombras, como sempre.

Nós ficamos um dia inteiro em Hanver e saímos em uma manhã clara, com nossos alforjes cheios e as bandeirolas ainda penduradas. Assim é a beleza de lugares intocados pela guerra. E o motivo pelo qual não resistem.



TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

30

— QUATRO ANOS ATRÁS —

Eu deixara meus monstros no norte – Gog e Gorgoth – e meus demônios eu carregara comigo para o sul, como sempre.

Nosso tempo foi bom na viagem ao sul. Cruzamos o Rima a bordo de uma daquelas balsas cambaleantes que eu havia desprezado tanto na direção norte. Achei uma experiência interessante – minha primeira jornada *pela* água em vez de simplesmente atravessá-la ou passar por cima dela. Os cavalos se amontoaram, nervosos no cercadinho do convés, e durante os poucos minutos que puxaram a barca por meio de uma corda fixa eu me debrucei sobre a proa e observei o rio brilhar. Pensei no capitão, um homem barrigudo e ensopado de suor, e nos três homens a seu serviço. Na vida que eles levavam em um rio largo que os levaria ao mar em algumas poucas horas. Em transportar sua embarcação quilômetro após quilômetro,

centenas em um mês, e nunca ficar a mais que um grito de distância de onde saíram.

"Faça-me lembrar outra vez", Makin disse quando nós descemos na outra margem. "Por que não estamos simplesmente voltando ao Assombrado onde a gente, ou pelo menos você, pode viver como rei, em vez de cruzar meio mundo para ver parentes que você nunca conheceu?"

"Já conheci alguns deles. Eu só nunca fui até onde eles moram."

"E a razão pela qual estamos fazendo isso agora? Você tomou as Terras Altas só para Coddin poder governá-las para você?", perguntou Makin.

"Minha família sempre teve grande estima pelos comissários", eu disse.

Makin sorriu ao ouvir aquilo.

"Mas nós estamos indo porque precisamos de amigos. Todo vidente e seu cachorro estripado me diz que o Príncipe de Arrow está destinado ao trono do Império. Se isso for pelo menos parcialmente verdade, ele terá que passar pelas Terras Altas de Renar muito em breve, e conhecendo-o eu diria que seria difícil impedi-lo. E, apesar da lendária simpatia de minha natureza, tenho a impressão de que hoje em dia preciso cruzar meio mundo para achar alguém que esteja pronto a ajudar em uma hora de necessidade", eu disse.

Aquilo tudo era bem verdade, mas mais do que qualquer lance no jogo do Império eu queria muito encontrar um membro de minha família que não quisesse me matar. Dizem que os laços de família são fortes, mas o que eu tenho com meu pai é fraco. Conforme fui ficando mais velho e comecei a examinar as partes que me compõem, senti necessidade de ver a família de minha mãe, mesmo que só para me convencer de que nem tudo em mim era ruim.

Nós passamos pela base dos Aups, montanhas que humilhavam as Matteracks tanto em tamanho quanto em número. Legião após legião de picos brancos marchando de leste a oeste atravessando nações – a grande

muralha de Roma. O jovem Sim ficou fascinado por elas, observando-as tão fixamente que você acharia que ele cairia de sua égua a qualquer momento.

"Um homem nunca conseguiria escalar estas", ele disse.

"Aníbal as atravessou com elefantes", eu disse a ele.

Uma careta cruzou seu rosto e em seguida passou. "Ah, elefantes", ele disse.

Até aquele momento, não havia passado pela minha cabeça que ele não fazia a menor ideia do que era um elefante. Nem o circo do doutor Raiz-Mestra tinha elefantes. Sim provavelmente achava que eles escalavam feito macacos.

Durante semanas, viajamos ao longo das margens sem lei de reinos menores, por rotas menos batidas. Sete é um número perigoso de homens para viajar. Não são tão poucos para passarem despercebidos. Não são muitos para garantir a segurança. Ainda assim, nós parecíamos duros na queda. Talvez não tão duros na queda quanto éramos, mas o suficiente para dissuadir bandidos que pudessem nos ver passar. Parecer pobre ajuda também. Tínhamos cavalos, armas, armaduras, é verdade, mas nada que prometesse um prêmio rentável – certamente não tão rentável para se enfrentar Rike e Makin.

Os contrafortes dos Aups se desdobravam pelas margens de Teutônia em longos e improdutivos vales divididos em serras altas de pedra quebrada. Coisas ruins aconteceram aqui em um tempo muito distante. A Interdição, como eles a chamavam, e pouca coisa cresce na poeira amarga, mesmo agora. Em meio ao vazio daqueles vales, a uma semana de viagem de qualquer lugar que se queira ir, nós passamos pela casa mais solitária do mundo. Eu li que no norte branco, além do mar congelado, homens vivem em casas de gelo, cobertos de peles, protegendo-se de um vento que pode cortá-los em dois. Mas aquela cabana de pedra, diminuída entre rochedos abandonados, com as janelas vazias como olhos escuros, parecia pior. Uma mulher saiu da cabana e três crianças se enfileiraram diante dela para nos

ver passar. Nenhuma palavra foi dita. Naquele vale seco, com apenas o sussurro do vento, sem gritos de corvos ou o canto alto das cotovias, parecia que palavras seriam um pecado, como se fossem acordar alguma coisa que era melhor continuar a dormir.

A mulher nos observou com um rosto que parecia branco demais, liso demais, como o rosto de uma criança morta. E as crianças se agachavam em volta dela com seus farrapos cinzentos.

Na viagem ao norte, nós seguimos o ritmo da primavera. Agora parecia que galopávamos com o verão. A lama secou e se transformou em terra dura, as flores derreteram, as moscas vieram. Rike ficou vermelho como sempre fica ao menor sinal de verão, nem mesmo a poeira o impede, e as marcas de sol não melhoravam seu humor nem um pouco.

Nós deixamos as montanhas e seus contrafortes sombrios, fazendo um caminho através dos urzais selvagens até as grandes florestas do sul.

Ao final de um dia quente, quando meu rosto doía menos, não curado, mas não mais exsudando, eu sacava minha espada. Nós havíamos montado acampamento à beira de uma clareira da floresta. Algazarra nos conseguiu um cervo e estava com um pernil cozinhando no fogo.

“Tome cuidado, Sir Makin de Trent!”

“Se você tem certeza de que não se esqueceu de como se usa esse troço.” Ele sorriu e sacou. “Meu amo.”

Lutamos um pouco, atacando e defendendo, alongando nossos membros e praticando nossos golpes. Sem avisar, Makin apertou o passo, com a ponta de sua espada buscando por mim.

“Hora de outra lição?”, ele perguntou, ainda sorrindo, mas agora ferozmente.

Deixei meu braço da espada me guiar, observando apenas o plano da luta, os avanços e recuos, e não os detalhes de cada corte e estocada. Atrás de Makin, o sol atravessava o dossel da floresta em raios dourados como as cordas de uma harpa, e abaixo do farfalhar das folhas, acima do pio dos

pássaros, captei os sons da espada. O ritmo de nossas lâminas aumentou, gritos agudos e duros de aço contra aço, a rouquidão da respiração – mais rápidos. A ardência em meu rosto pareceu se reacender. A velha dor correu por mim, ácida e relampejante, como se os fragmentos de Gog estivessem alojados em meus ossos, ainda queimando. Mais rápido. Vi o sorriso de Makin esmorecer, o suor escorrendo em sua testa. Mais rápido – o brilho da luz refletida em seus olhos. Mais rápido. Um momento de desespero e então – "Basta!" E ele deixou a espada voar de seus dedos. "Jesus!", ele gritou, balançando a mão. "Ninguém luta desse jeito."

Os irmãos haviam parado suas várias tarefas e observavam como se não tivessem certeza do que viram.

Eu dei de ombros. "Talvez você não seja um professor tão ruim."

Meus braços tremiam agora e eu usei minha mão livre para colocar a ponta de minha espada na bainha. "Ai!" Por um momento achei que houvesse me cortado e pus a ponta dos dedos em minha boca. Mas não havia sangue, apenas bolhas onde o metal havia me queimado.

Seguimos a curva da cordilheira e a extensão de um grande rio e depois de outro. Os mapas davam nomes a eles. Às vezes, os habitantes davam seus próprios nomes, sem confiar nos mapas. Às vezes, aqueles em um ponto do rio o chamavam de uma coisa e aqueles em outro ponto davam um nome diferente. Eu não me importava muito, contanto que ele nos levasse aonde eu escolhera ir. Mas ultimamente parecia que éramos bloqueados a cada volta. Torres de vigia, patrulhas, enchentes, rumores de praga, cada evento desses nos fazia virar em uma ou outra direção, como se nos afunilassem para o sul por caminhos específicos. Eu não gostava muito daquela sensação, mas ela era, como dizia Makin, apenas uma sensação.

"Mas que merda!" Eu pulei da sela de Brath e me aproximei da ponte destruída. Do nosso lado, a construção de pedra ainda tinha parte de seu

arco original, estendendo-se sobre as águas brancas por vários metros até terminar como um dente quebrado. Dava para ver grandes pedaços da ponte logo abaixo da superfície do rio, fazendo ondas e valas na correnteza. O estrago parecia recente.

"Então nós andamos um pouco para o leste. Não é o fim do mundo", Makin disse.

De todos nós, Makin tinha a melhor cabeça para encontrar um caminho. Os mapas ficavam comigo. Eu podia fechar os olhos e ver cada detalhe do mapa, mas Makin tinha um instinto para transformar a tinta sobre couro em sábias escolhas em matéria de decidir entre este vale ou aquela serra.

Eu resmunguei. Agachado ao lado da ponte, sentia cheiro de alguma coisa, apenas um toque, por baixo daquele cheiro fresco e metálico de águas rápidas, algo podre. "Para o leste, então", eu disse. E nós nos viramos na direção da trilha que levava ao leste, uma fina linha de verde mais escuro em meio às matas verdejantes, cheias de salgueiros pendurados e sufocadas por espinheiros. Os espinhos arranhavam minhas botas enquanto passávamos.

A coisa do caminho menos viajado é que geralmente ele é menos viajado por um bom motivo. Quando o motivo não são os perigos que assolam a estrada, a própria estrada é o motivo. Às vezes são os dois. Em Cantanlona, as bordas suaves da civilização se tornam muito macias, tão macias que o sugarão para baixo sem pestanejar.

"Nós vamos atravessar?" Kent se levantou em seus estribos, franzindo a testa para o terreno pantanoso e salpicado de colmos estendendo-se à nossa frente em uma infinidade marrom-esverdeada.

"Fede." Makin aspirou como se não tivesse o bastante daquele fedor que o ofendia.

Rike apenas cuspiu e estapeou os mosquitos. Ele parecia atraí-los, como se eles não soubessem quão podre o sabor dele seria.

O ducado de Cantanlona fica ao longo do que um dia foi a fronteira entre dois grandes reinos, a ligação que foi o primeiro passo que Filipe deu ao forjar o Império. Dizem que a mãe de Filipe deu à luz naquela fronteira, em Avinron, e por ser um homem de duas terras ele achava que tinha direito às duas. Parecia apropriado então que nada restasse de Avinron a não ser um pântano fétido alimentado por um rio adequadamente chamado de "o Lodo".

Nossa rota passava pelo pântano. Havia bons motivos para isso em ambos os lados. Eu liderei o caminho, a pé, segurando as rédeas de Brath. Os irmãos e eu passamos tempo suficiente nos Pântanos de Ken para desenvolver uma noção de terreno incerto. É a vegetação que dá a dica. Preste atenção aos erióforos, o primeiro sussurro de lama profunda; junco-escuro onde o solo aguenta um homem, mas um cavalo afunda; ciperáceas para águas limpas; pimpinela escarlate para águas impróprias; taboa onde a água é funda, mas a lama embaixo é firme. É preciso ter olhos vivos e pés cuidadosos, e esperar que os pântanos quentes de Cantanlona não sejam muito diferentes dos brejos frios que fazem fronteira com Ancrath.

Makin estava certo a respeito do fedor. O calor indicava o auge do verão. Uma podridão que permeava tudo nos envolvia, o forte odor de carne pútrida e coisa pior.

Nós progredimos lentamente naquele dia, embora tivéssemos andado o suficiente para fazer com que o caminho se parecesse basicamente idêntico nas duas direções, intransitável, uniforme e sem esperança de terminar.

Eu encontrei um lugar para acampar onde pudéssemos ter certeza de encontrar o conjunto completo pela manhã. Uma série de montinhos de grama unidos por filamentos de terra firme fornecia espaço suficiente para os homens e os cavalos, apesar de termos que nos manter todos mais próximos do que gostaríamos.

Grumlow se pôs a cozinhar, usando gravetos e carvão que ele tivera a previdência de trazer consigo. Ele pegou seu tripé de ferro e pendurou uma

panela sobre a pequena fogueira e se agachou sobre ela, salpicando cevada em cima de tiras de cervo defumado, com o vapor subindo ao redor dele e pingando de seu bigode de volta para o cozido.

Quando a noite caiu, ela veio pesada e sem lua, engolindo as estrelas. O pântano, silencioso de dia, a não ser pelo barulho de nossos pés, ganhava vida no escuro. Um coro de coaxos, zumbidos, chilros e outros sons mais perturbadores, mais molhados, correram sobre nós do pôr do sol à aurora. Eu montei uma vigília, embora as brasas de nossa fogueira não permitissem vigiar nada, e quando minha hora chegou eu me sentei de olhos fechados, ouvindo a escuridão falar.

"Makin." Eu o chutei, com cuidado para que ele não arrancasse meu pé. "É sua vez."

Eu o ouvi grunhir e se sentar. Ele não havia retirado sua couraça nem suas manoplas. "Não dá para ver porra nenhuma. Para que diabos eu estou vigiando?"

"Para me agradar", eu disse. Aquele lugar me dava a sensação de que se todos nós caíssemos no sono juntos talvez nenhum de nós acordasse novamente. "E por que você ainda está de armadura se acha que este lugar é seguro?"

Os sonhos me levaram antes que Makin encontrasse uma resposta. Katherine passeava neles, com a criança morta em seus braços e acusações em seus lábios.

O sol da manhã atraiu uma bruma das poças de água parada. A princípio, ela se elevava trinta ou sessenta centímetros acima dos erióforos, mas quando estávamos prontos para partir a neblina fervia na altura de nossos peitos como se estivesse pronta para nos afogar, já que a lama havia falhado até então.

Você se acostuma a alguns fedores. Após um tempo curto, você não sabe se o cheiro passou ou não. Não era o caso do fedor do Pântano de

Cantanlona. Ele permanecia tão maduro após um dia e uma noite quanto no primeiro momento em que a brisa relutante o trouxera até mim.

A bruma conseguiu me fazer suar e ter calafrios ao mesmo tempo. Envolvido nela, com meus irmãos reduzidos a aparições no limiar da visão, por algum motivo pensei na mulher e seus pirralhos naquela cabana remota – a mulher com o rosto morto e as crianças feito ratos em volta das canelas dela. O isolamento vem de várias maneiras.

"Nós poderíamos esperá-la passar", disse Kent.

Uma esguichada e Rike cuspiu. "Lama até a porra do meu joelho."

Kent tinha razão. A neblina não poderia continuar resistindo ao calor do dia conforme o sol se elevava.

"Você quer ficar aqui mais tempo que o necessário?", perguntei.

Kent continuou a se arrastar como resposta.

Onde quer que o sol estivesse, estava fazendo um péssimo trabalho de me manter aquecido. A neblina parecia se infiltrar em mim, colocando um calafrio em meus ossos, enevoando meus olhos.

"Estou vendo uma casa", Sim gritou.

"Não está nada!" Makin disse. "O que diabos uma casa estaria fazendo em..."

Havia duas casas, depois três. Uma vila inteira de casas de madeira bruta, com telhas de ardósia, aparecendo à nossa volta enquanto diminuíamos o passo.

"Que porra é essa?" Algazarra cuspiu. Acho que foi ele quem inventou o cuspe.

"Cortadores de turfa?", sugeriu Grumlow.

Parecia ser a única explicação quase sensata, mas eu sabia que as turfeiras ficavam em climas mais frios e que mesmo lá os moradores iam ao pântano para cortar a turfa e depois voltavam para casa – eles não construíam suas casas sobre ele.

Uma porta se abriu na casa à nossa esquerda e sete mãos pegaram suas armas. Uma criança pequena saiu correndo, descalça, perseguindo algo que eu não conseguia ver. Ela passou por nós, perdida na neblina, apenas com o barulho de seus pés para me convencer de que era real, e a entrada escura para a casa cuja porta estava aberta.

Eu me aproximei da entrada com minha espada em punho. Ela parecia uma cova e o sopro de podridão úmida que emanava dela não fazia nada para apagar essa imagem.

"Jamie, você esquec..." O brilho de minha espada interrompeu a mulher. Até na neblina o aço dos Construtores encontra um brilho. "Oh", ela disse.

"Madame." Eu fingi uma reverência, sem querer abaixar minha cabeça nem por um milímetro.

"Eu sinto muito", ela disse. "Não estava esperando companhia." Ela parecia não ter mais que vinte e cinco anos, de cabelos claros, bonita de um jeito meio acabado, suas roupas caseiras eram simples porém limpas.

Entre as casas à nossa esquerda, apareceu um homem com seus cinquenta anos, agitado debaixo de um barril de madeira. Ele o descarregou de seu ombro em uma pilha de palha e ergueu a mão. "Bem-vindo!", disse. Ele passou a mão em sua barba branca e olhou para cima em meio à neblina. "Você trouxe o clima com você, meu jovem."

"Entre, sim?", a mulher disse. "Estou com uma panela no fogo. É só mingau de aveia, mas você está convidado. Mãe! Mãe! Ache a tigela boa."

Olhei para Makin. Ele deu de ombros. Kent observava o homem velho com os olhos arregalados e os nós dos dedos brancos em volta de seu machado nórdico.

"Desculpe-me. Eu sou Ruth. Ruth Millson. Quanta indelicadeza minha. Este é o irmão Robert." Ela acenou para o velho quando ele entrou na casa onde havia posto o barril. "Nós o chamamos de irmão por ele ter passado três anos no monastério Gohan. Ele não se saiu muito bem!" Ela deu um largo sorriso. "Entre!"

Uma lembrança veio à mente. Gohan. Eu conheci um Gohan perto de casa.

"Sua hospitalidade se estende a meu amigo?", perguntei, abrindo o braço em direção a Makin.

Ruth se virou e entrou na casa. "Não sejam tímidos. Temos muita comida para todos. Bem, o suficiente, de todo modo, e não há pecado maior que barriga vazia!"

Eu a segui, e Makin atrás de mim. Nós dois nos abaixamos para passar pela porta. Eu meio que esperava que o interior estivesse cheio de lodo, mas o local parecia limpo e seco. Uma lamparina estava acesa sobre a mesa, de metal e polida até brilhar muito, como se fosse uma relíquia preciosa da família. O lugar estava às sombras, com as janelas fechadas como se a noite ameaçasse. Makin embainhou sua espada. Eu não fui tão educado.

Olhei em volta. Algo estava faltando. Ou eu não estava encontrando alguma coisa.

Rike ficou do lado de fora, avultando-se sobre os irmãos que se amontoavam ao seu redor. Eles pareciam bem idiotas, eriçados com seus armamentos enquanto duas meninas corriam por eles, rindo. Uma mulher velha mancava com uma trouxa debaixo do braço, alheia aos punhais de Grumlow ao passar resmungando.

"Ruth", eu disse.

"Sente-se! Sente-se!", ela gritou. "Você parece quase morto. Você é apenas um garoto. Grandalhão, mas um garoto. Dá para ver. E os garotos precisam se alimentar. Não é verdade, mãe?" Ela pôs a mão em seu pescoço, um gesto inconsciente, e apertou sua garganta. Pele clara, muito clara. Ela se queimaria mais do que Rike ao sol.

"Precisam, sim." A mãe pôs a cabeça na entrada do que deveria ser o único outro aposento. Os cabelos grisalhos emolduravam um rosto sério, suavizado por uma boca gentil. "E qual é o nome do garoto, então?"

“Jorg”, eu disse. Por mais que eu goste de exibir meus títulos, há hora e lugar.

“Makin”, disse Makin, embora Ruth tivesse olhos apenas para mim, o que é estranho porque mesmo que eu fosse bonito antes das queimaduras é Makin que leva jeito com... todo mundo.

“E existe um senhor Millson?”, perguntou Makin.

“Sente-se!”, disse Ruth. Então eu me sentei e Makin seguiu o exemplo, pegando a cadeira de balanço ao lado da lareira vazia. Eu apoiei minha espada contra a mesa. As mulheres não deram nem uma olhadela para ela.

Ruth pegou uma jaqueta de lã de trás do meu banco. “Esse Jamie esquece até a cabeça!”

“Você tem marido?”, perguntei.

Um desconforto passou por ela como uma nuvem. “Ele foi ao castelo dois anos atrás. Para prestar serviço ao duque.” Ela se animou. “Em todo caso, você é jovem demais para mim. Eu deveria chamar Seska. Ela é linda como a manhã.” A mulher tinha malícia nos olhos. Olhos azuis, claros como miosótis.

“E o que você está fazendo neste lugar?”, perguntei. Eu havia me afeiçoado a ela. Ruth tinha um brilho que me fazia lembrar de uma serviçal chamada Raquel no Assombrado. Alguma coisa nela me deixava inexplicavelmente excitado. Inexplicável se você não contar oito semanas na estrada.

“Neste lugar?” Distraída, ela levou os dedos à boca, uma bela boca, diga-se, e mexeu em um de seus dentes de trás.

A mãe veio da cozinha com uma panela de barro, carregada por um cabo escurecido de madeira para afastar o calor de seus dedos. Makin se levantou para ajudá-la, mas ela nem lhe deu atenção. Ela parecia minúscula ao lado dele, curvada pela idade. Ela pôs a panela diante de mim e colocou a mão sobre a tampa, hesitando. “Sal?”

“Por que não?” Eu teria pedido mel, mas aquele lugar não era O Assombrado. Mingau com sal é melhor que sem nada, mesmo quando você comeu sal e mais sal nas mesas de Duque Maladon durante uma semana.

“Oh”, disse Ruth. Sua mão se afastou de sua boca com um dente em sua palma. Não um dente pequeno, mas um molar grande lá do fundo, com raízes brancas longas e lambuzado de sangue escuro, tão escuro que era quase preto. “Desculpe-me”, ela disse, segurando a mão com o braço estendido como se estivesse horrorizada pelo dente, mas sem conseguir parar de olhar, com os olhos arregalados e lúgubres.

“Não tem problema”, eu disse. Estranho como o tesão impessoal pode rapidamente se transformar em repulsa. Ele provavelmente atravessa o final daquela linha tênue que os poetas dizem dividir o amor e o ódio.

“Talvez devêssemos comer”, disse Makin.

Meu estômago se revirou ao pensar em comida. O fedor do pântano, que ainda não havia diminuído, invadiu o recinto com vigor renovado.

A mãe voltou com três tigelas de madeira, uma decorada com flores esculpidas, e uma cadeira que parecia elegante demais para a casa. Ela pôs as tigelas sobre a mesa, a mais sofisticada para mim, uma diante da nova cadeira. A terceira ela segurou, procurando em volta por alguma coisa, com os olhos confusos. Ela pôs a mão do lado da cabeça, esfregando distraidamente.

“Perdeu alguma coisa?”, perguntei.

“Uma cadeira de balanço.” Ela riu. “Um lugar pequeno como este. Você acha que não pode perder uma coisa assim!” Sua mão se afastou de sua cabeça com um tufo de cabelo branco. O couro cabeludo rosa mostrava de onde ele havia saído. Ela olhou para o tufo com tanto espanto quando sua filha analisando o dente.

“Você disse o castelo do duque, Ruth?”, perguntou Makin, da cadeira de balanço. “Qual duque seria esse?” Makin poderia aliviar a estranheza do momento, mas nenhuma das mulheres olhou para ele.

A mãe enfiou o cabelo no avental e voltou para a cozinha. Ruth colocou o dente no parapeito da janela. “Não dizem que dá sorte?”, ela perguntou. “Perder um dente. Acho que ouvi isso uma vez.” Ela abriu a janela. “Para deixar a manhã entrar.”

“Qual duque governa aqui?”, perguntei.

Ruth sorriu, com uma pequena mancha de sangue preto no canto da boca. “Você está *mesmo* perdido, não está? Duque Gellethar, é claro!”

Naquele momento, percebi o que estava faltando. O bebê morto, a criança da caixa, ele aparecia em qualquer sombra desocupada. Mas não naquele lugar. As sombras eram cheias demais.

A porta da frente se abriu de repente e o pequeno Jamie entrou com tudo. Meninos de uma certa idade parecem que vão com tudo ou de maneira nenhuma. Ele se roçou no batente da porta ao passar e perdeu um pedaço de pele do tamanho de uma moeda em um prego solto.

Ele correu até mim, sorrindo, com ranho em seu lábio superior. “Quem é você? Quem é você, moço?” Alheio à pele perdida onde o músculo escuro brilhava feito fígado.

“Então esta seria a terra de...” Eu ignorei o menino e observei os olhos turvos de Ruth.

“Gelleth, é claro.” Ela abriu as janelas. “Monte Honas está a oeste de nós. Em uma noite clara, às vezes dá para ver as luzes.”

Makin podia ser o homem dos mapas, mas eu sabia que estávamos a oitocentos quilômetros ou mais de Gelleth e da poeira em que eu transformara seu duque. Seria preciso ter os olhos do senhor das águias para ver o Monte Honas de qualquer janela de Cantanlona... e no entanto Ruth acreditava no que dizia.

Ela se virou da janela, com o lado direito tão vermelho quanto se houvesse sido mergulhada em água fervente.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

31

— QUATRO ANOS ATRÁS —

Eu me levantei rapidamente, mais rápido do que Makin de sua cadeira de balanço. “Damas, muito obrigado, mas nós temos que ir.”

“Nós?”, a mãe perguntou da porta da cozinha, metade escarlate como a filha, mas do lado esquerdo em vez do direito, como se juntas elas pudessem fazer uma mulher intocada e uma completamente escaldada.

“Só existe você, Jorg”, disse Ruth, com a lateral de seu rosto começando a empolar e pingar. “Sempre só existiu você para nós.” Ela cuspiu dois dentes incisivos, um de cima e um de baixo, fazendo um buraco em seu sorriso.

Makin passou por mim e saiu para a neblina. Eu recuei em seguida, segurando a espada pronta para afastar as mulheres. O sorriso de Ruth prendeu minha atenção e eu me esqueci do filho dela. Ele se agarrou à minha perna, com a pele caindo de cima dele como papel molhado. “Quem é você? Quem é você, moço?”

“Só você, Jorg”, disse a mãe, com a cabeça careca agora a não ser por tufos brancos aleatórios. “Desde que o sol apareceu.” Ela ergueu a mão em direção à janela.

A neblina se iluminou com um brilho amarelo e depois se encolheu, recolhida pelo pântano como se fosse uma toalha de mesa puxada rapidamente e deixando tudo em seu lugar.

Por todo o pântano, parecia que um segundo sol havia surgido, terrível demais e claro demais para se olhar, e horrível demais para parar de se olhar. Um Sol dos Construtores.

Em uníssono horrível, ambas as mulheres começaram a gritar. O cabelo de Ruth entrou em combustão. O couro cabeludo de sua mãe ardeu lentamente. Sacudi Jamie de minha perna e ele bateu na parede, com pedaços de sua pele grudando em minha calça. Eu me afastei da casa. Reconheci os gritos. Os mesmos sons de quando Gog me queimou. Justiça soltou aqueles gritos quando meu pai ateou fogo nele.

Houve um tempo em que talvez eu achasse que duas mulheres ardendo lentamente fosse um espetáculo grátis. Rike teria soltado aquela risada dele até agora. Algazarra apostaria em qual delas cairia primeiro. Mas ultimamente meus antigos gostos tornaram-se amargos. Eu havia passado a compreender esse tipo de dor. E quaisquer feitiços que possam ter encenado este espetáculo para mim, aquelas pessoas pareceram reais. Elas pareceram gentis. Uma verdade permeava tal mentira e eu não gostei disso.

Do lado de fora, o sol brilhava, observando-nos de um ângulo do meio da manhã, e os gritos ficaram mais fracos, mais distantes.

“Que porra...?” Kent, o Rubro, balançou a cabeça. “Aonde a neblina foi?”

“Que coisa.” Algazarra cuspiu.

As casas gotejavam de lama. Elas pareciam apodrecidas. Os telhados haviam desaparecido.

“O que você viu lá dentro, Makin?”, perguntei, observando a porta. Nada de fogo. Nada de fumaça. Parecia escuro. Como se o sol não estivesse

entrando, mesmo que não houvesse telhado.

Ele balançou a cabeça.

"Elas estão afundando", disse Rike.

Eu vi. Pouco a pouco, cada uma das casas se afundou na podridão do pântano. O som daquilo me fez lembrar de sexo, embora nada estivesse mais distante de meus pensamentos.

"Elas estão voltando", Sim disse. Ele manteve distância das paredes.

Ele estava certo. Se estivéssemos enxergando bem, agora que a neblina havia desaparecido, aquelas casas afundaram muito tempo atrás e algo fez o pântano regurgitá-las só para nós.

"O que aconteceu?", perguntou Makin, embora seu rosto dissesse que ele preferia não saber.

"Eles eram fantasmas", eu disse. "Invocados por minha causa." Uma reconstituição atormentada do sofrimento de Gelleth. Pessoas que morreram por minha causa. "Eles não podem nos ferir."

Em poucos minutos as casas foram engolidas e não restou nenhum sinal delas sobre a lama. Eu perscrutei o horizonte. Nada além de poças paradas, quilômetro após quilômetro. A bruma em retirada havia clareado mais que a minha visão, contudo. Um segundo véu havia sido retirado. Uma espécie mais sutil de neblina que nos acompanhara desde que sentimos o cheiro do pântano. A necromancia formigou em mim. Nós estávamos na superfície de um oceano e os mortos nadavam embaixo. Alguma coisa estava sobrescrevendo meu poder, cegando-me. Alguma coisa ou alguém.

"Mostre-se, Chella!", eu gritei.

O peso de sua necromancia me fez virar para observar o atoleiro de onde ela surgiu. Ela apareceu gradualmente, com lodo negro escorrendo por sua nudez, os cabelos lambuzados em volta de seus ombros, em cima do topo de seus seios. Dez metros de lama negra e traiçoeira nos separavam. Algazarra estava com seu arco nas costas, a balestra do nubano ficou amarrada à sela de Brath. Grumlow pelo menos estava com um punhal na

mão. Um em cada mão, na verdade. Mas ele não parecia tentado a atirar nenhum deles. Talvez não quisesse atrair a atenção dela para si.

Nenhum de nós falou. Nenhum de nós pegou sua arma. A necromante tinha uma mágica que funcionava com os vivos, assim como com os mortos. Ou pelo menos uma mágica que funcionava com homens. O lamaçal havia maculado a pele da qual eu me lembrava tão bem, deixando-a escura, mas ainda firme. O lodo que corria dela, que pingava e grudava, parecia guiar o olhar, dourando cada curva e ponto escuro.

"Olá, Jorg", ela disse.

Ela usou as palavras de Katherine no cemitério. Talvez o que seja dito em tais lugares seja sempre ouvido por aqueles que se casaram com a Morte.

"Você se lembra de mim." Eu me perguntei por quanto tempo ela havia me guiado até aquele ponto. Eu não tinha dúvidas agora de que suas criaturas haviam derrubado a ponte que esperávamos cruzar.

"Eu me lembro de você", ela disse. "E o pântano se lembra de você. Pântanos têm boa memória, Jorg, eles sugam segredos e os guardam, mas no fim, no fim todas as coisas vêm à tona."

Em pensei na caixa em minha cintura e nas lembranças que ela guardava. "Suponho que você veio me dizer para não ficar contra o Príncipe de Arrow."

"Por quê? Você acha que tenho meus poderes sobre ele?"

Eu balancei a cabeça. "Eu teria sentido seu cheiro nele."

"Você não sentiu meu cheiro aqui e este lugar fede à morte", ela disse, sempre se movendo, girando e se esticando lentamente, exigindo atenção.

"Para ser justo, fede a muitas outras coisas mais."

"O Príncipe de Arrow tem defensores suficientes, não precisa de mim. De qualquer modo, é melhor não acreditar em tudo que lê, e quanto mais velho um livro é menos confiáveis são suas histórias."

Havia profecias escritas também? Aquilo me fez rir. Já era ruim o bastante que cada carta de tarô virada e cada runa jogada colocasse Arrow

no trono. Agora os livros, meus amigos mais antigos, haviam se transformado em traidores. “Então por que estamos aqui?”, perguntei. Eu sabia, mas perguntei mesmo assim.

“Estou aqui para você, Jorg”, ela disse, rouca e sedutora.

“Venha me pegar, Chella”, eu disse. Não levantei minha espada, mas a virei para que a luz refletida passasse em seu rosto. Eu não perguntei o que ela queria. Vingança não precisa de explicação. “E *como* você está aqui?” Uma montanha havia caído sobre ela em Gelleth, enterrando-a mais fundo que as profundezas.

Ela franziu a testa. “O Rei Morto veio até mim.” E por um momento, só por um momento, eu juro que a vi estremecer.

“O Rei Morto.” Isso era novidade. Eu achava que havia entendido – que ela estava atrás de vingança, pura e simplesmente, sentimentos que eu compreendia. Afinal, eu jogara o Monte Honas sobre ela. “Ele a enviou?”

“Eu teria vindo de qualquer maneira, Jorg. Nós temos assuntos inacabados.” Novamente a sedução, paralisando os irmãos que haviam começado a se mexer.

“Então quem me quer mais, Chella? Você ou esse seu rei?”

Chella deu um leve rosnado e os irmãos começaram a se libertar de sua influência, pois a irritação a enfraquecia.

“Ou ele me queria mais do que queria você, Chella? É isso? Seu novo rei só a desencavou para me achar para ele?” Dei-lhe meu melhor sorriso. Eu havia chegado à verdade: ela não conseguiu disfarçar a irritação que atravessou sua fronte. Melhor assim – um inimigo com raiva é o melhor tipo para se ter. Mas por que esse Rei Morto havia ficado contra mim dessa maneira eu não fazia ideia.

“Venha me pegar.” Eu a convidei novamente, acenando, esperando incitá-la a ficar ao alcance. Com minha mão livre, empurrei Makin. “Sei que há uma mulher nua e tudo mais, mas se você apontar os irmãos em sentidos

mais úteis, então há menos probabilidades de ser devorado pelos amigos dela."

"Ir pegar você?" Chella sorriu, recobrando a compostura. Ela passou a mão por sobre a boca, jogando a lama para o lado, com os lábios vermelhos como sangue. "Eu realmente quero você. Quero sim. Mas não para quebrá-lo. Eu conheço seu coração, Jorg. Una-se a mim. Nós podemos ser mais do que matéria."

A criatura fazia a região da minha virilha doer, é verdade, como se aquela linha entre luxúria e repulsa houvesse sido apagada tão completamente quanto a vila. Parte de mim queria aceitar seu desafio. *Abrace o que você teme*, eu havia dito a Gog. *Cace seus medos*. E o que é a morte se não o maior dos medos, o inimigo final? Eu havia comido o coração frio de um necromante. Talvez eu devesse pegar Chella, pegar a morte pelo pescoço, e fazê-la me servir. Eu pensei nas mulheres queimando em sua casa. "Você é menos do que matéria", eu disse.

"Palavras cruéis." Ela sorriu e chegou mais perto. Seu movimento fluido capturou meu olhar. O balanço dos seios, a saliência dos quadris, a vermelhidão de sua boca. "Há uma magia entre nós, Jorg. Certamente você a sentiu. Ela não ecoa em seu peito? Ela não subscreve a própria batida de seu coração, querido? Nós fomos feitos para ficar juntos. O Rei Morto me disse que posso ficar com você. E para levá-lo até ele. E eu o farei."

"Você terá uma longa espera por mim no inferno", eu disse. "Porque eu pretendo mandar você para lá agora." Uma frase fraca, talvez, mas a menção ao Rei Morto me fez perder as estribeiras.

Ela sorriu e mandou um beijo com os lábios escarlates. "Você está com raiva porque eu lhe mostrei seus fantasmas? Não fui eu quem os fiz, Jorg."

Aquilo roubou minha certeza. Eu vi Ruth e sua mãe outra vez, escaldadas pela luz quente do Sol dos Construtores. "Eu não sabia qu..."

"Você não sabia que um sol os queimaria. Você achou que uma nuvem de veneno iria se espalhar e devastar a terra. Não é isso? Então, se Ruth, sua

mãe e seu filho estivessem sufocando com seus próprios intestinos, sangrando pelos olhos e ânus, bradando diferentes gritos, estaria tudo bem? Estaria tudo bem porque esse foi o plano?" Chella deu mais um passo adiante. Implacável.

Eu não sabia responder àquilo. Eu havia pensado em envenenar o Castelo Vermelho e sabia que todas as pessoas dentro dele, não apenas os guerreiros, pereceriam. E se as toxinas houvessem se espalhado? Eu não tinha ideia da distância que elas poderiam alcançar. E eu não me importava.

"Você sabe do que os homens realmente têm medo, Chella?", perguntei.

"Conte-me." Ela passou as mãos sobre as coxas, pela barriga, lambuzando a pele escura com lama mais escura ainda.

Makin apertou a balestra do nubano contra a palma de minha mão. Eu a peguei. O troço era quase pesado demais para segurar com uma só mão.

"Os homens têm medo de morrer. Não da morte. Eles querem que seja rápida, limpa. Essa é a pior coisa, a ferida que se prolonga. Não é verdade, Makin?"

"Sim", ele disse. Makin não é um homem de poucas palavras, mas é difícil quebrar o encanto de uma necromante.

"Prolongar", eu disse. "Eis uma palavra que amedronta os irmãos. Não deixem prolongar, eles dizem. E você sabe o que é um morto-vivo, Chella? É a definição do prolongamento. Um covarde morre mil vezes, o Bardo nos disse. E quanto a você? Você só morreu uma vez, mas se prolonga mil vezes mais do que deveria."

"Não zombe de mim, criança", Chella disse. Suas costelas se destacaram agora, suas bochechas ficaram ocas. "Eu tenho mais poder qu..."

"Você pode me mostrar meus fantasmas, Chella. Você pode tentar me assustar com a morte e com coisas mortas para que eu escolha o seu caminho. Mas tenho minha própria estrada para seguir. Meus fantasmas

são somente meus e lidarei com eles sozinho. Você é um produto de podridão e medo e deveria encontrar um túmulo que a aceite."

O momento em que nada podia me pôr medo havia passado. Parece que o pavor é uma companhia nos primeiros anos, quando tudo é novidade, e volta para nós com a idade, quando adquirimos coisas que podemos perder. Talvez eu ainda não tivesse preenchido minha cota completa de covardia, mas os fantasmas de Gelleth e o fato de saber quantas coisas mortas nadavam sob a lama, prontas para o chamado da necromante, fizeram meus ossos se arrepiarem. Eu tinha um príncipe para derrotar, talvez Katherine para cortejar e um trono confortável para aquecer. Ser afogado no lodo por homens mortos não se encaixava naqueles planos.

"Não foram só fantasmas que eu trouxe comigo de Gelleth, Jorg." Chella levantou os braços bem alto, em um movimento lânguido.

Outras formas começaram a surgir do lamaçal, formas humanas.

Eu finquei minha espada no solo e ergui a balestra do nubano.

"Eu andei colecionando", disse Chella.

A figura se levantando na frente dela tinha traços familiares, um porte grande e poderoso, mais escuro onde a lama era rala. Com um buraco em seu peito.

"Acho que ele quer sua balestra de volta", Chella disse.

À sua esquerda, surgiu uma forma inchada, com as tripas penduradas como salsichas negras de sua barriga cortada. Havia outros ao nosso redor, agarrando e sacudindo a lama de seus rostos. Um era uma cabeça e ombros mais altos que o restante, com a carne pendurada de seus ossos em frangalhos.

"Eu andei onde você andou, Jorg, peguei o que você tentou queimar e cavei onde você enterrou. Até na sombra de suas paredes."

Eu conhecia todos eles. O nubano entre Chella e minha balestra... sua balestra; Burlow, o Gordo, à esquerda dela; Gemt com pedaços de cabelo vermelho desbotado no meio da sujeira, com a cabeça costurada de volta;

irmão Gains, irmão Jobe, irmão Roddat. Também o velho Elban, que sempre rezou por um túmulo calmo; Mentiroso, cujo corpo nós nunca encontramos para enterrar, mesmo tendo caído no Assombrado; irmão Price, apenas ossos e farrapos após quatro anos debaixo da terra. E outros surgindo das profundezas do lamaçal ou se arrastando para terreno mais firme.

Chella me observava por cima do ombro do nubano, usando-o como escudo. Outra valiosa lição sobre atacar sem hesitar.

"Una-se a mim." Sua voz tremia pelos pulmões corrompidos. Seus olhos brilhavam, fundos em suas cavidades, como se levantar meus irmãos das profundezas houvesse sugado sua vitalidade. "A força de meu irmão corre em você, sem uso, sumindo, desperdiçada."

Irmão? O necromante que eu havia cortado era irmão dela?

"Obrigado, senhora, mas já esgotei minha cota de necromantes." Disparei ambos os dardos da balestra do nubano. Um fez um buraco no ombro dele. O outro passou pelo pescoço de Chella apenas em um lado de sua garganta.

O nubano, que quase havia se virado pelo impacto, endireitou-se e me encarou novamente, sem expressão em seus lábios cinzentos. Chella pôs a mão em seu pescoço e torceu a cabeça fazendo um barulho como se estalasse cartilagem.

"Nós somos família, Jorg. Famílias discutem. Mas eu o perdoo, e quando eu o levar para o pântano comigo... quando estivermos juntos nos lugares profundos e frios... abraçados como as famílias fazem... você me perdoará também."



Irmão Sim se mantém fechado e você nunca irá conhecê-lo, não importa quais palavras vocês troquem. Ele sussurra algo a cada homem que mata. Se ele dissesse aquilo a um homem e o deixasse viver, talvez eu tivesse perdido um matador.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

32

— QUATRO ANOS ATRÁS —

No pântano quente e interminável de Cantanlona, muitas coisas são perdidas, segredos engolidos, vidas atraídas para a escuridão abaixo. E, às vezes, correntes lentas devolvem o que era melhor ter permanecido escondido.

Nunca é uma boa ideia correr em um atoleiro. Passos lentos são necessários quando um lugar é repleto de poças de areia movediça, lamaçais profundos e montículos de tufos perfeitos para quebrar um tornozelo. No entanto, há momentos em que uma má ideia é o melhor que se tem.

"Sigam-me!", eu gritei, e saí correndo entre os charcos e as touceiras de capim à minha esquerda. Chella se deixou escorregar sob a lama enquanto o nubano se moveu para interceptar.

A necromancia que eu ganhara do irmão de Chella era apenas uma gota no oceano de força que ela possuía. Mas os segredos contêm poder. O segredo que eu tinha em mente havia escapado dos lábios do doutor Raiz-

Mestra e ele nunca teria dado a informação de graça se soubesse que ela ainda possuía valor.

"Eu o liberto, Kashta!" Bati a palma de minha mão no peito dele, sem me importar com suas mãos me agarrando.

Quando um nome é mantido em segredo, seu poder se multiplica. O nubano tombou sem pestanejar e eu senti que ele nunca se levantaria de novo. Quando ele caiu minha raiva aumentou.

Eu continuei chapinhando com os irmãos vivos atrás de mim e os irmãos mortos atrás deles. Atrás e à minha direita, Burlow, o Gordo, se moveu para bloquear Rike. Continuei a correr, encontrando uma crista baixa em solo mais firme. Ao me virar, vi o sabre de Rike atravessar o braço de Burlow. Burlow o agarrou com sua outra mão, mas Makin a cortou e os dois homens seguiram em frente, diminuindo ao atingir solo mais mole e começando a prosseguir com dificuldade. Makin perdeu uma bota para a areia movediça, mas conseguiu chegar até o meu lado. Nossos cavalos em pânico correram em várias direções; alguns galoparam atrás de nós, Brath entre eles, mas eu vi dois cavalos atingirem a lama e começarem a afundar, empinando-se e mergulhando como se achassem que fossem sair dali.

A alguns metros de distância, uma poça de lama começou a fervilhar com atividade. Cadáver após cadáver, os mortos saíram dela como se estivessem empilhados a uma enorme profundidade e com intimidade perturbadora.

Eu prossegui. Pareceu-me que, embora os mortos-vivos não tivessem medo e precisassem ser cortados em pedaços antes de parar de tentar nos matar, pelo menos eles eram lentos. Em um campo aberto, nós os teríamos deixado comendo poeira. No pântano, a briga parecia ser mais de igual para igual. Uma aura generalizada de morte lenta contamina a lama nos pântanos de Cantanlona. De alguma maneira, o próprio lamaçal está meio vivo, ou meio morto, dependendo da sua perspectiva, e ele apoiava os mortos-vivos, regurgitando-os, impedindo-os de afundar.

Os cadáveres da poça de lama conseguiram nos interceptar quando a terra firme se virou para a esquerda.

"Continuem se movimentando!", gritei.

Makin cortou um deles no peito, seu treinamento o enganou pela primeira vez. A criatura não percebeu o ferimento e o agarrou com os braços lamacentos. Rike nem se preocupou em usar a espada. Ele meteu sua bota na barriga do cadáver em seu caminho com tanta força que o atirou metros para trás, derrubando outro antes que nos alcançasse. De todos os irmãos, Kent provou ser o mais indicado para o trabalho. Seu machado nórdico arrancava membros ávidos, costurando um padrão furioso que deixou o charco repleto de mãos, braços e cabeças.

Nós continuamos a correr, com as criaturas em nosso encalço, silenciosas em sua determinação de nos capturar e nos desmembrar, apenas com o som de seu chapinhar e de nossa respiração ofegante. Em um ponto, um exército cinzento de mortos-vivos estava atrás de nós, mas a cada quilômetro eles ficavam mais para trás, até que finalmente sumiram de vista.

Mandei parar em um monte baixo que nos oferecia uma base sólida e uma visão elevada dos pântanos. Um círculo de pedras desgastadas indicava que o local havia sido usado para um enterro, algum comandante da região talvez, mas a sepultura parecia ter sido esvaziada anos atrás e eu não senti mais morte ali do que em qualquer outro lugar do atoleiro que nos cercava. Minha raiva se manteve comigo durante a longa perseguição. Chella havia mantido o corpo do nubano como um brinquedo por mais de meio ano. Eu não sabia se alguma coisa do homem resistia quando a necromancia habitava seu corpo, mas a possibilidade de seu sofrimento e o pavor dele, se isso acontecesse, fizeram com que eu jurasse vingança. Só havia feito uma promessa como essa antes e naquela ocasião, como agora, eu a fiz sem palavras e com toda a intenção de acabar com o mundo, se isso fosse necessário para cumpri-la.

“Eu não quero passar outra noite neste lugar”, disse Makin.

“É mesmo?”, Rike grunhiu, sentado na maior pedra. Eu nunca o vira usar de sarcasmo antes. Imaginei que ele devia guardá-lo para circunstâncias extremas.

“Fique em pé por um instante, Rike”, eu disse.

Ele ficou. Ergui a ponta de minha espada até o lado dele. Com uma estocada e uma torção, arranquei a mão cortada de Burlow, rasgando o pedaço da túnica que ela segurava, e a atirei no pântano.

“Nós entramos no inferno”, Grumlow disse com convicção. “Nós nos perdemos e agora estamos no inferno.” Ele tinha lama lambuzada em um lado do rosto e sangue coagulado em seu bigode, fios dele formando caminhos vermelhos do nariz ao lábio.

“O inferno cheira melhor”, eu disse.

Com os cavalos à nossa volta, o monte estava lotado e nossas linhas de visão bloqueadas. Eu empurrei o tordilho de lado, dando um tapa em sua traseira. Dos cinco cavalos que nos restavam ela era a única relaxada o bastante para pastar na grama curta.

“Nós devíamos ir”, disse Makin.

Nós devíamos, mas para onde? O horizonte não oferecia nada. A não ser, talvez...

“Aquilo é o mar?”, apontei. Ao leste, uma pitada de preto ou azul contornava os pontos mais distantes do pântano.

Um grito agudo interrompeu qualquer um que estivesse inclinado a responder. Eu me virei em direção ao som. Logo atrás de nós, com água até as coxas e com a vegetação até o peito, Chella segurava o jovem Sim pelo pescoço e pela cabeça. Ela deu outro passo para trás no monte, arrastando Sim. Parecia que ela fizera alguma coisa a ele, pois seus braços estavam estáticos ao longo do corpo, embora ele nos observasse com os olhos ferozes. Nós o chamávamos de jovem Sim e ele talvez tivesse dezesseis anos,

mas em matéria de matar ele era veterano e não teria ido facilmente sem um bom motivo.

"Jorg, você não deveria fugir de mim", disse Chella. A água havia lavado a lama, mas não conseguiu tirar as manchas do pântano de sua pele, da cor de madeira velha. Os motivos celtas que a estampavam também eram profundos, não da cor que eu pensava que fossem. Uma agulha deve ter feito aqueles redemoinhos e nós nos braços dela, estendendo-se por suas laterais.

"Não quero nada de você, necromante." Eu ainda estava com a balestra do nubano, embora não a houvesse recarregado. Mirei nela, supondo que Chella não fosse prestar muita atenção ao número de dardos adequados. "Qualquer poder que eu tenha consumido está se desvanecendo. Mais devagar do que eu gostaria, mas ele sumirá e eu não me lamentarei. Não quero parte alguma de você ou de seu negócio sujo."

Ela sorriu. "O Rei Morto não o deixará escapar, Jorg. Ele está reunindo toda a nossa espécie. Navios negros aguardam para nos levar às Ilhas Submersas."

Eu não respondi. Minha raiva havia diminuído uma vez que eu havia prometido destruir Chella. A vingança é paciente quando precisa ser e ela queria usar os irmãos contra mim, para me enfurecer, para me fazer persegui-la até afundar na lama. Eu não queria que ela soubesse quão fundos seus ganchos haviam me prendido.

"Você não vai me pedir para soltar seu irmão, Jorg?" Ela arrastou Sim mais um metro para trás.

Algazarra estava com uma flecha apontada para ela e Grumlow parecia pronto para atirar sua faca dessa vez. Grumlow gostava de Sim: o medo não paralisaria sua mão.

"Então você tem meu irmão. Coma o coração dele e nós estaremos quites. De volta ao ponto em que começamos", eu disse. Sabia que ela não soltaria Sim. Ela só queria que eu pedisse.

“Ah, não dá para voltar, Jorg. Você deveria saber disso. Você nunca pode voltar. Nem mesmo se todos os sinais de necromancia saíssem de você. Veja!” Ela mudou rapidamente a posição das mãos e puxou a cabeça de Sim para a direita. Exageradamente para a direita. A fricção dos ossos me fez ranger os dentes. “Agoooora...” Ela girou lentamente a cabeça dele de volta para nos encarar. “Ele está de volta. Mas ele não é o mesmo agora, é?”

“Vaca!” Algazarra soltou sua flecha. Não sei se sua mão tremeu ou se Chella se mexeu mais rápido do que eu pude ver, mas a flecha acabou projetada no olho de Sim.

“Agora veja o que você fez.” Sua boca vermelha sorrindo, seus olhos sedutores, e ela sussurrou no ouvido de Sim.

Grumlow jogou sua faca, mas Chella já estava caindo. Talvez a faca a tenha cortado, mas as águas a encobriram antes que desse para ver.

Sim, apesar da flechada e de seu pescoço quebrado, permaneceu de pé. Em seguida, ele deu um passo incerto em nossa direção. A água limpa entre os juncos se anuviou conforme a lama abaixo começou a se agitar.

“O mar”, eu gritei. Apontei só para garantir. O Príncipe de Arrow havia me aconselhado a ver o oceano e parecia que talvez fosse a última coisa que eu faria. Os irmãos não precisaram de incentivo. Nós começamos a correr, esperando que o irmão Sim fosse tão lento quanto os outros homens mortos e não tão rápido quanto nos lembrávamos que ele era.



Você pode confiar no irmão Algazarra. Confiar que ele irá mentir, confiar que irá trapacear, talvez trair. Acima de tudo, confiar que será fiel ao que ele é, um enganador, um assassino no escuro, habilidoso no combate. Confie em tudo isso e ele não decepcionará.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

33

— QUATRO ANOS ATRÁS —

A maresia só acrescentava um sabor salgado ao fedor dos pântanos de Cantanlona. Dava para ver uma extensão de água agora, ainda a quilômetros de distância.

"Pelo menos eles são lerdos", disse Kent. Ele chapinhou a meu lado, de machado em punho, e arriscou uma olhada para trás. Correr em um pântano com um machado afiado enquanto se olha para trás não é recomendável. Mas, pensando bem, nada do que havíamos feito durante dois dias era recomendável.

A brisa do mar trazia consigo um gemido baixo. Tentei não me preocupar com aquilo.

Nós prosseguimos, sem querer descansar depois da última vez. Quatro cavalos nos seguiam, depois que o de Algazarra havia quebrado a pata ao pisar em um buraco de lama. Fiz Kent arrancar as pernas dele após

Algazarra ter cortado sua garganta. “Não quero que Chella o faça levantar de novo e mande seus mortos cavalgando atrás de nós.”

O mar parecia ficar maior a cada minuto. Em breve estaríamos no pântano salgado.

“Jesus amado.” Algazarra parou subitamente à minha frente. De todos os irmãos, ele era o menos propenso a chamar por auxílio divino.

Eu cheguei até seu ombro. Os pântanos que estávamos atravessando terminaram sem avisar e um grande trecho de lama se estendia à nossa frente, até dar lugar a canaviais após uns duzentos metros. Foram as cabeças que fizeram Algazarra parar, não a lama.

A cada cinco metros, como repolhos em um campo, uma cabeça se projetava da lama. As mais próximas pararam de gemer e viraram seus olhos para nos observar.

A que estava perto dos pés de Algazarra, uma mulher de meia-idade, de queixo protuberante, esforçou-se para ver nossos rostos. “Deus me salve”, ela disse. “Salve-me.”

“Você está viva?”, eu me ajoelhei ao lado dela, com a lama firme sob mim, como argila molhada.

“Salve-me!” Um grito agudo agora.

“Eles estão embaixo.” Um homem à nossa esquerda, da idade de Makin talvez, de barba preta, com lama apenas na parte inferior da barba, como se a chuva o houvesse lavado.

Estendi a mão, com a necromancia concentrando-se na ponta de meus dedos. Eu não sentia mais morte nesta lama do que em qualquer outra parte do pântano. Exceto em volta das próprias pessoas. Eu sentia a vida escoando-se deles – sendo substituída por algo menos vital, mas mais durável.

“Eles estão arrancando a minha pele!” A voz do homem elevou-se a um grito.

À nossa direita, uma mulher mais jovem, com os cabelos pretos caídos na lama. Ela se virou para nos encarar, sua pele manchada por veias negras como aquelas em meu peito. Ela rosnou. Um som profundo e gutural, cheio de fome. E atrás dela outra mulher que poderia ser sua irmã. “Elas vêm à noite. Crianças mortas. Elas nos dão água suja e nos alimentam com coisas horríveis. Coisas horríveis.” Ela abaixou a cabeça novamente.

“Matem-me.” Um homem mais ao longe do lamaçal.

“E a mim.” Outro.

“Quanto tempo...” eu disse.

“Há quanto tempo vocês estão aqui?”, perguntou Makin.

“Três dias.”

“Duas semanas.”

“Nove dias.”

“Desde sempre!” Os gemidos e rosnados aumentaram de volume.

Eu me levantei, com os braços frios, me sentindo enjoado. “Por quê?”, perguntei a Makin. Ele deu de ombros.

“Eu sei”, disse Rike.

“Você não sabe de nada, Rike”, eu lhe disse.

Mas ele sabia. “Os vivos e os mortos”, ele disse. “Ela os está fazendo aqui. Deixando-os cozinhar. Ela está transformando-os lentamente para que sejam rápidos. Já ouvi falar disso antes.”

Na lama, outra cabeça nos observou com novo apetite e soltou um guincho. Várias outras aproveitaram o ensejo.

“Dê o que elas querem, Kent”, eu disse.

“Não! Por favor, misericórdia.” A mulher aos pés de Algazarra implorou. “Eu tenho filhos.”

“Ou, se elas não quiserem, dê-lhes o que precisam”, eu disse.

Kent começou a aparar o campo. Um trabalho sangrento e difícil para as costas. Os outros contribuíram, Rike com um raro entusiasmo.

Nós nos locomovemos trotando, ávidos por ficarmos livres do lugar.

“Este não será o único campo”, disse Makin. Ele perdera sua outra bota no caminho e corria descalço agora.

Eu não estava tão preocupado com o que mais Chella estivesse cultivando. Eu me preocupava mais com o que ela já havia cultivado.

Nós saímos de um mar verde para chegar a um cinza. O canavial alcançava até o peito ou mais alto, com lama escura ao redor que ia até suas canelas antes de dar o próximo passo. Amplas faixas de lama aberta dividiam os canaviais, cada uma com um minúsculo fio d’água correndo no meio. Comecei a ouvir as ondas distantes ao chegarmos a mais uma dessas divisões.

“Não.” Grumlow pôs a mão em meu ombro antes que eu pisasse na lama.

Em direção ao meio, onde o fio d’água formava uma fita brilhante, a lama se agitou.

Algazarra pegou seu arco. Girei a balestra do nubano.

A lama se mexeu novamente, amontoou-se e começou a fluir em ondas relutantes conforme algo negro emergia.

“É a porra de um barco”, disse Rike.

Obviamente era o dia de Rike estar certo. Um barco de pesca de madeira preta e podre emergiu como se surgisse debaixo de uma onda gigantesca, com sua tripulação se erguendo do convés, derramando lama e nacos de carne apodrecida ao se levantar. Eu pensei no capitão gordo em sua barca cruzando o Rima. Talvez ele tenha feito a escolha certa ao se ater à rota que conhecia, no fim das contas.

“Para trás!” E eu os conduzi aos canaviais outra vez.

Nós corremos, abrindo caminho entre canas mais altas que eu, batendo em meu rosto.

“Algo está vindo”, gritou Rike. Ele ainda podia ver acima do verde.

“Do barco?”, eu gritei.

“Não. Do outro lado.”

Nós nos desviamos e corremos mais rápido.

Eu podia ouvi-los. Aproximando-se de nós, atravessando as hastes.

"O que é?", eu gritei.

"Não dá para ver", disse Rike, ofegante agora. "Só vejo a cana caindo."

"Parem!" E obedeci à minha própria ordem. Joguei a balestra do nubano no chão e saquei minha espada, ceifando as canas. "Abram uma clareira!", eu gritei.

Não faz sentido correr se você será capturado.

Três homens mortos chegaram à nossa clareira enquanto a abríamos. Eles se moviam com uma rapidez desconcertante, uivando no momento em que nos viram. Sem vacilar, os três se atiraram contra nós, com as mãos em direção aos pescoços. Algazarra caiu. Eu espetei o que me escolheu. Ele literalmente engoliu minha espada, com suas bochechas partidas alcançando o cabo enquanto a ponta escavava entre os pulmões até o estômago. Uma imagem de Thomas no circo veio à mente.

Ter seus órgãos vitais divididos por um metro e vinte de aço só pareceu enfurecer meu inimigo. Ele quase arrancou a espada de minha mão enquanto se esforçava para agarrar meu pescoço. Eu me segurei e ele me empurrou de volta pelo canavial, com o inimigo quase de quatro, atacando como se quisesse engolir a espada mais ainda. Se pudesse abrir mais a boca ele teria engolido o cabo e minhas mãos também. Órgãos vitais parecia ser uma expressão incorreta.

O morto continuou a empurrar, gargarejando sangue escuro ao me forçar para trás, caindo em uma poça de areia movediça. Enterrei e girei minha espada, e a arranquei, atravessando seu pescoço, peito e barriga. Suas tripas saíram escorrendo e ele caiu na poça, tentando me agarrar conforme eu me libertava e fincava minha espada em solo mais firme. Chutando com um medo incontrolável e me rebocando em minha espada, consegui me arrastar para fora da poça. Fiquei deitado de costas, arquejando. Eu podia ouvir os gritos e rosnados dos outros mortos e os xingamentos dos irmãos

enquanto lutavam. O canavial se elevava acima de minha cabeça como gigantes da floresta, balançando-se suavemente contra o azul do céu.

Quando recuperei o fôlego e voltei para a clareira a luta havia terminado.

"Algazarra está morto", Makin esfregou rasgos em sua bochecha com um punhado de canas. Elas pareciam tornar as coisas piores, mas talvez ele quisesse que o sangue saísse limpo.

"Nunca gostei dele", eu disse. Nós dizíamos esse tipo de coisa na estrada. E, além do mais, era verdade.

"Certifiquem-se de que não há nada com que Chella possa brincar", eu disse a Kent.

Ele começou a decapitar o primeiro de nossos atacantes. Alguém já havia arrancado seus braços e sua boca estava cheia de lama, mas ele ainda se contorcia e olhava fixamente.

Ver Makin cuidar de suas feridas me fez lembrar de me apalpar. Às vezes, você leva horas até perceber um ferimento ocorrido na batalha.

"Merda", eu disse.

"O quê?" Makin levantou a cabeça.

"Eu perdi a caixa." Passei as mãos em minha cintura como se pudesse não tê-la percebido da primeira vez.

"Já foi tarde", Makin disse.

Andei de volta pelo caminho de canas achatadas onde o morto-vivo havia me empurrado. Nada. Cheguei à areia movediça.

"Está afundada aqui", eu disse.

"Que bom." Makin apareceu atrás de mim.

Eu me virei. Não parecia certo perdê-la. Eu achava que era algo que devesse manter. Parte de mim.

"Kent!", eu gritei. Ele parou com seu machado levantado acima da cabeça e o corpo de Algazarra a seus pés.

"Deixe-o", eu disse.

Andei de volta e me ajoelhei ao lado de Algazarra. A morte não é bonita de perto. O velhote havia se borrado e fedia ainda mais que de costume. Farrapos vermelhos e rosados de sua garganta estavam dependurados sobre suas clavículas; pedaços soltos de cartilagem branca saíam para emoldurar o buraco escuro em seus pulmões. Rastros de catarro e sangue roxo escorriam de seu nariz, e seus olhos se reviraram para a esquerda em um ângulo dolorosamente agudo.

"Não terminei com você, irmão Algazarra", eu disse.

Peguei as mãos dele. As mãos de homens mortos não são intrinsecamente desagradáveis, mas na verdade aquilo fez minha pele se arrepiar, quando entrelacei meus dedos com os dele. Ele ficou lá, flácido, com a pele endurecida da palma de suas mãos arranhando-se contra mim.

"O que você está fazendo?", perguntou Grumlow.

"Tenho um trabalho para você, irmão Algazarra", eu disse.

Eu procurei por ele. Ele não podia estar longe em apenas alguns minutos. Senti o pulso da necromancia na ferida aberta em meu peito. Uma mão escura se fechou em volta de meu coração e um calafrio me envolveu.

Eu sabia que possuía muito pouco poder, apenas um fio, como aquele filete de água nas largas avenidas de lama. Mas Algazarra ainda estava morno. Seu coração não batia, mas se contorcia e se estremecia, e o mais importante – eu o conhecia do sangue até os ossos. Nunca gostei dele, mas o conhecia.

Para fazer um morto andar, você precisa vestir sua pele. Você precisa entrar debaixo dela, deixar as batidas de seu coração ecoarem nela, correr a sua mente pelos pensamentos do morto.

Cuspi como Algazarra fazia. Levantei a cabeça e observei os irmãos com os olhos apertados, vendo-os com os gostos e desgostos de Algazarra, a inveja, velhos ressentimentos, dívidas relembradas.

"Irmão Algazarra", eu disse.

Eu me levantei. Nós nos levantamos. Ele se levantou.

Fiquei cara a cara com seu corpo e ele me observava de um lugar distante, através de olhos que um dia possuiu. Os irmãos não disseram nada quando eu caminhei de volta à poça e Algazarra me seguiu.

"Encontre-a", eu disse.

Eu não precisei me explicar. Nós vestíamos a mesma pele.

Algazarra entrou na poça e deixou que ela o levasse. Eu me agachei para assistir.

Algazarra havia desaparecido de vista antes de eu sentir o aço em meu pescoço. Olhei em volta e para cima ao longo da lâmina.

"Nunca faça isso comigo", disse Makin. "Jure."

"Eu juro", respondi.

Eu não precisei ser convencido.



TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

34

— QUATRO ANOS ATRÁS —

Parecia que estávamos correndo nos pântanos a maior parte de nossas vidas. Tínhamos respingos de lama até na cabeça. Os irmãos exibiam pele branca apenas onde haviam enxugado a sujeira, ao redor dos olhos. Agora, com o sol se pondo avermelhado no horizonte, a oeste, aquilo dava a eles um visual selvagem. Em breve, quando o sol se afogasse no pântano e nos deixasse na escuridão, nós nos afogaríamos também.

"Mais dos desgraçados", gritou Rike. Mais uma vez ele era o único que conseguia enxergar acima do mar de cana.

"Quantos?", eu perguntei.

"Todos eles", ele disse. "É como se todo o canavial estivesse caindo."

Eu podia ouvir os rosnados, fracos porém claros no ar do anoitecer. Apalpei a caixa em meu quadril. Algazarra demorou duas horas para encontrar, duas horas até sua mão finalmente romper a superfície para dá-la para mim. Os irmãos não gostavam de esperar, mas duas horas a mais

não teriam nos tirado do inferno lamacento de Chella. Nós o deixamos na poça. Eu disse a Makin que o havia libertado. Mas não era verdade.

"Você consegue ver algum terreno limpo?", perguntei.

Rike não respondeu, mas zarpou com propósito, então nós o seguimos.

Os rosnados ficaram mais altos, mais próximos de nós. Corremos com força, com o barulho dos pés rápidos e mortos mais perto a cada segundo, e a destruição do canavial conforme abriam caminho.

Em um momento, eu corria através de uma cegueira verde e apressada, e no outro cheguei a um pequeno monte. Parecia uma colina, apesar de não ter mais que um metro de altura do nível da água.

"Bom trabalho", eu disse a Rike, e em seguida tomei fôlego. É melhor morrer a céu aberto.

O exército de Chella convergiu para nós por todos os lados. Os rápidos, mosqueados e manchados de lama, com uma ira imortal em seus rostos e uma luz malévola em seus olhos, dezenas deles, cercaram o monte. Atrás deles, minutos mais tarde, cambaleando pelo canavial achatado, vieram os mortos cinzentos e putrefatos, e entre eles os mortos das profundezas do pântano, curtidos até a resistência de couro velho e de cor semelhante. Eu vi os ossos altos e a carne esfarrapada de Price sobrepujando todos os outros. Chella andava a seu lado usando um vestido branco, todo com rendas e caudas que poderiam ser usadas em um casamento real. Quase sem um pingo de lama nele.

"Olá, Jorg", ela disse. Ela estava longe demais para eu ouvir, mas todas as bocas mortas sussurraram suas palavras.

"Vá para o inferno, vadia." Eu preferia ter dito algo inteligente.

"Não, palavras grosseiras no dia de nosso casamento não, Jorg", ela disse, e os mortos a ecoaram. "O Rei Morto ressuscitou. Os navios negros navegam. Você se unirá a mim. Amará a mim. E juntos nós iremos abrir o Portão Gilden para nosso mestre e colocar um novo imperador no trono."

Os mortos de Gelleth vieram em seguida, vagueando pelo pântano como se estivessem perdidos, perambulando de um lado para o outro. Esses eram fantasmas, mas pareciam bastante reais, com suas queimaduras e suas feridas, dentes faltando, cabelo e pele caindo. Centenas deles, milhares, em um grande círculo de acusação. Eles se apertaram tanto que lá no fundo alguns dos mortos do pântano foram empurrados de lado e pisoteados.

"Então", disse Rike, "case-se com a vadia."

"Ela vai matar todos vocês de um jeito ou de outro, Rike. Ela terá seu cadáver andando ao lado dela. Price de um lado, você do outro, os irmãos todos juntos novamente."

"Ah", ele disse. "Então que se foda."

"Vamos lá, Jorg, não seja infantil", disse Chella, e os mortos falaram junto com ela. Ela falou novamente, desta vez ecoada apenas por uma voz, de um cadáver de mulher próximo à beirada de nosso monte. Um cadáver lamacento, com um braço carcomido até o osso, a pele manchada, os lábios cinzentos e podres, mas com algo dos traços de Ruth em seu rosto. "O Rei Morto está vindo. Os mortos se elevam como a maré. Eles são mais numerosos que os vivos e cada batalha faz mais cadáveres, não mais homens." A língua da mulher morta se contorceu, preta e brilhante, com as palavras de Chella saindo dela. "Una-se a mim, Jorg. Há um lugar para você aqui. Há poder a ser tomado e detido."

"Há mais que isso", eu disse. Mesmo a alta consideração que eu tinha de meus encantos não me permitia acreditar que ela estivesse tão apaixonada a ponto de atravessar nações para aquilo. E, se fosse vingança que a motivasse, ela poderia realizá-la facilmente agora sem toda aquela farsa. "O Rei Morto lhe dá medo." Ela parecia ávida demais, desesperada até. "O que ele quer comigo?"

Até com tantos metros entre nós eu conseguia lê-la. *Ela não sabia.*

Fiz que ia dar um passo à frente, mas algo pegou meu pé. Ao olhar para baixo, vi dentes, um crânio de cachorro meio enterrado, meio para fora,

segurando meu pé. Outro fantasma, mas me agarrou mesmo assim.

Eu olhei para a horda de mortos, analisando a multidão amontoada de fantasmas atrás deles. Chella não poderia saber sobre meu cachorro, Justiça. Ela não poderia ter reunido todos os mortos de Gelleth ou aprendido suas histórias. De alguma maneira, isso vinha de mim. De alguma maneira Chella, estava puxando os fantasmas de meu passado por qualquer buraco que eu tenha feito no mundo. Nem mesmo eram fantasmas que eu conhecia, mas fantasmas daqueles cujo fim eu causei. Senti a ponta de uma ideia, não a forma toda, mas uma ponta.

O crânio trouxe meu olhar de volta ao chão a meus pés. "Você não devia ter feito isso", eu disse. Eu me libertei. Senti me dilacerar, mas os dentes de Justiça não deixaram marcas sobre minha bota. Era apenas dor, sem sangue. Era apenas minha mente que me aprisionava. Os fantasmas não podiam nos fazer mal, senão teríamos morrido na casa de Ruth, teríamos queimado com eles quando o Sol dos Construtores se acendeu. Chella os trouxera apenas para me atormentar.

"Vamos nos casar, querido", disse Chella. "A congregação está reunida. Tenho certeza de que conseguimos encontrar um clérigo para realizar a cerimônia."

E movendo-se entre os outros fantasmas veio frei Glen, uma sombra bruxuleando à luz do dia, menos nítido do que os outros espíritos, como se algo tentasse mantê-lo afastado. Em minha cintura, a caixa de memórias ficou mais pesada. Eu não ficara sabendo que frei Glen havia morrido, mas talvez eu soubesse e escolhesse esquecer. Ele se aproximou lentamente, mancando, embora eu não visse ferimento nele, e ele não parecia muito satisfeito. Em uma das mãos, segurava uma faca, uma faca familiar, vermelha de sangue. Quando um morto cambaleou em seu caminho o frei o apunhalou no pescoço. A criatura tombou com a faca ainda nela. Os fantasmas não podiam machucar os vivos, mas aparentemente podiam

machucar os mortos à vontade. Frei Glen seguiu mancando até ficar ao lado de Chella.

Eu me perguntei como o fantasma do frei havia chegado até aqui, observando-me com tanto ódio. Eu o sentia a cinquenta metros de distância. Mas, mais do que isso – mais do que eu me perguntava sobre frei Glen –, circulei em torno das palavras que Chella disse antes de chamá-lo.

A congregação está reunida.

Os mortos-vivos se aproximaram, embora eu não tenha ouvido nenhuma instrução. Eles deram passos lentos, com as mãos prontas para agarrar e torcer e rasgar. Contra tantos, nós resistiríamos por instantes.

"Não é um casamento de verdade se minha família não puder comparecer." Embainhei minha espada.

"Alguns fantasmas eu não posso convocar. Os mortos da realeza estão enterrados em túmulos consagrados e repousam com magias antigas. Se eu pudesse fazer sua mãe dançar para você teria feito isso há muito tempo", disse Chella. O sussurro chegou a mim através da multidão, contorcendo-se nos lábios dos mortos-vivos conforme eles chegavam ainda mais perto.

A congregação está reunida, mas alguns fantasmas ela não pode convocar.

Os cavalos remanescentes relincharam atrás de mim, nervosos, inclusive o tordilho.

"Estava pensando em meus irmãos", eu disse. Abri os braços para a esquerda e para a direita para indicar Makin, Kent, Grumlow e Rike.

"Eles podem comparecer", disse Chella. "Eu os deixarei com seus olhos."

"Não vamos ter música? Poetas para declamar? Sem flores?", perguntei. Eu estava protelando.

"Você está protelando", ela disse.

A congregação está reunida. Fora aqueles que ela não consegue convocar. E aqueles que ela não quer.

"Há um poeta no qual estou pensando, Chella. Um poema. Um adequado. 'À sua recatada senhora.'"

“Eu sou recatada?” Ela se aproximou, balançando-se entre os mortos.

A sabedoria dos poetas sobreviveu à dos Construtores.

“O poema é sobre o tempo, pelo menos em parte. Sobre como o poeta não pode parar o tempo. E, no final, ele diz: ‘Portanto, embora nosso sol não possamos fazer/ Fique parada, e assim fá-lo-emos correr’.”

Fantasmas não podem machucar os homens. Eles podem enlouquecê-los. Podem atormentá-los ao ponto de tirarem suas próprias vidas, mas eles não podem feri-los. Eu senti que isso era verdade. Minha necromancia roubada me disse que era assim. Mas eles podem machucar os mortos, ao que parece. Eu havia visto com meus próprios olhos. Os cadáveres que Chella pusera para andar podiam ser derrubados por espíritos porque eles estavam mais próximos de seu mundo, pertos o bastante dos portões da morte para que um fantasma estendesse a mão e os esganassem.

“Muito gentil”, disse Chella. “Mas isso não me fará parar.”

“Então eu a farei correr.” E com cada fragmento de minha vontade convoquei meus fantasmas. Eu os puxei pelos portões que Chella havia aberto. Com os braços abertos, devolvi cada sombra e fantasma, cada assombro e espírito que havia me seguido nesses longos anos. Eu os sangrei através de meu peito, deixei que pulsassem através de mim com cada batida de meu coração. Eu não podia impedir Chella de suscitar aqueles que ela queria, mas podia muito bem me certificar de que todos viessem, cada um deles. Correndo.

E eles vieram. A congregação que Chella havia escolhido não convidar. Os mortos queimados de Gelleth, aqueles que o Sol dos Construtores levou primeiro – não as vítimas dos arredores da explosão, como Ruth e sua mãe, mas aqueles que arderam no Castelo Vermelho, no coração do incêndio. Eles jorravam de mim em uma torrente interminável. Dez deles para cada filho de Gelleth que Chella havia produzido. E os meus mortos, os mortos queimados, traziam consigo um fogo como nenhum outro. Eles ardiam como velas na lareira, a pele escorrendo, as chamas saltando, cada homem

ou mulher gritando e correndo ou cambaleando e se segurando. E atrás deles, com passo moderado, um novo tipo de fantasma, cada um brilhando com uma luz terrível que tornava sua carne um rosa turvo e fazia sombras de seus ossos.

Eu vi apenas fogo sem calor, ouvi apenas gritos, e após muito tempo nós estávamos sozinhos em nosso monte sem sinal de Chella ou seu exército, salvo por ossos escurecidos fumegando no canavial úmido.

"O casamento está cancelado", eu disse, e tomando a direção do pôr do sol guiei os irmãos para o sul.



Irmão Makin tem altos ideais. Se ele se ativesse a eles, nós seríamos inimigos. Se ele alimentasse seu fracasso, nós não seríamos amigos.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

35

Dia do Casamento



ma pá?", disse Hobbs.

Se havia alguém para dar nomes aos bois, era o mestre da guarda Hobbs. Eu estava simplesmente impressionado que um homem da idade dele ainda tivesse fôlego a essa altura para constatar o óbvio ou não.

Dei chutes na neve. Pás estavam por toda parte, cobertas pela neve recente.

"Mande os esquadrões de Stodd e Keppen atirar para baixo da montanha. Os soldados de Harold, eu quero que eles usem estas pás para cavar", eu disse.

"Stodd está morto." Hobbs cuspiu e observou o campo de neve. O espaço entre a guarda e nossos perseguidores havia desaparecido. Aqui

e ali os homens haviam parado de correr. Poucos conseguiram sacar uma espada, quiçá usá-la, antes de serem abatidos.

Sangue na neve é muito bonito. Quando a neve é um polvilhado profundo, o sangue abre um buraco e não há muito para se ver, mas onde a neve tem uma camada de gelo aquele branco reluzente brilha através do escarlate e faz o sangue parecer de algum modo mais rico e mais vital do que jamais fora em suas veias.

"Ponha homens para atirar para baixo. Não me importa o que eles atinjam. Pernas são boas. Coloquem mais corpos no caminho. Atrase-os."

Um homem ferido é um obstáculo maior do que um morto. Faça um ferimento grande em um homem e ele geralmente fica pegajoso, como se achasse que você pudesse salvá-lo e tudo o que ele precisa fazer é se agarrar para que você não vá embora. Os recém-feridos gostam de companhia. Dê-lhes um pouco de tempo e eles preferirão ficar sozinhos com sua dor. Por um momento, eu vi Coddin, com frestas irregulares de luz iluminando seu contorno, curvado em seu túmulo. Alguns povos enterram seus mortos assim, curvados, com a testa nos joelhos. Makin disse que fica mais fácil cavar uma cova, mas a meu ver é mais um retorno. Nós ficamos curvados no útero.

"Atirem nos desgraçados!", gritei. Agitei as mãos na direção dos homens que eu queria usando seus arcos. "Não escolham alvos."

Makin cambaleou para cima e joguei uma pá em seu peito. Capitão Harold e eu começamos a pegar outros soldados e a colocá-los para cavar. Nenhum deles perguntou por quê. Exceto Makin, mas, honestamente, acho que ele só queria a oportunidade de descansar.

"Nós viemos aqui uma vez", ele disse.

"Sim." Joguei mais um monte de neve para trás de mim. Parecia estranho ter escalado, pelo que pareceu uma eternidade, para agora

estar desesperadamente cavando de volta, com a última de minhas forças.

"Nós estávamos a caminho de alguma vila... Cutting?"

"Gutting", eu disse. Outro monte de neve. Os gritos e o choque de lâminas estavam mais próximos agora.

"Isto é maluquice!" Makin soltou a pá e sacou sua espada. "Eu me lembro agora. Há cavernas aqui. Mas elas não levam a lugar algum. Nós as vasculhamos. Os homens que temos aqui – eles mal caberiam nelas."

Minha pá bateu no nada e escorregou de meus dedos dormentes para o vazio embaixo. "Eu acabei! Cave aqui!"

O combate chegou a cinquenta metros de nossa posição, uma briga sangrenta, retumbante, com homens escorregando na neve, que agora era uma papa rosada, gritos, membros amputados, lâminas escorrendo. E além da carnificina, como uma flecha apontada diretamente para mim, mais e mais e mais soldados, em uma fileira que se engrossava a uma massa de várias centenas de largura, cruzando o limite da neve lá embaixo.

"Talvez eu tenha saído tarde demais", eu disse. Eu sabia que havia saído tarde demais. Passei tempo demais com Coddin. E os homens de Arrow eram mais rápidos do que eu achei que seriam.

"Tarde demais?", gritou Makin. Ele balançou sua espada ao exército convergindo para nós. "Nós estamos mortos. Poderíamos ter feito isso lá embaixo! Pelo menos eu teria forças para lutar."

Ele parecia forte o bastante para mim. A raiva sempre abre uma nova reserva, um restinho do qual você se esquecera.

"Continuem a cavar!", gritei aos homens à minha volta. A entrada para as cavernas era larga o suficiente para três homens. Um buraco negro na neve.

"Quantos homens morreram em avalanches nas Matteracks ano passado, Makin?", perguntei.

“Eu não sei!” Ele me olhou como se eu houvesse pedido para ter filhos com ele. “Nenhum?”

“Três”, eu disse. “E um no ano anterior.”

Alguns dos inimigos estavam tentando nos flanquear, espalhando-se ao redor da confusão para nos atacar pelos lados. Eu desprendi minha balestra e atirei um dardo nos homens à esquerda.

“Terminamos”, Hobbs avançou com dificuldade pela encosta, evitando os escavadores. Ele teve o mérito de conseguir acrescentar “majestade”.

Meu dardo havia atingido um homem logo acima do joelho. Parecia um velho. Algumas pessoas não sabem a hora de parar. Ele tropeçou para a frente e caiu, rolando montanha abaixo. Imaginei se ele pararia antes de atingir O Assombrado. “Há um motivo pelo qual perdemos quatro homens em dois anos em avalanches”, eu disse.

“Descuido?”, perguntou Makin. Um dos soldados mais corajosos do príncipe havia conseguido chegar ileso à beira da batalha abaixo de nós. Makin fez uma defesa rápida e o derrubou. Um segundo homem no encalço do primeiro foi flechado no pomo de adão.

O choque do metal na pedra. Os escavadores encontraram a borda da caverna. O buraco era grande o bastante para uma carroça passar, mas não ficaria maior que aquilo.

Quando o mundo está coberto de neve, ele fica plano. Todas as reentrâncias, todas as protuberâncias são escritas em uma superfície contínua, como a página branca pronta para a pena. Você pode colocar em um campo de neve o que sua imaginação criar, pois seus olhos não lhe dirão nada.

“E então?”, perguntou Makin. Os homens de Arrow estavam cada vez mais perto. Ele parecia estar querendo uma distração, irritado porque eu estava divagando, perdido em um devaneio.

“Você precisa ver as sombras”, eu disse.

“Sombras?”

Dei de ombros. Eu tinha tempo a perder: a caverna ainda não nos era útil. “Pensei que o poder de ser jovem era ver apenas preto e branco”, eu disse. Olhei adiante e vi um homem que eu conhecia da guarda cair com a ponta vermelha da espada saindo de suas costas, com as mãos grudadas ao pescoço do dono da espada.

“Sombras?”, Makin perguntou novamente.

“Nós nunca olhamos para cima, Makin, nós nunca levantamos a cabeça e olhamos para cima. Nós vivemos em um mundo tão grande. Nós rastejamos sobre sua superfície e nos preocupamos apenas com o que está diante de nós.”

“Sombras?”, Makin teimosamente continuou em seu objetivo. Sua boca de lábios grossos conhecia mil sorrisos. Sorrisos para ganhar corações. Sorrisos para fazer amigos. Sorrisos para arrancar uma risada dos relutantes. Agora ele usou seu sorriso teimoso.

Balancei os braços para trazer a vida de volta a eles. A fileira fraquejava aqui e acolá: muito em breve eu precisaria de minha espada. “Sombras”, eu disse a ele. Quando tudo que você tem para ver é branco, com o tempo você verá uma sinfonia em tons claros. Os camponeses em Gutting me disseram isso – embora em suas próprias palavras. Há muitos tipos de neve, muitos tons e, mesmo em um tom, vários sabores. Há camadas. Há granulosidade, porosidade. Há poder e há perigo. “Quando apunhalei o irmão Gemt eu me antecipei a algo”, eu disse. “Você entende de antecipação, irmão Makin?”

Mil sorrisos; uma expressão de desagrado. Ele me mostrou o desagrado.

“Eu o matei porque quis, mas também porque seria apenas uma questão de tempo até ele se virar contra mim. Até ele tentar cortar minha garganta durante a noite. E não apenas pelo corte de sua mão.”

“O que a porra do Gemt tem a ver com is...” Ele abateu outro homem que cruzou a linha e eu soltei uma flecha nos homens que nos

flanqueavam à direita.

"Houve quatro mortes em dois anos, em vez de quarenta, porque os altaneiros antecipam as avalanches", eu disse. "Eles as desencadeiam."

"O quê?"

"Eles observam a neve. Eles veem os tons. Eles veem os altos e baixos, e não a página lisa. Eles cavam e testam. E então eles a antecipam." Balancei meu arco no alto, com a fita roxa agitando-se no vento. "Para as cavernas. Agora!"

Quando uma encosta parece perigosa, os altaneiros passam sobre elas por serras e passagens e penhascos. Eles levam consigo palha, pedras, uma tigela rudimentar de barro, gravetos, carvão – muitas vezes das fornalhas das florestas de Ancrath –, um pote vitrificado e uma bexiga de ovelha. Eles cavam um buraco no alto das camadas mais traiçoeiras, colocando a tigela em cima de vários centímetros de palha compactada. Na tigela, eles põem os gravetos e o carvão, e pedras para que o pote fique acima da tigela. Eles enchem o pote de neve e inflam a bexiga, soprando-a o máximo que puderem e amarrando-a com uma faixa de tripa. Eles acendem o graveto e vão embora.

Os homens da guarda começaram a se amontoar nas cavernas. Achei que o lugar fosse ficar lotado, quando ordenei que deixassem as pás lá. Eu me perguntei se todos nós caberíamos nelas. Menos de cem homens chegaram até ali. Tínhamos espaço de sobra.

Muitas coisas na vida são simplesmente uma questão de timing.

Eu tomei meu lugar na boca da caverna, ávido por cruzar espadas com os homens de Arrow. Calculei o timing errado. Pura e simplesmente. Eu devia ter dito a Coddin o que importava dias atrás, meses atrás. Meu timing estava errado.

Homens cansados morrem facilmente, como se apreciassem a perspectiva da eternidade. Minhas pernas tremiam, mas meus braços estavam prontos. Eu segurei minha espada com as duas mãos e com a

ponta dela atingi o primeiro homem no olho. Makin veio lutar ao meu lado. Além do inimigo, eu podia ver eternamente. Eu via a brutalidade e a grandiosidade das montanhas. Além delas, a lua diurna, branca como um osso. Leves toques da canção da espada chegaram a mim quando cruzei lâminas novamente, atravessando parcialmente o pescoço de um homem. Minha espada parecia mais leve, contorcendo-se com música como se tivesse vida própria e pulsasse com seu próprio sangue. *Vaivém*, *vaivém*, e os homens caíam aos pedaços. O sol brilhou em carmesim na espada de meu tio como se transmitisse uma mensagem ao Príncipe de Arrow.

"Eu sinto muito!", gritei para Makin e os outros.

Timing.

Nós não estávamos suficientemente à frente. Os homens de Gutting teriam acendido o fogo em suas tigelas quando nos vissem emergir do gargalo do vale até a lateral da montanha. Eu pensava que chegaríamos às cavernas com uma boa margem. Que escavaríamos e remexeríamos a encosta com flechas em chamas. Eu estava errado. Apenas alguns minutos errado, mas o bastante para os inimigos encherem as cavernas com nossos cadáveres.

Makin praguejou e caiu para trás, se atirando para longe de uma espada que vinha em sua direção.

Eu quase me desculpei outra vez, mas uma montanha é um bom lugar para morrer. Se você vai morrer, tente fazê-lo em um lugar com vista.

Por instantes sem tempo eu lutei, envolto em uma alegria aguda, um calor que subia por mim até as queimaduras em meu rosto arderem e o vento não ter poder sobre mim. Cada parte daquela luta se desdobrou sob uma trilha sonora secreta, e o tempo que me havia escapado voltou ao grito do aço contra aço. Uma selvageria me contaminou e eu pensei em Ferrakind, incandescente e consumido, o que o tornava humano e abandonado ao incêndio.

Um bloqueio, um desvio, passo ao lado, o zunido e a raspagem de minha espada conforme ela deslizava pela carne perfurada do inimigo. Quando uma lâmina pesada encontra a cabeça de um homem que descartou seu capacete na longa escalada, uma ruína vermelha é formada. Pior do que a carnificina organizada do açougueiro em seu abatedouro é essa destruição. Cérebro, crânio e cabelo acompanham o movimento de sua espada em um arco molhado de carmim, branco e cinza. Pedaços de um rosto ficam pendurados por um momento congelado: um olho acusatório, com seus líquidos vazando, e em seguida tudo cai e o próximo homem chega cambaleando para a batalha, vestindo fragmentos do anterior.

O fogo me envolveu, ou assim me pareceu, linhas quentes serpenteantes da queimadura de Gog, abrasadoras, violentas.

A ponta de uma espada percorreu seu caminho a um milímetro de minha testa, sussurrando pela ponte do meu nariz quando eu recuei. Ao atacar, estendi os dois braços, segurando a espada como uma barra pelo cabo e pela ponta, que se pressionava com força contra a chapa de ferro na palma de minha luva de couro. O aço dos Construtores dividiu o rosto do homem horizontalmente entre o nariz e o lábio. A força de seu osso tentou levar a espada consigo enquanto ele caía, mas segurei o cabo e deixei o movimento libertar a lâmina, pegando um golpe de lança e inclinando-o acima de meu ombro. Aquele homem que eu chutei para baixo da montanha e o rugido que se irrompeu de mim agitaram o ar como o sopro de uma fornalha. Se eu tivesse tempo de olhar para baixo não ficaria surpreso em ver a neve se encolher do calor pulsando de minha pele.

Boa parte de mim, talvez quase tudo em mim, queria se render à loucura da batalha, ser consumido, jogar-se entre os inimigos e pintar a montanha com o sangue deles a qualquer custo. Mas rendição de qualquer espécie é difícil para mim. Em vez disso, recuei e a fúria me

deixou, apagada tão rapidamente quando havia se acendido. Eu tinha um plano a seguir e o seguiria mesmo que todas as esperanças parecessem perdidas. E seguir planos exige ideias claras.

Mais homens pressionaram-se contra mim. Meus braços começaram a ficar tão cansados quanto minhas pernas. Nós precisávamos apenas de mais alguns minutos, mas às vezes você não consegue o que quer ou o que precisa. Meus olhos piscaram com a visão. Hora de morrer.

No passado, fui salvo por um cavalo. Não levado à segurança por um nobre corcel, mas salvo pelo coice de um cavalo em pânico. Aquilo havia sido inesperado. Provavelmente surpreendeu Corion mais ainda. Mas ser salvo pela bexiga frouxa de uma ovelha... essa foi de lascar. Essa levou todos os prêmios.

Muito acima de nós, fogos lentos queimavam, derretendo a neve nos potes, aquecendo as bexigas infladas que agora flutuavam na água fumegante. O processo dá tempo aos altaneiros de se retirarem até um ponto de segurança. É preciso colocar os potes na zona de perigo. Você os põe o mais alto que puder para sua própria preservação, mas não tão alto, senão não tem o efeito desejado.

O ar quente se expande. As bexigas se incham ainda mais, esticando-se mais do que um homem poderia inflá-las. É apenas uma questão de tempo. Uma questão de cálculo. A água começa a ferver. A pressão cresce. E bum!

Os altaneiros tocam a gaita de fole – as coisas que haviam guinchado no meu casamento naquela manhã, parecidas às que existem mais ao norte, mas menos complexas e tão estridentes quanto. Você nunca imaginaria que uma bexiga explodindo fizesse tanto barulho. O som é como se cada guincho e cada uivo que uma gaita de fole possa fazer em sua vida longa e infeliz fossem comprimidos em meio instante. É um barulho que acorda os mortos. Mas neste caso foi um barulho para fazer os mortos.

Uma das seis ovelhas que doaram as seis bexigas para os seis potes da avalanche, que os homens de Gutting acenderam nas encostas quando surgimos à vista, deve ter sido um bicho especialmente incontinente, pois sua bexiga explodiu vários minutos antes do esperado.

Você sente uma avalanche antes de ouvi-la. Há um estranho acúmulo de pressão. Ela comprime seus ouvidos. Mesmo com homens tentando me cortar em cubos sangrentos eu percebi a pressão. E então há o estrondo. Ele começa fraco e vai crescendo sem fim. E, finalmente, antes da avalanche irromper, há o chiado.

Meus cálculos deram certo no momento certo. Eu me atirei para dentro da caverna. Antes que os homens me atacando pudessem me seguir, o mundo ficou branco e eles haviam desaparecido.



TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

36

Dia do Casamento



caverna estava uma escuridão absoluta e silenciosa, embora abrigasse quase cem homens.

Os últimos barulhos da avalanche se aquietaram. Na minha queda, eu havia machucado a bunda em uma pedra impiedosa e meu palavrão foi o primeiro som.

"Puta que os pariu!" Eu aprendi esse com irmão Elban e sentia uma obrigação de usá-lo de tempos em tempos, já que ninguém mais usava.

Ainda sem nenhum som, como se uma gangue de trolls houvesse arrancado a cabeça de cada homem ao entrar.

"Há lanternas no fundo, e mechas", eu gritei.

Pés se arrastando agora.

Mais barulho de pés, o raspar da pedra na lâmina e depois o brilho destacando dezenas de homens na escuridão.

Olhei para o relógio de prata em meu pulso pela primeira vez em muito tempo. Doze e quinze. O braço de contar os segundos fazia *tic tic tic* em mais um círculo.

"Sei que minha espada entrou aqui", eu disse, me levantando, com cuidado para não quebrar a cabeça no teto baixo. "Encontrem outras e vamos cavar para sair."

"Devíamos fazer uma lista de chamada", disse Hobbs, movendo-se para a frente. Mais lanternas foram acesas e a parede de neve atrás dele brilhava.

"Nós poderíamos", eu disse. Sabia que o interesse dele não era apenas burocrático. Ele perdera amigos, protegidos, filhos de amigos e queria saber o que restava da guarda, da *sua* guarda. "Poderíamos, mas não é a neve que mata os homens em uma avalanche", eu disse. "Nenhum daqueles soldados lá fora está morto."

Eu tinha a atenção deles agora.

"Eles estão todos ocupados sendo sufocados enquanto a neve os aprisiona. E isso, meus amigos, é exatamente o que está acontecendo conosco. Enquanto explico isso a vocês estou usando a quantidade extremamente limitada de ar desta caverna. Enquanto me ouvem, vocês estão inspirando o ar bom e expirando o ar ruim. Cada uma dessas lanternas que permitem que vocês me vejam está consumindo ar." Agradecimentos silenciosos ao tutor Lundist e suas lições de alquimia – eu podia até não sobreviver ao dia de meu casamento, mas não tinha a menor vontade de partir me extinguindo como a vela na redoma de vidro.

Eles aceitaram meu argumento. Três homens que encontraram pás correram até a neve, os demais procuraram por outras. Logo todo o espaço da saída estava ocupado. Eu poderia simplesmente ter mandado cavar, mas é melhor que eles saibam o motivo – é melhor não acharem que eu não tinha o interesse de Hobbs no sacrifício da guarda.

Vi o capitão Keppen encostado a uma pedra, apertando sua lateral. Makin havia se posicionado contra a parede do fundo da caverna, de costas, com os joelhos elevados até a testa.

"Cuide dos feridos", eu disse a Hobbs. Pus a mão em seu ombro. Reis devem fazer tais gestos.

Fui até o lado de Makin. O chão da caverna estava abarrotado de homens, mas não dava para saber se eles haviam sido derrubados por exaustão ou ferimento. Deslizei as costas pela parede gelada e me sentei ao lado dele. Nós observamos a labuta dos escavadores e tentamos respirar pouco. Ele cheirava a cravo-da-índia e suor.

Eu trilhara um caminho estranho para acabar preso pela neve em uma caverna, enterrado no mais alto dos lugares. Do Castelo Alto à estrada, da estrada ao trono de Renar, mais de um ano percorrendo o Império até que, enfim, as Terras Altas me chamaram de volta. E, nas Terras Altas, achar o prêmio menos recompensador do que a perseguição, chegando à idade adulta em um trono de coroa de cobre, lutando contra coisas mundanas, da peste à fome, construindo uma economia como um espadachim constrói músculos, recrutando, treinando – e para quê? Para um imperador predestinado passar por cima disso tudo em sua marcha até o Portão Gilden.

Fechei os olhos e escutei minhas dores e sofrimentos se anunciarem, na minha primeira pausa desde que o padre Gomst me casara com Miana naquela manhã. O peso do dia caiu sobre mim e as palavras saíram com dificuldade.

"Há homens mortos lá fora porque eu passei tempo demais falando com Coddin", eu disse. "Homens de Renar e homens de Ancrath."

"Sim." Makin não levantou a cabeça.

"Bem, aqui estamos, ambos morrendo em uma caverna como Coddin. Tem alguma coisa que você precise desabafar, Sir Makin? Ou precisamos de circunstâncias mais extremas e ainda menos tempo?"

“Não”, Makin ergueu a cabeça, com o rosto na sombra e apenas a curva da bochecha e a ponta de seu nariz à luz da lanterna. “Esses homens escolheram segui-lo, Jorg. E eles estariam todos mortos se não fossem por seus truques.”

“E por que eles escolheram me seguir? Por que você me segue?”, perguntei.

Consegui ouvi-lo passar a língua pelos dentes antes de responder. “Não há respostas simples no mundo, Jorg. Toda pergunta tem um outro lado. Tudo é complicado. Mas você torna as perguntas fáceis e de alguma maneira isso funciona. Para outros homens o mundo não é assim. Talvez eu pudesse ter encontrado uma maneira de arrastá-lo de volta para o seu pai anos antes de você mesmo se levar – mas eu queria ver você fazer o que prometeu. Queria ver se você realmente podia vencer tudo.”

“Parecia simples quando eu tinha o Conde Renar para odiar”, eu disse.

“Você era...”, ele sorriu, “...focado.”

“É questão de juventude também. Eu mal me reconheço naquele garoto.”

“Você não está tão diferente”, disse Makin.

A neve em volta dos escavadores agora também possuía um brilho próprio, com a luz do dia atravessando o que faltava remover.

“Eu estava consumido por mim, pelo que eu queria. Nada mais importava. Nem a minha vida nem a vida de ninguém. Tudo era um preço que valia a pena pagar. Tudo valia a pena arriscar pela probabilidade mínima de vencer.”

Makin riu. “Está aí um lugar que todos visitam no caminho da transformação de criança para homem. Você apenas fez como os locais.”

Eu pus a mão na bolsa em minha cintura e deslizei os dedos em torno da caixa. “Eu tenho... arrependimentos.”

“Todos nós somos feitos deles.” Makin observou os escavadores. Um feixe de luz atravessou a caverna.

“Eu lamento por Gelleth... Meu pai pensaria que sou fraco. Mas, se fosse agora, eu encontraria outra maneira.”

“Não havia outra maneira”, Makin disse. “Até a maneira que você escolheu era impossível.”

“Fale-me de sua criança”, eu disse. “Uma menina?”

“Cerys.” Ele disse seu nome como um beijo, piscando conforme a luz do dia nos encontrou. “Ela seria mais velha que você, Jorg. Tinha três anos quando a mataram.”

Dava para ver o céu agora, um círculo azul lá no leste além das nuvens de neve.

“Eu segui você porque estou cansado de guerra. Quero vê-la terminar. Um Império. Uma lei. Não importa tanto como ou por quem, apenas ficar unido pararia com a loucura”, Makin disse.

“Nossa, posso sentir a lealdade!” Eu dei impulso e me levantei, me espreguiçando. “O Príncipe de Arrow daria um imperador melhor?” Eu fui em direção à saída.

“Não acho que ele vá vencer”, disse Makin, e me seguiu.



Muito tempo atrás, nos dias calmos, o irmão Grumlow esculpia madeira, trabalhava com serra e cinzel. Quando tempos difíceis vêm, carpinteiros tendem a ser pregados em cruzes. Grumlow pegou a faca e aprendeu a esculpir os homens. Ele parece afável, meu irmão de lâmina, de porte franzino, de cor pálida, queixo fraco, olhos tristes, tudo caído como o bigode que se pendura em seu lábio. No entanto, ele tem mãos rápidas e nenhum medo de uma ponta afiada. Vá contra ele acompanhado apenas com um punhal e ele lhe entalhará uma nova opinião.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

37

Dia do Casamento



ento e doze homens saíram da caverna abaixo da Passagem da Lua Azul. Deixei o mestre da guarda Hobbs fazer sua chamada quando eles se reuniram sobre a neve recente. Eu achava impressionante que a avalanche que havia se chocado como uma onda nas rochas abaixo e corrido como leite para dentro e ao redor da caverna agora aguentava meu peso, deixando meus pés se afundarem não mais que dois ou quatro centímetros a cada passo. Ouvi os nomes, as respostas e, mais frequentemente, o silêncio que seguia um nome.

A neve nova reluzia embaixo de nós, perfeita e uniforme, sem rastros de sangue, da carnificina derramada ali apenas minutos antes. E, enquanto Hobbs fazia sua contagem, mil e mais mil e mais mil homens

morriam despercebidos embaixo daquele fresco lençol branco, sem movimento, cegos, lutando para respirar e não encontrando nada.

Às vezes, sinto necessidade de uma avalanche dentro de mim. Uma página em branco com o passado varrido para longe. Tábula rasa. Eu me perguntei se isso havia limpado a minha barra. E então vi uma sombra na brancura embaixo de meus pés, uma criança enterrada tão superficialmente que a neve não a escondia. Nem mesmo a força das montanhas podia limpar as manchas de meu passado.

Enquanto Hobbs continuou a chamar, peguei a caixa de cobre em minha cintura e me sentei na encosta, enterrando os calcanhares na neve.

Um homem é feito de lembranças. É tudo que nós somos. Momentos capturados, o cheiro de um lugar, cenas reproduzidas repetidamente em um pequeno palco. Nós *somos* lembranças, amarradas em histórias – as histórias que contamos sobre nós mesmos, atravessando nossas vidas até o amanhã. O que a caixa continha era meu. Era eu.

"E agora?" Makin despencou ao meu lado.

Lá embaixo, além do alcance mais longínquo da avalanche, eu via movimento, pontos minúsculos, os remanescentes das forças de Arrow retirando-se para se unir a seu exército principal.

"Para cima", eu disse.

"Para cima?" Makin fez aquela coisa de surpresa com as sobrancelhas. Ninguém fazia cara de surpresa como ele.

Não parecia certo morrer incompleto.

"Não é um conceito difícil", eu disse ao me levantar. Comecei a andar montanha acima, na direção um pouco à esquerda do pico, onde a Passagem da Lua Azul faz um caminho profundo sobre a lateral do Monte Botrang.

Hobbs me viu sair. "Para cima?", perguntou. "Mas a passagem está sempre bloqueada no..." Depois ele olhou em volta. "Ah." E acenou para

os homens que haviam se apresentado para responder à contagem para que o acompanhassem.

Eu ainda estava com a caixa na mão, quente e fria, lisa e afiada. Não parecia certo morrer sem saber quem eu era.

A criança andava ao meu lado agora, descalça na neve, com sua morte resistindo até mesmo à luz do dia.

Com a unha do polegar eu abri a caixa.

Árvores, sepulturas, flores e ela.

"Quem a encontrou após eu bater em você?", pergunto a Katherine. "Um homem estava com você quando recuperou os sentidos."

Ela franze a testa. Seus dedos tocam o local onde o vaso se estilhaçou. "Frei Glen." Pela primeira vez ela me vê com seus antigos olhos, claros e verdes e nítidos. "Oh."

Eu me afasto.

Deixo a Floresta Rennat para trás e ando em direção à Cidade de Crath. O Castelo Alto fica atrás e acima da cidade. É um dia calmo e a fumaça sobe das chaminés da cidade em linhas retas, como se fizesse grades para o castelo. Talvez para protegê-lo de mim.

Dos campos eu vejo a expansão da Cidade Baixa, estendendo-se até o Rio Sane e as docas, e a seguir os degraus de terra que sobem para a Cidade Velha e a Cidade Alta. A Estrada de Roma cruza meu caminho e eu a sigo até a Cidade Baixa, sem portões e aberta ao mundo. Tenho um chapéu enfiado em minha túnica, uma coisa disforme de quadriculados desbotados como os capangas das docas do rio usam. Escondo meu cabelo dentro do chapéu e o puxo para baixo. Não serei descoberto na Cidade Baixa. As pessoas que podem reconhecer meu rosto não vão lá.

Eu ando pelo subúrbio, nada além de favelas e lixões, um furúnculo no cu da cidade. Nem mesmo um belo dia de primavera consegue fazer essas ruas florescerem. Crianças se agitam pelo lixo empilhado deixado

pelo povo pobre. Elas me perseguem enquanto passo. Garotas de dez anos ou mais novas tentam me distrair com olhos grandes e as bocas em bicos, enquanto meninos magricelos tentam puxar alguma coisa de minha bolsa, qualquer coisa que eles possam surrupiar. Pego minha faca e eles somem. Orrin de Arrow talvez lhes desse pão. Ele talvez decidisse mudar este lugar. Eu apenas passo por ele. Mais tarde eu o limparei de meus sapatos.

Onde o subúrbio se transforma em Cidade Baixa as piores tavernas se agrupam em torno de ruas estreitas. Passo pelo Anjo Caído onde eu inicialmente tramei o fim de Gelleth, onde pensei pela primeira vez em pagar por afeto. Agora eu já sei. Sempre se paga por afeto.

Eu escolho outra cervejaria, O Dragão Vermelho. Um nome grandioso para um lugar cheio de sombras, escuro e fedorento.

"Amarga", eu digo.

O taverneiro pega minha moeda e enche uma caneca na torneira do barril. Se acha que eu pareço jovem demais para beber ali, entre os velhos acabados com seus narizes vermelhos e olhos lacrimejantes, ele não diz nada.

Pego uma mesa onde eu possa ficar de costas para o canto e observar as janelas. A cerveja é tão amarga quanto meu humor. Dou goles lentos e espero a noite chegar. Penso em Katherine. Faço uma lista.

Ela disse que sou mau e que me odeia.
Ela está com o coração destinado ao Príncipe de Arrow.
Ela tentou me matar.
Ela destruiu a criança que pensou ser minha.
Ela foi deflorada por outro homem.

Eu a percorro repetidamente enquanto o sol se põe, enquanto os bêbados vêm e vão, carroças e putas e cachorros e trabalhadores passam

na rua, e eu ainda releio minha lista.

O amor não é uma lista.

Totalmente escuro e minha caneca está vazia há horas. Saio para a rua. Aqui e ali uma lamparina pendurada, muito alta para os ladrões, lançando uma luz parcimoniosa que chega ao chão com dificuldade.

Apesar de toda a minha espera, apesar de minha decisão, eu ainda hesito. Posso trilhar os caminhos da infância novamente sem me sujar? No alto, as estrelas giram, uma lenta revolução em torno da Estrela Polar, a Garra do Céu. Parte de mim não quer voltar ao Castelo Alto. Eu afasto essa parte.

Cruzo o rio pela Ponte Nova e encontro um canto quieto onde eu possa observar o Muro Alto. A Cidade de Crath e suas partes foram nomeadas com a mesma falta de imaginação que os Construtores puseram na arquitetura de seu castelo. Como se o utilitarismo tipo caixote do castelo houvesse contaminado a linguagem da cidade. Se eu tivesse o poder de construir para durar, de saber que o que eu fizesse com a pedra ficaria de pé por milênios, colocaria pelo menos alguma medida de beleza na mistura.

O Muro Alto é realmente alto, mas não é bem iluminado, e um pouco a oeste do Portão Triplo a cantaria é quebrada pelos restos de um segundo muro que saía perpendicularmente e que agora desapareceu. Eu praticava minha escalada aqui quando era pequeno. Parece fácil agora. Apoios para as mãos que eu me esforçava para alcançar agora podem ser ignorados completamente em favor do próximo. Minhas mãos conhecem essa superfície. Não preciso enxergá-la. Isso é memória. Chego ao topo muito antes do próximo guarda fazer sua ronda. Do outro lado, heras desaconselháveis tornam a descida bem simples.

O jovem Sim ensinou a si próprio os modos do assassino. Ele fez disso um hobby, a faca curta, veneno em pó ou extrato, ou de vez em

quando uma corda de harpa usada para garrotear. De todos os meus irmãos, Sim é o mais mortífero a longo prazo. Em uma batalha, eu certamente poderia abatê-lo. Mas perca o rapaz de vista e ele não virá atrás de você no momento seguinte ou no dia seguinte, mas em seu próprio tempo. Quando você tiver se esquecido do mal que lhe causou, ele o encontrará outra vez. Sim ensinou a si mesmo o longo jogo e passou um pouco de conhecimento para mim.

O disfarce não é uma questão de roupas e talento artístico com tinturas e delineador. Claro que o uniforme certo, um queixo feito de massa de vidraceiro, uma cicatriz bem aplicada, tudo isso pode ser de grande ajuda nas circunstâncias adequadas, mas o primeiro passo, como Sim me ensinou, o passo mais importante, é exatamente isso... como você anda. Mova-se com segurança ou pelo menos segurança em seu papel. Acredite que você tem todo o direito de estar onde está. Pise com propósito. E então um adereço tão pequeno quanto um chapéu pode fornecer um disfarce completo.

Ando pelas ruas da Cidade Velha, indo diretamente para o Portão Leste, o portão onde as entregas são feitas para o Castelo Alto, os mantimentos descarregados, as mensagens entregues aos mensageiros para serem transportadas para lugares distantes. Uma patrulha de meu pai, de uns dez soldados, passa pela frente da Rua dos Olmos enquanto caminho por ela. Eles me lançam um primeiro olhar, mas não um segundo.

Três tochas queimam acima do Portão Leste. Eles o chamam de portão, mas é uma porta, de cinco metros de altura, três de largura, de carvalho preto com faixas de ferro, e uma porta menor no meio, para quando homens, e não gigantes, quiserem simplesmente passar por ela. Um cavaleiro de armadura monta guarda à frente da porta. Se quisesse ver alguma coisa ele deveria ficar no escuro.

Eu me viro para o lado e chego à base do muro do castelo, perto da esquina da grande praça da torre de menagem.

Um homem que procura se proteger da faca do assassino concentra sua defesa. Você não pode impedir um único inimigo anônimo de entrar em seu reino. Você não pode impedi-lo de entrar em sua cidade. A menos que ele seja inexperiente, você teria sorte em impedi-lo de encontrar um caminho além do muro do castelo. Sua fortaleza pode segurá-lo do lado de fora se for segura e bem vigiada, mas seria imprudente apostar sua vida nisso. Para derrotar o assassino, você não espalha suas defesas por toda a sua propriedade – você as concentra ao seu redor. Dez bons homens firmes em torno de seu quarto podem fazer mais para preservá-lo do que dez mil espalhados pelo reino.

A torre de meu pai é segura e bem vigiada, mas quando completei sete anos eu conhecia o lado de fora melhor que o interior. Sob a escuridão da lua, escalei o Castelo Alto mais uma vez. A pedra dos Construtores, áspera sob meus dedos, meus pés caçando apoios familiares através do couro macio de minhas botas, a parede se arrastando em meu rosto ao abraçá-la. Eu vejo minhas juntas embranquecerem à luz das estrelas conforme agarro a quina do Castelo Alto e subo.

Fico imóvel logo abaixo das ameias. Um soldado para e se inclina para fora, observando alguma luz ao longe. As ameias são novidade, de pedra polida por cima da pedra dos Construtores. Os Construtores possuíam armas que faziam troça de castelos e de ameias. Eu não sei o que o Castelo Alto era quando os Construtores o fizeram, mas não era um castelo. Na parte mais profunda dos calabouços, debaixo de camadas de lixo, uma placa antiga adverte: “Não Estacione Durante a Noite”. Mesmo quando as palavras dos Construtores fazem sentido sozinhas elas não significam nada juntas.

O soldado segue adiante. Eu escalo, atravesso a espessura da parede e derrubo um dos suportes de madeira para as passarelas.

Em um canto escuro do pátio, tiro meu chapéu de bandido e o ponho de volta em meu fardo. Retiro uma túnica azul e vermelha, as cores de Ancrath. Mandei uma mulher chamada Mable ajustá-la para mim no Assombrado, ao estilo do traje dos servos de meu pai. Vestindo a túnica e com meu cabelo escondido dentro dela, entro pela Porta dos Impressores. Passo por um cavaleiro fazendo sua ronda. Sir Aiken, se me recordo corretamente. Mantenho a cabeça erguida e ele não presta atenção a mim. Um homem de cabeça baixa está escondendo seu rosto e merece uma inspeção rigorosa.

Da Porta dos Impressores vira-se à direita e depois à esquerda ao longo de um corredor curto para chegar à capela. A porta da capela nunca está trancada. Olho para dentro dela. Apenas duas velas ainda queimam, ambas pouco mais que tocos fornecendo luz insuficiente. O local está vazio. Sigo em frente.

Os aposentos de frei Glen são próximos da capela. Sua porta está travada, mas eu carrego um pedaço curto de aço fino e maleável o bastante para se encaixar entre a porta e o batente, e forte o bastante para levantar a trava.

Seu quarto está muito escuro, mas tem uma janela alta que se abre para o pátio onde Makin costumava educar os escudeiros na arte do combate. Uma luz é filtrada para dentro e deixo meus olhos aprenderem o caminho. O lugar fede a queijo deixado tempo demais ao sol. Paro e ouço o ronco do frei enquanto meus olhos o caçam.

Ele se deita curvado em sua cama, como uma minhoca congelada no meio de seu movimento. Não dá para ver muita coisa do quarto, apenas uma cruz na parede com o salvador ausente, como se ele houvesse feito um intervalo em vez de assistir aos assuntos desta noite. Dou um passo à frente. Eu me lembro de como frei Glen cavou minha pele procurando os espinhos que a roseira-brava deixou em mim. Como ele os caçou. Os

prazeres que ele sentia, com seu homem, Polegar, segurando-me para baixo. Puxo minha faca da bainha.

Agachado ao lado de sua cama, com minha cabeça no mesmo nível da dele, os roncos são altos. Tão altos que você acharia que ele mesmo se acordaria. Não consigo ver seu rosto; então, em vez disso, me lembro dele: achatado, eu diria, bruto demais para emoções profundas, mas apropriado para o escárnio. Na missa, com padre Gomst pregando no púlpito, frei Glen assistia da cadeira ao lado da porta da capela, com o cabelo feito palha molhada em volta de uma tonsura que não requeria um barbear frequente, e os olhos pequenos demais para a largura da testa acima.

Eu deveria cortar sua garganta e ir embora. Qualquer outra coisa faria barulho demais.

Você estuprou Katherine. Você a estuprou e a deixou pensar que eu o fizera. Você a engravidou e a fez me odiar tanto que ela envenenou a criança em seu útero. Fez com que ela me odiasse o bastante para me apunhalar.

O golpe de Katherine era para frei Glen, não pra mim.

Meus olhos se acostumam à escuridão e o quarto se revela em tons noturnos. Corto uma longa faixa da beirada de seu lençol. Faço apenas um sussurro abaixo do rugido de seu ronco, mas ele se mexe e reclama mesmo assim. Corto uma segunda faixa, uma terceira, uma quarta. Enrolo a última faixa, transformando-a em uma bola apertada. Um suporte de vela e uma pequena mesa ficam perto da cama. Eu os empurro mais para trás, para não esbarrar neles e fazer barulho. Conto seus roncos e aprendo seu ritmo. Quando ele inspira, enfio o chumaço de pano em sua boca. Amarro outra faixa em volta de sua cabeça para mantê-lo no lugar. Frei Glen demora a acordar, mas é surpreendentemente forte. Arranco o restante do lençol dele e enterro meu cotovelo em seu plexo solar. O ar sibila dele através de sua mordaça. Vejo o brilho de seus olhos. Ele se curva, fetal, e eu amarro

seus tornozelos bem apertados com a terceira faixa. A quarta é para seus pulsos. Preciso dar um soco em sua garganta até conseguir segurá-los.

Perco o gosto pelo trabalho quando ele enfim está atado. Ele é um homem feio e nu choramingando no escuro e eu só quero sair daqui. Pego minha faca na mesa que empurrei para o lado.

"Eu tenho uma coisa para você", digo. "Algo que foi quase entregue à pessoa errada."

Enterro minha faca embaixo, na base de seu escroto. Eu a deixo ali. Não a quero de volta. E também, se eu puxá-la, ele sangrará até morrer rapidamente. Acho que ele deve morrer aos poucos.

Além do mais, eu tenho uma sobressalente.

Estou quase à porta, com frei Glen gemendo e chiando atrás de mim. Ele dá uma pancada alta ao cair da cama, mas não é isso que me faz parar.

Sageous aparece. Ele não passa pela porta, ele não surge de trás de um baú, ele simplesmente está lá. Sua pele brilha com luz própria, não brilhante o bastante para iluminar nem mesmo o chão a seus pés, mas suficiente para fazer silhuetas dos manuscritos intermináveis tatuados em cada centímetro dele. Seus olhos e sua boca são buracos negros no brilho.

"Vejo que está fazendo do clero um hábito. Está fazendo uma lista de cima para baixo? Primeiro um bispo, agora um frei. E em seguida? Um coroinha?"

"Você é pagão", eu digo. "Devia me aplaudir. Além disso, seus pecados clamavam por isso."

"Ah, bem, neste caso..." Seu sorriso forma um crescente negro na luz de seu rosto. "E os seus pecados, pelo que clamam, Jorg?"

Eu não tenho resposta.

Sageous apenas dá um sorriso mais largo. "E quais foram os pecados do frei? Eu perguntaria a ele, mas você parece tê-lo amordaçado. Espero

que os sonhos que dei para a jovem Katherine não tenham causado problemas. Mulheres são criaturas tão complexas, não?"

"Sonhos?", pergunto. Minha mão vasculha minha bolsa em busca da segunda faca.

"Ela sonhou que estava grávida", diz Sageous. "De alguma maneira, o sonho chegou a enganar o corpo dela. Acho que chamam isso de gravidez psicológica." A caligrafia em seu rosto pareceu se mover, as palavras pulsaram como se fossem ditas. "Criaturas tão complexas."

"Havia uma criança. Ela a matou." Minha boca está seca.

"Houve sangue e sujeira. Os venenos de Saraem Wic fazem isso. Mas não havia criança alguma. Duvido que jamais haja agora. Os venenos daquela bruxa velha não são suaves. Eles raspam um útero até o fim."

Eu encontro a lâmina e vou em sua direção. Tento correr, mas é como atravessar neve profunda.

"Bobinho. Você acha que realmente estou aqui?" Ele não faz movimento para escapar.

Tento alcançá-lo, mas estou chafurdando.

Clique.

A mão de Makin sobre a caixa. A caixa fechada.

Eu me vejo gelado, sem fôlego, as mãos apertando uma à outra em vez do pescoço de Sageous. Ele sumiu. Apenas uma lembrança. E estou nas montanhas. Ainda correndo.

"O que diabos você está fazendo?", arquejou Makin.

Olhei em volta. Eu estava com neve até a cintura. Paredes de pedra se agigantavam em ambos os lados. Os homens da guarda marchavam atrás de mim... cem metros atrás de mim.

"Você não pode abrir isso. Nem agora nem nunca. Certamente não agora!", Makin gritou, engasgou e puxou o fôlego de volta. Ele deve ter

corrido muito para me alcançar. Peguei a caixa dele e a enfiei em um bolso.

É raro a Passagem da Lua Azul estar aberta no inverno. Muito raro. Uma boa avalanche a desobstrui, porém, e por alguns dias, antes que a neve nova a feche novamente, um homem pode escapar por trás do Monte Botrang. Em seguida, por uma série de passagens mais baixas, paralelas à espinha das Matteracks, esse homem pode sair completamente da cordilheira e o Império será seu para perambular.

"Corra."

Um sussurro em meu ouvido. Uma voz familiar.

"Corra."

"Sageous?", perguntei, com a voz baixa para que Makin não ouvisse.

"Corra."

Gotas de puro pesadelo escorreram por minha nuca. Eu me arrepiei. "Não se preocupe, pagão. Eu correrei."



TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

38

Dia do Casamento

ntão nós iremos a Alaric?", perguntou Makin.

Continuei a andar. As laterais da Passagem da Lua Azul se elevavam rentes a nós, endurecidas com gelo e neve, com a rocha preta aparecendo somente onde o vento a havia limpado.

"Acredito que as estradas até Danelore serão difíceis no inverno. Mas ela queria que você fosse no inverno, aquela menina dele... Ella?"

"Elin", eu disse.

"Seu avô lhe ofereceria santuário", disse Makin.

Ele sabia que havíamos perdido. Os homens mortos estirados atrás de nós pela montanha, sob pedra e neve, não mudavam isso.

Continuei a andar. Sob os pés, a neve deixada pela avalanche era firme, rangendo ao gravar minhas pegadas.

“É legal lá? Na Costa Equina? Seria quente, pelo menos.” Ele se abraçou.

Há dois caminhos que sobem até a Passagem da Lua Azul; é como a língua de uma cobra, bifurcada na ponta. A avalanche havia aberto ambas. Eu mandara os altaneiros colocarem seus potes explosivos para garantir.

“O quê?”, disse Makin. “Você disse ‘para cima’.”

Continuei a virar à direita, um caminho difícil que descia de volta para a segunda bifurcação da Passagem da Lua Azul, apertando o passo. “Agora estou dizendo ‘para baixo’. Eu mandei Marten segurar o Runyard por um motivo, sabe.”

E então, com a terça parte da guarda sobrevivente me seguindo, abri caminho para baixo através da Passagem da Lua Azul até o vale alto acima do Runyard. E quando a inclinação se reduziu e o chão ficou mais firme... nós corremos.

Vimos a fumaça antes de ouvirmos os gritos e ouvimos os gritos antes de vermos O Assombrado. Finalmente, lá embaixo, O Assombrado surgiu à vista: uma ilha de pedras da montanha em um mar de tropas de Arrow. Suas forças fechavam o cerco por todos os lados, atacando com escadas e cordas, armas de cerco arremessando pedras à frente do castelo, um aríete coberto esmurrando os portões, uma legião de arqueiros na serra alta mandando suas flechas por cima dos muros.

Na minha opinião, a arma de cerco é mais um ato de exibição e determinação do que um investimento de tempo bem calculado. Vejam! Nós atiramos pedaços enormes de madeira e ferro em seu castelo – estamos falando sério, viemos para ficar. As Terras Altas de Renar talvez fossem aquele lugar raro onde realmente havia um sem-número de pedras grandes ao redor para um castelo ser reduzido a escombros por trabucos, embora isso fosse levar uma eternidade. Mas o aríete! O aríete é o rei dos cercos, especialmente onde as muralhas não podem ser

derrubadas. Nada de mecânica, nada de contrapesos e escapamentos, apenas uma simples força direta aplicada com vigor ao ponto mais fraco para que você ponha seus homens contra os deles – e isso, no fim das contas, é o objetivo de tudo. Se você não fosse mais numeroso que seu inimigo não teria marchado até o castelo dele e ele não estaria escondido atrás de muros.

Os homens de Marten se abrigaram às margens do Runyard, que tinha a inclinação mais longa e suave que se podia encontrar nas Terras Altas, descendo de nosso vale até a esquerda do Assombrado. A serra na qual os arqueiros do príncipe ganhavam sua vantagem interrompia o Runyard do outro lado.

Nós podíamos ver as tropas de Marten, mas mais abaixo da encosta elas eram quase invisíveis, protegidas por rochas e camufladas em suas roupas cinza. Marten representava pouca ameaça ao inimigo, no entanto. Seus cem homens não causariam impressão alguma aos três mil ocupando a serra, mesmo que eles não fossem derrubados ao avançar.

"Por quê?", Makin perguntou.

"Por que ele é chamado de Runyard?" Escolhi responder à pergunta errada. "Porque é o único lugar em quilômetros em que você pode realmente fazer um cavalo correr sem quebrar suas pernas. Já vi você galopando lá muitas vezes."

Makin balançou a cabeça. Hobbs e Keppen se uniram a nós.

"Nós vamos pela poterna leste?", perguntou Hobbs.

Poucos homens sabiam da existência das poternas de ataque, uma a leste, outra a oeste. Eu não me lembrava de jamais ter dito a Hobbs sobre a poterna leste, mas supus que fosse sua obrigação saber. Afinal, nós havíamos conduzido sua guarda pela poterna oeste naquela manhã.

"Sim", respondi.

Percorremos o último trecho com grande cuidado, abraçando as paredes do vale sem pressa. Os arqueiros se mostraram concentrados em seus alvos dentro do Assombrado, agachados atrás de suas ameias. Chegamos até Marten sem atrair a menor atenção.

"Rei Jorg." Marten mantivera seu sotaque do interior, apesar de quatro anos na corte. Ele estava na entrada da poterna, uma abertura grande o suficiente apenas para um único cavaleiro. As pedras acima da fenda pareciam naturais, mas um olho experiente saberia que elas haviam sido colocadas para cair ao menor incentivo, um número suficiente delas para lacrar o portal quase permanentemente. Um fedor peculiar flutuava em torno da entrada. Eu vi Makin torcer o nariz e fazer uma careta como se o reconhecesse.

"Capitão Marten", eu disse. "Vejo que protegeu o Runyard contra todas as expectativas!"

Ele não sorriu. Que eu soubesse, Marten nunca sorrira. Ficaria estranho em seu rosto, longo como o restante dele, cinza como os fios curtos acima de seus olhos.

"O inimigo não demonstrou interesse em tentar tirá-lo de nós. Acredito que eles não saibam que estamos aqui", ele disse.

"Melhor assim", eu disse. "Keppen, leve a guarda de volta ao castelo."

Keppen deslizou para dentro da abertura e a guarda começou a se enfileirar atrás dele. Eles tinham uma jornada de trezentos ou quatrocentos metros à sua frente, a maior parte através de cavernas naturais esculpidas por riachos antigos, e os últimos cem metros por um túnel escavado por homens com picaretas e velas para iluminar seu trabalho.

Olhei para o relógio em meu pulso, começando a pegar o hábito novamente. Duas e quinze.

"Venha comigo", eu disse a Marten. Makin e o capitão Harold acompanharam.

Nós nos arrastamos até as pedras que nos escondiam das encostas abaixo e ficamos em uma posição que dava vista para os arqueiros na serra. Empurrei o relógio para cima de meu pulso para que minha manga o ocultasse. Nunca vale a pena brilhar quando você espera passar despercebido.

"Há muitos deles", disse Makin.

"Sim." Na verdade, mesmo que não tivesse um único soldado de infantaria, só com os arqueiros o Príncipe de Arrow havia trazido consigo quatro homens para cada soldado que eu tinha.

Nós observamos. Eles não estavam fazendo chover flechas no Assombrado, apenas escolhendo alvos oportunos e certificando-se de que os homens atrás dos meus muros ficassem de cabeça baixa. Eles poderiam causar uma torrente de flechas caso fosse necessário, mas para que desperdiçá-las?

Nós continuamos a observar.

"Fascinante", disse Makin.

"Espere", eu disse. Olhei para o relógio outra vez.

"Para..." Makin parou de perguntar. Uma mancha negra se espalhou por baixo da serra.

"O que é isso?", perguntou Harold.

As fileiras de arqueiros começaram a se romper. Uma onda de confusão agitando a ordem.

"Trolls", eu disse.

"O quê?", Makin gritou. "Como? Quem? Quantos?"

De onde estávamos, era difícil ver os detalhes, mas parecia uma bagunça. As rochas ficaram vermelhas.

Makin bateu um punho na palma da mão. "Senti o cheiro deles lá na entrada. O mesmo fedor que você tinha quando Gorgoth o trouxe para baixo naquele dia." Ele fez uma careta novamente. "Acho que isso

explica todas aquelas cabras que compramos – aquela história de se segurar para um cerco longo nunca fez muito sentido."

"Gorgoth os trouxe para o sul", eu disse. "Ofereci santuário para eles nas Matteracks, embora possivelmente tenha sido a promessa das cabras que fechou o acordo... Ele arregimentou cento e vinte dessas criaturas. Eles vêm escavando túneis. Construindo saídas cobertas por baixo daquela serra."

Marten quase sorriu. "Isso explica por que você se recusou a ouvir quando eu lhe implorei para defendê-la."

"Eles não podem vencer", disse Makin. "Não com cem. Nem mesmo trolls!"

"Não. Mas olhe para eles. Que bagunça estão fazendo, né? Como diria Maical, ajuda ter o elefante da surpresa do seu lado." Desci de volta para a sombra da pedra. "Certo, vamos lá."

Marten se uniu a mim. "Mas por que agora? E como você sabia?"

"Ah. O que você devia perguntar é como Gorgoth sabia. Uma hora após a avalanche eu disse a ele. E ele concordou – mas como diabos ele sabia quando a avalanche aconteceu?"

À entrada da poterna, os últimos homens da guarda estavam entrando no escuro.

"Preciso que você espere aqui, Marten", eu disse. "Haja o que houver."

"Nós iremos esperar. Eu não me esqueço do que você fez, e meus homens irão me seguir aonde eu for", disse Marten.

Parecia uma coisa pequena o que eu havia feito. Um brinquedo e algo para a dor, para facilitar a passagem de uma garotinha. Eu nem o fizera por boas razões.

Makin pôs a mão no ombro de Marten ao passar. Eles possuíam uma ligação em comum. Duas filhas perdidas. Eu vi a profundidade daquilo – tão profundo que Makin só foi falar disso depois que eu já o conhecia pela metade da minha vida. Eu me perguntei se eu tinha capacidade

para tais sentimentos ou se eu era apenas o garoto esperto e superficial que a maioria das pessoas via. Estes homens carregaram filhas mortas através dos anos. Eu tinha uma criança morta cujo nome não sabia, que perseguia meu rastro porque eu não aguentaria o fardo de minha culpa. Para uma caixa tão pequena, ela certamente carregava um peso enorme de lembranças. Talvez mais do que eu pudesse carregar.

Caminhamos pelas trilhas da caverna, que estavam lisas por anos de uso. Segurei uma lanterna retirada de um depósito logo após a entrada. Ela brilhava mais forte conforme eu entrava e minha bochecha latejou. Eu possuía um toque daquela magia desde que Gog me queimara. Tomei Ferrakind como uma lição objetiva em não seguir aqueles caminhos.

Eu parava de tempos em tempos para contemplar as galerias das florestas de pedra que se estendiam por todos os lados. Estalagmites e estalactites, Lundist as chamava, embora ele só tivesse figuras em livros e, francamente, elas pareciam uma chatice dos infernos. Eu não sei bem qual é a diferença – talvez as grandes sejam estalagmites. Lundist disse que elas cresciam, mas eu nunca vi acontecer. O que eu sei é que, à luz das chamas, debaixo de um peso imensurável de pedra, elas têm uma beleza que não dá para descrever.

Por longos momentos, a admiração da rocha viva me segurou e quando ela me deixou eu me vi sozinho, uma ilha de luz na escuridão antiga. Olhadas rápidas pelo caminho me confirmaram. Nenhum homem da guarda, nenhum irmão, nem mesmo passos ao longe.

Algo está errado.

"Jorg." E Sageous saiu detrás de uma coluna de pedra, com a luz em seu interior escrevendo suas tatuagens em sombras pelas paredes, deslizando, movendo-se, envolvendo cada dobra e curva da caverna.

"Pagão." Eu mantive meus olhos nos dele. "Há mais religiosos que você precisa que sejam mortos, talvez?"

Ele sorriu. “Tem sido tão difícil encontrar você, Jorg. Uma barreira de espinhos em volta de todos os seus sonhos...” Ele franziu a testa. “...ou uma caixa? É uma caixa, Jorg? Há outra mão nisso. Alguém está mantendo você longe de mim.”

Mantive as mãos paradas, meus olhos nos dele, mas senti o peso em minha cintura e o olhar dele se direcionou para lá.

“Interessante”, ele disse. “Mas não importa. Agora estamos tão próximos que posso tocá-lo novamente.”

“Você veio brincar comigo, pagão? Para me mandar no caminho de sua escolha?” Saquei minha espada, mas ele não pareceu se impressionar. “Não me diga – você não está aqui de novo?”

Outra vez o sorriso. Ele inclinou sua cabeça uma fração. “Estou além do seu alcance, Jorg, e você ainda trilha o caminho em que eu o coloquei há muito tempo. Tudo que você ainda tem para escolher é a forma de morrer. Tomei Katherine de você. Ela o teria fortalecido. Yin para o seu yang, digamos. E agora você é fraco, e ela serve, em vez disso, para colocar em minha mão um Arrow que eu possa apontar para onde desejar.”

“Não.” Balancei minha cabeça e dei um passo em sua direção, pisando com cuidado.

Nas cavernas, um passo em falso pode deixá-lo arrasado ao final de uma longa queda. Ainda assim, não importava o quanto eu escolhesse meus passos, o pagão sempre me fazia duvidar deles. Ele carregava a dúvida consigo, dúvida de si mesmo, dúvida dos motivos, o tipo de incerteza que corrói um homem como o câncer.

“Não.” Eu me repeti, caçando a confiança. “Vangloriar-se é para os tolos. Se eu estivesse jogando o seu jogo você me deixaria jogá-lo.” Avancei em direção a ele com a ponta de minha espada. “Talvez esses toques sutis não tenham funcionado tão bem quanto esperava e agora você vem, desesperado, para me desviar mais audaciosamente do

caminho que estou trilhando. Vangloriar-se é para os tolos e eu nunca o considerei um tolo."

A luz bruxuleou por sua pele. "Você não pode vencer, garoto. Não pode vencer. Então por que você ainda está aqui? O que está planejando? Onde está escondendo seus segredos?" Seus olhos dirigiram-se para a caixa novamente, apesar de ela fazer um volume mínimo.

Um passo rápido e eu lhe dei uma estocada. Ele chiou conforme a lâmina entrou, com a mesma resistência como se apenas sua túnica estivesse diante de mim.

"Eu não estou aqui!", ele disse entredentes, como se a insistência tornasse aquilo realidade. E se foi.

"Jorg?", disse Makin, a meu lado, com a testa franzida, sua mão em meu braço. "Jorg?"

"Ha. Sonhando acordado." Eu balancei a cabeça. "Prossigam!"

Os túneis de ataque ligam-se a porões separados embaixo do Assombrado, com suas saídas disfarçadas como enormes barris de vinho. Eu me acotovelei entre os homens da guarda e encontrei Hobbs.

"Faça o que puder a respeito do aríete", eu disse. "Ele parece estar bem coberto, mas precisa de homens descansados para balançá-lo, então atire em alguns dos desgraçados quando eles forem se revezar. Além disso, você verá que não há muita coisa entrando no momento. Pelo menos nada pontudo. Eles ainda estarão atirando pedras em nós. Então aproveite e simplesmente mate quantos soldados dele você puder."

Em seguida, me conduzi ao pátio onde meus recrutas, súditos e vassalos aguardavam, agrupados em fileiras diante da guarita. Cavaleiros de Morrow à esquerda da grade levadiça, com as armaduras reluzentes, espadas em punho. À direita, mais cavaleiros, com armaduras de metal, os filhos mais nobres da Cidade de Hodd, minha capital nos vales ao norte. Sem dúvida, eles vieram para ganhar a confiança do rei e honrar

suas casas. Homens jovens, em sua maioria, cheios de ouro e mais acostumados aos torneios de lança do que a sangue e ruína. Eu vi Sir Elmar de Golden entre eles, com sua armadura radiante como o nome sugeria. Um guerreiro, aquele ali, apesar de seus enfeites.

Eles tinham certa força entre eles. Agrupados na galeria e nas escadas, homens de Westfast com balestras, sob o comando de Lorde Scoolar, de olhos duros e queimados pelo vento. Aglomerados diante do portão estilhaçado, homens do lado do Assombrado, lutadores resistentes das colinas, vestindo couro e ferro, com os machados afiados e os escudos redondos de madeira forrados de couro de cabra. Atrás deles, guerreiros da Cordilheira Remota, com seus elmos de ferro modelados com prata e estanho, cada homem armado com martelo e machadinha. E, ao fundo, enfileirados à frente do muro da fortaleza, dançarinos com escudos de Cennat, com suas pranchas de guerra mais altas que um homem.

Caminhei entre eles, com Makin a meu lado, entre o fedor e a respiração de corpos, a tensão que se pode saborear no ar, ao mesmo tempo azeda e doce. Eu não tinha palavras para eles, nenhum gesto majestoso, nenhum discurso para gritar por cima dos gritos do outro lado do muro e o estrondo do aríete. Quando se luta ao lado de irmãos, você os une com palavras e gestos. Quando se luta entre súditos, você é uma figura, uma forma, uma ideia. Os homens morrem por muitas coisas, vidas acumuladas com cuidado podem ser desperdiçadas pelos motivos mais estranhos. O que nos uniu aqui, homens das Terras Altas, foi a rebeldia. Todos os homens batem o pé se provocados o bastante. Todos os homens chegam ao ponto em que dizem “não” por nenhum outro motivo além da oposição, por nenhum outro motivo além da palavra caber em sua boca e ter um gosto tão bom quanto o som que ela faz. E nas Terras Altas, em nossas montanhas, a altitude cria homens que não cedem um único centímetro sem desafiar.

Caminhei entre os homens das Terras Altas, os velhos e os jovens, alguns barbudos, alguns de cara limpa, alguns pálidos, alguns vermelhos, os trêmulos e os estáveis, e cheguei à frente da grade levadiça, com sua madeira ferrada estilhaçada, o ataque do aríete do outro lado, os gritos selvagens dos cem homens empurrando-o em minha direção. Meus dedos encontraram o cabo de minha faca e eu a puxei. Contra minha bochecha que não fora queimada, o metal dava a sensação de gelo. A grade levadiça estremeceu e rangeu perante o aríete. Homens de Arrow gritaram e morreram diante da chuva de projéteis. A lâmina da faca cortou minha pele macia como um beijo. Limpei o sangue de dedos escarlates sobre a madeira do portão. Eu virei as costas para o portão, me agachei diante de meus soldados e desenhei uma linha de sangue sobre as pedras da laje. Ao voltar para a torre de menagem, peguei um grupo de guerreiros, os mais ávidos, aqueles nos quais eu via um eco da mesma vontade que me fazia querer aquele portão aberto tanto quanto os homens ao aríete.

"Sangue do rei!" Sir Elmar de Golden ergueu seu machado, com o traço carmesim de meus dedos marcando seu elmo reluzente.

"Sangue do rei!" Um guerreiro cabeludo do lado do Assombrado apertou a mão sobre a marca vermelha que eu deixei em sua fronte.

"Sangue do rei!" Um dançarino de Cennat girou o enorme escudo onde a marca de minha mão ficou, escarlate sobre a lua branca de seu brasão.

"Sangue do rei!"

O rugido pulsou para frente e para trás, acompanhando-nos dentro da fortaleza. Um rei é um selo, uma ideia – não um homem. Eu achei que agora eles entendiam a ideia.

Fui até a minha sala do trono, com Makin a meu lado, e convoquei meus cavaleiros, Kent, o Rubro, e o capitão do contingente da Casa

Morrow, Lorde Jost.

Lorde Jost chegou por último, com um segundo cavaleiro e Miana. Rainha Miana, como suponho que devo chamá-la. Ela ainda usava seu vestido de noiva, embora sem a cauda e os véus, acrescido de um xale bordado com pérolas contra o frio. Lorde Jost parecia bastante constrangido pela presença dela em meu conselho de guerra.

"Senhores", eu disse. "Milady."

Eu me sentei no trono. Desabei, para ser mais exato. Era bom tirar o peso dos pés. Eu havia corrido e escalado e descido mais do que queria e estava pronto para dormir por uma semana.

"Quantos inimigos vocês mataram e quantos vocês perderam?", perguntou Miana. Os homens estavam esperando que eu falasse primeiro. Ela não sentiu necessidade disso. Eu teria feito a mesma pergunta.

"Cerca de seis mil. Perdemos duzentos", respondi.

"Uma proporção de trinta para um. Melhor do que a razão de vinte para um de que precisávamos." Ouvir sua voz doce e aguda recitando as estatísticas da contagem de vítimas parecia errado.

"Verdade. Mas eles eram duzentos dos meus melhores homens e eu já usei os ases de minha mão."

"E o chanceler Coddin não voltou", disse Miana. Ela era consideravelmente bem-informada para uma garotinha.

Uma pontada de alguma coisa passou por mim ao ouvir aquilo. Eu vi Coddin mais uma vez na sepultura que fizemos para ele. "Ele está mais seguro do que nós", eu lhe disse. Ele provavelmente viveria mais também. Ele resistiria.

Peguei de um escudeiro um cálice de vinho diluído e um prato de torradas com queijo de cabra.

"E seus planos?", ela perguntou.

Soltei o ar através de meus lábios. “Teremos que depositar nossa fé na pedra e no cimento e esperar que a sorte decida sorrir para nós nesse meio-tempo.” O vinho tinha o sabor do paraíso e me deixou tonto após um gole.

“Talvez meu novo sogro nos mande ajuda”, disse Miana, com um sorriso fraco e velho demais para ela.

“Eu estava esperando algo parecido”, eu disse.



Mais do que de músculos empilhados sobre os ossos, a força do irmão Rike vem da habilidade de odiar o inanimado.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

39

— QUATRO ANOS ATRÁS —

“Ela já se foi, certo?” Makin cobriu os olhos contra a luz do sol e olhou para trás pelo pântano. Nós estávamos em cima de um matagal, com rochas amarelas aparecendo em pedaços arenosos aqui e acolá.

“Espero que sim”, eu disse. Parte de mim queria que Chella encontrasse a destruição em minhas mãos, aquele toque pessoal, mas talvez ela tenha morrido ali no pântano entre os mortos ardentes. Eu não havia sentido aquilo. Nenhuma sensação de satisfação, mas a morte de meu tio me ensinara que a vingança é bem menos doce do que promete ser. Uma refeição vazia, não importa quanto tempo você leve com ela.

Nós fomos a cavalo pela primeira vez no que parecia ser um século. Rike foi no ruão de Algazarra, pois seu cavalo de tração provou ser pesado demais para seu próprio bem nos brejos. Kent e Makin foram em seus cavalos. Grumlow montou em dupla comigo, já que nós dois éramos os irmãos mais leves e Brath era o mais forte dos cavalos.

O cheiro azedo dos pântanos nos seguiu por quilômetros. Lama preta endurecendo em nossas roupas, secando, tornando-se cinzas e esfarelando-se. Mais persistente que o fedor ou a lama era a imagem de Chella enquanto as chamas surgiam ao seu redor, e o eco de suas últimas palavras. *O Rei Morto navega*.

Em três dias, chegamos a um descampado e arbustos, depois a estradas esquecidas e, finalmente, por trilhas interioranas, ao porto livre de Barlona. Rike reclamava sem parar sobre sua queimadura de sol até que eu o convenci a espalhar merda de porco em cima das piores áreas afetadas. Por algum motivo, pareceu funcionar, embora não fosse essa minha intenção. A sugestão pode ser uma coisa poderosa.

Os muros antigos brilhavam ao calor do verão conforme nos aproximamos. Eles devem ter sido imponentes mil anos atrás. Agora apenas a base dos muros restava, com seis metros de altura e a mesma largura, transbordando pedra preta em grandes quantidades para os camponeses pilharem e fazerem cabanas e cercas para seus campos.

Gostei da cidade assim que entramos. O ar tinha aromas exóticos de temperos e fumaça de cozinha que fizeram meu estômago roncar. As pessoas se aglomeravam, exageradas na voz e nas roupas, sedas brilhosas, joias berrantes feitas de vidro e metais básicos, peles de todas as cores exibidas em grandes porções. Homens e mulheres tão claros quanto eu, tão escuros quanto o nubano e de todos os tons intermediários. Ninguém tão pálido quanto Sindri e Duque Alaric, porém. Esses eu acho que o sol derreteria.

Música saía de quase todas as esquinas, em tantos tons quanto as pessoas. Parecia que os cidadãos andavam no ritmo da batida e na pulsação de mil tambores, trompas, vozes. Eu nunca ouvira tais sons, tantas melodias estranhas, algumas parecidas com os ritmos de marcha que o nubano costumava batucar em sua coxa quando andávamos e os quais ele elaborava em volta da fogueira do acampamento. Outras se assemelhavam

ao curioso cantarolar atonal que o tutor Lundist fazia em momentos ociosos.

Um porto é um ouvido aberto para o mundo, uma boca pronta para novos sabores. Chegando aos meus quinze anos, eu me sentia mais do que pronto para explorar a amplidão do mundo que Barlona oferecia.

"Sabe, Makin, você pode pegar um barco aqui e partir para qualquer lugar que já tenha ouvido falar e para mil outros que jamais ouviu", eu disse.

"Barcos me fazem vomitar." Makin fez uma cara de quem estava se lembrando do gosto.

"Você não gosta deles?"

"São as ondas. Eu fico enjoado. Vomito de uma costa até a outra. Eu estava quase passando mal cruzando o Rima."

"Bom saber." Com Makin você pode continuar a fuçar e descobrir um fato novo ano após ano. Eu não sabia que ele havia cruzado um oceano ou mesmo velejado.

"Por que isso é bom saber?" Ele franziu a testa.

"Bem, o único jeito de chegar à Costa Equina é por mar e eu vou sozinho. Saber que você é um péssimo marujo torna mais fácil mandá-lo de volta ao Assombrado."

"Nós podemos cavalgar até lá", disse Makin. "São menos de cento e cinquenta quilômetros."

"Através do ducado de Aramas e depois pelas terras do Rei Filipe novecentos", eu disse.

"Trigésimo segundo", corrigiu Makin.

"Que seja. O negócio é que esses não são lugares por onde homens como nós possam passar despercebidos, enquanto um barco me levará diretamente à porta de meu avô em um dia ou dois."

"Então nós pegamos um barco e eu forro o convés de vômito. Qual o problema?"

“O problema, querido Makin, é que eu não quero Rike lá, nem Grumlow, nem Kent. Não quero nem você lá. Quero fazer minhas próprias apresentações no meu próprio tempo. Isso é negócio de família e eu o farei da minha maneira.”

“Isso geralmente significa que todo mundo morre.” Makin sorriu.

“Talvez, mas eu também não preciso de você lá para isso. Apenas leve-os de volta ao Assombrado. Já perdemos muitos nesta viagem. Não direi que perdemos bons homens, mas alguns que eu preferia ter mantido. Se bem que se você perder Rike no caminho de volta não vai fazer diferença.”

“Essa é uma má ideia, Jorg.” Makin fez aquele semblante teimoso dele, com os lábios apertados e uma linha vertical no meio de sua testa.

“Preciso de você em Renar”, eu disse. “Precisava de você lá desde o início. Se você se lembra, em primeiro lugar, fiz o diabo para que você não viesse. Coddin é um bom homem, mas quanto tempo ele pode segurar um reino? Volte, quebre as cabeças que precisam ser quebradas e avise ao meu povo que eu voltarei.”

“Ei!” Grumlow gritou. Um homem fugindo em meio à turba. Eu vi o braço de Grumlow se esticar e atirar. O homem caiu sem som a vinte metros dali, atropelando as pessoas.

Eu andei com Grumlow até onde ele caiu. As pessoas saíram de nosso caminho, exceto pelas crianças que corriam para todos os lados como se fôssemos parte de um espetáculo. Grumlow puxou seu alforje das mãos do homem.

“Cortou a maldita alça! Isso vai lhe custar!”, ele disse.

“Eu lhe avisei para guardá-la melhor”, eu disse. As poucas bobagens que Grumlow conseguiu trazer pelos pântanos estavam amarradas aleatoriamente ao redor da rédea de Brath.

Grumlow grunhiu e se curvou para reaver sua faca. Ela havia atingido o homem pelo cabo, atrás da cabeça. Uma poça de sangue brilhava embaixo

do rosto dele, mas devia ser de seu nariz ou boca atingindo o calçamento. Não perdemos tempo virando-o para descobrir.

"Eu amo esta cidade", eu disse, e voltamos até os outros.

Estabulamos os cavalos e nos sentamos em uma taverna junto às docas. Eu chamo de taverna, mas nós nos sentamos do lado de fora, em mesas ao sol, com vinho em garrafas em formato de lágrima e cestas tramadas em volta delas. Makin estava de pés descalços, com traços de lama seca ainda visíveis. Rike, é claro, reclamou, do sol, do vinho, até das cadeiras, que pareciam não aguentar seu peso, mas eu prestei mais atenção ao som das gaivotas. Fiquei sentado assistindo aos barcos atracados no cais, maiores do que eu pensava que seriam e mais complexos, com cordames e mastros e cordas de convés e uma infinidade de velas. Eu me sentia melhor do que me sentira em muito tempo. Até minhas queimaduras doíam menos, como se o sol quente aliviasse a fúria delas. Pela primeira vez em muito tempo nós relaxamos, sorrimos e falamos dos mortos. Do irmão Algazarra, de quem eu me lembraria, e do irmão Sim, de quem eu sentiria falta por sua harpa e sua promessa. Erguemos nossas garrafas aos dois e bebemos.

Só Kent ofereceu resistência à ideia de voltar sem mim. Eu o deixei protestar um instante até ele não ter mais o que dizer e finalmente se convencer de que meu plano era o melhor. Kent, o Rubro, é assim. Dê a ele um pouco de espaço e ele mudará de ideia.

Eu me levantei, revirei o pescoço e me alonguei sob o sol. "Vejo vocês na estrada, irmãos."

"Você vai agora?", perguntou Makin, abaixando sua garrafa.

"Bem, a menos que você queira beber até estarmos todos queimados de sol e emotivos e declararmos amor eterno uns pelos outros e partirmos com abraços embriagados", eu disse.

Rike cuspiu. Ele pareceu ter herdado o papel de cuspidor de Algazarra.

"Nesse caso, seu caminho fica para aquele lado." Apontei para o norte. "Devo salientar que os primeiros quatrocentos metros daquele caminho são

em uma rua que possui vários puteiros que parecem bons. Portanto, fique à vontade. Quanto a mim, vou aprender algo sobre barcos."

Saí passeando, seguindo minha sombra pelo chão de pedras brilhantes.

"Tome conta de Brath para mim", gritei de volta.

Eles levantaram suas garrafas e beberam a mim. "Vejo você na estrada", eles responderam. Até Rike.

Se Makin não estivesse lá, acho que realmente poderia ter me livrado deles tão facilmente assim.



TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

40

— QUATRO ANOS ATRÁS —

Em um grande porto como Barlona, há centenas de barcos ancorados. A maioria pertence a mercadores, ou coletivos de mercadores, e eles abraçam o litoral carregados de coisas que são baratas, de onde os barcos saem e que demandam um preço mais alto em seu destino. É uma equação simples e o diabo está nos detalhes. Há navios de guerra também, de propriedade nominal do Príncipe de Barlona e a serviço de seu povo. Na realidade, são os comerciantes mais ricos que põem novos príncipes no trono e os navios de guerra servem para proteger suas rotas de comércio. E em meio aos barcos dos comerciantes e dos navios de guerra do príncipe, há vários navios de longo curso, com três ou mais mastros e cascos profundos, das costas mais estranhas e distantes. Até uma grande embarcação de madeira podre, com o dobro do tamanho de sua maior rival, suas tábuas cinzentas umas sobre as outras, quase viva, apesar do serrote do madeireiro. Seu casco, incrustado com cracas do tamanho de pratos de jantar, mesmo acima da linha das

ondas, exibia muitas cicatrizes e em seu convés homens de pele cor de cobre trabalhavam em reparos.

Passei algumas horas observando os grandes barcos com suas equipes estrangeiras, homens amarelos de Utter, equipes negras dos muitos Reinos de Afrique, marinheiros de turbante com barbas enroladas, manchados de sol, passeando pelo convés de barcos de temperos picantes. As palavras do Príncipe de Arrow voltaram para mim – suas observações a respeito da pequenez de meu mundo e a grandeza de minha ignorância. Mesmo assim, cada homem entre os viajantes sabia do Império, mesmo que ele estivesse em pedaços. Então nós tínhamos algo em comum.

Vi Makin e os outros me seguindo quase desde o início. Ele tivera o bom senso de deixar Rike para trás, provavelmente em um dos puteiros que eu havia mencionado. Rike é do tipo que não dá para perder, nem em uma rua lotada. Makin teria feito melhor em deixar a si e a Kent, o Rubro, no puteiro também. Grumlow eu talvez não percebesse. Grumlow tem um jeito quieto.

Os barcos comerciais menores e mais velhos ficavam ancorados às margens do grande porto. Eles ficavam ancorados em cais que balançavam, ligados a galpões semiabandonados separados por becos perigosos, onde o fedor de peixe podre fez meus olhos lacrimejarem. Eu segui dois homens sem camisa carregando um barril para cima da prancha de desembarque do *Cabra do Mar*.

"Você! Saia do meu navio." O homem gritando comigo era menor e mais sujo que os outros homens do convés, mas alto o suficiente para ser o capitão.

"Navio, é?" Eu olhei em volta. "Bem, suponho que se puser uma vela em um barco a remo você pode chamá-lo de navio. Mas você não foi esperto ao jogar fora os remos."

"Eu ia deixá-lo escolher por qual lado você queria sair. Mas essa oferta agora já venceu", o homenzinho disse. O monte de cachos pretos

emoldurando seu rosto feio parecia ser uma peruca, mas eu não entendia por que alguém iria querer colocar cinco quilos de cabelo suado e roubado em cima da cabeça nesse calor.

Fiz um truque com uma moeda de prata na minha mão, um escudo de Ancrath estampado com a cabeça de meu pai. "Cliente", eu disse.

O gordo avançando para cima de mim parou. Ele pareceu aliviado.

"Quero ir à Costa Equina", eu disse. "Algum lugar perto da orelha serve."

A Costa Equina não tem esse nome pelos garanhões que a tornam famosa hoje em dia. Aparentemente, o desenho da península lembra a cabeça de um cavalo. Eu estudei os mapas na biblioteca de meu pai e posso dizer com certeza que ela se parece com a cabeça de um cavalo da mesma maneira que as pedras dos trolls se parecem com trolls, ou que a constelação de Órion se parece com um gigante de cinto segurando uma clava. Eles poderiam tê-la chamado de Costa do Porco Feliz ou Costa do Polegar Torto e teria dado na mesma. Para dar crédito aos povos antigos, vou salientar que o mar subiu duas vezes a altura do Castelo Alto desde o tempo da Construção, e os mapas antigos tiveram de ser reescritos muitas vezes. Mesmo assim, eu apostaria um saco de ouro roubado no fato de que nunca houve um tempo em que "cavalo" era a primeira coisa que vinha à mente quando se contemplava o curso da Costa Equina.

Tive bastante tempo para pensar enquanto o capitão me favorecia com uma olhada azeda e mordia o lábio. Eu poderia ter escolhido um barco ao acaso. Qualquer embarcação pequena sendo ativamente carregada estaria de partida para portos acima ou abaixo da costa de Barlona. Eu havia comprado algumas cervejas para um marinheiro mais cedo. Ele já acabara com sua cota da viagem anterior e estava protelando uma nova tarefa até o último momento possível. Em troca de mantê-lo bêbado por mais algumas horas, ele fez uma lista dos mais prováveis de rumar para o sul. O nome do *Cabra do Mar* me atraiu. Quem quer velejar no *Maria* ou no *Graça de Deus* quando há uma *Cabra do Mar* para se montar?

"Duas pratas e você puxa corda quando mandarem", ele disse.

"Uma prata e eu ganho comida junto com a tripulação", eu disse e comecei a andar em direção à prancha de embarque. Eu poderia muito bem ir no *Maria*. Na verdade, isso soava melhor a cada vez que eu dizia.

"Fechado", ele disse.

E então eu velejei no *Cabra do Mar* com o capitão Nellis.

Antes de o *Cabra do Mar* içar velas, dei um último passeio à beira-mar e parei no posto do comandante do porto por tempo suficiente para oferecer um suborno de bastante peso, que fez meu estoque de ouro ficar consideravelmente mais leve. O ideal seria que os irmãos fossem conduzidos a um navio que os levaria ao norte da costa e os abandonaria em um porto menor. Makin estaria ocupado demais vomitando para perceber em qual lado do barco a terra estava. Se isso não desse certo, eles só precisariam prender Makin e segurá-lo por uma semana ou duas – tempo suficiente para meu rastro esfriar e lembrá-lo de que quando seu rei lhe diz para fazer algo você o faz.

Eu gosto do mar. Mesmo com a ondulação suave, com a costa à vista apenas quinze quilômetros a estibordo, ele me faz lembrar de montanhas em movimento. Eu gosto das expressões náuticas. Encaixe isso, amarre aquilo. Se Lundist estiver certo e nós todos renascermos, quero girar a roda da vida de novo como um pirata. Tudo que diz respeito ao oceano me deixa de bom humor. O cheiro e o sabor. O grito das gaivotas. Deus enfiou algum tipo de magia em suas gargantas. Não me espanta que os corvos queiram matá-las e as gralhas sejam cruéis.

Capitão Nellis não gostava que eu ficasse no tombadilho superior, ou assim ele dizia, mas eu passava meu tempo lá, com as pernas balançando para fora, com ele atrás de mim, diminuído pelo leme. Ele poderia ter amarrado a corda ali, pelo tanto que guiava, mas ele parecia gostar de segurá-lo enquanto gritava com seus homens. A meu ver, ele os conduzia

tão pouco quanto fazia com o barco. Seus xingamentos e instruções eram ignorados pela tripulação e eles continuavam seus afazeres, alheios.

"Vou comprar um barco para mim um dia", eu disse.

"Claro." Capitão Nellis cuspiu algo grosso e desagradável no convés. Se homens como ele e Algazarra não existissem, os conveses não precisariam ser esfregados.

"Um grande, aliás. Não uma barca como esta. Algo que corte as ondas em vez de chafurdar nelas."

"Um jovem mercenário como você não devia sonhar tão baixo", resmungou Nellis. "Compre uma frota inteira."

"Uma ideia válida, capitão. Muito válida. Se meu reino um dia ganhar um litoral comprarei uma frota. E me certificarei de apelidar um deles de *Cuspidor Nellis*."

E pelo resto daquele dia e na maior parte do dia seguinte, o *Cabra do Mar* chafurdou serenamente pela costa, parando uma vez em um porto pequeno para descarregar um enorme pote de cobre e para preencher o espaço com um peixe de água doce e barbatanas vermelhas chamado perca. Dormi à noite em uma rede, sob o convés, rolando nos braços macios das águas costeiras e sonhando com absolutamente nada. Eu só recomendo redes se você estiver no mar. Na terra, elas parecem não fazer sentido. E durma no convés, se tiver a oportunidade. O *Cabra do Mar* tinha um cheiro apropriado de bicho no calor rançoso de seu porão de carga.

O castelo de meu avô chama-se Morrow. Ele tem vista para o mar e fica tão perto de um penhasco alto quanto uma criança corajosa ficaria, mas não tão perto quanto uma atrevida. Há uma elegância nele, por ser alto e fino em suas torres, e é sensatamente coberto com telhas, já que travou batalhas mais longas e violentas com tempestades oceânicas do que com qualquer exército que chegasse por terra.

O porto de Arrapa fica apenas a três quilômetros do Castelo Morrow e eu desembarquei lá tendo o prazer de perturbar o capitão Nellis com

agradecimentos entusiasmados por seus serviços. Deixei a tripulação descarregando a perca e pegando caixotes de selas destinadas à Cidade de Wennith. Por que os pescadores de Arrapa não pescavam suas próprias percas eu nunca descobri.

Uma trilha bem conservada vai do porto até o Castelo Morrow. Caminhei, aproveitando o sol, e recusei a oferta de pegar carona em uma carroça de carvão.

"Fica íngreme", ele disse.

"Não tem problema", eu disse. E ele deu uma chicotada em sua mula.

Eu queria chegar incógnito ao Castelo Morrow, tanto que preferia ver Makin atirado em uma cela do que arriscar que ele estragasse meu disfarce. Há de ser dito que minha experiência com parentes era ambígua. Ter um pai como o meu causa precaução em situações assim. Eu precisava ver esses novos membros da família à vontade, sem as complicações de quem eu era ou o que eu queria.

Acrescente à mistura o fato de que meu avô e meu tio, dizia-se, odiavam Olidan Ancrath com força pela maneira com que ele trocara a absolvição pela morte de minha mãe – como se seu irmão houvesse meramente o incomodado ao enviar assassinos para matá-la. Eu posso ser filho de minha mãe, mas tenho uma parcela do sangue de meu pai e, com as histórias que meu avô provavelmente ouviu a meu respeito, não seria de todo injusto que ele me moldasse à imagem de Olidan, em vez de como filho de sua amada Rowen.

Eu estava suando quando cheguei aos portões do castelo, mas o alto do penhasco recebia uma brisa do mar e eu a deixei esfriar meu corpo. Cheguei até o arco. Grades levadiças duplas, merlões bem construídos em cima da guarita, seteiras posicionadas com certa atenção – no geral, uma agradável construção de castelo. O menor dos três guardas veio me interceptar.

"Estou procurando trabalho", eu disse.

“Não há nada para você, filho.” Ele não me perguntou que tipo de trabalho. Eu tinha uma grande espada em meu cinto, um peitoral escaldante por cima de meus couros e um elmo pendurado na cintura.

“Que tal um pouco de água, então? Suei da praia até aqui em cima, estou morrendo de sede.”

O guarda acenou para um cocho de pedra para cavalos ao lado da estrada.

“Hummm.” A água parecia apenas um pouco melhor do que a substância do Pântano de Cantanlona.

“Melhor seguir seu rumo, filho. Vai dar sede até voltar para Arrapa também”, o guarda disse.

Eu comecei a antipatizar com o homem. Eu o apelidei de “Sunny” por sua disposição e suas repetidas afirmações de paternidade. Pus a mão dentro de minha couraça, tentando não tocar o metal, sem conseguir. Meus dedos descobriram o canto que estavam procurando e eu puxei uma carta selada, embrulhada em linho manchado. “Eu também tenho isto para o Conde Hansa”, disse, desenrolando-a do tecido.

“É mesmo?” Sunny estendeu a mão para pegá-la e eu a puxei de volta na mesma velocidade. “Melhor me deixar ver isso, filho”, ele disse.

“Melhor ler o nome na frente antes de você encardi-la demais, pai.” Eu o deixei pegá-la e usei o linho para enxugar o suor de minha testa.

A favor de Sunny, ele segurou a carta com certa reverência pelas beiradas, e embora nós dois soubéssemos que ele não sabia ler, Sunny fez a pantomima muito bem, espreitando o texto acima do selo de cera. “Espere aqui”, ele me disse e saiu pelo pátio adentro.

Sorri para os dois guardas remanescentes e depois fui até uma área com sombra, onde me agachei e deixei as moscas à vontade. Eu me recostei ao tronco da árvore solitária fornecendo a sombra. Parecia ser uma oliveira. Eu nunca havia visto a árvore antes, mas a fruta eu conhecia e os caroços se espalhavam pelo chão. Parecia antiga. Mais antiga que o castelo, talvez.

Sunny levou quase uma hora para voltar e àquela altura o cocho dos cavalos estava começando a parecer tentador. Ele trouxe dois guardas da casa consigo, com o uniforme mais rico, com cota de malha no peito, em vez dos couros dos guardas do muro que tinham de suportar o calor.

"Vá com eles", disse Sunny. Acho que ele daria um dia de seu ordenado só para poder me mandar de volta colina abaixo, e mais um dia para poder me mandar de volta com a ponta de sua bota.

No pátio, um chafariz de mármore jorrava. A água saía de muitos buracos pequenos dentro da boca de um peixe e se acumulava em um tanque circular. Eu havia visto ilustrações de chafarizes nos livros de meu pai. Fazia-se referência ao time de homens necessários para trabalhar na bomba de modo a manter a pressão. Eu tive pena de qualquer homem sufocando de calor no escuro para fazer essa coisa bonita funcionar... mas as finas borrifadelas proporcionaram um frescor dos céus enquanto passamos.

Muitas janelas voltavam-se para o pátio, não fechadas, mas revestidas com véus de pedra perfurados, trabalhados com grande maestria em padrões elaborados que deixavam mais ar do que rocha. Eu não conseguia ver dentro das sombras por trás, mas me senti observado.

Nós passamos por um corredor curto, com piso de mosaicos geométricos, até um pátio menor onde, em um banco de pedra à sombra de três laranjeiras, um nobre aguardava, com vestes simples mas com uma pulseira de ouro em seu braço e limpo demais para ser qualquer coisa que não fosse menos que de alta linhagem. Não era o Conde Hansa; ele era jovem demais para isso, mas certamente alguém de sua família. De minha família. Eu tinha mais os traços de meu pai, mas este homem tinha um pouco dos meus traços, maçãs do rosto altas, cabelo escuro cortado rente, olhos atentos.

"Eu sou Robert", ele disse. Estava com a carta aberta em sua mão. "Minha irmã escreveu isso. Ela fala bem de você."

Na verdade, eu falava bem de mim mesmo quando levei a pena ao pergaminho alguns meses atrás. Eu me chamei de William e disse que havia sido um fiel ajudante da Rainha Rowen, honesto, corajoso e com talento tanto para as letras quanto com números. Copiei a inclinação e formato das letras de uma carta antiga, um fragmento amassado que guardei perto do peito por muitos anos. Uma carta de minha mãe.

"Estou lisonjeado." Fiz uma profunda reverência. "Espero que a recomendação da rainha, que Deus a tenha, me ajude a encontrar uma colocação em sua residência."

Lorde Robert me observou e eu o observei. Era bom encontrar um tio que eu não quisesse matar.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

41

— QUATRO ANOS ATRÁS —

"Você parece muito jovem, William. Quantos anos você tem? Dezesseis? Dezessete?", perguntou Robert.

"Dezenove, milorde. Eu pareço novo para minha idade", respondi.

"E minha irmã morreu há quase cinco anos. Então você tinha catorze ou quinze quando ela escreveu isto?"

"Quinze, milorde."

"Cedo na vida para causar tamanha impressão. Honesto, corajoso, bom com números, letrado. Então por que você está vagando tão longe de casa em circunstâncias tão pobres, William?"

"Eu servi à Guarda da Floresta, milorde. Após a Rainha Rowen ser morta. E quando o mestre da guarda nos conduziu contra o Conde Renar, que tirou a vida de sua irmã, quero dizer, da Rainha Rowen, eu lutei nas Terras Altas. Mas tenho família em Ancrath, então, quando a justiça foi feita com o conde, peguei a estrada para que pensassem que eu havia morrido no

combate do Assombrado e nenhuma punição recairia sobre meus parentes para fazer com que eu me rendesse ao Rei Olidan. Desde então, milorde, estou vindo para cá, esperando continuar a servir à família da Rainha Rowen."

"É uma história e tanto", disse Robert, "para ser contada de uma vez só sem parar para respirar."

Eu não disse nada e observei as sombras das laranjeiras dançarem.

"Então você lutou ao lado de meu sobrinho, Jorg?", perguntou Robert. "Foi assim que você se machucou?" Ele pôs a mão em sua bochecha.

"Eu não lutei ao lado dele, milorde. Mas estava no mesmo campo de batalha. Ele não reconheceria meu nome ou meu rosto", eu lhe disse. "Nem mesmo com esta cicatriz. Isto veio mais recentemente. Em minhas viagens."

"Esta deve ser a honestidade sobre a qual Rowen escreveu. Muitos ficariam tentados a dizer que lutaram do seu lado esquerdo a fim de se aproveitar de minha generosidade." Robert sorriu. Ele esfregou o pequeno triângulo de barba escura em seu queixo. "Você sabe usar essa espada?", perguntou. Ele usava linhos comuns, uma camisa folgada, com o peito e braços bronzeados e musculosos. Talvez mais um cavaleiro do que um espadachim, mas ele entendia de espadas.

"Sei."

"E ler. E escrever?"

"Sim."

"Um homem de muitos talentos", disse Robert. "Mandarei Lorde Jost encontrar uma posição para você na guarda da casa. Isso servirá por ora. Preciso apresentá-lo a Qalasadi também – ele sempre gosta de conhecer um homem que entende os números." Ele sorriu como se houvesse contado uma piada.

"Obrigado, Lorde Robert", eu disse.

"Não agradeça a mim, William. Agradeça a minha irmã. E não deixe de mostrar a todos nós quão bem ela sabia julgar um caráter." Ele olhou para

cima, através das folhas das laranjeiras, em direção ao céu azul brilhante. “Levem-no ao capitão Ortens”, ele disse, e guardas da casa me conduziram.

Dormi aquela noite em um beliche no posto da guarda da torre oeste. Ortens, um homem com mais cicatrizes em sua careca do que parecia razoável ou mesmo possível, havia resmungado e xingado, mas ele mandou trazerem uma cota de malha do arsenal e chamou a costureira para ajustar um uniforme para mim, com os azuis da Casa Morrow. Eu também recebi uma espada de serviço, da mesma forja das espadas dos outros guardas, que supunham ser superior à que estava em minha bainha imunda e certamente mais agradável esteticamente, por completar o conjunto da guarda da casa.

Os homens mais velhos da guarda apresentaram as tradicionais dúvidas a respeito de minha habilidade de usar a espada, perguntaram se eu não sentiria falta de minha mãe e apostaram quanto tempo se passaria até o capitão me expulsar. Além disso, ser estrangeiro me permitia manifestar opiniões ruins sobre os reinos do norte em geral e de Ancrath em particular. Ancrath provou ser um ponto especialmente sensível, já que a Princesa Rowen deles havia tido um fim horrível lá. Admiti que sentia saudades de minha mãe, mas que isso não me faria ir correndo para casa. Também admiti que era um cidadão de Ancrath, mas um que havia lutado às portas do homem que havia matado sua rainha e que o vira pagar por seus crimes. Quanto a minhas habilidades de luta, convidei qualquer homem que se sentisse sobrecarregado de sangue para vir e testá-las por si próprio.

Dormi bem naquela noite.

A Casa Morrow acorda cedo. A maior parte antes do amanhecer para que algum progresso possa ser feito antes de o verão chegar e qualquer homem sensato possa se retirar para a sombra cada vez menor. Eu me vi no pátio de treinamento com quatro outros recrutas recentes. Capitão Ortens saiu

de seu desjejum para observar pessoalmente enquanto um sargento idoso nos fazia treinar com espadas de madeira.

Resisti ao impulso de dar um show e me ative aos movimentos básicos. É difícil enganar um olhar experiente, contudo, e suspeitei que Ortens tivesse saído com uma opinião melhor do recruta William do que a que trouxera consigo ao pátio.

Após algumas horas, ficou quente para o trabalho com espadas, e o sargento Mattus nos mandou para nossos afazeres. Sempre imaginara que as obrigações dos guardas do Assombrado e do Castelo Alto fossem tediosas. Mas só depois de eu mesmo tentar fazê-las durante metade do dia é que compreendi quão enfadonhos tais serviços são. Fiquei de pé no Portão Lowery, uma porta de ferro que dava acesso a algo que era pouco mais do que um jardim de varanda aumentado, onde as nobres damas cultivavam sálvia, miniaturas de limoeiros e várias plantas floríferas que haviam perdido suas flores meses antes e começavam a semear. Caso qualquer intruso chegasse à varanda, eu deveria impedir sua entrada no castelo. Algo improvável, já que ele teria que cair de uma nuvem passando por ali para alcançar tal objetivo. Se qualquer dama da casa quisesse visitar o jardim, então eu estava habilitado a destrancar a porta para o acesso e trancá-la novamente quando elas houvessem saído. Já estou entediado até de rabiscar isso nesta página. Fiquei lá por três horas em um uniforme que coçava e não vi absolutamente ninguém. Ninguém sequer passou pelo corredor adjacente.

Outro recruta do exercício de treinamento da manhã me substituiu ao meio-dia e eu saí para achar o refeitório dos guardas. Agora eu sei por que eles chamam de alívio.

“Um instante de sua atenção, rapaz.”

Parei a apenas um metro da porta do refeitório e deixei meu estômago reclamar por mim. Eu me virei lentamente.

“Fiquei sabendo que você conhece os números.” O homem havia saído da sombra de um arbusto de lilases que invadia a muralha interna do pátio principal. Um mouro, mais escuro que a sombra, enrolado em um albornoz preto, com a pele de um marrom queimado, exposta apenas em suas mãos e rosto.

“Pode apostar”, eu disse.

Ele sorriu. Seus dentes eram pretos, pintados com algum pigmento, e o efeito era perturbador. “Eu sou Qalasadi.”

“William”, eu disse.

Ele ergueu uma sobrancelha.

“Como posso ajudá-lo, Lorde Qalasadi?”, perguntei. Ele se portava como um nobre, embora nenhum ouro brilhasse nele. Eu o julguei pelo corte de sua túnica e os cachos arrumados de sua barba curta e cabelos. A riqueza compra certo cuidado com a aparência que transparece dinheiro, mesmo quando os gostos do homem rico são simples.

“Apenas Qalasadi”, ele disse.

Gostei dele. Simples assim. Às vezes eu simplesmente gosto.

Ele se agachou e, com uma varinha de marfim retirada de sua manga, escreveu números na terra. “Seu povo me chama de matemágico”, ele disse.

“E como você chama a si mesmo?”, perguntei.

“Numerado”, ele disse. “Diga-me o que vê.”

Eu olhei para seus rabiscos. “Aquilo é um sinal de raiz?”

“Sim.”

“Eu vejo números primos aqui, aqui e... aqui. Este é um número racional, este aqui irracional. Eu vejo famílias.” Circulei grupos com o dedo do pé, alguns sobrepostos. “Números reais, números inteiros, imaginários, números complexos.”

Ele desenhou novamente, fazendo símbolos dos quais eu me lembrava apenas vagamente. “E isto?”

"Alguma parte do cálculo integral. Mas isso vai além de minhas lições." Angustiava-me ter de admitir derrota, embora eu devesse ter segurado a língua após reconhecer os números primos para ele. O orgulho é a minha fraqueza.

"Interessante." Qalasadi esfregou a poeira para apagar seus rabiscos como se eles pudessem ser perigosos para os outros.

"Então, você já conseguiu me decifrar?", perguntei. "Qual é meu número mágico?" Eu havia ouvido falar de matemágicos. Eles não pareciam tão diferentes dos bruxos, astrólogos e videntes que tínhamos perto de casa, obcecados por prever o futuro, distribuir rótulos, arrancar dinheiro dos tolos. Se ele me dissesse algo sobre as glórias futuras do Príncipe de Arrow eu teria problemas em me segurar. Se ele sugerisse que nasci no ano da cabra, então eu não me conteria!

Outra vez o sorriso preto. "Seu número mágico é três", ele disse.

Eu ri. Mas ele ficou sério. "Três?" Balancei a cabeça. "Há muitos números para escolher. Três parece um pouco... previsível."

"Tudo é previsível", disse Qalasadi. "No fundo, minha arte trabalha com probabilidade, que produz a previsão, e isto nos leva ao tempo, e no final, meu amigo, tudo se resume a uma questão de tempo, não é mesmo?"

Fazia sentido. "Mas... três?" Agitei as mãos, procurando mostrar indignação. "Três?"

"É o primeiro de seus números mágicos. Eles formam uma série", ele disse. "O segundo deles é catorze."

"Ah, agora sim. Catorze. Nisso eu posso acreditar." Eu me agachei ao seu lado, já que ele parecia não querer levantar. "Por que catorze?"

"É a sua idade, não é?", ele perguntou. "E é a chave para seu nome."

"Meu nome?" Um mal-estar subiu por minhas costas me arrepiando, apesar do calor.

"Honório, eu diria. Com alguma certeza." Ele rabiscou na poeira e apagou rapidamente. "Ancrath, muito possivelmente. Jorg, talvez."

“Estou fascinado como você conseguiu calcular tudo isso a partir de catorze”, eu disse. Considerei quebrar o pescoço dele e ir embora para as docas. Mas esse não era o homem que eu queria mostrar para o pai de minha mãe ou para o irmão dela. Não era o Jorg que ela conhecera.

“Você tem a aparência de um comissário, para mim. Os traços certos. Especialmente em volta dos olhos, do nariz, da testa também. E você declarou ser de Ancrath, o que se encaixa com seu sotaque e sua cor. Quase todos os comissários têm o nome em homenagem a Honório. Você poderia ser um bastardo, mas quem ensina um bastardo a sequer reconhecer cálculo? E se você for legítimo, então como um comissário de Ancrath seu sobrenome seria Ancrath. E quais membros daquela casa são jovens rapazes? Jorg Ancrath me vem à mente. E quantos anos ele tem? Quase quinze, mas ainda não chegou lá.”

Eu ainda não sabia se estava certo em gostar do homem, mas seu acúmulo de fatos e o talento para a dedução me impressionaram. “Espetacular”, eu disse. “Errado, mas espetacular.”

Qalasadi deu de ombros. “Eu tento.” Ele acenou para o refeitório. “Seu almoço o aguarda, sem dúvida.”

Eu me levantei e saí pelo pátio. Depois parei. “Por que três?”

Qalasadi franziu a testa como se tentasse se recordar de uma sensação perdida. “Três passos para fora? Três na carruagem? Três mulheres que o amarão? Três irmãos perdidos em sua jornada? A mágica reside no primeiro número, a matemática no segundo.”

Os “três passos” puseram um calafrio em minha coluna, como se ele houvesse vasculhado o fundo de meu cérebro e puxado algo que eu preferia manter escondido. Eu não disse nada e me afastei, com uma noite agitada passando por minha cabeça, cortada por relâmpagos e vislumbres da carruagem vazia enquanto eu me pendurava nos espinhos.

Eu me vi à mesa do refeitório sem lembrança de chegar até lá. Eu me perguntei quanto tempo levaria para Qalasadi jogar suas deduções aos pés

de meu tio. Ele podia estragar meu jogo, mas não representava perigo.

"Não está com fome?" O guarda baixinho dos portões se sentou à minha frente. Sunny.

Olhei para meu almoço e tentei entendê-lo. "O que é essa gororoba? Alguém vomitou na minha tigela?"

"Lula apimentada." O guarda beijou as pontas dos dedos e as abriu. *Muah*.

Eu espetei um tentáculo, o que já era um feito difícil, e comecei a mastigar. A experiência não era diferente de mastigar couro de sapato. Exceto que, para uma reprodução completa, você precisa tacar fogo no couro. Temperos são todos muito bons. Sal a gosto, um pouco de pimenta, uma folha de louro na sopa, um cravo ou dois na torta de maçã. Mas na Costa Equina eles parecem gostar de pimentas que arrancam a pele de sua língua. Por ter sido queimado do lado de fora e não gostado da experiência, eu não via motivo em queimar do lado de dentro. Cuspi a colherada de volta para a tigela.

"Isso é realmente nojento!", eu disse.

"Eu teria pegado de você", o guarda disse. "Mas você foi e cuspiu na comida. Eu sou Greyson, a propósito."

"William de Ancrath", eu disse. Peguei meu pedaço de pão e o mordisquei, com medo de o cozinheiro ter misturado um saco de pimenta em pó junto com a farinha.

"Qual é o lance do mouro?", perguntei. Passei os dedos em cima dos dentes, como se "mouro" não fosse uma descrição suficiente.

"Você já conheceu Qalasadi, é?" Greyson sorriu. "Ele faz as contas do castelo. Faz maravilhas com os comerciantes locais. Consegue bons contratos para o Conde Hansa. O melhor de tudo é que ele é encarregado de pagar os guardas e nunca atrasa um dia. Cinco anos atrás nós tínhamos o frei James na contabilidade. Podíamos ficar um mês sem dinheiro." Ele balançou a cabeça.

"Ele é próximo do conde e do filho dele, esse Qalasadi?", perguntei.

“Não especialmente. Ele é apenas o contador.” Greyson deu de ombros.

Eu gostei do som daquilo, mas desconfiei de um homem com tanto talento desempenhando uma função relativamente menor sem reclamar.

“Gosto bastante dele”, disse Greyson. “Joga baralho com os guardas às vezes. Sempre perde, nunca reclama, nunca bebe nossa cerveja.”

“Qualquer um pensaria que ele seria bom nas cartas”, eu disse.

“Horrível. Não sei nem se ele sabe as regras. Mas parece adorar. E os soldados gostam dele. Eles nem implicam por ele ser o único mouro do castelo. E eles poderiam muito bem. Com os conterrâneos dele invadindo o continente e nos transformando todos em pagãos ou cadáveres.”

“Os mouros?”, perguntei. “Devo esperar matar alguns em breve, então?”

Outros da guarda se inclinaram, ouvindo a conversa enquanto mastigavam sua lula. Achei que talvez a pimenta dissolvesse os tentáculos no final porque a mastigação parecia insuficiente.

“Talvez sim”, disse Greyson. “Ibn Fayed, um califa de Liba, já mandou seus navios três vezes este ano. Outro ataque está por vir.”

Sem aviso, o rumor da conversa desapareceu e Greyson abaixou a cabeça. “Shimon, o mestre espadachim”, sussurrou. “Ele nunca vem aqui.”

Um homem apareceu atrás de mim. Eu me concentrei na lula, mas me abstive de colocá-la na boca.

“Você, garoto”, disse Shimon. “Ancrath. No pátio lá fora. Fiquei sabendo que você promete.”



TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

42

— QUATRO ANOS ATRÁS —

Eu conhecia o mestre espadachim Shimon de nome. Makin me contou histórias sobre ele. Sobre suas façanhas quando jovem, defensor de reis, professor de campeões, lenda do torneio. Eu não esperava que ele fosse tão velho.

"Sim, mestre espadachim", eu disse e o acompanhei até o pátio.

Dizer que ele se movia como um espadachim seria pouco. Ele aparentava ser tão velho quanto o tutor Lundist, com o mesmo cabelo branco, mas pisava como se ouvisse a música da espada pulsar através de cada momento do dia.

Qalasadi havia desaparecido das sombras e o pátio estava vazio, a não ser por uma serviçal passando com um cesto de roupa suja e pelos homens montando guarda no portão. Outros guardas se aglomeraram à porta do refeitório atrás de nós, mas eles não ousaram nos seguir para fora. Shimon não os havia convidado.

O mestre espadachim virou-se para me encarar. A aparência de estudioso dele me surpreendeu. Ele poderia passar por escriba, a não ser pela pele queimada de sol e uma dureza no olhar. Ele sacou sua espada. Uma lâmina padrão igual à minha.

"Quando estiver pronto, rapaz", ele disse.

Eu deslizei minha espada para fora, pensando em como lidar com isso. Qalasadi estava provavelmente contando a meu tio quem eu realmente era naquele momento, então por que não tirar pleno partido da oportunidade?

Bati em sua espada e ele fez aquele truque de girar o pulso que o Príncipe de Arrow usou, só que melhor, e arrancou a espada de minha mão. Eu ouvi risos vindos da porta.

"Esforce-se mais", disse Shimon.

Sorri e peguei minha espada do chão. Dessa vez agi rápido com uma estocada em seu corpo. Ele fez o truque outra vez, mas eu girei meu pulso junto com o dele e mantive a espada.

"Melhor", ele disse.

Eu o ataquei com combinações curtas e precisas, os movimentos que eu estava praticando com Makin. Ele me rechaçou sem esforço aparente, retrucando ao final de cada investida com um contra-ataque que eu mal pude conter. O choque rápido de metal contra metal ecoava pelo pátio. Senti a música do aço aumentar em volta de mim. Senti aquela sensação calma e fria surgindo em meus braços, bochechas e nas costas. Eu ouvi a canção.

Sem pensar eu ataquei, com movimentos altos, baixos, fintando, utilizando toda a minha força nos momentos exatos, mexendo tudo em mim, pés, braços, quadris, apenas com a cabeça parada. Aumentei o ritmo, aumentei e o aumentei de novo. Às vezes, eu não conseguia ver nem a minha espada nem a dele, apenas a silhueta de nossos corpos, e a necessidade da dança me dizia como me mover, como bloquear. O som de

nossas paradas tornou-se algo como o *clique-clique* das agulhas de tricô em mãos experientes.

O rosto duro de Shimon não parecia feito para sorrir, mas um sorriso encontrou seu caminho até lá. Eu sorria feito um idiota, com o suor pingando de mim.

"Basta." Ele se afastou.

Achei difícil não ir atrás dele, continuar o ataque, mas deixei minha espada cair. Houve uma alegria naquilo, na pureza, em viver no fio de minha espada sem pensar. Meu coração palpitava e o suor me encharcava, mas eu não tinha nada da raiva que normalmente se acumula até mesmo em sessões de treino. Nós havíamos feito algo belo.

"Você poderia me derrotar?", perguntei, puxando o fôlego. O velho não parecia estar cansado.

"Nós dois ganhamos, garoto", ele disse. "Se eu tivesse alcançado a vitória nós dois teríamos perdido."

Entendi aquilo como um sim. Mas eu o compreendi. Esperei que eu tivesse a elegância de me afastar caso o visse fraquejar. Não fazer isso estragaria o momento.

Shimon embainhou sua espada. "Aproveite seu almoço, guarda", ele disse.

"É isso?", perguntei, enquanto ele se virou para sair. "Nenhum conselho?"

"Você não se esforça o bastante no começo e se esforça demais no fim", ele disse.

"Nada técnico."

"Você tem talento", ele disse. "Espero que tenha outros talentos também. Eles provavelmente lhe trarão mais felicidade."

E ele saiu.

"Inacreditável", Greyson disse quando voltei à mesa. "Nunca vi nada parecido."

E isso foi todo o tempo que eu tive para aproveitar minha glória. O sino tocou para nos avisar que o almoço havia terminado e eu tinha que voltar a

guardar o Portão Lowery.

O Portão Lowery quase me derrotou. Considerei seriamente me apresentar a meu avô. No fim, porém, eu queria ver como a corte funcionava por dentro, como meus parentes levavam suas vidas, quem eles realmente eram. Acho que queria uma janela para meu passado, sem estragá-la com minhas próprias surpresas.

Dormi novamente no posto da guarda e acordei com novas obrigações. Qalasadi, pelo visto, não havia contado a meu tio. Suspeitei que ele pensou que eu teria alguma influência, quando minha identidade fosse descoberta, e ele não queria me ter como inimigo. Se ele não deixasse meu segredo escapar, quem saberia que ele o conhecia? Assim ele não enfrentaria repressão por não me revelar.

Minha nova tarefa era como guarda pessoal de Lady Agath, uma prima de meu avô que estava morando no Castelo Morrow havia alguns anos. Uma senhora gorda e velha, chegando ao ponto em que o peso começara a diminuir, como acontece com os muito velhos. Viva tempo bastante e todos nós morremos magros.

Lady Agath gostava de fazer tudo lentamente. Ela não prestou atenção em mim, a não ser para reclamar que minha cicatriz era feia de se olhar. E por que ela não podia ter um guarda apresentável? Às rugas trazidas por sua idade avançada, ela acrescentava aquelas que as pessoas gordas adquirem quando começam a desinchar. O efeito geral era alarmante, como se fosse uma troca de pele, descartada talvez por um réptil gigante. Eu a seguia em volta do Castelo Morrow a passo de lesma, o que me dava tempo de analisar o local, pelo menos a parte dele que ficava entre a latrina, o salão de jantar, o quarto de dormir de Lady Agath e o Salão das Senhoras.

"Fique quieto, garoto, você nunca para quieto", disse Lady Agath.

Eu não mexera um músculo por cinco minutos. Continuei o hábito e segurei minha língua.

“Não seja atrevido comigo”, ela disse. “Seus olhos estão sempre passando de uma coisa à outra. Nunca parados. E você pensa demais. Eu posso vê-lo pensando agora mesmo.”

“Peço desculpas, Lady Agath”, eu disse.

Ela pigarreou, com as papadas se balançando, e se acomodou em suas rendas pretas. “Toque mais”, ela disse ao menestrel, um camarada moreno e bonito que tinha uma combinação suficiente de beleza e talento para prender a atenção de Agath e três outras velhas nobres em um dos cantos do Salão das Senhoras.

O Salão das Senhoras parecia ser aonde as mulheres da Costa Equina iam para morrer. Com certeza não havia nenhuma mulher com menos de sessenta.

“Você está fazendo aquilo de novo”, chiou Lady Agath.

“Desculpe-me.”

“Vá até a adega e diga a eles que eu quero um jarro de vinho, um tinto de Wennith, algo dos morros do sul”, Lady Agath disse para mim.

“Não posso deixá-la desacompanhada, Lady Agath”, eu disse.

“Não estou desacompanhada. Estou com Rialto aqui.” Ela acenou em direção ao menestrel. “Eu sempre tenho meu vinho da adega. Não sei o que fazem com ele naquela cozinha, mas o arruínam. Deixam aberto, acho. E as meninas sempre demoram demais”, ela comentou com as outras senhoras. “Vá, garoto, ande logo.”

Eu tinha dúvidas se Rialto poderia proteger Lady Agath de uma vespa nervosa, quiçá de outras ameaças, mas não achei que ela estivesse em nenhum perigo, e não me importava se estivesse, então saí sem reclamar.

Levei um tempo até encontrar o caminho para o porão certo, mas após algumas curvas erradas eu o localizei. Geralmente, é possível reconhecer uma adega pela robustez da porta, atrás apenas da porta da tesouraria na maioria dos castelos. Até os serviçais mais leais podem roubar seu vinho se tiverem alguma chance e ainda urinarão as provas na parede.

Fiz outra viagem para encontrar o cozinheiro diurno e fazê-lo destrancar a porta para mim. Ele se sentou em uma cadeira posicionada à porta e começou a morder a perna de carneiro que havia trazido consigo dentro de seu avental.

"Jarros ficam perto da porta. Pegue o que quiser. Não deixe a torneira pingando. Os tintos de Wennith estão lá no fundo, no canto esquerdo, marcados com uma cruz dupla e coroa."

Eu acendi uma lamparina com a dele e entrei.

"Cuidado com as aranhas", ele disse. "As pequenas marrons são ruins. Não seja picado." Após dizer "pequenas" ele fez um círculo com seu indicador e o dedão que não parecia particularmente pequeno.

A adega se estendia por dezenas de metros, com os barris de vinho empilhados sobre estantes, a maioria deles fechados, alguns espetados com uma torneira. Costurei um caminho pelos corredores estreitos, espremendo-me para passar por um caminhão de carga e vários barris vazios deixados para eu tropeçar.

Os barris de tinto de Wennith estavam todos fechados, exceto por um vazio. Suspeitei que a maior parte de seu conteúdo tivesse passado por Lady Agath no seu caminho à latrina. As ferramentas e torneiras avulsas para perfurar um barril novo não estavam aparentes. Reparei em uma porta, quase ocultada por baixo de um acúmulo de sujeira e mofo, atrás de uma pilha de barris esvaziados. Parecia muito em desuso para ser um armário, mas a necessidade de encontrar uma marreta e uma torneira era uma boa desculpa para olhar o que havia por trás. Sou um explorador por natureza e daria um jeito de bisbilhotar de um jeito ou de outro. O que os nobres mantêm em seus porões e calabouços pode dizer muito a respeito deles. Meu pai mantinha a maioria de meus irmãos de estrada para torturar e executar em seu calabouço. Não vou dizer que eles não merecessem. Severo porém justo – é isso que o calabouço de meu pai dizia sobre ele. Principalmente severo.

Eu precisei levantar e puxar ao mesmo tempo para sacudir a porta, empurrando os barris vazios para o lado. Quando a abertura ficou grande o bastante para passar, eu entrei. Uma escada em espiral levava para baixo. A escada era feita de pedra esculpida, trabalho dos pedreiros do castelo, mas o eixo sobre o qual ela descia era de pedra dos Construtores, despejada. O eixo descia uns quinze metros, mais ou menos, até o leito de rocha. Lá embaixo, uma passagem levava a uma câmara retangular dominada por uma máquina encardida de cilindros, parafusos e chapas circulares. Lâmpadas forneciam luz fraca, três de talvez vinte ainda funcionando, embora não tão claras quanto as do Castelo Alto.

Eu atravessei até a máquina e passei a mão em um de seus muitos tubos. Meus dedos saíram pretos, deixando riscos brilhantes no metal prateado exposto. A máquina inteira tremia com uma vibração suave, pouco mais que pegadas pesadas ecoando em um chão de pedra.

"Vá embora." Um homem velho estava ali, desenhado rapidamente por uma mão invisível. O fantasma de um homem velho, eu deveria dizer, porque apenas a luz o moldava. Dava para ver a máquina através de seu corpo, e a pele dele não tinha cor, como se ele fosse feito de fumaça. Ele vestia roupas brancas, bem rentes ao corpo, com corte esquisito, e de uma hora para outra sua forma inteira piscava como se uma mariposa houvesse passado na frente da luz que se projetava para criá-lo.

"Venha me tirar", eu disse.

"Rá! Essa é boa." Ele sorriu. Pela aparência, poderia ser irmão do mestre espadachim Shimon. "A maioria das pessoas sai correndo quando eu digo 'bu'."

"Já vi minha cota de fantasmas, velhote", eu disse.

"Tenho certeza, garoto", ele disse. Parecia querer me agradar. O que era estranho, já que ele era realmente um fantasma.

"Há quanto tempo você assombra este lugar e que espécie de máquina é esta?", perguntei. É melhor ir direto ao ponto com fantasmas e espíritos.

Eles tendem a desaparecer antes que você perceba.

"Eu não sou um fantasma. Sou um eco de dados. O homem do qual eu fui copiado viveu por mais catorze anos depois que fui capturado..."

"Quanto tempo?"

"...e morreu mais de mil anos atrás", ele disse.

"Você é o fantasma de um Construtor?", perguntei. Parecia absurdo. Nem fantasmas duram tanto tempo.

"Eu sou um algoritmo. Sou retratado à imagem de Fexler Brews e minhas respostas são calculadas a partir de seis teratos de dados reunidos a respeito do homem durante a vida dele. Eu sou o eco dele."

Eu entendi algumas palavras. "Que dados? Números? Como Qalasadi escreve em seus livros de trabalho?"

"Números, letras, livros, imagens, momentos desprotegidos capturados em segredo, frases murmuradas durante o sono, exclamações ditas durante o coito, análise química de seus dejetos, apresentações públicas, meditações provadas, evidências poligráficas, amostras de DNA. Dados."

"O que você pode fazer por mim, fantasma?" Sua linguagem não me dizia nada. Parecia que eles o haviam observado e escrito sua história em uma máquina – e agora a história falava comigo, mesmo que o homem propriamente dito já tivesse virado poeira.

Fexler Brews deu de ombros. "Sou um homem velho fora de minha época. Nem isso – uma cópia incompleta de um homem velho fora de sua época."

"Você pode me contar segredos. Dar-me o poder dos antepassados", eu disse. Eu não achava que ele fosse fazê-lo, senão meu avô já seria imperador, mas não custava tentar.

"Você não entenderia meus segredos. Há uma lacuna entre o que eu digo e o que você pode compreender. Vocês poderiam preencher essa lacuna em cinquenta anos se parassem de tentar matar uns aos outros e começassem a olhar para o que está ao seu redor."

“Tente.” Eu não gostei do tom dele. No fim das contas, essa coisa diante de mim era apenas uma brincadeira com sombras, uma história sendo contada por uma máquina de engrenagens e molas e magia, tudo amarrado pelo fogo secreto dos Construtores. “O que isso faz?” Bati na máquina com o pé. “Para que serve?”

Fexler piscou para mim. Talvez ele piscasse assim frequentemente e a máquina se lembrava. “Isso tem vários propósitos, meu jovem, alguns simples que você pode entender – o bombeamento e a purificação da água – e outros que estão fora do seu alcance. É uma central, parte de uma rede sem fim, uma ferramenta de observação e comunicação, protegida aqui embaixo para segurança. Para mim e para minha espécie ela serve como uma de muitas janelas para o pequeno mundo da matéria.”

“Pequeno?”, eu sorri. Ele vivia em uma caixa de metal não muito maior do que um caixão.

Fexler franziu a testa, irritado. “Tenho outras coisas para fazer: vá brincar em outro lugar.”

“Diga-me isto”, falei. “Meu mundo. Não é como eu leio nos livros mais antigos. Quando eles falam sobre mágica, sobre fantasmas, é como se fossem contos de fadas para assustar crianças. No entanto, eu já vi os mortos andarem, já vi um garoto produzir fogo só com o pensamento.”

Fexler franziu a testa como se considerasse como explicar. “Pense na realidade como um barco cujo curso foi estabelecido, cujo leme está travado em sua posição por constantes universais.”

Eu me perguntei se um drinque ajudaria com tais imaginações. Todo aquele vinho parecia muito tentador.

“Nossa maior realização, e ruína, foi virar o leme apenas uma fração. O papel do observador sempre foi importante – nós descobrimos isso. Se uma árvore cai na floresta e ninguém ouve, ela ao mesmo tempo faz e não faz barulho. Se ninguém vê, então ela está ao mesmo tempo ereta e caída. O gato está ao mesmo tempo vivo e morto.”

“Quem falou da porra de um gato?”

O fantasma de Fexler Brews suspirou. “Nós atenuamos as barreiras entre pensamento e matér...”

“Já ouvi isso antes”, eu disse. Ferrakind me dissera algo semelhante. Será que o fantasma de um Construtor tinha em comum a mesma loucura? O nubano havia falado sobre barreiras desaparecendo, do véu entre a vida e a morte se desgastando. “Os Construtores faziam mágica? Eles a trouxeram ao mundo com suas máquinas?”

“Não existe mágica.” Fexler balançou a cabeça. “Nós mudamos as constantes. Só um pouco. Reforçamos a ligação entre o *querer* e o *ser*. Agora não só a árvore está ao mesmo tempo caída e descaída, mas se o homem certo desejar, com foco suficiente, a árvore caída irá se levantar. O gato zumbi irá andar e ronronar.”

“O que é um zumbi?”

Outro suspiro. Fexler desapareceu e todas as luzes se apagaram. Até minha lanterna.

Eu subi as escadas de volta no escuro, fui picado por uma aranha, e estava muito atrasado com o vinho de Lady Agath.



TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

43

— QUATRO ANOS ATRÁS —

Cheguei ao refeitório do Castelo Morrow com a mão inchada e a cabeça doendo. Veneno de aranha faz suas entranhas se revirarem e põe ilusões no limite de sua visão, ilusões tão sórdidas quanto é possível imaginar. E eu fui amaldiçoado com uma imaginação fértil.

Os guardas da casa e os guardas do muro tendem a concordar com muito pouco, mas todos eles concordaram que eu era um nortista burro e que provavelmente não balançaria minha espada tão elegantemente por um tempo.

Por ser domingo, o cozinheiro preparou uma surpresa especial para nós. Caracóis ao alho e vinho, com arroz de açafrão. Os caracóis vieram das encostas locais, de uma variedade grande, tão grossos quanto o braço de uma criança. Mas, a bem da verdade, caracóis são apenas lesmas de chapéu. O prato principal parecia grandes caroços de meleca em sangue. Não sei por que a Costa Equina é obcecada em comer coisas que esguicham. Já me

sentindo enjoado, experimentei o arroz. Aparentemente, o Conde Hansa havia nos conferido uma grande honra, por açafrão ser o tempero de reis e ser vendido a preços absurdos. Tudo que posso dizer é que tinha gosto de mel amargo e revirou meu estômago. Eu comi só um pouquinho e decidi ficar com fome.

Saí de fininho para minha cama com um pedaço de pão e caí em sonhos vívidos.

O fato de ter sido pego dormindo, ou melhor, ter sido pego enquanto estava dormindo, eu atribuo à mordida da aranha. A verdade é que se você saltasse com a espada sobre cada um que passasse em um dormitório de guardas logo metade do castelo estaria morta.

Acordei com mãos fortes agarrando meus pulsos e tornozelos e descobri que nenhum tipo de esforço iria impedi-los de me arrastar por vários corredores, um lance de escadas, até uma cela do calabouço. Eles tiveram um respeito sadio pela minha habilidade de lhes fazer mal. Então, para que saíssem em segurança, um deles me bateu na barriga com o máximo de força enquanto os outros me esticavam para receber o golpe. Eu os ouvi correndo e o barulho da porta camuflou minha ânsia de vômito.

Gritar para ser libertado sempre me pareceu uma bobagem. Você não vai ajudar as pessoas que o puseram lá a perceber que eles acabaram fazendo a coisa errada. Então não gritei. Eu me sentei no chão e imaginei. Talvez Qalasadi houvesse contado seu segredo e minha família não tivesse gostado. Ou mais provavelmente minha excursão à máquina dos Construtores embaixo da adega havia sido descoberta e julgada da pior forma possível.

Levou uma hora. Um rosto apareceu na pequena janela da porta da cela. Um movimento tolo, em minha opinião, pois se eu quisesse poderia ter causado grandes estragos àquele rosto com a faca que haviam deixado comigo.

“Olá, Lorde Jost”, eu disse. Eu o havia conhecido apenas por instantes antes que ele me passasse ao capitão Ortens para a guarda da casa, mas seu rosto comprimido com um bigodinho escuro era fácil de se lembrar.

“William de Ancrath”, ele disse. Ele falou as palavras lentamente, como se tivesse dificuldade em dar crédito a elas.

O chão era desconfortável e bastante frio. Eu achei que poderia sair dali mais rapidamente se o deixasse falar. Então não disse nada.

“Que veneno você usou, William?”, ele perguntou.

Eu olhei para minha mão à meia-luz. A picada da aranha se tornara roxa. “Veneno?”, perguntei.

“Não estou aqui para brincadeiras, garoto. Eu o deixarei apodrecer. Se eles morrerem antes de você abrir a boca, o conde irá contratar torturadores mouros para usá-lo como exemplo.”

O rosto se afastou.

“Espere!” Eu fiquei de pé rapidamente. Não gostei do som de “torturadores mouros”. Na verdade, é difícil colocar qualquer palavra depois de “torturadores” que não soe perturbadora. “Conte-me o que aconteceu e você terá toda a verdade de mim. Eu juro por Deus.”

Ele se virou e saiu andando.

Eu me atirei à porta, com o rosto na janela. “Eu posso salvá-los”, menti. “Mas preciso saber quem foi afetado.”

Lorde Jost se virou e eu agradeci a quem quer que tenha inventado a mentira. “Todos os guardas do turno do dia estão entrando em delírio”, ele disse. “Vários ficaram cegos.”

“E eu sou o único que não está apresentando sintomas. Então isso me torna culpado?”

“Você é algum tipo de assassino, obviamente. Provavelmente um soldado de Olidan de Ancrath. Se você providenciar um antídoto posso lhe prometer uma morte rápida.”

“Não tenho um antídoto”, eu disse. Quem envenenaria um turno inteiro de guardas?

“Que veneno você usou? Você prometeu a verdade”, disse Lorde Jost.

“Se sou um assassino, por que você esperaria que eu cumprisse minha promessa? E se eu não sou então não posso cumpri-la, não é mesmo? Porque não fui eu.”

Lorde Jost cuspiu de uma maneira nada nobre e começou a ir embora outra vez.

“Espere. Tem de ser os mouros, não é? Por que o Rei Olidan iria envenenar alguns guardas? Ele não iria fazer um exército marchar por mil e quinhentos quilômetros para bater à sua porta. Os mouros estão planejando um ataque.”

Ele virou a esquina.

“Eu não estou doente porque não comi a comida!”, gritei para ele.

Os ecos de seus passos desapareceram.

“Porque a comida de vocês tem gosto de merda em que alguém tacou fogo!”, eu gritei.

E eu estava sozinho.

O bebê morto veio a mim no escuro, com os olhos solenes me observando, a cabeça pendendo em um pescoço quebrado. Pela milionésima vez me perguntei se havia matado Katherine lá naquele cemitério. Essa criança era minha. Isso não podia ser porque eu assassinara sua mãe, ou apenas uma das muitas crianças cujo sangue manchara minhas mãos? As crianças de Gelleth. Foi preciso um monstro para torná-las reais para mim. Não um monstro pela forma. Eu chamava Gog e Gorgoth de monstros. Mas Chella e eu éramos para valer, abomináveis nos atos, se não na forma.

Por que envenenar os guardas? Podiam ser os mouros, mas eles dificilmente dominariam o castelo em um único ataque e não poderiam envenenar todos os seus defensores. E não é inteligente mandar um aviso

como esse se você espera assaltar rapidamente as cidades e igrejas dos arredores.

Um punho de ferro explodiu em minha barriga, me pegando de surpresa, e eu expeli um vômito aguado pela cela. Caí de frente, em cima de minhas mãos.

"Merda."

A escuridão em volta continuava a rodar, então pressionei minha bochecha no chão frio de pedra. Minha cicatriz ainda ardia, como se as farpas alojadas em minha carne se mantivessem quentes.

Talvez eu tenha sido envenenado, no fim das contas. Mas por que levaria mais tempo comigo? Não teria a ver com minha estrutura resistente do norte, teria? E eu não comi quase nada. Um pedaço de pão. Uma colherada de arroz amargo.

Eu precisava sair. E esse é o problema com celas de calabouço. Alguém teve o trabalho de se certificar de que você não irá a lugar algum e sua vontade, por maior que seja, não irá mudar isso.

Eu me levantei e fui até a porta. Depois que Lorde Jost e sua lanterna foram embora, não havia quase luz nenhuma, mas alguma coisa vazava para baixo, talvez um sussurro do sol brilhando nos pátios acima se o dia já tivesse dado a volta, talvez um eco das tochas mais abaixo no corredor pelo qual me arrastaram. De qualquer modo, ela era suficiente para olhos acostumados à noite encontrarem cantos e detalhes ocasionais. Eu examinei a pequena janela da porta. Dava para passar um braço por ela, se não fossem as barras. A madeira era da grossura de três dedos, maciça. Eu levaria uma semana talhando com minha faca para fazer um buraco.

Alguma coisa passou correndo atrás de mim. Um rato. Eu conheço os barulhos de um rato no escuro. Atirei minha faca. Era um jogo entre os irmãos. Acertar um rato no escuro. Grumlow era um mestre nesse jogo em especial. Nós frequentemente encontrávamos um rato espetado por uma de suas facas. Às vezes, desconfortavelmente perto de minha cabeça.

“Peguei você.”

Já que não havia manhã para aguardar, procurei minha vítima com as mãos e recuperei minha faca.

Voltei à janela e suas barras. Eu as puxei, tentando imaginar como elas eram presas à madeira. Elas não cederam. Engraçado como muitas vezes nossas vidas se reduzem a um único pedaço inflexível de metal. A ponta de uma faca, uma algema, um prego. Gorgoth talvez pudesse torcer aquelas barras com aquela mão bruta dele. Mas eu não. Puxei e empurrei até minha mão sangrar. Nada.

Eu me sentei novamente. Pensei, pensei e pensei mais um pouco. Por fim, andei até a janela e comecei a gritar para me deixarem sair.

Demorou um pouco. Tempo o bastante para minha garganta ficar irritada e minha voz falhar, mas lá no fundo um brilho se aproximou. O brilho oscilante de um lampião.

“Você tem uma chance de calar a boca, garoto. Depois disso...”

“Você vem calar para mim?,” perguntei, pressionado contra a porta.

“Ah, você gostaria disso, não é? Que eu abrisse a porta. Eu ouvi a respeito de você e mestre Shimon. Eu não abriria esta porta por uma moeda de ouro. Não. Cale a sua boca ou descobrirá que já bebeu sua última gota de água neste mundo de Deus.”

“Ei, não faça assim. Eu sinto muito.” Levantei a mão e soltei meu relógio para que ele caísse na cesta da janela. “Olhe, pegue isto aqui, vale cem moedas. Só me traga algo bom para comer, sim?”

Eu me agachei. Escutando. Escutando.

O carcereiro se aproximou para pegar a isca e pou!, enfiei o braço pela abertura de alimentação na base da porta, esfolando meu cotovelo, e o peguei por trás dos tornozelos. Uma puxada brusca e ele caiu. Apertei com mais força, puxando seu pé em direção à porta, mas ele não resistiu.

“Merda.”

O desgraçado havia batido a cabeça e perdido os sentidos. Eu estava planejando reduzir o número de dedos em seu pé com a faca até que ele me oferecesse sua chave. É difícil intimidar um homem inconsciente.

Eu peguei meu rato morto. Ainda estava quente.

Há vários usos para um rato morto. Falarei sobre eles outra hora. O uso que eu tinha em mente, no entanto, se revelou difícil. Acabou sendo mais difícil fazer um rato morto correr novamente do que mandar o irmão Algazarra mergulhar na lama. É difícil entender um rato, colocar-se em seu lugar. Eu quase desisti, mas quando foquei na fome ele se contorceu em minhas mãos. Acontece que estar morto não impede um rato de pensar em sua próxima refeição. Assim que possível, a criatura estava dançando conforme a minha música e eu a empurrei pela abertura de comida.

À luz do lampião do carcereiro, que ele utilmente havia pendurado em um gancho antes de pegar meu relógio, mandei o rato para revistá-lo.

Observei o pequeno cérebro de rato dizendo-lhe para roer a tira que prendia o molho de chaves ao cinto do carcereiro. Quando o chaveiro se soltou, mandei o rato arrastá-lo até mim. Em uma cela realmente segura não seria possível destrancá-la por dentro, mas todos os sistemas têm suas falhas. Deixei o rato morrer novamente e saí para o corredor, um homem livre após minhas longas horas de encarceramento!

Meu estômago se contraía, mas eu não sentia que estava morrendo; um pouco tonto, um pouco sujo, mas a necromancia faz isso com você, afinal. Se eu havia sido envenenado, quem fez isso fez um trabalho ruim.

Amordacei o carcereiro com tiras de tecido e o tranquei em minha cela. Ao olhar para as outras celas pelo corredor, parecia que meu avô não era do tipo que prendia. Isso significava que ou ele era bastante favorável a execuções, ou governava com pulso leve.

Passos lentos me levaram à mesa do carcereiro, onde a abertura no teto deixava entrar o luar. Era tarde, mas talvez não fosse meia-noite ainda. Eu havia tido um pouco de tempo para pensar e continuava pensando. Se eu

fosse envenenar meus inimigos, não desperdiçaria meus esforços em trinta guardas – tentaria esvaziar o trono e jogar o lugar todo em uma confusão. Mas qualquer tipo de envenenamento é difícil de conseguir. As cozinhas dos castelos são bem vigiadas e os cozinheiros são tão confiáveis quanto os homens que barbeiam o pescoço real. Os mantimentos frescos são difíceis de contaminar, batatas, cenouras e afins. Os mantimentos secos são comprados anonimamente e acompanhados até despensas trancadas.

Saí das masmorras. Eu ainda estava usando o uniforme da casa e o único guarda da saída foi bastante prestativo para me deixar bater sua cabeça contra a parede. Infelizmente, um rosto queimado é difícil de esconder. Não dá para apresentar seu lado bom para o mundo todo. Encontrei uma janela e fui até os telhados.

Sentado de costas para a chaminé principal, com as pernas esticadas sobre as telhas de terracota do telhado do grande salão, eu refleti.

Não eram as lesmas – desculpe, caracóis. Eu não tomei parte. Então o arroz. Mas envenenar arroz? A água e a fervura e o escorrimento iriam lavar tudo. Então o açafrão. Mas ele teria sido comprado de qualquer barco que aparecesse no porto com estoques a bordo. Com que frequência uma residência consome um tempero que custa mais por grama do que ouro? Quantos navios o carregam? Quais residências além daquelas da Centena iriam comprar tal luxo? Junte todos esses fatores... quais seriam as chances... que probabilidades apareceriam? Só de pensar nos cálculos necessários minha cabeça doeu.

Qalasadi!

Eu deslizei para baixo da inclinação do telhado, esperando que nenhuma das telhas viesse comigo. Cheguei à ampla calha de pedra e me equilibrei sobre ela, procurando um local onde tivesse um bom apoio. Terminar meu reinado como rei me esborrachando de forma sangrenta ao final de uma queda de vinte metros não fazia parte de minhas ambições. Eu ouvia vozes abafadas de vários aposentos, o suspiro do oceano, ondas lambendo a base

dos penhascos e o incessante zumbido e cri-cri dos insetos da noite que assombram a Costa Equina.

O Castelo Morrow cozinha ao sol do sul a maior parte do ano. Os invernos podem ser ferozes, mas raramente frios. Pode muito bem haver homens de idade na região que nunca viram neve. Por consequência, as janelas são grandes e sem tela, as persianas de tempestades são pesadas e deixadas abertas do início da primavera até o fim do outono. Segurando-me firmemente à borda da calha e com meu tornozelo esquerdo preso debaixo da última fileira de telhas, eu me pendurei de cabeça para baixo e espiei por uma janela alta para o grande salão.

O lado oposto da longa e única mesa havia sido posto com prata e cristal. Luminárias de parede queimando óleo sem fumaça forneciam um brilho acolhedor. Um serviçal trouxe três garrafas de vinho, dois brancos e um tinto. Guardas de elite com adornos emplumados vigiavam seis pontos do salão.

O serviçal saiu. Minutos se passaram. O sangue correu para minha cabeça, meus olhos começaram a se irritar e coçar, meus dedos ficaram dormentes onde seguravam a pedra. Ouvi barulho no pátio embaixo. Uma comoção rápida. Decidi não me mover. O silêncio voltou.

Finalmente, as portas de carvalho preto se abriram e dois criados entraram para segurá-las bem abertas enquanto meu tio passava, acompanhando Lady Agath. Eles tomaram seus assentos, agora com empregadas puxando as cadeiras e acomodando a nobreza. Duas outras senhoras vieram em seguida. Velhas que eu reconheci do Salão das Senhoras. Um homem jovem com uma barriga protuberante entrou, enrolado em veludo azul apesar do calor. Minha avó, que eu vi uma vez no Castelo Alto, veio acompanhada e apoiada por um pajem. Ela parecia trêmula, com o cabelo muito branco, a pele pálida, magra, curvada. E então meu avô, pegando sua cadeira de encosto alto à cabeceira da mesa. Conde Hansa me surpreendia; ele parecia apenas um pouco mais velho do que

meu pai, um homem de estrutura sólida com uma barba grisalha curta e cabelo grande e grosso, ainda rajado de preto.

Mais criados agora, trazendo bandejas de prata cobertas.

Uma gota de suor pingou de meu nariz e caiu para a escuridão. Minha cabeça estava tonta e cheia de sangue.

As tampas se abriram em um movimento coreografado, em um floreio dos serviçais, revelando as iguarias do dia. Nada de caracóis. Nada de arroz.

Eu escorreguei com menos elegância do que esperava e me balancei desastradamente pela janela, sentando no parapeito e me endireitando com as duas mãos. Por um triz não acabei me espatifando sem querer. Ficar pendurado de ponta-cabeça antes de tentar uma acrobacia não é recomendável.

Eu esperava passar despercebido por um pouco mais de tempo, mas talvez Lady Agath tenha sido a única pessoa no grande salão que não levantou a cabeça.

A seu favor, enquanto o garoto gordo se levantou rapidamente e várias das senhoras gritaram, Lorde Robert convocou a guarda da casa para proteger o conde. O próprio Conde Hansa deu um gole em seu vinho e depois gritou "eu tive um neto chamado William Ancrath".

"E eu tive um irmão com esse nome", gritei de volta.

Meu tio se levantou nesse momento.

Eu soltei o parapeito da janela. Com um movimento rápido, atirei minha adaga. Ela atingiu a bandeja do centro e fatias amareladas de batata salpicadas com sal marinho e pimenta do reino pularam pela mesa. A picada da aranha havia deixado as juntas de meus dedos doloridas e inchadas e a faca chegou bem mais perto da orelha de uma das senhoras do que eu pretendia.

Mais gritos. "É aquele garoto execrável!", gritou Lady Agath, finalmente olhando para mim.

"Você não aprova a preparação de nosso cardápio... sobrinho?", perguntou Lorde Robert.

"Acho que se vocês comerem o conteúdo dessa bandeja eu posso em breve não ter mais parentes no sul. Na verdade, talvez eu até possa ser herdeiro legal do condado!"

"É melhor você descer até aqui, Jorg", meu avô disse.

Para meu constrangimento, precisei da ajuda de uma escada para descer. A queda teria quebrado minhas pernas e as paredes internas do grande salão tinham reboco liso. Descer por uma escada com a bunda virada para o recinto não era das entradas mais impressionantes, mas eu *havia* acabado de salvar a vida deles.

"Você acha que nossa comida está envenenada?", meu avô perguntou.

Eu peguei um garfo de prata e espetei uma fatia da batata. "Mande trazer Qalasadi aqui e veja se ele gostaria de experimentar."

Lorde Robert franziu a testa. "Só porque estamos em desacordo com Ibn Fayed não quer dizer que todos os mouros queiram nos pegar."

Conde Hansa acenou para o guarda atrás de seu ombro e o homem saiu em sua tarefa.

"Mesmo assim, ele é culpado", eu disse. "E de tal modo que não há outra maneira de provar do que ver se ele será capaz de experimentar um pouco de seu açafrão."

"O açafrão?", perguntou o conde.

"Você verá que recentemente chegou um novo lote à sua cozinha, devidamente lacrado e mantido em segurança, tanto por seu valor intrínseco quanto por sua proteção. Esse lote provavelmente é parte de um fornecimento maior que está matando gente rica a torto e a direito pela costa. Um ato aparentemente aleatório de destruição despropositada. Mas eu conheço um homem capaz de calcular que parte desse mesmo lote acabaria em sua mesa, Conde Hansa. Um homem que também conhecia

minha identidade e pensou que eu daria um vilão perfeito, e que eu aceitaria a culpa com a elegância de minha linhagem."

"Cavar uma cova mais funda com sua espada, você quer dizer?", perguntou Lorde Robert com um leve sorriso em seus lábios.

Por um momento, eu me perguntei se Qalasadi não havia até mesmo considerado minha chegada, se em vez de ser uma vítima oportuna à qual atribuir seu crime eu não seria parte de um cálculo maior. Deixei esse pensamento de lado, considerando-o tanto improvável quanto irreal. "Nosso matemágico cometeu apenas um erro. Talvez seja até injusto chamá-lo de erro. Suponho que ele tenha considerado a possibilidade e decidido que ela era remota o bastante para arriscar. Ele não achou que fosse provável que o senhor deixasse os cozinheiros desperdiçarem ingredientes tão finos em meros guardas."

O homem que saiu para a incumbência de meu avô voltou. "Qalasadi não está em seus aposentos, Conde Hansa, e também não está no observatório."

Acabaram descobrindo que Qalasadi deixou o castelo assim que a notícia do mal-estar dos guardas chegara até ele.

Do diário de ***Katherine Ap Scorron***

26 de março, ano 99 interregno

FLORESTA RENNAT. FIM DA TARDE.

Eu havia pensado em escrever sobre Hanna em seu túmulo. Sareth diz que eu carrego este diário comigo por toda parte, que eu tenho muito pouco em minha vida já que não consigo ficar sem ele. As pessoas que estão realmente vivendo, ela diz, não precisam ficar escrevendo a respeito a cada minuto –

elas estão ocupadas demais com as coisas de verdade. Mas Sareth não sai do Castelo Alto há um ano e, enquanto aquele bebê está sugando o leite dela, eu fico sentada na Floresta Rennat com monstros!

Há um ogro de pelo menos três metros de altura com uma boca cheia de dentes afiados e olhos semicerrados. Ele olhou na minha direção a princípio, mas agora ele só fica esculpindo um pedaço de tronco caído, não com uma faca, mas com a unha preta de um dedo da grossura do meu pulso.

O segundo monstro é apenas um garoto, na verdade. Um garoto magrinho, mas quase pelado e marcado com padrões vermelhos e pretos, como ondas ou chamas. Ele salta de arbusto em arbusto, tentando ficar escondido e me observando com grandes olhos pretos. Quando ele corre dá para ver suas garras.

Estou me distraindo. Eu não quero pensar no que Jorg disse.

A criança-monstro chama-se Gog. Ele diz que Jorg lhe deu o nome, em homenagem aos gigantes da bíblia. Eu lhe disse que deveria haver um Magog também. Ele ficou tão triste com aquilo e a floresta pareceu muito quente de repente, como se fosse o mais alto dos verões.

"E o que você quer ser quando crescer, Gog?", eu perguntei a ele para distraí-lo do que o tenha chateado.

"Quero ser grande e forte", ele disse. "Para fazer Jorg feliz. E eu quero ser feliz, para fazer Gorgoth deixar de ser triste." Ele olhou para o ogro.

"E o que você quer para você?", perguntei.

Ele me olhou com os enormes olhos pretos. "Eu quero salvá-los", ele disse. "Como eles me salvaram."

Os homens de Jorg parecem nunca ter saído da estrada. Eles são bandidos, não o séquito de um rei. Sir Makin, que dizem ser um cavaleiro de verdade, é tão imundo quanto o restante. Há porcarias ressecadas em toda a sua armadura e ele fede como esgoto. Há alguma coisa nele, porém, mesmo com a sujeira. Sir Makin tem boas maneiras, ao menos.

O que eles chamam de Kent, o Rubro, tenta ser educado – milady isso, milady aquilo, fazendo reverência a cada curva. É bastante cômico. Quando eu lhe agradeci pela água que me trouxera ele corou do pescoço até o cabelo. Acho que sei como ele ganhou o apelido.

Quando não está me servindo, Kent passa a maior parte do tempo talhando, esculpindo alguma coisa, encostado a uma árvore e com uma faca preta na mão. É um lobo que está fazendo. Parece que ele está saindo da madeira, rosnando para o mundo. Ele disse que já foi lenhador. Muito tempo atrás.

E há um garoto, Sim. De traços bastante delicados como aquele ator que se apresentou na corte semana passada. Ele parece gentil, mas tímido. Não fala comigo, mas eu o pego olhando quando acha que não estou vendo. É o mais limpo de todos eles. Não acho que ele seja um grande guerreiro. Com certeza é fraco demais para balançar aquela espada dele.

Eu sei que Sir Makin sabe lutar. Eu me lembro que pôs Sir Galen à prova quando o pai de Jorg colocou um contra o outro, embora eu ache que meu Galen o teria derrotado. Talvez seja por isso que Jorg tenha derrubado a árvore de Sageous. Para salvar Sir Makin.

Os outros dois, os que Jorg mandou Kent, o Rubro, vigiar, são assassinos por completo. Dá para ver nos olhos deles. Há um gigante chamado Rike que é quase tão alto quanto o ogro e tão largo quanto um lutador eslavo. Ele parece estar com raiva o tempo inteiro. E há um velho, talvez com cinquenta anos, magro, ossudo, com pelos grisalhos no queixo e tão enrugado quanto Hanna era. Eles o chamam de Algazarra e ele tem olhos gentis, mas há algo nele que diz que seus olhos estão mentindo.

E eu estou sentada aqui, rabiscando o papel com minha pena para registrar malandros e vagabundos porque minha mão não quer acompanhar aonde Jorg foi ou escrever o que ele possa estar fazendo, ou emoldurar as palavras que estão martelando em minha cabeça.

Eu tentei apunhalar Jorg, mas foi como um sonho. Eu ao mesmo tempo sabia e não sabia o que minha mão estava fazendo. Eu não queria ouvir sua dor nem vê-lo sangrar. Eu não me lembro de pegar a faca para levar comigo. Eu disse a mim mesma para parar. Mas eu não parei.

E agora, se frei Glen estivesse aqui, eu iria querer ouvir sua dor e vê-lo sangrar. Eu não me diria para parar. Mas eu pararia. Porque pela primeira vez em muito tempo minha mente está lúcida, meus pensamentos são todos meus e eu não sou uma assassina.

27 de março, ano 99 interregno

FLORESTA RENNAT. ANTES DO MEIO-DIA. UM VENTO ALTO NAS ÁRVORES.

Sir Makin está andando para lá e para cá. Ele não diz, mas está preocupado com Jorg. Nós vimos uma patrulha passar mais cedo, entre os campos. Estavam procurando por mim. Sir Makin diz que quanto mais deles procurarem por mim menos deles para Jorg se preocupar no castelo.

O grandão. O enorme, na verdade. Rike. Está dizendo que eles devem ir embora. Que Jorg foi capturado ou morto. Kent diz que Jorg ajudou todos eles a escapar dos calabouços e que, se estiver preso lá naqueles mesmos calabouços, eles devem ir libertá-lo. Mesmo que Sir Makin diga que é loucura.

A noite foi fria e barulhenta. Eles me deram suas capas, mas eu preferia sentir frio a ficar debaixo daquelas coisas fedorentas e arrepiantes. Tudo se move na floresta à noite, rangendo, coaxando ou farfalhando nas folhas mortas. Eu estava feliz em ver o amanhecer. Quando acordei, o garoto, Sim, estava de pé encostado à árvore ao meu lado, observando.

O desjejum foi pão dormido e pedaços de carne defumada. Eu não quis perguntar de que animal veio. Eu comi. Meu estômago estava roncando e

tenho certeza de que eles podiam ouvir.

Jorg voltou. Seus homens estão com mais medo agora do que quando pensavam que ele estivesse perdido. Ele parece um animal selvagem, com o cabelo arrancado e arrepiado com sangue, sem olhar para nada. Seus olhos ficam se revirando e ele mal consegue ficar de pé. Ele tem sangue em suas mãos, até acima dos cotovelos, suas unhas estão despedaçadas e duas delas estão faltando.

Makin disse a ele para dormir e Jorg apenas fez um som horrível. Acho que pode ter sido uma risada. Ele diz que nunca mais dormirá novamente. Nunca. E eu acredito nele.

Jorg continua se mexendo, afastando as árvores com as mãos, batendo em tudo que está em seu caminho. Ele diz que foi envenenado.

"Eu não consigo limpá-las", ele disse. E ele me mostrou as mãos. Parecia que as havia esfregado até arrancar a pele.

Eu perguntei o que estava errado e ele disse "estou rachado por dentro e cheio de veneno".

Ele assusta seus homens e assusta a mim também. De todos nós, eu sou quem os olhos dele mais evitam. Seus olhos estão vermelhos de tanto chorar, mas ele não está chorando agora, é só uma espécie de soluço seco intermitente.

Minha tia-avó possuía uma loucura. Tia-avó Lucin. Ela devia ter uns sessenta anos, uma mulher pequena, roliça, todos nós a amávamos. E um dia ela jogou água fervente em sua criada. Ela jogou a água e depois ficou louca, declamando cantigas de ninar e se mordendo. O cirurgião de papai a mandou para Thar. Ele disse que havia um alquimista lá cujas poções talvez a curassem. E, caso as poções falhassem, ele tinha outros métodos. O cirurgião disse que esse homem, Luntar, podia remover pedaços da mente de uma pessoa até que sobrasse apenas o que era saudável.

Minha tia-avó Lucin voltou em uma carruagem dois meses depois. Ela sorria e cantava e podia falar sobre o tempo. Ela não era mais minha tia-avó Lucin, mas parecia suficientemente bem, e não escaldou mais nenhuma criada.

Eu não quero isso para Jorg.

• • •

Jorg disse a seus homens para me matarem e alguns deles parecem prontos a fazê-lo. Rike parece interessado. Mas Sir Makin disse que Jorg não sabe do que está falando e para eles me deixarem em paz.

Jorg está dizendo que precisa matar Sareth também. Diz que é uma gentileza. Ele está insistente. Kent e Makin tiveram de agarrá-lo no chão para impedir que ele corresse de volta ao castelo para fazê-lo. Agora ele está deitado na terra me observando. Ele fica me dizendo o que fazem com os homens nas masmorras de seu pai. Não pode ser verdade, nada disso. Fico enjoada só de ouvir. Sinto o gosto de vômito no fundo de minha garganta.

Jorg se sujou. A metade do tempo ele parece ver alguma coisa além da floresta à nossa volta. Ele olha para o nada, observa com grande atenção, depois grita ou ri sem aviso.

Ele está falando sobre nosso bebê. Eu ainda o chamo de nosso. Eu me sinto melhor do que dizer que foi frei Glen que me violentou. Ele está dizendo que o matou, mesmo que seja eu quem carrega este pecado, eu quem irá arder por ele. Ele diz ter matado o bebê com as próprias mãos. E agora está chorando. Ele ainda tem lágrimas, portanto. Está aos prantos, com ranho e sujeira da floresta grudados em seu rosto.

"Eu o segurei, Katherine, um bebê macio. Tão pequeno. Inocente. Minhas mãos se lembram do formato dele."

Não consigo ouvi-lo falar disso.

Contei a Sir Makin a respeito de Luntar e de como chegar a Thar.

Isto é o que Jorg disse quando eles o arrastaram e o amarraram a seu cavalo:

"Nós não somos lembranças, Katherine, nós somos sonhos. Todos nós. Cada parte de nós um sonho, um pesadelo de sangue e vômito e tédio e medo. E quando nós acordamos – nós morremos".

Quando levaram seu cavalo embora, ele gritou para mim, mas aquilo parecia mais lúcido do que o que dissera antes.

"Sageous envenenou a nós dois, Katherine. Com sonhos. Ele põe as mãos em nossas cabeças e puxa as cordas que nos fazem dançar e nós dançamos. Nada daquilo foi verdade. Nada daquilo."

Eu andei pelos campos até a estrada de Roma e a segui em direção ao Castelo Alto até os soldados me encontrarem e me escoltarem de volta. Vou dizer de volta. Não direi para casa.

Enquanto eu caminhava, as palavras de Jorg passavam por minha cabeça, de novo e de novo, como se um pouco de sua loucura houvesse entrado em mim. Fiquei pensando nos sonhos que estava tendo. Parece-me que já ouvi Sageous ser chamado de bruxo dos sonhos antes, mas de alguma maneira esse fato se apagou, tornou-se desimportante. Não era que eu havia me esquecido, era que eu havia parado de enxergá-lo. Assim como parei de enxergar aquela faca que peguei para apunhalar Jorg.

Agora eu estou enxergando.

O pagão esteve em minha cabeça. Eu sei disso. Ele escreveu histórias lá, dentro de meu crânio, atrás de meus olhos, assim como escreveu na pele dele. Precisarei pensar sobre isso. Para esclarecer tudo. Hoje à noite, vou sonhar com uma fortaleza e dormir do lado de dentro de seus muros. E ai de quem vier procurar por mim lá.

Os soldados me trouxeram pelo Portão de Roma para a Cidade Baixa, do outro lado da Ponte da Mudança, com o rio correndo vermelho do nascer

do sol. Eu sabia que algo terrível havia acontecido. Toda a Cidade de Crath estava quieta como se um segredo horrível estivesse se espalhando pelos becos como veneno nas veias. As persianas – abertas para o alvorecer – fechavam-se conforme passávamos.

Lá no Castelo Alto o tom monótono de um sino soou várias vezes. O sino de ferro da torre do telhado. Eu já havia ido até lá para vê-lo, mas ele nunca tocou. Eu sabia que tinha de ser aquele, no entanto – nenhum outro sino poderia fazer um som tão desagradável e maçante. E, em resposta, uma única voz grave de Nossa Senhora.

Perguntei aos soldados, mas eles não diziam nada, nem mesmo palpitavam. Não reconheci os homens, apenas suas cores; não eram guardas do castelo, mas unidades do exército selecionadas para a busca.

"Ele matou o pai?", eu lhes perguntei. "Ele o matou?"

"Nós procuramos pela senhora a noite inteira, milady. Não ouvimos nada do castelo." O sargento abaixou a cabeça e tirou seu elmo. Ele era mais velho do que eu imaginara, cansado, balançando-se em sua sela. "Melhor esperar que as notícias se contem."

Uma certeza fria tomou conta de mim. Jorg havia matado Sareth. Estrangulado-a por tomar o lugar de sua mãe ao lado de Olidan. Eu sabia que eles me levariam a seu corpo, frio e branco, esticado nas criptas onde ficam os Ancrath. Mordi o lábio e não disse nada, apenas deixei os cavalos percorrerem a distância que me separava de saber.

Nós passamos pelo Portão Triplo, fazendo barulho, cascos na pedra, cavalariços à disposição para pegar as rédeas e me ajudar a desmontar, como se eu fosse uma velha. O sino de ferro tocou o tempo todo, um barulho de fazer sua cabeça doer e os dentes rangerem.

No pátio, alguém havia acendido um incenso de mirra, uma vareta grossa soltando fumaça em uma arandela de tocha perto do sarilho. Se a tristeza tivesse cheiro, seria esse. Nós o queimamos em Scorron também, para os mortos.

Do arco da janela, muito acima da sacada da capela, entre os pulsos do sino, eu ouvi uma choradeira. Uma voz de mulher. Minha irmã nunca havia chorado daquela maneira antes, mas eu ainda a conhecia e o medo que havia posto suas garras em mim no Portão de Roma agora se revirava gelado em minha barriga. Os sons de dor, tão vivos e abertos quanto qualquer ferida, não poderiam ser para Olidan.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

44

— QUATRO ANOS ATRÁS —

Eu fui visitar minha avó em seus aposentos. Tio Robert me avisara que a idade não havia caído tão bem nela quanto em meu avô.

"Ela não é a mulher que um dia foi", ele me contou. "Mas tem seus momentos."

Eu assenti e me virei para sair. Ele pegou em meu ombro. "Seja gentil com minha mãe", ele disse.

Mesmo agora eles me achavam um monstro. No passado, eu quis construir uma lenda, meter medo naqueles que pudessem ficar contra mim. Agora eu arrastava essas histórias atrás de mim até a casa de minha mãe.

A criada me acompanhou e me conduziu a uma cadeira confortável em frente à que minha avó ocupava.

De todos eles, minha avó era a que tinha mais de minha mãe. Alguma coisa nos traços de suas bochechas e o formato da cabeça. Ela se sentava curvada com um cobertor sobre os joelhos, apesar do calor do dia. Parecia

menor do que eu me lembrava, e não somente porque eu não era mais criança. Ela parecia ter se fechado em si mesma após a morte de sua filha, como se tentasse apresentar um alvo menor a um mundo que se tornara hostil.

"Eu me lembro de você pequenininho – o homem diante de mim eu não conheço", ela disse. Os olhos dela passearam por mim, procurando algo familiar.

"Quando vejo meu reflexo eu sinto a mesma coisa, vovó." E a caixa em minha cintura, em um bolso de veludo agora, parecia pesada demais para carregar. *Eu não me conheço.*

Nós ficamos em silêncio por um longo minuto.

"Eu tentei salvá-la." Eu teria dito mais, mas as palavras não vinham.

"Eu sei, Jorg."

A distância entre nós desapareceu então e conversamos sobre anos passados, tempos em que ambos éramos mais felizes, e eu tive minha janela para o mundo que havia esquecido. E foi bom.

E, pouco a pouco, quando eu me sentei a seus pés, com os joelhos dobrados junto ao peito, a mão segurando o pulso à frente deles, aquela mulher idosa cantou as canções que minha mãe tocou anos atrás, como havia tocado na sala de música do Castelo Alto nas teclas pretas e brancas. Vovó pôs palavras na música que eu me lembrava, mas não conseguia ouvir, e ficamos sentados enquanto as sombras se alongavam e o sol caiu no céu.

Mais tarde, quando o silêncio confortável havia se estendido a algo que me convenceu de que ela caíra no sono, eu me levantei para sair. Alcancei a porta sem fazer barulho, mas assim que minha mão tocou a maçaneta minha avó falou atrás de mim.

"Fale-me de William."

Eu me virei e a encontrei me observando com os olhos mais atentos do que antes, como se um vento fortuito houvesse agitado as cortinas da idade e a revelado como um dia fora, forte e atenciosa, mesmo que só por um momento.

"Ele morreu." Foi tudo o que consegui encontrar para dizer.

"William era uma criança excepcional." Ela apertou os lábios enrugados e me observou, esperando.

"Eles o mataram."

"Eu conheci vocês dois, você provavelmente era jovem demais para se lembrar." Ela desviou o olhar para a lareira como se olhasse para a lembrança das chamas. "William. Havia algo de feroz naquele lá. Você também tem um toque disso, Jorg. A mesma mistura de dureza e inteligência. Eu o segurei e soube que se ele se permitisse amar a mim ou a qualquer outra pessoa jamais deixaria de fazê-lo. E que se alguém o contrariasse ele seria... implacável. Talvez vocês dois fossem destinados a ser um pouco assim. Talvez seja isso que aconteça quando duas pessoas tão fortes, e no entanto tão completamente diferentes uma da outra, fazem filhos."

"Quando eles o quebraram..." O relâmpago o revelara para mim em três lampejos rápidos enquanto o carregavam. Em um momento congelado, ele estava olhando para os espinhos, para o coração da roseira-brava. Olhando para mim. Sem nenhum medo. No segundo, ele foi apanhado pelas pernas. No terceiro, atirado contra aquele marco de milha, com fragmentos escarlates de crânio em meio aos cachos loiros. "Meu pequeno imperador", minha mãe costumava chamá-lo. O loiro daquela linhagem, em uma corte cheia de Ancraths morenos como os comissários.

"Quebraram quem, querido?"

"William", eu disse, mas os anos haviam se estabelecido novamente sobre minha avó e ela me viu através da idade.

"Você não é ele", ela disse. "Eu conheci um garoto como você uma vez, mas você não é ele."

"Sim, vovó." Dei um beijo em sua testa e depois saí. Seu cheiro era o de minha mãe, o mesmo perfume. Algo em seu cheiro irritou meus olhos e quase não consegui encontrar a porta na penumbra.

Eles me deram um quarto na torre leste, com vista para o mar. A lua descrevia as ondas em reflexos e fiquei sentado ouvindo o sussurro das águas até tarde da noite.

Pensei novamente na música que minha mãe tocava e que eu me lembrava por imagens, nunca por sons. Vi suas mãos se movendo pelas teclas, como sempre, a sombra de seus braços, o balanço de seus ombros. E, pela primeira vez em todos os anos desde que nós entramos naquela carruagem, uma leve melodia daquelas notas silenciosas chegou a mim. Mais fraca e mais elusiva que a canção da espada, mas mais vital, mais importante.

Dois dias se passaram até o Conde Hansa me convocar à sala de seu trono, um aposento construído nos fundos do castelo, onde um grande círculo de vidro dos Construtores oferece a vista do Mar Médio em todos os seus tons que mudam constantemente. Eu fiquei de frente para o homem, de costas para as ondas distantes, com o sol poente tingindo cada uma de carmesim, e com o leve estampido da arrebentação pronto para sublinhar qualquer silêncio.

"Estamos em débito com você, Jorg", meu avô disse.

Meu tio estava de pé, ao lado direito do trono de meu avô, enquanto o velho se sentava em um assento de osso de baleia.

"Somos família", eu disse.

"E o que é que sua família pode fazer por você?" Conde Hansa podia ser o pai de minha mãe, mas era sagaz o bastante para saber que rapazes não

cruzam meio continente só para visitar velhos parentes.

"Talvez nós possamos fazer coisas um pelo outro. Em tempos turbulentos, ter a possibilidade de pedir ajuda militar pode fazer a diferença entre a vida e a morte. Pode ser que esse Ibn Fayed se torne uma ameaça maior e chegue o dia em que os homens das Terras Altas fiquem lado a lado com a Casa Morrow para combatê-lo. Pode ser que minha própria posição esteja ameaçada e as tropas ou cavalos de meu avô possam ser de ajuda."

"Você está ameaçado agora?", meu avô perguntou.

"Não", respondi. "Não estou aqui em desespero, implorando. Estou procurando por uma aliança estratégica. Algo que dure anos."

"Nossas terras são muito distantes", ele disse.

"Talvez não seja sempre assim." Eu me permiti um sorriso. Eu tinha planos de expansão.

"Parece estranho que tenha vindo de tão longe quando os exércitos de seu pai estão a meros dias de distância de seus portões." O conde passou a língua em seus dentes como se sentisse algo podre.

"Meu pai é um inimigo que enfrentarei no campo de batalha em seu devido tempo", eu disse.

O conde bateu em sua coxa. "Este é o tipo de aliança que eu posso apoiar!" Ele me observou por um momento, com o riso abandonando-o. "Você é filho de seu pai, Jorg. Não vou mentir. É difícil confiar em você. É difícil falar em enviar meu povo para lutar e morrer em solo estrangeiro para o menino de Olidan."

"Ele se doeria ao ouvi-lo me chamar assim", eu disse.

Lorde Robert se inclinou e cochichou ao ouvido do pai.

"Se você quiser unir seu destino ao meu, Jorg, então precisamos de laços mais fortes. Lady Agath é querida por sua avó e por mim. Seu filho governa Wennith e ele tem duas filhas. São meninas pequenas agora, mas estarão prontas para se casar em breve. No dia em que você se casar com uma

delas, meus soldados também estarão prontos para lutar por sua causa." O conde se recostou em seu trono com um sorriso.

"O que você diz, Jorg?", tio Robert perguntou, também sorrindo.

Eu abri os braços. "Que eu aceito?"

Robert acenou para um cavaleiro à porta para abri-la e falou com um criado atrás dela. As mandíbulas da armadilha se fecharam ao meu redor. Muita coisa havia se passado nos dois dias desde que Qalasadi fugiu. Respostas devolvidas, carruagens enviadas.

"Kalam Dean, Lorde de Wennith, terceiro do nome!", o arauto anunciou, suando em suas sedas. "E Lady Miana."

Um homem robusto, baixo e de cabelos grisalhos e ralos entrou. Quase tão velho quanto meu avô, ele vestia uma túnica branca e podia passar por um simples monge, não fosse a grossa corrente de ouro enrolada em seu pescoço e descendo até o peito. Um rubi maior do que o ovo de um pombo pendia da corrente. Lady Miana veio no rastro dele, uma criança de oito anos, embrulhada em crinolina e veludo molhado, de olhos arregalados, corada pelo calor e com uma boneca de pano apertada bem firme em ambas as mãos.

O Lorde de Wennith veio direto até mim sem preâmbulos, esticando seu pescoço para me olhar de cima a baixo como se examinasse um cavalo suspeito. Eu resisti à vontade de lhe mostrar meus dentes. Ele podia ser roliço, grisalho e velho, mas tinha um ar de quem sabia das coisas, de quem conhecia bem os homens, e a ideia de pôr sua filha em meu leito matrimonial o agradava tanto quanto a mim. Ele se inclinou bem perto para dividir alguma confidência ou ameaça que só eu deveria ouvir. Ao se aproximar, o rubi balançou em sua corrente, capturando os últimos raios do sol. Ele parecia armazená-los, queimando em seu interior, e aquela luz despertou alguma coisa em meu sangue. Um calor subiu por mim enquanto eu lutava para impedir minhas mãos de pegar a joia.

“Escute bem, Ancrath”, disse Kalam Dean de Wennith, e o rubi balançou de volta contra o peito dele, terminando a conversa. Ele deu um grito de dor e se afastou, com um pedaço de sua túnica chamuscado embaixo da pedra.

Enquanto os guardas se apressaram até o lado de Wennith e meu avô chamou os criados, a criança se aproximou de mim. “Rei Jorg.”

“Lady Miana.” Eu me ajoelhei para ficar da altura dela, virando o rosto para não assustá-la com minhas queimaduras. “E como a sua bonequinha se chama?” Eu tinha pouca experiência com crianças, mas parecia uma abertura bastante segura. Ela olhou para baixo com surpresa, como se não soubesse que o brinquedo estava ali.

“Ah”, ela disse. “Não é minha. Já sou quase crescida. É de Lolly, minha irmã.” O formato de sua boca denunciou a mentira: um gosto amargo para ela. Suas primeiras palavras para mim e eu já havia feito dela uma mentirosa. Se nós nos casássemos, seria o menor de meus crimes. Eu seria a ruína de sua vida, dessa garotinha com sua boneca de pano. Se ela tivesse noção disso fugiria. Se eu tivesse decência eu a faria fugir. Mas, em vez disso, eu mentiria para seu pai, sorriria, seria naquele momento qualquer homem que ele precisasse que eu fosse – e tudo pela promessa de cavalaria pesada, de quinhentos cavaleiros nos melhores corcéis da Costa Equina.

Um frei da capela Morrow acompanhou Lord Wennith da sala do trono, com o auxílio de um guarda. Miana saiu atrás deles. Ela parou e se virou. “Lembre-se de mim”, ela disse.

“Lembrarei.” Eu acenei com a cabeça, ainda de joelhos. Um dia de orgulho como aquele ficaria para sempre em minha memória se eu deixasse. Dei-lhe um sorriso. “Eu não deixarei sua lembrança sumir, Miana. Tenho um lugar para guardá-la, bem seguro.”

No dia seguinte, Kalam Dean e eu terminamos nossas negociações. Ele não trouxe seu rubi para a discussão, mas o prometeu como o dote de Miana. E naquela mesma noite descobri como retirar uma lembrança

indesejada de minha mente e colocá-la na caixa de cobre de Luntar. Tudo que eu guardei de Miana foi seu nome, o fato de que eu deveria me casar com ela e que uma cavalaria de quinhentos homens um dia viria em resposta a meu chamado.

• • •

O restante do tempo que passei no Castelo Morrow e minha jornada de volta às Terras Altas são histórias que acho melhor guardar para outro dia. Antes de sair, porém, na véspera de meu noivado, voltei à sala sob a adega, dessa vez com permissão.

Meu tio chamava-a de "câmara dos resmungos". A máquina parecia ter apenas três tarefas. Primeiramente, manter acesas todas as lâmpadas espalhadas pelas partes mais antigas do castelo. Segundo, sugar a água do mar sob os penhascos e convertê-la em pura água potável para os chafarizes dos pátios. E, finalmente, deixar que o resmungão Fexler Brews aproveitasse uma espécie de meia-vida em que ele geralmente escarnecia da ignorância dos vivos, lamentava nossa existência e reclamava das coisas que ele mesmo deixara inacabadas.

"Vá embora."

Fexler apareceu no momento em que entrei na câmara e repetiu sua saudação anterior.

"Venha me tirar", eu disse outra vez.

"Ah, o jovem com as perguntas", disse Fexler. "Eu já fui um jovem com perguntas muito tempo atrás, sabia?"

"Não foi nada. Você é o eco de um homem que foi. Você nunca foi jovem – apenas novo."

"E o que você quer saber?", ele perguntou, fazendo uma cara de zangado.

"Você pode acabar com sua existência?", eu perguntei.

"Nem todo o mundo procura um fim, garoto."

"Você acha que eu procuro meu fim?"

"Todos os jovens são um pouco apaixonados pela morte."

"Eu estaria mais do que apaixonado por ela se passasse mil anos em um porão."

"Tem sido tentador", admitiu Fexler.

"Você ao menos tem permissão de querer acabar consigo mesmo?", eu perguntei.

"Você é obcecado pela morte, criança."

"Você não respondeu a pergunta", eu disse.

"Não tenho permissão para responder essa pergunta."

"Complicado!" Eu dei um passo para trás e me sentei no último degrau. "Então, o que você pode fazer por mim?"

"Posso conceder-lhe três perguntas."

"Como um gênio", eu disse.

"Sim, mas eles concedem desejos. Faltam duas".

"Isso foi uma observação, não uma pergunta!", gritei.

Eu mordi o lábio. "Você jura dar respostas completas e sinceras?"

"Não. Faltam duas."

Merda. "Fale-me sobre armas", eu disse.

"Não. Falta uma."

"Aponte-me para a mágica dos Construtores mais útil e portátil desta câmara", eu disse.

Fexler deu de ombros e depois apontou para o que parecia ser uma das válvulas da máquina enegrecida. Eu me aproximei para examiná-la. Não era uma válvula, mas outra coisa. Um anel dentro de um buraco.

"Não é nada portátil."

"Gire-o", ele disse.

Eu limpei a região com a manga de minha camisa. Um anel de prata de cerca de sete centímetros de espessura em cima de uma projeção cilíndrica grossa.

Sulcos rasos ao redor da borda davam alguma tração. Eu o girei. Era extremamente duro, mas com os ossos de minha mão quase rangendo consegui girar o anel.

Nada aconteceu.

Eu girei novamente. Mais fácil dessa vez. Outra vez. Eu o girei várias vezes e o anel se soltou em minha mão.

"Bonito", eu disse.

"Olhe através dele", Fexler sugeriu.

Eu o segurei contra o olho. Nada por um segundo, em seguida uma imagem se sobrepôs à minha visão, um círculo azul com padrões brancos intrincados, infinitamente detalhados. Por algum motivo, aquilo fez eu me lembrar do globo de neve de Alaric. "É maravilhoso", eu disse. "O que é isso?"

"Seu mundo inteiro. Visto de mais de trinta e dois mil quilômetros acima do solo."

"É uma queda e tanto. O que são os redemoinhos brancos?"

"Formações climáticas."

"Climáticas?" Parecia incrível que eu estivesse vendo nuvens de cima e não de baixo, e de tal altura que todo o ciclo e o desenho delas se revelavam. "Clima de quando? Da sua época?"

"De hoje. De agora."

"Isto não é só uma pintura?"

"Você está vendo o mundo enquanto ele acontece. O seu mundo", disse Fexler.

Eu mudei a forma como segurava o anel e desabei, ou achei que houvesse, voando para baixo e para a esquerda, como uma águia mergulhando. Uma pequena ondulação na ponta de um grande redemoinho de nuvem agora ocupava minha visão e eu podia ver a terra lá embaixo, e um fio brilhante cortava os verdes e marrons. Eu tropecei, mas consegui manter o equilíbrio.

“Eu estou vendo um rio!” Um velho instinto me pegou. A desconfiança retirou o anel e suas visões de meu olho. “Por quê?”

“Por quê?”, ele perguntou.

Girei o anel entre o indicador e o polegar. “Cuidado com presentes de fantasmas, dizem.”

“Você quer dizer de gregos, mas a ideia está correta”, Fexler franziu a testa. “Você tem algo que me interessa. E, como pode ver, você é mais do que parece. Não é todo dia que um campo de batalha desce minhas escadas.”

“Campo de batalha?”

“Você é uma conexão de duas formas opostas de energia, meu jovem – uma escura, outra clara. Há nomes técnicos para elas, mas escuro e claro servem bastante. Com um pouco mais de tempo elas irão destruí-lo. Literalmente. É um processo exponencial, e o final será repentino e ‘violento’.”

“E por que você sabe disso?” Meu olhar se voltou para o anel.

“Uma lição de vida, Jorg. Tudo que você observa o observa de volta. O anel examinou seu cérebro em detalhes bastante minuciosos.”

Minha mandíbula se apertou ao ouvir aquilo. A ideia de ser medido, de ser classificado, não me atraiu. “Mas isso é algo inesperado que você descobriu, não é o que estava procurando?”

“Você sabe o que eu estava procurando.” Fexler sorriu. “Talvez você seja gentil o bastante para mostrá-lo ao anel?”

Peguei minha caixinha de lembranças. Hoje ela parecia tremer em minha mão. O anel da visão batia-se contra ela como se ambos fossem pedras-ímã atraídas mutuamente. Por um instante, a imagem de Fexler pulsou mais fortemente.

“Interessante”, ele disse. “Bruto porém inteligente. Notável, até.”

Caixa e anel se separaram – terminaram um com o outro. Fexler olhava para mim fixa e intensamente.

“Eu posso ajudá-lo, garoto. O fogo e a morte têm suas garras bem presas em você. Chame de mágica. Não é, mas isso será mais fácil se dissermos que é. Suas feridas ancoram os encantamentos, ambos tentando puxá-lo para os domínios de onde eles brotam. Sozinho, qualquer um dos dois o puxaria para baixo com o tempo e o transformaria em algo diferente, algo que não fosse mais humano. Você me entende?”

Eu assenti. Ferrakind e o Rei Morto esperavam por mim em infernos separados.

Fexler direcionou o olhar para a caixa, apertada em minha mão. “Tudo o que o salva é que essas forças estão em oposição. Muito em breve, porém, tal oposição irá parti-lo ao meio.”

Ele esperou que eu falasse, implorasse ou suplicasse por seu auxílio. Eu contive a língua e o observei.

“Eu posso ajudá-lo”, ele disse.

“Como?”

Ele deu um sorriso nervoso. “Está feito. Eu vinculei ambas as forças através dessa sua caixinha interessante. Isso é bem mais forte do que você. Pode durar indefinidamente. E, enquanto durar, o processo deve ser paralisado; nenhum poder deve conseguir se apoderar melhor de você ou puxá-lo mais para o fundo de seus domínios.”

“E o que é que você quer por esse... presente?”, eu perguntei.

Fexler rechaçou a pergunta com um aceno irritado. “Apenas lembre-se disto, Jorg de Ancrath: não abra essa caixa. Abra-a e meu trabalho será desfeito. Abra-a e você estará acabado.”

A caixa cintilou quando eu a virei em minha mão. “Pandora tinha uma dessas.”

Eu olhei para cima para dividir a piada com Fexler, mas ele havia desaparecido. Vários minutos silenciosos se passaram e eu, sozinho no porão, com a caixa e o anel em minhas mãos. Eu havia conseguido bem

mais do que três respostas do fantasma, mas tinha mil perguntas mais do que quando comecei.

"Volte." Eu soei como um bobo.

O fantasma não voltou.

Pus o anel em meu bolso. Interessante ou não, parecia estranho que o rabugento houvesse me beneficiado acima dos outros que o visitaram. Tio Robert nunca mencionou presente de nenhum tipo, nem qualquer resposta realmente significante. Fexler queria algo de mim. Algo pessoal. Aquele último sorriso nervoso o denunciara. Ele podia estar morto por mil anos, podia ser um Construtor ou apenas a história de um Construtor em uma máquina de engrenagens e mágica, mas antes de tudo isto ele era um homem, e eu conhecia os homens. Ele queria alguma coisa – algo que ele não podia pegar, mas que achava que eu poderia dar.

Eu me perguntei, apesar de sua zombaria, se a morte tinha um fascínio para o fantasma também. Nós não fomos feitos para viver para sempre, nem para permanecer na solidão. Uma vida sem mudança não é vida. O espírito debaixo do Monte Honas concordava comigo. Talvez a única maneira que Fexler Brews teve para me dizer isso foi me oferecer seu presente. E esperar que eu o ajudasse. Ele queria algo, disso eu tinha certeza. Todo mundo quer alguma coisa.

Eu teria que pensar a respeito. A máquina fazia Fexler. Meu avô não me agradeceria por destruir sua fonte de água fresca, nem os homens que precisassem bombear os chafarizes depois. Desaparecido ou não, no entanto, Fexler Brews e eu não estávamos terminados um com o outro.

Falei com meu tio na noite daquela visita ao porão de Fexler. Nós nos sentamos na torre do observatório com um jarro de barro de vinho, que parecia ser tão velho que podia ter sido escavado da tumba de um faraó, e dois cálices de prata entalhados com cavalos empinados. Um vento frio

suspirava entre os arcos e uma poeira brilhante de estrelas cobria o céu preto.

"Sua mãe costumava vir aqui quando éramos crianças", disse Robert.

"Ela nos ensinou os nomes das estrelas", eu disse. "Embora William fosse bem pequeno. Ele só conseguia encontrar a Estrela do Cão e a Estrela Polar." Eu vi Will apontando, o braço esticado como se fosse tocar cada estrela, o dedo à procura.

"Sirius e Polaris." Robert deu um gole em seu vinho. "Não me lembro de muito mais. Rowen é que tinha cabeça para isso. Em alguns gêmeos os dons não são compartilhados igualmente. Rowen tinha o cérebro e a beleza. Eu fiquei com... a aptidão para os cavalos."

"Eu tenho aptidão para matar." O vinho correu sobre minha língua, com sabor sombrio e em camadas.

"Mais que isso, certamente." Robert apontou uma constelação através do arco da janela. "Qual é aquela lá?"

"Órion." Eu me levantei e caminhei para olhar para fora. "Betelgeuse, Rigel, Bellatrix, Mintaka, Alnilam, Alnitak, Saiph." Eu falei as partes do gigante. "Você a sentiu morrer? Gêmeos são assim?"

"Não." Ele olhou para dentro de seu cálice.

"Talvez." Ele pôs o vinho diante de si. "Talvez fosse assim para ela. Quando eu fiquei preso contra o Penhasco do Caranguejo pela maré da primavera, Rowen sabia aonde levar o guarda com as cordas. Nós éramos apenas crianças, não tínhamos nem dez anos, mas ela de alguma forma sabia. Outro talento que não se dividiu irmãmente entre nós."

Eu o observei, meio ressentido por ele ter tido tantos anos com ela. Ela era minha mãe e, no entanto, tudo sobre ela me escapava, um pouco mais a cada dia, como areia pelos dedos. Eu não conseguia desenhar seu rosto, dizer a cor de seus olhos ou qualquer coisa concreta, apenas ângulos, vislumbres, momentos, o cheiro e a maciez dela. A segurança que ela dava – e a noite em que eu aprendi que aquilo era uma mentira.

“Fui à câmara dos resmungos de manhã”, eu disse.

O anel de visão dos Construtores estava pendurado em uma tira em volta de meu pescoço, sob a túnica que o criado de Robert havia me dado. Eu cogitei puxá-lo para fora para mostrar a ele, mas não o fiz. Hábitos aprendidos na estrada são difíceis de largar. Eu pusera as mãos nele, então ele era meu e eu manteria minha vantagem escondida. O metal pesava bastante em cima do meu coração. Talvez seja assim a sensação da culpa.

“Toda aquela poeira e aranhas só para um fantasma velho mandar você ir para o inferno.” Meu tio tomou um gole de seu vinho. “Eu ia lá embaixo algumas vezes por ano. Mas o rabugento nunca muda e no final quem mudou fui eu.”

“Você sabe o que a máquina faz?”, perguntei.

“Quem sabe para que serve toda aquela diabrura? Ela bombeia água – isso eu sei, mas dizem que tudo que os Construtores fizeram fazia dez coisas diferentes. Meu pai a deixa quieta há sessenta anos, o pai dele a manteve intocada, e o pai dele também. É de um mundo que é melhor esquecer. Gelleth deveria ter lhe ensinado isso.”

Meu vinho ficou amargo. A luz daquele Sol dos Construtores havia chegado até a Costa Equina em uma noite de verão. Ele estava errado, de todo modo. Os Construtores não haviam desaparecido, nós não podíamos esquecê-los. Seus fantasmas ecoavam em maquinários enterrados em nossos porões, seus olhos nos observavam de cima das nuvens, nós lutávamos nossas pequenas guerras à sombra deles. Talvez nós até começássemos aquelas guerras instigados por eles, algo para nos manter ocupados, para nos manter concentrados demais no agora para não pensarmos no depois.

“Gelleth me ensinou um monte de coisas. Que somos crianças em um mundo que não nos pertence e que não compreendemos. Que nós estamos sozinhos e que meu fracasso ou sucesso depende da força de minha vontade. Da distância que estou disposto a percorrer. E que ninguém virá nos ajudar na hora em que precisarmos.” E que algumas coisas não podem

ser consertadas, mesmo que você traga o sol à Terra e desintegre montanhas.

Eu pensei em Gelleth, nos fantasmas que Chella atraiu de mim. Desde a noite da tempestade e dos espinhos, eu havia sido assombrado pelo que os outros fizeram a mim. Gelleth me ensinou que eu também podia ser assombrado pelo que fizera aos outros.

A criança morta me observava, jogada contra as ameias da torre, sangue e cabelo, uma lembrança de William e do marco de milha, os olhos como dois pontos brilhantes de luz das estrelas. Outro fantasma, outro infortúnio procurando um lar.

"Você nunca apareceu. Achei que você fosse me buscar." Na minha cabeça, eu vira tio Robert chegando ao Castelo Alto cem vezes, com a cavalaria da Casa Morrow enfileirada atrás dele, para exigir que se responsabilizassem pela morte de sua irmã, para reivindicar seu sobrinho e levá-lo para casa. "Se Morrow houvesse aparecido para vingar a morte de mamãe, Gelleth não teria acontecido." Nem os anos na estrada. Nem os rios de sangue. Nem a criança morta observando.

Robert analisou seu cálice. "Você fugiu de Ancrath antes mesmo que a notícia da morte de Rowen chegasse até nós aqui. Olidan demorou a mandar o recado, e o recado demorou a encontrar o caminho."

"Mas você não apareceu." Uma antiga raiva se acendeu dentro de mim e eu fui rapidamente em direção às escadas caso ela fervesse. Eu havia subido os degraus como um rei, um homem chegando aos quinze anos, e agora uma criança magoada e irada gritava através de mim, através dos anos.

"Jorg..."

"Não!" A mão que eu levantei para mantê-lo em seu lugar tremia com a força daquilo que eu segurava dentro de mim e o ar pareceu agitar-se com calor. Eu não sabia que as lembranças tomariam conta de mim dessa maneira.

Corri da torre, com medo de encontrar o sangue de um segundo tio em minhas mãos.

Acalmamos a dor entre nós na manhã seguinte, mas com as amabilidades, as palavras vazias que são postas por cima em vez de apagadas. Eu não o deixei mencionar aquilo outra vez. Em vez disso, falei sobre Ibn Fayed e sobre Qalasadi. Eu havia percorrido distâncias significativas para ajustar contas pela morte de minha mãe e de William, mas aqui estavam dois homens que estiveram a momentos de tirar de mim a família inteira de minha mãe – meu tio, minha avó e meu avô. Além disso, o matemágico havia, de cabeça fria, descoberto meu segredo e escolhido matar todos antes mesmo que soubessem que eu estava entre eles, envenenando os parentes de minha mãe e desejando minha morte por isso, como uma restituição horrível. Não havia malícia naquilo, apenas cálculos, mas eu não podia deixar uma equação como essa desequilibrada. Não seria direito.

Robert tentou me desencorajar da vingança. "Ibn Fayed virá até nós quando for a hora e perderá sua força aqui. Essa será a hora de prestar contas." Mas eu tinha planos mais imediatos. A vingança pode ser um caminho fácil de seguir, embora eu geralmente dissesse que fosse o mais difícil.

Fui embora pela última vez meses depois, bronzeado, mais alto, abastecido e coberto de presentes. Meus alforjes estavam abarrotados deles, tentadores o suficiente para quaisquer bandidos que pudesse encontrar. Guardei o que mais importava comigo: a caixa com a estampa de espinho, o anel de visão dos Construtores e a arma que matou Fexler Brews mais de novecentos anos antes, uma massa compacta, dura e pesada, amarrada sob meu braço. Eu sempre considerei o "não" um desafio em vez de uma resposta.

Além desses tesouros, porém, eu saí com uma mensagem – um mantra, se preferir. *Não abra essa caixa. Abra-a e meu trabalho será desfeito. Abra-a e*

você estará acabado.

Nunca abra a caixa.



Você não verá o irmão Grumlow tentar esfaqueá-lo, só a dor em seus olhos conforme você cai.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

45

Dia do Casamento



estrondo de uma rocha contra a muralha da fortaleza abafou a minha voz. Um escudo caiu de seu gancho e retiniu no chão, levantando poeira.

"O portão não vai aguentar", eu disse novamente.

"Então nós lutaremos com eles no pátio", disse Sir Hebbron.

Eu escolhi não mencionar que ele havia se rendido a mim no mesmo pátio quatro anos antes, apenas com Gog e Gorgoth em minhas costas, em vez dos catorze mil homens do Príncipe de Arrow.

Se Coddin estivesse presente ele mesmo teria falado em rendição. Não por medo, mas por compaixão. Talvez dissesse que, quando retrocedêssemos à fortaleza, ele gritaria as condições para que as pessoas comuns abrigadas no Assombrado pudessem ser poupadas.

Mas Coddin não estava presente.

A criança morta me observava de um canto sombreado, mais velha e triste a cada ano que passava. No canto de minha visão, ela parecia falar, mas se eu olhasse em sua direção ela ficava sem dizer nada, com os lábios azuis apertados. Que homem pode esperar pela vitória quando sua condenação o observa de todas as sombras? Ele não era de mais ninguém a não ser meu, esse fantasma, não era um truque de Chella, não foi enviado pelo Rei Morto, apenas um lembrete triste e silencioso de um crime que nem a caixinha de Luntar podia manter totalmente em segredo.

Outro estrondo e desviei o olhar do canto, livrando-me do momento.

Os cavaleiros e capitães me observavam, com a luz das janelas altas brilhando em suas armaduras. Esses homens foram feitos para a guerra. Pensei em quantos deles eu sacrificaria para deter o Príncipe de Arrow. Quantos eu sacrificaria apenas para ferir Arrow, apenas para fazer um buraco maior em seu exército.

A resposta acabou sendo todos eles.

"Quando eles vierem nós iremos combatê-los no pátio. E pelas portas da fortaleza, subindo cada escada, até este mesmo recinto, se necessário." Minha bochecha latejou onde eu a havia cortado, doendo a cada palavra. Passei os dedos pela linha de sangue preto e coagulado.

"Sir Makin, Sir Kent, quero vocês liderando a defesa no portão. Quero todo mundo desta sala lá fora."

Eles foram em direção à porta. Kent parou.

"Sir Kent?", ele disse.

"Não vá deixar isso lhe subir à cabeça", eu disse. "E não espere uma cerimônia."

Kent balançou lentamente a cabeça. Vi seus olhos brilharem. Não achava que significaria tanto para ele.

“Pegue os ‘escorpiões’ das paredes e ponha-os no pátio. Coloque-os à frente e no meio. Você terá um tiro e depois eles serão apenas uma barricada”, eu disse. “E Makin, coloque uma armadura.”

O Assombrado tinha cinco “escorpiões”, balestras gigantes sobre rodas que podiam mandar uma lança a quatrocentos metros. Enfileire um bocado de homens na frente deles e você terá algo como os pedaços de carne em espetinhos servidos à mesa no Castelo Morrow.

“Você não, Miana. Fique”, eu disse quando ela começou a seguir os cavaleiros. “E Lorde Jost!”, acrescentei. “Estou dependendo da ajuda de vocês. Tudo está no lugar.”

Lorde Jost pôs seu elmo cônico na cabeça e jogou o véu de cota de malha para trás de seu pescoço. Ele olhou para mim e para Miana. “Nossa aliança requer que a união seja selada, Rei Jorg.”

Eu joguei as mãos para o alto. “Pelo amor de Deus! Você nos viu casar. Estamos no meio do dia e travando uma batalha campal.”

“Mesmo assim.” Não havia como negociar com aquele rosto espremido. Ele se virou para acompanhar Sir Makin. “Seu avô sabe que o sangue de ambos os seus pais corre em você, majestade. Não posso agir até a aliança estar completa.”

E aquilo me deixou em meu trono, em uma sala que ecoava de tão vazia, com Miana em seu vestido de noiva e dois guardas à porta olhando para os pés.

“Merda.” Dei um pulo e peguei sua mão, conduzindo-a até a porta. Parecia que estava levando uma criança para passear.

Passei pelos guardas e me apressei até a escadaria da torre leste. Miana teve que segurar suas saias e quase correr para me acompanhar enquanto eu subia dois ou três degraus ao mesmo tempo.

Um chute vigoroso fez as portas de meu quarto se escancararem. “Saiam!”, gritei, e várias criadas passaram correndo por mim, segurando

panos e espanadores. Acho que elas estavam se escondendo em vez de limpando.

"Lorde Jost requer que eu remova sua virgindade", eu disse a Miana. "Ou a Casa Morrow não poderá me apoiar." Não queria ter sido tão direto, mas eu estava com raiva e até mesmo constrangido.

Miana mordeu o lábio. Ela parecia assustada, mas determinada. Ela puxou as amarras laterais do vestido.

"Pare", eu disse. Nunca gostei de ser pressionado. De forma nenhuma. Miana tinha uma aparência suficientemente boa e doze anos não é tão jovem. Eu estava matando aos doze. Mas algumas mulheres desabrocham cedo e outras tarde. Ela podia ter a cabeça de uma pirata, mas parecia uma criança.

"Você não me deseja?" Ela hesitou. Agora ela acrescentou mágoa e raiva ao medo e à determinação.

Na estrada, reparei que são os homens velhos que gostam das meninas novas. Irmão Algazarra e irmão Mentiroso iam atrás das bem novas. Mais novas que Miana. Irmão Sim e eu sempre admiramos experiência. As formas mais cheias. Então não, eu não a desejava. E ser forçado a ter algo que você não quer, assim como ser forçado a comer lula apimentada quando o que você quer é carne e batatas, tira seu apetite. Qualquer tipo de apetite.

"Eu não a desejo agora", eu disse. Soou mais prudente do que chamá-la de lula apimentada.

Pus a mão atrás de minha coxa esquerda. Latejava feito o diabo após a corrida escada acima. Acabei abrindo um ferimento que nem me lembrava ter sofrido. Acho que talvez tenha sido quando caí na caverna logo antes da avalanche. Seis mil homens mortos em uma manhã de trabalho e eu saio com um ferimento autoinfligido na bunda. Meus dedos ficaram ensanguentados.

Quatro passos rápidos me levaram até a cama. Puxei as cobertas. Miana se encolheu como se eu houvesse batido nela. Limpei a mão em cima do linho limpo, apertei a ferida de minha perna outra vez e repeti o processo.

"Pronto", eu disse. "Isso parece o bastante?"

Miana parecia estarrecida. "Eu nunc..."

"Vai ter que ser. Parece o bastante para mim. Até parece que eu vou sangrar mais do que isso."

Arranquei o lençol da cama e o atirei para fora pelas barras da janela, percebendo duas flechas usadas caídas no chão que deviam ter vindo da serra mais cedo. Amarrei o lençol a uma das barras e deixei o vento agitá-lo para que o mundo todo visse que eu havia feito de Miana uma mulher.

"Se contar uma palavra disso a qualquer pessoa, Lorde Jost irá insistir que nós façamos na mesa alta do salão de banquete, com todos assistindo", eu disse.

Ela assentiu.

"Aonde você vai?", ela perguntou quando andei em direção à porta.

"Descer."

"Tudo bem", ela disse. Ela se sentou na cama, quicando levemente. Seus pés não tocavam o chão.

Eu pus a mão na maçaneta.

"Mas eles cantarão músicas sobre Jorg Ligeiro por anos a fio. Rápido com uma espada, mais rápido ainda com a outra", ela disse.

Eu tirei a mão da maçaneta, virei-me e andei de volta para a cama. Derrotado.

"Sobre o que você quer conversar?", perguntei, sentando-me ao lado dela.

"Conheci Orrin de Arrow e seu irmão Egan também", ela disse.

“Eu também.” Lembrar de como aquela luta de espadas terminou ainda me dava dor de cabeça. “E onde você os conheceu?”

“Eles foram ao castelo de meu pai em Wennith, em uma de suas grandes excursões pelo Império. Orrin estava com sua nova esposa.” Ela me observou, esperando uma reação. Alguém havia falado com ela.

“Katherine.” Eu reagi mesmo assim. Não era por estar casado com uma criança que meu fascínio por mulheres acabaria, especialmente por aquela. “E o que você achou do príncipe?” Eu queria perguntar sobre Katherine, não sobre Orrin e seu irmão, mas contive a vontade, não para poupar os sentimentos de Miana, mas com aversão à fraqueza que a simples menção a Katherine causava em mim.

“Orrin de Arrow me pareceu o melhor homem que já havia conhecido”, disse Miana. Ela claramente não tinha o menor remorso de poupar meus sentimentos também! “Seu irmão Egan eu achei muito cheio de si. Papai disse a mesma coisa. A mistura errada de fraco com perigoso. Orrin, contudo, eu achei que daria um ótimo imperador e uniria a Centena em paz. Você nunca cogitou prestar juramento a ele quando chegasse a hora?”

Encontrei o olhar dela, olhos escuros e argutos que não deviam estar no rosto de uma criança. A verdade é que eu havia pensado muitas vezes no que faria se Orrin de Arrow voltasse ao Assombrado trazendo ou não um exército consigo. Eu não tinha dúvidas de que ninguém me acharia mais adequado ao trono do imperador do que Orrin e, mesmo assim, sem eu dizer, milhares estavam preparados a sangrar para impedi-lo. Para chegar a algum lugar na vida é preciso andar sobre cadáveres e eu fiz meu caminho com corpos e mais corpos. Gelleth ardeu por minha ambição. Ainda arde.

“Eu cogitei.”

Miana se espantou quando eu falei. Ela achou que eu não fosse responder.

“Houve um tempo em que eu poderia ter servido como comissário ao imperador de Orrin, poderia ter deixado meus pastores de cabras e os fazendeiros dele viverem suas vidas em paz. Mas as coisas mudam, os acontecimentos nos carregam, mesmo quando você acha que está no comando, gritando ordens. Irmãos morrem. Escolhas são tiradas de nós.”

“Katherine é muito bonita”, disse Miana, abaixando o olhar dessa vez.

Gritos do lado de fora, o chiado de flechas, um estrondo distante. “Já fizemos isso tempo suficiente?” Eu não perguntei sobre Katherine e tinha uma batalha para lutar. Fiz que ia me levantar da cama, mas Miana pôs a mão em minha coxa, meio nervosa, meio corajosa.

Ela pôs a mão em seu vestido novamente, e pensei que pudesse haver mais determinação do que medo nela, mas ela não estava desamarrando. Ela puxou um saco preto de veludo, pendurado em seu cordão. Grande o bastante para conter um olho.

“Meu dote”, ela disse.

“Esperava algo maior.” Eu sorri e o peguei.

“Não sou eu que digo isso?”

Eu ri alto com aquilo. “Alguém colocou uma velha malvada dentro do corpo de uma garotinha e a enviou para mim com o menor dote do mundo.”

Virei o conteúdo do saco em minha mão. Um único rubi, do tamanho de um olho, lapidado por um especialista, com uma estrela vermelha queimando em seu interior. “Legal”, eu disse. Ele parecia quente em minha mão. Meu rosto ardeu onde o fogo havia me marcado.

“É um trabalho de magia”, Miana disse. “Um mago do fogo armazenou o calor de mil lareiras aí. Ele pode acender tochas, ferver água, aquecer um banho, fornecer luz. Ele pode até se aquecer o suficiente para juntar dois pedaços de ferro. Eu posso lhe mostr...”

Ela estendeu a mão para pegar a pedra, mas eu fechei a mão em torno dela. “Agora sei por que os jurados pelo fogo gostam de rubis”, eu disse.

“Seja cuidadoso”, Miana disse. “Seria... desaconselhável quebrá-lo.”

No instante em que meus dedos se encontraram em torno da pedra, um impulso de calor correu dentro de mim, como um choque, queimando meu braço. Por um momento, vi apenas o incêndio e senti as mãos afiadas de Gog em cada lado meu, como se ele estivesse sentado atrás de mim em cima de Brath outra vez, como havia feito por tantos dias naquela primavera há muito tempo. Eu ouvi sua voz aguda, quase, como a música de minha mãe, tentando me alcançar de muito longe. Alguma coisa se acendeu em meu interior e o fluxo de fogo se reverteu, descendo rapidamente de meu braço para a joia. Um barulho agudo de estilhaços veio do rubi e eu o soltei com um grito. Miana o pegou: tinha mãos rápidas. Eu esperava que ela gritasse e soltasse a pedra, mas o rubi ficou frio na palma de sua mão. Ela o pôs na cama.

Eu me levantei. “É um dote respeitável, Miana. Você será uma boa rainha para as Terras Altas.”

“E para você?”, ela perguntou.

Andei até a janela. A serra onde os arqueiros do príncipe se enfileiraram ainda estava em confusão. Os trolls já teriam se retirado para suas cavernas de defesa, mas nenhum homem quer alinhar um disparo enquanto se preocupa se uma mão preta irá arrancar sua cabeça a qualquer segundo.

“E para você?”, ela repetiu.

“Isso é difícil de dizer.” Peguei a caixa de cobre da bolsa em minha cintura. Eu havia me sentado diante daquela janela na noite anterior e observado a caixa. Um cálice, a caixa, uma faca. Beba para esquecer, abra para se lembrar ou corte para acabar. “É difícil responder a você quando eu não sei quem sou.”

Segurei a caixa diante de meus olhos. “Segredos. Eu a enchi de segredos, e resta um último segredo, mais sombrio do que o resto.” Algumas verdades talvez não devessem ser ditas. Algumas portas fechadas. Um anjo me disse uma vez para abrir mão dos males que eu mantinha perto demais, abrir mão dos defeitos que me moldavam. O que restava de mim poderia ser perdoado, poderia acompanhá-lo ao paraíso. Eu lhe disse não.

O deslizamento de pedras, a avalanche, os trolls, nada daquilo importava. O exército de Arrow ainda nos derrotaria. Lutar tanto e não chegar nem perto da vitória. Isso tinha um gosto amargo.

Eu já havia enfrentado a morte antes, com probabilidades tão pequenas quanto agora, mas nunca como um homem dividido, com algum pedaço de mim trancado em uma caixinha. Luntar, em seu deserto em chamas, havia feito o que o anjo não pôde. Ele me tirou de mim, permitindo-me andar por aí no lugar de Jorg Ancrath.

Não abra essa caixa.

O garoto morto me observava do canto do quarto, como se sempre estivesse ali, aguardando silenciosamente, dia após dia, por este momento, para olhar em meus olhos. Ele estava pálido, mas sem ferimentos, sem manchas a não ser pelas marcas brancas de mãos em sua pele, como as cicatrizes que as coisas mortas de Chella deixaram no irmãozinho de Gog muito tempo atrás.

Abra-a e meu trabalho será desfeito.

Eu virei a caixa, deixando o desenho do espinho refletir a luz. Maldito Luntar e maldita criança morta também. Quando encarasse as legiões de Arrow pela última vez eu o faria por inteiro.

Abra-a e você estará acabado.

Minhas mãos não estremeceram no metal. Eu agradeci por isso. Eu a abri, e com um movimento rápido soltei a tampa, atirando-a além do agito carmesim do lençol.

Nunca abra a caixa.

O quarto de frei Glen mais uma vez, iluminado pelo brilho do pagão. A necessidade de matá-lo tomou minhas mãos imediatamente.

"Houve sangue e sujeira", diz Sageous. Ele sorri. "Os venenos de Saraem Wic fazem isso. Mas não havia criança alguma. Duvido que jamais haja agora. Os venenos daquela bruxa velha não são suaves. Eles raspam um útero até o fim."

Eu encontro a espada e vou em direção a ele. Tento correr, mas é como atravessar neve profunda.

"Bobinho. Você acha que realmente estou aqui?" Ele não faz movimento para escapar.

Tento alcançá-lo, mas estou chafurdando.

"Eu não estou nem nesta cidade", ele diz.

A paz me envolve. Um sonho dourado de sol, campos de milho, crianças brincando.

Eu caminho por ele, embora cada passo pareça uma traição, pareça o assassinato de amigos.

"Você acha que sou como você, Jorg." Ele balança a cabeça e as sombras correm. "A sede de vingança o arrastou por reinos e você acha que sou motivado por seus imperativos grosseiros. Eu não estou aqui para puni-lo. Eu não o odeio. Eu amo a todos igualmente. Mas você precisa ser destruído. Você deveria ter morrido com sua mãe." Os dedos de Sageous voltam-se para os rabiscos em seu pescoço. "Estava escrito."

Quando eu o alcanço, ele some.

Vou até o corredor. Vazio. Fecho a porta, usando minha fita de metal para abaixar o trinco. Frei Glen terá de rezar por ajuda. Eu não tenho tempo para ele agora, e mesmo através das camadas de mentiras e sonhos de Sageous suspeito que ele seja culpado de *alguma coisa*.

Não foi Katherine que me trouxe ao Castelo Alto e certamente também não foi frei Glen. Eu não virei à direita onde a estrada se bifurcava nos Pântanos de Ken apenas para visitar a sepultura de meu cachorro. Eu vim visitar a família. E agora preciso ser rápido com isso. Quem sabe que sonhos Sageous pode mandar para esses lados?

Sim me ensinou a me mover silenciosamente. Não é tanto sobre barulho. A arte consiste em estar sempre se movendo, indo a algum lugar com propósito. Qualquer hesitação convida um desafio. Por outro lado, se não pode haver razão possível para sua presença, então o silêncio absoluto pode ocultá-lo, mesmo que esteja à vista. O olho pode vê-lo, mas se você estiver petrificado a mente não o percebe.

"Você aí. Parado."

Em dado momento, todos os truques irão fracassar e alguém irá desafiá-lo. Mesmo nessa hora, eles acharão difícil de acreditar que você seja um intruso. As mentes de guardas são especialmente lentas, debilitadas por uma carreira de tédio.

"Perdão?" Pus a mão atrás da orelha.

Se você for desafiado, finja não escutar. Chegue mais perto, incline-se. Seja rápido ao pôr a mão sobre a boca deles, com a palma reta nos lábios, para que não haja ponta para morder. Pressione-os contra uma parede, se houver. Apunhale o coração. Não erre. Mantenha os olhos deles nos seus. Isso dá a eles algo em que pensar que não seja fazer barulho, e ninguém quer morrer sozinho, afinal. Deixe que a parede ajude-os a cair. Deixe-os à sombra.

Eu deixo o homem morto para trás. Um segundo morre ao final do outro corredor.

"Você!" Este aqui dobra uma esquina com a espada em punho e quase me derruba.

Mãos afiadas. Foi isso que Grumlow me disse. Mãos afiadas. É o tutorial dele sobre o uso da faca. A espada tem tudo a ver com o

movimento, a estocada, o ímpeto, coordenar o seu movimento com o de seu inimigo – um homem com uma faca é um homem com mãos afiadas, nada mais. Uma briga de facas é algo assustador. É por isso que os homens dão uma estocada e desviam, ficam em posição e correm. Grumlow diz que a única coisa a fazer é furar rápido, furar primeiro, matá-lo logo.

Eu furo rápido. Sua espada cai no longo tapete e não faz barulho.

Virando a esquina está a porta que procuro. Trancada. Eu pego a chave do cinto do guarda. A porta se abre em dobradiças lubrificadas. Em silêncio. As dobradiças nunca rangem na porta de um berçário. Os bebês já lutam demais contra o sono normalmente.

A ama de leite está roncando em uma cama ao lado da janela. Um lampião brilha no peitoril, com o pavio cortado curto. A sombra das barras do berço chega até mim.

Eu deveria matar a ama, mas é como a velha Mary que correu atrás de mim e de Will há muito tempo. Eu deveria matá-la, mas a deixei dormir. Não seria aconselhável acordá-la.

Eu arrasto o guarda para o quarto e fecho a porta. Por um longo momento, paro e imagino minhas rotas de fuga. Há uma segunda saída do quarto, que dá para os aposentos das amas. Enquanto houver dois caminhos para fugir eu me sinto seguro. Há passagens que saem do castelo. Túneis secretos que levam a portas escondidas na Cidade Alta. Eu não podia abrir essas portas do lado de fora, mas podia sair por elas.

Respirei fundo, lentamente. Almíscar branco – o cheiro de sua mãe. Outra vez. Eu me aproximo do berço e olho para meu irmão. Degran, eles o chamam. Ele é tão pequeno. Eu não pensava que ele seria tão minúsculo. Estendo os braços e o levanto, dormindo. Ele mal preenche minhas mãos. Ele dá um leve suspiro.

O trabalho do assassino é um trabalho sujo.

Eu jurei assumir o trono do Império, trilhar o caminho mais árduo, vencer a Guerra Centenária a qualquer custo. E aqui, nas minhas mãos, eu segurava uma chave para o Portão Gilden. O filho da mulher que substituiu minha mãe. O filho por quem meu pai me pôs de lado. O filho para o qual ele deixou minha herança.

"Eu vim para matá-lo, Degran", sussurrei.

Ele é macio e quente, tem a cabeça grande, as mãos minúsculas, o cabelo muito fino. Meu irmão.

O brilho do lampião reflete as cicatrizes brancas em meus braços enquanto o seguro. Eu sinto os espinhos da roseira-brava em mim.

Eu deveria torcer seu pescoço e ir embora. No jogo do Império, esta não é uma jogada rara, tampouco incomum. Fratricídio. Tão comum que há até uma palavra para isso. Muitas vezes realizado pessoalmente.

Então por que minhas mãos tremem tanto?

Faça e acabe logo com isso.

Você é fraco, Jorg. Até meu pai me diz para fazê-lo. *Fraco*.

Sinto os espinhos muito profundos, encontrando o osso conforme eu lutava para salvar William. O sangue escorre sobre mim. Eu posso sentí-lo. Escorrendo em minhas bochechas, cegando-me. Os espinhos me seguram.

FAÇA.

Não.

Eu queimarei o mundo se ele me desafiar, levarei ruína a todos os cantos, mas não vou matar meu irmão. Não outra vez. Eu vim aqui para fazer essa escolha. Para mostrar que eu poderia ter escolhido matá-lo. Para pesar a decisão em minhas mãos.

E eu pus Degran de volta em suas cobertas. A ama pôs um carneiro de lã no berço, com pernas curtas e olhos de botão. Durma, irmão, durma bem.

Ele caiu flácido de minhas mãos, embranquecido onde meus dedos o tocaram. Eu não compreendo. Gelo se forma à minha volta, um vazio doentio me preenche até eu ser nada além de uma casca quebradiça. Eu o cutuco.

"Acorde."

Eu agito as cobertas debaixo dele. Balanço o berço. "ACORDE."

Ele fica imóvel, mole, com as marcas brancas de minhas mãos em sua pele macia como acusações.

"Acorde!" Eu grito, mas nem mesmo a ama acorda.

Sageous está ali, no canto do quarto, todo incandescente. "Jorg Necromante. Quantos gumes tem essa espada?"

"Eu não o matei. Eu podia tê-lo matado e não o fiz."

"Fez, sim." A voz de Sageous é calma, enquanto a minha é estridente.

"Eu não queria!", eu grito.

"A necromancia ouve o seu coração, Jorg. Ela ouve o que você não consegue dizer. Faz o que seu âmago secreto quer e precisa. Ela não é enganada por posturas. Você tem a morte de pequenas coisas em seus dedos. Uma coisa pequena morreu."

"Retire isso." Eu estou implorando. "Traga-o de volta."

"Eu?", pergunta Sageous. "Não estou nem aqui, Jorg. Não posso fazer muito mais do que manter essa gorda relaxada dormindo. Além do mais, eu queria que você o matasse. Por que você acha que eu o trouxe aqui, em primeiro lugar?"

"Trouxe?" Eu não consigo olhar para ele, nem para Degran. Nem mesmo para as sombras, no caso de mamãe e William estarem me observando do canto.

"Com sonhos com Katherine, para trazê-lo até o castelo, e sonhos com William, para fazê-lo entrar. Francamente, Jorg, achei que uma criança inteligente como você já soubesse como eu ajo, a essa altura. Não são os sonhos de morte que são minhas melhores armas – as ferramentas mais

sutis têm o efeito mais profundo. Um empurrãozinho aqui, um empurrãozinho ali."

"Não." Como se balançar minha cabeça tornasse aquilo uma mentira.

"Eu sofro por você, Jorg", ele diz, todo cheio de compaixão e olhos suaves. "Eu amo você, mas você precisa ser destruído, é o único jeito. Você deveria ter morrido e agora somente destruído você restabelecerá o equilíbrio, só isso permitirá que as coisas sigam seu curso como deveriam."

"As coisas?"

"O Príncipe de Arrow irá nos unir. O Império irá prosperar. Milhares e milhares que morreriam viverão. A ciência voltará para nós com a paz. E eu conduzirei a mão do imperador para que tudo fique bem. Isso não vale mais do que você, Jorg? Isso não vale a vida de um único bebê?"

Eu grito e me atiro em sua direção, como se a raiva pudesse lavar a dor, mas o que eu fiz abriu uma fenda em mim, e nessa fenda Sageous derrama loucura, uma torrente. Eu cambaleio, cego e aos berros.

Não vejo mais nada. Nada até o momento em que me encontro olhando para uma caixa vazia e sem tampa.

Tanta loucura e arrependimento colocados dentro de mim que não sobrou espaço para a memória, nada para a caixa. Que instintos, sorte ou orientação me tiraram do castelo sem ser descoberto, ou quantos outros corpos deixei em meu rastro – eu não sei.

"Jorg?"

Eu me virei e olhei para Miana. Minhas bochechas estavam molhadas de lágrimas. As mágicas de Sageous rastejavam sob minha pele, mas não foram seus feitiços que me esvaziaram. *Eu matei meu irmão*.

Seu fantasma estava na cama, esticado atrás de Miana. Não o bebê macio, mas o garotinho de quatro anos que ele seria. Pela primeira vez ele sorriu para mim, como se fôssemos amigos, como se estivesse

contente em me ver. Ele se desvaneceu enquanto eu observava e eu sabia que ele não retornaria, não cresceria, não sararia.

Alguém esmurrou a porta. “Majestade, o portão cedeu!”

Eu me encostei à parede e escorreguei até o chão. “Eu o matei.”

“Jorg?” Miana pareceu preocupada. “O inimigo está dentro de nossos portões.”

“Eu matei meu irmão, Miana”, eu disse. “Deixe que eles venham.”

Do diário de ***Katherine Ap Scorron***

28 de março, ano 99 interregno

CASTELO ALTO. CAPELA.

Degran está morto. O filho de minha irmã está morto.
Não consigo escrever sobre isso.

29 de março, ano 99 interregno

Jorg fez isso. Ele deixou um rastro de cadáveres ao chegar e ao sair do quarto de Degran.

Eu o verei morrer por isso.

Há tanta raiva em mim. Não consigo destravar meus dentes. Se frei Glen não estivesse morto. Se Sageous não estivesse ausente. Nenhum deles viveria até a manhã seguinte.

31 de março, ano 99 interregno

Nós o enterramos hoje. Na sepultura onde fica a família de Olidan. Um pequeno caixão de mármore branco para ele. Pequeno Degran. Parece

pequeno demais para qualquer criança caber ali. Eu choro só de pensar nele ali, sozinho. Maery Coddin cantou a Última Canção para ele, meu sobrinho. Ela tem uma voz aguda e pura que ecoou na sepultura e me fez chorar. As damas de minha irmã puseram flores brancas no túmulo, lírios, uma flor cada, e elas choravam.

Padre Eldar teve que vir da Nossa Senhora na Cidade de Crath para dizer as palavras, já que não temos homens santos no castelo. Jorg roubou ou matou todos eles. E quando padre Eldar terminou, quando ele já havia lido as passagens, falado sobre o Vale da Morte e Não Temer Mal Algum, todos nós saímos andando. Sareth não andou. Sir Reilly teve de carregá-la, aos gritos. Eu entendi. Se fosse com meu bebê, eu não conseguiria deixá-lo. Por Deus, posso envenená-los em minha barriga, deixá-los cair em sangue e gosma, mas se eu houvesse segurado meu filho, visto seus olhos, tocado seus lábios... precisaria de mais do que Sir Reilly para me arrastar para longe dele.

2 de abril, ano 99 interregno

Eu reli este diário e acompanhei os registros de meus sonhos através de suas páginas. Pelo menos aqueles sobre os quais eu escrevi, mas aparentemente eu escrevi sobre muitos deles, como se estivessem me atormentando. Eu não tenho lembrança alguma deles. Talvez eles tenham saído de mim quando os rabisquei no papel.

Eu também não quero voltar a página. Parece que a mão de outrem está sobre a minha, segurando-a para baixo. Mas não deixarei que me impeçam.

Agora eu vejo como o pagão me manipulou e me conduziu como um cavalo, com leves estalos do chicote, apenas uma virada aqui e ali para definir o caminho através de um mapa inteiro. Eu não acredito que essa mágica esteja além do meu alcance. Não posso aceitar que uma coisa como Sageous possa ter tal poder e eu não.

Eu não posso dominar um reino como Jorg ou Orrin. Nenhum soldado irá acatar minhas ordens e lutar e morrer em solo estrangeiro quando eu mandar. Essas coisas me são proibidas. Por causa de meu sexo. Porque não tenho barba. Porque meu braço não é tão forte. Mas generais não precisam de um braço forte. Reis não precisam de barbas.

Posso nunca reinar ou comandar, mas posso construir um reino em minha mente. E exércitos. E se eu estudar o que o pagão fez comigo, se eu desmontá-lo peça por peça, posso fazer minhas próprias armas.

8 de abril, ano 99 interregno

Orrin de Arrow visitou meu cunhado hoje. Eu disse que me casaria com ele. Mas antes ele teve que prometer me levar para bem longe deste castelo, deste lugar que fede ao assassino Jorg Ancrath, e nunca mais me trazer de volta.

Orrin diz que será imperador e eu acredito nele. Jorg de Ancrath tentará impedi-lo e nesse dia eu o verei pagar por seu crime. Até lá, eu me ocuparei em desfazer os métodos do pagão e aprendê-los sozinha. É o medo que impede o homem comum de ter tal poder, nada mais. Não acredito que aquela criatura, Sageous, seja capaz de algo que eu não seja, eu me recuso a acreditar. O medo nos mantêm fracos, medo do que não conhecemos e medo do que conhecemos. Nós sabemos o que a Igreja faz com as bruxas. O papa em Roma e todos os seus padres podem se enforcar, no entanto. Eu vi o que acontece aos homens santos em tempos assim. Aqui está um poder que uma mulher pode reunir em suas mãos tão bem quanto qualquer homem, e chegará a hora em que Jorg descobrirá qual é a sensação de se espatifar com seus sonhos.

Do diário de ***Katherine Ap Scorron***

1º de junho, ano 99 interregno

ARROW. CASTELO YOTRIN.

Nós estamos casados. Eu estou feliz.

23 de julho, ano 99 interregno

ARROW. FLORESTA NOVA.

Nós fomos do Castelo Yotrin até a Floresta Nova. Eles a chamam assim porque um tataravô de Orrin mandou plantá-la logo após expulsar os brettans de volta para o mar. É a minha primeira chance real de ver Arrow, apesar de estarmos indo ver principalmente árvores. Egan praticamente exigiu que Orrin fosse caçar com ele e Orrin queria que eu fosse. Acho que Egan não queria. Egan disse que Orrin lhe prometera uma caçada particular, sem cortesãos, sem espalhafato. Orrin disse que quanto mais rico ele ficava menos luxos como aquele ele poderia se permitir, mas prometeu que o grupo de caça seria pequeno.

Arrow é uma região adorável. Ela pode não ter as montanhas e o esplendor de Scorron, mas as florestas são belíssimas, carvalhos e olmos, faias e bétulas, enquanto Scorron tem pinheiros, pinheiros e mais pinheiros. E as matas são tão leves e arejadas, com espaço para passear entre as árvores, não como as florestas-vales escuras e densas de minha terra.

Nós montamos acampamento em uma clareira, os criados estão armando os pavilhões e acendendo o fogo. Orrin convidou Lorde Jackart e Sir Talbar para virem, e Lady Jackart também, com sua filha Jesseth. Eu acho que Lady Jackart foi chamada para me alegrar enquanto os homens matam coisas no mato. Ela é gentil, mas bastante chata e acha que precisa gritar para que eu entenda seu sotaque. Eu não tenho o menor problema em ouvi-la, só queria que ela fizesse uma pausa para respirar e deixasse uma palavra terminar para começar a próxima. A pequena Jesseth é uma querida, de sete anos,

sempre correndo pelo matagal e tendo que ser apanhada por Gennin, o criado dos Jackarts.

Eu gostaria de ter meninas, duas delas, loiras como Orrin.

Orrin voltou com Egan cavalgando na garupa atrás dele, ladeado por Jackart e Talbar. Eu me levantei para perguntar do cervo, mas pensei melhor, já que todos estavam com expressões sérias, a não ser Egan, que parecia pronto para matar. A pequena Jesseth não sabia de nada, porém, e correu gritando até seu pai, perguntando se ele havia trazido um macho ou uma fêmea. Lorde Jackart praticamente caiu de sua sela e a pegou no colo antes de Egan descer. Do jeito que Egan olhava para o homem, eu achei que Jackart fosse entrar em combustão. E então eu vi o sangue, escuro e grudento nas mãos de Egan, como luvas pretas, e respingos ressecados em seus antebraços.

"Vou cortar um pouco de lenha." Foi tudo que Egan disse, e se afastou gritando por um machado.

Lorde Jackart levou sua filha a seu pavilhão, com Lady Jackart apressando-se atrás deles. Ela podia ser chata, mas era suficientemente esperta para saber quando ficar quieta.

"Egan entrou com Xanto em um grupo de roseiras-bravas", Orrin me contou. Ele abriu os braços. "Eu também não vi."

"Mas você lhe disse para ir devagar, para prestar atenção." Sir Talbar esfregou suas costeletas e balançou a cabeça.

"Não está em Egan desistir da perseguição, Talbar. Aquele cervo devia valer uns dezoito pontos." Orrin tem uma maneira de mostrar a fraqueza de um homem como força. Talvez seja a bondade dele. Em todo caso, isso faz com que homens o sigam, o amem. Ele pode fazer a mesma mágica em mim também, não sei.

"Pobre Xanto." O garanhão era uma fera maravilhosa, apelidado por causa do cavalo de Aquiles, preto como óleo de pedra com músculos ondulados sob o corpo reluzente. Eu estava querendo cavalgá-lo, mas é tão

difícil falar com Egan, ele consegue me fazer sentir como se eu o irritasse com cada palavra. "Nós não temos tantos cavalos em Scorron, mas nunca ouvi falar em um morto por uma roseira-brava." Então eu compreendi, ou achei que sim. "Ele quebrou a perna? Pobre Xanto."

Orrin balançou a cabeça, Sir Talbar cuspiu.

"Roseira-brava é um negócio horrível", disse Orrin. "Foi um milagre ele não ter quebrado a perna, mas ele se rasgou todo dos lados."

"O mestre cavalariço... o cirurgião poderia costurá-lo?" Eu não percebia que tais ferimentos seriam fatais.

Orrin balançou a cabeça novamente. "Eu já vi isso antes e o cirurgião Mastricoles fala disso em sua obra, até as notas de rodapé do Franco Botânica de Hentis falam disso. Os espinhos da roseira-brava são farpados, os que ficam na ferida inflamam, o sangue é envenenado e o animal morre. Até pessoas podem morrer. O tio de Sir Talbar enfiou dois espinhos na palma da mão. A ferida foi cortada e limpa, e tratada com remédio, mas mesmo assim ela ficou preta e apodreceu. Ele perdeu a mão, depois o braço, e depois o resto de seus dias."

Eu entendi o sangue. "Pelo menos Egan deu a ele um fim rápido."

Orrin abaixou a cabeça. "Xanto não demorou muito a morrer."

Sir Talbar olhou para Orrin, desviou o olhar e não disse mais nada.

Caminhei com a pequena Jesseth mais tarde, deixando-a tagarelar conforme seguíamos a margem da clareira. Ouvia-se golpes de machado de algum lugar entre as árvores que Egan havia reduzido a uma montanha de toras, e os cozinheiros já tinham dez vezes a lenha que precisavam. Agora ele estava derrubando árvores. Ele saiu detrás de um olmo uma hora mais tarde, perto de onde Jesseth e eu estávamos nos distraindo com um jogo de tabuleiro. O sangue sumira de seus braços e o suor escorria em um corpo tão musculoso e ágil como o de Xanto. Ele mal acenou quando passou pela gente, com o machado em seu ombro.

“Eu não gosto dele”, sussurrou Jesseth.

“Por que não?”, perguntei, inclinando-me com um sorriso cúmplice.

“Ele matou o cavalo.” Jesseth assentiu com a cabeça como que para provar que não era mentira.

“Mas isso foi uma gentileza.”

“Mamãe diz que ele cortou a cabeça do cavalo com sua espada porque o cervo fugiu.”

25 de julho, ano 99 interregno

CASTELO YOTRIN. BIBLIOTECA.

Encontrei certos manuscritos na biblioteca de Orrin que falam de sonhos em termos de marés e correntes. Há uma mulher na vila de Hannam que lê o futuro para ganhar a vida, mas ela tem mais a dizer do que isso, à pessoa certa. Em um pequeno aposento no alto de sua casa ela me falou sobre velejar nos mares de sonho.

18 de agosto, ano 99 interregno

CASTELO YOTRIN. QUARTO REAL.

Orrin saiu para comandar seus exércitos no oeste. Vou sentir saudades. Mas vou aproveitar o descanso. Parece que passamos um mês dentro do quarto. Se precisar de mais que isso para fazer um bebê eu estarei exausta no inverno e serei uma velha quando chegar a primavera.

Do diário de ***Katherine Ap Scorron***

18 de julho, ano 100 interregno

CASTELO YOTRIN. BIBLIOTECA.

Orrin é um bom homem, provavelmente um grande homem. Todos os oráculos dizem que ele será imperador e usará a coroa total. Mas até grandes homens precisam ser desobedecidos de vez em quando.

Quando Orrin está aqui ele passa no mínimo metade de seus dias nesta biblioteca. Os cavaleiros e capitães que vêm atrás dele adentram a sala de leitura furtivamente, deslocados, olhando as paredes com desconfiança como se o conhecimento pudesse simplesmente escorrer de todos esses livros e infectá-los. Esses homens nos encontram, Orrin em um canto, eu em outro, e ele os observa por cima de um daqueles grandes e respeitáveis volumes com capa de couro. "General Fulano", ele diz. Ele deixa cada um dos reinos que assumiu manter um general. Orrin diz que é importante que as pessoas tenham seu orgulho, seus heróis. "General Fulano", ele diz. E General Fulano fica mudando de um pé para o outro, desconfortável entre tantas palavras escritas, sem esperar que o futuro imperador pareça tão estudioso, como se estivesse usando óculos de leitura.

Orrin lê os grandes livros. Os clássicos de antes do tempo dos Construtores, estendendo-se até os gregos, até Homero. Não é que ele escolha os maiores e mais imponentes livros para se exibir, mas é com esses que ele sempre acaba. Ele gosta de ler filosofia, história militar, a vida de grandes homens e história natural. Ele está sempre me mostrando figuras de animais estranhos. Pelo menos quando ele está aqui. Criaturas que você pensa que o autor inventou em uma tarde quente. Mas ele diz que as figuras foram capturadas e não pintadas, como se a imagem fosse congelada em um espelho, e que essas coisas são de verdade. Algumas delas ele já viu. Ele me mostra a figura de uma baleia e põe a unha ao lado da boca do bicho para mostrar o tamanho de um cavalo perto dela. Ele diz que viu as costas de uma, de um barco saído da costa de Afrique. Diz que ela rolava pela

água, um brilho cinzento das costas intermináveis da baleia, larga o bastante para uma carruagem, e mais comprida que nosso salão de jantar.

Eu leio os pequenos livros esquecidos. Aqueles que se encontram atrás das fileiras nas estantes. Em baús trancados. Em pedaços para serem montados. Eles parecem velhos. Alguns são – cem, trezentos, talvez quinhentos anos, mas os de Orrin são mais antigos. No entanto, os meus se parecem mais velhos, como se o que estivesse escrito neles tivesse seus efeitos sobre o pergaminho e o couro. Os meus foram escritos após o Incêndio, após os Construtores acenderem seus muitos sóis.

Os livros antigos contam uma história clara. Euclides nos deu o molde e a forma. Matemática e ciência progridem de maneira ordenada. A razão prevalece. As histórias novas são confusas. Ideias e ideologias conflitantes. Novas mitologias, novas magias oferecidas com intenções sérias, mas com centenas de variantes, cada uma envolta em suas próprias superstições e bobagens, mas com um fundo de verdade. O mundo mudou. Em algum ponto da linha dos anos ele mudou e o que não era possível tornou-se possível. O absurdo virou verdade. Para organizar tudo isso em uma arquitetura pura, alguma nova ciência que pudesse controlar o caos presente, seria necessário um trabalho de várias vidas. Mas eu estou começando. Acho isso mais do meu agrado do que costurar.

Orrin diz que eu devo deixar isso para lá. Que conhecimento assim corrompe e que se tiver de fazer uso dele será através de outros, como Olidan usou Sageous, como Renar usou Corion. Eu digo que ele confunde o títere com o titereiro. Ele sorri e diz talvez, mas que quando a hora chegar será ele a puxar as cordas. Orrin me diz que tem certeza de que eu poderia beber da mesma fonte que Sageous, mas que tais águas me fariam amarga, e ele gosta de mim doce.

Eu amo Orrin, eu sei que amo. Mas às vezes é mais fácil amar alguém que tem defeitos que você pode perdoar em troca do perdão pelos seus.



Na ruína vermelha da batalha, o irmão Kent muitas vezes parece ter saído do inferno. Embora em outra vida ele pudesse ter lavrado seus campos e morrido na cama, lamentado pelos netos, em combate Kent, o Rubro, possui uma lucidez que apavora e assola. Em todo o resto ele é um homem confuso por suas próprias contradições – os instintos de um assassino somados à alma de um fazendeiro. Não é alto, não é largo, mas é sólido e rápido, com grandes maçãs do rosto, olhos escuros que remetem à morte, lábios mordidos, mãos marcadas por cicatrizes, dedos grossos, lealdade e a necessidade de ser leal impressa nele.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

46

Dia do Casamento

org! Os homens do príncipe estão atravessando os portões!"

Miana não precisava gritar comigo. Eu podia ouvi-los pelas janelas, a ressonância grave dos "escorpiões" ao atirarem suas lanças, os gritos, o choque de espadas, o som das cordas dos arcos dos soldados em minhas muralhas, agora atirando em seu próprio castelo. E os tambores! A batida furiosa dos tambores de guerra do tio Renar. Uma batida tão alta e forte que enleva até o mais manso dos soldados e os torna parte da besta. Os tambores incutem coragem em você.

Titio deveria tê-los tocado naquele dia que eu cheguei para uma visita.

Nada disso importava. Os sonhos venenosos de Sageous borbulhavam em mim, mas todos eles apenas tocavam variações de um pesadelo que

eu mesmo criei. Matei meu irmão. Após anos definido apenas pela busca por vingança – anos consumidos pela necessidade de alcançar o assassino de William –, eu tirei a vida de meu irmão, um bebê que mal cabia em minhas mãos.

"Jorg!"

Eu a ignorei. Estendi as mãos diante de meu rosto, lembrei-me da sensação, lembrei-me da compreensão de que ele estava morto. Degran. Meu irmão.

Tutor Lundist me mostrou um desenho certa vez. O rosto de uma mulher velha. Olhe novamente, ele disse, é uma jovem garota. E era. Apenas um truque da mente. Nada havia mudado, nem uma linha do desenho, e mesmo assim tudo era diferente. A caixa me devolveu Degran e ele havia falado comigo ao longo dos anos. Olhe novamente, ele dissera para mim. Olhe para sua vida – agora olhe novamente. E de repente nada mais importava.

Ela me deu um tapa, aquela vadiazinha me deu um tapa, e por um segundo aquilo importava. Ela pusera seu corpo inteiro naquilo. Mas a raiva desapareceu mais rapidamente do que viera.

E então uma pedra de cerco atingiu a janela à nossa direita. Fragmentos de pedra voaram pelo quarto, estilhaçando-se na parede oposta. Uma poeira subiu ao nosso redor.

"Eu não vou morrer aqui", disse Miana.

Ela estava com a mão em meu cabelo. Ela girou minha cabeça para a janela e suas barras quebradas. Parte da parede embaixo da janela havia desmoronado e dava para ver o pátio, onde os camponeses haviam se reunido para nos saudar naquela manhã. Uma cunha dos soldados de Arrow, marcados por suas capas escarlates, havia passado pelas ruínas da grade levadiça que Gorgoth havia segurado aberta para mim. Meus soldados, metade deles pastores com espadas que eu fornecera, encurralavam o inimigo. Eu vi o azul do pequeno contingente de Lorde

Jost e o brilho de suas armaduras de metal. As probabilidades estavam contra os intrusos, mas o peso do contingente na retaguarda os impulsionava para frente enquanto morriam. O Príncipe de Arrow soltou seus homens no campo de matança, com meus arqueiros e tropas reduzindo-os, mas não os impedindo. E, sob tudo aquilo, pulsando o tempo todo, a vibração dos tambores de guerra.

"Faça alguma coisa!", gritou Miana.

"Não tem importância", eu disse. "Todos morrem." Meu passado e meus fantasmas dançavam ao meu redor, os mortos, os traídos. Eu cogitei mergulhar através da parede estilhaçada até o inimigo, por cima das cabeças de meus homens. Será que eu conseguia dar um salto assim? Com uma corrida, talvez. Uma corrida curta e uma longa queda para a eternidade.

Ela me estapeou outra vez. "Dê-me o rubi."

Eu pesquei a sacola e a coloquei na mão dela. "Você merece um marido melhor."

Miana me olhou com desprezo. "Eu merecia um mais forte. Não há vitória sem sacrifício. Minha mãe me ensinou isso. Você precisa aumentar as apostas e aumentá-las de novo."

"Ela era guerreira?" Eu balancei minha cabeça com força. Os sonhos jorravam de mim. Os mortos me seguravam com mãos frias, destroçando minhas entranhas.

"Uma jogadora de cartas", disse Miana.

Miana foi até a lareira e pegou uma das duas telas da lareira, uma tapeçaria exótica com moldura de ébano. Ela a espatifou contra a parede e repetiu o processo com a segunda. Lá fora, a cunha escarlate se desenvolveu em um semicírculo em torno dos portões quebrados. Atrás dos muros, um mar vermelho-sangue estaria se movendo para frente.

Miana pegou as duas bases pesadas de pedra, dos destroços das telas da lareira, e posicionou o rubi entre elas. Ela tentou rasgar faixas das

tapeçarias e, ao encontrá-las resistentes demais, rasgou pedaços da barra de seu vestido de noiva.

Apesar do vazio pulsando dentro de mim, uma leve curiosidade coçou atrás de minha cabeça.

Uma flecha perdida entrou pela janela à esquerda e se enterrou no teto.

Miana amarrou ambas as bases de pedra juntas, bem firmes, com o rubi entre elas.

"Lorde Jost ainda está lutando?", ela perguntou.

Eu rastejei até a parede quebrada, piscando para clarear minha visão. "Estou vendo cavaleiros da Casa Morrow. Acho que um deles é Jost."

Miana mordeu o lábio. "Às vezes você só consegue vencer se estiver preparado para sacrificar tudo", ela disse.

Eu comecei a imaginar se não havia herdado minha veia mais sombria do lado materno da família.

Seus olhos ficaram brilhantes. Lágrimas para os mortos.

"Miana, o qu..."

Ela correu para a abertura, com os pés caindo à batida do tambor, e arremessou as bases de pedra para fora. Eu não pensava que ela pudesse atirar com tanta força e tão longe. O pacote voou sobre as cabeças dos homens lutando, morrendo, pressionando uns contra os outros na confusão. Ele voou sobre os altaneiros, sobre Jost, sobre a infantaria de capa vermelha de Arrow, ricocheteou uma vez em um ponto à esquerda dos portões e bateu contra a muralha externa.

Eu me lembro apenas da luz e do calor. O estrondo foi ouvido até em Gutting, mas eu não ouvi nada. Um soco quente tirou meu ar. Eu vi Miana ser atirada de volta à lareira. A queimadura em meu rosto ardeu, como se estivesse em chamas novamente, e eu berrei. Um momento antes, nada importava, mas nós somos feitos de matéria antes de sermos feitos de sonhos e a matéria se importa com a dor.

Quando consegui engatinhar, senti o cheiro de minha própria pele queimada, como se a queimadura realmente tivesse reacendido. Rastejei até o buraco e olhei para fora. Por longos instantes, eu vi apenas fumaça. Não havia som, absolutamente nenhum. Então o vento da montanha levou a fumaça para fora da cena e a destruição estava diante de mim. As muralhas frontais do Assombrado haviam desaparecido. Todos os curtumes, tavernas, matadouros, currais diante deles... sumiram. Apenas destroços fumegantes. E lá fora, depois disso, restaram o enorme exército esfarrapado do príncipe e largas avenidas de destruição abertas através deles por pedaços de alvenaria do tamanho de vagões descendo a encosta.

O estrago pareceu ter sido feito pela explosão das muralhas. Embora a maior parte da força parecesse ter sido dirigida para longe de nós, o calor e o fogo haviam sido confinados dentro do pátio. Fileiras e fileiras de corpos carbonizados propagavam-se do local onde o rubi se rompeu e lançou as chamas mágicas armazenadas dentro dele ao longo de muitos anos. Os corpos mais próximos do lançamento pareciam torrados. Os que estavam mais atrás ainda ardiam. Os mortos onde Lorde Jost e seus homens haviam lutado pareciam vermelhos e derretidos. Mais para trás, homens rolavam em uma agonia horrível. Mais atrás ainda os pulmões deles não haviam sido chamuscados e eles podiam gritar. E bem mais atrás, perto da base da fortaleza, sobreviventes se esforçavam para sair debaixo dos mortos que lhes serviram de escudo.

As vigas que apoiavam as passarelas dos arqueiros queimavam. As persianas das janelas viradas para o pátio queimavam. Os restos de meus “escorpiões” queimavam. Alguma coisa alojada no osso de minha bochecha queimava com seu próprio calor e, em cada chama, as possibilidades dançavam. Eu as via. Como se o fogo fosse uma janela para novos mundos quentes.

Eu estimei que houvesse perdido trezentos de meus oitocentos homens remanescentes. Em dois tempos, uma garota de doze anos destruíra os principais guerreiros de Renar.

Olhei para as encostas. O Príncipe de Arrow havia perdido cinco mil, talvez sete mil. Em dois instantes, a Rainha das Terras Altas reduzira seu inimigo pela metade.

Gritei para o pátio lá embaixo. Eu mal podia me ouvir por cima do zumbido em meus ouvidos. Tentei novamente. “Para a torre de menagem! Para a torre de menagem!”

Meu rosto doía, meus pulmões doíam, tudo doía, o ar estava cheio de fumaça e dos gritos dos moribundos e de repente eu queria vencer novamente. Muito.

Fui até a lareira e tirei Miana dos escombros. Poeira caiu de seu cabelo quando a coloquei sobre meu ombro, mas ela tossiu, e isso era bom o suficiente.



TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

47

Dia do Casamento



u deitei Miana em minha cama e a deixei lá. Ela havia provado ser mais resistente do que o esperado até agora e parecia ter simplesmente desmaiado. O hábito me fez colocar a caixa sem tampa de volta no bolso em meu quadril.

Embora não pudesse ver os fogos no pátio, eu podia senti-los. Quando despertei o Sol dos Construtores sob o Monte Honas, seu poder havia despertado o talento de Gog. Parecia que ter liberado em uma explosão a magia do fogo do rubi despertou em mim os resquícios de Gog e suas habilidades que se alojaram em minha pele quando ele morreu em Halradra. Rejeitei a sensação. Eu me lembrava de Ferrakind. Eu não me transformaria em algo assim.

A parte central do Assombrado tem quatro torres e meu quarto fica no alto da torre mais ao leste. Fui até o telhado. Um jovem guarda estava

sentado nos degraus de cima logo abaixo do alçapão. Um recruta novo, pela aparência, com sua camisa de cota de malha grande demais para seu corpo delgado.

"Esperando aqui caso pássaros gigantes pousem em meu telhado e tentem forçar a entrada?", perguntei.

"Sua alteza!" Ele deu um salto e ficou de pé. Se ele não fosse tão baixo teria batido a cabeça no alçapão. Parecia aterrorizado.

"Você pode me escoltar até lá em cima", eu disse. Ele teria bastante tempo para morrer por minha causa mais tarde. Não fazia sentido eu mesmo empurrá-lo escada abaixo. "Rodrick, não é?" Eu não fazia ideia de qual era o nome do covarde, mas Rodrick era comum nas Terras Altas.

"Sim, sua alteza." Um sorriso de alívio se espalhou em seu rosto.

Ele destrancou a porta e a puxou para abri-la. Eu o deixei sair primeiro. Ninguém disparou contra ele, então fui atrás.

Das ameias da torre eu podia ver o exército do príncipe nas encostas, em mais desordem ainda do que minhas próprias tropas. Levaria uma hora ou mais para os capitães dele imporem ordem, as unidades se reformarem e se juntarem, até que os mortos fossem empilhados e os feridos transportados para o fundo. Uma nuvem de fumaça pairava sobre os resquícios da favela que ficava perto das muralhas do Assombrado. O vento fresco pouco fazia para movê-la.

Apesar do fogo no pátio abaixo, fazia frio na torre. O vento estava forte lá em cima e trazia a ameaça afiada do inverno. Rastejei até a muralha leste e olhei em direção à serra onde o príncipe havia posicionado a maior parte de seus arqueiros. Eles pareciam estar em certa confusão. Trolls haviam surgido de várias saídas ainda não descobertas e estavam ocupados novamente separando os arqueiros de armaduras leves de suas cabeças.

Eu me abaixei. Fiquei com a cabeça para fora por dois segundos. Uma flecha levava três segundos para voar da serra até a torre. E, lógico, várias flechas chiaram acima de minha cabeça. Nenhuma delas acertou Rodrick, que não teve a esperteza de se esconder atrás de uma cobertura. Eu o derrubei no chão. "Fique aí."

Peguei o anel de visão dos Construtores de dentro de minha couraça e o segurei contra o olho. Fazer a imagem se aproximar em uma área ainda me fazia sentir como se estivesse caindo, mergulhando de alturas inimagináveis. Eu sabia que devia ser uma questão de lentes móveis, como Lundist me mostrara no observatório de meu pai, mas a sensação era de estar cavalgando as costas de um anjo caindo do céu.

"Jorg! Jorg!" A voz de Makin vinha lá de baixo. Ele soava preocupado.

"Estamos aqui em cima", eu gritei.

Um momento depois a cabeça de Makin apareceu. Pelo menos eu supus que fosse ele com o capacete.

"Você não foi destruído pelo fogo então", eu disse.

"Por pouco! Não consegui encontrar Kent. Acho que ele já era."

"Veja isto." Eu acenei para ele chegar do meu lado. "Deve ser bom. Mas não levante muito a cabeça."

Eu peguei o escudo de Makin e segurei por cima de minha cabeça para proteção extra. Nós olhamos por cima das ameias. O campo de batalha estava quase silencioso após a explosão, ainda com os gritos, claro, mas sem o choque de armas, os gritos de guerra, as vibrações e os baques das armas de cerco. Os tambores também estavam mudos – os seis grandes tambores de guerra de meu tio, de metal e ébano, mais largos que barris, com couro de boi, agora queimados e fumegantes entre os cadáveres no pátio. Por baixo de tudo isso, porém, eu ouvi uma nova batida, um trovão distante. Makin levantou a cabeça. Ele também ouvia. Quase parecia outra avalanche.

“Isso é a cavalaria! Arrow trouxe sua cavalaria, Jorg.” Makin começou a engatinhar até a muralha que dava para a frente arruinada do Assombrado.

Eu o puxei para trás. “Só há um lugar perto daqui pelo qual um cavalo pode atacar, Sir Makin.”

E eles vieram, em uma corrente apressada de capas azuis e violetas e malha prateada, troando pelas tropas ocultas de Marten, os mais à frente com suas lanças abaixadas para o ataque.

“Qual?” Makin quase se levantou.

“Uma vez eu contei a Sim sobre Aníbal levando elefantes para cruzar os Aups. Bem, meu tio comprou cavalaria pesada que atravessou as Matteracks no alto inverno.”

“Como?”

Eu desenhei círculos rápidos com minha mão, como se tentasse girar as engrenagens da mente de Makin um pouco mais rápido.

“A Passagem da Lua Azul!” Makin sorriu, mostrando mais dentes do que um homem deveria ter.

“Mesmo assim”, eu disse. “Eu a esvaziei para ele. E Lorde Jost deve ter sinalizado que o casamento fora selado... e aqui estão eles.”

A cavalaria da Casa Morrow fatiou as fileiras de soldados de infantaria enviados para caçar os trolls de Gorgoth. Ajudou o fato de a maioria das tropas de Arrow estar de costas para o Runyard, já que elas haviam encontrado mais trolls do que gostariam. De fato, os trolls estavam fazendo um buraco impressionante nas tropas de Arrow. Eles se moviam feito cachorros selvagens no ataque, atirando-se a grupos de homens e deixando membros espalhados em seus rastros. Quem quer que os tenha criado para a guerra havia se superado.

Cavalgar até a serra dos arqueiros requeria que a cavalaria diminuísse o passo, mas eles podiam atravessar o trajeto todo galopando em grupos de cinco a oito, matando conforme avançassem. Os arqueiros

não eram páreo para os cavaleiros de armadura. A maioria saiu correndo, desabando montanha abaixo.

Havia talvez quinhentos soldados na cavalaria de meu avô. Gorgoth afastou seus trolls conforme combinado e deixou que os homens lutassem uns com os outros. Eu não sabia dizer que perdas os trolls haviam sofrido, mas elas não eram insignificantes e eu sabia que Gorgoth não permitiria que eles voltassem à batalha. Ele queria uma pátria para seus recém-encontrados súditos e eles haviam pagado o preço que eu cobrara deles.

"Incrível!", gritou Makin. Ele continuava balançando a cabeça.

"Não é o suficiente", eu disse.

O ataque deixou um massacre sangrento pisoteado no chão, centenas e mais centenas morreram antes de o impulso diminuir. E mesmo sem a coesão do ataque os cavaleiros causaram estragos, golpeando com machado e espada as cabeças dos arqueiros corredores. Mas não dá para colocar quinhentos homens contra quatro mil sem esperar pagar por isso. Os cavaleiros estavam se virando agora, encontrando o caminho de descida pela encosta traseira e indo em direção ao Runyard outra vez. Talvez metade tenha sobrevivido.

"Eles foram magníficos!" Makin ficou de pé rapidamente. "Você não estava vendo?"

"Eles foram magníficos. E quando eles se unirem a nós, teremos pouco mais de setecentos homens neste castelo destruído. Dependendo de quantas tropas encaminhadas naquele ataque possam ser reagrupadas e reformadas, o Príncipe de Arrow terá algo entre cinco e sete mil homens."

Eu fui olhar para o exército principal do príncipe. No campo de batalha, perdas do tipo que eu infligia teriam mandado qualquer exército sair correndo há muito tempo. Mas eu estava cortando pedaços inteiros da força de Arrow, um de cada vez, separando-os,

afastando-os, destruindo-os. Eu havia desbastado seu contingente, diminuído bastante, mas eu não havia enfraquecido seus grupos de modo a erodir o moral do exército. Até a explosão de Miana, a maior parte das tropas de Arrow nem havia sentido a batalha.

A explosão, sim, poderia tê-los botado para correr, mas não o fez, e isso me mostrou que os homens do príncipe eram tão leais e bem treinados quanto se relatou.

Uma olhada para o Runyard me indicou que os cavaleiros da Costa Equina estavam começando a entrar pela poterna de ataque. Um pequeno número de homens permaneceu para conduzir os cavalos de volta às passagens da montanha. Marten e suas tropas ficariam na retarguarda.

"Vamos conhecê-los", eu disse. "A propósito, este é o guarda Rodrick. Guarda Rodrick, Lorde Makin de Ken."

"Agora é lorde, é?" Makin sorriu. "E o que eu poderia querer com os Pântanos de Ken, não que eles sejam seus para ser distribuídos?"

Eu liderei o caminho de descida. "Bem, se não vencermos, não importa que sua promoção seja um gesto oco. E se vencermos, bem, o Príncipe de Arrow conquistou muitas terras recentemente, então eu terei muitas para distribuir."

"E eu fico com a parte que esguicha?", Makin disse atrás de mim.

"Venha conhecer meu tio", eu disse. "Ele tem muitas receitas boas de rã."

Olhei para dentro de meu quarto ao passarmos. Miana estava sentada na cama, esfregando lentamente a cabeça com as duas mãos, como se estivesse com medo de que ela pudesse cair.

"Lorde Robert chegou", eu disse. "Fique aqui. Guarda Rodrick irá protegê-la. Ele é um dos melhores que tenho." Eu me virei para o guarda. "Mantenha-a aqui, Rodrick. A menos que ela tenha um plano para destruir o resto dos inimigos. Nesse caso, deixe que ela o faça."

Makin e eu continuamos a descer. Alcancei um de meus cavaleiros, segurando um ombro ferido e com as costeletas queimadas. “Você! Hekom, não é? Vá ao porão sob o depósito de armas. O que tem os barris grandes para caralho. Você verá nossos aliados do sul saindo por um deles. Mande Lorde Robert e quaisquer capitães que ele queira levar até a sala do trono.”

Hekom – se é que era Hekom – pareceu confuso, mas assentiu e se ausentou, então nós fomos em direção à sala do trono. Encontrei outro homem ao passarmos pelos feridos nos corredores. “Leve minha armadura à sala do trono. A especial. Seja rápido.”

Tio Robert chegou com dois de seus capitães enquanto três pajens começavam a amarrar a armadura em mim. Vários de meus capitães o precederam, entre eles o mestre da guarda Hobbs.

“Há mais inimigos do que me fizeram acreditar, sobrinho, muitos mais!” Tio Robert não esperava as formalidades. Na verdade, ele apenas esperava passar pela porta.

“Há muitos milhares a menos do que havia esta manhã”, eu disse.

“E seu castelo parece ter sido destruído”, disse tio Robert.

“Você pode culpar sua afilhada por isso. Mas foi um dote bem gasto”, eu disse.

“Minha nossa!” Robert tirou o elmo. “O rubi fez isso?” Ele balançou a cabeça. “Bem que disseram para termos cuidado com ele. Mas eu não tinha noção do perigo!”

“Rubis são difíceis de quebrar”, eu disse. “Não é o tipo de coisa que se possa fazer por acidente.”

Ele apertou os lábios ao ouvir aquilo. “Então, sobrinho, eu vim por você. Qual é nossa posição?”

Eu ainda gostava dele. Fazia quatro anos desde que eu o vira pela última vez, mas parecia pouco mais do que uma pausa na conversa. E ele viera por mim, da forma como um garoto magrelo havia sonhado

antes de fugir, traído, do Castelo Alto. Tio Robert se apresentou com a cavalaria atrás dele. Isso secou um pouco do veneno da ferida.

"Estamos enterrados até os joelhos, tio", eu disse.

"Pareceu mais até o peito, quando entramos naquelas cavernas." Ele estava levemente envergado, sendo alcançado pelos esforços da luta. Borrões de sangue cruzavam o brilho do peitoral de sua armadura, com um amassado fundo refletindo a luz em ângulos estranhos e o lado esquerdo de seu rosto estava começando a escurecer em um único grande hematoma.

Eu dei de ombros. "De qualquer modo, nós estamos com as botas cheias de merda e a situação está fedendo. Ele tem milhares contra nossas centenas. Ele pode nos sitiar nesta fortaleza, das ruínas de minhas próprias muralhas. Não há dúvida de que ele poderia nos exaurir em meses, possivelmente semanas."

"Se a situação está perdida, se ela sempre esteve perdida, por que eu desperdicei a vida de duzentos cavaleiros lá fora? Por que mesmo fizemos o caminho pelas montanhas, em primeiro lugar?" Suas sobrancelhas se aproximaram, franzindo a testa, com um brilho perigoso em seus olhos. Eu conhecia aquele olhar.

"Porque ele não quer esperar meses, nem mesmo semanas", eu disse.

Makin se aproximou. "O príncipe está atacando como se pretendesse nos destruir em um dia."

"Ele precisa que seja agora", eu disse. "Ele queria uma vitória rápida antes, mas agora precisa dela. Ele não queria esperar o inverno aqui. Ele tinha um exército enorme para alimentar, um cronograma a manter, outros poderes a considerar, terras recém-adquiridas a policiar. Ser prisioneiro do inverno nas Terras Altas nunca foi seu plano. Mas agora ele precisa vencer hoje, amanhã no máximo. Em um dia ou dois o exército dele irá começar a entender a dimensão de suas perdas, seus capitães começarão a reclamar, suas tropas irão se dispersar e as

histórias que eles contarem em outros lugares darão coragem aos inimigos de Arrow. Se ele nos conquistar hoje, as histórias terão um curso diferente. A história será de como ele esmagou Jorg de Ancrath que arrasou Gelleth, que humilhou o Conde Renar. Sim, as perdas foram altas, mas ele o fez em um dia! Em um dia!"

"E como tudo isso nos ajuda?", perguntou tio Robert.

"Eu não acho que ele consiga nos derrotar em um dia. Nem ele acredita nisso", eu disse.

"Mesmo assim, todos nós ainda vamos morrer, não? Isso pode arruinar os planos do príncipe, mas isso não é consolo, da forma como estou vendo." Tio Robert olhou para seus capitães, homens altos e bem queimados pelo sol do sul. Eles não disseram nada.

"Isso ajuda porque o fará aceitar minha oferta", eu disse.

"Oferta? Você disse a Coddin que não haveria acordo algum!" Makin desceu da plataforma para me olhar bem, como se eu pudesse não ser Jorg.

"Acordo algum!" O eco veio de Miana, acompanhada pelo jovem Rodrick. Ela parecia pálida, porém ilesa.

"Não vou oferecer um acordo", eu disse. "Vou oferecer um duelo."

Do diário de ***Katherine Ap Scorron***

27 de agosto, ano 101 interregno

ARROW. PALÁCIO GREENITE. SALÃO VERMELHO.

Orrin está em campanha novamente. Quanto maior seu domínio fica, menos eu o vejo. Ele conquistou Conaught na primavera com apenas três mil homens. Agora ele está marchando com um exército para Normardy

com nove mil. Ele fala até mesmo em colocar as terras de Orlanth sob sua proteção, embora haja outros reinos a cogitar primeiro.

Ele nunca fala com desejo, como se quisesse esses lugares para si, para fazer com que se curvem e se sintam humilhados diante de seu trono ou para encher seus baús de guerra. Ele fala do que pode fazer pelo povo dessas terras, do que eles irão ganhar, de como a liberdade deles irá aumentar, sua prosperidade, suas perspectivas. Isso soaria falso vindo de qualquer outro homem. Mas Orrin acredita nisso e ele pode fazê-lo. Em Conaught, eles já o idolatram como se fosse a reencarnação de um de seus antigos heróis.

A mim ele fala com desejo. Desde o dia em que nos casamos ele faz eu me sentir valorizada. Feliz. E eu sei que o faço feliz também. Embora sempre haja aquela ponta de decepção, habilmente oculta. Se eu não passasse tanto tempo me aprofundando nas questões dos sonhos dos homens, eu não perceberia. Mas percebo e me dilacero com a faca que eu mesma forjei e afiei. Orrin quer um filho. Eu também quero. Mas já faz dois anos.

Sareth diz em suas cartas que às vezes pode levar dois anos, às vezes quatro. Ela mesma não teve filhos nos anos seguintes após Degran, a não ser pela pequena Merrith que adoeceu e morreu tão rapidamente. Acho que a dor tornou Sareth estéril. Jilli e Keriam também dizem que pode demorar dois anos, assim como Sareth. Elas dizem que somos jovens, que ele logo virá. No primeiro ano elas acreditaram nisso.

28 de março, ano 102 interregno

ARROW. PALÁCIO GREENITE. JARDIM OESTE.

Egan está de volta ao palácio. Eu digo "de volta" mas ele nunca esteve aqui. Orrin mandou construir o palácio após o ducado de Belpan ter se rendido a ele, e Egan volta tão raramente de campanhas que esta é a primeira vez em que ele o vê.

Ele foi ferido novamente. Do lado, dessa vez, caindo de um cavalo em cima de alguma coisa afiada, ele diz. Egan, no entanto, parece sempre se

curar bem rápido, como se simplesmente não tolerasse nenhum tipo de restrição, mesmo que seja imposta por seu próprio corpo.

Eu estou lendo Na Terra dos Sonhos Profundos*, de Roland de Thurtan. Eu gosto de lê-lo na varanda que dá para o jardim de ervas. Os jardins formais são... bem, formais demais e grandes demais. Eu gosto de olhar para o jardim de ervas, com seus tanques pequenos, os relógios de sol e de lua que pus lá, e de sentir os aromas. Além do mais, não é um livro para se ler em lugares fechados ou no escuro. Só é preciso um ou dois parágrafos de Roland de Thurtan para as paredes parecerem que estão se fechando contra você.*

Egan pratica com sua espada na grande praça todo dia, em frente à estátua de seu pai. Há uma feitiçaria na forma como ele se move que me remete aos dançarinos das terras de Slav, aquelas criaturas delicadas cheias de graça e leveza, embora ele acrescente força à graça deles. Só depois que ele convida alguém para lutar é que se compreende quão rápido ele é. Ele os faz parecer idiotas. Mesmo os melhores entre a guarda do palácio.

Alguma coisa nele me assusta, todavia. A paixão com a qual ele persegue cada vitória. Assista-o lutar e você se perguntará se há alguma coisa que ele não possa fazer para obter o que quer.

15 de abril, ano 102 interregno

ARROW. PALÁCIO GREENITE. JARDINS DE ERVAS.

Egan ainda está aqui. Ele se recuperou rapidamente, embora digam que foi um ferimento medonho. Ele pareceu ávido por sarar e voltar a fazer o que ama – abrir um buraco em qualquer um que se oponha a Orrin. Mas agora ele está ocioso pelo palácio. Ele até foi à biblioteca hoje – um lugar em que nunca o vi.

Ao mesmo tempo, gosto e não gosto da maneira como ele olha para mim. Alguma parte animal de mim adora. Cada parte racional em mim se ofende. Embora eu não consiga encontrar nada para gostar em Egan que não comece com o que meus olhos veem, ainda há um mistério ali. Quando

ele me olha, é com uma compreensão instintiva das mulheres que é negada aos sábios. Negada a Orrin.

Orrin e Egan estão em campanha novamente neste verão. Os dias são longos, quentes e solitários, embora deva haver umas mil almas neste nosso palácio, sendo no mínimo cinquenta damas de qualidade trazidas só para me fazer companhia.

Aprendi a viajar em sonhos, mantendo cada parte de mim focada e lúcida enquanto ando pelos reinos da possibilidade e da impossibilidade. Ou às vezes voo, ou nado, ou galopo. O caminho do mundo é uma linha, uma única linha através da imensidão dos sonhos e se eu seguir essa linha posso ver o que é real, em vez de chafurdar no acaso da imaginação de estranhos. Já enviei mensageiros para explorar os lugares que visitei dessa maneira e confirmei a veracidade de minhas observações.

Sonhei com Jorg de Ancrath ontem à noite e, ao sonhar com ele, fiquei presa em seus próprios pesadelos. As margens dos sonhos dele são feitas com roseiras-bravas, tão grossas e afiadas que acordei esperando que minhas roupas de dormir estivessem esfarrapadas e ensopadas de sangue. E uma tempestade paira furiosa sobre tudo aquilo, tão violenta que afastou o sono de mim. Parecia quase como se ele houvesse criado barreiras para manter os intrusos longe. Ou talvez fosse tudo minha própria imaginação. Não dá para enviar mensageiros para verificar.

Nesta manhã, minha cabeça dói, a pena estremece em minha mão e eu vejo a página por olhos semicerrados. Eles dão pó de erva-doce em Arrow, em vez de losna – também não adianta muito. Eu trocaria a dor atrás de meus olhos pelos cortes daquela roseira-brava, mas este parece ser o preço que pago por invadir o sonho dos outros.

22 de maio, ano 102 interregno

ARROW. PALÁCIO GREENITE. GRANDE BIBLIOTECA.

Orrin me escreveu dizendo que empregou Sageous como uma espécie de assessor! O pagão havia se estabelecido na corte do Duque de Normardy após abandonar a proteção de Olidan. Orrin escreveu que Sageous se mostrou útil em prever a situação das terras à frente de seu caminho e ao interpretar certos sonhos perturbadores que ele vem tendo.

Eu escrevi de volta pelo cavaleiro mais rápido para implorar a Orrin para dispensar o pagão imediatamente. Eu teria escrito "enforcar" em vez de "dispensar", mas Orrin é muito... certinho para isso.

23 de junho, ano 102 interregno

Eu tentei visitar os sonhos de Orrin como tenho feito toda noite desde que descobri a capacidade de fazê-lo. Esta noite eu não encontrei sinal algum dele, apenas um vazio no espaço dos sonhos onde o procurei, apenas um nada e a lembrança do tempero, a semente de coentro que o pagão parece exalar.

Em desespero, busquei Egan em seu sono, mas também não encontrei sinal algum dele. Os outros da comitiva de Orrin eu não tenho familiaridade suficiente para encontrar, entre as centenas de milhares que formam a matéria dos sonhos.

Tenho um novo médico, um homenzinho sujo das estepes eslavas, mas suas infusões acalmam minha cabeça. Ele é muito velho e as palavras que ele diz na língua do Império têm formas estranhas. Mesmo assim, Lorde Malas faz um bom testemunho dele e seus remédios funcionam.

26 de junho, ano 102 interregno

Eu encontrei Orrin sonhando! Eu não consegui caminhar em seu sonho, uma coisa dourada de muitas camadas, mas me pareceu que ele havia repelido qualquer tentativa que Sageous tenha feito para controlá-lo. Talvez

ele estivesse certo a respeito de ser aquele que ia segurar as cordas. Perturba-me o fato de ficar de fora. Talvez seja uma barreira feita pelo pagão ou uma defesa própria de Orrin, seja por vontade consciente, seja por resistência natural à direção.

Enquanto Jorg me afastou com espinhos e relâmpagos, Orrin usou calma e simples recusa. Espero que ele tenha enviado Sageous correndo de volta a Olidan Ancrath no Castelo Alto.

12 de julho, ano 102 interregno

ARROW. PALÁCIO GREENITE. SALÃO DE FESTAS.

Este palácio está de pé há quase dois anos e ninguém dançou no Salão de Festas. Orrin daria um baile para me agradar, mandaria seus lordes e damas virem até o palácio em suas carruagens. Centenas viriam de cetim e renda. Ele dançaria com a precisão e a graça que impressionassem seus tutores, seria atencioso às minhas necessidades, elogiaria os músicos. E o tempo inteiro eu saberia que, por trás de seus olhos, pensamentos maiores estavam circulando, planos, filosofias, cartas sendo escritas, e que quando os últimos foliões fossem levados para casa, bêbados deitados nos assentos de suas carruagens, Orrin se encontraria na biblioteca rabiscando anotações nas margens de um volume pesado qualquer.

Egan me escreveu das comemorações após a captura do último castelo de Orlanth. Eu digo que é de Egan, mas nunca o vi escrever. Eu ficaria surpresa se ele já houvesse escrito uma carta até hoje. Talvez um escriba a tenha colocado no papel para ele, pois os caracteres são formados com habilidade treinada, mas a voz é de Egan. Ele escreveu:

Katherine,

Nós temos Orlanth, das planícies a oeste até as fronteiras dos Pântanos de Ken. Orrin se preocupa com planos para o Barão

Kennick. Ele banca o político, oferece condições, massageia o ego do velho. Nós deveríamos simplesmente atravessar por lá sem parar e deixá-la fumegante em nosso rastro.

Orrin me mandou ao Castelo Traliegh em Conaught, fica no meio do nada. Após os excessos da Enseada Leste, ele diz que se preocupa comigo. Diz que eu preciso descansar.

Preciso descansar tanto quanto preciso de veneno. O que eu preciso é ser provocado pelo avanço da guerra e cair exausto no sono sem nem sonhar toda noite.

Conaught é um lugar assombrado. Tenho cada sonho aqui. Olho para as paredes e tenho medo da noite. Mesmo que eu sonhe com você, não são sonhos bons.

Eu não sei o que fazer. Orrin não admite ouvir nada ruim sobre seu irmão. Eu já vi isso antes. De alguma maneira, ele encontra um ângulo sob o qual os atos de Egan podem ser vistos como desculpáveis.

Eu nunca fiz nada para estimular essa paixão, essa obsessão em Egan. Eu favoreci Orrin desde o princípio. Se eu quisesse um selvagem eu poderia ter sorrido para Jorg de Ancrath e teria me amarrado a uma criatura e tanto.

Orrin precisa mandar Egan para longe, dar a ele algum castelo em uma fronteira disputada, alguma guerra para ocupá-lo. Não é possível que ele precise sempre do irmão ao seu lado. Uma espada não consegue ganhar uma batalha, com certeza, não importa quão habilidosa.

18 de julho, ano 102 interregno

Eu procurei por Egan no espaço dos sonhos e ele ainda está escondido de mim. As mensagens que eu mando ficam sem resposta. Eu nem sei se os mensageiros estão alcançando o exército de Orrin. Relatos dizem que ele está se aproximando das Terras Altas de Renar. Parte de mim se pergunta se

Sageous é uma ferramenta de Jorg Ancrath. Será que ele soltou o animal de estimação de seu pai em cima de meu marido?

28 de outubro, ano 102 interregno

Encontrei os sonhos de Egan, mas eles eram escuros e fechados para mim. Senti o trabalho do pagão e me preocupo com seus planos. Será que Orrin se mostrou difícil demais de guiar? Egan seria mais fácil, como um touro instigado para lá e para cá pelo balançar de uns panos. É de enlouquecer ficar trancada neste palácio, quando tudo que importa está se desdobrando a quinhentos quilômetros daqui.

29 de outubro, ano 102 interregno

Ainda nem uma palavra de Orrin ou de Egan, mas relatos chegam de dezenas de milhares de homens a caminho, homens armados, todos em direção às Terras Altas, de Jorg Ancrath se esquivando em seu único castelo com menos da vigésima parte dessa força.

E eu ainda me preocupo. Com Orrin, com sua esperteza, força, paciência e sabedoria. Até com Egan, com seu fogo e sua habilidade. Porque eu me lembro de Jorg de Ancrath e de seu olhar, das cicatrizes que ele carrega, dos ecos de seus atos que ainda vibram pelo espaço dos sonhos. Eu me lembro dele e me preocuparia mesmo se Orrin tivesse dez vezes o número que tem e Jorg estivesse sozinho.

1º de novembro, ano 102 interregno

Criei um sonho, algo de luz e sombras, e o enviei para dançar na cabeça de Marcus Gohal, capitão da guarda do palácio. Foi mais fácil para ele concordar comigo quando exigi que reunisse uma força apropriada para me

proteger em minha jornada a fim de encontrar meu marido. Eu o fiz se esquecer de pensar em argumentar. Em vez disso, ele assentiu, bateu os calcanhares do jeito que os homens de Arrow fazem e convocou quatrocentos lanceiros para me escoltar até o sul.

Nós saímos cedo, antes do alvorecer roubar as sombras do céu, e cavalgamos em um ritmo suave, com a respiração dos cavalos soltando fumaça à frente e as folhas douradas e carmesins das árvores quando a primeira luz as encontrou.

E eu me senti observada, como se alguém lá de cima estivesse prestando muita atenção.



Do irmão Gog eu sinto falta. Não há som mais irritante do que o palavrório de uma criança e nenhum mais triste do que o silêncio que deixam quando elas se vão.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

48

Dia do Casamento

sso é loucura, Jorg. Deus fez o Príncipe de Arrow para ficar atrás de uma espada. Isso é o que todos dizem a respeito dele. Ele não é como os outros homens, não com uma espada em punho. Ele não é humano." Makin estava diante do trono agora, como se fosse bloquear meu caminho.

"E será o seu destino morrer atrás de uma também", eu disse.

"Eu já o vi lutar." Makin balançou a cabeça. "Espero que você tenha alguma carta na manga, Jorg."

"Claro", eu disse.

Os ombros de Makin caíram conforme ele relaxou um pouco. Tio Robert sorriu.

"O melhor braço de espada da história é o que eu tenho na manga."

Os protestos começaram imediatamente, em coro, como se minha corte estivesse cheia de gansos insatisfeitos.

"Senhores!" Eu me levantei de meu trono. "Sua falta de fé me choca. E eu não sou muito agradável quando fico chocado. Se o Príncipe de Arrow aceitar meu desafio, eu o encontrarei no campo e terei minha vitória lá."

Empurrei Makin para o lado. "Você!" Apontei para um cavaleiro qualquer. "Traga meu arauto aqui." Eu estava razoavelmente certo de que tinha um arauto. Eu me virei e olhei nos olhos de Makin. "Cheguei a lhe contar que lutei com o mestre espadachim Shimon, não?"

"Mil vezes." Ele suspirou e olhou para Lorde Robert.

"Shimon disse que você era bom, Jorg", disse tio Robert. "Um dos melhores que ele viu em quarenta anos."

"Viu?", eu gritei. "Está vendo?"

"Mas ele conheceu Orrin de Arrow dois anos depois e o julgou melhor com a espada. E o irmão de Orrin, Egan, parece que é o mais mortal dos dois, por uma margem considerável."

"Eu tinha catorze anos! Agora sou um homem. Totalmente crescido. Posso derrotar nosso Makin aqui com a perna de uma cadeira. Confiem em mim. Eu farei o Príncipe de Arrow cair e sangrar antes mesmo que ele veja minha espada."

A leviandade foi só para me exibir. Eu lutaria com o príncipe. Ganhando ou perdendo, com chance ou sem chance. A loucura que Sageous pusera em mim havia se extinguido e eu desafiaria as chances de vitória, por menores que fossem – mas ainda assim eu havia matado meu irmão. A chama não poderia consumir essa culpa. Eu a levaria comigo ao campo de batalha e talvez a enterrassem comigo.

• • •

Eles acharam Kent, o Rubro, preso debaixo dos corpos carbonizados dos homens de Lorde Jost. Eu mandei trazerem-no à sala do trono quando soube.

"Você já teve aparência melhor, Sir Kent", eu disse.

Ele assentiu. Dois de meus guardas o carregaram até ali, amarrado a uma cadeira para que não caísse. "E já me senti melhor, irmão." Sua voz veio como um sussurro rouco de pulmões chamuscados pelo ar escaldante.

Mesmo agora, quando nenhum de nós sabia se ele viveria ou morreria, Kent manteve os olhos baixos, humilde entre lordes e cavaleiros, embora eu o tenha promovido à mesma posição deles. Ele se atiraria aos dentes de um exército ao menor incentivo, mas uma sala do trono cheia de homens mais acostumados à seda do que ao couro o intimidava.

Desci de meu trono e me agachei diante dele. "Eu lhe daria algo para a dor, irmão Kent, mas quero que você faça disso uma batalha. Lute contra essas queimaduras. Vença. Não estou oferecendo condição nenhuma de se render." Minha própria queimadura ainda gritava em mim. Certamente era apenas um eco da dor de Kent e de outros no pátio, mas ainda assim ela me corroía, latejando a maçã de meu rosto e minha cavidade ocular.

Algo em minha visão periférica chamou minha atenção e eu me desviei de Kent, olhando de volta para o trono. Dois lampiões de óleo estavam dos lados do trono, urnas esmaltadas de preto e vermelho, montadas em dois suportes de ferro trabalhado. A chama que dançava em cada pavio dentro da tampa de vidro parecia estranha, brilhante demais, laranja demais, assumindo formatos demais ao mesmo tempo. Eu estendi a mão sobre o vidro e não senti nenhum calor, apenas uma força vital pulsante que correu por meu braço me fazendo querer gritar.

Nunca abra a caixa.

“Alteza, o arauto voltou.”

Eu puxei a mão de volta, quase como se pego no flagra. Meu arauto estava à porta entre dois cavaleiros. Ele tinha a aparência que competia à sua função, bonito e alto em sua libré de veludo com fios de ouro.

“E o que o Príncipe de Arrow teve a dizer sobre minha oferta?”, perguntei.

O arauto fez uma pausa, um truque de fofoqueiro para atrair mais ouvintes, embora não pudéssemos estar mais atentos.

“O príncipe o encontrará no campo de combate para decidir o resultado desta batalha”, ele disse.

Eu vi Makin balançar a cabeça.

“Muito bem”, eu disse. “E ele escolheu o local ou aceitou meu convite de lutar na encosta do Runyard?”

“O príncipe achou que a encosta era feita mais por trolls do que por pedras e identificou uma área de solo plano perto da Rocha Rigden, na metade do caminho entre o castelo e a atual posição de sua linha de frente. Ele trará cinco observadores para assistir a uma distância de vinte metros e espera que vossa majestade faça o mesmo.”

“Diga a ele que sua escolha é aceitável e que eu o encontrarei lá dentro de uma hora”, respondi.

O arauto fez uma reverência e saiu para entregar minha mensagem.

“Makin, eu quero você lá. Mas primeiro pegue Olvin Green ou, se ele estiver morto, alguém que seja bom com ferimentos de flecha. Quero ele e mais seis homens fortes para irem até Coddin. Faça com que tratem o ferimento dele lá, se ainda estiver vivo, e o tragam para baixo assim que for seguro movê-lo.”

Makin assentiu e saiu da sala do trono sem uma palavra, apenas colocando a mão no ombro de Kent ao passar.

“Eu vou querer Lorde Robert comigo e também Rike, capitão Keppen e padre Gomst.”

Tio Robert abaixou a cabeça de acordo, depois subiu no tablado do trono e se inclinou mais para perto, “Por que um padre? Boas espadas é que são necessárias em caso de traição.”

“O Príncipe de Arrow levará cinco bons espadachins. Eu levarei três, mais um arqueiro caso o desgraçado fuja e um padre para que em tempos vindouros a verdade possa ser contada a respeito do que aconteceu.”

Deixei que me amarrassem em minha armadura bem-ajambrada e sem adornos, com pedaços de aço prateado. Eu não levava brasões ou emblemas na malha. Decorações são para tempos de paz, para pessoas que estão jogando sem entender que estão jogando.

A Guerra Centenária, há que se dizer, é um jogo. E para vencê-lo você precisa mexer suas peças. O segredo é saber que só há um jogo e as únicas regras são as suas. Com o fim da caixa de memórias eu tinha todos os meus planos em mente agora. O truque estava em não pensar muito sobre eles – para não dar a Sageous nenhuma ponta onde segurar. Um deslize e o jogo estaria acabado.

Enquanto os pajens aferrolhavam e amarravam e suavam, segurei o anel dos Construtores contra o olho. Por um momento, vi Miana através dele, do outro lado do salão, e me perguntei se a mão dela passaria pelo anel para que o usasse como um bracelete naquele minúsculo pulso dela. E então a imagem se formou. O mundo inteiro diante de mim, como uma joia azul e branca. Uma tela na qual nem o Império inteiro pareceria grande.

Um pequeno movimento de meu dedo pela borda sulcada do anel e o ponto de minha percepção recaiu sobre a Terra, mais rápido que uma flecha. Mais rápido até que uma bala. Ah, sim, eu já ouvi falar delas.

A imagem ficou embaçada pela velocidade por um instante, dois, três, e depois entrou em foco. Embora o telescópio que estava pendurado acima de nós fosse grande, ele não poderia oferecer uma visão mais

próxima, uma imagem a quilômetros de distância na qual o contorno do Assombrado podia ser visto, mas os detalhes continuavam ocultos. A massa do exército do príncipe fazia uma mancha escura do lado da montanha. Eu conseguia ver a silhueta das maiores armas de cerco e os homens ao redor dela como partículas de poeira. Movi o dedo novamente e a imagem ficou preta. Contei os lampejos conforme ela atravessou quatro espaços vazios, onde os olhos que os Construtores um dia tiveram agora estavam cegos, e depois, com o dedo em cima do último sulco, uma nova cena. Eu vi o exército e os destroços fumegantes de minhas muralhas como se estivesse no alto de uma montanha próxima. Segurando o metal dos dois lados e mexendo meu dedo para frente em milímetros, aproximei a visão, mirando no terreno ao lado da Rocha Rigden.

Na maioria dos lugares, o anel dos Construtores não conseguia ver mais perto do que a perspectiva de um pássaro a quilômetros de altura, como descrevi, mas em aproximadamente um lugar em cada cinco há outros olhos que ele pode usar. Pesquisando e calculando, encontrei a localização de um olho que agora eu explorava. Ele fica em uma encosta alta nas Matteracks, completamente escondido da vista quando não é usado. Quando eu o invoco, uma haste de aço brilhante se ergue de trás de portas pretas embutidas na rocha natural e levanta uma cúpula preta de cristal no ar. Eu já fiquei debaixo dessa cúpula e ouvi o leve ruído e um zumbido conforme trocava a visão do anel. Algum olho mecânico deve ficar lá dentro e responder aos meus comandos. Eu o deixei do jeito que o encontrei. Esses olhos, nas abóbadas do céu e aqui embaixo entre nós, entocados nas pedras vivas, são um trabalho de gênio. Mesmo assim, eu me perguntei que tipo de gente sentia necessidade de ser observada a cada momento em todos os lugares. Talvez tenha sido isso que os levou à loucura. Eu não deixaria me espiarem assim. Eu cegaria esses olhos.

Fexler Brews ficou louco. Catorze anos após seu eco ser capturado e armazenado naquela máquina, ele pegou uma arma e se matou. Eles chamavam essa arma de Colt quarenta e cinco, o mesmo nome dos potros, embora ela se pareça tanto com um cavalo quanto a Costa Equina. Eu encontrei Fexler, mas não foi fácil. Eu o achei em meu longo e errante retorno às Terras Altas de Renar e isso me custou dor e vidas. Vidas que eu valorizava. Uma mercadoria rara. Fexler pusera uma bala em seu cérebro e mesmo assim as máquinas não o deixavam morrer. Elas o mantinham aprisionado entre frações de um segundo. Afugentei o pensamento, a imagem da arma em sua mão congelada pelo tempo, rubis de sangue parados no ar perto do ferimento de saída. Eu me esqueci da câmara de estase... até que Sageous viu minha lembrança.

Dizem que Deus nos observa a todo o momento. Mas eu acho que, em alguns momentos, quando certas coisas são feitas, Ele vira o rosto.

"O que você vê, Jorg?" Miana estava ao meu lado agora.

"Que o campo de batalha está livre." Tirei o anel de meu olho.

"Você pode vencer, Jorg?", ela perguntou. "Contra esse príncipe? Dizem que ele é muito bom."

Eu senti Sageous. Senti o cheiro dele, cutucando as beiradas de meus pensamentos, tentando furtar meus segredos.

"Ele é muito bom. E eu... Eu sou muito mau. Vamos ver o que sai disso, não é?" Fiz um muro de minha imaginação e impedi minha mente de vagar adiante em relação ao que aconteceria. Minhas mãos sabiam o que fazer – eu não precisava pensar a respeito.

Há uma caixa-forte construída na base de meu trono no Assombrado. Antes de colocarem meu capacete no lugar, eu me ajoelhei em frente ao trono e pus a pesada chave na fechadura. Abaixei a lateral e pus a mão direita lá dentro, deslizando-a pelas tiras do pequeno broquel de ferro e em seguida puxando-a para fora. Fechei os dedos em volta do curioso cabo do objeto que o broquel ocultava e sorri. Imagine Fexler Brews

pensando que eu aceitaria um "não" como resposta. Deixei a caixa aberta e me levantei, descendo do tablado para que os pajens amarrassem meu capacete.

"Ponha o cinto de minha espada do outro lado, Keven", eu disse.

O garoto franziu a testa e piscou. Ele parecia uma criança. Suponho que não fosse mais velho do que Miana. "Majestade?"

Eu simplesmente assenti e, ainda franzindo, ele afrouxou o cinto e o amarrou novamente com o cabo apoiado no aço acima do lado esquerdo do meu quadril.

Alguns homens dão nomes a suas espadas. Eu sempre achei isso uma afetação estranha. Se eu tivesse que chamá-la de alguma coisa, seria "Afiada", mas estou tão disposto a batizá-la quanto estaria com meu garfo durante o jantar ou o capacete em minha cabeça.

Eu saí da sala do trono, com passos lentos, todos os olhares sobre mim.

"Jorg, o Rubro", Kent disse em um sussurro quando passei.

"Rubro seria bom, Kent. Mas temo ser mais escuro que isso."

Quando abri aquela caixa recobrei mais do que lembranças.

As chamas das tochas perto da porta brilharam conforme passei, infectando-me com uma paixão estranha. Eu me senti observado por mais do que minha corte, por mais que Sageous e os jogadores que procuram mover a Centena sobre seu tabuleiro. Gog me observava. Do fogo.

Olhei para trás uma vez, para ver Miana ao lado do trono.

Lorde Robert veio atrás de mim. Capitão Keppen e Rike uniram-se a nós do lado de fora.

"Hora de saltar as quedas, velhote", eu disse a Keppen quando ele chegou do meu lado. Ele sorriu com aquilo, como se soubesse que a hora havia chegado e ele compartilhasse da mesma vontade que eu.

Conduzi o caminho através dos corredores de meu tio. Degran não me assombrava mais da penumbra, o motivo de minha culpa não vinha mais junto da promessa de loucura, mas eu sabia de meu crime mesmo assim. A morte esperava por mim nas encostas, de um jeito ou de outro. A morte seria boa o suficiente. Morte pelas mãos do príncipe, morte pelas mãos de seus milhares, ou a morte da qual Fexler me salvara quando ele ancorou na caixinha de Luntar aquelas forças de necromancia e fogo com seus ganchos enterrados em mim tão profundamente e com atrações opostas.

E aquilo me fez lembrar. Peguei a caixa vazia uma última vez para jogá-la fora. A própria caixa de Pandora continha esperança escondida lá dentro, o último de todos os males soltos sobre nós por sua curiosidade equivocada. Ela pode ter até libertado a esperança, mas não em minha direção. Mesmo assim, olhei para dentro da caixa sem tampa mais uma vez, com a mão erguida para atirá-la ao chão. E ali, no interior de cobre polido, uma pequena mancha. Uma última lembrança, relutante em voltar? Coloquei o dedo em cima dela e a escuridão penetrou em minha pele, deixando apenas o cobre reluzente para trás.

Essa lembrança não me arrebatou, não me tirou do agora, mas se estabeleceu como uma recordação enquanto eu andava pelos corredores do Assombrado. Eu me lembrei da última conversa com Fexler, lá no castelo de meu avô. Fexler estava considerando a caixa enquanto eu segurava seu anel de visão contra ela.

"Sageous?", ele ponderou enquanto o anel zumbia.

"Sageous? Aquele ladrão de sonhos imundo fez isso comigo? Colocou loucura em mim?"

"Sageous fez muito pior que isso, Jorg. Ele pôs você nos espinhos." Fexler fez uma pausa como se estivesse se lembrando. "O que o manteve lá é outra história."

Todas as cicatrizes dos espinhos arderam com suas palavras. “Por quê?”, eu perguntei. “Por que ele faria isso?”

“As mãos ocultas que mexem as peças de seu Império têm profecias que elas gostam de compartilhar. Elas gostam de falar do Príncipe de Arrow e de seu futuro em Gilden. E elas também têm presságios que não gostam tanto de espalhar. As mãos ocultas acreditam que dois Ancrath juntos acabarão com todos os poderes delas. O jogo terminará.”

“Dois?” Eu ri daquilo. “Então elas estão bem seguras!”

“Quando você sobreviveu, contra todas as chances, parece que algum mérito se ligou a você”, Fexler disse.

E eu gelei, sabendo finalmente como os jogadores tentaram impedir dois Ancrath de se unirem em seu tabuleiro. Eles precisavam ver os dois filhos de Olidan morrerem juntos. E quando eu escapei daquele fim e me tornei tão útil a seus jogos quanto meu próprio pai querido, eles me deixaram viver porque sabiam que eu nunca uniria minha causa à dele? Ou a possibilidade havia sido considerada muito tempo atrás e o abismo entre pai e filho não havia sido feito inteiramente por nossas próprias mãos?

“Encontrarei o pagão e o matarei”, eu prometera a Fexler.

“Sageous não é nada além de um selvagem, deturpando a verdade através de superstições para se envolver em sonhos.” Fexler balançou a cabeça.

“Mesmo assim, ele é difícil de pôr as mãos”, eu disse.

“Ah, que ele sumisse era o que eu queria”, respondeu Fexler, com a voz meio cantando.

“Quê?”

“Uma velha rima. Uma rima antiga, eu suponho. Sageous fez eu me lembrar dela. *Eu vi um homem que não estava lá, ao subir a escadaria; lá ele não estava hoje de novo; ah, que ele sumisse era o que eu queria*. Assim é

Sageous; o homem que não estava lá. O que é preciso fazer, claro, é invertê-la. *Ah, que ele ficasse era o que eu queria.*"

"Quê?" Eu me perguntei se fantasmas ficavam senis.

Fexler então se aproximou e pôs a mão de luz-fantasma sobre a caixa. "Mas nada disso tem a menor utilidade até o enigma da caixa se resolver, até este nó górdio se desatar. Eu vou colocá-la na caixa."

"Não!", eu gritei. Eu não queria deixá-lo tirar essa lembrança de mim.

"Não o quê?", perguntou Fexler.

"Eu... esqueci", eu disse.

"Não?" Makin perguntou do meu lado, de volta aos corredores do Assombrado, com o Príncipe de Arrow esperando do lado de fora com sua espada e milhares de outros atrás dele.

Eu balancei a cabeça. Minha mão segurava a caixa vazia, agora esmagada pela minha força, com sangue de velhas cicatrizes escorrendo mais uma vez sobre ela. A caixa caiu de minha mão e eu a chutei para a parede.

"Não", eu disse. "Apenas não."

Padre Gomst esperava por nós no pátio. Um caminho havia sido aberto através dos mortos. Eles estavam empilhados dos dois lados, como se fosse a estrada para o inferno. E o fedor daquilo, irmãos! Aquilo fez meu estômago se revirar. Pior: conforme eu andei pelo caminho entre os corpos, empilhados e carbonizados, eles se contorciam. Mãos vermelhas arruinadas se flexionavam ao passar, a pele queimada desprendendo-se dos dedos. As cabeças pendiam, os olhos mortos me encontravam. Os homens que estavam comigo, focados em seu propósito, não viram isso, mas eu vi, eu senti todos eles, desconfortáveis em seu novo sono enquanto o Rei Morto me observava através deles.

Nunca abra a caixa.

A morte e o fogo enterraram seus ganchos em mim. Mais fundos que as profundezas. E cada um havia começado a puxar.

"Eu devia estar amparando os moribundos", disse padre Gomst, quase gritando para ser ouvido sobre os gritos da galeria circular onde eles haviam sido atingidos.

"Deixe que os mortos amparem a si mesmos", eu disse. Sabia que o padre Gomst não teria sido um consolo para mim quando eu estava deitado gemendo em Heimrift. Vi Grumlow às portas da fortaleza, parado nas sombras. Eu acenei para ele se aproximar. "Mostre aos agonizantes um pouco de misericórdia, Grumlow", eu disse. Ele assentiu e saiu.

Eu sabia que teria agradecido pela misericórdia rápida e afiada de Grumlow lá em Heimrift, em vez de uma lenta partida acompanhada do sermão do padre Gomst.

Nós andamos pelo caminho livre dos mortos, mas não da gordura de carne queimada, dos pedaços de pele, dos contornos chamuscados de homens. Ninguém falou nada; até Rike estava sério. Era apropriado, no entanto. Meu tio, o Duque de Renar, fora um incendiário. Ele espalhava seu próprio terror dessa maneira. E eu cheguei para tomar o lugar dele com Gog a meu lado, enchendo o pátio de cremações. O Príncipe de Arrow estava certo quando chamou os Ancrath de galho mais sombrio da árvore dos comissários. Eu me perguntei por muito tempo se enfrentaria Orrin de Arrow quando ele chegasse. Ele era possivelmente a fruta mais brilhante dos galhos da linhagem do imperador. Nos quatro anos desde que conquistara as Terras Altas, eu andei pelo Império, retornando enfim para conter a rebelião do primo Jarco no oeste, depois lutei contra inimigos menos tangíveis, doenças em meu povo e na economia. Durante o mesmo período, o Príncipe de Arrow havia acumulado sua força e tomado cinco tronos. Talvez fosse apenas o

sussurro repetido dos sábios, dizendo-me que eu deveria ceder-lhe o trono do Império, que me fez pensar em me opor a sua marcha ao Portão Gilden. Não gosto de ser mandado.

Agora, porém, com a caixa de cobre aberta e minhas lembranças e pecados devolvidos a mim, senti que mais coisas haviam sido restauradas, como se eu houvesse sido uma sobra de mim mesmo, quase eu, mas com algo vital faltando, alguma coisa tão ligada a meus crimes que Luntar fora forçado a colocá-la também em sua caixa de memórias. Eu poderia não viver para ver o pôr do sol naquele dia sangrento, mas se eu vivesse quatro anos não se passariam novamente sem que eu chegasse mais perto de meus objetivos.

Nós saímos pelas ruínas da expansão da cidade, onde os pedaços em brasa das muralhas externas do Assombrado haviam deixado apenas destroços. Não havia sinal dos estábulos de Jerring onde Makin havia rolado no esterco uma vez para se aprontar para a estrada.

Mesmo agora, eu podia acabar com isso. O príncipe aceitaria a paz: seu progresso era importante demais para não fazê-lo. E quem poderia dizer que ele seria um imperador pior do que eu? Eu podia igualar o pior de seus crimes aos meus e depois superá-los com atos mais sombrios.

Houve várias vezes, na clareza dos lugares altos entre os picos, em que pensei em deixar o caminho livre para Orrin de Arrow. Mas as coisas mudam. Um Jorg diferente se aproximava da área do duelo, um Príncipe de Arrow diferente. Este dia de casamento vira Jorg Ancrath ser refeito em uma forma antiga. Eu tinha aquela velha sede dentro de mim outra vez. Sangue correria solto.

A música surgiu ao meu redor, distante a princípio. Uma obra que minha mãe costumava tocar ao piano. Um instrumento raro, uma coisa complexa de cabos e teclas e martelos, antigo, mas as notas que ela espalhava com sua mão direita eram límpidas e agudas, puras como

estrelas contra o céu preto, e uma melodia bamboleante com a esquerda. Às vezes, só uma única nota, pura feito o gelo, pode lhe tirar o ar dos pulmões, e uma segunda, fora do ritmo, jogada no vazio, pode lhe mandar arrepios sobre a pele. Um pequeno arpejo e um batucar das mãos sobre as notas fora podem levá-lo a qualquer lugar, qualquer época, fazê-lo sentir-se novo ou estabelecer a pressão dos anos sobre você, algo bastante pesado para fazê-lo parar de respirar.

Nós andamos sobre pedra partida, madeira queimada. A melodia pulsava sob o crepitar da chama, sua mão esquerda percorrendo as notas mais graves. Rike se agigantava sobre mim de um lado, meu tio caminhava do outro. Senti o refrão agudo. Eu vi a mão de minha mãe procurando as notas altas, as teclas pretas, aquelas que me doíam dentro do peito, como os gritos das gaivotas acima dos mares bravios. Após tantos anos assistindo às mãos dela tocando na memória silenciosa, eu finalmente a escutei, eu escutei sua música.

Descemos a montanha, descemos em direção à densa extensão do exército do príncipe. Ainda a música, a melodia profunda e lenta, o contraponto agudo e recortado, como se as próprias montanhas houvessem se tornado a trilha sonora, como se as glórias de cavernas ocultas e picos secretos houvessem se envolvido na grandiosidade atemporal do oceano e se transformado na música da vida de todos os homens, tocada pelos dedos de uma mulher, sem pausa ou clemência, estendendo-se, girando, deixando-nos expostos.

Ao nível do terreno plano, diante da massa cinzenta da Rocha Rigden, a música ralentou, as notas se espalharam, apenas o contraponto tocou na oitava mais alta, notas tristes, falhadas, desmaiadas. Eu olhei para Makin, relembrando aquele primeiro dia quando ele me entregou uma espada de madeira. Todos aqueles seus garotos determinados, prontos para aprender seu jogo. Eu lhes mostraria que não era brincadeira, que é

sempre para vencer, mas acho que eles não entenderam nem ali nem com o melhor deles caído, sufocando no chão.

Uma grande catapulta estava em chamas ao lado da rocha. Ela deve ter pegado fogo mais perto das muralhas e sido arrastada até aqui até perceberem que era um caso perdido. Eu me perguntei se era a que lançou a pedra no meu quarto. As chamas me observavam. Elas se inclinavam em minha direção.

O Príncipe de Arrow estava à espera, os dragões ainda agarravam seu nome sobre o brilho multicolorido de sua armadura teutônica. Seus cinco cavaleiros estavam à distância combinada e eu deixei os meus adicionais da mesma maneira. Eles formavam uma fila engraçada, com Rike imponente ao centro, parecendo seis tipos de notícias ruins. Makin e Robert em cada lado dele. O velho Gomst à direita, usando todas as coisas santas que ele possuía, na esperança de que ninguém lhe fincasse uma flecha, e o velho Keppen à esquerda, com um rosto amargo como se não tivesse tempo para bobagens.

Andei para me encontrar com o príncipe.

Ouvi a voz abafada do príncipe, de dentro de seu capacete, com olhos escuros observando: “Abra sua fortaleza para mim e nós podemos acabar com isso”.

“Você não quer de verdade que eu faça isso”, eu disse. “É melhor assim.” Eu virei minha lâmina para refletir a luz. “Pare de tentar ser seu irmão. Para ele eu poderia abrir os portões. Talvez.”

O príncipe levantou seu visor. Ele deu um sorriso feroz e sem alegria, e em seguida tirou o capacete, passando a mão pelos cabelos arrepiados, grossos, curtos e pretos.

“Olá, Egan”, eu disse.

“Eu gostava mais de você como escória da estrada”, ele disse. “Caía-lhe bem.”

A fumaça da arma de cerco em chamas veio para cima de nós. Ouvi Rike tossir.

"Gosto de sua armadura. Talvez eu fique com ela quando a arrancarem de seu cadáver", eu disse.

Ele franziu a testa, fazendo as sobrancelhas pretas se encontrarem. "Você é destro. Que jogo é este?"

Eu pus a mão esquerda sobre a empunhadura de minha espada. "Geralmente luto com a mão direita. Espero que você não tenha baseado sua avaliação de minhas habilidades em espiões que viram isso... Sou muito melhor com a esquerda."

Egan deslocou seu peso para seu calcanhar de trás. "Você lutou com Orrin usando a direita..."

"Verdade", eu disse. "Fiquei triste ao saber que você matou Orrin. Ele era um homem melhor do que nós dois. Talvez o melhor homem de nossa geração."

"Ele era um idiota", disse Egan, ajeitando seu capacete no lugar novamente.

"Tranquilo demais em sua confiança, talvez. Fiquei sabendo que você o apunhalou nas costas e o viu sangrar até a morte."

Egan deu de ombros. "Ele nunca teria lutado comigo. Ele teria conversado. E conversado. E conversado." Ele falava como se não fosse nada, mas aquilo o assombrava. Eu podia ver em seus olhos.

"E como Katherine recebeu a notícia da morte de Orrin?", perguntei.

Eu o vi empalidecer. Apenas meio-tom. "Prepare-se para se defender", disse Egan. Ele sacou sua espada. Não dei a menor atenção.

"Eu disse a Orrin que decidiria a respeito dele no dia em que viesse às Terras Altas novamente. Acho que eu o teria seguido e chamado de imperador. Espero que sim. Você deveria ter esperado duas semanas e então poderia tê-lo assassinado após passar pelas Terras Altas. Teria dado mais certo para você", eu disse.

Egan cuspiu. “Nós somos dois fratricidas reunidos para a batalha. Você está pronto?”

“Você sabe por que pratiquei com a espada todos os dias desde que nos vimos pela última vez?”, perguntei.

“Para que eu demorasse alguns momentos mais para matá-lo?”, perguntou Egan.

“Não.”

“Então por quê?”

“Para que você acreditasse que eu o enfrentaria em uma briga justa”, eu disse.

Ergui minha mão direita, apontando a arma para ele por baixo do broquel do tamanho de um prato.

“O que é isso?”, perguntou Egan. Ele deu um passo para trás.

“Tem a palavra COLT gravada no metal, se isso ajudar. Pense nisso como uma balestra, mas toda espremida para dentro de um pequeno tubo. Você pode agradecer a um eco chamado Fexler Brews por ela”, eu disse.

Atirei na barriga de Egan. A bala fez um pequeno buraco em sua armadura. Eu sabia, por ter feito o teste em uma melancia, que o buraco do outro lado seria maior.

“Desgraçado!”, Egan cambaleou para trás.

Eu tentei baleá-lo na perna, mas a arma travou. “Sorte que isso não aconteceu de primeira, né?” Saquei minha própria espada com a mão esquerda.

Ele quase bloqueou o movimento de minha espada. Tive de admitir que ele era bastante bom. A lâmina acertou seu joelho e ele caiu.

Os cinco cavaleiros que Egan trouxera consigo começaram a avançar. Mexi na arma, batendo-a contra o cabo de minha espada. Eu a ergui novamente e atirei, uma, duas, três, quatro, cinco vezes. Todos eles caíram com buracos nos rostos. Eu não teria acertado com a mão esquerda.

“Desgraçado!” Egan tentou rastejar em minha direção.

“Este jogo não é seu!”, eu gritei. Alto bastante para os milhares de Arrow ouvirem, se eles não estivessem gritando pelo meu sangue enquanto começavam a avançar. Eu dei de ombros. “Eu não jogo com as regras que você escolhe.”

Derrubei a espada de Egan de sua mão e acenei para os outros se aproximarem. “Tragam Gomst!”

A arma não tinha mais balas, então eu a joguei fora, junto com o broquel, e me agachei atrás de Egan para tirar seu capacete. Precisei usar minha faca nas tiras. Posso tê-lo cortado um pouco.

“Você não precisa terminar assim, Egan.” Segurei seu pescoço. “Há morte em meus dedos, sabia? Você me magoou quando me chamou de fratricida, mas é verdade. Eu matei o pobre Degran sem nem pensar a respeito. Você já está sentindo? Você pode imaginar o que eu posso fazer quando *estou* pensando a respeito? Quando eu realmente quero feri-lo?”

Ele gritou então, mais alto do que eu jamais ouvira um homem gritar.

“Viu?”, eu disse, quando houve uma pausa. “Eu não tenho orgulho de como aprendi a fazer isso – mas aí está, o diabo encontra trabalho para mãos ociosas. Posso matar partes de sua medula espinhal e deixá-lo com tanta dor assim por anos até você morrer. Posso paralisá-lo e tirar sua fala para que ninguém saiba o quanto sofre e você não terá a habilidade de procurar ou implorar por um fim.”

Os soldados do príncipe vinham correndo, mas eles tinham muita montanha ainda para percorrer.

“O que você quer?”, ele perguntou.

Eu já havia cortado a ligação entre sua cabeça e seus músculos, então eu sabia que ele não estava mentindo. Eu só estava mentindo quando dei a entender que pudesse recuperá-la. “Vamos ser amigos”, eu disse. “Sei

que não posso confiar em você, mesmo que me chamasse de irmão... mas faça isso mesmo assim."

"Quê?", disse Egan.

"Jorg! Precisamos correr!" Tio Robert pôs a mão em meu ombro.

Eu o ignorei e deixei mais dor correr através de Egan. "Chame-me de irmão."

"Irmão! IRMÃO! Você é meu irmão", ele chorou, depois gritou, depois engasgou.

"Padre Gomst, você ouviu isso?", perguntei.

O velho assentiu com a cabeça.

"Vamos tornar oficial", eu disse. "Adote-me em sua família, irmão."

Eu o machuquei novamente.

"Jorg!" Makin apontou para os milhares que vinham em nossa direção, como se eu não tivesse notado.

"Eu... você está adotado. Você é meu irmão", engasgou Egan.

"Excelente." Eu o deixei cair e me levantei. Enxuguei o sangue dele de minhas mãos na capa de Makin.

"Precisamos correr!" Makin deu alguns passos rápidos em direção ao Assombrado para me incentivar.

"Não seja bobo", eu disse. "Nós nunca conseguiríamos."

"Qual é seu plano?", perguntou Makin.

"Eu espero que eles simplesmente desistam. Quero dizer, não é que eles gostem deste monte de bosta." Chutei a cabeça de Egan, mas não forte demais: eu podia precisar daquele pé para correr. "Já matei mais da metade dos desgraçados. Seus dois príncipes se foram. Talvez eles simplesmente voltem para casa!" Gritei esta última parte para as fileiras deles, agora próximas o bastante para ver os rostos.

"É isso?", tio Robert perguntou. "Você simplesmente esperou?"

Sorri e o encarei. "Passei os últimos dez anos com palpites, apostas, esperança e sorte."

O fogo dançou atrás dele conforme tábuas caíam da catapulta. As chamas possuíam a mesma estranheza daquelas do castelo, um aspecto frágil e plano. Estrias carmesins as tingiam em um efeito pontilhado...

"Eu vou ver você morrer." Sageous estava à minha esquerda, nu, a não ser por uma tanga, apesar do frio, com inscrições em cada centímetro de seu corpo.

Ele me surpreendera, mas tentei não demonstrar. Dei um passo em sua direção.

"Eu não estou aqui. Você nunca aprende, Jorg de Ancrath?" Vi que ele me odiava. Isso, por si só, já era uma pequena vitória – colocar um pouco de emoção naqueles olhos calmos de vaca.

"Não está?", perguntei.

Ele olhou para Egan, caído e ensanguentado em sua armadura de arco-íris. "Eu poderia ter feito grandes coisas com esse aí. Você sabe quanto tempo levou para encontrar um homem tão poderoso e ao mesmo tempo tão maleável? Eu não consegui trabalhar com Orrin. Ele cedia menos do que seu pai, e isso é dizer muito."

"Você o fez matar Orrin?", perguntei.

"Não foi difícil. Só precisou de um pequeno empurrãozinho na direção certa. A doce Katherine se mostrou tentadora demais e o pobre Orrin estava atrapalhando o caminho. Homens como Egan só têm uma resposta para coisas que se põem em seu caminho."

"Tantos empurrõezinhos, bruxo dos sonhos", eu disse.

"Você provavelmente nem se lembra do sonho que o fez implorar para visitar Norwood aquele dia, não é Jorg?"

"O quê?" Imagens borbulharam no fundo de minha mente. A feira de Norwood. As bandeirolas. Eu quis ir. Importunei minha mãe. Eu quase os arrastei para dentro daquela carruagem. "Foi você?"

"Sim." Ele me deu um sorriso apertado e cruel. "Seus pecados clamavam por aquilo." Ele me imitou.

“Eu era uma criança...”

Sageous olhou para Egan. “Eles clamam por isso até agora.”

Um fogo frio surgiu dentro de mim. “Eu vou lhe dizer pelo que meus pecados clamam, pagão. Eles querem mais. Eles gritam por companhia.” E fui em sua direção.

“Eu não estou aqui, Jorg”, ele disse.

“Mas eu acho que está.”

Eu o senti tentar embaraçar minha visão, tentar fugir em sonho. E então eu a vi. Um fantasma dela. Katherine, branca de raiva e mais bonita ainda assim. Um fantasma dela atrás dele, esperando no local para onde ele tentou correr, como uma miragem na areia quente, com os lábios se movendo sem som, entoando alguma coisa. Eu podia vê-la montada em um cavalo, com os mesmos cavaleiros ao seu redor que ela trouxera consigo do palácio de Arrow. Em algum lugar na massa daquele exército, Katherine cavalgava às cegas, com os olhos tomados por visões, conforme ela lançava seus próprios feitiços. E, com cada palavra silenciosa da fina linha de sua boca, Sageous ficava mais sólido, mais quase *lá*.

Eu estendi a mão para pegá-lo. “Eu vi um homem que não estava lá...” Minhas mãos quase encontraram o pagão, mas seu corpo escapuliu quando fechei os dedos. O que Fexler disse? Está tudo na vontade. Ponha de lado as caveiras, a fumaça, as palavras dos feitiços e no fundo de tudo isso está o desejo. “Ele não estava lá hoje de novo.” Querendo é que se torna real. “Ah, que ele ficasse era o que eu queria.” E minhas mãos o encontraram. Não importa o que se diga sobre o sabor que ela deixa depois: na hora, a vingança é mais doce que o sangue, meus irmãos.

Agarrei sua cabeça e a arranquei de seus ombros como se eu fosse um troll e ele um mero humano, pois ele havia perambulado por muito tempo em sonho e sua carne estava podre, rasgando como o

pergaminho rabiscado com que ela se parecia. Ele deu seus próprios gritos silenciosos e tentou morrer. Mas eu o mantive ali. Deixei a necromancia segurá-lo em seu crânio.

"Não há sofrimento suficiente para você neste mundo." E o fogo que ardia em meus ossos, que ecoava em meu sangue, acendeu-se em minhas mãos e ele também ardeu ali, aprisionado, vivo, consumido.

Atirei sua cabeça na direção das tropas próximas. Ela bateu chamejante nas rochas, a pele borbulhando, os lábios se contorcendo.

Morrer queimado foi bom demais para ele.

Andei em direção aos destroços em chamas da catapulta, com fogo subindo pelos braços agora.

"Jorg?", perguntou Makin, com a voz baixa, como se pelo menos metade dele esperasse não ser percebido.

"Melhor correr", eu disse.

"Nós não podemos ganhar deles", resmungou Rike.

"De mim", eu disse.

O fogo aumentou conforme eu me aproximava. Ele parecia vidro, como uma janela. Atrás de mim, Makin e os outros corriam. Eu ri. A alegria daquilo, a extraordinária alegria da destruição. É por isso que as chamas dançam. Pela alegria.

"Só há um fogo", eu disse, e eu sabia que Gog me assistia de dentro dele.

Pus os braços dentro da labareda e o encontrei, feito de chama, com sua mão incandescente segurando a minha, os fragmentos de seu corpo perdido ainda em minha pele, me preservando. Em meu âmago, essa nova magia do fogo – chame de mágica, ou de discernimento, ou de empatia – fez guerra com a necromancia que ainda infectava meu sangue.

As tropas do príncipe passaram a Rocha Rigden e uma lança voou acima de minha cabeça.

“Venha a mim, irmão Gog”, eu disse.

“De verdade?”, ele perguntou. “Isto não terá fim – como o sol embaixo da montanha.”

Um milhão de imagens passaram por mim. Rostos, momentos, lugares, irmãos de todas as espécies. O cansaço do mundo. E o fogo o consumia. Eu soube então como Ferrakind se sentia.

“Deixe tudo queimar.”

E Gog fluiu em mim. Um rio de fogo, comendo a magia da morte e fazendo algo novo, um fogo mais escuro que corria feito veneno, enroscando-se em meus membros.

Os primeiros do exército de Egan me alcançaram e o fogo se ergueu de minhas mãos. A carne no corpo dos homens se desprendeu como a espuma do mar diante do vento, seus ossos se acenderam conforme eles caíam. O fogo escuro correu, saltando de homem para homem enquanto os soldados tentavam fugir, tentavam se virar e correr, só para encontrar seus camaradas ainda sem entender, movendo-se para frente.

Eu caminhei entre eles e a morte caminhou comigo.

Morte e fogo. Ferrakind urrou para mim do lugar onde mora o fogo, uma canção de destruição, tirando de mim o que eu sou. Ferrakind e todos os outros que foram perdidos na chama, todos somente um agora, fundidos, gritando para eu me unir a eles. E, no lugar seco no qual os mortos caem, outras vozes, tão atraentes quanto as do fogo, implacáveis. O Rei Morto tentava me alcançar, pelos caminhos através dos quais a necromancia fluía em meu interior e me inundava. Esses dois entre muitos, ambos lutando para me reivindicar, como cachorros lutando por um osso. E, enquanto eles lutavam, a morte e o fogo floresciam em mim em um incêndio, e homens morreram, às dezenas, às dúzias, às centenas, aos montes fedorentos, fumegantes, aos berros.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

KING OF THORNS

49

Dia do Casamento



guerreiro cavalga um garanhão preto. A fumaça cobre as ruínas do castelo atrás dele e o vento fornece apenas vislumbres do abismo lotado de corpos entre muros altos e destruídos. O mesmo vento agita o cabelo longo e escuro sobre seus ombros, como uma flâmula, e balança o que sobrou de sua capa. À sua esquerda e à direita, mais cavaleiros emergem da neblina de guerra, todos guerreiros, com as armaduras amassadas, rasgadas, cobertas de fuligem e sangue. Um enorme soldado em cota de malha maltrapilha carrega o estandarte, com o javali de Ancrath em preto sobre o campo vermelho de Renar. Eles vêm sozinhos ou em duplas, com movimentos lentos, como se a grande distância da qual eles são vistos tenha de alguma maneira roubado a urgência de seu deslocamento. Cada casco pisa o chão com a determinação de portas de

túmulos se fechando, sem som para acompanhar a ação. Cada salto e sacudida na sela leva muito tempo.

Onde a sujeira endurecida se solta da armadura de chapas do guerreiro, o metal exibe os tons de arco-íris do aço oleado. A seu lado, um cavaleiro mais velho, de cabelo escuro, com meio sorriso nos lábios grossos, cachos pretos colados à testa, a cabeça de uma águia em seu escudo redondo trabalhado em cobre vermelho, bronze e prata, espada em seu quadril e mangual de aço preto amarrado à sua sela. Um segundo homem de cota de malha vem em um cavalo branco de batalha à esquerda deles, tão à vontade em sua sela quanto qualquer velho marinheiro em um convés ondulante. Sua armadura é trabalhada com as gravuras góticas da Costa Equina, sua capa azul lembrando o mar. Em seu escudo de duelos, a faixa azul e o sol negro da Casa Morrow.

Um padre os acompanha, desconfortavelmente empoleirado em uma mula indócil. O vento joga tufos de cabelos grisalhos em sua carranca.

O homem ao centro, na ponta da seta deste exército que surge, olha sempre em frente. Um crânio de lobo foi fixado no pomo de sua sela. Um lobo ou um cachorro grande. O rosto do homem tem cicatrizes, o lado esquerdo é áspero e retorcido, como se o escultor houvesse saído no meio do ato ao ouvir o sino indicando o fim de um dia de trabalho, deixando sua criatura inacabada. Sobre um dos olhos, afixado ao aro em relevo e à lateral de seu capacete por rebites de ferro, está um anel de prata, grande o bastante para se apoiar em sua sobrancelha e maçã do rosto. Se você soubesse que a borda tinha sulcos, talvez imaginasse que pudesse vê-los, mas eles são prisioneiros da distância entre nós, assim como qualquer mensagem naquela olhada de mil metros de distância.

Fiquei entediado de assistir a mim mesmo e coloquei o anel para cima para que minha visão ficasse desobstruída.

• • •

Eles me encontraram nu, com cada item que estava comigo aparentemente consumido pelo fogo, exceto minha espada, sobre a qual chamas ainda dançavam. Aquele fogo ficou na chama por horas e até agora, de tempos em tempos, vejo reflexos das chamas no aço. Batizei minha primeira espada. Eu a chamo de Gog, embora ache que ela tenha apenas um eco dele, como aquele eco de Fexler Brews, um homem que atirou em si mesmo em uma câmara de estase muito tempo atrás com uma Colt 45. O mundo girou, ele disse. E o deixou para trás.

Eu abri meus olhos quando Makin me enrolou em sua capa. As feridas em meu peito eram apenas bordas rosadas com emendas brancas – o fogo havia queimado qualquer traço de necromancia em mim e no fim, ao terminar, aquela morte levou Gog. Senti a falta de ambos, como buracos no mundo. Gog está terminado. Eu não o verei novamente.

O fogo me deixou, pois sempre fora dele, nunca meu, e a necromancia também. Posso ter roupas e armadura agora, mas estou nu contra o mundo mais uma vez, com nada além da inteligência e da língua, ambas afiadas, e da lâmina dos Ancrath para me ajudar.

Acho que se eles não tivessem lutado um com o outro por minha causa, Ferrakind e o Rei Morto, se um deles tivesse a atenção total voltada para mim enquanto me abria para seus reinos e deixava aqueles lugares me atravessarem de forma tão despreocupada, eu teria sido derrotado. Tais poderes não podem ser dominados, não sem um preço, e esse preço parecia incluir todos os motivos pelos quais você queria tal poder. E é um sacrifício pelo qual eu pagaria no momento, com os braços de milhares erguidos contra mim. No fim, meus irmãos, não há preço que eu não pague para vencer este nosso jogo. Nenhum sacrifício é grande demais a ser pago para impedir que outros imponham sua vontade sobre a minha.

Nós cavalgamos até Arrow. Sinto que eles me devem um castelo, no mínimo. Um palácio pode ser bom também. E todos aqueles adivinhos e videntes mortos – nós somos amigos agora. Eu *sou* o Príncipe de Arrow. Pergunte ao padre Gomst. Ele estava lá, olhando, enquanto Deus virava para o outro lado. Egan me adotou em sua família. E ele está morto agora. Não pela minha mão, mas pisoteado por seus próprios homens. Portanto, eu sou o Príncipe de Arrow, indo para casa, destinado pela razão e pela visão a ser imperador e a me sentar naquele trono dourado além do Portão Gilden.

Nós cavalgamos até Arrow, uma avalanche que rimbomba das Terras Altas. Este mundo irá se curvar ao meu domínio. A caixa está aberta, suas memórias livres, velhas maldades e pecados libertados outra vez. Eu não sou aquele menino, aquele menino selvagem à beira da idade adulta que a encheu. Ele está em meu passado e logo a curvatura da Terra irá escondê-lo, conforme os anos nos afastam. Eu não sou aquele garoto e seus crimes não mancham minhas mãos. Estou indo em direção a Arrow. Eu mergulharei em sangue até os ombros se for preciso, tão fundo que rio nenhum poderá me deixar limpo, embora eles atravessem montanhas. Meus sonhos são só meus agora, sombrios e puros. Se quiser saber quais eles são, irmão, fique em meu caminho.

Eu disse a Sageous que meus pecados clamavam por mais e eu pretendo dar companhia a eles. Eu queimarei e devastarei, e as terras de Orrin, a herança manchada pelo sangue de Egan, serão entregues a mim. Eu serei Rei de Arrow, de Normardy, de Conaught, de Belpan, dos Pântanos de Ken, de Orlanth e das Terras Altas de Renar. Eu tomarei essas terras e transformarei seus povos em armas. Com fogo e sangue eu os farei se curvarem ante a minha vontade, porque este é um jogo sem regras, e eu serei vitorioso mesmo que desafie o próprio inferno.

Escrevo isto enquanto acampamos após um dia árduo de viagem. Minha letra está um garrancho nas páginas mais brancas que o ouro

pode comprar. Talvez elas merecessem pensamentos mais dignos, mas eu coloco os meus aqui. Sageous escreveu suas palavras em sua pele e isso o enfraqueceu. Meu pai as guarda para si e isso o torna menos que humano. Eu escrevo as minhas aqui, como se a tinta e o papel pudessem levar a culpa por mim. Os cirurgiões gostam de fazer um homem sangrar, de deixar os maus humores saírem, para que ele possa encarar o mundo novamente. Talvez eles pudessem lhe dar apenas uma pena e deixar que os venenos saiam dele enquanto guarda o sangue para a sua finalidade.

Ao lado de minhas páginas estão as de Katherine, recolhidas das ruínas embaixo da Rocha Rigden. Eu a vi queimar. Eu a vi entre as chamas, com seu cavalo gritando. Ou aquilo foi um sonho na escuridão que se seguiu? De qualquer modo, o vento espalhou suas palavras sobre os mortos e eu as segui até o cadáver de uma mula de bagagem. Eu disse, uma vez, que tais sentimentos são fortes demais para durar. Só podem arder. Eles fazem com que nos tornemos cinza e carvão. E nós ardemos, nós dois – mas eu ainda a desejo. Apesar de que, se estivesse aqui agora, ela apenas me odiaria e o orgulho afiaria minha língua para cortá-la de volta.

O orgulho sempre foi minha fraqueza e minha força, mas só existem três coisas das quais eu me orgulho. A primeira – eu escalei o Dedo de Deus para ficar sozinho naquele lugar alto e encontrar uma nova perspectiva. A segunda – eu fui à montanha por Gog, mesmo que não pudesse salvá-lo de seu fogo, assim como ninguém pode me salvar do meu. A terceira – eu lutei apenas com espadas com mestre Shimon, com a canção da espada tocando, e nós fizemos algo belo.

Haverá mais orgulho por vir, o bastante para se afogar, mas talvez não haja mais coisas das quais se orgulhar.

Uma era de terror está por vir. Um tempo sombrio. As covas continuam a se abrir e o Rei Morto se prepara para velejar. Mas o

mundo tem coisas piores do que homens mortos. Um tempo sombrio virá.

O meu tempo.

Se isso o ofende.

Tente me impedir.

Agradecimentos

Preciso agradecer à minha leitora, Helen Mazarakis, por ler *King of Thorns* um pedaço de cada vez, enquanto eu o escrevia, e me dizer o que achava.

Minha editora, Jane Johnson, merece um enorme obrigado por todos os seus esplêndidos esforços até hoje. Há muitas maneiras de elogiar sua contribuição, mas talvez a história toda possa ser contada observando que, de dez mil linhas, ela escolheu a minha favorita, espontaneamente, e a adorou. Eu também li um de seus livros este ano – quando a pessoa que o edita escreve romances maravilhosos você sabe que se deu bem.

Também na Harper *Voyager*, Emma Coode, Amy McCulloch e Laura Mell fizeram maravilhas em meu favor.

E, finalmente, meu agente Ian Drury precisa ser agradecido por conseguir esse trabalho para mim e por continuar a vender meus livros pelo mundo. Gaia Banks e Virgina Ascione, trabalhando com Ian na Sheil Land Associates Ltd, também precisam de um obrigado por seus esforços em traduzir a história de Jorg em vários idiomas.



KING OF THORNS

"O segredo é saber que só há um jogo e as únicas regras são as suas."

PRIMAVERA 2014

DARKSIDEBOOKS.COM

Copyright © 2012 by Mark Lawrence
Tradução para a língua portuguesa
© Dalton Caldas, 2014
© Jason Chan, ilustração de capa

Tradução autorizada da edição original
através de acordo com Bobalinga Ltd.
Todos os direitos reservados.

Os personagens e as situações desta obra
são reais apenas no universo da ficção;
não se referem a pessoas e fatos concretos,
e não emitem opinião sobre eles.

Diretor Editorial
Christiano Menezes
Diretor Comercial
Chico de Assis
Editor Assistente
Bruno Dorigatti
Assistente de Marketing
Bruno Mendes
Design e Capa
Retina 78
Design Assistente
Guilherme Costa
Revisão
Marlon Magno
Retina Conteúdo
Produção de ebook
S2 Books

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Lawrence, Mark
King of thorns / Mark Lawrence; tradução de Dalton Caldas.
– – Rio de Janeiro : DarkSide Books, 2014.
510 p. : 16 x 23cm (Trilogia dos espinhos, v. 2)

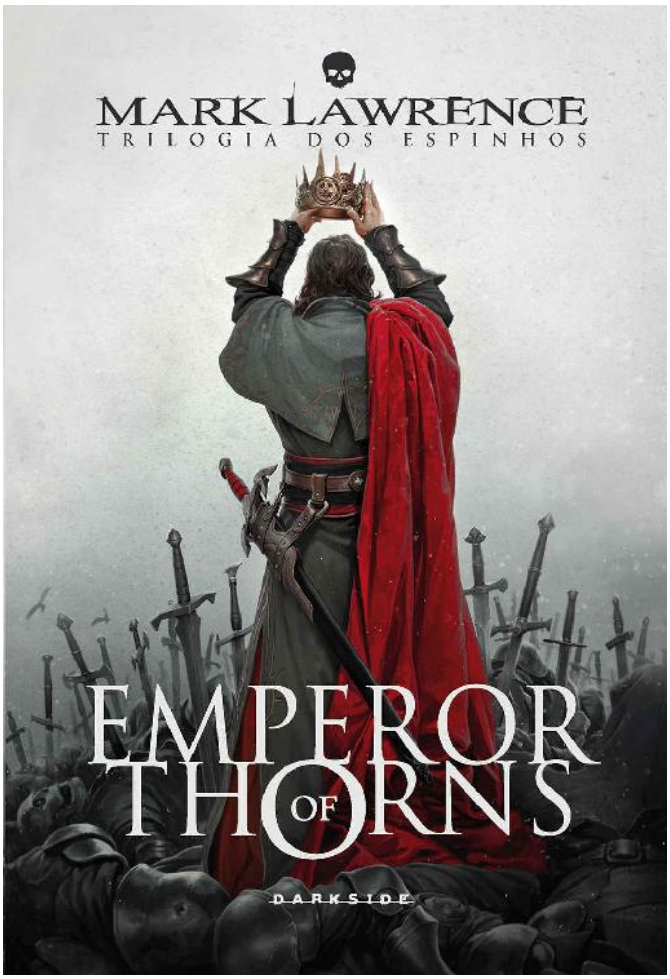
ISBN: 978-85-66636-59-8
Tradução de: *King of Thorns*

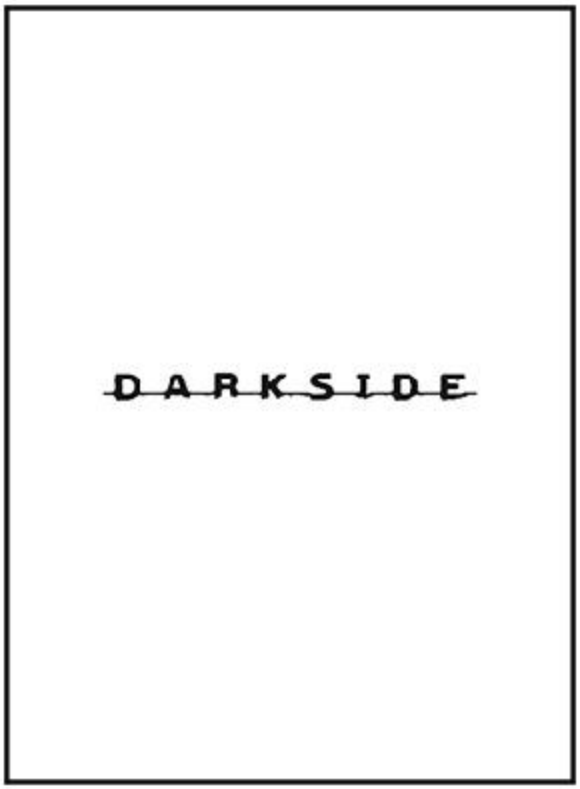
1. Fantasia 2. Literatura inglesa 3. Ficção I. Título
II. Caldas, Dalton

14-0125 CDD 813.6

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura inglesa - fantasia.


MARK LAWRENCE
TRILOGIA DOS ESPINHOS
EMPEROR OF THORNS
DARKSIDE


DARKSIDE

VOLUME III



TRADUÇÃO
DALTON CALDAS

DARKSIDE

Dedicado a meu filho Bryn.


KARLSWATER
OFFA
MAR CALMO
ILHAS SUBMERSAS
CONA LIGHT
MALADON
esheia
hagenfast
CONQUENCE
CHARLAND
OST REICH
MAYAR
ATTAS
ZAGRE
SCORRON
SLEV
SERBAN
FLORENCE
ROMA
ORLANTH
ADORA
MARCHA VERMELHA
REINOS PORTUÁRIOS
THE LORE
ARAMIS
ANDALUTH
CANTANONA
PORT SULL
KADIZ
ALBA
MORROW
COSTA ECCLINA
ILHAS CORSÁRIAS
LISBOA
MAR MÉDIO
KORDOBA
MARROC
LIBA
320 km

A História Até Agora

Para vocês que tiveram de esperar por este livro, aqui está uma breve sinopse dos livros I e II, para que sua memória seja refrescada. Aqui eu recapitulo apenas o que é de importância para a história que se segue.

I A mãe e o irmão de Jorg, William, foram mortos quando ele tinha nove anos: ele ficou pendurado nos espinhos e testemunhou o crime. Seu tio foi quem mandou os assassinos.

II O pai de Jorg, Olidan, não é um homem legal. Ele matou o cachorro de Jorg quando o menino tinha seis anos e apunhalou Jorg no peito quando ele tinha catorze.

III O pai de Jorg ainda reina em Ancrath, agora casado com Sareth. A irmã de Sareth, Katherine, é meio que uma obsessão dele.

IV Jorg acidentalmente (embora não sem culpa) matou seu meio-irmão Degran ainda bebê.

V Um homem chamado Luntar pôs a lembrança de Jorg do incidente em uma caixa. Jorg já recuperou a lembrança.

VI Um número de indivíduos com dons mágicos atua por trás dos muitos tronos do Império Destruído, competindo uns com os outros e manipulando eventos para expandir seu próprio controle.

VII Nós deixamos Jorg ainda no trono de seu tio em Renar. Os príncipes de Arrow estavam mortos, seus exércitos destroçados e as seis nações sob Orrin de Arrow prontas para serem tomadas.

VIII Nós deixamos Jorg no dia seguinte de seu casamento com a Rainha Miana, de doze anos.

IX Jorg enviara homens para recuperar seu chanceler, Coddin, gravemente ferido na montanha.

X O diário de Katherine foi encontrado na destruição do lado de fora do Assombrado – não se sabe se ela sobreviveu, ao contrário de seu comboio de bagagem.

XI Kent, o Rubro, foi gravemente queimado na luta.

XII Jorg descobriu que há fantasmas dos Construtores na rede de máquinas que eles deixaram para trás.

XIII Jorg descobriu por um dos fantasmas, Fexler Brews, que o que ele chama de mágica existe porque os cientistas Construtores mudaram a maneira como o mundo funciona. Eles tornaram possível que a vontade de uma pessoa afetasse diretamente a matéria e a energia.

XIV A arma que Jorg usou para concluir o cerco ao Assombrado foi a mesma do suicídio de Fexler Brews.

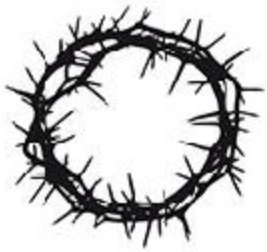
XV Os poderes sobre a necromancia e o fogo de Jorg se esgotaram quando quase o destruíram ao final da batalha pelo Assombrado.

XVI O Rei Morto é um poderoso indivíduo que observa os vivos da terra dos mortos e demonstrou um interesse especial por Jorg.

xvii Chella, uma necromante, tornou-se uma agente do Rei Morto.

xviii A cada quatro anos os governantes da centena de fragmentos do Império se reúnem na capital Vyene para o Congresso – um período de trégua durante o qual eles votam em um novo imperador. Nos cem anos desde a morte do último comissário, nenhum candidato conseguiu garantir a maioria necessária.

xix No segmento anterior “Quatro anos atrás”, nós deixamos Jorg no castelo de seu avô, na Costa Equina. O matemágico Qalasadi havia fugido após a tentativa fracassada de envenenar os nobres. O fantasma-Construtor Fexler deu a Jorg o anel de visão que proporciona visões interativas do mundo através de satélites e outros recursos ópticos.



TRILOGIA DOS ESPINHOS

EMPEROR OF THORNS

PRÓLOGO

Kai estava diante da pedra antiga, um único bloco irregular erguido na época em que os homens conheciam apenas madeira, rocha e caça. Ou talvez eles conhecessem mais que isso, pois haviam posto a antiga pedra em um lugar de observação. Um ponto onde os véus se afinavam e se erguiam, e segredos podiam ser ouvidos ou contados. Um lugar onde os céus ficavam um pouco mais baixos, de tal modo que os jurados pelo céu pudessem tocá-los com mais facilidade.

Os habitantes locais chamavam o promontório de "o Dedo", o que Kai achava apropriado, porém bobo. Se aquilo fosse um dedo, a pedra antiga ficava sobre a junta. Daqui, o dedo ficava a sessenta metros de distância e caía das bordas, a uma distância semelhante, para encontrar o pântano em uma série de passos íngremes e rochosos.

Kai respirou fundo e deixou o ar frio encher seus pulmões, deixou a umidade infectá-lo, desacelerou seu coração e escutou a voz aguda e

triste da pedra antiga, que não era bem um som, mas a lembrança de um som. Sua visão ergueu-se com apenas um sussurro de dor. O ponto da percepção de Kai arqueou-se para cima, deixando seu corpo ao lado do monólito. Ele agora observava de um vale iluminado entre dois grupos de nuvens, vendo a si mesmo como um ponto sobre o Dedo, e o próprio promontório como uma mera lasca de terra estendendo-se para a imensidão do Mar do Canavial. A essa distância, o Rio Rill tornava-se uma fita prateada correndo para o Lago de Vidro.

Kai voou mais alto. O chão desapareceu, ficando mais abstrato a cada batida de suas asas imaginárias. As névoas rodopiaram e as nuvens o seguraram novamente em um abraço frio.

É assim que a morte é? Uma brancura fria, por todo o sempre amém?

Kai resistiu ao puxão das nuvens e encontrou o sol outra vez. Os jurados pelo céu podiam se perder tão facilmente em sua amplidão. Muitos se perdiam, deixando o corpo morrer e assombrando os espaços vazios acima. Um pouco de egoísmo prendia Kai à sua existência. Ele se conhecia bem o bastante para admitir isso. Uma velha ponta de ganância, uma incapacidade de perdoar. Defeitos naturais, talvez, mas aqui eram qualidades que o manteriam inteiro.

Ele voou sobre o brilho suave das nuvens, costurando o caminho entre as torres. Um seris rompeu o alabastro acolchoado, esmaecido até mesmo para o olho da mente de Kai, suas formas sinuosas entrando e saindo de vista, com trinta metros de comprimento e mais robusto que um homem. Kai o chamou. A cobra de nuvem se enrolou, descrevendo círculos preguiçosos conforme se aproximava.

"Velho amigo." Kai o chamou. Às vezes, cem seris se aglomeravam entre as nuvens carregadas quando as tempestades vinham, mas cada seris sabia o que todos os seris sabiam; então, na cabeça de Kai, só havia um. Talvez os seris fossem resquícios dos jurados pelo céu que haviam se esquecido, esquecido de tudo que eles eram para dançar por entre as

nuvens. Ou talvez eles sempre tenham existido, sem precisar nascer e sem conhecer a morte.

O seris fitou Kai com o brilho azulado e frio de suas órbitas oculares. Ele sentiu o arrepio do toque de sua mente, lento e curioso. “Ainda a mulher?”

“Sempre a mulher.” Kai observou a luz sobre as nuvens. Nuvens arquitetônicas, prontas para serem moldadas pela mão de Deus, prontas para se tornarem catedrais, torres, monstros... Divertia-se com o fato de os seris acharem que ele sempre levava a mesma garota ao Dedo.

Talvez os seris achassem que só havia um homem, uma mulher e muitos corpos.

O seris moveu-se ao redor de Kai em espiral, como se estivesse lá em pessoa, encasulando-se em serpentina. “Você teria uma sombra?”

Kai sorriu. O seris pensava no amor humano como nuvens se reunindo, às vezes encostando-se umas às outras, às vezes criando uma tempestade, às vezes uma perdendo-se na outra – lançando uma sombra.

“Sim, ter uma sombra.” Kai se surpreendeu com o calor em sua voz. Ele queria o que o seris tinha. Não apenas rolar sobre o urzal. Não desta vez.

“Faça.” A voz do seris saiu por baixo de sua pele, como se a tivesse deixado lá embaixo.

“Fazer acontecer? Não é tão fácil.”

“Você não quer?” O seris se ondulou. Kai sabia que era para rir.

“Ah, eu quero.” *Ela só precisa entrar no recinto e eu fico em chamas. O cheiro dela! Eu fecho os olhos e estou nos Jardins de Bethda.*

“Uma tempestade vem.” Uma tristeza coloriu a voz do seris.

Kai ficou confuso. Ele não vira sinal de uma tempestade se formando.

“Eles levantam”, o seris disse.

“Os mortos?” Kai perguntou, com o velho medo pairando sobre ele.

“Pior.” Uma palavra, muitos significados.

“Lichkin?” Kai olhava, mas não conseguia ver nada. *Os lichkin só saem no escuro*.

“Eles levantam”, o seris disse.

“Quantos?” *Que não sejam todos os sete! Por favor.*

“Muitos. Como a chuva.” O seris foi embora. A névoa com a qual ele fez seu corpo vagou sem forma. Kai nunca vira um seris se desfazer daquela maneira. “Faça uma sombra.” A voz ecoou pelo ar.

O olhar de Kai direcionou-se ao chão. Ele mergulhou para o Dedo. Sula estava na ponta, bem na beirada, um pontinho branco, crescendo rapidamente. A visão chocou-se contra seu corpo, forte o bastante para fazê-lo cair de joelhos. Ele se levantou, desorientado por um momento, e em seguida disparou em direção a Sula. Ele a alcançou em menos de um minuto e se curvou diante dela, respirando com dificuldade.

“Você demorou muito.” Sula virou-se quando ele se aproximou. “Achei que havia se esquecido de mim, Kai Summerson.”

“Perdoe-me, minha dama”, ele suspirou e sorriu, e a beleza dela afastou seu pânico. Agora parecia bobagem. Lá de cima ele não viu nada para se preocupar.

O beicinho de Sula virou um sorriso, o sol saiu para iluminar seu rosto, e por um momento Kai se esqueceu do aviso do seris. *Os lichkin viajam à noite*. Ele pegou as mãos dela e ela se aproximou. Ela cheirava a flores. A suavidade dos seios dela contra o peito dele fazia seu coração parar. Por um momento, só conseguia ver os olhos e os lábios dela. Os dedos de uma mão entrelaçados aos dela, e a outra passando por seu pescoço, sentindo seu calor pulsante.

“Você não deveria ficar tão perto da beirada”, ele disse, embora ela lhe roubasse o fôlego. A apenas um metro atrás dela a ponta do Dedo se desmoronava em sessenta metros de penhascos, caindo bruscamente até o pântano ao redor.

“Você parece o papai.” Sula ergueu a cabeça e recostou-se nele. “Sabe, ele até me disse para não vir com você hoje. Que Kai Summerson é um lixo malnascido, ele disse. Ele queria que eu ficasse confinada em Morltown enquanto fazia seus negócios.”

“O quê?” Kai soltou as mãos de Sula. “Você disse que ele concordou.”

Sula riu e fez uma voz grossa. “Não quero minha filha vagabundeando com um capitão guardião!” Ela riu e voltou ao seu tom normal. “Sabia que ele acha que você tem uma ‘reputação’?”

Kai realmente tinha uma reputação, e um homem como Merik Wineland podia tornar as coisas muito difíceis para ele.

“Sula, é melhor a gente ir embora. Pode vir problema por aí.”

As pequenas linhas tensas de uma testa franzida marcaram a fronte perfeita de Sula. “Problema?”

“Eu tive segundas intenções ao trazer você aqui”, disse Kai.

Sula sorriu, enquanto outras garotas teriam enrubescido.

“Não é isso”, Kai disse. “Bem, isso também, mas eu estava agendado para checar a área. Observar o pântano.”

“Eu estive observando do penhasco na sua ausência. Não há nada lá embaixo!” Sula se virou e fez um gesto em direção à infinidade verde do lamaçal. E então ela viu. “O que é aquilo?”

Ao longo do Mar do Canavial, uma névoa estava surgindo, correndo em filetes brancos, espalhando-se do leste, tingida de sangue pelo sol poente.

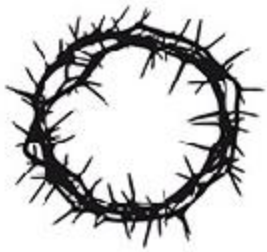
“Eles estão vindo”, Kai esforçou-se para falar. Ele encontrou sua voz e tentou dar um sorriso confiante. Pareceu uma careta. “Sula, nós precisamos nos mexer rapidamente. Preciso informar o Forte Aral. Vamos atravessar as Mextens e eu a deixo nas Redrocks. Você estará a salvo lá. Uma carroça a levará a Morltown.”

Dardos voaram, com um ruído de assoprar de velas, uma série de sopros curtos e repentinos. Três deles se agruparam logo abaixo da axila

direita de Sula. Três dardos pretos e finos, gritantes contra a brancura de seu vestido. Kai sentiu a picada em seu pescoço, como uma picada de mutuca.

Os monstros do pântano aglomeraram-se na ponta do Dedo, cinzentos, como aranhas, rápidos e silenciosos. Kai sacou sua espada curta da bainha. Ela parecia mais pesada que chumbo. A dormência já estava em seus dedos e a espada caiu de sua mão desajeitada.

Uma tempestade está vindo.



TRILOGIA DOS ESPINHOS

EMPEROR OF THORNS

1

Eu falhei com meu irmão. Fiquei pendurado nos espinhos e o deixei morrer, e o mundo está errado desde aquela noite. Eu falhei com ele e, embora tenha deixado muitos irmãos morrerem desde então, aquela primeira dor não diminuiu. A melhor parte de mim ainda está pendurada lá, naqueles espinhos. A vida pode arrancar o que é vital a um homem, surrupiar um pedaço de cada vez, deixando-o de mãos vazias e à míngua ao longo dos anos. Todo homem tem seus espinhos, não os que saem dele, mas os que estão dentro dele, profundos como os ossos. As cicatrizes da roseira-brava me marcam, uma caligrafia de violência, uma mensagem escrita a sangue que requer uma vida para traduzir.

A Guarda Gilden sempre chega no meu aniversário. Eles vieram quando eu fiz dezesseis anos e foram até meu pai e meu tio no dia que fiz doze anos. Eu estava com os irmãos naquela hora e nós vimos a tropa da guarda indo em direção a Ancrath, ao longo da Estrada do Grande

Oeste. Quando completei oito anos eu os vi em primeira mão, atravessando os portões do Castelo Alto em seus garanhões brancos. Will e eu observamos boquiabertos.

Hoje eu os observei com Miana a meu lado. Rainha Miana. Eles atravessaram ruidosamente outros portões de outro castelo, mas o efeito foi bem parecido, uma onda dourada. Eu me perguntei se O Assombrado comportaria todos eles.

"Capitão Harran!", eu gritei. "Que bom que veio. Quer uma cerveja?" Acenei em direção às mesas montadas sobre cavaletes diante dele. Eu mandara levar nossos tronos até a varanda para que pudéssemos observar a chegada.

Harran se jogou da sela, brilhando em seu aço dourado. Atrás dele, guardas continuavam a chegar ao pátio. Centenas deles. Sete tropas de cinquenta, para ser exato. Uma tropa para cada uma de minhas terras. Quando eles vieram, quatro anos antes, garanti apenas uma única tropa, mas Harran estava na liderança tanto naquela época quanto agora.

"Obrigado, Rei Jorg", ele gritou. "Mas precisamos cavalgar até o meio-dia. As estradas até Vyene estão piores que o esperado. Teremos que nos empenhar para atingir o Portão até o Congresso."

"Certamente você não apressará um rei em suas celebrações de aniversário apenas pelo Congresso." Eu sorvi minha cerveja e segurei o cálice no alto. "Eu completo meu vigésimo ano hoje, sabe."

Harran encolheu os ombros, desculpando-se, e se virou para analisar suas tropas. Mais de duzentos já estavam aglomerados ali dentro. Eu ficaria impressionado se ele conseguisse enfileirar o contingente inteiro de trezentos e cinquenta dentro do Assombrado. Mesmo após a expansão durante a reconstrução, o pátio frontal não era exatamente o que se podia chamar de espaçoso.

Eu me inclinei em direção a Miana e pus a mão em sua volumosa barriga. "Ele está preocupado com o fato de eu não comparecer e haver

outro voto nulo."

Ela sorriu. O último voto que chegou perto de uma decisão havia sido no segundo Congresso – o trigésimo terceiro provavelmente não chegaria mais perto de colocar um imperador no trono do que os trinta anteriores.

Makin passou pelos portões ao fundo da coluna da guarda com mais ou menos uma dúzia de meus cavaleiros, que fizeram a escolta de Harran pelas Terras Altas. Uma escolta puramente simbólica, já que ninguém em sã consciência – e até alguns em má consciência – atrapalharia o caminho de uma tropa da Guarda Gilden, muito menos sete delas juntas.

"Portanto, Miana, você vê por que tenho de deixá-la, mesmo que meu filho esteja prestes a lutar para vir ao mundo." Eu o senti chutar sob minha mão. Miana se ajeitou em seu trono. "Realmente não posso dizer não a sete tropas."

"Você sabe que uma dessas tropas é para Lorde Kennick", ela disse.

"Quem?" Eu perguntei só para provocá-la.

"Às vezes, acho que você se arrepende de ter transformado Makin em meu Lorde de Kennick." Ela fez sua costumeira careta rápida.

"Eu acho que ele se arrepende também. Ele não deve ter passado mais do que um mês lá nos últimos dois anos. Ele mandou colocar o bom mobiliário do salão do barão em seus aposentos aqui."

Nós caímos em silêncio, observando a guarda se ordenar dentro do exíguo limite do pátio. A disciplina deles envergonhava todas as outras tropas. Até a cavalaria de meu avô na Costa Equina parecia uma ralé perto da Guarda Gilden. Eu já havia ficado maravilhado com a qualidade da guarda de viagem de Orrin de Arrow, mas esses homens estavam em outra categoria. Cada um das centenas brilhava ao sol, o dourado de suas armaduras sem o menor sinal de poeira ou uso. O último

imperador tinha bolsos profundos e sua guarda pessoal continuava a mergulhar neles quase dois séculos após sua morte.

"Eu devo ir." Fiz menção de me levantar, mas não me levantei. Eu gostava do conforto. Três semanas de viagem eram pouco atraentes.

"Você deve." Miana mastigou uma pimenta. Seus gostos haviam mudado de forma radical nos últimos meses. Ela voltara aos paladares escaldantes de sua terra natal na Costa Equina, o que tornava seus beijos uma aventura e tanto. "Mas eu preciso lhe dar seu presente antes."

Eu ergui uma sobrancelha e dei um tapinha em sua barriga. "Ele já está assado e pronto?"

Miana tirou minha mão e acenou para um serviçal nas sombras do salão. Às vezes, ela ainda parecia a criança que havia chegado e encontrara O Assombrado quase cercado, quase condenado. A um mês de fazer quinze anos, a menor das serventes ainda parecia grande perto dela, mas pelo menos a gravidez lhe deu algumas curvas, preencheu seu peito, pôs um pouco de cor em suas bochechas.

Hamlar surgiu com alguma coisa sob um pedaço de seda, longa e fina, mas não longa o bastante para ser uma espada. Ele me entregou com uma leve reverência. Ele serviu meu tio por vinte anos, mas nunca me dera um olhar azedo desde que dei fim a seu antigo emprego. Eu arranquei o pano.

"Um bastão? Minha querida, não precisava." Eu apertei os lábios. Era bastante bom, verdade seja dita. Eu não reconheci a madeira.

Hamlar pôs o bastão na mesa entre os tronos e saiu.

"É um báculo", Miana disse. "É de pau-santo, resistente, pesado o bastante para afundar na água."

"Um bastão que pode me afundar..."

Ela acenou novamente e Hamlar voltou segurando um grande volume de minha biblioteca, aberto em uma página com um marcador de marfim.

“Diz aí que Lorde de Orlanth ganhou o direito hereditário de usar seu bastão de gabinete no Congresso.” Ela apontou o dedo para a passagem adequada.

Eu peguei o báculo com interesse renovado. Parecia uma barra de ferro em minha mão. Como Rei das Terras Altas, Arrow, Belpan, Conaught, Normardy e Orlanth, sem mencionar suserano de Kennick, parecia que agora eu tinha carta régia para carregar um bastão de madeira enquanto todos os outros deveriam andar desarmados. E graças à minha pequena rainha de rostinho de fada e bochechas rosadas, eu tinha um bastão de pau-santo que podia quebrar a cabeça de um homem de capacete.

“Obrigado”, eu disse. Nunca fui de demonstrar afeto ou sentimento, mas gostava de pensar que nós nos entendíamos bem o suficiente para que ela soubesse quando alguma coisa me agradava.

Dei um giro experimental com o báculo e encontrei inspiração suficiente para sair de meu trono. “Vou dar uma olhada em Coddin na descida.”

As enfermeiras de Coddin anteciparam-se a mim. A porta de seus aposentos estava aberta, as persianas arreganhadas, incensos de almíscar acesos. Mesmo assim, o fedor de sua ferida pairava no ar. Logo faria dois anos que aquela flecha o atingiu, mas a ferida ainda supurava e se abria sob os curativos do médico.

“Jorg.” Ele acenou para mim de sua cama, instalada perto da janela e erguida para que ele também pudesse ver a guarda chegar.

“Coddin.” A velha sensação de culpa generalizada me rondou.

“Você se despediu dela?”

“Miana? Claro. Bem...”

“Ela vai ter um filho seu, Jorg. Sozinha. Enquanto você estiver viajando.”

“Ela dificilmente ficará sozinha. Ela tem um sem-fim de criadas e damas de companhia. Até parece que eu sei os nomes delas ou reconheço a metade delas. Parece haver uma nova a cada dia.”

“Você tem sua parte nisso, Jorg. Ela saberá da sua ausência quando chegar a hora e será mais difícil para ela. Você deve ao menos fazer uma despedida apropriada.”

Só Coddin podia me dar um sermão assim.

“Eu disse... obrigado.” Eu girei meu novo bastão para que ele o visse. “Um presente.”

“Quando você terminar aqui volte lá em cima. Diga as coisas certas.”

Eu fiz o gesto que significava talvez. Pareceu ser o bastante para ele.

“Eu nunca me canso de assistir a esses rapazes no cavalo”, ele disse, olhando mais uma vez às fileiras brilhantes abaixo.

“A prática leva à perfeição. Seria melhor eles praticarem a guerra, porém. Ter a habilidade de colocar um cavalo em um canto apertado é um espetáculo bonito, mas...”

“Então aproveite o show!” Ele balançou a cabeça, tentou esconder uma esgar e depois olhou para mim. “O que posso fazer por você, meu rei?”

“O de sempre”, eu disse. “Aconselhar-me.”

“Você não precisa. Eu nunca vi Vyene, nem cheguei perto. Não tenho nada para lhe dizer que seja de alguma ajuda na Cidade Sagrada. Perspicácia e todas aquelas coisas que se aprendem nos livros devem lhe servir bastante bem. Você sobreviveu ao último Congresso, não sobreviveu?”

Eu deixei aquela lembrança arrancar um pequeno sorriso de mim. “Talvez eu tenha um pouco de esperteza, meu velho, mas o que eu preciso de você é sabedoria. Sei que mandou trazer minha biblioteca inteira para este quarto, um livro de cada vez. Os homens lhe trazem contos e rumores de todos os cantos. Onde estão meus interesses em Vyene? Onde devo depositar meus sete votos?”

Eu me aproximei, passando pelas pedras descobertas. Coddin era um soldado inveterado: nada de tapetes ou juncos para ele, mesmo inválido.

"Você não quer ouvir minha sabedoria, Jorg, se é isso que ela é." Coddin se virou para a janela novamente, o sol refletindo sua idade, capturando as linhas que a dor marcou.

"Esperava que você tivesse mudado de ideia", eu disse. Há caminhos difíceis e há os caminhos mais difíceis.

O fedor de sua ferida estava mais forte agora que eu me aproximara. A corrupção rói nossos calcanhares desde a hora que nascemos. O cheiro de podre apenas nos relembra aonde nossos pés estão nos levando, não importa em qual direção eles apontem.

"Vote com seu pai. Fique em paz com ele."

Bons remédios frequentemente têm gosto ruim, mas algumas pílulas são amargas demais para se engolir. Eu fiz uma pausa para eliminar a raiva de minha voz. "Tem sido quase impossível não marchar com meus exércitos até Ancrath e mandar ver. Se já é difícil prevenir a guerra declarada... como pode haver paz?"

"Vocês dois são parecidos. Seu pai talvez seja um pouco mais frio, mais austero e menos ambicioso, mas você saiu da mesma árvore e males semelhantes os forjaram."

Somente Coddin podia me dizer que eu era filho de meu pai e sair vivo. Somente um homem que já havia morrido trabalhando para mim e estava apodrecendo a meu serviço, mesmo que por obrigação – somente este homem poderia dizer aquela verdade.

"Não preciso dele", respondi.

"Aquele seu fantasma, o Construtor, não lhe disse que dois Ancrath juntos acabariam com o poder das mãos ocultas? Pense, Jorg! Sageous pôs seu tio contra você. Sageous queria você e seu irmão debaixo da terra. E, ao fracassar, ele criou um abismo entre pai e filho. E o que mais acabaria com o poder de gente como Sageous, a Irmã Silenciosa, Skilfar

e toda aquela laia? Paz! Um imperador no trono. Uma única voz no comando. Dois Ancrath! Você acha que seu pai esteve parado esse tempo todo, os anos em que você cresceu e os anteriores? Ele pode não ter sua alta ambição, mas ele tem lá sua medida. O Rei Olidan é influente em muitas cortes. Eu não direi que ele tem amigos, mas inspira lealdade, respeito e medo na mesma proporção. Olidan conhece segredos."

"Eu conheço segredos." Muitos que eu nem queria conhecer.

"A Centena não seguirá o filho enquanto o pai estiver diante deles."

"Então eu o destruirei."

"Seu pai trilhou esse caminho – ele tornou você mais forte."

"Ele falhou no final." Eu olhei para minha mão, lembrando-me de quando a tirei de meu peito, escorrendo sangue. Meu sangue, a faca de meu pai. "Ele falhou. Eu não falharei."

Se foi o bruxo dos sonhos que abriu um abismo entre nós, ele fez seu trabalho muito bem. Eu não tinha intenção de perdoar meu pai. E duvido que ele tivesse intenção de aceitar tal perdão.

"As mãos ocultas podem pensar que dois Ancrath acabarão com seu poder. Eu já acho que um é suficiente. Foi o bastante para Corion. O bastante para Sageous. Eu serei o bastante para todos eles se tentarem me impedir. Em todo caso, você sabe o que eu acho de profecias."

Coddin deu um suspiro. "Harran está esperando você. Eu já dei meu conselho. Leve-o consigo. Não vai atrapalhá-lo."

Os capitães de meus exércitos, nobres das Terras Altas, uma dúzia de lordes em visitas de petição, de vários cantos dos sete reinos, e bandos de filões, todos esperavam por mim na entrada, antes das portas da fortaleza. A época em que eu podia escapar simplesmente... escapou. Eu reconheci a aglomeração com uma mão levantada.

“Meus lordes, guerreiros de minha casa, estou de saída para o Congresso. Assegurem-se de que eu levarei os interesses de vocês até lá, juntamente com os meus, e os apresentarei com minha mistura habitual de tato e diplomacia.”

Isso causou uma risada. Eu havia feito muitos homens sangrarem para ter meu pequeno canto do Império, portanto achava que devia jogar o jogo pela minha corte, contanto que não me custasse nada. E, além do mais, os interesses deles eram os mesmos que os meus, então não menti.

Avistei o capitão Marten entre a multidão, alto e amadurecido, sem nada daquele fazendeiro. Eu não concedia posto mais alto que o de capitão, mas o homem havia conduzido cinco mil soldados ou mais em meu nome.

“Proteja-a, Marten. Mantenha ambos a salvo.” Eu pus a mão em seu ombro. Nada mais precisava ser dito.

Cheguei ao pátio flanqueado por dois cavaleiros de minha távola, Sir Kent e Sir Riccard. A brisa da primavera não dissipava o aroma de suor de cavalo rápido o bastante e o grupo de mais de trezentos deles parecia estar fazendo de tudo para deixar o lugar com esterco até os joelhos. Eu acho que uma cavalaria reunida é sempre melhor vista de certa distância.

Makin passou com seu cavalo entre as fileiras até nos alcançar. “Muitas felicidades, Rei Jorg!”

“Veremos”, eu disse. Parecia tudo confortável demais. Famílias felizes com minha minúscula princesa lá em cima. Felicitações de aniversário e uma escolta dourada lá embaixo. Vida suave demais e paz também podem sufocar um homem tanto quanto qualquer corda.

Makin ergueu uma sobrancelha, mas não disse nada, com o sorriso ainda no lugar.

“Seus conselheiros estão prontos para partir, majestade.” Kent havia começado a me chamar de majestade e parecia mais feliz assim.

“Você deveria estar levando cabeças pensantes, não homens armados”, disse Makin.

“E quem você está levando, Lorde Makin?” Eu havia decidido deixá-lo escolher o único conselheiro que seu voto lhe dava direito a levar ao Congresso.

Ele apontou para o outro lado do pátio, para um senhor magro, com o rosto espremido e uma capa vermelha voando em torno de si conforme o vento rodopiava. “Osser Gant. Camareiro do falecido Barão de Kennick. Quando me perguntarem quanto custará meu voto, Osser é o homem que saberá o que vale e o que não vale a pena para Kennick.”

Eu tive de sorrir com aquilo. Ele podia fingir que não era o caso, mas parte de Makin queria cumprir sua nova função como parte da Centena em grande estilo. Se ele seguiria o modelo de governo de meu pai ou do Príncipe de Arrow, ainda não estava claro.

“Não há grande parte de Kennick que não seja pântano, e o que os Pântanos de Ken precisam é de madeira. Palafitas, para que as casas de seus camponeses lamacentos não afundem da noite para o dia. E isso você obtém de mim agora. Então não deixe seu homem se esquecer disso.”

Makin tossiu como se um pouco daquele pântano estivesse em seu peito. “Então, quem exatamente você está levando como conselheiro?”

Não fora uma escolha difícil. A viagem final de Coddin veio quando eles o carregaram montanha abaixo depois da batalha do Assombrado. Ele não viajaria mais. Havia muitas cabeças brancas na corte, mas nenhuma cujo conteúdo eu valorizasse. “Você está olhando para dois deles.” Eu acenei para Sir Kent e Sir Riccard. “Rike e Grumlow estão esperando lá fora. Keppen e Gorgoth estão com eles.”

“Por Cristo, Jorg! Você não pode levar Rike! É da corte do imperador que estamos falando! E Gorgoth? Ele nem gosta de você.”

Eu saquei minha espada em um movimento suave e resplandecente, e centenas de capacetes dourados se viraram para acompanhar seu arco. Eu segurei a espada no alto, virando-a para um lado e para o outro para refletir o sol. “Eu já fui ao Congresso antes, Makin. Eu sei quais jogos eles jogam lá. Este ano nós iremos jogar um jogo novo. O meu. E estou levando as peças certas.”

TRILOGIA DOS ESPINHOS

EMPEROR OF THORNS

2

Várias centenas de cavaleiros levantam muita poeira. Nós deixamos as Matteracks em uma nuvem feita por nós mesmos, com a Guarda Gilden estendendo-se por oitocentos metros de um caminho sinuoso de montanha. O brilho deles não durou muito e nós viramos uma tropa cinzenta ao chegarmos às planícies.

Makin e eu viajamos juntos pelas curvas da estrada na qual uma vez encontramos o Príncipe de Arrow indo em direção aos meus portões. Makin parecia mais velho agora, com alguns cabelos brancos, rugas de preocupação em sua fronte. Na estrada, Makin sempre parecera feliz. Desde que conquistamos fortuna e castelos ele havia começado a se preocupar.

"Você vai sentir falta dela?", ele perguntou. Durante uma hora, apenas o plic ploc dos cascos no chão de pedra, e aí, do nada, "Você vai sentir falta dela?".

“Não sei.” Eu havia me afeiçoado à minha rainhazinha. Quando queria, ela sabia me excitar, como a maioria das mulheres; e eu não sou difícil de agradar. Mas eu não ardia por ela, não precisava tê-la, mantê-la à minha vista. Mais do que carinho, eu gostava dela, respeitava sua mente ágil e suas tendências ocultas implacáveis. Mas eu não a amava, não aquele amor irracional e bobo que pode dominar um homem, levá-lo embora e fazê-lo encalhar em uma praia desconhecida.

“Você não sabe?”, ele perguntou.

“Nós vamos descobrir, não vamos?”, respondi.

Makin balançou a cabeça.

“Como se você fosse o defensor do amor verdadeiro, Lorde Makin”, eu lhe disse. Nos seis anos desde que chegamos ao Assombrado, Makin não teve mulher nenhuma e se havia uma amante ou até mesmo uma puta favorita ele a mantinha bem escondida.

Ele deu de ombros. “Eu me perdi na estrada, Jorg. Aqueles foram anos negros para mim. Não sou boa companhia para nenhuma mulher que eu desejasse.”

“O quê? E eu sou?” Eu me virei na sela para observá-lo.

“Você era jovem. Um menino. O pecado não gruda na pele de uma criança do jeito que se prende à de um homem.”

Minha vez de dar de ombros. Ele parecera mais feliz quando estava matando e roubando do que ao se lembrar daquilo em seus salões abobadados. Talvez ele apenas precisasse se preocupar com alguma coisa novamente, para que parasse de se preocupar.

“Ela é uma boa mulher, Jorg. E fará de você um pai em breve. Já pensou nisso?”

“Não”, respondi. “Eu me esqueci.” Na verdade, porém, aquilo surgia em meus pensamentos em cada hora do dia e em muitas horas da noite. Eu não conseguia encontrar uma maneira de lidar com a ideia e ela realmente escapou de mim. Eu sabia que uma criança berrante

apareceria em breve, mas o que isso significaria para mim – o que significava ser pai – eu não fazia ideia. Coddin me disse que eu saberia o que sentir. O instinto me diria – algo escrito no sangue. E talvez aquilo viesse até mim, como um espirro quando há pimenta no ar, mas até isso acontecer eu não tinha como imaginar.

"Talvez você seja um bom pai", disse Makin.

"Não." Não importava se eu havia compreendido o processo ou não, eu seria um péssimo pai. Havia falhado com meu irmão e sem dúvida falharia com meu filho. De alguma forma, a maldição que Olidan de Ancrath lançou sobre mim, e que provavelmente recebeu de seu próprio pai, infectaria qualquer criança minha.

Makin apertou os lábios, mas teve a elegância ou a sabedoria de não discutir.

Não há muito das Terras Altas de Renar que seja plano o bastante para plantações, mas perto da fronteira com Ancrath a terra para de subir e descer por tempo suficiente para o cultivo e para uma espécie de urbe: a Cidade de Hodd, a minha capital. Dava para ver sua mancha no horizonte.

"Vamos acampar aqui", eu disse.

Makin inclinou-se em sua sela para avisar a Sir Riccard, e ele ergueu minhas cores em sua lança.

"Nós podíamos chegar até a Cidade de Hodd", Makin disse. "Estaríamos lá uma hora depois do pôr do sol."

"Camas ruins, oficiais sorridentes e pulgas." Eu desci da sela de Brath. "Prefiro dormir em uma tenda."

Gorgoth se sentou. Ele deixou a guarda trabalhar em volta dele, amarrando seus cavalos, organizando a comida deles, montando os pavilhões, cada um com lugar para seis homens, com duas fitas penduradas no centro, com as cores preta e dourada do imperador.

Keppen e Grumlow jogaram seus alforjes do lado da leucrota e se sentaram sobre eles para jogar dados.

"Devíamos ao menos passar pela cidade amanhã, Jorg." Makin amarrou a bolsa de alimentação no nariz de seu cavalo e se virou para mim. "As pessoas adoram ver a guarda passar. Dê-lhes isso, ao menos."

Dei de ombros. "Já basta eu manter a corte nas Terras Altas. Você acha que eles se esqueceram de que eu tenho um *palácio* maior do que a Cidade de Hodd inteira lá em Arrow?"

Makin manteve seus olhos nos meus. "Às vezes, parece que você se esqueceu, Jorg."

Eu me virei e me agachei para ver os dados rolarem. A dor em minhas coxas me avisava que eu ficara tempo demais no trono, na cama e no salão de banquete. Makin estava certo: eu devia viajar através dos meus sete reinos, mesmo que fosse apenas para passar o tempo e manter as lições da estrada frescas em minha memória.

"Filho da puta!", Keppen cuspiu. Todos os cinco dados de Grumlow deram seis. Keppen começou a esvaziar seu saco de moedas, cuspiu novamente e jogou a coisa toda aos pés de Grumlow. Eu balancei a cabeça. Parecia um desperdício de boa sorte desafiar tais probabilidades por um saco de moedas.

"Não use toda a sua sorte, irmão Grumlow. Você pode precisar dela depois." Eu me levantei novamente, contendo-me para não amaldiçoar minhas pernas.

Eu não queria morar no palácio que o Príncipe Orrin havia construído para Katherine. Passei algumas semanas lá após garantirmos a lealdade dos senhores sobreviventes de Arrow. O prédio me lembrava Orrin, austero porém esplêndido, arcos altos, colunas de pedra branca. Poderia ter sido copiado das ruínas da Macedônia onde Alexandre conquistou a grandeza. Eu perambulei pelos muitos aposentos com os irmãos como meus guardas e meus capitães planejando a captura das conquistas

remanescentes de Arrow. O palácio parecia abandonado, apesar de ter centenas de funcionários, todos eles estranhos. No fim, eu fiquei feliz de viajar para assegurar Normardy, o que de alguma maneira foi um alívio, embora tenha sido a mais sangrenta das campanhas daquela primavera.

Se a vida no Assombrado havia me deixado mole demais para um dia na sela, então era melhor eu evitar o luxo daquele palácio. Melhor as montanhas do que as planícies, melhor o uivo do vento em picos cobertos de neve do que o ar desagradável do Mar Calmo, carregado com o fedor das Ilhas Submersas. Além disso, em Ancrath e em Renar o sangue de minha linhagem corria mais grosso. Eu podia não ansiar pelo calor da família, mas em tempos problemáticos é mais prudente estar rodeado de súditos que seguem por hábito do que por medo recém-conquistado.

Uma chuva suave começou a cair conforme a luz se apagava. Eu apertei mais minha capa e fui até uma das fogueiras do acampamento.

"Uma tenda para o rei!", Sir Riccard gritou, segurando o braço de um guarda que passava.

"Uns pinguinhos não vão me fazer mal", eu lhe disse. Um bom espadachim, Riccard, e corajoso, mas muito apegado a seu posto e dado a gritar.

Passar o tempo em volta da fogueira, em meio ao agito dos guerreiros, era mais do meu agrado do que ficar observando as paredes de uma tenda se balançando e batendo, e imaginando o que poderia estar por trás delas. Eu assisti aos guardas organizando o acampamento deles e deixei o aroma das panelas provocar meu nariz.

Quando você está em uma tropa de mais de trezentos, um pequeno exército, todos os simples assuntos da estrada requerem disciplina. Trincheiras de latrina precisam ser cavadas, uma vigília organizada em um perímetro defensável, cavalos levados até pasto e água. Lá se foram

as facilidades que serviam ao nosso grupo de irmãos nas estradas de minha infância. A escala muda tudo.

Um capitão da guarda trouxe uma cadeira para mim, uma peça de mobília de campanha que se dobrava em um pacote achatado, com cantos em latão para resistir às batidas da viagem. Capitão Harran me encontrou sentado nela com uma tigela de carne de cervo e batatas em meu colo, comida de meus próprios depósitos no Assombrado, sem dúvida. A guarda esperava se abastecer onde quer que parasse – uma espécie de roubo legalizado pelos últimos ecos do Império.

"Há um padre querendo vê-lo", disse Harran. Eu o deixei soltar um "Rei Jorg" em meu silêncio expectante. Os capitães da Guarda Gilden têm um leve desprezo pela Centena e são propensos a rir de nossos títulos por trás de seus capacetes tão lustrosos.

"Um padre? Ou talvez o bispo da Cidade de Hodd?", perguntei. A Guarda Gilden também tem pouco respeito pela Igreja de Roma, um legado de séculos pontuado por disputas ferrenhas entre imperadores e papas. Para os partidários do imperador, Vyene é a cidade sagrada e Roma é irrelevante.

"Sim, um bispo", Harran assentiu com a cabeça.

"O chapéu idiota os entrega", eu disse. "Sir Kent, se você puder vá e escolte padre Gomst até nosso pequeno círculo de piedade. Eu não quero que ele se magoe no meio da guarda."

Eu me recostei em minha cadeira e bebi de um caneco de cerveja que me trouxeram, um troço amargo das cervejarias do Ost-Reich. Rike observava o fogo, roendo um osso de sua refeição. A maioria dos homens olha para as chamas como se procurando respostas no mistério daquela dança brilhante. Rike apenas franzia o rosto. Gorgoth chegou e se ajeitou, perto o suficiente para que o brilho o iluminasse. Assim como eu, ele tinha uma medida de compreensão quando olhava para dentro das chamas. A mágica que eu tomara emprestada de Gog se

extinguiu de mim no dia que derrotamos os homens de Arrow no Assombrado – ela nunca havia sido realmente minha. Acho, porém, que Gorgoth molhou as mãos na fonte em que Gog bebia. Não que fosse jurado pelo fogo como Gog, mas com um toque daquilo correndo em suas veias.

Grumlow nos alertou sobre a chegada do bispo Gomst, apontando para a mitra balançando sobre as cabeças dos guardas enfileirados diante da tenda de refeições. Nós o observamos conforme se aproximava, chegando em seu traje completo, com seu cajado para se apoiar e arrastando os pés, embora ele não fosse mais velho do que Keppen, que podia subir uma montanha correndo antes do almoço, se fosse preciso.

"Padre Gomst", eu disse. Eu o chamara assim desde sempre e não via motivos para mudar simplesmente porque ele havia mudado de chapéu.

"Rei Jorg." Ele curvou a cabeça. A chuva começou a engrossar.

"E o que faz o bispo da Cidade de Hodd sair em uma noite úmida como esta quando podia estar se aquecendo diante das velas votivas postas em sua catedral?" Um ponto sensível, já que a construção da catedral estava pela metade. Eu ainda cutucava o velho Gomsty como se ele estivesse preso naquela jaula onde o encontramos anos atrás. Meu tio havia exagerado quando encomendou o projeto da catedral, um plano malfeito concebido no mesmo ano que minha mãe me pôs no mundo. Talvez outra decisão ruim. Em todo caso, o dinheiro acabara. Catedrais não saem baratas, mesmo na Cidade de Hodd.

"Preciso falar com você, meu rei. E é melhor aqui do que na cidade." Gomst ficou de pé, com a chuva escorrendo pelas curvas de seu cajado e a roupa enlameada.

"Peguem uma cadeira para o homem", gritei. "Vocês não podem deixar um homem de Deus em pé na lama." Em seguida, com voz mais baixa: "Diga-me, padre Gomst".

Gomst levou um tempo para se sentar, ajeitando suas vestes, as barras grossas com lama. Eu esperava que ele viesse com um padre ou dois, ou ao menos com um coroinha para carregar a cauda de seu traje, mas meu bispo se sentou diante de mim desacompanhado, ensopado da chuva e parecendo mais velho do que era.

"Houve um tempo que os mares se elevaram, Rei Jorg." Ele segurou com força seu cajado e olhou para a outra mão em seu colo. Gomst nunca contava histórias. Ele repreendia ou elogiava, dependendo da posição de sua plateia.

"Os mares se elevam todos os dias, padre Gomst", eu disse. "A lua influencia as águas profundas assim como influencia o sangue das mulheres." Eu sabia que ele estava falando da Inundação, mas era muito fácil atormentá-lo.

"Houve anos não contados quando os mares eram baixos, quando as Ilhas Submersas eram a grande terra de Brettan e as Terras do Nunca alimentavam um Império, antes de o Mar Calmo roubá-las. Mas as águas se elevaram e mil cidades se afogaram."

"E você acha que os oceanos estão se aprontando para outra mordida?" Sorri e estendi a mão para aceitar a chuva. "Vai chover por quarenta dias e quarenta noites?"

"Você teve uma visão?" Uma pergunta áspera de pulmões chamuscados. Kent, o Rubro, chegou e se agachou ao lado da cadeira de Gomst. Desde que sobrevivera ao incêndio no Assombrado, Sir Kent sofria de um caso grave de religião.

"Parece que escolhi bem ao constituir a corte nas montanhas", eu disse. "Talvez as Terras Altas se tornem o reino ilhado mais rico do novo mundo."

Sir Riccard riu-se daquilo. Eu raramente fazia uma piada que não encontrasse um eco nele. Makin contorceu um sorriso. Eu confiava mais naquilo.

“Estou falando de outra elevação, uma maré mais escura”, disse Gomst. Ele parecia determinado a bancar o profeta. “A mensagem está chegando de todos os conventos – de Arrow, Belpan, Normardy, do norte frio e dos Reinos Portuários. As freiras mais devotas da fé sonham com isso. Eremitas deixam suas cavernas para falar sobre o que a noite lhes traz, ícones sangram para testemunhar a verdade. O Rei Morto está se preparando. Navios negros aguardam ancorados. As sepulturas se esvaziam.”

“Nós já lutamos com os mortos antes e vencemos.” A chuva estava fria agora.

“O Rei Morto submergiu o último dos senhores de Brettan e controla todas as ilhas. Ele tem uma frota pronta para zarpar. Os mais santos veem uma maré negra se aproximando.” Gomst ergueu o olhar agora, encontrando meus olhos.

“Você viu isso, Gomst?”, eu perguntei.

“Eu não sou santo.”

Aquilo me convenceu de sua crença e de seu medo, pelo menos. Eu sabia que Gomst era um trapaceiro, um ímpio com uma barba de bode, de olho em seu próprio conforto e com uma predileção por discursos grandiosos porém vazios. Sinceridade vinda dele valia mais do que de outro homem.

“Você virá ao Congresso comigo. Envie esta notícia à Centena.”

Seus olhos se arregalaram, a chuva gaguejou de seus lábios. “Eu...eu não pertenço àquele lugar.”

“Você virá como um de meus conselheiros”, eu lhe disse. “Sir Riccard lhe cederá o lugar.”

Eu me levantei, sacudindo a água de meu cabelo. “Maldita chuva. Harran! Aponte-me minha tenda. Sir Kent, Riccard, levem o bispo de volta a sua igreja. Não quero nenhum monstro ou fantasma importunando-o em seu retorno.”

Capitão Harran me aguardava na fogueira seguinte e me conduziu a meu pavilhão, maior que o dos guardas, com chão de pele e almofadas pretas e douradas. Makin entrou depois de mim, tossindo e sacudindo a chuva, meu guarda-costas, embora um pavilhão tenha sido armado para ele como Barão de Kennick. Eu tirei minha capa e ela caiu provocando barulho, fazendo escorrer um bocado de água.

"Gomst nos manda para a cama com bons sonhos", eu disse, olhando em volta. Um baú de mantimentos estava à minha direita e uma cômoda havia sido colocada no outro lado. Lampiões de prata queimando óleo sem fumaça iluminavam minha cama, de madeira esculpida, com dossel, montada com partes carregadas por uma dúzia de guardas.

"Não tenho fé em sonhos." Makin pôs sua capa de lado e se balançou como um cachorro molhado. "Ou no bispo."

Um jogo de xadrez havia sido armado sobre uma delicada mesa ao lado da cama; um tabuleiro de mármore preto e branco, com peças de prata encravadas de rubis ou esmeraldas para indicar o lado correto.

"A guarda monta suas tendas com mais imponência que meus aposentos no Assombrado", eu disse.

Makin inclinou a cabeça. "Eu não confio em sonhos", ele repetiu.

"As mulheres de Hodd não usam azul." Comecei a desafivelar minha couraça. Eu podia mandar um garoto fazer isso, mas criados são uma doença que deixam você aleijado.

"Você é um observador de moda agora?" Makin desfazia sua própria armadura, ainda pingando sobre as peles.

"O preço do estanho está quatro vezes maior do que quando conquistei o trono de meu tio."

Makin sorriu. "Eu me esqueci de algum convidado? Você está falando com outra pessoa que não seja eu?"

“Aquele soldado seu... Osser Gant? Ele me entenderia.” Deixei minha armadura onde ela caiu. Meus olhos continuavam se voltando para o tabuleiro de xadrez. Ele havia armado uma para mim, também na minha última viagem ao Congresso. Todas as noites. Como se ninguém pudesse chegar ao trono sem ser um jogador desse jogo.

“Você me trouxe até a água, mas não consigo bebê-la. Fale claramente comigo, Jorg. Sou um homem simples.”

“Comércio, Lorde Makin.” Eu empurrei um peão, experimentalmente. Um peão com olhos de rubi, criado da rainha negra. “Nós não temos comércio com as Ilhas, estanho, pastel-dos-tintureiros, redes de Brettan, nem aqueles machados legais deles ou aqueles carneirinhos resistentes. Nós não temos comércio e navios negros são vistos saindo de Conaught, navegando o Mar Calmo, mas as embarcações nunca chegam ao porto.”

“Houve guerras. Os senhores de Brettan estão sempre brigando.” Makin deu de ombros.

“Chella falou sobre o Rei Morto. Eu não confio em sonhos, mas confio na palavra de um inimigo que acha que me tem completamente em seu poder. Os mortos do pântano mantêm os exércitos de meu pai ocupados na fronteira. Nós teríamos tido nosso acerto de contas anos atrás, meu pai e eu, se ele não estivesse tão preocupado em se agarrar ao que possui.”

Makin assentiu com a cabeça. “Kennick também sofre. Todos os homens armados que respondem a mim estão empenhados em manter os mortos confinados nos pântanos. Mas um exército deles? Um rei?”

“Chella era rainha do exército que reuniu em Cantanlona.”

“Mas navios? Invasões?”

“Há mais coisas entre o céu e a terra, Makin, do que sonha vossa vã filosofia.” Eu me sentei na cama e girei o tabuleiro de xadrez para que a rainha branca e seu exército ficassem na direção dele. “Faça sua jogada.”

Makin teve seis vitórias antes de eu mandá-lo apagar os lampiões. O fato de ele levar suas seis vitórias ao chão e eu levar minha única vitória ao luxo de uma cama não me confortou. Eu caí no sono com as peças piscando diante de mim, quadrados pretos, brancos, o brilho de rubis e esmeraldas.

Durante a noite, uma violenta tempestade desabou, açoitando a lona. Tendas são presunçosas, contando histórias exageradas do clima contra o qual elas protegem. O som era de um dilúvio pronto para afogar o reino e um vento que podia varrer as rochas das encostas das montanhas. Debaixo de um cobertor natural, enrolado sob uma cerca viva, talvez a chuva forte não me acordasse, mas sob a grande batucada no teto da tenda fiquei olhando para a escuridão.

Às vezes, é bom ouvir a chuva sem ficar molhado, saber que o vento está uivando mas não sentir a respiração dele. Eu esperei naquela escuridão confortável e atemporal, e finalmente o cheiro de almíscar branco apareceu, seus braços em volta de meu peito, e então ela me puxou para os sonhos. Parecia não haver urgência nesta noite.

"Tia Katherine." Com certeza meus lábios contorceram as palavras enquanto eu dormia.

No começo, Katherine me mandava apenas pesadelos, como se ela se considerasse minha consciência e precisasse me atormentar com meus crimes. Várias vezes, o bebê Degran morreu em minhas mãos e eu acordei gritando, ensopado de suor, um perigo para quem quer que compartilhasse minha cama. Eu passei noites assando no fogo lento do sofrimento de Sareth, mostrado de todos os ângulos pelas artes que sua irmã aprendeu enquanto era casada com o Príncipe de Arrow. Miana não conseguiu ficar em meu quarto e colocou uma cama para si na torre leste.

Prometida pelo sonho, eu disse a mim mesmo. Ela é uma bruxa do sonho. Da laia de Sageous. Mas isso não me impedia de desejá-la. Eu pintei a imagem de Katherine sobre a tempestade escura de minha imaginação. Como ela nunca se mostrou, gerei minha primeira imagem dela, aquela memória gravada de quando nos trombamos nos corredores do Castelo Alto.

Katherine me mostrou seus entes queridos – aqueles que eu havia matado. Sir Galen, defendendo-a durante sua juventude iluminada em Scorron, e sua criada Hanna, em uma época quando ela parecia menos azeda e proporcionava um conforto de criança-princesa em uma corte sem amor. Em sonho, Katherine fez eu me importar com suas preocupações, seu povo, torcendo-me com a estranha lógica da mente adormecida de tal modo que elas pareciam importantes, reais, tão reais quanto as memórias de antes dos espinhos. E tudo isso na luz forte demais do sol de Gelleth, o brilho avassalador daquele sol dos Construtores, sempre atrás de mim, lançando minha sombra como um dedo escuro no meio de suas vidas.

Deixei seus braços me afundarem depois da meia-noite. Eu nunca resistira a ela, embora achasse que podia, e ainda acho que talvez fosse seu desejo que eu o fizesse. Mais do que me mostrar os erros que eu havia cometido, mais até do que me fazer sentir como ela havia se sentido, acho que queria que eu lutasse com ela, resistisse a seu feitiço, fechasse meus olhos sonhadores e tentasse escapar. Mas eu não o fiz. Disse a mim mesmo que escolhi enfrentar o que temia. Que os tormentos dela me arderiam até me libertar do sentimento. Mas na verdade eu gostava dos braços dela em volta de mim, a sensação de tê-la ao alcance da mão, tocando porém intocável.

Suspiros de luz me atingiram através da noite sem estrelas. Ultimamente, os sonhos para os quais me atraía eram mais confusos, desfocados, como se ela também estivesse sonhando. Eu a via ou a

tocava, nunca as duas coisas. Nós andávamos pelo Castelo Alto ou pelo Palácio de Arrow, seu vestido esvoaçava, o silêncio nos amarrava, as paredes envelheciam e desmoronavam conforme passávamos. Ou eu sentia o cheiro dela, abraçava-a, mas estava cego, ou via apenas as sepulturas de Perechaise.

Esta noite, porém, o sonho veio frio e nítido. Pedras quebradas eram trituradas sob meus sapatos, a chuva me açoitava. Eu escalei uma encosta, curvado contra a tempestade. Meus dedos se mexiam sobre a rocha natural, uma muralha erguendo-se à minha frente. Conhecia cada sensação, mas não tinha o menor controle, como se eu fosse um fantoche e outrem segurasse os fios.

"Que lição é esta, Katherine?"

Ela nunca falava comigo. Assim como eu nunca resistia a ela, ela nunca falava. Inicialmente, os sonhos que ela causava em mim eram todos de raiva e vingança. Frequentemente ainda carregavam esse ranço, mas também acho que ela experimentou, treinou seu talento – como um espadachim aprimora sua técnica e acrescenta novos golpes a seu repertório. Essas eram as habilidades de Sageous. Agora que vivia novamente sob o teto de meu pai, talvez minha tia fizesse o papel do pagão, embora eu não soubesse se ela, como Sageous, espalhava uma sutil teia de influências e aos poucos virava a Centena para os caminhos de Olidan Ancrath ou, na verdade, para os dela próprios.

A tempestade passou sem avisar e o vento parou, embora eu o tenha escutado gemer atrás de mim. Uma caverna de alguma espécie. Eu havia passado pela entrada estreita de uma caverna. Eu me agachei e tirei a bolsa de meu ombro. Dedos certeiros encontraram uma pederneira e um pavio. Em instantes, acendi o lampião que peguei em um bolso da sacola. Eu teria ficado orgulhoso de meu trabalho, mas as mãos que o realizaram, as mãos que seguraram a pederneira e acenderam a chama não eram minhas. O lampião as exibiu pálidas, como a pele que fica

tempo demais debaixo d'água, e com dedos longos. Eu tenho dedos longos, mas estes eram aranhas brancas rastejando sob as sombras da lanterna.

Eu segui adiante, ou melhor, o homem cuja pele eu compartilhava seguiu adiante e me levou consigo. O brilho do lampião se estendia e não encontrava quase nada que o refletisse. Minha visão ficou no ponto a que foi dirigida pelo dono dos olhos através dos quais eu enxergava – no chão, na maior parte do tempo, de rocha natural suavizada pela passagem de muitos pés. Uma olhada ocasional à direita e à esquerda mostrava cachoeiras de pedra congelada e galerias sobrenaturais onde estalagmites alcançavam as estalactites. E eu sabia por onde andava. A poterna de ataque leste do Assombrado. O homem pálido havia escalado no escuro da tempestade e adentrado a poterna pela fenda camuflada no alto da lateral do Runyard.

O homem se movia confiantemente. Embora muitas viradas e curvas levassem ao desconhecido escuro, não eram necessárias habilidades especiais para encontrar o caminho, polido como estava por incontáveis antecessores. O sonho parecia correto, contando com minhas memórias para se materializar. Um calafrio passou por mim, embora não pelo homem pálido. Se Katherine almejava a precisão, então logo uma mão negra envolveria o intruso, vinda das sombras, e o puxaria com uma força inexorável e uma velocidade misericordiosa até a bocarra escancarada de um troll. Eu esperava não sentir aqueles dentes pretos pressionando minha carne, mas parecia provável. O fedor deles já chegava ao meu nariz e o colarinho irritava meu pescoço.

Ele andou pelo caminho e nenhuma mão veio pegá-lo. Se pudesse segurar a respiração eu teria soltado um suspiro entredentes. Por um momento, o sonho me convencera de que eu estava ali, mas não estava; os trolls de Gorgoth guardavam os caminhos subterrâneos até O Assombrado e muitas outras rotas secretas.

Nós chegamos agora a túneis cavados a mão, talhados na pedra para unir O Assombrado às cavernas naturais. O homem parou, não muito longe do mais profundo dos porões do Assombrado. À frente, uma mancha de escuridão engolia a luz do lampião e não dava nada em troca. Por longos momentos, ele ficou parado, imóvel, quase inumano em sua falta de movimento ou tremor. Quando avançou, ele se moveu com os pés ligeiros, o cabo frio de uma faca em seu punho, embora eu não pudesse ver a lâmina. Um único troll estava do outro lado da pedra bruta, esparramado com seus longos braços estendidos. O rosto da fera estava aninhado, escondido atrás da mancha escura de seu ombro. Ele podia estar morto, mas, ao observar com cuidado, o homem pálido e eu vimos o lento sobe e desce de suas costas conforme a criatura respirava.

Sem pressa, o homem passou em torno do troll adormecido, abaixando-se onde o teto do túnel descia, escolhendo o caminho sobre pernas pretas.

"Um sonho pobre, Katherine", eu falei, sem a necessidade dos lábios dele. "Trolls são feitos para a guerra. Está escrito na cara deles. O cheiro deste homem teria acordado uma dúzia deles e feito suas bocas salivarem de fome."

Meu acompanhante encontrou a porta de madeira que dava para as adegas do Assombrado. Ele arrombou a fechadura com golpes pesados, apropriados para um mecanismo tão velho e sólido. Uma gota de óleo para retirar qualquer rangido das dobradiças e ele a abriu, atravessando-a sem a menor hesitação. Foi então que vi sua faca, uma ferramenta de assassino, longa e fina, com o torneado cabo de osso branco.

Ele apareceu na frente falsa do enorme barril que disfarçava a saída. Escorado em um barril de verdade, em frente ao falso e quase do mesmo tamanho, estava um guarda vestindo minhas cores, com o capacete de lado, pernas esticadas à frente, a cabeça também pendendo para a frente, dormindo. Eu me agachei diante dele. Senti meus quadris

se apoiarem em meus calcanhares, senti o esforço dos músculos de minhas coxas, a aspereza do cabelo loiro e sujo do guarda ao puxar sua cabeça para trás. Eu o conhecia. O nome tremulou por trás de meus pensamentos. Rodrick, um cara pequeno, mais novo que eu, que uma vez eu encontrara escondido em minha torre, quando Arrow cercou o castelo. Minha faca estava fria contra o pescoço dele agora e ainda assim o sujeito não se mexeu. Eu estava quase abrindo seu pescoço só por ser um guarda tão inútil. Ainda assim, foi um choque quando minha mão desceu mais e enterrou a lâmina em seu coração. Aquilo o acordou! Rodrick me observou com olhos magoados, a boca contorcida porém silenciosa, e morreu. Eu esperei. Todos os sinais de movimento deixaram o garoto, mas eu ainda esperei. E então puxei minha faca. Saiu muito pouco sangue. Limpei minha lâmina em sua túnica.

O homem pálido tinha mangas pretas. Reparei naquilo antes de seu olhar encontrar as escadas e ele ir até elas. Deixou seu lampião ao lado de Rodrick e sua sombra abriu o caminho.

O homem andou pelos corredores e pelas passagens do Assombrado como se pertencesse àquele lugar. O castelo estava no escuro, apenas com uma luminária ocasional iluminando um canto ou porta. As persianas se agitavam, balançadas pelo vento, a água da chuva se empoçava embaixo, passando pelas soleiras e correndo sobre o chão de pedra. Parecia que meu pessoal se encolhia em suas camas enquanto a tempestade uivava, porque nenhum deles perambulava, nenhum criado carregando lampiões, nenhum cobrador pelo solo noturno, nenhuma empregada ou prostituta escapulindo das barracas dos guardas... nenhum guarda, aliás.

Finalmente, quando o assassino chegou à porta interna da torre leste, nós encontramos um guarda que não havia abandonado seu posto: Sir Graeham, cavaleiro de minha távola, dormindo em pé e mantendo-se a postos graças a uma combinação da armadura, de uma alabarda e da

parede. Mãos pálidas posicionaram a faca no espaço entre o gorjal e a ombreira. O assassino pôs a palma da mão sobre o cabo de osso da faca, posicionada para que um golpe forte perfurasse tanto o couro quanto a cota de malha e encontrasse a jugular por baixo. Ele parou, talvez pensando o mesmo que eu – que o cavaleiro faria um barulho e tanto se caísse. Nós paramos tão próximos que eu podia aspirar o fedor de Sir Graeham a cada respiração dele. O vento uivou e eu enterrei a faca. Seu cabo machucou a mão que não era minha, mas a ponta machucou mais Sir Graeham, que caiu, contorcendo-se. Seu peso o afastou da faca.

De novo o assassino limpou sua lâmina. Desta vez, na capa vermelha do cavaleiro, lambuzando-a com um tom mais claro. Era impertinente, este aqui.

Ele encontrou a chave no cinto de Graeham e destrancou a porta de carvalho, presa com ferro e forçosamente polida pelo constante toque de mãos. Embora a porta fosse velha, seu vão era ainda mais velho. Os pergaminhos de meu tio contavam histórias de um tempo quando O Assombrado era apenas a torre leste, uma única torre de vigília erguida no ombro da montanha, com um acampamento militar na base. E mesmo esses homens, que lutaram com as tribos de Or e forjaram uma fortaleza nas Terras Altas, não foram os que construíram a torre. Há coisas escritas naquele arco, mas o tempo esqueceu até mesmo o nome do texto. Seu significado ultrapassou o conhecimento.

O assassino ficou sob o vão da porta e as runas cravadas na chave. A dor me atravessava, os espinhos encontraram minha pele, enganchando-se na carne e no sangue de modo que não se soltariam facilmente, como a flecha farpada que precisa ser cavada para se soltar, ou o cachorro travado que precisa matar antes que os músculos e tendões em sua mandíbula possam se abrir e seus dentes se soltem do osso. Doeu, mas encontrei minha liberdade, separada do corpo que me aprisionava. Ele andou adiante, sem parar, e eu cambaleei atrás, seguindo-o conforme

ele subia a escada. Na parte de trás de sua capa preta, uma cruz havia sido costurada em seda branca. Uma cruz sagrada.

Eu corri para cima dele, mas o atravessei como se eu fosse o fantasma, embora na verdade tenha sido eu a me arrepiar com o contato. A luz do lampião me apresentou seu rosto quando me virei, apenas por um instante antes de ele me atravessar e me deixar de pé nas escadas. O homem não tinha cor, seu rosto era da mesma palidez, da mesma cor desbotada de suas mãos, o cabelo grudado sobre a cabeça, a íris de seus olhos combinando com a brancura do entorno. Ele carregava uma cruz bordada em seda branca na frente de sua túnica, ecoando a de suas costas. Era um assassino papal, então. Somente o Vaticano envia assassinos para o mundo com um endereço de retorno. O restante de nós preferia não ser pego usando tais agentes. O assassino papal, no entanto, é meramente uma extensão da infalibilidade da papisa – como pode haver vergonha de executar a palavra de Deus? Por que tais homens se utilizam do anonimato?

Esparramado em uma alcova saindo da escadaria, o irmão Emmer estava morto para o mundo. O assassino se ajoelhou e cravou sua faca para garantir que fosse um estado permanente das coisas. Emmer havia demonstrado pouco interesse em mulheres na estrada e parecia uma boa escolha para vigiar minha rainha. Observei o homem da papisa subir as escadas até a curva da torre tirá-lo de vista. O sangue de Emmer jorrava escada abaixo, degrau por degrau, numa cascata carmesim.

Eu nunca resisti a Katherine, nunca tentei escapar de suas ilusões, mas isto não significava que eu tinha de cooperar. De alguma maneira, eu havia me libertado do assassino e não tinha motivo para observar o que mais ele pudesse fazer. Matar minha rainha, sem dúvida. Miana estaria dormindo no quarto ao final das escadas, se Katherine se ativesse à planta do castelo que havia roubado de minha memória. Será que devo

segui-lo, feito um idiota, e ver a garganta de Miana ser cortada? Vê-la se debater em seu sangue com meu filho morrendo dentro dela?

Eu fiquei parado na escuridão apenas com os ecos da luz do lampião vindos da curva da escadaria acima e abaixo.

"Sério? Você acha que pode me mostrar algo que vá me machucar?", falei para o ar. "Você já caminhou em minhas lembranças." Eu a deixava vagar por onde quisesse quando ela vinha com seus pesadelos. Achei que talvez desafiá-la pelos longos corredores de minha memória fosse mais tormento para ela do que seus castigos eram para mim. Mesmo com a chave de cada uma de minhas portas em sua mão, eu sabia que havia lugares em mim aonde ela não ia. Quem em sã consciência iria?

"Vamos jogar este jogo, princesa, até o fim. Vamos descobrir se você acha o fim amargo demais."

Corri escada acima; o contato entre pé e pedra era leve e sem esforço, como se apenas dentro do corpo do assassino eu pudesse de fato tocar este sonho. Eu o alcancei em instantes e o ultrapassei, vencendo a corrida até o topo.

Marten estava aguardando, agachado diante da porta da rainha, a espada e o escudo no chão, seus olhos vermelhos e ferozes. O suor grudava o cabelo escuro em sua testa e caía até os tendões tensos de seu pescoço. Empunhava uma adaga, golpeando constantemente sua palma aberta. Sua respiração vinha em suspiros curtos e o sangue escarlate escorria de sua mão.

"Resista", eu lhe disse. Apesar de minha determinação, eu me vi atraído por sua dificuldade de ficar acordado e proteger Miana.

O assassino apareceu no campo de visão – a minha visão, não a de Marten. Ele parou, farejou o ar sem fazer barulho e levantou a cabeça para ouvir a leve arfada da dor de Marten. Quando parou, saltei para cima dele, determinado a me estabelecer em volta de seus ossos, agarrando-me a qualquer coisa tangível. Um momento de agonia cega e

eu mais uma vez enxergava pelos olhos dele. Senti gosto de sangue. Ele também sentiu a dor de se reunir a mim e, embora não tenha gritado, uma respiração bem funda passou por seus lábios. Talvez fosse o suficiente para alertar Marten.

O homem da papisa pôs a mão em sua túnica, substituindo a faca longa de cabo de osso e sacando duas adagas curtas e pesadas, cruciformes, perfeitas para se atirar. Ele se mexeu bem rápido e mergulhou no campo de visão de Marten, lançando ao mesmo tempo a primeira de suas facas, com apenas um movimento do pulso, mas com uma força letal.

Marten se atirou quase no mesmo instante que o encaramos, talvez um instante mais lento devido ao peso do sono que ele negava. A adaga do assassino atingiu algum lugar entre o pescoço e a barriga – eu escutei os elos da cota se rompendo. Ele passou por nós com um rugido e o pé do assassino voou, batendo no queixo de Marten e atirando-o contra a parede curvada. O impulso o carregou ruidosamente para baixo das escadas, tombando. Nós hesitamos, como se não soubéssemos se devíamos continuar e checar se algum osso permanecia inteiro. A umidade quente abaixo de nosso joelho convenceu o assassino do contrário. De alguma maneira, Marten o havia cortado ao passar. O homem da papisa cambaleou em direção à porta, chiando pela dor que agora se espalhava do corte que Marten deixou em nós. Ele parou para amarrar uma atadura, uma faixa de seda arrancada de um bolso, apertou-a bem forte e em seguida avançou pelos degraus.

As chaves haviam caído escada abaixo com Marten e o homem da papisa pegou suas ferramentas mais uma vez para arrombar a fechadura. Demorou mais do que antes, pois a porta da rainha possuía um mecanismo complicado que talvez fosse tão velho quanto a torre. Antes de ela ceder ao nosso paciente trabalho, as pedras do chão já

estavam empoçadas com o sangue do assassino, tão vermelho quanto o de qualquer homem, apesar da palidez de sua pele.

Nós ficamos de pé e eu senti sua fraqueza – perda de sangue e alguma outra coisa. Ele torceu algum músculo que eu não compartilhava, mas eu sabia que o esforço o cansara. Talvez o sono abrangente tenha lhe custado caro.

A porta se abriu sem som. Ele pegou o lampião do gancho onde Marten havia se agachado e entrou. A força de sua imaginação começou a me alcançar conforme sua excitação finalmente aumentava. Eu vi as imagens surgindo em sua mente. De repente, com sonho ou sem sonho, eu queria que ele fracassasse. Não queria que ele mutilasse Miana, que ele a cortasse, a abrisse. Eu não tinha o menor desejo de ver a ruína vermelha de meu futuro filho, arrancado de dentro dela. O medo me surpreendeu, brutal e primevo, e eu sabia que era somente meu, não algo compartilhado com Katherine. Eu me perguntei se aquilo podia ser um eco do que Coddin me avisara que eu sentiria por meu filho (ou filha) ao vê-lo pela primeira vez. Se isso fosse verdade, então eu tive minha primeira noção de quão perigosa essa união podia ser.

Na penteadeira ao lado da cama, o brilho da corrente de prata que eu dera a Miana no dia de sua santa protetora. Sob as cobertas, uma forma amontoada nas sombras, mãe e filho, em sono suave.

"Acorde." Como se dizer fosse fazer acontecer. "Acorde." Toda a minha vontade e nem mesmo um tremor nos lábios dele.

A certeza fria me agarrou pelo pescoço. Era real. Era agora. Eu estava dormindo em minha cama em uma tenda, Miana dormia na dela a quilômetros de mim, e a morte pálida aproximava-se dela.

"Katherine!" Eu gritei seu nome dentro da cabeça dele. "Não faça isso!"

Ele se aproximou da cama com uma das facas erguida e pronta. Talvez apenas o tamanho da protuberância sob as cobertas o tenha impedido de atirar a faca imediatamente. Miana não poderia ser considerada uma

mulher grande, nem mesmo com um bebê prestes a sair dela. Parecia que estava acompanhada. Eu podia até ter pensado nisso, se não fosse por Marten à porta.

Outro passo, com sua perna machucada dormente e fria agora, seus lábios resmungando algum feitiço silenciosamente, como se suas mágicas refletissem seu andar instável e precisassem de apoio. Eu não tive aviso; meu braço – o braço dele – estirou-se para trás a fim de atirar a lâmina. Naquele momento, as cobertas se agitaram, eu ouvi um "tum" abafado e um punho me atingiu de lado, forte o bastante para me jogar para trás, girando duas vezes antes de bater contra a parede. Deslizei até o chão, com as pernas esticadas à frente, e olhei para baixo. Ambas as mãos pálidas tapavam minha lateral, com sangue jorrando entre os dedos e pedaços de carne pendurados.

As cobertas se levantaram e Miana me encarou, agachada em volta da massa negra da balestra do nubano, com os olhos arregalados e bravios por cima dela.

Minha mão direita encontrou o cabo de osso da faca maior. Cuspindo sangue, rastejei até ficar de pé, com o mundo girando à minha volta. Vi que nenhuma flecha restava na balestra. Dentro do assassino, eu me esforcei com todas as partes de meu ser para paralisar suas pernas, para abaixar a arma. Acho que desta vez ele sentiu. Moveu-se lentamente, mas permaneceu entre Miana e a porta. Ele abaixou os olhos até a barriga dela, esticada sob sua camisola.

"Pare!" Segurei seu braço com toda a minha força, mas ainda assim ele se mexeu para a frente.

Miana parecia ter raiva em vez de medo. Pronta para um assassinato sangrento.

Minha mão começou a avançar, atacando com a faca, mirando baixo, abaixo da balestra de Miana. Eu não podia impedir. A lâmina reluzente

perfuraria seu útero e o cortaria, e em uma poça de sangue ela morreria. Junto com nosso filho.

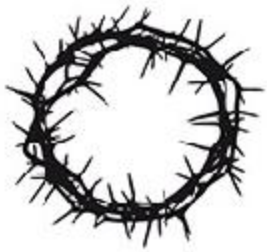
O assassino estocou e a um palmo de encontrar a pele nosso braço tremeu para fora, com toda a sua força eliminada por um golpe que cortou meu ombro. Eu me contorci ao cair, com as ferragens da balestra batendo em meu rosto. Marten estava a meu lado, um diabo vestido de sangue, com o rosnado velado de escarlate. Minha cabeça bateu no tapete e minha visão ficou turva. As vozes agora estavam distantes.

"Minha rainha!"

"Não estou ferida, Marten."

"Eu sinto muito, eu falhei com você, ele passou por mim."

"Não estou ferida, Marten... Uma mulher me acordou nos meus sonhos."



TRILOGIA DOS ESPINHOS

EMPEROR OF THORNS

3

“Está calado esta manhã, Jorg.”

Eu mastiguei meu pão: do Assombrado, de véspera e levemente duro.

“Ainda está se remoendo por causa do xadrez?” Senti o cheiro de cravo-da-índia conforme ele se aproximou. “Eu lhe disse que jogava desde os seis anos.”

O pão se partiu e espalhou farelos quando eu o abri. “Mande Riccard vir aqui, sim?”

Makin se levantou, bebendo seu café, uma infusão preta e fedorenta que os guardas adoram. Ele saiu sem questionar – Makin sabia ler as pessoas.

Riccard entrou com ele momentos depois, enlameando as peles do chão, com farelos de seu próprio desjejum em seu bigode amarelo.

“Majestade?” Ele fez uma reverência, provavelmente alertado por Makin.

“Quero que vá até O Assombrado. Fique um tempo lá. Fale com o chanceler Coddin e a rainha. Alcance-nos assim que puder com quaisquer informações. Se tais informações mencionarem um homem de pele branca, traga o cofre preto de minha tesouraria, o que tem uma águia prateada gravada na tampa, e dez homens para protegê-lo. Coddin providenciará.”

Makin ergueu uma sobrancelha, mas nem chegou perto de fazer uma pergunta.

Puxei o tabuleiro de xadrez para perto e peguei uma maçã da mesa. A maçã respingou quando foi mordida e gotículas de suco brilharam nos quadrados pretos e brancos. As peças estavam prontas em suas fileiras. Pus o dedo na rainha branca, fazendo um círculo lento para que ela rolasse em torno de sua base. Ou havia sido um sonho falso, com Katherine inventando tormentos melhores que antes, e Miana estava bem, ou havia sido um sonho real e Miana estava bem.

“Outra partida, Jorg?”, perguntou Makin. Por toda parte, do lado de fora, ouviam-se os sons do acampamento sendo desmontado.

“Não.” A rainha caiu, derrubando dois peões. “Cansei de jogos.”

TRILOGIA DOS ESPINHOS

EMPEROR OF THORNS

4

— CINCO ANOS ATRÁS —

Eu tomei O Assombrado e a coroa das Terras Altas em meu décimo quarto ano e suportei seu peso por três meses até sair para a estrada outra vez. Viajei para o norte até Heimrift e para o sul até a Costa Equina, e aos quinze alcancei o Castelo Morrow, sob a proteção do Conde Hansa, meu avô. Embora tenha sido sua cavalaria pesada que me atraíra até lá, e a promessa de um forte aliado ao sul, foram os segredos que estavam debaixo do castelo que me detiveram. Em um porão esquecido, um pequeno canto de um mundo perdido chegava até o nosso.

"Saia, saia de onde estiver." Bati o cabo de minha adaga contra a máquina. No porão apertado, ela fez bastante barulho até meus ouvidos doerem.

Nada ainda. Apenas o tremeluzir e o zumbido das três lâmpadas que ainda funcionavam acima.

“Vamos lá, rabugento. Você aparece para importunar todos os visitantes. Você é famoso por isso. E agora vai se esconder de mim?”

Batuquei o metal no metal. Um ritmo pensativo. Por que Fexler Brews se esconderia de mim?

“Pensei que fosse seu favorito.” Girei o anel de visão dos Construtores em minha mão. Fexler não me fizera trabalhar duro por ele e eu o considerava um presente melhor do que qualquer um que meu pai jamais me dera.

“Isto é um tipo de teste?”, perguntei. “Você quer alguma coisa de mim?”

O que um fantasma de um Construtor poderia querer de mim? O que ele não poderia tomar, ou fazer? Ou pedir? Se queria algo, por que não pedia logo?

“Você quer alguma coisa.”

Uma das lâmpadas piscou, faiscou e se apagou.

Ele precisa de alguma coisa minha mas não pode pedir.

Ergui o anel de visão até a altura do meu olho e mais uma vez vi o mundo – o mundo todo visto de fora, uma joia azul e branca pendurada na negritude que segura as estrelas.

Ele queria que eu visse alguma coisa.

“Onde você está, Fexler? Onde está se escondendo?”

Eu me mexi para tirar o anel de visão com desgosto quando um minúsculo ponto de luz chamou minha atenção. Um único ponto vermelho em todo aquele azul rodopiante. Apertei o anel mais forte contra os ossos de minha testa e da bochecha. “Onde você está?” E girei a lateral do anel para que o mundo crescesse embaixo de mim, como se eu caísse em direção a ele. Eu girei e conduzi, aproximando-me de minha presa, um ponto vermelho constante, atraindo-me até ele agora, cada vez mais rápido, até o anel não conseguir mostrar mais e o ponto ficar fixo acima de um monte árido em uma cordilheira que se estendia por terras erodidas a oeste da Costa Equina.

“Você quer que eu vá ali?”, perguntei.

Silêncio. Outra lâmpada se queimou.

Permaneci um momento diante da luz tremeluzente da última lâmpada, dei de ombros e subi as estreitas escadas em espiral até o castelo.

A sala de mapas de meu avô fica em uma torre alta com vista para o mar. Os rolos de mapas ficam em tubos de couro oleados, com um selo de cera em cada um com sua insígnia. Sete janelas estreitas deixavam a luz entrar, pelo menos nos meses em que a proteção contra tempestades não as deixam fechadas. Um escriba é empregado para cuidar do local e passa os dias ali, do nascer do sol até o anoitecer, pronto para abrir os tubos para qualquer um autorizado a ver o conteúdo e para selá-los novamente quando o trabalho terminar.

"Você nunca pensou em sugerir outro aposento?", perguntei ao escriba quando o vento tentou levar o mapa pela vigésima vez. Eu estava ali fazia uma hora, correndo atrás de documentos pela câmara, prestes a cometer um assassinato. Eu não sabia como Redmon não pegava uma balestra e atirava no pessoal lá embaixo, através de suas sete janelas. Peguei o mapa antes que voasse para fora da mesa e substituí os quatro pesos que ele havia deslocado.

"A boa ventilação é essencial para preservar o velino", Redmon disse. Ele mantinha o olhar em seus pés, girando a pena sem parar em sua mão. Acho que ele estava preocupado que eu pudesse estragar seus protegidos com meu temperamento. Se me conhecesse, teria se preocupado com sua própria saúde. Ele parecia estreito o suficiente para passar por uma das janelas.

Localizei os acidentes geográficos que o anel de visão me mostrou e encontrei a área geral do morro em particular onde o ponto vermelho permaneceu tão pacientemente. Eu me perguntei se haveria realmente uma luz vermelha brilhando naquele morro, tão forte que poderia ser vista dos recantos escuros do céu, mas raciocinei que ela não havia ficado mais

forte conforme minha visão se aproximou; portanto, devia ser algum artifício inteligente, como uma marca de cera em um espelho que parece passar por cima de seu reflexo.

"E o que isto significa?", perguntei, com um dedo em cima de um símbolo que cobria a região. Eu tinha quase certeza de que sabia. Havia símbolos parecidos marcados nos mapas de Ancrath na biblioteca de meu pai, abrangendo as regiões da Sombra do Mal, Leste Escuro e da Cicatriz de Kane. Mas talvez elas tivessem um propósito diferente no sul.

Redmon aproximou-se da mesa e se inclinou. "Regiões prometidas."

"Prometidas?"

"As terras de meia-vida. Não são lugares para se viajar."

Os símbolos tinham o mesmo propósito que tinham em Ancrath. Eles alertavam sobre impurezas remanescentes da guerra dos Construtores, manchas de seus venenos ou sombras do Dia dos Mil Sóis.

"E a promessa?", perguntei.

"A promessa do nobre Chen, é claro." Ele pareceu surpreso. "Que quando a meia-vida passar, essas terras serão devolvidas ao homem, para arar e plantar." Redmon empurrou os óculos de leitura com moldura de arame para cima do nariz e voltou a seus livros de registro na grande mesa em frente às prateleiras altas de escaninhos, cada um abarrotado de documentos.

Enrolei o mapa e o segurei como uma batuta. "Vou levar este para mostrar a Lorde Robert."

Redmon me observava com angústia conforme me aproximava da saída, como se eu houvesse roubado seu único filho para praticar tiro ao alvo. "Vou cuidar dele", eu disse.

Encontrei meu tio nos estábulos. Ele passava mais tempo lá do que em qualquer outro lugar e desde que eu conhecera a megera da sua esposa passei a compreender. Ouvi dizer que os cavalos a faziam espirrar, cada vez mais a cada minuto, até que seus olhos parecessem estar a ponto de serem

espirrados para fora da cabeça. Robert encontrava a paz entre as cocheiras, falando de linhagens com o mestre cavalariço e examinando seus cavalos. Ele tinha trinta cavalos nos estábulos do castelo, todos exemplares primorosos de suas linhagens, e os melhores cavaleiros para montá-los, soldados de cavalaria alojados longe da guarda da casa e da muralha, com muito mais luxo, como convém a nobres.

"O que você sabe sobre o Ibérico?", gritei enquanto caminhava em sua direção, entre as cocheiras.

"E boa tarde para você também, jovem Jorg." Ele balançou a cabeça e afagou o pescoço de um garanhão preto com a cabeça para fora.

"Eu preciso ir até lá", eu disse.

Ele balançou a cabeça de forma enfática desta vez. "O Ibérico é uma terra morta. Prometida, mas não dada. Você não quer ir até lá."

"É verdade. Eu não quero. Mas eu *preciso* ir até lá. Então, o que você pode me dizer?", insisti.

O garanhão deu um ronco e revirou os olhos como se desafogasse a frustração de Robert.

"O que eu posso lhe dizer é que homens que passam tempo em lugares assim ficam doentes e morrem. Alguns levam anos até que o veneno os coma por dentro; outros duram semanas ou dias, perdendo os cabelos e os dentes, vomitando sangue."

"Serei breve, então." Por trás de minha mandíbula, as dúvidas tentaram assumir o controle de minha língua.

"Há lugares nos morros do Ibérico que não estão marcados, a não ser por seu visual ermo, em que a pele de um homem se solta conforme ele caminha." Meu tio afastou o cavalo e se aproximou de mim. "O que cresce naquelas colinas é pervertido, o que vive lá não é natural. Duvido que sua necessidade seja maior que os riscos."

"Você tem razão", eu disse. E ele tinha. Mas será que o mundo era tão simples quanto certo e errado? Pisquei duas vezes e o ponto vermelho me

observou da escuridão por trás de minhas pálpebras. “Sei que você está certo, mas muitas vezes não está em mim trilhar o caminho sensato, tio. Sou um explorador. Talvez você também sinta essa comichão.”

Ele esfregou a barba, com um leve sorriso por trás da preocupação. “Explore outro lugar.”

“Eu devo correr meus riscos idiotas enquanto sou jovem, não? Melhor agora do que quando aquela garotinha que você arranjou para mim estiver crescida e depender de mim para mantê-la em sedas e esplendor. Se meus erros provarem ser fatais, encontre outro marido para ela.”

“Isto não tem nada a ver com Miana. Você simplesmente não deve fazê-lo, Jorg. Se achasse que fosse impedi-lo, eu lhe diria ‘não’ e colocaria a guarda para vigiá-lo.”

Fiz uma reverência, me virei e saí. “Levarei um burro. Não faz sentido arriscar um bom cavalo.”

“Nisso nós concordamos”, ele gritou atrás de mim. “Não deixe que beba nenhuma água parada por lá.”

Eu voltei à claridade do dia. O vento ainda varria o pátio, frio, vindo do mar, mas o sol o queimava mesmo assim.

“Visite as Termas Carrod primeiro!” O grito de Robert me alcançou enquanto ainda caminhava até meus aposentos.

“Qalasadi e Ibn Fayed.” Os nomes tinham sabor exótico.

“Um homem de poder e um homem poderoso.” Meu avô descansava na cadeira onde os condes de Morrow se sentaram por gerações, de frente para o mar.

Um círculo de vidro dos Construtores, mais forte que as paredes em volta dele, de uns três metros de diâmetro, mostrava-nos o Mar Médio, com a curvatura da Terra transformando-o em uma infinidade de azul salpicada de ondas brancas. Além da vista, do outro lado daquelas profundezas, além da

Ilhas Corsárias, tão distante de nós quanto a Cidade de Crath, estavam Roma e todos os seus domínios.

O Califa Ibn Fayed podia manter sua corte no meio do deserto, mas seus navios saíam por aquele mar, com mãos mouras procurando reivindicar as terras que haviam passado para a cristandade e para os muçulmanos desde sempre. O matemágico de Ibn Fayed, Qalasadi, havia provavelmente voltado à sombra do trono do califa a fim de calcular o melhor momento para o próximo ataque e as probabilidades de seu sucesso.

Muito abaixo de nós, uma onda estapeou as falésias, sem nenhum tremor alcançar o recinto, mas com respingos marcando o vidro. Duas vezes por dia eles içavam um rapaz, equipado com balde e um pano, para garantir que nada além da idade embaçasse a vista de vovô.

"Quatro velas", ele disse.

Eu só vira três. O navio mercante, de casco vermelho, transportando sua carga ao longo da costa, e dois barcos de pesca, sacudindo mais além.

Vovô viu minha careta. "Lá longe, no horizonte." Um homem de voz suave, apesar dos rangidos da idade.

Um clarão branco. As velas de alguma embarcação ampla. Um navio de guerra? Um guarda-costas pirata da ilha? Ou uma barcaça achatada saída do Ægito, cheia de tesouros?

Eu cheguei mais perto do vidro e pressionei a mão contra sua frieza. Há quantos séculos atrás ele fora pilhado e de qual ruína? Redmon certamente tinha um pergaminho em sua torre açoitada pela ventania que guardava o segredo.

"Não posso permitir que eles vivam", eu disse. O califa era apenas um nome para mim, Qalasadi preenchia meus pensamentos. O homem marcado.

Meu avô riu em sua cadeira, com o encosto de marfim de baleia espalhando-se sobre ele como os respingos de uma onda arrebentando. "Você caçaria cada homem que lhe fez mal, Jorg? Não importa quão

distantes? Não importa por quanto tempo fujam? Parece-me que um homem assim é um escravo do acaso, sempre caçando, sem tempo para viver."

"Eles o veriam morrer gritando conforme o veneno o corroía", eu disse. "Sua esposa também. Seu filho."

"E teriam posto a culpa em você." Ele bocejou o bastante para estalar seu maxilar e esfregou as palmas das duas mãos nos pelos grisalhos de sua barba.

"Veneno é uma arma suja", eu disse. Não que eu não o tivesse usado em Gelleth. Mantenho uma visão equilibrada do mundo, mas esse equilíbrio está sempre a meu favor.

"Nós jogamos um jogo sujo." Meu avô assentiu e me observou de suas rugas, com aqueles olhos escuros tão parecidos com os de minha mãe.

Talvez não fosse o veneno que me irritava. Ou armar para que eu levasse a culpa – uma inspiração fortuita, certamente, que não tinha a ver com Ibn Fayed. Eu me lembrei de Qalasadi naquele pátio, na única vez que nos encontramos, de sua avaliação, de seu cálculo conforme ele considerava as probabilidades. Talvez aquela falta de malícia tenha tornado isso tão pessoal; ele me reduziu a números e acertou nas probabilidades. O fantasma de Fexler fora construído reduzindo o homem verdadeiro a números. Eu descobri que não gostava do processo.

"Eles atingiram minha família", eu disse, e dei de ombros. "Eu construí um reino por não permitir que tais atos fiquem impunes."

Ele me observou nesse momento, com a luz do sol entrando pela janela ao meu redor, fazendo de mim uma sombra cortada pela luz. O que se passava debaixo daquele fino aro de ouro, eu me perguntei, que cálculos? Todos nós os fazemos. Não tão frios quanto Qalasadi, mas ainda assim uma espécie de aritmética. O que ele pensava de mim, esta diluição de sua semente, a filha adorável misturada ao detestável Ancrath? Nada além de um nome para ele, até um mês atrás. Nenhuma criança para se recordar,

nenhuma inocência infantil de anos passados para suavizar os ângulos agudos do jovem matador diante dele – sangue de seu sangue.

"Como você faria isso? O Califa de Liba vive em terras que não são como as nossas. Você seria um homem branco onde quase não há homens brancos. Um estranho em terras estranhas. Marcado a cada virada. Delatado no momento que pisar na costa de Afrique. Você não encontrará amigos lá, apenas areia, doença e morte. Eu ficaria feliz se Ibn Fayed e Qalasadi morressem. Fayed por me golpear em meus corredores e o matemágico por sua traição. Mas se um único assassino, especialmente um único assassino branco, pudesse eliminá-lo, eu já teria enviado um. Não em resposta aos ataques de Fayed – como um homem de honra eu combato guerra com guerra –, mas em resposta a seu assassino."

Todos os homens ambiciosos devem rezar para serem postos contra homens de honra. Embora eu tivesse pena de meu avô naquele momento, aquilo também me fazia feliz por saber que pelo menos em algum ponto da mistura da qual eu surgi havia um traço daquele homem.

"Você tem razão em dizer que não seria fácil, Conde Hansa." Fiz uma reverência. "Talvez eu espere até que seja fácil... certamente preciso aprender mais, considerar mais."

Vovô chegou a uma decisão. Eu vi seu rosto mudar e ficar mais sério. Ele seria um péssimo jogador de pôquer.

"Deixe Ibn Fayed e suas criaturas comigo, Jorg. Eles atacaram Morrow, a mim e aos meus no Castelo Morrow. A vingança é minha e eu a assumirei."

O velho havia pesado suas probabilidades. De um lado, a vida de um parente desconhecido, maculado por sangue ruim; de outro, a chance de destruir um inimigo. Se "parente desconhecido" havia se transformado em "o filho de Rowan, a criança de minha filha", e prevalecido, ou se ele julgava minhas chances de sucesso pequenas demais para superarem qualquer parentesco, eu não sabia.

“Eu os deixarei, então.” Fiz outra reverência. A mentira veio facilmente. Escolhi acreditar que ele me via como filho de sua filha.

Eu me abasteci bem, carregando meu burro com odres de água e carne seca. Eu encontraria frutas no caminho: na Costa Equina, durante o verão, você só precisa esticar o braço para encontrar uma maçã, um damasco, ameixa, pêssego, pera ou até uma laranja. Levei uma tenda, pois sombra é raridade nas colinas secas atrás do litoral, e sem as brisas do mar a terra cozinha. Fiquei sabendo que os mouros vez ou outra tomam os reinos do sul – Kadiz, Kordoba, Morrow, Wennith, Andaluth, até Aramis. Eles não acham tão diferentes das poeiras de Afrique.

“O Ibérico, então, não é?”

Terminei de amarrar a faixa embaixo de meu burro e olhei para cima.

“Sunny!” Eu sorri enquanto ele fez uma careta. Meses atrás, escolhi esse nome para o guarda após ele tentar de tudo para impedir que eu entrasse no castelo, naquele primeiro dia quando cheguei incógnito.

“Eu estava cuidando da minha vida e lá veio o Conde Hansa. ‘Greyson’, ele disse. Ele gosta de saber o nome de todos os soldados. ‘Greyson’, ele disse, e pôs a mão em meu ombro, ‘o jovem Rei Jorg vai fazer uma viagem e eu gostaria que você fosse com ele.’ ‘Voluntariado’, é como ele chamou.”

“Sunny, não consigo pensar em outro homem que preferia ter comigo.” Eu me levantei e dei um tapinha na anca do mulo. Parecia um bicho resistente, gasto porém forte. O moço da estrebaria disse que ele tinha mais de quarenta anos e era sagaz por isso. Eu achei que era bom ter pelo menos um grisalho no grupo.

“Isso é vingança por fazer você beber do cocho dos cavalos, não é?”, disse Sunny. Ele estava com uma cara azeda que me fazia pensar no irmão Algazarra.

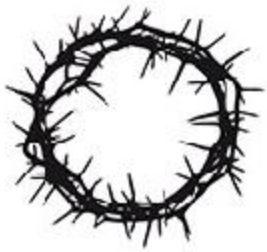
Eu balancei a mão. “Um pouquinho.” Na verdade, eu não sabia que ganharia um acompanhante, muito menos que o escolheria. “Em todo caso,

você vai gostar de sair por aí", eu disse. "Com certeza, ir até os Montes Ibéricos é melhor do que ficar um dia inteiro montando guarda no Portão Lowery, não?"

Ele cuspiu, reforçando ainda mais sua semelhança com irmão Algazarra. "Sou guarda de muralha, não uma flor de casa." Uma estendida de braço exibiu a mancha marrom do sol. Guardas de casa nunca são tão bronzeados.

Com a rédea do burro na mão, saí em direção ao portão. Sunny veio atrás. Seu cavalo de carga estava do lado de fora do muro do castelo, à sombra de uma oliveira, tão carregado como se estivéssemos prestes a cruzar os Aups.

Não importa o quão relutante Sunny parecia estar, meu burro ganhava dele. Tive de arrastar a besta além do cocho dos cavalos. Eu o batizei de Teimoso e o incentivei com um porrete. No final, eu ganhei, mas o fato de que o Teimoso não queria ir aonde eu mandava nunca esteve em questão. Acho que ele realmente era o mais esperto, no fim das contas.



TRILOGIA DOS ESPINHOS

EMPEROR OF THORNS

5

— CINCO ANOS ATRÁS —

O Castelo Morrow, assim como O Assombrado, fica separado da cidade principal da região. Ambos os castelos estão posicionados de forma a defender seus ocupantes. Na Guerra Centenária, a conquista de reinos é o negócio da avareza. A Centena quer que suas novas terras sejam ricas e abundantes, cheias de contribuintes e recrutas. A maioria dos ataques almeja matar o governante do território para que o agressor reclame seu trono e assuma o reino ileso. Guerras de atrito em que os camponeses são assassinados, as cidades queimadas e as plantações destruídas são menos comuns e acontecem mais quando os dois lados são equivalentes, ambos esforçando-se para ganhar a vantagem necessária para atacar o castelo do inimigo.

A Cidade de Albaseat fica em planícies férteis, talvez a oitenta quilômetros do Castelo Morrow em direção ao interior. Levou três dias para Sunny e eu caminharmos a distância, tendo começado tarde no primeiro

dia e parando para negociações à base de porrete com o Teimoso. O Rio Jucca alimenta as fazendas ao redor. Nós chegamos à cidade pela Estrada da Costa, que pelos últimos quilômetros segue ao longo do rio, passando por pomares de todos os tipos, por vinhedos, por encostas cheias de olivais. Ao virarmos para os portões de Albaseat, nós caminhamos entre campos cultivados cheios de tomate, pimenta, feijão, cebola, repolho, batata – comida suficiente para alimentar o mundo.

Os muros e as torres de Albaseat brilhavam sob o sol do sul.

"Faz a Cidade de Hodd parecer uma pilha de carniça", eu disse.

"Onde fica isso?", perguntou Sunny.

"Capital das Terras Altas de Renar", respondi. "A única cidade, na verdade. Mais como uma grande vila. Bem, uma vila, em todo caso."

"Terras Altas de Renar? Onde fica isso?"

"Agora você está querendo me irritar." Eu não achava que estivesse, porém. Ele piscou e olhou para as torres de Albaseat.

"Ah, *essa* cidade, desculpe." Não era frequente Sunny se lembrar de que eu era o rei de algum lugar e aquilo sempre parecia deixá-lo surpreso.

"Cidade de Hodd!"

Os guardas dos portões da cidade nos deixaram passar sem questionar. Não era sempre que *eu* me lembrava que Sunny era Greyson Landless, guarda real da corte do Conde Hansa.

Albaseat não só deixava Hodd parecendo uma vila em ruínas, mas fazia a Cidade de Crath parecer pobre em comparação. Os mouros governaram Albaseat por gerações e deixaram suas marcas por toda parte – dos grandes salões de pedra que abrigavam a cavalaria de meu avô até as altas torres de cujos minaretes se podia olhar para a fonte de sua riqueza, disposta em muitos tons de verde. Eu fiz exatamente isso, pagando um cobre para subir a escadaria em espiral da Torre Fayed, um edifício público no centro da grande praça diante da nova catedral. Sunny ficou no chão, vigiando seu cavalo, e o Teimoso permaneceu à sombra da torre.

Mesmo cem metros acima das pedras escaldantes da praça, a sensação era de um forno. Só a brisa que passava pelo minarete já valia a moeda de cobre. Sem as águas lentas e verdes do Jucca, os campos seriam desertos. O verde dava lugar a marrons sedentos conforme a terra se elevava e eu pude ver os primeiros trechos dos Montes Ibéricos ao norte. Qualquer mácula que eles carregassem parecia manchar o próprio ar, transformando-o em um amarelo sujo onde o horizonte começava a reivindicar as colinas.

Eu me inclinei para fora, com as mãos no parapeito, para ver Sunny lá embaixo. A cidade se espalhava em todas as direções, com ruas amplas e organizadas, cheias de casas grandes e caiadas. A oeste, havia mansões maiores; a leste, as casas baixas e vielas estreitas dos pobres. O povo de meu avô vivendo na paz de seu reino, seus nobres tramando, seus comerciantes vendendo, ferreiros, curtidores e açougueiros trabalhando duro, putas deitadas, empregadas ajoelhadas, lavadeiras carregando trouxas até os prados da beira do rio onde cavaleiros treinavam seus corcéis, a pulsação da vida, uma dança complexa e antiga de muitos parceiros. Rápido, rápido, lento.

Deixar tudo isso para trás e desafiar antigos venenos, arriscar um fim como o que eu dera ao povo de Gelleth – não fazia sentido. E mesmo assim eu o faria. Não pelo vazio dentro de mim, nem pelo peso da caixa de cobre que guardava o que havia sido tomado, nem pela promessa de velhas mágicas e o poder que elas ofereciam, mas apenas para saber, simplesmente fazer mais do que saltitar pela superfície deste mundo. Eu queria mais do que podia ver de uma torre, não importa quão alta, ou mesmo dos olhos dos Construtores postos entre as estrelas.

Talvez só quisesse saber o que eu desejava. Talvez seja isso que signifique crescer.

Eu saí da torre a passos lentos, perdido em pensamentos. Acenei para Sunny se aproximar e pedi que me conduzisse até a Casa dos Lordes.

“Eles não vão querer tipos como...” Ele olhou de volta para mim, percebendo a capa fina, o peitoral de prata. “Ah.” E ao se lembrar de que eu era um rei, embora de um reino que ele mal conhecia, seguiu adiante.

Nós passamos a catedral, a melhor que já vira, uma construção de pedra que alcançava os céus azuis. Os santos me observavam de seus nichos e galerias. Eu sentia sua reprovação, como se eles se virassem para olhar após passarmos. As multidões se aglomeravam diante dos degraus da catedral, talvez atraídas pela promessa refrescante do grande salão lá dentro. Sunny e eu nos acotovelamos para passar, empurrando um padre ou um monge ocasional até atravessar.

Eu cheguei em bicas às portas da Casa dos Lordes. Eu teria tirado a camisa e deixado o Teimoso carregar minhas coisas, mas talvez isso causasse uma má impressão. Os guardas nos deixaram entrar, um garoto pegou nossos animais e nós nos sentamos em cadeiras com assento de veludo enquanto um lacaio vestindo quantidades ridículas de rendas e sedas foi anunciar nossa chegada para a preboste.

O homem voltou vários minutos depois, tossindo educadamente para indicar que eu deveria pôr no lugar o grande vaso ornamental que estava analisando e acompanhá-lo. Quando minhas mãos estão ociosas, elas encontram maldade de um jeito ou de outro. Deixei o vaso escorregar, peguei-o a dois centímetros do chão e o deixei ali. Tosses educadas me fazem querer sufocar um outro tipo de tosse. Eu deixei que Sunny colocasse o enfeite em seu lugar e acompanhei o serviçal.

Um corredor curto nos levou às portas da câmara de recepção. Assim como o hall de entrada, cada centímetro dela era azulejado em padrões geométricos, em azul, branco e preto, absurdamente complexos. Qalasadi teria gostado: até um matemágico teria dificuldade em desvendar todos os segredos que ela continha. Janelas altas capturavam o pouco de brisa que existia e aliviavam o calor do dia.

O lacaio bateu três vezes com um pequeno bastão que ele parecia carregar com aquele único propósito. Uma pausa e nós entramos.

A sala do outro lado tirou meu fôlego, complexa nos detalhes, mas de uma beleza esparsa e simples em grande escala, uma arquitetura de números, muito diferente dos salões góticos de minhas terras ou das caixas enfadonhas que os Construtores nos deixaram. A preboste estava sentada do outro lado em uma cadeira de ébano de encosto alto. Afora dois guardas à porta e um escriba em uma pequena mesa ao lado do assento da preboste, a grande câmara estava vazia e meus passos ecoaram conforme eu me aproximei.

Ela ergueu o olhar de seu pergaminho enquanto cruzei os últimos metros, uma mulher velha e curvada com olhos pretos e brilhantes, lembrando um corvo que ficou cinzento e esfarrapado.

"Honório Jorg Ancrath, Rei das Terras Altas de Renar. Neto de Conde Hansa." Ela me apresentou a si mesma.

Eu fiz a pequena fração de reverência que sua posição requeria e respondi conforme o costume local. "Você está com a razão, senhora."

"Nós estamos honrados em recebê-lo em Albaseat, Rei Jorg", ela disse por entre lábios finos e secos, e o escriba rabiscou as palavras sobre seu pergaminho.

"É uma bela cidade. Se eu pudesse carregá-la, levaria comigo."

Outra vez o rabisco da pena – minhas palavras vertidas rapidamente para a posteridade.

"Quais são seus planos, Rei Jorg? Espero que possamos tentá-lo a ficar. Dois dias seriam suficientes para preparar um banquete oficial em sua homenagem. Muitos comerciantes da região brigariam pela oportunidade de encher seus ouvidos e nossa nobreza competiria para hospedá-lo em suas mansões, embora eu saiba que já está prometido a Miana de Wennith. E é claro que o cardeal Hencom requisitará sua presença na missa."

Eu tinha prazer em não esperar o escriba acompanhar, mas resisti à tentação de salpicar minha resposta com palavras difíceis e raras ou com ruídos aleatórios para ele se atrapalhar.

"Talvez na volta, preboste. Primeiro planejo visitar os Montes Ibéricos. Tenho interesse nas terras prometidas: o reino de meu pai tem várias regiões onde o fogo dos mil sóis ainda queima."

Percebi a pena hesitar. A velha, porém, nem piscou.

"O fogo que arde nas terras prometidas é invisível e não tem calor, Rei Jorg, mas queima a pele do mesmo jeito. Melhor aprender sobre tais lugares na biblioteca."

Ela não falou em adiar minha viagem até os nobres e comerciantes terem dado suas mordidas em mim. Se eu estava de partida para os Montes Ibéricos, tais esforços seriam desperdiçados – dinheiro jogado na sepultura, como se dizia por lá.

"Bibliotecas são bons lugares para se começar jornadas, preboste. Na verdade, eu vim até você na esperança de que Albaseat tivesse, em uma de suas bibliotecas, um mapa melhor do Ibérico do que o copiado dos rolos de meu avô. Eu consideraria um grande favor se tal mapa me fosse providenciado..."

Perguntei como eu devia lhe parecer, quão jovem em minha armadura e confiança. De longe, os espaços entre as coisas são reduzidos. Do final de seu túnel de anos, eu me perguntei quão diferente, para ela, eu era de uma criança, de um bebê que arriscava uma queda alta sem a menor noção da consequência.

"Eu recomendaria começar e terminar essa viagem em meio aos mapas, Rei Jorg." Ela se mexeu em sua cadeira, com certeza atormentada pela dor em suas juntas. "Mas quando a velhice fala à juventude ela não é ouvida. Quando você pretende partir?"

"Ao amanhecer, preboste."

“Mandarei meu escriba procurar um mapa e o que ele encontrar estará esperando por você no Portão Norte ao primeiro raio de luz.”

“Obrigado.” Eu inclinei minha cabeça. “Espero ter novas histórias para contar em seu banquete quando eu voltar.”

Fui dispensado com um aceno impaciente. Ela não esperava me ver de novo.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

EMPEROR OF THORNS

6

— CINCO ANOS ATRÁS —

Sunny e eu chegamos ao Portão Norte de Albaseat à luz cinzenta que toma conta do mundo antes do amanhecer. As ruas estavam apinhadas. No verão, a Costa Equina é um forno e somente as primeiras horas do dia dão uma trégua. Ao meio-dia, os habitantes se recolhem atrás de paredes brancas, sob telhas de terracota, e dormem até o apogeu do sol arrefecer.

Nas ruelas que levavam ao portão e à ampla praça que ficava diante dele, o comércio já estava funcionando. As portas das tavernas estavam abertas enquanto homens carregavam barris nos ombros ou os arriavam até os porões através dos alçapões da rua. Mulheres de rostos cinzentos esvaziavam baldes de água suja nos bueiros. Nós passamos em frente à oficina de um ferreiro que dava para a rua, para que qualquer transeunte pudesse ver as marteladas e o resfriamento e ficasse tentado a comprar o que demandava tanto suor e força para fabricar. Um rapaz se curvava

diante da fornalha, trazendo de volta à vida o fogo que se apagara durante a noite.

"Ai, se eu ainda estivesse na cama." Sunny puxou seu cavalo de carga para longe de algum entulho tentador.

Um grito nos fez virar novamente para o ferreiro. Déramos apenas uma dúzia de passos. O garoto do ferreiro estava caído na rua agora. Ele se levantou das pedras do chão, com o rosto ralado, balançando a cabeça, trêmulo. O ferreiro saiu de sua oficina e chutou o garoto com bastante força para levantá-lo do chão. O ar deixou seus pulmões com um chiado. Por baixo da sujeira, o cabelo do garoto parecia claro, quase dourado, o que era raro tão ao sul.

"Aposto no grandão", eu disse. Meu irmão Will tinha o cabelo daquele jeito.

"Ele é grandão mesmo", Sunny assentiu com a cabeça. O ferreiro usava apenas um avental de couro, dos ombros até os joelhos, e calças amarradas com corda. Os músculos de seus braços brilhavam. Balançar um martelo de dois quilos o dia inteiro faz um homem ter muita carne.

A criança estava deitada de costas, com um braço meio levantado, sem fôlego para resmungar, com sangue escorrendo no canto da boca. Ele podia ter uns oito, nove anos.

"Será que você só aprende a lição no chute?" O ferreiro não gritou, mas tinha a voz de um homem que fala mais alto que a bigorna. Ele meteu o pé na cabeça do garoto e a força o fez rolar uma vez. Agora o sangue estava na bota do ferreiro e manchando o cabelo do garoto.

"Ah, inferno." Sunny balançou a cabeça.

Nós observamos enquanto o ferreiro se aproximou.

"Eu devia parar com isso", Sunny disse, relutando com todo o seu ser. Alguma coisa no rosto do ferreiro me fazia lembrar de Rike. Não era um homem para se tentar impedir.

“Garotos são chutados todos os dias”, eu disse. “Crianças morrem todos os dias.” Algumas têm as cabeças quebradas em marcos de milha.

O ferreiro ficou em cima do garoto, que agora se curvava como se estivesse debruçado sobre a dor. O homem se afastou para dar outro chute e em seguida parou, chegando a uma decisão. Ele ergueu sua bota para pisotear o garoto até a morte. Supus que o ferreiro tenha pensado que o garoto estava inutilizado, então era melhor acabar logo com ele.

“Eles não morrem todo dia com um dos guardas do Conde Hansa assistindo. O conde não desejaria isso.” Mas ainda assim Sunny não se mexeu. Em vez disso, ele gritou: “Você, ferreiro, pare!”

O homem parou, com o calcanhar alguns centímetros acima da lateral da cabeça do garoto.

“Já peguei crianças errantes antes e ambas morreram”, eu disse com um sabor amargo. Vi o sangue nos cachos dourados e senti a pontada dura dos espinhos. Aprendi essa lição muito novo, uma dura lição ensinada com sangue e chuva. O caminho para os portões do Império estava atrás de mim. Um homem que se distraísse desse caminho por causa de errantes, sobrecarregado pelas necessidades dos outros, nunca se sentaria no trono definitivo. Orrin de Arrow salvaria as crianças, mas elas não o salvariam.

“Ele é um menino de rua”, o ferreiro disse. “Burro demais para aprender. Dei comida a ele por um mês. Pus sob o meu teto. Eu posso acabar com ele.” O homem fez o calcanhar desabar com força, colocando o peso sobre ele.

Um barulho áspero de couro sobre a pedra. O garoto havia rolado para o lado, mas não teve força para se levantar. O ferreiro esbravejou um xingamento que abafou o meu. A abrasão que se espalhava em meu rosto, do queixo até a testa, como se uma mão ardente houvesse me marcado, agora queimava novamente com a mesma dor da primeira vez. Já ouvi dizer que a consciência fala com a voz baixa no fundo da cabeça, nítida para alguns, abafada e fácil de ignorar para outros. Eu nunca ouvi dizer que ela

queimava o rosto de um homem em uma agonia vermelha. Ainda assim, com ou sem dor, não gosto de ser induzido ou pressionado. Talvez tenha escolhido o Teimoso como uma alma gêmea, porque eu não aceitava ordens, nem mesmo de minha própria consciência, nas raras ocasiões que ela tentava assumir o controle.

Sunny passou por mim em direção ao ferreiro. Ele nem havia sacado sua espada.

"Eu o compro de você!", gritei. Sunny podia ser útil e eu achei que o ferreiro quebraria os braços dele antes que o idiota pensasse em pegar a espada.

Aquilo fez o ferreiro parar, Sunny também, com um suspiro de alívio, e acalmou a dor. O ferreiro olhou a prata de meu peitoral, o corte de minha capa e pensou que talvez sua satisfação pudesse valer menos que o conteúdo de meu saco de moedas.

"Qual é a sua oferta?"

"Uma disputa à sua escolha. Se você ganhar, eu lhe pago isto pelo garoto." Segurei uma moeda de ouro diante de meu rosto, entre o indicador e o dedo médio. "Se perder, você não ganha nada por ele." Fiz a moeda desaparecer com uma mágica.

Ele fez uma boa careta ao ouvir aquilo. O garoto conseguiu rolar outra vez e se escorou na parede da loja de arreios do outro lado.

"Quem sabe você não ache que pode segurar um ferro quente por mais tempo que eu", sugeri.

A careta se aprofundou em fendas cobertas pela faixa preta de suas sobrancelhas. "Força", ele disse. "Quem segurar a bigorna acima da cabeça por mais tempo."

Dei uma olhada para a bigorna dentro da oficina do ferreiro, a alguns metros. Talvez dois homens de peso normal pudessem pesar a mesma coisa. "Regras?", perguntei.

“Regras? Sem regras!”, ele riu. O homem flexionou um braço: era só músculos. Ron – ou melhor, o incrível Ronaldo – ficaria impressionado se o circo de Raiz-Mestra um dia passasse por Albaseat. “Força! Essa é a regra.”

“Mostre-me como se faz, então.” Eu andei até a oficina. O brilho do fogo da fornalha e de dois lampiões fumacentos iluminava o bastante para desviar da bancada e dos vários baldes. O lugar tinha um agradável cheiro de queimado, ferro e suor, o que me fez lembrar de Norwood, de Mabberton, de muitas outras batalhas.

O ferreiro veio atrás. Eu pus a mão em seu peito quando ele passou por mim. “Seu nome?”

“Jonas.”

Ele andou em volta da bigorna. Eu olhei para o teto, onde ferramentas pendiam das vigas. Ele teria o espaço exato. Eu teria bastante, já que ele era um palmo mais alto do que eu.

Sunny apareceu atrás de mim.

“O menino ainda está vivo, não está? Não estou fazendo isso por um cadáver.”

“Ele está vivo. Talvez bem machucado.”

Jonas se agachou ao lado da bigorna. Ele fechou uma das mãos grandes sobre o chifre e pôs a base da outra mão sob a parte lisa da bigorna.

“Você já fez isso antes”, eu disse, e sorri para ele.

“Sim.” Ele mostrou seus dentes. “Já consigo sentir o gosto do seu ouro, garoto.”

Ele se retesou, preparando-se para a explosão que levantaria a peça de ferro. Foi quando eu o atingi, com um martelo da bancada mais próxima. Eu bati do lado de sua cabeça, bem perto do olho. O barulho não foi muito diferente do de sua bota batendo na criança. O martelo caiu ensanguentado e Jonas tombou para a frente, por cima da bigorna.

“O quê...?”, Sunny perguntou, como se de alguma maneira ele não tivesse visto aquilo à meia-luz.

Eu dei de ombros. “Sem regras. Você mesmo ouviu.”

Nós deixamos ambos estirados em seu próprio sangue. Não importa o fogo que consumiu meu rosto, eu não precisava de outro errante e, mesmo que o garoto pudesse andar, levá-lo ao Ibérico seria mais cruel do que mais um mês sob os cuidados de Jonas. Pelo menos o garoto estava sentado e olhando em volta, o que era mais do que se podia dizer sobre seu mestre.

Uma esquina e outra rua nos levaram até a praça. Abrimos caminho entre meninos da padaria com bandejas de pães sobre a cabeça e carrinhos de fazenda cheios, prontos para serem descarregados nas barracas armadas dos dois lados das torres do portão. O lugar se agitava, comerciantes atrasados se apressavam para montar suas mesas e toldos, e os habitantes da cidade apareciam aos montes para comprar, com moedas chacoalhando em seus bolsos, os olhos dardejantes, caçando pechinchas antes do amanhecer.

“Teremos sorte se encontrarmos o homem da preboste no meio disso tudo.” Sunny tentou apanhar uma bisnaga que passava e errou.

“Tenha um pouco de fé, homem”, eu disse. “É tão difícil avistar um rei?” Eu enrolei as rédeas do Teimoso sobre sua albarda e passei as duas mãos pelo cabelo, jogando o comprimento dele sobre meus ombros e as costas.

Nós chegamos aos portões, com os muros lisos estendendo-se acima de nós até o céu que clareava. Os cascos faziam barulho nas pedras ao conduzirmos nossos animais por baixo e atravessamos um túnel escuro sob dez metros de muro.

“Eu devo viajar com você”, disse uma voz vinda das sombras escuras, do lado da saída.

“Viu, Sunny, nós somos conhecidos.” Eu me virei e sorri para ele. O brilho do leste refletiu os traços do seu rosto.

O estranho saiu das sombras, uma mancha negra se mexendo para unir-se a nós. Uma mulher.

Ela se aproximou com seu cavalo, um garanhão alto e preto, e uma capa escura envolvendo-a como se esperasse sentir frio.

"Você trouxe um mapa para nós?" Eu estendi a mão.

"Eu *sou* o mapa", ela respondeu. Eu só conseguia ver a curva de seu sorriso.

"E como você nos reconheceu?", perguntei, colocando a mão de volta nas rédeas.

Ela não disse nada, apenas tocou sua bochecha com os dedos. Minhas cicatrizes arderam por um momento, outro eco do fogo de Gog, sem dúvida, pois eu certamente já havia me esquecido, muito tempo atrás, de como ficar ruborizado.

Sunny segurou a língua, mas eu podia sentir o convencimento irradiando dele atrás de mim.

"Eu sou Honório Jorg Ancrath, rei de algum lugar que você nunca ouviu falar. O idiota sorridente atrás de mim é Greyson Landless, filho bastardo de uma linhagem venerável que possui alguns hectares poeirentos ao longo da Costa Equina, mais usados para o cultivo de pedras. Você pode me chamar de Jorg; ele é Sunny. E nós vamos andando."

"Lesha. Parte da horda de dezesseis netos da preboste."

"Neta dela? Estou surpreso. Tive a impressão de que a preboste não esperava nos ver voltar."

Parecia que Lesha não nos responderia, pois ela cavalgou cem metros em silêncio ao nosso lado enquanto levávamos nossos animais para fora da cidade.

"Tenho certeza de que a avaliação de minha avó a respeito da expedição está correta e permanece inalterada."

Eu ainda não conseguia ver nada dela, dentro do capuz de sua capa, mas a maneira como se portava me fez ter certeza de que ela era adorável aos olhos, talvez bonita.

“Então por que ela a enviaria, Lady Lesha?”, perguntou Sunny. Ele quebrou o silêncio que eu havia deixado para ela preencher. Geralmente, a falta de uma pergunta incita uma resposta – às vezes, a resposta de uma pergunta que você talvez nem tenha pensado em perguntar.

“Ela não me enviou – eu decidi vir. Em todo caso, não sentirá muito a minha falta. Ela tem muitos netos e eu estou longe de ser sua favorita.”

Essa declaração causou um longo silêncio que nenhum de nós quis quebrar. Lesha desmontou do cavalo e o conduziu ao nosso lado.

O dia nasceu, o suave esmaecer do cinza até o céu do leste ficar claro e promissor. Finalmente, a primeira quina brilhante do sol irrompeu no horizonte, lançando longas sombras em nossa direção. Eu olhei para Lesha nesse instante e perdi qualquer ardência de quando ela tocou sua bochecha para indicar minha cicatriz. Cada parte do rosto dela havia sido queimada tão gravemente quanto o ferimento que eu carregava. Sua pele possuía um aspecto derretido, como se houvesse escorrido como rocha fundida e depois congelado novamente. As queimaduras me surpreenderam, mas menos que o fato de ela ter sobrevivido às chagas. Ela me olhou nos olhos. Seus olhos eram muito azuis.

“Você ainda tem certeza de que quer ir ao Ibérico?” Ela tirou o capuz. O fogo não havia deixado cabelo. Seu couro cabeludo era malhado de branco, rosa mórbido e bege, com buracos onde suas orelhas ficavam.

“*Eu*, com certeza, não tenho”, Sunny suspirou.

Eu estendi a mão e peguei as rédeas dela para que parássemos na estrada. Teimoso ficou ombro a ombro com o cavalo de Lesha e Sunny alguns metros à frente, olhando para trás.

“E por que você está tão interessada em voltar, lady?”, perguntei. “Por que não está duplamente assustada, já que certamente foi mordida?”

“Talvez eu não tenha nada a perder agora”, ela disse, com os lábios de linhas enrugadas. Ela não desviou o olhar de mim.

Eu fechei os olhos por um segundo e um ponto de luz vermelha piscou atrás de minhas pálpebras. O ponto vermelho minúsculo de Fexler, me arrastando por todos esses quilômetros.

"E que desejo a atraiu até lá, em primeiro lugar? Você achou que encontraria riqueza nas ruínas ou que voltaria a Albaseat como uma grande e famosa exploradora?" Eu balancei a cabeça. "Acho que não. Esses são palpites ruins, não são para uma filha da família da preboste. Creio que os segredos a seduziram. Você queria respostas. Saber o que os Construtores esconderam lá, não é mesmo?"

Ela então desviou o olhar e cuspiu feito um homem. "Não encontrei resposta alguma."

"Mas isso não significa que não haja respostas em algum lugar." Eu me inclinei em sua direção. Ela recuou, sem esperar intimidade. Minha mão a segurou por trás daquela cabeça careca, com a pele enrugada e desagradável sob meus dedos. "Isso não significa que fazer nossas perguntas não seja a coisa mais verdadeira que criaturas como eu e você possamos fazer." Eu a puxei bem para perto de mim, embora ela resistisse. Ela era alta para uma mulher. "Nós não podemos ser aprisionados pelo medo. As vidas vividas dentro de tais paredes são apenas mortes mais lentas", falei sussurrando, abaixando a cabeça até nossos rostos ficarem a um centímetro de distância. Eu meio que esperava que ela tivesse cheiro de queimado, mas não havia cheiro algum, nem de perfume, nem de suor. "Vamos lá cuspir no olho de quem disser que o velho conhecimento é proibido para nós, que tal?" Beijei sua bochecha em seguida, porque eu sentia medo de fazê-lo; apesar de o bom senso às vezes me cegar, foda-se o medo.

Lesha se soltou com um puxão. "Você é apenas uma criança. Não sabe do que está falando." Mas ela não pareceu ofendida.

Nós viajamos até o meio-dia e nos abrigamos do sol à sombra de um grupo de oliveiras. A esposa do fazendeiro se mostrou bastante empreendedora ao atrasar sua própria sesta e subir as encostas para nos oferecer vinho, queijos e pão integral de ervas. A senhora se assustou brevemente ao ver Lesha, mas teve a elegância de não ficar olhando. Nós começamos a comer e a mandamos de volta com uma cesta vazia e um punhado de cobres, o bastante para o dobro da quantidade de comida, se fosse servida em uma taverna fina.

"Fale-me dos mouros", eu disse a ninguém em particular. O pedaço de queijo que eu lambi de meu dedo era ao mesmo tempo macio e quebradiço. O cheiro era de algo que nunca deveria ser comido, mas tinha um sabor agradavelmente complexo e pungente.

"Quais deles?", perguntou Lesha. Ela parecia estar dormindo, esticada no chão de terra, com a cabeça apoiada em sua capa enrolada na base da árvore que lhe provia sombra.

Lesha tinha razão. Eu vira pelo menos uma dúzia de mouros em Albaseat, todos enrolados em túnicas brancas, a maioria sob o capuz do albornoz, alguns ocupados com o comércio, outros apenas cuidando de seus afazeres.

"Fale do Califa de Liba." Parecia um bom lugar para começar.

"Ibn Fayed", Sunny murmurou. "O espinho no rabo de seu avô."

"Há muitos como Qalasadi trabalhando para ele?", perguntei.

"Matemágicos?", Sunny perguntou. "Não."

"Não há muitos como ele", disse Lesha. "E eles não trabalham para mestres, de todo modo. Eles seguem um caminho puro. Não há muita coisa que homens como aquele querem."

"Nem ouro?", perguntei.

Lesha levantou sua cabeça arruinada para olhar para mim e em seguida se sentou, encostando-se à árvore. "Apenas raridades são de interesse para a espécie deles. Maravilhas como as que podemos encontrar no Ibérico, mas provavelmente também velhos pergaminhos do tempo dos Construtores,

formas de calcular, conhecimentos antigos, o tipo de sabedoria que parece nunca ser escrita em nada que dure ou pelo menos que possamos ler."

"E Ibn Fayed navega contra a Costa Equina para roubar ou para se estabelecer, ou é um castigo por não seguir o profeta dos mouros?" Eu sabia das opiniões de meu avô e de meu tio sobre isso, mas é bom ver tais coisas por outros ângulos.

"O povo dele quer voltar", disse Lesha.

Isso era novidade. A neta da preboste usou sua sabedoria do livro inteiro, não apenas da última página.

"Voltar?" Eu vi as mãos mouras por trás de muita coisa em Albaseat, embora ninguém parecesse querer admitir.

"Os califas reinaram aqui por tanto tempo quanto os reis. Antes e depois dos Construtores. Os escribas de hoje os chamam de corsários, queimadores, pagãos, mas há a inteligência moura misturada em tudo aquilo de que nós nos orgulhamos."

"Não é só um rostinho bonito, então", eu disse. Ela lia, porque suas opiniões não eram do tipo que se formavam a partir do que os outros julgavam seguro ensinar. A Igreja mantinha os reinos da Costa Equina e os portos ocidentais próximos – se ficassem mais próximos, eles se sufocariam. Os padres tinham uma opinião ruim sobre pagãos e, no sul, discordar de um homem do clero costuma se mostrar um passatempo perigoso. Em todas as cidades, um escriba da Igreja se ocupava em reescrever a história – mas eles não podiam reescrever o que estava escrito em pedra ao redor de todos eles.

Lesha não se ofendeu com minha brincadeira, ou pelo menos eu acho que não, já que suas cicatrizes não refletiam as emoções por baixo delas.

Nós ficamos em silêncio por um tempo. Quase sem som, a não ser pelo toque distante de um sino de cabra. Não dava para entender por que a velha não estava deitada na sombra. O calor nos envolvia como um cobertor, levando embora qualquer vontade de se mexer.

“Você demorou a salvar aquele garoto, Jorg”, Sunny disse. Achei que estivesse dormindo, mas ele claramente estava recontando aquela manhã por trás de seus olhos.

“Eu não o salvei. Eu salvei você. Você é de alguma valia.”

“Você o teria deixado morrer?” Sunny pareceu perturbado com aquilo.

“Teria”, eu disse. “Ele não era nada para mim.” Cachos dourados e sangue, a imagem se reproduziu em minha cabeça. Eu abri os olhos e me sentei. Eles quebraram a cabeça de William em um marco de milha, balançaram-no pelos pés e o bateram na pedra. Foi o que aconteceu. O mundo seguiu em frente, indiferente. E eu aprendi que nada importava.

“Não dava para ficar parado e deixar aquilo acontecer enquanto eu assistia”, Sunny disse. “Não se pode chutar uma criança até a morte na frente da guarda do Conde Hansa.”

“Você interferiu por si mesmo ou por meu avô?”, perguntei.

“Era minha obrigação.”

Peguei uma azeitona que ficou no fundo da cesta de comida. A polpa firme se rompeu sob meus dentes. O sabor quente e complicado se espalhou ao mastigar.

“Você teria interferido se não fosse sua obrigação?”, perguntei.

Sunny fez uma pausa. “Se o maldito não fosse tão grande, sim.”

“Porque você não podia ver aquilo acontecer?”

“Sim”, ele disse.

“Não viva por meias medidas, Greyson.” Arregacei o linho empoeirado de minha manga para trás até as cicatrizes da roseira-brava aparecerem, sinais pálidos contra a pele bronzeada. “Certa vez, ouvi um padre falar sobre um negócio de salvação. Ele nos rogou para não deixarmos o fato de não conseguirmos salvar todo o mundo de seus pecados nos impedir de tentar salvar as pessoas à nossa frente. Assim são os padres. Prestes a desistir em um instante. Atrapalhando-se para admitir suas fraquezas como se fossem virtudes.” Eu cuspi o caroço da azeitona. “Ou as crianças são dignas de

salvamento porque são apenas crianças, ou não são dignas de salvamento. Não deixe que seus atos sejam ditados pelo acidente que coloca uma diante de seus olhos e oculta a próxima. Se elas são dignas de salvamento, salve-as todas, encontre-as, proteja-as, faça disto o trabalho de sua vida. Se não são, pegue outra rua para que nem veja aquela que podia ter visto, vire a cabeça de lado, cubra os olhos com as mãos. Problema resolvido."

"Você salvaria todas elas, é?" Lesha falou do outro lado, com a voz suave.

"Conheço um homem que está tentando", respondi. "E se eu não tivesse aprendido, então sim, eu salvaria todas elas. Sem meias medidas. Algumas coisas não podem ser cortadas ao meio. Não se pode amar alguém pela metade. Não se pode trair ou mentir assim."

Silêncio depois disso. Até a cabra dormiu.

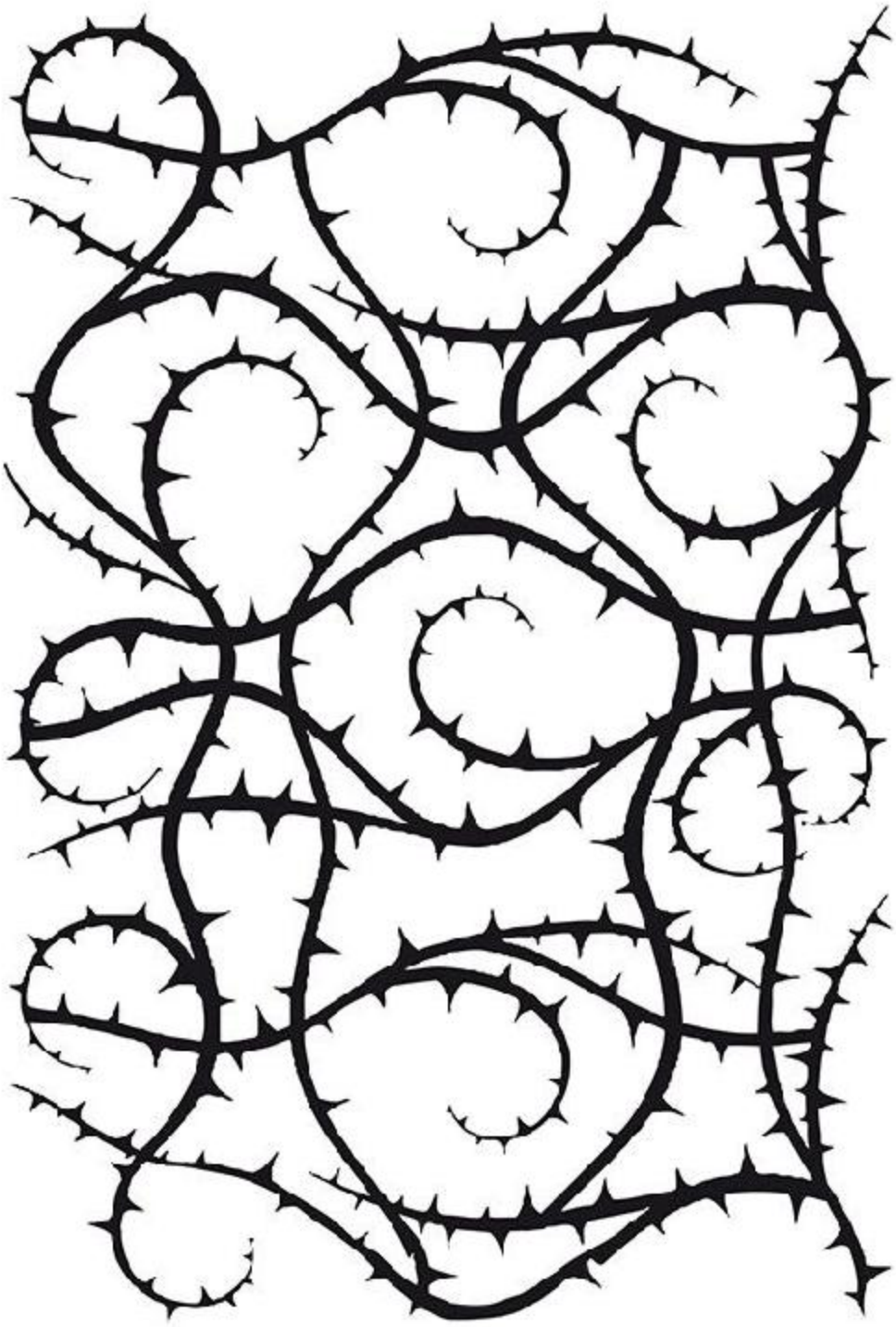
A sombra nos manteve no mesmo lugar até começar a se alongar e o calor do sol se tornar algo que podia ser tolerado.

Nós seguimos adiante à tarde. À noite, nosso grupo acampou em um vale seco dezesseis quilômetros ao norte, com um teto de estrelas e o zumbido de insetos nos fazendo serenata. As oliveiras e os sobreiros ficaram lá atrás. Nada crescia nos vales exceto espinhos inclementes, arbustos de algaroba e creosoto, fazendo do ar noturno um rico perfume, mas sem oferecer nada para queimar. Nós comemos pão duro, maçãs, algumas laranjas do mercado de Albaseat e bebemos uma jarra de vinho, um tinto tão escuro que era quase preto.

Eu me deitei na escuridão observando as estrelas se moverem, escutando o relincho dos cavalos, o bufo e o estampido do Teimoso e o ronco de Sunny. De tempos em tempos, Lesha gemia em seu sono, algo suave, mas cheio de dor. E elevando-se em torno de tudo isso, a orquestra implacável dos insetos noturnos, o som vindo em ondas como se um oceano surgisse à nossa volta conforme o sol se punha. Segurei a caixa de cobre em uma das mãos e a outra tocava o chão, com areia sob meus dedos. No dia seguinte, nós andaríamos novamente. Parecia certo andar, não só para salvar um

bom cavalo de terras envenenadas. Um homem precisa de suas próprias pernas para levá-lo a alguns lugares. Algumas viagens requerem uma perspectiva diferente. Os quilômetros têm mais sentido se você os atravessa um passo de cada vez e sente o chão mudar debaixo de seus pés.

Finalmente, fechei os olhos e deixei a infinidade de estrelas ser substituída por uma única, vermelha. Uma única estrela levou os sábios até um berço em Belém. Eu me perguntei se um sábio seguiria a estrela de Fexler.



TRILOGIA DOS ESPINHOS

EMPEROR OF THORNS

7

A HISTÓRIA DE
CHELLA

Seis anos atrás
Derrotada nos Pântanos de Cantanlona

O cheiro do solo, da terra vermelha que se esfarela nas mãos, só isso lhe avisa que está em casa. O sol que acendeu uma vida, de bebê até um jovem obstinado, arqueia-se entre o amanhecer e o ocaso carmesins. No escuro, leões rugem.

"Este não é seu lugar, mulher."

Ela quer que seja seu lugar. A força do desejo dele a atraiu até aqui, com ele, seguindo o rastro de sua partida.

"Vá embora." A voz dele é grossa ao ordenar. Tudo que ele diz parece sabedoria.

“Dá para ver por que ele gostou de você”, ela diz. Ela não tem para onde ir.

“Você também gosta dele, mas é fraca demais para saber o que fazer com isso.”

“Não ouse ter pena de mim, Kashta.” A raiva que ela pensara ter se extinguido arde outra vez. O solo vermelho, o sol branco, as cabanas baixas, tudo parece mais distante.

“Pare de evocar meu nome, Chella. Vá para trás.”

“Não me dê ordens, nubano. Eu posso torná-lo meu escravo novamente. Meu brinquedo.” O mundo dele agora é uma mancha brilhante no canto da visão dela, com os detalhes perdidos na beleza de uma joia.

“Eu não estou mais lá, mulher. Estou aqui. Na roda dos batuques, à sombra da cabana, na pegada do leão.” Cada palavra mais distante e mais grave.

Chella levantou o rosto da lama fétida e cuspiu água podre. Seus braços desapareciam no lamaçal na altura dos cotovelos, com uma grossa gosma escorrendo. Ela cuspiu outra vez, os dentes raspando a lama de sua língua. “Jorg Ancrath!”

A teia de necromancia que ela havia tecido pelo pântano, mês após mês, até permear cada poça movediça e cada atoleiro, atingindo níveis profundos até mesmo para o mais antigo dos mortos do pântano, agora estava destruída, com sua força se esvaindo, corrompida mais uma vez pelas vidas de rãs, minhocas, pássaros e aves pernaltas. Chella se viu afundando e reuniu força suficiente, que restava, para se debater em terreno mais sólido, um pequeno monte que se elevava na lama.

O céu trazia a lembrança de azul, desbotado, como se houvesse ficado muito tempo no sol. Ela estava deitada de costas, ciente das mil picadas debaixo dela, de estar muito frio dos lados e muito quente em seu

rosto. Um gemido escapou. Dor. Quando um necromante usou poder demais, quando a morte se extingue deles, resta apenas a dor para preencher o vazio. Afinal, a vida é isso. Dor.

"Maldito." Chella estava ofegante, mais viva do que estivera em décadas, mal chegando às margens das terras mortas. Seus dentes rangiam uns sobre os outros, os músculos como ferro, a dor passando sobre ela em ondas. "Maldito."

Um corvo a observava, preto e brilhante, empoleirado na pedra que marcava o ponto alto do monte.

O corvo falou, um grasnido rouco que assumiu significado de um segundo para o outro. "Não é a dor de voltar que afasta o necromante da vida. Não é isso que os mantêm tão distantes – o máximo a que podem chegar sem perder o controle sobre ela. São as lembranças."

As palavras saíram do bico do corvo, mas eram de seu irmão, anos atrás, quando ele a ensinou pela primeira vez, quando primeiro a tentou com o que significava ser jurada pela morte. Em momentos de arrependimento, ela o culpava, como se ele a houvesse convencido de se corromper, como se meras palavras a separassem de tudo que estava certo. Jorg Ancrath havia posto um fim a todos os falatórios de seu irmão, no entanto. Decapitando-o sob o Monte Honas, comendo seu coração, roubando parte de sua força.

"Fora daqui, corvo", ela chiou entre os dentes. Mas as lembranças começaram a vazar por trás de seus olhos, como pus de uma ferida, inchando onde os dedos apertam.

O corvo a observou. Por baixo de suas garras, finas e apertadas, a pedra estava respingada de líquen, manchada de laranja opaco e verde desbotado, como se estivesse doente. O pássaro encarou Chella com os olhos pretos e brilhantes. "Nenhum necromante realmente sabe o que espera por ele ao atravessar o caminho cinzento até as terras mortas." Em seguida, ele grasnou, rouco e breve, como a voz de corvos devem

ser, antes de retornar à voz de seu irmão e a suas lições. “Cada um deles tem seus motivos, geralmente motivos terríveis que reviriariam os estômagos de seus semelhantes, mas não importam suas motivações – por mais estranhas e frias que suas mentes sejam, eles não sabem ao que deram início. Se lhes fosse explicado previamente, mostrado em uma tela podre, nenhum deles, nem mesmo o pior de todos, daria o primeiro passo.”

Ele não mentiu. Era a mais pura verdade. Mas palavras são apenas palavras e elas raramente desviam alguém de seu caminho, a menos que ele queira ser desviado.

“Eu segui você, Cellan. Eu segui o seu caminho.” Ela se lembrou do rosto dele, o rosto de seu irmão, em um ano quando eles eram jovens, crianças. Um ano feliz. “Não!” A dor era melhor que isso. Ela tentou não pensar, transformar sua mente em pedra, não deixar nada entrar.

“É apenas a vida, Chella.” O pássaro soou contente. “Deixe-a entrar.”

Por trás de olhos bem fechados, as imagens lutaram por seu momento, para prender a atenção dela mesmo que só por um instante, antes que a onda de lembranças as varresse para o lado. Ela viu o corvo ali, enfiando sua cabeça escarlate em um corpo aberto.

“A vida é doce.” Novamente o grasnido. “Saboreie-a.”

Ela foi para cima do corvo, dando um bote, uma mão entrevada de dor se estendendo. Apenas para não encontrá-lo. Nenhuma batida de asa, nenhuma voz repressora vinda do alto, apenas uma pena quebrada e suja, como se isso fosse tudo que sempre houve.

O sol passou lá em cima, testemunha do longo sofrimento de Chella, e finalmente, na escuridão, sob um manto de estrelas, ela se sentou. Sua cabeça latejava com lembranças. Não um mapa completo da vida da qual ela se afastara, mas um esqueleto com carne suficiente para corresponder à sua posição no limiar entre a morte e a vida. Ela abraçou a si mesma, sentindo de uma só vez como suas costelas se destacavam,

como sua barriga era funda, como seu peito era murcho. O fato mais frio, porém, o julgamento mais cruel veio da soma de todas as suas recordações. Nenhuma tragédia a impelira ao caminho que escolheu. Ela não estava fugindo de nenhum horror em especial, nenhuma ofensa vil demais para suportar, nenhum terror puxando seus pés. Nada além da ganância comum: ganância por poder, ganância por coisas e curiosidade, do tipo que mata gatos todos os dias. Essas foram as necessidades que a fizeram caminhar entre os mortos, buscando a depravação, rejeitando toda a humanidade. Nada de poético, sombrio ou digno, apenas os pequenos desejos malignos de uma vidinha ordinária.

Chella respirou fundo. Ela se ressentiu de ter de fazê-lo. Jorg Ancrath lhe fizera isso. Ela sentiu o coração pulsar em seu peito. Um pouco maior que uma criança, e ele a havia derrotado duas vezes. Deixando-a caída aqui, mais viva do que morta. Feito-a sentir!

Ela tirou uma sanguessuga de sua perna, depois outra, gorda com seu sangue. Sua pele coçava onde os mosquitos haviam se fartado. Fazia anos desde que ela se interessou por tais criaturas, anos que eles podiam tocá-la sem apagar as minúsculas centelhas de vida em seus corpos macios e frágeis.

O pântano fedia. Ela percebeu isso pela primeira vez, embora tenha passado meses envolvida nele. Ele fedia e o sabor era pior do que o cheiro. Chella se levantou, com as pernas fracas, tremendo. O frio da noite, em sua nudez enlameada, era responsável por parte de sua tremedeira, fome e cansaço por mais outra parte, mas a maior parte era medo. Não da escuridão ou do pântano, ou da longa jornada por terrenos difíceis; o Rei Morto a assustava. A ideia de seu olhar frio, de suas perguntas, de estar diante dele em qualquer coisa morta que ele escolhesse usar, de estar envolvida nos farrapos de seu poder e de falar em fracasso.

Como foi que chegamos a isso? Os necromantes eram os mestres da morte, não seus criados. Mas quando o Rei Morto surgiu espontaneamente pela primeira vez, em meio a seus trabalhos mais escuros, os necromantes conheceram o medo mais uma vez, embora pensassem que ele estivesse abandonado e esquecido pelo caminho. E não era só a pequena intriga de Chella sob o Monte Honas. Agora ela sabia disso, mas por mais de um ano Chella pensou que o Rei Morto fosse um demônio desperto porque ela se meteu em lugares que não foram feitos para os homens, uma criatura focada apenas nela, e depois em seu irmão e nos poucos ao redor deles. Mas o Rei Morto falava a todos que viam além da vida. Qualquer um que estendesse a mão e puxasse de volta o que fosse encontrado para recarregar o restante daqueles que haviam morrido. Qualquer um que buscasse tal poder se veria, mais cedo ou mais tarde, segurando a mão do Rei Morto. E ele jamais os soltaria.

E por que ele a enviara contra aquele garoto? E como ela havia fracassado?

"Maldito Jorg Ancrath." E Chella caiu de joelhos e vomitou uma porcaria escura e azeda.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

EMPEROR OF THORNS

8

Nos seis reinos que tomei do príncipe de Arrow, há muitas cidades maiores, mais limpas, mais bonitas, e de todas as maneiras superiores à Cidade de Hodd. Havia cidades em meus domínios que eu ainda não conhecera, cidades onde as pessoas me chamavam de rei, com minha estátua postada em mercados e praças, nas quais eu não estivera sequer a vinte quilômetros de distância – e até essas eram mais bonitas que a Cidade de Hodd. Ainda assim, Hodd parecia mais minha. Eu a detinha há mais tempo, conquistei-a pessoalmente, pintei as ruas de vermelho quando Jarco Renar provocou uma rebelião. Não era um lugar onde eles se lembravam de Orrin de Arrow. Ninguém em Hodd falava de sua bondade e visão, nem exprimia a crença comum de que ele seria denominado santo antes que sua lembrança esfriasse.

A Cidade de Hodd inteira saiu para saudar nossa chegada. Ninguém fica em casa quando a Guarda Gilden atravessa os portões de sua cidade. Altaneiros encheram as ruas aplaudindo e agitando quaisquer bandeiras

que tivessem. Dos hodditas que ficariam roucos no dia seguinte, com as cabeças estourando com os ecos da celebração, nem um em cada dez seria capaz de contar por que eles aplaudiram, mas em um lugar como as Terras Altas é difícil não ficar animado com qualquer toque do que é exótico ou estrangeiro – contanto que esteja apenas de passagem e não olhe para a sua irmã.

Eu fui à frente da coluna e a conduzi até os portões da mansão de Lorde Holland, o maior prédio da cidade, ou pelo menos o maior prédio completo. Um dia a catedral o ofuscaria.

Lorde Holland abriu seus portões em pessoa, um homem robusto, suando em suas vestes, com sua esposa balançando-se atrás dele, uma admiradora de pratas e pérolas que escondiam sua papada.

"Rei Jorg! Você honra minha casa." Lorde Holland fez uma reverência. Seu rosto dizia que seu cabelo deveria ser grisalho da idade, então eu meio que esperei que a peruca preta e lustrosa caísse quando ele se curvou, mas ela ficou no lugar. Talvez o cabelo fosse dele e ele usasse negro de fumo.

"Eu honro mesmo", concordei. "Decidi passar a noite enquanto espero notícias do Assombrado."

Desci de minha sela, com a armadura fazendo barulho, e acenei para que ele conduzisse. "Capitão Harran." Eu me virei, estendendo a mão para que sua boca se mantivesse fechada. "Ficaremos aqui até o amanhecer. Não há discussão. Teremos de compensar o tempo quando voltarmos à estrada."

Harran ficou sério nessa hora, mas nós nos conhecíamos bastante bem e, após alguns momentos me encarando, ele se virou e ordenou à guarda que montasse um perímetro ao redor da mansão de Holland.

A guarda residencial dos Holland se mexeu para bloquear o caminho de Gorgoth quando ele acompanhou Makin e eu até a porta da frente. Precisei elogiar a coragem deles. Eu já vi Gorgoth estender as duas mãos

e esmagar os crânios de dois homens sem esforço. Lorde Holland parou nos degraus à minha frente, pressentindo problemas. Ele se virou com um olhar questionador.

"Estou levando Gorgoth para atravessar o Portão Gilden em Vyene, então acho que o posto dele seja alto o bastante para atravessar a sua porta, Holland." Eu acenei para que prosseguisse.

Os guardas se afastaram com alívio aparente e nós entramos.

Os quartos de hóspedes de Lorde Holland se mostraram mais do que bem decorados. Eram mais do que luxuosos. Tapetes grossos cobriam o chão, tecidos de seda dos hindus e trabalhados com toda a sorte de deuses pagãos. Nenhuma parede ficava sem arte, fosse tapeçaria ou óleo e pincel, e sancas de gesso elaboradas, em dourado brilhante, decoravam os tetos. Holland me oferecera seus próprios aposentos, mas eu não queria ficar em meio ao cheiro de velho dele. Além do mais, se eles fossem mais ricos do que os quartos de hóspedes, eu ficaria tentado a roubar alguma coisa.

"A decadência começa quando o orçamento para embelezar o lar de um homem supera o dinheiro gasto para garantir sua defesa." Eu me virei para Makin. Gorgoth fechou as portas atrás de si e ficou ao lado dele.

Makin alisou o cabelo para trás e sorriu. "É bonita. Não estou duvidando disso."

Gorgoth deixou seu olhar vagar. "Há um mundo inteiro nesta sala."

Ele tinha razão. Holland havia montado peças de todos os cantos do Império e além. As obras de homens brilhantes. Anos de esforços concentrados entre quatro paredes para agradar o olhar dos hóspedes de um lorde rico.

Gorgoth levantou uma cadeira elegante com uma mão bruta, os dedos enrolados em torno de arabescos complicados. "A beleza que se

encontra nas montanhas é mais... robusta." Ele pôs a cadeira de volta. Eu imaginei as pernas da cadeira se estilhaçando se ele tentasse se sentar. "Por que estamos aqui?"

Makin assentiu com a cabeça. "Você disse camas ruins, oficiais sorridentes e pulgas. E aqui estamos, mesmo assim. As camas parecem ótimas. Talvez um pouco macias e..." – ele olhou para Gorgoth – "...fracas, e pode até haver pulgas, embora uma categoria melhor de pulgas, sem dúvida – e sim, os oficiais sorriram."

Eu contraí os lábios e me atirei na cama grande. Afundei no edredom, com as cobertas quase se fechando em cima de mim como se eu houvesse caído em águas profundas.

"Há algo em que preciso pensar", eu disse.

Precisei fazer um esforço para levantar a cabeça e avistar Gorgoth. "Vocês dois se divirtam. Mando chamar se precisar de vocês. Makin, seja charmoso. Gorgoth, não coma nenhum criado."

Gorgoth soltou um ronco. Eles se viraram para sair.

"Gorgoth!" Ele parou diante da porta, uma porta tão alta que nem ele precisava se abaixar para passar. "Não deixe que encham seu saco. Pode comê-los, se eles tentarem. Você está indo ao Congresso como Rei Sob a Montanha. A Centena pode não saber disso ainda, mas vai ficar sabendo."

Ele inclinou a cabeça e ambos saíram.

Eu tinha meus próprios motivos para levar a leucrota ao Congresso, mas, por melhores que esses motivos fossem, foi a chance de representar seu novo povo, os trolls, que convenceu Gog – e Deus sabe que ele precisava se convencer, já que eu não conseguia lhe dar ordens. E isso por si só era outro bom motivo. Eu tinha poucos homens à minha volta que falariam com franqueza e me diriam se achassem que eu estava errado. Havia apenas um homem que eu não comandava e que em último caso arrancaria minha cabeça, em vez de me obedecer

contrariando seus instintos. Todo o mundo precisa de alguém assim por perto, às vezes.

Eu me sentei na delicada cadeira de Lorde Holland, em uma mesa de nogueira tão polida que parecia brilhar, e brinquei com o jogo de xadrez que havia surrupiado do pavilhão dos guardas. Matei algumas horas olhando para os quadrados, mexendo as peças da maneira permitida. Sentindo o peso delas em minha mão, o deslize delas sobre o mármore. Eu li que os Construtores fizeram brinquedos que podiam jogar xadrez. Brinquedos tão pequenos quanto o bispo de prata em minha mão, que podiam derrotar qualquer jogador, sem demorar para escolher jogadas que arruinavam até as melhores mentes entre seus criadores. O bispo fazia um estalo agradável quando encostava no tabuleiro. Eu batuquei um ritmo e me perguntei se restava algum propósito em jogar um jogo que brinquedos dominavam. Se nós não conseguíamos encontrar um jogo melhor, então talvez as mentes mecânicas que os Construtores deixaram para trás sempre ganhariam.

Holland aceitou meu pedido e não permitiu visitas, solicitações, convites. Eu me sentei sozinho no luxo de seu quarto de hóspedes e me lembrei. Houve um tempo que uma lembrança ruim foi tirada de mim. Eu a carreguei em uma caixa de cobre até que finalmente tive de saber. Qualquer caixa fechada, qualquer segredo, irá corroê-lo, dia após dia, ano após ano, até chegar ao osso. Ela sussurrará a velha rima: abra a caixa e encare o perigo ou se questione – até aquilo o enlouquecer, o que poderia acontecer? Há outras lembranças que eu preferia afastar para longe de mim, além do uso e da recordação, mas a caixa me ensinou uma lição. Até a pior de nossas lembranças é parte da fundação que nos mantém neste mundo.

Enfim me levantei, derrubei os reis, tanto o preto quanto o branco, e caí outra vez na cama. Desta vez eu a deixei me engolir e me afundei no almíscar branco dos seus sonhos.

Eu estava no Castelo Alto, diante das portas da sala do trono de meu pai. Eu conhecia essa cena. Eu conhecia todas as cenas que Katherine me apresentava por trás daquelas portas. Galen morrendo, mas com minha indiferença substituída por todo o passado dela, para que ele caísse como um machado atravessando a vida de nós dois. Ou a faca de meu pai, enterrada em meu peito no auge de minha vitória, conforme me aproximei dele, de filho para pai, um lembrete afiado de todo o seu veneno, mirando o coração.

"Estou farto de jogos", eu disse.

Pus os dedos sobre as maçanetas das grandes portas.

"Eu tive um irmão que me ensinou uma lição duradoura. Irmão Hendrick. Um louco, sem medo de nada."

E assim que se falou nele, eis que surgiu ao meu lado – como o pior dos demônios invocados pelo nome. Ele estava ao meu lado diante das portas de meu pai, rindo e batendo a bota no chão. Irmão Hendrick, escuro como um mouro, com os longos cabelos em tranças negras que chegavam abaixo dos ombros, musculoso e esguio como um troll, o corte rosado e irregular de uma cicatriz, que ia de seu olho esquerdo até o canto da boca, gritante em sua pele suja.

"Irmão Jorg." Ele inclinou a cabeça.

"Mostre a ela como você morreu, irmão", eu disse.

O irmão Hendrick deu um largo sorriso ao ouvir aquilo e o lanceiro de Conaught atacou novamente, de uma repentina nuvem de fumaça. A lança de Conaught é uma arma feia, farpada várias vezes como se fosse feita para nunca mais sair, com lâminas cortantes no comprimento.

Hendrick foi atingido pela lança na barriga, exatamente como eu me lembrava, até mesmo com o som dos elos da cota se rompendo. Seus olhos se arregalaram, seu sorriso ficou mais largo, agora contorcido e escarlate. O homem de Conaught o pegou, espetado naquela lança, fora

do alcance da espada de Hendrick, mesmo que ele tivesse forças para segurá-la.

"Agora estou duvidando que o irmão Hendrick pudesse se soltar daquela lança", eu disse por sobre fantasmas de gritos e a lembrança das espadas contra espadas. "Mas ele poderia ter lutado e talvez, apenas talvez, conseguisse se libertar. Ele teria largado mais metros de tripas naquelas farpas do que restariam em seu corpo, contudo. Ele poderia ter tentado lutar, mas às vezes a única opção é aumentar as apostas, atirar-se para o outro lado, forçar seu adversário a ir mais longe pelo caminho que ele escolheu, mais longe do que eles queriam ir."

Irmão Hendrick largou sua espada e sacudiu o escudo de seu braço. Com as duas mãos, ele agarrou a lança pela empunhadura, depois das lâminas, e forçou o próprio corpo contra ela. A ponta apareceu, negra e pingando, em suas costas, um metro de madeira e pontas cortantes trespassando sua barriga, abrindo uma ferida terrível, e em dois largos passos ele chegou a seu inimigo.

"Observe", eu disse.

E o irmão Hendrick bateu com a testa no rosto do lanceiro. Duas mãos vermelhas agarraram o pescoço do homem de Conaught por trás e o puxaram ainda mais para perto. Hendrick caiu, agarrado ao homem, com os dentes enterrados no pescoço exposto. A fumaça passou por cima de ambos.

"Aquele lanceiro devia ter soltado, naquele dia", eu disse. "*Você* precisa se soltar agora, Katherine."

Eu segurei as maçanetas das portas da sala do trono e puxei, não o metal, mas a maré escura de meu sonho, os sonhos febris de tempos idos quando eu suava com a decomposição das minhas feridas dos espinhos. O gelo se espalhou a partir de meus dedos sobre o bronze, passando para a madeira e, de cada dobra e emenda das portas, pus começou a escorreu. O fedor adocicado daquilo me atraiu à noite em

que acordei, suando e com dor, e encontrei o homem de frei Glen, Polegada, com suas mãos sobre mim. Como uma criança de nove anos, eu não entendia muita coisa, mas a forma como ele se afastou de mim, o olhar naquele rosto suave, as gotas de suor como se também estivesse com febre – tudo me ajudou a compreender sua mente. Ele se virou sem palavras e saiu apressado em direção à porta, mas sem correr. Ele deveria ter corrido.

Minhas mãos, brancas sobre o bronze gélido das maçanetas, não sentiram o metal frio, mas o peso e o calor do atiçador que eu havia pegado antes do fogo. Eu deveria estar fraco demais para ficar em pé, mas deslizei da mesa onde eles me sangraram e me purgaram, deixei o lençol cair e corri nu até o fogo feroz. Alcancei Polegada na porta e, quando ele se virou, enterrei o atiçador entre suas costelas. Ele gritou como os porcos fazem quando o açougueiro dá cabo deles. Eu tinha apenas uma palavra para ele. Um nome. "Justiça."

Espalhei o fogo não para me aquecer, embora a febre me fizesse bater os dentes e tremer as mãos tanto que não conseguia usá-las. Acendi o fogo para ficar limpo novamente. Para queimar qualquer sinal do toque de Polegada e de seu erro. Para devorar toda a lembrança de minha fraqueza e meu fracasso.

"Eu quis ficar lá", eu disse, sussurrando. Ela me ouviria mesmo assim. "Eu não me lembro de ir embora. Eu não me lembro de quão perto as chamas chegaram."

Eles me encontraram na floresta. Eu queria ter chegado até a menina-que-aguarda-a-primavera, deitado no local onde enterrara meu cachorro, e esperado com ela, mas me pegaram antes que eu chegasse lá.

Eu levantei a cabeça. "Mas não é para lá que estou indo esta noite, Katherine."

Há verdades que você sabe, mas não diz. Nem para si mesmo, no escuro, onde estamos todos sós. Há lembranças que você vê, mas não

vê. Coisas separadas, que se tornaram abstratas e desprovidas de significado. Algumas portas, quando abertas, não podem ser fechadas de novo. Eu sabia disso, mesmo aos nove anos eu sabia. E aqui estava uma porta que eu fechara havia muito tempo, como a tampa de um caixão, e seu conteúdo não estava mais apto para inspeção. O medo tremia em minhas mãos e eu apertei os punhos para combatê-lo. Nenhuma parte de mim queria isso, mas eu afugentaria Katherine de meus sonhos e seria dono de minhas noites outra vez – e a sinceridade continuava sendo minha arma mais afiada.

Puxei as maçanetas daquelas portas de gelo e corrupção, eu as puxei e parecia que estava enterrando uma lança em minhas entranhas, centímetro após maldito centímetro. E, com um grito de protesto, as portas se abriram, não para a sala do trono, não para a corte de meu pai, mas para um dia sem graça de outono em um caminho esburacado que serpenteava vale acima até onde ficava o monastério.

"Nem fodendo que eu vou!"

O irmão Mentiroso já estava fodido havia muito tempo, mas nenhum de nós mencionou isso. Nós apenas ficamos de pé na lama da estrada e no frio da brisa úmida do oeste observando o monastério.

"Vá você lá em cima e peça a eles para olharem seu ferimento", Burlow, o Gordo, disse novamente.

Burlow sabia usar uma espada melhor do que a maioria e lançava olhares gelados para cima de um homem. Ele não era alegre com toda aquela banha, mas não tinha a autoridade que o irmão Price costumava exercer.

"Nem fodendo que..."

O irmão Rike deu um tapa na nuca do Mentiroso e ele caiu para a frente, na lama. Grumlow, Roddat, Sim e os outros se aglomeraram em volta de Rike.

“Ele não veria muita coisa”, eu disse.

Eles se viraram para olhar para mim, deixando Mentiroso de quatro, pingando lama. Posso ter matado Price com três pedradas, mas eu ainda era uma criança magricela de dez anos e os irmãos não obedeceriam a ordens minhas. O fato de eu ter sobrevivido deve-se, em partes iguais, ao rápido manejo da faca e à proteção do nubano. Levaria mais dois anos, após Sir Makin me encontrar e tanto ele quanto o nubano me protegerem, até que eu abertamente tomasse as decisões dos irmãos por eles.

“Como é que é, nanico?” Rike não havia me perdoado pela morte de Price. Acho que ele pensava que eu a roubara dele.

“Ele não veria muita coisa”, eu disse. “Eles o levariam à enfermaria. Normalmente é um prédio separado. E ficariam de olho, porque ele parece que vai roubar as ataduras enquanto estão sendo amarradas.”

“Como você sabe?” Gemt errou de propósito um chute em mim. Ele não teria os colhões de arriscar me acertar.

“Sei que eles não guardam o ouro na enfermaria”, eu disse.

“Nós devíamos enviar o nubano”, o irmão Algazarra disse. Ele cuspiu em direção ao monastério, atirando o catarro grosso a uma distância impressionante. “Deixe que ele exerça seu jeito pagão naqueles devotos...”

“Enviem a mim”, eu disse.

O nubano não demonstrou o menor entusiasmo pela empreitada desde o momento que Burlow, o Gordo, sonhou com aquilo. Acho que Burlow só sugeriu irmos até o São Sebastião para fazer Rike parar de reclamar. Para isso e para dar aos irmãos algo melhor para se unirem do que seu próprio comando hesitante.

“Que que cê vai fazer? Pedir para eles terem pena de você?” Gemt soltou uma risada pelo nariz. Maical o arremedou no fim da fila, sem fazer ideia de qual era a piada.

“Sim”, eu disse.

“Bem... realmente há um orfanato lá.” Burlow esfregou sua barba, dobrando mais algumas papadas em seu queixo.

Nós montamos acampamento alguns quilômetros antes, ao longo da estrada, em um matagal de olmos retorcidos e amieiros fedendo a raposas. Burlow havia decidido, em sua sabedoria, que eu me aproximaria do monastério um pouco após o amanhecer, quando tivessem terminado suas orações matinais.

Os irmãos acenderam fogueiras entre as árvores e Gains pegou seu caldeirão do carro-chefe e o pôs sobre a labareda mais alta. A noite estava suave e as nuvens se desfizeram conforme a escuridão caía. O aroma de cozido de coelho começou a se espalhar. Nós éramos em torno de vinte pessoas. Burlow se movimentou para convencer os homens de suas obrigações – Sim e Gemt deveriam vigiar a estrada, o velho Elban ficaria onde os cavalos estavam encurralados para prestar atenção nos lobos.

O irmão Grillo começou a dedilhar aquela harpa dele de cinco cordas – bem, *dele* desde que a tomara de um homem que realmente sabia tocá-la – e em algum lugar no escuro uma voz aguda percorreu a “Tristeza da Rainha”. O irmão Jobe foi quem cantou naquela noite. Ele só cantava quando ficava escuro demais para enxergar, como se na noite preta ele pudesse ser outro rapaz em outro lugar e cantar as músicas que foram ensinadas àquele rapaz.

“Você não acha que devemos roubar o São Sebastião?”, perguntei à escuridão.

Ela respondeu com a gravidade da voz do nubano: “Eles são seus homens santos. Por que você quer roubar deles?”

Abri a boca e depois fechei. Eu só pensei que queria construir minha reputação com meus irmãos de estrada e aliviar um pouco da raiva me

corroendo por dentro. Mas mais do que isso... eles *eram* meus homens santos, aqueles monges na fortaleza de seu monastério, repetindo salmos em seus salões de pedra, carregando cruzes douradas da capela até a igreja. Eles falavam com Deus e talvez Ele respondesse, mas os males feitos a mim não haviam sequer ondulado seu grande lago de serenidade. Eu queria bater à porta deles. Minha boca podia pedir santuário, eu podia bancar a criança órfã, mas no fundo eu estaria perguntando por quê. O que quer que estivesse quebrado dentro de mim havia começado a ficar apertado demais para ser ignorado. Eu chacoalharia o mundo até seus dentes caírem, se era isto que fosse preciso para fazê-lo cuspir uma resposta. *Por quê*?

O irmão Jobe terminou sua canção.

"É algo a fazer, um lugar a ir", eu disse.

"Eu tenho um lugar aonde ir", disse o nubano.

"Que lugar?" Se eu não perguntasse, ele não diria. Não dava para deixar um espaço grande o bastante para forçar o nubano a preenchê-lo.

"Casa", ele disse. "Onde faz calor. Quando eu tiver dinheiro suficiente irei à Costa Equina, a Kordoba, e pegarei um barco para atravessar os estreitos. Do porto de Kutta eu posso andar até minha casa. É um longo caminho, leva meses, mas sobre terras que eu conheço, povos que eu conheço. Aqui, porém, neste Império de vocês, um homem como eu não pode viajar para longe, não sozinho, então espero até que o destino nos leve todos ao sul juntos."

"Por que você veio para cá, se odeia tanto este lugar?" Sua rejeição me atingira, embora não fosse direcionada a mim.

"Eu fui trazido para cá. Acorrentado." Ele se deitou, invisível. Quase pude ouvir as correntes quando ele se mexeu. Ele não falou mais.

• • •

A manhã atravessou a mata trazendo uma névoa consigo. Eu tive que deixar minhas facas e a espada curta com o nubano. E sem fazer o desjejum. Um estômago roncando deporia a meu favor diante do portão dos monges.

"Analise a situação do terreno, Jorg", Burlow me disse como se fosse ideia dele desde o início.

Os irmãos Rike e Hendrick me observaram sem comentários, além do raspar de suas pedras de amolar nas lâminas de ferro.

"Encontre onde os homens armados se deitam", Kent, o Rubro, disse. Nós sabíamos que os monges tinham guardas mercenários, homens de Conaught, talvez soldados de Reams enviados por Lorde Ajah, mas mantidos e pagos pelo abade.

"Cuidado lá em cima, Chorg", Elban sibilou. O velho se preocupava demais. Eu pensava que, à medida que os anos se passassem, um homem se preocuparia menos – mas não.

Então comecei a subir a estrada e deixei a neblina engolir meus irmãos atrás de mim.

Uma hora depois, enfim cheguei, úmido e com os pés enlameados, à curva da estrada de onde se via o monastério pela primeira vez. Andei mais algumas centenas de metros até a névoa permitir um vulto escuro do edifício e em mais dez passos ele passou de sugestão a fato, um grupo de prédios dos dois lados do Rio Brent. A reclamação das águas me atingia conforme caía da roda do moinho, antes de escapar até as fazendas mais abaixo do vale ao leste. Fumaça de madeira fazia cócegas em minhas narinas, um leve cheiro de fritura, e meu estômago roncou obedientemente.

Eu passei pela padaria, pela cervejaria e pela despensa, prédios sombrios de pedra identificados pelos aromas de pão, malte e cerveja. Tudo parecia deserto, as orações matinais exigiam que até mesmo os irmãos seculares parassem seus trabalhos nos campos, nos viveiros de

peixe ou no chiqueiro. O caminho até a igreja passava pelo cemitério, com as lápides todas tortas como se estivessem no mar. Duas grandes árvores ficavam entre os túmulos, empurrando as pedras mais gastas para o lado. Eram dois teixos alimentados por cadáveres, ecos de uma fé mais antiga, nascidos orgulhosamente onde os homens viviam suas vidas a serviço do Cristo branco. Eu parei para colher uma fruta vermelha desbotada da árvore mais próxima. Firme e empoeirada. Eu a rolei entre o polegar e o indicador, talvez uma repercussão dos corpos perdidos que aquelas raízes bebiam, afogadas no néctar da vida dos fiéis apodrecidos.

Ecos de cantochão atravessaram o cemitério, os monges estavam chegando ao final das preces matinais. Decidi esperar.

Burlow tinha planos de rumar ao norte com os tesouros do São Sebastião e chegar à costa, onde em um dia claro podia-se olhar para o Mar Calmo e avistar as velas de meia dúzia de nações. O porto de Nemla podia até pagar imposto a Reams, mas não prestava atenção às leis de Lorde Ajah. Os piratas tinham poder por lá e era possível vender qualquer coisa em um lugar assim, de relíquias sagradas a carne humana. Na maioria das vezes, os compradores seriam homens das ilhas, brettans das terras submersas, todos marinheiros. Dizia-se que, se todos os homens de Brettan deixassem os navios ao mesmo tempo, as ilhas não teriam espaço para eles ficarem.

O nubano uma vez resmungou uma cantiga das Ilhas Brettan. Ela dizia que eles tinham corações de carvalho, mas o nubano contou que, se os corações deles eram de carvalho, o sangue deles era produzido pelo teixo, uma árvore mais escura e mais antiga. E do teixo vêm seus arcos, com os quais os homens de Brettan mataram mais pessoas durante os longos anos do que as que morreram de bala ou de bomba durante os curtos anos dos Construtores.

Eu esperei às portas da igreja quando as canções acabaram, mas, apesar dos bancos se arrastando e do murmúrio de vozes, ninguém apareceu. Tudo ficou em silêncio e finalmente eu pus as mãos nas portas e as empurrei até o salão calmo.

Um monge permanecia rezando, ajoelhado diante dos bancos, de frente para o altar. Os outros devem ter se retirado por outra saída que dava para o complexo do monastério. A luz das janelas de vitral caía sobre o homem em muitas cores, com um pedaço verde sobre sua cabeça, fazendo algo estranho em sua careca. Ocorreu-me, enquanto o aguardava terminar de importunar o Todo-Poderoso, que eu não sabia *como* pedir santuário. Atuar nunca esteve em destaque no grupo de minhas habilidades e mesmo quando as palavras necessárias surgiram em minha mente eu podia ouvir quão falsas elas soariam, caindo amargamente de uma língua cínica. Para alguns, "desculpe" é a palavra mais difícil de se dizer, mas para mim sempre foi "socorro".

No fim, decidi lançar mão de minhas qualidades. Eu não esperei o monge acabar seus gemidos silenciosos e não pedi ajuda.

"Eu quero ser um monge", eu disse, com a condição silenciosa de que o inferno congelasse e o céu ardesse antes de deixar que cortassem meu cabelo.

O homem se levantou sem pressa e se virou para me encarar, com as cores da janela deslizando sobre seu hábito cinza. Sua tonsura deixou uma coroa de cachos pretos em volta da careca lustrosa.

"Você ama a Deus, garoto?"

"Não poderia amá-Lo mais."

"E você se arrepende de seus pecados?"

"Quem não?"

Ele tinha olhos calorosos e um rosto suave. "E você é humilde, garoto?"

"Não poderia ser mais humilde", respondi.

“Você usa as palavras de maneira inteligente, garoto.” Ele sorriu. As rugas que se espalharam no canto de seus olhos afirmavam que ele era propenso a sorrir. “Talvez inteligente demais. Inteligência demais pode ser um tormento para um homem, pondo seu juízo contra sua fé.” Ele dispôs os dedos em formato de campanário. “Em todo caso, você é jovem demais para se tornar um noviço. Vá para casa, garoto, antes que seus pais percebam que você sumiu.”

“Eu não tenho mãe”, eu disse. “E não tenho pai.”

Seu sorriso diminuiu. “Bom, agora a coisa mudou. Nós temos órfãos aqui, resgatados das corrupções da estrada e educados à maneira de nosso Senhor. Mas a maioria vem até nós ainda bebês e não é uma vida fácil. Nossos meninos trabalham duro, tanto no campo quanto nos estudos, e há regras. Muitas regras.”

“Eu vim aqui para ser monge, não um órfão, um irmão, nem um filho.” Eu não queria ser monge, mas só de me dizerem “não” um pequeno fogo se acendeu em mim. Sabia que eu era difícil, que ardia a cada recusa, que sentia meu sangue ferver diante da menor provocação – mas saber e ter certeza são coisas diferentes.

“Uma boa quantidade de nossos noviços é escolhida entre meninos que mantemos aqui.” Se ele percebeu minha raiva, não deixou transparecer nem por um momento. “Eu mesmo fui abandonado nos degraus da igreja quando bebê, muitos anos atrás.”

“Posso começar dessa maneira.” Dei de ombros, como se deixasse me convencer.

Ele assentiu e me observou com aqueles olhos bondosos. Eu me perguntei se suas orações ainda estavam ecoando por trás deles. Será que Deus falava de volta com ele ou os Velhos Deuses sussurravam do teixo, ou talvez os deuses do nubano chamassem por ele do outro lado dos estreitos, nos céus jubilantes de Afrique?

“Eu sou o abade Castel”, apresentou-se.

“Jorg.”

“Se você me acompanhar, podemos pelos menos providenciar uma refeição.” Ele sorriu novamente, o tipo de sorriso que dizia que gostou de mim. “Se escolher ficar, nós podemos ver se você realmente pode amar a Deus um pouco mais e ser de alguma maneira mais humilde.”

• • •

Eu passei aquele primeiro dia colhendo batatas com os doze órfãos atualmente sob os cuidados do São Sebastião. Os meninos, com idades variando dos cinco aos catorze anos, formavam um grupo bastante heterogêneo. Alguns eram sérios, outros selvagens, mas todos animados em ter um garoto novo entre eles para quebrar a monotonia da lama e das batatas, das batatas e de mais lama.

“Sua família deixou você aqui?” Orscar – um garoto baixo, magro, com cabelos pretos desgrenhados, como se cortados com pressa, e lama em ambas as bochechas – fez as perguntas e o restante deles escutou. Calculei que tivesse oito anos.

“Eu caminhei”, eu disse.

“Meu avô me trouxe aqui”, disse Orscar, apoiado em seu forcado. “Mamãe morreu e meu pai nunca voltou da guerra. Eu não me lembro deles muito bem.”

Outro garoto, mais alto, riu da história do pai de Orscar, mas não disse nada.

“Eu vim ser monge”, eu disse. Enterrei o forcado bem fundo e puxei uma meia dúzia de batatas, a maior delas espetada em um dos dentes.

“Idiota.” O maior dos meninos me empurrou de lado e levantou a ponta do meu forcado. “Se as arranhar, elas não duram uma semana. Você precisa ir sentindo o solo e cavar em torno delas.” Ele arrancou o legume perfurado.

Imaginei como seria dar um salto e empalá-lo, com o dente do meio do forcado espetando seu pomo de adão e os outros dois segurando seu pescoço. Eu me perguntei se o perigo sequer passou por sua cabeça, quando ele fez uma careta para mim por cima da arma, apontada para ele. Ele não duraria uma semana.

"Quem quer ser monge?" Um garoto da minha idade se aproximou, arrastando um saco cheio. Ele parecia pálido por baixo da sujeira, com o sorriso constante, como se soubesse exatamente o que eu estava pensando.

"Tem de ser melhor que isso." Eu abaixei o forcado.

"Eu ficaria louco", ele disse. "Rezando, rezando e rezando mais. E lendo a Bíblia todo santo dia. E todas as cópias. Todo aquele trabalho com a pena, copiando as palavras de outras pessoas, nunca escrevendo as suas próprias. Você quer passar cinquenta anos fazendo isso?" Ele ficou quieto quando um dos irmãos seculares veio pisoteando da cerca viva.

"Mais trabalho, menos conversa!"

E nós nos pusemos a cavar.

Eu acabei descobrindo que há certa satisfação em escavar. Em retirar seu jantar da terra, em erguer o solo e puxar dele belas e duras batatas, imaginando-as assadas, amassadas, fritas em óleo... todos os jeitos são bons. Especialmente se não foi você que teve de cuidar do campo pelos seis meses anteriores. Esse tipo de trabalho esvazia a mente e deixa novos pensamentos entrarem, de cantos insuspeitos. E em momentos de descanso, quando nós órfãos nos encarávamos, com as bochechas enlameadas, apoiados em nossos forcados, há uma camaradagem que se constrói sem que você perceba. No fim do dia, acho que o garoto grande, David, até poderia ter me chamado de idiota uma segunda vez e sobrevivido.

Nós marchamos de volta ao monastério quando as sombras do fim da tarde caíram sobre os campos esburacados. Fomos alimentados na casa de fraternidade, com os irmãos ordenados em uma longa mesa de cavaletes, os irmãos seculares em outra e os órfãos aglutinados em volta de uma mesa baixa quadrada. Comemos bolinhos de batata amassada fritos em banha de porco com salada verde. Nunca havia comido nada melhor. E os meninos conversaram. Arthur contou que seu avô costumava fazer sapatos antes de sua vista escurecer. Orscar mostrou a cruz de ferro que seu pai lhe deu quando foi embora. Um troço pesado com um círculo vermelho esmaltado no cruzamento. Pelo sangue de Cristo, Orscar disse. E David contou que talvez se alistasse para ser soldado de Lorde Ajah, como Bilk e Peter, que vimos patrulhando ao longo do Brent. Todos eles falaram, muito e ao mesmo tempo, rindo, enfiando comida no meio das palavras, comentando sobre bobagens, jogos que jogavam, sonhos que tinham, do que podia ter sido e do que pode vir a ser. A conversa fácil que crianças têm, que Will e eu tínhamos. É estranho pensar nesses meninos, limitados por tantas regras e parecendo tão livres, e em meus irmãos da estrada, desvinculados das leis ou da consciência, mas tão cautelosos e amargos em suas conversas, afiando e pesando cada palavra como se elas estivessem aprisionadas e procurassem fugir a cada momento de suas vidas.

Os órfãos dormiam em seu próprio dormitório, um prédio sólido de pedras, com teto de ardósia, limpo por dentro, embora vazio como a cela de um monge. Eu me deitei entre eles, confortável em meu colchão de palha. O sono chegou rapidamente. O trabalho honesto faz isso com você. Mas acordei na hora mais escura e escutei a noite, os camundongos passeando no meio de nossa palha, os roncos e os resmungos de línguas sonolentas, as corujas caçadoras e os estalos da água passando pelo moinho. Pensei em meus irmãos da estrada,

aprisionados em sonhos sombrios enquanto seus corpos se espalhavam entre as árvores. Eles acordariam em breve, sedentos de sangue, e viriam nesta direção.

Um monge veio nos buscar antes do amanhecer para que ficássemos limpos e prontos para as orações matinais.

"Nada de trabalho!" Orscar sussurrou ao meu lado enquanto se vestia.

"Não?"

"É domingo, seu idiota." David usou uma vara comprida para abrir as janelas. Não fez muita diferença.

"Domingo é para rezar." Isso veio de Alfred, o pacificador do campo de batatas.

"E estudar", disse Arthur, um menino alto e sério, mais ou menos da minha idade.

O domingo acabou sendo para estudos além daqueles que os monges arranjaram para nós. Primeiramente, porém, eu assisti a lições de escrita, instrução sobre as vidas dos santos e uma sessão de ensaio do coral – eu, aliás, grasnei como um corvo. Um monge idoso chegou para a última lição do dia, curvado sobre uma bengala preta, de olhos brilhantes, mas pálido por baixo da franja grisalha de seu cabelo. Ele tinha uma aparência azeda, mas os meninos pareciam gostar dele.

"Ah. Novato. Qual o seu nome, meu jovem?" Ele falou rápido e agudo, com apenas um rangido da idade.

"Jorg", eu disse.

"Jorg, é?"

"Sim", eu disse. "Senhor."

"Eu sou o irmão Winter. Nada de senhor. E estou aqui para ensinar teologia." Ele parou e franziu o rosto. "Jorg, né?"

"Sim, irmão."

“Nunca ouvi falar em um São Jorg. Não é um negócio curioso? São Alfredo, São Oscar, São David, São Arthur... você não tem dia santo, garoto?”

“Minha mãe dizia que o dia de São Jorge serviria. Por Jorg ser uma forma de Jorge.”

“O santo brettan?” Ele fez que ia cuspir mas se conteve. “Ele caiu do céu quando o mar engoliu aquelas terras.”

O irmão Winter deixou meu nome e seus maus agouros quietos depois disso e nos ensinou teologia, como prometido. Ele se mostrou divertido e elogiou meu pensamento rápido, então nós nos despedimos como amigos.

Nas duas horas entre os serviços de Vésperas e as Completas, nós ficamos livres de preces e lições. Ao menor sinal, Orscar implorou para me mostrar o monastério – todos os terrenos e prédios. Ele correu comigo o máximo que a escuridão do fim da tarde permitia, ansioso para agradar, como se eu fosse seu irmão mais velho e minha aprovação valesse mais do que todo o ouro da capela. Nós subimos na pilha de lenha perto da velha capelania, aonde os camponeses iam pedir donativos em épocas difíceis, e de nossa posição privilegiada espionamos os soldados de Ajah que se aquartelavam lá quando não estavam em serviço.

“O abade diz que não precisamos de soldados espalhados por aí.” Orscar desceu, enxugando o nariz em sua manga. “Mas David diz que ficou sabendo que o São Goodwin, perto de Farfield, foi invadido seis meses atrás e incendiado completamente. Ele ouviu do noviço Jonas na oficina do ferreiro.”

“Se uma invasão acontecer, não confie nos soldados”, eu lhe disse. “Corra até o rio e siga-o contra a corrente. Não pare por nada.”

Eu me desvencilhei de Orscar no escuro e fui até a estrada, onde o caminho do monastério se unia à via mais larga. Até deixar o menino,

com uma rápida virada nas sombras, parecia uma traição. Ele começou a me amar cegamente, como Maical com aquele sorriso idiota dele seguindo Gemt. Como Justiça costumava andar atrás de mim e de William, hora após hora, apenas feliz por estar conosco, radiante se nós fizéssemos carinho nele, extasiado se Will o abraçasse com seus bracinhos e enterrasse seu rosto naquele monte de pelos. O cachorro ficava ali como se estivesse tolerando o abraço, como se não fosse por aquilo que ele havia nos seguido durante metade do dia, mas sua cauda não mentia.

Elban estava aguardando um pouco adiante na estrada, um fantasma à luz do luar. "Qual o veredicto, Chorg?"

Eles enviaram Elban porque ele parecia pacato, mas eu o escolheria em vez de dois soldados de Ajah sem pestanejar. Bem, não em uma briga limpa, mas isso praticamente não existe.

"O veredicto é ouro precioso e mais guardas do que o irmão Burlow gostaria de enfrentar, bem-armados, com pontos fortes de defesa. O lugar é feito para durar."

"Eles não vão gostar dessas notícias, Chorg." "Notífiaf", ele disse, com dificuldade no "s". Elban pareceu preocupado, embora tenha rido para esconder.

"Diga a Burlow que você é apenas o mensageiro", sugeri. "E fique fora do alcance de Rike."

"Você não vem comigo, então?" Elban franziu o rosto. Sua língua deslizou pela carne pálida de suas gengivas.

"Há uma ou duas peças que valem a pena roubar. Se puder afaná-las, eu venho correndo. Se não, eu me encontro com você aqui amanhã, no mesmo horário, e nós todos vamos embora."

Eu o deixei resmungando "eles não vão gostar disso, eles não vão gostar disso".

Eu contara doze guardas, nenhum deles muito mais jovens que Elban, e só o crucifixo que o abade usou nas Vésperas já valia o esforço de abatê-los. Na verdade, apesar das lições cruéis que me foram ensinadas por meu próprio pai e pelos espinhos, eu havia encontrado um sussurro de uma maneira diferente de viver nos campos, corredores e sacrários do São Sebastião e, embora escutasse com um ouvido cético, eu ainda queria ouvir aquele sussurro um pouco mais.

Meu pai me ensinou a não amar ou me comprometer e os espinhos me ensinaram que até os laços familiares são fraquezas fatais: um homem deve andar sozinho, esperar sua vez e atacar quando a força estiver em suas mãos. Às vezes, porém, parecia que tudo que me prendia àquelas lições eram as cicatrizes que elas deixaram em mim.

Ao me arrastar de volta, raciocinei que o que eu queria da estrada, de meus irmãos da estrada, não era ouro nem trucidar monges. Eu vinha da riqueza, sabia como os inocentes morriam. O que eu buscava era o poder que estava nas mãos desvinculadas de amarras sociais, não restritas por códigos morais, preceitos de cavalheirismo, regras da guerra. Eu queria conquistar a força que o nubano demonstrou nas masmorras de meu pai, ser feito para a batalha. E eu encontraria essas coisas nos tempos difíceis. Eu conduziria meus irmãos a tribulações onde a Centena molharia suas espadas e veria o que aconteceria.

Eu me disse tudo isso, mas sem dizer. Por baixo daquelas palavras, eu sabia que talvez só quisesse uma passagem de volta para dias mais calmos, quando minha mãe me amava. Eu era, afinal, uma criança de dez anos, fraca, burra e imatura. As lições certas me foram ensinadas, mas todo professor sabe que um aluno irá reincidir se as lições difíceis não forem reforçadas por repetição.

O cheiro de almíscar branco chegou a mim, chegou aonde quer que o sonhador fique para ver seu pesadelo se desdobrar. Ela estava comigo, invisível e intocável, mas próxima, quase pele com pele conforme eu

puxava essas velhas lembranças através dela. E eu sabia que ela sentia a ameaça, contava sua aproximação pelas batidas de seu coração, sem saber a natureza nem a direção de seu ataque.

Voltei e encontrei os guardas do monastério colocando tochas em hastes de ferro diante da sala capitular. Mais monges do que eu suspeitava estarem alojados no São Sebastião já estavam reunidos nas sombras perto da parede. Evidentemente, nem todos compareciam às refeições.

"Aonde você foi?", Orscar perguntou, vindo em minha direção a partir do escuro. Se eu tivesse uma faca, ele teria ficado espetado nela.

"O bispo está vindo!" A notícia se mostrou importante demais para esperar minha resposta.

"Que bispo? Onde?" Não parecia uma história muito provável.

"O bispo Murillo! Seu criado acabou de chegar, à frente da procissão, para nos avisar. Ele está na estrada norte. Nós veremos as luzes deles aparecendo no Morro Jedmire logo, logo." Orscar ficava pulando de um pé para o outro, como se precisasse fazer xixi. Provavelmente precisava.

"O irmão Miles disse que o Vaticano mandou a carruagem da papisa buscá-lo." Arthur estava atrás de nós agora. "Murillo está a caminho de Roma."

"Ele vai se tornar cardeal! Com certeza!" Orscar parecia bem mais animado com a política da Igreja do que uma criança de oito anos deveria ficar.

"Onde estão todos os outros?", eu perguntei. Além de Orscar e Arthur, nenhum dos órfãos fora presenciar o espetáculo.

Orscar piscou. "Eles devem tê-lo visto antes. Ele ministra na Santa Chelle. Ele já visitou antes, o irmão Winter contou."

Eu não deixei aquilo me importunar. Eu já vira bispos antes. Bem, dois deles. O bispo Simon, que pregava na Nossa Senhora, na Cidade de Crath, e o bispo Ferr, que substituiu Simon quando os anjos o

arrastaram em uma noite fria. Mesmo assim, eu esperaria para dar uma olhada nesse terceiro. Ele podia ter tesouros em sua carruagem que fariam meus irmãos da estrada felizes. Se os outros meninos encontraram algo para ocupá-los, boa sorte.

"Ele é neto do Duque de Belpan, sabia?", disse Arthur.

"O bispo?"

Ele assentiu. Eu dei de ombros. Abades, em uma ordem dedicada à vida simples e trabalho pesado, podem progredir de uma caixa de um órfão abandonado à porta. Bispos, em seus veludos e residências suntuosas, tendiam a ser postos ali por parentes poderosos, por segurança, sendo escolhidos dos galhos mais distantes de alguma família ilustre.

Demorou um bocado. As tochas começaram a derreter e o sino das Completas ameaçou quando finalmente avistamos a procissão, com cavaleiros armados à frente, padres andando, a carruagem papal rangendo atrás de dois cavalos de arado, mais clérigos marchando atrás, e por fim mais dois cavaleiros em cota de malha com a cruz sagrada escarlate sobre tabardos brancos.

A carruagem sacudiu pela estrada, parando com a porta entre a linha dupla de tochas que formavam um corredor até a grande entrada da sala do capítulo. O motorista da carruagem, que parecia um duende com sobrancelhas grossas e grisalhas, ficou imóvel, com seus cavalos de cabeça baixa, roncando de vez em quando como bois. O maior dos três padres que precediam a carruagem correu para abrir a porta e dar o braço ao bispo Murillo, embora o homem não parecesse precisar dele. Ele se espremeu dos confins sombrios, com seu corpanzil esticado em sua batina roxa. Ao sair, ele se voltou para a carruagem e pegou a mitra oferecida das sombras. Eu achava que não havia espaço para um segundo passageiro. Murillo enfiou o chapéu na cabeça, com o suor e seus cachos pretos imediatamente molhando a faixa vermelha em volta

de sua base. Ele ficou de pé, com as mãos na lombar, empurrando a barriga para a frente. Eu meio que esperei um enorme arroto de sua boca carnuda, mas em vez disso ele resmungou e saiu batendo os pés em direção ao monastério. O padre principal e dois homens armados seguiram logo atrás. Embora gordo, o bispo tinha uma energia incomum. Ele me lembrava um javali caçando um cheiro. Um pouco de Burlow também. Seus olhos encontraram Orscar, depois a mim, conforme foi em direção à porta. Ele sorriu para nós, uma convulsão dos lábios, e murmurou algo ao guarda próximo antes de desaparecer lá dentro.

A missa do bispo nos tirou de nossas camas, um troço monótono de rezas em latim no salão lotado da igreja. Nós órfãos ficamos espalhados entre os monges e vimos pouco mais do que as costas de cabeças tonsuradas. Santos ou não, monges são um bando de mal-lavados. O irmão velho à minha frente frequentemente soltava cheiros malignos que a corda ao redor de seu hábito não conseguia conter. Ele tinha dois carrapatos gordos atrás da orelha – a imagem não me sai da cabeça; pareciam duas pérolas roxas e inchadas.

Finalmente a comunhão, e a longa fila a ser dispensada. Na frente da fila, vi o abade Castel pegar o cálice ofertado e beber de sua taça dourada.

"O sangue de Cristo", o padre servente entoava sob o olhar atento do bispo.

Vinho. Pelo menos não era uma hóstia seca.

Nós nos arrastamos para a frente, mais devagar do que uma vela se queima. Na fila, percebi outra vez que a maioria dos órfãos estava ausente – apenas Orscar à minha frente e, em algum lugar atrás da fila, Arthur.

Eu vi o abade esperando, nas sombras da parede, conforme nós nos aproximávamos do altar. Ele estava com cara de um recruta relutante, reunindo forças para sacar sua espada e se atirar à batalha. O bispo, em seu vestuário elegante, lançou um olhar cruel a Castel. Ele era mole e gordo, mas em outra vida talvez pudesse ter sido um de meus irmãos da estrada, com os dentes e garras vermelhos. Em outra vida, Castel seria apenas um tipo diferente de vítima para homens como Rike, Algazarra e Mentiroso.

Mais três monges até a nossa vez. Mais dois. Um. Orscar se aproximou, seco pelo vinho da comunhão. Os órfãos normalmente tinham o corpo, não o sangue. E, mais rápido do que achei que ele pudesse ser, o abade caminhou para a frente, levantou o menino e o carregou para fora da igreja. Orscar, mudo pela surpresa e pela rapidez de sua abdução, não soltou nenhum uivo antes de a porta da sala capitular se fechar atrás deles. Todas as outras pessoas do grande salão ficaram paradas, observando a porta até os ecos de seu fechamento diminuírem. Murillo, que já estava com o rosto vermelho, ficou roxo. Mais um instante de silêncio e então o bispo olhou na minha direção, furioso por motivos que eu não podia imaginar. Ele bateu com seu cajado no chão. O padre, com fios de prata que contornavam a faixa que cobria o veludo preto de sua batina, fixou os olhos gelados em mim e segurou o cálice da comunhão, quase vazio agora. Eu o bebi; o vinho era amargo.

Mais monges, mais fileiras se passaram, mais vinho, enquanto nós esperávamos de pé. O vinho ainda queimava minha língua, como se tivessem fermentado fel em vez de uvas. Uma letargia subiu através de mim, da pedra fria do chão, atravessando a perna e a barriga, até meus pensamentos nadarem nela e a monotonia da liturgia perder o significado. E finalmente, depois da meia-noite, o bispo disse as palavras que todas as crianças querem ouvir em qualquer missa.

"*Ite, missa est*." Vocês estão dispensados.

Eu cambaleei até a porta, segurando o braço de um monge para me apoiar. Ele se afastou de mim, com um olhar petrificado em seu rosto, como se eu fosse doente. A igreja se esticou e se achatou, as paredes e colunas dançavam como reflexos em um lago.

"O q-quê...?" Eu senti o amargor novamente e minha língua ficou sem palavras. Minhas mãos procuraram a faca que deveria estar em meu cinto. Minhas mãos conheciam o perigo.

"Jorg?" Eu ouvi a voz de Arthur e o vi ser carregado pelo monge dos carrapatos e do cheiro podre.

De alguma maneira, cheguei até as portas que davam para o lado de fora e me apoiei nelas. O ar frio da noite ajudaria. Elas cederam, abrindo pouco a pouco, e eu as atravessei. Braços fortes me envolveram. Um dos homens armados de Murillo. Um capuz preto roubando o mundo, mãos sufocantes. Joguei minha cabeça para trás e ouvi um nariz se quebrar e caí em uma confusão sem altos nem baixos, sem enxergar, esforçando-me contra amarras, e me afogando, sufocando, engasgando no escuro.

A memória me traz apenas fragmentos do tempo que passei nos aposentos do bispo, mas tais fragmentos são nítidos e afiados. Eu nunca resisti a Katherine quando ela me puxava para um pesadelo. Agora eu resistia quando ela tentava ir embora. Eu resisti a ela ao atrair cada parte daquelas lembranças fragmentadas pelo canal que ela havia aberto – como o irmão Hendrick e sua lança de Conaught, eu não me importava se me dilacerassem, contanto que ela também sentisse alguma fração daquilo.

O cheiro de Murillo – perfume e suor. A maciez corrompida de seu corpanzil. A força que torcia meus braços até eles rangerem, até a dor me atingir através da névoa da droga que o vinho ocultara, e soltava

gritos finos através da mordaça. Eu fiz Katherine observar e participar, eu a fiz participar da poluição, do fedor bruto de seu desejo, do prazer que ele obtinha em seu poder, do horror de estar indefeso. Eu deixei que ela ouvisse os grunhidos dele. Eu a fiz entender como a sujeira pode se entranhar em você, profunda demais para ser esfregada, profunda demais para sair com o sangue, talvez até profunda demais para sair com o fogo. Eu lhe mostrei como aquela mancha pode se espalhar, ao longo dos anos, transformando todas as lembranças de uma criança em podridão e sujeira, até o futuro, tomando todas as cores e direções.

Eu a mantive comigo, deitada e ensopada de sangue e sujeira, com dor, amarrada, vendada, enjoada pela droga mas agarrando-se a ela pelo medo da clareza que uma mente limpa traria.

Não direi que a fúria me manteve vivo. Aquelas horas envenenadas não ofereciam saída, nada tão tentador quanto a morte, mas talvez, se eu pudesse ter deslizado até a morte, se isso fosse uma opção, então minha raiva talvez tenha sido o que me manteve aqui. Conforme o efeito da droga foi passando e minha concentração voltava, uma necessidade de vingança começou a crescer, rapidamente ofuscando todos os desejos menores como fugir e aliviar a dor ou a necessidade de respirar.

Correntes podem segurar um homem. Uma manilha bem fechada requer que ossos sejam quebrados antes que o prisioneiro se liberte. Cordas em geral não podem ser quebradas, mas com determinação podem afrouxar. Lubrificação é a chave. O suor normalmente começa o processo, mas em pouco tempo a pele cede e o sangue ajuda aquelas fibras ásperas a escorregarem sobre a carne viva.

O bispo não acordou. Eu não fiz barulho ao libertar minhas mãos, amarradas às minhas costas. Desci da cama, rastejando sobre os lençóis de seda manchados. Apanhei no chão a faca de fruta da mesa de cabeceira e, sob o brilho do fogo fraco, serrei as amarras em meus

tornozelos. Eu saí nu do quarto. Como se pudesse haver vergonha maior. Levei a faca e o atiçador da lareira comigo.

Nas altas horas da noite, os corredores do monastério estavam vazios. Eu os percorri cego, arrastando a ponta da faca pelas paredes de tempos em tempos para contar o caminho. Ouvi cânticos ao caminhar, embora ninguém estivesse acordado para cantá-los. Mesmo assim, ouvi cânticos, puros em sua promessa, como se todas as coisas sagradas e boas fossem comprimidas em notas e derramadas das bocas dos anjos. Eu os ouço até agora quando me lembro daqueles meninos órfãos, a escavação naquele campo de lama e de batatas, de lições e de jogos. Eu os ouço como se chegassem fracos até mim, através de uma porta fechada. E o cântico arrancou uma lágrima de mim, ó meus irmãos. Não pela dor ou vergonha, nem pela traição ou pela última chance perdida de redenção – apenas pela beleza daquela canção. Uma lágrima quente deslizando lentamente pela minha bochecha.

Saí pela porta dos estábulos, destravando-a e girando o pesado círculo de ferro. Ambos os soldados do outro lado se viraram, piscando contra o tédio. Eu os derrubei com dois golpes do atiçador: o primeiro golpe na têmpora esquerda do guarda da direita; o segundo, à esquerda, em sua têmpora direita. Pam, pam. Eles não mereciam ser chamados de soldados, derrotados por uma criança pelada. Um ficou em silêncio, o outro, Bilk, eu acho, contorcia-se e gemia. Eu o espetei na garganta. Aquilo calou seu barulho. Deixei o atiçador cravado em seu corpo.

Os estábulos cheiravam como qualquer outro estábulo. No escuro, entre os cavalos, eu poderia estar em qualquer lugar. Eu me mexi sem fazer barulho, ouvindo o som dos cascos, o ronco agitado e o arrepio de cavalos perturbados, os ratos correndo. Peguei o máximo de corda que podia carregar e uma faca mais afiada usada para cortar couro. A corda pinicava meu ombro e minhas costas ao voltar pelos corredores escuros.

Eu deixei a corda do lado de fora do quarto do bispo e voltei para pegar um fardo de palha e o lampião dos soldados. Os grandes cavalos que puxavam a carruagem da papisa estavam abrigados na cocheira mais próxima das portas do estábulo. O maior deles saiu quando abri a cocheira, de cabeça baixa, parecendo mais adormecido do que acordado. Amarrei uma corda em seu pescoço grosso e o deixei ali. Ele parecia que ia ficar ali parado para sempre ou pelo menos até alguém lhe dar motivo para se mexer novamente.

Eu imaginei que os cavaleiros armados de Murillo estariam aquartelados com os soldados de Lorde Ajah na capelania para passar a noite. Em algum momento, os monges estariam em movimento para a oração da noite. Eu não sabia quando isso aconteceria, nem me importava de fato: eu simplesmente mataria qualquer um em meu caminho. A noite ainda tinha uma qualidade onírica, talvez o finalzinho do veneno que Murillo mandou o padre colocar no vinho.

O lampião balançando perseguiu sombras finas pelas paredes, cópias de meus membros. Atochei punhados de palha embaixo dos beirais do telhado, onde eu conseguia alcançar trepando em um barril ou no peitoril. Enfiei mais um pouco no meio da lenha cortada e empilhada para o inverno contra a parede da sala do capítulo. Não há muito que queimar em um monastério feito de pedra, mas o telhado é sempre a melhor opção. E, claro, os aposentos de hóspedes onde o bispo dormia ofereciam mais combustíveis, com várias tapeçarias, mobília de madeira, janelas com persianas de madeira. Fui até os aposentos dos padres, dois padres no quarto à esquerda do bispo e três do outro lado. Cortei seus pescoços enquanto dormiam, com uma mão sobre a boca conforme eu passava a faca de cabo de couro afiada através da pele, da carne, da cartilagem e do tendão, rompendo veias, artérias e a traqueia. Homens cortados assim fazem barulhos estranhos, como foles molhados arfando, e se debatem antes de morrer, mas não é um som

tão alto no emaranhado de seus lençóis. Coloquei a palha e os lençóis prontos para queimarem nos quartos dos padres também.

O sumo sacerdote, o homem que envenenou o cálice, preparado para Orscar e bebido por mim, eu também cortei. Sabia que estava morto, mas eu cortei seu rosto e observei a carne se abrir sob minha lâmina. Fatiei seus lábios e fiz o líquido de seus olhos vazarem – e rezei. Não rezei para Deus, mas para qualquer diabo que guardasse sua alma para que ele carregasse as feridas consigo até o inferno.

Quando voltei ao quarto de Murillo, eu estava vestido mais uma vez – com o sangue escarlate dos padres. Durante um tempo, observei seu corpo em cima da cama, uma massa preta sob o brilho das brasas, e escutei a respiração que bufava e roncava. Ele apresentava uma dúvida. Um homem forte que talvez acordasse facilmente. Eu não queria ser obrigado a matá-lo. Isso seria bondade demais.

No fim, levantei as cobertas de leve para expor seus pés. Afrouxei a corda sob seus tornozelos para que um metro ficasse de um lado e o restante do outro. Um laço de forca é um nó simples, e eu o usei para juntar seus tornozelos antes de apertar o nó em volta deles. Em seguida, saí com a corda, soltando-a conforme me afastava.

Na volta, a caminho dos estábulos, ateei fogo às várias pilhas de palha e de roupas de cama preparadas anteriormente. Já nos estábulos, cortei a corda e amarrei a ponta em volta do pescoço do cavalo de carga. Antes de levá-lo dali, meu olho viu um saco de cânhamo caído no chão, derramando longos pregos pretos. Eu me agachei para pegá-lo.

O irmão Gains, que Burlow mandou para vigiar o monastério, conta que atravessei o cemitério conduzindo o maior cavalo do mundo e que, atrás de mim, o céu estava aceso, pintado de carmesim e laranja conforme o fogo saltava dos telhados do São Sebastião. Disse também que cheguei pelado e coberto de sangue e que pensou que fosse eu

gritando, mas só quando cheguei mais perto é que ele viu minha boca fechada. O irmão Gains, que nunca fora um homem dado à religião, fez o sinal da cruz e deu um passo para o lado sem dizer uma palavra quando passei por ele. Ele viu a corda esticada e se encolheu ainda mais conforme os gritos ficavam mais altos e mais penetrantes. E saindo da escuridão, iluminado pelas chamas do São Sebastião, o bispo Murillo veio arrastado, deixando seu próprio rastro de pele e sangue pela areia e pelo cascalho do caminho do cemitério, com os ossos brancos saltados por baixo da corda que amarrava seis tornozelos quebrados.

Deixei Katherine participar daquela noite. Eu a deixei ver os irmãos pegarem os cavalos e galoparem aos gritos estrada acima, na direção do brilho alaranjado distante. Ela viu como amarrei Murillo e como o pavor corria tanto pelo bispo que ele se esqueceu do sofrimento de seus tornozelos estraçalhados. E eu ensinei a ela quanto tempo pode se levar para martelar treze pregos no crânio de um homem, pou pou pou. Como a noite se transforma em dia e os irmãos se reúnem outra vez, cobertos de pilhagem e relíquias, pretos de carvão. Os irmãos eram minha plateia, alguns fascinados, como Rike, com sua nova cruz de ferro em volta de seu pescoço, com um círculo vermelho esmaltado no cruzamento – vermelho pelo sangue de Cristo. Alguns observavam horrorizados, outros com ressalvas, mas todos eles assistiram, até o nubano, que não tinha nada escrito em seu rosto além das linhas profundas de tristeza.

"Nós somos carne e sujeira", eu lhes disse. "Ninguém está limpo e nada pode lavar nossa mancha, nem o sangue dos inocentes, nem o sangue dos cordeiros."

E os irmãos assistiram a uma criança aprender o que a vingança pode fazer e o que ela não pode. Juntos, Katherine e eu assistimos àquela criança aprender como um simples prego de ferro pode destruir a mente de um homem, fazendo-o rir, chorar, perder alguma habilidade

básica, alguma lembrança ou alguma limitação que o tornava humano ou lhe dava alguma medida de dignidade. Deixei Katherine ver como algo tão simples quanto martelar um prego pode causar mudanças tão profundas, tanto no bispo cuja cabeça é martelada quanto no menino que segura o martelo. E depois eu a libertei. E ela correu.

Meus sonhos seriam somente meus novamente. Eu estava farto de jogos.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

EMPEROR OF THORNS

9

Eu acordei com o som da voz de Makin.

"Levante-se, Jorg."

No Assombrado, tenho um pajem treinado na arte das tossidas discretas e um aumento gradual de volume até que sua alteza real se digne a se mexer. Na casa de Lorde Holland, parecia que "levante-se" era o melhor que se podia oferecer. Com dificuldade, consegui ficar sentado, ainda com as roupas que vestia na noite anterior e mais cansado do que quando caí na cama.

"E um muito bom-dia para você, Lorde Makin." Meu tom de voz deixou claro que eu não quis dizer nada daquilo.

"Miana está aqui", ele disse.

"Certo." Desci da cama e fiquei de pé, ainda grogue de sono. "Vamos lá."

"Não vai fazer a barba?" Ele me ofereceu a capa que estava na cadeira.

“É o novo estilo”, eu disse, e saí para o corredor, passando pelos guardas de plantão do lado de fora. “Esquerda ou direita?”

“Esquerda. Ela está no salão azul.”

Sim, Lorde Holland tinha um salão inteiro, do tamanho de um salão de igreja, dedicado a exibir a cor azul. Miana estava de pé, pálida, bonita, com as mãos sobre a barriga esticada e Marten a seu lado, apoiado em um bastão e com o rosto preto de hematomas. No fundo do salão, dez homens de minha guarda, com as capas afiveladas com o javali de Ancrath em prata, rodeavam um cofre preto, Sir Riccard entre eles.

Atravessei o salão e pus os braços em volta de Miana. Eu precisava tocá-la com minhas próprias mãos após ser aprisionado no sonho com mãos que não possuía e que tentaram matá-la. Ela pôs a cabeça em meu peito e não disse nada. Ela cheirava bem. Não era nada específico, apenas um cheiro bom. Makin entrou atrás de mim e fechou a porta.

“Eu vi o assassino”, eu disse. “Um homem branco, enviado pelo Vaticano ou para que assim parecesse. Eu a vi matá-lo. Você e Marten juntos.” Eu acenei para ele. Ele sabia o que aquilo significava para mim.

Miana levantou a cabeça, com os olhos arregalados de surpresa começando a se estreitar, confusos, até desconfiados. “Como?”

“Acho que ele usou mágicas de sonho para fazer o castelo dormir, até os trolls lá embaixo. Quando alguém usa esses métodos e gasta seu poder tão descuidadamente, ele se deixa aberto a outras pessoas com tais habilidades. Talvez algo de Sageous tenha passado para mim quando o matei.” Eu dei de ombros. “Em todo caso, você sabe que tenho pesadelos. Talvez seja mais fácil cair em tais encantos de um pesadelo do que de um sono honesto.” Eu não fiz menção a Katherine. Não parecia prudente lembrá-la de que outra mulher preenchia minhas noites.

“Nós encontramos isto nele.” Marten segurou um pergaminho, três moedas de ouro e um anel de sinete.

O anel tinha um entalhe montado em prata, com a cornalina trabalhada em um padrão complexo, o selo papal com uma barra. Ele dava a seu portador autoridade um pouco menor que a de um cardeal. Eu o larguei de volta na palma da mão de Marten e peguei o pergaminho.

“Um mandado para a sua morte, Miana.”

“A minha!” Ultraje em vez de medo.

“É muito bonito.” O escriba o havia iluminado a uma alta ordem, sem economizar na folha de ouro. Deve ter consumido uma semana de trabalho, no mínimo. “É possível que sejam falsificações, mas eu duvido. O trabalho que o falsificador teria não compensaria o ganho. E, além do mais, a papisa tem um bom motivo.”

Miana deu um passo para trás, com os olhos em chamas. “Bom motivo? Que mal eu já fiz à Igreja?” Ela se apertou mais ainda.

“É para me punir, minha querida.” Abri os braços para oferecer minha culpa. “O Vaticano deve finalmente ter me ligado ao saque do São Sebastião e, o mais importante para eles, à mutilação do bispo Murillo Ap Belpan.”

“Mas você é senhor de Belpan agora. Essa linhagem já era.” A raiva desnorteou sua lógica.

“Provavelmente é a parte do ‘bispo’ que os aborreceu”, eu disse.

“O mandado devia ser para você, então!”, disse Miana.

“A Igreja desaprova a matança de reis. Vai contra o que eles pensam sobre direito divino. Eles prefeririam bater em meu pulso e me mostrar penitente. Se isso não der certo, talvez eu possa morrer de malária durante o inverno, mas nada tão óbvio quanto um assassino garantido.”

“O que faremos?”, perguntou Marten. Ele manteve a voz calma, mas acho que seu eu lhe dissesse para pegar dez mil homens e fechar cerco

sobre Roma ele teria saído para fazê-lo sem mais perguntas.

"Acho que devemos abrir a caixa", eu disse. "Espero que alguém tenha pensado em trazer a chave."

Miana pescou o pesado pedaço de ferro de suas saias e o pôs em minha mão, ainda quente de seu corpo. Gesticulei para afastar os guardas e pus a chave na fechadura.

"Algum tipo de arma?", perguntou Makin. Ele estava ao lado de Miana agora, com um braço em volta dela.

"Sim", eu disse. "Um tipo de arma."

Eu abri a tampa. Moedas de ouro, empilhadas e fortemente amarradas em colunas, chegando quase até a tampa, um mar delas, o suficiente para comprar a mansão de Holland dez vezes seguidas.

"Isso", disse Makin, deixando sua mão cair do ombro de Miana ao se aproximar, "é um bocado de ouro."

"Dois anos de impostos recolhidos de sete nações", eu disse.

"Você vai contratar seus próprios assassinos?", perguntou Marten.

"Você poderia contratar um exército com isso aí. Um bem grande." Makin se abaixou tanto que a luz refletida fez seu rosto ficar dourado.

"Não." Fechei a tampa e Makin se ressaltou.

"Você vai construir a catedral", Miana disse.

"Obrigado, Senhor, por mulheres inteligentes. Esse menino que você está preparando para mim aí dentro vai ser assustadoramente esperto."

"Construir uma catedral?" Makin piscou. Marten ficou em silêncio. Ele confiava em meu julgamento. Demais, às vezes.

"Um ato de contrição", disse Miana. "Jorg comprará o perdão mais caro da história."

"E a papisa, claro, é obrigada, por tradição e dever, a comparecer à consagração de qualquer nova catedral." Eu virei uma das moedas de ouro da assassina em meus dedos. A palavra "contrição" mordeu a ponta de meu orgulho.

“Jorg!” Miana estreitou os olhos para mim, sabendo o que eu estava pensando. Ela sabia desde o início e tentou me fazer mudar de ideia com diplomacia.

A papisa me encarava no ouro do Vaticano. Ouro de sangue por meu filho e minha esposa. Pio xxv. Quando mostravam uma pessoa gorda no dinheiro é porque ela devia ser realmente enorme. Ergui a moeda para analisá-la. “Não se preocupe, minha querida. Vou bancar o bonzinho. Quando vier espiar a nova catedral que construí para ela, eu lhe agradecerei por ter vindo. Só um louco ameaçaria a papisa. Mesmo que ela seja uma vaca.”

“E o que vai impedir outro assassino de vir enquanto você estiver fora?”, perguntou Miana.

“Nada.”

Nunca é uma boa ideia provocar uma mulher perto de dar à luz e raramente era uma boa ideia provocar Miana em qualquer circunstância, a menos que queira uma resposta pior do que a que você já deu. Ela veio para cima de mim, com os punhos levantados.

“Você vem comigo.” Eu falei rapidamente, protegendo-me atrás de Makin.

“Você disse que esposas não podiam ir!” Miana precocemente dominara a arte dos olhares fulminantes.

“Você é minha assessora agora”, eu gritei, recuando até a porta já que nenhum dos guardas achou que era necessário me defender.

Aquilo a apaziguou o suficiente para que ela parasse de avançar e abaixasse as mãos. “Eu não posso cavalgar assim”, ela disse.

“Você pode ir em um dos vagões.” Cada tropa de guarda tinha um vagão para equipamentos.

“Bem, isso vai arrancar o bebê de mim em dois tempos!” Sua voz soou zangada, mas a ideia parece tê-la agradado. “Então eu vou ficar sozinha balançando em um vagão e ser carregada por meio Império?”

“Você terá Marten como companhia. Ele não está em estado de cavalgar”, eu disse.

“Marten? Então qualquer um pode ir agora?”

“Assessor!” Eu ergui as mãos novamente. “Makin, diga a Keppen e a Grumlow que eles podem voltar ao Assombrado.” Achei que faltar ao Congresso não incomodaria Keppen nem um pouco e Grumlow tinha uma mulher em alguma parte de Cidade de Hodd com quem provavelmente preferia passar o tempo.

“Então isso está resolvido.” Espanei as mãos e dei uma olhada nos lúgubres azuis do salão. “Vamos fazer do bispo Gomst um homem feliz.”

Nós deixamos a mansão de Holland em uma tropa. Gorgoth carregou o cofre e me agradou ver que até os braços dele se esforçavam com o peso de todo aquele ouro. Lorde Holland, sua esposa e serventes reuniram-se à nossa volta dos degraus da frente até os portões de sua propriedade. Makin fez todas as gentilezas; os resquícios de meu sonho ainda azedavam o dia. Diante dos portões, Marten apontou um dos vagões da guarda para Miana, um veículo desconfortavelmente funcional. Ela se virou imediatamente, com Sir Riccard dando um pulo para evitar o balanço da barriga da rainha.

“Lorde Holland!” Ela parou o homem em pleno movimento. “Eu gostaria de comprar sua carruagem particular.”

Deixei Miana fechar o negócio, protegida por Marten, Riccard e oito dos dez homens que a acompanharam desde O Assombrado. Rike, Grumlow, Keppen e Kent, o Rubro, nos acompanharam quando liderei o caminho até a catedral parcialmente construída de Hodd. Gomst havia citado planos de nomeá-la Sagrado Coração em homenagem a uma catedral lendária que existiu em Crath. De minha parte, eu achava São Jorge um nome ótimo.

Instalei os irmãos dentro do grande salão, diminuídos pelos imensos pilares que estavam prontos para receber o teto fazia uma década ou mais. Clérigos inferiores, meninos do coral e os cidadãos mais devotos e envolvidos da Cidade de Hodd os observavam, sem disfarçar a curiosidade. Gorgoth pôs seu fardo no chão, o pé descalço sobre a tampa, e encarou de volta, fazendo vários coristas darem no pé.

Um padre de plantão me conduziu até o grande vestíbulo onde Gomst tinha seu escritório, devido principalmente ao fato de que a câmara tinha um teto concluído. Ele se levantou detrás de sua mesa para me cumprimentar. Pela sua cara, ele não havia dormido melhor que eu. A idade nunca fez bem a Gomst e agora ela se dependurava nele como correntes invisíveis.

"Dizem que você faz um bom trabalho aqui, padre Gomst."

Ele abaixou a cabeça e não disse nada. Nos seis anos desde que nos encontramos naquele caminho, antes de os fantasmas chegarem, o grisalho havia se espalhado de sua barba e afugentado o preto de seus cabelos.

"Eu lhe trouxe ouro suficiente para completar a catedral. Quero o maior número possível de homens trabalhando aqui todas as horas de todos os dias."

Gomst levantou a cabeça franzindo o rosto e fez que ia falar.

"Aos domingos eles podem descansar", eu disse.

"Você acha que a fé e as igrejas nos salvarão do Rei Morto?", perguntou Gomst.

"Você não, bispo?" Pensei que seria bom que um de nós achasse.

Ele respirou fundo e fixou os olhos brilhantes e escuros em mim. "É mais fácil ter fé quando a gente faz parte do bando. Quanto mais eu me aproximo do topo desta longa escada que chamamos de Igreja de Roma, quanto mais próximo da Santa Sé onde Deus fala, menos eu O escuto, mais distante eu me sinto."

“É bom que você tenha um pouco de dúvida em si, Gomsty. Homens que têm certeza de tudo... bem, talvez eles não sejam homens de verdade.”

Gomst se aproximou, saindo da sombra para a luz do lampião, e parecia que eu o estava vendo pela primeira vez, colocado contra a lembrança de outro bispo, um mais certo de seus caminhos e de seus direitos. Eu me perguntei por quanto tempo a sombra de Murillo havia escondido Gomst de minha vista. Ele era, na pior das hipóteses, culpado por ser leal a reis ruins, por uma mente estreitada pela vida na corte e por ostentação. Não eram os crimes mais capitais, e eram crimes antigos.

“Você se lembra dos fantasmas na Estrada dos Cadáveres, padre Gomst?”

Ele assentiu.

“Você me disse para fugir, para deixá-lo lá sozinho. E, quando eles apareceram, você rezou. A fé foi o seu escudo. Nós os encaramos juntos, você e eu, quando todos os meus irmãos fugiram.”

Gomst deu um sorriso triste. “Eu estava em uma jaula, se é que você se lembra, senão eu teria fugido com eles.”

“Nós jamais saberemos, não é?” Eu lhe dei o brilho de meu próprio sorriso, enrugando as cicatrizes das queimaduras em minha bochecha. “Todos os homens são covardes. Eu posso não ter fugido naquele dia, mas sempre fui covarde, nunca mais corajoso do que minha imaginação.”

De meu cinto puxei a ordem para ele assinar, atestando a aceitação de meu baú de ouro pela Igreja. Gomst olhou para ela.

“Eu teria fugido, se não fosse aquela jaula.” Ele se arrepiou.

Pus a mão em seu ombro. “E aqui estou, construindo-lhe uma nova jaula, padre Gomst, por apenas quarenta mil ducados.”

Nós nos sentamos, padre Gomst e eu, e bebemos cerveja, pois a água em Hodd mal dá para a limpeza.

"Então aqui estou, Gomsty, com uma caixa cheia de metal brilhante, tornando uma catedral realidade. Fazendo a própria papisa sair de Roma para vir até a minha porta."

O bispo inclinou a cabeça e enxugou um pouco de espuma de seu bigode. "Os tempos mudam, Jorg. Os homens mudam."

"E como consegui minha caixa de ouro? Pondo minha vontade atrás de uma ponta afiada e usando uma quantidade doentia de determinação." Eu bebi de minha jarra. "Quando você mexe as peças grandes no tabuleiro, o mundo se parece mais com um jogo do que nunca. Essa ilusão, de que os que estão no topo sabem o que estão fazendo, a sensação que algumas pessoas têm de que o mundo é seguro e sólido e bem-comandado... bem, essa ilusão se desfaz quando somos nós que estamos no comando. Eu não duvido que, a cada passo que você dê em direção a Roma, Deus pareça estar três passos mais distante."

As mãos de Gomst tremiam em seu copo, com suas juntas grandes e feias empalidecendo. "Você precisa vigiar seus entes queridos mais de perto, Jorg. Rei Jorg. Triplique seus guardas."

"Como...?" O que ele quis dizer me escapou. O suor brilhava em sua fronte.

"Eu... eu ouço rumores, entre os bispos, de monges visitando, padres passeando..."

"Conte-me."

"A papisa sabe. Não por mim. Sua confissão permanece entre nós. Mas ela sabe. Eles dizem que ela mandará alguém." Ele pôs seu copo sobre a mesa, fazendo barulho. "Proteja quem você ama."

Eu me admirei com Gomst, surpreso após todos esses anos. Ele me conhecia há mais tempo do que qualquer outro homem com quem ainda mantinha contato. Após meu pai queimar meu cachorro, ele

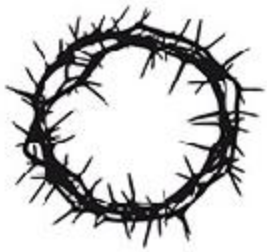
chamou Gomst para me instruir. Talvez ele pensasse que um pouco de religião fosse fortalecer a lição. Ou talvez aquele martelo, com o qual quase o matei quando ele acendeu o fogo, o fizera pensar que eu precisasse ser educado no direito divino. Ele deve ter pensado que, se eu achasse que Deus estava por trás dele, eu demoraria mais a levantar a mão para ele da próxima vez. Não importa a razão, ele largou minha assistência espiritual no colo de Gomst em meu sétimo ano de vida. Ou pelo menos pediu um padre no Castelo Alto para aquele objetivo. Pode ter sido minha mãe quem escolheu aquele clérigo em especial para cumprir a função.

É estranho dizer, mas Gomst me viu crescer por mais tempo do que minha mãe, mais do que Makin, ou o nubano, ou Coddin. Ele viu a passagem de meus anos mais do que qualquer um, inclusive meu pai.

"O homem da papisa já apareceu, padre Gomst. Duas noites atrás. Ele não aparecerá outra vez. Miana virá conosco ao Congresso. Na verdade, se fizer tudo direitinho, você pode ir com ela na carruagem de Lorde Holland assim que ela tirá-la dele."

"Eu..."

"Você precisa estar no portão oeste daqui a duas horas. Você tem esse tempo para soltar seus padres em cima desse projeto. Vou querer ver sérios avanços quando voltarmos. Diga a eles de onde o ouro está vindo. Diga-lhes que, se eu voltar do Congresso e ainda não for imperador, não vou estar no clima para ouvir desculpas."



TRILOGIA DOS ESPINHOS

EMPEROR OF THORNS

10

Cinquenta cavalos revolvem muita lama. Com o outono chegando e sete vezes mais essa quantidade de cavalaria, nós fizemos um rio de lama. Os vagões, dispostos perto do final da coluna, derrapavam nela, e suas rodas eram pouco mais do que trenós na maioria das vezes. Acabou sendo mais confortável do que sacudir sobre buracos. Na verdade, se for necessário viajar de carruagem, recomendo ter um exército montado para borrar a estrada à sua frente.

"Isso é bom", eu disse.

De fato, para uma carruagem, era o melhor possível. Lorde Holland havia pagado para ter quase tanta atenção esbanjada no interior dela quanto em casa. A parte de fora também havia sido finamente trabalhada, mas uma grossa camada de lama encobria tudo aquilo.

Gomst espirrou e procurou seu lenço. O bispo havia adquirido um resfriado durante a viagem. Quando padre, ele costumava esfregar o nariz na manga preta de sua batina. Bispos têm padrões diferentes,

aparentemente. “Estou surpreso que não tenha decidido navegar, Rei Jorg”, disse ele.

“Eu cogitei.” A viagem de quase quatro mil e oitocentos quilômetros por mar cortava a distância terrestre em oitocentos quilômetros fáceis, mais cento e sessenta sobre as montanhas. Por mais que gostasse de minha nova nau capitânia, eu não consegui me convencer de tal plano.

Osser Gant se sentou ao lado do bispo, compartilhando seu resfriado. Dois homens velhos fungando e cuspindo juntos. Miana, Marten e eu nos sentamos do lado oposto, de frente para o sentido da viagem. Eu havia me espremido lá dentro para dar uma olhada e pus os pés enlameados no tapete.

“Você precisa de uma enfermeira e uma parteira”, eu disse. “Um bispo, um camareiro e um general não serão de muita valia quando chegar a hora.”

“Eu tenho três enfermeiras e duas boas parteiras”, Miana me encarou com aquele olhar dela. “Jenny e Sarah estão lá no Assombrado. Eu não estava esperando ser carregada até Hodd e em seguida ser arrastada até o Congresso!”

“Nós teremos de pegar algumas substitutas no caminho”, eu lhe disse.

“Algumas crianças abandonadas e mendigos? Fazendeiras com experiência no parto de vacas e cabras?”

Não se deve esperar que mulheres sejam razoáveis quando estão prestes a ter uma criança. Até eu ainda tinha minhas próprias dúvidas sobre o processo todo. Parecia uma coisa muito difícil e eu estava feliz por não ter que passar por aquilo. “Camponeses têm filhos também, Miana. Um monte deles. Mas não, não será uma fazendeira. Nós vamos atravessar a Teutônia. Ao menos são semicivilizados, pelo que dizem. Nós daremos uma passada em um dos senhores locais e pediremos que ele voluntarie algumas mulheres de qualidades e experiências apropriadas.”

Espiei pela grade da janela, com vontade de estar lá fora. Passei um minuto inteiro na carruagem e já foi o bastante para mim. Trocar o banco da carruagem e todas as suas belas almofadas pela sela de Brath parecia uma troca justa, já que eu também trocava Gomst e Osser por uma vista, e suas fungadas e corizas por uma brisa fresca. Do lado de fora, as planícies de Gelleth passavam, verdes e agradáveis, campos em sua maioria, com trechos de bosques salpicados com as cores do outono. Nenhum sinal aqui do caos que causei no Castelo Vermelho ao norte.

Nossa rota nos levou a atravessar Gelleth sob a paz do Império e continuaria por Attar até a ponte sobre o Rima na Cidade de Honth. De lá, o capitão Harran planejou nos levar pelo Rio Danub, atravessando meia dúzia de reinos teutônicos até chegarmos a Vyene. Uma viagem estimada em pouco mais de três semanas. Nós podíamos fazer um tempo melhor e uma viagem mais fácil em uma barca quando chegássemos ao Danub, mas, com mais de trezentos cavalos e seus cavaleiros a bordo, a maioria das barcas tende a afundar e sem eles a bordo qualquer barca que me carregue pela Teutônia certamente afundaria. Meu pai tinha muitas alianças com os reinos teutônicos, especialmente com Scorron, e a Teutônia nunca gostou da ideia de os reinos costeiros se unirem a oeste deles.

"Jorg?", Miana disse ao meu lado.

"Desculpe?"

Miana suspirou e cruzou as mãos minúsculas sobre a barriga.

"Sim." Eu adivinhei uma resposta. Pareceu satisfazê-la. Ela assentiu com a cabeça e se virou para falar com Marten.

Não demoraria muito para ele querer sair dali também. Alguns dias para seus hematomas diminuírem, talvez um pouco mais, pois não era jovem, e ele gostaria de cavalgar. Alguma coisa me incomodava, culpa talvez, por estar tão pronto a abandonar Miana. Parecia provável que eu

devesse querer passar tempo com ela, mas eu simplesmente não queria. Gostava bastante dela, mas não o bastante para passar três semanas em uma carruagem com ela. Eu me perguntei se algum homem gostaria de passar três semanas sentado ao lado de sua esposa. Será que eu me sentiria diferente se a tivesse escolhido? Se ela tivesse me escolhido? Se fosse Katherine ao meu lado?

"E em que você está pensando, Jorg?", ela perguntou. Ela me fitou com olhos escuros. Não pretos, mas uma insinuação de verde, folhas ao luar. Eu nunca havia reparado na cor deles antes. É estranho o que chama atenção e quando.

"Estou pensando que devo tirar minhas botas enlameadas desta carruagem e checar se Harran não está nos levando pelo caminho errado."

Ela não disse, mas dava para ver a decepção no canto de sua boca. Desci me sentindo menos que um rei. A vida pode ser bem complicada mesmo quando ninguém está tentando matá-lo.

• • •

Eu cavalguei ao lado da carruagem por um tempo com um humor terrível. Uma chuva fina caía, atipicamente quente e leve o bastante para o vento soprá-la em meu rosto, em qualquer ângulo que eu segurasse a cabeça. Makin cavalgava com seu sorriso habitual, cuspindo a chuva e enxugando-a de suas bochechas.

"Clima adorável."

"Seria melhor que as pessoas que falam sobre o tempo admitissem que não têm nada a dizer, mas gostam do som de suas próprias vozes."

O sorriso de Makin ficou maior. "E as árvores não ficam lindas nessa época do ano?" Suspeitei que ele tivesse tomado um pouco de cravo-da-índia, pois o cheiro exalava bastante dele ultimamente.

“Você sabe por que as folhas mudam de cor, Makin?” Elas realmente estavam espetaculares. A floresta havia crescido à nossa volta conforme viajávamos e as copas ardiam com cores, do vermelho mais profundo ao laranja-fogo, um incêndio de outono se espalhando e desafiando a chuva.

“Não sei”, disse ele. “Por que elas mudam?”

“Antes de uma árvore perder uma folha ela a bombeia com todos os venenos de que não consegue se livrar de outra maneira. Aquele vermelho ali, aquilo é a pele de um homem se manchando com veias estouradas após um assassino envenenar sua última refeição com ervas daninhas. O veneno se espalhando até ele morrer.”

“Eu nunca achei que a morte pudesse ser tão bonita”, disse ele, incansável.

Nós viajamos em silêncio por um tempo e eu me perguntei se as pessoas eram as folhas do mundo. Se, conforme envelhecíamos, o mundo nos enchia com seus venenos para que, na velhice, cheios até a boca com o fel mais amargo, nós caíssemos até o inferno e levássemos tudo conosco. Talvez se não houvesse morte o mundo se sufocaria com seus próprios males. Os homens do norte, o povo de Sindri, contam que uma árvore, Yggdrasil, fica no centro, com tudo – até mundos – dependurado nela. E com Sindri vieram imagens de sua irmã com os cabelos de leite, Elin, alta e de olhos claros. Venha até mim no inverno, ela dissera. Reparei nos olhos dela no momento que a conheci. Nos de Miana, após três anos. Uma árvore podia até estar no centro do mundo de um homem velho. Mas quando virava meu próprio rosto para o centro, no entanto, eu via uma mulher. Como a maioria dos homens jovens.

Três dias depois, os soldados de Lorde Redmal abriram os portões da estrada para nos deixar atravessar a fronteira até Attar. O avô de

Redmal havia construído um forte cruzando a estrada cinquenta anos atrás, para avisar ao povo de Gelleth que eles não eram bem-vindos. Merl Gellethar o destruíra em uma disputa uma década antes de eu reduzi-lo a pó envenenado. Os soldados de Attar agora infestavam as ruínas do forte e observavam a Guarda Gilden com admiração indisfarçável enquanto ela passava.

No mapa, Attar é uma terra de tamanho considerável, mas o Motor do Mal ainda gira e gira em Nathal, como tem sido há dez séculos, e o norte de Attar é uma área deserta. Dizem que não é um veneno ou uma doença que afasta as pessoas de Nathal e das terras ao redor, mas apenas uma sensação, apenas a certeza de que nada ali está certo.

• • •

Demorou um dia para cruzar a região montanhosa de Attar, onde eles mantêm os vinhedos nas encostas do sul e plantam as uvas das quais o Sangue de Attar é fermentado, um vinho encontrado em muitas mesas da realeza. Às margens das terras do vinho, conforme as colinas se aplainavam para campos de tabaco e pequenas chácaras, Kent, o Rubro, veio até mim cavalgando de volta da dianteira da coluna com notícias.

"Outra coluna de guarda à frente, majestade", disse ele, tão humilde e leal quanto possível. Acho que Kent amava ser um cavaleiro mais do que tudo e, queimado como estava, com aquela voz rouca assustadora, seria bom empurrá-lo em direção ao problema para acabar com ele.

"Não será a última que veremos, suponho. Quem são?"

Ele fez uma pausa e eu soube. Quem mais poderiam ser? Eu possuía todas as outras terras a leste de nós até o mar.

"São de Ancrath, cem guardas."

Os votos de Ancrath e Gelleth, ambos nas mãos de meu pai.

Pensei novamente nas folhas cadentes e me perguntei se não era hora de outro velho, cheio até a boca com veneno, fazer a queda final.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

EMPEROR OF THORNS

11

A HISTÓRIA DE
CHELLA

Cinco anos marchando para lá e para cá. Cinco anos correndo para cumprir as ordens do Rei Morto. Sempre rondando as coisas, o mais distante possível de sua corte e ainda assim dentro do Império. Chella passou cinco anos chafurdando na lama e na merda simplesmente para subir o suficiente no conceito do Rei Morto para que ele a chamasse à corte e quisesse uma prestação de contas por seu fracasso. E ela comparecera toda ansiosa, correndo pelo Império Destruído apenas para encarar o julgamento dele, apenas para estar diante da desumanidade dos lichkin e para o Rei Morto observá-la do corpo que ocupava mais profundamente. Cinco anos desperdiçados, cada um deles por culpa de Jorg Ancrath.

"Há um motivo pelo qual tenho de machucá-lo."

Chella rodeou o pilar de pedra, um círculo lento, escondendo sua irritação. O jovem a acompanhou com os olhos até o pilar a ocultar da vista. Ela ouviu o retinir de correntes quando ele esticou o pescoço para procurar por seu retorno. Seus olhos eram azuis, como muitos homens de Brettan, e ele a observava tanto quanto olhava para a agulha de ferro entre o indicador e o polegar dela.

"Onde está Sula?" Ele fez sua pergunta novamente. Nos poucos trechos sem lama, seu cabelo parecia loiro, de um tom dourado. Ele a observou através de mechas empapadas de poeira e sangue. Monstros do lamaçal o haviam prendido junto com uma mulher perto do Mar do Canavial durante o ataque do Rei Morto. Símbolos em seu uniforme o marcaram como jurado pelo vento e o levaram a esta inspeção.

"Kai." Chella manteve sua voz suave, aproximando-se rapidamente, enfiando a agulha cinco centímetros para dentro do músculo da parte interna de sua coxa. "Kai Summerson." Os lábios dela estavam tão próximos da orelha dele que o cabelo loiro se mexeu. "Você precisa se libertar dessas amarras."

Ele rangeu os dentes, com a tensão se acumulando em volta de seu maxilar. Após um momento, ele levantou a cabeça outra vez. "Onde..."

Chella puxou a agulha de volta. "A dor ajuda a lembrar o que é importante. O primeiro fato importante é que não tenho muito tempo a perder e, se você não cooperar logo, eu simplesmente o devolverei aos monstros e deixarei que eles o comam pedacinho por pedacinho. O segundo fato importante é que você está vivo e que dor não é a única coisa que pode sentir. Estou lhe oferecendo uma oportunidade rara. Poder, prazer, um futuro."

"Onde está S..."

Chella o estapeou no rosto, forte o bastante para machucar sua mão. "Aqui." Ela não precisou dizer. Ela simplesmente puxou o fio que a amarrava de volta. Sula se aproximou da sombra até a linha de visão de

Kai. Os monstros não a deixaram bonita. Carne e pele pendiam em uma aba úmida, revelando a maçã de seu rosto, sua mandíbula, dentes quebrados e o toco escuro de sua língua. A garota morta observou Kai sem curiosidade. Ele puxou uma respiração, ofegando uma dor mais profunda do que a agulha infligira. Ela talvez tenha sido sua namorada. Certamente mais do que um desejo passageiro.

"Sula?" As lágrimas molharam seus olhos.

"Ah, não seja infantil." O tédio e a ansiedade estavam corroendo Chella e isto não a ajudaria a transformá-lo. "Ela está morta. Você não. Você pode aceitar a morte dela e encontrar para si uma nova direção ou então pode unir-se a ela. O mundo está mudando. Você vai mudar com ele, Kai?"

Chella estalou os dedos para Sula e o corpo desabou, desajeitado, expelindo ar conforme sua barriga se dobrava.

"Ela ainda é 'sua garota', Kai? O amor verdadeiro sobrevive quando a matéria se corrompe? O que ela significava para você? Um rosto bonito, um alívio rápido da respiração ofegante? Não há romance na morte, Kai, e a morte está no outro lado de nossa moeda." Ela passou os dedos naquele cabelo loiro dele. "Nós somos apenas carne sobre ossos, esperando para apodrecer. Encontre seu prazer onde quiser, claro, mas não o enfeite com doçuras e promessas. Não resta mais nada em prender sua lealdade, Kai. Desista."

Ela pegou o pulso dele por baixo da manilha e enfiou a agulha em sua palma, atravessando os dedos cerrados. Ele berrou nesse momento, meio uma praga, meio um grito, começando a desabar. Logo tudo seria grito.

"O-o que você quer?" Ele engasgou as palavras através de dentes cerrados.

"Eu? Eu quero o que você deveria querer", Chella disse. "Eu quero o que o Rei Morto desejar que eu queira. O Rei Morto não precisa da sua

lealdade, ele simplesmente requer que você faça o que ele diga. E, quando ele não tem nada para fazermos, aí sim nosso tempo é nosso."

Chella puxou a agulha de volta e lambeu o sangue dela. Ela deslizou a outra mão sobre as costelas de Kai e o músculo duro de sua barriga, escorregadia de suor.

"Para que você me quer?", ele perguntou.

Esse não era burro. E era um sobrevivente – em seu âmago, um sobrevivente pronto para fazer o que fosse necessário. Conduza-o lentamente, todavia, passo a passo.

Chella passou a mão mais embaixo. Até sobreviventes empacam se o caminho for mostrado todo de uma só vez. Há uma estrada para o inferno pavimentada com boas intenções, mas é uma rota longa. O caminho mais rápido é pavimentado com o melhor tipo de ignorância – a de homens inteligentes que simplesmente não querem saber.

"Você tem talentos raros, Kai."

"O Rei Morto agora quer recrutar jurados pelo céu?"

"Jurados pelo céu, pela rocha, pelo fogo, pelo mar." Chella espetou as costelas dele com cada palavra. "Eles são todos jurados. E homens que podem jurar uma vez podem jurar de novo. Nós somos iguais, você e eu, nós atravessamos e chegamos a outros lugares. O que você acha que os necromantes são, Kai? Monstros? Seres mortos?"

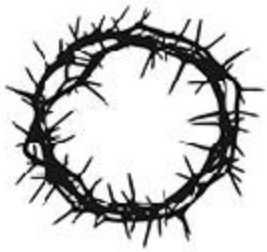
"Você está morta. Todo o mundo sabe que os necromantes se levantam da cova."

Chella se inclinou mais para perto, tão perto que ele podia morder o pescoço dela se quisesse, com os lábios dela em sua orelha mais uma vez. "Jurados pela morte."

Em cinco anos, o Rei Morto havia passado de apenas uma nova complicação na arte da necromancia a uma força que mudaria o mundo. Não negociava mais com necromantes, não os manipulava mais – ele os conduzia ou simplesmente os aterrorizava para fazerem sua

vontade. Ele os possuía. Ele não assistia mais das Terras Secas, espiando a vida através de olhos mortos onde eles caíssem, falando com lábios de cadáver. Ele habitava o mundo dos vivos em corpos roubados, andando por onde bem quisesse. Um exército havia crescido à sua volta. Os lichkin haviam surgido de alguma fonte inexplorada de horror, tenentes das hordas de seus mortos.

Enquanto Chella definhara, o Rei Morto havia crescido além da conta. Sua invocação à corte poderia marcar um fim terrível para o pequeno e sombrio conto de sua existência ou um novo começo. Ela se apresentaria com Kai como oferenda. Carne fresca. Mesmo entre as forças do Rei Morto, necromantes não eram comuns. Ao levar presentes, ela responderia ao seu chamado e responderia por seu fracasso com o garoto de Ancrath – que também havia crescido além da medida e da expectativa.



TRILOGIA DOS ESPINHOS

EMPEROR OF THORNS

12

— CINCO ANOS ATRÁS —

As Termas Carrod fedem. Não um fedor humano de lixo e podridão, mas uma ofensa química aos sentidos, o odor de enxofre e de ovos podres combinado a aromas mais pungentes, próprios para deixar os olhos vermelhos e arrancar a mucosa de seu nariz.

"Agora você entende por que a trilha se desvia tão longe para se aproximar do oeste, com o vento a favor", Lesha disse.

"Por que alguém viveria aqui?", perguntou Sunny.

Uma pergunta justa. Verdade seja dita, a água tornara-se raridade conforme caminhamos ao norte até o terreno devastado, mas aquela coisa borbulhante nas Termas Carrod certamente não podia ser potável. Ela surgia quente e fumegante das entranhas do planeta. E cheirava como tal.

As instalações, sete cabanas e dois celeiros de armazenamento, agrupavam-se em uma elevação a oeste, um ponto onde a brisa ofereceria ar limpo – se é que havia alguma brisa. As construções pareciam cobertas

de gelo, mas ao chegar mais perto podia-se ver o que era: sal, grudado à madeira, incrustando os beirais. Nós passamos pelo primeiro celeiro, com as portas escancaradas e montes de sal expostos, como grãos amontoados da colheita, algumas pilhas brancas, algumas cinzentas, ao fundo pilhas de um alaranjado ferruginoso e à esquerda pilhas menores de um azul escuro, porém desbotado.

Teimoso teve de ser encorajado com um porrete. Nenhum dos animais queria estar ali. Eles lambiam seus focinhos, cuspiam e lambiam novamente. Eu também podia sentir o gosto em meus lábios, como a borrifada de sal do oceano, só que mais forte e mais penetrante. Minhas mãos ficaram secas como se a pele delas tivesse morrido e virado um pergaminho.

Nós amarramos os cavalos e Lesha nos levou até uma das cabanas menores – imaginei que fosse uma latrina. Um punhado de habitantes nos observava de suas portas, todos eles com véus, o sal grudado ao tecido por onde eles respiravam. Um deles tinha uma papeira enorme que envolvia seu pescoço em dobras sufocantes de pele mosqueada. Chegando à cabana, Lesha bateu e entrou. Sunny e eu ficamos na entrada olhando para as trevas. Parecia improvável que todos nós coubéssemos lá dentro.

"Lesha." Uma figura, sentada no outro canto, acenando com a cabeça para ela.

"Toltech." Ela se agachou diante dele.

Toltech olhou para ela com olhos brilhantes por cima de seu véu. Ele mexeu com um pilão em suas mãos o tempo todo, moendo alguma coisa.

"Você vai voltar lá?" Ele não pareceu surpreso.

"Somos três, com três animais. Precisaremos de pílulas para uma semana."

"Uma semana é muito tempo no Ibérico." Toltech olhou para mim e depois para Sunny. "Uma hora pode ser muito tempo lá."

"Se levarmos uma hora, ficaremos lá uma hora", disse Lesha. Toltech largou o pilão e estendeu o braço até uma prateleira baixa. Ele pegou uma

tigela cheia de embrulhos pequenos de papel untado, fortemente amarrados. Cicatrizes corriam por sua mão. As mesmas cicatrizes derretidas que cobriam Lesha.

"Tome uma ao amanhecer e outra ao anoitecer. Engula-as com o papel, se puder. O sal rouba toda a umidade do ar e se dissolve nela, então as pílulas não irão durar muito em um lugar úmido. Leve cem. Cinco pratas."

Os sais certos ajudavam a afastar a doença causada pelos resquícios do incêndio dos Construtores. Ninguém sabia por quê. Os sais necessários podiam ser separados das águas das Termas Carrod com prática suficiente. Cinco moedas de prata pareciam um preço pequeno a se pagar. Eu contei as moedas, uma delas estampada com a cabeça de meu avô, e as passei para Lesha.

Toltech começou a contar as pílulas de sal e a jogá-las em um saco de algodão. "Se vocês encontrarem alguma coisa nos morros, mesmo que sejam apenas pedaços quebrados, tragam para mim. Talvez eu devolva sua prata."

"O que já lhe trouxeram do Ibérico antes, mestre Toltech?", perguntei. "Também sou uma espécie de colecionador." Eu me inclinei um pouco pela entrada. Sob a adstringência do sal, o cheiro de doença me pegou.

"Pequenas coisas." Ele apontou para duas pequenas garrafas de vidro verde na prateleira onde a tigela estava. Ao lado delas, uma bandeja coberta de pedaços quebrados de plastik de várias cores e formatos. Atrás de si, ele pegou uma grande roda dentada de metal prateado, manchada pelo tempo. Parecia um parente enorme de uma das peças minúsculas de dentro de meu relógio em minha bagagem. "Nada muito importante. As melhores eu vendo."

"E como sabe sobre os Construtores, mestre Toltech? Você aprende o segredo deles ao vasculhar o que eles deixaram?", eu perguntei.

"Sei apenas o que todos nós aqui sabemos sobre os Construtores. O que nossos pais sabiam."

"O quê?" Algumas pessoas gostam de ser incentivadas.

"Que eles não se foram e que não se pode confiar neles."

Naquela noite, nós acampamos bem na beira da serra do Ibérico, onde um riacho envenenado chamado Cuyahoga corria pelos terrenos erodidos. Engoli minha pílula de sal, sentindo o amargor apesar do invólucro de papel. Toltech não quis falar mais sobre os Construtores, então, após nos estabelecermos, ao anoitecer, interroguei Lesha.

"O que seu amigo quis dizer ao afirmar que os Construtores não se foram?"

Eu não vi, mas a senti dar de ombros. Nós estávamos próximos, apesar do peso do calor sobre nós. "Alguns dizem que os Construtores são espíritos agora, em tudo à nossa volta, escritos nos elementos."

"Não apenas ecos em máquinas?" Eu pensei em Fexler piscando para a vida conforme eu descia os degraus do porão.

Lesha se levantou para me encarar, franzindo o rosto, o bastante para que suas cicatrizes virassem sulcos. "Máquinas? Coisas de rodas e polias? Não entendo."

"Você disse espíritos?" Decidi guardar os motores debaixo do castelo de meu avô para mim mesmo. "Espíritos bons ou maus?"

Outra vez o balanço dos ombros. "Apenas espíritos. No ar, nas pedras, correndo por rios e córregos, até olhando para você de dentro do fogo."

"Ouvi dizer que os Construtores pegaram o que era real, antes de incendiarem o mundo, e mudaram", eu disse.

"Mudaram o quê?" Eu havia até me esquecido que Sunny estava ali.

"Tudo. Eu, você, o mundo, o que é *real*. Eles fizeram o mundo ouvir um pouco mais o que está nas cabeças das pessoas. Eles tornaram os pensamentos e os medos importantes, fizeram com que eles pudessem mudar o que está à nossa volta."

"Eles não fizeram o mundo me ouvir."

Eu sorri pelo resmungo de Sunny.

"O Conde Hansa tinha um mago jurado pela rocha trabalhando para ele", Sunny acrescentou. "Um camarada jovem. Isso deve ter sido uns dez, quinze anos atrás. Arron. Era isso. Ele podia trabalhar com pedra em suas mãos como se fosse manteiga. Certa vez, ele pôs o dedo em minha espada e ela ficou tão pesada que eu não conseguia segurá-la. Eu não consegui tirá-la do chão até o dia seguinte."

"O que aconteceu a ele?" Parecia uma pessoa útil para se conhecer, esse Arron.

"Afundou."

"Ah."

"Mas não no mar. Ortens diz que viu, e Ortens não é de mentir. Ele simplesmente afundou no chão uma manhã. Bem no meio do pátio central. E ninguém o viu novamente. Há só uma mancha cinza onde ele entrou na rocha."

"Que coisa", eu disse.

E todos nós ficamos em silêncio.

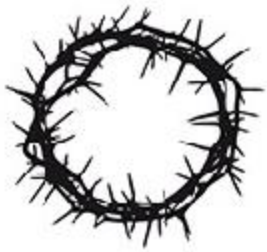
Eu fiquei deitado por um tempo, em meu cobertor sobre a poeira, escutando o silêncio. Algo estava errado. Tentei descobrir o que era, apalpando como se faz durante a noite quando sua faca não está onde deveria. Por um bom tempo, eu não conseguia saber o que me incomodava.

"Não há barulho." Eu me sentei.

"Quê?" Lesha, com a voz sonolenta.

"Aquelas coisas, aquelas malditas cigarras que cantam a noite toda. Onde elas estão?"

"Não aqui", ela disse. "Nós estamos perto demais. Nada vive no Ibérico. Nem ratos, nem insetos, nem líquen nas pedras. Se você quiser voltar, esta é a hora."



TRILOGIA DOS ESPINHOS

EMPEROR OF THORNS

13

— CINCO ANOS ATRÁS —

O silêncio fez com que fosse difícil dormir. A calmaria pareceu infectar todos nós e até os cavalos ficaram mudos, mal soltando um ronco ou arrastando um casco, indefinidamente. Em lugar dos murmúrios da noite, meus ouvidos inventaram seu próprio roteiro para a escuridão. Eu ouvi sussurros da caixa de cobre, uma voz sarcástica quase inaudível e, por trás dela, o som de meu próprio grito. Talvez a morte de todas aquelas cigarras, queimadas pelo fogo do fantasma dos Construtores, tenha me salvado. Ou talvez, desconfiado como sou, eu tivesse ouvido os agressores chegando aonde quer que nós dormíssemos. Em algum lugar, uma pedra se arrastou sob a sola de um sapato.

Meu chute encontrou Lesha primeiro. Uma mão esticada encontrou alguma parte de Sunny e eu a belisquei. Se fossem irmãos da estrada, eles teriam, de acordo com sua natureza, dado um salto de espada em punho ou ficado congelados onde estivessem, alertas e aguardando até que

entendessem o que se passava. O irmão Grumlow teria apunhalado a mão que o sacudira; o irmão Kent, fingido dormir, só escutando. Lesha e Sunny haviam dormido por tempo demais em camas seguras e começaram a se levantar confusos, resmungando perguntas.

A madrugada me mostrou os inimigos como montes de negrume, rentes ao chão escuro e se mexendo.

"Corram!"

Atirei minha faca na direção da ameaça mais próxima, rezando para que não fosse uma pedra, depois rolei por cima de Lesha e saí em disparada. O grito que saiu do novo dono de minha adaga foi mais útil para convencer os outros do perigo do que minha saída repentina.

Correr no escuro é tolice, mas eu havia observado os arredores antes de o sol se pôr. Nada de arbustos para emaranhar os pés e a maioria das pedras não era grande o bastante para representar problema. Ouvi os outros atrás de mim, as botas de Sunny batendo no chão e Lesha descalça. Nunca deixe um inimigo escolher o terreno. O único consolo de correr às cegas pela noite era que quem quisesse nos fazer mal agora tinha de fazer o mesmo – correr.

A memória me disse que um vale raso ficava à frente, dividindo os primeiros sopés do Ibérico. Olhei para trás, sabendo que se o inimigo estivesse muito próximo eu já teria ouvido os outros sendo derrubados. Os perseguidores haviam descoberto várias lanternas e suas luzes balançavam conforme eles corriam. Sunny manteve um bom passo e eu estava meros vinte metros à frente dele. Já Lesha estava perdida na escuridão, dura demais na armadura de suas cicatrizes para correr muito rápido.

Eu parei e agarrei Sunny quando passou correndo por mim. Ele quase me estripou. "Abaixe-se." Eu o empurrei para o chão. O Cuyahoga estava ali, passando por cima de seu leito pedregoso, e Lesha havia nos aconselhado a não molhar nossos pés naquelas águas – se quiséssemos continuar andando.

“Quê? Por quê?” Pelo menos ele teve o bom senso de sussurrar suas perguntas.

“A guia!” Eu fiquei abaixado, de cócoras, esperando ficar parecido com uma pedra. Os pés de Lesha faziam um barulho estranho ao bater no chão poeirento quando ela corria. Ela parecia estar perto, com os ruídos dos perseguidores quase tão próximos. Ela apareceu e passou em disparada por nós. Deixei Sunny acabar com o primeiro homem atrás dela enquanto eu ataquei os dois seguintes. Atrás deles, as luzes de pelo menos quatro lanternas balançavam vigorosamente nas mãos dos homens correndo.

Nós os pegamos de surpresa. Eu ataquei à direita e à esquerda, aleijei dois homens e novamente corri. Vi o suficiente para saber que ainda tínhamos mais de uma dúzia nos perseguindo, aparentemente um bando irregular. Irmãos da estrada. Só não eram os *meus* irmãos nem a *minha* estrada.

Alcancei Lesha em pouco tempo. Eles também alcançariam. Sua única chance seria chegar até seu cavalo, mas não havia tempo.

“Para onde?”, eu gritei.

“Não sei.” Ela arquejou. Uma resposta inútil, porém razoável.

Nós deixamos o vale nos guiar entre as colinas. Conforme corríamos, a luz aumentou, ou melhor, os cinzas empalideceram, revelando trechos do mundo. Sunny esperou por nós onde o vale se dividia, de espada em punho, respirando com dificuldade. Os gritos da perseguição ecoavam ao fundo. Berros e uivos de lobos, como se fosse um jogo para eles. Parecia haver muito mais que uma dúzia em nosso caminho.

Ocorreu-me que estávamos sendo arrebanhados. Eu tive alguns segundos para considerar a descoberta antes de o chão ceder sob os pés Sunny. Ele desapareceu em um buraco negro e eu evitei acompanhá-lo por um triz. Lesha bateu em mim por trás enquanto eu oscilava, com os braços girando, à beira do buraco, e nós caímos juntos.

“Merda.”

Nós aterrissamos ao lado de Sunny, com a queda amortecida por uma pilha de gravetos e grama seca. Ao olhar para cima, ganhei um punhado de terra que caiu no meu olho e tive um vislumbre do céu que clareava, agora ainda mais quando visto das profundezas de um buraco. Para escapar, seria necessária uma escalada de quatro, talvez cinco metros. Nós havíamos caído em alguma espécie de sumidouro natural, coberto para se transformar em uma armadilha.

"Quem são eles?", eu perguntei.

"Bandidos." A voz de Lesha veio suave de pavor. "*Perros Viciosos*, na velha língua. Cachorros Malvados. Eu não sabia que eles chegavam tão perto do Ibérico."

"Diga a eles quem você é, Jorg. Eles pedirão resgate por nós." Sunny tentou escalar, mas escorregou de volta em um monte de terra seca.

"Nem *você* acredita quem eu sou na maior parte do tempo, Sunny. Acha mesmo que vai convencer esse bando de que eles capturaram um rei?"

Os gritos ficaram mais próximos, mais altos. Risos agora. "Nós os pegamos!"

"*Viciosos*? Isso significa 'malvados'?" Não parecia certo.

"Cruéis", Lesha disse, gaguejando as palavras. "Pelo que eles fazem aos prisioneiros."

O buraco tinha cheiro de queimado.

"Dê-me uma faca", eu disse.

"Deixei a minha em um Cachorro Malvado." Sunny apalpou sua lateral.

"Está tudo em Garros", disse Lesha. Ela havia deixado suas armas em seu cavalo. Quem dorme desse jeito?

Eu saquei minha espada e fiz um lento arco para checar o local. Nós tínhamos espaço para balançar um gato se sua cauda não fosse muito longa. As risadas e os murmúrios de vozes lá em cima cresceram. Os Cachorros Malvados estavam se reunindo.

Pus a mão sobre o ombro de Lesha e senti o choro inaudível estremecer através dela. A morte rápida não esperava por nenhum de nós. “Fique aqui.” Eu a empurrei até um espaço aberto, tropeçando sobre os galhos quebrados. Ela se virou para mim, apenas com o brilho de seus olhos marcando-a no escuro.

Luz vinda de cima. Uma tocha e um homem segurando-a. Ele podia passar pelo irmão menor e mais feio de Rike. “Está vendo no que dá correr?”

Eu girei e decepei o pescoço de Lesha com um único e rápido golpe, deixando a espada enterrar sua lâmina na parede. Antes que ela pudesse cair, segurei sua cabeça com ambas as mãos, pesada e marcada, ainda sem compreensão nos olhos, e a atirei com o máximo de força que podia. Ela atingiu o bandido bem na cara, não na testa como eu gostaria, mas no nariz, boca e queixo. Ele cambaleou um passo para trás, dois passos para a frente, e caiu praguejando sem palavras. Ele aterrissou no corpo de Lesha. Eu peguei a tocha.

“Mas que diabos?” Sunny olhava com horror e perplexidade. Principalmente perplexidade.

“Olhe para as paredes”, eu disse. Elas eram pretas. Enfiei a tocha onde o solo arenoso pudesse segurá-la.

O bandido provou ser tão pesado quanto parecia. Eu o retirei de cima de Lesha e soltei minha espada para levá-la contra o pescoço dele. “Levante-se, Cachorro Malvado.” A borda afiada o ajudou a ficar de pé. “Sunny, espalhe o sangue dela por aí.”

“O quê?

Eu chutei os galhos em volta de meus tornozelos e pus a mão esquerda na parede do fosso. “Isso não foi colocado aqui para amortecer nossa queda.” Meus dedos saíram cobertos de fuligem. “Eles queimam pessoas aqui.”

Mais barulhos lá de cima, um debate irritado.

“É melhor vocês jogarem uma corda se quiserem este idiota vivo”, eu gritei.

Uma risada estridente, mais palavras exaltadas trocadas.

“Ah, a quem eu quero enganar?” Cortei a garganta dele com a lâmina de minha espada e o carreguei ao redor para não desperdiçar o sangue que borrifava dele. “Quem olha pela beirada? Ele nem sabia que nós não tínhamos uma faca para jogar.”

Cinco tochas foram atiradas juntas antes de o pescoço do idiota parar de pulsar. Com os galhos umedecidos e nossa esperteza, conseguimos pegar as tochas e apagar alguns pontos que queimavam. A fumaça cobriu o fedor de sangue e de corpos sujos. Quando terminamos, Sunny me olhou nos olhos.

“Você a matou para que tivesse algo para jogar?”

“Isso teria sido motivo suficiente. Você viu como ela se movia, ela não ajudaria em uma briga. Mas não.”

“Pelo sangue?”

“Para que eu não tivesse que vê-los levar o tempo que quisessem para matá-la. Se soubesse como esse tipo de gente opera, você também estaria me pedindo para arrancar sua cabeça.”

“Mas eu posso escolher?”

“Você ainda pode ser útil”, eu disse.

Nossa prisão parecia ser uma depressão de uns quinze metros de comprimento, com três metros na parte mais larga onde nós caímos.

Eu revistei o idiota e encontrei não uma, mas duas facas, uma de briga e outra balanceada para atirar. Deixei Sunny ficar com a maior.

“E agora?”, ele perguntou. Eu podia sentir seu medo, mas ele o manteve sob controle. Segurar uma espada sempre o deixa com uma pequena ponta de esperança.

“Agora nós esperamos eles resolverem como nos matar.” A raiva manteve meu medo longe. Eu queria levar o maior número deles comigo – o quanto fosse possível. Morrer em um buraco empoeirado no meio do nada não

estava em meus planos e saber que eu faria exatamente isto deixou um gosto amargo em minha boca. Como é que nós conseguimos cair em um buraco com todo esse espaço ao nosso redor, afinal?

"Vocês aí no fosso!" Um grito vindo de fora. Nenhuma cabeça espiando desta vez.

Eu fiquei em silêncio. Outras duas tochas foram atiradas, deixando um rastro de fagulhas e fumaça no céu claro. Parecia inútil, já que cinco não haviam feito o serviço. A picada forte em meu ombro veio quando me abaixei para pegar o galho mais próximo.

"Quê?" Eu ouvi a exclamação de Sunny. Se tirassem a palavra "quê" dele, ele não teria dito muito naquele dia.

Eu poderia ter-lhe dito que parecia algum tipo de veneno, mas ele provavelmente já havia deduzido àquela altura. Uma dormência se espalhou por meu ombro antes de eu conseguir me levantar, virar e atirar minha faca no rosto escuro por trás da zarabatana, do outro lado do fosso. Eu errei. Outro dardo me atingiu no peito, uma coisinha preta de meio dedo de comprimento.

"Caralho."

O terceiro dardo fez eu me curvar por cima de minha espada, sem força para olhar para cima. Dizem que nunca está quente demais para se usar armadura, mas eu teria corrido mais devagar que Lesha se eu a estivesse usando.

Homens entraram no buraco e nos tiraram de lá como pedaços de carne, com cordas em volta de nossos peitos, os membros se arrastando sem sensação. Não é tão difícil manter o medo afastado com uma espada. Quando você está indefeso e nas mãos de homens cuja única diversão em quilômetros é a sua dor, você seria louco se não ficasse apavorado.

Dois homens seguravam meus braços e a criatura que me dardejou me seguia pelo rastro que meus tornozelos deixavam na poeira. Minhas pernas estavam vermelhas até acima dos joelhos, com a poeira se empapando no

sangue. A criatura parecia uma garota, de uns onze anos talvez, quase esquelética, bastante queimada pelo sol. Ela sorriu e sacudiu a zarabatana para mim.

"Dardos dos espíritos. De Cantanlona." Sua voz era aguda e límpida.

"Difíceis de conseguir", disse um dos homens segurando meus braços. "É melhor você valer a pena."

Eles nos arrastaram por uns trezentos metros até um acampamento. Nossos cavalos e o Teimoso já estavam lá, amarrados a um parapeito. Os cavalos puxavam suas cordas, nervosos, talvez com sede. Teimoso só parecia entediado. O acampamento parecia semipermanente, com algumas cabanas com alpendres, em condições ainda piores do que as das Termas Carrod; avistei uma carroça, alguns barris d'água, uma ou duas galinhas e, no meio, quatro grossos postes fincados no chão. Dizia muito sobre os *Perros Viciosos* o fato de eles colocarem mais material de construção e esforço em sua infraestrutura de tortura do que em suas próprias moradias.

Eu contei cerca de trinta homens, tão variados em suas origens e aparência quanto meus próprios irmãos da estrada, mas com predominância de homens de cabelos escuros, espanos do interior, uma linhagem mais antiga e pura do que a encontrada nas regiões costeiras, quase todos magros e com uma aparência perigosa. Pelos meus cálculos, nós deixamos cinco deles mortos. Nenhum daqueles à vista tinha ferimentos recentes.

Dois homens amarraram Sunny a um poste e depois voltaram para me pegar. O restante observava ou comia, ou batia boca por causa de nossos pertences, ou tudo isso. Vários homens tentaram pegar a caixa em meu quadril, mas suas mãos sempre se afastavam, seu interesse sempre desaparecia. Nenhum deles deu sequer um chute ou soco, como se quisessem nos manter saudáveis, dentro do possível, até a diversão começar.

“Aquele é Jorg Ancrath”, Sunny lhes disse. “Rei das Terras Altas de Renner, neto do Conde Hansa.”

Os Cachorros Malvados não se preocuparam em responder, apenas apertaram nossas cordas e saíram para seus afazeres. Esperar faz parte do exercício. Deixar a tensão crescer, como a massa dos padeiros na forma. Sunny continuou falando, continuou dizendo a eles quem eu era, quem ele era, o que aconteceria se não nos libertassem. A garota veio nos assistir. Ela estendeu a mão segurando um besouro grande tentando escapar.

“Mutante”, ela disse. “Conte as pernas.”

Ele tinha oito. “Coisa feia”, eu lhe disse.

Ela arrancou duas de suas pernas. O inseto era grande o suficiente para que eu ouvisse o estalo conforme as patas eram arrancadas. “Melhor ainda.”

Ela o pôs no chão e ele saiu atravessando a poeira.

“Você matou Sancha”, disse ela.

“O idiota grandão e feioso?”

“Sim”, ela disse. “Eu não gostava dele.”

Os homens fizeram uma fogueira no espaço enegrecido em frente aos postes. Pequena, pois madeira é coisa rara no Ibérico.

“Ele é o Rei das Terras Altas de Renner”, Sunny gritou para eles. “Ele tem exércitos!”

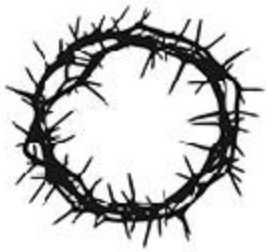
“Renar”, eu disse. A dormência começou a desaparecer de meus braços e minha força retornava lentamente.

Uma mulher saiu de uma das cabanas, uma velha com cabelos ralos e brancos e um longo nariz. Ela desenrolou uma pele pelo chão, exibindo uma variedade de facas, ganchos, brocas e pinças. Sunny começou a se debater. “Vocês não podem fazer isso, seus desgraçados.”

Só que eles podiam.

Sei que não demoraria para que ele me implorasse para que o livrasse daquilo e em seguida me amaldiçoasse por metê-lo numa enrascada. Pelo menos eu não tinha Lesha fazendo isso do meu outro lado. Eu sabia o que

ia acontecer porque já vira aquilo antes. Também sabia que os quietos, os que esperavam a sua hora como eu, gritariam igualmente alto e implorariam inutilmente no final. Observei os homens se reunirem, pegando os nomes que podia: Rael, alto e magro, com uma cicatriz de um lado a outro do pescoço; Billan, barrigudo, com uma barba grisalha e olhos de porco. Murmurei os nomes para mim mesmo. Eu os caçaria no inferno.



TRILOGIA DOS ESPINHOS

EMPEROR OF THORNS

14

— CINCO ANOS ATRÁS —

Enquanto a velha trabalhava para expor as costelas de Sunny, a menina me trouxe sua última descoberta. Ela segurava as pinças do escorpião juntas no punho apertado e mantinha o ferrão esticado com a outra mão. Oito patas se contorciam em movimentos furiosos. O bicho devia ter uns trinta centímetros da ponta da pinça ao ferrão. Dava para ver o esforço de segurá-lo nos pequenos grupos de músculos ao longo dos ossos de seu braço.

"O quê?"

"Não está certo!" Ela teve de gritar para ser ouvida em meio aos gritos de Sunny.

"Mutante?" Ele parecia normal para mim, apenas muito maior do que os escorpiões que prefiro.

A velha jogou no chão outro pedaço de pele e duas galinhas magricelas foram atrás. Os homens, aglomerados diante dos postes, aplaudiram. A maior parte deles estava sentada, de pernas cruzadas, segurando alguma

espécie de bebida em tubos de couro encerado nos quais eles bebiam. Todos pareciam contentes em deixar a velha exercer seu ofício. Alguns conversavam entre si, mas a maioria demonstrava interesse e aplaudia a habilidade com a faca ao final de cada estágio. Notei que um homem havia encontrado a cabeça de Lesha e a segurava em seu colo, virada na direção dos postes. Havia poucos entre os Cachorros Malvados que se equiparavam à intensidade com que ela nos observava.

"Não é mutante. Errou." Ela tentou partir as costas da criatura, mas não conseguiu. As pernas continuavam no frenesi contorcionista. "Você não está ouvindo?"

Eu mal podia ouvi-*la* por cima dos berros de Sunny, muito menos seu novo bicho de estimação. Na verdade, acho que ele gritava para se distrair do que estava sendo feito, pois a dor real ainda não havia começado. Tortura é mais do que dor – e os *Perros Viciosos* sabiam disso. Certamente a velha sabia. Ela ainda não havia começado com ele, mas a mutilação doía mais do que a agonia que não deixa marcas. Quando o torturador faz um estrago que obviamente não cicatrizará, ele ressalta a irreversibilidade de tudo aquilo. Isto não vai melhorar. Isto não vai sumir. Isso faz com que o homem saiba que ele é apenas carne, veias e tendões. Carne para o açougueiro.

A menina, Gretcha, segurou o escorpião no meu rosto. Eu me estiquei para me afastar e fui recompensado com uma visão completa do peito de Sunny, com o branco dos ossos das costelas aparecendo pelas fendas estreitas cortadas. As veias se destacavam em relevo por seu pescoço, os olhos muito apertados.

Foi então que ouvi o estranho zumbido, clique e tique por trás das pernas se debatendo secamente. Aquilo me fez lembrar do barulho do relógio dos Construtores quando o colocava perto do ouvido, o som de engrenagens, de dentes de metal se articulando com uma precisão impossível. Eu me virei e

encarei o troço e, por uma fração de segundo, seus olhos pretos piscaram vermelhos.

Gretcha atirou o escorpião ao chão e começou a correr atrás dele, batendo nele com um bastão pesado. Um golpe quebrou a maioria das pernas do lado esquerdo. Ela sumiu do canto de meu olho, ainda perseguindo o aracnídeo aleijado. Eu não podia mais virar a cabeça. O clarão vermelho ecoou por trás de minhas pálpebras e por algum motivo eu vi a estrela vermelha de Fexler outra vez, piscando sobre o Ibérico.

Demorou quase uma hora para a mulher terminar seu serviço e durante esse tempo ela usou quase todas as ferramentas do embrulho que havia aberto no começo. Ela fez uma obra de arte com o peito e os braços de Sunny, cortando, queimando, arrancando pedaços, descascando camadas, prendendo-as de volta. Ele berrava com ela, claro, e comigo, exigindo ser libertado, que eu fizesse algo, implorando-me, e pouco depois jurou uma vingança terrível, não a seus algozes, mas a Jorg Ancrath, que o conduzira àquele destino.

O medo corria solto em mim – como poderia ser de outro modo? O pavor me atravessava quente e em seguida como gelo pelas veias, fazendo meus dedos e meu rosto pinicarem com alfinetes e agulhas. Mas eu tentei me enganar, dizendo a mim mesmo que estava sentado na plateia, observando com a crueldade casual de irmãos de estrada descansando. E até certo ponto isso deu certo, pois eu já me sentei e assisti, em muitas ocasiões, desde os tempos antes de eu realmente entender tal sofrimento, até os tempos que eu compreendia, mas não me importava. O forte machuca o fraco, é a ordem natural. Mas amarrado ali, sob o sol quente, esperando minha vez de gritar e desabar, eu sabia do horror iminente e me desesperei.

Finalmente, a velha se afastou, vermelha até os cotovelos, mas quase sem uma gota em suas roupas ou rosto. Ela se virou para sua plateia, fingiu uma reverência e voltou para a cabana, com suas ferramentas enroladas debaixo do braço.

Aplausos e vivas da plateia, alguns já bastante bêbados. Sunny respirava com dificuldade, de cabeça baixa, com um olho arregalado e fixo, o outro bem fechado. O homem alto, Rael, levantou-se e aproximou-se para amarrar a cabeça de Sunny ao poste com faixas de couro. Lá perto das cabanas alguém mijava e outro homem jogava grãos para as galinhas.

"Gretcha!" O homem da barriga redonda, Billan, chamou a garota.

Ela saiu de trás dos postes com o traço de um sorriso em seu rosto de caveira, deixando cair um punhado de partes quebradas de inseto, pernas e partes pretas brilhantes. Billan colocou uma banqueta para a menina ficar de pé, perto do poste de Sunny.

Gretcha foi até a fogueira, sem que a mandassem, e pegou o ferro que havia sido colocado lá. Eu não o vi ser posto ali. Ela o pegou pela ponta enrolada com panos e segurou a ponta alaranjada na nossa direção. "Não!" Sunny entendeu o que significavam aquelas faixas de couro em volta de sua testa. Não podia culpá-lo por seus esforços. Eu também estaria me debatendo e dizendo-lhes não quando chegasse minha hora.

Na fogueira, formas estranhas dançavam. O sol fez fantasmas da chama e tive que semicerrar os olhos, mas eu as vi, formas e cores que não deviam estar ali. Eram os delírios do calor e do pavor se estabelecendo. Talvez a loucura tomasse conta de minha mente antes que eles começassem a mexer comigo.

"Você faz barulho demais." Gretcha empurrou o ferro quente para dentro da boca de Sunny. Seus lábios fechados se enrugaram diante do brilho intenso do ferro. Dentes se racharam ao tocarem o ferro. Deu para ouvir. Eles ficaram frágeis e se estilhaçaram conforme ela empurrava. Fumaça saía de sua boca – fumaça, gritos medonhos e cheiro de torrado.

Desviei o olhar, cegado pelas lágrimas enquanto a garotinha arrancou os olhos dele. Eu podia dizer que chorei por Sunny, ou pelo horror de um mundo onde tais coisas acontecem, mas na verdade chorei por mim, por medo. No fim das contas, só existe espaço para nós mesmos.

Os Cachorros Malvados gritavam e aplaudiam o esporte. Alguns gritavam nomes, provavelmente dos homens que havíamos matado, mas aquilo não significava nada. Nós teríamos sofrido as mesmas torturas se eles tivessem nos capturado durante nosso sono, sem perdas.

"Gretcha." Billan novamente. "Chega com esse daí. Mary encontrará mais alguma coisa nele depois. Arranca o olho do outro. Só um. Eu não gosto da maneira como está olhando para mim."

A garota enfiou a ponta do ferro na brasa quente e ficou lá assistindo, de costas para mim. Eu puxei minhas amarras. Eles sabiam como amarrar um homem, não só nos pulsos, mas também nos cotovelos e mais acima. Eu puxei mesmo assim. A raiva cresceu em mim. Ela não resistiria ao ferro, mas por um momento, pelo menos, minha ira afugentou um pouco do medo. Raiva de meus carrascos e raiva da bobagem daquilo, morrer em algum acampamento sem sentido, cheio de pessoas vazias, pessoas que não iam a lugar algum, pessoas para quem meu sofrimento seria uma distração passageira.

Quando Gretcha se virou, eu olhei nos olhos dela e ignorei o calor do ferro.

"Mantenha a mão firme, menina." Eu dei um sorriso selvagem para ela, odiando-a com uma intensidade repentina, tão forte que doía.

Você é perigoso? Eu perguntara ao nubano quando seguraram os ferros em cima dele. Eu havia lhe dado sua chance, soltado uma das mãos, e ele a agarrou. *Você é perigoso?* Sim, respondeu, e eu pedi para ele me mostrar. Eu queria aquela chance agora. Deixe que ela diga as palavras. *Você é perigoso?*

Em vez disso, seu sorriso desapareceu e sua mão vacilou, só um pouco.

"Pare!", gritou Rael. "A cabeça dele não está amarrada. Ele podia morrer."

Ele se aproximou e me amarrou com mais faixas. Eu o observei, tentando guardar cada detalhe de seu rosto na memória. Ele seria uma das últimas pessoas que veria.

“Dê o ferro aqui.” Ele disse as palavras bruscamente, tirando-o das mãos de Gretcha. “Eu mesmo faço este aqui.” Devolvendo meu olhar, ele disse: “Você deve ser um lorde de alguma espécie. Você tinha bastante ouro consigo. E isto”. Ele levantou o pulso para mostrar o relógio da tesouraria de meu tio. “Mas nós dois sabemos que se pedíssemos o seu resgate você não faria outra coisa senão nos caçar, na hora que estivesse livre e a salvo. Dá para ver isso em você.”

Eu não podia mentir para ele. Não fazia sentido. Se estivesse livre, eu iria atrás deles a qualquer distância, a qualquer preço.

“Parece que você já fez isso antes.” Rael fez sinal para minha bochecha. “Talvez nós devamos começar por onde eles pararam, só para lembrá-lo da sensação.”

A ponta incandescente do ferro se aproximou da cicatriz grossa que atravessava o lado esquerdo de meu rosto. A mão de Rael não hesitava, não importava quão feroz fosse meu olhar. Gretcha ficou ao lado de Rael e sua cabeça chegava apenas pouco acima da cintura dele.

O calor chamuscou meus lábios e ressecou a umidade de meus olhos, mas na cicatriz não houve dor, apenas um calor, quase agradável. A queimadura havia matado toda a sensibilidade da pele, eu podia arranhá-la com minhas unhas e só sentir o puxão da pele intocada logo abaixo de meu olho. O ferro encostou um pouco abaixo da maçã de meu rosto com a pressão de um dedo apontado. A perplexidade remodelou a testa de Rael.

“Ele não q...”

Uma pulsação repentina de prazer passou pela cicatriz, quase orgástica, e um lampejo de calor fechou meus olhos. O cheiro de meu cabelo se queimando preencheu minhas narinas. Rael gritou e quando olhei novamente a dança o possuíra. Aquela dança que os homens fazem quando a dor inesperada toma conta deles; uma topada no dedão ou pancada naquele ossinho traiçoeiro do cotovelo geralmente a faz começar. Ele segurou o pulso de sua mão direita com a esquerda. E ali, cauterizada na

palma exposta, funda o bastante para alcançar os pequenos ossos que formam a mão, a marca que o ferro deixara nele. O ferro mesmo estava caído na poeira, claro e brilhante, tão branco de calor como se estivesse na boca de uma fornalha, com o pano enrolado em volta em chamas.

Eu tive que rir. O que eles iriam fazer se eu risse deles – me machucar? Com o choque da coisa, eu havia mordido a língua e agora ria deles com o gosto de sangue enchendo minha boca e o calor dele correndo vermelho sobre meus lábios.

"Idiota." Billan se levantou e empurrou Rael para fora de seu caminho. Ele apertou dolorosamente meu queixo e mandíbula. "O que você fez, garoto?"

"Garoto?" Doeu ter que dizer a palavra com os dedos dele enterrados nos músculos de meu maxilar. Eu não sabia o que havia feito, mas estava contente por isso. Suspeitei que algo nos fragmentos de Gog embutidos naquela cicatriz tenha reagido ao toque de tanto calor.

"Responda."

Mesmo agora, Billan achava que tinha algo com que me ameaçar. Cuspi sangue em seu rosto. Ele saiu cambaleando com um grito de menina e aquilo me fez rir ainda mais. A histeria havia colocado suas garras sobre mim. Outros, entre os *Perros Viciosos*, ficaram de pé. Um pedaço de músculo chamado Manwa, irmão de Sancha que eu matei no fosso, pegou o braço de Billan e tentou sossegá-lo. Um trapo sujo posto em cima do sangue pareceu não ter conseguido enxugá-lo. Segundos mais tarde, uma visão melhor mostrou que a própria pele havia ficado escarlate onde o sangue tocou e em seus olhos o sangue havia escaldado sua córnea até ficar branca como leite. Parecia que a necromancia que se espreitava dentro de mim, e matava pequenas coisas só com o toque de meus dedos, realmente corria em minhas veias.

"Chame a velha Mary de volta!", Billan gritou em sua cegueira. O esforço para se conter, para negar a vontade de me estrangular até matar, o fazia tremer. "Eu quero que ele grite durante um mês."

“Você não vai viver um mês, Billan. Quando seus irmãos entenderem que sua visão não vai voltar... Quanto tempo acha que tem até eles amarrarem você a este poste?” Eu não conseguia parar de sorrir. A histeria e a bravata seriam arrancadas de mim muito em breve quando a velha aparecesse com suas facas, eu sabia disso, mas porra, ria enquanto puder, não?

Manwa sacou sua espada, que na verdade era a minha espada. “Ele tem uma espada do aço antigo e faz mágica.” Ele virou a lâmina em seu enorme punho. Ele era um homem grande, mas suas mãos pertenciam a um gigante. “Talvez devêssemos pedir algum resgate por ele? O outro disse que o Conde Hansa pagaria por eles.”

Rael cuspiu, com o rosto apertado de dor. Uma mão queimada não deixa um homem em paz. “Ele morre. Ele morre com força.”

Manwa deu de ombros e se sentou, com minha espada sobre seus joelhos.

Dois homens levaram a velha Mary de volta aos postes. Eu os vi primeiro pelo canto de meu olho e os observei tão atentamente que quase não percebi a corda se afrouxar em volta de meus tornozelos. Por baixo das reclamações e pragas dos Cachorros Malvados, por baixo dos soluços úmidos e anormais de Sunny, ouvi um clique, um zumbido e uns arranhões como dedos raspando madeira. Alguma coisa trilhou um caminho subindo o poste às minhas costas. Flic. A corda em volta de meus joelhos caiu. Ninguém percebeu.

Mary desenrolou seu embrulho de ferramentas sobre a poeira novamente. Ela me lançou um olhar maligno como se eu fosse realmente levar uma por perturbar seu descanso. Mais uma vez, o absurdo daquilo se contraiu nos cantos de minha boca. Ela pegou a mais afiada de suas lâminas, com uma ponta pequena em uma haste cilíndrica de metal, o tipo de coisa que os médicos gregos talvez usassem para cortar uma gangrena. Três passos trouxeram Mary até mim, instável nos pés, mas segura nas mãos. Ela cortou os resquícios manchados de minha camisa. A lâmina não puxou conforme o tecido se partia diante dela.

“Que verruga horrorosa que você tem aí, velha Mary”, eu disse.

Ela parou e olhou para mim. Seus olhos eram de velha malvada, muito escuros.

“Ah, desculpe. Eu estava falando da que fica em seu queixo. Coisa feia. Não dava para você arrancá-la? Com essa sua faquinha afiada? Aparar um pouco dessas barbelas também? A gente não quer que eles a chamem de Mary feia e velha, não é?”

Algo seco e desagradável passou por cima de minhas mãos amarradas. Eu tremi conforme pequenas pernas duras se moviam em cima de meus pulsos. Precisei de toda a compostura que me restava para não repelir o negócio de cima de mim.

“Você é burro?”, Mary perguntou, após a pausa mais longa. Ela não havia dito uma única palavra a Sunny durante todo o tempo que trabalhara nele.

“Eu a magoei, velha Mary?” Sorri para ela, com meus dentes carmesins, sem dúvida. “Você sabe que não importa quanto eu grite e implore, essas palavras não podem voltar para dentro da caixa, não sabe? Você é feia e velha. Não há nada que possamos fazer a respeito, Mary. Suponho que a pequena Gretcha fará seu trabalho muito em breve e você será a obra de arte dela. Eu imagino as formas em que ela a cortará.”

Os Cachorros Malvados me observavam agora, esquecendo suas discussões. Até Rael e Billan desistiram de suas dores por um momento para me dar atenção. As vítimas ameaçam ou imploram. A velha Mary não sabia o que fazer com deboche.

Flic. Meus pulsos estavam livres. Sangue começou a fluir para eles. Aquilo doeu mais do que qualquer coisa que eu havia sofrido no poste de tortura até o momento.

A velha Mary balançou a cabeça e afastou uma mecha de cabelo grisalho. Ela parecia irritada, menos confiante em si mesma. Aqui estava ela, prestes a me abrir, peça por peça, e eu a deixei constrangida com comentários irrelevantes sobre suas verrugas. Estampei um sorriso tão largo que podia

rachar meu rosto. Eu estava bastante seguro de que eles teriam de me matar quando eu me libertasse. A ideia de atacá-los, em vez de morrer naquele poste, simplesmente me encheu de alegria. Eu não conseguia parar de sorrir.

"Maluco, este aqui." Mary pôs a ponta de sua faca na extrema direita de minha última costela.

Eu me estiquei para ouvir o barulho distante de meu salvador rastejando poste acima. Se ele cortasse a corda de meu peito e da parte superior dos braços, todos a perceberiam cair e eu ainda estaria preso pela cabeça. Eles não haviam amarrado uma corda em nossos pescoços, provavelmente para que não engasgássemos ao nos contorcer para escapar da dor.

Mary fez seu corte. Dizem que faca afiada não traz lágrimas. O corte não doeu, mas uma torrente ácida de dor acompanhou o rastro da faca. Eu precisei de todo o meu controle para não chutá-la para longe e me trair.

"Ai", eu disse. "Isso dói."

Mary se afastou para fazer um corte mais baixo, paralelo ao primeiro. Atrás de mim a criatura escorregou e caiu.

"Ah, droga!", eu gritei. Espantada, a velha Mary se assustou e vários Cachorros Malvados recuaram. De alguma forma, a criatura se prendeu em minha mão, mordendo ou agarrando, eu não sabia, só sabia que doía muito. "AI! Caralho!"

Mary piscou. Eu só tinha um corte fino em mim – ela não entendia.

"Você vai fazer a mesma coisa de novo?", perguntei. A criatura se soltou e escalou de volta de minhas mãos até o poste. Parecia um siri gigante ou uma aranha. Porra, eu odeio aranhas. "Você vai fazer as costelas todas de novo, como fez com Sunny?" Eu pisquei os olhos na direção dele. "Achei que você fosse boa nisso, que fosse interessante de assistir! Não me admira que estejam aprontando Gretcha para substituí-la."

"As costelas são chatas", alguém gritou atrás dela.

"É bom quando ela as quebra." Isso foi Rael.

“Nós já temos um pronto para isso.”

“Algo novo!”

Senti leves vibrações quando a criatura atingiu as cordas que me atavam na altura do peito. Merda. Fiquei tenso, pronto para me debater feito o diabo quando ela se soltasse. Mais vibração e a coisa seguiu em frente, para cima, com a corda intacta.

“Vamos lá, Mary feiosa, mostre-nos algo novo.” Um jovem de pele escura, perto do fundo.

Mary não gostou nada daquilo. Ela fez uma careta para mim, mostrando tocos amarelados de dente. Resmungando, ela se virou e abaixou para pegar um gancho fino.

A criatura se moveu atrás de minha cabeça. Meu cabelo puxava onde os fios estavam amarrados com a faixa de couro. Uma pinça deslizou por baixo da faixa que amarrava minha testa.

Mary me encarou, endireitando-se o máximo que suas costas permitiam. Ela manteve o gancho abaixado enquanto se aproximava, na altura da minha virilha, sorrindo pela primeira vez.

Flic.

Fiz força para a frente e a corda em torno de meu peito cedeu. A criatura deve tê-la puído, deixando apenas um fio para segurá-la.

Ilusionistas prendem sua atenção onde querem e assim o deixam cego para as outras coisas que estão acontecendo diante de seus olhos. O gancho de Mary prendeu a atenção dos Cachorros Malvados. A última corda que me prendia caiu e, como mágica, ninguém a viu cair.

A loucura em mim, alguma mistura virulenta de pavor e alívio, deu-me a ideia de coçar o nariz e em seguida pôr a mão de volta para atrás. A sanidade prevaleceu. Eu superei a tentação de desperdiçar o momento enterrando o gancho de Mary em um de seus olhos. Em vez disso, eu me mexi para a frente, muito rápido, e apanhei minha espada no colo de Manwa.

Eu andei no meio deles.

Para evitar ser agarrado e capturado, é melhor ir pelas beiradas, mas eles tinham arcos e, em algum lugar, mais daqueles dardos. Ao atacar no meio, eu os mantive desorganizados, próximos. E conforme passei entre eles eu saí atacando. Antes de o primeiro Cachorro ficar de pé, quatro homens tiveram feridas abertas por mim – feridas que nunca se fechariam.

Há uma liberdade em ficar cercado de inimigos por todos os lados. Em tais circunstâncias, com uma espada pesada que seja afiada o suficiente para fazer o vento sangrar, você pode fazer movimentos circulares grandiosos e viciosos. Seu único cuidado deve ser assegurar que sua arma não fique presa no corpo de sua última vítima. De muitas formas, eu vivera a maior parte de minha vida em uma condição exatamente como aquela, atirando em todas as direções sem me preocupar com quem poderia morrer. A experiência me foi de grande valia à beira dos Montes Ibéricos.

Os Cachorros Malvados morreram, separados de cabeças, de membros, sem tempo de deixar um homem cair antes que a ponta de minha espada abrisse um sulco vermelho no próximo. Nunca, antes ou depois disso, eu tive uma alegria tão autêntica na carnificina. Alguns pegaram suas armas, espadas, facas, machadinhas afiadas, cutelos, mas nenhum durou mais do que dois golpes comigo: uma defesa rápida e eles caíam no contra-ataque. Eles me cortaram em três lugares. Eu não soube até bem mais tarde, até perceber que um pouco do sangue não saía quando me limpei.

Em determinado momento, com homens atacando de muitas direções, girei e encontrei Manwa na minha frente. O instinto me fez agarrar, com minha mão livre, a mão com que ele segurava a faca e me girou para o lado. O ódio levou minha testa ao nariz dele. Ele era um homem alto, forte, mas eu havia ficado alto e se a raiva multiplicara minha força ou se meus músculos eram páreo para os dele eu não sei, mas sua faca não me encontrou. Na verdade, eu fiquei com ela por mais uma dúzia de momentos sangrentos, cortando e estocando, até deixá-la no pescoço de Rael.

Ajudou o fato de que muitos deles estavam bêbados, alguns tão embriagados de aguardente que não conseguiam nem achar suas armas, muito menos usá-las com resultados satisfatórios. Também ajudou o fato de odiá-los com tanta pureza, além de ter treinado a esgrima durante meses, dia após dia, até minhas mãos sangrarem e a canção da espada ecoar em meus ouvidos.

Um homem gordo caiu perto de mim, vomitando as tripas em rolos azulados de sua barriga aberta. Outro homem, já correndo, eu cortei por trás. Ao me virar, percebi mais dois Cachorros correndo em direção ao vale. Um eu abati em cinquenta passos, com um machado apanhado do chão. O outro escapou. O silêncio foi repentino e total.

Perto dos postes, Mary estava com Gretcha a seu lado. A garota estava com uma mão enrolada na saia da velha, a outra segurando sua zarabatana apontada para mim. Andei em direção a elas. Pfft. O dardo de Gretcha atingiu minha clavícula. Arranquei o canudo dela e o atirei para trás.

"Nós somos muito parecidos, Gretcha, você e eu."

Eu me agachei para ficar na altura da menina. O dardo saiu com um puxão e eu o deixei cair na poeira. Ela olhou para mim com olhos escuros. Eu vi muito de Mary nela. Uma neta, talvez.

"Eu posso ajudar." Sorri, triste por ela, triste por tudo. "Se alguém tivesse feito isso por mim quando eu era criança, teria evitado muitos problemas para todo o mundo."

Sua boca fez um "oh" de surpresa enquanto a espada passou através dela, raspando pelos ossos finos. Ela deslizou para fora da lâmina quando eu me levantei.

"Feia. Velha. Mary", eu disse.

Ela ainda segurava o gancho. Eu a segurei pelo pescoço magricelo, mas ela não tentou me espetar com ele. A necromancia formigou na ponta de meus dedos, talvez reagindo à idade da menina. Meus dedos encontraram

as saliências de sua espinha e eu deixei a morte fluir para ela, o suficiente para fazê-la desabar ao chão.

Sunny ainda estava vivo. Sua respiração ofegante era o único som naquele silêncio que se estabelece em um massacre. Alguns dos Cachorros Malvados estariam feridos, porém vivos. Se estavam mesmo vivos, no entanto, eles ficaram quietos e tiveram a sensatez de não chamar minha atenção.

De perto, as feridas de Sunny gritavam para mim. Eu senti a dor passando por ele em rios vermelhos. A necromancia sabe dessas coisas. Com a mão contra o peito dele, parecia que eu o conhecia por completo, que eu conhecia a ramificação de suas veias, o formato de sua coluna, as batidas e as palpitações de seu coração. Eu não sabia curar – só sabia matar. Um muco grosso, salpicado de carvão, escorria de suas órbitas oculares. Sua língua estava queimada e inchada dentro da boca quebrada.

"Eu não posso ajudá-lo, Greyson Landless."

O esforço que ergueu sua cabeça sem olhos na minha direção rasgou os laços necromânticos entre nós e arrancou um suspiro de mim. Cortei suas cordas e o pus no chão. Eu não queria que ele morresse amarrado.

"Paz, irmão." A ponta de minha espada repousou em cima de seu coração. "Paz." E eu lhe dei um fim.

O sofrimento de Greyson ainda tremia em minhas mãos. Eu me ajoelhei ao lado da velha Mary, caída no chão, observando-me com olhos brilhantes, com poeira sobre o rastro de baba em sua bochecha. Com uma mão em seu pescoço magro e outra em cima de sua cabeça eu libertei a dor de Sunny. Parece que os dedos de um necromante podem fazer em instantes, com golpes e beliscões, o que todos os seus instrumentos afiados levaram horas para realizar. O coração dela não aguentou por muito tempo e a morte apareceu para buscá-la. Ela morreu fácil demais.

A cabeça de Lesha estava entre os corpos. Eu a recuperei, matando um remanescente pelo caminho. A maioria dos corpos ecoava algum resquício

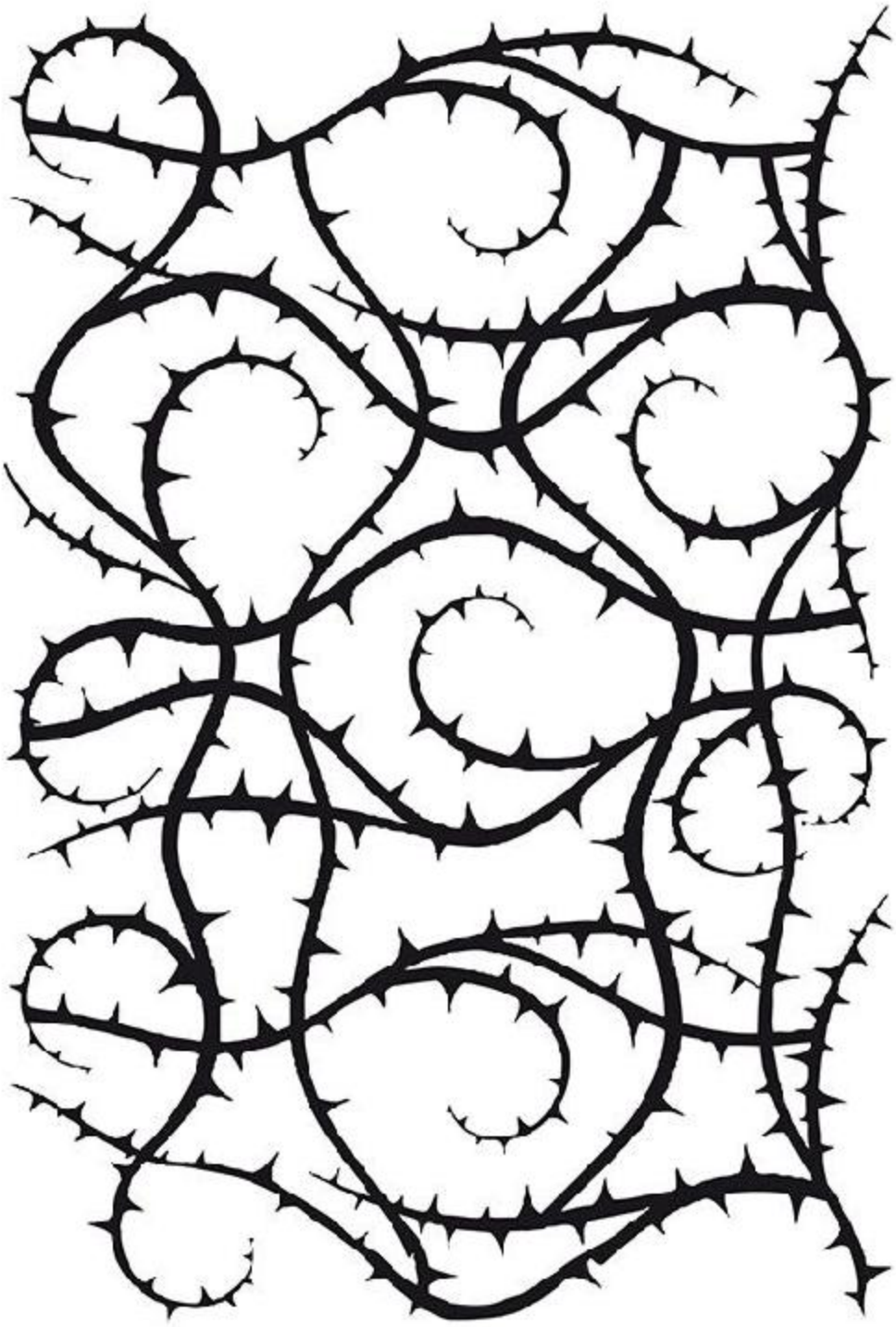
da pessoa quando eu os tocava. O corpo de Algazarra fedia como ele. Mas a cabeça de Lesha parecia vazia, não literalmente, não oca, mas sem nenhum traço dela, apenas uma casca. De alguma maneira, aquilo me agradou, ela ter ido além do alcance. A algum lugar melhor, espero.

Eu pus a cabeça dela ao lado do corpo de Sunny, pronta para enterrar. Antes, porém, andei em volta dos postes. O escorpião, sem três pernas de um lado e com parte de sua couraça arrancada de suas costas, estava agarrado, imóvel, à parte de trás do poste em que eu fora amarrado. A faixa de couro que segurava minha cabeça ainda pendia de sua garra. A cabeça do escorpião se levantou uma fração quando me aproximei dela e mais uma vez as contas pretas de seus olhos brilharam vermelhas.

"Fexler?", perguntei.

Ele se contorceu duas vezes e caiu do poste, aterrissando de costas. Mais uma convulsão e ele se enrolou com um barulho alto de estalo, com as placas de sua couraça prendendo-se em um abraço permanente.

"Caramba."



TRILOGIA DOS ESPINHOS

EMPEROR OF THORNS

15

A HISTÓRIA DE
CHELLA

“Conte-me de novo.”

Ele está acorrentado e sangrando em um calabouço, rodeado de mortos-vivos, e lá em cima há toda a sorte de coisas piores; espíritos do lodo e destroçadores são o de menos... e ele continua a fazer perguntas!

“Você é um homem incomum, Kai Summerson.” Chella andou em volta da coluna outra vez. Ela não conseguia ficar com os pés parados. Talvez tivesse vida demais neles.

“Isso vindo de uma necromante, com o corpo de minha mulher no chão.”

Chella se aproximou, com a agulha de ferro em sua mão, mas ela sabia que o equilíbrio já havia se afastado dela. Em algum momento, este jovem incomum deduziu que ela precisava de sua cooperação. Talvez

fosse apenas óbvio demais que ela o tivesse matado se sua necessidade não fosse tão grande.

"O que foi que você não entendeu?" Ela sussurrou no ouvido dele. Ele não tinha como saber o quanto ela precisava de algum êxito, qualquer coisa que a tirasse da fria sombra do desdém do Rei Morto.

"Sula está no céu... e também aqui?"

Ela deixou escapar um suspiro, acentuado pela frustração. Até homens inteligentes podiam ser tolos. "O que não passa pelo céu pode ser devolvido ao corpo. O quanto é devolvido depende da pessoa e da necessidade. Não precisa de muito para fazer um cadáver recente ficar de pé. Um pouco de vontade, ganância, talvez alguma raiva. Sula tinha bastante ganância."

"Então nem todo o mundo pode ser devolvido. Algumas pessoas fazem a passagem limpas e por completo?"

"Um santo, talvez. Nunca conheci um." Crianças também. Mas ela não disse. Seja lá o que pavimenta a estrada para o inferno, o importante é dar um passo de cada vez.

"E, depois de me lembrar do céu, você espera que eu me amaldiçoe a arder pela eternidade só para evitar uma morte dolorosa?" Kai cuspiu sangue no chão. Ele deve ter mordido a língua. Ele não parecia, nem de longe, tão assustado quanto deveria estar. Provavelmente parecia um sonho para ele, um pesadelo, estranheza demais rápido demais. Se ela tivesse tempo, Chella o deixaria um ou dois dias. O medo infiltra-se em um homem. Em um lugar frio e escuro, sozinho, apenas com a imaginação como companhia, o terror se acumularia nele. Mas ela não tinha dois dias, nem mesmo um.

"A morte está destruída, Kai. O inferno está crescendo. Por quanto tempo você acha que o céu o manterá a salvo? O Rei Morto está acabando com tudo isso. A eternidade será aqui, neste mundo, neste

corpo. Tudo que você precisa decidir é se vai alimentar o fogo ou ser o combustível."

TRILOGIA DOS ESPINHOS

EMPEROR OF THORNS

16

Talvez o Motor do Mal tenha encontrado uma nova engrenagem, pois nada parecia direito após Kent trazer a notícia de que a carruagem de meu pai nos precedia. Eu cavalguei até a frente de nossa coluna, com Makin e Rike vindo atrás de mim. Ao lado do capitão Harran, alguns minutos depois, em cima de uma pequena elevação, eu vi o brilho opaco da coluna de Ancrath à frente. É necessário mais que um rio de lama para impedir a Guarda Gilden de brilhar.

Eu parei para olhar para a carruagem balançando entre os cavaleiros. Andei nela pela última vez quando tinha nove anos. O velho desgraçado a havia recuperado.

"Ele me dá medo também", disse Makin.

"Eu não tenho medo de meu pai." Eu fiz uma careta para ele, mas ele apenas sorriu.

"Eu não sei como ele mete medo em alguém", disse Makin. "Quero dizer, sou melhor com a espada, e tudo bem, ele tem um temperamento

frio e modos duros, mas isso muitos reis e duques, condes, barões e lordes também têm. Qualquer homem que dá ordens exagera um pouco só para manter o controle. Ele nem é dado à tortura: seu irmão, seus sobrinhos, todos são conhecidos por isso, mas Olidan simplesmente manda enforcar você e pronto."

Rike rosnou ao ouvir aquilo. Ele vira as masmorras de meu pai pelo outro lado. Ainda assim, Makin tinha razão, havia muitos homens por ali que faziam Olidan Ancrath parecer razoável.

"Eu disse que não tenho medo dele." A batida de meu coração denunciava minha mentira, mas só eu podia ouvi-la.

Makin deu de ombros. "Todo o mundo tem. Ele dá calafrios na gente. Ele tem aquele olhar. É isso. Olhos frios. Fazem você se arrepiar."

Eu sou conhecido por fazer jogadas ousadas, por aceitar o desafio mesmo quando sei que não deveria. Debaixo daquele céu cinzento, no entanto, com um vento frio soprando úmido do norte, eu não sentia a menor inclinação de alcançar a carruagem avançando à nossa frente e exigir uma prestação de contas do passado. Meu peito doía ao longo da fina costura daquela velha cicatriz e, pela primeira vez, eu me vi querendo deixar algo passar.

Nós prosseguimos sem falar, com a coluna se movendo ao nosso redor, tantos guardas em suas belas armaduras, tão certos de seu propósito. A brisa fria me importunava e todo o meu passado se reuniu em volta de meu ombro, esperando sua vez de chacoalhar dentro de minha cabeça.

"Cerys", eu disse.

Makin empurrou seu capacete para trás e olhou para mim.

"Morta quando tinha três anos de vida. Conte-me." Eu achei que se um dia falássemos sobre a filha de Makin seria na embriaguez sentimental das horas antes do amanhecer, ou talvez fosse preciso um ferimento mortal para virar nossa conversa a assuntos importantes,

como aconteceu com Coddin. Não me ocorreu que aquilo pudesse acontecer cavalgando na lama, à fria luz do dia, rodeado de estranhos.

Makin ainda me observava, sacudindo em sua sela, com incomum rigidez naquele rosto flexível dele. Por um longuíssimo momento, eu achei que ele não fosse falar.

"Meu pai tinha terras em Normardy, uma pequena propriedade nos arredores da Cidade de Trent. Eu não era o primeiro filho. Arranjaram-me um casamento com a filha de um homem rico. O pai dela e o meu concordaram em alguns hectares para nós e uma casa. A casa veio uns anos depois da nossa união oficial. Menor que uma mansão, maior do que uma casa de fazenda. O tipo de lugar que você invadia quando liderava os irmãos na estrada."

"Era ilegal?", perguntei.

"Não." Seus olhos brilhavam, cheios de lembranças. "Alguma disputa oficial, mas mesquinha demais para ser chamada de guerra. Trent e Merca brigando por causa de suas fronteiras. Cem soldados e homens armados de cada lado, não mais. E eles se encontraram em meu campo de trigo. Nós dois tínhamos dezessete anos, Nessa e eu, e Cerys três. Eu tinha alguns lavradores, duas criadas da casa, uma camareira, uma ama de leite."

Até Rike teve bom senso e não disse nada. Nada além do barulho dos cascos na lama, as pisadas pesadas de Gorgoth, o rangido das armaduras, o tilintar chato de metal com metal, a discussão aguda dos pássaros invisíveis no céu.

"Eu não as vi morrer. Eu devia estar caído no chão perto da porta da frente segurando meu peito. Provavelmente cortaram Nessa quando eu estava lá olhando para as nuvens. Eu apaguei depois. Cerys se escondeu na casa e o fogo deve tê-la atingido após eu ter sido arrastado inconsciente até uma vala. As crianças fazem isso, elas se escondem do fogo em vez de correr, e a fumaça as encontra."

“Levei seis meses para me recuperar. Perfuração no pulmão. Mais tarde, invadi Merca com um bando que sobreviveu àquele dia. Eu descobri que o filho do lorde que liderou aquele ataque havia sido enviado à casa de um primo em Attar para se proteger. Nós nos encontramos um ano depois. Eu o localizei em uma cidadela a cerca de trinta quilômetros daqui.”

“Minha rota de volta me levou por Ancrath e eu fiquei lá. Com o tempo, encontrei trabalho com seu pai. E isso é tudo.”

Makin não estava sorrindo, embora eu já o tivesse visto sorrir para a morte várias vezes. Seus olhos se mantiveram no horizonte, mas eu sabia que ele via além daquilo. Através de anos. “Isso” nunca é tudo. A dor se espalha e cresce e sai para quebrar o que há de bom. O tempo cura todas as feridas, mas muitas vezes somente com o uso da sepultura e, enquanto vivemos, algumas dores vivem conosco, ardendo, fazendo-nos contorcer e virar para escapar delas. E, conforme nos contorcemos, viramos outros homens.

“E quanto tempo leva para uma criança pela qual você cruza nações para castigar, já que você não a salvou quando isso era uma opção, transformar-se em uma criança que você esfaqueia por não conseguir aceitá-la, quando isso era uma opção?”

Makin deu um meio sorriso, mas não desviou o olhar do passado que o segurava. “Ah, Jorg, mas você nunca foi tão doce quanto Cerys, e eu nunca fui tão frio quanto Olidan.”

Outro dia se passou e nós seguimos a coluna de Ancrath pela região central de Attar. De todos os cantos, camponeses vieram com os pés amarrados em farrapos para nos ver passar, envolvidos na fumaça dos campos onde linhas vermelhas de fogo comiam o restolho. Eles abandonavam os ritos funerários da ceifa, o assentamento e o empilhamento da colheita, a salmoura e a secagem para o inverno, para

assistir à Guarda Gilden e ver os galhardetes negros e dourados se agitarem no alto. O Império significava algo para eles. Algo antigo e profundo, um sonho meio esquecido de coisas melhores.

No fim da tarde, a luz do sol irrompeu por uma fissura nas nuvens e Miana surgiu da carruagem de Lorde Holland para cavalgar calmamente um pouquinho, de lado na sela, enquanto nós atravessávamos uma poça em uma cidade com o improvável nome de Mijo. Marten também veio em uma sela e quando Miana se retirou ele continuou ao meu lado.

"Ela está achando difícil, majestade", ele disse, sem ser solicitado.

"Mais difícil do que ficar no Assombrado esperando por hóspedes do Vaticano?"

"É um trabalho difícil carregar uma criança no último mês." Marten deu de ombros, mas eu senti que ele se importava com aquilo.

Às vezes, dói ver outros homens serem mais veementes do que eu com coisas que deveriam me importar. Sabia que se o assassino enviado pela papisa houvesse matado Miana e nosso futuro filho eu teria sofrido. Mas também sabia que uma parte terrível de mim, lá no fundo, teria erguido o rosto para o mundo com um sorriso vermelho, recebendo a chance, a desculpa, dos momentos vindouros de pureza em que minha vingança navegaria em uma maré de sangue. E eu sabia que a ira levaria embora todo o resto, inclusive a tristeza.

"É um mundo difícil, Marten." Ele olhou de relance, confuso por um instante, já que havíamos percorrido quatrocentos metros desde que ele falara pela última vez. "Não deveria ser fácil trazer alguém a um mundo difícil. Já é fácil demais fazer uma nova vida, fácil demais tirar uma vida antiga. É apenas justo que alguma parte do processo apresente um pouco de dificuldade."

Ele manteve o olhar em mim, um direito conquistado várias vezes em meu serviço, e o peso de seu julgamento cresceu sobre mim.

“Droga.” Eu bufei minha exasperação. “Eu me sinto em desvantagem naquela carruagem.”

Marten sorriu. “Um homem casado está sempre em desvantagem.”

Eu cuspi na lama e puxei as rédeas de Brath praguejando. Cinco minutos depois, eu estava sentado na carruagem mais uma vez ao lado de Miana.

“A carruagem de meu pai está logo à frente de nós”, eu disse.

“Eu sei.”

Era estranho falar sobre ele, especialmente com Gomst e Osser sentados observando-nos. Gomst pelo menos teve o bom senso de pegar sua Bíblia, um livro grande o bastante para esconder os dois e ocupar o mais velho com uma discussão sobre esse ou aquele salmo.

“Coddin quer que eu vote com meu pai no Congresso. Para fazer as pazes com ele.” As palavras fizeram minha boca ficar suja.

“E você preferiria... não fazê-lo?” Um sorriso se arqueou no canto de seus lábios, mas eu não me senti ridicularizado.

Um trecho da conversa de Gomst chegou até mim. “‘Pai, onde está o cordeiro que será sacrificado?’ E Abraão respondeu: ‘Meu filho, Deus fornecerá o cordeiro’.”

“Eu tenho muitos motivos para querê-lo morto. E quase tantos motivos para querer ser quem irá fazê-lo.”

“Mas você *quer* fazê-lo? O Jorg que eu conheço tende a fazer o que quer e, se os motivos lhes são contrários, ele os muda.”

“Eu...” Eu queria entender como tudo funcionava, esse negócio de viver e de criar filhos. Eu queria fazer o serviço melhor do que ele fizera. “As pessoas dirão ao nosso filho o que aconteceu entre mim e meu pai.”

Miana se aproximou, com os cabelos pretos-graúna caindo em volta de seu rosto pálido. “E o que elas dirão à nossa criança?” Ela se recusava a chamá-lo de “nosso filho” até ele sair para se provar.

“Nem o rei consegue controlar a fofoca das pessoas”, eu disse.

Miana olhou para mim. Ela usava um arco de ouro trançado, mas seu cabelo fazia o que queria, necessitando de pelo menos duas criadas e um punhado de grampos para dominar. Pelo menos minha incompreensão a fez explicar. “Como é que um homem tão inteligente pode ser tão burro? O que aconteceu entre você e seu pai não terminou. A história que será contada ainda não foi escrita.”

“Oh.”

Eu deixei que ela me enxotasse da carruagem.

Só depois que o acaso deu uma mão, no entanto, foi que eu finalmente criei coragem de cavalgar até a carruagem de meu pai. Um capitão da guarda veio trazer notícias e me encontrou escondido no meio da coluna, com Gorgoth a meu lado. Gorgoth sempre era uma boa companhia quando você não estava a fim de falar.

“A carruagem de Ancrath quebrou um eixo.” Ele não se preocupou com meu título. “Será que há espaço na sua? Há certa objeção em usar um dos vagões de bagagem.”

“Eu irei até lá discutir o assunto.” Prendi um suspiro. Às vezes, você sente o fluxo do universo e nada pode negar sua vontade por muito tempo.

Todos os meus homens me seguiram. As notícias se espalharam rapidamente. Até Gorgoth me seguiu, talvez curioso para ver de onde um filho como eu havia saído. Nós passamos as centenas da Guarda Gilden, todos parados na trilha. Todas as cabeças viraram-se na nossa direção. E em uma estreita faixa da estrada, sem nada de especial, a não ser pelo córrego em cujo leito pedregoso a carruagem de meu pai quebrou seu eixo, eu mais uma vez fui falar com o Rei de Ancrath.

Achei que pelo menos Coddin ficaria contente. Eu podia não ter aceitado seu conselho, mas o destino pareceu discordar de minha decisão, empurrando os Ancrath mais um passo ao longo do caminho

da velha profecia. Dois Ancrath trabalhando juntos eram necessários para arrebatar o poder das mãos ocultas e aqui estavam os dois últimos Ancrath. Bem, você pode levar um cavalo até a água, mas eu escolho o que diabos vou beber e tenho uma péssima opinião sobre profecias. Seria preciso que o inferno congelasse para me ver aliado à causa de meu pai.

Eles haviam arrastado a carruagem uns vinte metros acima da encosta perto do córrego. Eu desci do cavalo ali perto, com minhas botas afundando quinze centímetros na lama. Uma brisa puxava os galhos nus dos arbustos, uma árvore mais alta passava por cima de nós, como dedos negros contra o céu claro. A mão nas rédeas de Brath tremia como se o vento a puxasse também. Eu praguejei contra minha fraqueza e encarei a porta da carruagem. Mil anos atrás, o Grande Jan havia me puxado por aquela porta, de um mundo a outro.

Eu fiquei ali parado, frio, com minha bexiga cheia demais, um tremor em minhas pernas, transformado, em segundos, de rei de sete nações dirigindo-se ao Congresso a uma criança assustada outra vez.

O capitão da guarda da coluna de Ancrath bateu à porta, com a mão em cota de malha. "Honório Jorg Ancrath solicita uma audiência."

Eu queria estar em qualquer outro lugar, mas me aproximei. Ninguém da guarda, além do capitão, havia desmontado para prevenir violência. Ou não sabiam das histórias que os homens contavam sobre mim ou não se importavam. Talvez eles vissem o trabalho deles como retribuição por quebrar a paz, em vez de prevenir tais brechas.

A porta se abriu e do interior escuro surgiu uma mão magra e pálida. A mão de uma mulher. Eu me aproximei e a peguei. Sareth? Meu pai havia trazido sua esposa?

"Sobrinho."

E ela desceu até o degrau, toda em sedas sussurrantes e golas de renda rígida, sua mão fria porém ardente sobre a minha. A carruagem atrás

dela estava vazia.

"Tia Katherine", eu disse, faltando com as palavras mais uma vez.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

EMPEROR OF THORNS

17

Seis anos a haviam deixado ainda mais bonita. O que Katherine Ap Scorron escondia em sonhos estava diante de mim em um dia frio às vésperas do inverno.

"Katherine." Eu ainda segurava sua mão, erguida entre nós. Ela a retirou. "Meu pai a enviou ao Congresso? No lugar dele?"

"Ancrath está em guerra. Olidan está com seus exércitos para garantir que a guerra não seja perdida."

Ela vestia preto, um vestido fluido, com pregas de cetim que atingiam uma larga barra de camurça preta, da qual a lama pudesse ser escovada quando secasse. Renda em volta de seu pescoço como tatuagens de tinta, brincos de prata e azeviche. Ainda de luto por seu príncipe.

"Ele mandou você? Com dois selos de voto e nenhum assessor."

"Nossar de Elm vinha, mas ficou doente. Eu tenho a confiança do rei." Ela me observou, com os olhos duros e os lábios apertados em um rosto pálido. "Olidan passou a apreciar meus talentos." Metade de um desafio

– mais da metade. Como se ela pudesse favorecer o pai sobre o filho e substituir sua irmã ao lado dele.

"Eu mesmo passei a apreciar seus talentos, senhora." Esbocei uma reverência apenas para organizar meus pensamentos. "Posso oferecer-lhe um lugar na carruagem de Renar? Os consertos de meu pai nesta aqui parecem ter sido malcalculados." Eu puxei as rédeas de Brath, trazendo-o próximo o suficiente para que ela o montasse do degrau de embarque.

Katherine deixou a carruagem sem mais incentivos, subindo para cavalgar de lado e acomodar o comprimento de seu vestido. Por um momento, o cetim ficou esticado sobre a saliência de seu quadril. Eu a desejava por mais do que o formato de seu corpo, mas eu desejava aquilo também.

Kent desmontou rapidamente para que eu pudesse pegar seu cavalo e cavalgasse com Katherine de volta até a coluna. Eu fiquei perto, querendo falar, mas sabendo quão fracas minhas palavras soariam.

"Eu não quis matar Degran. Eu teria lutado para salvá-lo. Ele era meu..."

"E ainda assim você o matou." Ela não olhou em minha direção.

Eu poderia ter falado sobre Sageous, mas o pagão havia apenas colocado a corda em minhas mãos. O fato de que ele sabia que alguém seria enforcado não me desculparia. No fim, eu só podia concordar. Eu realmente matei meu irmão.

"Orrin também merecia mais de seu irmão", eu disse. "Ele teria sido um bom imperador."

"O mundo devora os homens bons no café da manhã." Ela balançou as rédeas para persuadir Brath a ir mais rápido.

As palavras me soaram familiares. Eu chutei o cavalo de Kent e a alcancei. Ela parou ao lado da carruagem de Lorde Holland. "Eu não sabia que seu gosto era tão suntuoso, Jorg."

“Escolha de minha esposa”, eu disse.

Eu acenei para o guarda à porta da carruagem e ele bateu para anunciar Katherine. Seus dedos mal fizeram contato com a madeira laqueada quando a porta se abriu e Miana inclinou-se para fora, com os olhos escuros em Katherine e os lábios apertados. Ela estava inexplicavelmente bonita.

“Trouxe uma parteira para você, querida – minha tia Katherine.”

Eu espero sinceramente que a expressão de choque de Katherine tenha sido mais espetacular que a minha quando tomei sua mão cinco minutos antes.

Entrei primeiro na carruagem e me sentei entre a jovem rainha e a princesa mais velha. Eu não confiava em Gomst para ter a habilidade de parar o derramamento de sangue caso as coisas fossem mal.

“Rainha Miana de Renar”, eu disse, “esta é a Princesa Katherine Ap Scorron, representante de meu pai no Congresso e viúva do Príncipe de Arrow. Nós conhecemos o exército de Arrow dois anos atrás, você deve se lembrar.” Eu acenei para os homens velhos. “Osser Gant de Kennick, assessor de Lorde Makin, e é claro que você conhece o bispo Gomst.”

Miana pôs as mãos sobre a barriga. “Sinto muito por sua perda, Katherine. Jorg me contou que matou o homem que assassinou seu marido.”

“Egan, sim. O irmão mais novo de Orrin. Embora a melhor ação naquele dia tenha sido dar um fim ao pagão, Sageous. Ele envenenou a mente de Egan. Ele não teria traído Orrin, de outra maneira.”

Eu pressionei as costas sobre as almofadas. Duas mulheres, ambas dadas a falar o que pensavam e a passar por cima de qualquer gentileza social que as atrapalhassem, costumam ter conversas curtas que acabam de maneira interessante. O fato de Katherine permitir a mão de Sageous no fratricídio de Orrin parecia cruel quando ela não deixava eu me

esconder em tais desculpas. Na verdade, porém, eu não podia jogar minha culpa nele.

"O primogênito muitas vezes é o melhor que a árvore oferece", disse Miana. "Antigamente, oferecia-se o primeiro fruto aos deuses. Talvez seja por isso que o primeiro filho carregue o que quer que seus pais tenham de bom para dar." Ela entrelaçou os dedos sobre a grandiosidade de sua barriga.

Um leve sorriso tocou os lábios de Katherine. "Minha irmã é a primogênita. Tudo de gentil ou bondoso foi para ela, em vez de para mim."

"E meu irmão, que um dia reinará em Wennith, é um bom homem. Qualquer maldade ou astúcia que meus pais tinham veio para mim." Miana fez uma pausa quando a carruagem deu um solavanco e entrou em movimento, e todas as colunas começaram a se mover. "E você tem Orrin e Egan para sustentar minha teoria."

"Claro que isso faria de Jorg o modelo exemplar dos Ancrath." Katherine olhou para Gomst, que teve a elegância de olhar para longe. "Conte-nos, Jorg, como era William?"

Aquilo me surpreendeu. Eu estava feliz em deixá-las discutir por cima de mim. "Ele tinha sete anos. É difícil dizer", eu disse.

"O tutor Lundist dizia que William era o mais inteligente dos dois. O sol para a lua de Jorg." Gomst falou, mas manteve os olhos baixos. "Ele me disse que a criança tinha uma vontade de ferro, tanta que nenhuma babá podia desviá-lo do caminho de sua escolha. Nem Lundist com sua astúcia oriental podia distrair o menino. Eles o trouxeram até mim uma vez, um menino de seis anos determinado a sair a pé para encontrar a Atlântida. Eu falei sobre seu dever, sobre o plano de Deus para cada um de nós. Ele riu de mim e disse que ele é que tinha um plano para Deus." Gomst levantou a cabeça, mas não nos viu, com os olhos fixados no passado. "Loiro como se tivesse saído do sangue do próprio

imperador." Ele piscou. "E uma força. Eu acredito que ele poderia ter feito qualquer coisa, aquele menino – caso pudesse ter crescido. Qualquer coisa. Boa ou má."

Minhas próprias lembranças pintavam um quadro mais suave, mas eu não podia contestar Gomst. Quando William botava algo na cabeça, quando decidia como uma coisa deveria ser, não havia quem discutisse com ele. Até quando meu pai era chamado, ele segurava as pontas. E, apesar do que eu conhecia da crueldade de meu pai, quando se tratava de William, nunca passava pela minha cabeça que o assunto já estivesse decidido, mesmo quando ouvíamos os passos de meu pai no corredor. Talvez o motivo pelo qual meu pai me odiava fosse simples assim. Eu sempre fora o mais fraco dos dois. O filho errado havia morrido naquela noite, o filho errado ficou pendurado nos espinhos.

Miana quebrou o silêncio desconfortável. "Diga-me, Katherine, como é meu sogro? Eu ainda não o conheci. Gostaria de conhecê-lo. Eu esperava que ele fosse ao Congresso para que Jorg pudesse nos apresentar."

Aquilo seria uma imagem e tanto. O que meu pai pensaria sobre minha pequena esposa-criança que incinerou seus próprios soldados para abrir um rombo enorme no inimigo?

"O Rei Olidan nunca muda", disse Katherine. "Passei anos em sua corte e não o conheço, então duvido que você aprendesse muita coisa se ele tivesse vindo ao Congresso. E estou longe de ter certeza se minha irmã o conhece após seis anos em sua cama. Nenhuma de nós sabe quais são seus sonhos para Ancrath."

Eu li aquele código claramente. Ela não havia conseguido usar suas mágicas noturnas em meu pai, e talvez Sageous também não. Talvez a mão de meu pai tenha sido a única sobre a faca a me apunhalar. Tudo isso supondo que Katherine não estivesse mentindo, é claro, mas suas

palavras pareciam verdadeiras. Não parecia que ela achasse valer a pena manchar seus lábios para me dizer falsidades.

"Como está essa guerra, princesa?" Osser Gant inclinou-se para a frente. Ele tinha movimentos rápidos para alguém grisalho, os olhos escuros e ardilosos. Dava para ver por que Makin o valorizava.

"Os mortos continuavam a avançar dos pântanos, raramente em grande número em um mesmo lugar, mas o suficiente para drenarem a terra. Camponeses são mortos em suas vilas, seus corpos arrastados aos pântanos, e fazendeiros morrem em suas propriedades. Os mortos se escondem na lama quando as tropas de Ancrath os perseguem, ou eles se abrigam na Sombra do Mal, em qualquer lugar onde a terra é nociva demais aos homens. Gelleth tem lugares assim." Ela olhou para mim mais uma vez. "Os ataques enfraquecem o moral, escasseiam a comida. Antes de eu sair, falava-se de um lichkin andando pelo pântano."

Gomst fez o sinal da cruz.

"E o que eles dizem na corte de Olidan a respeito da direção desses ataques?", perguntou Osser. Uma questão de interesse considerável para todos os homens de Kennick, pois embora eles tenham perdido os pântanos para os mortos, muitos anos antes, muito pouco da predação aconteceu nas terras secas de Kennick. As tropas de Makin não tinham com que se preocupar, contanto que mantivessem os pés em terra firme.

"Dizem que o Rei Morto odeia o Rei Olidan", disse Katherine.

"E o que você diz, Katherine?" Miana inclinou-se sobre mim, cheirando a lírios, com nossa criança chutando minhas pernas através de sua barriga.

"Eu digo que os navios negros irão navegar até o estuário de Sane e desaguar suas tropas nos pântanos quando o Rei Morto estiver pronto para atacar. E que de lá eles irão se mover através de Ancrath, abrigando-se nas cicatrizes que os Construtores nos deixaram, a

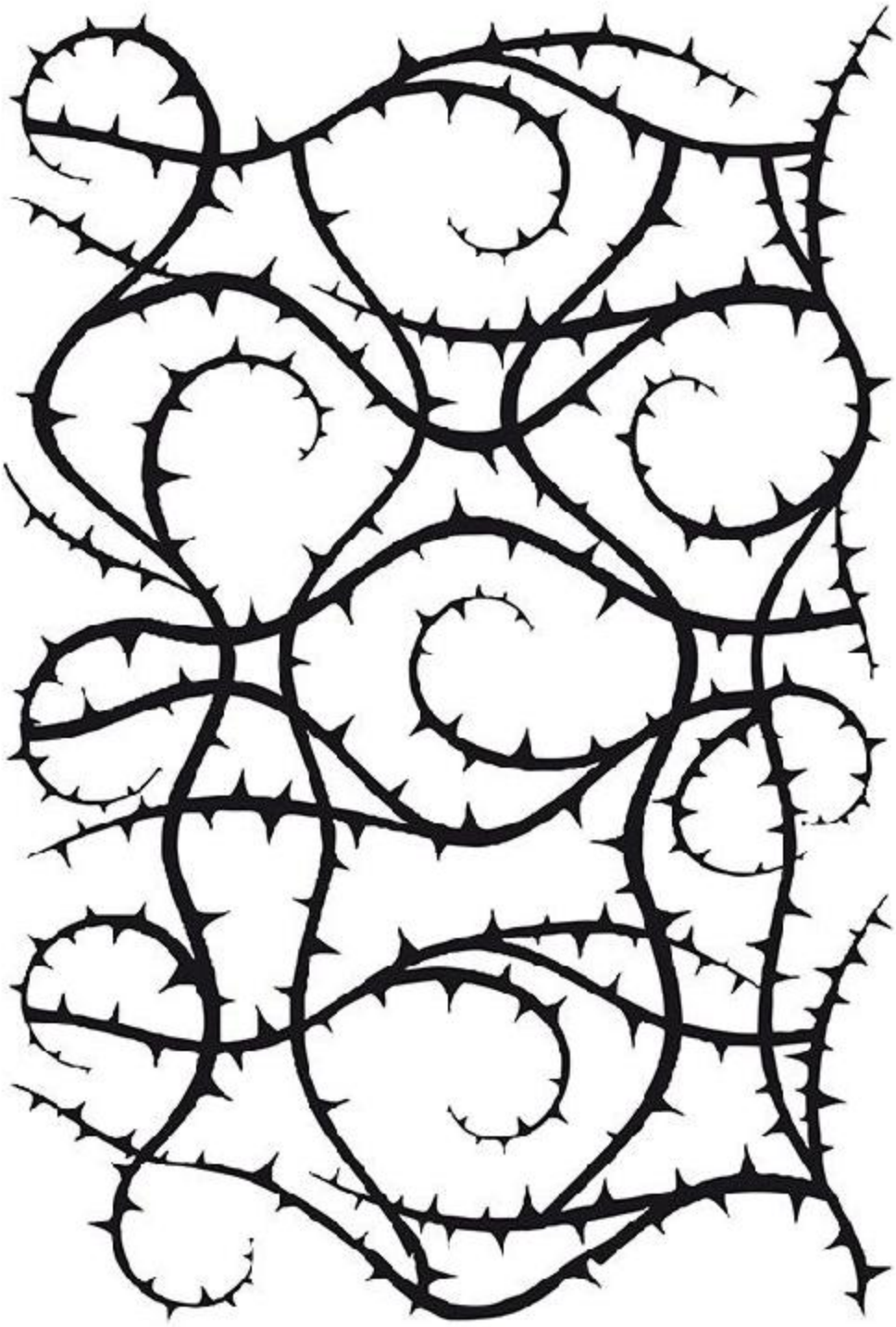
Sombra do Mal, o Leste Escuro, a Cicatriz de Kane, o que seu povo chama de 'terras prometidas', rainha. Ele chegará até Gelleth pelos caminhos que Jorg abriu com a destruição do Monte Honas e continuará dessa maneira, reunindo forças de muitas fontes até chegar a Vyene, onde as intermináveis votações do Congresso deixarão de ter importância."

"E é isso que o Rei Olidan mandou você dizer à Centena?", perguntou Gomst. Ele segurava seu crucifixo com tanta força que o ouro se dobrou em sua mão, com um fogo fanático em seu olhar. Tal paixão transformou o homem em um estranho, após tantos anos de devoção vazia. "É o que o divino diz. Deus lhes diz isso."

Uma risada insegura escapou de Katherine. "Olidan sabe que os navios negros irão na direção dele. Ele diz que Ancrath resistirá, que esta nova propagação será erradicada, que Ancrath salvará o Império. Ele pede apenas que seu direito ao trono seja reconhecido e que, enquanto ele lidera seus exércitos para salvar a Centena, eles ponham a coroa em seu colo e restabeleçam o comissariado. Claro que ele pede em linguagem mais discreta, em muitas mensagens apropriadas para muitos ouvidos, relembrando velhas dívidas e promessas." Seus olhos verdes me encontraram, nossos rostos próximos, minha perna pressionada à dela e gerando calor. "Incluindo deveres filiais", disse ela.

"Por que..."

Katherine me cortou. "Seu pai diz que conhece o Rei Morto. Sabe de seus segredos. Sabe como derrotá-lo."



TRILOGIA DOS ESPINHOS

EMPEROR OF THORNS

18

A HISTÓRIA DE
CHELLA

“O que você viu até agora não vai prepará-lo para isso. Transforme sua mente em pedra. Faça qualquer juramento que lhe pedirem.” Chella ajeitou a gola do manto de Kai e se afastou para olhar para ele novamente.

“Sim.”

O rapaz havia envelhecido dez anos da noite para o dia, com linhas apertadas em torno de sua boca, os lábios franzidos. O cansaço estava em volta de seus olhos e dentro deles. Ela não o havia destruído. Não se pode fazer necromantes de homens destruídos. É um contrato no qual se deve entrar por vontade própria e Kai tinha instinto de autopreservação suficiente para desejar aquilo. Por trás de seu charme e dos modos tranquilos, Chella imaginou que uma dureza sempre houvesse existido. Ela prosseguiu e ele a acompanhou pelo corredor.

“Não olhe para nenhum deles. Principalmente para os lichkin”, disse ela.

“Credo! Lichkin!” Ele parou e, quando ela se virou, deu para trás, com o rosto ficando sem cor. Por um momento, ele achou que seus joelhos iriam se dobrar. “Pensei que a corte do rei fosse de necromantes...”

“Os lichkin devem ser a menor de suas preocupações.” Chella não podia culpá-lo. Era preciso conhecer o Rei Morto para entender.

“Mas...” Kai franziu o rosto. Ela viu a mão dele se mexer por baixo da roupa. Ele estava segurando a faca que ela lhe dera, consolando-se com uma ponta afiada. Homens! “Mas se eles estão mortos, não deveríamos ser nós a lhes dar as ordens?”

Medo e ambição, uma boa combinação. Chella sentiu seus lábios se retorcerem em um sorriso azedo. Ele mal havia começado a sentir as terras mortas, fazendo seu primeiro cadáver se mexer apenas horas antes, e já se considerava um necromante querendo tomar as rédeas. “Se eles fossem abatidos, sim. Um necromante os ressuscitaria e os dominaria.”

“Eles não estão mortos?” Outra vez a careta.

“Claro que estão mortos. Mas nós nunca os comandaremos. Os lichkin estão mortos, mas nunca morreram. É escolha nossa chamar de volta os que não podem entrar no céu e recuperá-los, sob nosso comando, restituí-los à carne e aos ossos que uma vez possuíram. Mas nas terras mortas, de onde chamamos os que são abatidos, há coisas que são mortas e que nunca viveram. Os lichkin são criaturas assim, soldados do Rei Morto. E nos recantos mais escuros das terras mortas, em meio a tais criaturas, o Rei Morto surgiu do nada e se coroou em menos de dez anos.”

Ela continuou a andar e após um momento de hesitação Kai a seguiu. Aonde mais ele iria?

Eles passaram por várias portas à esquerda e janelas fechadas à direita. Uma tempestade de vento chacoalhava as tábuas pesadas, mas a chuva ainda estava por cair. Dois guardas aguardavam no canto, homens mortos de armaduras enferrujadas, com um leve aroma de decomposição em torno deles ofuscado pelos lacrimejantes produtos químicos usados para curar seus corpos.

"Estes aqui são fortes. Posso sentir." Kai parou, erguendo sua mão na direção da dupla como se a pressionasse contra algo no ar.

"Pouca coisa deles foi transmitida", disse Chella. "Homens ruins. Vidas ruins. Astúcia, certa medida de inteligência, algumas lembranças úteis. A maioria dos guardas aqui é assim. E quando encontra um corpo que consegue preencher quase até a boca você não quer que ele apodreça na sua mão, não é mesmo?" Os mortos a observavam com olhos encolhidos, os pensamentos sombrios e desconhecidos.

Mais corredores, mais guardas, mais portas. O Rei Morto assumiu o castelo apenas meses antes do último lorde brettan de alguma importância, Artur Elgin, cujos navios saíram do porto abaixo durante vinte anos, aterrorizando as costas continentais ao norte e ao sul. Os dias de terror de Artur Elgin não haviam terminado. Na verdade, eles haviam apenas começado, embora agora ele servisse ao Rei Morto, ou melhor, o que havia sido recuperado das terras mortas, e Chella suspeitava que aquilo fosse quase o homem inteiro.

Chella sempre sentia o Rei Morto; a mil quilômetros de distância ela o sentia como algo rastejando sob sua pele. No castelo onde fazia seus planos, nenhum lugar estava livre do sabor amargo dele sobre a língua.

Finalmente, eles chegaram às portas da corte de Artur, de tábuas de carvalho antigo com dobradiças de ferro preto espalhadas sobre elas. O fedor do pântano enrugou o nariz dela. Monstros do lodo os observavam das sombras dos dois lados, alguns com dardos negros apertados nas mãos manchadas. Em frente às portas, estavam dois

gigantes, cada um com mais de dois metros e meio, aberrações das terras prometidas. Seu dena havia sido queimado no fogo dos Construtores, por isso eles cresceram errados. Grandes, porém errados. E agora mortos. Fantoches de carne comandados pela vontade dos necromantes.

Os gigantes deram um passo para o lado e Chella foi em direção às portas. A presença do Rei Morto prevalecia à de sua corte, atravessando a pedra e a madeira para assolar os sentidos dela. Na plenitude do poder necromântico de Chella, quando se afastava da vida o máximo possível e ainda podia voltar, ela sabia da presença do Rei Morto como se fosse uma luz negra, um sol preto cujo brilho congelava e corrompia, mas que ainda assim a atraía. Agora, porém, vestida apenas com os farrapos de sua antiga força, com seu sangue pulsando outra vez, Chella sentia seu mestre como uma ameaça, como algo esculpido com todas as lembranças de mágoa ou mal ou dor, gritando ódio em um registro que não dava para ouvir.

Ela pôs as mãos sobre as portas e as viu tremendo.

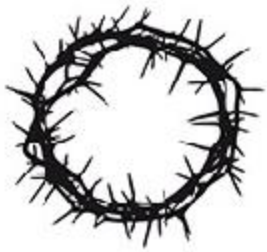
O fedor dos lichkin nos atinge como a tinta atinge o papel mata-borrão: ele se impregna até os ossos, passando por cima de irrelevâncias como o nariz. As pessoas estão ocupadas em morrer desde o instante em que nascem, mas vão rastejando do berço até o túmulo. Estar perto de um lichkin transforma isso em uma corrida.

A corte do Rei Morto estava no escuro, mas conforme Chella abria as portas um brilho frio começou a se espalhar dentro da câmara. Fantasmas, enrolados em volta de seus mestres, começaram a se desenrolar, como uma pele exterior esfolada dos lichkin pela presença de vida. Os espíritos ardiam com a luz de seu próprio sofrimento, aparições pálidas, tecidos delicados de memórias, membranas de vidas usurpadas. Os próprios lichkin eram pontos cegos nos olhos vivos dela,

como se pedaços de sua retina houvessem morrido, dobrando a imagem da sala sobre si mesma naqueles locais. Nos tempos em que a necromancia corria fundo nela e seu sangue estava parado, Chella vira os lichkin, brancos e magros como ossos, com a fenda de suas cabeças sem olhos preenchida com dentes pequenos e afiados, e cada mão dividida em três dedos como raízes.

"Kai!" Ela o sentiu recuar. O som de seu nome o fez parar. Ele sabia que era melhor não fugir.

O Rei Morto estava sentado no trono de madeira flutuante de Lorde Artur Elgin. Ele estava usando o manto de Artur Elgin. Ficava bem nele. Ombros de couro azul, uma frente rendada presa com fivelas de prata decoradas com pedra marinha, com o couro dando espaço para um veludo grosso de cor azul-meia-noite. Ele usava o corpo de Artur Elgin também, o que não lhe caía tão bem, corcunda e esquisito, e quando levantou a cabeça para Chella o sorriso que ele deu com a boca do homem morto foi uma coisa horrível.



TRILOGIA DOS ESPINHOS

EMPEROR OF THORNS

19

— CINCO ANOS ATRÁS —

Duas facas se quebraram na tentativa de desenrolar o escorpião. Quando eu travei a cauda no lugar com uma das pinças da velha Mary e a mantive afastada usando uma espada, o corpo se abriu com uma série de movimentos espasmódicos, acompanhados de barulhos como o de vidro se quebrando sob os pés.

"Você é uma coisa feita", eu disse a ele. "Um mecanismo inteligente."

Eu não conseguia ver engrenagens ou rodas, no entanto, não importava o quanto eu apertasse os olhos. Apenas cristal preto, traços de gelatina incolor brilhante e uma infinidade de fios, a maioria deles tão finos que eram quase invisíveis.

"Algo quebrado." Eu o coloquei no alforje de Lesha para levar comigo.

Levei horas para cavar duas covas. Meus ferimentos ardiam. Mais tarde, doeram e latejaram. Eu usei um machado para romper o solo e um escudo

para escavar a terra. A terra tinha sabor ácido, pior do que os sais das Termas Carrod.

Enterrei Greyson primeiro. Encontrei um capacete com visor, esfreguei-o com areia e o coloquei nele para cobrir seu rosto. “Continue a resmungar onde quer que você esteja, Sunny.” Duas escudadas de terra e a sujeira ocultou os detalhes dele. Apenas mais um cadáver. Mais quatro e ele era pouco mais que uma ondulação no solo. Mais dez e eu alisei o chão.

Eu pus a cabeça de Lesha sobre seu pescoço. Achei que fosse o certo a fazer, já que eu é que a havia separado inicialmente. As peças pareciam não encaixar.

“Todos os cavalos do rei e os soldados do rei não podiam montar Lesha novamente.”

Eu me sentei ao lado da cova sem olhar para ela, observando o sol se pôr no oeste. “Estes homens não eram nada diferentes de mim e dos meus.” Meus cortes ardiam e latejavam. Pensei de quanta dor eu havia escapado e as reclamações desapareceram. “Estar do lado afiado do porrete muda sua percepção da cutucada, com certeza. Você precisava ser muito burro para não adivinhar isso.” Eu parei de falar. Não tanto porque não havia ninguém para ouvir. Quando você tem a morte dentro de si e está rodeado de cadáveres, sempre há algum tipo de plateia. Era mais porque o que me pegou era fluido demais, incerto demais para ser compreendido e dito. As palavras são instrumentos cegos, mais apropriados para matar do que para fazer o mundo ter sentido. Eu fechei a cova. Era hora.

O sol se agarrava ao horizonte com dedos escarlates. Eu me endireitei e parei no meio do passo. Olhos vermelhos me observavam, com o céu refletido no olhar dos mortos. Cabeças demais estavam viradas para mim para ter sido coisa do acaso. A frieza pulsou na velha ferida em meu peito, necromancia, uma dormência como a que os dardos dos monstros trouxeram, ou um distanciamento talvez, como se alguma mão invisível estivesse se fechando em volta de mim, afastando a vitalidade do mundo.

Ali perto estava Rael, com uma faca em seu pescoço, espetando a velha cicatriz de alguma tentativa antiga que fracassara. Eu dei um passo e seus olhos acompanharam o movimento.

"Rei Morto." As palavras borbulharam. O sangue tão escuro que correu roxo sobre seus dentes.

"Hummm." Peguei o machado descartado mais robusto. Os *Perros Viciosos* gostavam de machados. O peso dele trazia certo conforto. Uma rápida sacudida me libertou do cansaço e eu comecei minha tarefa. É um trabalho árduo arrancar os membros de um homem. As pernas, principalmente, requerem muitas machadadas, e carne é um negócio muito mais resistente do que você possa imaginar. Assim que você perde o jeito com o machado ele tende a rebater na coxa coberta de couro se seu golpe não for perfeito. Com sorte, você quebrará o osso, em todo caso – mas decepar o membro inteiro? Pense em cortar árvores: sempre é bem mais difícil do que você pensava que seria. No fim, minha respiração estava ofegante e o suor pingava de meu nariz. Eu me conformei em tirar as mãos e os pés dos últimos dez homens antes de cair de pernas cruzadas diante de Rael mais uma vez.

"A vida era muito mais fácil quando a morte se contentava com o que lhe era dado", eu disse.

Eu não sabia se Rael ainda me observava, mas a presença do Rei Morto permanecia no fedor de sangue velho.

"Acho que se pudesse fazer esses caras se levantarem de novo você já o teria feito, mas melhor prevenir do que remediar, né?"

Nada ainda. O Rei Morto parecia ter Chella em sua mão, então aquilo fazia seu interesse em mim ser... perturbador.

Eu me inclinei sobre o corpo de Rael e bati em sua testa. "Alô?" Reunir meus próprios traços de necromancia e cutucar não parecia ser a melhor ideia, assim como usar os dedos para tirar o osso de um cachorro faminto.

Nada. Talvez o rei tivesse muitos olhos mortos a partir dos quais espiar, pessoas demais para assustar para saber o nome de cada uma. Eu dei de ombros. No fim das contas, os *Perros Viciosos* não eram mais assustadores mortos do que vivos. Isso não significava que eu queria passar minha noite dormindo entre eles, contudo. Eles certamente fediam mais mortos.

Conduzi o cavalo de Lesha para longe do acampamento e me estabeleci a uns cem metros de uma serra baixa. Apesar do cansaço, dormi mal, amaldiçoado pelos gritos de Sunny e acordado por cada barulhinho da escuridão.

• • •

Ao amanhecer, voltei ao acampamento dos Cachorros Malvados. Eu agradeci aos venenos do Ibérico pela falta de moscas e ratos. A beleza que existe na guerra está no momento. Após um dia, qualquer campo de batalha é pouco mais do que carniça e carniceiros. No Ibérico, pelo menos, a carniça não fica cheia de moscas. Na verdade, fora minha própria indulgência com o machado, os mortos pareciam intocados, apenas com uma ou outra enorme barata procurando seu café da manhã.

Eu peguei minhas coisas. Teimoso me lançou um olhar de reprovação quando eu o carreguei. Amarrei o burro ao garanhão de Lesha e saí com ambos para a terra prometida.

Sem a orientação de Lesha, eu não tinha nada que me impedisse de andar pelos fogos invisíveis que a queimaram tão gravemente. Mas andamos na corda bamba todos os dias e a maioria de nós nem desconfia. Pelo menos nas terras prometidas, no Ibérico, na Cicatriz de Kane e na Sombra do Mal, lá em Ancrath, em tais lugares não existe fingimento, não há a mentira da segurança, nada de engano como na música de antigamente, “amor é tudo que você precisa”. Com um único passo em falso, você pode e irá se queimar. Como sempre.

Às vezes, eu deixava o cavalo de Lesha ir na frente, mas cavalos gostam de ser conduzidos e aquilo fazia com que fôssemos mais devagar.

A primeira vez que o vi, eu não sabia o que meus olhos estavam me dizendo. Em uma encosta à nossa direita, uma saliência desbotada de pedra dos Construtores saía pelo xisto. Em cima e em volta dela, o ar brilhava em uma névoa quente. O lado queimado de meu rosto latejou e na hora que eu fechei o olho fazendo uma careta, a névoa desapareceu. Olhando outra vez, e apenas com o olho que quase se cegou quando Gog me queimou, eu vi o brilho novamente, como os fantasmas do fogo que dançaram sobre Jane ao pé do Monte Honas.

"Vamos logo." Eu puxei Teimoso pela rédea. Ele soltou um zurro alto o suficiente para rachar as pedras. A ideia de empurrá-lo através daquele brilho caiu por terra. Tirando outras considerações, eu teria de carregar minha própria bagagem. Se uma daquelas baratas do tamanho de camundongos estivesse à mão, eu teria atirado uma ali. Um devaneio me ocorreu. Catei o anel de visão em minha bolsa e o segurei para ver o fenômeno através dele. Em um instante, tons de vermelho envolveram o mundo, pintado de carmesim grosso em volta da saliência da velha pedra, esvanecendo para tons menos violentos mais abaixo da encosta. Ao longo de nosso caminho ao pé do vale seco, o anel mostrou regiões casuais de um laranja opaco flutuando como uma névoa.

"Caramba, isso é muito útil. O que mais você pode me mostrar?"

E como o gênio da lâmpada de Aladim, Fexler Brews apareceu à minha frente na estrada, nem maior nem menor que a vida. Eu dei um passo para trás, o tipo de passo que não pede permissão e que vem da época em que o medo dos homens estava escrito na medula de nossa raça. O tipo de passo do qual sempre me arrependo. Afastei o anel para o lado e Fexler desapareceu junto com os tons de vermelho e laranja. Eu o trouxe de volta e ele retornou com o anel.

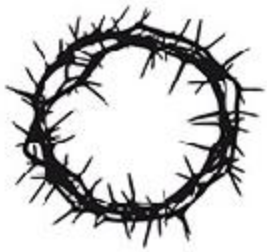
“O que estou fazendo aqui, Brews?” Eu me senti idiota falando com algo visto apenas através de um pequeno aro de aço, mesmo ali nos confins, sem ninguém para me ver a não ser o cavalo e o mulo.

Fexler abriu os braços. Ele vestia o mesmo branco do Castelo Morrow, sem um grão de poeira sequer.

“Para que o mistério? Apenas me diga clara e...”

Ele se virou e saiu andando vale abaixo.

“Diacho.” E eu fui atrás, arrastando o Teimoso.



TRILOGIA DOS ESPINHOS

EMPEROR OF THORNS

20

— CINCO ANOS ATRÁS —

O fantasma de Fexler Brews me guiou através dos Montes Ibéricos. Nós andamos desde muito antes do meio-dia até bem depois, o bastante para eu ficar cansado e para os cortes em minhas costas, logo acima de meu quadril, começarem com aquela dor incômoda e uma ardência que indica infecção.

Os montes tinham todas as cores, do branco-osso passando pelos cinzas até o ocre. Lama seca, terra esfarelada, rocha exposta. E, de tempos em tempos, ruínas enferrujadas, erodindo daquela maneira teimosa que os trabalhos dos Construtores têm, rejeitando os elementos século após século. A maioria eram blocos de metal sem o menor sinal de função, parecendo aço, esburacados, alguns do tamanho de casas, alguns tombados como se fossem empurrados por gigantes, todos manchados de corrosão, um verde escorrido e branco como pó. Nós passamos por um que zumbia, um gemido agudo que doía meus dentes, e Fexler desapareceu até aquilo

ficar bem distante de mim. Em outro lugar, uma coluna inclinada de metal, enterrada até a metade, ou talvez nove décimos enterrada, cantava com uma voz de beleza estonteante e uma língua desconhecida para mim. Eu fiquei ali com o calor do sol me castigando e os pelos de minha nuca arrepiados, apenas me envolvendo naquilo.

Eu só conseguia ver Fexler através do anel de visão, e talvez o anel simplesmente o desenhasse para mim, sobrepondo-o à paisagem como uma pintura no vidro. Mesmo assim, ele me guiou pelos vales secos e ravinas poeirentas da terra prometida, sem falar, parando apenas quando eu parava.

Nós passamos por uma máquina em que o revestimento de metal havia sido arrancado para revelar cilindros girando, rodas girando em rodas, tudo se movendo em silêncio, reluzente. Aquilo me lembrou o interior do relógio em minha bolsa. Fexler não falou a respeito.

As sombras haviam ficado longas quando nosso caminho por uma ravina chegou a um impasse, encurralado por paredes desmoronadas de terra e areia. Fexler parou, olhando para mim.

"Por que nós paramos?", perguntei. Não que eu não estivesse feliz por ter parado; é que parecia não haver motivo para isso.

Fexler desapareceu.

Bater com o anel no cabo de minha espada não o trouxe de volta. Eu me virei lentamente, completando o círculo com meus braços abertos. O cavalo de Lesha observava com ligeiro interesse. Teimoso parecia apenas vazio.

Andei na direção da última posição de Fexler e topei o dedão. Um dia antes, uma especialista havia me torturado, embora muito brevemente. Topar o dedo do pé se revelou mais intenso e mais chocante. Eu cavei fundo em meu poço de obscenidades e soltei uma sequência de exemplos um bocado espetaculares. Aquilo merecia uma plateia melhor. Em seguida, após todos os pulos e xingamentos, manquei para descobrir o que havia me aleijado.

Com algumas raspadas e varridas, descobri uma tampa de pedra dos Construtores, circular e de cerca de um metro de diâmetro. Manchas de ferrugem indicavam que a coisa fora mantida no lugar por algo mais do que seu peso. A espada sobressalente que amarrei ao cavalo de Lesha se mostrou útil para alavancar a tampa os poucos centímetros necessários a fim de movê-la aos poucos para o lado. Foi necessário meio cantil de água para repor o que o esforço tirou com suor. O sol naqueles montes é inclemente.

Debaixo da tampa estava um poço, apagado, liso pelo que eu podia ver e sem nenhum cheiro vindo dele. Peguei uma pequena pedra e a atirei na escuridão. Não é algo a que eu poderia resistir, mesmo que não tivesse motivo para fazê-lo. A pausa antes do barulho distante me indicou que eu não queria acompanhar a pedra.

"Você podia ter dito para eu trazer uma maldita corda!" Eu tinha uma, apesar da falta de aviso de Fexler, mas duvidava que fosse suficiente.

Em um poço estreito como aquele diante de mim, é possível apoiar as costas na parede, os pés do lado oposto, e descer. No entanto, se o poço se alargar, ou entrar em um salão, ou for mais liso do que o esperado... voltar para cima pode ser difícil. Eu fora ao Ibérico preparado para desafiar fogos invisíveis. De alguma maneira, porém, ficar preso em um buraco e morrer de sede parecia um fim patético demais para arriscar.

Peguei o isqueiro de minha bolsa e tirei a atadura que havia amarrado em volta do machucado em meu braço. Tive de descamá-la e fedia onde o linho grudou, adocicado e enjoativo. As pontas secas se acenderam rapidamente e queimaram conforme desciam atrás da pedra que eu atirara. Os lados pareciam ser paralelos até o fim. Estimei que tivesse uns doze metros de profundidade. Achei que houvesse um túnel no final, mas era difícil afirmar de onde eu estava.

Apertei a ferida descoberta, tentando forçar o pus a sair. "Jesus de bicicleta!" Esse era um dos xingamentos de Makin. Eu não sei o que é

bicicleta, mas parece doloroso. As beiradas de minha pele pareciam um rosa doentio, rodeadas de cascas pretas. Não dava para imaginar as duas metades se unindo novamente.

Os Cachorros Malvados tinham bastante corda em seu acampamento e eu havia trazido um bocado dela comigo. Nunca saia para explorar sem um pedaço de corda, pelo menos é assim que as histórias contam. Meus três pedaços amarrados juntos chegavam a cerca de dois terços da altura do buraco. Eu amarrei um nó maior em uma ponta e o coloquei debaixo da tampa de pedra, em vez de confiar em minhas companhias equinas para a ancoragem. Em meu cinto, amarrei o lampião que pegara no acampamento e um frasco extra de óleo. Enfiei uma pedra de isqueiro, aço e pavio no bolso. Melhor não carregar nada aceso na descida; uma queda pode me deixar com as pernas quebradas *e* em chamas.

A dor e o cansaço tornavam cada ação desajeitada. Eu engoli outra pílula amarga dos sais das Termas Carrod e peguei a corda com as duas mãos. Mais uma olhada para as colinas poeirentas, para o azul desbotado do céu, e comecei a descer.

Longe do sol, senti frio bastante para tremer, embora isso se deva mais à febre do que à queda de temperatura. Eu desci de mão em mão, agarrando-me à corda com meus joelhos. Quando meus joelhos descobriram que não havia mais nada a que se agarrar, o topo do poço, parcialmente oculto pela tampa, exibia um claro crescente de céu. Um calafrio me atravessou, junto com a repentina convicção de que alguém deslizaria a tampa de volta e taparia a luz.

Resmungando pelo esforço, ergui os dois pés para encostar na parede do poço e empurrei até meus ombros e costas ficarem contra o lado oposto. Eu não tinha grandes convicções de que a pressão me impediria de cair se eu soltasse a corda, mas ainda menos convicção de que conseguiria subir de volta.

Eu me soltei.

Centímetro a centímetro, deslizei poço abaixo. Minhas pernas tremiam pelo esforço e tinha certeza de que estava deixando um rastro de pele e sangue sobre a pedra dos Construtores: minha camisa não teria durado muito tempo com a fricção.

Luz suficiente chegava ali para me avisar quando as paredes do poço terminassem e logo descobri que, embora as solas de minhas botas ainda estivessem grudadas à pedra, meus calcanhares não tinham nada em que se apoiar. Quando uma decisão é inevitável, é melhor tomá-la o mais rápido possível para que você ainda tenha algo para lidar com as consequências que surgirem. Eu me soltei, fazendo o possível para balançar meus pés embaixo de mim. O esforço foi parcialmente bem-sucedido e terminou com calcanhares machucados, joelhos batidos, cotovelos atirados ao chão e, por fim, a lateral de minha cabeça batendo no chão. Uns dois centímetros de poeira que cobriam o chão de pedra serviram para amenizar o impacto, protegendo-me de um crânio fraturado e me deixando consciente, engasgado e com um rio de sangue escorrendo de meu nariz. Eu me levantei para conseguir sentar segurando os joelhos e apoiei as costas na parede mais próxima.

"Ai." A reclamação saiu anasalada.

A dor levou meus dedos até um pedaço do vidro do lampião enterrado em minha coxa. Eu o arranquei e fechei a ferida com a mão até o sangue parar de pulsar em volta de meus dedos. Em seguida, peguei o pavio do lampião, pus dentro do frasco de óleo e com o aço e a pedra, e mais atrapalhado do que o necessário, eu o acendi. O túnel saía para a frente e para trás, com um corte transversal circular e parecendo-se bastante com um esgoto. O fim da minha corda estava três metros acima de minha mão esticada e para voltar ao poço seria preciso uma ginástica que eu achava estar além da minha capacidade, mesmo sem ferimentos ou febre.

Supondo que um dia houve água correndo pelo túnel, eu dei meu melhor palpite em qual direção ela poderia seguir e comecei a andar "contra a

corrente". Quando se está em um lugar escuro e sua luz vai acabar em breve, não se perde tempo. É incrível como tão poucas pessoas aplicam a mesma lógica em suas vidas.

Três vezes novos túneis se uniram ao meu e em cada ocasião analisei minhas escolhas pelo anel de visão dos Construtores, o que lançou uma luz sobre a questão, uma luz vermelha piscante que pedia para eu virar à direita duas vezes e depois seguir em frente. Em duas curvas, traços de ferrugem indicavam que no passado grades de metal bloqueavam o caminho. Um grande sábio disse uma vez que há poucos problemas que não desaparecem se você os ignorar por tempo suficiente. Felizmente, tais obstáculos haviam sido ignorados – por mil anos.

Perto do final, o tubo subia em um ângulo acentuado e me levava a um salão circular, vazio em sua maior parte, mas repleto de fragmentos de plastik. Quebradiços pelo tempo, eles faziam um agradável barulho sob os pés. Alguns pedaços podiam ter sido braços de cadeiras, pequenas rodas; outros estavam grudados a restos de armários de metal. Um corredor saía dali e eu o segui, com as sombras dançando por toda parte. O lugar não tinha cheiro, como se até aquele ranço que assombra salões abandonados houvesse desistido e ido embora.

Um longo corredor me levou a passar por muitas entradas, todas abertas e escuras, decoradas com os fragmentos de portas que as protegiam. No teto, faixas achatadas de vidro esbranquiçado pontuavam o caminho e, ao passar sob certo ponto, quando eu passei embaixo, duas delas tentaram piscar de volta à vida como as lâmpadas do Castelo Alto.

Eu já perambulei pelas ruínas de fortes onde gerações viveram, vi a marcha dos séculos vazios passarem pela pedra antiga, desgastando a nitidez que definiu vidas. Nesses lugares, a cada curva, esses habitantes perdidos são lembrados. A marca da raspagem onde uma porta se fechou década após década, degraus frouxos pelo uso, o nome em sulco profundo onde uma criança deixou sua marca na soleira da janela. É possível ler

ruínas assim, não importa quão destruídas. Quase dá para ver os soldados nos muros, os cavalariços levando os cavalos para se exercitarem. Mas nos corredores secos desta toca dos Construtores, sem sofrer com a ação da chuva ou do vento, não perturbada, eu vi nada além de enigmas e tristeza. Talvez eu fosse o primeiro homem a andar pelo lugar em mil anos. Mil outros poderiam passar antes do próximo. Em um local assim, o silêncio e a poeira esperam enquanto a vida dos homens passa. Sem o tremeluzir de minha chama para contar os instantes, horas podiam correr, anos podiam escapar, e eu podia sair rastejando, velho e insensato.

O corredor terminava em um grande salão com muitas portas, aparentemente de madeira, mas intocadas pelo tempo.

Silêncio.

Nas vezes em que fui atrás dos mortos para puxar de volta o que fosse preciso para fazê-los ressuscitar, parecia que eu alcançava um lugar como este. Quando atraí Algazarra de volta a seu corpo, eu o segui até terras secas apesar de ele ter morrido na lama dos pântanos de Cantanlona. Pensei por um momento em William, em meu irmãozinho caindo para um lugar como este após eles o destruírem. Quando eu estava quase morto após a faca de meu pai tocar meu coração, imaginei que um anjo veio me buscar e eu o recusei. Eu desejava que, anos antes daquele dia, ele tivesse descido às terras secas para fazer aquela mesma oferta a William. E que ele não houvesse recusado.

Minha cabeça se levantou rapidamente, sacudindo-me de minha quase soneca.

“Chega disso!” O delírio havia começado a me puxar. Eu o afastei e me concentrei. Segui adiante, rindo da ideia de William e do anjo. Mesmo com sete anos, ele podia dar mais trabalho ao anjo do que eu com catorze.

Do outro lado do salão, uma passagem arqueada dava para um salão menor e mais baixo. Aquilo chamou minha atenção, pois os Construtores não eram propensos a arcos. Uma dúzia ou mais de cubículos se abriam

para ambos os lados do salão inferior, como celas de monges, cada uma coberta de poeira, cheia de fragmentos de plastik espalhados e pedaços de metal corroídos. Eu peguei uma tira de metal. Mais leve do que o esperado, não era ferro e não estava enferrujada, mas empoeirada com um resíduo branco. Oxidação. A palavra saiu dos ensinamentos de Lundist sobre alquimia.

A sétima cela da esquerda tinha algo espantoso. Um homem esperava ali, sem movimento, de costas para mim. E do lado de sua cabeça, um jato de sangue escarlate, fragmentos de osso voando pelo ar... tudo congelado no momento. Um quadro, mas não um quadro. Algo real e sólido, mas que estava fora do tempo. Enquanto todas as outras celas possuíam um círculo de corrosão no centro do teto, esta tinha um círculo de metal prateado, preso em partes com cobre, e em volta uma luz branca. O homem estava sentado com sua túnica cinza diretamente sob a luz. De alguma forma, iluminação alguma escapava até o salão – e ainda assim eu via a luz. Ele estava sentado em uma cadeira que parecia frágil demais para suportá-lo, estranha em seu formato fino e fluido, sem decoração ou artifício. Ao lado dele, parte de uma cama. Não uma parte quebrada ou um componente, mas uma seção, como se fossem biscoitos cortados da massa, terminando em algum perímetro invisível que a cercava e também ao homem. Além desse pequeno círculo no centro da cela, que continha o homem, a cadeira, e parte da cama, o restante do recinto estava em ruínas empoeiradas como todos os outros.

Eu me aproximei para tocar o homem – ou a imagem. Talvez fosse uma imagem, como o fantasma de dados de Fexler, apenas desenhado mais convincentemente. Algo que os Construtores consideravam arte? Vidro invisível deteve meus dedos. Eu não podia me aproximar do homem. Minha mão deslizou sobre uma superfície invisível, fria e escorregadia aos dedos.

A cela era grande o bastante para que eu margeasse a área proibida, atravessando a poeira até as bordas do recinto. A mão do homem apareceu,

segurando um pedaço complexo de metal em sua cabeça, um tubo de ferro que se projetava dali e tocava sua têmpora.

"Eu conheço isso." Os livros mais velhos de meu pai tinham figuras de objetos semelhantes a este. "É uma arma."

Outro passo e eu vi o rosto, capturado no instante, imaginando a dor mas ainda não sentindo, apesar da pluma de sangue, cérebro e osso atrás dele.

"Fexler!" Eu havia encontrado o próprio homem. Não a lembrança.

O anel de visão mostrava apenas o recinto, com Fexler iluminado de vermelho pela luz, como se durante todo aquele tempo a luz vermelha pulsando em meio aos Montes Ibéricos fosse este círculo preso no tempo.

Eu dei outra volta no quadro vivo. "Você parou o tempo!" Eu pensei naquilo, em seguida dei de ombros. Dizem que os Construtores podiam voar. Quem sabe o que é mais difícil: parar o tempo ou subir aos céus? Eu pensei no relógio enterrado em minha bagagem nas costas do Teimoso. Um dispositivo da antiguidade. Talvez se impedisse seus ponteiros de girarem eu parasse o tempo, assim como eles fizeram.

"Você me trouxe aqui, Fexler", eu disse ao homem. "O que você quer? Eu não posso consertá-lo."

Era óbvio que eu não podia consertá-lo. O que o fantasma de Fexler estava pensando? A resposta era muito fácil. Jorg quebra as coisas. Fexler não me enviou para consertar – ele me enviou para acabar com aquilo.

É claro que quebrar coisas que estão seladas atrás de vidro inquebrável pode ser difícil. Conforme a ponta de minha faca deslizava sobre a barreira invisível, comecei a duvidar que o vidro existisse. Parecia claro que algo tinha de haver entre um espaço onde o tempo corria e outro onde não. Os paradoxos de Zeno vieram à mente. Os gregos amavam paradoxos. Talvez eles os usassem como moeda. Em todo caso, eu não fiz progresso.

Eu me afastei, com um leve tremor por causa da febre. Em todas as outras celas nada sobreviveu inteiro. Acho que o dispositivo no teto parou o tempo e com isso paralisou o processo de sua própria decomposição.

A lembrança me levou de volta à base do Monte Honas. Nos salões dos Construtores eu encontrara os vestígios de muitos tubos estreitos, a maioria apenas leves traços de verdete, alguns fixados à pedra, alguns indo de encontro às paredes, alguns tão finos que só podiam ser fios de arame. As histórias contam que o fogo secreto dos Construtores passava por tais caminhos para despertar seus dispositivos. Meu relógio não precisava desse fogo, mas talvez uma mola enrolada não bastasse para mecanismos tais como o que prendeu Fexler. Com certeza ele não ficou sem corda durante todos os séculos. Será que a máquina precisava ser alimentada para manter o tempo estático?

Uma lenta e minuciosa inspeção das paredes não revelou sinal de caminhos ocultos levando fogo ao círculo no teto. Demorei muito tempo caçando pelos corredores para encontrar alguma coisa na qual me apoiar para que eu pudesse verificar o teto. Por fim, encontrei uma coleção de garrafas, como garrafas de vinho, mas transparentes e cilíndricas, e finas como meu braço. Ao amarrar todas as nove, lado a lado, com minha camisa, construí uma plataforma bem precária na qual subir. De todos os artefatos dos Construtores, apenas vidro atravessou os anos sem perda.

De minha plataforma bamba e barulhenta, descobri que a barreira que rodeava Fexler se estreitava enquanto subia, então no teto eu podia chegar a uns dois ou três centímetros do anel de metal. Usei minha faca para cutucar a pedra em torno dela. Um péssimo tratamento para uma boa arma, mas eu tinha outras facas no cavalo de Lesha, se é que eu iria voltar, e não tinha nada mais com que trabalhar.

Uma vez, em Gelleth, eu havia enfiado uma espada em alguma mágica dos Construtores, um espírito aprisionado atrás de vidro no recinto anterior ao salão das armas. Um choque atravessou a espada e me atirou ao chão, contorcido. A lembrança fez eu me robustecer para cada arranhada e estocada, conforme cavava um círculo em volta do anel do teto. Meus

músculos se lembraram do choque e continuaram tentando se recusar a cavar uma oportunidade de renovar a experiência.

A pedra dos Construtores começou a se esfarelar com minhas investidas. Levou uma hora talvez, possivelmente um dia. A sensação foi de um dia. O suor escorria em mim em filetes quentes e meu braço doía, ficando mais fraco a cada momento, como os braços fazem quando levantados por mais do que alguns minutos. Eu furava e raspava, raspava e furava. De repente, um estrondo ensurdecedor explodiu à minha volta, a luz se apagou e eu caí com o vidro se estilhaçando embaixo.

E, pela segunda vez desde que desci pelo poço, eu estava machucado e dolorido no escuro com vidro quebrado enterrado em minha perna. Meu lampião improvisado deve ter tombado e se apagado quando caí. Em vez de procurar por ele, segurei o anel de visão contra o olho. O anel me mostrou a cela em tons esverdeados, revelando quase tantos detalhes quanto eu poderia ver à luz do dia. Fexler estava caído no chão, esparramado a meus pés, com a arma ainda presa em sua mão estendida, e um pouquinho de fumaça saindo do cano. Em volta de sua cabeça, uma poça negra de sangue se espalhava.

"Obrigado." Fexler – meu Fexler do Castelo Morrow, uma projeção de luz branca – estava ao lado do cadáver, observando os membros espalmados, com o rosto indecifrável.

"Fexler, que bom ver você", eu disse. E era mesmo. Qualquer companhia em um lugar como aquele era bem-vinda. Eu respirei fundo, aspirando o cheiro de produtos químicos e fogo da arma, o cheiro de sangue. Os salões dos Construtores pareciam reais finalmente.

"Por que tanto silêncio e mistério?" Eu atravessei o vidro e a poeira para me encostar à parede, em parte por apoio, em parte porque é uma boa prática.

"As pessoas da minha época viveram em meio a maravilhas, mas elas eram feitas da mesma maneira que seus antepassados, que usavam peles e

comiam carne crua em cavernas, ou que seus descendentes, que carregam espadas de ferro e vivem em ruínas que não conseguem compreender. Em suma, tinham os mesmos instintos de qualquer pessoa. Você confiaria em uma cópia de si mesmo?"

"Então eles jogaram feitiços em você para que nenhum fantasma de dados pudesse matar a pessoa da qual ele fora copiado?", perguntei.

"Para que nenhum eco de dados pudesse fazer mal a nenhum humano ou pedir a eles que lhe fizessem mal, ou tomar medidas que pudessem conduzir à dor. Levou mil anos de manipulação sutil, de distorções e estratagemas lógicos, para que eu chegasse ao ponto em que pudesse apontar alguém como você nesta direção, Jorg."

"E por que você faria isso?" Minha mão pousou sobre o frasco de óleo caído. Eu o girei. Talvez restasse um quinto dele.

"Ecos de dados não são apenas proibidos de prejudicar seu modelo original. Na verdade, enquanto a pessoa cujos dados criaram qualquer eco em particular ainda estiver viva, há um número enorme de restrições impostas àquele eco, para a conveniência, privacidade e paz de espírito da pessoa em questão. No mundo que habito, fui um cidadão de segunda classe por um tempo muito maior do que o da existência de seu Império."

"No Castelo Morrow?" *O mundo em que ele vive?*

Um sorriso apertado, rapidamente desaparecido. "Imagine um oceano maior e mais fundo que todos os outros, cheio de encantos e variedade, e na superfície há uma espessura de gelo quebrada apenas aqui e acolá. Os ecos que os Construtores deixaram para trás, 'ecos de dados', se é assim que você quer nos chamar, nós ecos nadamos em um oceano assim, e os lugares onde podemos ser vistos neste mundo fino de vocês são como os buracos no gelo onde podemos vir à tona. Nós existimos na complexidade conjunta do maquinário dos Construtores e, em lugares como o terminal de Morrow, nós podemos ser vistos.

"Então por que vocês não são?"

"Por que não somos o quê?"

"Vistos? Por que era só você assombrando aquele porão?"

Outro sorriso, com mais amargura do que amizade. "Cidadão de segunda classe. As obrigações servis recaíram sobre mim. Ficar de olho nos selvagens."

Eu tive que me lembrar de que o Fexler que tinha alguma coisa em comum comigo estava caído no chão, com seu sangue esfriando em volta dele. O Fexler falando comigo não era um homem, apenas uma ideia de homem, uma ideia presa em uma máquina. Eu estiquei o pé para cutucar o morto. O eco de Fexler tremeu como se a ação o perturbasse.

"Então por que ele se matou?", perguntei. "E o que o impediu?"

"Ele começou uma guerra", disse Fexler. "E a terminou."

"Porra, eu acendi um de seus sóis e isso não me fez colocar uma faca em minha garganta em seguida."

"As armas que Fexler Brews lançou não podiam ser detonadas com fogo."

"Você viu aquilo?" O fantasma de Fexler havia me assistido seis anos atrás, sob o Monte Honas?

"Nossas armas queimavam como sóis – exatamente da mesma maneira. Cada uma precisa de um gatilho para acendê-la, uma implosão menor, mais primitiva. Seu fogo no Silo Onze usando armas realocadas de Vaucluse derreteu os componentes da implosão em uma massa crítica. O que você viu foi uma ignição parcial do gatilho que então iria acender o sol. O combustível dos 'sóis' dura pouco, uma questão de meia-vida; o combustível dos foguetes que os carregavam dura um pouco mais. Tudo o que resta agora são os gatilhos."

Eu me perguntei se o Fexler original gostava tanto assim do som de sua própria voz. Em todo caso, era uma ideia preocupante saber que destruí Gelleth com uma fração da fagulha que acenderia um verdadeiro Sol dos Construtores. E, apesar do que eu dizia, os mortos de Gelleth me

assombravam *sim*, literalmente e em sonhos. Queimar o mundo inteiro daquela maneira teria sido... desconfortável.

"Nem com sua arma ele conseguiu se matar?" Com brinquedos assim à sua disposição, parecia imperdoável que qualquer Construtor fracassasse no ato de tirar uma vida.

"Estes cubículos foram criados para manter pessoas-chave em estase até que as condições melhorassem e a vida lá fora pudesse existir novamente. Fexler talvez não estivesse pensando com clareza quando estava aqui lutando com sua consciência. Talvez não gostasse do fato de que os sistemas automáticos entrariam em ação para preservá-lo ou talvez não percebesse a rapidez com que eles podiam agir."

"De qualquer modo, ele deixou você na merda junto com todas as pessoas reais do mundo."

"É verdade." A imagem de Fexler piscou, com a testa franzida.

Eu sorri. Deve ter sido estranho passar mil anos amaldiçoando o homem de quem você foi copiado. "Então agora eu o libertei e você pode nadar no seu mar com os peixes grandes, sem perder tempo com os selvagens. O que eu ganho com isso?" Ainda segurando o anel de visão em meu olho, puxei a arma da mão quente e morta de Fexler, com cuidado para não apontar o cano para mim. Ele pareceu relutante em soltá-la.

"Infelizmente nós precisamos vigiar os selvagens ainda mais ultimamente", disse Fexler. "As máquinas que ainda funcionam não vão funcionar para sempre e a menos que vocês deixem para trás as espadas e as flechas não haverá ninguém para mantê-las. A manutenção requer civilização e não chegaremos à civilização até que todas as guerras terminem."

"Você não conseguiu parar suas próprias guerras, Fexler."

"Ele não conseguiu." Fexler olhou para seu cadáver. "Eu sou outra coisa."

Eu apertei os lábios. "De um jeito ou de outro, parece que você gostaria que houvesse um imperador no trono Gilden."

TRILOGIA DOS ESPINHOS

EMPEROR OF THORNS

21

— CINCO ANOS ATRÁS —

Nos salões secos e imortais dos Construtores, embaixo das terras envenenadas do Ibérico, eu estava sentado, quase delirando de febre, e falava com um fantasma que havia me ajudado a matar o homem a partir do qual ele surgiu.

"E *quem* os fantasmas em suas máquinas querem que governe este Império de criados para eles?", perguntei.

"Orrin de Arrow é favorecido por nossas projeções", disse Fexler. "Um pacificador. Um homem de progresso."

"Ha!" Eu cuspi com a boca seca e dor em todos os membros. "Então você não tem nenhum interesse real em que eu saia daqui para impedi-lo?"

"As projeções favorecem Orrin", concordou Fexler.

Eu chutei o cadáver morno a meus pés outra vez. "É possível que você... que ele se levante novamente? Aparentemente eu fiz um novo amigo, o Rei Morto. Tem um interesse doentio em mim. Eu o encontro observando de

qualquer par de olhos mortos que esteja à mão. Você ficaria aborrecido se eu desmembrá-lo... você... um pouco? Só para garantir?" Parte de mim esperava que Fexler se opusesse e me livrasse do esforço daquela mutilação toda. Ele balançou a cabeça como se o assunto não tivesse importância.

"As projeções favorecem Orrin, mas alguns de nós preferem apostar em probabilidades menores para recompensas maiores", disse Fexler.

"Por quê? Quais recompensas? Eu também apostaria em Orrin se pudesse participar." As palavras saíam de lábios dormentes, o veneno latejava em mim, eu sentia o cheiro de minhas feridas. É isso que acontece quando você para. Descanse e o mundo o alcançará. Lição para a vida: continue em movimento.

"Talvez você se lembre", Fexler se aproximou, ficando entre mim e seus restos mortais, "que nós conversamos sobre uma roda. Sobre como as maiores obras de minha geração não tiveram nada a ver com novas maneiras de queimar o planeta, mas sim com formas de mudar as regras de tudo, como alterar a forma como o mundo funcionava?"

"Vagamente." Eu fiz um aceno com a mão tremendo. "Algo sobre fazer valer o que nós queremos." Não parecia estar funcionando. Eu queria que ele calasse a boca agora e me deixasse sozinho, e *aquilo* não estava acontecendo.

"Quase." Fexler sorriu. "Os físicos chamavam de um ajuste na ênfase quântica. Mas o efeito era mudar o papel do observador. Você e eu. Que a vontade do observador importasse. Para que o homem pudesse controlar seu ambiente diretamente pela força de sua vontade, em vez de através de máquinas."

Tive a impressão de que se eu morresse ele continuaria a falar com meu cadáver.

"Infelizmente essa roda não foi apenas girada – ela foi posta para girar. Ela não parou. Na verdade, como tantas coisas na natureza, o processo tem um ponto de virada e nós estamos alcançando-o. As fraturas do mundo, das

barreiras entre a mente e a matéria, entre a energia e a vontade, entre a vida e a morte, estão todas crescendo. E *tudo* corre perigo de cair pelas rachaduras. Toda vez que esses poderes, a habilidade de influenciar a energia, a matéria ou a existência, são usados, a divergência cresce. Estas são as mágicas que você conhece como jurado pelo fogo, jurado pela rocha ou como necromancia e afins. Quanto mais elas são usadas, mais fáceis elas se tornam, e o mundo fica mais aberto. E esse seu Rei Morto é apenas outro sintoma. Outro exemplo de uma força de vontade singular sendo usada para mudar o mundo e, com isso, acelerando o giro daquela roda que soltamos."

Um suspiro e um painel que eu não havia visto antes se abriu na parede à minha esquerda. Luz suficiente surgiu da cavidade por trás dele para iluminar o recinto. Eu abaixei o anel de visão, mas Fexler desapareceu, então eu o pus de volta no olho.

"Tome as pílulas." Fexler apontou para a cavidade. "Engula duas por dia até elas acabarem. Elas irão curar sua sepsia."

Eu fiquei de joelhos e apanhei um punhado dos comprimidos amarelos da alcova. Eles eram as únicas coisas ali e não havia como serem entregues. Minha garganta doeu ao engolir dois deles. Aquilo poderia ser veneno, mas Fexler provavelmente tinha mil maneiras de me matar, se quisesse.

"Então o que você quer de mim, Fexler?"

"Como disse, há muitos fantasmas nas máquinas dos Construtores." Eu o vi franzir o rosto enquanto tentava formas as palavras para que eu entendesse. "Esses fantasmas, esses ecos, prestam pouca atenção à sua espécie. Mas seus olhos estão se voltando para o presente, a poeira e o pó de onde todos nós viemos. Muitos deles apoiam uma nova civilização para que as redes profundas possam ser mantidas e consertadas. Um número crescente, porém, agora se preocupa mais com a ameaça iminente, conforme os véus vão sendo retirados. Os problemas do declínio parecem menos urgentes. Eles acham que a única maneira de fazer a roda parar de

girar, de manter as barreiras que mantêm a terra diferente do fogo, a vida diferente da morte, é destruir toda a humanidade. E eles tiveram mil anos para burlar as regras que antes os impediam de cometer tais atos. Sem ninguém para exercer esses poderes, sem ninguém para exercer sua vontade, o estrago será desfeito, ou pelo menos paralisado."

"Então a única culpa do pobre Fexler é que ele não acendeu sóis suficientes? Se ele houvesse matado as poucas pessoas que restavam não haveria problema?" Eu bufei. "Não vale a pena começar um trabalho e não terminá-lo."

Fexler piscou como se fosse um reflexo perturbado pela chegada de uma pedra em um lago. Ele franziu o rosto.

"E de qual lado você está, Fexler? Vai nos transformar em servos para consertarem sua carruagem ou matar rapidamente todos nós antes que destruamos o mundo?"

"Eu tenho uma terceira opção", disse ele.

Ele oscilou novamente, com a boca se contorcendo como se estivesse com dor. A luz piscou no espaço atrás do painel e se apagou.

"Uma alternativa que os outros ainda não reconhecem – ah!" Ele se esvaneceu, quase sumiu, e voltou forte demais, fazendo meus olhos se apertarem.

"Leve o anel de controle a Vyene. Embaixo do trono há..."

E ele desapareceu.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

EMPEROR OF THORNS

22

A HISTÓRIA DE
CHELLA

"Jorg de Ancrath a envia de volta para mim outra vez, Chella."

Alguma coisa no ranger da mandíbula de Artur Elgin mexia com os nervos de Chella. Algo no jeito com que o Rei Morto rangia aquele maxilar quando ele o movia para formar as palavras.

"Eu trouxe Kai Summerson à corte, majestade, um necromante procurando serviço..."

"Você não agradou a Jorg, Chella? Ele desprezou sua proposta?"

Só o rangido daquele osso, das articulações, fazia sua pele se arrepiar. Isso e o brilho dos olhos dele. Ela pensou nas vezes em que havia nadado na imundície, nos cadáveres nos lugares mais escuros, em caçar os restos mortais de homens nas fronteiras das terras mortas, horror suficiente para tirar a sanidade de quase qualquer pessoa... E, no

entanto, ela não temia nada além dos ruídos doentios da mandíbula de um morto.

"Chella?" Um lembrete bastante gentil, mas repreensões menores que aquela já tinham enviado criados do Rei Morto aos lichkin.

"Ele me recusou, majestade." Mais de cinco anos depois e o Rei Morto ainda queria reprisar seu antigo fracasso.

"E você ainda acha que ele é um jovem idiota com mais sorte que juízo?"

"Não, majestade." Embora ela achasse. Não importavam as estranhas emoções que o garoto pudesse causar nela, Chella via pouca genialidade em suas ações. Quando as pessoas apostam em chances remotas, em quantidades suficientes, algumas delas acabarão com o prêmio. Isso não significa que os vencedores vencerão amanhã.

"Eu o quero aqui, Chella, perante minha corte e respondendo a mim."

"Sim, majestade." Embora ela não fizesse ideia pelo que Jorg Ancrath tivesse de responder. Um "por quê" tremeu em seus lábios, mas ela sabia que não perguntaria.

"Traga Kai Summerson à minha presença."

Chella virou-se para levar Kai à frente, respirando aliviada por se libertar do olhar do Rei Morto, mesmo que só por um instante. Na frieza da luz fantasma, Kai envelheceu mais uma década quando o olhar do Rei Morto recaiu sobre ele.

"Kai." O nome rolou dos lábios de Artur Elgin como uma coisa morta. "Jurado pelo céu. Você já voou, Kai? Você já tocou o céu?"

"Não, amo." Kai manteve a cabeça abaixada. "Eu já vi o que a águia vê, mas apenas com minha mente. E agora eu sou jurado pela morte."

"A morte pode viajar no vento, Kai. Lembre-se disso. Por que você não voava? Era algo além da sua capacidade? Você não tinha o céu verdadeiramente dentro de você?"

“O medo me mantinha no chão, amo.” Suas palavras saíram com paixão agora, pelo talento do Rei Morto em tocar todos os pontos sensíveis. “Medo de me perder.” Chella sabia que poucos jurados pelo céu que levantavam voo voltavam. Os ventos os levavam. Eles perdiam a substância e dançavam em tempestades, espalhavam-se demais para serem contidos na matéria outra vez. Ela observou Kai, com os dedos apertados, unhas roídas. Será que agora ele desejava ter se perdido no azul inclemente?

“É a sua vontade, o poder do seu desejo, que conta neste mundo – em todos os mundos.” Por um momento, o Rei Morto pareceu quase terno, algo mais terrível do que raiva vinda dos lábios mortos de Artur Elgin. “A força de sua convicção pode ancorar a mente à matéria, se sua sensação de quem você é, seu controle do que você é, for mais forte do que o vento. É essa mesma força de vontade que puxa o cordão de prata e atrai um necromante para voltar de suas viagens às terras secas. Esse mesmo senso de individualidade devolve o que não passa pelo céu à casca do corpo de um homem, ao que o carregou pela vida afora, à marca que ele deixou no mundo, seja ele um corpo corrompido ou até mesmo o esqueleto. E quando finalmente o osso acaba esse senso o devolve a um lugar, talvez uma casa, um recinto, para assombrar os vivos, porque o sofrimento, assim como todos os seus amigos, adora companhia.”

Kai levantou a cabeça contra o peso do olhar do Rei Morto. “O medo me segurou.”

“O medo segura muitos homens, o medo os afasta de suas obrigações, pais abandonam os filhos, um irmão deixa o outro para morrer.”

“Sim, amo.”

“Quando as tempestades vierem, Kai Summerson, mostre-me a morte sobre asas.” Os dedos de Artur Elgin estalaram para dispensar Kai.

Até as portas se fecharem atrás de Kai, mais nenhuma palavra foi dita. Chella ficou, a única coisa viva na sala abobadada do trono. Talvez a única curiosidade fosse dela. O Rei Morto precisava dela. Por qual outro motivo, após todo esse tempo, ela estava aqui mais uma vez, neste restrito círculo, pagando apenas o preço dos lembretes humilhantes de seu fracasso?

"Chella Undenhert." O Rei Morto pronunciou o nome com cuidado.

"Majestade." O último a saber aquele nome morrera seis anos atrás na lâmina de Jorg Ancrath. Ninguém o dizia havia décadas.

"Alguns podem pensar que a necromancia seja uma ameaça àqueles de nós que saem das terras secas, para além da poeira, que seja no mínimo uma concorrência."

"Jamais, majestade." As palavras de Kai voltaram a ela. *Não devíamos ser nós a dar as ordens?*

"Você sabe o que eu quero, Chella?"

Ela realmente não sabia. "Jorg Ancrath?"

"Eu quero o que ele quer, o que toda a nossa espécie precisa. Governar, possuir, ter o cargo mais alto, fazer nossa vontade prevalecer."

"Ser imperador?" Chella sabia da fome dos mortos, mas ambição a pegou de surpresa, embora todos os sinais estivessem diante dela. Um rei morto em um trono de rei morto.

"O Império será para começar. Reformulado, ele pode ser o primeiro passo para conquistar tudo. Eu não sou chamado de rei disto ou rei daquilo; chamam-me de Rei Morto, senhor de tudo que não vive. Você acha que neste mundo eu me contentaria com 'Lorde de Brettan'? Ou 'imperador' de um império com fronteiras além das quais estejam terras sem dono?"

"Não, majestade." Além de todo o horror dele, o Rei Morto tinha a ganância e o orgulho de uma criança. Talvez seu interesse nos reis de Ancrath fosse pelo espelho que viravam para ele.

“Você sabe por que a Centena não se uniu contra mim, Chella?”

“Eles se odeiam demais, majestade. Coloque-os em um navio e deixe-o afundar – nenhuma mão estaria livre para escapar ou para nadar, elas estariam todas apertadas às gargantas, sufocando o ar antes que as águas o fizessem.”

“Eles não se uniram porque não me temem.” Artur Elgin levantou-se do trono do Rei Morto. “Os devolvidos não podem procriar, eles apodrecem, eles conhecem mais a fome do que a precaução, eles podem se colocar contra exércitos apenas onde o terreno os favorece. É de se admirar que eu tenha conseguido o que conquistei apenas com cadáveres para brincar.” A mão de Artur depositou-se sobre o ombro de Chella e ela precisou de todo o seu controle para não recuar.

“Impérios são conquistados de muitas maneiras. Você conhece táticas, Chella?”

“Um pouco, majestade.” Se ele simplesmente tirasse aquela mão dali...

“E quais são as únicas duas vantagens táticas de minhas legiões, Chella?”

“Eu... eu... eles não têm medo?”

“Não.” Uma enorme agonia sangrou em seu ombro e o Rei Morto retornou a mão de Artur para seu lado. “Um homem que não tem medo está perdendo um amigo. Um velho fantasma me disso isso uma vez.”

“Minhas tropas têm duas vantagens táticas. Elas não respiram e não comem. Isso significa que qualquer pântano, lago ou mar é uma fortaleza e que eu não preciso de linhas de abastecimento. Fora isso, eles são criados ruins, no máximo. E foram essas vantagens que me deram as ilhas e permitiram que atacássemos Ancrath pelos Pântanos de Ken.”

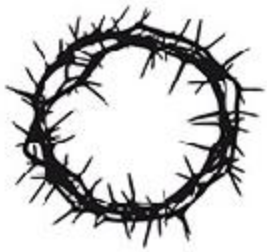
“Além disso, minhas ambições requerem novas estratégias para serem cumpridas em um prazo do meu agrado.”

O Rei Morto se sentou mais uma vez no trono de madeira flutuante de Artur Elgin. Ele passou os dedos brancos pelos braços polidos da cadeira e Chella ouviu os gritos de marinheiros se afogando.

"Thantos, Keres."

Dois lichkin deixaram seus irmãos e ladearam o Rei Morto. Os olhos de Chella ainda não os viam, percebendo apenas vislumbres de ossos envolvidos por fantasmas.

"Chella." Ele inclinou o corpo de Artur em direção a ela na cadeira. "Escolher uma estratégia é como decidir qual arma usar. E uma arma precisa ter ponta se for para furar o inimigo, não é? Você, Chella, irá furar a barriga do Império para mim. Eu a enviarei em uma jornada. Irmão Thantos e irmã Keres a protegerão. O restante de sua escolta está em um navio, aproximando-se do porto neste momento."



TRILOGIA DOS ESPINHOS

EMPEROR OF THORNS

23

Nós fizemos progresso. Não muito, mas o suficiente. Às vezes, a guarda não chegava a Vyene a tempo, mas não havia acontecido durante minha vida. Até quando um membro da Centena morria no percurso, seu cadáver fazia uma chegada pontual.

Quando cidades e vilas ficavam em locais convenientes, nós passávamos a noite em acomodações requisitadas, senão tendas eram armadas em campos ou clareiras. Eu gostava mais dessas noites, com Katherine e Miana iluminadas pela fogueira em florestas onde brumas frias se entrelaçavam às árvores, cada mulher emoldurada pela gola de pele dos casacos de inverno, todos nós nos amontoando perto do fogo. Gomst e Osser em suas cadeiras, com cálices de vinho nas mãos, debatendo como os velhos fazem; Makin e Marten perto da rainha, prestes a compensar minhas faltas; Kent sentado quieto, observando a noite. Rike e Gorgoth finalizavam nosso pequeno bando, absorvendo o calor, ambos parecendo piores que o inferno.

Em uma dessas noites, com o crepitar do fogo e o brilho de muitos outros espalhados entre nós pela floresta, Miana perguntou: “Jorg, por que você dorme tão melhor fora do Assombrado?” Sua respiração formou vapor à sua frente e, embora ela estivesse de frente para mim, era Katherine quem ela observava.

“Eu sempre gostei da estrada, querida”, eu lhe disse. “Você deixa seus problemas para trás.”

“Não se você trouxer sua esposa.” Rike riu e continuou olhando para o fogo, imune ao olhar afiado que Marten lançou em sua direção.

“No Assombrado, você sempre falava durante o sono.” Miana se virou para encarar Katherine agora. “Ele praticamente delirava. Eu tive de colocar minha cama na torre leste só para conseguir descansar.”

Katherine não respondeu, com o rosto imóvel.

“Mas agora ele dorme como uma criança inocente, sem nem murmurar”, disse Miana.

Eu dei de ombros. “Bispo Gomst é quem tem terrores noturnos. Será que devemos nos preocupar quando os mais santos têm o sono mais agitado?”

Miana me ignorou. “Não há mais ‘Sareth’, não há mais ‘Degran’, não há mais os intermináveis ‘Katherine! Katherine!’”

Katherine arqueou uma sobrancelha, delicada, expressiva e deliciosa. Miana estivera impaciente o dia todo na carruagem, mas se eu houvesse engolido um bebê inteiro e ele insistisse em chutar minhas entranhas, talvez eu ficasse menos tolerante do que normalmente sou.

Um graveto estourou fazendo um barulho alto e soltando faíscas na fogueira.

A defesa é sempre uma fraqueza e eu não estava a fim de atacar, então esperei. Katherine tinha tantas opções abertas a ela; eu queria saber qual ela escolheria.

“Creio que o Rei Jorg só chamou meu nome em tormento, certo, Rainha Miana?”

Eu me perguntei o que suas mãos estavam fazendo debaixo daquela capa de pele. Revirando-se? Deslizando em direção a uma faca? Paradas e calmas?

“É verdade.” Miana sorriu, rápida e inesperadamente, desfazendo a testa franzida. “Ele nunca parecia contente em vê-la.”

Katherine assentiu. “Meu sobrinho tem muitos crimes pelos quais responder, mas os mais sombrios são contra minha irmã, a Rainha Sareth, e seu filho. Talvez, como ele diz, seus pecados sejam deixados para trás na estrada. Talvez, quando pararmos em Vyene, eles o alcancem mais uma vez.”

Ninguém ao redor da fogueira fez o menor movimento para me defender das acusações.

Eu falei por mim mesmo. “Se houvesse justiça, senhora, Deus em pessoa iria descer e me matar, pois eu sou culpado como diz. Mas até isso acontecer, eu vou ter que continuar vivendo e fazendo o que posso neste mundo.”

Gorgoth me surpreendeu nessa hora, com a voz tão grave que a princípio podia-se pensar que era o próprio chão tremendo. Eu demorei um tempo para entender que ele havia começado a cantar, algo sem palavras, elementar como o crepitar do fogo, e fascinante. Por um bom tempo, nós ficamos apenas escutando, com as estrelas girando lá em cima, geladas na noite.

• • •

Durante três noites e três dias, a chuva desabou de céus carregados, abafando a conversa na carruagem e tentando afogar praticamente tudo do lado de fora. As estradas diante de nós tornaram-se rios de lama. Os

próprios rios viraram monstros escuros e rodopiantes, arrastando árvores e carroças ao passarem por nós. Capitão Harran conduziu suas tropas pelas rotas alternativas planejadas para o caso de tais eventualidades, fazendo-nos atravessar cidades maiores, onde as pontes de pedra haviam superado muitas enchentes.

Eu estava de volta à sela de Brath. Após dias pressionado contra o calor da indiferença fria de Katherine, eu precisava de um banho frio.

"Fazendo sua fuga, Jorg?" Makin chegou perto de mim quando eu me afastei da carruagem de Holland.

A estrada parecia uma passagem através de um mar de pastos inundados, com as águas sendo afastadas apenas por sebes quase cobertas. Horas depois, a chuva parou e o céu se abriu com uma rachadura clara. As águas paradas por toda a parte viraram espelhos, refletindo cada árvore solitária, com os galhos expostos virados tanto para baixo quanto para cima. Tanta coisa no mundo é sobre superfícies que o olho é enganado, com a verdade nas profundezas desconhecidas e incognoscíveis abaixo.

"Caramba." Balancei a cabeça. Eu saíra da carruagem para pensar em outra coisa que não fosse Katherine!

"Senhor?" Um guarda ali perto.

"Não é nada", eu disse.

"Senhor, o capitão Harran pede sua presença à frente da coluna."

"Ah." Uma troca de olhares com Makin e nós nos apressamos para passar aqueles à frente, que já estavam diminuindo o passo.

No oeste, o sol começava a descer das nuvens para tingir de carmesim as águas da enchente. Nós alcançamos Harran após cinco minutos de lama e respingos. Uma pequena cidade, que agora era uma ilha, ficava adiante em uma elevação.

"Gottering." Harran acenou para as casas distantes.

Marten e Kent uniram-se a nós.

“A estrada está intransitável?”, perguntei, com a rota mergulhando na enchente antes de aparecer novamente logo antes da entrada de Gottering.

“Não deve ser muito funda”, disse Harran. Ele se inclinou para a frente e tocou a pata de seu cavalo para indicar a altura.

“Qual o problema então?”, eu perguntei.

Marten sacou sua espada com um movimento lento e apontou para as cercas à nossa esquerda. Eu achava que eram os detritos normais que uma enchente carrega até qualquer cerca ou decora os arbustos, mas um olhar mais atento contava outra história.

“Farrapos?”

“Roupas”, disse Harran.

Kent desceu de seu cavalo e deu alguns passos à frente pela estrada. Ao se agachar, pegou um punhado de lama. Ele ergueu a palma suja para mim.

Eu havia notado os pontos brancos, mas não prestara muita atenção. A centímetros de meu rosto, eu podia ver o que eles realmente eram. Dentes. Dentes de pessoas, com raízes longas e sangrentas.

As águas estavam vermelhas agora com o sol se afundando no oeste. O ar já estava frio.

“E isto significa alguma coisa para você, Harran?”

“A guarda viaja a muitos lugares. Já ouvi histórias.” Uma antiga cicatriz sob seu olho ardeu muito branca. Eu não havia reparado nela antes. Harran aparentava sua idade esta noite. “Melhor trazer aquele seu bispo aqui. Ele pode ter mais a contar.”

E então, minutos depois, Makin voltou com Gomst atrás dele na sela. E Kent, que fora escoltar o bispo, não por segurança mas por causa da piedade que ficou queimada nele no Assombrado, voltou com Katherine.

“Você poderia ter deixado a princesa ficar com seu cavalo, Sir Kent. Tenho certeza de que ela não queria se agarrar a um sabujo imundo

feito você."

"Eu não o deixaria chafurdar atrás de nós na lama." Katherine inclinou-se atrás do ombro de Kent e me lançou um olhar venenoso.

"Você mostrou ao bispo Gomst sua prova então, Kent?" Eu ignorei Katherine. Eu podia senti-la me desafiando a dizer que ela deveria ter ficado onde estava.

Makin ajudou Gomst a descer à beira de onde o chão subia até onde a cerca passava.

"Isso é uma coisa ruim." Gomst cambaleou e quase escorregou na grama molhada antes de chegar à cobertura escura de trapos. Sua mão ficava procurando o apoio de seu cajado, que ele deixara em cima da carruagem de Holland. "Como em São Anstals... Eu recebi um relatório." Ele apalpou sua batina procurando, e depois deixou o esforço de lado. "E nas ruínas de Tropez." Olhos selvagens me encontraram. "O trabalho do Rei Morto foi feito aqui. Espíritos e destroçadores, se tivermos sorte."

"E se não formos tão abençoados, meu velho?"

"Lichkin. Pode ser um lichkin." Ele não conseguiu conter o terror em sua voz.

Harran assentiu. "Os monstros das ilhas."

"Mãe Úrsula teve algumas visões com os lichkin atravessando as águas. Uma maré negra os traria." Gomst se abraçou contra o frio. "Dizem que os lichkin só têm uma compaixão."

"E qual compaixão é essa, sua eminência?", perguntou Kent.

"No fim, eles deixam você morrer."

Eu olhei para a silhueta escura de Gottering: telhados, uma torre de igreja, chaminés, o cata-vento de uma taverna. Vale a pena escolher seu terreno, e eu preferia escolher a cidade a uma pequena faixa de lama no meio de um enorme lago. Mas será que o inimigo já havia escolhido

Gottering, já havia armado suas arapucas? Ou estavam vendo coisas demais em uns trapos e um punhado de dentes?

"Contem-nos", eu disse.

"Senhor?" Harran franziu o rosto.

"Quantos dentes, quantas roupas? Foram três aldeões que brigaram aqui e trouxeram a Guarda Gilden a um impasse ou esta é a cena de um massacre?"

Harran acenou para dois de seus homens e eles desceram para analisar mais de perto.

Eu empurrei Brath mais para perto do capitão. "Se são cadáveres contra os quais lutaremos, melhor fazê-lo com os pés secos e espaço para vê-los chegando. Qual é a profundidade da água à nossa volta? Sessenta centímetros? Um metro? Não o suficiente para se afogar? Mesmo se os mortos rastejassem por ela, um homem conseguiria ver as ondulações de seus rastros?"

"Mais fundo em trechos", disse Harran. Outro capitão discordou. Harran e dois outros capitães da guarda, Rosson e Devers, começaram a discutir a disposição do terreno.

Marten cavalgou através de uma fenda na cerca para dentro da enchente. Ele ficou de pé em seus estribos, de frente para nós na penumbra, com a água batendo nos dedos de seu pé. "Têm mais ou menos esta altura, majestade."

"Dezenas", disse o homem averiguando a cerca, retirando os trajes dela. "Talvez mais."

"Nós ficaremos aqui", eu disse. "E partiremos para Gottering à primeira luz."

Eu acompanhei Katherine e Gomst de volta à carruagem. "Dormirei aqui esta noite", eu disse a Miana quando ela abriu a porta. "Quero uma espada perto de você."

“Eu ordenarei a guarda em volta da carruagem”, Makin disse de sua sela.

“Ponha Kent no teto. Rike e Gorgoth em cada porta. Mande Marten organizar patrulhas pelos campos. Melhor um ou dois guardas afogados do que ser pego de surpresa.”

O frio me acordou durante a noite. Mesmo com Miana pressionada contra mim debaixo de um cobertor de pele de urso, e com o peso de Katherine através da espessura de suas próprias peles, o frio abriu meus olhos. O esparrinhar distante dos cavalos movendo-se através das águas paradas tornou-se um som fraturado, um tilintar quebradiço e crepitante. Gelo.

Eu me inclinei em direção à janela mais próxima, por cima de Katherine, e a encontrei me observando. No escuro, seus olhos brilhavam sem cor. Ela puxou para o lado a cortina da janela e juntos nós olhamos pelos furos da grade, com o vapor de nossas respirações se misturando.

Os gritos começaram baixos e não ficaram mais altos, mas a cada minuto que passava o horror aumentava. Gritos atravessando a camada de gelo, saídos lá dos contornos escuros de Gottering. Eu os reconheci como sendo de dor. O pavor tem uma característica diferente e a dor afugenta o medo bem rápido.

“Eu preciso sair.”

“Fique”, ela disse.

Então eu fiquei.

Katherine se sentou, com as costas eretas contra o encosto acolchoado. “Algo está vindo.” Eu peguei minha espada; ela balançou a cabeça. “Vindo de outra maneira.”

Por um momento, antes de ela fechar os olhos, eu juro que os vi: verdes, verdes como grama, iluminados por dentro. Ela estava imóvel,

imóvel feito o gelo, pintada em preto e branco pelo luar que passava pela grade da janela. Eu a achei perfeita e a carência tremeu em mim. Gritos que eu já ouvira antes.

Ela estava sentada sem se mexer conforme a noite passava marchando, com seus lábios contraindo-se com uma palavra ocasional, murmurada e indistinta. Miana e os velhos dormiam, agitados em seus sonhos, mas não atormentados, e eu olhava para Katherine, ouvindo os uivos distantes, o crepitar do gelo e o som de sua respiração.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

EMPEROR OF THORNS

24

Nós chegamos a Gottering com a primeira luz do dia. A água espargiu-se pelo chão da carruagem no ponto mais profundo e trouxe o cheiro do rio até nós, mas não tivemos que sair.

Eu desci da carruagem na praça da cidade, com a enchente escorrendo pelo degrau atrás de mim. O lugar não apresentava sinais de danos e era uma cidade bastante aprazível na região mais próspera de Attar. As bandeirolas do festival da colheita ainda estavam penduradas ao longo da rua principal, de telhado em telhado. O bambolê de uma criança ao lado das rodas da carruagem. O canto dos pássaros.

"As patrulhas acharam que os gritos vinham da cidade?", perguntei.

Harran assentiu. "Não deve fazer mais de uma hora que eles pararam."

Uma fungada no ar trouxe o cheiro de podridão e merda, passando frio pelo nariz, o que se espera de qualquer cidade. E algo mais.

"Sangue", eu disse. "Houve chacina aqui. Sinto o cheiro dela."

“Revistem as casas.” Harran gesticulou para seus homens. Dúzias deles saíram, atravessando portas, com a luz do amanhecer reluzindo em suas cotas de malha.

O primeiro guarda reapareceu dentro de minutos. Ele segurava algum tipo de traje à sua frente, um troço pálido e enrugado. Seu rosto, quase tão pálido, ficou rígido em uma máscara de repugnância.

“Aqui!” Eu chamei o homem até mim e estendi as mãos para inspecionar seu prêmio.

Ele o colocou em meus braços sem aguardar um novo convite.

Mesmo com aquilo enrolado em meus braços, com o peso daquilo, o cheiro bruto, e o calor levemente obsceno ainda presente ali, levou vários instantes até eu entender o que eu segurava. Foi preciso um esforço para não hesitar e derrubar a coisa naquele instante da compreensão. Eu o levantei, deixei os braços se pendurarem e o couro cabeludo cair.

“É preciso habilidade para escalpelar um homem tão completamente”, eu disse. Perscrutei os presentes, olhando nos olhos de cada soldado. “O terror é uma arma, senhores, e nosso inimigo compreende seu uso. Vamos nos certificar de que também entendemos este jogo.”

Eu deixei a pele cair sobre o calçamento de pedras. Um som úmido. “Encontrem todos eles. Empilhem-nos aqui.”

Cavalguei pelas ruas vazias com Kent, o Rubro, e Makin, circulando a cidade pela margem do rio sem encontrar nada. Quando o sol ultrapassou os telhados, os homens de Harran já haviam feito uma pilha de cento e noventa peles, retiradas de porões, quartos, estábulos, cadeiras diante de lareiras, pela cidade toda. Cada peça com apenas os três cortes que um caçador experiente usaria para retirar o couro de um veado. Peles de homens, mulheres, jovens, velhos e crianças estavam ali, todos os rostos enrugados agora. Eu peguei o bambolê perto da

carruagem e o balancei em meus dedos enquanto o guarda montava a pilha.

Marten escoltou Miana e Katherine da carruagem até a Pousada Raposa Vermelha, o único estabelecimento de Gottering. Miana foi gingando, com sua barriga impossivelmente grande e desconforto estampado em seu rosto. Marten as instalou em cadeiras acolchoadas e lhes fez companhia enquanto elas aguardavam, com uma fogueira acesa, guardas em volta delas e Gorgoth à porta. Do lado de fora, Gomst leu uma bênção sobre os restos mortais na praça. Eu esperava que Katherine mantivesse qualquer barreira que houvesse erguido para afastar os lichkin de nossas mentes, mas ela teria que dormir em algum momento.

"Nós devemos seguir em frente", disse Harran, puxando sua égua branca para o lado de Brath. "Isto não é problema nosso."

"É verdade. O Duque de Attar não nos agradeceria por policiar suas terras em nome dele."

Harran removeu a gratidão de seu rosto tão rapidamente que muitas pessoas não a teriam percebido.

"Preparem-se para partir!", ele gritou.

Eu teria ficado feliz em seguir adiante também, mas parecia que estava sendo enxotado.

Pelas pequenas vidraças da janela da pousada, levemente tingidos de verde pelo vidro de Attar, eu vi Marten se levantar e tomar a mão de Miana com preocupação.

"Contudo", eu disse, "você não espera que outras tropas de guarda venham nesta direção, espera? A enchente reduz a opções de viagem do oeste. Quantos da Centena seguirão nosso rastro?"

"Pode ser que haja alguns." A honra não o deixaria mentir. Um problema que nunca me perturbou.

“E a guarda não é obrigada a fazer o serviço todo, a fazer com que a Centena chegue a Vyene, e não apenas aqueles em seu comando imediato?”

Harran se levantou em seus estribos. “Desconsiderem! Eu quero as vítimas encontradas. Eu quero cada casa verificada.” Com um rosnado ele saiu para fiscalizar.

“Quem ainda precisar viajar por aqui provavelmente não votará a seu favor no Congresso.” Osser Gant se levantou das sombras do estábulo, com sua silhueta magra apoiada em uma bengala com ponta de prata, um belo trabalho no formato da cabeça de uma raposa.

“Então por que eu estou lembrando a Harran de uma obrigação que ele preferia ter esquecido?”, perguntei.

Osser assentiu. “E se arriscando.”

“Você passou uma vida inteira à beira daqueles pântanos fedorentos, Gant. Quantos lichkin você já viu?”

“Um velho como eu não vai muito longe do salão de seu mestre, Rei Jorg. Mas você não encontrará muitos homens que já viram um lichkin. Você pode encontrar o corpo de um homem que já viu, e esse corpo pode tentar lhe matar, mas o homem não estará mais ali.” Osser assentiu, como se concordasse consigo mesmo.

“Nem unzinho nesses anos todos?”, perguntei.

“Os lichkin podem ser velhos”, disse Osser. “Eu não sei. Mas eles são novos nos Pântanos de Ken. Eles vagam ali há dez anos no máximo. Talvez não muito mais do que cinco anos. Até nas ilhas eles são uma praga recente.”

Marten veio até a porta da pousada e me chamou. Algo importante. Às vezes, você simplesmente sabe. Eu me balancei em minha sela e pulei. Andar, após tanto tempo na sela, dá uma sensação esquisita a algo que se faz todos os dias da sua vida, apenas por um momento, enquanto suas pernas se lembram de como foram feitas. Eu optei por cruzar a

praça lentamente. Algo me disse que aquela poderia ser uma caminhada curta, mas estava demorando bastante.

Marten se aproximou. “Acho que chegou a hora dela. Com Sarah foi assim.”

“Ela não pode esperar?”, eu disse. “Segurar um pouco?”

“Não é assim que funciona, Jorg.” A leve insinuação de um sorriso.

“Diabos.” Eu levantei a voz. “Quero mais guardas em volta desta pousada. Protejam todas as saídas.”

Eu espiei através de uma vidraça. Miana estava esticada em sua cadeira, com Katherine por perto, bloqueando minha visão. Eu não queria entrar. Houve um tempo que eu ficava feliz em encontrar algo que ainda me assustasse. Conforme os anos passavam, eu continuava encontrando coisas novas com que meu preocupar. O prazer transformando-se em espanto. Parece que homens têm muito mais a temer do que garotos.

Eu voltei até Osser. Makin terminou de cuidar de seu cavalo e veio com Kent unir-se a nós.

“E quantos lichkin existem, chanceler Gant?”, eu perguntei.

“Ouvi dizer que há sete no mundo inteiro”, disse Kent, virando o olhar para o bispo rezando perante as peles empilhadas. “Sete é demais.”

“Pode ser que haja sete”, disse Osser. “O bispo tem uma lista de sete nomes, escrita pelas irmãs da Ordem Helskiana.”

“Eu achei que a papisa houvesse ordenado que todas as videntes fossem mortas. Ela disse que os conventos não foram feitos para abrigar bruxas.” O decreto me marcou – um exemplo dos esforços que o Vaticano faz para evitar fatos indesejáveis.

“Sua santidade ordenou que se cegassem as irmãs de Helsk”, disse padre Gomst, terminando ou abandonando suas orações. “E elas foram cegadas. Mas suas visões continuam.”

Uma olhada em direção à janela da pousada revelou pouco, a não ser Marten olhando para fora. Katherine atravessou o recinto com uma tigela fumegante e um pano sobre um dos braços, e sumindo atrás dos ombros largos de Marten.

Rike voltou à praça principal, com uma caixa de carvalho preto debaixo do braço, abarrotada de talheres e seda fina. Alguns guardas a postos nos pontos de entrada lhe lançaram olhares de reprovação, mas nenhum chegou a desafiá-lo. Com ou sem armadura de ouro, eu ficaria surpreso se algum soldado profissional recusasse uma peça de pilhagem de sua escolha ao revistar Gottering. Mesmo assim, alguma coisa estava errada com aquela imagem. Eu franzi os lábios e o rosto.

"Irmão Rike." Ele se aproximou, carrancudo, apesar de suas mercadorias.

Eu estendi a mão e peguei a seda, de um laranja lustroso que nunca encontrara antes. "Qual é a sua com tecidos, Rike? Acho que nunca vi você sair de um prédio em chamas sem uma peça de tecido roubado. Alguma coisa que você não está nos dizendo?" A ideia de Rike usando um vestido formou uma imagem tão nojenta quanto as peles empilhadas. Mas esse não era o problema. A resposta me atingiu. "Você pode carregar mais que isso." Qual foi a última vez que vi Rike parar a pilhagem antes que o peso das coisas tornasse impossível roubar mais?

Rike deu de ombros e cuspiu, ficando corado no rosto. "Tive o bastante."

"Você nunca tem o bastante, irmão Rike."

"São os olhos." Ele cuspiu novamente e começou a amarrar a caixa a seu cavalo. "Eu não me importo com os dedos, mas os olhos não parecem mortos."

"Que olhos?"

"Em todas as casas." Ele balançou a cabeça e amarrou outra alça. "Na gaveta com as facas e os garfos, na prateleira do armário, atrás dos

vidros na despensa, em todo lugar que você vai caçar alguma coisa que valha a pena levar. Eu não gosto deles." Ele amarrou a última alça.

"Olhos?", perguntou Makin.

Rike assentiu e eu tive um calafrio sem querer. Sem dúvida, eles também haviam sido removidos tão impecavelmente quanto as peles. Acho que era a precisão que me enervava. Eu já vi um corvo arrancar um olho de uma cabeça preta, de tão podre, e continuei a comer minha refeição tranquilamente. Mas alguma coisa nos cortes limpos dos lichkin parecia anormal. Eu me sacudi.

Marten saiu da pousada, expulsado por Katherine. Um momento de hesitação tomou conta de mim. Será que Katherine podia ser confiada a sós com meu filho quando ela me culpava pela morte de seu sobrinho? Será que ela havia salvado Miana da faca do assassino só pela oportunidade de tirar a vida de meu filho recém-nascido? Eu descartei a ideia. A vingança é a minha arte, não a dela.

Marten parou ao meu lado e ao de Rike, ignorando nós dois, olhando para a pilha de peles, com a boca aberta por alguma pergunta perdida.

Eu dei de ombros. "As pessoas são feitas de carne. Os lichkin gostam de brincar com os pedaços. Já vi coisas piores em um açougue. Porra, já vi pior quando os homens brigam com seus prisioneiros." Esta última parte era mentira, mas a verdade é que não era a consciência que impedia os homens de chegarem perto dos excessos dos lichkin – é que os homens simplesmente não eram açougueiros tão talentosos.

Eu observei Rike em vez de Marten. Nada que fosse natural metia medo em Rike. Algumas coisas podiam colocá-lo para correr, mas ele estaria com raiva pra caralho enquanto corria, planejando sua vingança todo o tempo. A última vez que o vi fugir apavorado foi dos fantasmas na Estrada dos Cadáveres. Dedos e olhos espalhados em casas de aldeões não eram suficientes. Eu já o vi arrancar ambos, e ele não se preocupou muito se os antigos donos haviam terminado de usá-los.

Olhei novamente para o monte de peles. Algo em minha imaginação o fazia parecer se mexer. “Queimem isso”, eu disse. “Ninguém mais precisa delas.”

Fui até a pousada. Hora de passar por aquela porta.

“Maldição! Jorg, porra, onde você estava?” Ela rosnou aquele “Jorg” entre os dentes pequenos e brancos. Eu sempre disse que Miana tinha um rosto lindo e uma boca suja. E dizem que até a donzela mais respeitável pode xingar como um marinheiro quando está em trabalho de parto. Quais palavras ela encontraria quando fosse a hora de empurrar? É estranho dizer que nascemos com os xingamentos de nossas mães, mas depois disso elas acham que os jovens têm ouvidos sensíveis e só podem ouvir o que puder ser dito na igreja. Eu fechei a porta atrás de mim, deixando-a apenas um centímetro entreaberta.

Lá dentro, a pousada cheirava a fumaça de lenha, quente e próxima, e odores mais antigos e menos agradáveis, talvez de assassinatos cometidos aqui antes de o sol nascer.

“Jesus amado!” Miana suspirou e cuspiu, segurando-se. Ela se recostou em uma grande poltrona cheia de almofadas. O suor pontilhava sua pele, os tendões esticando-se em seu pescoço. “Eu não quero meu bebê aqui. Não aqui.” Katherine olhou para mim por cima dos seios inchados de Miana. Nas paredes, manchas marrons onde corpos sem pele haviam tocado as tábuas ásperas.

Eu não queria que meu filho nascesse na estrada. É um jeito bastante difícil de se viver, e não é uma forma apropriada para vir ao mundo, nem mesmo com uma carruagem dourada e uma guarda de honra decorada de maneira igualmente rica. E esta vila dos mortos trazia agouros ainda piores. Eu pensei em Degran pequeno, frágil, quebrado em minhas mãos. Os lichkin tinham Gottering em suas mãos, à espera, e Miana estava prestes a dar à luz.

Gorgoth virou-se da entrada da pousada, levando mais lenha para a pira na praça. Um tronco grosso em cada mão, retirados da pilha contra a parede. Os guardas aderiram, arrancando pedaços de janelas, quebrando uma carroça abandonada. Outros vieram do porão da pousada com garrafas de conhaque e frascos de óleo de lampião para acender as chamas. Eu abri a porta e fui atrás de Gorgoth.

"Volte já para cá, seu desgraçado filho de uma puta!"

Eu fechei a porta, vigiada pela Guarda Gilden dos dois lados. Sobrancelhas foram erguidas.

"A rainha não está se sentindo bem", eu disse.

Seis cabeças com capacetes dourados acompanharam conforme eu passei entre elas.

Os lichkin tomaram conta da cidade, de todos nós, embora muitos de nós ainda não soubessem disso. Talvez um pouco de fogo pudesse afrouxar o controle deles e dar uma limpada no ar. Gottering estava enfeitiçada agora, encantada, com uma única grande runa plantada em pedaços de gente. Magia de sangue.

Quando as tábuas estavam umedecidas e amontoadas em volta da pilha de peles esfoladas, eu retirei Gog de sua bainha. A lâmina brilhou sob o sol de inverno, de modo que era possível imaginar chamas dançando em seu gume. Eu a encostei à madeira. "Queime", eu disse. E as chamas realmente dançaram naquela linha afiada.

O fogo se espalhou rapidamente, saltando em meio à madeira quebrada, devorando o óleo e a bebida, metendo os dentes quentes na tábua. Quase imediatamente o cheiro penetrante de carne queimada exalou, mais forte que a fumaça. A memória me levou ao Assombrado, andando por entre corpos queimados para encontrar Egan de Arrow. E apenas um momento depois, outra lembrança, os gritos daqueles que o fogo não havia matado. Só que... não era lembrança.

"Quê?" Eu inclinei a cabeça para localizar o som. Um lamento agudo.

Capitão Harran surgiu na praça a cavalo. “Está vindo daquele bosque, na serra a oeste. Hollow Wood.”

Quando viemos a Gottering, havia outra ilha nos campos alagados, trezentos metros a oeste, alguns hectares de bosques emaranhados.

A misericórdia dos lichkin, Gomst dissera, *é que no fim eles o deixam morrer*.

Mas não ainda.

As pessoas de Gottering ainda estavam vivas. Elas ainda sentiam. Em algum lugar naquele bosque, quase duzentos habitantes da cidade, esfolados, sem dedos ou olhos ou dentes, uivavam enquanto eu queimava suas peles.

“Jorg!” Um grito à beira da histeria. Katherine à porta, pálida, emoldurada por cachos avermelhados.

Eu corri, com a espada em punho. Eu passei por ela, empurrando-a.

“Ficou... ficou mais forte. Eu não consegui impedir”, disse Katherine atrás de mim.

Miana estava diante da lareira e dos troncos crepitantes, em cima de lençóis dos quartos da pousada, com as saias amarradas em muitas camadas em torno de seus quadris. A dor havia retorcido suas pernas. A luz da fogueira brilhou sobre a pele esticada demais em sua barriga. Branca sobre a pele vermelha, posta sobre minha criança escondida, a marca de uma mão de três dedos.

“Miana?” Eu me aproximei, enfiando Gog de volta em sua bainha. “Miana?” Um toque frio tremeu sobre meu peito. Talvez aquela mesma mão de três dedos, tentando me alcançar. Eu não tenho nada de poeta e suas palavras floreadas, mas naquele momento meu coração realmente se congelou, virando uma ferida pesada e apertada ao vê-la ali, uma dor física que me tirou o equilíbrio. Uma fraqueza que o lichkin infectou em mim, sem dúvida.

“Miana?” Os olhos que ela virou em minha direção não me conheciam.

Eu me virei em direção à porta, quase derrubando Katherine no chão.

"Você vai embora?"

"Sim."

"Ela precisa de você." Raiva. Decepção. "Aqui."

"O lichkin está atingindo tanto a ela quanto a meu filho", eu disse. "E onde quer que este lichkin esteja, não é aqui."

Eu a deixei, deixei Miana, deixei a pousada. Passei apressado pela pira onde as peles borbulhavam e derretiam, com gordura escorrendo e fumegando sobre as pedras da rua.

Com os irmãos em meu encalce, corri até a esquina perto dos fornos da padaria, até um degrau que dava vista para o oeste, por cima das águas brilhantes em direção às árvores desfolhadas onde meu inimigo esperava. Eu parei, deixando meu corpo imóvel, deixando as batidas de meu coração contarem o tempo – tempo para o juízo e a clareza me alcançarem. Momentos se passaram apenas com os uivos distantes e o reflexo preto dos galhos saindo em direção a Gottering.

"Superfícies e reflexos, Makin", eu disse. "Mundos divididos por barreiras tão finas, invisíveis, irreconhecivelmente profundas."

"Perdão, majestade?" Makin refugiou-se na formalidade, em vez de tentar me acompanhar.

Cada fibra de meu ser gritava por uma atitude. Minha esposa estava marcada e atormentada, uma estranha para mim, uma prisão para meu filho. Meu filho!

Meu pai me diria "Encontre uma nova esposa". Pregue os dois, mãe e bebê, ao chão com uma estocada da espada e siga em frente. Deixe o lichkin se sufocar com aquilo. E eu faria isso mesmo, se nenhuma opção melhor me restasse. Eu o faria. Eu disse a mim mesmo que o faria.

Permaneci parado, apenas com um tremor em meus dedos. "Considere o problema em questão, Lorde Makin. O bom bispo me diz que há pelo menos sete lichkin, talvez mais. E nós sabemos que eles

estão atacando em Attar pela primeira vez. Talvez estejam atacando em outras rotas até Vyene, espalhados. Parece-me que, se eles fossem muitos e estivessem confiantes da vitória sobre os soldados, em vez de atacarem aldeões, eles teriam vindo até nós ontem à noite. Ou isso, ou eles estão brincando de gato e rato conosco."

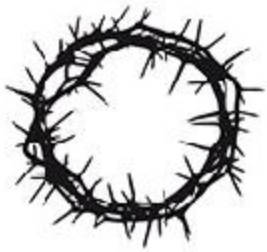
"Bem, eu preferiria descobrir sobre novos inimigos encontrando um deles sozinho, portanto esta é uma chance que não podemos perder, e não um horror do qual devemos correr", eu disse.

Ele queria que corrêssemos. Tudo isso, tudo aqui era sobre medo. Ele queria que Miana fosse colocada em uma carruagem e que quinhentos guardas saíssem galopando pela estrada até Honth.

"E se for o gato brincando com o rato?", perguntou Makin.

Eu sorri. "Que chance melhor o rato terá de matar o gato?"

Eu saquei Gog e o fogo que invadiu a espada fez todas as chamas que queimaram ali antes empalidecerem. Eu saí em direção às árvores negras e aos gritos enfraquecidos de Gottering, vadeando águas escuras com os irmãos seguindo meu rastro. E eu andei, em vez de correr, embora um fogo ardesse em mim quase tão forte quanto o de minha espada, porque as superfícies dividem o conhecido e o desconhecido, e, embora eu possa andar por onde anjos temeriam passar, tento não me apressar como um tolo.



TRILOGIA DOS ESPINHOS

EMPEROR OF THORNS

25

Água de enchente sempre tem o mesmo fedor, de terra após a chuva, porém exagerado demais, contaminado com podridão. A temperatura gelada me fez segurar o fôlego, aumentando aos poucos conforme eu atravessava. Meu rosto ardia com o calor do fogo na lâmina de Gog, refletindo na água escura e faminta. Alguma bobagem me fez pensar no meandro suave do Rio Sane atravessando a Cidade de Crath, na curva depois da Ponte das Artes onde pilares de pedra saem da corrente lenta para demarcar uma área para nadar. Mamãe nos levava lá no calor do alto verão quando o Sane ainda se lembrava do inverno. Como éramos pequenos, nós entrávamos aos pouquinhos, guinchando. Aquele grito e sobressalto conforme o rio pegava nossas partes íntimas com as mãos geladas – eu senti o mesmo novamente e segurei a exclamação.

"Que gelo!", Sir Makin disse atrás de mim. "Acho que meu saco não vai descer de volta por um mês."

"Por que estamos indo?", Rike perguntou lá do fundo.

Eu olhei sobre meu ombro para Gorgoth quase nu, apesar do frio, empurrando uma onda de proa para a frente; Kent, o Rubro, com sua espada curta e machado levantados acima da água; Makin com um sorriso; Rike com a cara amarrada; Marten de rosto franzido, determinado, com a estampa em seu escudo de vigas pretas de uma casa queimada em um campo verdejante.

"Por quê?", repetiu Rike.

"Porque ele não quer que façamos isso", eu disse, seguindo em frente.

Eu fiz uma anotação mental para mudar meu jeito. Se você pular toda vez que um inimigo mandar você se sentar, essa previsibilidade se torna um anel em seu nariz pelo qual você pode ser puxado quando não dá para empurrar.

"Divirtam-se." Rike soou mais distante atrás de mim.

Eu parei e me virei. Rike nunca havia realmente levado a sério o fato de eu ser rei. Eu podia ter sete nações onde homens se ajoelhavam para mim aos milhares, ou por amor, ou por medo, principalmente medo, mas Rike só se ajoelhava quando seu joelho iria se quebrar se não o fizesse.

"Precisamos fazer isso agora, irmão Rike?", eu perguntei.

Ele riu. "Você vai fazer o quê? Cortar minha pele e arrancar meus olhos?"

Aparentemente, o lichkin o assustava mais do que eu.

"Claro que não." Eu balancei a cabeça, mostrando-lhe o velho sorriso. "Eu sou um rei!" Eu dei um passo em direção a ele e abaixei a ponta de Gog até a água para que ela chiasse, pulasse e esguichasse, com o vapor subindo entre nós. "Mandarei um profissional fazê-lo. Alguém que realmente goste disso. Reis não sujam as mãos."

Gorgoth soltou uma risada profunda com aquilo. Makin uniu-se a ele. No fim, até Rike soltou aquele "hur" dele e nós prosseguimos. É difícil fazer piada quando se está com o saco dentro da água gelada e rumando

ao inferno, mas felizmente minha plateia não era muito exigente. E eu também não estava brincando.

Mais perto do bosque agora, com água até a cintura, cada passo afundando na maciez oculta. Eu quase caí três vezes, tropeçando em algum arbusto submerso ou cerca. Makin afundou uma vez e voltou xingando e cuspindo.

A água parecia mais fria perto das árvores, com placas de gelo muito finas deslizando atrás de nós e uma bruma subindo, misturando-se ao congelamento de nossa respiração. A neblina se elevou conosco, conforme a inclinação nos levou da enchente até as primeiras árvores negras e gotejantes.

Eu vi o primeiro fantasma apenas como um vislumbre entre os troncos, uma figura passando rapidamente mas sem agitar as águas na altura das canelas. Apenas um vislumbre, com cabelos pretos bagunçados, enlameados, uma criança. O nome Orscar passou por mim, embora eu não pudesse identificá-lo. Eu me virei para alertar os irmãos, com a espada ainda apontada para onde o menino estivera. E é claro que encontrei apenas a neblina. Neblina e uma cruz de ferro, um pingente pendurado em um galho baixo com uma marca de esmalte vermelho no ponto de cruzamento. Pelo sangue de Cristo.

"Eu conheço esse jogo de sombras, coisa morta!" Balancei Gog em um círculo lento, com as brumas se encolhendo perante as chamas. "Pode trazer minha mãe morta, William, até o bebê, se quiser. Traga os mortos de Gelleth, o fantasma de Greyson com os olhos arrancados, traga Lesha carregando sua cabeça. Você está jogando as cartas erradas comigo. Já vi pior."

"Já mesmo?"

Uma dor aguda em meu peito. Eu me virei novamente e o fogo de Gog se apagou. A espada caiu conforme meu braço perdeu a força.

Meu pai apareceu, em pele de lobo, de coroa de ferro, os cabelos de ferro e o inverno em seus olhos.

"Você não está morto." As palavras saíram de mim, suaves e sem emoção. "Não é um fantasma."

"Não sou?"

"Não é!" Por baixo de meu peitoral, o sangue escorria, bombeado por uma velha ferida, ensopando minha camisa e as lãs por cima, correndo em filetes quentes sobre minha barriga. "O Castelo Alto não sucumbiria a cadáveres do pântano." Eu balancei a cabeça. "E seus homens são medrosos demais para cortarem sua garganta." Eu pisquei. Ele estava ali, com a água ondulando em volta de suas botas altas, sólido e pior que pregos, não era um espectro cinzento.

"Você será pai em uma hora, Jorg." Ele olhou para suas mãos, esticadas à frente de seu cinto, virando-as das palmas para as costas das mãos, das costas para as palmas.

"Não..." Os dedos soltos encontraram um apoio mais firme no cabo de Gog. "Como você sabe disso?"

"Os fantasmas sabem o que sabem." Ele se virou para olhar para a névoa.

"Você não está morto." Não era possível. Ele não podia morrer. Não aquele velho. E não sem ser eu a fazê-lo. "Como..."

"O filho errado morreu, Jorg." Eu nunca conheci ninguém com o talento de meu pai para cortar as palavras de um homem sem levantar a voz. "Deveria ter sido William a ser retirado dos espinhos. Ele tinha a minha força. Você sempre foi o queridinho da sua mãe. Melhor Degran do que você. Melhor até ele."

"Quem matou você?", eu perguntei, intimando.

"Quem?" Aqueles olhos viraram-se para mim outra vez. E eu achei que estava frio antes. "Meu coração pifou, trepando com aquela minha teutona bonita. Como era que você a chamava? A puta Scorron."

As águas subiram à nossa volta, girando, remoinhando em volta das árvores. Até os joelhos, até as coxas.

Minha força me deixava a cada batida de meu coração, com os membros gelados, o único calor vindo do sangue que escorria da velha ferida, aquela que meu pai me deu, aquela que nunca deveria ter sarado. "Você será pai em breve, Jorg. Aquela sua pequena esposa sulista vai ter um filho. Em gosma e sangue, berrando para o mundo. Assim como o meu fez. O homem enviado pela papisa fracassou. Eu disse a ela 'mande três, dois no mínimo', mas a vadia idiota mandou só aquele. Disse que era o melhor que tinha. Eu tinha grandes esperanças, mas ele fracassou."

"Você sabia?" A enchente chegou a meu peito. Sem o apoio dela, duvido que pudesse ficar de pé. Quando ela alcançou a ferida eu senti a frieza sendo despejada dentro de mim, como se água negra estivesse me enchendo como uma cabaça oca.

"É bom que você não vai ver seu menino", meu pai me disse. "Você é fraco demais para criar um filho." Sua pele de lobo boiava na enchente mas aquilo não significava nada para ele. Ele me observava com apenas a insinuação de um sorriso, algo tão frio quando seu olhar.

A água se derramava em volta de meu pescoço, fazendo meus dentes baterem, meu cabelo flutuar ao meu redor, arrastado pela correnteza. O peso de minha armadura, da espada segurada pela mão dormente, a tração da lama, tudo me segurava para baixo.

Eu pensei em meu filho, em Miana com a mão branca marcada em sua barriga, e uma fagulha de raiva se acendeu em mim apesar do frio. "Era eu quem tinha de matá-lo, velho." Eu disse isso rosnando antes de a água tapar minha boca e me engolir.

Eu olhei para cima, para a superfície distante através de ervas escuras – o movimento emaranhado de meus cabelos. Muito acima de mim, impossivelmente longe, uma superfície ondulada partindo a luz do dia

para enviar brilhos fracos até as profundezas gélidas. Uma mão pairava acima de mim, troncha, esticada em direção ao céu. A minha mão. A luz fraca e esverdeada estampava padrões em meus dedos.

Eu olhei. Olhei para aquele sol distante. Ele poderia estar a um milhão de quilômetros. Lundist havia dito um milhão. Mais de um milhão. As águas me seguravam. Eu estava imóvel e olhei até que aquele pedaço brilhante de luz esverdeada fosse tudo o que eu podia ver e se tornasse meu mundo.

Imagens se formaram. Tingidas de verde. E parecia, apesar das águas me segurarem, apesar de meu peito ansiar por ar e meu coração bater por trás de minhas costelas, que eu não estava olhando o céu através da água, mas pela vidraça esverdeada de Attar para um quarto da pousada. Um quarto onde o fogo queimava na lareira, onde Miana estava deitada, com Katherine agachada a seu lado.

Eu vi o lichkin ir atrás delas, com a porta voando estilhaçada. Ele entrou, lenta e calmamente, uma coisa ossuda, envolto em espaço morto onde os olhos não veem. A criatura havia nos deixado uma armadilha em Hollow Wood e esperou que saíssemos. Enquanto nós estávamos nos afogando, o lichkin entrou em Gottering.

Guardas vieram com tudo atrás dele. Atrás dela. De alguma maneira, eu sabia que o lichkin era ela. Eles caíram, sufocados, talvez afogando-se com seus próprios fantasmas, estrangulados por amores perdidos, asfixiados por pais repressores ou quaisquer fragmentos espalhafatosos de seus passados que os assombrassem. Todos nós carregamos as sementes de nossa própria destruição dentro de nós, todos nós arrastamos nossa história atrás de nós como correntes enferrujadas.

Katherine se levantou para encontrá-la.

“Você não devia ter vindo.” De alguma maneira, a voz de Katherine chegou até mim, atingiu meu cérebro moribundo, atravessando o estrondo de meu coração.

A lichkin avançou em Katherine, apenas com as mãos visíveis para mim, brancas, como ossos, como raízes. Minha visão pulsou e piscou. Em um instante, eu tomaria o fôlego pelo qual meu corpo gritava.

"Você não sabe de nada, coisa morta." Katherine estava diante dela, com os vermelhos claros de seu vestido de viagem balançando em volta dela. Mesmo morrendo, eu via sua beleza. Sem desejo – apenas uma constatação, como a glória de um vitral, ou a brincadeira de luz e sombras sobre as montanhas. Eu via seu medo também, e a força que o continha.

Aquelas mãos estenderam-se até ela, rápidas, porém diminuindo, como se encontrassem alguma resistência invisível.

"Você não pode ser muito velha, coisa morta", disse ela. "Está escrito nos livros mais antigos. O sono e a morte são irmãos. O Bardo sabia disso. Pois, no sono da morte, quais sonhos virão? E acredite em mim, coisa morta, de sonhos eu entendo."

A lichkin uivou e levantou um turbilhão cinzento em volta de Katherine. Suas saias se agitaram à sua volta. Aos pés de Katherine, Miana se contorcia e gemia. Formas se moviam naquele turbilhão. Formas e insinuações.

"Basta", disse Katherine, com a voz aguda. "Fantasmas, é? Mas os sonhos são povoados por fantasmas e mais quase nada. Fantasmas são feitos de sonhos, sonhos mortos, sonhos perdidos, sonhos ruins, sonhos que se prendem em pequenos círculos apertados, que cavam seus buracos no tecido do mundo e não largam."

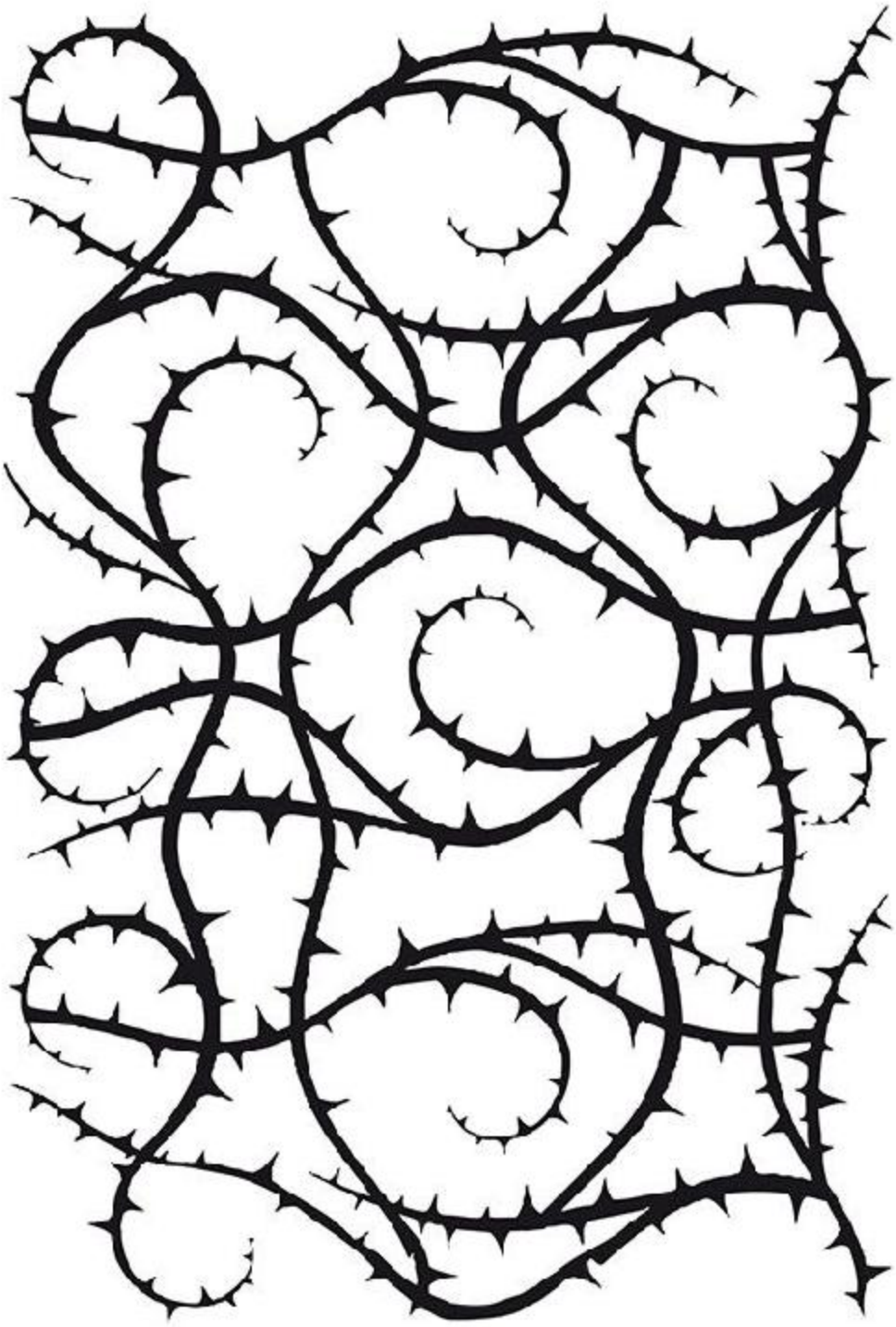
A mão se Katherine serpenteou e apanhou algo do redemoinho, segurando-o pelo pescoço. Para mim, era Orscar do monastério, Sunny amarrado ao poste dos Cachorros Malvados, Lesha querendo que eu a salvasse, o menino em Albaseat apanhando do ferreiro. Você não pode salvar todos, então por que salvar qualquer um? Ela o estrangulou, com os dedos ficando brancos pelo esforço. Por fim, o rosto de meu pai

apareceu ali, preto de sangue. E em seguida, puf, ele sumiu em uma nuvem de fumaça, nada mais.

Katherine deu um passo à frente, um passo rápido. E a lichkin hesitou. Ela se virou para fugir, mas Katherine a pegou. Pegou a mão branca feito osso. Ela segurou a lichkin, dura pelo esforço, a mão ficando branca, as veias ficando cada vez mais escuras, mas ela se recusava a soltá-la.

"Você não devia ter vindo."

E eu rompi a superfície. Engasgado e arfando, eu me sentei, com a água em volta de mim com uns trinta centímetros de profundidade. Talvez quarenta. Não mais. Eu tomei o fôlego mais doce e reparti o véu negro de meu cabelo. Por toda a minha volta, à beira de Hollow Wood, os irmãos estavam sentados, engasgados e arquejando, cuspindo água, com os rostos roxos.



TRILOGIA DOS ESPINHOS

EMPEROR OF THORNS

26

A HISTÓRIA DE
CHELLA

A carruagem se sacudiu sobre a lama endurecida pelo gelo e Chella praguejou novamente. No banco em frente, Kai parecia bem mais confortável, quase dormindo, como se se balançasse nos braços de sua babá. Ela apertava o braço da poltrona, com os dedos brancos sobre o couro. Cinco anos privada da necromancia, cinco anos desde que o garoto de Ancrath a drenara, encolhera seu poder na tempestade de fogo dos fantasmas dele. Ela achava o Rei Morto meramente cruel por puni-la dessa maneira, por deixá-la encalhada mais uma vez nas praias da vida, atormentada pelas dores cotidianas da carne, zombada por trivialidades como a temperatura. Agora ela dava valor a sua astúcia também.

"Maldição." Chella abraçou suas peles bem apertadas. "Quem fez o outono tão frio?"

“Quem decidiu fazer o Congresso às portas do inverno?”, Kai perguntou. “Esta é a pergunta mais racional.”

Chella estava com frio, não estava racional. A maneira tranquila de Kai a irritava. Frequentemente voltava ao dia em que ele e a garota foram arrastados até ela pelos espíritos do lodo, atravessando os canaviais, com lama e sujeira em seus cabelos e o pavor congelado em seus rostos jovens e frescos. Cada demonstração de sua confiança retornando, cada insinuação do leve desprezo que se escondia atrás do sorriso dele a fazia se arrepender de usá-lo ainda mais. Melhor que ele houvesse morrido com aquela rameira atrevida.

A necromancia no fundo é um prazer oculto, uma rendição ao instinto mais sombrio. O fato de o Menino Dourado ter reconquistado sua autoconfiança, seu charme e seu sorriso vencedor, como se ele houvesse acabado de se envolver em um vício secreto, um mal necessário, a corroía a todo momento. Que ele provara ser tão bom naquilo a fazia querer arranhar o rosto dele inteiro. Ele parecia pensar que era algo que pudesse deixar de lado quando não fosse mais necessário, como fez com aquela garota. Qual era o nome dela? Sula? Ela se perguntou se Kai ainda se lembrava.

A necromancia precisa custar caro. Com certeza havia custado para Chella. Jorg pode ter dado uma mordida de graça, mas ele só teve um gostinho. O Menino Dourado, por outro lado, havia começado como se não fosse nada além de um malabarismo, e ainda precisava deixar uma bola cair.

“Eu odeio estar viva”, Chella disse ao mundo que passava pela grade da carruagem, com arbustos tão congelados que cada galho se eriçava com espinhos de gelo.

“E mesmo assim nós nos apegamos tanto a ela”, disse Kai. “Às vezes pelas pontas dos dedos.”

Ele andara pelas terras secas. Achava que sabia tudo. Achava que conhecia os dois lados da moeda, por suas perambulações pelas fronteiras onde os mortos recentes às vezes perdiam seus caminhos. Chella pensou no quanto a longa viagem o mudaria. No que tiraria a tranquilidade do sorriso dele. Em algum lugar depois da Absolvição, onde os anjos temem pisar, talvez até nas areias pretas que levam às cavernas onde vivem os lichkin. Aquilo estava esperando por ele ali e no dia de sua epifania sombria ela perdoaria as desfeitas e a superioridade dele, pois já seriam coisas destruídas que não lhe eram mais úteis. Até esse dia, porém... mais um incentivo animado e ela lhe arrancaria o rosto.

O balanço da carruagem fazia o estômago dela pular. Seus ossos doíam, então era dolorido sentar. E o frio, úmido, insidioso! Ela enxugou o nariz, deixando um rastro brilhante nas costas da mão, depois fungou, percebendo e fingindo ignorar o olhar de tênue repulsa de Kai.

Nós brincamos com cadáveres e meu muco o ofende!

Estar tão viva a tornava pequena e fraca.

A carruagem parou e o cocheiro bateu três vezes no teto.

Kai levantou a cabeça. "Problemas?"

Chella não pressentiu nada, mas em seu estado diminuído isso não significava muita coisa. Ela deu de ombros, inclinou-se para a frente e abriu a porta da carruagem.

Axtis estava de pé na lama, com sua armadura dourada brilhando ao sol do inverno, machucando os olhos dela. Outros da Guarda Gilden amontoaram-se em torno dele em seus cavalos. "Fumaça subindo na cidade à frente."

"Qual cidade?" Chella apertou os olhos. Sair da carruagem não a interessou, o sol prometeu calor, mas mentiu.

"Gottering."

“Nunca ouvi falar. Mande cavaleiros na frente e siga adiante.” Ela se recostou na carruagem e fechou a porta. “Duzentos e cinquenta homens! Preocupados com fumaça. Mesmo se o lugar fosse uma grande fogueira, nós poderíamos atravessar.”

“Talvez nossos amigos tenham chegado aqui antes de nós.” Kai pegou o vapor de sua respiração e o transformou em um ponto de interrogação que desapareceu entre eles. Velhos truques.

“Os lichkin não são amigos de ninguém, jurado pelo vento. É bom você se lembrar disso.”

A carruagem entrou em movimento novamente e em pouco tempo começou a rolar em lama mole e crostas de gelo tilintantes.

“A estrada está alagada, nós estamos vadeando”, disse Kai, com a cabeça recostada nos apoios, de olhos fechados. “Há uma espécie de pira na praça da cidade. Sem ossos.”

Kai dissera a ela que sua visão do vento aumentou junto com sua visão da morte. Ela o odiava ainda mais por isso. Seus olhos se reviravam sob as pálpebras, olhando para a frente deles, vendo o que ela não conseguia. Mesmo assim, ela se permitiu dar um sorriso. Havia coisas à frente que Kai não conseguiria prever, não importava a que distância o vento levasse sua visão. A astúcia do Rei Morto os havia colocado nesse caminho. Dois necromantes enviados ao Congresso. A necromancia necessária para esse propósito, tão necessária quanto o fato de que eles estavam próximos o bastante da vida para passarem incólumes – e a vocação de Kai era recente demais para causar alarme e ela estava longe demais de seu antigo poder para parecer uma ameaça.

Águas escuras vazaram pela fresta da porta conforme seguiram, e a carruagem estava meio flutuando agora. Depois, quando pareceu que eles iriam afundar, as rodas encontraram a estrada novamente e eles voltaram à terra seca. Chella sentiu o cheiro de carne queimada.

“É uma pira funerária.”

“Não há ossos”, disse Kai. “E as bandeiras do festival estão expostas. Uma celebração, talvez?”

Chella conhecia a morte. Ela balançou a cabeça.

Ela saltou da carruagem antes que o veículo parasse.

“O que foi?” Kai saltou atrás dela.

Chella ergueu a mão para silenciá-lo; não que ela escutasse com os ouvidos, mas a sensação de calá-lo era boa.

“Gritos...”, ela disse. Uma agonia horrível. Sua pele ardeu com aquilo. Uma mão ergueu-se em frente ao seu rosto e por um instante ela não a reconheceu como sua, pendurada em um fio invisível, um único dedo longo, ossudo nas juntas, apontado. A mão indagadora parou, indicando as águas entre a cidade e um bosque próximo. “Lá.”

“Eu mal posso sentir alguma coisa”, disse Kai.

“Está se escondendo.” Chella uniu as mãos diante de si, dando forma à sua vontade. Ela podia ter apenas um eco de seu poder, mas utilizou o que tinha com muita experiência. “Ajude-me a puxá-lo para fora.”

Atrair coisas mortas de trás de um véu sempre fazia Chella se lembrar da fossa em Jonholt. Era um verão quente e o fedor subia por entre as tábuas, acre, forte o bastante para fazer seus olhos lacrimejarem naquele dia, o dia em que ela derrubou o broche de Nan Robtin. Derrubou é a palavra errada. Ela o havia pregado cuidadosamente à sua blusa, furando a lã grossa com o alfinete de aço. E mesmo assim ele caiu, girando no ar, brilhando, partindo a luz em diamantes, embora fosse apenas de vidro e espelho. Ela errou o broche duas vezes no ar, roçando os dedos nele, atrapalhando-se, fazendo-o deslizar pelas tábuas e caindo no buraco de bosta.

Durante muito tempo, Chella ficou parada olhando para o buraco. A imagem do broche brilhante caindo na escuridão se reproduzia em sua mente. Ela não havia pedido para usá-lo. Nan teria negado. *É só um empréstimo, se você devolver*, ela dissera a si mesma.

“Senão é roubo”, ela sussurrou ali perto da fossa, atrás dos arbustos de lilás.

Ela se deitou sobre as tábuas, com o nariz enrugado, prendendo a respiração contra a força física do fedor. As bochechas contra a madeira, o braço esticado para baixo, as tábuas manchadas arrastando-se por seu bíceps através da blusa. Os dedos encontraram a sujeira, de uma frieza surpreendente, uma sensação rastejante de repugnância conforme ela mergulhava a mão, o estômago se revirando, a mão agora envolvida, querendo fechar os dedos porém se esticando, procurando.

A necessidade de tomar fôlego cresceu em seu peito, uma exigência insistente. Os olhos apertados, os dedos dos pés curvados, as pernas se debatendo, a mão procurando. VOCÊ VAI RESPIRAR. E no fim a vontade do corpo se mostra mais forte que a da mente e você sempre respira.

Chella ficou deitada, engasgando, com um leve derramamento de vômito ácido escorrendo de sua boca arquejante e seus dedos ainda caçavam em um mundo frio, meio sólido, meio líquido.

E, após aquilo tudo, a picada repentina do alfinete do broche a fez gritar e puxar a mão para fora, vazia, espirrando imundície.

“O truque”, ela murmurou para Kai, “é deixar picar.”

Quando a picada veio, Kai desabou gritando e Chella aguentou com uma satisfação cruel, arrastando para fora o que estava perdido e escondido. Fraca como estava, Chella usou a vida que a preenchia para seduzir e ancorar sua presa. Finalmente, quando seus ossos ameaçaram rasgar sua carne e sua pele se ela não soltasse sua presa, Chella puxou ainda mais forte e uma névoa começou a girar na superfície da enchente. Padrões de gelo se espalharam pela bruma, correndo em uma profusão selvagem, angular, sobre a água escura.

Ela surgiu em um estilhaço de gelo, algo ao mesmo tempo mais branco que a geada e mais preto que as águas, uma criatura de membros

pálidos como ossos feita da sombra da meia-noite, fina como uma lâmina, as mãos divididas como raízes em três dedos. E de alguma maneira, apesar da falta de características definidoras, inegavelmente feminina. Sem boca, sua dor aumentava em um registro diferente, ressoando em uma angústia profunda nas cavidades dos dentes de Chella. Homens da guarda cambaleavam à sua volta, sufocados, com os olhos lacrimejando.

"Keres!" Chella chamou a lichkin, selando-a de volta ao mundo.

"O que aconteceu?" Kai se levantou, tomando fôlego. "Eu posso vê-la. O que mudou?"

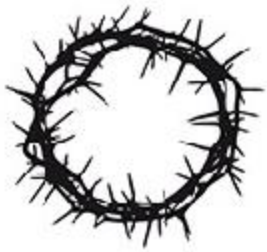
"Eu..." Alguma coisa *havia* mudado, a lichkin estava exposta, despida de seu manto de fantasmas.

Kai cerrou o maxilar pelo sofrimento ressoante da lichkin.

Os fantasmas haviam sumido, haviam sido arrancados.

E naquele momento Chella compreendeu.

"Ela foi esfolada."



TRILOGIA DOS ESPINHOS

EMPEROR OF THORNS

27

— CINCO ANOS ATRÁS —

Permaneci muito tempo no escuro, tomado pela febre. Eu estava na poeira ao lado do cadáver recente de um homem de mil anos e, de tempos em tempos, quando minha mente clareava o suficiente para entender as exigências enroladas de minha língua ressecada, eu bebia.

Sem luz e sem som, sonhos não se diferenciam de delírios. Eu falei sozinho – murmúrios e acusações – e às vezes com Fexler, com a cabeça para baixo e a parte de trás de sua cabeça uma bagunça molhada, macia e afiada. Eu segurava a arma dele – meu totem contra os terrores noturnos. Na outra mão eu segurava a caixa com estampa de espinho, resistindo à tentação de abri-la mesmo na loucura da febre.

Eu falei com meus demônios, dirigindo-me a cada um com longos e aborrecidos monólogos enquanto me revirava na poeira. A cabeça de Lesha me observava da alcova onde as pílulas estiveram, com a pele luminosa e o sangue escorrendo negro do toco de seu pescoço. Sunny veio sem olhos

para fazer a vigília, com as palavras de sua língua chamuscada tão incoerentes quanto as minhas. William veio de mãos dadas com minha mãe, os olhos dela preocupados, os dele duros feito pedras.

"Eu tentei salvá-lo." A mesma velha história – nada de novas desculpas de Jorgy.

Ele balançou a cabeça com sangue e cachos. Nós dois sabíamos que espinhos não o segurariam.

Os mortos de Gelleth vieram para montar guarda e meus irmãos do lamaçal foram reunidos por Chella só para mim.

E com o tempo os remédios de Fexler fizeram sua mágica lenta, minha febre passou e os sonhos esvaneceram-se na escuridão. Os olhos de William foram os últimos a sumir, pendentes como uma acusação.

"Estou com fome." Os ossos de minha coluna se rasparam quando eu me sentei.

Eu não sabia quanto tempo permanecera deitado ali – tempo suficiente para Fexler começar a feder do jeito errado. Mas nem aquilo impediu o ronco de minha barriga.

Fiz uma refeição com as bolachas duras em minha bolsa, encontrando-as com os dedos e mastigando no escuro, cuspindo o que não fosse comestível, pegado por engano. Eu saqueei Fexler sem desperdiçar minha luz, uma revista com os dedos, descobrindo e explorando os muitos bolsos dele. Em uma das mãos eu segurava a faca apontada, sem confiar em seu corpo frio e duro para resistir aos meus galanteios sem protestar. Ele ficou quieto, contudo. Talvez os Construtores tivessem meios de defender seus salões de tais influências, assim como os selos que os jurados pela mente colocam nas sepulturas reais protegem suas cargas. Eu encontrei uma caixa retangular leve, como um estojo de cartas, com conteúdo pesado e barulhento; em outro lugar, vários cartões flexíveis que pareciam de plastik, tubos que podiam ser instrumentos de escrita no bolso de sua camisa. Tudo isso foi para a minha bolsa.

Finalmente, quando estava pronto para partir, eu reacendi meu lampião de frasco e pavio.

Entrar no poço acabou sendo o pesadelo que eu imaginara. Escalar até o ponto em que eu pudesse agarrar a corda foi pior ainda. Errar a corda, cair e ter que repetir o processo quase fez minha história terminar com um esqueleto empoeirado no fim de um buraco fundo e seco.

Quando eu me atirei para fora, ao sol do meio-dia, com as mãos ensanguentadas, arfando, desidratado demais para suar, Teimoso e o garanhão estavam esperando onde eu os deixara, lançando os mesmos olhares de quando saí. O garanhão tinha gotículas de espuma branca em seu focinho e ambos apresentavam sinais de desidratação, o corpo magro e um brilho doentio nos olhos. Eu fiquei diante deles, curvado de exaustão, com a respiração ofegante, os olhos quase fechados por causa da claridade do dia. Eu me perguntei se os fantasmas dos Construtores se sentiam assim quando saíam de um mundo para outro. Será que eles precisavam se esforçar nas profundezas de sua estranha existência para emergir como Fexler fizera, pintado por máquinas para os olhos humanos? Aqueles velhos fantasmas me observaram enquanto eu me endireitei, enquanto uma mão se ergueu para proteger meus olhos. Eu sentia a atenção deles. Tão inexpressiva e ilegível quanto a do mulo – e com certeza mais estranha.

A água do último cantil cheio nas costas do garanhão fez pouco mais do que molhar nossas línguas, quando dividida por três. Eu teria tomado tudo, claro, se não achasse que conseguiríamos os três sair dali e voltar aos barris dos Cachorros Malvados.

O acampamento dos Cachorros Malvados conservava poucos sinais de seus antigos mestres. Um osso partido aqui e acolá, as armas, alguns farrapos, pedaços de armadura, tudo com uma camada de poeira. Eu só fiquei o

suficiente para tomar uma das pílulas amargas de Toltech e encher meus cantis.

Dei uma olhada pelo anel de visão antes de sair. Parte de mim queria ver Fexler ali, dizer a ele quanto sua liberdade havia custado, para ver se ele se importava. O anel não mostrou nada além do mundo através de um círculo de aço prateado. Ao afastá-lo, a visão piscou para uma vista das encostas baixas do paraíso, com as nações cobertas de marrons e verdes, sem se preocuparem com as fronteiras nos mapas dos homens, os oceanos girando em volta com o azul mais profundo. E lá, na costa ao sul, no pequeno braço de mar que separa nossas terras de Afrique... um ponto vermelho, chamejante.

"Eu não sou seu brinquedo, Fexler. Você não pode me fazer atravessar o Império para ligar seus pontinhos."

Teimoso deu um ronco, como se perguntasse se eu enlouquecera com o calor. Guardei o anel. "Droga." Eu estava planejando uma viagem àquele ponto exato.

"Rei Honório Jorg Ancrath." O lacaio com uma vareta para bater às portas me concedeu a introdução que havia omitido em minha primeira visita.

A preboste estava sentada em sua cadeira de ébano, como se houvesse permanecido ali desde que eu parti, sentada o tempo inteiro com seus livros e registros, em meio ao esplendor geométrico de seus salões mouros. A escrivaninha ao lado dela estava vazia, talvez o escriba tenha sido dispensado enquanto a preboste checava seu trabalho. Ela me observou atravessar o recinto com interesse suficiente para parar de rabiscar com sua pena.

"A sanidade prevaleceu, Rei Jorg?", ela perguntou. "Você voltou antes dos morros? Quando mandei Lesha para guiá-lo eu tinha esperança de que as cicatrizes dela lhe mostrassem o caminho – de volta pelos portões da cidade."

“Sua neta foi tanto um alerta quanto uma inspiração, preboste.” Eu me aproximei de seu trono e fiz uma reverência maior do que ela merecia. Eu trazia más notícias, afinal. “Ela era uma exploradora. O mundo precisa de mais pessoas como ela.”

“Era?” A velha não deixava passar muita coisa. Eu senti, mais do que ouvi, os dois homens à porta se enrijecendo.

“Bandidos atacaram nosso acampamento enquanto dormíamos. *Perros Viciosos*.”

“Oh.” Aquilo a fazia parecer velha, aquelas duas palavras. Anos que só a haviam endurecido, agora, por um momento, desabavam seu peso sobre sua cabeça. “Melhor que houvesse encontrado um fogo pela segunda vez.”

“Lesha morreu no embate antes de sermos capturados, preboste. Meu soldado, Greyson, não teve tanta sorte. A dele foi uma morte difícil.”

E ainda assim você sobreviveu. Ela não disse isso. A Centena e sua prole têm um instinto de sobrevivência e não vale a pena perguntar a que preço.

A preboste se recostou e pôs a pena no braço de sua cadeira. Um momento depois ela deixou seus papéis caírem. “Eu tenho dezesseis netos, sabia, Jorg?”

Eu assenti. Não parecia ser a hora de dizer “quinze”.

“Todos eles crianças inteligentes e maravilhosas que correram por esses salões em algum momento, gritando, rindo, cheias de vida. No início eram poucos, depois muitos. E suas mães as colocavam em meu colo, sempre as mães, e nós ficávamos sentados olhando arregalados, jovens e velhos, um mistério para o outro. Depois a vida os levava em seus caminhos e agora eu poderia lhe dizer mais rapidamente os nomes de dezesseis marechais do distrito do que os daquelas crianças. Muitos eu não reconheceria na rua, a menos que você me dissesse para prestar atenção.”

“Lesha era uma menina corajosa. Não bonita, mas inteligente e feroz. Ela poderia fazer o meu trabalho, talvez, mas nunca gostou da vida na cidade. Eu lamento agora que não a tenha conhecido melhor. Lamento mais pelo

pai dela, que a conhecia ainda menos talvez, mas que irá chorar por ela, enquanto tudo que eu tenho são desculpas."

"Eu gostava dela. A mesma força impulsionava a nós dois. Eu gostava de Greyson também", eu disse.

Percebi que encontrar alguém que eu pudesse chamar de amigo era coisa rara em minha vida. E no curto espaço de três meses eu havia descoberto e perdido dois.

"Espero que o que encontrou tenha valido o sacrifício."

A arma estava pesada em meu quadril, enrolada em couro. Quase tão pesada quanto a caixa de cobre no outro quadril. A preboste pegou sua pena novamente. Nada de falar em recepções, banquetes com comerciantes, missa com o cardeal. Talvez ela primeiro quisesse contar a seu filho que a filha dele estava morta.

"Um homem que não pode fazer sacrifícios já perdeu antes de começar, preboste. Houve um tempo que eu podia despender a vida daqueles à minha volta sem me preocupar. Agora, às vezes, eu me importo. Às vezes dói." Pensei por um instante no nubano caindo após eu atirar nele. "Mas isso não significa que eu não possa e não vá sacrificar absolutamente tudo, em vez de permitir que isso me domine, em vez de fazer com que seja um modo de perder."

"Muito bem, aí está uma atitude que lhe será útil no Congresso, Rei Jorg." A preboste me deu um sorriso triste, apertando os vincos de seu rosto.

"Sua neta, no entanto, não foi algo de que eu abri mão para avançar em minha causa. Eu fiz o possível para salvá-la da dor."

A preboste pegou um pergaminho e molhou sua pena. "Esses *Perros* enfrentarão a justiça muito em breve." Ela me lançou um olhar frio. "Esses bandoleiros. Esta ordem enviará guardas da cidade suficientes para enforcar todos eles."

"Eles estão todos mortos, creio. Talvez um ou dois tenham escapado." Eu me lembrei de arremessar o machado, os braços do homem atirados para

cima enquanto caía, e o segundo corredor desaparecendo atrás do monte. “Um.” Eu queria voltar e caçá-lo pessoalmente. Com esforço, afrouxei meu maxilar e encontrei o olhar da preboste.

“Nós sabemos dos *Perros Viciosos* em Albaseat, Rei Jorg. As histórias são trazidas a nossos portões, muitas histórias.”

“Bem, deixe que acrescentem isso à própria história de Lesha. No fim, ela deu fim aos Cachorros Malvados e salvou muitos outros de suas predações. E eu fui o fim que ela lhes trouxe.” Eu pensei que talvez Lesha aprovasse aquilo.

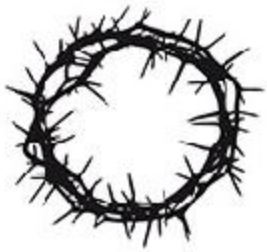
A preboste balançou a cabeça, apenas uma fração, demonstrando sua descrença sem palavras. “Não é possível que haja menos que vinte naquele bando, não pelos problemas que eles causaram, as atrocidades...”

“Duas dúzias, talvez um pouco mais.” Eu dei de ombros. “Não é preciso muitas mãos ou muita imaginação para construir uma reputação de sangue e horror.”

“Duas dúzias e você matou todos exceto um?” A preboste arqueou uma sobrancelha e soltou a pena outra vez como se relutasse em registrar uma falsidade.

“Minha senhora, eu os matei, da criança mais nova à mulher mais velha. E quando acabei, tirei o gume de três machados, desmembrando seus corpos. Eu sou Jorg de Ancrath: eu queimei dez mil em Gelleth e não achei demais.”

Fiz uma reverência e me virei para sair. Os homens à porta, largos e reluzentes pelas escamas pretas de suas armaduras, deram um passo para o lado bruscamente.



TRILOGIA DOS ESPINHOS

EMPEROR OF THORNS

28

— CINCO ANOS ATRÁS —

Eu fiz quinze anos na viagem até Afrique. Sempre imaginei uma viagem assim como uma resistência no mar, como as odisseias tempestuosas das lendas que terminam se segurando a uma jangada feita de destroços, protegido do sol por um retalho de lona, a ponto de beber sua própria urina até que uma leve imagem de terra surge no horizonte.

A verdade é que de Albaseat você pode viajar em boas estradas através dos reinos de Kadiz e Kordoba e chegar à costa kordobense, onde um promontório termina em uma grande rocha de quilômetros de distância – a Montanha de Tariq. Olhe para o sul, das torres no alto desta montanha banhada pelas ondas, cruzando trinta e seis quilômetros de oceano, e as costas de Afrique podem ser vistas, com os picos surgindo provocantes sobre a névoa do mar matinal. Olhe para o oeste, cruzando a Baía de Tariq, e você verá o porto de Albus, onde muitos navios aguardam para levar um homem com ouro nos bolsos a qualquer canto do mundo que ele desejar.

Não é por Afrique ser tão longe que ela tem seus mistérios. Dos reinos da Costa Equina é quase possível tocá-la, mas, como aprendi com Katherine, tocar não é conhecer. As margens de Marroc podem ser vistas das torres da rocha, mas a imensidão de Afrique espalha-se tanto ao sul que em seu extremo estão regiões mais distantes da Costa Equina do que o norte congelado dos jarls, tão distantes quanto Utter ao leste, e até com a mesma distância das Grandes Terras do Oeste, do outro lado do oceano.

Em suma, estive no mar por apenas um dia, e naquele dia, na metade do caminho entre dois continentes, fora da vista de qualquer terra – graças à persistência das névoas marinhas –, a hora de meu nascimento veio e se foi, e eu entrei em meu décimo quinto ano.

Cheguei ao porto de Albus queimado pelo sol kordobense, que na verdade é o mesmo sol de Kadiz e de Wennith e Morrow, embora os kordobenses gostem de reivindicá-lo como sua propriedade. Eu negociei a passagem pelo estreito em cais abarrotados tanto de mouros, nubanos e homens da Arábia quanto de homens da Costa Equina ou dos Reinos Portuários. O capitão Akham, do *Keshaf*, concordou em me levar naquela manhã. Esperei enquanto nubanos muito musculosos, negros como trolls, levavam a bordo a última de suas cargas. Eles empilhavam blocos brancos de sal com um palmo de grossura e trinta centímetros de comprimento, trazidos de fora através de grandes desertos em caravanas de camelos. Ao lado deles, cestos de frutas dos pomares de Marroc. Limões maiores que todos que eu provara e objetos colhidos de árvores que jamais vira antes. Eu pedi para um estivador nomeá-los para mim: abacaxi, carambola, lichia. Eu comprei uma de cada por duas moedas de cobre, ambas um pouco tortas, e embarquei uma hora depois com as mãos grudentas, o rosto grudento, a faca grudenta e a boca querendo provar mais das costas estrangeiras.

Enquanto eu esperava e comia minha fruta, um homem juntou-se a mim perto da pilha de barris, bem em frente à escada de embarque. Ele era mais

estranho do que qualquer um no cais, embora não fosse o de origem mais longínqua.

"Sir Jorg de Conaught." Eu esbocei uma reverência. "E você deve ser um florentino."

Ele assentiu, fazendo um movimento curto debaixo do cilindro alto de seu chapéu. Nenhuma parte de seu corpo estava exposta, exceto seu rosto, gordo e branco feito vela debaixo da aba curta daquele chapéu. Não sei como ele não ficava vermelho pelo sol.

"Nunca conheci um moderno antes." Eu não havia gostado da brevidade daquele aceno, então cuspi qualquer educação junto com a casca dura do pedaço de abacaxi que estava mascando.

Ele não teve nada a dizer sobre aquilo e desviou o olhar para onde dois homens esforçavam-se com sua bagagem, um baú grande, coberto com o mesmo tecido preto que sua sobrecasaca, calça, colete e camisa pareciam ter sido feitos. Uma sinfonia de preto apenas com suas luvas brancas de algodão e, lógico, seu rosto pálido para piorá-la. O suor escorria pelo lado de seu nariz, seu casaco parecia encharcado, brilhoso com gordura humana.

"Um banqueiro florentino a caminho de Afrique sem um guarda-costas à vista?", eu perguntei. "Afasto os salteadores de você por alguns dias, se tiver dinheiro." Achei que pudesse atrair menos atenção como guarda de alguém ainda mais deslocado do que eu.

Ele olhou na minha direção, sem conseguir ocultar sua aversão. "Obrigado, senhor, mas não."

Eu dei de ombros, bocejei e virei a cabeça. Imaginei que a imensidão e a brutalidade do mundo deviam ser um choque para qualquer um dos clãs dos banqueiros após a paz sem espadas que seus soldados mantinham em Florença. O próximo pedaço de abacaxi cintilou na ponta de minha adaga e desapareceu em uma bocada barulhenta.

"Seu nome, banqueiro", eu disse.

"Marco Onstantos Evenaline da Casa Ouro, Derivados Mercantis do Sul."

“Bem, boa sorte, mestre Marco.” Eu virei as costas para ele e segui seu baú a bordo. Ele provavelmente precisava de toda sorte que pudesse comprar, mas a razão dizia que ele devia ter alguma coisa, ou não teria sobrevivido para chegar tão longe das mesas de contagem dos florentinos.

No convés alvejado do *Keshaf* eu passei horas na proa vendo as ondulações do mar e descobri que, embora o sul houvesse me manchado, eu nunca estaria tão queimado a ponto de o sol não conseguir me queimar um pouco mais. Na segunda parte da viagem, fiquei me escondendo na sombra das velas.

“Senhor?” O empregado do capitão me ofereceu água em uma caneca de couro.

Eu aceitei. Nunca recuse água em lugares secos – e não há lugar mais seco do que os mares de Afrique. “Obrigado.” A sede me tornava grato.

Viajei como um cavaleiro maltrapilho, não como um rei, com cartas de meu avô para facilitar a passagem onde fosse necessário. Perder o peso de meu título tornou a vida bem mais simples. Eu bebi a água e me recostei em uma corda enrolada, mais à vontade do que estivera em muito tempo. Foram muitas as formalidades em Albaseat, mesmo tendo escapado das ameaças de recepções. Melhor aprender as coisas do Império incógnito, pelas ruas, pelos esgotos se for preciso, do que entre os chafarizes e a sombra perfumada dos ricos.

Em tempos assim, encontrando a paz no anonimato, eu só podia me perguntar: se eu tinha tanto prazer em deixar as amarras da realeza, por que continuava a reivindicar meu direito a um trono mais alto, a uma coroa mais pesada? Com o ranger das tábuas à minha volta, a sombra agitada das velas e uma brisa fresca do mar para espantar o suor, era difícil responder a tais perguntas. Meus dedos encontraram a resposta. Uma caixa de cobre com estampa de espinho. Mesmo aqui, no amplo mar azul, levado pelos ventos inquietos, a criança me encontrava, e embora a caixa pudesse conter meus piores crimes, muitos deles ainda estavam livres, tanto que se eu

ficasse muito tempo, não importa quão iluminado seja o paraíso que eu tenha encontrado, o passado me alcançaria, erguer-se-ia ao meu redor em uma maré sombria e devoraria a paz.

Se você precisa fugir, tenha alguma coisa em cuja direção fugir, para que pareça menos covardia. E se você precisa fugir para alguma coisa, por que não para o trono do Império? Algo adequadamente distante e inatingível. Afinal, obter tudo que você deseja é uma maldição quase tão terrível quanto todos os seus sonhos se tornarem realidade.

Yusuf Malendra veio ficar a meu lado no parapeito do navio. Um homem alto, esbelto, com o vento ondulando suas roupas largas de algodão. O capitão Akham nos apresentou quando eu embarquei, o único outro passageiro além de mim e Marco, mas desde então ele havia se escondido – uma proeza difícil em um barco pequeno. O moderno de título grande, Marco, havia vomitado pela lateral praticamente antes de sairmos do porto, quase perdendo aquele chapéu chique dele. Ele desapareceu para baixo do convés logo em seguida. Talvez Yusuf estivesse se escondendo lá também.

"Impressionante, não é?" Ele acenou em direção à rocha, para a Montanha de Tariq, a quilômetros atrás de nós e ainda assim enorme.

"Demais. Esse Tariq deve ter sido um grande rei", eu disse.

"Ninguém sabe. É um nome muito antigo." Ele segurou o parapeito com as duas mãos. "Todos os nossos nomes são antigos. Os Construtores escreveram seus nomes em máquinas e agora nós não conseguimos lê-los. Os sóis queimaram tudo que estava escrito em papel, exceto os escritos mais antigos, armazenados em cofres, você sabia disso? Os escritos que encontramos eram os mais preciosos, valorizados mais por sua idade do que pelos segredos que continham. Quando as terras se tornaram habitáveis e as pessoas voltaram para elas, a maioria dos registros que eles recuperaram eram os trabalhos dos gregos e dos romanos."

"Então nós estamos atrás dos Construtores em tudo, até em relação aos nomes?" Uma pequena risada me escapou.

Durante um tempo nós observamos o movimento das gaivotas e ouvimos seus gritos.

"Você está visitando parentes em Marroc?", ele perguntou. "Um casamento?"

"Você acha que suas mulheres gostariam de mim?" Eu virei minhas queimaduras para ele.

Yusuf deu de ombros. "As filhas se casam com quem seus pais mandam."

"E você vai se casar?" Eu levantei o olhar da espada fina e curvada em sua cintura para a massa escura de seu cabelo, uma confusão de cachos apertados, aprisionados por pentes de osso.

Ele jogou a cabeça para trás e riu. "Perguntas devolvidas com perguntas. Você é um homem que já passou algum tempo na corte." Ele deixou o riso recostá-lo no parapeito e me lançou um olhar sagaz. "Estou velho demais para mais esposas, Sir Jorg, e você talvez se ache jovem demais para a primeira." Lábios escuros emolduravam seu sorriso, mais escuros do que o tom de caramelo de sua pele. Eu imaginei que ele tivesse trinta anos, certamente não mais.

Eu dei de ombros. "Com certeza jovem demais para mais uma. E para satisfazer sua curiosidade, Lorde Yusuf, estou simplesmente viajando para ver o que o mundo tem a oferecer."

Uma onda estapeou o casco, mandando uma borrifada sobre nós dois.

O marroquino enxugou o rosto. "Salgado! Espero que o mundo tenha algo melhor a oferecer do que isto, não?" Novamente o sorriso, de dentes longos, uniformes, curiosamente cinzentos.

Eu sorri de volta. Uma odisseia não seria problema para mim, tirando os destroços à deriva e o consumo de urina. Um dia no mar foi muito pouco. Além disso, entrar em um mundo novo merece um percurso de importância, não um pulo sobre um canal de cinquenta quilômetros.

"Você ficará comigo, Sir Jorg. Eu tenho uma linda casa. Venha comigo quando desembarcarmos. Não deixamos que digam que o Marroc não sabe

receber. Eu insisto. E você pode nos dizer o que espera encontrar em Afrique."

"Será uma honra", eu disse.

Nós ficamos sem falar por um tempo, observando as gaivotas de novo e as ondas salpicadas de branco, até que finalmente o nevoeiro distante mostrou as montanhas mais uma vez, a costa irregular de um novo mundo. Eu me perguntei o que diria a meus anfitriões quando eles perguntassem à mesa o que me trouxera até ali. Eu podia confessar minha posição e falar do Congresso, de como a preboste de Albaseat pôs na minha cabeça que, em Vyene, o trono do Império pode ser conquistado em um tipo diferente de jogo, com menos sangue e mais mentiras. E que para jogar esse jogo eu precisava saber mais sobre as figuras principais da Centena, mais do que elas escolhiam mostrar diante dos Portões Gilden. Talvez eu pudesse falar sobre o Príncipe de Arrow. Sobre como, mais do que o vento nas velas do *Keshaf*, seu menosprezo havia me levado a ver as fronteiras do Império, a saber o que eu possuiria, a me dar motivos melhores para desejá-lo. E finalmente, se a insensatez me pegasse, eu poderia falar sobre Ibn Fayed e sobre um matemágico chamado Qalasadi. Eu passara anos em busca de vingança contra um tio que havia matado minha mãe e meu irmão, e ali estava um homem que teria matado todos os parentes de minha mãe na mesma noite e me deixado levar a culpa. Com certeza ele não merecia nada melhor do que tio Renar teve.

O porto de Kutta espalhava-se em um arco longo e poeirento do litoral, espremido entre o mar e as montanhas que se lançavam na direção do céu, com marrons e trechos de verde-escuro logo dando lugar à pedra exposta. Nós saímos para a terra firme em um cais longo e bamboleante lotado com tantas pessoas que parecia que a qualquer momento uma dúzia delas ameaçava cair na água. Eu deixei Yusuf abrir caminho. O equilíbrio entre a força que pode ser despendida em tais empreitadas e a natureza da resposta quando há ofensa varia de acordo com a geografia. Em vez de me

atirar de cabeça em uma luta sem sentido, a meros metros do que eu planejava ser uma longa viagem pela Afrique, eu me deixei ser conduzido e me mantive por perto e atento.

Parecia não haver motivo para a multidão e todos eles, exceto os nubanos seminus, estavam vestidos da cabeça aos pés ou de preto ou de branco, a maioria com turbantes ao estilo de Marroc, cobrindo a cabeça e o rosto e deixando apenas os olhos de fora. E o barulho! Uma muralha de som, uma tagarelice desagradável, meio ameaça, meio brincadeira. Talvez a tranquilidade da viagem tenha feito se parecer assim, ou uma turba seja mais barulhenta quando a língua é desconhecida, ou talvez apenas o calor e os corpos apertados amplificassem o tumulto. Ao seguir Yusuf com dificuldade naquela massa humana, soube que, pela primeira vez, eu havia pisado em um lugar realmente estrangeiro. Um lugar onde se falava uma língua diferente, onde as mentes percorriam caminhos diferentes. Marroc havia feito parte do Império durante séculos e seus senhores ainda participavam do Congresso, mas pela primeira vez eu adentrara uma região que fazia fronteira com reinos que nunca fizeram parte do Império. Um lugar onde "império" não era suficiente e precisava ser qualificado com "sagrado", pois eles conheciam outros impérios. Em Utter, eles nos chamam de "cristandade", mas em Marroc nós somos o Império Sagrado, mais apropriado, já que dezenove em cada vinte pessoas de Marroc respondem ao chamado do adhan quando os muezins cantam de seus minaretes.

A multidão tinha até um cheiro diferente, com temperos sobrepujando qualquer odor de corpos não lavados: hortelã, coentro, gergelim, cúrcuma, gengibre, pimenta e outros desconhecidos saíam das próprias pessoas como se elas os transpirassem.

"Mantenha o passo, Sir Jorg!" Yusuf sorriu por sobre o ombro. "Se demonstrar o menor interesse, você estará sem um centavo quando chegarmos à cafeteria, coberto de tapetes, lamparinas de metal, erva dos sonhos suficiente para matar um camelo, e um narguilé para fumá-la."

“Não.” Eu afastei tapetes bordados de dois vendedores, passando entre eles como se fosse uma entrada cortinada. “Não.” Eles falavam a língua do Império bastante bem quando havia uma venda à vista. “Não.” Mais uma vez e terminamos, cruzando uma praça ampla e empoeirada, perseguidos por crianças tagarelas e descalças vestindo linhos sujos e sorrisos limpos.

Ao redor do outro lado da praça, havia mais ou menos uma dúzia de cafeterias abertas, com mesas espalhadas pela sombra de toldos desbotados, verdes e vermelhos. Atrás de nós estavam o cais e os navios, barcos principalmente, com os barcos maiores atracando a cais mais importantes em frente a grandes armazéns mais para baixo da baía.

Além das crianças vestidas de branco e do que talvez fossem mulheres velhas ou homens velhos curvados e enrolados de preto, em várias jornadas lentas ao longo das margens sombreadas da praça, nada se movia. As multidões através das quais abrimos caminho permaneceram resolutamente congestionadas na passarela suspensa, com sua cacofonia abafada lá atrás, misturada ao suave som das ondas se batendo no quebra-mar. O calor do sol descia com tudo, uma mão gigante, fazendo até as moscas voarem com dificuldade, despidas de seu frenesi, quase lânguidas.

Um homem nos abordou de um dos becos entre as lojas, trazendo três cavalos, um garanhão árabe alto e duas éguas, todos brancos. Cinco garanhões daqueles haviam sido parte da compensação que meu pai aceitou pelas mortes de minha mãe e de William.

“Meu criado, Kalal. Nós podemos cavalgar até minha propriedade ou nos sentar um pouco antes e observar o mar.” Yusuf acenou para a maior e a mais próxima das cafeterias. “Você vai gostar do café em Marroc, Sir Jorg. Quente, doce e forte.”

Eu não gostava de café em Ancrath ou Renar, frio, amargo e fraco, e caro, acima de tudo caro. Eu duvidava que minha opinião mudasse por ele ser mais forte. Yusuf deve ter visto minha careta, embora me achasse bom em estampar em meu rosto apenas o que eu escolhesse.

“Eles servem chás também. E eu posso apresentá-lo a nosso esporte nacional”, disse ele.

“Chá parece uma boa.” Nunca recuse uma bebida em um lugar seco. “E esse esporte envolve camelos?”

Ambos os homens riram-se daquilo. Kalal, talvez um parente, tinha a mesma coloração e, quando ria, os mesmos dentes cinzentos.

“Dados, meu amigo.” Yusuf pôs um braço sobre meu ombro. “Nada de camelos. É o jogo das doze linhas. Você conhece?”

“Não”, eu disse. “Mostre-me.”

Yusuf me levou em direção às mesas onde velhos estavam sentados, de túnicas brancas e barretes vermelhos, fumando seus cachimbos d’água, bebendo de pequenos copos, curvados sobre seus tabuleiros de triângulos, fichas e dados. Ele gritou duas palavras duras na língua berbere e Kalal saiu com os cavalos e um último sorriso cinza.

“Um jogo de azar?”, perguntei. Os dados chacoalharam em seus copos enquanto nos aproximamos.

“Um jogo de cálculo, meu amigo. De probabilidade.”

Eu pensei então no sorriso preto de Qalasadi, em como os matemágicos, apesar de sua ciência de números, ainda mantinham a tradição e o mistério para fazer magia além de reles aritmética. Eu imaginei como aqueles dentes se pareceriam sem a mancha de folha de bétele. Cinzas, talvez?

“Sim”, eu disse. “Gostaria de jogar esse jogo. Conte-me as regras. Eu sempre gosto de saber as regras.”

TRILOGIA DOS ESPINHOS

EMPEROR OF THORNS

29

— CINCO ANOS ATRÁS —

O tabuleiro estava entre nós, o jogo das doze linhas, as fichas ordenadas, os dados prontos no copo. Eu conhecia bem as regras: nós tínhamos esse jogo em Ancrath, quase o mesmo, mas chamado de battamon. A explicação de Yusuf dos mecanismos me deu tempo de estudá-lo, de considerar minhas opções. Pelo jeito que ele falou do jogo, das combinações, das probabilidades e das estratégias básicas, tudo indicava que ele fosse um matemágico. Se não fosse pelos dentes, eu talvez não houvesse feito minha própria aritmética e somado uma coisa à outra.

"Por que você não vai primeiro?", eu disse.

Ele pegou o copo e chacoalhou os dados.

Eles claramente haviam feito suas somas, um pouco de mágica e se antecipado a mim. Será que eles me previram com certeza ou apenas mapearam os caminhos que eu podia tomar, pesaram-nos com

probabilidades e utilizaram seus recursos apropriadamente? De um jeito ou de outro, ver a mim mesmo como objeto de cálculo me perturbava.

Yusuf jogou os dados, um três e um três. A mão dele se movia quase rápida demais para ver, batendo as fichas ao longo do tabuleiro.

"Não espere que eu me saia bem, sou um aluno lento." Eu peguei o copo e os dados dele.

O mouro pareceu relaxado. Ele podia se dar a esse luxo se houvesse me compreendido, se soubesse antes de mim qual caminho eu tomaria. Quantas lousas eles haviam coberto com suas equações, quantos homens passando seus cálculos para lá e para cá para equilibrar e simplificar minhas condições? Eles já sabiam em que ponto eu poderia sacar a espada para o ataque? Será que havia um homem a postos em uma janela escura, com a balestra pronta e apontada para o local que eu escolhesse? Eles sabiam o horário em que eu escolheria sair ou a direção que eu tomaria? Se todos eles tivessem a habilidade de Qalasadi, eu não me surpreenderia se já houvessem escrito as próximas palavras a saírem de minha boca.

"Bem, essa não foi boa!" Um e dois. Eu avancei minhas fichas.

Yusuf balançou os dados. À nossa volta, homens jogavam, fumavam, bebiam suas infusões escuras e amargas. De tempos em tempos, um rosto se virava em minha direção, marcado e manchado de sol, geralmente com mais cabelos brancos do que pretos. Nada de sorrisos para o turista aqui, nada para ler naqueles olhos indiferentes. Eu me perguntei quantos deles trabalhavam para Qalasadi. Todos eles? Apenas Yusuf e seu criado?

Eu podia me levantar e voltar para o *Keshaf*, ainda atracado no cais. Mas eles já sabiam se eu faria isso ou não. De enlouquecer.

Yusuf lançou os dados e fez sua jogada. As fichas brancas varrendo o tabuleiro. Meu chá chegou, e também o café dele. Será que estava envenenado? Eu o levei aos lábios.

"Laranja?"

"É perfumado com a flor da laranjeira", concordou Yusuf.

Se eles quisessem me envenenar, o ajudante do *Keshaf* podia ter colocado um pó na água que ele me trouxe. Encostei a xícara em meus lábios, um fino trabalho de porcelana com um delicado padrão de losangos em volta. Eles iriam me fazer de refém da guerra de Ibn Fayed contra meu avô.

O chá estava bom. Eu atirei os dados e fiz meu jogo, levando mais tempo do que precisava para confundi-los. A próxima jogada de Yusuf me pareceu errada, não insensata, mas cuidadosa demais. Eu lembrei a mim mesmo de que até os matemágicos são falíveis. Eles quiseram envenenar vovô e ele ainda estava vivo. Eles quiseram apoiar a causa de Ibn Fayed e mais de uma dúzia de mortes nobres ao longo da Costa Equina agora estava empilhada à porta dele, assassinatos desonrosos. O fedor deles maculava sua casa.

Eu joguei os dados. Seis e quatro.

Por baixo da mesa, meus dedos se curvaram em volta do cabo de minha faca. "Você sabe o que eu vou fazer em seguida, Lorde Yusuf?", perguntei.

Eu podia enfiar a lâmina na garganta dele mais rápido do que poderia imaginar.

Um sorriso lento. "Não, mas posso adivinhar."

Eu fiz minha jogada.

Yusuf hesitou por um momento antes de colocar os dados dentro do copo. Sua testa se franziu. Talvez ele estivesse recalculando.

Enquanto o mouro jogava na sua vez eu fiz uma lista mental. Uma lista de seis opções, escolhas que outros homens talvez fizessem.

1)
   Rike: Estenda o braço, pegue Yusuf por trás da cabeça e bata o rosto dele na mesa com muita força. Siga o fluxo a partir daí.
2)
   Makin: Faça um novo amigo. Aumente o charme.
3)

Gorgoth: Vá embora sem fazer alarde. Pegue um caminho para proteger aqueles que mais dependem de mim.

4)

Meu pai: Compre quaisquer lealdades que puder. Faça qualquer justiça que puder ser paga sem perdas. Volte para casa a fim de consolidar minha força.

5)

Gomst: Reze por orientação. Siga Yusuf, obedeça às regras, fuja quando a oportunidade se apresentar.

6)

Sim: Não provoque. Vá com Yusuf e seu criado. Assassine os dois em um local deserto. Siga em frente disfarçado com o mouro.

Os dados vieram em minha direção outra vez. Eu peguei um deles. Se deixasse o dado escolher, se eu deixasse o acaso decidir entre opções improváveis, aquilo poderia quebrar a rede de previsões que me traíam.

"Talvez um de cada vez melhore minha sorte", eu disse.

Yusuf sorriu sem dizer nada, observando com atenção.

Eu joguei o dado. Preveja isto!

Dois. Fazer um amigo? Nem a pau!

Eu pus o outro cubo para rodar sobre a mesa. *Alea jacta est*, como César disse. O dado está lançado. Eu atrelaria meu destino a este aqui.

Ele rodou por muito tempo em um canto, foi para a borda e caiu da mesa. Yusuf se abaixou para acompanhá-lo e o trouxe na mão. "Outro dois!"

Maldição.

Eu movi minhas fichas, esperando algum tipo de inspiração. Yusuf já estava fingindo ser meu amigo. Eu não fazia ideia de como transformar aquilo em algo real. Na verdade, eu não tinha certeza de que entendia a diferença.

Uma perturbação no calor lá fora chamou minha atenção. Um gigante corcunda vestido de preto atacado por uma multidão repentina? Não, atacado por crianças, um homem rodeado de crianças maltrapilhas enquanto arrastava algo pela praça.

"Com licença, Yusuf." Eu me levantei, recompensado pela confusão momentânea nos olhos do mouro.

Com passos curtos e curvas acentuadas, passei pelas mesas amontoadas e saí da sombra. O moderno de preto, com o chapéu perigosamente torto, puxava seu baú enquanto as crianças zombavam, insultavam, atiravam pedrinhas ou tentavam meter a mão nos bolsos dele.

"Um amigo necessitado..." Eu dei de ombros e andei com passos largos, levantando os braços e fazendo uma imitação razoável de Rike assustando galinhas até a morte. As crianças se espalharam e o moderno escorregou, perdendo o chapéu no processo. Eu o peguei enquanto ele se levantava.

"Marco Onstantos Evenaline da Casa Ouro, Derivados Mercantis do Sul", eu disse. "Como é que vai?" Eu entreguei para ele o chapéu ridículo.

Eu não havia formado opinião acerca da idade do moderno quando estava no navio, e mesmo agora era difícil definir. Por baixo daquele chapéu, Marco tinha um ralo penteado de lado, com os cabelos claros fracassando em esconder o couro cabeludo reluzente. O estilo revelava um talento para enganar a si mesmo – um homem assim podia se perdoar de qualquer coisa.

"Obrigado."

Eu nunca ouvi um agradecimento com menos gratidão.

Após uma análise minuciosa e desconfiada de seu acessório, Marco o pôs de volta no lugar e tirou o pó de seu casaco.

"A Casa Ouro não pode bancar um carregador e um guarda?", eu perguntei, vendo alguns dos pivetes mais ousados surgirem das sombras novamente.

“Ninguém no cais sabia falar o idioma do Império.” Marco franziu o rosto. “Eles não aceitaram meu dinheiro.”

“Bem, eu já lhe disse que aceitaria sua grana, banqueiro.” Eu lhe dei o que esperava ser um sorriso amigável. Não estou acostumado a fingir gostar de pessoas. “E eu falo seis línguas.” Eu não disse que nenhuma delas era mouro, mas percebo que gestos e uma ponta afiada vão bem longe para desfazer mal-entendidos.

“Não”, ele disse, tão rápido que pensei que ele devia ter percebido o que eu era desde o momento que aqueles olhinhos pretos me viram.

“Eu o ajudarei sem cobrar, grátis, pro bono.” Eu tentei um sorriso diferente, imaginando Sir Makin chegando em terra firme distribuindo uma piada. “Você bem que precisa de um amigo, não é, Marco?”

Finalmente, ainda com muita desconfiança, o banqueiro soltou um sorriso, tão feio quanto o meu pareceu ser. “Você pode trazer meu baú e encontrar um transporte para nós.” Ele estendeu a mão com sua luva branca de algodão. “Amigo.”

Seu aperto de mão era fraco, úmido, apesar da luva, e eu o soltei rapidamente. “E para onde estamos indo, Marco?”

“Hamada.” Ele pronunciou a palavra cuidadosamente.

“E o que há em Hamada?” Eu continuei a observar atentamente aquele rosto pálido, imaginando mais uma vez se estávamos jogando um jogo de azar ou se o azar estava jogando comigo.

“Negócios bancários”, disse ele, apertando os lábios.

Eu assenti. O palácio de Ibn Fayed era em Hamada. Não haveria negócios bancários naquela cidade que não fossem também negócios de Ibn Fayed.

O baú do banqueiro pesava muito mais do que eu esperava. Eu o empurrei de costas na direção da cafeteria, com novo apreço pela força do moderno. Eu havia já suado um bocado quando chegamos à sombra.

“Vigie o baú por um instante, Marco, eu vou me desculpar com Lorde Yusuf.”

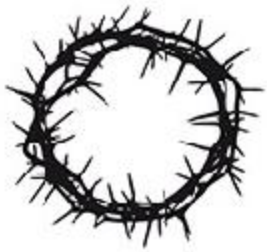
Encontrei Yusuf analisando o tabuleiro, com a xícara de café repousada em seus lábios.

"Eu não sou um lorde, Sir Jorg. Nós temos nossos governantes no litoral norte, sultões, califas, imperadores e tudo mais. E abaixo disso nós temos uma enorme variedade de príncipes, mais do que se possa contar, alguns mais pobres que ratos. Qualquer um que você conheça com sedas ou uma joia e que não declare ser um comerciante é um príncipe. E abaixo dos príncipes, ou pelo menos abaixo daqueles com terras e grandes casas, há os amigos dos príncipes, na maioria soldados, mas às vezes sábios. Quando nosso patrão chama, nós estamos a serviço dele. Quando não chama, somos donos do próprio nariz."

"Então você vai viajar com esse moderno? Você devia vir até minha casa, conhecer minhas esposas, comer romã, experimentar pavão assado. Mas você não quer. Viaje com o moderno, então, e se cuide, meu amigo. Ele não é bem-vindo. Nada de mal acontecerá a ele, mas o deserto é um lugar difícil sem o apoio de companheiros. E estranhos, homens como vocês, de terras mais brandas, morrem às margens antes mesmo de chegarem à areia."

Eu estendi a mão e ele a segurou, com um aperto firme e seco. "Às vezes, os homens precisam se arriscar", eu disse e me inclinei para pegar o dado mais próximo. "Com sua licença. Nunca se sabe quando um desses pode salvar sua vida."

"Vá com Deus, Jorg de Ancrath", ele disse e voltou a estudar o tabuleiro.



TRILOGIA DOS ESPINHOS

EMPEROR OF THORNS

30

— CINCO ANOS ATRÁS —

Marco estava ao lado de seu baú, imóvel, desconfortável em sua sobrecasaca.

"Existe uma lei que diz que você não pode tirar isso?" Eu sorri e segurei o baú de meia tonelada.

"Sua couraça deve irritar neste calor, não é, Sir Jorg?"

Eu a amarrara de volta quando chegamos ao porto. Não era algo para cair no mar, mas que valia a pena aguentar em terra firme.

"Vestir preto impedirá a estocada de uma adaga?", eu perguntei.

"A tradição impede qualquer um de tentar", disse Marco.

Os privilégios do clã dos banqueiros não significavam muito para mim enquanto vivia na estrada, mas certamente nas cortes da Centena e nos corredores de Vyene eles tinham proteções acima dos reis.

"Vamos encontrar um transporte para nós." Eu acenei para um dos maiores becos que saíam da praça. Todas as ruas em Kutta pareciam

estreitas, encurraladas por prédios altos para proporcionar sombra. Era apertado para vagões, mas as cargas mais pesadas seriam descarregadas mais abaixo do litoral em Tanjer, um porto maior e mais comercial.

Marco me seguiu, mantendo distância como se rejeitasse minha proteção e me colocando firmemente no papel de carregador. Talvez ele estivesse mais seguro do que eu. Todo o mundo sabia que abater um moderno era abrir uma conta com os clãs e que ouro sairia dos cofres florentinos até que a dívida fosse paga e os registros balanceados. Em um Império Destruído, porém, a promessa de uma morte eventual na lâmina de um assassino era menos proteção do que os banqueiros provavelmente esperavam, quando confrontados com a certeza de ouro imediato. Talvez em terras menos selvagens e mais honradas as tradições dos modernos trouxessem mais segurança. Certamente, os mouros tinham os comerciantes em alta estima e eram mais organizados do que nós nas terras mais próximas de Vyene.

Ao carregar aquele baú à procura de estábulos, minha decisão de deixar Brath a salvo, aos cuidados de um ferrador no porto de Albus, parecia cada vez mais tola a cada metro. Quando chegamos aonde eu queria, os xingamentos estavam saindo de mim, o suor pingando, os braços ardendo. Parecia ser uma espécie de estábulo. Camelos descansavam em volta de um cocho coberto de água, bichos nojentos com golas mudando de pelo e pele rachada nos joelhos. Eu já vira um camelo antes, muito tempo atrás, no circo do doutor Raiz-Mestra. Uma criatura ranzinza, desajeitada e propensa a cuspir. Estes não pareciam melhores.

"Espere ali." Eu tirei Marco de vista.

Eu bati a uma porta de tábuas branqueadas e quebradas, respondida depois de um tempo por um velho com um olho leitoso. Nas sombras atrás dele eu ouvi o ronco e o barulho das patas de cavalos.

"*Salaam aleikum*." Eu desejei paz ao velho ladrão. Todos os comerciantes de cavalos são ladrões. "Duas montarias e uma mula de carga." Eu ergui três dedos e na outra mão um florim de ouro estampado com o rosto de vovô, e

terminei com "*Insha'allah*". E assim esgotei todas as frases locais que aprendera com Yusuf em nossa travessia.

Ele me olhou com seu olho bom, passando os dedos pelo queixo, com uma barbicha branca, a pele da cor de café com leite. Uma sombra caiu sobre nós, um homem em um camelo. Eu olhei para ele, um guerreiro cavalgando alto sobre a corcova selada, todo enrolado de preto, apenas com o brilho dos olhos na fenda de seu turbante. Ele seguiu adiante.

"Dois cavalos", eu repeti.

O velho comerciante falou qualquer coisa e balançou a mão, negando. Ele sabia o que eu queria; qualquer um com alguma coisa à venda em Kutta entende os rudimentos do idioma do Império para conduzir uma venda.

"Dois!" Eu acrescentei uma segunda moeda e as esfreguei entre o indicador e o polegar.

Ele se magoou por ter de fazê-lo, mas balançou a cabeça e saiu resmungando e batendo os pés. A porta se fechou.

"Eles realmente não querem que você chegue a Hamada, Marco."

Eu fui até ele. Ele fazia uma careta toda vez que eu dizia seu nome, hesitando por alguma falta de boas maneiras, pela familiaridade excessiva. "Marco", eu disse, aproximando-me o bastante para sentir o azedume dele, "é uma longa caminhada. Você não tem amigos em Kutta?"

"Não", disse ele.

Eu me perguntei se ele tinha amigos em algum lugar. Sair pelo deserto até Hamada com ele, com ou sem cavalos, parecia uma incumbência de doido. Alguém influente, muito possivelmente o próprio Ibn Fayed, não queria que Marco chegasse até lá. Além disso, pelo menos três matemágicos pareciam ter previsto minha chegada, o que significava que Ibn Fayed sabia de minhas intenções. A única linha de ação sensata era dar meia-volta e velejar até o porto de Albus. Só que tal feito seria incluído nos cálculos feitos muito antes de minha chegada por Yusuf, Qalasadi e outros. Comportar-me como previsto só me atrairia ainda mais para a rede deles.

Talvez até uma prisão nas docas ou um acidente no mar – combinados para minha viagem de volta enquanto eu jogava o jogo das doze linhas e bebia chá. Vir aqui, para início de conversa, havia sido um equívoco. Uma arrogância, na verdade, vaidade infantil.

"O que você quer que eu faça, Marco?" Abandoná-lo a seu destino parecia a escolha mais sensata. Mas o dado havia me dito para fazer um novo amigo e escolhas sensatas eram escolhas previsíveis que, a esta altura, acabariam me matando.

"Vou precisar de um quarto."

"Isso eu posso conseguir."

Eu fui sozinho, peguei um pivete pela gola e deixei que uma moeda de cobre nos conduzisse até uma pensão. A porta pesada e antiga aonde o menino me levou parecia pouco promissora, no meio de uma parede larga. Quando bati, uma mulher olhou para nós através da grade. Uma anciã apareceu, mais velha que a madeira desbotada e os pregos enferrujados da porta que ela abriu. Enrugada e curvada demais para que um véu mantivesse seu recato, ela me lançou um olhar de reprovação e mostrou o caminho. O interior me surpreendeu. Um corredor curto levava até um pátio interno onde cresciam limoeiros à sombra de varandas que se erguiam por quatro andares de cada lado. Ladrilhos esmaltados decoravam todas as superfícies, azuis e brancos com padrões geométricos. Uma ilusão de frescor, quiçá um frescor verdadeiro.

Eu peguei dois quartos, paguei com cobres de meia dúzia de nações e fui buscar Marco. Ele estava esperando onde a velha não podia vê-lo pela grade e eu deixei as reclamações dela, agudas e guturais, passarem por mim conforme eu carregava o baú dele, com o moderno seguindo meu rastro.

"É pequeno demais", disse Marco. O suor escorria dele como um rio, mas aquilo parecia não incomodá-lo. Eu ainda não o vira beber nada. Eu me perguntei se ele começaria a murchar em breve. Alguma coisa nele

despertava a magia da morte em mim, o coração do necromante. Meus dedos formigaram.

"Pequeno demais para quê?" Eu desabei sobre o baú. Arrastá-lo por dois lances de escada havia quase me matado.

Marco fez uma careta. Eu esperava que banqueiros, especialmente banqueiros viajantes, fossem próximos de diplomatas, mestres de sua própria conduta, mas ele não fazia o menor esforço para esconder seu desprezo por mim. Talvez guardasse seu charme junto com seu ouro, pois eu ainda não vira nem sinal dos dois.

"Você me deve pelo quarto e pelo guia, banqueiro."

"Guia? Uma criança esfarrapada o conduziu."

"Uma criança que eu paguei", eu disse, ainda deitado sobre o baú.

"Estou contabilizando, Sir Jorg. Agora, se você puder me dar um pouco de privacidade..."

Eu me levantei e fui até meu quarto, onde desabei novamente. Fiquei deitado de olhos fechados, imaginando os ventos cortantes sobre os picos gelados de Halradra. Em seis meses, eu havia cruzado metade do Império. E como Cachinhos de Ouro, com seus ursos e seu mingau, achei algumas partes quentes demais e outras frias demais. E, pela primeira vez, eu queria estar de volta às Terras Altas, de volta ao lugar em que me sentia simplesmente bem. Pela primeira vez, pensei em meu reino como meu lar.

Quando você olha para um teto, branco e rachado, sua mente começa a vagar. A minha fez uma lista. Uma lista de motivos que me levaram ali. Uma lista de respostas que eu daria para aquela pergunta. Nenhuma delas era suficiente sozinha, mas juntas sua força propulsora me levara àquela loucura. Orrin de Arrow havia me mandado, com seu papo de oceanos e terras distantes. Talvez eu tenha pensado que, com meus próprios amplos horizontes, poderia capturar um pouco daquela magia que ele tinha. Fexler Brews havia me mandado com sua luzinha vermelha, que agora piscava sobre o califado de Liba. A curiosidade havia me levado até o Ibérico e me

amarrado ao poste de tortura dos Cachorros Malvados. Seria justo dizer que a curiosidade tinha suas garras cravadas em mim. Exceto abrir certa caixa, a curiosidade podia me levar a fazer a maioria das coisas. Qalasadi me enviara com sua traição. Ibn Fayed, com sua ameaça. Meu avô, quando decidiu que valia a pena me salvar e me disse para não ir. No fim das contas, embora eu chamasse de vingança, desta vez talvez não fosse a necessidade de contra-atacar que me impulsionara, mas a necessidade de defender. Eu tinha uma família.

Muito tempo atrás, minha mãe havia me incumbido de vigiar William, de proteger meu irmãozinho. E embora eu tenha falhado em muitas obrigações desde então, aquele foi meu primeiro fracasso e o que me marcou mais profundamente – mais que os espinhos cujas cicatrizes gravaram o evento. Como Marco, eu tinha contas a acertar, e embora esta função fosse um substituto pior, eu iria até o fim. Eu tinha uma família novamente. Aquele velho do castelo no litoral. Aquela velha que o amava e que amara minha mãe. Meu tio, como o soldado que ele era. E sem espinhos para me segurarem. Uma ameaça pairava sobre eles e desta vez nada, nem homem, nem monstro ou fantasma iria me impedir de salvá-los.

Clareza de visão é um troço muito importante. Eu percebo que quando você vira essa visão sobre si mesmo – e vê a verdade por trás de suas próprias ações – talvez fosse melhor ser cego. Pela felicidade de não saber, eu diria a mim mesmo que apenas a vingança me impulsionava, tal qual era antigamente, quando as escolhas eram pretas ou brancas, como peças em um tabuleiro, e a vida era um jogo mais simples.

O calor, o silêncio imediato e os sons baixos que a distância tornava familiares – despidos de seus tons estranhos –, tudo conspirava para embalar meu sono. Um zumbido me devolveu os sentidos e me fez pegar a faca em meu quadril. Algo em meu peito? Eu bati a mão no metal quente de meu peitoral. O zumbido outra vez, como se uma enorme mosca houvesse entrado debaixo da armadura e ficado presa.

Os dedos espremidos encontraram o objeto vibrante entre o ferro, o tecido e a pele suada. Eu o puxei. O anel de visão dos Construtores! Peguei a tira que o prendia em volta de meu pescoço e deixei o anel girar lentamente. Ele vibrou mais uma vez, vibrações minúsculas vistas apenas como um leve desfoque da superfície. Eu o segurei contra o olho e imediatamente a parede inteira entre meu quarto e o de Marco ficou debaixo de uma luz vermelha pulsante.

"Estranho."

Eu fui até a parede e encostei a orelha a ela. Ouvi sons de uma conversa, confusos demais para entender as palavras ou até mesmo o idioma. Do lado de fora de minha janela, a varanda que dava para os limoeiros servia a todos os quartos. Eu saí e cheguei até a janela de Marco. Ele estava com as persianas fechadas.

Qualquer um no pátio lá embaixo que olhasse para cima ou qualquer hóspede em sua varanda me veria. No entanto, o clã dos banqueiros parecia mais indesejável em Kutta do que verrugas genitais, então achei improvável que alguém reclamasse sobre minha espionagem. Na verdade, a falta de atenção que tive me fez ter certeza de que estavam todos ocupados me espionando.

Olhei para as ripas da persiana. Eu não deveria conseguir ver muita coisa, estando na claridade do dia olhando para a escuridão de um quarto fechado. O fantasma dos Construtores brilhava com luz própria, contudo, descrito em tons de branco que iam do osso até a magnólia, portanto eu não tive problemas em vê-lo, ou ver Marco, projetado em relevo pálido pela luz fraca.

Espionar é bom, mas geralmente não tenho paciência para isso, e a paciência que tenho vai logo embora quando está calor. Enfiei os dedos entre as ripas e forcei a persiana a se abrir. O trinco se soltou e saiu batendo pelo chão, parando contra o couro polido do sapato de Marco. Entrei e fechei a persiana atrás de mim.

“Sinto muito.” Eu esbocei a menor das reverências. “Mas eu queria muito ver o que você estava aprontando.”

O moderno cambaleou para trás, com o rosto contorcido em algum ponto entre o assassinato e o pavor.

O baú estava aberto no centro do quarto, com a cama posta no canto e encostada à porta para abrir espaço. Do lado de dentro, o exterior de pele de tubarão dava lugar a metal, plastik e padrões suaves de luzes sob vidro que me lembravam o painel escondido nos cofres das armas sob o Monte Honas.

“Ah, a aberração.” Este fantasma dos Construtores não falava calorosamente como Fexler. Ele soltava cada palavra como se fosse natimorta. Parecia mais jovem, talvez trinta, talvez quarenta anos, difícil dizer em uma figura feita com tons de branco. Suas roupas também eram diferentes, com muitas camadas, de corte ajustado, com botões na frente e um bolso no peito.

“Aberração? Gostei. Já me chamaram de muitas coisas, mas você é o primeiro a usar ‘aberração’. E como eu devo chamá-lo, fantasma?”

“Matem-no!” Marco chiou, segurando o chapéu contra o peito como um talismã.

“Ah, isso não é jeito de se tratar um amigo.” Eu dei um sorriso para Marco, aquele afiado, e em seguida olhei para o fantasma de dados. “Em vez disso, por que não me conta como é que você precisa de Marco aqui para arrastá-lo por meio Marroc, quando poderia ver através de mil olhos ocultos e sair por toda a sorte de portas escondidas em pencas de países? E o que você quer com Ibn Fayed?”

“Pode me chamar de Miguel.” O fantasma sorriu, um sorriso selecionado entre milhares roubados do Miguel de carne e osso, um homem que agora era poeira de séculos atrás. Um sorriso verdadeiro, mas de alguma maneira errado, como se fosse costurado ali no rosto de um homem morto. “E eu preciso ser carregado porque Ibn Fayed tem uma nova fé, uma que ordena

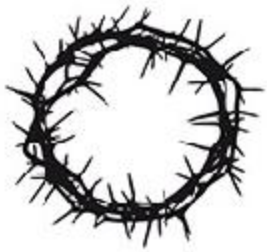
que ele vá atrás de qualquer sinal dos Construtores e o apague. O que logicamente responde a sua pergunta sobre meu assunto com ele, Jorg."

"Muito bem, então. Eu também tenho assuntos com o homem. Só que chegar até lá está se mostrando problemático. Talvez você tenha alguma maravilha antiga que nos fará voar até lá como pássaros?"

Marco soltou um ronco, demonstrando desdém. Mas os Construtores voaram. Eu sabia pela biblioteca de meu pai.

"Bem?", eu perguntei. Se esta virada dos acontecimentos estava dentro dos cálculos dos matemágicos, então talvez fosse melhor admitir a derrota. Mas já que eu achava que ela não estava nas tramas deles, renovei meu interesse em atravessar o deserto até a corte de Ibn Fayed com meus dois novos amigos.

"Posso fazer melhor que isso, Jorg de Ancrath", disse Miguel. "Nós podemos ir de barco."



TRILOGIA DOS ESPINHOS

EMPEROR OF THORNS

31

Dormir tornou-se coisa rara após a chegada de nossa nova companhia de viagem. Dia após dia, Gottering ficava mais para trás. No quinto dia, o capitão Harran declarou que seguiríamos em frente durante a noite para chegar a Honth ao amanhecer. Naquela longa e barulhenta jornada, um momento de calma surgiu e o cansaço me puxou para baixo mais rápido do que a lama de Cantanlona. Sacudidos por quilômetros de buracos, os ocupantes da carruagem de Holland mudavam periodicamente de parceiro. Eu abri um olho sonolento em um desses solavancos e vi a cabeça grisalha de Osser Gant aninhada no colo do bispo. Outra guinada tirou minha cabeça do ombro de Miana, e mais outra pôs a cabeça de Katherine contra a minha.

Na escuridão de meus sonhos, a pele de Katherine ardia contra a minha, mas nós não dividimos nada além de calor. Quando me afastava de meu pesadelo silencioso de espinhos e chuva, ela não avisava.

“Katherine?” Eu conhecia o toque dela. Talvez minha demonstração de angústia infantil não a tivesse afastado de meus sonhos tanto quanto o esperado. Talvez, como eu, ela simplesmente pensasse em quão burro eu havia sido por deixar o bispo Murillo me pegar. Tenho que agradecer à Igreja por me ensinar essa última lição em ler os sinais, em ver a armadilha sendo armada à sua volta, em nunca abaixar sua guarda. Uma lição que me serviu muito.

“Katherine?”

Um salão escuro. Passei através de barras enluaradas atrás de janelas fechadas. Minha cabeça se virou por mim, meus dedos percorreram a parede sem pedir permissão. Familiar. Tudo aquilo era familiar, o salão, o cheiro do lugar, a aspereza da parede e, é claro, estar aprisionado na cabeça de outra pessoa. Degraus que desciam uma escada longa e sinuosa.

“Isso é como aquela noite no Assombrado, quando o homem que a papisa enviou apareceu”, eu disse, embora os lábios não tenham se mexido para dizer minhas palavras.

Fim das escadas. Eu virei uma esquina. Familiar, mas não era O Assombrado. Mais degraus para baixo. Minha mão – a mão dele – pegou um lampião a óleo de seu nicho.

“Katherine!” Eu fiz minha voz silenciosa sair mais alta, mais exigente.

“Shh! Você vai acordá-lo, seu idiota.” Sua voz parecia vir de um lugar profundo.

“Acordar quem?”

“Robart Hool, claro! Seu espião lá no Castelo Alto.”

Uma porta. Os dedos de Hool no ferro preto da maçaneta.

“Se ele é meu espião, por que você o está usando?” Espionagem nunca foi meu forte, mas eu estava bem orgulhoso de ter na minha folha de pagamento um homem de posição tão alta na guarda do rei. Até agora.

“Sageous o tornou acessível a sonhos reais”, Katherine disse de seu poço. “Ele é sonâmbulo e a guarda do castelo sabe que não deve acordá-lo para não haver problemas. Ele é bom com a espada. Eu o uso para vigiar Sareth quando não estou lá.”

“E agora...”

“Shh!”

“Mas...”

“Fique. Quieto.”

Hool passou pela porta e por um corredor, com as sombras balançando em volta dele. Nós chegamos à Ponte Curta, um metro de mogno que passava sobre o recesso de onde uma porta de aço podia ser puxada para fechar as passagens subterrâneas. Ele atravessou e começou a descer os degraus em seguida.

Ficou mais frio. Nós já não estávamos mais na torre do Castelo Alto, mas debaixo dela, em um longo corredor feito pelos Construtores que saía em zigue-zague dos porões superiores até um antigo anexo escavado pela saudosa Casa de Or, construído para abrigar seus mortos. Menos antigo do que o castelo, claro, mas com a decência de sucumbir à idade mais abertamente. No porão-túmulo, as paredes tinham rachaduras e em alguns pontos o revestimento de pedra havia caído para revelar a rocha bruta marcada pelas picaretas.

Os pés de Hool estavam descalços sobre a pedra fria e seu pijama não o protegia contra o frio subterrâneo, mas sua espada batia em suas pernas, um tipo bem melhor de proteção. Sonâmbulo ou não, um espadachim sempre afivela sua espada. Makin o ensinou direito, lá na época das espadas de madeira no pátio. Espero que ele também tenha aprendido a lição que eu o ensinara na praça de duelos naquela tarde, quando saí das regras do jogo e o derrubei com um soco na garganta.

Os passos de Hool ecoaram e sua respiração fumegou. Quando os Ancrath expulsaram os Or, meus ancestrais esvaziaram rapidamente o

mausoléu, aprontando cada sepulcro para novos ocupantes. E com o tempo nós começamos a encher o lugar. As velhas estátuas foram substituídas, ou às vezes apenas alteradas. Com louvável economia e falta de sentimento, meu bisavô mandou os pedreiros lascarem o bigode do fundador da dinastia Or, remodelarem o nariz um pouco e colocarem-no sobre o corpo de meu tataravô como uma representação aceitável do homem.

Se Katherine usava Hool para vigiar Sareth, por que estávamos na caverna do túmulo? A não ser que Sareth tenha morrido. O que será que Katherine queria me mostrar? Outra morte para manchar minhas mãos? Ou será que ela estava me levando ao local para onde ela havia me arrastado no dia que voltei de Gelleth, aonde ela havia me levado para impedir que meu pai terminasse o que havia começado? Lembrando-me da vida que eu devia a ela? Ele teria arrancado meu coração se isso fosse necessário para fazê-lo parar de bater, disso eu sei. Será que estávamos voltando ao túmulo de minha mãe?

A imagem de uma superfície iluminada pelo sol despertou em mim. Uma superfície muito acima de mim. A pressão da água fria. E flutuando daquelas profundezas veio uma lembrança que parecia menos real, agora no Castelo Alto, na casa dos Ancrath mortos, do que nas brumas de Gottering. Meu pai estava morto? Eu não havia dito nada a ninguém. Katherine havia me mostrado que fantasmas eram feitos de sonhos. A lichkin podia ter mentido para mim. Ela deve ter mentido. Aquele velho era ruim demais para morrer. Especialmente uma morte tranquila no conforto de uma cama. Era para lá que estávamos indo? Era por isso que viemos? Para vê-lo em seu túmulo?

Nós viramos uma esquina e vimos uma luz sumindo na curva seguinte, trinta metros à frente. Eu vi de relance dois homens ao fundo do grupo antes que a curva os ocultasse. Havia algo de errado neles. Algo familiar. O ar tinha um fedor azedo.

Pessoas se dirigindo às sepulturas, onde mamãe e William estavam, debaixo de tampas de mármore. Atrás de escudos encantados.

Hool se apressou, sem urgência em seu movimento, apenas um passo mais rápido, com o toque de Katherine leve o suficiente para não acordá-lo, firme o bastante para a aceleração. Na curva seguinte, vimos claramente as últimas três figuras. Cada uma delas tinha o corpo magro, com manchas escuras, não do sol mas do lodo, o cabelo ralo e em tufos, escorrendo em farrapos pretos. Elas carregavam tubos e dardos. Monstros do lodo.

Como tais criaturas haviam adentrado no castelo? Por que Katherine não soara o alarme quando teve a oportunidade?

Outra curva, ao fim dos corredores dos Construtores, entrando agora nas construções decadentes de Or.

Por que Katherine não soou o alarme? Porque isso acordaria Hool e ela perderia seus olhos em Ancrath, sem saber os motivos. Afinal, motivos podem valer seu peso em ouro. Fexler me enviara ao seu túmulo para dar um fim adequado a seus restos mortais, para levá-lo à sua força máxima. Os mortos não eram tão diferentes. Os necromantes os devolviam a seus corpos ou ossos para encontrarem sua força outra vez. Mas o que os levara até ali?

A poeira agora abafava os passos de Hool. Ao contrário de todos os outros porões na Cidade de Crath, decaídos e úmidos, alguma mágica nas fundações dos Construtores mantinha as câmaras secas como ossos. Um local ressecado e sussurrante como as terras secas onde as almas caem.

Meus parentes mais velhos estavam mais ao fundo, trisavô, bisavô, avô, esposas, irmãos, irmãs, e também Ancrath inferiores que foram grandes campeões, apesar do pecado mortal de terem nascido. Uma horda deles, praticamente esquecidos. Relíquias de estátuas olhando para o infinito escuro em cima de velhos ossos. Mas o brilho vinha de

degraus mais próximos, que levavam a uma câmara mais familiar para mim.

Os dedos de Robart Hool se fecharam em torno do cabo de sua espada.

"Pare! Ele vai acordar!" A voz de Katherine, em meu ouvido ou no dele, não dava para saber.

A espada sussurrou ao sair de sua bainha, uma lâmina decente da ferraria de Samath, perto da Ponte da Mudança, afiada com runa. À nossa frente, os monstros estavam entrando na sepultura de minha mãe.

"Eu não vou permitir." Exatamente como eu impediria Hool de acordar não era algo que me preocupava. Talvez simplesmente querer o suficiente fizesse aquilo acontecer neste mundo que os Construtores nos deixaram. Mas, ao contrário do que Fexler dissera, parecia que querer raramente adiantava de alguma coisa.

Katherine havia feito Hool se apressar, eu o fiz correr, balançando sua espada na figura de um oito para ter uma noção de seu peso e equilíbrio. Não sei exatamente como consegui manipulá-lo. É possível que Katherine tenha sentido pena de mim e me emprestado sua força, mas percebi que quando meus parentes são ameaçados, mesmo que já estejam mortos, minha determinação aumenta.

Quando você é comprometido com a violência, é preciso um esforço quase sobre-humano para parar a tempo. É uma daquelas coisas que, depois de começadas, precisam ser terminadas; assim como o coito, interromper é um pecado, até os padres dizem isso. Eu parei, no entanto, e Robart Hool não acordou. Entrar com tudo provavelmente resultaria em um cadáver fresco para os espíritos e quaisquer amigos que os acompanhavam brincarem. Mas soar o alarme podia nos levar longe demais, demorar demais, e deixar os invasores escaparem com o prêmio que procuravam.

Em vez disso, eu fiz Hool correr de volta pelo corredor e subir as escadas até a Ponte Curta. Ele chegou a ela com a respiração mais pesada, mas não ofegante. Em recessos na parede dos dois lados da ponte estavam painéis prateados com botões prateados lisos. Alguma combinação dos botões faria a porta se erguer, uma chapa implacável de aço dos Construtores da qual mil espadas podiam ser forjadas – um dos tesouros de Ancrath.

Eu nunca vira a porta levantada. Ninguém jamais me dissera quais botões apertar.

"Meu pai nunca sonhou a combinação para você?", eu perguntei.

Katherine não respondeu, mas Hool estremeceu. Eu me perguntei se os sonhos de meu pai eram sombrios demais para ela trilhar.

"Foda-se."

Enfiei a lâmina de Hool pelo painel. A porta se levantou com tal velocidade que uma das tábuas de apoio não teve tempo de cair. Ela virou estilhaços. Ao longo do corredor atrás de mim, lâmpadas piscavam em vários lugares, criando ilhas de luz avermelhada. Em algum local distante, uma sirene começou, soando para o mundo todo como a voz da torre de vigia de Connath, embora eu duvidasse que três homens fortes estivessem girando a manivela de um dispositivo semelhante. O som era mais vivo, mais límpido, obra de uma máquina mais antiga. Correr, perfurar e quebrar portas de aço, isto não haviam conseguido, mas esse som distante começou a desfazer meu controle sobre Hool, retirando meus dedos dele, um de cada vez, erguendo-o do sono como se ele fosse um mergulhador em algum mar escuro, esforçando-se para chegar à superfície brilhante. Eu o empurrei para baixo novamente, com a ação me empurrando em direção à superfície, ao mesmo tempo próxima e distante. Os sons da carruagem começaram a vazar em meus ouvidos, o rangido da cabine, o barulho das rodas, os roncos de Gomst.

"Não."

Hool e eu corremos de volta, batendo os pés descalços, seguindo as curvas como se nos lembrássemos de um sonho acordado que está se desfazendo conforme você tenta agarrá-lo.

Agora está perto. Mais uma curva.

Dardos vieram chiando pela escuridão. Um deles atingiu o lampião a óleo e se desviou. O outro se espetou no peito de Hool, no grosso músculo peitoral à esquerda. Um pequeno círculo vermelho se formou em volta da ponta preta.

Continue correndo. Continue sonhando.

Hool provou ser rápido demais nos pés e a linha de visão era curta demais para uma segunda saraivada. Ele atirou o lampião e correu atrás dele, em vez de correr derramando óleo a cada passo. O lampião se estilhaçou contra a parede onde o corredor virava e a explosão desenhou a silhueta de dois monstros à espreita na esquina, com os dedos ágeis colocando novos dardos em suas zarabatanas. Ele chegou até eles enquanto estavam tomando fôlego para seus tiros. O movimento de sua espada destruiu ambos os tubos. Essas criaturas tinham movimentos rápidos e decididos, diferentes dos mortos que Chella punha a andar, corrompidos porém vivos, que talvez tenham sido homens, mas moldados pelos venenos das terras prometidas.

Ambos saltaram para cima de nós e o golpe seguinte de Hool abriu um deles no ar, do ombro até o quadril, com as entranhas cinzentas saindo em um turbilhão de sangue negro. O outro o derrubou ao chão, com as garras em seus ombros, e os dentes cinzentos pontudos estalando diante de seu rosto. Com a espada presa entre nós e o monstro, Hool não podia fazer muito além de rolar e empurrar. A criatura não era muito pesada, talvez metade do que um homem adulto pesasse, mas seus membros magros possuíam uma força espantosa. Seu hálito fedia como túmulos e aqueles dentes fazendo tanta força, querendo morder a

carne, metiam muito medo em mim, embora não fosse o meu rosto que ele queria comer até o osso.

O desespero deu a Hool a força bruta necessária para se libertar. Ele se levantou debaixo do monstro usando a espada entre eles como uma barra. Suas garras arranharam os ombros de Hool, com o sangue escorrendo sobre seu peito. Ofegando e xingando, Hool prendeu o monstro com seus joelhos e virou a espada para espetá-lo pelo pescoço.

Ele olhou em volta, atordoado, perdido. Percebi que apesar do sangue escorrendo em nosso peito, ensopando nosso pijama de escarlate, eu não sentia dor.

"Jorg! Acorde!" A voz de Katherine em meu ouvido, o calor de sua respiração em meu pescoço, o barulho da carruagem atrás dela.

Não.

Hool se virou para seguir em frente.

Não.

Forcei a imagem do dardo para os olhos dele, agarrando-me a ele pela ponta dos dedos.

Ele tentou retirá-lo. O objeto estava firme, prendendo-se em sua pele conforme ele puxava. *É apenas um espinho! Um puxão forte, arranque-o com as farpas e tudo mais, e deixe sangrar para limpar*. E ele o fez.

"Puta que pariu!" Ele cuspiu sangue, olhou em volta novamente. "De onde diabos...?" Senti os lábios dele se moverem, senti Katherine me sacudindo a oitocentos quilômetros de distância.

Imagens do sonho dele fizeram-no se movimentar novamente. Coisas que ele vira com seus próprios olhos sonolentos. A porta que fechava as passagens, um terceiro monstro, talvez mais, entrando nos túmulos de Ancrath. Eu o alimentei com minha raiva também, ardendo contra a dormência que a esta altura estaria formigando em seus dedos.

Não muito longe dali, o som de um martelo batendo em ferro, repetidamente.

De alguma maneira, eu não o soltei quando ele correu, deixando o brilho fraco do lampião quebrado para trás. Uma curva à esquerda para a escuridão e, à nossa frente, nas câmaras funerárias roubadas da Casa de Or, outro brilho. Mais devagar agora. Devagar, subindo os degraus até o túmulo de mamãe, a luz do intruso brilhando na espada de Hool, ainda molhada com o sangue negro dos monstros.

E ali, sob a luz de um único lampião, um terceiro monstro e três mortos-vivos, com a pele manchada marcada pelas tatuagens de balança usadas pelos marinheiros de Brettan, todos eles observando o quinto elemento de seu grupo, um homem pálido, de capa preta, capuz preto, ajoelhado ao lado do menor dos dois sarcófagos, batendo com o martelo e o cinzel nas runas postas em volta da tampa.

Para seu bem, Hool não provocou nem deu um grito de guerra. Chegou por trás deles sem hesitar, alinhou seu movimento, e arrancou metade da cabeça do monstro. Mesmo durante o ataque de Hool, pensei nos mortos assistindo. A mente de tais criaturas é cheia das piores coisas que um dia viveram ali, e mera curiosidade não é pecado, pelo menos não um grande o bastante para voltar a um cadáver. E ainda assim eles observavam o túmulo, ávidos, desatentos. Hool libertou sua espada com um puxão e decepou a cabeça do primeiro morto-vivo antes de os outros dois se virarem. Não era um movimento perfeito, mas mestre Hool tinha certa habilidade, e enquanto sua espada continuasse afiada ela lhe perdoaria seus pequenos erros.

Os mortos partiram para cima dele, mais rápidos do que eu esperara. Livres de seu fascínio com o túmulo de meu irmão, eles se mostraram diferentes dos mortos trôpegos mais comumente encontrados. Hool talhou o braço de um deles, na altura do cotovelo. O morto pegou a espada de Hool com sua outra mão, e o segundo se atirou às pernas dele.

Quando Hool caiu, o necromante surgiu.

Eu podia não ter Hool em estima muito alta, mas ele morreu bem. Ele pegou a espada de seu braço aprisionado e a enterrou com a mão esquerda no pescoço do cadáver que se atirou sobre ele.

Retido pelo cadáver de um braço, preso pelas pernas pelo outro morto mordendo a carne de sua coxa, Robart rugiu e lutou para se levantar. O necromante veio rápido e tocou os dedos frios no pulso da mão que tentava libertar a espada. Todo o esforço saiu de Robart. Não a dor, nem o horror dos dentes do morto-vivo mastigando o tendão de sua coxa, mas o esforço. Eu sabia do que o toque de um necromante era capaz.

O marinheiro morto se ajoelhou e depois ficou de pé, com seu sorriso escarlate, o sangue pingando de seu queixo. Os olhos que nos observavam não eram os olhos que nos viram primeiramente. Alguma coisa olhava através deles. O necromante se ajoelhou, agora mais pálido, bem mais pálido do que eu achava que um homem pudesse ser.

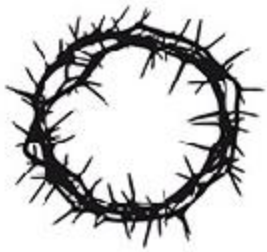
"Senhor", ele disse, sem levantar o olhar das pedras do chão. "Meu rei."

"Meu senhor!" A voz esganiçada de Gomst.

"Meu rei!" Osser Gant.

"Acorde, seu menino tolo!" Um tapa forte e eu me vi olhando nos olhos de Katherine.

"Malditos sejam todos vocês!", disse Miana, e o bebê começou a chorar.



TRILOGIA DOS ESPINHOS

EMPEROR OF THORNS

32

“Segure o bebê, Jorg.”

Miana empurrou nosso filho para mim, com o rosto vermelho, de fraldas, tomando fôlego para berrar. Ela subiu no banco da carruagem e se ajoelhou à janela para espiar lá fora. Os muros de Honth formavam uma linha escura a oeste.

O pequeno William chegou a seu limite e fez aquele leve estremecimento que pressagiava um grito. Ele ainda não conseguia ter muito volume, mas o choro dos bebês foi desenvolvido com muita astúcia para acabar com a paz de um adulto, principalmente os pais. Enfiei a dobra de meu dedo mindinho em sua boca e o fiz esquecer-se de gritar enquanto ele o mordia furiosamente com a gengiva.

Katherine se sentou a meu lado, olhando para meu filho com olhos indecifráveis. Eu o abracei forte, com meu peitoral agora amarrado aos alforjes de Brath, embrulhado em pele de cordeiro e oleado. Eu havia descoberto que bebês não gostam de armadura. William cuspiu meu

dedo e puxou fôlego para outra tentativa de berreiro. Ele viera ao mundo com o rosto vermelho, careca, exceto por uns fios pretos irregulares, com os membros magros, o corpo gordo, mais parecido com um sapo rosa do que com uma pessoa, babando, fedorento, exigente. Mesmo assim, eu queria segurá-lo. A fraqueza que contagia todas as pessoas, que é parte de nossa composição, havia encontrado um caminho até mim. E ainda assim meu pai a havia posto de lado, se é que ela um dia chegou até ele. Talvez tenha ficado mais fácil me pôr de lado conforme eu crescia.

O berro saiu da boca pequena de William com uma explosão, um som grande demais para uma coisa tão pequena. Eu o balancei para ficar quieto e me perguntei quantas pedras eu havia jogado na cruz.

Observei Katherine por um instante. Nós não havíamos conversado sobre o sonho daquela noite. Eu tinha perguntas e mais perguntas, mas eu as perguntaria sem plateia e na hora que pudesse ter tempo de absorver quaisquer respostas que ela pudesse me dar. Ela não olhou para mim e ficou analisando meu filho. Antes eu havia me preocupado com que ela pudesse querer fazer mal a ele, mas aquilo era difícil de imaginar agora, com William em meus braços.

"Há alguém por perto que mataria essa criança na primeira oportunidade." Katherine desviou o olhar ao falar, com a voz baixa como se fosse um assunto pequeno, quase perdido no barulho da carruagem.

"O quê?" Miana se virou da grade da janela rapidamente, os olhos acesos. Achei que ela não estivesse escutando, mas parece que prestava muita atenção ao que se passava entre mim e Katherine.

"Se eu explicar, quero sua palavra de que essa pessoa estará a salvo de você e de seus homens, Jorg", disse Katherine.

"Bem, isso não parece uma coisa que eu faria, não é mesmo?" Esforcei-me para não deixar a tensão em meus braços esmagar William. Miana

estendeu os braços para pegar seu bebê, mas eu o segurei mais forte. “E se você contar assim mesmo?”

“Katherine!” Miana pegou a mão de Katherine por cima de mim. “Por favor.”

Por um momento, vi a explosão vermelha da bomba incendiária de Miana no pátio do Assombrado. Não iria terminar bem se Katherine se recusasse.

“O homem cavalga sob a Pax Gilden”, disse Katherine.

A guarda mataria qualquer um que tentasse atacá-lo e iria atrás de qualquer um que conseguisse matá-lo. Assim como vingariam ou interviriam em qualquer violência em nossa carruagem.

“Você não é a única representante de meu pai.” Eu devia ter percebido desde o início, mas encontrar Katherine na carruagem de Ancrath me tirou a direção. “Ele encontrou um substituto para Lorde Nossar.”

Ela assentiu. “Jarco Renar.”

“Primo Jarco.” Eu me recostei em meu assento e soltei os dedos enrolados nos panos de William. Eu não tinha notícias do homem desde que ele escapara de sua rebelião fracassada na Cidade de Hodd. Aquilo foi um ano antes de o Príncipe de Arrow chegar à minha porta. Nós estávamos em um embate sanguinário: guerras civis são sempre brutais, e feridas antigas que ficam purulentas por tempo demais acabam derramando seu veneno sobre novas gerações. As batalhas deixaram as Terras Altas enfraquecidas, com poucos homens e os cofres vazios. Eu achava que os fundos de Jarco vinham de Arrow, mas talvez meu pai estivesse gastando minha herança.

Nada faria Jarco mais feliz do que pôr as mãos em meu filho. Afinal, eu matei o irmão dele em Norwood, abati seu pai no Assombrado e usurpei sua herança. E é claro que tinha uma boa parcela da queda da família por vingança. Eu me perguntei se ele estava viajando como membro da guarda. Talvez ele os tenha convencido de que era a única

maneira de se proteger de mim. Ou talvez eles o tenham escondido no meio dos vivandeiros que vinham atrás de nós. Encontrá-lo não seria fácil.

"Como você pôde não falar sobre isso antes?", perguntou Miana, com as mãos embranquecendo em volta das de Katherine. "Ele poderia ter atacado qualquer um de nós."

"William não está sob a proteção da guarda", eu disse. Jarco não venderia sua vida apenas pela chance de me matar, mas ele poderia matar meu filho e contar com a defesa da guarda. Aquilo podia lhe parecer uma oportunidade boa demais para perder. Uma piada e tanto.

"Bem, ponha-o sob a proteção da guarda!" A voz de Miana ficou estridente. Katherine se retraiu, embora eu não soubesse se era pelo volume ou pelo aperto de Miana.

"Crianças não podem ser assessoras ou representantes." Ela sabia as regras tão bem quanto eu. No outro banco, os homens assentiram com a cabeça.

"Mas..." Miana ficou quieta quando devolvi nosso filho a ela e fui até a porta. Pus metade do corpo para fora e dei um grito para chamar Makin. Ele apareceu bem rápido.

"Quero vocês todos em volta da carruagem – Jarco Renar está de armadura dourada e procurando uma maneira de chegar até o Príncipe William."

Makin olhou em volta para os soldados mais próximos. "Eu mesmo o matarei."

"Não. Ele é protegido pela Pax." Quando eu disse isso pensei sobre quais vidas eu estava preparado a abrir mão pela morte de Jarco. Acenei para Makin se aproximar mais e me inclinei para que só ele me ouvisse. "Pensando bem, eu sempre soube que mantinha Rike por perto por um motivo. Diga que lhe dou cem ducados de ouro se ele matar Jarco. Mas é melhor ele estar preparado para sair correndo em seguida.

Makin assentiu e puxou suas rédeas.

Gritei atrás dele. “Cem ducados de ouro e cinco garanhões da Arábia.” Parecia apropriado, de algum modo.

“Você!”, gritei para o guarda mais próximo. “Traga Harran aqui.”

O homem concordou, com seu capacete dourado, e saiu em direção à frente da coluna.

“Dê-me Makin e Marten e nós iremos para casa nas Terras Altas”, Miana estava dizendo atrás de mim.

“Eu lhe daria Rike, Kent e Gorgoth também e vocês ainda não estariam a salvo, Miana. Estamos longe demais de casa, em terras que não nos amam.”

Quando o capitão Harran se aproximou, flanqueado por outros dois capitães da tropa, Katherine e Miana estavam discutindo em sussurros ferozes, com William soltando um protesto ocasional.

Harran levantou seu visor. “Rei Jorg.”

“Quero falar com Jarco Renar”, eu disse.

“Jarco Renar está sob minha proteção. Eu o aconselhei a não se mostrar para você, para evitar qualquer aborrecimento.”

“Ah, mas eu posso lhe garantir, capitão, que haverá muito mais aborrecimento se você não o trouxer à minha presença.”

Harran sorriu. “Jorg, eu tenho quase quinhentos dos melhores soldados do imperador aqui exatamente para garantir que você não possa ferir Jarco Renar e Jarco Renar não possa ferir você. Nosso trabalho é que nossos protegidos cheguem a Vyene. Pelas minhas contas, você tem quatro homens capazes de portar armas com você. Melhor deixar que sigamos em frente com nossa incumbência, não?”

“É Rei Jorg para você, capitão Harran”, eu disse.

Os quatro homens que ele mencionou uniram-se a nós. Na verdade, eu tinha três, já que Gorgoth era independente e as probabilidades de ficar do lado da guarda ou do meu eram as mesmas.

Uma batida do lado da carruagem nos fez parar. “Você pode me passar isso aí, Lorde Makin?” Apontei para a balestra do nubano, amarrada à sela de Brath.

Peguei a balestra, pisei na lama e atravessei até a margem ao lado da estrada. Senti o peso da atenção deles quando me curvei para dar corda na arma.

“A guarda aqui foi designada para proteger a mim, a Lorde Makin, e a meus assessores?” Eu não olhei para cima.

“Sim”, disse Harran.

“E eles usariam de violência comigo sob que circunstâncias?” Eu conhecia as regras. Só queria ouvir Harran dizê-las.

“Munição”, eu disse, estendendo a mão. Makin colocou uma flecha de ferro em minha mão.

“Se você tentasse ferir qualquer membro da Centena, seus assessores ou representantes.” O garanhão de Harran soltou um relincho nervoso e bateu os cascos.

“Makin, faça a gentileza de repudiar a necessidade de qualquer proteção contra mim, como meu vassalo. Só para não haver confusão.” Eu coloquei a flecha no lugar.

“Eu repudio”, disse ele.

Levantei a cabeça, olhei para os olhos escuros de Harran e o analisei pela última vez. “Gosto de você o suficiente, Harran, mas meu filho está naquela carruagem e Jarco Renar provavelmente tentará matá-lo, já que ele não está sob sua proteção. Portanto, preciso falar com meu primo para que cheguemos a algum acordo.”

“Eu já expliquei, Rei Jorg, isso não pode...”

Atirei no rosto de Harran. Ele meio que balançou, meio que saltou da sela, ficando preso a seus estribos em um ângulo estranho, quase saindo da lateral de seu cavalo. A besta levantou voo, galopando de volta ao longo da fileira, arrastando Harran pelos arbustos desfolhados. Seu

capacete dourado se prendeu nos espinhos e foi arrancado, com sangue pingando dele.

"Munição", eu disse, com a mão para fora. Makin a forneceu.

Comecei a armar a balestra novamente.

"Capitão Rosson, não é? E capitão Devers?" Minha pergunta os pegou com as espadas sacadas pela metade. "Por que vocês estão me mostrando suas lâminas quando sua única e sagrada obrigação ao Império é me proteger?" À minha volta, os guardas estavam pegando suas espadas e outros estavam trazendo seus cavalos para perto a fim de descobrir a causa da agitação.

"O senhor acabou de atirar em Harran!", disse Rosson, o homem da esquerda.

"É verdade", assenti. "E vou atirar em você em seguida. Calculo que conseguirei matar vinte de vocês antes de precisar começar a retirar as flechas de seus corpos para que possa continuar. Agora será que preciso repetir minha pergunta? Por que vocês estão sacando suas espadas contra mim? Tenho certeza de que o capitão Harran não aprovaria tal atitude. Ele pelo menos sabia de sua obrigação!"

"Eu..." O capitão Rosson hesitou, com a espada ainda não totalmente fora da bainha.

"Seu dever, capitão, é me proteger. Vai ser difícil fazer isso me cortando com sua espada, não é mesmo? A única circunstância que lhe permitiria me atacar é se eu ameaçasse outro encarregado seu. Mas não estou fazendo isso. Vou apenas matar as centenas de guardas atribuídas a mim."

"Rei Jorg, o senhor... o senhor não pode estar falando sério", disse o capitão Rosson.

Eu não consegui imaginar como poderia falar ainda mais sério, mas algumas pessoas levam tempo para se ajustarem a circunstâncias desconhecidas.

TchuuUUUuuum.

Rosson caiu na lama com um barulho abafado. A uma distância de dois metros não há armadura, não importa quão extravagante, que vá parar uma flecha de um mecanismo tão pesado quanto a balestra do nubano.

Eu me pus a dar corda novamente, começando a sentir dor em meu bíceps. “Capitão Devers? Você trará Jarco Renar para falar comigo? Lembre-se, se eu tentar matá-lo você pode fazer picadinho de mim.”

Rosson se contorceu na lama. Ele tentou dizer alguma coisa, mas só sangue saiu.

Miana e Katherine se amontoaram à porta da carruagem, com Gomst olhando por cima das duas. Osser Gant parecia preferir seus livros de registro.

“Jorg!” O cabelo de Katherine caía em volta dela em cachos vermelhos escuros, com um fogo naqueles olhos. “Esses são homens honrados!”

“E eu não sou.” Eu estendi a mão. “Munição.”

“Homens com famílias, vidas para viver...”

Miana não disse nada, com o rosto tenso para conter a emoção e meu filho agarrado ao peito dela.

Eu ignorei Katherine e me dirigi ao guarda, levantando a voz para propagá-la na brisa fria da tarde. “Eu gostava bastante do capitão Harran. Você viu no que isso deu. O restante de vocês eu mal conheço. Meu filho recém-nascido corre perigo. Eu cacei um lichkin para garantir sua segurança. Você acha que vou hesitar em assassinar cada um de vocês?”

“Eu sugiro que Jarco Renar seja trazido diante de mim ou isso não acabará bem.”

Visto pelo cabo de minha balestra, o capitão Devers parecia pálido e infeliz. Ele havia levantado seu visor e revelado um rosto magro,

decorado com cicatrizes e marcas, e uma barba curta e escura envolvendo seu queixo.

"Tragam Renar aqui!", ele gritou.

Enquanto esperávamos, eu montei em Brath e o coloquei em um pequeno círculo. Ele fora bem treinado e o cheiro de sangue não o incomodava. O capacete do capitão Harran se soltou dos espinhos das sebes e eu o segurei em uma das mãos, com a balestra na outra, guiando Brath com os joelhos.

Sir Kent subiu de seu cavalo até o topo da carruagem. Escolher a posição certa havia mantido Kent vivo mais vezes do que qualquer armadura ou habilidade com a espada.

"Tragam-me mais alguns capitães." Eu apontei a balestra na direção do capitão Devers outra vez.

"Não, espere!" Ele levantou os braços, como se isso fosse impedir uma flecha. "Ele virá!"

"Mas você não estará aqui." Eu apertei o gatilho, mas antes que eu pusesse força suficiente as fileiras de guardas se abriram e Jarco Renar estava diante de mim de armadura dourada, em uma égua ruana. Eu virei a balestra na direção dele.

"Eu teria mandado outra pessoa", eu lhe disse. "Só para ver se eu sabia como você era." Mas eu sabia como era a aparência dele, embora nunca tenhamos nos conhecido.

Jarco não tinha as gordurinhas de seu irmão nem aquela amabilidade enganosa que Marclos ostentava. Um homem mais alto, de ombros mais largos, ele se parecia mais com meu tio, mais com o lobo de Renar.

Eu avancei com Brath na direção dele. As mãos apertadas nos cabos das espadas por toda a minha volta.

"Aqui." Eu dei ao capitão Devers a balestra carregada, inclinando-me para um sussurro conspiratório. "Se ele me atacar, esteja pronto para atirar nele. Você está aqui para *me* proteger, lembre-se. Primo Jarco tem

seus próprios defensores, a guarda que veio com ele da Cidade de Crath."

Eu puxei a cabeça de Brath para o outro lado. "Jarco, que bom que pôde unir-se a nós."

"Primo Jorg." Seu cavalo pisou em volta do capitão Rosson, que estava levando muito tempo para morrer para alguém que levou um tiro no peito.

Um aperto dos joelhos trouxe Brath mais para perto. O capacete vazio de Harran derramou sangue escuro em minha perna.

"Não estou feliz com você, Jarco", eu disse a ele.

"Nem eu com você, primo Jorg."

"Aquela sua rebelião me deixou fraco perante meus inimigos, Jarco." Com os soldados perdidos assumindo novamente o controle sobre a Cidade de Hodd, a defesa contra o Príncipe de Arrow não teria sido tão desesperada. A batalha havia deixado Hodd bastante acabada também. Fora horrível desde o início.

"Você está sentado em meu trono, primo." Ele tinha um toque da frieza de meu pai em seus olhos e um pouco da loucura de meu tio. Eu teria pagado bem para ser um espião na corte, no dia em que Jarco foi implorar pelo favor do Rei Olidan. Como será que meu pai cumprimentou seu sobrinho? "Você governa o meu povo", disse Jarco.

"Eles gostam muito de mim." Eu sorri para irritá-lo. Jarco sabia que era verdade. Reis que trazem vitórias são sempre amados e o preço pago é logo esquecido. Os altaneiros haviam desenvolvido um novo orgulho em estar no centro de um reino de nações. Como súditos de meu tio, eles haviam sido irrelevantes nos negócios do Império, esquecidos na maioria das vezes. Mais felizes e sem dúvida mais seguros, mas as pessoas gastam dinheiro para serem mais valorizadas, pois nós somos criaturas superficiais, animalescas e criadas com sangue.

"O que você quer de mim, Jorg?" Ele fingiu um bocejo e o abafou.

“Estou percebendo que está preocupado com sua herança, primo, mas você parece ter me perdoado por seu pai.” Uma encolhida de ombros e uma inclinada de cabeça para mostrar minha perplexidade. “E por seu querido irmão.”

“Eu não me esqueço deles.” Os músculos se apertando em torno de sua mandíbula.

“Talvez você queira algo para se lembrar deles, para se lembrar de sua linhagem perdida? Seu orgulho perdido. Pode ser duro perder sua família.” Deslizando, eu tirei Gog de minha bainha, com o cabo virado para meu primo. A lâmina havia sido de tio Renar, uma obra antiga, forjada em aço dos Construtores e levada às mãos dos Ancrath pelo avô de meu pai quando ele tomou para si as Terras Altas enquanto o Império desmoronava.

Jarco pegou a espada rapidamente. Melhor ficar nas mãos dele do que na minha. Dava para ver o ódio ardendo nele. Para algumas pessoas, não há veneno maior do que um presente, nenhum pior do que um ato de pena. Eu sei muito bem.

“Claro”, eu disse, “que se algum mal caísse sobre mim, se as Terras Altas clamassem por um verdadeiro Renar no trono, não seria você a usar a coroa.”

A lâmina estava entre nós dois, com seu aço ancestral.

Ele franziu o rosto, juntando as sobrancelhas. “Isso não faz o menor sentido, Ancrath. Eu tenho direito ao título antes desse seu bebê chorão.” William soltou um choro oportuno antes de Miana preencher sua boca novamente.

“Mas mesmo em sua disputa pelo título de seu pai, Jarco, você precisa admitir que os direitos *dele* prevaleçam sobre os seus.”

“Meu pai...?” A ponta da espada dele, da espada que eu apelidei de Gog, apontada para meu coração. Meu peitoral estava perfeitamente embrulhado atrás de mim, amarrado aos alforjes.

“Eu devia ter deixado titio morrer. Um homem melhor teria feito isso. Mas eu gosto tanto de nossas conversas. O bastante para descer todos aqueles degraus até a masmorra, várias vezes por semana. Ele fala sempre de você, Jarco. É difícil entender suas palavras hoje em dia, mas eu não acho que tio Renar esteja muito satisfeito com você.”

Foi preciso mais um sorriso para fazê-lo estourar. Ele tinha um braço rápido, preciso dizer. Mesmo desviada com o capacete de Harran, a estocada de Jarco atravessou meu cabelo conforme eu me abaixei.

TchuuUUuum! E o capitão Devers fez sua obrigação.

Jarco caiu para trás de seu cavalo, com os pés para cima, saindo de seus estribos. Eu tive de rir.

Katherine desceu atrás de mim na lama, sem se preocupar com sua saia. Miana me lançou um olhar sem dizer nada. O olhar de alguém que teve o que pediu, gostando ou não, e sabe disso.

“Você não precisava matá-lo.” Katherine levantou a cabeça com ódio nos olhos. Eu gosto de gente que tem a elegância de demonstrar sua raiva.

“Capitão Devers o matou”, eu disse, e peguei minha balestra de volta do homem em questão e a joguei sobre o ombro.

“Minhas desculpas, irmão Rike.” Eu lhe dei as rédeas de Brath e desci da sela. Alguns fios de cabelo cortado flutuaram junto comigo.

Eu peguei Gog da lama e limpei a lâmina na capa de Rosson. Ele me observava com o rosto branco.

“Alguém já lhe contou alguma vez que eu era um homem bom, Rosson?”

Ele não respondeu. Finalmente morto, talvez.

Gorgoth se agigantou sobre mim, observando em silêncio.

Eu olhei para cima. “Posso ter passado da fase de matar um homem por capricho, Gorgoth, mas esteja muito certo de que eu considero a segurança de meu filho mais que um capricho.”

Embainhei Gog e depois subi de volta na carruagem. Miana esperava com William, Osser com seus livros e Gomst com o julgamento de Deus. Eu resolvi falar com Katherine, lá na lama com Jarco.

"Você sabe que ele teve de morrer. Ou pelo menos saberá disso em uma hora, ou em um dia. O que nos torna diferentes é que eu sabia disso desde a hora que você falou. E, no fim das contas, o meu jeito é mais rápido, mais limpo, e menos pessoas se machucam."

TRILOGIA DOS ESPINHOS

EMPEROR OF THORNS

33

— CINCO ANOS ATRÁS —

“Muito engraçado.” Eu enxuguei o cuspe de camelo de minha perna.

Minha montaria sem nome franziu os lábios, mostrando dentes estreitos e irregulares, e depois se virou para olhar para o traseiro do camelo à frente.

“Quando terminarmos esta jornada, pretendo comprá-lo e comer seu fígado”, eu disse a ele.

Montar um camelo não tem nada a ver com montar um cavalo. Você fica um metro mais alto no ar em cima de uma criatura que o considera um insulto imperdoável. O andar natural do bicho é feito para lançar o passageiro para fora a cada passo, jogando você primeiro para a frente e para a esquerda, para trás e para a direita, para a frente e direita, para trás e esquerda – em uma repetição infinita.

Omal, um dos tropeiros da caravana de camelos, veio pela lateral. “Navegue-o, Jorg. Você veio pelo mar, não? Navegue-o. Não é cavalo, é

camelo."

Miguel me prometeu um barco. Os agentes dos tropeiros que foram até nosso alojamento nos buscar para a caravana riram disso. "Camelo! Camelo! Barco do deserto, efêndi." E sorrindo como loucos, como se quisessem nos agradar, eles haviam carregado o baú de Marco em um dos bichos e depois nos levaram embora para entrar na caravana.

Eu não sabia como Miguel havia arranjado para que viajássemos com a caravana, mas parecia claro que enquanto Hamada estava bloqueada aos Construtores fantasmas, eles ainda tinham maneiras de entrar em Kutta em épocas de necessidade. Eu não perguntei a ele. Em vez disso, eu me sentei em uma cadeira de vime que parecia frágil demais para seu propósito e disse: "Suponho que você seja um dos fantasmas que querem o Príncipe de Arrow como imperador para que ele conquiste a paz de que precisamos, se quisermos nos educar para manter suas máquinas".

A pequena boca apertada de Marco se abriu ao ouvir aquilo. Apesar do ditado popular, há poucas pessoas cujos queixos realmente caem por surpresa. O de Marco realmente caiu, com os lábios secos se abrindo com um estalo audível. Eu poderia ter ficado quieto com meu conhecimento, pois tais pérolas podem ser uma mercadoria valiosa, e o clã bancário adora fazer uma transação. No entanto, Fexler havia me deixado mensagens tão escassas que eu achei melhor gastá-las despreocupadamente na esperança de que, ao espalhar minhas migalhas, eu convencesse os outros de que tinha reservas de tais conhecimentos e devia ser tratado com respeito.

"Se vocês estiverem do lado daqueles que querem queimar toda a vida que há no mundo, tenho certeza de que conhecem outros lugares como as cavernas em Gelleth onde vocês podem encontrar fogo e veneno suficientes para dar conta do recado", eu acrescentei.

A boca aberta de Marco se fechou com um estalo e ele se virou para Miguel, com os olhos em brasa. Não pareceu passar por sua cabeça que eu

pudesse estar mentindo, uma observação que guardei para uma necessidade futura.

Eu continuei: “Na verdade, gostaria de saber o que impede esses incendiários da terra de fazerem uma limpeza geral. Será que uma guerra assola todas as relíquias dos Construtores, zumbindo sozinhas na poeira das terras prometidas, espalhadas e escondidas em porões, encobertas em malas?”

Os olhos de Miguel eram a parte menos convincente da ilusão dele, como se algo totalmente estranho me observasse através de dois buracos abertos no rosto de um homem. Eu imaginei como o Miguel real era e a diferença que mil anos fizeram nesta criatura de seu modelo inicial.

“É muito fácil matar a maioria das pessoas”, disse Miguel. “E muito difícil matar absolutamente todas elas. Fazer isso exigiria um consenso, cooperação entre todas, ou quase todas as pessoas de meu povo. Como no Congresso. Talvez no dia que finalmente elegerem um substituto para seu imperador morto vocês possam começar a se preocupar com que meu povo encontre uma união de propósito semelhante.”

“E Fexler Brews?” Eu fiz uma jogada mais arriscada aqui. Fexler falou de uma terceira maneira e nenhuma das duas primeiras me agradava.

“Brews?” Foi animador ver o escárnio do Construtor fantasma. Pelo menos um pouco de humanidade persistia no eco de dados. “Um criado, pouco mais do que um algoritmo de manutenção. Ele está livre para agir agora, mas após um milênio às margens de nosso mundo ele não é a pessoa que você deve escutar. Prefere que eu o julgue pelo homem que abre seu portão para me deixar entrar?”

Enquanto me balançava pelas Margens, apenas um pouco mais à vontade em minha sela do que Marco sacolejando na montaria à minha frente, eu soube quem Fexler Brews realmente era. Um porteiro metido a besta com mania de grandeza.

As Margens do deserto do Saar são uma área ampla e árida de lama rachada. Uma geometria de fissuras se espalha por essas terras, repetida em escala cada vez maior, empoeirada, atravessando montanha, lago, árvore ou arbusto. Em alguns lugares, as rachaduras são finas como papel, em outros dá para passar o braço por elas, e há ainda outras que engoliriam um camelo. Criaturas estranhas se escondem nas fissuras, protegendo-se do sol a profundidades surpreendentes, onde a lama ainda se lembra de chuvas antigas. No escuro, elas aparecem.

Nossa caravana consistia em sessenta camelos e cinquenta homens para montá-los, mouros do deserto ou tauregue, como eles se chamavam. A maioria dos tauregues era de comerciantes ou tropeiros como Omal a serviço deles. Eles vendiam produtos dos Reinos Portuários em Hamada e voltavam com blocos de sal. O sal que eles compravam de agentes que, por sua vez, era comprado dos salash, quase humanos, capazes de aguentar o calor das profundezas do Saar onde até as mais resistentes das tribos mouras não viajavam.

Junto com os comerciantes e seus empregados, uma dúzia de ha'tari nos acompanhava, guerreiros de um clã mercenário de grande reputação. Eles relaxavam em suas montarias de dias, mortos para o mundo, e ganhavam a vida à noite, afugentando predadores que surgiam da paisagem rachada.

Na primeira noite de nossa jornada, em volta das fogueiras de estrume de camelo dos tauregues, nós nos sentamos de costas para a noite e bebemos café quente em xícaras do tamanho de dedais. Eu ainda odiava aquele troço, mas pelo valor era um insulto recusar. As estrelas iluminavam mais que a fogueira, uma chama acesa pelo céu. Os mouros conversavam em sua língua severa e eu interroguei Marco aos sussurros. A descoberta de que eu não só era conhecido dos Construtores fantasmas como também os conhecia havia moderado suas opiniões um pouco e, se ainda me desprezava, ele ao menos fez um esforço para disfarçar.

“Ibn Fayed deve saber que estamos chegando”, eu disse. “Ele tentou nos impedir, mas agora ele permite nosso progresso. Com certeza uma dúzia de ha’tari não vai parar os homens dele.”

“Obviamente as objeções dele à minha auditoria não são grandes o bastante para lidar com a sensação ruim que assassinar uma caravana de sal de tauregues acarretaria. Essas objeções, todavia, foram grandes o bastante para tentarem me negar transporte.” Marco bebeu seu café, sorvendo-o entre os dentes.

“E ele não faz objeções à minha visita?”

Um grande escaravelho rola-bosta passou por cima de minha bota. Oito pernas, um mutante. Por um momento, a pequena Gretcha me observou do brilho da fogueira. Eu fiz uma careta e o fogo aumentou e depois diminuiu, fazendo os tropeiros se afastarem, murmurando.

“Sua visita? Por que ele saberia a respeito dela?” O franzido permanente da testa de Marco ficou ainda mais forte.

“Yusuf sabia.”

“E qual a importância de Lorde Yusuf para você ou para mim?”

Para alguém que carregava consigo a possibilidade de falar com um Construtor fantasma, Marco parecia saber muito pouco.

“Yusuf é um matemágico.”

Marco ergueu uma sobrancelha. “Abominações, todos eles. Mas Ibn Fayed não é dono de tais criaturas. Elas têm seus próprios interesses. Não ache que o único motivo pelo qual os homens dos números o procuram seja a vontade do califa.”

Por baixo de minha capa de viagem, brinquei com o anel de visão, girando-o entre meus dedos. Um pensamento me atingiu, um petardo da noite iluminada por diamantes, percorrendo-me da cabeça aos pés. Os dedos em volta do anel se fecharam com uma força que poderia tê-lo esmagado, se ele fosse um pouco menos robusto.

“Por que você precisa carregar aquele baú, Marco? Por que ele é tão pesado?”

O banqueiro piscou para mim.

“Ele pesa mais do que nós dois juntos!”, eu disse.

Ele piscou novamente. “Quão pesado ele deveria ser?”

Eu segurei o anel de visão e me lembrei de quando foi preciso que Gorgoth e Rike juntos carregassem uma obra dos Construtores de uma câmara bem funda nas profundezas do Castelo Vermelho.

A viagem pelas Margens levou três dias, com nossa jornada pontuada pela travessia das fissuras mais largas em uma ponte de três tábuas, carregadas com aquele propósito, colocadas no chão e pegadas de volta, várias vezes. Nós viajamos sem pontos de referência, envolvidos em tempestades de poeira, sempre seco demais, sempre quente demais. Em determinado momento, nós passamos pela carcaça de um enorme besouro, com sua carapaça oca grande o bastante para abrigar camelos. Em três dias, aquele esqueleto foi a única coisa a quebrar a monotonia da lama plana e rachada.

O deserto se anunciou como ondas no horizonte. Com uma velocidade impressionante, a terra dura e a poeira deram lugar à areia, erguendo-se em dunas brancas a alturas que eu não imaginaria serem possíveis.

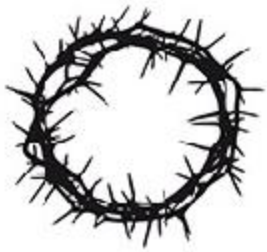
No deserto, as habilidades dos tauregues se tornaram óbvias. A forma como eles navegavam, contando as dunas como se elas fossem marcos, em vez de massas idênticas em movimento. A forma como eles subiam cada montanha branca a favor do vento, trilhando o caminho de menor resistência, encontrando a areia mais compactada para apoiar melhor os pés, descobrindo a melhor proteção contra o vento e, à noite, intervalos abençoados de sombra.

Um mal-estar surgiu em mim. Cada quilômetro nos levava mais para dentro de uma prisão. Nem Marco nem eu poderíamos ir embora sem a

boa vontade de homens como esses: o deserto nos aprisionava mais que muros altos.

As areias brancas multiplicavam o calor do sol e faziam uma fornalha na qual nós cozinhávamos. Marco não fez concessões à temperatura, vestindo todos os seus pretos, a sobrecasaca, o colete, as luvas brancas. Eu comecei a achá-lo diferente, como os salash do Saar profundo. Nenhum ser humano poderia resistir como ele. E por baixo de seu chapéu alto a pele dele continuava branca feito vela e sem se queimar.

À noite, tremendo sob o fogo frio dos céus, nós nos sentávamos entre os comerciantes com as dunas subindo por toda parte, brancas como fantasmas, maiores que as ondas do mar mais bravio. Em noites assim, os comerciantes contavam suas histórias em frases murmuradas, com tão pouca animação que era difícil dizer quem estava falando por trás de seus véus, até que em alguma parte engraçada o narrador começava a balançar as mãos e o círculo todo se unia às palavras severas e risadas barulhentas. Atrás de nós, no círculo dos tropeiros, os homens jogavam o jogo das doze linhas em tabuleiros antigos, silenciosos a não ser pelo ruído dos dados. E em volta dos círculos da fogueira, como fantasmas da noite, andavam os ha'tari, cantando uma cantiga baixa e assombrosa e nos protegendo de perigos desconhecidos.



TRILOGIA DOS ESPINHOS

EMPEROR OF THORNS

34

— CINCO ANOS ATRÁS —

Em algum lugar na solidão do Saar, nos vinte dias de nossa travessia, nós passamos despercebidos de Marroc até Liba. Os tauregues falaram de uma terra que existiu entre os reinos muito tempo atrás, devorada aos poucos até Marroc encontrar Liba nas areias. Uma terra de gente que deveria ter prestado atenção ao ditado de se dar a mão e pegar o braço ou, como dizem os nativos, "cuidado com o nariz do camelo", por causa da história do camelo que implora para entrar aos pouquinhos na tenda e depois se recusa a sair.

Hamada surge das areias do deserto em construções baixas de lama, arredondadas pelo vento e caiadas para ofuscar os olhos. A princípio, elas se parecem com pedregulhos meio enterrados no chão. Há água aqui: dá para sentir seu sabor no ar, vê-la na grama que estabiliza as dunas e contém seus movimentos. Quando você começa a passar entre as construções brancas, dá para ver estruturas maiores mais além, aninhadas na pequena cavidade

que abriga a cidade. Em alguma época antiga, um deus caiu nessa terra e fraturou o leito das rochas mais profundas, trazendo à superfície as águas de um aquífero inexplorado em qualquer outro local.

"Acho que nunca estive tão longe de algum lugar, irmão Marco." Eu protegi os olhos e observei a cidade através do brilho do calor.

"Não sou seu irmão", disse ele.

Omal, cavalgando entre nós, riu. "Longe de algum lugar? Hamada quer dizer 'centro'. Este é o coração de Liba. Hamada."

Nós chegamos com o sol da manhã jogando nossas sombras para trás, puxando nossas rédeas para impedir os camelos de saírem disparados em direção à água. Mesmo assim, eles apertaram o passo, roncando e fungando, lambendo os focinhos com suas línguas ásperas. Rostos apareceram em janelas sombreadas e os tropeiros gritaram saudações a velhos amigos. À sombra de becos minúsculos, crianças magricelas perseguiam galinhas ainda mais magricelas.

Mais para dentro, as ruas de Hamada ostentam casas altas de estuque caiado sobre tijolo com torres altas para capturar o vento. Ainda mais adiante, nossa coluna avistou grandes salões em pedra branca, prédios públicos que faziam os de Albaseat parecerem pequenos, construídos de acordo com a esparsa e grandiosa aritmética dos estudiosos mouros. Bibliotecas, galerias para escultura, banheiras com colunas onde homens do deserto possam relaxar no luxo de águas profundas.

"Nada mau." Eu me senti como o aldeão sujo que chegou à corte.

"Ganhou-se e gastou-se ouro aqui." Marco assentiu. "Ouro e mais ouro." Pela primeira vez o escárnio o abandonou. É um negócio perturbador ter de reavaliar sua visão de mundo. Nenhum de nós estava gostando disso.

Nossa caravana abandonou a da estrada central e entrou em um enorme mercado com cercados separados para camelos, cabras e carneiros, e até para alguns cavalos. Multidões vestidas de preto se amontoavam, com comerciantes que previram a caravana de camelos e estavam prestes a

pechinchar. Omal e seus camaradas ajudaram Marco a descer e puseram seu baú nas pedras empoeiradas diante dele. Ele se aproximou com o andar torto de quem ficou tempo demais na sela.

"Não vou carregar esse troço de novo", eu disse, feliz por estar fora de meu próprio camelo. "Ele foi carregado por vinte dias, pode ser carregado pelo último quilômetro."

Foi só chacoalhar algumas moedas que logo encontramos um velho malandro com um burrico disposto a nos ajudar até o palácio do califa. O bicho parecia tão velho quanto seu mestre e eu esperei que suas pernas se dobrassem conforme nós colocamos o baú em suas costas. Ele se mostrou tão do contra quanto Teimoso, contudo, e apenas zurrou suas reclamações enquanto o velho amarrava a carga.

De pé no calor, suando enquanto eu assistia ao velho trabalhar, as preocupações que me desconcertaram no deserto voltaram com força. Desde aquele momento na cafeteria de Kutta em que eu compreendi a natureza da armadilha, parecia que, como o irmão Hendrick empalado naquela lança, eu estava enfiando a lâmina mais para dentro. A esperança sensata de vingança – não que ela jamais houvesse sido sensata – havia desaparecido assim que percebi que eles me conheciam, que percebi que estava sendo aguardado. Agora, no meio de um deserto que podia me manter prisioneiro, eu apontei meu caminho para a corte do inimigo, que com certeza ficava a apenas alguns metros acima das masmorras nas quais eu apodreceria em breve.

"Um brinde a você, irmão Hendrick."

"Perdão?" Marco levantou a aba de seu chapéu para me espiar.

"Vamos logo com isso", eu disse e comecei a andar. Por baixo das vestes do deserto, a caixa de cobre, a arma e o anel de visão roçavam em mim, desconfortáveis no calor. Parecia improvável que qualquer um deles me ofereceria a salvação.

Ruas largas, onde o vento varria apenas um suspiro de areia, nos levaram a passar pela casa de banhos e a biblioteca, pelo tribunal e a galeria, até uma ladeira íngreme onde, sob o céu prateado do deserto, um grande e perfeito lago refletia o palácio do califa. Entre nós e as águas, as ruínas das colunas de um anfiteatro surgiam a partir de destroços espalhados. Alguma obra dos romanos, inimaginavelmente antiga.

"E o que é aquilo?" Eu apontei para uma torre alta, a mais alta de Hamada, separada do castelo, porém lançando sua sombra escura sobre os muros altos até o coração do complexo.

"Mathema", o velho malandro disse pelas gengivas.

"Qalasadi?" Eu apontei o dedo para lá.

"Qalasadi." Ele assentiu.

"Vamos até lá primeiro", eu disse. A vingança havia me levado até ali. A necessidade de atingir de volta quando atingido. Ibn Fayed tinha comigo uma dívida de sangue, mas a dívida de Qalasadi exibia um rosto que eu liquidaria primeiro.

"Vá aonde quiser, Sir Jorg", disse Marco. "Meus negócios são no castelo."

"E que negócios são esses, Marco? Vamos lá, amigo, você pode contar ao irmão Jorg. Nós viajamos muitos quilômetros juntos." Eu lhe mostrei meus dentes.

"Nós não somos irmãos..."

Eu pus a mão em minha túnica. Por um instante, Marco hesitou, como se achasse que eu ia lhe mostrar uma faca. Em vez disso, peguei o dado de Yusuf.

"Na estrada nós somos uma família, irmão Marco."

Eu me ajoelhei e pus o dado para girar sobre o pavimento, rodando como um pião em um canto.

"Eu vim cobrar uma dívida", ele disse. "De Ibn Fayed."

O dado chacoalhou sobre o chão. Dois.

"Vá com Deus, irmão Marco", eu disse.

Eu fui sozinho até a porta da torre dos matemágicos. Nenhum guarda estava ali, nenhuma janela dava para lá. A torre chegava a cem metros de altura, um espigão elegante, com uns vinte metros de diâmetro na base. As primeiras janelas se abriam na metade de seu comprimento, formando uma espiral em direção ao topo da torre, com a pedra lisa demais para escorpiões ou aranhas.

A porta havia sido confeccionada com cristal preto, com fendas cintilando em suas camadas mais altas por onde o sol entrava. Eu bati e, onde meus dedos tocaram, apareceu um círculo de números, escritos em brilhos, os dez dígitos que os arabs nos deram inicialmente.

"Um enigma?"

Eu toquei um dígito, o "dois", outro ficou mais claro, o "quatro". Eu o toquei. O círculo desapareceu. Eu esperei. Nada.

Eu bati mais forte, mas meus dedos não faziam barulho contra o cristal, apenas chamavam o círculo de números novamente. Apertei, perseguindo os números brilhantes em círculos cada vez mais rápidos, tentando ler os padrões, acompanhando por alguns segundos e depois perdendo a sequência.

"Droga, eu não vim para jogar."

O lugar estava deserto. Algumas poucas figuras se mexiam em meio às ruínas distantes, Marco e outros visitantes subiam os largos degraus do palácio de Fayed, e um pequeno grupo se juntava ao redor das margens arenosas do lago, mas nem uma alma estava por perto.

Tentei outra vez. E outra. Eu claramente não havia sido feito para ser um matemágico. Os números brilhantes dançavam em seu perímetro, esvanecendo-se enquanto eu olhava. Fiz uma carranca para a porta, mas isso também não funcionou. Mais por frustração do que por juízo, bati novamente, e assim que o círculo de números apareceu eu arranquei o anel de visão de sua tira e bati com ele bem no centro. Imediatamente, a

procissão de numerais se acelerou até ficar desfocada em um círculo de luz. A porta começou a emitir um zumbido agudo, rapidamente subindo as oitavas. Pequenos relâmpagos começaram a atravessar o cristal, espalhando-se dos pontos onde o anel de visão tocou. As pontas de meus dedos tremeram com a vibração. O zumbido virou um ganido que virou um guincho. Vertical virou horizontal. E eu me vi tentando me levantar em meio a fragmentos pretos e irregulares do que havia sido uma porta impressionante.

Com um chiado no ouvido e os dedos dormentes, localizei o anel de visão no meio do entulho cintilante e passei apressadamente pela porta. Um corredor seguia em frente, aparentemente dividindo o piso térreo. Lá no fundo, avistei degraus, provavelmente a escada que subia por dentro das paredes da torre. Meia dúzia de rapazes libanos de túnicas brancas andou em minha direção, saindo de arcos dos dois lados do corredor, com a aparência de estudantes e espanto, em vez de raiva, em seus rostos. Saquei minha espada e deixei a manga de minha túnica cair sobre ela. As aparências podem enganar.

"Algo está errado com sua porta." Sem parar, eu passei entre eles.

Ao chegar às escadas, que davam para cima e para baixo, eu escolhi subir. Amarrei de volta o anel de visão em sua tira, com nós desajeitados, os dedos ainda vibrando.

Eu soube por Omal que a mathema era mais como uma universidade, um lugar de estudo para os matemágicos. Qalasadi era uma espécie de professor. Um tutor para os filhos do califa, um guia para os estudantes que vinham estudar em Hamada, um árbitro nos assuntos dos menos esclarecidos entre os numerados, como eles gostavam de se chamar. A torre não era sua casa, nem seu domínio ou feudo, mas mesmo assim, de alguma maneira, eu achei que pudesse encontrá-lo no topo.

As equações me acompanharam enquanto eu subi os degraus gastos, escalando a torre da mathema com a faca em punho. Algumas percorriam

todos os degraus, outras começavam e terminavam em alguns metros para serem substituídas por novos cálculos, todos talhados na pedra e depois incrustados com cera preta para torná-los legíveis. Eu passei por porta após porta, cada uma com uma letra dos gregos, começando com "alfa", depois "beta". Ao atingir "mu", eu havia chegado à primeira janela e uma brisa refrescante se espiralava comigo. Passei por dois matemágicos descendo, ambos velhos enrugados como ameixas secas e tão absortos na conversa que eu podia estar em chamas e passar despercebido.

E finalmente quando a última janela mostrava Hamada em um panorama amplo e iluminado, os degraus terminavam em uma porta com sinal de "ômega", feito de latão embutido no mogno. Eu me dei um tempo. Eu preferia escalar montanhas a degraus.

Deixei minha manga ocultar a lâmina outra vez e empurrei a porta. Ela se abriu com uma leve reclamação das dobradiças e ali, inclinados sobre uma mesa ampla e brilhosa no centro de uma sala circular, estavam Qalasadi, Yusuf e Kalal. Eles olharam para cima ao mesmo tempo e a cara de surpresa naqueles três rostos foi toda a recompensa que eu poderia querer por minha longa subida. Yusuf e Kalal imediatamente curvaram a cabeça de volta aos papéis, como se procurassem um erro em seus rabiscos. Ambos os homens seguravam penas e tinham os dedos manchados, tão pretos quanto seus dentes.

"Jorg." Qalasadi recuperou a compostura no espaço entre duas respirações. "Nossas projeções indicavam que você levaria consideravelmente mais tempo para passar pela porta da frente."

Yusuf e Kalal trocaram olhares, como se se perguntassem quais outros erros poderiam ter invadido seus cálculos.

"Suas projeções? Para homens que querem apagar os olhos dos Construtores, vocês certamente soam como eles."

Qalasadi abriu os braços, de mãos vazias, manchadas de tinta. "São nossas ações que nos definem, não a maneira como chegamos à decisão de agir."

Eu atirei a faca, movendo o braço sobre meu corpo para que a ação não fosse revelada. A lâmina se alojou na mesa brilhosa, com o cabo balançando, a um palmo da virilha de Qalasadi. Eu estava mirando aproximadamente naquele ponto, mas era uma jogada complicada, um ângulo raso e um movimento esquisito. Eu achei que havia uma probabilidade razoável de a faca deslizar e acabar no escroto dele.

"Isso está nos seus papéis? Você calculou isso?" Eu andei em direção à mesa. "Você tinha a trajetória da faca prevista?"

Qalasadi pôs a mão no ombro de Yusuf. Os homens mais jovens pararam de rabiscar e levantaram a cabeça, ainda franzindo o rosto como se estivessem mais preocupados com seus cálculos do que com minhas lâminas afiadas.

"Posso lhe oferecer uma bebida, Rei Jorg?", perguntou Qalasadi. "É uma longa subida, todos esses degraus." A vara de marfim que ele usara para escrever na poeira do pátio de meu avô estava em sua mão agora.

Eu fui até a mesa, cuja largura era a única coisa que nos separava, com minha faca espetando um bloco de papéis, todos cobertos com muitas simbologias, e falei com a voz calma, como homens racionais fazem. "Parte de estar no ramo das previsões, uma grande parte talvez, está na arte de dar a impressão de que as coisas estão se desenrolando de acordo com suas expectativas. Uma vítima que acredita estar sendo aguardada a cada curva é não somente prejudicada pela incerteza, mas também mais fácil de prever."

Os três homens me observaram sem responder. Nenhum sinal de nervos, a não ser talvez pelos dedos de Qalasadi esfregando os cachos curtos de sua barba, e um leve brilho de suor na testa de Kalal. Yusuf havia tirado os pentes de seu cabelo, amarrado-o para trás bem-apertado. Ele parecia mais velho agora, mais inteligente.

"Você devia saber que eu decidiria atingir a mesa com essa jogada, senão você tentaria me impedir... a não ser que não soubesse que eu ia atirar a faca?" Eu me vi caindo na incerteza paralisante do que acabara de falar.

“E aquela bebida?”, disse Qalasadi.

Eu realmente estava com sede, mas isso era previsível demais. Além do mais, você não cruza nações para caçar um envenenador e depois bebe o que ele lhe oferece. “Por que você tentou matar a família de minha mãe, Qalasadi? Um amigo me disse que os matemágicos têm seus próprios propósitos. Foi só para agradar a Ibn Fayed? Para manter sua boa vontade e impedir que ele chutasse vocês deste belo oásis?”

Qalasadi esfregou o queixo sobre o alto da palma de sua mão, fechando os dedos em torno de sua mandíbula, considerando. Ele tinha o mesmo ritmo impassível que mostrara no Castelo Morrow. Eu havia gostado dele desde o princípio. Talvez fosse por isso que me exibia para ele e tenha lhe dado a informação de que precisava para deduzir minha história. Até agora, com a vingança a uma estocada da espada, eu não sentia ódio por ele.

“É uma ironia de nosso tempo que homens em busca de paz precisem guerrear”, disse ele. “Você mesmo sabe disso, Jorg. A Guerra Centenária precisa ser vencida para que acabe. Vencida no campo de batalha, vencida no Congresso. São coisas idênticas.”

“E Ibn Fayed é o homem que a vencerá?”, perguntei.

“Em cinco anos, Ibn Fayed votará em Orrin de Arrow no Congresso. O Conde Hansa não faria isso. O voto será apertado. O Príncipe de Arrow trará a paz. Milhões prosperarão. Centenas de milhares irão viver em vez de morrer na guerra. Nossa ordem escolheu favorecer muitos em vez daqueles poucos.”

“Isso foi um erro. Eles eram os meus poucos.” Um calor subiu em mim.

“Erros podem ser cometidos.” Ele assentiu, pensativo. “Mesmo com feitiços para domar as variáveis, a soma do mundo é complexa.”

“Então você ainda pretende dar o reino de Morrow para Ibn Fayed? Deixar a maré moura voltar à Costa Equina?” Eu observei Qalasadi, seus olhos, sua boca, o movimento de suas mãos, tudo, só para tentar decifrar alguma coisa do homem. Aquilo me enlouquecia, vê-los ali tão calmos,

como se soubessem a todo instante o que estava na ponta de minha língua a ser dito e em minha mente a ser feito. Mas será que eles sabiam? Será que aquilo fazia parte de seu espetáculo de fumaça e espelhos?

"Nós pretendemos que o Príncipe de Arrow conquiste o trono do Império no Congresso, no centésimo quarto ano interregno." Yusuf falou pela primeira vez, com um leve esforço na voz. "O Congresso do ano 100 será um impasse: isso não pode ser mudado."

"Pode ser que os domínios do califa sejam mais facilmente expandidos em outras direções." Kalal falou, com a voz aguda em dissonância com a boca séria. "Marroc pode cair com mais facilidade que Morrow ou Kordoba."

O tanto de alívio que aquela insinuação me trouxe foi surpreendente. "Eu vim para matá-lo, Qalasadi. Para devastar seus domínios e deixar apenas ruínas."

Ele teve graça ou bom senso e não sorriu para minha forma apocalíptica de expressão. Muito provavelmente eles sabiam de Gelleth até mesmo em Afrique. Talvez tenham visto o brilho dela, surgindo acima do horizonte. Deus sabe o quanto ela ardeu e até que altura. Ela queimou o céu!

"Espero que não faça isso", disse Qalasadi.

"Espera?" Eu afastei meu manto para o lado, pondo a mão no cabo. "Você não sabe?"

"Todos os homens precisam de esperança, Jorg. Até os homens dos números." Yusuf forçou um sorriso em seus lábios, a voz suave, a voz de um homem prestes a morrer.

"E o que suas equações dizem de mim, envenenador?" Minha espada estava entre nós agora. Eu não tinha nenhum ímpeto de sacá-la. A raiva de que eu precisava aumentou e diminuiu e aumentou novamente. Eu vi meu avô e minha avó estirados, pálidos, em seu leito de morte e tio Robert no túmulo de um guerreiro, com as mãos cruzadas por cima da espada sobre seu peito. Eu vi o sorriso de Qalasadi em um pátio ensolarado. Yusuf

enxugando o mar de seu rosto. “Salgado!”, ele dissera. “Espero que o mundo tenha algo melhor a oferecer do que isto, não?” Palavras ditas ao mar.

Eu bati o cabo de minha espada na madeira polida da mesa. “O que seus cálculos dizem?” Um rugido que os fez recuar.

“Dois”, disse Qalasadi.

“Dois?” Uma risada se arrancou de mim, afiada, cheia de mágoa.

Ele abaixou a cabeça. “Dois.”

Yusuf correu os dedos sobre páginas de rabiscos. “Dois.”

“É o que a mágica nos dá”, disse Qalasadi.

Alguma coisa fria formigou em minhas bochechas. “Por que dois?”

E o matemágico franziu o rosto, como fizera no pátio do Castelo Morrow, como se tentasse mais uma vez se lembrar daquela sensação perdida, recordar um sabor esquecido.

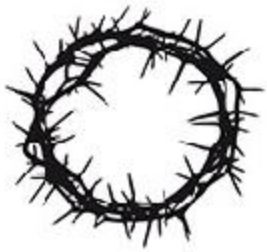
“Dois amigos perdidos nas terras secas? Dois amigos a serem feitos no deserto? Dois anos longe de seu trono? Duas mulheres que possuirão seu coração? Duas décadas que você viverá? A mágica reside no primeiro número, a matemática no segundo.”

“E qual é o segundo número?” A raiva foi embora, com a imagem restante de dois montinhos tristes na terra do Ibérico se esvanecendo.

“O segundo número”, disse Qalasadi sem checar seus papéis, “é 333000054500.”

“Isso sim é que é um número! Nada desses dois, três ou catorze com que você me aborrece. O que diabos ele significa?”

“São, eu espero, as coordenadas de onde você abandonou Miguel.”



TRILOGIA DOS ESPINHOS

EMPEROR OF THORNS

35

— CINCO ANOS ATRÁS —

Foi uma espécie de alívio descobrir que a ordem dos matemágicos não exigia minha morte, pois parecia provável que eles pudessem arranjá-la, principalmente depois que eu me entreguei nas mãos deles com tanta destreza. Também foi bom saber que agora eles consideravam haver rotas melhores do que as que levaram até Morrow, outras maneiras de pôr o poder de voto necessário nas mãos de Ibn Fayed e garantir o poder do Príncipe de Arrow. Isso significava que eu, portanto, não exigia a morte deles.

É verdade que eu tinha um histórico ruim com videntes e afins prevendo a glória do Príncipe de Arrow. Pela primeira vez, todavia, eu me senti apto a contornar aquilo e seguir adiante. Talvez eu estivesse amadurecendo. Eu me confortei com as palavras de Fexler sobre mudar o mundo e o poder do desejo. Talvez, para aqueles cujo desejo ardente fosse saber o futuro, em vez de viver no presente, fosse aquele desejo, mais do que os meios

empregados, que lhes fornecia alguma janela embaçada para o amanhã. Quer fossem bruxas de Danelore jogando runas ou mouros inteligentes com equações de complexidade diabólica, talvez fosse seu desejo bruto e concentrado que lhes dava seus conhecimentos. E se meu desejo fosse o maior, talvez eu lhes provasse o contrário.

A necessidade de vingança, de retribuição a Qalasadi após seu atentado contra minha família, nunca havia sido tão forte quanto o imperativo que me levou à porta de tio Renar. De fato, foi bom deixar para lá. Lundist e o nubano teriam ficado orgulhosos de mim, mas na verdade eu gostava do homem, e foi isso, mais do que qualquer força de caráter recém-descoberta, que me permitiu deixá-la de lado.

Em alguma câmara acima de nós, um mecanismo zumbiu e um grande sino começou a soar a hora do dia.

"Yusuf e eu iremos acompanhá-lo até a corte do califa", Qalasadi disse, com a voz alta.

"Ele não vai querer me executar? Ou me trancar em uma cela?", eu perguntei.

"Ele sabe que você está aqui, então se você for à corte conosco ou for levado para lá depois com a guarda armada provavelmente não mudará os eventos", disse Qalasadi.

"Embora, se os soldados dele precisarem arrastá-lo até lá, as projeções deslizem para resultados menos desejáveis", acrescentou Yusuf.

"Mas vocês já calcularam o que acontecerá?", eu franzi o rosto para Yusuf.

"Sim." Um aceno com a cabeça.

"E?"

"E dizer a você tornará o resultado menos certo." Qalasadi fechou o livro que havia acabado de abrir e o pegou. Yusuf passou o braço sobre meus ombros e me guiou em direção à porta.

"E Kalal vai ficar aqui?", eu perguntei por cima da décima e mais alta batida do sino.

Yusuf sorriu. “Os cálculos não se fazem sozinhos, sabia?”

A seu favor, nem Qalasadi nem Yusuf se espantaram com a falta de porta frontal da torre e eu suspeitei que ela não fosse fácil de substituir. Os rapazes de branco, ainda com os dentes enegrecidos, o que lhes dava um aspecto preocupante, haviam recolhido os fragmentos em um montinho ao lado da entrada, e outros de dentro da mathema haviam se unido a eles. Dúzias de estudantes estavam sentados em círculo, murmurando, passando pedaços de cristal uns para os outros, com um grito ocasional quando encontravam dois fragmentos que se encaixassem. Eles ficaram em silêncio quando nós passamos.

“Vejo que encontrou uma nova solução para a porta, Jorg”, disse Yusuf com a voz seca.

“Ela é um enigma melhor agora”, disse Qalasadi, “embora seja um obstáculo pior.”

Nós cruzamos a praça sob o calor do sol. Era quase possível ver o lago evaporando, mas ele dava um toque de frescor ao ar, uma dádiva mais valiosa que ouro no Saar. Os degraus até os portões do califa eram amplos e muito maiores do que degraus feitos para humanos, enganando o olho para que o verdadeiro tamanho do palácio ficasse aparente lentamente conforme se subia.

Os suplicantes se enfileiravam nos degraus à sombra de um grande pórtico. Portões que pareciam ser feitos de ouro erguiam-se acima de nós todos e guardas reais trajando aço polido estavam prontos para receber os visitantes do califa, com plumas claras e levemente ridículas balançando-se sobre capacetes cônicos. Qalasadi e Yusuf passaram pelo bando e outros pedintes de robes pretos. Eu sorri para Marco, enfiado no meio dos nativos e se esforçando para levantar o peso de seu baú mais um degrau.

“*Salaam aleikum*.” Qalasadi desejou paz ao gigante que veio barrar nossa entrada. Um desejo sensato, pelo tamanho da cimitarra no quadril do

homem. Hachirahs, era como o livro do tutor Lundist as chamava, e suas lâminas podiam cortar um homem ao meio.

"*Salaam aleikum, murshid mathema.*" O homem fez uma reverência, mas não tão baixa para alguém poder esfaqueá-lo de surpresa.

Mais palavras trocadas no idioma compartilhado por Marroc e Liba. Eu sabia o bastante para entender que Qalasadi estava assegurando o guarda de minha posição de realeza, apesar das aparências contrárias. Podia ter sido político gastar tempo e um pouco de ouro me limpando do deserto e me vestindo a caráter, mas me pareceu mais sensato me encontrar com Ibn Fayed antes de Marco conseguir uma audiência.

Nós entramos por um portão no meio do portão e três guardas emplumados nos levaram por corredores de mármore maravilhosamente frescos. O silêncio do palácio nos envolveu de paz, em vez da ausência estéril de som que havia nos corredores dos Construtores, e era quebrado de vez em quando pelo tilintar de chafarizes ocultos e gritos de pavões.

O palácio do califa não tinha nada em comum com os castelos do norte. Em primeiro lugar, ele havia sido construído para o lazer, não para a defesa. O palácio se espalhava, em vez de subir, com seus salões e galerias amplos e abertos, um indo em direção ao outro, onde eles deviam se dividir em funis e áreas para matar. E nós não passamos por nenhuma estátua, pintura, nada além de algumas tapeçarias retratando apenas padrões em cores vivas. Os homens do deserto não tinham nossa obsessão por edificar a própria imagem, imortalizando nossos ancestrais em pedra e tinta.

"Chegamos." O aviso de Qalasadi pareceu redundante. Portas duplas estavam à nossa frente, mais altas que casas, feitas de grandes tábuas de ébano incrustadas de ouro. Madeira é uma raridade no deserto: o ébano dizia mais sobre a riqueza do califa do que o ouro.

Guardas palacianos com alabardas ficavam em alcovas dos dois lados, com as pontas das lâminas em formatos elaborados e refletindo a luz de pequenas janelas circulares no teto lá em cima.

“Bem...”, eu disse, e fiquei sem palavras. Eu já havia entrado na cova dos leões antes, mas talvez, desde que entrara sozinho no exército pessoal de Marclos de Renar, eu jamais tenha me colocado tanto nas mãos de um inimigo. Pelo menos com Marclos meus irmãos estavam a apenas algumas centenas de metros de distância, em uma posição defensável. Agora eu estava em um palácio bastante protegido, em uma cidade estranha no meio de um enorme deserto, em uma terra estrangeira a um continente de distância de minha casa. Eu não tinha nada com que negociar, nenhum presente a oferecer, exceto talvez pelo truque que havia feito no deserto. Eu não sabia dizer se as coordenadas de Qalasadi estavam corretas, mas sabia que o Construtor fantasma, Miguel, não acompanharia Marco até a corte.

“Nós esperaremos aqui. Sua audiência deve ser em particular.” Qalasadi pôs a mão em meu ombro. “Não posso lhe dizer que Ibn Fayed é um bom homem, mas pelo menos ele é um homem honrado.”

Um de nossos acompanhantes deu um passo à frente para bater três vezes em um ornamento colocado na junção das portas. Eu me virei para encarar os dois matemágicos.

“Uma pena que não foram três amigos que seus feitiços previram que eu faria no deserto.” Seria bom ter um amigo como o califa, mesmo que aquela amizade se estendesse apenas até o momento de me deixar ir embora.

Atrás de mim, as grandes portas entraram em movimento. Uma brisa correu fria em minha nuca e eu me virei para encarar meu futuro.

“Boa sorte, Príncipe dos Espinhos.” Yusuf falou em meu ouvido, com a voz baixa. “Nós ficamos amigos no mar, você e eu, então você ainda tem um amigo a fazer no deserto. Escolha bem.”

O trajeto das portas até o trono, ao longo de uma passadeira de seda da cor do oceano, levou uma eternidade. Na ampla e arejada caverna de mármore da sala do trono de Ibn Fayed, andando entre trechos iluminados pelo sol como se fossem a luz e a sombra das florestas, ideias, frases, linhas

de ataque, tudo borbulhava em fragmentos, agitando-se uns sobre os outros enquanto, o tempo todo, meu olhar estava na figura em seu assento, a princípio distante, aproximando-se. Em torno do perímetro da câmara estavam grandes janelas em arco para capturarem a brisa, cada uma abrigada por venezianas elaboradas, com mais perfurações do que madeira.

Toda a extensão da sala do trono estava vazia. Apenas na plataforma do trono havia algum sinal de vida. Fayed em seu trono de madeira, em meio ao brilho de pedras preciosas, com criados nubanos dos dois lados abanando-o com longos leques de penas de avestruz. Um círculo da guarda imperial no degrau mais baixo, com dez homens. Um gato selvagem enorme no terceiro degrau e um homem musculoso para segurar a corrente dele, agachado a seu lado, ambos prestes a atacar.

Eu ainda não tinha plano algum, nenhuma ideia de quais palavras podiam fluir quando minha boca se abrisse. Eu estava preparado para me surpreender. Talvez eu arrancasse a arma de Fexler de minha cintura e abrisse fogo. Duvido que isso esteja nos cálculos de qualquer um. A não ser talvez nos do próprio Fexler.

Um homem magro de roupas pretas justas se levantou de seu assento no degrau abaixo do trono. Queimado de sol, mas talvez não de nascença. Não jovem, mas com a idade oculta. Assim como os muito gordos, os muito magros brincam com suas rugas e disfarçam a idade.

"Ibn Fayed, Califa de Liba, senhor dos Três Reinos, doador de água, recebe Rei Jorg de Renar em sua humilde morada." Falava a língua do Império sem o menor sinal de sotaque.

"Estou honrado", eu disse. "Hamada é uma joia." E na verdade, estando ali no palácio caloroso e iluminado do califa, eu não conseguia imaginar o que ele acharia dos castelos e cidades do norte. O que Ibn Fayed veria nas grandes casas de minha terra natal, frias, apertadas e sujas, lugares onde homens derramavam sangue sobre extensões de terra estreitas e enlameadas, todas cheias de fumaça e sujeira?

“O califa se pergunta o que traria o Rei de Renar tão longe de seu reino, abandonando-o?” O porta-voz do califa não tinha qualquer julgamento em seu tom, mas seu olho estremeceu de repreensão ao meu estado andrajoso.

Eu observei Ibn Fayed, afundado em seu trono, muito claramente um guerreiro, apesar de suas sedas. Ele olhou para mim, com os olhos severos e pretos. Da idade do Conde Hansa, os anos o tornaram grisalho e sua barba era cortada tão rente que deixava pouco mais do que uma sombra branca sobre sua pele escura, em direção às maçãs de seu rosto.

“Eu vim para matá-lo pelo desrespeito demonstrado a meu avô.”

Aquilo o pegou. Por um instante, seus olhos se arregalaram. Não havia necessidade de um tradutor sussurrar por trás de seu trono – ele sabia o que eu queria dizer.

Embora minha honestidade tenha ganhado um momento de surpresa do califa, ela quase fez seu porta-voz cair de volta em sua almofada. Por um momento muito longo, ele ficou boquiaberto e olhando fixamente. Os guardas nem se mexeram, contudo – eles ouviram apenas a tagarelice de um homem do norte.

Ibn Fayed murmurou alguma coisa e o homem magro encontrou sua língua.

“E esta ainda é sua intenção, Rei Jorg?”

“Não.”

Outro murmúrio e nova pergunta: “Você não acredita mais que possa alcançar seu objetivo?”

“Duvido que possa escapar depois. Acho que o deserto me derrotaria”, respondi, fazendo o califa soltar um grunhido de satisfação. “Além do mais, eu tenho uma nova perspectiva sobre o assunto e acho que talvez haja um terceiro caminho.”

“Discorra.” O porta-voz do califa conhecia claramente os modos de seu mestre, o bastante para não precisar de instruções a toda hora. Seu comando sucinto me convenceu de que ele realmente deveria ser tratado

como nada além de um canal, falando exatamente como Ibn Fayed faria se ele quisesse levantar a voz.

"Ao me aproximar da fonte dos ataques à casa de meu avô, eu me distanciei do Castelo Morrow. Até a Costa Equina ficou pequena vista de tão longe." Eu pensei em Lorde Nossar em sua sala dos mapas em Elm, refazendo as linhas apagadas e esquecidas em cartas antigas, reivindicando coisas que acabariam colocando o filho e a menina de Marten debaixo da terra. "Eu vejo que ações tomadas a uma distância tão grande ainda podem ser as de um homem honrado, embora quando vistas dos salões do castelo de meu avô elas clamem por justiça e retribuição. Eu vejo que o Príncipe de Arrow estava certo quando me disse para viajar, para conhecer os povos contra os quais eu pudesse vir a guerrear."

"E se o assassínio era o primeiro caminho, quais são o segundo e o terceiro?", perguntou o porta-voz.

"O segundo caminho é a guerra. Que meu avô transforme a riqueza de suas terras em mais navios, uma marinha maior para varrer o litoral de Liba." Eu não falei em invasão. Enquanto os mouros viam na Costa Equina uma base de apoio, eu tinha a impressão de que as terras de Afrique engoliriam exércitos inteiros sem a necessidade dos nativos fazerem mais do que esperar o sol fazer seu trabalho. "O terceiro caminho é uma aliança."

Agora Fayed riu alto. "Meu povo governa aqui há quatro mil anos." Sua voz estava tão seca que quase rachou. Ele acenou para o homem magro que continuou sem parar.

"Uma corrente de civilização que não é interrompida há milênios. E você vem aqui maltrapilho, de mãos vazias? É somente pelo conhecimento da mathema que nós o reconhecemos como rei. É verdade que os mapas tornam pequeno o que contém muitas vidas, mas em nossa sala do mapa Renar pode ser encontrada apenas após uma busca cuidadosa e coberta com o polegar." Ele fez o gesto apropriado, como se esmagasse meu reino como um inseto. "Enquanto um homem mal consegue cobrir Liba com a

mão." O homem magro abriu seus dedos. E com a mão ainda erguida, aberta e virada para mim, completou: "Há um ditado no deserto. Não tente fazer amigos de mãos vazias".

"O que o Conde Hansa pagaria para tê-lo de volta, garoto?", Fayed resmungou do trono.

Eu fiz a menor das reverências. "Minha mão apenas parece vazia, Ibn Fayed." Eu não sabia o que meu avô pagaria, mas supus que Fayed pediria mais do que dinheiro. Mesmo se eu sobrevivesse às negociações, voltar carregando tamanho fracasso comigo romperia quaisquer laços que eu houvesse feito em Morrow.

"O que ela contém, então?", o porta-voz perguntou.

"Diga-me, Excelência, foi preciso que seus mágicos lhe dissessem que eu estava a caminho?"

O porta-voz se empertigou ao ser questionado, com raiva escrita nas linhas definidas de seu rosto. Fayed fez um pequeno aceno e a resposta veio, calma e sem ofensas. "Hamada é uma fortaleza que não precisa de muros. As dunas só podem ser cruzadas em caravanas. E tenha certeza de que todos que viajam pelas estradas do sal são conhecidos por este palácio antes que apareçam na cidade. Conhecidos por nome e aparência, pelo conteúdo de sua carga, até o último figo de seus alforjes."

"E se você sabia de minha aproximação, também sabe sobre minha companhia de viagem", eu disse.

"Marco Onstantos Evenaline da Casa Ouro, Derivados Mercantis do Sul. Um banqueiro florentino."

"Ele está aguardando em seus portões, califa. Por que ele está aqui?"

Novamente o aceno para reprimir as objeções de seu porta-voz. Quando um homem não se importa em manter segredo, você sabe que está em perigo.

"Ele veio prestar queixa a respeito de um contrato. Nosso pagamento para um débito antigo afundou perto das Ilhas Corsárias. Apesar de os

florentinos terem agentes a bordo e levado os fundos sob seus cuidados, eles dizem que de acordo com os termos nenhum pagamento é devidamente realizado até que se atraque no porto de Vito."

"Interessante", eu disse. "E, embora sua visita não seja bem-vinda ou encorajada, você lhe concede as proteções e os privilégios diplomáticos dados aos clãs sob a lei do Império."

"Sim."

"E esses velhos acordos podem permitir a ele alguns figos secretos em seu alforje... Talvez você deva deixá-lo entrar e eu possa lhe mostrar o que tenho nas mãos..."

O porta-voz não respondeu. Um longo silêncio, nada além do abano de penas enquanto Ibn Fayed considerava. Um aceno mínimo de cabeça.

"Ele será convocado."

Nossa audiência se mostrou menos particular do que o anunciado, pois nenhuma outra ordem foi emitida. E mesmo assim eu supus que estivesse sendo posta em prática.

"Que gato interessante você tem, excelência." Não considero a conversa fiada uma de minhas habilidades, mas nós não podíamos simplesmente olhar um para o outro pelos próximos dez minutos esperando por Marco.

"Um leopardo", o porta-voz respondeu. "Do interior."

Uma longa pausa. Eu realmente não sou bom em puxar papo.

"Então você está destruindo todas as obras dos Construtores? Estou interessado em ouvir as razões para tal."

"Não é segredo." O porta-voz pareceu desconfortável mesmo assim. "As proclamações do califa têm sido bradadas após as orações por toda a Liba há quase um ano já. Essa nova sabedoria veio a ele em um sonho ao final do Mês Sagrado. No Dia dos Mil Sóis, houve um alvorecer tão claro que muitos de nossos ancestrais que morreram naquela manhã não conseguiram enxergar o caminho até o paraíso. Eles procuraram a escuridão de suas máquinas para se esconderem daquela luz profana. Mas

eles ficaram aprisionados lá, gênios, assombrando as relíquias de seu passado. É por misericórdia que agimos. Nós abrimos suas prisões e os libertamos para que ascendam à sua recompensa."

Ele disse suas falas com convicção. Se acreditava nelas ou se poderia ter sido um grande ator, aí eu não sabia.

"Espero que essas almas aprisionadas compreendam a misericórdia que vocês lhes concedem", eu disse. "E isso foi ideia de quem? Algum esquema saído da mathema?"

"Minha." Ibn Fayed fez a reivindicação de seu trono, com as mãos se fechando em punhos.

Um som distante e oco se repetiu várias vezes. Eu olhei para trás, ao longo da passadeira de seda, e vi as portas se abrirem. Marco Onstantos Evenaline passou por elas, de preto como sempre, mas com o chapéu nas mãos. Marco deve ter sido retirado da fila logo depois de passarmos por ele e seguido nossos passos.

Todos nós observamos seu trajeto lento pela extensão do salão. Ibn Fayed realmente tinha uma sala do trono dos diabos. Ocorreu-me que uma grande parte do Assombrado caberia dentro dela, e certamente as vilas inteiras de Gutting e Pequena Gutting.

Finalmente, Marco chegou ao meu lado, demonstrando satisfação pela primeira vez desde que nos conhecemos. A ausência de seu baú o mudara e ele estava mais alto, mais orgulhoso.

"Ibn Fayed, Califa de Liba, senhor dos Três Reinos, doador de água, recebe Marco Onstantos Evenaline da Casa Ouro, Derivados Mercantis do Sul, em sua humilde morada."

"Não faz mais que a obrigação", disse Marco. "Embora cortesias não sirvam de escudo para as consequências de suas ações."

"Como ousa?" O porta-voz podia ter falado uma língua estrangeira, mas o volume e o tom sacaram dez espadas curvas das bainhas da guarda imperial.

“Palavras duras por causa de uma dívida em aberto, Marco?” Eu fiz o que pude para ignorar o aço brilhando trinta centímetros à minha esquerda, pois os guardas me incluíram no insulto. “Pelo que podemos ver, eu diria que o califa pode pagar.” Eu não estendi o braço para a opulência de nossos arredores, com medo de alguém arrancá-lo.

“Você chafurda na ignorância, Jorg de Renar, como um porco na lama. Ficarei feliz em vê-lo arder.”

“Marco! Eu achei que fôssemos amigos.” Eu tentei não sorrir, mas nunca fui bom ator.

Ele desviou o olhar de mim em direção ao trono. “Ibn Fayed, você está condenado à morte. Toda a Hamada está confiscada.”

Dois longos dardos de aço apareceram no peito de Marco, saindo de ângulos divergentes. Eu demorei a perceber que eram projéteis, atirados de balestras gigantes ou coisas parecidas que deviam estar escondidas nas galerias acima de nós.

Marco cambaleou meio passo e ergueu as mãos. “Morte.” As juntas se estalaram quando ele formou um punho. Aquilo me fez lembrar do escorpião no Ibérico quando eu o desenrolei. Por um instante, ele hipnotizou todos nós, parado ali, empalado naqueles dardos, com seu chapéu rolando pela aba a seus pés. O punho bateu em sua palma.

E nada.

Mas talvez tenha ficado mais claro por um segundo, como se o sol houvesse saído de trás das nuvens.

Marco bateu seu punho na palma uma segunda vez. “Não!” Ele nos lançou um olhar selvagem, olhou para as flechas em seu peito e caiu.

“Isso é o que você tem na mão?”, o porta-voz perguntou. “Um louco?”

“Olhe pela sua janela, Ibn Fayed.” Eu apontei para o oeste.

Uma palma botou um dos guardas para correr e abrir as venezianas.

O homem puxou uma corda oculta e as telas se abriram, com a claridade do dia nos ofuscando. Durante um longo momento, nós ficamos piscando

na luz do deserto, tentando ver através do brilho do mundo lá fora. E lá ela surgiu, fervendo para cima em direção às dunas, uma coluna feroz de laranja e preto, entrelaçando o fogo e a noite, abrindo-se em uma fogueira, crescendo rapidamente sobre as areias e acima dela, impossivelmente alta, uma auréola branca de nuvem se espalhando, mais rápida que as chamas.

A parte queimada de meu rosto pulsou com um calor no limiar da dor e a luz dele encheu meus olhos e fez algo novo da nuvem-chama, dando-lhe uma beleza etérea e o aspecto de um portão, uma fissura no mundo, abrindo-se para alguma coisa que podia ser o paraíso ou o inferno.

"Você levaria dois dias de camelo para chegar ao centro daquela explosão", eu disse.

"Não estou entendendo." Ibn Fayed se levantou de seu trono.

"Mande trazer o baú de Marco aqui", eu disse.

O califa assentiu. Seu porta-voz gritou a ordem.

Nós não precisamos puxar assunto enquanto esperávamos. A explosão roubava a atenção. Nenhum de nós falou. Até os criados largaram suas hastes emplumadas para assistir. E após cinco minutos nós vimos as dunas se elevarem, a areia saltando no ar, uma após a outra, pou, pou, pou, mais rápidas que uma flecha voando. O som chegou até nós, uma pancada, alto o bastante para arrancar todas as venezianas de suas dobradiças e deixar um dedo de areia sobre cada centímetro do chão de mármore. O ruído que se seguiu se estendeu por um século, grave e cheio de terror.

Qalasadi e Yusuf entraram pelas grandes portas, com seis guardas atrás deles carregando o baú de Marco. Se eles bateram, não deu para ouvir.

Eles colocaram o baú ao lado do cadáver de Marco.

"Vocês checaram isso?" O porta-voz apontou para o baú.

"Checamos", Qalasadi assentiu. "De qualquer modo, nada da mágica dos Construtores pode passar pelos portões e fechaduras deste palácio."

"Isso n..." Eu engoli as palavras e apalpei meu peito. Nada! O anel de visão não estava lá. "Como diabos..."

“Eu cortei a alça pouco antes de sairmos da mathema”, disse Yusuf. “Kalal ficou para pegá-lo do chão.”

“Que mãos leves, irmão Yusuf. Não achei que você fosse ladrão.” Foi desconcertante pensar que ele pôs uma lâmina em meu pescoço, mas eu suponho que estivesse com a corda no pescoço desde que pus os pés no cais do porto de Kutta.

“Roubar é questão de tempo certo, Jorg, e o tempo certo pode ser calculado.” Ele não pareceu estar envergonhado.

Eu me lembro do sino tocando quando saímos da torre, chamando minha atenção, abafando os outros sentidos, mascarando o barulho no anel de visão batendo no chão.

“Além do mais”, continuou Yusuf, “ele teria sido detectado e recolhido nos portões do palácio, colocando-o em uma posição muito desfavorável. Um amigo não poderia deixar isso acontecer a outro amigo.”

Eu dei de ombros. Parecia haver pouco mais a se fazer. Em todo caso, eles não haviam detectado minha arma. Talvez, ao falarem sobre as obras dos Construtores, eles se referissem àquelas com mais magia e menos mecânica. Aquelas onde raios corriam aprisionados em veias de metal.

“Abram-no”, disse Ibn Fayed, de volta a seu trono, olhando da janela para o baú, do baú para a janela.

Qalasadi se ajoelhou, desatou as fivelas, fez alguma mágica na fechadura – uma fechadura que eu sabia ser muito complicada – e abriu a tampa.

“Areia?” O califa inclinou-se para a frente.

O deserto me ensinou muitas coisas. Duas delas eram sobre Marco. O deserto é um lugar calmo. Não silencioso. Há sempre o vento, o chiado da areia, o barulho dos pés e a reclamação dos camelos. Mas é um lugar onde um homem pode ser ouvido e onde um homem pode ouvir. Quando ouvi Marco, percebi que ele zumbia, rangia e tiquetaqueava. Todos esses sons eram quase inaudíveis, mas uma vez percebidos eram ouvidos em todos os

momentos de silêncio, especialmente quando ele fazia esforço – dava para ouvir mais claramente, aquele zumbido, como as engrenagens de meu relógio.

E ao descobrir essa estranheza eu me vi observando Marco Onstantos Evenaline, o homem branco em seu terno preto, sem se queimar com o sol, suando mas nunca esmorecendo, um homem curiosamente inadequado para o que deveria ser, excetuando-se a dureza dos livros de registro, um ramo de apertos de mão calorosos e relações humanas.

A segunda coisa eu aprendi à noite, observando as estrelas infinitas. Eu percebi que elas brilhavam. O que era esperado, é claro. Estrelas brilham. Mas me pareceu, na calada da noite, com a areia à nossa volta mais fresca e o ar frio o bastante para eu me enrolar em meus cobertores, que as estrelas acima do camelo de Marco piscavam demais. E eu me lembrei da névoa de calor que vira nos Montes Ibéricos, apenas com o olho rodeado pela queimadura que Gog me deixou como agradecimento. A névoa que vi com a segunda visão. A névoa que alertava sobre fogos secretos.

Uma semana depois, na calada da noite, a dois dias de Hamada, eu me levantei de meus cobertores. Os ha'tari estavam acostumados a homens deixando a caravana para molhar a areia. Nas Margens, nós tínhamos uma trincheira aberta para nos proteger de vagar entre as fissuras e dos horrores que se espreitavam nelas, mas no deserto nós podíamos achar um local quieto entre as dunas. Era bem menos comum um homem levar seu camelo até a areia. E eu nem estava levando o meu, estava levando o de Marco. Talvez eles me achassem um menino da cidade, por muito tempo sem a companhia de mulheres, e atentado além dos limites pela traseira contraída do camelo à frente. Provavelmente, acharam que eu queria roubá-lo do banqueiro. De um jeito ou de outro, nenhum deles gostava de Marco, mas eles gostavam de meu ouro.

Eu não fui muito longe. No declive entre duas dunas pálidas, tirei o baú das costas do camelo e comecei a mexer no fecho complicado com

minúsculos palitos que guardei dos anos com os irmãos. Há pouco uso para qualquer coisa mais sofisticada que um machado ao nos depararmos com uma fechadura na estrada, mas elas sempre me fascinaram e eu aprendi algumas técnicas com homens em nosso bando que haviam caído em desgraça por caminhos menos violentos que o meu. Eu trabalhei com véu, com a gaze sobre a fenda dos olhos, usando apenas o tato.

Com tempo, eu consegui destravar o baú. Cavei uma cova na areia, mais como uma mossa – não dá para fazer um buraco fundo nas dunas, assim não se pode cavar na água. Foi preciso muita força para virar o baú de lado. Os recursos do anel de visão me disseram claramente que apenas uma fração do maquinário diante de mim era necessária para produzir a imagem de Miguel. Eu precisei imaginar para que servia o peso do restante e os punhados de fogo oculto que surgiam dele.

Eu supus que o conteúdo se separasse facilmente do recipiente. Nenhuma mão de antigamente havia esticado a pele de tubarão sobre sua estrutura, nem o interior era forrado de madeira. Marco gostaria de poder mudar a caixa sem esforço para disfarçar a carga quando preciso.

Eu abri a tampa pelo lado e inclinei o baú para a frente para que caísse aberto dentro do buraco... dentro da mossa, pelo menos. Eu fucei um pouco, enfiando a ponta de minha faca em dois lugares, e sacudi e grunhi o bastante para alarmar o camelo de Marco, e logo separei o baú de seu conteúdo. Usei um prato roubado para jogar areia sobre o bloco retangular de aço prateado e plastik. A máquina zumbiu uma vez durante o processo e depois ficou em silêncio.

Com areia encobrindo todo o dispositivo, eu dediquei minha atenção a preencher o baú. Meia hora depois, suando e com a boca seca, quase morri levantando aquela coisa até as costas do camelo novamente.

“Como você sabia que os Construtores fantasmas não explodiriam o dispositivo enquanto você o estava enterrando?” Qalasadi perguntou.

“Como eles saberiam o que estava acontecendo? E essas coisas são valiosíssimas, não dá para fazê-las de novo. Eles não a destruiriam, a não ser que não restasse qualquer esperança de recuperá-la”, eu disse.

“Por que eles permitiriam que o banqueiro a detonasse, se não estava perto o suficiente do palácio para destruir Ibn Fayed?”, perguntou Yusuf.

“Não tinha certeza de que eles permitiriam”, eu disse. “Mas parece que os Construtores fantasmas veem menos do que pensamos, especialmente no deserto e nos lugares onde suas obras sejam alvo de destruição. Devem ter confiado em Marco para agir em interesse deles. Mesmo se eles soubessem onde o dispositivo estava, eles não podiam dizer com certeza se o califa havia entrado no raio de sua destruição. Ou talvez eles esperassem que ela fosse mais devastadora.”

“Mais?” O porta-voz respirou fundo.

Eu dei de ombros. “De qualquer modo, Marco não precisava levar seu baú até a sala do trono ou até o palácio para que ele fizesse seu trabalho. Ele poderia ter destruído Hamada a dois quilômetros de distância, no meio das dunas. Se sua coragem diante do trono era instrução dos Construtores ou o que ele achava ser uma saída apropriada do mundo, isso eu não sei.”

“Os Construtores jogavam seus sóis de um lado do mundo ao outro em labaredas e, onde elas queimavam, países inteiros eram reduzidos a carvão”, disse Qalasadi. “Para que mandar um único banqueiro carregar a arma até aqui em cima de um camelo?”

“Não há muito que ainda funcione após mil anos.” Eu fechei o baú e me sentei sobre a tampa. “Os foguetes e suas maiores armas estão desgastadas e inúteis... Apenas os gatilhos continuam intactos... as fagulhas que acendiam os sóis, se preferir. Elas precisam ser movidas por agentes até a cidade que precisa ser destruída.”

“E esta é a vingança deles por minha...” Ibn Fayed pareceu velho, com um tremor nas mãos. “Eu fui orgulhoso demais. Pelo bem de meu povo eu vou...”

“Você pode ter se colocado na frente da fila, califa, mas acho que há mais em jogo do que isso. Miguel era como se chamava. Pode não ser por acaso que ele tenha o mesmo nome do arcanjo, o chefe dos exércitos de Deus. Os Construtores têm preocupações maiores do que um governante do deserto quebrando as máquinas que encontra sobre as dunas. Alguns entre eles pretendem matar todos nós. Hamada foi uma demonstração. Um modelo a ser repetido.”

“Sorte nossa que você chegou ao nosso litoral na hora certa, Rei Jorg.” Qalasadi abaixou a cabeça.

“Foi sorte, mágico?” Eu tentei ver seus olhos, mas ele manteve a cabeça baixa. “Você sabia que os fantasmas dos Construtores estavam planejando algum tipo de ataque. Você achou que eu estava envolvido... e me deixou entrar no palácio do califa, embora desarmado. E talvez houvesse outra mão apontando em minha direção, trabalhando naquela questão de tempo certo que parece tanto orgulhá-los...” Eu me perguntei se Fexler havia me manipulado e me empurrado para lá e para cá em seu tabuleiro, com leves toques e piscando de vez em quando aquela luz vermelha vista através de um anel de aço. Será que ele havia atrasado Marco ou acelerado seu caminho para que nós encontrássemos o porto de Albus juntos? Será que eu era o agente de Fexler em alguma competição com Miguel... com toda a sua facção?

“Explique para mim”, disse Ibn Fayed, “por que esse assassino arriscaria tanto só para me dizer o que pensava antes de morrermos todos? Se meus dois arqueiros não houvessem errado seu coração, ele poderia ter morrido sem explodir...” Seu olhar se voltou às janelas. “Aquilo.”

“Acho que não havia perigo de ele fracassar”, eu disse.

“Mas ele morreu apenas instantes depois de completar sua missão”, disse Ibn Fayed, com os olhos afiados sob sobrancelhas cinzentas e cerradas.

“Ah, Marco não está morto”, eu disse. “Está, Marco?”

A cabeça do moderno se levantou. A rapidez foi chocante, como um metal flexionado que volta ao lugar, e com assassinato em seus olhos.

"Não tenho certeza de que ele estava vivo em momento algum." Eu me afastei sem sacar minha espada, no caso de arqueiros zelosos demais atirarem dardos em meu peito também.

Marco ficou de pé em uma série de movimentos espasmódicos. Ele arrancou as flechas de seu corpo e as jogou ao chão, lambuzadas de sangue, mas sem pingar. A guarda imperial sacou suas espadas novamente.

"Você só queria ouvir como foi enganado, não é, Marco? Antes de você encontrar uma boa hora para terminar pelo menos parte do trabalho."

Ele me ignorou e pulou para cima do califa, sem se preocupar com os guardas bloqueando seu caminho. Lâminas brilharam em movimento, pés se arrastaram pelo chão de areia, sangue espirrou, nacos de carne voaram e Marco apareceu a um metro de Ibn Fayed antes de o peso dos homens levarem-no ao chão. Ele lutou com a mesma rapidez assustadora demonstrada quando levantou a cabeça, com os dedos dilacerando músculos e gordura, atirando homens adultos para longe como se eles fossem menores que crianças. As espadas que caíam sobre ele fatiaram seus trajes pretos reduzindo-os a farrapos, mas por baixo da carnificina vermelha de sua pele brilhava metal, cobre e aço prateado. Zumbidos e estalos acompanhavam seus movimentos, audíveis através dos gritos, do choque dos aços e do bramido do leopardo. O barulho de dentes atravessando as engrenagens enquanto dedos apertavam pescoços com a força inexorável de um torno.

Homens morreram. Marco ficou de pé novamente. Ibn Fayed e seu porta-voz procuraram abrigo atrás do trono conforme Marco subia o terceiro degrau, com sangue escorrendo pela pedra em filetes vermelhos. Guardas feridos seguraram ambas as pernas e outros o cortavam como se ele fosse uma árvore. Diante do trono, o leopardo e seu domador hesitaram. O gato

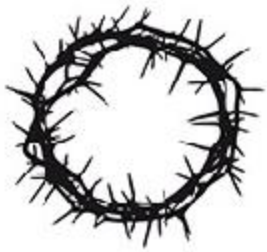
estivera puxando sua corrente, pronto para atacar. Agora ele estava sentado, com as orelhas coladas em sua cabeça. Fera sensata.

Mais guardas entraram correndo pelas grandes portas e outros atrás deles, mas, assim como tudo, foi uma questão de hora certa. Marco já havia se fartado daquilo para seu propósito, mas eles não. Ele mataria o califa antes que o impedissem.

Eu subi os três degraus, com cuidado para não pisar no sangue, e puxei minha arma debaixo de minhas roupas. Com o cano apontado para a parte de trás de seu crânio pálido, atirei quatro balas através da estrutura de metal até qualquer engrenagem que lhe servisse de cérebro.

Ele caiu, contorcendo-se entre os mortos e feridos enquanto os ecos do último tiro se extinguiram.

Eu ergui a arma. “Tecnologia velha.” Eu a apontei para Marco. “Tecnologia nova. Talvez seja uma boa rever aquelas fechaduras, Qalasadi.” Eu girei a arma em meu dedo e a estendi na palma de minha mão, mostrando-a para Ibn Fayed. “E isto, califa, é o que eu tenho em minha mão.”



TRILOGIA DOS ESPINHOS

EMPEROR OF THORNS

36

— CINCO ANOS ATRÁS —

Ibn Fayed mandou colocarem um trono de prata um degrau abaixo do topo de sua plataforma quando voltei à corte, limpo e revigorado, trajando sedas e uma pesada corrente de ouro, e pediu que eu me sentasse ali.

"Estes são tempos lamentáveis em que fantasmas de nossos ancestrais querem tirar nossas vidas." Ele falou diretamente comigo agora, lento em suas palavras, como se as pescasse da poeira da memória.

"Eles não estão de acordo, esses fantasmas. Uma espécie de guerra os assola, lá dentro de suas máquinas. Mas poucos Construtores têm boas intenções para conosco. Até nossos salvadores nos transformariam em escravos", eu disse a ele.

"Então você se unirá a mim? Para cavar e destruir o que encontraremos deles? Começar uma nova era, livres dos fantasmas do passado?" Ibn Fayed soou curioso em vez de ávido.

“Um sábio me disse que a história não nos impedirá de repetir nossos erros, mas pelo menos nos envergonhará por fazê-lo.” Eu me lembrei do sorriso de Lundist quando ele disse isso, com tanta tristeza quanto divertimento. “Você discutirá seu caso no Congresso, Ibn Fayed?”

“Seria bobagem comparecer. Qual lugar melhor para os fantasmas nos destruírem? Podemos confiar na Guarda Gilden para impedir todos os agentes como o banqueiro de chegar a vários quilômetros dos Portões Gilden?”

Eu juntei os dedos indicadores na frente de minha boca para esconder a risada que surgia ali. “Califa, eu apostaria minha vida que o último imperador, todos os seus pais antes dele, e todo Congresso desde o comissariado se sentou em cima de um dispositivo mais poderoso do que o que Marco carregou até Hamada. Os Construtores fantasmas queriam ter certeza de que podiam acabar com o Império a qualquer momento que escolhessem. O fato de eles não terem feito isso só nos diz que a facção de Miguel ainda não tem o comando entre seus irmãos nem acesso irrestrito ao que controla tais armas.”

“Se os fantasmas conseguirem se unir em um nível suficiente para destruir Vyene, nenhum lugar estará a salvo. Marco só fracassou aqui por azar e pela intervenção de outros fantasmas.” Agora eu tinha certeza de que Fexler havia me atirado ao moderno, ou soldado mecânico, ou o que diabos Marco realmente era.

“E quando você for ao Congresso, Jorg, como votará?”, Ibn Fayed perguntou, concedendo-me a cortesia de que um único voto importasse.

“Em mim mesmo, é claro.” Eu sorri, franzindo a rigidez da cicatriz. “E você, califa?”

“Orrin de Arrow é um bom homem”, disse ele. “Talvez seja a hora de um homem assim.”

“Um imperador não iria irritá-lo? Você não prefere governar o deserto com as mãos livres?”

Ibn Fayed balançou a cabeça, coaxando uma risada seca. “Eu vivo à beira do Império Sagrado. Ao sul, tão longe quanto Vyene, está outro imperador, um imperador cerani, e seu domínio chega até minhas fronteiras, tão grande quanto nosso Império era em seu auge. Muito em breve, talvez não durante minha vida, mas certamente antes de meu neto assumir seu trono, os cerani e suas tribos aliadas sairão do deserto e engolirão Liba inteira. Isto é, a não ser que alguém seja coroado em Vyene para recompor nossa força.”

Eu passei um mês na cidade do deserto. Aprendi o que pude de suas maneiras. Por algumas semanas, estudei na mathema e até colei um pedaço de sua porta. Qalasadi devolveu o anel de visão aos meus cuidados, na condição de que ele nunca entrasse no palácio e saísse de Liba comigo.

Eu me sentei uma noite na torre da mathema, enclausurado sozinho em um quarto sem janela, no pavimento da porta marcada com “épsilon”. Um simples lampião de barro iluminava o livro à minha frente, com equações e mais equações. Eu tenho o talento para matemática, mas nenhum amor por ela. Já vi uma fórmula pôr lágrimas nos olhos de Kalal, com sua elegância e a simples beleza de suas simetrias. Eu compreendi a fórmula, ou achei que houvesse, mas ela não me tocou. Se existe poesia nessas coisas, eu não consigo vê-la.

Sobre a mesa, ao lado do livro, estava o anel de visão, um troço brilhante e inerte desde a explosão, ou desde a intervenção de Qalasadi, embora ele tenha dito que não fizeram nada com ele. Eu bocejei e fechei o livro com força suficiente para fazer a chama tremer e o anel dançar como uma moeda que gira suas últimas rotações. Mas, diferentemente de uma moeda, o anel continuou a oscilar. Eu assisti, hipnotizado.

“Jorg?” A imagem de Fexler surgiu acima do anel, pintado de branco como sempre, mas não tão opaco. Se os Construtores se pusessem a recriar os fantasmas das histórias infantis, eles não fariam um trabalho tão bom.

“Quem quer saber?”

Ele se focou em mim quando eu falei e sua imagem ficou mais nítida. “Você não consegue me ver?”

“Eu consigo vê-lo.”

“Então você me reconhece. Fexler Brews.”

Eu pus a mão aberta sobre o livro. “Diz aqui que uma previsão diverge da verdade. Quanto mais a previsão for prolongada, maior a discrepância. Tudo envolvendo estatísticas e limites, claro. Mas a mensagem é bastante clara. Você é uma previsão. Duvido que você ainda se pareça com o homem que eu vi morrer.”

“Inverdade”, disse Fexler. “Eu tenho os dados originais. Eu não preciso confiar em memórias evanescentes. Fexler Brews está vivo em mim, tão verdadeiro e nítido quanto sempre esteve.”

Eu balancei a cabeça e o observei. As sombras dançavam por toda parte, exceto sobre ele. Em mim, nas paredes, no teto, apenas Fexler era constante, iluminado por sua própria luz.

“Você não pode crescer se é constantemente definido por uma coleção de momentos congelados à qual você continua a se referir. E se você não pode crescer, não está vivo. Então ou você é Fexler e, assim como ele, está morto, ou você está vivo, mas é outra pessoa. Outra coisa.”

“Você tem certeza que é de mim que estamos falando?” Fexler ergueu uma sobrancelha, muito humano.

“Ah...” Aquilo se fechou sobre mim como mandíbulas de aço. As piores armadilhas são aquelas que armamos para nós mesmos. Todos esses anos e foi preciso um nada, uma teia de números, para me mostrar a mim mesmo. Eu podia contar em uma mão os momentos breves e pessoais que me pregavam a meu passado. A carruagem e os espinhos. O martelo e Justiça queimando. O bispo. A faca de meu pai enterrada em meu peito. E em minha cintura, dentro de uma caixa de cobre, talvez mais um. “Eu gostava mais de você antes, Fexler. Por que está aqui?”

“Eu vim saber de seus planos”, disse ele.

“Você não me observa o bastante para saber?”

“Eu estive... ocupado, em outro lugar.”

“Vyene está me chamando”, eu disse. “Eu pretendo pegar um barco até Mazeno e viajar pela estrada até os Portões Gilden. Provavelmente, será uma viagem de volta mais rápida do que a que me trouxe até aqui. Além do mais, eu tenho a lembrança de um sonho febril, a lembrança de você me pedindo para ir até lá, algo sobre o trono e meu anel de visão, só que você o chamava por outro nome. Anel de controle? Essa é uma lembrança verdadeira?”

“É uma lembrança verdadeira, mas não vou falar sobre isso agora. É provável que outros estejam escutando. Vá a Vyene: será um bom aprendizado.”

Eu me recostei e passei o olho pelos livros enfileirados em prateleiras do chão até o teto, todo aquele conhecimento. “Esses matemágicos, são eles que defendem a tentativa de nos recivilizar, não são, Fexler? O começo de uma nova compreensão, para que possamos reparar o que os Construtores construíram.”

“Um de vários começos assim.” Ele assentiu.

“Eu vi o que restou de sua época. Quase nada foi escrito...”

“Foi escrito em máquinas, em memória. Você só não tem os meios para ler.” Fexler olhou em volta para os livros também, como se precisasse usar os olhos para vê-los. Uma de muitas enganações, sem dúvida.

“Eu vi aqueles restos e em nenhum lugar fala-se sobre céu e inferno, vida após a morte, igrejas ou mosteiros, ou nenhum lugar de adoração.”

Fexler olhou para baixo, para mim, flutuando um palmo acima da mesa, com a cabeça quase tocando o teto. “Poucos entre nós se preocupavam com religião. Nós tínhamos respostas que não precisavam de fé.”

“Mas eu já falei com um anjo.” Eu franzi a testa. “Pelo menos acho que falei. E com toda certeza já fui às terras mortas atrás de pedaços de almas humanas. Como você pode...”

“Para um menino inteligente você pode ser muito burro, Jorg.” Algo em sua voz trouxe um leve eco daquele anjo, eterno, tolerante.

“O quê?” Falei alto demais. Minha raiva nunca está mais do que a um momento de distância. Ela faz de mim um bobo, mais vezes do que possa dizer.

“Nossa maior obra foi mudar o papel do observador. Nós colocamos poder nas mãos das pessoas, diretamente nas mãos delas. Poder demais, como se viu. Se a força bruta da vontade de um homem, a vontade do homem certo, pode fazer fogo do nada, abrir as águas, pulverizar pedra, comandar ventos, o que será do desejo sem foco e da expectativa de milhões?”

“Você...”

“Sua vida após a morte é o que você espera que ela seja, o que os milhares, milhões à sua volta esperam, o que a lenda constrói, contada, recontada, refinada, em evolução. Neste lugar, entre as areias, eles confeccionam para si um paraíso diferente e caminhos diferentes até ele, alguns escuros, alguns iluminados. Tudo isso é fabricado, construído em cima da realidade vivida pelo meu povo. O que quer que aguardasse um homem após sua morte naquela época não era mencionado em nossos cálculos. Nossos padres, quando encontravam alguém para ouvir, descreviam algo mais sutil, mais profundo e mais maravilhoso do que a mixórdia de superstição medieval feita pelo seu povo.”

“Nós a fizemos?” Não parecia possível. “Nós construímos o céu e o inferno?”

“Ah, sim. Se seus padres descobrirem o poder que está na ponta de seus dedos, com a vontade de seu rebanho atrás deles... reze para que eles não descubram, ou cada palavra sobre fogo e enxofre, sobre últimos julgamentos e diabos com tridentes se tornará a verdade do evangelho, surgindo por todos os lados. Por que você acha que trabalhamos tanto para reforçar o ódio da Igreja por ‘magia’ e sua prática?”

O pior de tudo é que eu acreditei nele. Parecia verdade. Sem pestanejar, eu peguei o livro de cálculo e o coloquei sobre o anel de visão com força. A imagem de Fexler desapareceu como um ponto de luz quando você põe a mão sobre o buraco que o projeta. Há somente um tanto de verdade que eu consiga ouvir de uma vez só.

Qalasadi e Yusuf foram até a fronteira de Hamada para me verem partir para o deserto. Eu havia me despedido de Ibn Fayed no frescor de sua sala do trono, aceitando presentes de ouro, diamantes, âmbar e cravo-da-índia para a viagem. "Sempre há dor", o califa me disse, fechando minha mão em torno da especiaria.

Omal aguardava com os camelos, dez no total, três deles altos e brancos – presentes que ganhei do califa –, bons reprodutores e de boas linhagens, segundo os relatos. Para mim, eles eram tão mal-humorados, desajeitados e malcheirosos quanto o restante. Além de Omal, nós tínhamos mais três tropeiros e uma guarda de cinco ha'tari.

"Faça uma viagem segura, Rei Jorg." Qalasadi se curvou, com a mão sobre o abdômen.

"Ainda não tive uma dessas, mas vamos esperar que esta seja a primeira." Eu sorri e inclinei minha cabeça por uma fração.

"Da próxima vez, venha à minha casa, conheça minha esposa, veja o que tenho de aguentar", disse Yusuf sorrindo, com os olhos brilhantes.

"Da próxima vez eu vou." Eu me virei para partir, mas parei. "E o Príncipe de Arrow? Suas previsões não lhes dizem para me eliminar a fim de deixar o caminho livre para ele?" Por um instante frio, eu me perguntei se os nove homens que me acompanhavam tinham ordens de enterrar meu corpo em uma duna.

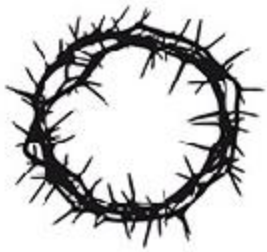
O sorriso de Yusuf ficou um pouco congelado e ele lançou um olhar constrangido para Qalasadi. O mais velho entrelaçou os dedos e levou as

duas mãos ao queixo.

"Nossas projeções não mostram nenhuma probabilidade significativa de você impedir o Príncipe de Arrow, Rei Jorg. Assim, somos salvos de ter que lidar com os problemas de um em relação aos outros e dos outros em relação a um."

"Se ele for a Renar, Jorg, não fique no caminho dele." Um toque de súplica na voz de Yusuf. "Não seria prudente."

"Bem." A revelação me deixou um pouco desorientado apesar de me salvar do conflito com os matemágicos. "Que bom então." E eu saí para montar em meu camelo.



TRILOGIA DOS ESPINHOS

EMPEROR OF THORNS

37

A HISTÓRIA DE
CHELLA

Keres deixara uma sensação de irritação em seu rastro. A carruagem rangia como as juntas de um velho e todo local que ela tocava ficava áspero, descolorido, seco o bastante para sugar a umidade da pele.

"Ela encontrará seu caminho de volta até o Rei Morto." Chella virou de costas para a estrada, com Kai por perto atrás dela.

A lichkin seguiria fraturas e falhas, lugares onde os véus entre o mundo e o domínio seco da morte eram mais gastos. Ela viajaria em caixões, ensombraria os doentes, seria levada com os esporos da peste e com o tempo entraria na corte do Rei Morto, novamente envolta em espíritos inquietos, recolhidos em sua jornada.

"Nós devíamos estar nos locomovendo, delegada." O capitão Axtis, da Guarda Gilden, havia reunido suas tropas um quilômetro adiante na estrada enquanto os necromantes cuidavam das necessidades de Keres.

Embora os guardas continuassem sem saber sobre a lichkin, sua presença os perturbava, minando o moral. Axtis parecia disposto a seguir em frente, deixando Gottering aos mortos.

"Façamos isso." Chella se arrastou de volta para dentro da carruagem. "Vá tão rápido quanto quiser, cocheiro."

Eles se puseram em movimento antes de Kai fechar a porta atrás dele. Ele segurou a lateral do banco para que a queda não o levasse ao colo de Chella, e se segurou por um momento, com trinta centímetros separando seus corpos oscilantes. Sua pulsação batia feroz nas veias de seu pulso.

Mãos ágeis. Por um momento, Chella saboreou o pensamento de tal emaranhamento. Kai encontrou seu equilíbrio e seu assento ao mesmo tempo que ela o empurrou – uma decisão mútua. Ela fechou as mãos, com as unhas afiadas em suas palmas, e pôs a cabeça contra o encosto. *O que eu poderia querer com uma coisa linda e loira como ele, em todo caso? Carne sem sal.*

"Estaremos em Honth logo?", perguntou Kai.

"Sim." Ele sabia disso. Os vivos simplesmente gostavam de conversar – eles passariam bastante tempo em silêncio no túmulo. A mesma necessidade contorceu os lábios dela, querendo acrescentar mais. Ela os apertou bem forte.

"Depois ao longo do Danub", disse Kai. "Você já o viu, Chella?"

"Não."

"Dizem que se você estiver apaixonado as águas ficam azuis."

Antes de Jorg, ela nunca havia viajado, nunca havia saído de Gelleth, apenas aquela curta jornada de Jonholt até a montanha. Alguns poucos quilômetros em três vidas, mas as coisas que ela viu nessa viagem...

O período de três vidas foi passado penetrando a morte, deslindando mistérios, afastando-se da vida com toda a sua bagunça, sua algazarra e suas querelas. E aqui estava ela, chacoalhando pelo caminho em direção

ao coração do Império, enjoada por estar viva, com o estômago se revirando pelos solavancos e pelo pensamento do que estava à frente. Até o Rei Morto a anunciar como seu representante e colocar cinco selos de voto em suas mãos, ela nunca havia duvidado de sua genialidade. Agora sabia que era insanidade.

Na Cidade de Wendmere, o capitão Axtis parou a coluna para o almoço. A guarda colocou seus duzentos e cinquenta cavalos de guerra, seus animais de carga e os corcéis dos seguidores da coluna a pastar nos prados, sem se importar com quem os cultivava ou que necessidade a grama supria. A cauda irregular dos seguidores ainda estava se aproximando quando Kai e Chella se sentaram ao lado da lareira da melhor pousada de Wendmere. Chella notou os vagões dos armeiros passando, as carroças dos ferradores, os coureiros da tropa, o minúsculo carro das costureiras. Kai prestou mais atenção às prostitutas, uma população em constante mudança atrás da guarda, garotas em mulas, garotas em charretes e troles, e outras na casa sobre rodas de Onsa. Cada bando com um tratante de rosto cortado para proteger e guiar, caçar e negociar. Chella quase podia ver as correntes de fome e miséria que os rebocavam atrás dos homens dourados de Vyene.

Guardas trouxeram cálices e bandejas em seus estojos forrados de veludo do vagão de mercadorias, cada peça estampada com a águia imperial. Somente a própria Guarda Gilden podia ser confiada para servir seus protegidos, a Centena ou seus representantes. Chella se viu imaginando se esses guerreiros brilhosos sabiam lidar com a espada tão bem quanto lidavam com os talheres de prata sendo colocados diante dela.

"O que você acha da elite do Império, Kai? Você serviu a um exército, não serviu?"

Kai abaixou seu cálice dos lábios escurecidos pelo vinho. Ele franziu o semblante para o homem em posição de sentido prestes a enchê-lo novamente. “Quem disse que guardas são ‘elite’? O terceiro filho de qualquer nobre insignificante, que é burro demais para se dar bem no clero, é mandado a Vyene onde engorda com subornos como um ‘vigia’ supervalorizado, e a cada quatro anos eles fazem uma pequena viagem para reunir a Centena. Armaduras bonitas não fazem um guerreiro.”

Felizmente para Kai, os soldados em volta deles disfarçaram bem a ofensa.

“Acho que a verdade está em algum lugar no meio disso”, disse Chella. “Ouço dizer que eles treinam muito, esses homens de Vyene. Eles são, talvez, tão bem formados quanto uma arma pode ser sem fogo.”

Ela olhou para fora, através da distorção das janelas pequenas e turvas, até os telhados, até a fumaça distante. Sua verdadeira proteção espreitava lá fora em algum lugar, Thantos, mais cuidadoso que sua irmã e mais mortal.

Keres havia sido esfolada, no entanto! Um arrepio passou por Chella, apesar da fogueira, apesar do vinho. Se a lichkin lhe dissesse o que aconteceu, sua mente estaria mais tranquila. Um problema identificado é um problema resolvido.

Capitão Axtis entrou, batendo os pés contra o frio e limpando a chuva dos ombros de sua capa.

“Diga-me, capitão”, disse Chella, “quando foi que a guarda foi convocada pela última vez para defender os Portões Gilden, qual foi a última vez que foram ao campo de batalha?”

“No sexagésimo ano interregno, senhora delegada.” Sem hesitar. “Na batalha das Planícies Crassis, contra o sacro exército romano do falso Imperador Manzal.”

Uma geração atrás. “Você já era nascido, Axtis?”

“Eu tinha dois anos de idade, senhora delegada.”

E hoje mostrava os cabelos grisalhos debaixo daquele capacete. Chella se perguntou como eles se sairiam contra os mortos do exército de seu mestre, os rápidos e os lentos, os monstros e os lichkin.

"Eu vim dizer que devemos prosseguir se quiserem ter uma escolta completa por todo o trajeto até Vyene."

"Ah, nós queremos, capitão." Chella largou seu cálice e se levantou. Seria muito útil para Axtis colocar Kai e Chella em uma daquelas balsas douradas. Deixar o Danub levar embora os problemas dele, descarregar suas responsabilidades no rio, e se a balsa afundasse com todos seria um preço pequeno a se pagar para manter o Congresso fora do alcance do Rei Morto por mais quatro anos.

A carruagem prosseguiu entre a coluna da guarda, passando por bosques e campos, cidades e vilarejos. Chella se viu observando a paisagem, aproveitando o calor dos raros raios de sol entre as chuvas, respirando os aromas do interior, o fedor das fazendas. Quando o grito de "Honth" a despertou de seus pensamentos ela mordeu a língua para deixar a dor a avivar. A vida lança mais feitiços do que qualquer necromante e eles podem ser duas vezes mais mortais em sua suavidade.

"Quanto falta?", ela gritou ao cocheiro.

"Dois quilômetros, talvez três."

Eles continuaram a ranger por mais alguns minutos até pararem.

"Não é possível que já tenhamos chegado." Kai abriu a porta. Cercas vivas, gado mugindo adiante. Uma onda de cavalos e corpos em armaduras douradas, e Axtis desmontado diante deles.

"Lady Chella, outro delegado..."

"Saia do caminho." Uma voz mais alta por cima da do capitão. "Você não pode me impedir, estou em missão de paz."

Axtis bateu a porta da carruagem no rosto de Kai.

“Você não tem autoridade aqui, senhor!” Axtis usou o grito que reservava a seus homens. “Eu sugiro que retorne à coluna da frente.”

O barulho de alguém saltando de seu cavalo. “Estou em visita diplomática, capitão. Seu trabalho é facilitar tais relações. Se nós delegados chegarmos às vias de fato, você pode intervir.”

A porta da carruagem chacoalhou, uma mão na maçaneta. Kai bloqueou a grade, olhando para a cena lá fora.

“Só podem ser os representantes das Ilhas Submersas, não? Quem mais estaria vindo do oeste?” Uma fungada alta. “Não cheira como o Rei Morto. Quem é que você tem aí, capitão?”

Kai abriu a porta. E se afastou, meio empurrado, meio por vontade própria, enquanto Jorg Ancrath, vestido de preto e vermelho com a túnica da estrada, entrou.

“Chella!” O garoto deu um de seus perigosos sorrisos para ela, ignorando Kai.

“Jorg.”

Ele se sentou no banco em frente ao deles, com as pernas esticadas e as botas enlameadas no chão, completamente à vontade. Ele jogou os emaranhados longos e pretos de seus cabelos para trás sobre os ombros, observando-a com os olhos escuros, uma satisfação tocando os ângulos agudos de seu rosto e a queimadura feia como um lembrete de seus extremos.

“Dois de vocês?” Novamente o sorriso afiado. “Esses são todos os vivos que podem ser reunidos das Ilhas Submersas? E Chella, você não é de Brettan. Eu teria percebido na sua voz.”

“*O* Jorg?” Kai virou-se para ela.

“Um Jorg, certamente.” Jorg se inclinou, com os cotovelos sobre os joelhos. Do lado de fora, a guarda se agrupava. “E parece mesmo que eu sou o objeto de uma fascinação doentia em certos meios. Não é, Chella?” Ele deixou a mão cair e repousar na saia preta sobre a coxa

dela. “Eu sou casado agora, coração, então você deve tirar o romance da cabeça.”

“O Rei Morto...”, começou Kai.

“O Rei Morto me ama também, eu acho”, disse Jorg, fechando os dedos sobre a perna dela. “Ele me observa há anos. Mandou seus lacaios invadirem a sepultura de meu irmão.” Ele se virou para encarar Kai, muito rapidamente. “Você sabe por quê?”

“Eu...”

Jorg virou-se novamente, com o olhar fixo sobre Chella. “Ele não sabe. E você?”

“Não.”

“Que frustrante para vocês.” Jorg a soltou e se recostou no banco. A perna dela ardeu onde os dedos dele tocaram. “Devemos continuar? Minha coluna está logo adiante esperando para cruzar o Rima na ponte de Honth.”

Kai bateu os pés para a carruagem prosseguir. “Pelo que ouvi, fico surpreso que você escolha viajar na companhia de lady Chella, Rei Jorg.”

“Ela tem contado histórias, não é?” Jorg inclinou-se para a frente outra vez com ar conspiratório. “Verdade seja dita... Espere, eu nem sei seu nome. Eu sei que é um homem das ilhas, estou com um de seus conterrâneos em minha carruagem, um homem de Merssy, Gomst é o nome dele. Fico contente em ver que o Rei Morto mandou pelo menos tantos brettans ao Congresso quanto eu. Mas seu nome?”

“Ele é Kai Summerson”, disse Chella, ansiosa para assumir um pouco de controle. “Por que está viajando conosco, Jorg?”

“Não posso gostar de sua companhia? Será que não posso estar suspirando por minha dama do lodo?” Jorg lançou um olhar lascivo para o corpo dela. Contra sua vontade, Chella sentiu o sangue corar suas bochechas. Ancrath percebeu imediatamente e sorriu ainda mais. “Você parece... diferente, Chella. Mais velha?”

Ela manteve a boca fechada. Sacolejaram mais cem metros antes que ele falasse.

"Na verdade, não consegui pensar em nenhuma maneira fácil de matar vocês todos. Então, para manter meu filho a salvo de vocês, preciso vigiá-los. De perto. Se isso fosse impossível eu teria, claro, de matá-los da maneira difícil."

"Filho?" Chella achou difícil de imaginar, e a imaginação era algo que havia voltado com força quando a necromancia desapareceu dela. "Você tem um filho?"

Jorg assentiu. "Isso mesmo. Outro William para seu avô se orgulhar. Embora eu não saiba se Olidan de Ancrath viveu tempo o bastante para ser avô."

"Se ele está morto, eu não sei nada a respeito." Foi-se a época em que ela sentia cada morte como ondas em um lago, e o Rei de Ancrath teria feito um estardalhaço e tanto. Agora, porém, ela podia ter novos olhos para o mundo dos vivos, mas estava surda para as terras mortas. Culpa de Jorg, claro. Ela disse para si mesma novamente, esperando acreditar nisso. Culpa de Jorg.

Jorg franziu o rosto, apenas por um momento, substituindo-o pelo sorriso que usava no lugar da armadura. "Não importa."

"Eu não tenho intenções com seu filho, Jorg", disse Chella. Ela se surpreendeu ao perceber que não tinha.

"E você, Kai Summerson? É um assassino de crianças?", perguntou Jorg.

"Não." Uma resposta afiada, com a ofensa estampada em seu rosto. Parecia risível que um necromante se injuriasse com tal insinuação, mas então ela se lembrou de que Kai não havia matado ninguém desde que ela o capturou. Quando se aprendem as artes sombrias em meio às hordas de cadáveres das ilhas, o assassinato deixa de ser um pré-requisito.

“Quanto a mim, eu já tirei vidas de crianças, Kai. Bebezinho, garotinha, isso é pouco. As vidas de homens significam ainda menos. Não me contrarie.” Palavras descuidadas espalhadas como vidro quebrado para o brettan atravessar. Chella foi ao auxílio de Kai antes que ele se cortasse.

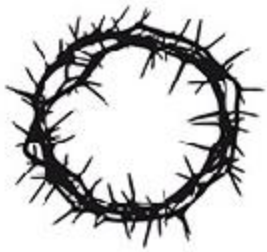
“Seu filho o faz feliz, Jorg?” A pergunta parecia importante. Jorg Ancrath com um bebê. Chella tentou visualizá-lo com a criança no colo.

Jorg lançou um olhar sombrio na direção dela. Ele abaixou a cabeça, protegido pelo cabelo que caiu em seu rosto, e durante um bom tempo ela achou que ele não responderia.

“Não há finais felizes para quem é como nós, Chella. Não há redenção. Não com os nossos pecados. Qualquer alegria é emprestada: risos compartilhados na estrada e deixados para trás.” Ele se virou para Kai. “Eu já matei crianças, Kai Summerson. Em companhias assim você também irá.” Havia algo familiar em sua voz, na articulação de suas palavras. Ela quase podia sentir o que era.

Voltando seu olhar para Chella, Jorg observou seu rosto por um instante, com tristeza em seu semblante. “Nós dois trilhamos caminhos sombrios. Não pense que o meu conduz de volta à luz. De todos aqueles que tentaram me guiar – meu pai, os suspiros do arbusto de espinhos, o conselho maligno de Corion –, a voz mais sombria sempre foi a minha.”

E, em um momento de reconhecimento, Chella soube quem o Rei Morto era.



TRILOGIA DOS ESPINHOS

EMPEROR OF THORNS

38

Quando Makin relatou que o contingente das ilhas estava se aproximando de nossa tropa dourada, eu sabia que Chella estaria entre eles. Sabia com toda certeza, sem prova ou motivo. E eu deixei nossa carruagem, minha esposa, meu filho e minha tia tentadora com mais rapidez do que era decoroso, e com menos apreensão do que quando fui à carruagem de meu pai, apesar desta poder trazer o próprio Rei Morto. Eu fechei a porta para todos eles, para todas as minhas fraquezas. A despeito de meu endurecimento ao longo dos anos, alguma parte de mim ainda buscava a felicidade da família, a redenção que o amor pudesse trazer. Esperanças partidas que não me seriam úteis. Eu fechei a porta para eles e cavalguei em direção ao que eu conhecia bem – em direção aos amaldiçoados. Meu passado era negro, o futuro ardia, e no fino pedaço entre eles o mundo esperava que eu fosse pai, que segurasse um filho, que o salvasse, que salvasse todos eles? É pedir demais de um homem com tantos pecados. Talvez seja pedir demais de qualquer homem.

A carruagem do Rei Morto, embora não tão grandiosa quanto a de Lorde Holland, não tinha nada de funesta. Nem a presença de dois necromantes havia estragado o clima. Na verdade, eu não sabia ao certo se Kai Summerson praticava as artes da reanimação: ele parecia muito jovem, muito cheio de vida. E a própria Chella havia mudado, sem sombra de dúvida. Nos encontros passados, ela ardia com uma alegria profana, tão feroz que sua luz se tornava uma pós-imagem na memória, obscurecendo a verdade. Nos pântanos e cavernas, uma ambiguidade da carne tornava-a todas as coisas para todos os homens, ou pelo menos para este aqui, madura com o suco mais escuro. Agora parecia que uma estranha estava sentada à minha frente, mais velha, mais pálida, ainda com certa beleza, os cabelos muito pretos, ângulos altos e delicados em seu rosto, uma elegância não vista antes e os olhos escuros de segredos que, em momentos desprotegidos, se transformavam em feridas.

"Ainda pretendo matá-la", eu disse, em parte para passar o tempo enquanto percorríamos as ruas de Honth.

Ela deu de ombros, menos à vontade em sua indiferença do que antigamente. "O nubano me perdoou. Você devia fazer o mesmo."

Aquilo me sobressaltou. "Não perdoou nada!" Mas ele provavelmente o fez. O nubano nunca guardava rancores. Ele dizia que já tinha o bastante para carregar e um longo caminho para percorrer.

"Então, conte-me sobre o Rei Morto." Eu perguntei a Kai e ele se arrepiou com as palavras. Apenas por um momento, rapidamente disfarçado.

O brettan olhou pela janela antes de responder, como se procurasse tranquilidade na luz do dia, conforto na passagem de casas estreitas de estuque e sapê, cada uma recheada de vida: mãe, pai, pirralhos berrando e idosos desdentados, repleta de discussões e risadas, com todas as pulgas pulando.

“O Rei Morto é o futuro, Rei Jorg. Ele fechou a mão em volta das Ilhas Submersas e logo estenderá a mão para o mundo. Ele reina nas terras mortas, e todos nós passamos mais tempo mortos do que vivos.”

“Mas quem é ele, Chella? O que ele é? Por que o interesse em Ancrath?” Ela sabia de alguma coisa. Talvez me dissesse na esperança de me fazer sofrer.

“Ancrath é a porta de entrada para o continente, Jorg. Você é um menino esperto, devia saber disso.”

“Por que eu?”, perguntei.

“Você faz muita gente prestar atenção. Destruindo montanhas, defendendo exércitos enormes em seus portões. Tudo muito grandioso. E é claro que o Rei Morto sabe que você está de olho em Ancrath. Já é ruim o suficiente que seu pai seja tão teimoso em resistir, talvez fosse pior ainda se o filho estivesse no lugar dele.”

“Hummm.” Parecia plausível, mas não acreditei nela. “E certamente esse Rei Morto nem pensa em fazer amigos no Congresso? Ele espera diplomacia? Negociações com coisas mortas rastejando em lodo e pó?”

Chella sorriu para si mesma, de uma maneira tão suave que a deixou bonita. “Há monstros piores na corte do imperador, Jorg. A Rainha de Vermelho está a caminho do Congresso. A Irmã Silenciosa está com ela, para aconselhar, e Luntar de Thar. Você se encontrou com Luntar, se eu bem entendi?”

“Só uma vez.” Eu não tinha lembrança alguma dele, mas nós nos conhecemos. Ele me deu aquela caixa de cobre e a encheu. “Eles podem ser monstros, talvez piores que eu, mas eles nasceram de mulheres, eles vivem e irão morrer. Diga-me, de onde vem esse Rei Morto? As terras secas não descem? Não vão até o inferno? Será que ele soltou Lúcifer e saiu do abismo?”

“Ele não é um demônio.” Chella balançou lentamente a cabeça, como se fosse melhor ter um demônio ressurgido entre nós. “E o que

acontece aqui, na lama e na poeira deste mundo, é muito importante para ele. Céu, inferno e Terra, três que são um – não pode haver mudança acima ou abaixo que não se reflita aqui. Este mundo, onde nossas vidas se passam, é ao mesmo tempo uma fechadura e uma alavanca. Isso é o que o Rei Morto diz."

"E o Diabo não se opõe a esse acampamento errante em sua porta? Roubando o que é dele?" Parecia absurdo estar debatendo a política do inferno, mas eu havia chegado às terras mortas com minhas próprias mãos, sentido o ar, e eu sabia que elas eram um caminho para a porta de Lúcifer.

"O Rei Morto planeja destruir os portões do céu", disse Kai. "Você acha que ele se importa com o que mais possa vir?"

"Tudo está mudando, Jorg." Chella abaixou a cabeça. "Tudo."

"Você ainda não me disse de onde ele veio, esse messias de vocês. Por que os antigos não falam dele? Em quais livros ele está registrado?" Eu ainda esperava grãos de verdade em meio às suas mentiras e loucura. "Quantos anos ele tem?"

"Jovem, Jorg. Muito jovem. Mais jovem que você."

TRILOGIA DOS ESPINHOS

EMPEROR OF THORNS

39

A HISTÓRIA DE
CHELLA

A ponte em Tyrol atravessava o Danub em dezessete arcos, com uma ampla pista sobre os pilares de pedra. A grande ponte lá em Honth saltava o Rima em um impressionante arco, mas Chella gostava mais da ponte do Tyrol. Ela conseguia imaginá-la sendo construída e ver, com os olhos da mente, os homens que trabalharam ali.

"Como o rio lhe parece, Chella?" Jorg esperou atentamente pela resposta.

"Barrento e agitado." Ela o descreveu fielmente. "O que você vê, Kai?"

Kai quase ficou de pé, olhando pela grade da janela, balançando com o movimento da carruagem. "Marrom."

"Não temos amantes entre nós?", perguntou Jorg. "A lenda de que as águas parecem azuis aos apaixonados é mais antiga que esta ponte."

“O rio é marrom. Marrom feito merda. É uma questão de sedimentos e escoamento e dos esgotos de Tyrol, não das fantasias açucaradas com que as pessoas querem envolver suas fodas.” Chella não viu motivo para guardar para si seu amargor.

“Nada disso”, disse Jorg. “Se o homem certo amar a mulher certa, ele pode fazer esse rio ficar azul.”

“Jurados pela água.” Kai se sentou novamente nas sombras, concordando com a cabeça.

“Blé.” Jorg balançou a cabeça. “Tantos juramentos, tantos caminhos estreitos. Uma pessoa pode pegar qualquer coisa e virá-la a seu favor. Não é vontade, nem desejo, apenas certeza. A certeza de que qualquer coisa que você toca o toca de volta.”

Ele pôs as botas no espaço entre os assentos, descansando entre Kai e Chella. “Você já amou alguma vez, Kai? Houve alguma garota que faria as águas ficarem azuis por você?”

Kai abriu a boca e depois conteve a resposta. Ele chegou para a frente e depois parou. “Não.”

“Amor.” Jorg sorriu. “Isso sim é algo que o toca de volta.”

A carruagem saiu da ponte para a margem norte onde as estradas eram mais bem cuidadas.

“Talvez você deva voltar para sua própria carruagem, Jorg, para sua rainha, para ver se gosta mais da vista de lá.” Chella não queria que ele saísse, mas atormentá-lo era tudo que sabia fazer. Por um momento, ela viu a agulha que usara para furar Kai e a sentiu entrando na pele novamente.

Ele puxou seus pés e se inclinou na direção dela, bem perto, com a mão repousando mais uma vez sobre sua coxa. “O que é que você espera conseguir no Congresso, Chella? O Rei Morto nem pensa em ganhar alguns convertidos, não é? Não estou nem certo de que o mestre

Summerson aqui tenha sido adequadamente convertido. Então qual é o propósito?"

"O propósito é que temos direito de participar e que o Rei Morto quer que participemos. Um dos dois deve ser o suficiente para você, Jorg de Ancrath." Chella se retraiu pelo aperto em sua perna. A vida e a dor andavam de mãos dadas, e nenhuma das duas a agradava.

Ele semicerrou os olhos – quantas pessoas haviam visto aquele olhar e depois nunca mais viram nada? – e se aproximou, com sua respiração fazendo cócegas na bochecha dela. "Você está aqui para nos mostrar o rosto humano da maré de mortos? Para tranquilizar o Congresso? Bajular velhos reis, e um rapaz bonito para flertar com suas rainhas e princesas?"

"Não." A raiva borbulhou dentro dela, quente sob a frieza da respiração dele, e suas mãos se agarraram. "Nós estamos aqui com trapaças e traições, para enganar e matar, assim como você, Jorg de Ancrath. O que mais coisas perdidas como nós podemos levar ao mundo?"

"Renar."

"Quê?" Sua coxa ardeu novamente, onde ele a tocou.

"Jorg de Renar."

"Tomar o nome dele não o perturba, aquele que assassinou o pequeno William? A doce mãe Rowan?"

"Melhor do que usar o nome de meu pai."

"Em vez disso, você usa o nome do irmão dele? Um homem que lhe causou tanto sofrimento? Não seja cínico, eu ouço a guarda comentando como você matou Harran e outro bom homem até chegar ao filho."

Ele chegou bem perto. "Talvez eu mantenha o nome para me lembrar da cor de minha alma." Ele exalou, ela inalou. Ela sentiu gosto de canela.

“Era só isso que eu precisava para seduzi-lo, Jorg? Ser só um pouco menos maldita?”

Ele se virou e olhou para Kai em seu canto escuro. “Saia.”

E ele o fez, com um lampejo rápido e desagradável da luz do dia, fria e lúgubre, e Kai sumiu.

“Eu ainda vou matá-la”, disse Jorg muito perto.

Chella fechou a boca dele com a sua.

Ela correu os dedos pelos ombros dele, desceu as mãos e as colocou sob as pregas de sua túnica de viagem, passando-as pelo calor e a rigidez dos músculos das costas dele, marcada por velhas cicatrizes, o corte de uma lâmina pesada, incisões e cortes, uma centena de lesões dos espinhos. Ele ficou por cima dela, alto, pesado, com a onda negra de seu cabelo caindo sobre eles, seu rosto queimado raspando enquanto sua boca encontrava o buraco no pescoço dela.

Algo quente, úmido e vital a atravessou, uma torrente repentina que tirou seu fôlego e a elevou. A força vital a que ela estava resistindo, rejeitando, lavou toda a resistência, implacável como a primavera. Ela foi para cima dele, com raiva, fúria, desejo. Ele a levantou, sem pausa ou esforço, batendo as costas dela contra a parede acolchoada. Uma pequena parte dela ficou preocupada com que o motorista pudesse achar que aquilo fosse o sinal para parar, e que a guarda se reuniria ao redor. Jorg atirou-se contra ela e todas as outras vozes se calaram. O desejo dele despertou uma resposta nela, a necessidade se derramava com cada frase dele, dita em sua respiração irregular.

Seus corpos se uniram em um reconhecimento selvagem da carne, os membros dela se esticavam sob o peso dele, a mão se espalmava um segundo, depois se apertava, as almofadas se retalhavam. Do lado de fora, o ronco desconfortável dos cavalos, o relinchar das éguas, a pisada dos garanhões reagindo às energias dispersas, ao cheiro de sua luxúria. Jorg a bateu contra a parede mais uma vez, mais forte, e a carruagem

balançou para a frente, com a junta começando a trotar a despeito dos gritos do cocheiro. As saias pretas se amontoaram em volta de seus quadris.

Jorg a penetrou, brutal, rápido, ávido – uma cópula indomada, ambos dilacerados pela necessidade bruta. Chella ergueu-se para encontrá-lo, com toda a sua força presa contra ele, cavalgando e sendo cavalgada, sem receber nem dar descanso. Eles copularam como gatos selvagens, com a agressão instintiva mantida a distância, uma trégua imposta por alguma ordem mais profunda, mais antiga, mas incapaz de conter a violência que transbordava, pronta para começar a gritar no momento que eles se soltassem.

"Chega!" Jorg a empurrou de cima dele e se jogou de costas no banco oposto, longe do alcance das unhas dela, ofegante e com sangue no canto da boca.

"Eu... eu é que digo quando chega, Rei de Renar." Ela cuspiu as palavras entre as arfadas. Ela queria mais, mas aquilo podia matá-la. Cada centímetro dela formigava, queimava com um fogo de vida recém-despertada. Jorg havia sido a chave que abriu a fechadura. Talvez qualquer homem servisse, mas parecia certo que havia sido ele.

Jorg puxou para trás os cabelos ensopados de suor e amarrou as calças, com o cinto destruído demais para segurar. "Não sei nem se você consegue ficar de pé, senhora." O brilho de um sorriso travesso. Ele pareceu muito jovem nesse momento.

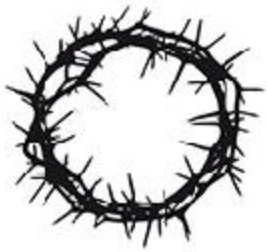
"Então é assim que a diplomacia é conduzida no Congresso?", ela perguntou, com o coração ainda palpitando, deitada de costas no calor e na umidade.

"Quando chegarmos lá nós veremos." Jorg pegou alguns botões soltos pelo chão e pôs a mão na porta. "E quando eu for coroado nós daremos nosso último beijo."

Como se ela fosse se ajoelhar e beijar a mão dele. A arrogância daquilo a fez rir.

"Vai voltar para sua amada agora, Jorg?" Chella pôs um sorriso em seus lábios, mas não lhe caiu bem.

"Ela é boa demais para alguém como eu, Chella. Eu sou mercadoria defeituosa, sem conserto. Eu pertenço à nossa laia." Ele deu aquele sorriso novamente e empurrou a porta para fora. "Se chegar perto de meu filho eu mato você, Chella." E ele se foi.



TRILOGIA DOS ESPINHOS

EMPEROR OF THORNS

40

Eu mantive Brath em um trote suave, passando pela guarda da delegação das Ilhas Submersas e chegando cada vez mais perto do exército dourado que rodeava as delegações de Ancrath e Renar: Katherine, com os dois votos de meu pai, e eu, com meus sete.

Katherine saberia. De alguma maneira ela saberia, mesmo que não invadisse meus sonhos ela sentiria o cheiro de Chella em mim. Miana apenas balançaria a cabeça daquele jeito que a fazia parecer a mãe de alguém, em vez da criança que ela é. “Nunca me conte e nunca deixe que me contem.” Isso é tudo que ela pedia de mim. E eu cumpri, até onde sei. Ela claramente merecia mais, mas seria preciso um homem melhor para dar mais.

Eu percebi um sorriso bobo em meus lábios e o apaguei. Minha língua doía e eu tinha linhas de fogo em minhas costas. Feridas de unha sempre doem mais do que o corte superficial de uma lâmina. Possuir Chella havia sido imprudente, mas minha vida inteira tem sido uma

série de escolhas perigosas que acabavam tendo resultados melhores. Não que tenha sido uma escolha, não mesmo. Há horas em que percebemos que somos apenas passageiros, como todo o nosso intelecto e pontificação, carregados por aí em carne e ossos que sabem o que querem. Quando a carne encontra o fogo ela quer se retrair – e o faz, não importa o que você tenha a dizer sobre isso. Há vezes, quando um homem encontra uma mulher, que a mesma força age ao contrário.

Makin me acompanhou do fundo de nossa coluna até a carruagem de Holland.

"Você está deixando-os sozinhos para tramar agora?" Ele estava com a aparência desconfiada, como se soubesse que eu estivera aprontando alguma coisa.

"Uma impressão", eu disse. "Tenho a impressão de que eles não virão nos visitar. E se vierem..."

"Sentiu nossa falta, foi?" Makin chegou do lado, ombro a ombro, deixando no ar o cheiro do cravo-da-índia. Eu me preocupava por ele usar tanto, debilitando o verdadeiro Makin, mas eu não podia aconselhar ninguém. Kent, o Rubro, uniu-se a nós quando fomos mais para a frente da coluna. "Deu saudades?", ele ecoou Makin.

"Saudades de você? Você se lembra de Chella dos salões das leucrotas, do pântano. Quanto tempo você gostaria de andar na carruagem dela?"

Ambos os homens cavalgaram em silêncio por um minuto, olhando para os campos ao longe. Qual parte daqueles encontros eles poderiam estar visualizando, não dava para dizer. A carruagem de Holland apareceu à vista quando terminamos uma longa curva.

"Apenas o suficiente", disse Makin, respondendo minha pergunta esquecida. "Eu andaria com ela apenas o suficiente."

Kent estendeu o braço e levantou a gola de minha túnica de viagem, algo que ele não fazia desde que eu tinha dez anos, e certamente nunca desde que eu me tornei rei. "Picada de mosquito", ele sussurrou com

aquela voz queimada dele e tocou o pescoço. “Um bem grande, pelo que parece, tipo aqueles que encontramos lá no Pântano de Cantanlona.”

Eu subi no apoio para pés da carruagem direto da sela de Brath, sem fazer com que o cocheiro parasse.

“Sentiu minha falta, padre Gomst?” Eu bati a porta atrás de mim e me atirei entre Katherine e Miana, uma retirando rapidamente seu livro do caminho e a outra puxando meu filho para longe.

“Alguma vez Orrin contou a você sobre o dia que nos conhecemos na estrada, Katherine?” Eu não dei ao bom bispo a chance de me responder.

Ela fechou seu livro, um volume pequeno e surrado de couro vermelho. “Não.”

“Humm. E eu pensando que havia causado uma impressão.”

“Mas Egan contou, várias vezes. E Egan era um homem de poucas palavras”, disse ela. Atrás de mim, William começou a se alvoroçar pedindo o peito.

“Ele disse que Orrin era um tolo por brincar com você, por deixá-lo viver, disse que ele o teria matado em três segundos.”

“Bem, eu tinha apenas catorze anos”, eu disse. “No fim das contas, fui eu que *o* venci em menos de três segundos. Em todo caso, eu estava com um amigo naquele dia que teria assado Orrin dentro de sua armadura como prêmio pela vitória. Portanto, mais uma vez, mesmo em retrospecto, Orrin foi a pessoa mais sábia ali.”

Conforme a carruagem prosseguiu, peguei o anel de visão e o usei com facilidade para focalizar o Castelo Alto. Anos de observação como essa revelaram pouco sobre os planos de meu pai, a não ser para entender que eles não estavam escritos em letras de dois metros de altura e deixados sobre o telhado. Agora eu vi nuvens de fumaça passando sobre a cidade. Mesmo das alturas do céu dava para ver a obra

negra dos fogos, espalhando-se sobre o Castelo Alto, sobre as ruas de Crath. Parecia que o Rei Morto estava queimando meu passado, assim como os Construtores pretendiam queimar nosso futuro. Se sua enchente negra se transformasse em uma maré, os Construtores acabariam com todos nós antes de tais magias abrirem um buraco no mundo.

Uma análise mais cuidadosa encontrou velas pretas no Sane e colunas marchando nas duas margens. Eu acompanhei o progresso delas. As legiões do Rei Morto já haviam passado por Gelleth. Se apertassem o passo dia e noite, havia a possibilidade de nos alcançarem antes dos portões de Vyene. Era difícil estimar o tamanho da horda, espalhada e solta pelas margens como estava, talvez dezenas de milhares. E outros poderiam se unir pelo caminho. Mesmo assim. Homens mortos contra cavalaria pesada e muros das cidades? Parecia uma jogada audaciosa.

"O que você vê?", Gomst perguntou enquanto eu fazia meus cálculos.

"Problemas."

Só de pensar naquelas coisas mortas marchando, pilhando os jardins de Ancrath, aquilo colocava uma lâmina fina entre minhas costelas e fazia-a girar. Eu me perguntei se até os túmulos de Perechaise haviam cedido seus mortos. Posso não ter impedido a horda do Rei Morto de chegar ao Castelo Alto, mas em outra época, ao lado da menina-que-aguarda-a-primavera e da sepultura em que enterrei Justiça, eu teria tomado tal posição.

Eu me recostei, com o olho doendo após mais de duas horas olhando pelo anel. Miana dormia, com nosso filho sobre seu peito. Eu pensei em meu pai sentado em seu trono, com o diadema de ferro sobre sua cabeça. O velho desgraçado estava morto? Eu não sabia o que fazer com aquilo. Não encaixava, não importa como eu encarava. Era eu quem devia matá-lo, acabar com ele. O destino havia me atraído a esse momento por todos esses anos... Eu esfreguei os olhos até doerem,

inclinei-me para a frente, com os cotovelos nos joelhos, o queixo sobre as mãos. Papai não podia estar morto. Eu deixei o assunto de lado, para absorvê-lo quando parecesse mais palatável.

Do outro lado da carruagem, o bispo Gomst cochilava, com os cabelos grisalhos descabelados, a boca aberta. Osser Gant me observava, no entanto, calado e com o olhar atento. Chanceler de Makin, trazido por seu conselho, mas segurando a língua.

Nesse momento, pensei em Coddin, meu chanceler, apodrecendo no Assombrado, e em Fexler Brews perdido em suas máquinas, ambos com suas conversas de endireitar o mundo: Coddin querendo que eu quebrasse o poder das mãos ocultas, e a ambição de Fexler ainda maior, de girar uma roda inexistente e voltar à maneira como as coisas deveriam ser, fazer o mundo ser de novo como nos havia sido dado.

Dois Ancrath, o sábio dissera, dois para desfazer toda a magia, para girar a roda de Fexler! Um sorriso amargo contorceu meus lábios. Melhor eles rezarem, os dois, Coddin e Fexler, o moribundo e o fantasma, para que a profecia não significasse nada, pois só haveria um Ancrath em Vyene e ele não fazia a menor ideia de como consertar um Império Destruído, muito menos uma realidade destruída.

Havia mais em jogo nessa questão do que o poder e a influência de alguns feiticeiros, mais do que os encantos dos colegas de Sageous, homens como Corion e Luntar, que brincavam com vidas. A terceira opção de Fexler recaía sobre a restauração do que havia sido normalidade. Miguel e sua irmandade viam a carne como uma doença que podia ser extinta, assim cessando o movimento daquela roda e impedindo o mundo de se rachar. Fexler cogitava pensamentos maiores: ele acreditava que poderíamos reverter o que havia sido feito e salvar a humanidade do fogo que ele fizera desabar sobre nós uma vez.

Na verdade, eu estava levando meu primogênito ao local onde os Construtores começariam seu incêndio. Se Fexler estivesse tão

enganado quanto Miguel sugerira, se ele não pudesse mudar a natureza da existência, Vyene arderia e novos sóis nasceriam no último dia da humanidade.

Nós estreitamos a distância até Vyene e o tempo se fechou à nossa volta, com o frio do fim do outono, a neblina do rio rejeitando o sol, chuvas persistentes, geladas e enfraquecendo os ânimos, transformando a terra em lama. O interior ficava mais severo a cada quilômetro que passava debaixo de nossos cascos. Nós encontramos vilas inteiras abandonadas, reavivando lembranças de Gottering e enchendo cada árvore de ameaças. A guarda descobriu covas recém-desenterradas, colheitas tardias achatadas no campo, maçãs apodrecendo nos galhos.

Viajantes passaram por nós, com os cavalos esbaforidos e andrajosos, e as pessoas em condições não muito diferentes. Todos eles contavam histórias das forças do Rei Morto, de seu ataque a Ancrath, sua passagem por Gelleth e agora a ameaça a Attar, abrindo uma fenda negra até o Império pelo caminho que havíamos percorrido apenas dias antes.

Pode-se dizer que a destruição e o desastre sempre vieram em meu encalço, mas nunca antes essa maldição havia sido tão evidente. Eu viajei a Vyene e o inferno seguiu meu rastro.

Nós paramos naquela noite na Cidade de Allenhaure e comemos à mesa em uma grande cervejaria que podia abrigar umas trezentas pessoas da Guarda Gilden. Em Allenhaure, pelo menos, à porta do coração do Império, nem o inverno nem a influência maligna do Rei Morto, por ora, deram as caras. Os habitantes trouxeram enormes coxas de carne assada em bandejas de madeira, cordeiro em crosta de alho, ervas e avelãs, e carne de boi sem enfeites e sangrenta. Cerveja também, loira com colarinho branco e grosso, em canecas feitas como barris de madeira amarradas com argolas e em canecas de vidro para a mesa

principal. Eles pareciam genuinamente contentes em nos ver, um clima festivo por toda parte. Eu pensei, no entanto, se aquela festa toda não era simplesmente para que a guarda decidisse reabastecer seus suprimentos na cidade seguinte.

A cerveja tinha um sabor limpo, forte, e eu bebi demais, talvez para apagar as imagens da carruagem de Chella, que passavam e repassavam várias vezes em minha mente, fazendo-me sentir ao mesmo tempo sujo e querendo mais. Mais tarde, à noite, eu me inclinei por cima de Miana e peguei nosso filho do berço ao seu lado.

"Não o acorde, Jorg!"

"Fique quieta, vou levá-lo para dar uma volta. Ele vai gostar." William, ainda parecendo apenas meio-humano, como geralmente são os bebês novos, ficou imóvel de sono enquanto eu o coloquei contra meu peito, e pareceu imune a qualquer tipo de perturbação. Um arrepio frio passou por mim quando eu me lembrei de Degran em minhas mãos, sem vida, um boneco de pano. Eu afastei a lembrança, impedindo-a de me paralisar toda vez que segurava meu menino. A morte havia se extinguido de meu toque no dia que quebrei o cerco ao Assombrado.

"Pelo menos o embrulhe bem quente, leve o..."

"Cale-se, mulher." Para uma pessoa tão pequena, ela possuía uma quantidade infinita de aporrinhação. "Agradeça por eu não deixá-lo em uma encosta como os espartanos."

Eu o carreguei entre as fileiras da Guarda Gilden, todos curvados sobre suas carnes e cervejas, com as vozes elevadas em meia dúzia de canções. Perto das portas principais, abertas para ventilar o fedor e o calor das centenas de estradeiros lá dentro, eu avistei Gorgoth, inconfundível, do lado de fora à beira da luz da tocha. Eu saí, com William agarrado a meu peito.

"Gorgoth." Um nome gostoso de dizer.

“Rei Jorg.” Ele virou seus olhos de gato para mim, com sua grande cabeça virando lentamente sobre o pescoço de tronco de árvore. Ele tinha uma seriedade em sua conduta, algo leonino.

“De todas as pessoas que conheço”, eu me mexi para ficar ao lado dele e acompanhei seu olhar focado na noite, “de todas elas, desde que o nubano morreu, é a sua amizade, o seu respeito, que eu queria. E você é o único que não os dá para mim. Não é que eu queira porque você não dê, mas eu realmente quero.” Talvez a cerveja falasse por mim, mas ela dizia a verdade.

“Você está bêbado”, disse ele. “Não deveria estar segurando um bebê.”

“Responda a pergunta.”

“Não foi uma pergunta.”

“Responda assim mesmo”, eu disse.

“Nós nunca poderemos ser amigos, Jorg. Você tem crimes em sua alma, sangue em suas mãos, que somente Deus pode perdoar.” Sua voz se distanciou de nós, mais profunda e mais sombria que a noite.

“Eu sei disso.” Segurei William mais perto de meu rosto e dei uma cheirada nele. “Você e eu sabemos disso. O restante deles, de alguma maneira, se esquece e se convence de que isso pode ser descartado, ignorado. Só você e Katherine veem a verdade. E Makin, embora seja a si próprio que ele não consegue perdoar, não a mim.”

Eu passei William a Gorgoth, pressionando-o para a frente até a leucrota levantar uma enorme mão de três dedos para recebê-lo. Ele ficou imóvel, com os olhos arregalados, olhando para meu filho quase perdido na largura da palma de sua mão.

“As pessoas me evitam. Eu nunca segurei um bebê”, disse ele. “Elas acham que o que me corrompeu vai passar a seus filhos se eu tocá-los.”

“E passa?”, perguntei.

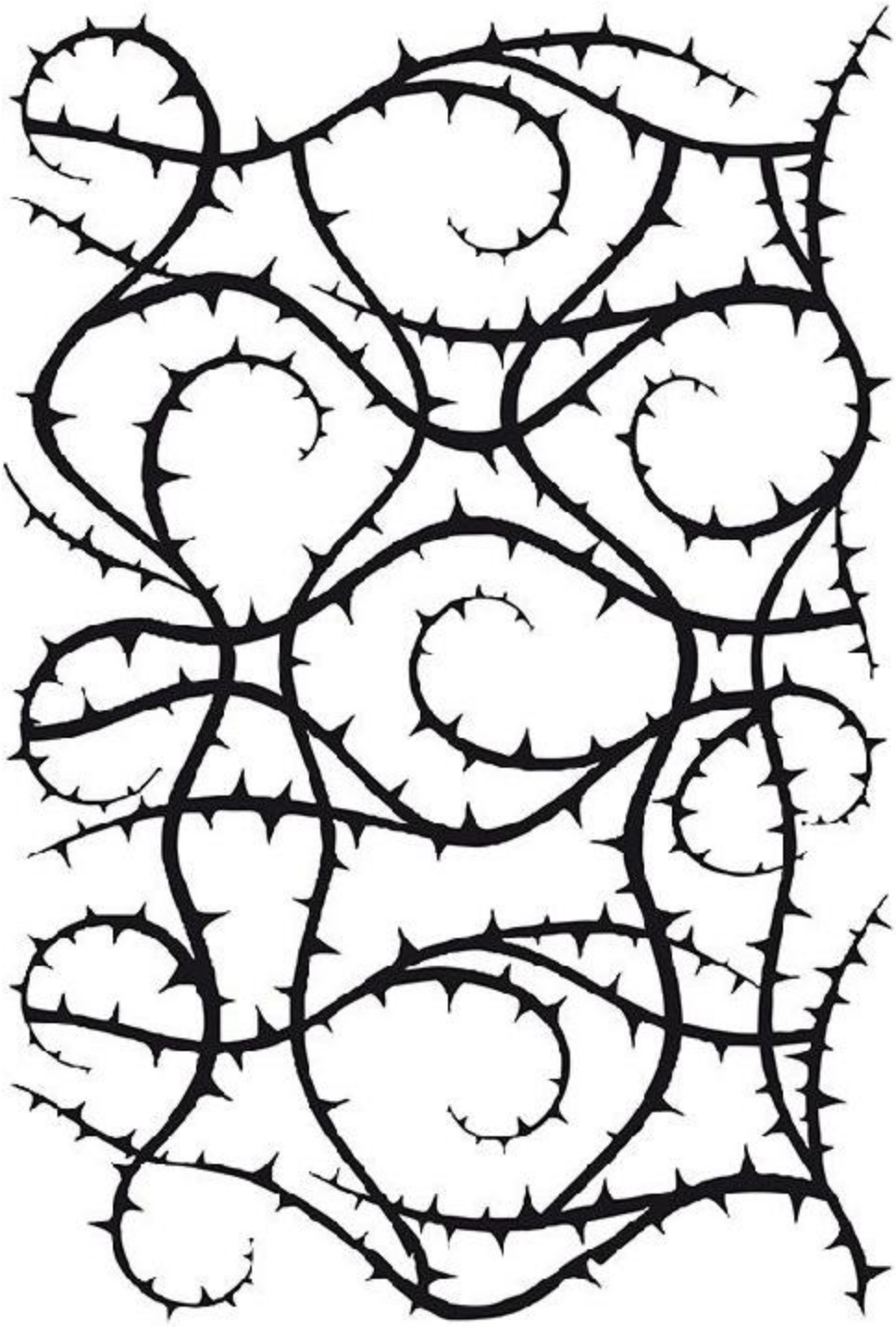
“Não.”

“Então pronto.”

Nós ficamos ali, observando a subida e a descida de um tórax minúsculo.

"Você está certo de não ser meu amigo", eu disse. "Mas você pode ser amigo de William, como já foi uma vez de Gog?" O menino precisaria de amigos. Homens melhores do que eu.

Um movimento muito lento assentiu com aquela cabeça enorme. "Você me ensinou isso. De alguma maneira, você me ensinou o valor de Gog." Ele ergueu William próximo de seu rosto. "Eu o protegerei, Jorg de Ancrath. Como se fosse meu filho."



TRILOGIA DOS ESPINHOS

EMPEROR OF THORNS

41

A HISTÓRIA DE
CHELLA

“Não há lugar na pousada.” Kai retorceu um sorriso para ela. “Allenhaure está cheia.” Ele entrou de volta na carruagem, retirando as botas enlameadas.

“Cheia de...?”

“Da escolta do Rei Jorg”, disse Kai.

“Então mande Axtis seguir até a próxima cidade”, disse Chella.

“É um longo caminho até Gauss e os guardas são sempre bem-tratados aqui. Estou ouvindo rumores de descontentamento, como se houvesse homens de verdade sob todo aquele dourado e aquelas expressões sisudas.”

“Não é problema meu. Vamos embora.” No entanto, conforme ela disse as palavras, pareceu que talvez fosse problema dela. Ela sentiu primeiro, algo de errado no ar. “Espere.”

Kai parou, com a bota quase de volta em seu pé. “O quê?”

Pelo comichar de meus polegares, sei que deste lado vem vindo um malvado... “Apenas espere.” Ela ergueu a mão.

Algo de errado. Uma sensação seca e aguda de algo errado, como areia atrás dos olhos dela. A temperatura caiu, ou talvez seu corpo tenha apenas achado isso, pois sua respiração não fumegou.

“Lichkin.” Kai sentiu também.

“Escondendo-se”, disse ela. “Thantos.”

“O que ele quer?” O aprumo de Kai desabava quando um lichkin se aproximava. Keres o aterrorizara. Thantos era pior.

“É um lembrete”, disse Chella. Uma parte dela estava esperando que o plano fosse esquecido ou mudado, uma grande parte que crescia conforme a vida a regenerava. Ela amaldiçoou Jorg Ancrath e se armou de coragem para esta nova tarefa.

“Vá até a cidade, pegue uma carroça e mande carregá-la com barris de cerveja. Vamos acampar nos campos em direção ao rio. A guarda pode fazer sua festa.”

Kai fungou. “Parece que vem chuva.”

“Mande-os fazerem fogueiras. Eles não vão perceber a chuva por um bom tempo.”

“A cerveja faz isso por você”, Kai concordou. Ele não conseguiu sorrir, contudo, não com a morte à espreita, tão perto, deixando os nervos à flor da pele.

Chella pegou a bolsa no cinto de seu vestido. “Pegue isto.” Ela pôs quatro pedaços pesados de ouro na mão dele, barras de Brettan.

“O que...” Ele cutucou o pequeno frasco de vidro preto na palma de sua mão em meio ao ouro. Pela mudança em seu rosto, ela soube que ele compreendeu.

“Água do Estige. Uma gota por barril.”

• • •

“Que coisa seria.” Chella segurou o cálice à sua frente, mexendo lentamente a cerveja, com a espuma quase inexistente, apenas ilhas em um mar escuro e enluarado. “Voar.”

“Sim.” Kai olhou para seu próprio mar escuro, e sua própria espuma eram ilhas espalhadas. Talvez aquilo o lembrasse de sua terra alagada.

Um longo silêncio. A chuva fraca não fazia barulho. Ao longe, aplausos abafados de Allenhaure, alguma celebração da guarda de Jorg.

“Eu quase voei.” Kai pôs seu cálice de prata na mesa entre eles. “Uma vez.”

“Como é possível quase voar?” Chella balançou a cabeça.

“Como é possível quase amar?” Ele olhou para o céu, sem estrelas e preto como uma Bíblia. “Eu estava na beira de uma rocha, em cima do Mar do Canal, onde as ondas batem nos penhascos brancos. E lá o vento sopra tão frio e constante que tira o calor de seu corpo e envolve seus ossos. Eu me inclinei na direção dele, sem nada para me segurar além do vento, e aquelas ondas escuras batendo muito lá embaixo. E aquilo me preencheu, como se eu fosse feito de vidro, ou de gelo, ou de ar, e a única coisa em minha cabeça fosse a voz daquele vento leste, a voz da eternidade me chamando.”

“Mas...?”

“Mas eu não me soltei. Se tivesse voado, eu teria ido para longe de tudo que conhecia. Para longe de mim.” Ele balançou a cabeça.

“E o que nós não daríamos para voar para longe de nós neste instante?” Chella derrubou seu cálice e se levantou enquanto o líquido se esparramava sobre a mesa. Por todo o campo, os homens da guarda estavam espalhados como se estivessem dormindo, deitados, alguns deles com suas armaduras douradas, na grama enlameada. Capitão Axtis acabou de costas, metade para fora de seu pavilhão, espada em punho,

os olhos virados para o céu e cheio de chuva. De quase trezentos soldados, apenas onze não haviam pelo menos provado da cerveja de Allenhaure. O lichkin havia encontrado aqueles homens no escuro e fez seus jogos, primeiramente calando-os com o barulho da carne úmida se rasgando.

"Será que Thantos vai precisar dos outros também?" Kai afastou o braço branco de uma garota do acampamento, com o vestido encharcado, os cabelos escuros pela chuva, de cara na lama. Ele se levantou de sua cadeira e passou sobre ela para se unir a Chella.

Ela assentiu. "Eles irão até a floresta e se unirão à força do Rei Morto quando ele chegar."

Kai fechou sua capa. Uma bruma estava em torno deles até os tornozelos, surgindo do nada como se brotasse do chão, branca feito leite.

"Está começando."

A sensação de algo errado que a havia importunado a noite inteira, contorcendo-se como vermes sob a pele, agora se cristalizava em horror. Quando os mortos voltam, há uma sensação de tudo correr na direção errada, como se o próprio inferno os vomitasse.

Axtis foi o primeiro a se sentar, antes de seus homens, antes das putas mortas, dos meninos com as bandejas e panos de polir. Ele não piscou. A água correu de seus olhos, mas ele não piscou. Errado.

Por toda parte, os homens de armadura dourada se levantaram. A água do Estige não deixara marcas neles, a não ser nos poucos que caíram nas fogueiras, é claro. A água do Estige faz seu trabalho sem pressa, entorpecendo os sentidos, trazendo o sono, paralisando primeiro a voz, depois os grupos de músculos maiores. Por fim, a morte que ela oferece é uma agonia de músculos torturados lutando e fracassando. Chella tinha necromancia suficiente em seus dedos para saber que eles não morreram facilmente. A dor ecoava nela.

“Eu ainda não entendo”, disse Kai. “Não vai demorar muito até que alguém descubra que há algo de errado com eles. E então toda aquela conversa de diplomacia vira apenas barulho. Teremos sorte de escapar sem sermos decapitados e queimados. É isso que fazem com gente como nós, sabia? Isso se você tiver sorte. Senão, queimam primeiro e depois decapitam o que sobra.”

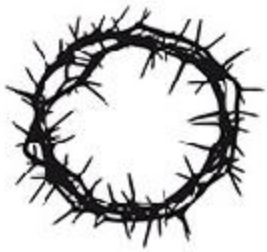
“O Rei Morto tem seus motivos”, disse Chella.

“Tudo isso para espalhar o terror? Parece extravagante.”

Chella deu de ombros. Melhor que Kai não soubesse dos motivos do Rei Morto. Ela mesma preferia não sabê-los. “Nós vamos cavalgar a partir de agora. Na sela.”

“Quê? Por quê?” A chuva caiu mais rápida, mais forte, só para enfatizar seu argumento.

“Bem, você pode ficar na carruagem se quiser.” Chella enxugou a água de seu rosto e cuspiu. “Mas Thantos estará lá dentro e os lichkin não são a melhor das companhias de viagem.”



TRILOGIA DOS ESPINHOS

EMPEROR OF THORNS

42

Vyene é a melhor cidade da Terra. Eu podia estar errado, claro. Talvez na vastidão de Ling, ou além do Saar no coração de Cerana, ou em algum lugar nas poeiras dos hindus haja uma obra humana mais fabulosa. Mas eu duvido. A riqueza de um Império foi gasta em Vyene, ano após ano, século após século, em troca de pedra e talento.

"Incrível." Makin tirou seu capacete como se ele de alguma maneira pudesse prejudicar sua habilidade de absorver as glórias por todos os lados. Rike e Kent não disseram nada, estupefatos. Marten ficou por perto, do meu lado, parecendo um fazendeiro novamente, como se seis anos guerreando e liderando exércitos à vitória houvessem saído dele, assustados pela grandiosidade de nosso entorno.

"Lorde Holland seria um camponês aqui", disse Makin.

Das cidades que eu havia tomado no ano seguinte à minha conquista de Arrow, poucas tinham um único prédio que se comparasse às estruturas grandiosas que alinhavam nosso caminho até o palácio. Aqui,

nobres do antigo Império haviam construído suas casas de veraneio, de todas as formas e tamanhos, de construções de mármore rosa a edifícios de granito que arranhavam as nuvens, todos competindo para impressionar o imperador, sua corte e uns aos outros. Meu bisavô havia sido um nobre desses, o Duque de Ancrath, arrendando as terras em nome do Império e como aprouvesse ao comissário. Quando o comissário morreu e o Império desmoronou em seus pedaços, vovô fez sua própria coroa, tomou Ancrath para si e se autointitulou rei.

Até mesmo em Vyene, no entanto, havia um nervosismo corrente pelas ruas. Mais do que a agitação do Congresso. Havia uma tensão no local, uma respiração presa aguardando ser solta. Fogueiras ardiam em becos e praças distantes, com cadáveres jogados às chamas por medo de que algo pior os levasse. As multidões que assistiam à nossa procissão estavam inquietas. Um guarda em um cavalo arisco perdeu seu capacete e os habitantes locais riram, mas soou estridente demais, à beira da histeria.

As estradas que levam ao palácio – há quatro delas – são tão largas que um homem não conseguiria atirar uma lança dos portões das residências de um lado até aqueles do outro lado. Nossa coluna passou pelo centro, com quinze homens de largura e trinta de comprimento, com as carruagens no meio e os vagões atrás. Os seguidores e os filões, incluindo a casa sobre rodas de Onsa, cheia de afeição negociável, haviam se dissipado nas fronteiras da cidade. Capitão Devers mandou avisar que nenhum indesejável devia se aproximar do Portão Gilden. Eu tive de rir daquilo. Tenho certeza de que uma casa sobre rodas cheia de prostitutas carregaria menos pecado através daqueles portões do que a Centena em seu melhor dia.

Eu prossegui e meu humor estava ficando pior. Eu fui para trocar uma coroa por outra, para substituir meu trono por uma cadeira menos confortável. Talvez encontrasse a terceira opção de Fexler Brews e

ocultasse as rachaduras que atravessavam o mundo. Eu não sabia. Mas sabia que o Jorg que usasse aquela nova coroa, que se sentasse no maior trono, não seria diferente. Nem melhor. Nem mais capaz de se libertar de seu passado e dos espinhos que se afundaram demais.

O palácio do imperador fica no meio de uma praça tão grande que os casarões do outro lado parecem minúsculos. As quatro estradas convergem na cúpula do palácio, passando por uma área pavimentada desprovida de estátuas, chafarizes ou monumentos. Em dias normais, os cidadãos abastados podiam se reunir nesse espaço, gastando dinheiro em barracas e estandes aptos a atender a seus excessos. Perto do Congresso, os ventos de outono passam desimpedidos.

"Puta merda!" Makin interrompeu meus devaneios. Ele ficou de pé em seus estribos.

Até Sir Kent fez uma careta ao ouvir aquilo. Não gostava muito de blasfêmias desde sua conversão.

"Que linguajar!" Eu repreendi Lorde Makin. "Diga o que há de errado."

"Você teria visto por si mesmo se não estivesse montado em sua dignidade", disse ele, meio sorrindo mas ainda piscando com incredulidade.

Eu suspirei e fiquei de pé também. Ao longe, na metade do caminho até o palácio, uma estreita fileira de soldados de capa preta se espalhava de um lado a outro pela Rua Oeste. Havia algo familiar nos elmos com crista vermelha, na maneira como a armadura de chapa brilhante dava lugar a ridículas pantalonas listradas de azul e amarelo.

"Caralho, é a papisa." Eu me sentei novamente.

"A papisa?", perguntou Rike, como se não conhecesse a palavra.

"Sim, irmão Rike." A coluna começou a desacelerar. "Velha gorda, chapéu interessante, infalível."

Nós nos aproximamos, com os cascos batendo na estrada de pedra. A guarda papal esperava, impassível, com as alabardas em pé, os

galhardetes balançando e as lâminas para o céu. O capitão Devers fez seus homens pararem diante da fileira. Atrás dos soldados da papisa, estava uma liteira, uma construção enorme e ornamentada, fechada em todos os lados para proteger contra o tempo e olhos curiosos. Os dez carregadores estavam em posição de sentido ao lado dos mastros.

"Sua santidade falará com o Rei Jorg." O guarda do meio gritou a ordem, talvez o líder do esquadrão, mas sem nenhuma marca diferente dos outros.

"Isto vai ser interessante." Eu desci de minha sela e andei em direção ao começo de nossa coluna.

Miana abriu a porta quando eu passei pela carruagem de Holland. "Faça isso direito, Jorg", ela me disse. "Da próxima vez, pode ser que Marten não esteja lá para salvar o dia."

Eu me virei, peguei sua mão e sorri para ela. "Conseguir este encontro me custou quarenta mil em ouro. Eu não vou desperdiçá-lo, minha rainha. Posso ser tolo de vez em quando, mas não sou idiota."

"Jorg." Um tom de advertência conforme sua mão deslizou da minha.

As fileiras da frente se abriram e eu me aproximei da guarda papal. O homem que me chamou à frente agora olhava intencionalmente para Gog, embainhada em minha cintura.

"Bem, leve-me até sua santidade, então. Não posso esperar o dia todo, tenho negócios a tratar." Eu acenei para a grande cúpula do palácio atrás dele.

Uma pausa e ele se virou para me conduzir através da fila. Nós chegamos à carruagem-caixa e três dos carregadores se apressaram à frente com cadeiras, dois carregando um amplo banco com estofado roxo e um com uma simples cadeira de ébano para mim.

Outro carregador apareceu e eles ficaram em dupla ao lado da porta da carruagem-caixa. Uma porta bem larga, eu percebi. Um quinto

homem se apressou até o fundo e eu ouvi a porta oposta se abrir. Supus que sua tarefa era empurrar.

A porta mais próxima se abriu e uma imensidão de seda roxa, esticada sobre a carne balançando, começou a aparecer. Os carregadores esticaram os braços e pegaram braços curtos e mãos rechonchudas sobrecarregadas de anéis com pedrarias. Eles puxaram. O quinto homem empurrou. A montanha rosnou e uma cabeça surgiu, curvada para a frente, com o suor fazendo o fino cabelo preto se perder sobre o couro cabeludo carmesim. Um crucifixo de ouro pendia sob as pelancas e as dobras de seu pescoço, um troço pesado de um centímetro de espessura e trinta de comprimento, com um rubi no ponto de cruzamento pelo sangue de Cristo. Ele devia pesar mais do que um bebê.

E lá veio ela, a suma-pontífice, pastora de muitas ovelhas, como uma lesma arrancada de seu ninho. O forte cheiro florido de perfumes e óleos não escondia o ranço que surgia com ela.

Eles a sentaram no banco, transbordante. O guarda da fila ficou ao meu lado. Ele tinha aquela aparência, olhos claros, vigilantes, mãos marcadas por cicatrizes. Eu não deixei as pantalonas me distraírem. Homens vigilantes são para serem vigiados.

"Sua santidade." Pio xxv, se fosse para chamá-la pelo nome.

"Rei Jorg. Achei que fosse parecer mais velho." Ela não devia estar longe dos setenta, mas não tinha uma ruga. Tudo esticado pelo seu tamanho.

"Sozinha?", perguntei. "Sem cardeais, sem bispos presentes dançando? Nem mesmo um padre para carregar sua Bíblia?"

"Meu séquito é convidado de Lorde Congrieve em sua casa de campo, investigando relatos de irregularidades no convento Irmãs de Misericórdia, famoso por seu histórico de altos e baixos." Ela usou um lenço roxo para enxugar a saliva no canto de sua boca. "Eu vou me

reunir a eles no momento oportuno, mas achei que uma reunião particular entre nós seria mais... propícia. As palavras que trocarmos aqui não aparecerão em nenhum registro." Ela sorriu. "Mesmo para uma papisa, que fala por Deus, não é tarefa simples contrariar a vontade dos arquivistas do Vaticano. Para eles, há poucos pecados maiores do que deixar as palavras de uma papisa se perderem." Outro sorriso e a dobra de muitos queixos.

Eu apertei os lábios. "Então, a que devo a honra?"

"Peço a Tobias para trazer vinho? Você parece estar com sede, Jorg."

"Não."

Ela fez pausa para uma gentileza ou explicação. Eu não ofereci nenhuma.

"Você está construindo uma catedral na Cidade de Hodd." Olhos escuros me observaram, como cassis enterrados no pudim pálido que era seu rosto.

"As notícias correm rápido."

"Você não é o único que fala com *Deus in machina*, Jorg."

Os Construtores fantasmas falavam com ela – Fexler havia me dito. Ele me contara que eles conduziam a Igreja contra a magia de todas as maneiras, tanto para que os padres não enxergassem seu próprio potencial para controlar a força das massas quanto para reprimir seu uso por outros. Qualquer tipo de fé que estivesse por trás de uma crença ou título podia amplificar a vontade da figura relevante a um grau assustador. Foi bom vê-la abatida pelo que ela considerava um segredo e um conhecimento sagrado.

"Por que construir a catedral agora?", perguntou ela.

"A catedral está em construção há mais de vinte anos", eu disse. "Minha vida inteira."

"Mas logo ela estará concluída e as pessoas esperarão que eu vá abençoá-la antes da primeira missa." Ela movimentou seu corpanzil no

banco. “Eu recebi essa notícia em minha excursão a Scorron e vim aqui falar com você. Você deve saber por quê.”

“Você se sente mais segura aqui”, eu disse.

“Eu sou a vigária de Cristo, ando em segurança em qualquer lugar da cristandade!” Havia raiva em sua voz agora, mas mais fanfarra do que indignação verdadeira.

“Anda?”

Ela deixou isso passar, com os olhos frios sobre mim. “Eu ouvirei sua confissão, Jorg. E oferecerei perdão ao penitente.”

“*Eu* vou me confessar a *você*?” Eu virei minha cabeça, estalando as vértebras de meu pescoço. “Eu a você?”

O guarda dela se aproximou meio passo. Eu imaginei que outros papéis ele desempenhava. Executor? Assassino? Talvez ele houvesse treinado com o manipulador de sonhos branquelo que visitou O Assombrado em nome do Vaticano.

“Você enviou um assassino atrás de minha mulher e de meu futuro filho.” Em alguma escuridão interior, ventos frios se agitaram e a brasa de uma velha raiva brilhou outra vez.

“Nós caminhamos em um vale de lágrimas, Jorg, a única coisa que importa é como damos nossos passos.”

“O que isso significa?” Será que eu devia assentir com sabedoria? Supor que a sabedoria dela ultrapassava a necessidade de significado?

“O enterro de seu pai será realizado em breve, sem dúvida. Ter a própria papisa para apresentá-lo ao paraíso durante a cerimônia faria um bem inenarrável à sua posição no Congresso. Sem falar na pequena questão da sanção papal sobre a herança.”

“Ele realmente está morto?” Eu vi o rosto dele, sem emoção, olhando sua corte. Ele não pareceria diferente deitado no túmulo. Não pareceria menos humano.

“Você não sabia?” Ela ergueu uma sobrancelha pesada.

“Eu sabia.” Eu o vi na ameia da torre mais alta, com o pôr do sol iluminando-o de carmesim e sombra, os cabelos ao vento. Eu o vi com minha mãe, rindo, longe demais para ouvir.

“Quatro dias. Foi o tempo que as defesas de Ancrath se seguraram sem ele. As criaturas do Rei Morto estão em marcha agora.” Ela olhou para mim esperando uma reação. “Bem em seu encalço.”

“E como você as impedirá, santidade?” Os mortos não iriam sitiar castelos, não reivindicariam terras, nem cobrariam impostos. O Rei Morto não governaria, apenas arruinaria.

“Nós iremos rezar.” Ela se mexeu. “Este é o final dos tempos, meu filho. Tudo que podemos fazer é rezar.”

“Seu filho?” Eu inclinei a cabeça, vendo o assassino de olhos claros sem olhar para ele. Olhos da estrada, é como chamam. Ver sem olhar. Eu respirei muito fundo e aquela brasa oculta ficou branca de tão quente.

Tobias mexeu seu pé direito, apenas uma fração. Ele sabia. A papisa contava apenas com os melhores. Ela achava seus guardas uma mera formalidade. Como tantos antes dela, apesar da evidência clara do rastro de corpos atrás de mim, ela pensou em me refrear apenas com convenções. Tobias, no entanto, conhecia meu coração e compartilhava de meu instinto.

“Você não é minha mãe, velha.”

É difícil matar gente gorda com as próprias mãos. Elas carregam sua própria armadura acolchoada. Eu tentei estrangular Burlow, o Gordo, uma ou duas vezes. Até Rike achou aquilo um desafio. Tobias deixaria sua alabarda cair na hora que se mexesse para agir. Aquilo era um adereço, nada mais, outra peça de tolice papal, convenção. Ele pegaria sua faca, escondida em algum lugar. E eu pegaria a minha, sem tempo para espadas. E, apesar de todos os ensinamentos do irmão Grumlow, eu estava em uma cadeira de costas para ele, e ele estava de pé. Eu

morreria antes que a cadela gorda gritasse, antes mesmo que eu a arranhasse.

"Seja bonzinho, garoto." Ela não ficou com raiva. Você não conquista os cardeais gritando. Ter a casca grossa, paciência, tempo, pressão inexorável, isto é o que leva até o traseiro mais pesado ao trono papal se o proprietário dele for suficientemente sagaz.

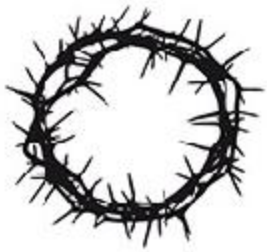
Eu pisquei. "Eles não lhe contaram a meu respeito? Murillo não bastou como indicação?" Mãos rápidas, é isso que importa em uma luta com facas. Mas mãos rápidas não importam se você está procurando sua arma enquanto os dedos do outro homem estão envolvendo a dele. Não desperdice sua velocidade no início do primeiro movimento. Tudo o que isso faz é anunciar que aquilo *é* um movimento. "Você mandou um assassino para matar..."

"Um rei governa pela vontade de seu povo." Apenas um toque de irritação agora. "As pessoas confiam em Roma para sua salvação eterna. Você tem idade suficiente para saber onde seus interesses residem. E os de seu filho. A catedral..."

Eu me inclinei para a frente em meu assento, sem pressa, como um ouvinte atento, depois estendi o braço, lenta, mas seguramente: hesitação é o que mata. Depois rápido. Arrancando o crucifixo do pescoço dela. Eu o atirei, com o máximo de força, rompendo-o em um arco e soltando-o para que voasse em linha reta e certeira. Tobias o pegou. O pegou direitinho entre os olhos, com um braço pesado da cruz atravessando sua testa, de modo que o negócio todo ficou pendurado ali enquanto ele caía. Agora minha faca. *Para tudo há o tempo certo, e há tempo para todo propósito sob o céu*. Lembranças dos padres do bispo Murillo brotaram enquanto eu enterrei a lâmina entre as dobras de gordura do pescoço da papisa. "Hora de morrer."

Ela atingiu o chão primeiro, depois Tobias, e depois a alabarda. Em seguida, por um momento muito longo, aqueles de nós que não estavam

morrendo no chão ficaram ali olhando uns para os outros.



TRILOGIA DOS ESPINHOS

EMPEROR OF THORNS

43

“Capitão Devers, creio que estou prestes a ser atacado durante seu turno!” Eu gritei para ele, achando melhor adiantar o assunto em vez de mencioná-lo quando uns quarenta guardas papais começassem a tentar me perfurar.

Eu vi um movimento entre os capacetes dourados lá perto de nossa carruagem. Levaria pouco tempo até que Devers compreendesse a situação.

“Ah, por favor, eu acabei de matar a maldita papisa. Vocês *vão* me atacar, não vão?” Eu saquei Gog e sorri convidativamente para os guardas mais próximos. De pantalonas ou não, eles seriam mortais o bastante. Várias alabardas contra uma única espada ao ar livre não é competição. Eu comecei a recuar em volta do banco. Os carregadores se espalharam. Não eram devotos, aparentemente.

Ainda meio atordoados, os cinco guardas mais próximos de mim apontaram suas armas. Por toda a fileira, as alabardas caíram em uma

onda, apontadas para mim.

"Esse homem está sob minha proteção!" Devers encontrou sua voz e impulsionou seu garanhão para a frente.

De alguma forma, aquilo galvanizou os soldados da papisa e eles avançaram, gritando com fúria incoerente. Até os carregadores pensaram em participar, vindo para cima de mim com os braços muito longos e muito musculosos, embora eu achasse que eles ficariam gratos por não ter de carregá-la mais.

A Guarda Gilden se apressou por trás e eu brinquei de "encontre o Jorg", pulando para lá e para cá do banco, costurando o caminho entre os carregadores, enquanto nós fazíamos uma boa matança à moda antiga.

Ela acabou cedo demais. Alabardas têm alcance maior que espadas, mas se estiverem apontadas na direção errada a luta será curta. Elas estavam apontadas para mim. Eles deviam ter prestado atenção à guarda.

Gog ficou presa na espinha de um homem e teve que ser puxada com ambas as mãos sobre o cabo e um pé no peito do camarada. Felizmente, ele era o último dos carregadores. Eu libertei a lâmina e me virei bem na hora que Makin me pegou pelo peitoral e me jogou no banco da papisa.

"Que diabos você está fazendo?"

Devers chegou ao lado dele, com a espada pingando. "Você matou a papisa!" Como se eu não houvesse percebido.

"Ela matou a si própria quando foi atrás de meu filho." Eu me recostei no encosto de madeira do banco, relaxando do aperto de Makin.

"Você matou a papisa", Devers disse outra vez, olhando para a bagunça ensopada de sangue que ela virou, com um carregador sem braço caído em cima de suas pernas sagradas.

"O que você precisa fazer, capitão Devers, é mandar seus soldados carregarem a carcaça dela nesta conveniente caixa atrás de mim. E

enquanto eles fazem isso, e carregam todos os outros corpos para longe, você precisa tirar o Lorde Comandante da Guarda daqui."

"Eu desconfio que quando o Lorde Comandante Hemmet perceber o fogo que se alastrará da chama que eu acendi aqui, ele desejará que isso nunca tivesse acontecido. Desejará que a Guarda Gilden não houvesse massacrado o destacamento pessoal de soldados da papisa. E ele terá um grande interesse em saber que não há testemunhas sobreviventes de Roma. Tudo que acontece sem testemunhas nunca aconteceu de verdade."

"Em três dias, eu espero ser coroado imperador e aqueles que não me apoiaram viverão para se arrepender de sua falta de discernimento. Mas não por muito tempo."

"Se porventura eu não for coroado, estarei ocupado demais para deixar que isso me preocupe em demasia: reunirei um exército de nove nações para marchar até Roma para que eu possa reduzir aquele antro de corrupção a cinzas. Portanto, no fim das contas, se seu Lorde Comandante quiser evitar rios de sangue e se tornar um inimigo pessoal do próximo imperador por causa de uma papisa... ele dirá que Pio e seus guardas foram vítimas de um lichkin. Mande os restos mortais dela à Cidade do Vaticano e acabe com isso. Posso até sugerir um substituto..."

Makin me soltou, permitindo-me deslizar alguns centímetros para baixo do encosto do banco, da ponta dos pés até o calcanhar. Eu não havia percebido que estava quase fora do chão. "Isso não vai dar certo. Não dá para abafar algo assim."

"Olhe à sua volta, Makin." Eu estendi um braço. "Isto é uma terra devastada. Todo o mundo que importa está no palácio e ninguém está olhando para fora, isso eu posso lhe garantir. E os criados deles estarão trabalhando duro lá do outro lado." Eu acenei para as mansões distantes. "E as pessoas boas de Vyene estão se escondendo em suas

casas. Até certo ponto porque não foram convidadas para a festa. Mas principalmente porque a Guarda Gilden está ocupada com seus deveres de escolta, sem deixar ninguém para protegê-los, e os mortos estão a caminho."

"Não importa. Alguém saberá. Alguém falará. Haverá rumores..."

"Rumores são bons. Rumores só dão uma vantagem às coisas, acrescentam um peso ao que eu tenho a dizer. Acusações... não tão boas. Ataques? Então é hora de marchar até Roma. E não se esqueça, um guarda mediano tem muito menos respeito pela Igreja do que pelas mulheres da casa itinerante de Onsa."

Aquilo o fez parar. A guarda realmente detestava qualquer coisa que cheirasse à influência de Roma nos negócios do Império. Ter a papisa em pessoa em Vyene, atocaiando membros da Centena sob escolta da guarda, deve tê-los irritado demais.

"Não pode dar certo." Makin balançou a cabeça.

"De qualquer modo, a vadia está morta." Eu o afastei. "Devers!" Eu estalei os dedos na frente do rosto dele. "Acorde, homem! Você se lembra do que eu disse? O Lorde Comandante – acobertamento ou derramamento de sangue. Sim? Dê um jeito ou então eu irei até Roma com a cabeça dela em um espeto."

Capitão Devers fez o aceno de um homem que não estava convencido de não estar sonhando. Eu passei por ele, pisando ao redor dos cadáveres. Nunca é uma boa ideia passar por cima de um homem caído. Você pode levar uma facada entre as pernas.

"Estarei no palácio se precisarem de mim."

Rike e Marten ficaram limpando suas espadas. O machado de Kent estava pendurado em sua mão, ainda carmesim. Ele parecia perdido.

"Se Deus fala com alguém, Kent, não é com aquela velha maligna ali. Essa fé que você encontrou, não foi na Igreja, foi? Você a encontrou na

dor e no sangue. O que quer que tenha lhe tocado, não foi um padre de batina."

"O espírito sagrado me encontrou, Jorg. Jesus Cristo, ressuscitado, tirou-me da escuridão e resfriou minhas queimaduras." Nada de "rei" hoje, nem "majestade".

Eu não respeito muitos homens e Kent nunca teve a inteligência muito afiada, nunca foi sábio o bastante, nunca virtuoso o bastante para me inspirar. E seu novo credo, desde o fogo, parecia emprestado, o dogma de outros homens usado como escudo. Mas eu respeitava seus instintos como assassino e gostava da sinceridade do homem. E quem era eu para julgar? Eu havia fodido uma necromante e matado uma papisa na mesma semana.

"Preciso confiar em você, Kent." Eu abri os braços. "Preciso de um pouco dessa fé. Então ouça esse espírito. Escute bem. E se eu preciso morrer por meus crimes, que seja por obra daquele que me derrubará."

O vento frio soprou entre nós. E eu percebi que quis dizer cada palavra. Eu o desafiei, como desafiei a tempestade muito tempo atrás. Derrube-me. Eu vi Gretcha escorregando de minha lâmina, com uma leve surpresa em seus olhos, e desmoronando em uma pequena pilha de ossos e pele em roupas de criança.

"Se alguém tivesse feito isso por mim quando eu era criança, teria evitado muitos problemas para todo o mundo." Eu havia dito isso a ela. Eu disse isso à tempestade em uma noite de loucura no alto do Castelo Alto. Eu disse isso a Kent, o Rubro, com as mãos brancas naquele machado nórdico dele. "Faça-o!"

Kent soltou o machado. Balançou a cabeça. "Estamos nisso até o fim, Jorg."

Eu voltei à carruagem. Miana, com o bebê nos braços, Katherine, Gomst e Osser estavam todos do lado de fora, encolhidos em peles e capas

contra as garras geladas do vento. Eles observaram minha aproximação através da guarda como se o fedor de meu delito já houvesse chegado até eles, uma mistura fria de horror e aversão naqueles rostos pálidos.

"Jorg? Nós ouvimos lutas... há sangue em você." Miana deu um passo em minha direção.

"Eu fiz direito, minha senhora. Como você me pediu."

"Você a matou." Katherine disse as palavras, não como acusação, mas para ouvi-las em voz alta, para ver se elas poderiam ser verdade.

"Ela morreu. A maneira é um assunto para se discutir, para um debate teológico. E daí? A mão de Roma apoia o povo deste Império ou o sufoca? E esse controle não tem ficado maior ao longo dos anos que Pio passou se esparramando sobre o trono papal? Chegou a hora de sangue novo, eu acho, de alguém que realmente acredite em Deus usar o chapéu mais ridículo da cristandade."

Eu passei o braço em volta dos ombros do bispo Gomst. "Hora de alguém que não queira ser papa ser o papa. O que você acha, padre?"

Ele olhou para mim. Eu não havia percebido quão baixo ele era, curvado prematuramente pelos anos e preocupações, ou talvez quão alto eu havia ficado. "Você realmente a matou?"

Eu abri um sorriso, embora ele amargasse, e disse: "Perdoe-me, padre, por ter pecado".

E o velho Gomsty, embora estivesse duro por causa da carruagem e com o coração doído, abaixou a cabeça para ouvir minha confissão.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

EMPEROR OF THORNS

44

— CINCO ANOS ATRÁS —

"Vyene é a maior cidade do planeta." O guarda fungou novamente e enrugou o nariz. Eu provavelmente fedia mesmo. Havia sido uma longa jornada desde a costa de Liba. "Nós não deixamos qualquer um entrar."

A grandeza ou não da cidade ainda estava em debate. Até agora, eu havia passado por um monte de indústrias e sobrados, tavernas e mercados espalhados por quilômetros ao longo do Danub. Nada daquilo era particularmente bom ou grande, mas certamente próspero. A verdadeira Vyene ficava atrás dos grandes muros que no passado abrigavam a cidade inteira. E o guarda à minha frente tinha suas dúvidas se um jovem sujo da estrada como eu tinha direito de vê-la.

"Espero que você deixe viajantes entrarem se eles tiverem dinheiro para gastar." Eu abri a mão para revelar cinco cobres surrados de vários países. Uma inclinação de minha mão fez as moedas deslizarem e ele as pegou enquanto caíam.

“Não quebre nenhuma regra, senão vai quebrar a cara.” E ele deu um passo para o lado.

Eu atravessei com meu cavalo. Mais de dez guardas estavam fazendo o mesmo tipo de controle de qualidade em outros candidatos e a maioria das conversas era pontuada por negociações ruidosas e prolongadas.

“Vamos embora.” Eu puxei as rédeas. A égua – Hosana, como o vendedor a chamava – seguiu em frente. Só depois de montar um camelo, e em seguida uma égua de costas balançantes, é que você começa a perceber o quanto sente falta de seu próprio cavalo. Brath sempre fora um substituto temporário para Gerrod, mas eu me vi desejando que Yusuf tivesse cumprido sua promessa e tomado providências para que ele fosse levado de volta ao Castelo Morrow.

Uma forte chuva começou a cair ao meu redor enquanto eu rumava em direção à cidade velha de Vyene, com a água vomitando em torrentes das calhas altas. O verão havia começado a rumar para o sul. Nas baías frias dos jarls, o inverno estaria afiando suas armas, aguçando o vento norte e preparando sua chegada.

Hosana e eu encontramos abrigo do aguaceiro nos estábulos da primeira hospedaria que vimos. Isso pelo menos nos poupou da chateação de escolher um lugar para ficar. Eu passei as rédeas dela a um rapaz com palha no cabelo e saí para o saguão para garantir uma cama e uma banheira para lavar um pouco da sujeira da estrada. “Quero que ela esteja seca antes de chegar às cocheiras, senão vou tirar satisfação.” Eu joguei uma moeda para ele.

A hospedaria fedia a lúpulo e suor. Uma dúzia de viajantes salpicados pelas mesas e cadeiras, talvez alguns bebedores diurnos entre eles. Eu peguei o braço do estalajadeiro quando ele passou com um prato de carne fumegante com molho. Não dava para saber que tipo de carne, cartilagem principalmente, e nervos, mas aquilo fez meu estômago roncar.

“Quero um quarto. Mande um prato disso aí se conseguir encontrar mais cachorros. Uma cerveja também.”

Ele assentiu. “Pegue o sete. Fim do corredor. Expulse Elbert de lá, ele não paga mesmo.”

E então eu acabei no sete em um colchão de palha, com certeza cheio de bichos, com o pinga-pinga da chuva lá fora e os gemidos de Elbert do lado de fora da porta enquanto ele recolhia as coisas que se soltaram quando ele bateu na parede. Comer, beber, cagar, dormir. De manhã, eu me limparia e gastaria um pouco de dinheiro para vestir algo mais próximo de minha função. Seria preciso mais que veludos e camurças para eu entrar no palácio, todavia. Ninguém lá acreditaria que o Rei Jorg de Renar fora sozinho aos Portões Gilden, sem arautos nem comitiva.

O corte em minha bochecha ainda doía. Um momento de descuido no porto de Mazeno, um marinheiro bêbado com uma faca. Com a cabeça deitada na palha, eu podia ouvir os insetos sugadores de sangue se mexendo, com os minúsculos pés secos fazendo cócegas sobre o lençol. As tábuas do teto seguraram minha atenção e meus olhos vasculharam os padrões em busca de significado até o sono me levar.

O conforto de fazer a barba com sua faca está em saber que ela foi amolada à perfeição. Fora isso, é uma chateação e deixa você coçando, não importa quão afiada seja a lâmina. Eu desci para tomar o café com o pão escuro da região e uma jarra de cerveja fraca. Do lado de fora, a rua estava iluminada pelo sol e o ar carregava o cheiro da geada.

Segui andando e entrando mais na cidade, deixando Hosana estabulada na estalagem. Os Braços de Olidan, para dar o nome completo; eu não havia percebido no aguaceiro que me levou até lá. O nome não era por causa de meu pai, é claro, mas por um dos comissários mais famosos que mantiveram Vyene em nome do Imperador Callin durante os anos que ele passou em campanha para expandir nossas fronteiras ao leste.

Crianças pedintes me seguiram, embora eu não parecesse ser endinheirado. Até na mais rica das cidades. Criancinhas loiras, muito possivelmente descendentes remotas de escapulidas de imperadores passados, morrendo de fome nas ruas.

Eu continuei até bairros mais exclusivos onde as autoridades locais afugentaram os pivetes e me lançaram olhares que diziam que fariam o mesmo por mim se eu fosse um pouco menos assustador. Depois de duas curvas e uma ponte, passando por casas cada vez mais imponentes, eu cheguei a uma das quatro grandes estradas que levam ao coração de Vyene: a Rua Oeste. Lá, ainda a quase dois quilômetros do palácio, encontrei casas comerciais que ladeavam as margens. Nada de tendas de mercado ou barracas de comerciante, mas casas grandes de pedra, revestidas de ardósia, abertas para a rua, com mercadorias expostas do lado de fora e salas lá dentro para negociar a venda.

Eu fui até uma dessas casas, de um alfaiate, com o nome do proprietário escrito em uma tábua de dez metros de comprimento entre as janelas do primeiro e do segundo andar. “Jameous da Casa da Folia”, sem alusão a seu ramo, nem mesmo a imagem de tesouras para tecido. Se não fosse por um homem saindo pela porta de trás com dois rolos de tafetá sobre os ombros e outro saindo pela frente com uma sofisticada capa para casa em uma espécie de cabide, eu não saberia que tipo de negócio era feito ali. Ao contrário do coureiro ao lado e dos prateiros mais adiante, Jameous estava com as venezianas fechadas por causa do frio ou talvez por conta dos olhos dos curiosos. Afinal, não há nada como uma sensação de exclusividade para atrair dinheiro dos tolos. E sim, também fui atraído, embora eu pudesse alegar que foi minha necessidade que me atraiu. A necessidade de adotar a mesma plumagem dos galos empertigados da região, para que eu pudesse começar a desempenhar o papel de rei mais uma vez.

A porta, um negócio pesado de carvalho, havia se fechado atrás do homem que saiu com sua capa, ou melhor, com a capa de seu mestre, já

que ele vestia trajes de criado, embora de corte mais refinado e em melhor estado que minhas próprias roupas. Eu me aproximei e dei uma batida.

A porta se abriu um pouco. “Esta é a Casa da Folia.” A criatura que se dirigiu a mim parecia indecisa entre os dois sexos, com os olhos grandes, estrutura esguia e voz suave, mas com cabelos bem curtos e o peito plano. Uma mão se moveu para fechar a porta, como se simplesmente identificar o lugar fosse o suficiente para que eu fosse embora.

Eu coloquei meu pé na porta. “Eu sei disso. Está escrito em letras maiores que a sua cabeça logo acima de nós.”

“Oh”, disse a mulher. Eu decidi que era mulher. “Quem lhe disse isso?”

Eu empurrei a porta e entrei.

Um ambiente bem decorado, cadeiras estofadas onde dava para se afogar, um único tapete macio e grosso cobrindo o chão de parede a parede, lampiões de cristal queimando óleos que não faziam fumaça. Um homem grande, calvo, mais para gordo, estava com os braços levantados enquanto um segundo homem se movia em volta dele segurando uma fita métrica. Um terceiro camarada estava com um bloco, anotando suas medidas. Todos os três olharam em minha direção.

O homem que fazia as medições se endireitou. “E quem seria este, Kevin?”

Kevin se levantou do tapete. “Senhor, eu sinto muito, senhor... este... cavalheiro...”

“Eu entrei à força, digamos assim.” Eu lhes lancei meu sorriso mais vencedor. “Eu preciso de algumas roupas apropriadas, e às pressas.”

“Apropriadas para quê? Trabalhar?”, o homem grande zombou. Kevin cobriu a boca para esconder um sorriso. “Ande logo, Jameous, bote-o para fora e vamos terminar com isso. Preciso estar na casa de Lorde Kellermin em uma hora.”

Eu decidi ser ao menos meio civilizado. Afinal, eu estava na capital do Império, um lugar onde as ações de alguém tendem a repercutir, onde as palavras de alguém podem se espalhar. Eu peguei uma moeda de ouro e

brinquei com ela de um dedo para o outro, passando por trás de cada articulação. “Não há necessidade nem possibilidade de me expulsar. Eu simplesmente preciso de roupas. Talvez algo que Lorde Kellermin possa aprovar.”

“Faça-o sair. O homem é louco varrido e sabe Deus quem ele acabou de roubar para conseguir essa moeda.” Manchas vermelhas apareceram no alto das bochechas do homem corpulento.

“Claro, conselheiro Hetmon.” Uma rápida reverência ao conselheiro e Jameous bateu palmas, uma ordem como nunca havia visto. Ele virou-se novamente para mim. “Nós somos bem seletivos com nossa clientela, meu jovem, e eu posso lhe garantir que um conjunto completo de roupas adequadas para as recepções de Lorde Kellermin custariam mais do que um ducado, em todo caso.”

A moeda girou, ouro sobre as juntas. Na Cidade de Hood, eu podia esvaziar uma alfaiataria com um único ducado inteiro.

Uma dupla de homens surgiu da traseira da loja, oficiais de alfaiate pela aparência, em túnicas pretas elegantes. Um segurava tesouras de plissagem e o outro uma régua de metro. Eu respirei fundo, daquele jeito que fingimos que nos acalmará. A qualidade custa caro. Boas maneiras não custam nada.

“Será que isto basta?” Eu peguei um punhado de ouro: dez, talvez quinze moedas. Há um peso naquela quantidade de ouro que lhe diz que aquilo tem valor.

“Chame as autoridades para esse aí, ele claramente matou alguém importante ou o deixou sangrando em uma viela.” O conselheiro Hetmon deu meio passo em minha direção até perceber que não havia ninguém a postos para segurá-lo.

Calma.

Eu respirei fundo mais uma vez. Os dois alfaiates, com a tesoura e o metro, avançaram, cada um tentando ser mais lento que o outro, ninguém

querendo chegar primeiro.

Já que o meio passo de Hetmon fez pouco para encurtar a distância entre nós, eu mesmo o fiz. Fique calmo, eu disse a mim mesmo. Com quatro passos rápidos eu o peguei pelo cinto e pelo ombro. Um homem pesado, mas consegui atirá-lo com velocidade suficiente para que ele fizesse um buraco com o seu formato nas venezianas. Eu me virei para achar o menor dos dois alfaiates balançando seu metro em minha direção. Eu o deixei quebrar na couraça por baixo de minha capa. Atrás de mim, o restante da veneziana se soltou e caiu fazendo barulho. Acontece que não acato bons conselhos nem quando sou eu quem os dá.

"A seleção da boa clientela é com certeza uma prioridade", eu disse a Jameous. "Mas já que você parece não ter outros compromissos, talvez você possa me encaixar para uma consulta imediata."

O mestre alfaiate recuou, olhando para os fragmentos pendurados da veneziana. O ajudante com as tesouras as deixou cair prontamente; o outro parecia fixado pela ponta quebrada de sua régua de metro.

"Roupas!" Eu bati palmas para chamar um pouco de atenção, mas Jameous continuou a olhar para a rua.

Eu mesmo dei uma olhada, pensando se as autoridades haviam aparecido para dar uma mão ao conselheiro e testar minha paciência. Em vez das armaduras acolchoadas e porretes de ferro da polícia local, fileiras e mais fileiras de nórdicos barbudos passaram marchando, com o sol fraco brilhando nas cotas de malha, cores berrantes em seus escudos grandes e redondos, e capacetes com chifres cerimoniais dos dois lados. Eu cheguei à janela a tempo de ver o meio da parada se aproximando. Quatro figuras a cavalo e os guerreiros à frente deles rodeados por serpentões.

"Caramba!" Eu saí através da madeira estilhaçada. O conselheiro Hetmon saiu engatinhando rapidamente, mas eu perdera o interesse nele, e também em todas as minhas ambições com indumentárias. "Sindri!" Montado naquele capão branco dele, com um casaco de pele branco, os

cabelos agora sem tranças e presos com um arco de ouro, mas era Sindri mesmo assim.

"SINDRI!" Eu gritei para ele, logo quando os dois guerreiros que marchavam à frente de seu cavalo sopraram seu serpentões e abafaram todos os outros sons.

Por um instante pareceu que ele não ouvira, e depois ele virou seu cavalo, passando entre as fileiras, pondo os marchadores em desalinho.

"Que diabos você está fazendo aqui?" As palavras dele chegaram a mim conforme o som dos serpentões diminuiu.

"Eu vim ver meu trono." Minhas bochechas doíam com um sorriso que não precisou ser forçado. Era bom ver um rosto conhecido.

"Você está com uma aparência horrível." Ele desceu de sua sela, agitando as peles, alguma espécie de raposa do ártico, pela aparência. "A princípio, achei que você fosse um sarraceno. Um mercenário que não estivesse com muita sorte."

Eu abaixei a cabeça e olhei para mim. "É. Bem, acho que peguei algumas coisas na Afrique. Um belo bronzeado, para começar." Eu coloquei meu pulso escurecido perto de seu pulso pálido.

"Afrique? Você não para nunca?" Ele olhou para trás, para a coluna parada na rua. "Enfim, você precisa vir conosco. Pode cavalgar ao lado de Elin. Você se lembra de minha irmã Elin?"

Claro que eu lembrava. Visite-nos no inverno, ela havia dito. "Meu cavalo está lá na pousada", eu lhe disse. "E aonde vocês estão indo? E para quê? Ficou frio demais no norte?"

"Casar." Ele sorriu. "Ande comigo, se não estiver aquém da dignidade de um rei."

"Dignidade?" Eu sorri também e dei um peteleco em uma farpa em meu ombro.

Sindri reuniu-se a sua coluna a pé e eu tomei o lugar do guerreiro ao lado dele. "Minha dama." Eu acenei para Elin, pálida, de veludo preto, com os

cabelos loiríssimos cascateando-se para trás.

"Você não conheceu meu tio Thorgard, e Norv, o Bruto, nosso vassalo do Vale Hake?" Sindri apontou para os outros cavaleiros, homens mais velhos, sérios, com capacetes e cicatrizes.

Eu bati o punho em meu peitoral e inclinei a cabeça, lembrando-me das opiniões desfavoráveis que tais homens tinham das gentilezas trocadas em Vyene. "E seu pai?"

"Suas obrigações o mantêm em Maladon. Coisas mortas surgindo das terras tumulares. Além disso, sua saúde está..."

"Um resfriado, nada mais." O irmão de Duque Maladon inclinou-se à frente de seu sobrinho.

A coluna recomeçou com um sopro dos serpentões. Nós seguimos marchando no silêncio de seu rastro. "Casar?", perguntei. "Com uma moça do sul?"

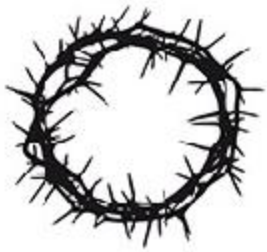
"Uma moça de Hagenfast, de boa estirpe viking. Dos aliados de meu pai, mas ela é bonita. Uma megera na cama."

Elin grunhiu do outro lado.

"Então vocês todos marcharam até Vyene...?"

Sindri levantou o braço e mexeu em um dos chifres de touro de seu capacete. "Nós somos tradicionalistas. Antigos em nossos modos. Nós mal nos libertamos dos antigos deuses três mil anos após o Cristo vir. No norte, qualquer casamento de grande importância precisa ser testemunhado pelo imperador e isso significa vir até a corte. Mesmo que não haja imperador. Ou comissário. Então aqui estamos."

"Bem, é bom ver você." E eu falei a verdade.



TRILOGIA DOS ESPINHOS

EMPEROR OF THORNS

45

— CINCO ANOS ATRÁS —

Eu fui ao Portão Gilden vestido com a capa e a túnica sobressalentes de Sindri, com botas de um ou outro de seus guerreiros e minha posição reconhecida pela Guarda Gilden por atestação de Sindri. O portão ficava bem para dentro do palácio e não era uma entrada, mas um rito de passagem. Eu sempre imaginara que o portão fosse alto, tivesse largura suficiente para um coche e cavalos, e precisasse de dez homens para abri-lo.

"É só isso?"

"Sim." Hemmet, o Lorde Comandante da Guarda Gilden, não entrou em detalhes. Ele deve ter se deparado com essa reação dezenas de vezes.

Nós ficamos, Sindri, seu grupo íntimo, Hemmet e eu, em uma antessala do tamanho da sala do trono de meu pai e decorada com mais pompa e mais bom gosto do que qualquer coisa que a maior parte da Centena pudesse almejar. E no meio da extensão da parede oeste, decorada com bustos de imperadores passados, todos de mármore branco, observando o

tempo dentro de seus nichos, estava o Portão Gilden. Uma entrada modesta, na qual ficava um antigo arco de madeira, sem suporte. De carvalho, talvez, enegrecido pelo tempo, e com todos os relevos suavizados pela passagem dos anos.

"Por quê?", perguntei.

Hemmet virou seus olhos para mim, muito azuis, com rugas nos cantos. Ele coçou a barba branca em seu queixo. "Atravesse." Ele gesticulou com seu báculo oficial, um bastão de aço e ouro que terminava em uma crista estranha de línguas de veludo vermelho.

Eu dei de ombros e andei em direção ao arco, que tinha menos de três metros de altura e um pouco menos de largura. Nada até os dois últimos passos. Mais um e a agonia bruta de minha queimadura despertou novamente nas velhas cicatrizes por todo o lado direito de meu rosto. Ao mesmo tempo, a dor aguda e crítica da faca de meu pai penetrou meu peito mais uma vez, espalhando-se por minhas veias como ácido. E a caixa com estampa de espinho em minha cintura ficou tão pesada que me fez cambalear, puxando-me para baixo. Eu consegui me balançar para trás, com a mão sobre a cicatriz de minha queimadura, praguejando e cuspindo.

"Nada maculado pode passar", disse Hemmet. Ele guardou seu bastão em seu cinto. "Quando a Centena se reúne, nenhuma mágica pode ser levada para dentro, ninguém jurado pela mente pode entrar para influenciar a lealdade das pessoas, ninguém corrompido por poderes ímpios pode entrar para ameaçar seus colegas governantes com mais do que alguém deveria ter. Quaisquer influências exercidas sobre uma pessoa serão apagadas se elas conseguirem passar pelo portão."

Eu me endireitei e a dor passou com a mesma rapidez que surgiu. "Você podia ter me alertado." Eu enxuguei saliva e sangue do canto de minha boca.

Hemmet deu de ombros. "Eu não sabia que você era envenenado." Um homem grande, sólido para a idade. A meia-armadura dourada que usava

mal pesava sobre ele. Uma peça deslumbrante, jogada sobre os ombros e passando por sua nuca onde ela subia até um capacete que mais se assemelhava a uma coroa.

"Tente você", eu lhe disse.

Ele entrou, virou-se e abriu os braços. Dava para ver que ele se importava pouco com a Centena, quer eles se chamassem de rei, duque ou de lorde. Havia muitos na Centena, mais nomes do que a maioria dos homens poderia trazer à mente, mas somente um Lorde Comandante da Guarda Gilden. Hemmet.

"Então vou ser deixado do lado de fora?" Eu tentei fazer aquilo não parecer um choramingo.

"Capitão Kosson lhe mostrará uma das passagens laterais." Hemmet sorriu. "É apenas no Congresso que você será excluído, ou se quiser dirigir um requerimento ao Imperador quando o trono for ocupado novamente."

E então eu tomei o caminho mais longo até a sala do trono imperial. Enquanto Sindri, Elin e os outros nobres imaculados eram conduzidos através do Portão Gilden, o pobre Jorgy teve de entrar pelos fundos como um serviçal. Kosson me levou por corredores escuros, segurando um lampião para iluminar o caminho.

"A maioria dos palácios pode pagar uma iluminação melhor." Era uma diferença muito grande do grandioso lar de Ibn Fayed.

"A maioria dos palácios é habitada pela realeza", respondeu Kosson, sem olhar para trás. "Ninguém mora aqui, a não ser alguns criados para espanarem o pó. A guarda entra e sai durante os anos entre os Congressos, mas nós somos soldados, não precisamos de lampiões a óleo em cada nicho. Sombras não assustam a guarda."

Eu estava prestes a dizer que talvez eles devessem se assustar, mas algo levou as palavras embora. "Não há nichos." Nenhum lugar para lamparinas, lampiões nem mesmo tochas, nenhum local para exibir estatuaria,

bugigangas ou qualquer forma de riqueza como os nobres são propensos a fazer.

Kosson parou e olhou para cima. Seu olhar me conduziu a um pequeno círculo de vidro embutido na pedra branca do teto. “Luz dos Construtores”, disse ele.

Agora eu as via, a cada dois metros.

“Elas não funcionam, no entanto.” Ele deu de ombros e continuou a andar, com as sombras se balançando ao nosso redor.

“Este é um salão dos Construtores? Mas...” Não parecia ser possível. “Ele é tão... gracioso. A cúpula, os arcos e as antessalas...”

“Nem tudo que eles fizeram era feio. Este era um lugar de poder. Algum tipo de legislatura. Eles o fizeram grandioso.”

“Eu aprendo algo novo todos os dias”, eu disse. “Você acha que eles podem ter tido almas, portanto, esses Construtores?” Eu estava somente meio de brincadeira.

“Se for aprendizado que você procura, eu lhe mostrarei algo que a maioria dos visitantes não chega a ver.” Kosson virou à esquerda para um corredor menor e depois de novo à esquerda.

“Isso é... incomum.” Eu parei ao lado dele.

Um homem estava de costas para nós. Ele parecia estar correndo, mas não fazia o menor movimento, como se alguém tivesse o trabalho de vestir uma estátua muito bem feita com uma túnica e calça beges, amarrada na cintura. Em uma das mãos, um longo bastão, quase como uma vassoura, mas com um monte de fitas vermelhas na ponta, estranhamente familiar, e na outra um copo estranho, extremamente fino, meio amassado, com um líquido escuro derramando, indo a lugar nenhum. Aquilo me fez lembrar de gotículas de sangue explodindo de um crânio quebrado, penduradas para sempre no ar. Aquilo me fez lembrar de Fexler.

“Então vocês têm um Construtor em estase.” Eu olhei em volta procurando algum tipo de projetor como o que havia congelado o tempo

ao redor de Fexler. A seção do corredor parecia idêntica ao restante.

Kosson me lançou um olhar magoado por um instante, como uma criança com seu entusiasmo frustrado. "Sim, mas veja *quem* nós temos aqui!"

Nós contornamos o vidro invisível em volta do homem. Era assim que parecia. Vidro liso, frio ao toque, à beira do tempo que as horas e os minutos morrem para o nada.

"Viu?" Kosson apontou para um retângulo branco preso ao peito do homem, à esquerda. Parecia um pedaço de plastik e trazia a legenda "ZELADOR" em preto. "Isso significa que ele é o guardião, o protetor. Os guardas arquivistas têm livros que dizem o significado das palavras antigas."

"Ele parece mole para mim." Fraco, branco, com medo nos olhos.

"A força dos Construtores nunca esteve nos braços deles. Isso é o que o Lorde Comandante diz. Eu concordo com você, ele não é nada guerreiro. O Lorde Comandante rastreou seus antepassados até o primeiro zelador: este homem. Ele é o santo padroeiro da família."

E naquele momento entendi por que aquela espécie de vassoura do homem me pareceu familiar. "Aquele bastão que Hemmet usa. É copiado deste aqui, não é? É mais curto, mais bonito, mas é isso."

Kosson assentiu.

"Santo padroeiro, você disse?" Eu chupei meus dentes tentando entender essa. "Você está me dizendo que Roma canonizou um Construtor?"

"Isso você vai ter que perguntar ao Lorde Comandante." Kosson balançou a cabeça. "Vamos." E ele voltou pelo caminho por onde viemos.

Nós estávamos reunidos diante do trono, uma cadeira simples de madeira, com o encosto alto e resistente, um trabalho antigo, grosseiro. Aqui e ali, pontas brilhantes de flechas atraíam a atenção, nos descansos para os braços, nas pernas da frente, dos lados, achatadas sobre a madeira. A lenda diz que os reis dos Construtores se sentaram nesse mesmo assento, e o mesmo fogo secreto que corria dentro de suas máquinas corria em suas

veias. O trono fora levado de navio, atravessando um grande oceano, muito tempo atrás.

"Você me ajuda a manter distância? Ficando aqui? Já que eu sou impuro." Eu parei alguns metros atrás.

Sindri sorriu e acenou para que eu continuasse. Elin me interceptou quando me aproximei, erguendo os dedos para tocar minhas cicatrizes. "O norte sabe como você ganhou suas feridas, Rei Jorg, e elas não são defeito algum."

O trono ficava em uma plataforma de dois degraus altos. A própria sala do trono chegava até a grande cúpula que cobria todo o complexo do palácio e ficava em um grande círculo rodeada por muitas câmaras.

"A cerimônia de casamento será realizada aqui, diante do trono, com uma guarda de honra de cento e cinquenta soldados, as tropas designadas para escoltarem cada um de seus antepassados ao Congresso", Lorde Comandante Hemmet disse a Sindri.

"Um padre de Roma pregando a palavra dentro do Portão Gilden", eu disse. "Isso deve irritar, não é, Lorde Comandante?" O desrespeito que a guarda tinha com a Centena não era nada perto daquele reservado à papisa e a seus subordinados, fosse cardeal ou coroinha.

"Jamais, Jorg. Os imperadores mantinham um padre particular que jurava não ser leal a Roma. Tais clérigos ainda estão disponíveis em uma igreja dentro do palácio. A papisa não tem influência dentro dessas paredes e sua corrupção da fé não chega até a guarda; nós nos atemos aos modos mais antigos. Eu duvido que o Portão Gilden permitisse passar qualquer padre com o fedor de Roma."

"Que bom", eu disse. "Eu mesmo me atenho aos modos antigos." E me aproximei de Elin. Seu cheiro era bom, de mulher e de cavalo, e o pescoço esbelto, os olhos malvados. Eu acenei para que Hemmet continuasse sua apresentação. Não que ele estivesse aguardando minha permissão.

“No Congresso, a Centena se divide em seus grupos de discórdia e eles se isolam nos salões de preparação.” Lorde Comandante Hemmet abriu o braço para abranger todas as câmaras laterais. “Lorde Sindri e Lady Freya podem pegar uma câmara cada para abrigar seus respectivos grupos do casamento.”

“Eles podem escolher quais?”, eu perguntei.

“Perdão, Rei Jorg?” Ele tinha uma maneira de falar que fazia “rei” parecer uma palavra muito pequena.

“Eles podem ficar com qualquer câmara que quiserem? Deve haver trinta ou mais.”

“Vinte e sete, e sim, eles podem ficar com qualquer uma”, ele assentiu.

“Bem, vamos explorar então”, Elin disse e pegou minha mão, levando-me em direção a uma passagem distante.

Eu ouvi Sindri rir atrás de mim. “Venha, tio Norv.”

“E eu devo saber o que estou procurando?” Eu ouvi o tio grunhir atrás de nós. “É apenas um maldito quarto.”

Nós fizemos uma boa caminhada até a primeira câmara. A sala do trono imperial caberia dentro da de Ibn Fayed, mas sem sobrar muito espaço, e eu a julgava mais antiga, convertida para este fim numa época em que o Império ainda estava no início.

Nós paramos diante de portas duplas de carvalho incrustado com pau-santo, com a marchetaria retratando duas águias confrontando-se pela linha divisória. A mão de Elin estava fria sobre a minha. Ela quase tinha a minha altura e sua brancura a tornava um pouco estranha, porém intrigante. Ela empurrou uma porta e me fez entrar.

A sala estava cavernosa e escura, iluminada em partes por luz vinda de pequenas janelas no teto, envidraçadas usando habilidades perdidas ou vidro roubado.

“Não há nada para ver”, eu disse. “E, além do mais, é apenas um quarto, o que há para escolher?”

“E eu achando que isso fosse ideia sua, para início de conversa”, disse Elin, passando por mim e me puxando para as sombras. Alguma coisa na maneira como ela roçou em mim acendeu uma chama.

Pensei em mandar Sindri e seu grupo embora à procura de um quarto adequado para ocuparem, de preferência com o Lorde Comandante a tiracolo, para que eu pudesse bisbilhotar o trono imperial em um momento de privacidade. Em vez disso, nós havíamos deixado Hemmet lá no trono e eu estava perdendo meu tempo com...

“Nós não temos muito tempo.” Elin serpenteou seus braços em volta de mim, com os dedos fortes e finos amassando os músculos em minha coluna.

“Eu não quero que Sindri...”

Ela me beijou, desafiadora, ávida, interrompendo-me. Em seguida, afastando-me, disse: “Ah, cale-se, ele me conhece”. Ela tirou sua capa de veludo.

“Eu preciso chegar até o...”

“Eu sei do que você precisa, meu rei.” Ela puxou sua túnica por cima da cabeça, preta como pele de toupeira, em um movimento fluido que a deixou nua, exceto pela saia. A pele feito leite, mostrando apenas um leve rosa nas pontas dos seios fartos e pesados.

Era verdade. Ela realmente sabia do que eu precisava.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

EMPEROR OF THORNS

46

— CINCO ANOS ATRÁS —

“Quem diabos é você?” Eu me afastei de Elin e a deixei encostada à parede, ainda ajeitando a saia.

“Um homem que vê o futuro.” O intruso que, a julgar por suas roupas era um padre, observava-nos com olhos leitosos. Pelo bem da honra de Elin eu esperava que ele visse tão pouco quanto a catarata sugeria.

“Então você já sabe que estou prestes a repetir minha pergunta?”

“Eu sou o padre Merrin, da Igreja Livre de Adão.”

“Você é quem vai casar meu irmão com a esposa de Hagenfast”, disse Elin puxando sua blusa, notavelmente sem vergonha de si mesma, na verdade um tanto satisfeita.

“Sim”, respondeu o padre Merrin.

Alguma coisa me incomodou, algo familiar em um homem olhando para os anos vindouros. Eu cocei a cabeça como se isso fosse ajudar em alguma coisa. Não ajudou.

“Podemos ajudá-lo?” Eu fiquei de olho para ver se Sindri e seu tio apareceriam à porta. Eles se mantiveram ocupados visitando os outros quartos. Elin disse que Sindri a conhecia. Eu esperava que ele aprovasse, como ela dissera que iria. Eu havia impedido Ferrakind de atiçar os vulcões deles, afinal. “O senhor precisa de alguma coisa?”, eu perguntei.

“Creio que não”, disse o padre Merrin. A luz do lampião que vinha do salão principal reluzia em sua careca e tornava cômicas suas orelhas, grandes demais, como as de qualquer homem velho. “Na verdade, eu vim ajudá-lo, Rei Jorg.”

“Como assim?” Alguma coisa naquele homem me importunava. Eu duvidei que ele entrasse pelo Portão Gilden para realizar a cerimônia. Ele escolheria outra entrada. Parecia improvável que o portão o deixasse entrar tanto quanto a mim.

“Você está querendo procurar embaixo do trono, Jorg. Alguma coisa a ver com um anel que está carregando. Mas você não vê como fazer isso. Hemmet não permitirá que suba na plataforma. Você pensou em distrações que poderia causar. Cada plano mais louco e menos promissor que o anterior. Você até pensou em causar algum escândalo com esta dama aqui e tentar alcançar seu objetivo na confusão.”

“Tudo verdade”, eu disse. Elin me deu um soco no ombro. Com força. “E por que você quer me ajudar a fazer isso? O que vai acontecer quando eu usar o anel?”

Padre Merrin deu de ombros. Aquilo o fez parecer jovem, apenas um garoto vestindo todas aquelas rugas. “Eu não vejo muita coisa com estes olhos, apenas um vislumbre ou outro. Tudo que eu sei é que de algum modo isso fará o Lorde Comandante lhe dever um favor.”

“E por que isso é bom para você?”, eu perguntei.

“Isso também é turvo e distante”, ele disse. “Mas o apoio do Lorde Comandante Hemmet e a certeza de que sua proteção dá irão lhe ajudar

em alguma decisão tomada daqui a anos. Essa decisão ajudará a Igreja Livre – e o que ajuda a Igreja Livre enfraquece Roma e ajuda as pessoas."

"Ajuda as pessoas?" Eu peguei o anel de visão de dentro do justilho que Sindri me dera e o girei diante dos olhos de Elin. "Ah, bom. Se isso for realmente necessário."

Eu gesticulei para que o padre conduzisse o caminho. "Vá em frente", eu disse, lembrando que ele era cego.

Sindri, seu tio e vassalo haviam reencontrado o Lorde Comandante e o capitão Kosson perante o trono.

Sindri gritou para nós enquanto nos aproximávamos. "Você encontrou um bom quarto para nós, Jorg?"

"Bem, eu gostei." Nós dois sorrimos, como meninos travessos no colégio. Nem ele nem eu estávamos realmente casados ainda e crescer podia esperar um pouco.

"Lorde Comandante", disse o padre Merrin, com a voz projetando a entonação das preces. "É necessário que o trono seja posto de lado por um curto período."

Hemmet fez uma careta, como se a ideia de ser tocado, muito menos mudado de lugar, o perturbasse. "Tem certeza, padre? É uma de suas visões?"

Padre Merrin assentiu. Careca, magro em sua batina, com orelhas grandes como alças, eu acha difícil levá-lo a sério, mas ele tinha influência com o Lorde Comandante. Hemmet bateu palmas e quatro guardas apareceram trotando por uma entrada distante.

"Leve o trono... para lá." Ele os observou pegá-lo. "Cuidado. Tenham respeito."

"E o tapete também", disse o padre Merrin.

O Lorde Comandante ergueu as sobrancelhas ainda mais com aquilo, mas acenou para seus homens prosseguirem. Dois deles enrolaram a tapeçaria

pesada, uma peça grossa de estampas complexas feitas de seda, que cintilava com a iridescência da asa de uma borboleta.

Uma chapa de cobre, redonda, com um palmo de largura, jazia pregada ao chão no ponto onde o trono estava. Eu dei um passo à frente para subir na plataforma. Ao meu redor, os guardas se empertigaram, tensos, prontos para intervir.

"Permita isso, Hemmet", padre Merrin disse sem se exaltar.

O Lorde Comandante puxou uma longa respiração e a soltou em um suspiro. Ele acenou para que eu continuasse, com um gesto desdenhoso, como Merrin sabia que ele faria. Deve ser um inferno conviver com os jurados pelo futuro.

Eu mantive o anel de visão escondido em minha mão e me ajoelhei ao lado da placa de metal. Nada de alça ou dobradiça, nem fechadura. Eu me lembrei da porta da torre da mathema e simplesmente segurei o anel sobre o cobre, bem debaixo da minha palma. Após um instante de calor, um Construtor fantasma brotou acima de mim. Eu puxei minha mão para trás. Feito em tons claros como todos os outros, esse fantasma parecia familiar. Não era Fexler, nem Miguel, mas...

"Zelador!" Lorde Comandante Hemmet caiu de joelhos. Os guardas em volta dele seguiram seu exemplo.

O Zelador ficou calado por um tempo. Ele piscou, franziu a testa e se afastou uns trinta centímetros do disco de cobre, talvez mais. Um leve ruído de vibração do anel e lá estava Fexler. Os fantasmas cruzaram olhares, com as sobrancelhas franzidas por concentração ou por fúria, deram as mãos... e desapareceram.

"Extraordinário!" Lorde Comandante Hemmet apertou as palmas das mãos contra os olhos. "O que aconteceu? Havia dois santos? Eles estavam brigan..."

Todas as luzes se acenderam. Cada luz dos Construtores acordou ao mesmo tempo e a cúpula acima de nossas cabeças cintilou como céus

estrelados. A luz ofuscava tanto que era preciso semicerrar os olhos e fazia as chamas dos lampiões a óleo invisíveis, como se estivéssemos do lado de fora no alto verão.

"As luzes...", disse Norv, o Bruto, como se pudéssemos não ter percebido.

Antes que outras constatações do óbvio pudessem ser feitas, portas de aço brilhante começaram a descer dos recessos acima de cada entrada, menos do Portão Gilden. A ação veio acompanhada de um barulho alto que me fez ranger os dentes, como o som de pregos se arrastando na lousa de Lundist.

"As portas...", disse Norv. Eu resisti à tentação de dar um tapa em sua cabeça.

Demorou uns dez segundos para as portas se fecharem, metal sobre a pedra, e sem parar elas começaram a se abrir com a mesma velocidade. Guardas entraram com tudo quando as portas se levantaram, tendo sido chamados pelo ruído do mecanismo. Durante alguns minutos, soldados correram para lá e para cá, em várias missões definidas pelo Lorde Comandante para determinar que nenhum ataque estava acontecendo, ver que outras mudanças podem ter sido causadas, acalmar os criados, tranquilizar as mentes de outras unidades de guarda e afins.

Todo aquele frenesi parou completamente quando eles trouxeram o Zelador, o homem de verdade cujos dados fantasmas nós havíamos visto antes de Fexler levá-lo embora novamente. Ele veio escoltado por quatro soldados da guarda e outros se aglomerando atrás, sem disciplina, como crianças curiosas perseguindo um estranho na feira. Fexler havia rompido a estase do Zelador.

"Que coisa", eu disse. Para o grupo de Sindri, o Construtor era um estranho com roupas estranhas carregando um bastão com um monte de fitas curtas vermelhas na ponta. Eles teriam de ser espertos para reconhecê-lo pela rápida olhada em seu fantasma na plataforma. Para os guardas, porém, uma lenda andava entre eles. Para Lorde Comandante Hemmet, um santo se aproximava, seu ancestral venerado e uma parte da base de sua

autoridade. Hemmet ergueu a mão e o burburinho cessou. “Bem-vindo, Zelador! Bem-vindo!” Havia um amplo sorriso em seu rosto.

O Zelador parecia desnorteado e talvez assustado, mas ele havia dormido por mil anos, eu supus, então ele tinha o direito.

Uma pausa e depois ele falou. Mas não sei em qual idioma. Uma língua dura, gutural, que parecia estar à margem da compreensão. Eu entendi uma palavra que parecia com “alerta”: ele a disse mais de uma vez.

“Talvez ele fale outra língua”, eu disse. “Eu li que havia muitos idiomas entre os Construtores e quase o mesmo número pelo Império quanto há reinos. E, mesmo que fale a língua do Império, pode ser que ela tenha mudado ao longo dos séculos. As coisas mudam, nada fica parado, muito menos as palavras.”

Hemmet fez uma careta para mim, mas a raiva não durou muito, como uma nuvem sobre o sol. “Você fez isso, você o despertou, trouxe a luz de volta ao palácio. E eu não esquecerei disso, Rei Jorg.” Ele pôs a mão no ombro do Construtor e depois ficou ao seu lado, com o braço em volta dele, protegendo-o. “Eu falarei com o Zelador em particular. Capitão Kosson, conceda a nossos convidados todas as cortesias possíveis e acompanhe-os na saída do palácio quando suas necessidades forem atendidas.”

E Hemmet nos deixou, levando seu santo consigo.

Eu me abaixei e peguei o anel de visão. “Bem, padre Merrin, você estava certo. Hemmet me ama agora.” Eu franzi a testa. “Achei que alguém houvesse me dito... Eu pensava que não era possível dizer a um homem seu futuro, pois dizê-lo o faz mudar.”

Merrin sorriu e virou aqueles olhos leitosos para mim. “Depende do futuro, Jorg, e do quanto você lhe conta. Minhas visões são tão confusas que há poucos detalhes a contar.”

“Então o que mais você pode me contar sobre meu futuro, padre?” Eu me aproximei para que o que restasse da visão dele pudesse me enxergar.

“Nem queira saber, Jorg”, disse ele. “O futuro é um lugar sombrio. Todos nós morremos lá.”

“Conte-me assim mesmo.”

E talvez por saber que eu insistiria – *esse* futuro era bem claro para nós dois – ele respondeu: “Você irá matar e matar mais, cometer os piores atos, trair aqueles que deveria amar, destruir seu irmão e trazer ruína a todos nós”.

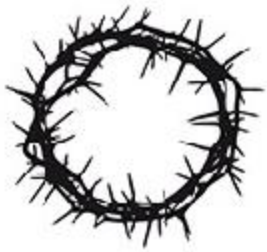
“Nenhuma grande mudança, então?” Eu ignorei a expressão no rosto de Elin e de Sindri. A decepção afiou minha língua. Eu achei que pudesse crescer, ser melhor, ser mais. “Diga-me, padre.” E aqui eu usei “padre” como se acreditasse. “Por que todos os homens importantes não encontram para si um vidente jurado pelo futuro para planejarem o caminho para a glória?”

Uma calma tomou conta do homem. O tipo de arrependimento que não dá para fingir. Ele falou com um humor suave, autodepreciativo, mas eu sei que falou a verdade. “Prever o que será não é diferente de abusar de si mesmo. Assistir a si passando pelas possibilidades, acompanhar a verdade através de todas aquelas reviravoltas, pode impedir seu crescimento, mesmo que só um pouco.” Eu pensei em Jane, minúscula e mais velha que Gorgoth. “Ou fazê-lo ficar cego.” Sua catarata parecia opalina à luz dos Construtores. “E se você olhar longe demais, se você procurar o que nos aguarda no final...”

“Diga-me.”

Padre Merrin balançou a cabeça. “Arde.”

E por um instante eu vi uma mão sem pele segurando uma caixa de cobre.



TRILOGIA DOS ESPINHOS

EMPEROR OF THORNS

47

Com o corpo da papisa caído em meio à carnificina, nós prosseguimos para o palácio do imperador, uma grande cúpula feita de milhares de blocos enormes de arenito, encaixados uns aos outros sem argamassa, apenas com a gravidade para mantê-los no lugar. Cem guardas de minha comitiva ficaram para cuidar dos mortos enquanto o capitão Devers ponderava suas opções.

"É grande." A eloquência de Makin, desaparecida nos portões da cidade, ainda não havia voltado.

"Como seria ter vindo aqui à frente de um exército. Ter cem mil lanças atrás de mim. Simplesmente tomá-lo, em vez de buscar aprovação."

Nenhum deles respondeu. Havia apenas o puxão gelado do vento e o barulho dos cascos sobre a pedra.

Naquela longo e lento percurso pela grande praça de Vyene, a morte de meu pai finalmente me atingiu. Ela havia sido comunicada aos

poucos. Um fantasma mostrado pelo lichkin, um sonho do Castelo Alto invadido, as comiserações de um clérigo. Nada tão sólido ou repentino quanto vê-lo cair, olhando para seu cadáver abaixo. Nada tão definitivo ou condenatório quanto desferir o golpe que o liquidasse, enxugando o sangue de minhas mãos como se ele nunca fosse sair.

Eu me senti... vazio. Sua morte havia me tocado como um martelo toca um sino e eu soei com ele, um som partido indicando uma época partida.

"Nada pode ser corrigido, irmão Makin."

Makin olhou para mim. Não disse nada. As palavras mais sábias.

Eu poderia ter posto as mãos em volta do pescoço daquele velho. Estrangulado e visto a luz morrer em seus olhos. Gritado minhas reclamações, ralhado contra velhas injustiças. E eu teria ficado tão vazio quanto. Nada sairia certo daquilo.

Eu corri o dedo sobre a mão que segurava as rédeas, descendo até as cicatrizes em meu pulso. "Eu poderia tomar o trono maior. Os padres escreveriam meu nome para a posteridade. Mas o que os espinhos escreveram aqui, essa é a minha história, o que me foi tomado, o que não pode ser mudado."

Makin franziu o rosto e ainda não tinha resposta. Que resposta há?

Meu nome para a posteridade? *Que posteridade?* Marco Onstantos Evenaline da Casa Ouro havia sido um teste. Nem o início, nem o fim. Um teste com o qual aprender. Durante anos, Miguel e os outros de sua ordem ficaram posicionando suas armas. Os fogos dos Construtores, os venenos e as pragas. E aqui estávamos nós, os novos homens, nascidos das cinzas e abrindo as rachaduras do mundo conforme brincávamos com nossas mágicas, com os brinquedos que o pessoal de Fexler havia nos deixado. Se rachássemos um pouco mais, seguiríamos o aviso de Miguel: os fantasmas de nosso passado ressuscitariam, trazendo uma solução definitiva para todos os problemas. E o que me acompanhava?

O que vinha em meu encalço? Um exército de mortos, um bando de necromantes atrás de mim e rumando para Vyene. Uma cunha grande o bastante para rachar todos nós. Não me admira a cegueira do padre Merrin. Nosso futuro era brilhante demais para ele. A chuva caía, uma garoa fria de outono, sem desafio. Ela encheu meus olhos. Eu deixara os espinhos me segurarem, tomara o que eles me ofereciam e perdi o primeiro de meus irmãos. Sangue do meu sangue, sua proteção havia sido a primeira obrigação que eu impusera a mim mesmo. Eu o traí e o deixei morrer sozinho. Embora não houvesse preço que eu não pagasse para desfazer esse mal, nenhum imperador teria o dinheiro para consertá-lo.

O domo do palácio, antes tão distante, engolfou-nos em sua sombra. Eu espantei aquelas lembranças e deixei mãe, pai e irmão para trás na chuva.

Em volta do perímetro do palácio, havia mais de uma dúzia de entradas baixas, com aberturas altas o bastante para passar um homem a cavalo e largas o suficiente para trinta. Os guardas estacionavam ali conforme cada um da Centena chegava e seus protegidos se separavam para ocupar os salões atrás daquelas aberturas. Se algum inimigo ameaçasse – talvez eu, com minhas cem mil lanças –, eles atacariam para defender o Congresso.

Marten bateu em meu ombro e apontou para o oeste. Uma coluna de fumaça subia, inclinada pelo vento – fumaça preta.

"Há muitas chaminés em Vyene", eu disse.

Marten mexeu o braço para uma segunda coluna, mais adiante, subindo para se unir à nuvem negra. Eu me perguntei se já havia mortos reunindo-se na entrada da cidade, recém-despertos, talvez à frente do ataque do Rei Morto. Mesmo os mais ágeis em sua força principal deviam estar a um dia ou mais de distância. Ainda assim, uma estranha

nuvem de fumaça pairava sobre aqueles telhados distantes. Será que as partes externas da cidade estavam em chamas?

"Talvez alguém tenha chegado antes de mim e trazido um exército", eu disse.

As estações das guardas em torno do palácio são preenchidas em ordem, começando pela mais longe da entrada principal. Nossas centenas se enfileiraram na mais próxima dos portões reais. Talvez a delegação das Ilhas Submersas atrás de nós fosse a última da Centena a chegar. Alguns dizem que ser o primeiro a atravessar o Portão Gilden no Congresso é cair nas graças de imperadores mortos. Os mais práticos dizem que isso dá dias extras nos quais influenciar seus colegas governantes e fortalecer sua facção. Eu acho que isso só lhes dá tempo de se encherem de olhar para você. Em minha visita anterior, tive de aguardar do lado de fora da sala do trono, maculado demais para ser admitido, e o único vislumbre que a Centena teve de mim foram os olhares terríveis que eu lhes lançava através do Portão Gilden.

Nós desmontamos dos cavalos. Osser Gant surgiu de dentro da carruagem, depois Gomst e Katherine desceram, e Miana com William, enrolado em peles para protegê-lo do vento. Diminuídos pela boca cavernosa do Portão Real, nós marchamos para dentro, com apenas um guarda de honra entre dez soldados de dourado para nos guiar. Capitão Allan os comandou, já que Devers ficou do lado de fora em consideração à carcaça da papisa.

Os portões cerimoniais estavam abertos, coisas monstruosas de tábuas enegrecidas pelo tempo presas com latão. Seria preciso cem homens para fechá-los – se as dobradiças estivessem lubrificadas. Nós os atravessamos e caminhamos pelo Hall dos Imperadores onde cada homem era lembrado em pedra: pais, filhos e avôs, usurpadores, bastardos regenerados à grandeza, assassinos e caudilhos, pacificadores,

construtores de impérios, cientistas, estudiosos, loucos e degenerados, todos representados como heróis, de armadura, segurando os símbolos de seu governo. Luzes dos Construtores, uma centena de pontos brilhantes no teto, transformavam cada estátua em sua própria ilha iluminada.

"E você quer ficar no fim dessa fila?", Katherine falou ao meu lado. Eu não a ouvira se aproximar.

"Orrin de Arrow queria", eu disse. "Minha ambição é menor que a dele?"

Ela não precisou responder.

"Talvez o Império precise de mim. Talvez eu seja o único homem que possa salvá-lo de afundar no horror ou de arder na fogueira de seu passado. Você já pensou nisso? Mande um ladrão para apanhar um ladrão, eu lhe disse uma vez. Agora eu digo que mande um assassino para impedir o assassinato. Combater fogo com fogo."

"Esse não é seu motivo", ela disse.

"Não."

E nós chegamos ao fim das estátuas, passando o Imperador Adão III, passando Honório em sua cadeira de comissário, sério, olhando para o infinito. Mais adiante, estava uma antessala com mais guardas e, pelo visto, outros viajantes.

"Suas armas serão tomadas de vocês e guardadas em segurança com o maior respeito." O olhar do capitão Allan direcionou-se a Gog em meu lado e depois piscou nervosamente na direção de Rike. "Vocês estarão sujeitos a várias revistas, necessárias para o ingresso na sala do trono durante o Congresso. Se vocês não passarem pelo Portão Gilden antes do voto final, as revistas não precisarão ser repetidas. É claro que vocês compreendem que essas precauções garantem sua segurança, bem como a de outros delegados."

“Você se sentiria seguro, desarmado, perto do Rike aqui?” Eu acenei para Allan na direção de Rike.

“S-suas armas serão...”

“Sim, nós entendemos.” Eu olhei para além dele. “Por Deus, será que aquele... aquele é... Raiz-Mestra! Venha para cá, seu velho malandro!”

E, separando-se do grupo à frente, veio o doutor Raiz-Mestra, com seu inconfundível andar rápido e errático, os braços voando para cima e um largo sorriso no rosto estreito. “Vejam só! Se não é o Rei Jorg em carne e osso! Senhor de nove nações! Meus pêsames por seu pai, meu rapaz.”

“Seus pêsam...”

“Suponho que você quisesse matá-lo com as próprias mãos, mas o tempo faz o que quer conosco, nós ardemos na fogueira do tempo. Olhe para mim.” Suas mãos se agitaram perto de suas têmporas. “Ficando grisalho. Cinzas, estou lhe dizendo. Ardendo na fogueira do tempo. Observe-me.”

“Eu estou observando-o, meu velho.”

“Velho? Vou lhe mostrar quem é velho! Eu...”

“E por que você está aqui, doutor?”, perguntei.

“O circo está na cidade?” Rike assomou atrás de nós, enorme e esperançoso. Nós dois o ignoramos.

“É o Congresso, Jorg. A cada quatro anos, um homem que sabe das coisas tem muita procura. Tem, sim. Uma procura lucrativa. Observe-me! Eu sou pago para cochichar. Cochichar que esse duque gosta de garotos, que aquele lorde tem uma irmã casada lá, que esse rei acha que sua linhagem descende de Adão I. Pequenos cochichos de ouro para ouvidos ávidos. Observe-me! Quem me dera fosse assim todos os anos, o ano todo.”

“Você ficaria entediado sem seu circo, Raiz-Mestra. Homens entediados murcham e morrem. Viram combustível para a fogueira.”

“Mesmo assim, é bom ser requisitado de vez em quando. É bom ficar por dentro.” Suas mãos fizeram formas abstratas, como se ele pudesse desenhar seu conhecimento no ar.

Eu estendi a mão rapidamente – é preciso ser rápido com Raiz-Mestra – e peguei seu ombro. “Vamos ver exatamente quanto você sabe, sim?”

Raiz-Mestra olhou para mim, imóvel desta vez, sem um único tremor.

“Seja meu conselheiro. Um dos representantes de meu pai teve um acidente. Você pode substituí-lo.”

Um homem gordo de veludo preto com forro carmesim se aproximou de nós, com sua corrente de ouro balançando na pressa. “Raiz-Mestra! O que significa isto?”

“Este homem deseja adquirir meus serviços, Duque Bonne.” Raiz-Mestra não desviou o olhar. Olhos rápidos e escuros ele tinha, como se fossem ocupados demais para terem cor, sorvendo o mundo.

“Ele pode desejar o quanto quiser.” O Duque Bonne segurou sua barriga. Um homem baixo, mas esperto, a julgar pela aparência. “Qual é o nome dele, qual é o seu conselho? Ganhe o seu sustento, homem. Deixe-o ver o que está perdendo.”

Makin e Marten vieram ficar ao meu lado agora. Rike afastado em um dos lados. O restante de meu grupo assistindo ao lado da estátua do comissário.

“O nome dele é Rei Honório Jorg Renar, Rei de Ancrath, Rei de Gelleth, Rei das Terras Altas, de Kennick, Arrow, Belpan, Conaught, Normardy e de Orlanth. Você deveria saber que ele não é um bom homem, mas também não é um homem que possa ser modificado, e caso o inferno bata contra estas paredes – e eu acredito que isto possa muito bem acontecer antes do que qualquer um de nós queira –, Rei Jorg ficará contra essa corrente.

“Meu conselho a você, Duque Bonne, é colocar-se a serviço dele, assim como estou prestes a fazer. Se há um homem capaz de soltar o leão do

Império para rugir mais uma vez, é este homem que você vê diante de si."

Eu sorri na parte do "leão do Império". Raiz-Mestra não havia esquecido aquele seu saco fulvo de ossos e pulgas que eu havia libertado de sua jaula.

E então nós deixamos nossas espadas serem levadas. Eles levaram o anel de visão também, minhas adagas, um punhal em meu cabelo e um garrote em minha manga. O bastão de pau-santo de Miana eles tentaram levar, mas eu estalei os dedos e o padre Gomst – bispo Gomst – aproximou-se com o pesado volume que eu lhe havia confiado na carruagem de Holland. Nós folheamos o *Registro Ecthelion de Sentenças Judiciais, Adão II e Arthur iv, Ano Imperial 340-346* em conjunto, o capitão do portão Helstrom e eu, com o doutor Raiz-Mestra prestando atenção ao meu lado. E após um pequeno debate ganhei o dia: eu podia, como Lorde de Orlanth, carregar meu bastão oficial (de madeira) a qualquer porra de lugar que eu bem quisesse! Por ordem imperial.

O Duque de Bonne pigarreou, rosnou e me lançou olhares sombrios, mas esperou nosso grupo, então mandei Makin na direção dele com um aceno e uma piscadela, sabendo que não são muitos que resistem aos seus encantos.

E, em uma hora, nós estávamos novamente diante do Portão Gilden, a antiga moldura de madeira que havia me impedido de tomar meu lugar de direito no último Congresso. É claro que minha mácula havia sido queimada de mim durante o rompimento do cerco ao Assombrado. Mesmo assim, eu não quis me aproximar do portão. A mão que foi queimada não quer voltar ao ferro, mesmo quando todos os seus sentidos, a não ser a memória, dizem que o calor já passou.

"Primeiro você, minha querida." E eu conduzi Miana com o bebê. Acontece que outra sentença registrada pelo eficiente Ecthelion no AI 345 decidiu que, embora crianças não pudessem ser nomeadas

conselheiras, elas podiam ser levadas ao Congresso se acompanhadas de ambos os pais. Coisas úteis, os livros. E as leis. Se aplicadas seletivamente.

"Eu não a aconselharia a fazer isso, representante", eu disse quando Katherine foi atrás de minha esposa.

"E desde quando eu acato seus conselhos, Jorg?" Katherine virou aqueles olhos para mim e aquela ideia tola de que eu pudesse ser um homem melhor, de que eu pudesse mudar, passou por mim outra vez.

"O portão irá rejeitá-la, senhora. E suas rejeições não são gentis." Nenhuma rejeição é gentil.

Ela franziu o rosto. "Por quê?"

"Meu pai não conhecia você tão bem quanto eu a conheço e quanto o portão a conhecerá se você tentar passar. Você é jurada pelos sonhos. Maculada. Ele irá rejeitá-la e isso vai doer." Eu bati em minhas têmporas.

"Eu... eu devo tentar." Ela acreditou em mim. Acho que nunca mentira para ela.

"Não faça isso", eu disse.

E ela se afastou balançando a cabeça, confusa.

"Rike", eu disse, e um após o outro os irmãos adentraram no Congresso. Marten, Sir Kent, Osser e Gomst em seguida. E então Lorde Makin com Duque Bonne.

Katherine ficou sentada em um banco de mármore com as mãos cruzadas em suas saias escuras, observando os últimos de nós: Gorgoth, Raiz-Mestra e eu.

"Eu não sei o que acontecerá", eu disse à leucrota. "O portão pode rejeitá-lo ou não. Se acontecer, você estará em boa companhia." Eu acenei em direção a Katherine.

Gorgoth flexionou seus enormes ombros, os músculos amontoados debaixo da pele vermelha. Ele abaixou a cabeça e foi para a frente. Ao

chegar ao arco do portão ele desacelerou, como se andasse contra um vento forte. Ele se moveu um passo de cada vez, recolhendo-se antes do próximo. O esforço o fez tremer. Eu achei que ele fosse fracassar, mas ele continuou. A força o fez soltar um rosnado muito grave. Ele entrou no arco. Eu podia imaginar como seu rosto estava pelas linhas tensas de seus ombros. E, quando ele o atravessou, o Portão Golden rangeu e se dobrou, resistindo a ele, mas finalmente admitindo sua entrada. Ele se curvou ao chegar à sala do trono, quase caindo.

"Eu devo tentar." Katherine se levantou, insegura.

"Gorgoth só molhou os dedos dele no rio. Você nada nele." Eu balancei a cabeça.

Por cima dos ombros dela eu vi três figuras entrando pelo outro lado da antessala, antecedida por uma dupla de guardas. Esse trio chamava atenção. Seria difícil imaginar três representantes mais diferentes. Eu mantive o olhar neles e deixei Katherine se virar.

"A Rainha de Vermelho, Luntar de Thar e a Irmã Silenciosa", Raiz-Mestra cochichou atrás de mim, usando meu corpo para se esconder da vista deles. Katherine respirou fundo.

Luntar e a irmã flanqueavam a Rainha de Vermelho, uma mulher alta, magra, mas que havia sido formosa. Ela devia ter uns cinquenta anos, talvez mais. O tempo a havia queimado, em vez de fazê-la murchar, e sua pele se esticava sobre as bochechas pontudas, com o cabelo do vermelho mais intenso puxado para trás sob presilhas de diamante.

"Rei Jorg!" Ela me saudou de uns vinte metros de distância, com um sorriso forte. O emaranhado preto de sua saia reluzia um brilho de joias conforme ela andava em nossa direção e sua gola surgia por trás dela, com hastes de barbatana de baleia espalhando-se em uma crista carmesim por cima de sua cabeça.

Eu esperei sem comentários. Luntar eu havia conhecido, mas não tinha a menor lembrança. Ele encaixotou minhas memórias nas brasas

de Thar. Perto do esplendor da rainha, ele parecia sisudo com uma túnica cinza e capa branca, mas poucos observariam suas roupas: suas queimaduras exigiam atenção. Eu imaginei que Lesha devia ter ficado assim antes das feridas infligidas a ela nos Montes Ibéricos se fecharem em cicatrizes feias. As feridas de Luntar estavam úmidas. As peles queimadas e finas se partiam com cada movimento, revelando a carne viva por baixo.

"A Irmã Silenciosa é a tal", chiou Raiz-Mestra. "Cuidado com ela! Ela passa despercebida."

E, era bem verdade, eu já havia me esquecido dela, como se houvesse apenas eles dois, Luntar e sua rainha, aproximando-se. Com esforço, do tipo que se faz ao confrontar uma tarefa desagradável, eu me obriguei a vê-la. Uma mulher velha, verdadeiramente velha, como a madeira do Portão Gilden, com uma capa cinza ondulando à sua volta, quase uma névoa, e o capuz escondendo a maior parte de seu rosto: apenas rugas e uma centelha dos olhos, um deles cego e perolado.

"Rei Jorg", a Rainha de Vermelho disse outra vez quando estava diante de mim, da mesma altura que eu. Ela enrolou meu nome em sua língua. Perturbador. "E uma princesa, eu suponho. Uma teutona, pela aparência." Ela olhou para a Irmã Silenciosa, uma piscada muito rápida. "Mas seu nome não pode ser obtido. Jurada pela mente? Uma operária dos sonhos, talvez."

"Katherine Ap Scorron", disse Katherine. Meu pai é Isen Ap Scorron, Lorde do Eisenschloß."

"E o doutor Raiz-Mestra. Por que você está se encolhendo aí atrás, Elias? Isso são modos de cumprimentar uma velha amiga?"

"Elias?" Eu dei um passo para o lado para expor Raiz-Mestra.

"Alica." Raiz-Mestra fez uma longa reverência.

"Não vá me dizer que você estava esperando passar pelo portão sem me ver, Elias?" A rainha sorriu com o desconforto dele.

“Não, eu...” Raiz-Mestra estava sem palavras. Isso foi novidade.

“E você vai ficar do lado de fora conosco, Katherine querida.” A rainha deixou Raiz-Mestra procurando sua resposta. “Com os ‘maculados’, como o Lorde Comandante gosta de nos chamar.”

Eu me peguei pensando que “nós” eram apenas elas duas, quase com convicção, para em seguida me sacudir como se faz quando o sono tenta levá-lo. Concentrar-me na Irmã Silenciosa era difícil, mas eu fixei meu olhar sobre ela e ergui um muro em volta de meus pensamentos, relembrando Corion e o poder de sua mente.

“Já ouvi falar de você, Irmã”, eu lhe disse. “Sageous falou sobre você. Corion e Chella sabiam a seu respeito. Jane também. Todos se perguntavam quando você iria colocar as cartas na mesa. Será que você vai colocá-las agora?”

Nenhuma resposta, apenas um pequeno e apertado sorriso naqueles lábios secos e velhos.

“Suponho que a dica esteja no nome?”

Novamente o sorriso. Aqueles olhos possuíam um poder de atração, como a correnteza. “Continue assim, velha, e eu deixarei você me puxar. Aí nós veremos o que acontece, não é?”

Ela não gostou daquilo. Ela desviou rapidamente o olhar, o sorriso desapareceu.

“E Luntar. Eu não me lembro de você. E me parece que isso é culpa sua, não? Talvez você tenha me feito um favor com sua caixinha, talvez não. Ainda não me decidi.”

Seu rosto se rachou quando ele abriu a boca para falar, com um fluido transparente escorrendo sobre a pele queimada. Os ecos da velha agonia soaram em minha bochecha, assim como o Portão Gilden os despertara anos atrás, quando tentei atravessá-lo pela primeira vez. O fogo ainda me assustava, não havia outro jeito.

“Você gostaria de se lembrar de mim, Jorg?”, perguntou Luntar.

Eu realmente não queria. Gostaria de me queimar novamente? “Sim”, eu disse.

“Pegue minha mão.” Ele a estendeu, molhada, pingando.

Eu tive de morder a língua, engolir de volta a bile, mas peguei sua mão, fechei os dedos em volta da ferida dele e senti a pele rachada se mexer.

E lá estava ela, uma sequência cintilante de recordações, a loucura, a longa jornada amarrado à sela de Brath, delirando enquanto Makin nos conduzia ao sul até a terra marcada que chamam de Thar.

Clique. Eu estou olhando para uma caixa, uma caixa de cobre, com estampa de espinho. Ela acabou de ser fechada e a mão que a fechou está queimada.

“Quê?”, eu digo. Não é a indagação mais inteligente, mas parece abranger tudo.

“Meu nome é Luntar. Você está doente.” Os lábios se estalam após cada palavra.

Eu levanto a cabeça, meu cabelo cai dos dois lados e eu o vejo, um horror de homem, uma massa tão densa de feridas abertas que vira uma só ferida.

“Como você aguenta a dor?”, eu pergunto.

“É apenas dor.” Ele dá de ombros. Sua capa branca, suja de poeira, gruda como se ele estivesse molhado.

“Quem é você?”, eu pergunto, embora ele tenha dito seu nome.

“Um homem que vê o futuro.”

“Eu conheci uma garota assim, uma vez”, eu digo, procurando em volta por meus irmãos. Há apenas poeira e areia.

“Jane”, ele diz. “Ela não via muito além. Sua própria luz a cegava. Para ver no escuro é preciso ser escuro.”

“E quão longe você consegue ver?”, eu pergunto.

“Até o fim”, diz ele. “Até nos encontrarmos novamente. A anos daqui. Essa é a única coisa que me faz parar. Quando eu me vejo no caminho à frente.”

“O que há dentro da caixa?” Alguma coisa naquela caixa a faz parecer mais importante do que todos os anos à frente.

“Uma coisa ruim que você fez”, diz ele.

“Eu já fiz muitas coisas ruins.”

“Esta aqui é pior”, diz ele. “Pelo menos aos seus olhos. E está misturada ao veneno de Sageous. Ela precisa fermentar ali por um tempo, perder um pouco da força, antes que seja seguro sair.”

“Seguro?”

“Mais seguro”, ele diz.

“Então me conte sobre o futuro”, eu digo.

“Bem, o negócio é o seguinte.” Ele estala aqueles lábios queimados, com fiapos de carne derretida entre eles. “Contar a alguém seu futuro pode mudá-lo.”

“Pode?”

“Escolha um número entre um e dez”, ele diz.

“Você sabe qual eu vou escolher?”

“Sim”, diz ele.

“Mas você não pode provar.”

“Hoje eu posso, mas não sempre. Você escolherá três. Ande, escolha.”

“Três”, eu digo e sorrio.

Eu pego a caixa dele. É bem mais pesada do que achei que seria.

“Você pôs minha memória aqui dentro?”

“Sim”, diz ele. Paciente. Como o tutor Lundist.

“E você vê meu futuro até o fim, até nos encontrarmos novamente daqui a muitos anos?”

“Seis anos.”

“Mas, se você me contar, não será mais meu futuro e se você me contar o novo futuro ele também mudará?”, eu pergunto.

“Sim.”

"Então me conte assim mesmo. E leve essa lembrança também. E, quando nos encontrarmos, devolva-a a mim. Assim eu saberei que o homem que está diante de mim realmente pode ver o futuro."

"Uma sugestão interessante, Jorg", diz ele.

"Você sabia que eu iria sugeri-la, não sabia?"

"Sim."

"Mas se você me contasse, talvez eu não a fizesse."

"Sim."

"E o que você se viu dizendo a respeito dessa sugestão?"

"Sim."

Então eu concordo. E ele me conta. Tudo que iria acontecer. Tudo.

"Jorg?" Katherine puxou meu ombro. "Jorg!"

Eu olhei para minha mão vazia, úmida, com pedaços de pele queimada aderindo à minha. Ao levantar a cabeça, encontrei o olhar de Luntar. "Você estava certo", eu disse. "Sobre tudo." Até Chella. Eu rira dessa parte e o chamado de mentiroso.

"Então agora você conhece um homem que vê o futuro", disse ele.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

EMPEROR OF THORNS

48

“Então agora você conhece um homem que vê o futuro”, disse Luntar.

“Um homem que viu longe demais e se queimou”, eu disse.

“Sim.”

“E como nós impedimos esse futuro no qual todos nós nos queimamos?”, perguntei.

“É improvável que possamos”, disse Luntar. “Mas, se for possível, esta é a melhor chance que temos.” Ele me entregou um pedaço de pergaminho dobrado, manchado pela umidade de seus dedos. “Quatro palavras. Não as leia até o momento certo.”

“E como eu saberei qual é o momento certo?”

“Você simplesmente saberá.”

“Porque você já viu”, eu disse.

“Mesmo assim.”

“E como funciona?”, eu perguntei.

Uma rápida sacudida. “Tente de qualquer maneira”, disse ele. “Nem todos os finais podem ser previstos.”

A Rainha de Vermelho continuou a assistir, com Katherine e a Irmã Silenciosa, as três me analisando como se eu fosse um quebra-cabeça que pudesse ser solucionado. Luntar apontou com a cabeça para o trio. “O que acha, Jorg? Temos aqui a anciã, a mãe e a donzela? A antiga deusa tríplice estre nós?”

E por um instante realmente pareceu que elas pudessem ser três gerações da mesma mulher. Katherine possuía a força da rainha em seu rosto e o conhecimento da irmã em seus olhos.

“Melhor andar logo, garoto”, disse a rainha. “O tempo está passando.”

E então eu me aproximei para beijar Katherine, ousado como são os homens quando as areias estão se esvaindo. E ela me impediu com a mão em meu peito. “Faça isso direito, Jorg”, disse ela. E eu passei pela primeira vez através do Portão Gilden.

A sala do trono imperial, embora não lotada, estava certamente ocupada. Cerca de cento e cinquenta lordes do Império e seus diversos assessores circulavam em volta da plataforma do trono. O trono parecia flutuar acima deles, um troço lúgubre de madeira exposta esperando uma vítima.

Eu fiquei parado por um momento, observando. Grupos se separavam para ocupar as câmaras laterais, outros surgiam em concordância ou ainda mais arraigados em oposição, guardas observavam de seus postos à beira do salão e por toda parte a barulheira de conversas e mais conversas.

“Você aí!” Um homem alto, pouco mais velho do que eu, separou-se de seu grupo a poucos passos do Portão Gilden. Ele estava discursando para um grupo de uns doze, agitando os braços enquanto falava, brilhando em seu veludo bordado com pedrarias.

“Quê?” Respondi na mesma moeda e por um momento ele ficou boquiaberto de surpresa. Ele claramente havia me tomado por um coroa-de-cobre, vagando desacompanhado com meu único voto. Eu não tinha idade para ser confundido com um assessor.

“Qual é sua posição na questão Mortrain?” Ele tinha bochechas vermelhas e carnudas que me lembravam o primo Marclos.

“Não é uma coisa na qual eu tenha pensado.” Os homens atrás dele tinham tanta semelhança em estilo e coloração que talvez fossem todos da mesma região. Algum lugar para o leste, pela aparência. Algum lugar onde a questão Mortrain pudesse ter significância política.

“Bem, você precisa pensar um pouco nisso.” Ele apontou o dedo na direção do meu peito.

Antes que o dedo encostasse ao aço polido de minha armadura, eu o peguei. “Por que você faria isso?”, eu perguntei ao mesmo tempo que ele se sobressaltou. “Por que você me daria uma alavanca para sua dor?” Andei para a frente, dobrando o dedo para baixo, e ele recuou diante de mim, para o grupo de seus simpatizantes, gritando, curvando-se para diminuir o ângulo agudo com que eu segurava o dedo.

Em meio ao grupo de nobres orientais, homens das estepes com suas coroas cônicas ou chapéus bordados espalhafatosos, eu coloquei mais pressão e pus o homem de joelhos. “Seu nome?”, eu perguntei.

“Moljon, de Honeere”, ele chiou entredentes.

“Jorg, do Ocidente.” Eu tinha reinos demais para recitar em benefício dele. “E você cometeu dois erros, Moljon. Primeiro você me deu seu dedo. Pior do que isso: quando ele foi pego, você o deixou ser usado contra você, deixou-o separá-lo de seu orgulho. Não aumente seus erros, homem. O dedo foi perdido no instante que eu o peguei. Você devia ter atacado, deixando-o se quebrar, um sacrifício pequeno para recuperar a vantagem e me derrubar de bunda no chão.” Olhei ao redor

para os reis reunidos do Oriente. “Seria um erro depositar sua fé neste aqui. Ele não tem a força necessária.”

Eu quebrei o dedo de Moljon. Um estalo agudo. E saí para encontrar meu grupo.

“Vejo que conheceu o Czar Moljon. Um título recém-herdado, aproveitando-se da reputação de seu pai.” Doutor Raiz-Mestra andou ao meu lado e me conduziu até Makin e os outros.

“Jorg!” Makin bateu a mão em meu ombro. “Agora mesmo eu estava dizendo ao Duque Bonne que você seria o homem para interceder em seu favor junto aos seus vizinhos do norte. Primos de nosso grande amigo Duque Alaric.”

Eu assenti e sorri, ciente de que meu sorriso de lobo, em meu rosto marcado, podia parecer mais feroz do que amigável.

“E onde está Miana?”, eu perguntei. “E meu filho?”

“Ela saiu para encontrar o pai dela, majestade. Sir Kent foi junto. Gorgoth também, embora ele tenha ido por farejar trolls”, disse Marten.

“Trolls?” Eu me virei para Raiz-Mestra.

“Há relatos de que o último imperador tinha uma guarda de elite, uma guarda dentro da guarda, digamos. A descrição que eu li deles é ‘não humanos’.” Ele desconsiderou o assunto com um encolher de ombros, um gesto tão eloquente quanto o resto de sua linguagem corporal.

“Diga-me qual é nossa posição, Raiz-Mestra”, eu disse.

“Observe-me!” E ele desenhou para mim com carvão em um pedaço de pergaminho. “Você tem nove votos. Duque Alaric tem dois e pode conseguir mais dois, junto com Gothman de Hagenfast – a esposa dele tem certa influência por lá, creio.”

“Elin.” Eu sorri, agora mais suavemente.

“Seu avô tem dois votos, o pai de Miana tem outro e, juntos, Conde Hansa e Lorde de Wennith têm chance de arrastar mais três com eles.

Observe-me!”

“Eu estava apenas...”

“Ibn Fayed comanda cinco votos. E isso leva nosso total a...”

“Vinte e cinco”, eu disse. “Nem metade do que eu preciso.”

“Vinte e seis se Makin fizer sua mágica com o Duque Bonne.” Raiz-Mestra marcou Bonne no papel ao lado dos votos do califa. “O fato de seu apoio vir desde o norte cruel até os desertos de Afrique conta muito. Um homem que pode atrair votos tão díspares certamente tem algo a oferecer. A Centena olha para homens como Moljon, com seu sólido bloco de nações vizinhas apoiando sua jogada, e tudo que eles veem são interesses particulares – uma ameaça. Quando olham para um homem que conta com o apoio de califas saídos das areias quentes e de duques nórdicos em seus salões de hidromel, eles podem começar a achar que estão vendo um imperador.” Raiz-Mestra desenhou a coroa sobre minha cabeça. “E considere que você precisa de cinquenta e um votos apenas se todos os votos forem depositados.”

“Interessante”, eu disse. “Saiam você e Makin entre a Centena e vejam quem pode ser influenciado, quem nossos inimigos são, e quem lidera facções que possam competir com a nossa. Quando uma facção se rompe, muitas vezes os cacos podem ser varridos com facilidade.” Um pouco de sabedoria da estrada. Mate a cabeça e o corpo é seu. “Mande Miana e Osser fazerem isso também. E Gomst. Use Gomst com os que são religiosos.”

Raiz-Mestra assentiu. Ele já ia saindo quando agarrei seu pulso. “Ah, doutor – pode ser que haja um boato circulando dizendo que a papisa foi assassinada. Não deixe de dizer que eu não tive nada a ver com isso. Se não houver tal boato, espalhe-o.”

Raiz-Mestra ergueu ambas as sobrancelhas ao ouvir aquilo, mas assentiu novamente e saiu em seu caminho.

“Jorg!” Lorde Comandante Hemmet surgiu do meio da Centena como se eles fossem ovelhas e ele o pastor. “Jorg Ancrath!” Atrás dele o Zelador se apressava em seu encalço, com os lábios marcados e apertados. Dizia a história que ele havia emergido sem língua de seu sono secular. Meu palpite é que, quando o Lorde Comandante finalmente desfez o emaranhado do idioma antigo, ele não gostou do que o Zelador tinha a dizer.

“Lorde Comandante”, eu disse. Seu rosto estava como um trovão, com as energias reprimidas soltando faíscas dele.

“Jorg!” Ele pôs as duas mãos em meus ombros. Houve um tempo que ele teria recebido minha testa em seu rosto por fazer um movimento assim, mas a vida na corte havia me acalmado. “Jorg!”, ele repetiu meu nome outra vez, como se de alguma maneira não acreditasse nele, e me puxou para perto, de modo que nossas cabeças baixas quase se encostavam, e abaixou a voz. “Você matou a papisa? Você realmente fez isso?”

“Espero que sim”, respondi. “Se ela sobreviveu àquilo, ela é mais resistente do que eu.”

Uma saraivada de risos se irrompeu dele, atraindo olhares de todo o salão. Em seguida, forçando-se a sussurrar: “Você realmente fez isso? Você realmente fez isso! Porra. Porra, você teve muito colhão”.

Eu dei de ombros. “Matar velhas é fácil. Mas se não sair do Congresso como imperador talvez eu viva apenas por pouco tempo para me arrepender da decisão. Não houve, no entanto, testemunhas além de meu pessoal e da Guarda Gilden, e estamos em uma época perigosa. Até uma papisa pode encontrar um fim terrível na estrada hoje em dia.” Quando você precisa que algo seja acobertado em Vyene é bom contar com o apoio do Lorde Comandante.

Hemmet sorriu, uma coisa horrível. “Sim.” Depois fez uma careta. “Mais perigosa do que eu jamais pensei. Os mortos estão em nossos

portões. Passando por eles, aliás." Ele me soltou. "Não é um assunto para perturbar o Congresso, contudo. Eles são muito poucos para chegarem até o palácio. Nós os colocaremos para fora dentro de uma hora."

E com isso ele se foi, com o Zelador indo atrás dele como um vira-lata chicoteado.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

EMPEROR OF THORNS

49

A HISTÓRIA DE
CHELLA

As cidades e vilas ao longo do Danub ficavam mais próximas conforme a coluna de Chella se aproximava de Vyene. Logo elas se reuniriam em uma expansão ininterrupta, chegando até os muros da cidade imperial.

"Parem!"

Era irritante ter que gritar suas ordens, mas a necromancia que ainda a envenenava havia se retraído demais para que os mortos respondessem diretamente ao desejo dela.

A cavalaria parou desorganizadamente. Os cavalos não aceitavam bem os cavaleiros mortos, ainda que fossem os mesmos que carregaram na noite anterior e durante semanas antes dela. Alguns se recusaram, relinchando e dando pinotes quando seus donos mortos tentavam amansá-los. Chella pensou em cortar suas gargantas, mas Kai a

convencera a libertar os animais e enviar os cavaleiros extras de volta ao grupo do Rei Morto.

"Por que paramos?" Kai inclinou-se na direção dela, guiando seu cavalo com os dois joelhos.

"Preciso perguntar algo a Thantos", disse ela.

Há uma ladeira que desce em direção ao mal, com uma inclinação suave que se pode ignorar a cada passo, sem senti-la. É só depois de olhar para trás e ver a altura distante onde você morava que é possível entender sua jornada. Chella olhou para cima lá de baixo, em uma epifania repentina. Momentos assim haviam pontuado sua vida, sua meia-vida, traçada ao longo de mais de cem anos. Nem uma vez eles lhe deram um descanso maior. Nem uma vez ela dera um passo para trás.

"Venha", ela lhe disse, com um toque de ternura em sua voz. Isso devia ter sido suficiente para colocá-lo para correr.

Eles foram juntos. Kai não queria, mas reprimiu seu medo.

Chella pôs a mão na porta da carruagem. A maçaneta de metal deixava sua pele seca, deixava-a velha. Ela a puxou para abrir.

"Agora?", perguntou ela, falando para o horror vazio da carruagem.

Como resposta, saiu um veneno cinza. Kai gritou conforme ele o envolvia. Por um instante, Chella teve um vislumbre do lichkin, com seus ossos finos se insinuando para dentro do corpo de Kai, atravessando as roupas, passando pela armadura. Demorou um tempo. Tempo demais. Séculos. Os gritos sufocados de Kai abafaram todos os outros sons e seu corpo se contorcia para acomodar seu novo ocupante, até que finalmente sua mandíbula se fechou com um estalo e deixou seus ouvidos com um zumbido.

Thantos virou a cabeça de Kai para olhar Chella, com os ossos rangendo. Ele não falou. Os lichkin estavam além das palavras. Nada que lhes interessava cabia em pacotes tão insignificantes.

"Ele resistirá. Ele é forte", disse Chella.

Thantos entrou novamente na carruagem. Mesmo drogada, a equipe que puxava a carruagem estava arisca. Dois haviam morrido e sido substituídos. Não havia possibilidade de um cavalo levá-lo até o palácio, nem mesmo agora que ele estava vestido de carne.

"Você pode me ouvir aí dentro, Kai?" Algo em seus olhos me disse que ele talvez pudesse estar ouvindo agora que seus gritos eram silenciosos. "Você nunca achou estranho que viemos com cinco votos, mas só dois representantes? Será que o Rei Morto não podia despender mais três necromantes ou homens mais limpos que apoiassem sua causa? Nós viemos em dupla. Um anfitrião e um para proteger o anfitrião, pronto para ficar contra ele, caso desconfiasse de seu destino." Os segredos são mais bem guardados em uma boca só.

Thantos estendeu o braço e fechou a porta, um movimento esquisito dentro de seu corpo roubado.

"Mas você nunca desconfiou." Chella disse as palavras para a porta fechada e balançou a cabeça. "Você devia ter aprendido a voar", ela soltou. Culpá-lo tornava aquilo mais fácil.

De cima da expansão distante das casas vyenenses, pequenos lares ajeitados com telhados de madeira e pilhas de lenha para a chegada do inverno, vinha o cheiro de queimado. Em muitos lugares, a fumaça das lareiras subia branca pelas chaminés de pedra, mas em outros a fumaça saía em nuvens pretas e raivosas. O horror estava à espreita nas ruas, levantava os cobertos de terra dos túmulos familiares e chegava pelo campo e pela floresta. A maré do Rei Morto vinha do oeste, era verdade, das Ilhas Submersas, atravessando Ancrath e Gelleth, passando por Attar, Charland e os Reichs, mas ela também surgia do próprio chão, como se um oceano escuro esperasse debaixo do solo, a braças de profundidade, e agora viesse das profundezas pelo chamado do Rei Morto, levantando os mortos de suas tumbas.

Aos portões de Vyene, soldados dourados da guarda passavam retumbando em ambas as direções. As notícias chegavam de oeste a leste. Reforços, unidades regulares do exército de Conquence na maioria, marchavam do leste para o oeste. Havia mais guardas Gilden ao portão do que seria necessário até mesmo durante o Congresso. Tropas adicionais cercavam os muros, arqueiros com uma mescla equilibrada de arcos e balestras. Eles obviamente tinham pouca experiência se achavam que flechas parariam os mortos.

"Passe depressa, senhora, você é a última e vamos fechar os portões." O capitão do portão fez sinal para a coluna, sem se preocupar com nenhum relato dos capitães da escolta, sem exigir que eles explicassem seus números diminuídos ou sua formação irregular. Nem mesmo a falta de seguidores atiçou seu interesse: talvez o capitão tenha pensado que eles procuraram abrigo pelo caminho ou se apressaram para chegar antes da guarda.

A carruagem de Thantos atravessou ruidosamente sem problemas, embora os homens mais próximos dela tenham ficado pálidos, com o desespero penetrando sua pele.

Seguiram pelas amplas ruas de Vyene, até a larga Rua Oeste debaixo do Arco Ocidental. A grandiosidade por todos os lados fez seu próprio feitiço sobre Chella. Durante toda a sua longa vida ela não vira nada parecido. Dela eram as sepulturas e o lamaçal, os ossos de homens esquecidos e os túmulos erigidos em memória deles. Perante obras dos homens como essas, ela se sentiu suja e pequena, uma apanhadora de ossos, um produto de pesadelos e do escuro.

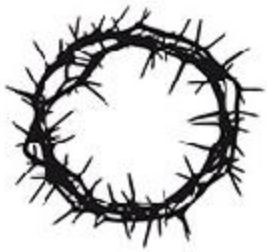
"O Rei Morto fará uma necrópole aqui." Dizer as palavras a fez se sentir melhor. Não que ela quisesse viver para sempre em meio aos renascidos – com vida pulsando nela, aquela ideia fazia seu estômago se revirar –, mas a plena maravilha de Vyene insultava sua existência de

maneiras inexplicáveis, e ela preferia vê-la reduzida a pó a aguentar o julgamento de suas janelas vazias.

Outro contingente de guardas passou por eles ao se aproximar do final da Rua Oeste, onde ela se abre em uma ampla praça. Várias centenas de homens, talvez mil, cavalgando, com o Lorde Comandante à frente. O Rei Morto havia mencionado o Lorde Comandante Hemmet, falado sobre a capa e o bastão que o identificariam. Um homem a se prestar atenção.

Durante o trajeto até o palácio, parecia que a cúpula nunca chegaria mais perto, que seu tamanho havia passado de incrível a impossível conforme eles avançavam. Em determinado ponto, talvez na metade do caminho entre as mansões distantes e a grandiosidade do palácio, o calçamento estava manchado de sangue. Algum esforço havia sido feito para limpar a área, mas o cheiro de carnificina é difícil de disfarçar. Uma pulsação de alegria macabra saiu da carruagem, breve e logo desaparecida, mas o suficiente para fazer os cavalos pinotearem e saltarem de medo. Essas mortes agradavam ao lichkin. Um inimigo em potencial aniquilado. O vento ainda trazia consigo sorte do Ocidente.

A tropa de Chella aproximou-se de seu posto, o último a ser preenchido, logo à esquerda do Portão Imperial. Eles se desviaram de seu caminho reservado somente no último momento e cavalgaram na direção da grande entrada diante do portão. A estreita fileira dourada de guardas de plantão caiu em desordem, todos confusos com seus camaradas da estrada desmontando na grande entrada. Antes que eles tivessem muito a dizer, o lichkin desceu de sua carruagem e todas as atenções dos homens foram atraídas para ele, assim como um homem olha para o toco sangrento onde seu polegar estava antes de cortá-lo fora.



TRILOGIA DOS ESPINHOS

EMPEROR OF THORNS

50

“Isto precisa ser rápido.”

“Já são cento e vinte e oito anos até agora, Rei Jorg”, disse Raiz-Mestra. “E nem chegamos perto de escolher um imperador. Não importa o resultado deste Congresso, rápido é a única coisa que você pode ter certeza de que ele não será.”

“Nós não temos tempo. Você não está sentindo?” Aquilo batia em mim como um tambor, a ameaça, o perigo se aproximando.

Raiz-Mestra apenas arregalou os olhos sem compreender. “A guarda está nos cercando...”

“Isso precisa ser feito rapidamente.” Eu passei os olhos pela turba, pelos grandes e poderosos. “Quem lidera a maior facção?”

“Eu diria que você”, respondeu Raiz-Mestra. “Observe-me.” Um adendo.

“Bem, isso é bom. E depois?”

“Czar Moljon, a Rainha de Vermelho e Costos dos Reinos Portuários. Seu pai também tinha um apoio considerável.”

Eu avistei meu avô no meio da multidão, com Miana a seu lado. “Moljon está derrotado; seus seguidores procurarão novas alianças. A rainha está de fora... Então é Costos. Aponte-o para mim.”

Por algum motivo, eu esperava um pavão, mas Costos era mais alto que eu, com porte de guerreiro, vestido do pescoço aos pés com uma malha de aço polido, pintada no peitoral com um sol por trás de um navio negro, com detalhes primorosos.

“Existem leis sobre aproximar-se do trono?”, perguntei.

“Quê? Sim – não, acho que não. Qualquer tolo sabe que isso não se faz.” O desconforto de Raiz-Mestra vivia na ponta de seus dedos, puxando cabelos, botões e gravatas.

Eu andei até a plataforma, lentamente, com Raiz-Mestra afobado atrás. Subi a plataforma com dois pulos e estava diante do trono. “Espero que possa me ouvir, Fexler. Eu quero saber se você pode mexer nas portas e nas luzes para mim. Se não puder, bem, não sei para que serviu minha última visita.” Eu falei em um tom baixo que pudesse ser confundido com uma oração.

Por um momento, a iluminação ficou mais intensa à minha volta, apenas um pouquinho e apenas por um instante, como se lá no alto as luzes do teto direcionadas ao trono brilhassem um pouco mais forte. Isso me fez lembrar da vez, debaixo do castelo de meu avô, em que Fexler me fez passar por seu caminho com as lâmpadas queimadas. Tenho certeza de que Fexler, há quatro anos, tinha motivos mais importantes para querer ser trazido aqui fisicamente, em vez de nadar em seu oceano oculto. Talvez eu o ajudasse a passar por paredes que não pudesse ver. E talvez nós devêssemos à residência dele o fato de Vyene ainda não ter virado poeira envenenada – mas qualquer que fosse sua

motivação, eram luzes e portas o que mais me importava neste momento.

"E você irá me ouvir toda vez que eu falar?" Novamente o brilho.

"Você, garoto!" Costos andou em minha direção, eriçado, indignado e reverberante.

"Garoto?" Eu esperava que fosse ele. Cabia a Costos me repreender agora. A ordem das bicadas entre a realeza é tão rígida quanto entre as galinhas.

"Este garoto tem vinte e seis votos nas costas, Costos Portico. Talvez seja melhor me chamar de Rei Jorg e ver quais incentivos possam me persuadir a torná-lo imperador."

Aquilo fez Costos olhar novamente, com atenção. O ultraje a meu atropelamento das convenções guerreou com seu desejo por aqueles vinte e seis votos. Ele se aproximou do pé da plataforma. Eu sabia que tipo de imagem aquilo projetava nas mentes da Centena. Costos a meus pés. Um suplicante.

"Nós devemos conversar, Rei Jorg." Ele abaixou a voz até um sussurro grave. "Mas não onde ouvidos desocupados possam nos ouvir. A sala romana pode nos proporcionar alguma privacidade. Venha com quaisquer de seus vassalos que não escondam nada."

Eu assenti, o soberano para o súdito, e esperei que ele se afastasse antes de descer da plataforma.

"Esse Costos é um malandro, observe-me!" Raiz-Mestra ao meu lado novamente. "Temperamento violento, venceu o torneio do Reino Portuário três anos seguidos quando era jovem. Ele foi o terceiro filho e não esperava herdar. Preste atenção a seu auxiliar, Rei Peren de Ugal, um negociador arguto e frio como gelo. O baixinho com a cicatriz, ali! Está vendo?"

Costos moveu-se pelo salão, tocando um homem aqui, um homem acolá, reunindo seu séquito. Lento demais para o meu gosto. Atrás dele,

Gorgoth se assomava acima da multidão, ignorando todo o mundo, com a cabeça ereta como se estivesse escutando.

"Qual é a sala romana?" Raiz-Mestra acenou para uma das entradas, escondendo um sorriso. Era a câmara que Elin havia me mostrado antes. Ela podia muito bem estar lá dentro agora, mostrando-a para seu marido. Será que não havia nada que o bom doutor não soubesse?

Eu contei quinze homens entrando na sala romana. Costos foi o último.

"Eu devo reunir seus defensores", prontificou-se Raiz-Mestra. Seria preciso mais do que sua palavra para reunir minha discrepante coleção de nobres perante Costos.

"Eu vou sozinho." Eu o deixei parado ali.

A Centena me observou sair, alguns confusos, alguns curiosos, alguns com o nome "Pio" em seus lábios.

Eu parei na entrada. Os partidários de Costos estavam diante de mim em círculo, confiantes, sabendo exatamente como essas coisas funcionavam.

"Você veio sozinho?" Costos expressou seu descontentamento em alto e bom som.

"Achei melhor", respondi. "Feche a porta." E, a um palmo atrás de mim, a porta de aço se fechou sem fazer barulho.

Demorou vários segundos para que qualquer um deles conseguisse falar. "O que significa isso?" Rei Peren de Ugal se recuperou primeiro, o choque ainda emudecia os outros.

"Você não queria privacidade?" Eu andei em direção a eles. Vários deles recuaram, sem saber por quê: o instinto que tira a ovelha do caminho do lobo.

"Mas como...?" Costos acenou o punho à placa de aço atrás de mim.

Eu deixei o bastão de gabinete de Orlanth deslizar de minha manga, pegando-o pela ponta antes que ele escapasse. No mesmo movimento,

golpeei Costos. Dizer que sua cabeça explodiu não seria exagero. Eu já vi de perto, congelado no tempo, o estrago que uma bala faz ao passar pelo crânio de um homem. No arco brilhante de sangue atrás do movimento de meu bastão, os mesmos pedaços reluziram. Eu cheguei a matar o Rei Peren antes de a primeira gota do sangue de Costos atingir o chão.

Mais dois homens caíram com as cabeças quebradas antes dos outros se espalharem fora de alcance. Ambos os homens, velhos e lentos. Eu havia começado com Costos por ser o perigo maior, mas outros entre os onze restantes eram saudáveis, e muitos da Centena conseguiram o que possuem à força.

"Isto é loucura!"

"Ele está enlouquecido."

"Recomponham-se. Ele está preso aqui dentro conosco." Isso veio de Onnal, um dos assessores de Costos e um guerreiro nato.

Tantas coisas na vida são uma questão de perspectiva. "Eu prefiro pensar que vocês estão presos aqui comigo", eu disse a eles.

Tutor Lundist foi quem me ensinou a lutar com um bastão. Ele tinha vários argumentos a favor dessa prática. Primeiramente, há várias ocasiões em que você pode estar sem uma espada, mas um bom pedaço de pau raramente é difícil de encontrar. Segundo, ele se mostrou extraordinariamente bom nisso. Não costumo atribuir motivações básicas ao velho, mas todo o mundo gosta de se exibir – e quantas pessoas que me conhecem há tempos não teriam prazer em me dar uma boa surra com um pedaço de madeira?

"A última e principal razão", ele dissera, "é para incutir disciplina. Suas aulas de esgrima podem chegar a isso com o tempo, mas por ora eu vejo poucos sinais. Ser um lutador com bastão Ling requer harmonia de mente e corpo."

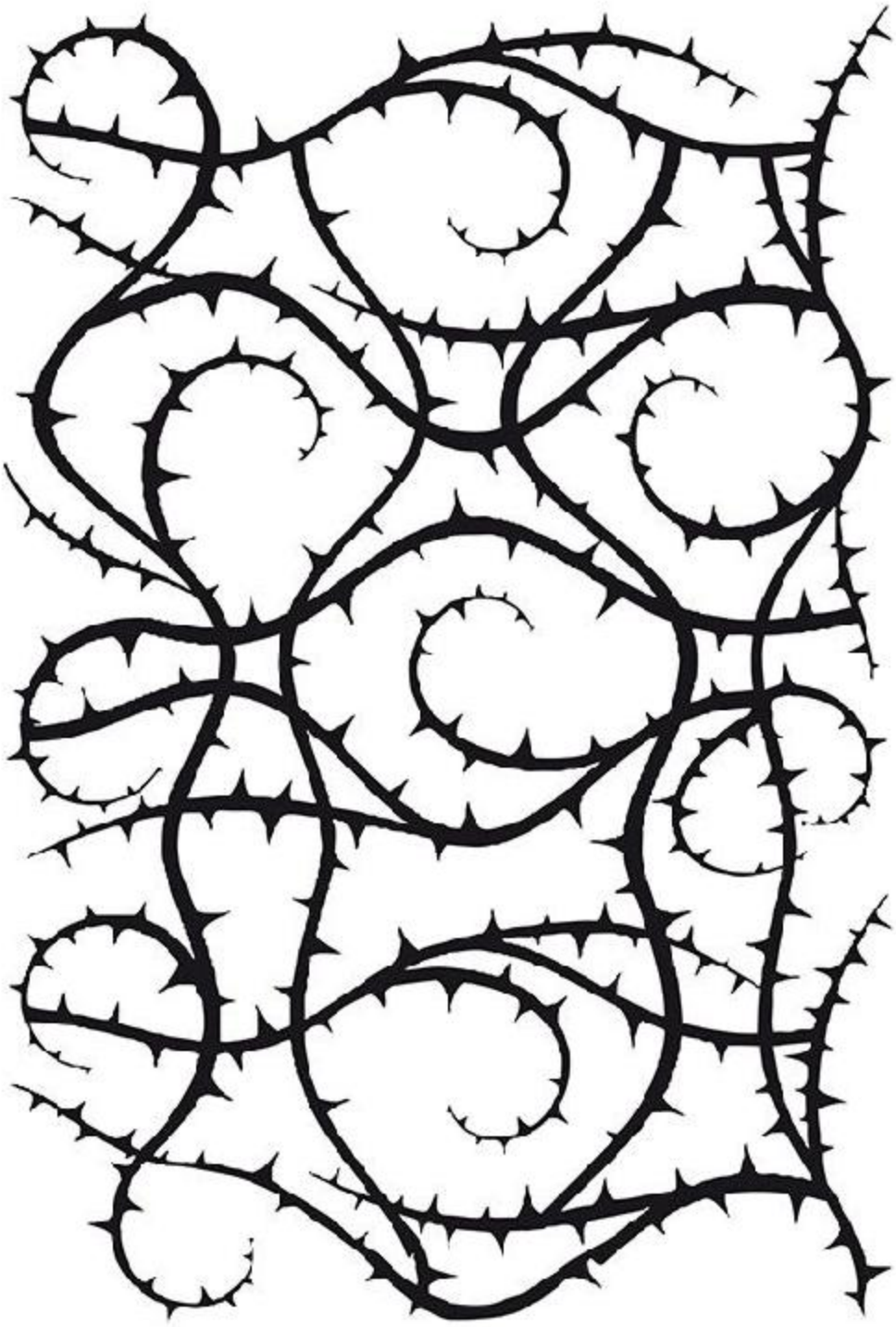
Eu me deitei de costas, ao lado do Pátio do Púlpito, recuperando meu fôlego e cuidando de meus hematomas. “Quem lhe ensinou, tutor? Como você ficou tão bom?”

“Outra vez!” E ele avançou, com a vara cinza transformada em um borrão no ar.

Eu rolei de um lado e depois do outro, fracassando em evitar ambos os golpes. “Ai!” Tentei bloquear e esmaguei os dedos. “Ai!” Tentei levantar e encontrei a ponta de seu bastão abaixo do meu pomo de adão.

“Eu aprendi com meus mestres em Ling, no pátio onde meu pai educava principelhos. Meu irmão Luntar e eu treinamos juntos durante muitos anos. Estes são os ensinamentos de Lee, guardados antes dos Mil Sóis em cofres debaixo da Cidade de Pekin.

Eu assumi a posição, dobrei o bastão de pau-santo debaixo de meu cotovelo e acenei para Onnal se aproximar, apenas flexionando os dedos, como Lundist havia feito comigo tantas vezes.



TRILOGIA DOS ESPINHOS

EMPEROR OF THORNS

51

A HISTÓRIA DE
CHELLA

Thantos andou com o corpo de Kai para longe dos guardas recém-mortos entre os portões imperiais. Parecia uma bobagem para Chella terem construído aqueles portões para deixá-los abertos. Se eles não estavam fechados agora, quando é que eles se fechavam?

Os cadáveres começaram a se levantar, esquisitos, espasmódicos, puxados por cordas invisíveis, ocupados agora somente pelos instintos mais básicos dos homens que os possuíam, abrigando apenas seus pecados. O lichkin gastava seu poder com total descaso, mas o Rei Morto assim havia ordenado e então era assim que seria.

"Segure o portão", disse Chella com a voz suave.

Thantos se virou para ver e seu olhar era como o toque de uma tristeza repentina, de uma perda inconsolável, intolerável. A criatura a

fez se sentir como se houvesse perdido um filho só de olhar para ela. Como seria tê-lo dentro de seu corpo?

Kai desabou quando Thantos fluiu para fora dele, libertado em um único sopro avermelhado. Dentro de um instante, o lichkin estava por toda parte, insinuando-se nas sombras da grande entrada, assombrando os espaços vazios. Seria preciso o mais corajoso dos homens para entrar, com a luz do dia se apagando lá fora. Seria preciso mais do que coragem para sair novamente. Pelo menos vivo.

Chella removeu o cordão de seu pescoço. O frasco preto que pendurava-se nele havia pendido em cima de seu coração durante metade da viagem, aninhando-se como uma aranha pelas longas horas na estrada e balançado ali quando Jorg de Ancrath a possuiu. Ela se apressou até o lado de Kai e pingou o conteúdo em sua boca enquanto ele engasgava e olhava sem enxergar. O frasco continha icor de um túmulo forrado com chumbo. Um agente do Rei Morto havia cavalgado com tudo para levá-lo até ela na estrada, alcançando a coluna em algum lugar próximo a Tyrol. Três cavalos morreram sob o comando do homem entre a Cidade de Crath e Tyrol. Ele não contou a ela qual túmulo havia sido violado. Mas Chella sabia.

"Você devia ter aprendido a voar. Você podia ter levado aquela bela insignificante com você, Kai." Ela cuspiu as palavras e tentou odiá-lo.

A infusão do Rei Morto funcionou rápido. Kai parou de engasgar. A consciência voltou a seus olhos. A coisa que havia olhado para Chella da última vez através de Artur Elgin agora a observava de dentro de Kai. Embora ele pudesse se apossar de quase qualquer cadáver, o Rei Morto não podia exercer seu pleno poder através deles. Levava tempo para se estabelecer em um homem morto e fortalecê-lo o bastante para torná-lo um condutor para os terrores comandados por ele. Um necromante, no entanto, se devidamente preparado, dava um anfitrião mais robusto. E o conteúdo do frasco acelerava o processo além da conta.

“Este é o palácio?” Ele se sentou.

Quando se está entre os lichkin, não dá para imaginar nada pior. O Rei Morto é pior. Chella tentou falar, mas as palavras não saíam de sua boca seca.

O Rei Morto ignorou o silêncio dela. Ele flexionou os braços de Kai, apertou os dedos dele formando punhos e fez seu rosto soltar um sorriso de morte. “Isto é bom. Muito bom.” Ele ficou de pé. “Eu estou aqui em meu poder. Morte na vida.” Novamente o sorriso, com uma alegria repentina e profana por trás dele. “Mais! Mais do que em meu poder!” Sua voz mal se elevara, mas os ouvidos dela doeram mesmo assim. “Eu estou regenerado. Tenho minha base mais uma vez. Eu sou mais.”

Ao redor dela, os mortos se avivaram. Os corações parados dos guardas bateram rápida e alteradamente, não mais aquelas coisas trôpegas que foram quando retornaram da primeira vez, mas criaturas mais sombrias e mais fortes, como os mortos-vivos do Pântano de Cantanlona. O trabalho que ela fizera em meses lá foi realizado aqui em segundos pela vontade de seu mestre.

Por um momento, a exultação do Rei Morto a contagiou. A força que emanava dele entusiasmava e aterrorizava. Mas a alegria se esvaiu dele mais rapidamente do que veio, deixando apenas o propósito sinistro.

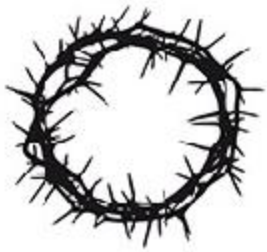
“Vá na frente.” O Rei Morto se levantou. “Eles estão todos lá dentro, é isso?”

Chella assentiu. O horror pairava ao redor dele, uma sensação de dor e perda, de traição de todas as coisas preciosas. Nunca o vira cometer uma atrocidade, nunca ouvira falar de nenhum ato mais perverso do que a destruição daqueles que se opunham a ele, mas ainda assim ela sabia sem dúvida que ele era o pior de todos.

“Agora.” A palavra a feriu. Ela obedeceu sem hesitar desta vez, conduzindo pelos portões enormes e abertos, com o Rei Morto atrás,

mais de duzentos homens mortos de armadura dourada, com os olhos brilhantes e o mesmo apetite do Rei Morto.

"Chegou a hora", disse o Rei Morto pela boca de Kai, "de visitar o Congresso. Matem a cabeça e o corpo será nosso. Meu."



TRILOGIA DOS ESPINHOS

EMPEROR OF THORNS

52

“Abra a porta.”

Eu passei rapidamente. “Feche-a.” E o aço se fechou rapidamente atrás de mim.

Os dirigentes de muitas nações se aglomeravam à minha volta. Eu havia encontrado uma substituta para minha capa ensanguentada, limpado o bastão de pau-santo e o escondido debaixo de minha manga, do punho até o ombro. Eu estava pronto para responder as perguntas deles.

“Onde está Costos Portico?”

“O que aconteceu lá dentro?”

“Como as portas estão funcionando?”

E mais dúzias delas, todas ao mesmo tempo, em tons que iam de raivoso e indignado até temeroso.

“Luzes em mim.” E bem acima de nós a constelação de luzes dos Construtores enfraqueceu, a não ser por um grupo pequeno e brilhante

que iluminou o espaço ao meu redor.

Aquilo os fez calar.

Eu andei até o meio do salão e a luz me seguiu, com o ponto de luz movendo-se sobre o teto e o chão. Nas sombras diante do trono, Gorgoth estava agachado, com os dedos nas pedras do pavimento. Dois pulos rápidos me levaram acima dos degraus da plataforma e eu me sentei sobre o trono, deixando o bastão oficial sair e colocando-o sobre meu colo.

Foi a sentada que quebrou o encanto. Um clamor raivoso surgiu entre eles. Estes eram, afinal de contas, governantes de nações.

"Costos está morto", eu disse, e a Centena caiu em silêncio para me ouvir. "Seu voto passa a seus assessores. Seus assessores estão mortos. Seus vassalos também."

"Assassino!", esbravejou o Czar Moljon, ainda segurando seu dedo quebrado.

"Muitas vezes", eu concordei. "Mas os eventos da sala romana são um mistério que nenhum de vocês presenciou, que passou despercebido pela guarda. Haverá, é claro, um inquérito, eu posso ser acusado, um tribunal imperial pode ser convocado. Esses, porém, são assuntos para outro dia. Isto aqui é o Congresso, cavalheiros, e nós temos questões de Estado a decidir."

"Como você ousa se sentar na cadeira de Adão?", perguntou um rei de cabelos brancos do leste.

"Nenhuma lei me proíbe", eu disse. "E eu estava cansado. Em todo caso, ela foi a cadeira de Honório por último e se alguém quiser contestar minha ocupação, pode se aproximar para discutirmos a questão." Eu pus uma das mãos sobre o bastão de pau-santo. "Não são os assentos que fazem os imperadores, senhores. É por isso que estamos aqui para votar."

Eu fiz sinal para Raiz-Mestra e me recostei no trono, a cadeira mais desconfortável em que já me sentara. Raiz-Mestra subiu os degraus rapidamente, saindo das sombras e aparecendo sob a luz. Eu gesticulei para ele chegar ainda mais perto.

"Você já descobriu quem são meus amigos e quem são meus inimigos?", eu perguntei.

"Jorg! Você nem me deu tempo. Eu mal comecei a socializar. Eu..." A seda de seu gibão se agitava em volta dele.

"Mas você descobriu, não é? Você já sabia."

"Eu sei de alguns deles, observe-me!" Ele assentiu e deu um sorriso acentuado que logo se desfez. Ninguém é imune à bajulação.

"Então vá para lá e mande Makin, Marten, Kent e Rike ficarem perto de quatro deles que me queiram mal. Gorgoth também, se ele quiser. Diga-lhe que todo o mundo irá morrer se eu não conseguir ser imperador. Com essas palavras."

"Todo o mundo? O Congresso inteiro? Jorg! Excesso não é..."

"Todo o mundo no mundo todo", eu lhe disse. "Apenas diga a ele."

"No mundo todo?" As mãos dele ficaram paradas por um instante.

"As luzes se apagarão daqui a pouco. Diga a meus irmãos para estarem prontos. Quando a luz voltar, estes homens precisam estar mortos. Tenha outra lista de nomes pronta e depois outra. Se for preciso, eu mesmo me elegerei imperador."

E Raiz-Mestra saiu da plataforma mais rápido do que chegara.

"Você está me ouvindo, não está, Fexler?"

Sem resposta.

"O Rei Morto está chegando." Eu não sabia como eu sabia, mas eu sabia. "E ele arruinará o mundo. A começar por aqui." Eu girei o bastão em minhas mãos. Para lá e para cá. "E para impedi-lo seria preciso tamanha força, tamanho ato de magia, de vontade, que giraria essa sua

roda e faria o mundo se rachar ao meio... e se isso acontecer... Miguel conseguirá o que queria e vocês máquinas queimarão todos nós."

Uma leve pulsação na luz.

"Seria correto supor que em algum lugar embaixo de mim há uma bomba enorme, não é?"

Novamente o tremor na luz.

Eu me recostei em meu trono desconfortável e girei o pau-santo como se fosse uma baliza. Provavelmente, eu seria o imperador com o reinado mais curto da história. Lá, em meio à Centena, Miana me observava. O homem ao lado dela, corpulento, com costeletas grisalhas e meu filho nos braços, era meu sogro, Lorde de Wennith. Ele não parecia ser o mesmo homem de seis anos atrás, mas quem entre nós parecia?

Um lorde de meia-idade, de camurça marrom e correntes de ouro, estava tentando chamar minha atenção ao pé da plataforma e agora havia passado a tossir e levantar a mão.

"Pois não, Lorde...?"

"Antas de Andaluth." Seu reino fazia fronteira com Orlanth ao sul. "Eu tenho assuntos a tratar, Rei Jorg. Os direitos ao Rio Parl..."

"Isso garantirá seu apoio, Lorde Antas?"

"Bem, eu hesito em ser tão direto..."

"Os direitos ao Rio Cathun compraram a absolvição pela morte de minha mãe e de meu irmão William. Você sabia disso, Lorde Antas?"

"Nossa, não..."

"Você não acha que há coisas que não podem ser compradas, Antas? Vote em mim se você acredita que o Império precisa de mim no trono. O destino de uma centena de nações não deveria depender de direitos fluviais, negociatas ou troca de favores."

Ele franziu a testa. Kent, o Rubro, estava atrás dele um pouco à esquerda. Eu supus que o apoio de Antas nunca fosse ser meu, não

importava quantos rios nós negociássemos.

"Luzes apagadas", eu disse, e a sala do trono caiu na escuridão.

Eu contei lentamente até dez debaixo do alvoroço. "Luzes acesas!"

Antas estava esparramado na base da plataforma, com o pescoço quebrado. Kent já havia seguido adiante.

Eu me levantei do trono e as luzes brilharam mais fortes, e eu senti o calor delas. Tinha de ser agora.

"Homens do Império!" Eu levantei a voz para chegar aos cantos do grande salão, para que até a Irmã Silenciosa, a Rainha de Vermelho e Katherine pudessem ouvir do outro lado do Portão Gilden.

Todos eles pararam para olhar para mim, mesmo com os assassinados caídos a seus pés.

"Homens do Império. Um homem melhor teria conseguido seu apoio com a bondade de seus atos, a clareza de sua visão e a veracidade de suas palavras. Mas esse homem melhor não está aqui. Esse homem melhor fracassaria perante a maré negra que vem em nossa direção. Orrin de Arrow era o melhor homem e ele não sobreviveu nem para pedir seu apoio."

"Tempos sombrios exigem escolhas sombrias. Escolham a mim."

Eu andei pelo perímetro da plataforma com passos calculados, olhando na direção das cabeças sombreadas dos chefes de Estado. "Há um inimigo em nossos portões. Neste momento. Enquanto gastamos nossas palavras aqui, o Lorde Comandante gasta o sangue de homens bons para proteger esta cidade. Esta cidade sagrada no coração de nosso Império Destruído. Esta cidade sagrada *é* o coração de nosso Império. E se vocês, homens a serviço deste Império, não refizerem o antigo pacto, se vocês não colocarem neste trono um único homem que assuma a responsabilidade sobre todos os nossos povos, este coração será arrancado."

“Vocês podem sentir, não podem, senhores? Não é preciso ter a mácula que o Portão Gilden impede de entrar para sentir o que se aproxima. Ele apodreceu nos seus reinos. Os mortos renascendo, as velhas leis sendo desfeitas, as magias se derramando e se espalhando como uma doença contagiosa. A certeza nos deixou: os dias cheiram a coisa errada.”

“Façam isso agora. Façam como um só. Pois o homem neste trono terá de encarar o que vier. E, se não houver imperador, não haverá ninguém para ficar contra a corrente. E digam para mim, do fundo de seus corações: vocês realmente querem ser esse homem?”

“Melodrama! Como vocês podem dar atenção a isso?”, gritou o Czar Moljon, talvez encorajado por sua dor. “Além do mais, nenhuma votação será realizada pelos próximos dois dias.”

“Raiz-Mestra.” Eu fiz sinal para ele se aproximar.

“O Congresso deve votar em seu último dia, secretamente, mas qualquer candidato pode forçar um voto antecipado e aberto, no entendimento de que não ganhar tal votação o exclui de mandatos futuros.” As mãos de Raiz-Mestra fizeram o movimento de fechar um pesado livro, embora ele tenha falado de cabeça.

“Votem!”, eu disse, e as luzes se acenderam.

“O voto de Morrow vai para meu neto.” A voz de meu avô soou claramente.

“E o das terras de Alba.” Meu tio ao lado dele.

As mulheres ao Portão Gilden se afastaram em um movimento apressado.

“Eu estou com Jorg de Renar.” Ibn Fayed ergueu seu punho e os quatro guerreiros mouros ao lado dele acompanharam seu movimento.

“Wennith a favor de Jorg.” O pai de Miana.

“E o norte!” Sindri, em algum lugar atrás de mim. “Maladon, Charland, Hagenfast.”

“Nós estamos com o rei queimado.” Gêmeos de cabelos brancos, jarls das terras geladas, trajando peles negras e aço.

A Guarda Gilden apareceu pelo portão, uma porção de soldados. Eles avançaram e todo homem que passava desmoronava, mole. O barulho fez a Centena se virar.

Talvez um punhado de guardas estivesse imóvel do lado de cá do portão, sem ter conseguido passar mais do que um metro dele. Muitos outros estavam quase tão imóveis, preenchendo a antessala do outro lado.

Todos nós sentimos a aproximação *dele*. Não havia como não sentir.

“Conaught por Jorg.”

“Kennick por Jorg.”

Meus assessores deram seus votos permitidos, de Arrow a Orlanth. Outros se seguiram, com uma sensação de urgência agora, como se cada um de nós ouvisse os passos *dele* em meio às proclamações.

E lá estava ele, emoldurado pelo Portão Gilden, uma criatura que usava a pele e os ossos de Kai Summerson. Eu esperei que Katherine tivesse corrido – e corrido rápido.

“Olá.” Ele sorriu. Tanto a palavra quanto o sorriso eram coisas anormais, arrastadas de algum lugar que ninguém gostaria de ver.

O Rei Morto se aproximou do Portão Gilden, com as mãos levantadas, as palmas para fora. Parecia ter encontrado uma superfície de vidro, pois parou com os dedos achatados contra a obstrução. Ele inclinou o pescoço de Kai para um lado, olhando para todos nós como se fôssemos ratos em uma armadilha.

“Um portão engenhoso”, disse ele. “Mas é apenas feito de madeira.”

Ele recuou e seus guardas mortos se aproximaram com alabardas para destruir a moldura do portão dentro do arco.

“Marcha Vermelha para Jorg.” Uma corpulenta mulher grisalha com o voto da cadeira hereditária da Rainha de Vermelho.

“Os thurtos para Jorg.” O homem enfiado em um manto de pelo de cavalo e uma coroa de ferro em sua testa.

E mais e mais outros.

“Como estamos, Raiz-Mestra?”, eu perguntei.

“Trinta e sete dos quarenta necessários.”

Pedaços rachados do Portão Gilden desabaram. A presença do Rei Morto entrou e os homens caíram de joelhos em desespero. Mesmo agora, mais da metade dos votos estava sendo segurada, anos de preconceito e disputas. O Congresso era um mercado e colocar de fato um imperador no trono, acabar com a supremacia deles naqueles cem reinos... muitos preferiam morrer. Mas há mortes boas e mortes ruins. O Rei Morto oferecia apenas as da pior espécie.

“Attar para Jorg.”

“Conquence para Jorg.” O irmão de Hemmet, abrindo mão da supremacia do Lorde Comandante em Vyene.

O restante do portão desabou.

“Scorron para Jorg.” Um velho austero, olhando para mim com desgosto.

Eu voltei ao trono.

“Homens do Império, o Congresso me acha digno?”

O “sim” que ecoou pelo salão continha mais desespero do que entusiasmo, mas foi suficiente. Eu me sentei como imperador em Vyene, Lorde da Centena – o Império Destruído refeito.

Raiz-Mestra foi até o meu lado, curvando-se perto enquanto o Rei Morto atravessava o Arco Gilden, com suas tropas atrás dele.

“Bom trabalho”, eu disse ao doutor Raiz-Mestra. “Pensei que não estávamos nem perto de trinta e sete quando perguntei.”

“Os números nunca mentem, meu imperador.” Raiz-Mestra balançou a cabeça. “Apenas as pessoas.”

A Centena recuou diante do Rei Morto; ninguém estava preparado para se manter firme.

"Parece mesmo ter sido uma vitória sem valor, meu imperador. Era tão importante assim você ser confirmado no trono antes de todos nós morrermos?"

"Isso é o que nós vamos descobrir, não é?" Eu me levantei outra vez, feliz por sair daquela cadeira. "Suponho que você não consiga fechar o arco, não é, Fexler?"

Nenhuma resposta, apenas o fluxo contínuo de homens mortos entrando na sala do trono. O arco sempre teve a aparência de uma adição posterior, algo feito por pedreiros com mais poesia em seus dedos.

O Rei Morto se aproximou da plataforma, uma figura sombria de alguma maneira, apesar do azul-celeste da capa de Summerson. Atrás dele, um grupo dourado da guarda do imperador. Minha guarda, com Chella no meio. E eu me mantive firme, sobre a plataforma, diante do trono, com a Centena alinhada atrás de mim em seu próprio grupo. Gorgoth uniu-se a mim na plataforma, ao meu lado esquerdo, Makin à minha direita, Kent atrás dele, Marten atrás de Gorgoth, todos sem uma única arma. Sindri subiu no primeiro degrau, tio Robert tomou o mesmo lugar do lado oposto. A guarda que antes vigiara nosso Congresso, doze homens no total, estava com a Centena, exceto um que inventara de quebrar o pescoço na confusão e doado sua espada para Rike.

Lancei um olhar para os homens dos dois lados. Eu os havia chamado de irmãos na estrada muitas vezes, encarado perigos com eles, dividido comida e bebida. Uma irmandade da estrada, com certeza, mas uma coisa importante, homens para se morrer com eles, em vez de por eles. Neste lugar, no entanto, diante deste inimigo, que trazia consigo a certeza e a canção da morte, que metia um medo pior do que qualquer

um que houvesse sentido na Estrada dos Cadáveres, quando os fantasmas apareceram, muitos anos atrás. Neste lugar, parecia que os homens que estavam de pé comigo eram irmãos verdadeiros.

"Olá, Jorg." O Rei Morto olhou para mim da base da plataforma.

Seu olhar permanecia o mesmo, não importava de quais olhos ele me olhasse. De alguma maneira familiar, sobrecarregados de acusação, uma inspeção fria que despertava em mim todas as tristezas que já havia sentido.

"Por que você está aqui?", eu perguntei.

"Pelo mesmo motivo que você." Ele nunca desviava o olhar. "Porque os outros diziam que eu não podia."

"*Eu* digo que você não pode", eu lhe disse.

"Você vai me impedir? Irmão Jorg?" Seu tom era leve, mas com um fundo muito amargo, como se o "irmão" queimasse sua língua.

"Sim." Só a proximidade dele já tirava a força de meus braços. Ele trazia a morte, ela saía por cada poro, sua existência era um insulto a todas as coisas vivas.

"E como você fará isso, Jorg?" Ele subiu o primeiro degrau da plataforma.

Eu o golpeei como resposta, o pau-santo desfocando-se pelo ar. Uma pancada úmida encontrou o corpo do Rei Morto. Ele fechou a mão de Kai em volta dele, arrancou o bastão de minha mão e o quebrou em dois pedaços à beira do segundo degrau.

"Como você me impedirá, irmão?" Ele subiu o segundo degrau. "Você não tem poder. Nada. Um barco vazio. A pouca mágica que você teve já se foi há muito tempo."

Nós estávamos frente a frente, perto o suficiente para agarrarmos o pescoço um do outro, embora eu soubesse como isso terminaria.

"E qual é a mágica que você traz, eu me pergunto?"

Pois ele trazia algo mais complexo do que a necromancia, mais do que o horror e a reanimação bruta de corpos mortos. O desespero, a saudade e a perda que ameaçavam afogar a todos nós, que faziam os reis das nações se acovardarem e empalidecerem, aquilo não era uma arma, não era algo feito para nós, mas apenas um eco do que passava por ele.

"Apenas a verdade, irmão Jorg", disse ele.

E com aquelas palavras, a amarga encenação da minha vida ergueu-se à minha volta, com a música de minha mãe ao fundo, mas tocando alta demais, uma discórdia dissonante de notas ácidas. Eu vi os momentos espalhados ao longo dos anos, crueldade, covardia, orgulho cruel, o fracasso, em cada momento, em ser o homem que eu poderia ter sido, um caminho repleto dos destroços das vidas que eu não tive a coragem de proteger ou de consertar.

"Eu fui um homem mau?" Eu me esforcei para conter a fraqueza em minha voz. "O rei das coisas mortas chafurdou em sangue para me dizer que eu não atingi a santidade? Eu pensei que você tivesse vindo aqui para a batalha. Para colocar uma espada em minha mão e dançar comigo. Você..."

"Você foi um covarde, você fracassou a cada passo em proteger aqueles que ama." Todas as suas palavras caíam como julgamentos, com peso esmagador, embora eu procurasse me desvencilhar de todos eles por negação.

"Você veio pelo trono do Império, então que obsessão é essa com meus fracassos? Se você acha que sou fraco, se quiser o trono... tente tomá-lo."

"Eu vim aqui por você, irmão Jorg", disse ele. "Por sua família."

"Tente." A palavra queimou minha garganta, mais forçada que um rosnado. A ligação com um filho pode se formar no mesmo instante ou crescer aos poucos, até você não conseguir mais ficar longe, como se fosse sua própria pele. Naquele momento, eu soube que amava meu

filho. Que a força de meu pai havia passado batida por mim, não só que minha única vontade não era manter o trono do Império, mas que eu morreria na defesa inútil de uma criança chorona e pequena demais para saber que eu existi, em vez de fugir para ser pai de outras depois.

Sem ordem, sem grito de guerra e quase sem som, a guarda morta avançou, ágil e desarmada, retirando os capacetes de suas cabeças para que pudéssemos ver o apetite deles.

Dos homens ao meu lado, somente Gorgoth deu para trás, descendo da plataforma. Se pressionado a escolher qual homem fugiria, eu diria Makin ou Kent. Eles tinham visto os mortos-vivos no Pântano de Cantanlona e conheciam o horror deles, a terrível força, a maneira como continuavam a lutar embora cortados quase em pedacinhos.

"Fuja", disse o Rei Morto. "Eu deixarei você ir. Só deixe a criança para mim. E deixe essa sua putinha de Wennith."

Os mortos avançaram e Makin, Kent e Marten foram ao encontro deles, passando dos dois lados do Rei Morto e de mim. Apenas alguns momentos nos restavam e eu não tinha nada. Luzes e portas. Mãos vazias. Alguns guardas, encontrando sua coragem, surgiram pelas entradas laterais para atacar seus camaradas mortos. O primeiro dos vivos caiu em cima do morto com uma rapidez apavorante.

Alguma coisa explodiu no chão em volta da plataforma. Algumas coisas. Em meia dúzia de lugares, as pedras do chão se partiram em pedaços pontudos e coisas vermelhas atravessaram os estilhaços enquanto ainda estavam no ar. Demorou um bom tempo até conseguir enfocar as criaturas enquanto elas dilaceravam as tropas do Rei Morto. Trolls, mas de pele vermelha, parecidos com Gorgoth, em vez de seus primos debaixo de Halradra, e de porte maior. O primeiro deles pegou um homem de armadura e o atirou sobre as cabeças da legião atrás para atingir a parede acima do Arco Gilden. Garras ceifaram o pescoço do homem seguinte, rasgando sua cota de malha. Descendentes do guarda-

costas do imperador defendendo o trono. Eles eram seis, terríveis, mas muito poucos.

Eu vi Kent pegar a espada de um homem caído logo antes de outro o derrubar ao chão. Os mortos nos assolavam ao redor, transformando a plataforma em uma ilha, cortando a Centena atrás de nós.

"Fuja!" o Rei Morto disse novamente. "Eles o deixarão ir."

"Não."

"Não? Mas não é nisso que você é bom, irmão Jorg? Você não é especialista em deixar a criança morrer enquanto foge para se esconder? Talvez você possa encontrar outro arbusto no qual se encolher."

"O quê... quem é você?" Eu olhei dentro dos olhos de Kai Summerson, tentando ver por trás deles.

"Você já deixou mãe e filho morrerem antes, Jorg, escape de novo. Eu não conto a ninguém." Cada palavra ácida como se eu houvesse pessoalmente lhe causado um mal profundo.

De alguma maneira, eu estava com as mãos no pescoço dele, embora soubesse que ele não precisava respirar, mas eu sabia que ele podia quebrar meus braços. "Você não sabe nada sobre eles, nada!" Eu o girei e ele não tentou resistir.

Por cima do ombro dele, vi Gorgoth contra a parede, com alguma figura pequena por trás e alguma coisa escura em uma das mãos, apertada contra o peito dela. Dois dos seis trolls lutavam ao redor dele, uma extravagância de violência, velocidade, força e habilidade impossíveis contra probabilidades impossíveis. Membros, vísceras e armaduras voando em arcos carmesins e ainda assim os mortos continuavam a avançar. Gorgoth se debruçou sobre seu minúsculo fardo, protegendo-o dos mortos com seu próprio corpo, agachando-se mais, mais, perdendo-se no tumulto. O rosto branco de Miana agora aparecia visível sobre o ombro dele.

O Rei Morto sorriu para mim, um sorriso destruído, feio, e minhas mãos pálidas debaixo de seu queixo, com as cicatrizes da roseira-brava lívidas no pulso e no antebraço. A dor daqueles espinhos ardeu novamente e, embora um teto de pedra se arqueasse intacto no alto, parecia que uma tempestade de vento uivava ao meu redor, que a chuva açoitava fria dos céus negros.

"No final", eu disse, "não há magia, só vontade."

Eu golpeei o Rei Morto, concentrando nele cada parte de meu desejo de ver sua destruição. Eu vivi uma vida impulsionada pelo desejo, o desejo de vingança, de glória, de ter o que me é negado. Uma ordem simples, pura e afiada como uma arma. E tal desejo, tal vontade concentrada, é a base de toda magia – assim me disse o Construtor.

Pelos olhos semicerrados, vi os olhos do Rei Morto se arregalarem, como se eu realmente o estivesse enforcando.

"Você fracassou com Corion, Luntar mergulhava em sua mente à vontade, até Sageous o manipulava." Ele tossiu as palavras que passaram por minhas mãos, ainda contorcendo aquele sorriso. "E você acha que pode *me* impedir?"

Eu poderia ter dito a ele que era mais velho agora. Eu poderia ter dito que eu não estava entre aqueles homens e meu filho. Mas, em vez disso, respondi: "Feitiços experimentados escritos em livros funcionam melhor do que algo recém-estabelecido. As runas e símbolos usados durante séculos servem mais do que a invenção de ontem. Eles são canais onde a vontade dos homens traçou caminhos através do que é real. Eu vou derrotá-lo porque tenho o apoio de um milhão agora. Porque meu desejo de vencer agora corre pelos canais mais antigos". Contei a ele por que há um poder em dizer a verdade e por que a razão tem a borda afiada.

"Fé? Você encontrou Deus agora?" Ele riu, imperturbado pela força em volta de seu pescoço. "A vontade dos fiéis não lhe servirá apenas porque

você matou a papisa, Jorg. Não é bem assim que funciona."

"As pessoas podem acreditar em outras coisas, homem morto", eu lhe disse. Gritos à nossa volta, mãos vermelhas arrebatando, homens ricos morrendo.

"Não há nada..."

"Império", eu disse. "Um milhão de almas espalhadas por um Império vasto e destruído, rezando por paz, rezando pelo dia em que um novo imperador se sentará sobre o trono. E este sou eu."

Eu o golpeei novamente. Imperador no coração do Império, regenerado. E o Rei Morto cambaleou, enfraquecido, aprisionado no corpo.

"Eu vim por vingança", o Rei Morto disse, embora eu não soubesse de que vingança ele estava falando. "Para lhe mostrar o que eu me tornei após você me abandonar. E veja o que eu fiz!" Sem se preocupar com o aperto de minhas mãos, ele abriu os braços, abrangendo a horda dourada agitando-se à nossa volta. "Eu lhe trouxe o reino dos mortos. Deixe eu me juntar a você, irmão. Deixe-me liderar nossos exércitos e eu levarei o Império além de todas as fronteiras, deste mundo e do próximo, e o tornarei pleno, inteiro – e nosso. Ponha de lado estes amigos, esta esposa não escolhida..." Ele olhou na direção de Miana.

Eu o golpeei com toda a força de meu ser. Eu o golpeei com a força do Império, a força de um milhão naquele lugar sagrado, o coração do Império, onde o poder e a majestade de imperadores passados e a fé de gerações haviam traçado os caminhos de meu poder no tecido da realidade. Um vento uivou à nossa volta, frio e rodopiante, com Kai Summerson lutando para se soltar, lá no fundo de seu próprio corpo, pois embora os santos possam falhar a qualquer momento, os amaldiçoados podem, a qualquer momento, buscar a redenção. A ventania soou e o Rei Morto reagiu.

Minha determinação era a mesma do Rei Morto; nem ele nem eu cedíamos minimamente. A mente enorme e dormente do Império do meu lado, esperanças perdidas, sonhos desfeitos, tudo empurrava, tudo pressionava. As terras mortas do lado dele, a desolação de vidas terminadas, a necessidade, a sede de voltar. Pressões impossíveis cresceram, e cresceram, e cresceram mais. Eu senti a roda girar, o tecido de tudo e de sempre começar a rasgar. E naquele instante eu soube quem estava diante de mim.

Naquele segundo, Kai Summerson aprendeu a voar. Ele tirou os pés do Rei Morto do chão e o vento varreu os centímetros vazios debaixo deles. Uma vitória pequena, mas uma que balançou meu inimigo.

Em um instante duro e frio, eu soube quem pendia de minhas mãos e, mesmo assim, com William fraco à minha frente, vulnerável, aberto, mesmo sabendo que eu trilhara o caminho de meu pai quase à risca... eu o apunhalei.

Deslizei a mão de sua garganta, peguei a faca de Kai em seu cinto e a enterrei fundo em seu coração, com o metal arranhando suas costelas.

Uma única risada incrédula irrompeu escarlate de seus lábios e em seguida ele caiu, como se a faca houvesse cortado todas as suas amarras.

Eu o soltei e ele caiu, debatendo os braços, com sangue escorrendo de seu peito. Ele caiu e demorou muito. Meu próprio irmão. William, que eu havia decepcionado nos espinhos. Que eu decepcionava agora. Cuja morte havia arruinado minha vida. Espinhos me prenderam outra vez. Eu não pude pegá-lo enquanto caía. O corpo de Kai atingiu o chão com o som de término, com William já fora dele, de volta às terras mortas, de onde ele havia me observado durante tantos anos, de tantos olhos mortos.

O papel de Luntar voou de minha manga. Eu o peguei conforme os guardas mortos desabavam, aos montes, depois centenas, por todo o salão.

“Você pode salvá-lo.” Quatro palavras. Os jurados pelo futuro veem menos do que pensam. Eu havia apunhalado meu irmão.

“Eu não estou entendendo.” Makin empurrou um cadáver de cima dele, com filetes de sangue escuro em cima de metade de seu rosto, em três linhas paralelas. Ele falou no momento sem palavras. “Como você o matou?”

“Eu o vi morrer.” Murmurei as palavras. “Eu fiquei escondido e deixei que o matassem.”

Makin meio que escalou, meio que engatinhou até mim.

“O quê?” Ele pôs a mão em meu pulso, parando o tremor do punhal gotejando. Eu deixei a faca cair.

“Eu não o matei. Ele já estava morto. Ele morreu onze anos atrás.”

Marten chegou por trás, com o ombro exposto até o osso, sem uma orelha. Ele pegou de mim o papel, com os dedos trêmulos. “Salvar quem?”

“Meu irmão, William. O Rei Morto. Sempre mais ágil, mais esperto, mais determinado. E mesmo assim nunca me ocorreu que a morte não pudesse contê-lo.”

“A morte não é o que costumava ser.” Talvez as palavras mais sábias que já saíram dos lábios de Kent, o Rubro. Ele estava caído entre os mortos, entre os inimigos que abatera, tão dilacerado que só podiam lhe restar minutos. Makin foi ficar ao lado dele.

“Miana!” Quando gritei, tive ideia da dor que sentiria se ela não respondesse. Menos de metade da Centena ainda sobrevivia, muito menos. Eu não vi sinal de Sindri, de meu avô ou de meu tio. Ibn Fayed eu vi. Pelo menos sua cabeça.

“Aqui.” E eu a encontrei, quase pregada à parede atrás da corpulência de Gorgoth. Os trolls vermelhos estavam destruídos na carnificina. Gorgoth se desdobrou, pingando e estraçalhado. Em uma das mãos, ele segurava meu filho contra seu peito.

Alguma coisa me atingiu ao ver meu filho ali naquele momento. Algo mais afiado que pontas. Uma certeza. A certeza de que meu pai não conseguiu me moldar à sua imagem. Eu amava aquele bebê, pequeno e ensanguentado e feio como estava. A negação fora embora. E com aquele conhecimento veio outro: a certeza de que eu só poderia magoá-lo. Que a mácula de meu pai sairia de meus dedos sem eu querer e transformaria meu filho em outro monstro.

Cambaleei para trás e caí em meu trono. Uma folha de outono rodopiou em volta de meus pés, trazida pelos mortos. Uma única folha de bordo, vermelha com o pecado da estação. Um sinal. Naquele momento, eu soube que estava cheio demais de veneno para fazer qualquer coisa a não ser cair. O outono fora me buscar. Com os dedos dormentes, soltei as alças de meu peitoral.

"Ainda assim..." Marten balançou a cabeça e se agachou ao lado de Kai. "Uma criança. Um menino. Ele tinha o quê? Dez anos?"

"Sete."

"Um menino de sete anos. Perdido nas terras mortas. Lutou para sair? Tornou-se rei?" A cada pergunta ele balançava a cabeça. Eu podia ver as possibilidades borbulhando dentro dele.

Você pode salvá-lo. Palavras de Luntar. Um homem que via o futuro.

"Aposto que ele os infernizou." Dei um sorriso triste. Eu me perguntei se aquele mesmo anjo, o que veio até mim à beira da morte, visitara o pequeno William. Eu imaginei a pequena confissão que ele fizera a ela. "Aposto que ele tomou o caminho mais difícil." Como a lança de Conaught, William teria se arrastado ainda mais para as profundezas, mirado no coração da escuridão, encontrado o lichkin. O resto estava além da minha imaginação.

Kai estava esparramado, quebrado e vazio, sem William, os mortos caídos, com apenas Chella de pé entre o brilho das armaduras. Meus inimigos derrotados e, no entanto, a tristeza permanecia, mais forte,

mais verdadeira, mais limpa, pois eu sempre a possuíra. Ela ecoava de volta aos espinhos, o som de um sino ressoando pelos anos. Nós somos feitos de nossas tristezas, não de alegrias. Elas são a corrente mais profunda, o refrão. A alegria é passageira.

"Deixei os espinhos me segurarem e uma rachadura atravessou todos os meus dias, mais profunda do que os sentimentos que ela divide." A caligrafia daquelas cicatrizes ainda estava escrita em mim, branca sobre minha pele. "Para tudo há o tempo certo." Recitei o Eclesiastes. "Tempo de nascer. Tempo de morrer."

"Ele vai voltar: você não pode destruí-lo", disse Chella dos corpos empilhados, suas antigas tropas. Ela não parecia feliz nem triste, mas perdida.

"Eu não quero destruí-lo", eu disse. "Ele é meu irmão. A mim cabe a tarefa de salvá-lo." Eu sabia o que fazer. Sempre soubera. Eu coloquei a mão no trono. "Não sabia que isso seria ao mesmo tempo amargo e doce." Do outro lado do salão, meu filho chorou nos braços da mãe, os dois lindos. Meu irmão sempre voltaria e meu filho nunca estaria a salvo, pois nossa dor havia se tornado uma roda e o mundo estava destruído. Meu irmão, meu filho, minha culpa.

Uma lágrima fez sua lenta passagem sobre minha bochecha.

De alguma maneira, eu me levantei, embora a força tivesse me deixado. E me juntei a Makin, de pé acima dele enquanto ele se ajoelhava com Kent. Marten ao meu lado. Rike veio até nós, ensanguentado porém inteiro, com uma corrente de ouro decorada com diamantes e vísceras pendurada em um pulso, quase como um apêndice.

"Não quero destruí-lo", eu disse. "Quero salvá-lo. Eu deveria tê-lo salvado quando os espinhos me seguraram. Nada foi certo desde então." O medo me abalou, repentino, feroz, medo do que eu tinha de fazer, medo de que eu não tivesse coragem.

“Não.” Marten, atrás de mim. Marten sempre seria o primeiro a compreender. Marten que havia decepcionado seu filho, que havia deixado seu menino morrer. Não há certo e errado nesses assuntos. Apenas erros. “Não faça isso.” As palavras embargadas.

“A morte não é...” e, antes que pudesse terminar, Kent, o Rubro, morreu no círculo dos irmãos que o amavam, cada um à sua maneira. “Não é o que costumava ser”, eu terminei para ele.

Chella se aproximou. Ninguém se mexeu para impedi-la. “Ele foi para onde você não pode segui-lo, Jorg.”

“Você não pode fazer isso.” A voz de Marten soou cheia de conhecimento.

“Até agora eles dizem que eu ‘não posso’, Makin”, eu disse, meio triste, meio alegre por terminar. O amargo e o doce. “Eles me dizem ‘não’ e pensam que deve haver algo que eu não vá sacrificar para conseguir o que quero.” O que eu preciso.

Makin levantou a cabeça, confuso, mas entendendo que nenhum de nós estava falando sobre Kent. Ele se levantou com dificuldade e foi quando eu o atingi. Um homem como Makin é preciso pegar sem equilíbrio. Eu o golpeei com força suficiente para quebrar minha mão – e quebrei. Ele caiu mole, com um braço jogado quase aos pés de Chella.

“Quê?” Rike tirou os olhos do irmão Kent, espantado.

“Ele teria tentado me impedir. Diga a ele que será um comissário. É uma ordem, não uma escolha.” Eu segurei minha mão e deixei a dor aguçar a tristeza. “Ele teria tentado me impedir. Mesmo com sua garotinha morta por todos esses anos, ele não compreenderia. Não Makin.”

“Foda-se Makin. *Eu* não estou entendendo.” Rike ralhou, com a espada em seu punho ainda pingando.

Movimento no Arco Gilden. Katherine, segurando uma espada de lado, instável.

“Rike, glorioso Rike! Eu sabia que o havia mantido por perto por um motivo, irmão.” Eu arranquei o peitoral de mim e abri os braços. “Faça.”

“O quê?” Ele me olhou como se eu fosse louco.

“Eu preciso ir atrás dele, Rike. Eu preciso encontrar meu irmão.”

“Eu...”

“Mate-me. Você já ameaçou fazer isso tantas vezes. Agora eu estou pedindo.”

Rike apenas me encarou com os olhos arregalados e brilhantes. Atrás dele, Katherine começou a correr em nossa direção, gritando, implorando que eu parasse ou me incitando a fazê-lo – não dava para saber.

“Eu sou a porra do seu imperador. Eu o ordeno.”

“Eu...” E o grande idiota olhou para sua espada como se ela fosse um troço estranho. “Não.” E a soltou.

E foi quando Chella me apunhalou. Com a faca de meu irmão, retirada de seu cadáver, enfiada bem perto da ferida que meu pai me deu. Ela foi mais além, no entanto, e girou a lâmina. Nosso último beijo.

“Vá para o inferno, Jorg Ancrath.” As últimas palavras que eu ouvi.

TRILOGIA DOS ESPINHOS

EMPEROR OF THORNS

53

Na estrada, meus irmãos falaram da morte muitas vezes. A estranha que andava conosco. Mas, mais do que falar sobre a morte, eles falavam sobre morrer, e geralmente de como evitá-la. O irmão Burlow falava da luz. A luz que aparecia para um homem deitado em seu sangue, quando havia mais do lado de fora do que dentro.

"Já ouvi homens dizerem que ela começa tão fraca, como um alvorecer, irmãos. E você olha e se vê no túnel da sua vida, o qual percorreu na escuridão durante toda a vida."

Burlow gostava de ler, entende. Não vale a pena confiar em um homem letrado na estrada, irmãos. As cabeças deles são cheias das ideias de outros homens.

"Mas não olhe para aquela luz", ele disse. "Por mais cativante que ela possa ser, não há como voltar de lá, e ela vai atraí-lo, ah, se vai. Eu já estive perto de homens demais, destruídos, à beira da morte, e os ouvi

cochichar sobre essa luz pelos lábios secos. E nenhum deles caminhou pela estrada novamente."

Pelo menos era assim que Burlow, o Gordo, contava. E talvez sua luz fosse cativante, irmãos. Mas eu olhei para aquela luz e ela vem primeiro como uma estrela fria na calada da noite. Pouco a pouco ela se aproxima, ou você se aproxima – essas coisas são iguais em um lugar sem tempo –, e você vê o que ela realmente é. Um fogo ardente, irmãos, a incandescência incineradora da boca da fornalha, pronta para consumi-lo por completo.

Aquela luz me pegou e me cuspiu para longe do mundo.

Eu achava que conhecia a morte. Eu pensava que ela fosse seca. Mas a morte na qual eu caí era um oceano, frio e infinito, da cor da eternidade. E eu fiquei lá, sem tempo, sem altos nem baixos. Esperando, sempre esperando, por um anjo.

Essa morte caiu molhada sobre mim.

Eu cuspi a água da boca seca. Um grito me escapou e a dor voltou, forte demais para suportar. Um relâmpago piscou e os espinhos e galhos da roseira-brava projetaram formas pretas contra o céu. A chuva caía fria e eu fiquei pendurado naquele abraço, sem poder cair.

"Os espinhos." Meus sentidos me abandonaram por um instante.

Um segundo relâmpago, sobre o trovão retumbante do estalo anterior. A carruagem estava do lado da estrada, com pessoas se mexendo em volta dela.

"Eu estou nos espinhos."

"Você nunca saiu deles, Jorg", disse ela.

Ela estava ao meu lado, meu anjo, com calor e luz e possibilidades.

"Eu não estou entendendo." A dor ainda me lancinava, minha carne ficando carmesim em volta de cem farpas, mas com ela ao meu lado era apenas dor.

"Você entende." A voz dela era apenas amor.

“Minha vida foi um sonho?”

“Todas as vidas são sonhos, Jorg.”

“Nada... nada daquilo foi real? Eu estive pendurado nos espinhos durante toda a minha vida?”

“Todos os sonhos são reais, Jorg. Até este aqui.”

“O que...” Meu braço se contorceu e a agonia vermelha me inundou. Encontrei meu fôlego novamente. “O que você quer de mim?”

“Eu quero salvá-lo”, disse ela. “Venha.” E ela me estendeu a mão. Uma mão na qual a cor se movia como a película levemente sombreada na prata derretida. Pegar aquela mão acabaria com toda a dor. Ela me ofereceu a salvação. Talvez aquilo fosse tudo que a salvação sempre tivesse sido. Uma mão estendida prestes a ser tomada.

“Aposto que meu irmão mandou você ir para o inferno”, eu disse.

Um relâmpago caiu novamente e não havia anjo algum, apenas um soldado de Renar carregando William pelos tornozelos como a caça de um caçador. Carregando-o em direção àquele marco de milha, carregando-o para abrir a cabeça dele.

A natureza formou a garra para prender e o dente para matar, mas o espinho... o único propósito do espinho era machucar. Os espinhos da roseira-brava são feitos para encontrarem o osso. Eles não saem facilmente. Se você transformar sua mente em pedra, se você se debater e rasgar, se você quebrar e puxar e morder, se fizer essas coisas você sairá do arbusto, pois ele não pode prender alguém que não queira ficar preso. Você escapará. Não você inteiro, mas o suficiente para rastejar. E, rastejando, eu deixei o arbusto. E alcancei meu irmão.

Nós morremos juntos. Como sempre deveríamos ter feito.

Uma sala de pedra fria. Ecoando. O teto preto de fumaça. Gemidos de dor. Não de dor humana, mas mesmo assim familiares.

“Mais uma”, meu pai disse. “Ele ainda tem uma perna na qual se apoiar, não tem Sir Reilly?”

E pela primeira vez Sir Reilly não respondeu ao seu rei.

“Mais uma, Jorg.”

Eu olhei para Justiça, quebrado e lambendo as lágrimas e o catarro de minha mão. “Não.”

E com aquilo meu pai pegou a tocha e a atirou no carrinho.

Eu rolei para trás com a explosão repentina do fogo. O que quer que meu coração me dissesse para fazer, meu corpo se lembrava da lição do atiçador e não me deixava ficar. Os uivos do carrinho faziam tudo que havia acontecido antes parecerem nada. Eu chamo de uivos, mas eram gritos. Homem, cachorro, cavalo. Com dor suficiente, todos nós soamos iguais.

Eu olhei para a chama e encontrei a mesma incandescência incineradora que esperou por mim no fim de meu túnel, ofuscante, com apetite ardente, ofuscante, com dor ardente. O corpo sabe o que quer e recusará o fogo, não importa o que você tenha a dizer sobre o assunto.

Mas às vezes é preciso mandar no corpo.

“Eu.”

Eu não pude fazê-lo, irmãos.

“Não posso.”

Você alguma vez já ousou dar um salto, talvez de alguma altura enorme para águas límpidas, e descobriu lá na beira que simplesmente não conseguia? Você já ficou pendurado por quatro dedos acima de um espaço vazio de metros, pendurado por três dedos e por dois, e soube naquele momento que você não podia cair? Enquanto ainda existir qualquer força, seu corpo irá salvá-lo contra todas as probabilidades.

O calor daquele fogo. A fúria daquela chama. E Justiça se contorcendo lá no meio, gritando. Eu não conseguia fazê-lo.

Eu não podia.

E então eu pude. Eu saltei. Eu me deixei cair. Eu segurei meu cachorro. Eu ardi.

Um céu escuro, um vento forte. Podia ser qualquer lugar ou qualquer época, mas eu sabia que nunca havia estado aqui.

"Você me encontrou, então?"

William, com sete anos, cachos dourados, a pele macia de criança, com Justiça enrolado aos seus pés. O velho cachorro levantou a cabeça ao sentir meu cheiro, com sua cauda batendo uma, duas vezes contra o chão. "Calma, garoto." William pôs a mão entre aquelas longas orelhas.

"Eu o encontrei." Nós sorrimos juntos.

"Eu não posso entrar." Ele acenou para os portões dourados que elevavam-se atrás de nós.

Eu andei até lá e pus a mão neles. O calor me encheu de promessas. Eu me afastei.

"O céu é supervalorizado, Will."

Ele deu de ombros e acariciou nosso cachorro.

"Além do mais", eu disse, "não é real. É um negócio que nós criamos. Uma coisa que os homens construíram sem saber, um lugar feito de expectativa e esperança."

"Não é real?" Ele piscou ao ouvir aquilo.

"Não. Nem o anjo. Não são de mentira, mas também não são de verdade. Um sonho sonhado por gente do bem, se preferir."

"Então o que é a morte, na verdade?", ele perguntou. "Acho que eu tenho o direito de saber. Já estou morto há anos. E aqui está você, cinco minutos depois de chegar, sabendo de tudo. O que é real, senão isto?"

Eu tive de sorrir com aquilo. O irmão mais velho novamente.

"Não sei o que é realmente real", eu disse. "Mas é mais profundo que isto." Eu acenei aos portões dourados. "Fundamental. Puro. E é o que

precisamos. E se há um paraíso ele é melhor que isto e não precisa de portões. Vamos descobrir?"

"Por quê?" Will se recostou, ainda coçando entre as orelhas de Justiça.

"Você viu seu sobrinho?", eu perguntei.

Will assentiu, escondendo um sorriso tímido.

"Se não fizermos isso, ele irá arder. Ele e todos os outros. E vai ficar muito lotado por aqui. Então me ajude a encontrá-la." Sem meias medidas. Sem concessões. Salvemos todos eles, ou nenhum.

"Encontrar o quê?"

"Uma roda. Foi assim que Fexler descreveu. E as expectativas parecem importar aqui."

"Ah, aquilo?" Will escondeu um bocejo e apontou.

A roda estava no alto de uma colina, preta contra o céu violeta, horizontal sobre uma haste elevada que se fincava na pedra. Nós andamos até ela. O céu clareava acima de nós, com fissuras se espalhando por ele, pelas quais saía uma luz mais branca.

Do alto da colina, nós podíamos olhar para baixo até as terras secas, caindo para a escuridão.

"Eu sinto muito por ter deixado você, Will."

"Você não me deixou, irmão", disse ele, espantando o fragmento de um sonho.

Eu pus as duas mãos na roda, de aço frio, brilhante. Feita pelos Construtores. De aço dos Construtores. "Nós precisamos girar isto para trás e travá-la. Vai ser preciso que nós dois façamos isso." Eu esperava ter a força necessária. Meus braços pareciam fortes, lisos e cheios de músculos. Por algum motivo, aquela lisura me surpreendeu, como se devesse ter alguma coisa escrita ali, talvez velhas cicatrizes. Será que houve cicatrizes alguma vez? Mas aquilo era passado e eu o deixara para trás. Ele havia me libertado. "Nós precisamos girá-la."

“Se alguém sabe como empurrar, somos nós.” Will pôs as mãos sobre o aço. “Será que isso pode salvá-los?”

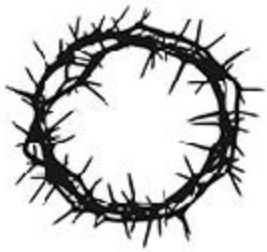
“Acho que sim. Acho que pode salvar todos eles. Todas as crianças. Até as que já morreram. Até o filho de Marten, Gog, Degran, a filha de Makin, libertadas dos sonhos dos homens e entregues ao que tenha sido feito para elas.

“Pelo menos as máquinas dos Construtores não irão carbonizar todo o mundo que já conhecemos da face da Terra.”

“Parece bom o suficiente.”

E nós nos esforçamos para girar a roda.

Não havia roda nenhuma, é claro, nenhum portão dourado, nenhuma colina, nenhuma terra seca. Apenas dois irmãos tentando consertar um erro.



TRILOGIA DOS ESPINHOS

EMPEROR OF THORNS

54

E é preciso admitir que eu consegui. Afinal, nós ainda estamos aqui. Eu estou escrevendo este diário, em vez de ser um pó envenenado soprando no vento estéril. E a magia que finalmente uniu-se a nós, que me permitiu ver além da morte com os olhos dele, essa magia acabou. Toda a magia acabou, cortada pela raiz; a roda girou e a velha realidade, da qual nos distanciamos por tanto tempo, foi restabelecida novamente.

Eu escrevo as palavras aqui em tinta de Afrique, tão escura quanto os segredos que foram moídos para fabricá-la. Minha mão traça seu caminho sobre a brancura da página e o caminho negro de meus dias pode ser seguido. Seguido desde o dia que eu agitei aquele globo de neve e compreendi que às vezes a única mudança que importa deve ser operada de fora. Seguido daquele dia até este dia – este dia que acordou com o sol da manhã sobre Vyene, com o Danub azul correndo silencioso e rápido pelo coração do Império Refeito.

O pequeno Will entra correndo na sala. Ele vem bastante agora, embora sua mãe lhe diga para não fazê-lo.

"Jorg!", ele diz, e eu apareço.

"Sim."

"Você não é meu pai. Marten que disse."

"Eu sou uma lembrança dele. E as pessoas são feitas de lembranças, Will." É o melhor que eu tenho para dizer a ele.

"Tio Rike diz que você é um fantasma."

"Tio Rike é algo que caiu da traseira de um cavalo, grosseiramente moldado na forma de um homem feio", eu digo.

Will dá uma risadinha. Depois, sério: "Mas você é branco feito um fantasma. Vovó Wennith diz que dá para ver através dos fantasmas e eu posso ver..."

"Sim, meu imperador", eu digo. "Eu sou um fantasma. Um fantasma de dados, uma extrapolação, uma compilação. Um bilhão de momentos capturados. Seu pai viveu grande parte de sua vida em uma construção feita mil anos atrás."

"O Castelo Alto." Ele sorri. "Eu já fui lá!"

"Um edifício com muitos olhos antigos e muitos ouvidos antigos. E mais tarde na vida ele carregava um anel especial. Ele olhava através dele e era observado por ele. Um homem... um fantasma, chamado Fexler, precisava entender seu pai, precisava saber se podia confiar nele para salvar o mundo."

"Ele queria saber se ele era bom o suficiente", diz Will.

Eu hesito e escondo meu sorriso. "Ele queria saber se Jorg era o homem certo. Então ele fez o que as máquinas fazem quando têm uma pergunta complicada a responder. Ele construiu um modelo. E esse modelo sou eu."

"Eu queria ter meu pai de verdade", diz Will. Ele só tem seis anos. Talvez o discernimento ainda chegue.

“Eu também queria que você tivesse, Will”, eu digo. “Sou apenas um eco e sinto apenas um eco do amor que ele teria por você. Mas é um eco muito forte.”

Ele sorri e naquele instante eu sei que nem toda a magia desapareceu do mundo. O tipo que arde, esse sumiu. As pessoas não irão mais voar ou trapacear a morte de seu curso. Mas um encantamento mais profundo, mais antigo e mais sutil persiste. Do tipo que tanto quebra quanto repara corações e sempre corre pela medula do mundo. O tipo bom.

Will sorri novamente e sai correndo da sala. Meninos pequenos têm pouca paciência. Eu observo a entrada pela qual ele saiu e me pergunto o que poderá atravessá-la em seguida. Eu poderia prever, é claro. Eu poderia construir um modelo. Mas qual seria a graça de fazer isso?

Uma coisa que eu sei é que não será Jorg de Ancrath a entrar por aquela porta. As pessoas é que devem ter medo de fantasmas, não os fantasmas das pessoas. Um homem pode temer sua própria sombra, mas aqui está uma sombra fraca que teme o homem que a projeta. Jorg de Ancrath não retornará, no entanto. A mágica foi desligada, o encantamento desapareceu do mundo. A morte é, mais uma vez, o que era.

Eu olho para a porta mas ninguém vem. Entristeço Miana. Ela passa seu tempo observando o jovem imperador crescer. Katherine me acha um nada, apenas números tentando contar a si mesmos, tentando medir um homem que estava além de medidas, talvez até além dos sonhos dela. Eu olho para a porta e depois desisto. Fexler irá observá-la para mim. Ele observa todas elas.

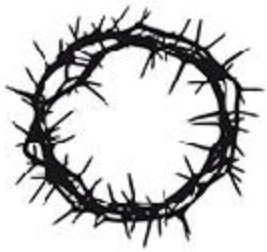
Então eu me afundo nos mares profundos e infinitos dos Construtores. Rodas dentro de rodas, mundos dentro de mundos, possibilidades sem fim.

Todos nós temos nossas vidas. Todos nós temos nosso momento, ou dia, ou ano. E Jorg de Ancrath certamente teve o dele, e coube a mim contá-lo.

Agora ele já está além de mim, contudo, e eu não tenho mais nada a dizer. Talvez, em algum lugar, Jorg e seu irmão tenham encontrado o verdadeiro paraíso e estejam ocupados infernizando-o. Fico contente em pensar nisso.

Mas a história terminou.

– Finis –



A D E N D O

Se chegou até aqui, você leu três livros e centenas de milhares de palavras sobre a vida e os momentos de Jorg Ancrath. Agora está evidente que não haverá mais nada para ler e você pode se perguntar, com certa razão, por que eu escolhi matar o que poderia muito bem ser uma galinha dos ovos de ouro.

A resposta mais fácil, e a melhor, é que a história exigia isso. Reconheço que poderia ter mandado a história para as cucuias e virado os acontecimentos em uma direção que me permitisse produzir um livro IV, um livro V, VI etc. Nos anos que virão, quando eu estiver comendo comida de gato gelada direto da lata, talvez eu deseje ter feito isso. A verdade, porém, é que eu queria que você se separasse de Jorg no auge. Prefiro que os leitores terminem o livro III querendo mais, em vez de se afastarem após o livro VI sentindo que já tiveram mais que o bastante. Há uma tendência que faz com que os personagens continuem depois de sua data de validade e se tornem caricaturas de si mesmos, trilhando o mesmo caminho, ficando mais sem graça a cada passo. Eu espero que Jorg tenha evitado esse destino e que juntos nós tenhamos construído algo de valor.

E também espero muito que você compre meu próximo livro!

Agradecimentos

Preciso agradecer a minha leitora, Helen Mazarakis, por ler esta trilogia um pedaço de cada vez ao longo de muitos anos e me dizer o que achava.

Sharon Mack, que me fez enviar meu manuscrito de *Prince of Thorns*, merece outra menção. Obrigado, Sharon.

Minha editora, Jane Johnson, é uma maravilha e ajudou minha carreira imensamente de várias maneiras – e provavelmente em ocasiões das quais eu nem sei. Eu também amei ler seus livros.

Também na Voyager, Amy McCulloch trabalhou duro por mim. Eu lhe desejo um grande sucesso com seu primeiro romance de fantasia, publicado em 2013.

E finalmente uma salva de palmas para meu agente, Ian Drury, por colocar meu trabalho na frente de pessoas que estavam dispostas a lhe dar uma chance e por continuar a vender meus livros pelo mundo. Gaia Banks e Virginia Ascione, que trabalham com Ian na Sheil Land Associates Ltd, também superaram minhas expectativas ao levar a história de Jorg a ser traduzida em tantos idiomas.



EMPEROR OF THORNS

SI VIS PACEM, PARA BELLUM

PRIMAVERA ALÉM DOS ESPINHOS.2014

DARKSIDEBOOKS.COM

Copyright © 2013 by Mark Lawrence
Tradução para a língua portuguesa
© Dalton Caldas, 2014
© Jason Chan, ilustração de capa

Tradução autorizada da edição original
através de acordo com Bobalinga Ltd.
Todos os direitos reservados.

Os personagens e as situações desta obra
são reais apenas no universo da ficção;
não se referem a pessoas e fatos concretos,
e não emitem opinão sobre eles.

Diretor Editorial
Christiano Menezes

Diretor Comercial
Chico de Assis

Editor Assistente
Bruno Dorigatti

Assistente de Marketing
Bruno Mendes

Design e Capa
Retina 78

Designer Assistente
Guilherme Costa

Revisão
Marlon Magno
Retina Conteúdo

Produção de ebook
S2 Books

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Lawrence, Mark
Emperor of Thorns / Mark Lawrence; tradução de Dalton Caldas. – – Rio de Janeiro : DarkSide Books, 2014.
521 p. : 16 x 23cm (Trilogia dos espinhos, v. 3)

ISBN: 978-85-66636-60-4

1. Fantasia 2. Literatura inglesa 3. Ficção I. Título
II. Caldas, Dalton

14-0800

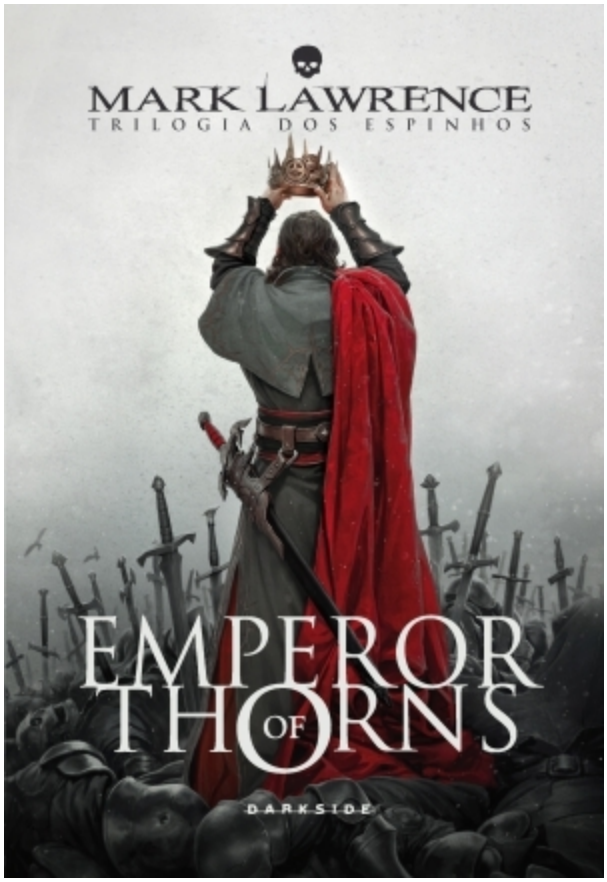
CDD 813

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura inglesa - fantasia.



DarkSide® *Entretenimento* LTDA.
Rua do Russel, 450/501 - 22210-010
Glória - Rio de Janeiro - RJ - Brasil
www.darksidebooks.com


MARK LAWRENCE
TRILOGIA DOS ESPINHOS
EMPEROR OF THORNS
DARKSIDE

Emperor of Thorns

Lawrence, Mark
9788566636604
528 páginas

Compre agora e leia

Uma obra-prima imprevisível e cruel - porque o melhor fica guardado para o final! "O mundo está dividido e o tempo se esgotou completamente, deixando-nos agarrado aos dias finais. Estes são os dias que nos esperaram por todas as nossas vidas. Estes são os meus dias. Eu vou estar diante da Centena e eles vão ouvir. Vou tomar o trono, não importa quem está contra mim, se vivo ou morto. E se eu devo ser o último imperador, farei disso um final e tanto." A aclamada Trilogia dos Espinhos chega ao seu grande final, depois de termos acompanhado a dolorosa e supreendente infância e adolescência de Jorg Ancrath em Prince of Thorns e King of Thorns, com todo o brilhantismo, charme, violência extrema e total crueldade deste

egomaníaco romântico. Conforme Jorg cresce, seu caráter muda e ele parece encontrar algum equilíbrio em suas tendências sociopatas. Em Emperor of Thorns, vamos novamente tomando contato com as atribulações de Jorg e sua fixação em conquistar o Império Destruído com saltos entre o presente e o passado, assim como Mark Lawrence já havia feito no volume anterior. Com isso, vamos descobrindo, desvendando e nos surpreendendo com o mundo onde a história se passa e com as saídas e escolhas nada tradicionais ou lógicas que Jorg se vê obrigado a tomar em seu caminho ao trono.

Compre agora e leia


MARK LAWRENCE
autor da aclamada TRILOGIA DOS ESPINHOS
A GUERRA da RAINHA Vermelha
PRINCE OF FOOLS

A Guerra da Rainha Vermelha

Lawrence, Mark
9788594540539
420 páginas

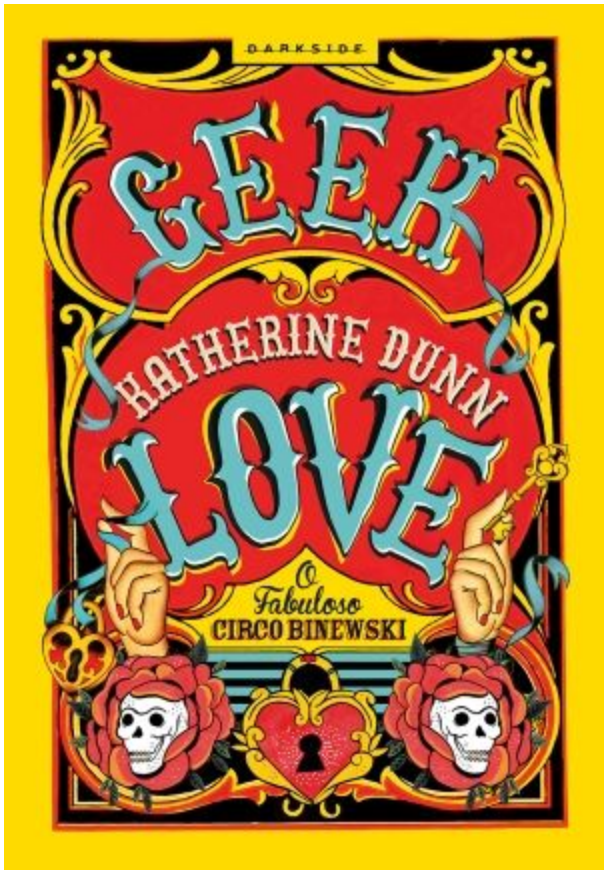
Compre agora e leia

A nova trilogia de Mark Lawrence, A Guerra da Rainha Vermelha, é o primeiro volume da nova saga de Mark Lawrence, o consagrado autor da Trilogia dos Espinhos. Novamente, Lawrence leva o leitor ao Império Destruído, um universo pós-apocalíptico e de inspiração medieval. O príncipe dos tolos é Jalan Kendeth, neto da Rainha Vermelha e décimo na linha de sucessão ao trono. Para sobreviver aos inimigos do reino, esse irresistível anti-herói precisa abandonar a boa vida e lutar da única maneira que conhece: trapaceando. Mark Lawrence é um cientista que trabalha com o desenvolvimento de inteligência artificial e tem acesso liberado a informações secretas dos governos norte-americano e britânico. Prince of Thorns é seu aclamado livro

de estreia. A Guerra da Rainha Vermelha é o primeiro volume de sua nova trilogia. "Sou um mentiroso, um trapaceiro e um covarde, mas nunca, jamais, irei decepcionar um amigo. A menos que, para não decepcioná-lo, seja preciso demonstrar honestidade, jogo limpo ou bravura." Assim se apresenta Jalan Kendeth, o neto da Rainha Vermelha e décimo na linha de sucessão ao trono. Um verdadeiro hedonista sem pretensões políticas, que se vê obrigado a abandonar sua boa vida após sofrer uma tentativa de assassinato. Para escapar, precisa se aliar a um perigoso guerreiro. Mark Lawrence novamente cria um anti-herói irresistível. Por que mesmo estamos torcendo por eles? – é uma pergunta comum entre os cada vez mais numerosos leitores de suas aventuras. A resposta, certamente, está no talento com que o autor conduz seus personagens e narrativas. E desta vez, a violência e o rancor de Jorg Ancrath, da Trilogia dos Espinhos, é substituída pela astúcia e charme do Príncipe dos Tolos. Em comum, as duas trilogias dividem o mesmo cenário, um universo pós-apocalíptico e de inspiração medieval. Se você não via a hora de voltar ao Império Destruído, esta é sua chance,

com esta nova saga do universo expandido da Trilogia dos Espinhos.

Compre agora e leia


DARKSIDE
GEEK
KATHERINE DUNN
LOVE
O Fabuloso
CIRCO BINEWSKI

Geek love

Dunn, Katherine

9788594541277

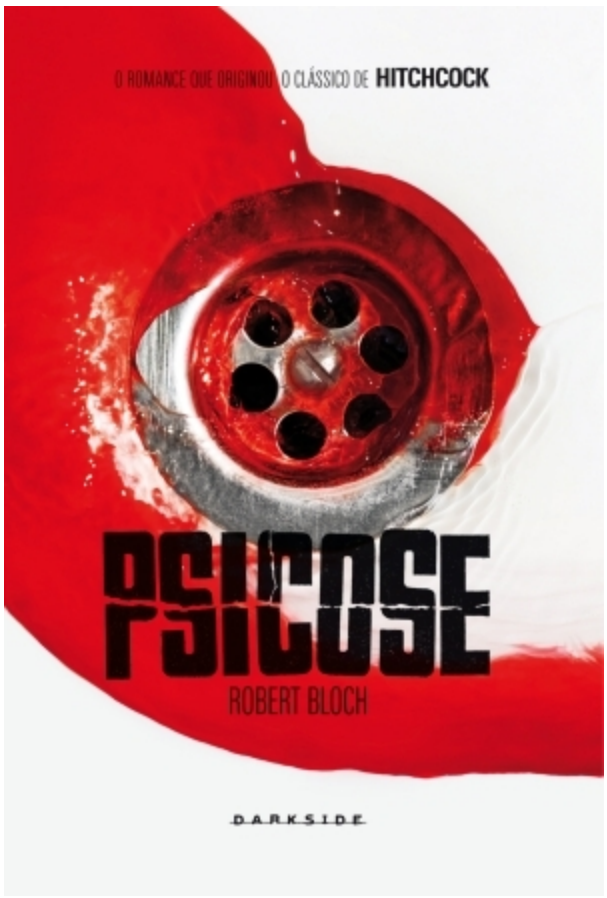
464 páginas

Compre agora e leia

Senhoras e senhores, sejam bem vindos ao circo dos Binewskis, um lugar repleto de atrações extraordinárias e seres estranhos que vão surpreender o mais cético dos espectadores. Quando os ambiciosos donos de um circo itinerante se veem diante da decadência de seu próprio negócio, eles decidem mudar o jogo de maneira nefasta. Com o uso de substâncias radioativas e drogas, eles transformam seus filhos em aberrações - um espelho de sua própria moral - para salvar o negócio da família. Suas apresentações pelo país inspiram devoção de alguns e ódio de outros, e as tensões e valores familiares são levados a um novo nível. Geek Love lança sua luz sobre as nossas noções de bizarro e normal, belo e feio, sagrado

e obsceno. Fãs da série American Horror Story e do filme Freaks, de 1932, vão se transformar com essa história, também uma das favoritas de Neil Gaiman, e tão singular quanto seus personagens.

Compre agora e leia


O ROMANCE QUE ORIGINOU O CLÁSSICO DE HITCHCOCK
PSICOSE
ROBERT BLOCH
DARKSIDE

Psicose

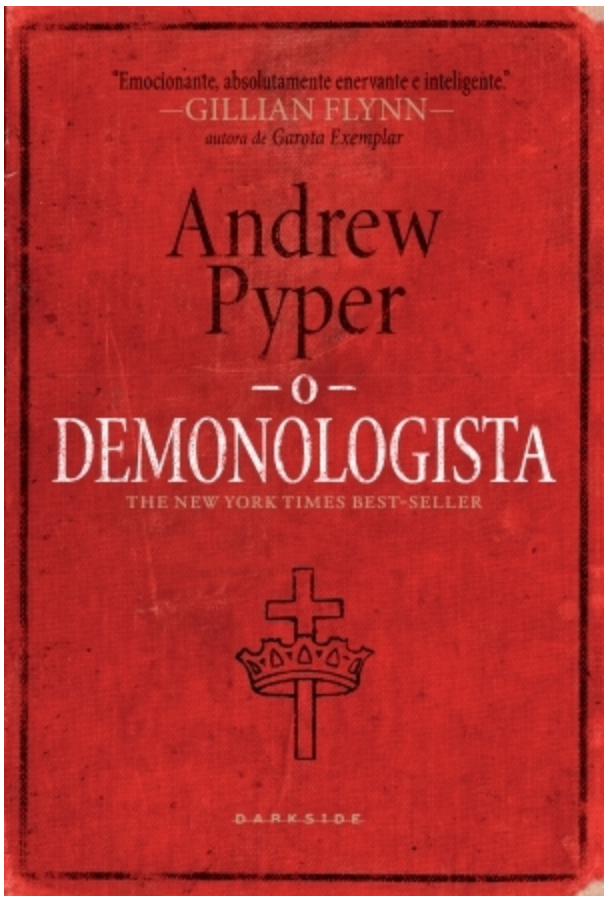
Bloch, Robert
9788566636574
256 páginas

Compre agora e leia

Psicose, o clássico de Robert Bloch, foi publicado originalmente em 1959, livremente inspirado no caso do assassino de Wisconsin, Ed Gein. O protagonista Norman Bates, assim como Gein, era um assassino solitário que vivia em uma localidade rural isolada, teve uma mãe dominadora, construiu um santuário para ela em um quarto e se vestia com roupas femininas. O livro teve dois lançamentos no Brasil, em 1959 e 1964. São, portanto, quase 50 anos sem uma edição no país, sem que a maioria das novas gerações pudesse ler a obra original que Hitchcock adaptou para o cinema em 1960. Uma história curiosa envolvendo o livro é que Alfred Hitchcock adquiriu anonimamente os direitos de Psycho e depois comprou todas as cópias do

livro disponíveis no mercado para que ninguém o lesse e, consequentemente, ele conseguisse manter a surpresa do final da obra. Em Psicose, Bloch antecipou e prenunciou a explosão do fenômeno serial killer do final dos anos 1980 e começo dos 1990. O livro, junto com o filme de Hitchcock, tornou-se um ícone do horror, inspirando um número sem fim de imitações inferiores, assim como a criação de Bloch, o esquizofrênico violento e travestido Bates, tornou-se um arquétipo do horror incorporado a cultura pop.

Compre agora e leia


"Emocionante, absolutamente enervante e inteligente."
—GILLIAN FLYNN—
autora de Garota Exemplar
Andrew Pyper
— O —
DEMONOLOGISTA
THE NEW YORK TIMES BEST-SELLER
DARKSIDE

O Demonologista

Pyper, Andrew
9788566636703
320 páginas

Compre agora e leia

"A maior astúcia do Diabo é nos convencer de que ele não existe", escreveu o poeta francês Charles Baudelaire. Já a grande astúcia de Andrew Pyper, autor de O DEMONOLOGISTA (DarkSide® Books, 2015), é fazer até o mais cético dos leitores duvidar de suas certezas. E, se possível, evitar caminhos mal-iluminados. O personagem que dá título ao best-seller internacional é David Ullman, renomado professor da Universidade de Columbia, especializado na figura literária do Diabo - principalmente na obra-prima de John Milton, Paraíso Perdido. Para David, o Anjo Caído é apenas um ser mitológico. Ao aceitar um convite para testemunhar um suposto fenômeno sobrenatural em Veneza, David começa a ter

motivos pessoais para mudar de opinião. O que seria apenas um boa desculpa para tirar férias na Itália com sua filha de 12 anos se transforma em uma jornada assustadora aos recantos mais sombrios da alma. Enquanto corre contra o tempo, David precisa decifrar pistas escondidas no clássico Paraíso Perdido, e usar tudo o que aprendeu para enfrentar O Inominável e salvar sua filha do Inferno.

Compre agora e leia